"A MELHOR OBRA SOBRE A GUERRA ESCRITA EM APENAS UM VOLUME... FEITO MONUMENTAL, SOB TODOS OS ASPECTOS."
WASHINGTON POST

INFERNO

O MUNDO EM GUERRA 1939–1945

MAX HASTINGS

intrínseca

MAX HASTINGS

INFERNO

O MUNDO EM GUERRA 1939-45

TRADUTOR: BERILO VARGAS

PARA MICHAEL SISSONS,
por trinta anos um magnífico agente,
conselheiro e amigo

Sumário

Introdução
1 A Polônia traída
2 Nenhuma paz, pouca guerra
3 Blitzkriegs no oeste
1 NORUEGA
2 A QUEDA DA FRANÇA
4 Grã-Bretanha sozinha
5 O Mediterrâneo
1 APOSTAS DE MUSSOLINI
2 UMA TRAGÉDIA GREGA
3 TEMPESTADES DE AREIA
6 Barbarossa
7 Moscou salva, Leningrado faminta
8 América preparada para o combate
9 A temporada de triunfos do Japão
1 ESPERO QUE PONHAM ESSES BAIXINHOS PARA CORRER"
2 A "ROTA BRANCA" DA BIRMÂNIA
10 Mudanças na sorte
1 BATAAN
2 O MAR DE CORAL E MIDWAY
3 GUADALCANAL E NOVA GUINÉ
11 Os britânicos no mar
1 O ATLÂNTICO
2 COMBOIOS ÁRTICOS
3 A PROVAÇÃO DA PEDESTAL
12 A fornalha: a Rússia em 1942
13 Viver com a guerra
1 GUERREIROS
2 LINHA DE FRENTE DOMÉSTICA
3 O LUGAR DA MULHER
14 Expulsos da África
15 O urso se vira: a Rússia em 1943
16 Impérios divididos
1 LIBERDADE DE QUEM?
2 A HORA MENOS BELA
17 Frentes asiáticas
1 CHINA
2 ATAQUES NA SELVA E PULOS DE ILHA EM ILHA
18 Itália: grandes esperanças, frutos amargos
1 SICÍLIA
2 A ESTRADA PARA ROMA

3 IUGOSLÁVIA
19 Guerra no céu
1 BOMBARDEIROS
2 ALVOS
20 Vítimas
1 SENHORES E ESCRAVOS
2 MATAR JUDEUS
21 A Europa se torna um campo de batalha
22 Japão: desafiando o destino
23 Alemanha sitiada
24 A queda do Terceiro Reich
1 BUDAPESTE: NO OLHO DO FURACÃO
2 EISENHOWER AVANÇA PARA O ELBA
3 BERLIM: A ÚLTIMA BATALHA
25 Japão prostrado
26 Vencedores e vencidos
Caderno de fotos
Agradecimentos
Lista de imagens
Lista de mapas
Notas e referências
Bibliografia

Introdução

Este livro trata, principalmente, de experiências humanas. Homens e mulheres de dezenas de países lutaram em busca de palavras para descrever o que lhes aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, que transcendeu tudo o que conheciam. Muitos recorreram a um clichê: "Um verdadeiro inferno." Por ser essa frase um lugar-comum nas descrições das testemunhas oculares de batalhas, ataques aéreos, massacres e afundamentos de navios, as gerações posteriores se sentem tentadas a tratá-la como uma trivialidade. Ainda assim, num sentido importante, essas palavras capturam a essência do que significou a luta para centenas de milhões de pessoas, arrancadas de suas existências pacíficas e ordeiras para enfrentar provações que, em muitos casos, duraram anos e que, para ao menos sessenta milhões de pessoas, levaram à morte. Cerca de 27 mil pessoas morreram diariamente entre setembro de 1939 e agosto de 1945 em consequência do conflito global. Alguns sobreviventes descobriram que seu comportamento durante a luta definiu, pelo resto da vida, sua posição na sociedade, para o bem ou para o mal. Guerreiros bem-sucedidos preservaram um brilho que permitiu a alguns progredir no governo ou nos negócios. Em sentido inverso, num bar em Londres, trinta anos depois do Dia da Vitória, um veterano da Guarda murmurava sobre um destacado estadista conservador: "Não é mau sujeito, Smith. Pena que fugiu na guerra." Uma holandesa descobriu, enquanto crescia nos anos 1950, que seus pais classificavam cada vizinho de acordo com seu comportamento durante a ocupação alemã da Holanda.

Soldados de infantaria britânicos e americanos horrorizaram-se com as experiências vividas na campanha de 1944 e 1945 no noroeste da Europa, que se estendeu por onze meses, mas russos e alemães combateram entre si, por quase quatro anos, em condições bem piores e sofrendo baixas* muito mais numerosas. Alguns países que desempenharam um papel militar apenas marginal perderam muito mais gente do que os Aliados Ocidentais: as atribulações da China nas mãos dos japoneses entre 1937 e 1945 custaram pelo menos quinze milhões de vidas; na Iugoslávia, onde a guerra civil se sobrepôs à ocupação pelo Eixo, o número de mortos ultrapassou um milhão. Muitas pessoas testemunharam espetáculos comparáveis à concepção de inferno dos pintores renascentistas, para onde eram relegados os condenados: seres humanos despedaçados em fragmentos de carne e osso, cidades incineradas por bombas e reduzidas a entulho, comunidades organizadas desfeitas em partículas humanas dispersas. Quase tudo o que os povos civilizados consideram garantido em tempos de paz foi posto de lado, especialmente a expectativa de receber proteção contra a violência.

É impossível detalhar num único volume a vastidão da guerra, o maior evento da história humana. Embora eu tenha descrito seus aspectos em oito títulos, sendo os mais significativos *Bomber Command, Overlord, Armageddon, Nemesis* e *Finest Years*, esforcei-me para evitar a repetição de casos ou a análise de grandes questões. Por exemplo, depois de dedicar um capítulo inteiro de *Nemesis* ao lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 1945, parece improdutivo revisitar meus próprios argumentos. Este livro oferece uma estrutura cronológica e procura estabelecer e refletir sobre a "visão geral", o contexto dos acontecimentos: o leitor deve adquirir uma ampla percepção do

que aconteceu ao mundo entre 1939 e 1945, mas o objetivo principal é iluminar o que o conflito significou para uma multidão de pessoas comuns de muitas sociedades, participantes tanto ativos quanto passivos — embora a distinção quase sempre seja pouco clara. Por exemplo, uma mulher de Hamburgo que apoiava Hitler ardorosamente, mas morreu nos incêndios gerados pelos bombardeios dos Aliados em julho de 1943, foi cúmplice da responsabilidade nazista pela guerra ou vítima inocente de uma atrocidade?

Na busca pela história humana, sempre que possível sem perder a coerência, minha narrativa omite identificações de unidades e detalhes sobre manobras em campos de batalha. Tentei criar um retrato global: a narrativa estratégica ressalta aspectos do conflito que não examinei em outras ocasiões e sobre os quais parece haver mais a dizer — sobre a Índia, por exemplo — em detrimento de outros, já explorados exaustivamente, como Pearl Harbor e a batalha da Normandia.

O genocídio de judeus tornou-se o objetivo mais coerente da ideologia nazista. Em *Armageddon*, escrevi sobre as aflições dos prisioneiros em campos de concentração e aqui, ao contrário, tratei a evolução do Holocausto a partir de uma perspectiva nazista. A concepção ocidental moderna de que a guerra foi travada por causa dos judeus é tão generalizada que se deve enfatizar que não foi esse o caso. Embora Hitler e seus seguidores preferissem atribuir aos judeus a culpa pelos problemas da Europa e pelas injustiças sofridas pelo Terceiro Reich, a luta da Alemanha contra os Aliados era sobre poder e dominação hemisférica. Os apuros do povo judeu sob a ocupação nazista pareciam assunto relativamente menor no entendimento de Churchill e de Roosevelt — e, o que é menos surpreendente, de Stalin. Cerca de um sétimo de todas as vítimas fatais do nazismo e quase um décimo de todos os mortos na guerra eram judeus, mas, naquele momento, essa perseguição era vista pelos Aliados meramente como um fragmento dos danos colaterais causados por Hitler, que é como os russos ainda veem o Holocausto. A limitada atenção dada pelos Aliados às dificuldades dos judeus durante a guerra foi uma fonte de frustração e de revolta para outros judeus bem informados e é motivo de grande indignação desde então. Porém, é importante reconhecer que entre 1939 e 1945 os países aliados viram a luta principalmente em termos da ameaça que o Eixo impunha aos seus interesses, apesar de Churchill definir esses interesses em termos generosos e nobres.

Uma entre as mais importantes verdades sobre a guerra, a rigor sobre todos os assuntos humanos, é que as pessoas somente podem interpretar o que lhes acontece no contexto de suas próprias circunstâncias. O fato de que, objetiva e estatisticamente, o sofrimento de alguns indivíduos foi menos terrível do que o de outros, em variadas partes do mundo, não importava aos envolvidos. A um soldado britânico ou americano que enfrentava uma barragem de morteiro, com camaradas morrendo à sua volta, pareceria monstruoso demonstrar que as baixas russas eram muitas vezes maiores. Seria um insulto convidar um francês faminto, ou mesmo uma dona de casa inglesa cansada da monotonia das rações, a considerar que na sitiada Leningrado pessoas famintas comiam umas às outras e que, na Bengala Ocidental, pais vendiam filhas. Poucas pessoas que suportaram a blitz da Luftwaffe em 1940 e 1941 em Londres se sentiriam confortadas ao saber que alemães e japoneses enfrentariam perdas muito piores infligidas pelos bombardeios aliados, junto com uma devastação sem paralelo na história. É o dever e o privilégio de historiadores mostrar um relativismo aos eventos que não se pode esperar de contemporâneos. Quase todos os participantes da guerra sofreram em algum grau: a escala variada e a natureza diversa de suas experiências são temas deste livro, mas o fato de

as aflições de outras pessoas serem piores pouco fazia para promover o estoicismo pessoal.

Alguns aspectos da experiência de guerra foram quase universais: o medo, a dor e o recrutamento de jovens obrigados a suportar vidas absolutamente distantes daquelas que escolheriam, em geral pegando em armas e, nos piores casos, como escravos. A explosão de casos de prostituição foi um trágico fenômeno global, que merece seu próprio livro. O conflito provocou muitas migrações em massa. Algumas eram ordeiras: metade da população da Grã-Bretanha mudou-se durante a guerra, e muitos americanos aceitaram empregos em lugares desconhecidos. Em outras partes, porém, milhões de pessoas foram arrancadas de suas comunidades em circunstâncias espantosas e enfrentaram provações que, com frequência, as levaram à morte. "É uma época estranha",[1] escreveu uma anônima berlinense, em 22 de abril de 1945, num dos melhores diários escritos durante a guerra, "a história vivida em primeira mão, a matéria-prima de histórias ainda não contadas e de canções ainda não cantadas. Mas, vista de perto, a história é muito mais incômoda — nada além de fardos e medos. Amanhã sairei à procura de urtigas e um pouco de carvão".

A natureza da experiência no campo de batalha variava de país para país, de força armada para força armada. Dentro dos exércitos, os fuzileiros viveram riscos e dificuldades muito maiores que as de milhões de soldados das unidades de apoio. As forças armadas americanas sofreram uma proporção geral de baixas de apenas cinco para cada mil soldados alistados; a ampla maioria daqueles que serviram não enfrentou perigos maiores do que os civis de vida comum. Enquanto dezessete mil feridos americanos perderam membros, cem mil operários sofreram amputações em decorrência de acidentes industriais nos Estados Unidos durante os anos de guerra. Homens que se viam no campo de batalha enquanto seus países batiam em retirada sofreram mais do que aqueles que serviram em tempos de vitória; guerreiros aliados que somente participaram de combates em 1944 e 1945 tinham uma perspectiva de sobrevivência muito melhor do que, digamos, tripulantes de aviões ou de submarinos que começaram a participar de operações mais cedo, quando sua causa ia mal.

Minha história enfatiza opiniões e experiências vistas a partir dos degraus mais baixos, as vozes da gente comum, não de pessoas mais importantes; escrevi extensamente sobre os chefes militares de 1939-1945 em outras publicações. Diários e cartas contemporâneos registram o que as pessoas fizeram ou o que se fez a elas, mas geralmente dizem pouco sobre o que pensavam; o que é mais interessante, mas também mais evasivo. A explicação óbvia é que muitos guerreiros eram jovens e imaturos: viviam extremos de agitação, terror ou dificuldades, mas apenas uma pequena minoria tinha energia emocional para refletir, pois estavam absorvidos por seu ambiente físico, por suas necessidades e desejos mais imediatos.

Era fundamental que somente um número ínfimo de líderes e comandantes nacionais soubesse muito sobre o que se passava além de seu campo de visão. Os civis viviam numa espessa névoa de propaganda e incertezas, um pouco menos densa na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos do que na Alemanha ou na Rússia. Os combatentes na linha de frente avaliavam seu êxito ou fracasso na guerra contando o número de baixas e observando se andavam para a frente ou para trás. Esses indicadores, porém, nem sempre eram adequados: o batalhão do soldado Eric Diller passou dezessete dias isolado do principal

exército americano durante a campanha de Leyte, nas Filipinas, mas só percebeu a gravidade da situação quando ela lhe foi explicada pelo comandante de sua companhia depois da guerra.[2]

Mesmo quem tinha acesso privilegiado a segredos era confinado a fragmentos de conhecimento de um vasto quebra-cabeça. Roy Jenkins, por exemplo, que se tornaria um estadista britânico, decifrava mensagens alemãs em Bletchley Park. Ele e seus colegas conheciam a importância e a urgência do trabalho que executavam, mas, ao contrário da impressão dada por filmes sensacionalistas sobre Bletchley, nada sabiam sobre o significado ou o impacto de sua contribuição. Essas restrições eram maiores, o que não é surpreendente, do outro lado: em janeiro de 1942, Hitler convenceu-se de que muita gente sabia demais em Berlim e decretou que mesmo funcionários do Abwehr receberiam apenas as informações necessárias ao desempenho de suas funções e proibiu que ouvissem as transmissões radiofônicas inimigas, desvantagem considerável para um serviço de inteligência.[3]

Fascina-me a complexa interação de lealdades e de simpatias mundo afora. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a certeza de que os pais e avós combateram "a boa guerra" está tão entranhada que muitas vezes esquecemos que povos de muitos países adotaram atitudes mais ambíguas: súditos coloniais e principalmente os quatrocentos milhões de habitantes da Índia viam pouco mérito na derrota do Eixo se continuassem a sofrer o domínio britânico. Muitos franceses lutaram vigorosamente contra os Aliados. Na Iugoslávia, facções rivais estavam muito mais empenhadas em travar uma guerra civil do que em defender os interesses dos Aliados ou do Eixo. Grandes números de súditos de Stalin aproveitaram a oportunidade oferecida pela ocupação alemã para enfrentar o odiado regime de Moscou. Nada disso abala a certeza de que a causa aliada merecia triunfar, mas tais fatos enfatizam que Churchill e Roosevelt nem sempre eram a voz da razão.

Talvez seja útil explicar como este livro foi escrito. Comecei com a releitura de *A World at Arms*, de Gerhard Weinberg, e de *Total War*, de Peter Calvocoressi, Guy Wint e John Pritchard, provavelmente as duas melhores histórias da guerra em volume único. Em seguida, compus o esqueleto da narrativa, sequenciando os acontecimentos mais importantes, e estendi sobre ele a carne de pequenas histórias e de minhas reflexões. Quando terminei o rascunho, reli outros notáveis relatos recentes sobre o conflito: *Why the Allies Won*, de Richard Overy, *There's a War to be Won*, de Allan Millett e Williamson Murray, e *Moral Combat*, de Michael Burleigh, e revi meus comentários e conclusões à luz de suas análises.

Sempre que possível, escolhi historietas relativamente obscuras em detrimento de lembranças pessoais merecidamente celebradas — omitindo, por exemplo, coisas como *The Last Enemy*, de Richard Hillary, e *Quartered Safe out Here*, de George Macdonald Fraser. A Dra. Lyuba Vinogradova, que pesquisou meu material russo na última década, mais uma vez identificou e traduziu narrativas, diários e cartas pessoais para esta obra. Serena Sissons traduziu milhares de palavras de memórias e diários italianos, porque o povo de Mussolini me parece pouco representado na maioria das narrativas anglo-saxônicas. Explorei relatos poloneses inéditos nos arquivos do Imperial War Museum e no Instituto Sikorski em Londres. Mais uma vez, agradeço à Dra. Tami Biddle, da Escola Superior de Guerra do Exército dos Estados Unidos, em Carlisle, Pensilvânia, por

interpretações e documentos resultantes de suas pesquisas, que generosamente compartilhou comigo. Vários amigos, em especial o professor Sir Michael Howard, o Dr. Williamson Murray e Don Berry, me concederam a gentileza de ler o rascunho e fazer correções, sugestões e comentários valiosos. O decano dos historiadores navais britânicos, professor Nicholas Rodger, da All Souls College, em Oxford, leu o capítulo sobre a experiência britânica no mar, para o bem do texto final. Richard Frank, destacado especialista na história do Pacífico americano, identificou um alarmante catálogo de erros escandalosos em meu rascunho, pelo que sou profundamente grato. Nenhum deles, obviamente, é responsável, de alguma forma, por meus julgamentos e erros.

A mais alta aspiração de qualquer escritor, mais de 65 anos depois do fim da guerra, é oferecer uma visão pessoal, mais do que um relato abrangente, dessa que foi a maior e mais terrível de todas as experiências humanas e que jamais deixa de inspirar em seus estudiosos mais modernos uma humildade e gratidão por termos sido poupados de qualquer coisa parecida. Em 1920, quando o coronel Charles à Court Repington, correspondente militar do *Daily Telegraph*, publicou um *best-seller* sobre o conflito recente, consideraram sinistro e de mau gosto que tenha escolhido como título *A Primeira Guerra Mundial*, pois presumia a existência de outras. Chamar este livro de *A última guerra mundial* pode ser um desafio à providência, mas é certo, pelo menos, que nunca mais milhões de homens armados irão se enfrentar em campos de batalha europeus como em 1939-1945. Os conflitos do futuro serão bastante diferentes, e talvez eu não esteja sendo precipitadamente otimista ao sugerir que serão menos terríveis.

MAX HASTINGS
Chilton Foliat, Berkshire, e Kamogi, Quênia
Junho de 2011

*Neste livro, a palavra “baixa” é usada em seu sentido técnico militar, significando homem morto, desaparecido, ferido ou prisioneiro. Na maioria dos combates terrestres e em quase todos os teatros de guerra, aproximadamente três homens eram feridos para cada morto.

1
A Polônia traída

Embora Adolf Hitler estivesse decidido a ir à guerra, sua invasão à Polônia, em 1939, não era mais contundente para desencadear um conflito global do que fora o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, da Áustria, em 1914. A Grã-Bretanha e a França não tinham vontade ou recursos para cumprir com eficácia as garantias de segurança que haviam dado aos poloneses. A declaração de guerra dos dois países à Alemanha foi um gesto que mesmo os antinazistas mais arraigados consideraram tolo, por futilidade. Para todos os beligerantes, exceto os poloneses, a luta começou lentamente: somente no terceiro ano a morte e a destruição globais atingiram a vastidão que seria mantida até 1945. Até mesmo o Reich de Hitler era, no início, mal equipado para gerar a intensidade de violência exigida por um conflito mortal entre os países mais poderosos do mundo.

No verão de 1939, *E o vento levou*, o romance de Margaret Mitchell sobre o velho Sul norte-americano, desfrutou de uma onda de popularidade na Polônia. "De alguma forma, eu o considerei profético",[1] escreveu um de seus leitores poloneses, Rula Langer. Poucos compatriotas duvidavam que um conflito com a Alemanha fosse iminente, pois Hitler deixara claro seu compromisso com a conquista. O povo polonês, ferozmente nacionalista, respondeu à ameaça nazista com o mesmo espírito dos jovens da Confederação, fadados à morte, em 1861. "Como muitos de nós, eu acreditava em finais felizes",[2] contou um jovem piloto de caça. "Queríamos lutar, aquilo nos animava, e queríamos que fosse rápido. Não acreditávamos que algo ruim pudesse realmente acontecer." Quando o tenente de artilharia Jan Karski recebeu a ordem de mobilização, em 24 de agosto, sua irmã o aconselhou a não levar roupas demais. "Você não está indo para a Sibéria",[3] disse ela. "Teremos você de volta dentro de um mês."

Os poloneses manifestavam sua propensão à fantasia. Havia uma exuberância nas conversas de café e de bar em Varsóvia, com suas belezas barrocas e seus 25 teatros que levaram os cidadãos a proclamarem-na "a Paris da Europa Oriental". Um repórter do *New York Times* escreveu, ao visitar a capital polonesa: "Ouvindo as pessoas falarem, pode-se pensar que a Polônia, e não a Alemanha, era o grande colosso industrial."[4] O ministro do Exterior de Mussolini, seu genro, o conde Galeazzo Ciano, advertiu o embaixador polonês em Roma de que, se resistisse às demandas territoriais de Hitler, seu país combateria sozinho e "rapidamente se transformaria num monte de ruínas".[5] O embaixador não discordou, mas disse, vagamente, que "algum sucesso eventual (...) poderia dar à Polônia mais força". Na Grã-Bretanha, os jornais de lorde Beaverbrook denunciaram como provocativa a atitude desafiadora de Varsóvia diante das ameaças de Hitler.

A nação polonesa de trinta milhões de habitantes, incluindo quase um milhão de etnia alemã, cinco milhões de ucranianos e três milhões de judeus, manteve suas fronteiras estabelecidas pelo Tratado de Versalhes por um período de apenas vinte anos. Entre 1919 e 1921, a Polônia lutou contra os bolcheviques para reafirmar sua

independência em relação à persistente hegemonia russa. Em 1939, o país era governado por uma junta militar, embora o historiador Norman Davies tenha afirmado que: “Se houve tempos difíceis e injustiça na Polônia, não houve fome ou assassinatos em massa, como na Rússia, nem se recorreu aos métodos bestiais do fascismo ou do stalinismo.”[6] A pior manifestação do nacionalismo polonês era o antissemitismo, exemplificado por cotas para o ingresso de judeus nas universidades.

Aos olhos de Berlim e de Moscou, o estado polonês devia sua existência apenas à *força maior* dos Aliados em 1919 e não tinha legitimidade. Em um protocolo secreto do Pacto Nazi-Soviético, assinado em 23 de agosto de 1939, Hitler e Stalin concordaram com a partição e dissolução da Polônia. Apesar de verem a Rússia como inimiga histórica, os poloneses ignoravam as intenções soviéticas imediatas para o país e estavam determinados, em vez disso, a frustrar os propósitos da Alemanha. Sabiam que o mal equipado exército polonês seria incapaz de derrotar a Wehrmacht; todas as suas esperanças repousavam numa ofensiva anglo-francesa a oeste, que dividiria as forças da Alemanha. “Em vista da irremediável situação militar da Polônia”,[7] escreveu seu embaixador em Londres, o conde Edward Raczyński, “minha maior preocupação tem sido garantir que não sejamos envolvidos na guerra contra a Alemanha sem receber ajuda imediata de nossos aliados”.

Em março de 1939, os governos britânico e francês deram garantias, formalizadas em tratados subsequentes, de que lutariam caso houvesse agressão alemã contra a Polônia. Se o pior acontecesse, a França prometeu à cúpula militar em Varsóvia que seu exército atacaria a linha Siegfried de Hitler em até treze dias depois da mobilização. A Grã-Bretanha prometeu uma ofensiva imediata com aviões de bombardeio contra a Alemanha. As garantias oferecidas pelas potências refletiam cinismo, pois nenhuma delas tinha a menor intenção de cumpri-las: destinavam-se a deter Hitler mais do que a fornecer assistência militar verdadeira à Polônia. Eram gestos sem substância, mas os poloneses preferiram acreditar.

Embora Stalin não fosse cobeligerante de Hitler, o acordo entre Moscou e Berlim o tornava cobeneficiário das agressões nazistas. De 23 de agosto em diante, o mundo viu a Alemanha e a União Soviética agirem de comum acordo, faces gêmeas do totalitarismo. Pela maneira como a luta global terminou em 1945, com a Rússia ao lado dos Aliados, alguns historiadores aceitaram a classificação que a União Soviética fez de si mesma, depois da guerra, como potência neutra até 1941. É um engano. Embora Stalin temesse Hitler e soubesse que um dia teria de lutar contra ele, tomou, em 1939, a decisão histórica de consentir com a agressão alemã em troca do apoio nazista ao seu programa de ampliação territorial. Quaisquer que fossem as desculpas dadas posteriormente pelo líder soviético, e apesar de seus exércitos nunca terem lutado em parceria com a Wehrmacht, o Pacto Nazi-Soviético estabeleceu uma colaboração que persistiu até Hitler revelar seus verdadeiros objetivos com a operação Barbarossa.

O pacto de não agressão de Moscou, junto ao Tratado de Amizade, Cooperação e Demarcação, de 28 de setembro, comprometeu os dois principais tiranos do mundo a endossarem as ambições um do outro e renegarem hostilidades recíprocas em favor de engrandecimento em outros lugares. Stalin aquiescia às políticas expansionistas de Hitler a oeste e deu importante ajuda material à Alemanha — petróleo, milho e produtos minerais. Os nazistas, mesmo com a falta de sinceridade, concederam rédea solta, no

leste, aos soviéticos, cujos objetivos incluíam a Finlândia Oriental e os países bálticos, além de um grande pedaço da carcaça da Polônia.

Hitler queria que a Segunda Guerra Mundial começasse em 26 de agosto, apenas três dias depois da assinatura do Pacto Nazi-Soviético. Mas, em 25 de agosto, enquanto ordenava que a mobilização prosseguisse, ele adiou a invasão à Polônia: ficou chocado ao descobrir que Mussolini não estava disposto a lutar imediatamente ao seu lado e que comunicações diplomáticas sugeriam que a Grã-Bretanha e a França tinham a intenção de honrar as garantias oferecidas a Varsóvia. Três milhões de homens, quatrocentos mil cavalos e duzentos mil veículos, além de cinco mil trens, avançavam rumo à fronteira polonesa enquanto uma última lufada de propostas fúteis ocorria entre Berlim, Londres e Paris. Finalmente, em 30 de agosto, Hitler ordenou o ataque. Às 20h da noite seguinte, a cortina se abriu para o primeiro, e apropriadamente sórdido, ato do conflito. Sturmbannführer Alfred Naujocks, do Sicherheitsdienst (serviço de segurança alemão), comandou um grupo vestido em uniformes poloneses, que incluía uma dúzia de criminosos condenados desdenhosamente chamados de *Konserwen* — "latas" —, num assalto simulado à estação de rádio alemã em Gleiwitz, na Alta Silésia. Tiros foram disparados, slogans patrióticos poloneses foram transmitidos pelas ondas de rádio, e, então, os "agressores" se retiraram. Soldados das SS metralharam os "latas", cujos corpos ensanguentados foram exibidos a correspondentes estrangeiros como prova da agressão polonesa.

Às 2 horas de 1º de setembro, o Primeiro Regimento Montado da Wehrmacht foi um dos grupos despertados em seus bivaques pelo toque de clarim — algumas unidades alemãs, e muitas polonesas, seguiram a cavalo para a batalha. Os esquadrões selaram, montaram e puseram-se em marcha até a linha de partida, ao lado de barulhentas colunas de blindados, caminhões e canhões. A ordem fora dada: "Retirar as coifas dos canhões! Carregar! Usar travas de segurança!" Às 4h40, os grandes canhões do velho couraçado alemão *Schleswig-Holstein*, ancorado no porto de Danzig para uma "visita de estreitamento de laços", abriram fogo contra o forte polonês de Westerplatte. Uma hora depois, soldados alemães demoliram postes na fronteira ocidental, abrindo caminho para que as lideranças da força de invasão adentrassem a Polônia. Um dos comandantes, o general Heinz Guderian, logo se viu passando pela propriedade ancestral de sua família em Chelmno, onde nascera quando o lugar era parte da Alemanha pré-Versalhes. Entre seus soldados, o tenente Wilhelm Pruller, de 23 anos, expressou a euforia que se alastrava pelo exército: "É um maravilhoso sentimento, agora, ser alemão (...) Atravessamos a fronteira. *Deutschland, Deutschland über alles!* A Wehrmacht alemã está marchando! Se olharmos para trás ou para a frente, à esquerda ou à direita, a Wehrmacht motorizada está em toda parte!"[8]

Os Aliados Ocidentais, encorajados por saberem que a Polônia se gabava de ter o quarto maior exército da Europa, previam que a luta duraria alguns meses. Os defensores posicionaram 1,3 milhão de homens contra 1,5 milhão de alemães, com 37 divisões em cada lado. Mas a Wehrmacht era muito mais bem equipada, contando com 3.600 veículos blindados, contra 750 dos poloneses, e 1.929 aviões modernos, contra novecentos obsoletos. O exército polonês posicionava-se progressivamente desde março, mas evitara a plena mobilização em atenção aos apelos anglo-franceses para que não provocasse Hitler. Com isso, os defensores foram surpreendidos em 1º de setembro. Um diplomata polonês

escreveu a respeito da atitude de seu povo: “Eles estavam unidos no desejo de resistir, mas sem uma ideia clara sobre o tipo de resistência que deviam oferecer, além de muita conversa mole sobre se apresentarem voluntariamente como ‘torpedos humanos’.”[9]

Ephrahim Bleichman, um judeu de dezesseis anos que vivia em Kamionka, foi, com milhares de moradores locais, convocado à praça da cidade para ouvir o prefeito. “Cantamos um hino polonês declarando que a Polônia ainda não estava perdida e outro prometendo que nenhum alemão nos cuspiria no rosto.”[10] Piotr Tarczyński, de 26 anos, funcionário administrativo de uma fábrica, esteve doente por algumas semanas antes de ser recrutado. Mas, quando informou ao oficial comandante de sua bateria de artilharia que tinha problemas de saúde, o coronel respondeu com um enérgico discurso patriótico “e me disse que tinha certeza de que eu, quando me visse na sela, me sentiria muito melhor”.[11] Era tal a escassez de equipamentos que o regimento não pôde dar uma arma individual a Tarczyński, mas ele recebeu um bem de distribuição restrita, um grande cavalo chamado “Wojak” — “Guerreiro”.

Um instrutor da força aérea, Witold Urbanowitz, simulava uma batalha aérea com um aluno, no céu de Dęblin, quando viu, estupefato, buracos surgirem nas asas do avião. Aterrissando às pressas, encontrou um colega oficial que corria pelo campo e exclamava: “Você está vivo, Witold? Não está ferido?”[12] Urbanowitz exigiu uma explicação: “O que está acontecendo?” O camarada respondeu: “Você deveria ir à igreja e acender uma vela. Você foi atacado por um Messerschmitt!” A vulnerabilidade das defesas polonesas era óbvia em toda parte. O piloto de caça Franciszek Kornicki[13] recebeu ordem para decolar duas vezes, em 1º e 2 de setembro. Na primeira vez, perseguiu um avião alemão que se distanciou com facilidade; na segunda ocasião, quando seus canhões emperraram, ele tentou consertá-los, virou o avião sobre o próprio eixo e atacou novamente. Quando a aeronave se inclinou quase verticalmente, as fivelas dos cintos que o seguravam na cabine cederam, ele caiu no céu e se viu fazendo uma constrangedora descida de paraquedas.

Às 17 horas, perto da aldeia de Krojanty, cavaleiros poloneses da Uhlan receberam ordem para contra-atacar e cobrir a retirada da infantaria vizinha. Enquanto se alinhavam e desembainhavam os sabres, o ajudante de ordens capitão Godlewski sugeriu que avançassem a pé. “Meu jovem”, respondeu, irritado, o comandante do regimento, coronel Mastalerz, “sei muito bem o que é cumprir uma ordem impossível.” Curvados sobre o pescoço dos cavalos, 250 homens avançaram rapidamente por um campo aberto. Soldados alemães de infantaria saíram do caminho à sua frente, mas além deles havia veículos blindados, cujas metralhadoras destruíram os uhlans. Dezenas de cavalos arrebentaram-se no chão, enquanto outros disparavam sem cavaleiros. Dentro de minutos, metade dos atacantes estava morta, incluindo o coronel Mastalerz. Os sobreviventes bateram em retirada desordenadamente.

O alto-comando da França tinha insistido que os poloneses concentrassem suas forças atrás de três grandes rios no centro do país, mas o governo de Varsóvia achou mais importante defender os 1.440 quilômetros de fronteira com a Alemanha, em boa parte porque a maior parte da indústria polonesa se localizava a oeste; com isso, algumas divisões ficaram responsáveis por fronts de 29 quilômetros, quando suas forças — cerca de quinze mil homens — mal davam conta de cinco ou seis quilômetros. O ataque alemão de três pontas — norte, sul e oeste — penetrou profundamente no país em face da

resistência ineficiente, isolando bolsões de defensores. Aviões da Luftwaffe apoiaram os tanques Panzer e lançaram ataques aéreos arrasadores sobre Varsóvia, Lodz, Dęblin e Sandomierz.

Soldados e civis poloneses foram metralhados e bombardeados com imparcialidade brutal, ainda que algumas vítimas demorassem a reconhecer a gravidade da ameaça. Depois da primeira onda de ataques, Virgilia, americana casada com o príncipe polonês Paul Sapieha, disse à família, para tranquilizá-la: "Vejam, essas bombas não são tão ruins. Seu latido é pior do que a mordida." Quando duas bombas caíram no parque da imponente casa da família Smorczewski, em Tarnogóra, na noite de 1º de setembro, as crianças da casa, Ralph e Mark, foram arrancados da cama pela mãe e apressados para se esconder na mata com outros jovens refugiados. "Quando nos recuperamos do choque inicial",[14] escreveu Ralph, posteriormente, "olhamos uns para os outros e tivemos um ataque de riso. Que cena estranha formávamos: um bando heterogêneo de jovens, alguns de pijama, outros com casacos por cima das roupas íntimas, parados ao acaso debaixo das árvores, brincando com máscaras de gás. Decidimos voltar para casa."

Logo, porém, as risadas cessaram: o povo da Polônia foi obrigado a reconhecer o poder devastador da Luftwaffe. "Fui acordado pelo gemido das sirenes e pelo barulho das explosões",[15] escreveu o diplomata Adam Kruczkiewicz, em Varsóvia. "Vi aviões alemães voando a altitudes incrivelmente baixas e jogando bombas à vontade. Havia tiros intermitentes de metralhadora disparados do topo de alguns edifícios, mas nenhum piloto polonês (...) A cidade estava impressionada com a quase total ausência de defesa antiaérea. Todos se sentiam amargamente decepcionados." A cidade de Lutsk certa manhã, cedo, foi alvo de uma dúzia de bombas alemãs, que mataram dezenas de pessoas, na maioria crianças a caminho da escola. Vítimas impotentes chamaram o céu sem nuvens daqueles dias de setembro de "a maldição da Polônia". O piloto B. J. Solak escreveu: "O cheiro de queimado e um véu marrom de fumaça encheram todo o ar em volta de nossa cidade."[16] Depois de esconder seu avião desarmado debaixo de árvores, Solak dirigia para casa quando viu um camponês na estrada, "puxando um cavalo cujas ancas eram uma manta de sangue congelado. Sua cabeça tocava a poeira com as narinas, e a cada passo ele estremecia de dor". O jovem aviador perguntou ao camponês aonde ele levava o animal ferido, vítima de um Stuka, avião de bombardeio em picada. "Para a clínica veterinária da cidade." "Mas faltam seis quilômetros e meio!" Um dar de ombros: "Eu só tenho este cavalo."

Mil tragédias maiores se desenrolaram. Enquanto a bateria de artilharia do tenente Piotr Tarczyński avançava, chacoalhando, para o campo de batalha, aviões Stuka se lançavam sobre ela; todos saltaram de suas selas e se jogaram no chão. Algumas bombas foram lançadas, homens e cavalos caíram. Então, os aviões sumiram, a bateria se refez e retomou a marcha. "Vimos duas mulheres, uma de meia-idade e a outra apenas uma menina, carregando uma escada de mão. Nela, estendia-se um homem ferido, ainda vivo e segurando com força o abdome. Quando passaram por nós, vi que os intestinos dele se arrastavam no chão."[17] Władysław Anders havia lutado com os russos na Primeira Guerra Mundial, sob o general czarista de nome exótico Khan de Nakhitchevan. Agora, no comando de uma brigada de cavalaria polonesa, Anders viu uma professora conduzir um grupo de alunos para o abrigo proporcionado pela mata. "De repente, ouviu-se o ruído

de um avião. O piloto voou em círculos, descendo a uma altura de cinquenta metros. Enquanto jogava suas bombas e disparava suas metralhadoras, as crianças se espalharam como pardais. O avião desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu, mas no campo ficaram algumas trouxas de roupas coloridas, amarrotadas e sem vida. A natureza da nova guerra já estava clara."[18]

George Ślązak, de treze anos, estava num trem com um grupo de crianças que voltava de um acampamento de verão para sua cidade, Lodz. Subitamente, houve explosões e gritos, e o trem parou. O líder do grupo ordenou aos berros que os meninos saíssem depressa e corressem para uma floresta próxima. Chocados e aterrorizados, eles permaneceram deitados por meia hora até que o bombardeio cessasse. Ao se levantarem, viram, poucas centenas de metros adiante, um trem de tropas em chamas, que fora o alvo dos alemães. Alguns meninos romperam em lágrimas diante da visão de homens ensanguentados; a primeira tentativa de reembarque no trem foi frustrada pelo retorno das metralhadoras da Luftwaffe. Finalmente, continuaram viagem em vagões perfurados por balas. Ao chegar em casa, George encontrou a mãe soluçando ao lado do rádio: ela ouvira a notícia da aproximação dos alemães.

O piloto Franciszek Kornicki visitou um camarada num hospital de Lodz: "Era um lugar terrível, cheio de homens feridos e moribundos, deitados por toda parte, em camas e no chão, em quartos e em corredores, alguns gemendo em agonia, outros em silêncio, com os olhos fechados ou arregalados, esperando."[19] O general Adrian Carton de Wiart, chefe da missão militar britânica na Polônia, escreveu, amargurado: "Vi o rosto da guerra mudar — despojado de glória, não mais o soldado saindo para a batalha, mas mulheres e crianças sendo sepultados por ela."[20]

• • •

No domingo, 3 de setembro, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha, em cumprimento às garantias dadas à Polônia. A aliança de Stalin com Hitler levou muitos comunistas europeus, obedientes a Moscou, a se distanciarem da posição de seus países contra os nazistas. Denúncias de sindicalistas contra o que tachavam de "guerra imperialista" influenciaram atitudes em muitas fábricas, estaleiros e minas de carvão na França e na Grã-Bretanha. Apareceram pichações nas ruas: "Parem a guerra: o trabalhador paga." "Não à guerra capitalista." Um membro do Parlamento, Aneurin Bevan, do Partido Trabalhista Independente, porta-bandeira da esquerda, preveniu-se convocando uma luta em duas frentes: contra Hitler e contra o capitalismo britânico.

Os protocolos secretos do Pacto Nazi-Soviético, delineando as ambições territoriais das duas partes, permaneceram desconhecidos nas capitais ocidentais até que os arquivos alemães foram capturados em 1945. Mas, em setembro de 1939, muitos cidadãos das democracias viam a Rússia e a Alemanha como inimigos. O alter ego ficcional do romancista Evelyn Waugh, Guy Crouchback, adotou uma visão partilhada por muitos conservadores europeus: o acordo de Stalin com Hitler, "notícia que abalou políticos e jovens poetas de uma dúzia de capitais, trouxe paz profunda a um coração inglês (...) O inimigo finalmente estava à vista, imenso e odioso, todos os disfarces descartados. Era a Idade Moderna em pé de guerra".[21] Alguns políticos queriam separar Rússia e Alemanha

e buscar o apoio de Stalin para derrotar o mal maior que era Hitler. Até junho de 1941, porém, essa perspectiva parecia remota: as duas ditaduras eram vistas como inimigas comuns das democracias.

Hitler não contava com a declaração de guerra anglo-francesa. A condescendência dos dois países quando ele anexou a Tchecoslováquia, em 1938, juntamente com a impossibilidade de socorro militar direto à Polônia, indicava uma falta tanto de vontade quanto de recursos para desafiá-lo. O Führer rapidamente se recuperou do choque inicial, mas alguns acólitos ficaram perturbados. Göring, comandante em chefe da Luftwaffe, com os nervos muito abalados, teve uma explosão de raiva ao telefone, falando com o ministro do Exterior da Alemanha, Ribbentrop: "Agora você conseguiu a porra da guerra que queria! Você é o único culpado!" Hitler se esforçara para forjar uma sociedade de guerreiros alemães comprometidos com a glória marcial, obtendo notável êxito entre os jovens. Mas os mais velhos mostravam bem menos entusiasmo em 1939 do que em 1914, por recordarem dos horrores do conflito anterior e da derrota. "Esta guerra tem uma irrealidade fantasmagórica",[22] escreveu o conde Helmuth von Moltke, oficial de inteligência da Abwehr, mas adversário implacável de Hitler. "O povo não a apoia (...) Está apático. É como uma *danse macabre* executada por desconhecidos."

O correspondente americano da CBS, William Shirer, informou, da capital de Hitler, em 3 de setembro: "Não há entusiasmo aqui (...) Nada de hurras, nada de aplausos loucos, nada de jogar flores (...) O povo alemão que vemos esta noite é muito mais soturno do que o que vimos ontem à noite ou no dia anterior."[23] Enquanto passava por Stettin com sua unidade do exército a caminho da fronteira polonesa, Alexander Stahlberg ecoou as palavras de Shirer: "Nada do bravo estado de espírito de agosto de 1914, nada de aplausos, nada de flores."[24] O escritor austríaco Stefan Zweig tinha uma explicação pronta: "As pessoas não sentiam o mesmo porque o mundo em 1939 não era tão puerilmente ingênuo e crédulo como em 1914 (...) Essa fé quase religiosa na honestidade ou pelo menos na capacidade de nosso governo desapareceu em toda a Europa."[25]

Mas muitos alemães tinham sentimentos como os de Fritz Muehlebach, um funcionário do Partido Nazista: "Vi a interferência da Inglaterra e da França (...) como nada mais do que uma formalidade (...) Assim que se dessem conta da absoluta inutilidade da resistência polonesa e da vasta superioridade armamentícia alemã, começariam a ver que sempre tivemos razão e que não fazia sentido se intrometer (...) Foi apenas como resultado de algo que não era da conta deles que a guerra começou. Se a Polônia estivesse sozinha, não há dúvida de que teria cedido tranquilamente."[26]

Os países aliados esperavam que o simples gesto de declarar guerra "mostraria o blefe de Hitler", precipitando sua derrubada por seu povo e um acordo de paz sem um catastrófico choque de armas na Europa Ocidental. O egoísmo dominou a reação da Grã-Bretanha e da França à tragédia que se desenrolava na Polônia. O comandante em chefe da França, general Maurice Gamelin, dissera, em julho, ao seu colega britânico: "Temos todo o interesse em que o conflito comece no leste, generalizando-se apenas aos poucos. Dessa maneira, podemos aproveitar o tempo de que precisamos para mobilizar a totalidade das forças franco-britânicas." Um membro conservador do Parlamento, Cuthbert Headlam, escreveu com petulância em seu diário, em 2 de setembro, que os poloneses "são os únicos culpados pelo que lhes acontece agora".[27]

Na Grã-Bretanha, em 3 de setembro, o alarme de ataque aéreo, que soou minutos depois do anúncio de guerra do primeiro-ministro Neville Chamberlain, feito pelo rádio, provocou emoções desencontradas. "Minha mãe ficou muito abalada",[28] escreveu o estudante londrino J. R. Frier, de dezenove anos. "Várias mulheres desmaiaram nas redondezas, e muitas correram para a rua imediatamente. Alguns comentários: 'Não vá para o abrigo antes de escutar os tiros de canhão'; 'Os balões ainda nem foram soltos'; 'O canalha deve ter despachado seus aviões antes do prazo.'" Depois do sinal de que o perigo passara, "em poucos minutos todos estavam na porta de casa, falando rapidamente uns com os outros, com vozes nervosas. Mais conversas sobre Hitler e revoluções na Alemanha (...) A coisa mais peculiar experimentada hoje foi o desejo de que algo acontecesse — ver aviões chegando e as defesas em ação. Não quero ver bombas caindo e pessoas mortas, mas, de alguma forma, como *estamos* em guerra, quero que ela se anime e comece. Nesse ritmo, só Deus sabe quanto tempo vai durar." A impaciência sobre a provável duração da luta mostrou-se um sentimento popular permanente.

Em colônias africanas remotas, rapazes fugiram para o mato ao ouvir a notícia de que uma guerra havia começado: temiam que os governantes britânicos repetissem a prática da Primeira Guerra Mundial, recrutando-os para o trabalho compulsório — como viria, de fato, a acontecer. Um queniano chamado Josiah Mariuki registrou "um boato sinistro de que Hitler vinha matar todos nós, e muitas pessoas, com medo, desceram para os rios e cavaram buracos nas margens para se esconderem das tropas".[29] Os líderes das forças armadas da Grã-Bretanha reconheciam seu despreparo para a batalha, mas alguns jovens soldados profissionais eram ingênuos o suficiente para se animarem com a perspectiva de lutas e promoções. "O efeito era de regozijo e de animação",[30] escreveu John Lewis, pertencente ao Regimento Cameronians. "Hitler era uma figura ridícula, e os cinenoticiários Pathé, que mostravam soldados alemães marchando em passos de ganso, provocavam hilaridade (...) Eles eram muito bons para bombardear, em aviões, aldeias espanholas indefesas, mas isso era tudo. A maioria de seus tanques era feita de papelão, para enganar. Vencemos uma Alemanha muito mais poderosa vinte anos antes. Éramos o maior império do mundo."

Poucas pessoas eram tão lúcidas quanto o tenente David Fraser, do Regimento de Guardas Granadeiros, que observou pungentemente: "A atitude mental dos britânicos diante das hostilidades distinguia-se por suas falhas básicas — frouxidão de raciocínio e falsas convicções (...) O povo das democracias precisa acreditar que o bem se opõe ao mal — daí o espírito das cruzadas. Tudo isso, junto com as tentativas de despertar vigorosas paixões morais e ideológicas, tende a ir contra aquele frio conceito de guerra como [uma] extensão da política definido por Clausewitz, um exercício com objetivos finitos e alcançáveis."[31]

Muitos aviadores britânicos previam seu destino provável. O oficial-piloto Donald Davis escreveu: "Era um maravilhoso dia de outono quando passei de carro por Wittenham Clumps e Chiltern Hills, que eu conhecia tão bem, e me lembro de ter pensado que provavelmente estaria morto em três semanas. Parei para olhar o cenário e refletir por alguns minutos. [Concluí que], se me visse diante das mesmas decisões, eu ainda assim teria optado por voar e ingressar na RAF, se pudesse."[32] Para a geração de Davis, em todo o mundo, o privilégio de ter acesso ao céu cumpria uma visão romântica

suprema, a qual muitos jovens estavam satisfeitos em pagar pondo em risco a própria vida.

Em Westminster, com condescendência monumental, um ministro do governo disse ao embaixador polonês: “Como vocês têm sorte! Quem poderia pensar, seis meses atrás, que teriam a Grã-Bretanha ao seu lado, como aliada?”[33] Na Polônia, a notícia da declaração de guerra da Grã-Bretanha e da França provocou uma onda de esperança, estimulada pela retórica extravagante dos novos Aliados. Os moradores de Varsóvia abraçavam-se nas ruas, dançavam, choravam, buzinavam. Uma multidão reuniu-se em frente à embaixada britânica na avenida Ujadowskie, vibrando, cantando, estropiando uma versão de “God Save the King”. O embaixador, Sir Howard Kennard, gritou, da sacada: “Viva a Polônia! Lutaremos lado a lado contra a agressão e a injustiça!”

As cenas tumultuosas foram repetidas na embaixada da França, onde uma multidão cantou a “Marselhesa”. Em Varsóvia, naquela noite, um boletim do governo anunciou triunfalmente: “Unidades da cavalaria polonesa penetraram as linhas blindadas alemãs e estão agora na Prússia Oriental.” Em toda a Europa, inimigos do nazismo agarravam-se a breves devaneios. Mihail Sebastian era um escritor romeno e judeu de 31 anos. Em 4 de setembro, depois de ouvir notícias sobre a declaração de guerra da Grã-Bretanha e da França, ficou ingenuamente espantado por os países não terem atacado de imediato pelo oeste. “Ainda estão esperando alguma coisa? É possível (como dizem alguns) que Hitler venha a cair imediatamente e ser substituído por um governo militar, que então buscará a paz? Haverá mudanças radicais na Itália? O que fará a Rússia? O que acontece com o Eixo, sobre o qual há um silêncio repentino em Roma e em Berlim? Mil perguntas que nos deixam sem fôlego.”[34] Em meio ao próprio tumulto mental, Sebastian buscava alívio lendo, primeiro, Dostoiévski, depois Thomas de Quincey, em inglês.

Em 7 de setembro, dez divisões francesas seguiram com cautela para o Sarre alemão. Após avançarem oito quilômetros, pararam: isso representou o limite da demonstração armada em apoio à Polônia. Gamelin esperava que os poloneses pudessem conter a Wehrmacht de Hitler até que o programa de rearmamento francês estivesse mais avançado. Aos poucos, o povo polonês compreendeu que estava sozinho em sua agonia. Stefan Starzyński, antigo soldado da Legião de Piłsudski, era o entusiástico prefeito de Varsóvia desde 1934, famoso por transformar a cidade se utilizando da impressionante exuberância das flores de verão. Agora, Starzyński falava diariamente ao povo pelo rádio, denunciando a barbárie nazista com emoção apaixonada. Recrutou equipes de salvamento, convocou milhares de voluntários para cavar trincheiras e consolou vítimas de bombas alemãs, que, em pouco tempo, se contavam aos milhares. Muitos moradores fugiram para o leste; os ricos trocando carros, para os quais não havia combustível, por carroças e bicicletas. O judeu Ephrahim Bleichman viu longas colunas de refugiados de sua gente se arrastarem miseravelmente pela estrada que saía de Varsóvia. Em sua inocência, não percebeu o perigo particular que corriam: apesar do notório antissemitismo da Polônia, “nunca passei por nada mais severo do que xingamentos”.[35]

O cansaço entre os homens e os cavalos logo se tornou a grande ameaça para o precipitado avanço alemão. Um cabo de cavalaria, Hornes, viu-se às voltas com seu cavalo Herzog, sempre a tropeçar. “Gritei para o comandante da seção: ‘Herzog já deu o que tinha de dar!’ Mal falei e o pobre animal caiu de joelhos. Cavalgamos setenta quilômetros no primeiro dia e sessenta quilômetros no segundo dia. Além disso, tínhamos viajado

pelas montanhas com a patrulha da vanguarda a galope (...) Significa que percorremos quase duzentos quilômetros em três dias, sem um descanso decente! A noite caíra havia muito tempo e continuávamos cavalgando."[36]

Os horrores da Blitzkrieg aumentavam: enquanto a rádio Varsóvia tocava "Polonaise Militaire", de Chopin, o bombardeio alemão sobre a capital era acompanhado pelo fogo de milhares de canhões, que disparavam trinta mil granadas por dia e transformavam seus edifícios magníficos em entulho. "O adorável outono polonês está chegando",[37] escreveu o piloto de caça Mirosław Ferić em seu diário, recuando a seguir diante da ironia. "Dane-se a sua beleza." Um manto de fumaça e poeira cinzenta estendeu-se sobre a capital; o castelo real, a ópera, o teatro nacional, a catedral e dezenas de edifícios públicos, além de milhares de casas, foram reduzidos a ruínas. Corpos insepultos e covas improvisadas espalhavam-se por toda parte nos bulevares e parques; o fornecimento de alimentos, água e eletricidade foi cortado; com quase todas as janelas quebradas, estilhaços de vidro cobriam as calçadas. Em 7 de setembro, a cidade e seus 120 mil defensores foram cercados enquanto o exército polonês recuava para leste. O chefe do estado-maior, marechal Edward Rydz-Śmigły, fugira de Varsóvia com o restante do governo no segundo dia de guerra. O sistema de suprimento e de comunicação do exército entrou em colapso. Cracóvia caiu, quase sem resistência, em 6 de setembro; Gdynia caiu em seguida, no dia 13, apesar de sua base naval resistir por mais uma semana.

Um contra-ataque, em 10 de setembro, por oito divisões polonesas, através do rio Bzura, a oeste de Varsóvia, interrompeu brevemente a ofensiva alemã e fez 1.500 prisioneiros. Kurt Meyer, da Divisão SS Liebstandarte, reconheceu, com um misto de admiração e condescendência: "Os poloneses atacam com enorme tenacidade, provando repetidas vezes que realmente sabem morrer." Ao contrário do que diz a lenda, apenas em duas ocasiões os cavaleiros poloneses lutaram contra tanques alemães. Um desses episódios ocorreu na noite de 11 de setembro, quando um esquadrão se lançou a todo galope na aldeia de Kałuszyn, fortemente armada pelos alemães. Dos 85 cavaleiros que atacaram, apenas 33 se reagruparam depois. Os invasores empregavam sua própria cavalaria para reconhecimento e mobilidade, mais do que para atacar. A unidade do cabo Hornes avançava em coluna enquanto dois homens cavalgavam à frente: "Eles galopavam de uma colina para a outra e acenavam para as tropas. Como precaução adicional, cavaleiros solitários foram despachados conosco no alto das colinas. De repente, vimos contornos novos e desconhecidos emergirem da densa nuvem de poeira: cavalos pequenos e ágeis, balançando a cabeça, cavalgados por uhlans poloneses com seus uniformes cáqui e lanças compridas, com uma extremidade apoiada no couro do estribo e a outra, no ombro. As pontas brilhantes oscilavam para cima e para baixo, em sintonia com os cascos dos cavalos. No mesmo momento, nossas metralhadoras abriram fogo."[38]

A Wehrmacht era muito mais bem armada e blindada do que seus inimigos. A Polônia era um país pobre, com apenas poucos milhares de caminhões militares e civis; seu orçamento nacional era menor do que o da cidade de Berlim. Em vista da má qualidade e do pequeno número de aviões poloneses, em comparação com a Luftwaffe, é notável que a campanha tenha custado à Alemanha 560 aeronaves. A bateria de artilharia do tenente Piotr Tarczyński viu-se sob intenso fogo a 1,6 quilômetro do rio Warta. Observador avançado, ele descobriu que seus telefones estavam mudos; os instaladores enviados para investigar o problema não retornaram. Sem ter solicitado o disparo de uma

única salva, ele foi cercado pela infantaria alemã, que o tomou como prisioneiro. Como muitos homens em sua situação, tentou adular os captores: "Só comparo minha situação com alguém que se vê de repente diante de estranhos poderosos, dos quais depende totalmente. Sei que deveria sentir vergonha de mim mesmo."[39] Quando foi levado para o cativeiro, passou por vários soldados poloneses mortos; instintivamente, ele ergueu a mão para saudar cada um.

No meio da fúria popular contra os invasores, houve cenas de violência coletiva que não conferiram honra alguma à causa polonesa. Prisões em massa de descendentes de alemães — supostamente quintas-colunas — foram realizadas no começo de setembro. Em Bydgoszcz, no Domingo Sangrento, 3 de setembro, mil civis alemães foram massacrados sob a alegação de terem disparado contra tropas polonesas. Alguns historiadores alemães modernos afirmam que até treze mil poloneses de origem germânica foram mortos durante a campanha, a maioria inocente; o número real é, quase certamente, bem menor, mas as mortes serviram como pretexto para atrocidades horrendas e sistêmicas cometidas pelos nazistas contra os poloneses, sobretudo os judeus, iniciadas dias depois da invasão. Hitler disse aos seus generais, em Obersalzberg: "Gengis Khan, por vontade própria e despreocupada, mandou matar milhões de mulheres e de homens. A história o vê apenas como um grande estadista (...) Mandei minhas unidades da Divisão SS Totenkopf (Cabeça da Morte) para o leste com ordem de matar sem piedade homens, mulheres e crianças de raça ou língua polonesa. Somente assim conquistaremos o *Lebensraum* de que precisamos."

Quando a Wehrmacht entrou em Lodz, George Ślązak ficou perplexo ao ver que algumas mulheres atiravam flores para os soldados e lhes ofereciam doces e cigarros. Criancinhas gritavam "*Heil Hitler!*". Ślązak escreveu, admirado: "Meninos com quem convivi na escola acenavam bandeiras com a suástica."[40] Embora os civis que davam as boas-vindas fossem cidadãos poloneses, eram descendentes de alemães e agora se gabavam de suas origens. Goebbels lançou uma estridente campanha de propaganda para convencer seu povo da justiça daquela causa. Em 2 de setembro, o jornal nazista *Völkischer Beobachter* anunciou a invasão com uma manchete de duas linhas: "O Führer proclama a luta pelos direitos e pela segurança da Alemanha." Em 6 de setembro, a manchete do jornal *Lokal-Anzeiger* afirmava: "Terrível bestialidade dos poloneses — Pilotos alemães atingidos — Colunas da Cruz Vermelha chacinadas — Enfermeiras assassinadas." Poucos dias depois, o *Deutsche Allgemeine Zeitung* publicava a surpreendente manchete "Poloneses bombardeiam Varsóvia". A reportagem que se seguia declarava: "A artilharia polonesa de todos os calibres abriu fogo na parte leste de Varsóvia contra nossas tropas na parte oeste da cidade." A agência de notícias alemã denunciou a resistência polonesa como "absurda e insana".

A maioria dos jovens alemães, formados pelo sistema de educação nazista, aceitava, sem hesitar, a versão dos fatos dada pelos líderes. "O avanço dos exércitos tornou-se uma marcha irresistível para a vitória",[41] escreveu um aprendiz de piloto da Luftwaffe, de vinte anos. "Cenas de emoção profunda acontecem durante a libertação dos aterrorizados moradores alemães do Corredor Polonês. Terríveis atrocidades, crimes contra as leis da humanidade, são reveladas por nossos exércitos. Perto de Bromberg e Thorn, foram descobertas sepulturas coletivas contendo os corpos de milhares de alemães massacrados pelos comunistas poloneses."

• • •

Em 17 de setembro, data em que os poloneses esperavam o início da ofensiva prometida pelos franceses na Frente Ocidental, o que se viu foi a União Soviética deflagrar sua brutal investida, destinada a assegurar a parte de Stalin no butim de Hitler. Stefan Kurylak era um polonês ucraniano de treze anos, morador de uma aldeia sossegada perto da fronteira russa. Soldados poloneses em retirada começaram a passar pela poeirenta rua principal, a pé ou a cavalo, alguns gritando, com urgência: "Corram, corram para salvar suas vidas, minha gente. Escondam-se onde puderem, pois eles não têm piedade. Depressa. Os russos estão chegando!"[42] Em seguida, o adolescente viu uma coluna de tanques soviéticos passar estrepitosamente pela aldeia: uma criança que demorou a sair do caminho, aterrorizada e confusa, foi abatida a tiros com displicência. Kurylak escondeu-se no depósito de batatas da família.

Vyacheslav Molotov, ministro do Exterior de Stalin, disse ao embaixador polonês em Moscou que, como a república polonesa já não existia, o Exército Vermelho interviera para "proteger cidadãos russos na Bielorrússia e na Ucrânia ocidentais". Embora Hitler houvesse concordado com a anexação da Polônia Oriental por Stalin, os alemães foram surpreendidos pela intervenção soviética. Os poloneses também. Quando o Exército Vermelho atingiu sua retaguarda, escreveu o marechal Rydz-Śmigły amargamente, a resistência somente poderia se transformar "numa demonstração armada contra uma nova partição da Polônia". O alto-comando da Wehrmacht, ansioso por evitar choques acidentais com os russos, decretou uma fronteira nos rios San, Vístula e Narew; onde haviam avançado além dessa linha, suas forças agora recuavam.

Hitler esperava que a intervenção de Stalin levasse os Aliados a declarar guerra contra os russos, e houve em Londres, de fato, debates rápidos sobre se o compromisso da Grã-Bretanha com a Polônia exigia o combate contra um novo inimigo. No Gabinete de Guerra, apenas Churchill e o ministro da Guerra, Leslie Hore-Belisha, insistiram numa preparação para essa eventualidade. O embaixador britânico em Moscou, Sir William Seeds, telegrafou: "Não vejo qual seria, para nós, a vantagem da guerra contra a União Soviética, embora me agradasse pessoalmente declará-la contra Molotov." Para o alívio do primeiro-ministro Neville Chamberlain, o Foreign Office declarou que as garantias do governo à Polônia cobriam somente a agressão alemã. Uma furiosa retórica britânica foi deflagrada contra Stalin, mas não se pensou em lutar contra ele; os franceses também se limitaram a manifestações de repúdio. Em alguns dias, ao custo de apenas quatro mil baixas, os russos invadiram duzentos mil quilômetros quadrados de território, incluindo as cidades de Lwów e Wilno. Stalin adquiriu suserania sobre cinco milhões de poloneses, 4,5 milhões de descendentes de ucranianos, um milhão de bielorrussos e um milhão de judeus.

Em Varsóvia, pessoas famintas ainda se agarravam à esperança de ajuda vinda do Ocidente. Um guarda de abrigos antiaéreos confidenciou a um conhecido: "Sabe como são os ingleses. Custam a tomar uma decisão, mas agora estão mesmo vindo."[43] Milhões de poloneses ficaram inicialmente atônitos, depois cada vez mais furiosos, com a passividade dos supostos amigos. Um oficial de cavalaria escreveu: "O que estaria acontecendo no Ocidente, pensávamos, e quando os franceses e os britânicos começariam sua ofensiva? Não conseguíamos entender por que nossos aliados demoravam tanto para vir em nosso

socorro."[44] Em 20 de setembro, o embaixador da Polônia em Londres dirigiu-se, pelo rádio, ao seu povo: "Compatriotas! Saibam que vosso sacrifício não é inútil e que seu significado e sua eloquência são profundamente sentidos aqui (...) As hostes de nossos aliados já estão se preparando (...) O dia virá em que os estandartes vitoriosos (...) retornarão das terras estrangeiras para a Polônia."[45] Mas, mesmo enquanto falava, o conde Raczyński tinha consciência, como escreveu posteriormente, de que suas palavras eram "pouco mais do que ficção poética. Onde estavam as hostes aliadas?"

Em Paris, o embaixador polonês Juliusz Łukasiewicz trocou palavras duras com o ministro do Exterior da França, Georges Bonnet. "Não está certo! O senhor sabe que não está certo!",[46] disse ele. "Um tratado é um tratado e precisa ser respeitado! O senhor percebe que cada hora de atraso no ataque à Alemanha significa (...) a morte de milhares de homens, mulheres e crianças poloneses?" Bonnet deu de ombros: "Então o senhor quer que as mulheres e as crianças de Paris sejam massacradas?" A correspondente americana Janet Flanner escreveu, em Paris: "Parece, na verdade, que ainda há esforços para conter esta guerra, para prevenir que comece para valer — esforços feitos, talvez com insegurança, por líderes do governo que relutam em entrar para a história como os primeiros a ordenar tiros incendiários ou liderar iniciativas embasadas no reflexo geral do estado de espírito corajoso, porém confuso, de várias camadas da população. Esta deve ser a primeira guerra em que milhões de pessoas em ambos os lados continuam pensando que poderia ser evitada mesmo depois de oficialmente declarada."[47]

Os franceses não estavam dispostos a lançar uma grande ofensiva contra a linha Siegfried, como insistia Winston Churchill, menos ainda a provocar uma retaliação bombardeando a Alemanha. O governo britânico, da mesma forma, negou-se a ordenar que a RAF atacasse alvos terrestres alemães. Um membro conservador do Parlamento, Leo Amery, escreveu desdenhosamente sobre o primeiro-ministro Neville Chamberlain: “Por abominar a guerra com paixão, ele estava decidido a promovê-la o mínimo possível.”[48] O *Times* publicava editoriais que, para os leitores poloneses, pareciam zombar de sua aflição: “Na agonia de sua terra martirizada, talvez seja de alguma forma um consolo para os poloneses saber que contam com a simpatia, e mesmo com a reverência, não apenas de seus aliados na Europa Ocidental, mas de todos os povos civilizados do mundo.”

Algumas vezes, argumenta-se que em meados de setembro de 1939, com a maior parte do exército alemão concentrada na Polônia, os Aliados tiveram uma oportunidade ideal para lançar uma ofensiva na Frente Ocidental. Mas a França estava ainda menos preparada

psicológica do que militarmente para uma iniciativa dessa natureza, e a pequena força expedicionária da Grã-Bretanha, ainda em trânsito para o continente, pouco poderia contribuir. Os alemães provavelmente teriam repelido qualquer ataque sem grande prejuízo para suas operações no leste, e a inércia dos governos francês e britânico refletia o estado de espírito de seus cidadãos. Uma secretária de Glasgow, chamada Pam Ashford, escreveu em seu diário, em 7 de setembro: "Praticamente todos acham que a guerra acabará em três meses (...) Muitos sustentam que, quando a Polônia for esmagada, não haverá muito sentido em continuar."[49]

Os poloneses deveriam ter previsto a passividade de seus aliados, mas seu cinismo era inacreditável. Um historiador moderno, Andrzej Suchcitz, escreveu: "O governo polonês e as autoridades militares foram enganados e traídos pelos Aliados Ocidentais. Não havia intenção de dar à Polônia qualquer apoio militar efetivo." Enquanto Varsóvia encarava sua ruína, Stefan Starzyński declarava, numa transmissão radiofônica: "O destino nos confiou a obrigação de defender a honra da Polônia." Um poeta polonês louvaria a atitude desafiadora do prefeito em termos sentimentais:

> E ele, quando a cidade era apenas uma massa crua e vermelha,
> Disse: "Não me entrego." Que as casas queimem!
> Que minhas orgulhosas realizações virem pó sob os bombardeios.
> E que importa que um túmulo surja dos meus sonhos?
> Para você, que um dia talvez venha aqui, lembrar
> Que algumas coisas são mais preciosas do que o mais belo muro da cidade.[50]

No fim da terceira semana de campanha, a resistência polonesa foi superada. A capital só não foi ocupada porque os alemães queriam destruí-la antes de reivindicarem as ruínas; hora após hora, dia após dia, o bombardeio impiedoso continuava. Uma enfermeira, Jadwiga Sosnkowska, descreveu cenas em seu hospital, nos arredores de Varsóvia, em 25 de setembro:

> A procissão de feridos vindos da cidade era uma infindável marcha da morte. As luzes se apagaram, e todos nós, médicos e enfermeiras, tivemos de andar com velas nas mãos. Como a sala de operação e o posto de primeiros socorros tinham sido destruídos, o trabalho era feito nas salas de aula, em mesas comuns, de pinho, e devido à falta de água não havia como esterilizar os instrumentos, que tiveram de ser limpos com álcool (...) Enquanto seres humanos arrasados eram estirados na mesa, o cirurgião tentava inutilmente salvar as vidas que lhe escorregavam pelas mãos (...) Era uma tragédia após a outra. Em um desses casos, a vítima era uma menina de dezesseis anos. Tinha cabelos dourados lindíssimos, o rosto delicado como uma flor, e seus lindos olhos azuis, cor de safira, estavam cheios de

lágrimas. As duas pernas, até os joelhos, foram reduzidas a uma massa sangrenta, onde era impossível distinguir osso e carne; ambas tiveram de ser amputadas acima dos joelhos. Antes que o cirurgião começasse, debrucei-me sobre aquela menina inocente para beijar a testa pálida, passar as mãos impotentes em seus cabelos dourados. Ela morreu, serena, no decorrer da manhã, como uma flor arrancada por uma mão impiedosa.[51]

Soldados profissionais raramente podem ceder ao sentimentalismo quando falam sobre os horrores da guerra, mas a posteridade deve repudiar a satisfação dos generais da Alemanha em relação ao caráter de seu líder nacional e à aventura assassina em que se tornaram cúmplices. Erich von Manstein é considerado por muitos como o melhor general alemão na guerra; posteriormente, ele se orgulhava ao alegar ter feito sua parte como oficial e cavalheiro. No entanto, seus escritos durante a campanha polonesa e depois dela revelam a insensibilidade característica de sua casta. Ele deleitou-se com a invasão: "É uma grande decisão do Führer, tendo em vista a atitude das potências ocidentais até agora. Sua proposta para resolver a questão polonesa foi tão cortês que a Inglaterra e a França — se realmente quisessem a paz — deveriam ter obrigado a Polônia a aceitar." Pouco após o início da campanha, Manstein visitou um grande-comando que liderara anteriormente: "Foi emocionante ver a equipe tão feliz quando apareci de repente (...) Cranz [seu sucessor] me disse que era um prazer comandar uma divisão tão bem treinada na guerra."

Em carta à sua mulher, Manstein descreveu sua rotina pessoal durante a campanha, em que servia como chefe do estado-maior de Rundstedt no Grupo de Exércitos do Sul: "Acordo às 6h30, mergulho na água [para nadar], no gabinete às 7 horas. Relatórios matinais, café, depois trabalho ou viagens com R[undstedt]. Ao meio-dia, cozinhas de campanha aqui. Depois, uma pausa de meia hora. À noite, depois do jantar junto com oficiais do estado-maior, como no almoço, os relatórios da noite chegam. E assim continua até 23h30."[52] É flagrante o contraste entre a serenidade do quartel-general do exército e a vasta tragédia humana que suas operações haviam desencadeado. Manstein assinou uma ordem para que as forças alemãs que cercavam Varsóvia atirassem contra quaisquer refugiados que tentassem fugir: considerava-se que seria mais fácil forçar um desfecho da campanha e evitar uma batalha nas ruas se os habitantes não pudessem escapar do bombardeio da capital. No entanto, ele era um homem tão melindroso que às vezes deixava a sala onde Rundstedt estava por repulsa à linguagem obscena do chefe. Em 25 de setembro, ele se deleitou com uma visita congratulatória de Hitler, escrevendo para a mulher: "Foi bom ver como os soldados se alegram, em toda parte, quando o Führer passa num carro."[53] Em 1939, o corpo de oficiais da Wehrmacht já demonstrava a falência moral que caracterizaria sua conduta até 1945.

Um oficial da cavalaria polonesa, Klemens Rudnicki, descreveu os apuros de seu regimento e de suas amadas montarias em Varsóvia, em 27 de setembro, a última noite antes que a cidade se rendesse: "Chamas vermelhas, vivas, iluminavam nossos cavalos, que estavam quietos, imóveis, perto dos muros do parque Łazienki, como esqueletos selados. Alguns estavam mortos; outros sangravam, expondo ferimentos enormes.

Cenzor, o cavalo de Kowalski, ainda estava vivo, mas jazia com as tripas para fora. Não fazia muito tempo havia conquistado a Copa Desafio do exército, em Tarnopol. Fora nosso orgulho. Um tiro no ouvido acabou com seu sofrimento. No dia seguinte, provavelmente, alguém que precisasse aliviar a fome cortaria um pedaço de seu lombo."

Varsóvia capitulou em 28 de setembro. O pequeno capitão Krysk, do terceiro esquadrão de Rudnicki, declarou, emocionado, que rejeitava a ordem de rendição: "Pela manhã, atacaremos os alemães para preservar a tradição regimental de que o 9º [Regimento] de Lanceiros jamais se rende." Rudnicki o dissuadiu; juntos, os oficiais esconderam os estandartes do regimento na igreja de Santo Antônio, na rua Senatorska, o único prédio ainda intacto entre hectares de entulho. Rudnicki refletiu, com pesar, que o exército polonês deveria ter se posicionado em profundidade para uma ação defensiva mais demorada, em vez de se desdobrar em uma fraca linha de vanguarda que certamente seria rompida. Isso, porém, estaria "em desacordo com nossa aspiração natural — e com nossas tradições militares e esperanças de nos tornarmos uma grande potência".

Em 29 de setembro, o exército Modlin, ao norte de Varsóvia, rendeu-se aos alemães, que tomaram trinta mil prisioneiros. A resistência organizada diminuiu gradualmente; a península de Hel caiu em 1º de outubro; o último confronto registrado ocorreu em Kock, ao norte de Lublin, no dia 5. Centenas de milhares de homens caíram nas mãos dos alemães, enquanto muitos outros faziam o possível para fugir. O jovem piloto B. J. Solak emocionou-se ao encontrar um coronel-aviador sentado debaixo de uma árvore, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Feliks Lachman foi um dos muitos poloneses cujos pensamentos se voltaram para a leitura recente de *E o vento levou*. Fugindo de casa, pensou: "Por mais arrasada que estivesse a propriedade Tara, Scarlett O'Hara atravessou o fogo e a água para chegar ao lugar a que ela sabia pertencer. Nós tínhamos deixado, de uma vez e para sempre, homens e coisas que formavam o ambiente social, intelectual e emocional de nossas vidas. Andávamos no vácuo, a esmo." Depois de um ataque aéreo na cidade de Krzemieniec, Adam Kruczkiewicz viu, na rua, um velho judeu numa crise de histeria "em cima do corpo da mulher (...) proferindo uma enfiada de xingamentos e blasfêmias e gritando: 'Não existe Deus! Hitler e as bombas são os únicos deuses! Não existe graça ou piedade no mundo!'"

Poucas unidades de cavalaria polonesas conseguiram fugir para a Hungria, onde depuseram suas armas. No quartel do 3º Regimento Húngaro de Hussardos, fugitivos cansados comoviam-se com a acolhida dos oficiais da unidade, encabeçados pelo idoso coronel Von Pongratsch, em uniforme cerimonial. Poucos dias depois, quando os poloneses saíram para enfrentar a internação, o barbudo veterano abraçou cada um antes de se despedir. Essas cortesias ao estilo do Velho Mundo eram bem-vindas, porque haviam sido banidas do universo impiedoso em que a maioria dos poloneses agora habitava.

O general Władysław Anders conduziu sua unidade, exausta e desfalcada, para o leste, a fim de escapar dos alemães. Os homens cantavam enquanto incitavam os cavalos emaciados no meio de uma multidão de refugiados e militares retardatários. Então, encontraram o Exército Vermelho, e Anders mandou um oficial de ligação ao quartel-general local dos soviéticos para suplicar a passagem para a fronteira húngara. O polonês foi despojado de tudo o que tinha e ameaçado de execução. Canhões russos puseram-se a bombardear as posições polonesas. Anders ordenou aos seus homens que se dividissem em pequenos grupos e tentassem chegar à Hungria. Ele, gravemente ferido, foi capturado,

assim como muitos outros. Um oficial russo disse-lhe, cheio de si: “Agora somos bons amigos dos alemães. Juntos combateremos o capitalismo internacional. A Polônia era uma ferramenta da Inglaterra e, por isso, teve de perecer.”

Regina Lempicka estava entre centenas de milhares de poloneses arbitrariamente presos pelos russos nos meses que se seguiram e, depois, despachados para o Cazaquistão. Sua avó e sua sobrinha, uma bebê, morreram por inanição durante o exílio, enquanto o irmão, soldado, foi morto a tiros. A experiência da família nas mãos dos russos, como ela escreveu, tornou-se “um sonho horripilante”. Enquanto um grupo de soldados poloneses passava por uma ponte na fronteira, conduzido pelo Exército Vermelho, um prisioneiro disse, desoladamente: “Entramos na Rússia. Jamais voltaremos.” Tadeusz Żukowski escreveu: “A partir daquele instante, o mundo inteiro pareceu mudar: céu, solo e pessoas diferentes. Uma sensação esquisita, como se uma rachadura dentro de nós se rompesse, como se a vida nos deixasse e, de repente, desabássemos no interior de uma caverna escura, uma passagem subterrânea escura como breu.” Uma mulher disse, com desprezo, a um soldado a caminho do *gulag*: “Vocês, poloneses, senhores fascistas! Aqui, na Rússia, aprenderão a trabalhar. Aqui serão fortes o suficiente para trabalhar, mas fracos demais para oprimir os pobres!”

Cerca de 1,5 milhão de poloneses, na maioria civis expulsos de suas casas na parte oriental do país confiscada nos meses seguintes, padeceram as provações do cativeiro e da fome em mãos soviéticas, que custaria a vida de 350 mil pessoas. Muitas dessas famílias eram formadas apenas por mulheres, porque os homens foram sumariamente eliminados. Em 5 de março de 1940, o chefe de segurança da União Soviética, Lavrenti Beria, enviou um memorando de quatro páginas a Stalin propondo a eliminação de altos oficiais poloneses e de outros por ele definidos como líderes daquela sociedade. Aqueles detidos em campos soviéticos, insistia Beria, deveriam ser sujeitados ao “uso da mais alta forma de castigo: morte por fuzilamento”. Stalin e outros membros do Politburo aprovaram formalmente a recomendação para decapitar a Polônia. Nas semanas que se seguiram, pelo menos 25 mil poloneses foram assassinados por algozes do NKVD em várias prisões soviéticas, cada um com uma única bala na nuca. Os corpos foram queimados em valas comuns nas florestas dos arredores de Katyn, a oeste de Smolensk, em Minsk e em outros lugares; o maior de todos foi descoberto pelos alegres nazistas em 1943.

Alegações posteriores de que os crimes de guerra realizados pelos Aliados depois de 1945 representavam “a justiça dos vitoriosos” foram bastante reforçadas pelo fato de que nenhum russo foi julgado pelos acontecimentos em Katyn. Em outubro de 1939, um polonês interrogado pelo NKVD perguntou, amargamente: “Como é possível que a União Soviética, um estado progressista e democrático, seja amiga de uma Alemanha nazista, reacionária?” Seu inquisidor respondeu friamente: “Você está enganado. Nossa política atual consiste em sermos neutros durante a luta entre a Inglaterra e a Alemanha. Que eles derramem seu sangue — nosso poder aumentará. Quando estiverem totalmente exaustos, surgiremos como a parte forte, revigorada e decisiva no último estágio da guerra.” Parece uma descrição justa das aspirações de Stalin.

Hitler, em visita a Varsóvia, em 5 de outubro, apontou para as ruínas e disse aos correspondentes estrangeiros que o acompanhavam: “Senhores, como puderam ver com seus próprios olhos, foi uma loucura criminosa tentar defender esta cidade (...) Eu só gostaria que certos estadistas de outros países, que parecem querer transformar toda a

Europa numa segunda Varsóvia, tivessem a oportunidade de ver, como os senhores, o significado real da guerra." O prefeito de Varsóvia, Starzyński, foi transferido para Dachau, onde foi assassinado quatro anos depois. O exército polonês havia perdido setenta mil homens e deixara 140 mil feridos, além de incontáveis milhares de civis mortos. As baixas do exército alemão somaram dezesseis mil mortos e trinta mil feridos. Cerca de setecentos mil soldados poloneses tornaram-se prisioneiros de Hitler. Um governo polonês no exílio, não eleito, foi estabelecido em Londres.

O chefe britânico do estado-maior imperial, general Sir Edmund Ironside, encontrou-se com Adrian Carton de Wiart quando esse oficial retornava de Varsóvia, repreendendo-o: "Bem, seus poloneses não fizeram muita coisa." Essa afirmação refletia a frustração das esperanças britânicas e francesas de que o exército polonês infligisse danos suficientes à Wehrmacht para aliviar a necessidade de resistência dos Aliados Ocidentais. Carton de Wiart respondeu: "Vejamos o que outros farão, Sir." Um número notável de poloneses decidiu aceitar o exílio, a separação de tudo o que conheciam e amavam, para permanecerem na luta contra Hitler. Cerca de 150 mil poloneses deslocaram-se para o oeste, em geral após odisseias memoráveis. Foi, de longe, o maior êxodo voluntário de qualquer um dos países que a Alemanha ocuparia e refletia a paixão com que seus cidadãos persistiam na luta. Exilados, em fuga para o Ocidente, ficaram impressionados com o calor humano que receberam na Itália fascista, onde uma multidão gritava: "*Bravo, Polonia!*"

Antes de deixar o aeródromo de sua terra, o instrutor de voo Witold Urbanowitz deu um rádio e suas camisas de seda à mulher que fazia a limpeza dos alojamentos, seu traje de gala para o carregador e partiu de ônibus com seus cadetes pela estrada para a Romênia; quase um ano depois, nos controles de um Hurricane, ele se tornou um dos grandes ases da RAF. Cerca de trinta mil poloneses, um terço deles pilotos e equipes de terra da força aérea, chegaram à Inglaterra em 1940, e muitos outros viriam. Um homem segurava uma hélice de madeira, símbolo ao qual se agarrara teimosamente ao longo de uma viagem de 4.800 quilômetros. Muitos outros ingressaram no exército britânico no Oriente Médio, após sua tardia libertação do cativeiro stalinista. Esses homens dariam uma contribuição muito mais notável ao esforço de guerra dos Aliados do que a Grã-Bretanha dera a eles.

A Polônia tornou-se o único país ocupado por Hitler onde não houve colaboração entre conquistadores e conquistados. Os nazistas classificaram os poloneses como escravos e receberam, em troca, um ódio implacável. Quando a princesa Paul Sapieha atravessava a fronteira em busca de segurança precária, entre uma leva de refugiados, sua filha pequena perguntou-lhe: "Haverá bombas na Romênia?" A princesa respondeu: "Não haverá mais bombas. Aqui não há guerra. Vamos para um lugar com muito sol, onde as crianças podem brincar em qualquer lugar." A menina insistiu: "Mas quando voltaremos para a casa e para o papai?" Sua mãe não pôde responder. Dificilmente se encontraria na Europa, em pouco tempo, um canto que oferecesse refúgio seguro para crianças ou adultos.

Hitler se empenhara em conquistar a Polônia, mas, como era comum, não tinha um plano claro sobre o que fazer em seguida. Apenas quando ficou evidente que Stalin saudava a extinção daquele país, o governante alemão decidiu anexar a Polônia Ocidental. Antes da guerra, os nazistas chamavam a Polônia desdenhosamente de *Saisonstaat*, estado temporário. Agora, ela deixava de ser estado em qualquer sentido: Hitler tornara-se o

senhor das terras que continham quinze milhões de poloneses, dois milhões de judeus, dois milhões de habitantes de outras minorias e um milhão de descendentes de alemães. Entre suas principais características estava um ódio reflexo a todos que se opunham à sua vontade. Isso logo se manifestou contra os poloneses — e especialmente, é claro, contra os judeus da Polônia. Um dia, em Lodz, logo após o início da ocupação, Szmulek Goldberg voltava do trabalho quando "encontrou caos nas ruas. Pessoas corriam desabaladas para todos os lados. Alguém parou e me segurou pela manga. 'Esconda-se! Esconda-se!', gritava. 'Os alemães estão capturando judeus à mão armada e levando-os em caminhões.'" Ele viu caminhões passarem, carregados de cativos, numa primeira demonstração séria dos desígnios de Hitler para aquele povo. Nas primeiras semanas de conquista da Polônia, milhares de cidadãos judeus foram assassinados.

Na Grã-Bretanha, uma mãe chamada Tilly Rice, que fora evacuada com os filhos de Londres para um porto de pesca no norte da Cornualha, escreveu, em 7 de outubro, quando a campanha polonesa terminou: "Na casa em que moro, toda a história foi recebida em estupefato silêncio (...) A guerra ainda prossegue, mas como algo distante, com repercussões ocasionais na vida geral da comunidade (...) Minhas próprias reações à situação se tornam cada dia mais indiferentes." A Grã-Bretanha e a França haviam declarado guerra à Alemanha para salvar a Polônia. A Polônia já não existia, e representantes poloneses foram expulsos do Supremo Conselho de Guerra Aliado, onde foram tidos como supérfluos. Muitos políticos e cidadãos britânicos e franceses exigiam respostas: com que objetivo se persistia na guerra? Como poderia ser travada com eficácia? O embaixador dos Estados Unidos em Londres, Joseph Kennedy, perguntou a seu colega polonês, dando de ombros: "Em que parte deste planeta os Aliados podem lutar contra os alemães e vencer?" Embora Kennedy fosse um anglófobo insolente, apaziguador e derrotista, sua pergunta era válida, e os governos aliados não tinham uma boa resposta. Depois da queda da Polônia, o mundo aguardava, perplexo, o que aconteceria a seguir. Uma vez que a França e a Grã-Bretanha não tinham estômago para tomar a iniciativa, o curso da guerra dependia dos caprichos de Adolf Hitler.

2
Nenhuma paz, pouca guerra

Em novembro de 1939, o comitê norueguês do Nobel anunciou que, com grande parte da Europa em guerra, decidira não conceder o prêmio da Paz naquele ano. Apesar disso, aos olhos de muitos britânicos e franceses, o colapso da Polônia condenava à futilidade a luta à qual seus governos os obrigaram. O exército francês, com um pequeno contingente britânico em sua posição tradicional, no flanco esquerdo, combateu forças alemãs na fronteira oriental da França, mas os Aliados não tinham apetite para operações ofensivas, pelo menos enquanto não estivessem mais bem armados. A campanha polonesa havia demonstrado a eficácia da Wehrmacht e da Luftwaffe, embora ainda não seu poder total. O general lorde Gort, comandante da Força Expedicionária Britânica, ficou horrorizado com as condições de algumas unidades do Exército Territorial que chegaram, em outubro, para se juntar às suas cinco divisões mal equipadas. Ele disse que não acreditava que fosse possível ver algo como aquilo no exército britânico: "Os homens não tinham facas, garfos ou canecas."

Os deslocamentos das tropas dos Aliados foram severamente prejudicados pela neutralidade belga. Entendia-se que Hitler, se atacasse no oeste, repetiria a estratégia da Alemanha em 1914, avançando através da Bélgica, mas o rei Leopoldo não quis dar um pretexto para a invasão admitindo a presença de tropas anglo-francesas. Em consequência, os exércitos aliados da ala esquerda passaram a maior parte do gélido inverno de 1939 construindo defesas na fronteira da França, que tinham a intenção de abandonar, em troca de um avanço para a Bélgica no momento em que os alemães atacassem. Os britânicos, que só recentemente haviam adotado o alistamento militar, não dispunham de grandes contingentes de homens treinados que se comparassem aos efetivos de quase todos os países continentais. A tradição antimilitarista da Grã-Bretanha era motivo de orgulho para seu povo, mas, em consequência, o país declarou guerra contra a maior potência da Europa quando só poderia contribuir com limitados reforços terrestres e aéreos para os exércitos franceses posicionados contra a Alemanha. Qualquer iniciativa por terra dependia da vontade do governo de Paris: a França começara o rearmamento antes da Grã-Bretanha, mas ainda aguardava a entrega de grandes encomendas de tanques e de aviões. Os Aliados eram fracos demais para provocar um enfrentamento com a Wehrmacht ou iniciar um ataque aéreo efetivo contra a Alemanha, mesmo que quisessem. Durante o inverno de 1939, a RAF realizou apenas ataques inconstantes e à luz do dia contra navios de guerra alemães, com pesadas baixas e nenhum resultado proveitoso.

O bom senso deveria ter dito aos governos aliados que era improvável que Hitler esperasse para atacar a oeste até que eles estivessem devidamente equipados para desafiá-lo. Porém, por teimosia, convenceram-se de que o tempo estava a seu favor. Eles queriam usar sua força naval para impor um bloqueio contra o Reich. Gamelin falava em lançar uma grande ofensiva terrestre em 1941 ou 1942. Ambos os governos agarravam-se à esperança de que o exército e o povo alemães "tomariam juízo" e reconheceriam a impossibilidade de manter uma luta prolongada. Na Polônia, mantinha-se o pensamento panglossiano dos Aliados, de que o impulso temerário de aquisição territorial de Hitler

alcançara seu último triunfo: os nazistas seriam derrubados pelos alemães sensatos e, depois, um entendimento com o regime sucessor seria buscado.

Os Aliados formalizaram seu processo de tomada de decisões por meio de um Supremo Conselho de Guerra, como o estabelecido no último ano do conflito europeu anterior. Estabeleceu-se que os britânicos e os franceses dividiriam os custos do esforço de guerra à base de 60:40, proporções que refletiam o tamanho relativo de suas economias. A política e o plano de ação da França eram profundamente influenciados pelo medo em relação às esquerdas, prováveis ferramentas de Stalin no futuro. Em outubro de 1939, 35 deputados comunistas foram detidos em nome da segurança nacional. Em março do ano seguinte, 27 deles foram julgados, e a maioria foi condenada, recebendo sentenças de até cinco anos de prisão. Além disso, cerca de 3.400 militantes comunistas foram presos e mais de três mil refugiados comunistas estrangeiros foram confinados.

Um dos erros dos Aliados na preparação de sua estratégia, admitindo-se que houvesse uma, foi se concentrarem no fortalecimento das forças armadas enquanto davam pouca atenção ao moral; ministros ignoraram a influência corrosiva da inatividade no sentimento público. Na cabeça de muitos franceses e britânicos, o esforço de guerra parecia não ter objetivo: seus países comprometeram-se a lutar, mas não iam à luta. Os franceses eram profundamente sensíveis à pressão econômica imposta pela necessidade de sustentar 2,7 milhões de homens armados. Exaltavam aos britânicos as virtudes da ação em quase toda parte, salvo na Frente Ocidental. Atentos ao fato de que a França contou 1,3 milhão de mortos na Primeira Guerra Mundial, evitava-se provocar outro banho de sangue em seu território. Mas suas propostas para operações marginais — por exemplo, uma frente balcânica em Salônica, para prevenir uma agressão alemã na região — não tiveram apoio em Londres. Os britânicos temiam que essa medida apenas provocasse os italianos a se juntarem à Alemanha. Ministros sequer falavam publicamente em criar uma “frente antifascista”, por receio de ofender Benito Mussolini.

Incapazes de definir objetivos militares convincentes, muitos políticos britânicos e franceses desejavam uma paz arranjada com Hitler, desde que ele aceitasse ter alguma moderação em suas ambições territoriais, para manter as aparências; seus povos reconheciam o fato, cunhando as frases “Guerra de Mentira” e “Guerra Enfadonha”. A organização de pesquisa social Mass Observation falou de “um forte sentimento no país de que não vale a pena prosseguir com a maldita guerra (...) Suspeitamos que Hitler ganhou o primeiro *round* noticioso desta guerra. Foi capaz de oferecer ao seu povo uma tremenda história de sucesso: a Polônia”.

É difícil superestimar o impacto de meses de passividade no espírito das forças francesas. Em novembro de 1939, o comandante britânico Alan Brooke descreveu suas sensações ao testemunhar um desfile do IX Exército francês: “Raramente vi tanto desmazelo (...) homens com a barba por fazer, cavalos malcuidados, completa ausência de orgulho de si mesmos ou de suas unidades. O que mais me chocou, porém, foi a expressão no rosto dos homens, expressão de contrariedade e de insubordinação (...) Não pude deixar de me perguntar se os franceses ainda são uma nação forte o suficiente para novamente cumprirem seu papel e levarem essa guerra até o fim.” Milhares de poloneses exilados que se somaram às forças francesas notavam, com desânimo, as atitudes equívocas mostradas por seus aliados: o piloto Franciszek Kornicki escreveu que “tanto os comunistas como os fascistas franceses trabalhavam contra nós, e Lyon estava repleta

dos primeiros. Um dia, alguém fazia um gesto amistoso, mas, no dia seguinte, outra pessoa nos xingava".

Um soldado francês, o escritor Jean-Paul Sartre, escreveu em seu diário, em 26 de novembro: "Todos os homens (...) estavam ansiosos para ir, no início, mas agora morrem de tédio." Outro soldado, Georges Sadoul, escreveu, em 13 de dezembro: "Os dias passam, infindáveis e vazios, sem qualquer ocupação (...) Os oficiais, na maioria reservistas, não pensam de forma diferente dos homens (...) Sente-se que estão cansados da guerra, dizem e repetem que gostariam de ir para casa." Em 20 de fevereiro de 1940, Sartre observou: "A máquina de guerra está em ponto morto (...) Ainda ontem um sargento me dizia, com um brilho de insana esperança nos olhos: 'Acho que tudo será arranjado, a Inglaterra vai recuar.'"

Os britânicos estavam igualmente perplexos. Jack Classon, jovem vendedor de Everton, Lancashire, escreveu a um amigo no exército: "A guerra não parece avançar, não é? Lemos uma coisa no jornal pela manhã que é desmentida no dia seguinte, e isso está acabando com os negócios. Você pode culpar pela minha depressão as cortinas pretas que escurecem a loja e as janelas azuladas que nos fitam quando subimos a escada (...) O cinema Curzon teve como convidado, há mais ou menos uma semana, Henry Croudson, o organista (...) algumas pessoas gostam mais do que dos filmes, e seu número mais popular no momento é "We'll Hang Out the Washing On the Siegfried Line" [Vamos estender a roupa na linha Siegfried]. A plateia enlouquece quando ele toca essa."

Um milhão e meio de mulheres e de crianças britânicas, evacuadas das cidades sob a ameaça de bombardeios alemães, sentiam a agonia da saudade de casa num ambiente rural não familiar. Uma delas, Derek Lambert, de nove anos e original de Muswell Hill, em Londres, contou posteriormente: "Ocupávamos camas estranhas e nos deitávamos com os punhos cerrados. Os dedos dos pés tocavam em bolsas de água quente, e as mãos, em sacos de seda com lavanda antiga dentro dos travesseiros. Uma coruja piava, asas roçavam a janela. Lembrava-me dos ruídos londrinos de trens e de motos distantes, os galhos se quebrando, o cão do vizinho, o zumbido do rádio, o gemido no quinto andar e o pigarro das dez e meia; lembrava-me do papel de parede familiar onde se podia remar uma canoa pelas corredeiras ou conduzir um trem pelos vastos cortes (...) Soluçávamos numa terrível desolação."

A maioria dos evacuados pertencia às classes mais baixas e chocava os rústicos anfitriões com seus trapos e hábitos anárquicos: crianças urbanas, vítimas da Depressão dos anos 1930, não estavam habituadas a refeições em horas certas, algumas nem mesmo a garfos e facas. Elas estavam acostumadas a sobreviver com "pedaços" — pão e margarina, peixe e batatas fritas — consumidos enquanto andavam, junto com enlatados e doces. Não gostavam de sopas, pudins e hortaliças, à exceção de batatas. Muitas demonstravam sua alienação recorrendo a pequenos atos de delinquência. Os hábitos das mães horrorizavam as calmas comunidades rurais: "As pessoas da aldeia se opunham aos refugiados principalmente por causa da imundície de seus hábitos e de suas roupas", registrou Muriel Green, empregado de uma oficina em Snettisham, Norfolk. "Também por causa de suas conhecidas bebedeiras e linguagem obscena. Não é comum nessas aldeias mulheres xingarem ou entrarem num pub. Os aldeões se horrorizavam ao vê-las saírem dos bares. O proprietário da colônia de férias disse: 'Você precisa ver como elas bebem.'" Perto do Natal, com a Grã-Bretanha ainda não bombardeada, a maioria dos refugiados voltara para suas casas na cidade, para alívio tanto deles mesmos quanto de seus anfitriões rurais.

Se havia pouca substância no esforço de guerra da Grã-Bretanha, símbolos não faltavam: edifícios públicos protegidos por sacos de areia, balões de barragem flutuando sobre Londres, um blecaute rigoroso nas horas de escuridão. Antes que a paz chegasse, acidentes durante os blecautes mataram mais gente do que a Luftwaffe: nos últimos quatro meses de 1939, houve 4.133 mortes nas estradas, sendo 2.657 de pedestres, quase o dobro do mesmo período em 1938. Muitas outras pessoas morreram em consequência de outros tipos de acidentes: cerca de 18% dos entrevistados por pesquisadores de Princeton, em dezembro de 1940, disseram ter-se machucado andando no escuro, e 75% dos consultados achavam que as precauções contra os ataques aéreos deveriam ser diminuídas. Os regulamentos de defesa eram aplicados com tal rigor que dois soldados que saíam do banco dos réus em Old Bailey, depois de terem sido condenados à morte por assassinato, foram repreendidos porque não pegaram suas máscaras contra gases. A defesa civil alistou 2,5 milhões de pessoas.

Grandes áreas no sul da Inglaterra e espaços públicos urbanos foram reservados para o cultivo de milho e de vegetais. Um agricultor de Wiltshire, Arthur Street, arou seus pastos em obediência ao governo e despediu-se de seu amado cavalo de caça, que partiu para ser treinado para trabalhar nos arreios. Muitos cavalos de passeio se adaptaram mal a essas humildes obrigações, mas o *jorrocks* de Street "trotou para casa como um cavalheiro", nas palavras do agricultor, e "desde aquele dia tem transportado o leite, puxado o semeador no plantio do trigo, arado e feito todo tipo de trabalho, sem contratempo (...) O que ele acha disso, não sei. Não tem ideia do que rola e chacoalha atrás dele, e a posição de suas orelhas mostra que está um pouco preocupado. Mas, como nunca o desapontamos, deve imaginar que não vamos desapontá-lo agora, então desempenha suas tarefas de guerra como o cavalheiro que é". Agricultores que lutaram para escapar da falência nos anos 1930 entraram subitamente numa nova era de prosperidade.

Setecentos fascistas foram confinados, embora a maioria dos aristocratas que flertaram com Hitler tenha sido poupada. "Sem dúvida, é espantoso que nenhum desses senhores tenha sido punido por sua associação com o regime nazista antes da guerra", queixou-se a comunista britânica Elizabeth Belsey em carta para o marido, que era soldado. Se os britânicos tivessem imitado a política francesa em relação aos comunistas, milhares de sindicalistas e parte substancial da classe intelectual teriam sido encarcerados, mas esses também foram deixados em liberdade. Ainda havia muita tolice no ar: o Royal Victoria Hotel, em St. Leonards-on-Sea, anunciando suas atrações no jornal *The Times*, afirmou que: "O salão de baile e os banheiros adjacentes agora são à prova de gás e de estilhaços." Anúncios em busca de empregados domésticos faziam poucas concessões ao recrutamento: "Procura-se: segunda criada de três; salário de 42 libras por ano; duas senhoras na família; nove empregados mantidos." O arcebispo de Canterbury declarou que aos cristãos era permitido rezar pela vitória, mas o arcebispo de York discordou. Embora a guerra fosse justa, disse ele, não era sagrada: "Devemos evitar pedir o mal dos outros em nossas orações." Alguns sacerdotes aconselharam os fiéis a pedirem ao Todo-Poderoso que os ajudasse a ter caridade: "Livrai-me da amargura e do ódio contra o inimigo." Cristãos britânicos se irritaram, porém, quando em novembro o papa enviou uma mensagem felicitando Hitler por escapar de uma tentativa de assassinato.

Centenas de milhares de jovens treinaram na Inglaterra, com equipamentos inadequados e expectativas incertas, embora achassem que alguns morreriam. O tenente

Arthur Kellas, do Regimento de Fronteira, tinha certeza de que sobreviveria, mas indagava-se sobre o destino dos colegas oficiais: “Eu imaginava quais deles morreriam. Seria Ogilvy, um jovem tão bom, tão preocupado com a mãe em Dundee? Ou Donald, tão bonito, confiante e cheio de si? Ou Hunt, recém-casado, próspero na City, em Londres? Germain? Dunbar? Perkins, a quem atormentávamos sem piedade? Ou Bell, de quem tivemos inveja quando foi transferido para a glória do primeiro batalhão na linha de frente na França, o primeiro entre nós a ser promovido para o First Fifteen, deixando para trás uma irmã tão bonita em Whitehaven? Afinal, acontecera com nossos pais. Supostamente, nossa Guerra seria muito parecida com a anterior.”

Eram tão jovens. Quando o soldado territorial Doug Arthur, de dezoito anos, desfilava com sua unidade diante de uma igreja em Liverpool, pouco antes de embarcar para servir além-mar, constrangeu-se ao ser apontado por uma mulher, entre uma multidão de donas de casa emocionadas: “Olhem aquele ali, meninas”, disse ela, com pena. “Deveria estar em casa com a mãe. Não ligue, menino, você vai ficar bem. Deus o abençoe. Ele vai olhar por você, você sabe. Aquele desgraçado do Hitler tem muitas contas a prestar. Eu queria botar as malditas mãos nele por cinco malditos minutos, o canalha.”

O presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, escreveu para seu embaixador em Londres, Joseph Kennedy, em 30 de outubro de 1939: “Ainda que a [Primeira] Guerra Mundial não tenha revelado grandes líderes na Grã-Bretanha, esta pode fazê-lo, porque estou inclinado a pensar que o povo britânico tem mais humildade do que antes e, aos poucos, mas com firmeza, se livra da atitude de ‘ir levando’ adotada no passado.” O otimismo de Roosevelt se justificaria no fim, mas somente depois de “ir levando” por muitos meses.

• • •

O próximo ato da luta aumentou a perplexidade e a confusão entre lealdades no mundo, pois a iniciativa não veio de Hitler, mas de Stalin. Como todos os tiranos europeus, o líder russo interpretava o conflito que se desenrolava em termos de oportunidades para expansão. No outono de 1939, garantida a posse da Polônia Oriental, ele procurou reforçar ainda mais a posição estratégica da União Soviética, invadindo a Finlândia. O país, uma vasta região de lagos e florestas, pouco povoada, era um dos muitos cujas fronteiras — a rigor, cuja própria existência — eram muito recentes e, por isso, vulneráveis a contestação. Parte integrante da Suécia até as guerras napoleônicas, o país fora governado pela Rússia até 1918, quando antibolcheviques finlandeses triunfaram numa guerra civil.

Em outubro de 1939, Stalin determinou o reforço da segurança em Leningrado, apenas cinquenta quilômetros dentro do território soviético, empurrando a fronteira no istmo da Carélia e ocupando ilhas controladas pelos finlandeses no mar Báltico; ele também cobiçava as minas de níquel na costa setentrional da Finlândia. Uma delegação convocada para ouvir as exigências de Moscou provocou incredulidade internacional ao rejeitá-las. A ideia de que um país com 3,6 milhões de pessoas pudesse resistir ao Exército Vermelho parecia fantástica, mas os finlandeses, apesar de fracamente armados, eram nacionalistas ao ponto da loucura. Arvo Tuominen, importante comunista finlandês, recusou o convite de Stalin para formar um governo títere de oposição e mergulhou na clandestinidade.

Disse ele: "Seria errado, seria criminoso, não retratava o governo livre e pertencente ao povo."

Às 9h20, em 30 de novembro, aviões russos lançaram o primeiro de muitos ataques a bomba contra Helsinque, causando poucos danos, salvo à legação soviética e aos nervos do embaixador britânico, que pediu para ser substituído. As forças russas avançaram pela fronteira em vários pontos. Os finlandeses gracejavam: "São tantos, e nosso país é tão pequeno, onde acharemos espaço para enterrar todos eles?" A defesa do país foi confiada ao marechal Carl Gustav Mannerheim, de 72 anos, herói de muitos conflitos, mais recentemente na guerra civil da Finlândia. Como oficial czarista em Lhasa, Mannerheim certa vez ensinara o Dalai Lama a atirar usando uma pistola; falava sete idiomas, com menos fluência o finlandês. Sua arrogância era comparável à de Charles de Gaulle; sua crueldade manifestara-se no expurgo dos derrotados comunistas finlandeses em 1919-1920.

Nos anos 1930, Mannerheim construíra uma linha de fortificações no istmo da Carélia, que recebeu seu nome. Ele não tinha ilusões quanto à fraqueza estratégica de seu país e insistira numa conciliação com Stalin. Mas, quando seus compatriotas optaram pela luta, preparou a defesa com frio profissionalismo. Antes que os russos atacassem, os finlandeses adotaram uma política de terra arrasada, evacuando cem mil civis das áreas em que os russos avançariam; alguns deles adotaram atitudes de um estoicismo impressionante diante do sacrifício: guardas da fronteira que aconselharam uma senhora idosa a deixar sua casa, que seria queimada, espantaram-se quando descobriram, ao voltar, que a mulher varrera e limpara a casa antes de partir. Sobre a mesa havia fósforos, lenha e um bilhete: "Quando se dá um presente à Finlândia, deseja-se que ele pareça novo." Mas foi uma tarefa angustiante destruir as casas e as instalações nos arredores do centro de mineração de níquel de Petsamo, construídas com trabalho e dificuldades infinitos acima do Círculo Ártico. A zona da fronteira foi saturada de explosivos camuflados: minas acionadas por fios de tropeço foram instaladas para destruir o gelo diante dos invasores que entrassem sobre os lagos congelados.

Stalin empregou doze divisões para atacar um número igual de setores. A maioria dos soldados era informada de que a Finlândia atacara a União Soviética, mas alguns não acreditavam e sentiam-se desnorteados. O capitão Ismael Akhmedov ouviu um camponês ucraniano perguntar: "Camarada comandante, diga-me uma coisa, por que lutamos essa guerra? O camarada Voroshilov não declarou, no congresso do partido, que não queremos uma polegada de terra de ninguém e não cederemos uma polegada de nossa terra? E agora vamos lutar? Para quê?" Um oficial tentou explicar os perigos em aceitar uma fronteira tão perto de Leningrado, mas as ambições estratégicas de Moscou despertavam pouco entusiasmo entre aqueles que receberam ordem para realizá-las, cuja grande maioria era constituída de reservistas locais convocados às pressas.

Stalin não se perturbou. Confiando que sua força de ataque de 120 mil homens, seiscentos tanques e mil canhões poderia romper a linha Mannerheim, ignorou as advertências de seus generais sobre os restritos acessos à Finlândia. Tanques e viaturas eram obrigados a avançar em estreitos eixos de progressão entre lagos, florestas e pântanos. Ainda que os finlandeses tivessem pouca artilharia e armas anticarro, os ataques soviéticos eram tão ineptos que os defensores destroçavam suas colunas com fuzis e metralhadoras. Os vastos ermos nevados no leste da Finlândia logo se tingiram profundamente de sangue; alguns defensores sucumbiram à fadiga nervosa depois de abaterem, por horas a fio, os russos que se aproximavam. Os soviéticos sofreram baixas

de 60%, em grande parte porque os tanques avançavam sem o apoio da infantaria. A maioria caía vitimada por armas primitivas, em especial garrafas cheias de gasolina com pavio aceso, que explodiam em fogo líquido quando se arrebentavam contra as viaturas. Apesar de terem sido usadas antes, na Guerra Civil Espanhola, foi na Finlândia que o apelido "cesta de pão molotov", e mais tarde "coquetel molotov", entrou no jargão militar.

Mannerheim observou, de forma seca, que os atacantes chegavam "com um fatalismo incompreensível para um europeu". Um histérico comandante de batalhão soviético disse aos seus oficiais: "Camaradas, nosso ataque não teve êxito; o comandante da divisão acaba de me dar a ordem pessoalmente: em sete minutos, atacaremos novamente." Mais uma vez, as colunas soviéticas prosseguiram com dificuldade — e foram massacradas. Algumas unidades finlandesas adotaram táticas de guerrilha em larga escala, atacando as unidades soviéticas a partir das florestas e batendo em retirada. Sua intenção era desarticular as formações dos atacantes e destruí-las pouco a pouco, em confrontos chamados *motti* — batalhas "corte de lenha" — partindo em pedaços a frente inimiga. Entre os heróis da campanha estava o tenente-coronel Aaro Pajari, que teve um colapso cardíaco durante uma luta, mas, de alguma forma, conseguiu continuar. Como a maioria de seus compatriotas, Pajari era um soldado amador, porém alcançou, em Tolvajärvi, uma pequena e notável vitória contra forças muito superiores. Durante semanas de combates em Kollaa, os finlandeses posicionaram dois canhões franceses de nove centímetros forjados em 1871, que disparavam com cargas de pólvora negra. No setor norte, a defesa foi apoiada por um trem blindado de 1918, que se movimentava rapidamente entre pontos ameaçados.

O Exército Vermelho estava grotescamente mal equipado para uma guerra de inverno: sua 44ª Divisão, por exemplo, distribuiu aos homens um manual de táticas de esqui, mas não havia esquis; nas primeiras semanas, os tanques russos sequer eram pintados de branco. Os finlandeses, ao contrário, despachavam patrulhas de esquiadores para abrir estradas atrás do front e atacar colunas de suprimentos, em geral à noite. Um regimento finlandês de Caçadores foi comandado pelo coronel Hjalmar Siialsvuo. Advogado em tempos de paz, baixo, louro e firme, ele mobilizou a trabalhosa defesa da aldeia de Suomussalmi e, no final, viu-se no comando de uma divisão. Os russos ficaram impressionados com a proficiência dos francoatiradores finlandeses, a quem chamavam de "cucos". O chefe do estado-maior do IX Exército do general Vasily Chuikov produziu uma análise dos fracassos soviéticos em que concluía que a ofensiva ficara muito presa às estradas: "Nossas unidades, saturadas de tecnologia (especialmente artilharia e viaturas de transportes), são incapazes de manobrar e de combater nesse teatro de operações." Soldados, disse ele, têm "medo da floresta e não sabem esquiar".

Os finlandeses reprovavam o modo como seus inimigos guerreavam: um general russo desesperado tentou limpar um campo minado fazendo com que uma manada de cavalos avançasse sobre ele, e os defensores, que amavam os animais, ficaram horrorizados com a carnificina. Um homem que contemplava um monte de cadáveres russos no setor norte disse: "Os lobos comerão bem este ano." Carl Mydans, fotógrafo da revista americana *Life*, descreveu a cena num dos campos de batalha congelados: "A luta estava quase no fim enquanto caminhávamos pela trilha bordejada de neve que saía da estrada para o rio (...) Os russos mortos manchavam a crosta de gelo. Jaziam solitários e contorcidos em suas pesadas capas impermeáveis e botas de feltro deformadas, com as

faces amareladas e os cílios embranquecidos pela neve. Do outro lado do gelo, espalhavam-se pela floresta armas, fotos, cartas, salsichas, pães, sapatos. Ali estavam as carcaças de tanques com as esteiras destruídas, carroças, cavalos e homens destruídos, bloqueando a estrada e poluindo a neve debaixo dos pinheiros altos e escuros."

No mundo inteiro, o ataque soviético provocou perplexidade, reforçada pelo fato de que a suástica era um símbolo finlandês de boa sorte. O sentimento popular era fortemente favorável às vítimas: na Itália fascista, houve manifestações pró-finlandeses. Os britânicos e os franceses viram a ação de Stalin como mais uma prova da colaboração predatória russo-germânica manifestada na Polônia, embora Berlim, na realidade, não tomasse parte na ofensiva. Houve uma onda de entusiasmo entre os Aliados sobre enviar ajuda militar à Finlândia. O general francês Maxime Weygand escreveu para Gamelin recomendando essa opção com urgência, que, aos olhos franceses, tinha a virtude suprema de afastar a guerra da França. "Considero essencial quebrar a espinha da União Soviética na Finlândia (...) e em outros lugares." Contudo, apesar de intensa discussão sobre possíveis expedições anglo-francesas à Finlândia nos meses que se seguiram, as dificuldades práticas pareciam avassaladoras. Se Winston Churchill fosse o primeiro-ministro britânico, é provável que tivesse deflagrado operações contra os russos. Mas o governo Neville Chamberlain, em que Churchill, o Primeiro Lorde do Mar, representava uma voz minoritária em favor de uma Inglaterra proativa, não tinha estômago para uma declaração de guerra gratuita contra a União Soviética quando a ameaça alemã ainda não havia sido respondida.

O marechal Mannerheim conduziu sua campanha com uma rotina pessoal meticulosa: era acordado às 7 horas em seu alojamento no Hotel Seurahuone, em Mikkeli, cerca de 65 quilômetros atrás do front, aparecia imaculadamente fardado para o café da manhã, uma hora depois, e seguia de carro para seu quartel-general, numa escola abandonada, a poucas centenas de metros. Na minúscula e íntima sociedade da Finlândia, ele insistia que lhe lessem em voz alta as listas de baixas, nome por nome. Nas primeiras semanas de guerra, conhecendo as limitações de seu exército, resistiu resolutamente aos apelos de subordinados para avançar e aproveitar seus êxitos, mas, em 23 de dezembro, um contra-ataque finlandês foi lançado no istmo da Carélia. A infantaria avançou, gritando “*Hakkaa*

pääle!" — "Acabem com eles!" —; sem apoio de artilharia e aéreo, os infantes foram repelidos, sofrendo pesadas perdas.

O governo finlandês jamais teve a ilusão de que o país pudesse derrotar definitivamente os russos: sua única aspiração era tornar o preço das ambições de Stalin proibitivamente alto. Essa estratégia estava condenada, porém, diante de um inimigo indiferente ao sacrifício humano. A resposta de Stalin aos reveses — a rigor, às humilhações — da ofensiva de dezembro foi substituir os altos oficiais que fracassaram — um comandante de divisão foi fuzilado e outro passou o resto da guerra no *gulag* — e enviar reforços maciços. Foram construídas estradas de gelo, capazes de suportar tanques, com toras que eram jogadas na neve pisoteada e pulverizadas com água para congelarem. Os finlandeses começaram a guerra com munição de artilharia para três semanas e combustível e munição de armas portáteis para sessenta dias; em janeiro, esses estoques estavam quase exauridos.

O mundo saudou os êxitos iniciais da Finlândia com admiração: Mannerheim tornou-se um herói popular na Europa Ocidental, e o primeiro-ministro francês, Edouard Daladier, prometeu aos finlandeses reforços de cem aviões e cinquenta mil homens antes do fim de fevereiro, mas nunca levantou um dedo para cumprir a promessa. O escritor Arthur Koestler, em Paris, escreveu desdenhosamente que a animação francesa com as vitórias finlandesas lembrava "a do *voyeur* que se excita e se satisfaz assistindo às façanhas viris de outras pessoas, que é incapaz de imitar". Na Grã-Bretanha, a esquerda, representada pelo semanário *Tribune*, a princípio ofereceu apoio intelectual à causa de Moscou, depois, abruptamente, mudou sua lealdade, passando a apoiar os finlandeses.

Churchill viu a ação soviética como diretamente ligada à agressão nazista. O Primeiro Lorde do Mar regozijou-se com o fracasso de Stalin, declarando, numa transmissão radiofônica em 20 de janeiro de 1940: "A Finlândia, soberba — melhor, sublime — nas garras do perigo, mostra do que homens livres são capazes. O serviço prestado pela Finlândia à humanidade é magnífico. Eles expuseram, para que todo o mundo veja, a incapacidade militar do Exército Vermelho e da Força Aérea Vermelha. Muitas ilusões sobre a Rússia Soviética foram desfeitas nestas poucas semanas ferozes de luta no Círculo Ártico. Qualquer um pode ver como o comunismo corrompe a alma de uma Nação; como a torna abjeta e faminta na paz e se prova vil e abominável na guerra."

Esse tipo de retórica encorajava os finlandeses. Um membro conservador do Parlamento britânico, Harold Macmillan, que visitou o país reportou a fala de uma cobradora de Helsinque: "As mulheres da Finlândia continuarão lutando, porque acreditam que vocês ajudarão." Oito mil suecos e oitocentos noruegueses e dinamarqueses, assim como uns poucos civis americanos e britânicos, ofereceram-se para lutar; alguns chegaram à zona de guerra, mas não tiveram qualquer serventia. A Grã-Bretanha tinha poucas armas para suas forças armadas e nada de significativo que pudesse desperdiçar num país que, mesmo lutando com bravura, não combatia a potência contra a qual ela estava em guerra. Trinta caças biplanos Gloster Gladiator foram enviados, entre os quais dezoito foram perdidos em combate em dez dias; os finlandeses foram obrigados a pagar em espécie pelos aparelhos, numa amostra antecipada da política americana de neutralidade em relação à Grã-Bretanha.

Não havia dúvida da força do sentimento britânico em favor da Finlândia, mas praticamente nada foi traduzido em ações, exceto preparar uma expedição a Narvik, porto neutro e livre de gelo no norte da Noruega. Os Aliados eram atraídos pelo pretexto de

ajudar os finlandeses a se estabelecerem na Noruega e cortarem a ligação de inverno da Alemanha com as minas de minério de ferro da Suécia. O cinismo que caracterizara a política dos Aliados durante a campanha polonesa voltou a se manifestar. Nos primeiros meses de 1940, Londres e Paris insistiram que os finlandeses continuassem lutando, porque, caso desistissem, não haveria desculpa para intervir na Noruega. Uma proposta francesa extravagante para desembarcar uma força expedicionária em Petsamo, na costa setentrional, foi vetada pelos britânicos, que ainda recusavam um confronto direto com os russos.

• • •

Em meados de janeiro, começou uma nova onda de ataques à Finlândia. Numa posição, quatro mil russos atacaram 32 finlandeses; perderam quatrocentos homens, mas somente quatro defensores sobreviveram. Em 1º de fevereiro, os invasores lançaram um bombardeio intenso contra a linha Mannerheim, seguido pela infantaria e viaturas blindadas, com força esmagadora. A artilharia finlandesa, tal se encontrava naquele momento, havia praticamente exaurido sua munição, porém os defensores mantiveram suas posições durante duas semanas. Um oficial, Wolf Halsti, escreveu, em 15 de fevereiro: “No começo da tarde, apareceu diante de nossa barraca um segundo-tenente da reserva, na verdade uma criança, perguntando se podíamos ceder algum alimento para ele e seus homens (...) era encarregado de um pelotão de ‘homens’ que mal tinham idade para fazer a barba. Estavam com frio, amedrontados e famintos, e se juntariam às tropas na barricada em frente a Lähde.” No dia seguinte, Halsti acrescentou: “O mesmo segundo-tenente da reserva voltou, com sangue nas roupas, pedindo mais comida (...) perdeu canhões e metade de seus homens quando os russos penetraram.” O sofrimento dos finlandeses era igualado pelo dos inimigos, especialmente aqueles encurralados durante semanas em posições cercadas. Um soldado russo escreveu, em 2 de fevereiro: “Está particularmente frio nesta manhã, quase 35 graus negativos. Não consegui dormir por causa do frio. Nossa artilharia atirou a noite toda. Quando acordei, fui cagar, mas os finlandeses abriram fogo e uma bala atingiu o chão entre minhas pernas. Eu não cagava desde 25 de janeiro.”

O esforço unilateral não podia continuar indefinidamente. O governo finlandês fez um último e inútil apelo pela ajuda sueca. Os britânicos e franceses ofereceram contingentes simbólicos de tropas, que embarcaram em navios-transporte, mas ainda não haviam zarpado quando, em 12 de março, uma delegação finlandesa assinou um armistício em Moscou. Minutos antes de o armistício entrar em vigor, os soviéticos lançaram um último e vingativo bombardeio contra suas vítimas vencidas. Um oficial finlandês escreveu para a família: “Uma coisa é certa: não fugimos. Estávamos preparados para lutar até o último homem. Andamos de cabeça erguida porque lutamos com todas as nossas forças durante três meses e meio.”

Carl Mydans viu-se num trem para a Suécia com três oficiais finlandeses, um dos quais puxou conversa com o americano: “Pelo menos você vai dizer a eles que lutamos bravamente.” Mydans balbuciou que sim. Então, o coronel perdeu as estribeiras: “Seu país ajudaria (...) Vocês prometeram e nós acreditamos.” Ele agarrou Mydans e sacudiu-o, gritando: “Meia dúzia de malditos caças Brewster sem peças sobressalentes! E os

britânicos nos mandaram canhões da última guerra que sequer funcionavam!” E o finlandês irrompeu em soluços.

A paz que Stalin impôs deixou o mundo inteiro pasmo, por sua moderação. Ele fez valer suas exigências territoriais anteriores à guerra, correspondentes a 10% do território da Finlândia, mas se absteve de ocupar todo o país, como provavelmente poderia ter feito. Parece que não se sentiu à vontade para provocar a cólera internacional num momento em que questões muito maiores estavam em jogo. Sua confiança também fora abalada por suas perdas — pelo menos 127 mil mortos, talvez até 250 mil, contra 48.243 finlandeses mortos e 420 mil desabrigados. Prisioneiros soviéticos libertados pelos finlandeses foram despachados por Stalin para o *gulag*, a fim de refletirem sobre sua traição ao aceitar o cativeiro.

A campanha da Finlândia foi irrelevante para o confronto entre a Alemanha e os Aliados, mas teve grande influência nas duas estratégias: ambos concluíram que a União Soviética era um tigre de papel, que os exércitos de Stalin eram fracos e que seus comandantes eram uns trapalhões incompetentes. Depois do armistício, a Finlândia, não tendo ajuda significativa da Grã-Bretanha e da França, voltou-se para a Alemanha em busca de assistência para rearmar suas forças, o que Hitler ficou feliz em oferecer. Os russos aprenderam lições vitais na guerra finlandesa e começaram a equipar o Exército Vermelho com roupas de inverno, camuflagem para a neve e lubrificantes para temperaturas negativas, providências que teriam papel fundamental em campanhas futuras. O mundo, porém, viu apenas que o prestígio russo fora rebaixado por um dos menores países da Europa.

• • •

Mesmo enquanto a Finlândia lutava para sobreviver, durante o inverno de 1939-1940, os exércitos Aliados tiritavam de frio em trincheiras e casamatas bloqueadas pela neve na fronteira da Alemanha. Churchill, o Primeiro Lorde do Mar, esforçou-se para extrair cada grama de exaltação e de propaganda das escaramuças da Marinha Real, com U-boats e navios de superfície alemães. Houve um episódio sensacional, em 13 de dezembro, quando três cruzadores britânicos encontraram o muito mais bem armado “encouraçado de bolso” alemão *Graf Spee*, na costa do Uruguai. Durante a batalha, o esquadrão britânico foi severamente avariado, mas o *Graf Spee* sofreu danos que o obrigaram a buscar refúgio em Montevidéu. O navio foi posto a pique pelos próprios alemães em 17 de dezembro, em vez de arriscar-se em outra batalha, e seu capitão suicidou-se, num resultado alardeado como uma conveniente vitória aliada. Os britânicos esforçavam-se para fazer amigos no outro lado do Atlântico ou, pelo menos, para moderar sua belicosidade e não contrariar a opinião americana. Quando soube que os americanos estavam furiosos com as inspeções de seus navios feitas pela Marinha Real, à procura de contrabandos, Churchill ordenou, em 29 de janeiro, que não se rebocasse nenhum navio americano na zona de guerra britânica, embora essa concessão fosse mantida em segredo para não ofender outros países neutros, cujos navios continuaram sujeitos a inspeções.

Enquanto isso, líderes e comandantes dos Aliados discutiam: o pensamento francês continuava dominado pela determinação em rejeitar um desafio militar direto a Hitler; eles não queriam sequer bombardear o densamente industrializado Sarre, facilmente ao

seu alcance. O governo Daladier, favorável a uma iniciativa tão distante quanto possível da França, sentia-se atraído pela ideia de intensificar o bloqueio contra a Alemanha com a interdição de seus suprimentos de minério de ferro vindos da Suécia. Para tanto, seria necessário violar a neutralidade norueguesa, minando a rota de navegação costeira para forçar os navios alemães a saírem para alto-mar, ou desdobrando tropas e aviões no litoral, ou usando ambas as estratégias. O primeiro-ministro e o secretário de Exterior da Grã-Bretanha, Neville Chamberlain e lorde Halifax, relutavam em adotar essa opção, apesar da insistência de Churchill. Muitos dias foram dedicados ao planejamento e à preparação de uma expedição à Noruega, mas a ação foi repetidamente protelada.

O general Sir Edmund Ironside, comandante do exército britânico, escreveu: "Os franceses (...) propõem as ideias mais extravagantes. São absolutamente inescrupulosos em tudo." Gamelin diria: "A opinião pública não sabia o que queria, mas queria outra coisa e, acima de tudo, queria ação." Um oficial da marinha francesa e posteriormente historiador, Jacques Mordal, escreveu com desprezo: "A ideia é fazer algo, ainda que estúpido." Um plano britânico para minar o Reno tornou-se o novo foco de atritos: Paris temia provocar a retaliação alemã.

Os povos dos países aliados quase nada sabiam sobre esses debates e viam seus exércitos inertes na fronteira sob a neve, cavando trincheiras e contemplando os alemães do outro lado. Uma sensação de vazio afligia jovens e velhos, líderes nacionais e cidadãos humildes. "Todo mundo está se casando, noivando ou tendo filhos", escreveu a datilógrafa de Liverpool Doris Melling, de 23 anos, em 7 de abril. "Isso me faz sentir sem graça e alienada." Mas ela não ficou impressionada com a afirmação impertinente do colunista lorde Castlerosse, no *Sunday Express* daquele dia, de que qualquer moça que não achasse um marido até o fim da guerra não estava realmente se esforçando. "A vida conjugal da maioria de meus amigos é tão confusa — sem casa adequada, fechados no trabalho ou coisas parecidas."

Maggie Joy Blunt, de trinta anos, que escrevia sobre arquitetura e tinha fortes convicções esquerdistas, morava em Slough, oeste de Londres. Ela observou, em 16 de dezembro de 1939, que lhe parecia mais notável, com relação à guerra até aquela altura, que quase nada havia mudado na vida das pessoas:

> Tivemos de suportar certos inconvenientes — o blecaute, o racionamento de gasolina, mudanças nos serviços de ônibus e trens, falta de diversão teatral, alta do preço dos alimentos, escassez de artigos como baterias para lâmpadas elétricas, açúcar, manteiga. Muitos adultos fazem serviços que nunca fizeram e que jamais esperaram fazer. Mas não houve qualquer mudança essencial em nossa maneira de viver, em nossos sistemas de emprego e de educação, em nossas ideias ou ambições (...) É como se tentássemos jogar mais uma partida de tênis antes que caísse uma tempestade próxima (...) Um membro do Parlamento local (...) disse que não era a favor desta guerra "meio adormecida". Espalhar panfletos [na Alemanha] não é mais eficaz do que espalhar confetes. Lamento dizer, mas precisaremos fazer os alemães sofrerem para que a paz seja possível.

O que ela e seus compatriotas não sabiam era que durante o inverno de 1939 os nazistas também estavam às voltas com muitos problemas. A Alemanha entrara na guerra à beira da falência, em razão dos gastos de Hitler com armamentos. Havia tão pouco dinheiro para os serviços públicos que o sistema ferroviário desmoronava e era preocupante a pequena quantidade de material rodante: dois desastres graves mataram 230 pessoas, provocando a revolta da população. Como os nazistas estavam longe de fazer os trens circularem com pontualidade, a indústria sofria com interrupções no fornecimento de carvão enquanto a Gestapo reportava queixas generalizadas contra os instáveis serviços de transporte de passageiros. O bloqueio dos Aliados provocara o colapso do mercado de exportação da Alemanha e uma séria falta de matéria-prima. Hitler queria lançar uma grande ofensiva a oeste, em 12 de novembro, e se irritou quando a Wehrmacht insistiu em adiar o ataque até a primavera. Os generais achavam que o clima era amplamente desfavorável a uma grande ofensiva e reconheciam as deficiências demonstradas na Polônia: suas viaturas e armas eram insuficientes. Enquanto o exército se expandia, a mão de obra industrial de 24,5 milhões em maio de 1939 perdeu quatro milhões de pessoas. A política industrial caracterizava-se por oscilações descontroladas e cortes de produção arbitrários, forçados pela escassez de aço.

Tomou-se uma decisão que influenciaria a produção alemã de material bélico durante anos: concentrar esforços imediatos na fabricação de munição e de bombardeiros leves Ju88. A Luftwaffe se convenceu de que o Ju88 era uma arma que ganharia a guerra, e o avião, de fato, prestou um serviço notável. Mais tarde, porém, a falta de aeronaves de nova geração tornou-se séria desvantagem. A marinha alemã continuava fraca — nas palavras sombrias do almirante Raeder, “nem de longe adequadamente armada para a grande luta (...) pode somente demonstrar que sabe ir a pique com dignidade”. No papel, a força militar da Alemanha, no inverno de 1939, era apenas marginalmente superior à dos Aliados. Diante dessas dificuldades, é notável que Hitler retivesse seu domínio psicológico do conflito. Sua grande vantagem era que os Aliados, por questão de princípio, haviam assumido o compromisso de enfrentar e de derrotar o nazismo, mesmo sem ter o menor apetite para as iniciativas sangrentas e os sacrifícios humanos necessários. Assim, Hitler estava livre para seguir seus próprios caprichos.

Nas semanas que precederam o ataque da Alemanha a oeste, as relações entre os dois aliados tornaram-se tempestuosas: acusavam-se de não serem capazes de sustentar uma guerra com eficácia. A opinião pública francesa voltou-se decididamente contra o primeiro-ministro Daladier, que pediu um voto de confiança no Parlamento, em 20 de março: somente um deputado manifestou-se contra ele, 239 o apoiaram — mas trezentos se abstiveram. Daladier renunciou, mantendo-se no governo como ministro da Defesa, e em seu lugar entrou Paul Reynaud. O novo líder da França era um conservador de 62 anos, conhecido pela grande inteligência e pela insignificância física — tinha pouco mais de um metro e meio de altura. Ansioso para tomar as rédeas, ele propôs um desembarque na Noruega e o bombardeio dos campos de petróleo soviéticos em Baku. Gamelin comentou, amargamente: “Depois de Daladier, que não conseguia tomar uma decisão, aqui estamos com Reynaud, que toma uma a cada cinco minutos.” O primeiro-ministro da França inicialmente apoiou o plano acalentado por Churchill para minar o Reno, mas apenas para ser repudiado por seus ministros, que ainda temiam uma retaliação. Os britânicos disseram que, se a França não apoiasse a operação, eles, por sua vez, não participariam de um desembarque em Narvik.

Nos primeiros dias de abril, enquanto a neve desaparecia do continente, os exércitos emergiam como se saíssem de uma hibernação, olhando ao redor para entender o que a nova temporada de campanhas poderia lhes trazer. Churchill finalmente convenceu seus colegas no governo a apoiarem a colocação de minas em águas norueguesas. Quatro contratorpedeiros lançaram-se ao mar para executar a operação, enquanto uma pequena força terrestre embarcava em portos britânicos, pronta para partir para a Noruega caso os alemães reagissem à iniciativa da Marinha Real. Londres ignorava que uma frota alemã já estava no mar. Durante meses, Hitler temera a intervenção britânica na Noruega, pelas consequências que traria ao seu suprimento de minério de ferro. Sua agitação ganhou um senso de urgência em 14 de fevereiro de 1940, quando os contratorpedeiros da Marinha Real encurralaram o navio *Altmark*, que supria o *Graf Spee*, num fiorde norueguês, para libertar 299 britânicos da marinha mercante. Decidido a prevenir uma iniciativa britânica de conseguir uma posição segura na Noruega, ele deu a ordem final, em 2 de abril, para que a frota de invasão zarpasse.

Navios e aviões britânicos observaram a intensa atividade naval da Alemanha, mas os comandantes estavam tão preocupados com sua iminente operação para instalar minas que não perceberam que esses movimentos pressagiavam uma ação alemã, mais do que uma reação. O Almirantado decidiu que os navios do almirante Raeder pretendiam romper para o Atlântico a fim de atacar corredores marítimos britânicos, o que os levou a desdobrar grande parte da Home Fleet (frota da Marinha Real destinada a operar em águas territoriais britânicas), a muitas horas de navegação da Noruega. Antes do amanhecer em 8 de abril, a Marinha Real instalou, de fato, um campo minado nas águas costeiras da Noruega. Poucas horas depois, porém, os alemães iniciaram desembarques aéreos e navais para ocupar todo o país. A Guerra de Mentira acabara.

3
Blitzkriegs no oeste

1 NORUEGA

Os países pequenos da Europa faziam o possível para não se envolver na guerra. Muitos evitavam associar-se com a Alemanha, o que exigia a aceitação da hegemonia de Hitler, mas mesmo aqueles que favoreciam os objetivos das democracias hesitavam em se juntar a elas no estado de beligerância. A experiência histórica ensinava que estariam expostos aos horrores da guerra em troca de pouca vantagem: o destino da Polônia e da Finlândia ressaltava a incapacidade dos Aliados de protegerem as vítimas escolhidas pelo ditador. A Holanda e os países escandinavos haviam permanecido neutros durante a Primeira Guerra Mundial. Por que não fazer o mesmo agora? No inverno de 1939-1940, todos se precaviam para não provocar Hitler. Os noruegueses estavam mais apreensivos com as intenções britânicas em sua costa do que com as alemãs. À 1h30 de 9 de abril, um ajudante acordou o rei Haakon, da Noruega, para informar: "Majestade, estamos em guerra!" O monarca retrucou imediatamente: "Contra quem?"

Apesar das repetidas advertências de que uma invasão alemã era iminente, o minúsculo exército do país não fora mobilizado. Rapidamente, as luzes da capital foram apagadas, mas o velho general Kristian Laake, o comandante em chefe da Noruega, reagiu com frieza à notícia de que navios de guerra alemães se aproximavam pelo fiorde de Oslo: ordenou então que reservistas fossem convocados pelo correio — portanto eles só foram reunidos e armados em 11 de abril. Os oficiais de seu estado-maior protestaram, mas Laake perdera o contato com a realidade: "Um pouco de exercício não fará mal a essas unidades!", declarou, complacentemente. Os navios de guerra alemães entraram nos portos e começaram a desembarcar tropas. Os noruegueses, franceses e britânicos haviam se iludido com a noção de que Hitler jamais ousaria invadir a Noruega por causa da Marinha Real inglesa. Contudo, a pouca coleta de informações de valor militar e os posicionamentos equivocados fizeram com que o Almirantado perdesse suas melhores oportunidades de causar estragos durante a invasão alemã. Depois, ainda que os invasores tenham sofrido severo desgaste no mar, a marinha inglesa também sofreu nas mãos da Luftwaffe e da Kriegsmarine. A costa norueguesa mais próxima ficava a 650 quilômetros da Grã-Bretanha, além do alcance da cobertura aérea baseada em terra. A vulnerabilidade de navios a ataques de bombardeiros logo cresceu brutalmente.

O evento mais dramático naquela primeira manhã da campanha deu-se no fiorde de Oslo pouco após as 4 horas, quando o novo cruzador *Blücher*, transportando milhares de tropas alemãs, aproximou-se de Oscarsborg. Dois canhões do século XIX existentes na antiga fortaleza, apelidados de Moisés e Arão, foram laboriosamente carregados. O comandante local, coronel Birger Eriksen, conhecendo suas limitações, esperou para abrir fogo no último momento. O cruzador estava a apenas quinhentos metros da costa quando as velhas armas vomitaram chamas. Um projétil atingiu o centro de controle antiaéreo e o outro despedaçou um depósito de combustível para aviação, fazendo subir uma coluna de

chamas. Atingido mais duas vezes por torpedos lançados da praia, o *Blücher* foi tomado pelo fogo em questão de minutos e adernava pesadamente enquanto sua munição explodia. O navio afundou, levando mil vidas alemãs.

A confusão e o humor negro tomaram conta da capital da Noruega. O comandante designado para o ataque, general Erich Engelbrecht, era passageiro do alquebrado *Blücher*. Ele foi resgatado do fiorde por noruegueses que o fizeram prisioneiro, deixando os invasores temporariamente sem um líder. O general Laake fugiu da cidade na esteira de seu estado-maior, primeiramente por bonde, depois tentando, sem êxito, pegar caronas, até, por fim, embarcar num trem. O governo norueguês apresentou sua renúncia, recusada pelo rei. O parlamento nacional, o Storting, convocou uma sessão de emergência, com discussões calorosas sobre os méritos da capitulação. Ministros sugeriram a demolição de pontes importantes para deter os invasores, mas vários deputados discordaram, porque "significaria destruir obras arquitetônicas valiosas". O embaixador britânico entregou uma mensagem vinda de Londres prometendo ajuda, mas foi vago sobre quando a ajuda poderia materializar-se. Paraquedistas alemães tomaram o aeroporto de Oslo, e a maior parte dos portos no sudoeste da Noruega logo passou às mãos inimigas. Os primeiros elementos de seis divisões desembarcaram e assumiram posições enquanto o governo fugia para o norte.

Entre os atordoados espectadores da chegada dos invasores estava uma refugiada judia austríaca, de 19 anos, chamada Ruth Maier. Em 10 de abril, em Lillestrøm, subúrbio de Oslo, ela descreveu em seu diário uma cena que se tornava trágico lugar-comum na Europa: "Penso nos alemães mais como um desastre natural do que como um povo (...) Vemos as pessoas se enfileirando nas saídas de porões, e se aglomerando nas ruas com carrinhos, cobertores de lã e bebês. Sentam-se em caminhões, carroças puxadas a cavalo, táxis e carros particulares. É como um filme que vi: refugiados finlandeses, poloneses, albaneses e chineses (...) É tão simples e tão triste: pessoas são 'evacuadas' com cobertores de lã, talheres de prata e bebês no colo. Estão fugindo das bombas."

Os noruegueses demonstraram hostilidade implacável aos invasores. Mesmo quando forçados a aceitar a subjugação, não se deixavam impressionar por explicações. Ruth Maier ouviu três soldados alemães contarem a um grupo de moradores de Oslo que sessenta mil civis alemães foram assassinados pelos poloneses antes que a Wehrmacht interviesse para salvar seus irmãos étnicos. Ruth riu:

> [O homem] vira-se para mim e diz: "Você está rindo, Fräulein?" "Sim." "E nosso Führer!", prossegue ele, com olhos marejados. "Obviamente, é um ser humano como todos nós, mas é o melhor, o melhor que temos na Europa." O [soldado] com os olhos azuis da cor do céu — também marejados agora — concorda com a cabeça: "O melhor... o melhor...!" Outras pessoas se aproximam para ouvir. O norueguês diz: "Quer mesmo que a gente acredite que vocês estão aqui para nos proteger? (...) É o que diz aqui!" Ele aponta para [um] jornal (...) "Proteger vocês? Não, não é o que estamos fazendo." Mas o louro o interrompe. "Sim, é claro que é o que estamos fazendo." O outro, de cabelos castanhos, pensa por um instante e

diz: “Sim, na verdade, para ser honesto (...) estamos protegendo vocês contra os ingleses.” E o norueguês: “E você acredita nisso?”

A fé da maioria dos alemães na virtude e na conveniência de sua missão foi fortalecida pelo rápido sucesso. Os invasores tomaram posse do sul da Noruega, assegurando as comunicações com a pátria ao ocuparem a península dinamarquesa quase sem resistência. O Storting norueguês reuniu-se novamente na pequena cidade de Elverum, localizada 65 quilômetros ao norte de Oslo, onde suas deliberações foram aguçadas pela notícia de que os alemães tinham nomeado um traidor para chefiar o regime títere em Oslo. “Agora temos um governo Kuusinen”, declarou o primeiro-ministro, com desprezo: ele aludia ao comunista finlandês Otto Kuusinen, que colaborou com a invasão stalinista da Finlândia. Mas seu homólogo na Noruega, Vidkun Quisling, seria muito mais notório, tendo seu nome entrado para a língua inglesa.*

Quatro ônibus carregados com paraquedistas alemães, a caminho de Elverum, foram alvejados numa barreira na estrada guarnecida por membros de um clube de tiro local; os noruegueses puseram os oponentes para correr, ferindo mortalmente um adido aeronáutico alemão, o capitão Eberhard Spiller, incumbido de prender os líderes do país. A família real e os ministros partiram apressadamente para a aldeola de Nybergsund. O rei Haakon era um dinamarquês alto, magro, de 67 anos, eleito monarca quando os noruegueses conquistaram sua independência da Suécia, em 1905. Em 1940, ele demonstrou dignidade e coragem. Num conselho governamental realizado em meio à profunda neve de Nybergsund, na noite de 10 de abril, disse aos ministros, numa voz aguda e trêmula: “Comove-me profundamente a ideia de assumir responsabilidade pelos infortúnios que cairão sobre nosso país e nosso povo se as exigências alemãs forem rejeitadas (...) O governo é livre para decidir, mas quero que minha posição fique clara: não posso aceitar (...) Isso contraria tudo o que considero meu dever como rei.” Em vez de curvar-se à insistência de Berlim para que endossasse Quisling, ele abdicaria. O velho rei ficou calado por um longo tempo e irrompeu em lágrimas. Por fim, prosseguiu: “O governo precisa tomar sua decisão. Não está subordinado à minha opinião (...) Mas achei que era meu dever torná-la pública.”

Os noruegueses se comprometeram a lutar, para ganhar tempo até que a ajuda dos Aliados chegasse. No dia seguinte, 11 de abril, Haakon e o filho, príncipe Olav, discutiam com os ministros quando os alemães bombardearam e metralharam Nybergsund, numa tentativa de decapitar a liderança nacional. Os políticos se jogaram numa pocilga enquanto o rei e seus assessores buscavam abrigo numa mata próxima. Ninguém foi morto, e, ainda que os noruegueses tenham se abalado com as repetidas saraivadas das metralhadoras dos aviões Heinkel, sua determinação se manteve intacta. Haakon espantou-se ao ver civis expostos ao fogo alemão. “Não suportei ver (...) crianças agachadas na neve enquanto balas destroçavam as árvores e galhos choviam sobre elas”, disse ele. E declarou que nunca mais buscaria abrigo num lugar onde sua presença pusesse em perigo a vida de inocentes.

O monarca e os políticos deliberaram rapidamente sobre buscar refúgio na Suécia, ideia defendida pelo primeiro-ministro. Haakon não quis, e os líderes da Noruega se mudaram para Lillehammer, para continuar a luta. O general Laake, ineficiente e vencido, foi substituído como comandante-chefe pelo corajoso e enérgico general Otto Ruge, a

quem um oficial britânico fez o supremo cumprimento de compará-lo a um líder de uma matilha de caçadores de raposas. A mobilização tardia da Noruega foi caótica, uma vez que os depósitos e os arsenais ao sul estavam em mãos alemãs, porém os quarenta mil homens que responderam eram, na maioria, patriotas apaixonados. Frank Foley, o homem do Serviço Secreto britânico em Oslo, telegrafou, resumindo: "Não podem conceber lamentável condição material do exército, mas homens excelentes." Nas semanas seguintes, alguns noruegueses desempenharam papéis heroicos na defesa do país. A Noruega tinha poucas cidades grandes; a maior parte da população espalhava-se por comunidades à beira de fiordes de águas profundas, ligadas por estradas estreitas através de desfiladeiros em cadeias montanhosas. Comandantes alemães, britânicos e franceses, surpresos por se verem lutando na Noruega, estavam limitados, para a coleta de informações sobre o campo de batalha, aos guias de viagem Baedeker comprados nas livrarias de Berlim, Londres e Paris.

A Invasão da Noruega
Desembarques e ataques marítimos alemães
Desembarques e ataques noruegueses
Retiradas
Aterrissagens de paraquedistas
Tromsø
Harstad
Jervik
Narvik
FINLÂNDIA
Bodo
Mo-i-Rana
Mosjöen
Mar da Noruega
Namsos
Steinkjer
Trondheim
Dragset
SUÉCIA
Golfo de Bótnia
Molde
Åndalsnes
Tynset
Alesund
Rendal
Kvan
NORUEGA
Rena
Lillehammer
Elverum
Hamar
Gol
Bergen
Hönefoss
Oslo
Estocolmo
Kongsberg
Halden
Stavanger
Arendal
Kristiansand
Skagerrak
Kattegat
0 50 100 150 milhas
0 100 200 km
DINAMARCA
Copenhague
Mar Báltico

As improvisadas forças anglo-francesas enviadas à Noruega nas semanas que se seguiram à invasão alemã eram caricaturescas. Quase todas as unidades regulares do exército britânico estavam posicionadas na França; apenas doze batalhões parcialmente treinados do Exército Territorial estavam disponíveis para cruzar o mar do Norte. Foram despachados aos poucos, com objetivos que mudavam quase a cada hora. Não dispunham de mapas, de transporte e de rádios para se comunicarem entre si, menos ainda com Londres. Desembarcaram com poucas armas pesadas ou canhões antiaéreos; suas provisões e munições estavam misturadas numa confusão impossível a bordo de navios de transporte. Os soldados se sentiam totalmente desorientados. George Parsons desembarcou com sua companhia em Mojoen: "Imaginem como nos sentimos ao ver diante de nós uma montanha coberta de neve, com uns seiscentos metros de altura. Nós, garotos do sul de Londres, nunca tínhamos visto uma montanha, a maioria nunca vira o mar."

Em terra firme, mesmo onde eram menos numerosas, as tropas alemãs demonstraram mais energia e melhores táticas do que as dos Aliados. Um oficial norueguês, o coronel David Thue, informou ao governo que uma unidade britânica era formada por "rapazes muito jovens que parecem saídos dos cortiços de Londres. Demonstraram grande interesse pelas mulheres de Romsdal e dedicaram-se ao saque geral de lojas e casas (...) Corriam como lebres ao primeiro barulho de motor de avião". O Foreign Office britânico informou, nos últimos estágios da campanha: "Soldados britânicos bêbados (...) numa ocasião discutiram com, e por fim dispararam contra, pescadores noruegueses (...) Alguns oficiais britânicos (...) comportaram-se 'com a arrogância de prussianos' e os oficiais da marinha eram (...) tão cautelosos e desconfiados que tratavam cada norueguês como um quinta-coluna e se recusavam a levar a sério informações vitais que lhes eram dadas."

É difícil exagerar o caos no processo de tomada de decisão dos Aliados ou o cinismo com que tratavam os infelizes noruegueses. O governo britânico prometia ajudas extravagantes, mesmo sabendo que não tinha meios para cumpri-las. O principal interesse do Gabinete de Guerra era Narvik e a possibilidade de conquistar e manter um perímetro à sua volta para bloquear a rota alemã de inverno para o minério de ferro sueco. O fiorde de Narvik foi palco de ferozes confrontos navais, em que ambos os lados sofreram perdas severas de contratorpedeiros. Uma pequena força de desembarque britânica estabeleceu-se numa ilha litorânea, onde seu general rejeitou resolutamente os apelos do lorde almirante Cork and Orrery, o irritável comandante naval que usava monóculo, para avançar contra o porto. Cork tentou encorajar o soldado, marchando para terra firme; homem notavelmente baixo, ele foi obrigado a abandonar tanto a operação de reconhecimento quanto suas ambições de ataque quando se viu mergulhado, até a cintura, num monte de neve.

Em Londres, o debate estratégico degenerava, cada vez mais, em berros. Churchill berrava mais alto, mas seus planos extravagantes eram prejudicados pela falta de meios para executá-los. Ministros brigavam uns com os outros, com os franceses e com os chefes de suas forças armadas. A coordenação entre comandantes não existia. No período de duas semanas, seis planos operacionais sucessivos foram rascunhados e descartados. Os britânicos convenceram-se, embora com relutância, que alguma demonstração de ajuda aos noruegueses na defesa do centro de seu país era politicamente indispensável, mesmo que militarmente fútil. Desembarques em Namsos e Åndalsnes foram realizados

de forma confusa e provocaram implacáveis bombardeios alemães, que destruíram depósitos provisórios de suprimentos com a mesma rapidez com que eram instalados e reduziram a cinzas as cidades feitas de madeira. Em Namsos, tropas francesas saquearam provisões britânicas e houve colisões de veículos causadas por opiniões conflitantes, em nível nacional, sobre a prioridade em trafegar no lado direito ou esquerdo das estradas. Em 17 de abril, o major-general Frederick Hotblack acabava de receber instruções em Londres para comandar um ataque em Trondheim quando sofreu um derrame e caiu inconsciente.

A 148º Brigada britânica, cujo comandante, contrariando instruções londrinas, marchou com seus homens para oferecer apoio direto ao exército norueguês, foi destroçada sem misericórdia pelos alemães antes que seus trezentos sobreviventes se retirassem em alguns ônibus. Um oficial do estado-maior, enviado da Noruega para o Gabinete de Guerra em busca de instruções, voltou para dizer ao major-general Adrian Carton de Wiart, que comandava outra força: "O senhor pode fazer o que quiser, porque eles não sabem o que querem que seja feito." Tropas britânicas travaram um combate em que se conduziram honrosamente, em Kvan, em 24 e 25 de abril, antes de serem forçadas a recuar.

Posteriormente, em Londres, ministros e chefes das forças armadas passaram a defender a evacuação de Namsos e Åndalsnes. Neville Chamberlain, egocêntrico como sempre, temia ser responsabilizado por fracassos. A imprensa, encorajada pelo governo, inculcara no povo britânico altas esperanças em relação à campanha; a BBC difundira o absurdo de que os Aliados "haviam estabelecido um anel de aço ao redor de Oslo". Agora, o primeiro-ministro dizia filosoficamente aos colegas que talvez fosse prudente dizer à Câmara dos Comuns que os britânicos jamais tiveram a intenção de realizar operações de longa duração na Noruega central. Os franceses, que chegaram a Londres em 27 de abril para uma reunião do Supremo Conselho Aliado de Guerra, espantaram-se diante da proposta de desistir e objetaram-na com veemência. Reynaud voltou a Paris dizendo que conseguira sensibilizar Chamberlain e seus colegas: "Nós lhes mostramos o que fazer e lhes demos a vontade para fazê-lo." Era uma ilusão: duas horas depois, a ordem de evacuação britânica foi dada. Pamela Street, filha de um agricultor de Wiltshire, escreveu melancolicamente em seu diário: "A guerra prossegue como uma enorme carga, cada dia mais pesada."

A campanha da Noruega gerou desconfiança e até animosidade entre os governos britânico e francês, o que se mostraria irreparável mesmo depois da queda de Chamberlain. Em 27 de abril, Reynaud queixou-se a um colega sobre a inércia dos ministros britânicos, "homens idosos que não sabem assumir um risco". Daladier disse ao gabinete francês, em 4 de maio: "Deveríamos perguntar aos britânicos o que pretendem fazer: insistiram nessa guerra e esquivam-se sempre que se trata de adotar medidas que possam afetá-los diretamente." De forma vergonhosa, comandantes britânicos locais foram instruídos a não dizer aos noruegueses que iriam embora. O general Bernard Paget ignorou a ordem, provocando uma cena emocionada com o comandante em chefe norueguês Otto Ruge, que disse: "Então a Noruega terá o destino da Tchecoslováquia e da Polônia. Mas por quê? Por quê? Suas tropas não foram derrotadas!" Depois da breve explosão, porém, a dignidade e a calma naturais a Ruge voltaram. Historiadores criticaram sua defesa da Noruega central, mas é difícil imaginar qualquer outro desdobramento de suas pequenas forças que pudesse alterar o resultado. Quando o rei Haakon e seu governo

optaram pelo exílio na Grã-Bretanha, o comandante-chefe do exército recusou-se a deixar seus homens e insistiu em partilhar com eles o cativeiro.

Em Namsos, o major-general Carton de Wiart obedeceu à ordem de evacuação sem informar ao comandante norueguês vizinho, que de repente se viu exposto. Depois de conduzir uma difícil retirada para o porto, o oficial que servia a Ruge encontrou apenas um monte de provisões britânicas, algumas viaturas destroçadas e um alegre bilhete de despedida de Carton de Wiart. O general Claude Auchinleck, que assumiu o comando dos Aliados em Narvik, escreveu mais tarde para Ironside, o chefe do estado-maior imperial, em Londres: "O pior é a necessidade de mentir para todos a fim de preservar o sigilo. A situação em relação aos noruegueses é particularmente difícil, e nos sentimos as criaturas mais desprezíveis do mundo fingindo que continuaremos a lutar, quando a verdade é que desistiremos imediatamente." No extremo norte, os britânicos e os franceses concentraram 26 mil homens para enfrentar os quatro mil alemães que detinham Narvik. O incrível é que, mesmo depois do início da campanha na França, os Aliados realizaram operações até o fim de maio, capturando o porto no dia 27, após dias de resistência alemã teimosa e hábil.

A confusão de lealdades e de nacionalidades, que se tornaria característica notável da guerra, era ilustrada pela presença, entre os atacantes de Narvik, de alguns republicanos espanhóis, alistados na Legião Estrangeira francesa após terem sido expulsos de seu país. "Os oficiais que tiveram dúvidas e apreensões no momento de acolher [a eles] na Legião (achavam que todos eram comunistas) ficaram satisfeitos com sua capacidade de luta", escreveu o capitão Pierre Lapie. "[Um entre] os jovens espanhóis que atacaram um ninho alemão de metralhadoras atrás de Elvegard (...) foi ceifado pelo fogo a apenas alguns metros de distância. Outro saltou para a frente e esmagou a cabeça do metralhador com a coronha do fuzil." O diário de guerra regimental descreveu a subida dos legionários pelo morro íngreme anterior a Narvik, onde se depararam com um contra-ataque feroz: "O capitão De Guittaut foi morto e o tenente Garoux, severamente ferido. Liderada pelo tenente Vadot, a companhia conseguiu conter o contra-ataque, e os alemães recuaram, abandonando mortos e feridos (...) O sargento Szabo foi o primeiro homem a colocar os pés na cidade."

Tudo para nada: logo após capturar a cidade e enterrar seus mortos, os Aliados reembarcaram, reconhecendo que sua posição era estrategicamente indefensável. Os noruegueses foram deixados para trás, contemplando centenas de casas destruídas e de civis mortos. Seu monarca e o governo partiram para a Grã-Bretanha em 7 de junho, a bordo de um cruzador da Marinha Real britânica. Alguns noruegueses empreenderam jornadas épicas para fugir da ocupação alemã e se juntar à luta dos Aliados, vários contando com a ajuda da embaixadora soviética em Estocolmo, a renomada intelectual Aleksandra Kollontai, para darem a volta ao mundo, seguindo em direção leste, até finalmente chegarem à Grã-Bretanha.

A evacuação da Noruega central, sob ataques aéreos pesados, chocou e consternou a opinião pública britânica. O estudante Christopher Tomlin escreveu, em 3 de maio: "Estou atordoado, muito desiludido e com medo de nossa retirada (...) O Sr. Chamberlain (...) me fez acreditar que expulsaríamos os alemães da Escandinávia. Agora, já não estou tão confiante; sinto-me subjugado e espero ouvir mais más notícias (...) Será que não temos, não podemos encontrar, mais homens do calibre de Churchill?" Na verdade, o Primeiro Lorde do Mar tinha culpa substancial nos desdobramentos

irrefletidos e desorganizados na Noruega. As forças armadas da Grã-Bretanha não tinham recursos para intervir com eficácia; seus gestos ineptos zombavam da tragédia do povo norueguês. Mas a retórica e a belicosidade de Churchill, em contraste com a manifesta fraqueza de propósitos do primeiro-ministro, provocaram uma onda de entusiasmo popular por uma mudança de governo, que, por sua vez, contagiou a Câmara dos Comuns. Em 10 de maio, o primeiro-ministro renunciou. No dia seguinte, o rei George VI convidou Churchill a formar um governo.

• • •

Os alemães sofreram as baixas mais pesadas na campanha da Noruega — 5.296, em comparação com 4.500 baixas britânicas, entre as quais grande parte ocorreu quando o porta-aviões *Glorious* e sua escolta foram postos a pique pelo cruzador *Scharnhorst*, em 8 de junho. Os franceses e um contingente de exilados poloneses tiveram 530 mortos; os noruegueses, cerca de 1.800. A Luftwaffe perdeu 242 aviões; a RAF, 112. Três cruzadores, sete contratorpedeiros, um porta-aviões e quatro submarinos britânicos foram afundados, contra três cruzadores, dez contratorpedeiros e seis submarinos alemães. Outros quatro cruzadores e seis contratorpedeiros alemães foram seriamente avariados.

A conquista da Noruega deu a Hitler bases navais e aéreas importantes na posterior invasão da Rússia, quando ele as explorou para impedir o envio de suprimentos dos Aliados para Murmansk. Contentou-se em deixar a Suécia intocada e neutra: seu domínio estratégico garantia que os suecos enviassem minério de ferro para a Alemanha e que não se arriscassem a oferecer conforto aos Aliados. Mas Hitler pagou um preço pela Noruega. Obcecado em manter o controle do país contra um possível ataque britânico, até quase o fim da guerra manteve ali 350 mil homens, um grande dreno em seus recursos humanos. E as perdas navais alemãs na campanha norueguesa demonstraram ser um dos principais fatores para inviabilizar a subsequente invasão da Grã-Bretanha.

Os britânicos foram os principais responsáveis pela condução das operações dos Aliados na Noruega e, por isso, devem arcar com o maior peso da responsabilidade pelo fracasso. A falta de recursos explica muito, mas o desempenho de oficiais de altas patentes da Marinha Real britânica não deixou boa impressão — a incompetência espantosa do capitão do *Glorious* foi responsável pela perda do porta-aviões; a fraqueza das defesas antiaéreas dos navios de guerra britânicos foi penosamente exposta. Os ataques de 10 e 13 de abril aos contratorpedeiros alemães em Narvik e a posterior evacuação de forças terrestres anglo-francesas foram as únicas operações navais que mereceram elogios. A conduta britânica em relação à Noruega foi caracterizada por má-fé ou, pelo menos, por uma falta de franqueza, na verdade quase a mesma coisa. É admirável que os noruegueses tenham perdoado tal comportamento com tanta rapidez, tornando-se aliados sólidos tanto no exílio como em sua pátria ocupada. Nenhuma ação ao alcance do poderio britânico evitaria a conquista alemã, uma vez que a Marinha Real perdeu sua melhor oportunidade em 9 de abril. Mas a baixeza moral e a incompetência militar da campanha deixaram em má situação os políticos e comandantes britânicos. Se, em comparação com as que se seguiriam, a escala das operações foi pequena, ela mostrou deficiências em vontade, liderança, equipamento, táticas e treinamento que se repetiriam num palco muito mais amplo.

A consequência mais notável da campanha foi precipitar a queda de Chamberlain. Não fosse pela Noruega, é muito provável que ele mantivesse o cargo de primeiro-ministro durante as operações militares que se seguiram na França. As consequências para a Grã-Bretanha e para o mundo poderiam ter sido catastróficas, porque seu governo provavelmente preferiria negociar a paz com Hitler. Mas somente a posterioridade pode, assim, achar um consolo para o fracasso norueguês, consolo esse negado a todos os participantes contemporâneos, salvo os alemães vitoriosos.

2 A QUEDA DA FRANÇA

Na noite de 9 de maio de 1940, tropas francesas na Frente Ocidental ouviram "um vasto murmúrio" nas linhas alemãs; chegou a informação de que o inimigo se movimentava. Os comandantes preferiram acreditar que esse alarme, como outros anteriores, era falso. Ainda que o ataque alemão a Holanda, Bélgica e França tenha começado às 4h35 de 10 de maio, somente às 6h30 o comandante em chefe aliado, Maurice Gamelin, foi despertado em sua cama, cinco horas após o primeiro alerta dos postos avançados. Depois dos pedidos de ajuda longamente esperados que chegavam dos governos de Bruxelas e de Haia, neutros no caminho da tempestade alemã, Gamelin ordenou um avanço para o rio Dyle, na Bélgica, em conformidade com seu antigo plano de contingência. As nove divisões da Força Expedicionária Britânica e as melhores forças da França — 29 divisões do I, VII e IX Exércitos — começaram o deslocamento para nordeste. A Luftwaffe não tentou qualquer estratégia séria para interferir, pois era exatamente para onde Hitler queria que os Aliados fossem. Sua partida eliminou uma grave ameaça aos flancos dos principais exércitos alemães, que iniciavam a sua arremetida mais ao sul.

As defesas da Holanda e da Bélgica foram esmagadas. Nas primeiras horas de 10 de maio, paraquedistas transportados para as zonas de operações por planadores da Luftwaffe tomaram o vital forte de Eben Emael, cobrindo o canal Albert — construído por uma empreiteira alemã que obsequiosamente forneceu suas plantas aos planejadores de Hitler — e duas pontes através do rio Meuse, em Maastricht. Enquanto Churchill tomava posse como primeiro-ministro da Grã-Bretanha, vanguardas germânicas passavam por cima do exército holandês. Ao mesmo tempo, a sudoeste, 134 mil homens e 1.600 viaturas, das quais 1.222 eram carros de combate, começaram a abrir caminho através da floresta das Ardenas para desferir o golpe decisivo da campanha contra o ponto central e mais fraco da linha francesa. Depois, os alemães diriam, em tom de piada, que criaram "o maior engarrafamento da história" nas matas de Luxemburgo e da Bélgica meridional, empurrando milhares de tanques, viaturas pesadas e canhões por estradas estreitas que os Aliados consideravam impróprias para a passagem de um exército. As colunas eram vulneráveis a ataques aéreos, se os franceses tivessem reconhecido sua presença e sua importância. Mas não o fizeram. Do início ao fim da luta, Gamelin e seus comandantes dirigiram as operações numa atmosfera de incertezas, raramente sabendo até onde os alemães haviam chegado ou tentando adivinhar aonde iriam.

Uma atenção histórica desproporcional foi voltada para as operações do pequeno contingente britânico e em sua fuga de Dunquerque. O principal objetivo alemão era derrotar o exército francês, o obstáculo mais formidável para a Wehrmacht. A

participação britânica era marginal, sobretudo nos primeiros dias, quando a Força Expedicionária Britânica exigiu a atenção apenas de modestas forças aéreas e terrestres alemãs. Não é verdade que a defesa da França repousasse basicamente nas fortificações de fronteira da linha Maginot: o propósito de suas casamatas e de seus canhões era liberar homens para operações ativas mais ao norte. Marcados por lembranças da devastação e da matança de 1914-1918 em seu país, os franceses estavam empenhados em guerrear em outra parte que não fosse seu próprio solo. Gamelin planejava uma batalha decisiva na Bélgica, sem considerar o fato de que os alemães tinham outras ideias. O erro mais grave do comandante em chefe francês no começo da primavera de 1940 fora movimentar o VII Exército francês para a esquerda da linha de frente aliada, em preparação para a incursão pela Bélgica.

Vanguardas francesas atravessaram para a Holanda, onde descobriram que o exército daquele país já se retirara bastante para noroeste, impossibilitando a criação de uma frente comum, enquanto o exército belga recuava desordenadamente. As formações de Gamelin combateram com vigor nas significativas batalhas que se seguiram na Bélgica: mesmo carentes de canhões antiaéreos e anticarros, elas tinham alguns bons tanques, especialmente o Somua S35. Em um conflito longo e laborioso em Hannut, entre 12 e 14 de maio, 165 tanques Panzer foram destruídos, com a perda de 105 tanques franceses. A frente francesa no rio Dyle permaneceu intacta. Mas seus defensores logo foram obrigados a recuar, porque descobriram que seu flanco direito cedera. Os alemães, tomando posse do campo de batalha em Hannut, puderam recuperar-se e reparar a maior parte de seus blindados avariados.

Durante os dois primeiros dias da campanha, o alto-comando francês não percebeu os perigos: uma testemunha descreveu a postura de Gamelin como positivamente confiante, "andando para cima e para baixo pelo corredor de seu forte, com ar satisfeito e marcial". Outro observador disse que o comandante em chefe estava "em excelente forma, com um sorriso largo". Com 67 anos, ele era visto por muitos como o arquiteto do triunfo da França na Batalha do Marne, quando chefe do estado-maior de Joseph Joffre em 1914. Culto e cheio de si, gostava de conversar sobre arte e filosofia; intensamente político, era muito mais popular do que seu futuro sucessor, o irritadiço Maxime Weygand. A grande fraqueza de Gamelin era um instinto para a conciliação: fazia o possível para não precisar tomar decisões difíceis. Prevendo "*une guerre de longue durée*", um confronto prolongado na fronteira da França, ele e seus subordinados ficaram atônitos, em maio de 1940, diante de acontecimentos que se desenrolavam com uma velocidade além de sua imaginação.

Os alemães haviam empregado 17 divisões contra a linha Maginot no sul, 29 para conquistar a Holanda e o norte da Bélgica e 45, incluindo sete divisões Panzer, para atacar no centro, virar para noroeste rumo à costa do canal e atravessar o rio Meuse, isolando os franceses e os britânicos na Bélgica. Somente metade das tropas de ataque alemãs era bem treinada, e mais de 25% eram de reservistas com mais de quarenta anos; o ônus de derrotar o exército francês recaía principalmente sobre os ombros de 140 mil homens das divisões Panzer e mecanizadas, que faziam uma arremetida vital através do Meuse. As primeiras tropas alemãs chegaram ao rio às 14 horas, em 12 de maio, mal tendo visto um soldado francês desde que saíram da floresta das Ardenas; até então, fora mais uma marcha para o combate do que um ataque. A linha do Meuse era defendida por reservistas do II Exército, de Charles Huntziger. Na manhã de 13 de maio, essas tropas

francesas sofreram o bombardeio arrasador de mais de mil aviões da Luftwaffe, que atacavam em série. O ataque, inédito na guerra, provocou poucos danos materiais, mas impactou severamente o moral. Um soldado escreveu: "O barulho de seus motores já é enorme e, então, há esse extraordinário som estridente que acaba com os nervos (...) E, de repente, uma chuva de bombas (...) E assim continuava sem parar! Nenhum avião francês ou britânico à vista. Onde eles se meteram? Meu vizinho, um jovem, está chorando."

Um oficial do estado-maior francês em Sedan escreveu: "Os metralhadores pararam e se jogaram no chão; a infantaria acovardou-se nas trincheiras, desnorteada pela explosão de bombas e pelo zunido dos aviões de bombardeio; não tinham desenvolvido a reação instintiva de correr para os canhões antiaéreos e atirar. Sua única preocupação era manter a cabeça abaixada. Cinco horas desse pesadelo bastaram para estraçalhar seus nervos." Soldados, como a maioria dos seres humanos em todas as circunstâncias, reagem mal ao inesperado. Durante o longo inverno de 1939-1940, não houvera tentativa alguma para condicionar o exército francês a aguentar um suplício como aquele.

A maior parte do sistema de telefonia do comando foi destruída pelos ataques aéreos. No começo da noite de 13 de maio, houve um "pânico de tanques" a 4,5 quilômetros ao sul de Sedan. O general comandante local saiu do quartel para investigar a gritaria e encontrou uma cena caótica: "Uma onda de fugitivos aterrorizados, metralhadores e soldados de infantaria, em carros ou a pé, muitos sem armas, mas arrastando mochilas, corriam desabalados pela estrada, gritando: 'Os tanques estão em Bulson.' Alguns disparavam seus fuzis como lunáticos. O general Lafontaine e seus oficiais correram até eles, tentando argumentar com os homens e juntá-los, e mandaram que caminhões bloqueassem a estrada (...) Havia oficiais misturados entre os homens (...) Foi uma histeria coletiva." Cerca de vinte mil homens fugiram durante o pânico de Bulson — seis horas antes que as forças alemãs atravessassem o Meuse. Provavelmente, a fuga foi provocada por homens amedrontados que confundiram os tanques franceses com blindados inimigos.

Os primeiros destacamentos alemães a atravessarem o rio sofreram nas mãos das metralhadoras francesas, mas alguns homens determinados alcançaram a margem ocidental em botes e cruzaram pântanos a pé para atacar posições francesas. Um sargento chamado Walther Rubarth chefiou um grupo de onze soldados de engenharia para assaltar uma série de casamatas que guardavam saquitéis de cargas e granadas. Seis alemães foram mortos, mas os sobreviventes abririam uma brecha. Soldados da infantaria Panzer correram por uma velha barragem que ligava uma ilha às duas margens do Meuse, para estabelecer um apoio no lado ocidental. Por volta de 17h30, engenheiros alemães construíam uma ponte enquanto balsas transportavam equipamentos. Alguns soldados franceses já se retiravam; na verdade, fugiam. Às 23 horas, tanques começaram a mover-se estrondosamente através dos primeiros pontões concluídos: a façanha dos sapadores alemães foi tão impressionante quanto aquela das tropas de assalto.

A resposta francesa foi penosamente lenta e de uma complacência absurda. Sugeriu-se ao general Huntzinger que o ataque alemão se desdobrava como na Polônia. Ele sacudiu os ombros, num gesto teatral: "A Polônia é a Polônia (...) Aqui, estamos na França." Informado sobre as travessias do Meuse, ele disse: "Isso significará mais prisioneiros." Antes, no começo do dia, o quartel-general de Gamelin declarara: "Ainda não é possível determinar a zona em que o inimigo fará seu principal ataque." Mas, naquela noite, o general Joseph Georges, no comando do front a nordeste, telefonou a Gamelin para dizer

que houvera um revés muito sério — "*un pépin*" — em Sedan. Às 3 horas do dia 14 de maio, um oficial francês descreveu a cena no quartel de Georges: "A sala estava mal iluminada. O major Navereau repetia, em voz baixa, as informações que chegavam. O general Roton, chefe do estado-maior, estirava-se numa poltrona. A atmosfera era a de uma família em luto. Georges levantou-se de repente (...) Parecia terrivelmente pálido. 'Nossa frente foi rompida em Sedan! Houve um colapso.' Jogou-se numa cadeira e rompeu em lágrimas." Um oficial descreveu o general Georges Blanchard, comandante do I Exército, "sentado em trágica imobilidade, sem dizer nada, sem fazer nada, apenas fitando o mapa aberto na mesa entre nós".

O momento decisivo da campanha chegou pela manhã. A travessia alemã do Meuse não teria sido calamitosa se fosse contida por um rápido contra-ataque. Mas as tropas francesas reuniram-se letargicamente e avançaram com hesitação, por partes. Os ataques de 152 bombardeiros e 250 caças da RAF e da força aérea francesa não conseguiram danificar as pontes alemãs e levaram a perdas graves — 31 entre 71 bombardeiros britânicos não voltaram. O monomotor Battle do tenente-aviador Bill Simpson pegou fogo ao cair, e sua tripulação precisou arrancá-lo, seminu, dos destroços em chamas. Sentado num gramado próximo, aturdido, ele olhava para as mãos "com incrédulo terror (...) A pele estava solta como pingentes de gelo. Os dedos estavam enrolados e pontudos, como as unhas de uma grande ave selvagem — distorcidos, finos nas pontas como garras, magros como se fosse um fantasma. O que eu faria? De que me serviriam aquelas garras paralíticas pelo resto da vida?"

No anoitecer do dia 14, três formações francesas na região de Sedan haviam caído, com seus homens fugindo do campo de batalha. Foi o caso da 71º Divisão. Um episódio se tornou lendário, sobre um dos coronéis que tentou deter os homens em fuga e foi afastado por soldados aos berros: "Queremos ir para casa e voltar ao trabalho! Não há o que fazer! Estamos perdidos! Fomos traídos!" Alguns historiadores modernos questionam a veracidade do episódio. Pierre Lesort, outro oficial da mesma formação, guardou uma lembrança diferente e mais heroica daquele dia: "Vi claramente, cerca de oitocentos a mil metros à minha esquerda, uma bateria de artilharia (...) que nunca parou de atirar contra os Stukas que mergulhavam para atacá-la sem cessar; ainda vejo as pequenas nuvens redondas que suas armas formavam no céu em volta dos ágeis aviões, que se dispersavam e retornavam continuamente (...) Quanto à reação dos metralhadores em minha companhia, nunca paramos de atirar, desesperadamente, contra os aviões." Mas Lesort reconhecia o desgaste progressivo do moral: "É preciso dizer que o controle do céu pelos alemães durante aqueles dois dias deixou os homens descontentes e impacientes. No começo, era uma espécie de resmungo: 'Meu Deus, só aparecem aviões alemães; o que os nossos estão fazendo?' Mas nos dias seguintes (...) sentia-se o crescimento de uma espécie de ressentimento desesperançado."

Nos dias que se seguiram, blindados franceses atacaram de forma desordenada, pelo sul, a cabeça de ponte além do Meuse. Gamelin e seus oficiais cometeram outro erro desastroso e provavelmente irremediável: não perceberam que os homens de Von Rundstedt não pretendiam continuar o avanço a oeste até o coração da França e que corriam em direção norte, para o mar, a fim de isolar os exércitos britânico e francês na Bélgica. A "torrente em expansão" de alemães agora avançava numa frente de 95 quilômetros de largura. O IX Exército francês, incumbido de defender a região, praticamente desaparecera. As colunas de tanques Panzer tinham ampla consciência do

risco de um contra-ataque dos Aliados em seus flancos, mas o alto-comando francês não tinha a coragem nem o entendimento das circunstâncias para iniciar tal ação, tampouco meios para executá-la. É um erro supor que o exército francês não opôs resistência significativa à ofensiva alemã em 1940. Algumas unidades de Gamelin realizaram ataques locais vigorosos e bem-sucedidos e pagaram caro em número de baixas. Mas em nenhum lugar os franceses executaram ataques com peso suficiente para conter as rápidas arremetidas dos blindados de Von Rundstedt.

Pierre Lesort referiu-se a "uma impressão imediata de desordem total e desespero vergonhoso. Objetos pessoais carregados em bicicletas, nem capacete nem canhão à vista, e a aparição de pessoas atordoadas e sem rumo (...) À beira da estrada, um homem estava parado, sozinho. Usava um gorro preto e uma batina curta: um capelão militar (...) Vi que chorava". Outro soldado, Gustave Folcher, escreveu sobre encontros com homens de unidades derrotadas ao norte: "Contaram-nos coisas terríveis, coisas inacreditáveis (...) Alguns vinham de tão longe quanto o canal Albert (...) Pediram qualquer coisa para comer e beber; pobres coitados! Passavam num fluxo interminável; era uma cena lastimável. Ah, se os admiradores das magníficas paradas militares em Paris, ou em outra parte, pudessem ter visto, naquela manhã, esse outro exército, o de verdade (...) talvez compreendessem o sofrimento do soldado".

• • •

Uma sensação de irrealidade alastrou-se inicialmente pela consciência pública francesa quando o mundo conhecido começou a desintegrar-se. A escritora judia nascida na Rússia Irène Némirovsky descreveu, em seu romance autobiográfico *Suíte francesa*, de 1940-1941, a reação incrédula em Paris à notícia dos impressionantes avanços alemães: "Embora os relatos fossem terríveis, ninguém acreditava. Não mais do que se a vitória fosse anunciada." Mas, conforme a verdade era entendida, o pânico varria o país. Entre os mais terríveis aspectos daqueles dias estava a fuga em massa de civis, com impacto desastroso tanto nas comunicações militares como no moral dos soldados. O povo ao leste da França havia sofrido a ocupação militar alemã em 1914 e estava decidido a escapar de outra experiência parecida. A maior parte da população de Reims fugiu, apenas um décimo entre os duzentos mil moradores de Lille permaneceu em casa, e sobraram oitocentos entre os 23 mil habitantes de Chartres depois que a cidade da catedral foi intensamente bombardeada. Muitos lugares se tornaram cidades-fantasma.

No leste e no centro da França, unidades do exército lutavam a fim de se desdobrarem para a ação entre colunas imensas de pessoas desesperadas. Gustave Folcher escreveu:

> As pessoas estão um pouco enlouquecidas, nem respondem ao que lhes perguntamos. Elas só têm na boca uma palavra: evacuação, evacuação... O mais lamentável é ver famílias inteiras na estrada, com o gado que obrigam a segui-las, mas que são forçadas a largar num curral qualquer. Vemos carroças puxadas por duas, três ou quatro lindas éguas, algumas com potrinhos que correm o risco de ser esmagados a cada metro da jornada. A carroça é dirigida por uma mulher, quase sempre em prantos, mas, na

> maioria das vezes, é um menino de oito, dez ou talvez doze anos que conduz os cavalos. Na carroça, sobre a qual móveis, baús, roupas de cama, as coisas mais preciosas ou mais indispensáveis, foram recolhidos às pressas, os avós também se acomodaram, segurando uma criança muito pequena, um recém-nascido (...) As crianças olham para nós, uma a uma, quando passamos, segurando nas mãos o cachorrinho, o gatinho, a gaiola com canários dos quais não quiseram se separar.

Oito milhões de franceses abandonaram suas casas no mês que se seguiu ao início do ataque alemão, a maior massa migratória da história da Europa Ocidental. As famílias que permaneceram em Paris se viam constantemente conduzidas a abrigos por alarmes: "Eles precisam vestir os filhos à luz de tochas", escreveu um dos que viveram a experiência. "Mães levantam nos braços corpos pequenos, quentes, pesados: 'Venha cá, não tenha medo, não chore.' Um ataque aéreo. Todas as luzes estavam apagadas, mas, sob o céu de junho claro e dourado, cada casa, cada rua era visível. Já o Sena parecia absorver as sugestões de luz mais débeis e refleti-las com um brilho cem vezes mais forte, como um espelho multifacetado. Janelas escurecidas, telhados cintilantes, as dobradiças metálicas das portas: tudo brilhava na água. Havia algumas lâmpadas vermelhas que demoravam mais tempo acesas do que outras, ninguém sabia por que, e o Sena as envolvia, capturava e fazia saltitar alegremente nas ondas."

Na semana seguinte à travessia alemã do Meuse, os exércitos invasores mantiveram um avanço quase incessante, enquanto os Aliados executavam todas as atividades em câmara lenta, exceto as fugas. Os britânicos responsabilizavam principalmente os franceses por seus apuros, mas alguns oficiais de Gort adotaram uma visão mais esclarecida, compreendendo que a própria Força Expedicionária Britânica tinha poucos motivos de orgulho. "Depois de alguns dias de luta", escreveu um oficial do Regimento de Fuzileiros Irlandeses, John Horsfall, "parte do nosso exército já não era capaz de medidas coordenadas, fossem ofensivas ou defensivas (...) Não podíamos atribuir isso (...) aos nossos políticos, [eram] falhas estritamente nossas (...) Dentro de nosso exército, a culpa era da mentalidade, e deve-se realmente indagar o que faziam a Escola de Comando e o estado-maior nos anos que antecederam a guerra".

A disparidade do desempenho, no campo de batalha, entre o exército alemão e os exércitos aliados seria um dos grandes enigmas não apenas na campanha de 1940, mas em todo o conflito. Thomas Mann certa vez descreveu o nazismo como "misticismo mecanizado". Michael Howard escreveu: "Armados de toda a tecnologia militar e de toda a racionalidade burocrática do Iluminismo como estavam, mas alimentados pelos valores guerreiros de um passado vastamente inventado, não é surpresa que os alemães encurralassem o mundo em duas guerras terríveis." Esses comentários, embora reflitam verdades importantes, parecem uma resposta incompleta à seguinte pergunta: por que a Wehrmacht era tão boa? Seus oficiais mais antigos haviam lutado na Primeira Guerra Mundial, mas por mais de uma década o exército alemão esteve quase moribundo. Não adquiriu nenhuma experiência de combate entre as guerras. Ao mesmo tempo, muitos soldados e oficiais britânicos haviam participado em operações de baixa intensidade na fronteira noroeste da Índia e em escaramuças irlandesas ou coloniais.

A conclusão inescapável é que o papel do exército britânico como gendarmeria imperial impediu sua instrução e sua adaptação a guerras de larga escala. Conflitos localizados enfatizam a utilização de pequenas forças, tendo o regimento como foco de operações. Eles exigem esforço, sacrifício e pensamento tático limitados. Alguns oficiais eram, nas palavras de Michael Howard, "altamente profissionais num ambiente minúsculo", mas, ao longo do conflito, os generais de Churchill padeceram com a falta de qualquer sistema coerente de instrução para o comando dos altos escalões, como aquele que o exército britânico adquiriu tardiamente, trinta anos depois. A Wehrmacht, recriada nos anos 1930 a partir de um mero quadro de oficiais, adotou novas ideias, e preparou-se e condicionou-se unicamente para uma guerra continental. Seus oficiais demonstraram mais energia, profissionalismo e imaginação do que a maioria dos oficiais britânicos; os soldados mostraram-se extremamente motivados. Uma disciplina institucional dominou a conduta do exército alemão no campo de batalha, em todos os níveis, e persistiu durante a guerra. Sua dedicação ao contra-ataque, mesmo em circunstâncias adversas, era quase genial. O conceito de travar uma guerra *à l'outrance*, buscando até o último fôlego a destruição do inimigo, parecia natural aos alemães, mas não aos seus inimigos britânicos e franceses. No campo de batalha, soldados dos Aliados, refletindo suas sociedades, tinham orgulho de se conduzirem como homens razoáveis. A Wehrmacht mostrou do que homens desatinados eram capazes.

• • •

Na Força Expedicionária Britânica, em maio de 1940, John Horsfall lamentou a falta de boas cartas topográficas e a incapacidade de cobrir a retirada com contra-ataques locais, de infligir danos substanciais às vanguardas alemãs, de posicionar a artilharia com eficácia e de instruir adequadamente aqueles que estavam no terreno: "Nossos soldados só precisam saber, em termos simples, contra o que devem lutar." Horsfall e seus camaradas ficaram desnorteados e enojados pela longa caminhada de volta desde a Bélgica, pelo nordeste da França, durante a qual viram desmoronar parte substancial de seu exército e a maioria dos comandantes. "Foi uma marcha infeliz", escreveu ele, "e os [fuzileiros] foram progressivamente fragmentados por grupos perdidos ou desordenados de outras unidades que apareciam à nossa frente, vindos das estradas secundárias (...) Havia muito sobre o que refletir (...) Não se podia deixar de perceber a falta de controle em algum ponto de nosso exército. Nossos homens logo souberam, e tornou-se tarefa dos oficiais abafar o assunto — ou rir dele (...) Algo muito ruim acontecia. Mas não era culpa de nosso regimento mais do que a devastação da Crimeia havia sido (...) Eu não via razão (...) para aquela retirada crítica não ter sido efetivamente controlada."

Enquanto isso, comandantes franceses pareciam viver num mundo de fantasia. Os oficiais do estado-maior de Gamelin espantaram-se ao vê-lo almoçar em seu quartel-general, em 19 de maio, gracejando e conversando amenidades enquanto seus subordinados se desesperavam. Às 21 horas, mais ou menos quando os primeiros tanques Panzer alcançaram o canal na foz do Somme, por ordem de Reynaud, Gamelin foi substituído, como líder militar da França, pelo general Maxime Weygand, de 73 anos. O novo comandante supremo percebeu que a única chance dos Aliados era lançar contra-ataques vindos do sul e do norte contra os flancos alemães nas proximidades de Arras,

para romper o cerco na Bélgica e no nordeste da França. Sir Edmund Ironside, chefe do estado-maior imperial, chegou à mesma conclusão durante uma visita. Num encontro com dois generais franceses, Gaston Billotte e Georges Blanchard, em Lens, Ironside ficou espantado e contrariado com sua inércia. Os dois homens estavam "num estado de total depressão. Nenhum plano, nenhuma intenção de plano. Prontos para serem massacrados. Derrotados sem provocar baixas". Ironside insistiu num ataque imediato ao sul, rumo a Amiens, com o qual Billotte prometeu cooperar. Ironside, então, telefonou para Weygand. Concordaram que duas divisões francesas e duas divisões britânicas atacariam na manhã do dia seguinte, 21 de maio.

Mesmo assim, Gort nunca acreditou que os franceses se mexeriam, e tinha razão. Quando as duas fracas formações britânicas avançaram no dia seguinte, fizeram-no sozinhas e sem apoio aéreo. Os alemães ficaram confusos quando as colunas de Gort atacaram a oeste de Arras. Houve uma luta encarniçada, e os britânicos avançaram dezesseis quilômetros, tomando quatrocentos prisioneiros antes que o ataque perdesse o fôlego. Erwin Rommel, no comando de uma divisão Panzer, assumiu pessoalmente o comando da defesa e reordenou suas unidades, surpresas e confusas. Tanques Matilda infligiram perdas significativas entre os alemães, matando o ajudante de ordens de Rommel enquanto estava ao lado do comandante. Mas, àquela altura, os britânicos haviam dado tudo o que tinham; o ataque foi corajosa e efetivamente executado, mas não teve peso suficiente para ser decisivo.

Na manhã do mesmo dia, 21, ainda enquanto os britânicos avançavam para Arras, Weygand partiu de Vincennes para a frente setentrional, com a esperança de organizar um contragolpe mais ambicioso. Depois de esperar duas horas em Le Bourget por um avião, a viagem do comandante em chefe descambou para uma farsa. Ao chegar a Béthune, ele encontrou o aeródromo deserto, salvo por um único e imundo soldado, que protegia os estoques de combustível. O homem, por fim, conduziu o general, de carro, a uma agência de correio, onde ele pôde telefonar para o comandante de um grupo de exércitos, Billotte, que passara a manhã à procura de Weygand, em Calais. O comandante em chefe, depois de uma pausa para comer uma omelete numa estalagem, pegou um avião para chegar ao porto, de onde seguiu de carro por estradas atulhadas de refugiados para um encontro com o rei Leopoldo, da Bélgica, na prefeitura de Ypres. Ele insistiu que o monarca apressasse a retirada de seu exército para o oeste, mas Leopoldo relutava em abandonar o solo belga. Billotte disse que só os britânicos, até então pouquíssimo engajados, estavam preparados para atacar. Para a ira de Weygand — que equivocadamente viu naquilo um desdém —, lorde Gort não foi ao encontro.

Chegando atrasado a Ypres, o comandante da Força Expedicionária Britânica concordou, sem muita convicção, em participar de um novo contra-ataque, porém alertou que todas as suas reservas estavam empenhadas. Ele nunca acreditou que uma arremetida anglo-francesa ocorreria. Posteriormente, Weygand afirmaria que os britânicos eram propensos a trair seus aliados: a ideia refletia uma profunda convicção francesa, que remontava à Primeira Guerra Mundial, de que os britânicos sempre lutavam atentos à rota de fuga para os portos do canal. Os britânicos, por sua vez, desesperaram-se com o derrotismo francês; Weygand portanto estava certo, pois Gort considerava seus aliados irremediavelmente inertes e empenhava-se em resgatar a Força Expedicionária Britânica dos destroços da campanha. Mais tarde, na desolada noite de 21 de maio, Billotte sofreu um acidente automobilístico fatal e somente dois dias depois um sucessor foi designado

comandante do Grupo de Exército do Norte. Ao mesmo tempo, o colapso das comunicações entre o comando aliado tornava-se abrangente. Depois de um encontro com o comandante de grupo de exércitos francês no dia anterior, o chefe do estado-maior imperial, Sir Edmund Ironside, escreveu: "Perdi as estribeiras e sacudi Billotte pelo botão da túnica. O homem está totalmente acabado." Gort disse ao rei Leopoldo, naquela noite: "É um trabalho ruim." Às 19 horas, Weygand partiu de Dunquerque numa lancha torpedeira, em meio a um ataque aéreo, voltando ao seu quartel-general às 10 horas da manhã seguinte. A cada hora que se passava durante suas andanças fúteis pelo norte da França, tanques, canhões e soldados alemães continuavam a espalhar-se para o norte e o oeste através da grande fenda na linha de frente aliada.

O comandante supremo sucumbiu então à fantasia: quando se apresentou a Reynaud na manhã de 22 de maio, parecia quase animado. "Cometemos tantos erros", disse, "que eles me dão confiança. Acho que no futuro cometeremos menos." Assegurou ao primeiro-ministro que tanto a Força Expedicionária Britânica quanto o exército de Blanchard estavam em boas condições de combate. Delineou o contra-ataque que planejara e concluiu, equivocadamente: "Ele nos levará à vitória ou salvará nossa honra." Numa reunião em Paris, em 22 de maio, com Churchill e Reynaud, Weygand transpirava otimismo, afirmando que um novo exército, com quase vinte divisões, conduziria o ataque francês a partir do sul para restaurar a conexão com a Força Expedicionária Britânica. Tanto o exército quanto o ataque, porém, eram produtos de sua imaginação.

Na noite de 23 de maio, Gort retirou suas forças da saliência que detinham em Arras. O fato bastou para os franceses declararem que os britânicos repetiam a conduta egoísta e covarde de 1914. A decisão refletia apenas o reconhecimento da realidade, mas Reynaud não disse a Weygand que os britânicos se preparavam para evacuar sua força expedicionária. Gort disse ao almirante Jean-Marie Abrial, que comandava o perímetro de Dunquerque, que três divisões britânicas ajudariam a dar cobertura à retirada francesa. Depois da partida de Gort para a Inglaterra, porém, seu sucessor no comando, o major-general Harold Alexander, recusou-se a honrar esse compromisso. Abrial disse: "Sua decisão desonra a Grã-Bretanha." A derrota provocou um vendaval de recriminações parecidas entre os Aliados: Weygand, informado sobre a rendição belga em 28 de maio, reclamou furiosamente: "Aquele rei! Que canalha! Que canalha abominável!"

Os britânicos, simultaneamente, começaram a evacuar sua força expedicionária do porto e das praias de Dunquerque. "Era óbvio, para qualquer pessoa, que um desastre militar de proporções monumentais estava em andamento", escreveu John Horsfall, oficial do Regimento de Fuzileiros irlandês, com enfadada resignação. "Portanto, podíamos nos refugiar na história, sabendo que não era apenas algo de se esperar, mas uma experiência corriqueira de nosso exército quando lançado de forma irresponsável por nossos políticos numa guerra europeia." O sargento L. D. Pexton foi um dos mais de quarenta mil soldados britânicos aprisionados depois de uma ação na retaguarda perto de Cambrai, em que sua unidade foi esmagada: "Eu me lembro da ordem 'Cessar Fogo' e de que eram 12 horas", escreveu ele, posteriormente. "Levantei-me e ergui as mãos. Meu Deus, como poucos entre nós se levantaram. Eu achei que meus últimos momentos tinham chegado e acendi um cigarro."

• • •

A evacuação de Dunquerque foi anunciada ao público britânico em 29 de maio, quando voluntários civis do Small Boat Pool [Agrupamento de Pequenas Embarcações] se juntaram aos navios de guerra para resgatar homens nas praias e no porto. A façanha da Marinha Real britânica durante a semana seguinte tornou-se lendária. O vice-almirante Bertram Ramsay, instalado num quartel-general subterrâneo em Dover, dirigiu os movimentos de quase novecentos navios e pequenas embarcações com calma e habilidade extraordinárias. A remoção de tropas das praias, com lanchas civis e barcos de passeio, forjou a imagem romântica de Dunquerque, mas a maior proporção — cerca de 70% — foi

retirada por contratorpedeiros e outros navios de grande porte, carregados no molhe do porto. A marinha teve a sorte de as águas do canal permanecerem inusitadamente calmas durante toda a operação Dynamo.

O soldado Arthur Gwynn-Browne deu vazão, em termos líricos, à sua gratidão por voltar para casa e sair do inferno alienígena de Dunquerque: "Foi tão maravilhoso. Eu estava num navio, e qualquer navio, sim, qualquer navio é a Inglaterra. Qualquer navio, sim, qualquer navio, eu estava num navio e a caminho da Inglaterra. Era maravilhoso. Fiquei parado, engolindo as brisas marinhas, nenhuma fumaça nem coisas queimando nem fogo nem densos nevoeiros cinzentos de óleo, mas brisas marinhas. Eu as engolia, tão limpas e frescas, e eu estava vivo, e era tão maravilhoso." Muitos soldados chegaram à Inglaterra temerosos quanto à recepção que teriam, como destroços de uma das maiores derrotas que seu país já havia sofrido. Um oficial de intendência, Walter Gilding, escreveu: "Quando desembarcamos, achei que todos atirariam contra nós, especialmente por sermos soldados comuns e termos fugido (...) Mas, em vez disso, havia gente aplaudindo e vibrando, como se fôssemos heróis. Davam-nos canecas de chá e sanduíches. Éramos uma visão lamentável, acho eu."

John Horsfall teve a mesma experiência: "Em Ramsgate, deparamo-nos pela primeira vez com o inacreditável ato de improvisação conseguido pelas forças armadas e autoridades civis agindo em comum acordo. Ali estava a Bretanha para nos saudar com a varinha de uma fada e seu manto de magia; ali, também, vislumbrava-se um breve instante da história. Sem clara consciência, comovemo-nos profundamente e identificamos de imediato o estado de desafiador espírito nacional que derrotou Napoleão e que destruiria Hitler. O calor da recepção naquele antigo porto marítimo foi inspirador (...) Uma série infindável de trens nos esperava, além de damas encantadoras com chá e outras comodidades. Mas a fadiga e a reação pesavam sobre as emoções, e talvez tenhamos sido menos receptivos do que deveríamos."

A lenda de Dunquerque foi manchada por certa sujeira, como é o caso de todos os grandes acontecimentos históricos: um número significativo de marujos ingleses convidados a participar da evacuação se recusou a fazê-lo, incluindo a frota de pesca de Rye e alguns tripulantes de barcos salva-vidas; outros, depois de vivenciarem o caos das praias e dos bombardeios da Luftwaffe, recusaram-se a partir novamente após voltarem à Inglaterra. Enquanto muitas unidades de combate preservaram sua coesão, houve colapsos disciplinares nos escalões de retaguarda, o que obrigou alguns oficiais a sacarem, e mesmo usarem, seus revólveres. Nos três primeiros dias, os britânicos se contentaram em remover seus próprios homens, enquanto os franceses detinham um perímetro ao sul e o acesso aos navios lhes era negado. Em pelo menos uma ocasião, quando tentaram subir a bordo, os *poilus*, como eram apelidados os soldados da infantaria francesa, foram recebidos a tiros por tropas britânicas desordenadas. Somente quando Churchill interveio pessoalmente os navios começaram a receber franceses, 53 mil deles, depois que os últimos britânicos foram embarcados. A maioria, subsequentemente, insistiu em ser repatriada — e, mais tarde, se viu em campos de trabalho forçado na Alemanha — em vez de permanecer como exilados na Grã-Bretanha.

Um soldado britânico locado no quartel de Dover, David McCormick, não viu nada muito romântico em sua contribuição para a evacuação, descrita em carta para sua casa, em 29 de maio: "Somos (...) acordados e levados para as docas à 1h45 da manhã, submetidos a esforços físicos e tortura mental até 8h30, e carregar cadáveres, mãos soltas e

cérebros faz parte do trabalho do dia. Sinto-me muito infeliz e às vezes quero chorar quando estou lá. É tudo tão sem sentido e odeio a insensibilidade com que isso é tratado pela maioria de nosso pessoal, que vai lá mais para ver o que se pode roubar em matéria de cigarros e de dinheiro."

A marinha sofreu severamente em Dunquerque, onde perdeu seis contratorpedeiros e teve 25 avariados. O pior dia foi 1º de junho, quando três contratorpedeiros e um navio de passageiros foram afundados num ataque aéreo e outros quatro, irremediavelmente danificados. Posteriormente, o Almirantado sentiu-se obrigado a retirar seus grandes navios de guerra da evacuação. A RAF costumava ser amaldiçoada por soldados e marinheiros por sua suposta ausência nos céus; em Dunquerque, todos os soldados aprenderam a temer os repetidos ataques de aviões Stuka. Ainda assim, o Comando de Caças prestou importante serviço ao ajudar a manter a Luftwaffe a distância, ao custo de 177 aeronaves perdidas durante os nove dias de evacuação. Enquanto os alemães tentavam impedir a operação *Dynamo*, seus pilotos se encontravam mais duramente pressionados por caças do que em qualquer outro momento desde 10 de maio. O esforço da Luftwaffe contra os britânicos em retirada teve resultados muito aquém das esperanças e promessas de Göring, mais em virtude da RAF do que das asneiras cometidas pelos próprios alemães. Depois de 1º de junho, a Luftwaffe realocou a maior parte de suas aeronaves para atormentar os franceses, tornando a fase final da evacuação muito menos custosa do que a inicial.

A grande realidade era que a Força Expedicionária Britânica escapara. Cerca de 338 mil homens foram levados para a Inglaterra, dos quais 229 mil eram britânicos, e o resto, francês e belga. A retirada e a evacuação foram encaradas por muitos como um triunfo pessoal de Gort; mas, embora o comandante em chefe tenha de fato dado as ordens apropriadas, o êxito teria sido impossível se Hitler não tivesse ordenado a parada de seus tanques. É improvável, embora plausível, que tenha sido uma decisão política, determinada pela crença de que tal contenção tornaria os britânicos mais suscetíveis a negociações de paz. É mais fácil acreditar que Hitler aceitou a alegação de Göring de que a Luftwaffe poderia exterminar a Força Expedicionária Britânica, que já não ameaçava os objetivos estratégicos alemães, e que os tanques Panzer precisavam de reparos antes de serem urgentemente lançados contra as forças de Weygand. O I Exército francês portou-se com bravura em Lille, o que contribuiu significativamente para manter os alemães fora do perímetro de Dunquerque; era compreensível que soldados britânicos manifestassem amargura contra os Aliados, mas o exército de Churchill se conduzira pouco melhor do que as tropas de Reynaud na campanha continental.

Dunquerque foi verdadeiramente uma salvação, da qual o primeiro-ministro extraiu um perverso triunfo de propaganda. Uma mulher de Lancashire, Nella Last, escreveu, em 5 de junho: "Esqueci que era uma dona de casa de meia-idade que às vezes se levantava cansada e tinha dores nas costas. A história me fez sentir parte de algo eterno e que jamais envelhecia — como uma chama para iluminar ou aquecer, mas forte o suficiente para queimar e destruir o lixo (...) De alguma forma, achei que tudo valia a pena e me senti feliz por pertencer à mesma raça dos que resgataram e dos que foram resgatados." O exército britânico salvara um quadro profissional e, em torno dele, novas formações poderiam ser construídas, mas suas armas e seus equipamentos foram perdidos. A Força Expedicionária Britânica deixou para trás, na França, 64 mil viaturas, 76 mil toneladas de munição, 2.500 canhões e mais de quatrocentas mil toneladas de provisões. A rigor, as

forças terrestres da Grã-Bretanha foram desarmadas: muitos soldados esperariam anos para receber armas e equipamento que os pusessem em condições de voltar ao campo de batalha.

• • •

Supõe-se às vezes que a campanha findou quando a Força Expedicionária Britânica deixou o continente, o que é um absurdo. Entre 10 de maio e 3 de junho, os alemães sofreram uma média de 2.500 baixas a cada dia de combate. Nas duas semanas seguintes, as perdas diárias duplicaram. Um soldado da 28ª Divisão francesa escreveu, num tom desafiador, em 28 de maio: "Parece que os alemães tomaram Arras e Lille. Se é verdade, o país precisa redescobrir seu velho espírito de 1914 e 1789." Algumas unidades continuavam dedicadas ao combate, alguns franceses ignoraram o desespero dos comandantes. Um dos homens do general Charles de Gaulle escreveu: "Em quinze dias, lançamos quatro ataques e fomos bem-sucedidos, então trabalharemos juntos e pegaremos aquele canalha do Hitler." Um soldado escreveu, em 2 de junho: "Estamos realmente cansados, mas precisamos ficar aqui, eles não podem passar, e vamos pegá-los (...) Eu me orgulharei de ter participado da vitória sobre a qual não tenho dúvidas." Mesmo alguns governos estrangeiros ainda não estavam convencidos da derrota final da França. Em 2 de junho, o ministro do Exterior de Mussolini, Galeazzo Ciano, exibiu o ilimitado cinismo do regime italiano ao dizer ao embaixador francês em Roma: "Consigam algumas vitórias e nos terão ao seu lado."

Na última fase da campanha, quarenta divisões de infantaria francesas e os restos de três formações blindadas enfrentaram cinquenta divisões de infantaria e dez divisões Panzer alemãs. Trinta e cinco generais de Weygand foram demitidos e substituídos. O exército francês lutou melhor em junho de 1940 do que em maio, mas era tarde demais para se redimir dos desastres iniciais. Constantin Joffe, da Legião Estrangeira, ficou surpreso com a maneira como os judeus de seu regimento se distinguiram:

> Muitos eram pequenos alfaiates ou vendedores ambulantes de Belleville, o bairro operário de Paris, ou do gueto da Rue du Temple. Ninguém queria saber deles em [no campo de instrução de] Barcares (...) Falavam apenas iídiche. Pareciam ter medo de uma metralhadora, pareciam perpetuamente com medo. Mas, debaixo de fogo, se fosse preciso voluntários para buscar munição sob pesado bombardeio ou se uma rede de arame farpado precisasse ser levantada durante a noite, bem perto dos canhões inimigos, esses homenzinhos eram os primeiros a oferecer seus serviços. Faziam-no sem fanfarronadas, talvez sem vangloriar-se, mas faziam. Eram sempre eles que, até o último momento, buscavam nossas armas num posto abandonado.

Comandantes da Wehrmacht expressavam admiração com a forma como algumas unidades francesas lutaram no começo de junho para defender sua nova linha no rio

Somme. Um alemão escreveu em seu diário: “Nessas aldeias arruinadas, os franceses resistiram até o último homem. Alguns ‘ouriços’ continuavam na luta quando nossa infantaria estava 32 quilômetros atrás deles.” Mas, em 6 de junho, o front foi decididamente rompido, e, no dia 9, os tanques de Rundstedt chegavam a Rouen. No dia seguinte, romperam a linha Aisne enquanto o governo francês deixava Paris; o diplomata Jean Chauvel incendiou a chaminé de seu gabinete no Quai d’Orsay ao queimar uma maçaroca de documentos na lareira, uma das muitas fogueiras que simbolizavam as esperanças de seu país. Houve medo de que, com o governo ausente, os operários socialistas dos subúrbios marchassem para a capital e proclamassem uma nova Comuna. Ao contrário, depois que tanta gente fugiu, restou apenas uma tranquilidade macabra: em 12 de junho, numa rua elegante de Paris, um jornalista suíço se surpreendeu ao encontrar uma manada de vacas abandonadas, mugindo lastimosamente. A queda da capital, dois dias depois, levou o escritor austríaco Stefan Zweig, um judeu agora em exílio alhures, a escrever: “Poucas desgraças pessoais me consternaram e me encheram de desespero como a humilhação de Paris, uma cidade abençoada, como nenhuma outra, pela capacidade de fazer feliz qualquer um que a visite.”

A grande fuga de civis para o oeste e para o sul prosseguia, dia e noite. “Silenciosamente, sem acender os faróis, os carros vinham, um depois do outro”, escreveu Irène Némirovsky, “quase explodindo com bagagens e móveis, carrinhos de bebê e gaiolas, caixas e cestos com roupas, cada um com um colchão atado firmemente ao teto. Pareciam montanhas de frágeis andaimes que se moviam sem a ajuda de um motor, impulsionados pelo próprio peso.” Némirovsky descreveu três civis infelizes vítimas de ataques aéreos: “Seus corpos foram feitos em pedaços, mas, por sorte, os rostos estavam intactos. Eram rostos tristes, comuns, com uma expressão turva, fixa, atônita, como se tentassem em vão compreender o que lhes acontecia; não foram feitos, meu Deus, para morrer numa batalha, não foram feitos para a morte.”

Um piloto de caça da RAF, Paul Richey, viu uma bomba da Luftwaffe cair sobre quatro trabalhadores enquanto aravam um campo: “Nós os encontramos entre as crateras. O velho estava deitado com o rosto para baixo, o corpo grotescamente retorcido, com uma perna esmagada e um corte profundo na nuca, respingando continuamente no chão. O filho jazia perto (...) Junto à sebe, encontrei o que deviam ser os restos do outro garoto — reconhecível apenas por alguns farrapos, uma bota partida e algumas lascas de ossos. Os cinco cavalos atingidos sangravam no chão, ao lado da grade arrebentada; atiramos neles depois. O ar estava tomado pelo cheiro forte de explosivos potentes.”

Naqueles dias, quando os europeus ainda perdiam a inocência, pilotos britânicos espantavam-se diante do espetáculo dos aviões Messerschmitt, que metralhavam refugiados. Richey encontrou um colega aviador no refeitório: “Um homem desiludido, quase com relutância, disse: ‘Eles *são* uns merdas, afinal.’ A partir daí, nosso conceito de um inimigo cavalheiresco estava morto.” O soldado Ernie Farrow, do 2º Regimento Norfolk do exército britânico, também se horrorizou com a carnificina produzida pelos cavaleiros do ar que serviam a Göring: “Em todas as estradas, havia pessoas mortas, sem braços, sem cabeças, animais mortos pelo chão, crianças minúsculas, pessoas idosas. Não um ou dois, mas centenas, para todos os lados (...) Não podíamos parar para limpar a estrada (...) então tivemos de passar com nossos caminhões por cima deles, o que foi terrível — realmente terrível.”

No novo refúgio do governo de Reynaud, o Château de Chissay, no Loire, sua amante Hélène de Portes era vista orientando carros de visitantes, usando um robe vermelho sobre o pijama. Ela exerceu sua influência apaixonada para convencer o primeiro-ministro a concordar com um armistício. Reynaud escreveu com tristeza, após a morte de Portes num acidente automobilístico, que ela "foi desencaminhada por seu desejo de se aproximar dos jovens (...) e de se distanciar de judeus e de políticos velhos. Mas pensava estar me ajudando". O estado de espírito de Portes refletia o sentimento da maior parte do país. Em Sully-sur-Loire, uma mulher, rubra de raiva e de agitação, berrou para um oficial francês parado diante de uma igreja: "O que vocês estão esperando, soldados, para acabar com essa guerra? Querem que eles nos massacrem a todos, com nossos filhos? (...) Por que ainda lutam? Aquele Reynaud! Se eu pudesse botar as mãos nele, o patife!"

Nos quartéis da Wehrmacht, predominava a euforia. O general Eduard Wagner escreveu, em 15 de junho: "Deve-se registrar para a história de nossa época e para a história do mundo o modo como [o chefe do estado-maior da Wehrmacht Franz] Halder se senta diante de um mapa em escala de um por um milhão e mede as distâncias com uma régua e logo se desdobra no Loire. Duvido que a síntese de 'julgamento frio e entusiasmo caloroso' do [general Hans von] Seeckt tenha alguma vez encontrado uma manifestação tão brilhante quanto no estado-maior geral desta campanha (...) Mas, apesar de tudo, o Führer mereceu a glória, pois sem sua determinação as coisas jamais alcançariam tamanho resultado."

Na noite de 12 de junho, Weygand propôs que se buscasse um armistício. Reynaud sugeriu que ele e seus ministros mantivessem seus cargos no exílio, mas o marechal Philippe Pétain descartou a ideia. Em 16 de junho, Reynaud reconheceu que a maioria dos ministros era a favor da capitulação e renunciou em favor de Pétain. Na manhã seguinte, o marechal dirigiu-se pelo rádio ao povo francês: "É com pesar que vos digo, hoje, que é preciso parar de lutar." Depois do anúncio, poucos soldados franceses viram sentido em sacrificar suas vidas no campo de batalha.

Ainda assim, houve alguns esforços galantes e fúteis. Um batalhão de infantaria perto de Châteauneuf defendeu teimosamente suas posições. Outro episódio ganhou destaque nas lendas da França: enquanto colunas de refugiados e desertores do exército fugiam pelo Loire, o comandante da escola de cavalaria francesa em Saumur, um antigo coronel veterano de guerra, chamado Daniel Michon, recebeu ordens para posicionar seus 780 cadetes e instrutores e defender as pontes da região. Ele os reuniu no grande anfiteatro de Saumur e anunciou: "Senhores, para a escola é uma missão de sacrifício. A França conta com os senhores." Um aluno, Jean-Louis Dunand, que abandonara o curso de arquitetura em Paris para ser cadete, escreveu, exultante, para os pais: "Estou tão impaciente para lutar, como todos os meus camaradas. Tempos cem vezes mais penosos me esperam, mas estou preparado para enfrentá-los com um sorriso."

O prefeito local havia perdido o próprio filho no campo de batalha. Ao saber que Pétain pretendia render-se, implorou a Michon para que não transformasse a antiga Saumur num campo de batalha. O coronel o despachou com desdém: "Tenho ordens para defender a cidade. A honra da escola está em jogo." Ele deu destino aos seus oitocentos cavalos e dividiu os cadetes em "brigadas", cada uma comandada por um instrutor, numa frente de dezenove quilômetros em pontos onde era provável a travessia do Loire; eles foram reforçados por algumas centenas de recrutas argelinos em treinamento e retardatários do exército, apoiados por alguns tanques. Pouco antes da

meia-noite, em 18 de junho, quando a vanguarda da divisão de cavalaria alemã chefiada pelo general Kurt Feldt aproximou-se de Saumur, foi recebida com fogo de barragem. Um oficial alemão avançou ao lado de um prisioneiro francês portando uma bandeira branca, numa tentativa de negociação. Mas o fato provocou tiros e explosões que mataram ambos. Então, quando a artilharia alemã começou a bombardear Saumur, batalhas pequenas e ferozes pipocaram ao longo da linha de frente.

Alguns defensores agiam com um heroísmo não menos notável por vir acompanhado de atitudes assumidamente melodramáticas. Um cadete, Jean Labuze, manifestou dúvidas sobre a ordem de resistir até o fim, dizendo, em tom desesperado: "Estamos prontos para morrer, não para morrer à toa." Seu oficial respondeu, pouco antes de ser morto: "Ninguém morre à toa. Todos morreremos pela França." Outro oficial, em Milly-le-Meugon, acordou o pároco à meia-noite para que seus pupilos pudessem ser absolvidos antes de enfrentar a morte; cerca de duzentos deles comungaram na escurecida igreja da aldeia antes de retomarem a luta. As pontes do Loire perto de Saumur foram explodidas pelos defensores, e, ao longo de 19 e 20 de junho, repetidas tentativas alemãs para atravessar o rio em pequenos botes foram rechaçadas.

Mas os invasores atravessaram o rio em pontos mais acima e mais abaixo, flanqueando Saumur; as últimas posições defendidas pelos homens da escola de cavalaria, em torno de uma casa de fazenda em Aunis, 4,5 quilômetros a sudoeste da cidade, foram sobrepujadas. Cadetes e instrutores foram feridos ou mortos às dezenas, inclusive o ex-estudante de arquitetura Jean-Louis Dunand. Outro entre os mortos em Aunis foi um jovem soldado chamado Jehan Allain, um organista e compositor em ascensão antes da guerra: Allain havia conquistado uma Croix de Guerre em Flandres, vivido a evacuação em Dunquerque e retornado da Inglaterra para lutar novamente antes de encontrar a morte. Folhas com uma composição inacabada foram encontradas na maleta de couro presa à sua moto.

Enquanto as batalhas ao redor de Saumur ainda eram travadas, soldados e civis irritados olhavam com reprovação, escarnecendo e repreendendo os defensores por sua loucura e por provocarem uma matança desnecessária. Porém, depois da rendição da França, enquanto o velho e infeliz coronel Michon abandonava suas posições e conduzia uma coluna para oeste, com a esperança de manter a luta em outro lugar, patriotas abraçaram a história de sua heroica resistência. Em Saumur, pelo menos, diziam eles, alguns soldados se comportaram com honradez; monumentos foram construídos para homens como o tenente Jacques Desplats, que morreu com seu amado airedale terrier Nelson defendendo a ilha de Gennes, sob o comando de Michon. Do ponto de vista militar, as ações de 19 e 20 de junho não significaram nada. Moralmente, para o povo da França, viriam a significar muito.

A maior parte do exército, nesse período, aguardava o cativeiro. O tenente George Friedmann, filósofo na vida civil, escreveu: "Hoje, entre muitos franceses, não percebo qualquer senso de dor diante dos infortúnios do país (...) Só observei uma espécie de alívio satisfeito (por vezes até alívio exaltado), uma espécie de baixa satisfação atávica com o entendimento de que 'para nós, acabou', sem se importar com mais nada." A direita política francesa aplaudiu o acesso do regime de Pétain ao poder, tendo um de seus partidários escrito a um amigo: "Finalmente, a vitória é nossa." Ao viajar pelo país nos meses que se seguiram ao armistício, o marechal foi saudado por multidões imensas, que o aplaudiam histericamente. Elas acreditavam que nada que os nazistas fizessem poderia

ser tão terrível quanto o custo de prosseguir numa luta inútil. O fato de que Churchill convenceu o povo britânico a adotar um julgamento alternativo, a desafiar a realidade tal como era vista, provocou inveja, amargura e ressentimento duradouros na França.

• • •

A conquista da França e dos Países Baixos custou à Alemanha quase 43 mil mortos e 117 mil feridos; a França perdeu cinquenta mil homens, a Grã-Bretanha, onze mil; os alemães fizeram 1,5 milhão de prisioneiros. Aos britânicos foi concedida mais uma libertação milagrosa, uma segunda Dunquerque. Após sua força expedicionária escapar, Churchill tomou a boa decisão do ponto de vista moral, mas imprudente sob o viés militar, de enviar mais tropas à França para fortalecer a determinação de seu governo. Em junho, duas divisões mal equipadas foram despachadas para se juntarem às forças residuais no continente. Depois do armistício, por estarem os alemães também preocupados em outras partes, foi possível evacuar quase duzentos mil homens dos portos a noroeste da França para a Inglaterra, com a perda de apenas poucos milhares. Assim, Churchill foi poupado de arcar com as consequências de uma tolice.

O embaixador britânico na França, Sir Ronald Campbell, escreveu, como despedida, depois do colapso: "Devo (...) descrever a França como um homem que, aturdido por um golpe inesperado, fosse incapaz de levantar-se antes que o adversário desferisse o '*coup de grace*'." Nas décadas seguintes à derrota francesa, houve intenso debate sobre uma suposta decadência nacional que teria levado àquele resultado. No verão de 1940, o bispo de Toulouse trovejou: "Sofremos o bastante? Rezamos o bastante? Arrependemo-nos de sessenta anos de apostasia nacional, sessenta anos durante os quais o espírito francês padeceu todas as perversões das ideias modernas (...) durante os quais a moralidade francesa declinou, durante os quais a anarquia se desenvolveu estranhamente."

Os jogos modernos de estado-maior em que é revivida a campanha de 1940, executados em escolas de guerra, às vezes terminam com uma derrota alemã. O fato leva alguns historiadores a afirmar que o triunfo de Hitler no campo de batalha, longe de inescapável, poderia ter sido evitado. É difícil aceitar essa opinião. Nos anos que se seguiram ao desastre de 1940, o exército alemão demonstrou repetidamente sua superioridade institucional sobre os Aliados Ocidentais, que só se impunham no campo de batalha quando tinham superioridade substancial em homens, tanques e apoio aéreo. A Wehrmacht mostrou uma energia dinâmica inteiramente ausente nos exércitos aliados em 1940. Ao contrário do mito popular, os alemães não conquistaram a França seguindo um minucioso plano da Blitzkrieg — guerra-relâmpago. A rigor, os comandantes — e especialmente Guderian — demonstraram inspirado oportunismo, com resultados que excederam suas expectativas mais extravagantes. Se os franceses se movimentassem com mais rapidez, e os alemães mais lentamente, o resultado da campanha poderia ter sido outro, mas tal especulação não faz sentido.

Em 1940, os alemães não foram obrigados a desviar grandes forças para uma Frente Oriental, como aconteceu em 1914, quando a França aliou-se à Rússia. Apesar da inquestionável superioridade do braço aéreo dos invasores, a derrota dos Aliados foi consequência menos de uma inferioridade material do que moral; com raras e isoladas exceções, as respostas dos Aliados às iniciativas alemãs careciam de convicção em todos

os níveis. Winston Churchill foi praticamente o único entre os líderes anglo-franceses da guerra, e entre os soldados no campo de batalha, pronto para exigir uma luta até o último homem. Os políticos e os generais franceses, ao contrário, adotaram uma visão racionalista: identificaram limites para os danos aceitáveis à população e ao tecido de seu país, com o intuito de evitar curvarem-se diante de um invasor estrangeiro, como a França fora, com frequência, obrigada a fazer. Relativamente poucos soldados franceses estavam dispostos a sacrificar-se pela causa, pois não acreditavam nos líderes nacionais nem em seus comandantes; o país suportara 42 governos cronicamente fracos entre 1920 e 1940. Gamelin escreveu, ainda em 18 de maio: "O soldado francês, ontem um cidadão, não acreditava na guerra (...) Disposto a criticar incessantemente qualquer um que detivesse o mais leve vestígio de autoridade (...) não recebeu a espécie de educação moral e patriótica que o teria preparado para o drama em que o destino do país seria representado."

Irène Némirovsky escreveu, em tom reflexivo, em 1941, a respeito do colapso: "Durante anos, tudo o que foi feito na França, em determinada classe social, teve apenas um motivo: medo (...) Quem lhes faria menos mal (não no futuro, não em tese, mas agora e na forma de chutes no traseiro ou tapas na cara)? Os alemães? Os ingleses? Os russos? Os alemães venceram, mas a surra foi esquecida e os alemães podem protegê-los. Por isso estão 'com os alemães'." Pouquíssimos franceses, em 1940 e pouco depois, seguiram o exemplo dado por dezenas de milhares de poloneses — lutar no exílio, mesmo após a derrota de seu país. Somente em 1943-1944, quando se tornou claro que os Aliados ganhariam a guerra e tendo a ocupação alemã se mostrado insuportavelmente opressiva, o povo francês, em grande número, ofereceu assistência significativa aos anglo-americanos. Nos anos em que a Grã-Bretanha resistiu solitariamente, as forças francesas opuseram resistência determinada aos exércitos e às frotas de Churchill, em qualquer parte do mundo onde os encontrassem. Poucos, mesmo entre aqueles que não lutaram contra os britânicos, optaram por lutar ao lado deles: o porta-aviões francês *Béarn*, por exemplo, carregado com preciosos caças americanos, refugiou-se na colônia caribenha francesa da Martinica entre junho de 1940 e novembro de 1942.

Entre os espectadores chocados com o colapso da França estava Stalin. Molotov mandou a Hitler um telegrama respeitoso, cumprimentando-o pela captura de Paris, mas o triunfo nazista provocou horror em Moscou. Todos os cálculos estratégicos soviéticos se fundaram na expectativa de um banho de sangue prolongado no continente, o que enfraqueceria drasticamente a Alemanha e as potências ocidentais. Um diplomata russo em Londres comentou depois, de forma indiscreta, que, enquanto a maior parte do mundo comparava as baixas sofridas pelos Aliados e pelos alemães, Stalin somava ambas para produzir um balanço de suas vantagens. Nikita Kruschev descreveu a fúria do chefe militar da Rússia diante da rendição de Pétain: "Stalin estava muito agitado, muito nervoso. Eu o vira poucas vezes naquele estado. Normalmente, ele quase não se sentava na cadeira durante as reuniões, andava o tempo todo. Nessa ocasião, ele literalmente corria pela sala, praguejando terrivelmente. Contra os franceses, contra os ingleses, [perguntando]: 'Como permitiram que Hitler os derrotasse?'"

É provável que Stalin esperasse lutar contra Hitler, mas acreditava que se passariam pelo menos dois ou três anos antes do confronto. A União Soviética embarcara num colossal programa de rearmamento, que ainda estava longe do fim. Stalin achava que Hitler tinha demasiadas vantagens materiais com aquele relacionamento para quebrar o Pacto Nazi-Soviético, pelo menos até que a Grã-Bretanha fosse ocupada. A marinha alemã

desfrutava de acesso aos portos setentrionais russos. Vastas quantidades de milho, mercadorias e petróleo fluíam da União Soviética para o Reich. Mesmo depois da rendição francesa, Stalin continuou ansioso em evitar provocações ao seu perigoso vizinho e não construiu fortificações importantes em sua fronteira ocidental. Em vez disso, aproveitou o caos do momento para ampliar seus ganhos territoriais. Enquanto os olhos do mundo se fixavam na França, ele anexou os países bálticos, onde, no ano seguinte, o NKVD realizou expurgos ferozes e deportações em massa. Da Romênia, ele tomou a Bessarábia, que fora propriedade russa entre 1812 e 1919, e a Bucovina. Pelo menos cem mil romenos, talvez quinhentos mil, foram deportados para a Ásia Central, a fim de substituírem operários da indústria russa recrutados pelo exército. Em meio ao que se passava a oeste, poucas pessoas além dos ministros do Exterior ao redor do mundo perceberam a catástrofe humana criada por Stalin; nesse contexto, a investida de Hitler pela Europa Ocidental serviu aos interesses soviéticos. Mas o chefe militar da Rússia reconheceu o resultado como uma calamidade quase tão alarmante para seu país quanto para as derrotadas potências ocidentais.

A Itália entrou na guerra, ao lado de Hitler, em 10 de junho, num esforço descaradamente indigno para obter uma parte dos despojos. Benito Mussolini temia Hitler e antipatizava com os alemães, como muitos de seus compatriotas, mas foi incapaz de resistir à tentação de assegurar ganhos na Europa e nos impérios africanos dos Aliados. A conduta de Mussolini provocou o escárnio da maioria de seus contemporâneos, tanto amigos como inimigos: ele se juntou a Hitler porque desejava para seu país um esplendor que sabia que os italianos jamais conseguiriam sozinhos; ele queria as recompensas da guerra, em troca de um mínimo derramamento de sangue. Para seus íntimos, em maio e junho de 1940, ele manifestou reiteradas vezes a esperança de que mil ou dois mil italianos fossem mortos antes que um acordo de paz com os Aliados fosse assinado, como pagamento para o butim que cobiçava.

Um dia antes de iniciar as hostilidades com a França, Mussolini afirmou, em particular, sua intenção de declarar guerra e de não a travar. Previsivelmente, essa abordagem minimalista redundou num fiasco: em 17 de junho, quando os franceses já haviam pedido um armistício, ele ordenou abruptamente um ataque na fronteira franco-italiana nos Alpes. O exército italiano, surpreendido pela transição súbita entre guarnecer posições fixas e lançar uma ofensiva, foi rapidamente repelido. As ilusões e a confusão de propósitos do Duce persistiram: ele manifestava esperanças de que os britânicos não assinassem a paz antes que a Itália pudesse demonstrar alguma contribuição para sua derrota e de que os alemães sofressem um milhão de baixas antes que a Grã-Bretanha fosse esmagada. Ele queria ver Hitler triunfante, mas não todo-poderoso. Todos os sonhos de Mussolini sucumbiriam de um modo que o faria objeto de pena e de ridículo, não tivessem custado tantas vidas.

Em 20 de junho, Franz Halder escreveu, com presunção: "Simplesmente não consigo compreender o que mais os líderes políticos querem de nós e que desejos seus ainda não foram satisfeitos." Um assistente de Hitler para o exército, coronel Georg Engel, registrou: "O comandante em chefe [general Walter von Brauchitsch] teve seu momento de triunfo com o Führer quando anunciou o fim das operações e as preparações para um armistício. Ele resumiu para o F[ührer] a necessidade urgente de assinar a paz com a Grã-Bretanha ou se preparar e executar uma invasão o mais cedo possível. O Führer está cético e considera a Grã-Bretanha tão fraca que, depois do bombardeio, grandes operações

terrestres serão desnecessárias. O exército entrará e assumirá as tarefas da ocupação. O F[ührer] comenta que 'de uma forma ou de outra (...) [os britânicos] precisarão aceitar a situação'."

Entre os espectadores mais improváveis do desfile de vitória alemão em Paris, em 22 de junho, estava uma perplexa adolescente inglesa de dezenove anos, Rosemary Say, que se viu presa na capital francesa:

> A máquina de guerra rolou pela Champs-Elysées: cavalos reluzentes, tanques, maquinaria, canhões e milhares e milhares de soldados. A procissão era imaculada, brilhante e aparentemente interminável (...) como uma gigantesca cobra verde enrolando-se em torno do coração da cidade derrotada, que esperava pacientemente ser engolida. Havia uma multidão imensa de espectadores; a maioria em silêncio, mas alguns incentivando os soldados. Meus companheiros [americanos neutros] eram como meninos pequenos: berravam os nomes dos diferentes regimentos, admiravam-se com os tanques modernos e assobiavam para os maravilhosos cavalos. Fiquei quieta, consciente de que me encontrava num momento histórico. Mesmo assim, não senti grandes emoções (...) Mas, à medida que as horas passavam e o espetáculo aparentemente interminável prosseguia, comecei a me sentir um pouco envergonhada por ter aceitado o convite. Pensei em minha família e nos amigos em Londres e no medo do futuro que deviam sentir.

Antes do ataque alemão no oeste, os Aliados desejaram uma guerra longa, acreditando que ela serviria aos seus interesses por permitir que mobilizassem o apoio americano e seus próprios recursos industriais contra Hitler. A queda da Noruega, da Dinamarca, da França, da Bélgica e da Holanda parecia ter mostrado que, em vez disso, os nazistas alcançaram um triunfo rápido e conclusivo. Poucas pessoas no mundo perceberam que o armistício entre Alemanha e França, assinado no histórico vagão de trem em Compiègne, em 22 de junho, não marcou um fim, mas sim um começo. A escala das ambições de Hitler e a teimosia da resistência de Churchill ainda estavam por se revelar.

[*] Em inglês, o substantivo *quisling* designa o traidor que colabora com uma força inimiga na ocupação do próprio país. (N.T.)

4
Grã-Bretanha sozinha

Paul Richey, piloto de caça da RAF ferido na França, foi levado para casa num avião de transporte de correspondências nos primeiros dias de junho: "Olhei para os campos ingleses calmos e pacíficos, com a fumaça que se erguia não de aldeias bombardeadas, mas ociosamente das chaminés de casas campestres, e vi uma partida de críquete em andamento no campo de um povoado. Com a cabeça ainda repleta das explosões e chamas que destruíram a França, fui tomado por grande repulsa pela satisfação presunçosa que a Inglaterra desfrutava atrás de sua barreira marítima. Achei que algumas bombas talvez acordassem aqueles jogadores de críquete e que elas não custariam a chegar."[1] Richey expressava o ressentimento que muitos homens e mulheres sentiam quando deixavam os horrores da guerra e se deparavam com as pessoas que haviam sido poupadas. Estava certo ao dizer que os habitantes do sul da Inglaterra não desfrutariam em paz de seu críquete por muito tempo. Mas, quando convocados dos campos de críquete, quase sem entender qualquer coisa até que seu líder nacional entronizasse sua experiência numa prosa imponente, eles infligiram à Alemanha de Hitler um dentre os rechaços decisivos da história.

O discurso proferido por Churchill na Câmara dos Comuns em 18 de junho de 1940 é citado com tanta frequência que às vezes recebe apenas o reconhecimento devido à retórica gloriosa. Mas suas palavras finais merecem atenção, porque definiram, pelo resto da guerra, a visão que as democracias tinham de seus objetivos:

> O que o general Weygand chamou de "batalha da França" acabou. Espero que a batalha da Inglaterra esteja prestes a começar. Dessa batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela dependem nossa vida britânica e a longa continuidade de nossas instituições e de nosso império. Todo o poder e toda a fúria do inimigo logo se voltarão contra nós. Hitler sabe que terá de vencer-nos nesta ilha ou perderá a guerra. Se pudermos enfrentá-lo, toda a Europa poderá ser livre, e a vida do mundo seguirá adiante para planaltos vastos e ensolarados. Mas, se fracassarmos, o mundo inteiro, inclusive os Estados Unidos, mergulhará no abismo de uma nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida. Preparemo-nos, portanto, para cumprir nossas obrigações e para nos conduzirmos de maneira que, se o Império Britânico e a Commonwealth durarem mil anos, os homens continuem a dizer: "Aquele foi o seu melhor momento."

É notável comparar o apelo do primeiro-ministro para que "preparemo-nos para cumprir nossas obrigações" com as demandas estridentes do chefe militar da Alemanha,

em circunstância similares, em 1944-1945, por “resistência fanática”. Graça, dignidade, espírito, humanidade e determinação caracterizaram a liderança do primeiro-ministro da Grã-Bretanha; somente a última dessas virtudes poderia ser atribuída a Hitler. No verão de 1940, Churchill enfrentou o enorme desafio de convencer seu povo e o mundo de que manter a resistência era viável. O sargento L. D. Pexton, de 34 anos, era prisioneiro na Alemanha quando escreveu, em 19 de julho: “Ouvi, hoje, que Hitler divulgou pelo rádio alguns termos de paz e que Churchill lhe disse o que fazer com eles (...) Espero que de fato costurem alguns termos, pois é o que querem todos aqui, além de ir para casa.”[2] A opinião de Pexton foi obviamente influenciada pela derrota na França e por se ver, depois, à mercê dos nazistas vitoriosos. Mas na Grã-Bretanha também havia aqueles — especialmente entre as classes comerciais e a casta dominante, mais bem informados sobre as fraquezas do país — que continuavam a temer o pior. Foi uma épica conquista pessoal de Churchill reuni-los em apoio ao simples objetivo de repelir uma invasão.

Os últimos meses de 1940 foram decisivos para o curso da guerra. Os nazistas, espantados com a escala de seus triunfos, permitiram-se perder o ímpeto. Ao lançar um ataque aéreo contra a Grã-Bretanha, Hitler adotou a pior concessão estratégica possível: como senhor do continente, julgou que uma modesta demonstração de força bastaria para precipitar a rendição. Se, em vez disso, deixasse o povo de Churchill sofrendo em sua ilha, o primeiro-ministro teria grande dificuldade para manter o moral nacional e a aparência de um propósito estratégico. Um pequeno contingente alemão enviado para apoiar um ataque italiano ao Egito durante aquele outono provavelmente teria sido suficiente para expulsar a Grã-Bretanha do Oriente Médio; Malta poderia ser tomada com facilidade. Essas humilhações seriam golpes severos contra a credibilidade da política de Churchill sobre se manter na luta.

Como aconteceu, porém, a desajeitada ofensiva da Luftwaffe representou o único desafio que a Grã-Bretanha estava preparada para repelir. O exército e o povo britânicos não foram obrigados a enfrentar a Wehrmacht em suas praias e em seus campos — num confronto que provavelmente terminaria ignominiosamente. O primeiro-ministro exigiu apenas sua aquiescência enquanto o país era defendido por algumas centenas de pilotos da RAF e — mais importante, embora menos visivelmente — pelo formidável poderio dos navios da Marinha Real. A exaltada liderança do primeiro-ministro garantiu o apoio popular para seu desafio à lógica do triunfo de Hitler, mesmo quando cidades foram incendiadas e civis morreram.

A perspectiva de uma invasão iminente era menos plausível do que os chefes do estado-maior da Grã-Bretanha supunham e Churchill afirmava publicamente, porque os alemães não tinham barcaças de desembarque e escoltas para proteger um exército através do canal contra o imenso poderio da frota britânica. Hitler nunca se empenhou verdadeiramente nesse objetivo. Mas as informações de valor militar sobre seus recursos e suas intenções eram fragmentárias: a decodificação de mensagens cifradas do inimigo em Bletchley Park* ainda não tinha nada parecido com a capacidade abrangente adquirida posteriormente na guerra. Grande parte da atividade dos alemães no continente, ou sua falta, transcorria sem o conhecimento de Londres. Os chefes militares britânicos, traumatizados pelo desastre na França, atribuíam poderes quase místicos à Wehrmacht.

Em particular, Churchill sempre duvidou da ameaça de invasão, porém a enfatizou em sua retórica e em suas estratégias ao longo de 1940-1941, a fim de promover uma

atividade resoluta no povo e nas forças armadas. Julgava, com razão, que a inércia e uma compreensão da própria impotência seriam fatais ao espírito necessário para sustentar o moral e para suas esperanças de convencer os Estados Unidos a entrar no conflito. Não haveria retorno à guerra de mentira: uma vez que a defesa contra uma possível invasão era o máximo que o exército nacional poderia sustentar, ele projetou essa como a principal tarefa por muitos meses depois de ficar claro que o perigo havia passado.

Após a queda da França, a natureza implacável do primeiro-ministro manifestou-se primeiramente contra seus recentes aliados. Numa manhã de julho de 1940, grupos armados da Marinha Real britânica embarcaram em navios de guerra franceses atracados em portos da Grã-Bretanha para exigir que se rendessem. Em Devonport, oficiais do submarino *Surcouf* resistiram, iniciando uma luta armada na sala de controle, durante a qual um marinheiro francês e três britânicos foram mortos. Setenta e cinco por cento dos militares franceses na Grã-Bretanha, inclusive a maioria dos resgatados em Dunquerque, insistiam em ser repatriados, opção que os britânicos apoiavam. A alienação francesa aumentou depois que o ultimato britânico ao seu esquadrão de batalha em Mers-el-Kébir foi rejeitado, em 3 de julho. Churchill estava decidido a impedir que a frota de Pétain apoiasse uma invasão alemã à Grã-Bretanha. O almirante Marcel-Bruno Gensoul recusou-se a retomar a guerra ao lado da Marinha Real britânica ou a aceitar a neutralidade sob vigilância da Grã-Bretanha. O almirante Somerville imediatamente afundou ou destroçou três navios de Gensoul, matando 1.300 marinheiros. Churchill temia que o ataque levasse o regime de Pétain a aliar-se ativamente aos nazistas, mas o medo não o impediu de ordenar os tiros. Vichy não se tornou formalmente beligerante, e algumas colônias africanas remotas “agruparam-se” à “França Livre” do general Charles de Gaulle em Londres. Mas forças francesas resistiram com vigor a todas as incursões britânicas em seus territórios até o fim de 1942.

Parece errado supor que as políticas de Pétain e o apoio generalizado que receberam foram apenas efeitos colaterais da derrota francesa. O governo de Vichy bendisse a oportunidade de impor o que Michael Burleigh chamou de “programas morais, políticos e sociais retrógrados, em que a autoridade e o dever se sobrepunham à liberdade e aos direitos”.[3] O ódio e o medo patológicos em relação à esquerda — e aos judeus — levaram quase toda a França aristocrática, comercial e burguesa a apoiar Pétain, até a opressão alemã se tornar intolerável e a vitória dos Aliados, claramente inevitável.

O ataque aéreo da Luftwaffe contra a Grã-Bretanha, que começou em julho de 1940, ofereceu ao povo de Churchill sua melhor oportunidade para combater os alemães em termos favoráveis. A única arma, terrestre ou aérea, que os britânicos tinham em quase paridade com os inimigos, em qualidade e em quantidade, era o caça-interceptador de um só assento na carlinga. Os Hurricane e Spitfire da RAF eram prejudicados por uma desajeitada doutrina tática e pela metralhadora .303 que os equiparava, com poder de destruição inadequado, mas as esquadrilhas eram controladas pela mais sofisticada rede de radares, observadores terrestres e radiotelefonia no mundo, criada por um inspirado grupo de funcionários públicos, cientistas e aviadores. Se o equipamento e o desempenho do exército britânico foram insatisfatórios durante toda a guerra, o país de Churchill superou, em muito, a Alemanha na aplicação de ciência e tecnologia: a mobilização dos melhores cérebros civis e sua integração ao esforço de guerra, nos mais altos níveis,

foram uma brilhante façanha britânica. A RAF havia desenvolvido um notável sistema de defesa, enquanto seus adversários não tinham qualquer sistema de ataque confiável.

Os comandantes da Luftwaffe sofriam uma confusão de objetivos que persistiu durante todo o verão. O general Albert Kesselring se opôs ao ataque à Grã-Bretanha, preferindo capturar Gibraltar e garantir o domínio do Mediterrâneo; Hitler, a princípio, proibiu o bombardeio a cidades britânicas, enquanto Göring rejeitou ataques aos portos meridionais, que seriam necessários para os desembarques da Wehrmacht. A Luftwaffe buscou garantir o domínio do espaço aéreo sobre o sudeste da Inglaterra destruindo seu Comando de Caças, e embarcou numa campanha incoerente, atacando aeródromos e instalações com bombardeiros escoltados por caças que, esperava-se, derrubariam aviões da RAF tão facilmente quanto na França. A coleta de informações de valor militar, uma fraqueza crônica do Terceiro Reich, era terrível: os alemães não compreendiam de forma alguma o funcionamento da rede de detecção e controle do Comando de Caças. Eles haviam desenvolvido um radar — *Dezimator-Telegraphie*, como o chamavam, ou simplesmente *DeTe* — antes dos britânicos, e seus aparelhos eram mais avançados. Mas falharam em conectarem-no a um sistema efetivo de controle terra-ar e nunca imaginaram que o Comando de Caças pudesse tê-lo feito. Durante a guerra, a arrogância institucionalizada causou problemas à cúpula nazista, que foi repetidas vezes surpreendida pelas iniciativas tecnológicas dos Aliados; se os germânicos não tivessem fabricado determinado aparelho ou arma, relutavam em admitir que seus inimigos possuíssem inteligência para fazê-lo.

O coronel "Beppo" Schmid, chefe da inteligência da Luftwaffe, era um charlatão que dizia o que seus superiores queriam ouvir. Göring não tinha uma reserva estratégica de aeronaves nem recursos industriais para criá-la. Os alemães conduziram a Batalha da Inglaterra com incompetência espantosa, fundada na arrogância e na ignorância. Se a RAF cometeu sua cota de erros, o marechal chefe do ar Sir Hugh Dowding e seu mais importante subordinado, o vice-marechal do ar Keith Park, o comandante neozelandês do 11º Grupo, demonstraram um julgamento firme que chegava a ser brilhante, algo inteiramente ausente no outro lado do canal. Os alemães começaram a campanha com duas vantagens: uma modesta superioridade em número de aeronaves e um corpo de experientes veteranos de combate. Mas não conseguiram concentrá-las contra os alvos mais importantes: receptores de radar, estações de caças e instalações de apoio.

A Batalha da Inglaterra começou com escaramuças sobre o canal, em julho, enquanto os alemães atacavam comboios costeiros e a RAF respondia. Atingir um alvo de precisão, no ar, era difícil. Um piloto de bombardeiro que atacasse um navio de 750 pés por trás, por exemplo, dispunha apenas de uma margem de erro de 1,5 segundo para lançar a bomba, o que, de través, caía para a quarta parte de um segundo; foi uma demonstração de perícia os pilotos de aviões Stuka alemães terem infligido perdas severas a comboios britânicos. Mas os Ju87 voavam ainda mais devagar do que os bombardeiros Battle pertencentes à RAF, que foram destruídos na França, e chegara a vez de os britânicos explorarem a vulnerabilidade do inimigo: os Stuka eram massacrados sempre que o Comando de Caças os encontrava e, por fim, obrigados a sair de combate.

O piloto de Spitfire Geoff Wellum descreveu as eletrizantes sensações do combate aéreo:

> De repente, fogo cruzado, pesado e muito próximo. Maldito atirador de proa. Meu alvo, concentrar, o alvo. Olhando para ele através da alça de mira, aumentando rápido demais, concentrar, mantê-lo firme na mira, é isso, firme (...) Acalme-se, meu coração, acalme-se. Na mira, ainda na mira, firme (...) fogo AGORA! Aperto o botão da metralhadora e eis o inferno; minhas metralhadoras fazem um barulho como pano sendo rasgado (...) Tenho a rápida impressão de golpes e de explosões do vidro do nariz de meu Dornier e do Spitfire de Brian se afastando, sua barriga suja de óleo visível por uma fração de segundo. Continuar atirando, Geoff, controle-se. Pelo amor de Deus, desvie ou vai bater nele; está perto demais. Paro de atirar, desvio o máximo possível. Chego a ouvir os motores quando ele passa a poucos centímetros acima de mim. Puta merda, isso é perigoso![4]

Em batalhas no céu, um fato relevante era que quase sempre poucos aviões eram destruídos. Sobre um comboio no canal, em 25 de julho, por exemplo, dezenas de aviões britânicos e alemães trocaram tiros, mas apenas dois Spitfire e um Messerschmitt Bf109 foram derrubados. Os pilotos da RAF mal receberam qualquer treinamento em combates aéreos, arte que os alemães aperfeiçoaram na Espanha e na Polônia e que os defensores agora eram obrigados a aprender na prática. Desde o começo da batalha, ficou claro que a maioria esmagadora de "acertos" foi obra de alguns homens melhores em ambos os lados: os 3,5% mais hábeis pilotos do Comando de Caças foram responsáveis por 30% de todos os aviões derrubados, enquanto os ases da Luftwaffe alcançaram uma proporção ainda mais elevada de "acertos". Visão excepcional, boa pontaria e frieza para se aproximar foram fatores decisivos.

A RAF desencorajava, com veemência, o culto do "ás" e os recordes pessoais, o que a Luftwaffe promovia energicamente. Astros como Adolf Galland, Helmut Wick e Werner Molders sofriam, de acordo com seus camaradas ressentidos, de *Halsweh* — uma "dor na garganta" em que ansiavam pendurar a cobiçada fita de uma Cruz de Ferro — como fizeram os três quando seus números de "acertos" se multiplicaram. Galland, combatente do ar sumamente eficaz, mas também egoísta e brutal, não tinha paciência com as fraquezas daqueles sob seu comando. Um dia, pela rede de rádio, uma amedrontada voz alemã choramingou "Spitfire na minha retaguarda!", e, minutos depois, "Spitfire ainda atrás de mim! O que devo fazer?"[5]. Galland resmungou: "*Aussteigen, Sie Bettnasser!*" — "Salte de paraquedas, seu mijão!".

O combate aéreo, ao contrário de qualquer outra forma de guerra, era travado apenas por homens muito jovens, os únicos dotados de reflexos para os duelos a velocidades de até 960 quilômetros por hora; aos trinta anos, já estavam velhos. Comandantes, confinados em quartéis-generais, davam as ordens, mas os resultados dependiam da perícia de pilotos que acabavam de entrar ou de sair da adolescência. Quase tudo o que diziam e faziam no ar e no chão refletia sua extrema juventude; em 17 de agosto, o tenente Hans-Otto Lessing, piloto de Bf109, escreveu euforicamente para os pais, descrevendo a suposta centésima "vitória" de sua unidade, como um colegial que falasse sobre o sucesso de seu time de futebol: "Estamos na Geschwader [esquadrilha] do major Molders, a mais bem-sucedida (...) Nos últimos dias, os britânicos estão mais fracos, apesar de alguns

indivíduos continuarem lutando bem (...) Os Hurricane são 'coisinhas ofegantes' velhas e cansadas (...) Nunca me diverti tanto. Não trocaria de lugar com um rei. A paz será muito chata depois disto!"[6] Uma das "coisinhas ofegantes" desprezadas o matou na tarde seguinte.

Paddy Barthrop, da RAF, disse, posteriormente: "Era só cerveja, mulheres e aviões Spitfire, um bando de pequenas versões de John Wayne correndo de um lado para o outro. Quando você tem dezenove anos, não se importa com nada."[7] Os pilotos britânicos festejavam a noite toda, a juventude vencendo o cansaço. Pete Brothers disse: "Enchíamos a cara sem parar."[8] Um dia, quando sua esquadrilha ficou presa ao chão por causa do mau tempo, os aviadores dirigiram-se ao bar e se viram bêbados quando o céu clareou. "Nunca me esquecerei da decolagem e de pensar: 'Este botão... é para virar assim... acionar visores...' Estávamos totalmente chapados. No entanto, bastava ver cruzes negras e ficávamos sóbrios no mesmo instante."

Eles cuidavam de suas aeronaves como tapetes mágicos no céu. Bob Stanford-Tuck disse: "Alguns homens se apaixonam por iates ou por mulheres, o que é curioso, ou por carros, mas acho que cada piloto se apaixonava por seu Spitfire quando se sentava naquela cabine apertada e aconchegante, tendo tudo à mão." Da mesma forma, Bob Doe, falou sobre a primeira vez em que viu seu novo avião: "Nossos corações deram pulos! Andamos ao redor, sentamos nele, tocamos nele. Era tão lindo que acho que todos ficamos um pouco apaixonados."[9] Os pilotos do Comando de Caças combateram ao lado de contingentes de neozelandeses, canadenses, tchecos, sul-africanos e alguns americanos. Os 146 poloneses que participaram da Batalha da Inglaterra formavam o maior contingente estrangeiro, representando 5% do efetivo da RAF. Sua reputação em combate era excelente, consolidada na experiência e na coragem temerária. "Quando você vê a suástica ou a cruz negra na aeronave",[10] disse um deles, Bolesław Drobiński, "seu coração bate muito mais depressa e você decide que é preciso pegá-la ou levará um tiro. É uma sensação de absoluta (...) vingança." Não era só palavrório. Posteriormente, quando atacaram a Alemanha, os poloneses escreviam mensagens a giz em suas bombas — "Esta é por Varsóvia", "Esta é por Lwów" — e falavam sério.

O povo tratava os defensores aéreos da Grã-Bretanha com adulação, manifestada sempre que aviadores encontravam civis — como faziam com frequência à noite, depois de lutarem nos céus sobre as cidades e aldeias. O aplauso da população comum tinha grande importância para os pilotos, entre o cansaço e as perdas. "Havia um carinho imenso",[11] comentou um jovem, posteriormente. "Era uma sensação adorável. Acho que a Grã-Bretanha nunca mais foi assim." Soldados resmungavam, com ciúme dos "meninos de Brylcreem" da RAF; a Wehrmacht tinha uma expressão similar para a Luftwaffe — *Schlipssoldaten*, "soldados de gravata". Durante toda a guerra, aviadores de todos os países conservaram um glamour negado aos combatentes terrestres.

O Comando de Caças era profundamente sensível à perda de pilotos experientes: dez ases de aviões Hurricane — homens que derrubaram cinco ou mais aviões inimigos — foram perdidos entre 8 e 19 de agosto, além de mais doze entre 20 de agosto e 6 de setembro. Substitutos novatos morriam num ritmo cinco vezes maior; as baixas eram especialmente numerosas entre as esquadrilhas que continuavam a usar as rígidas formações prescritas pela doutrina oficial da RAF para "Combater Ataques Localizados".

Saíam-se melhor as unidades cujos comandantes incentivavam a flexibilidade e a iniciativa. Pilotos que mantinham rotas fixas morriam; aqueles que se esquivavam e oscilavam constantemente, para se tornar alvos difíceis, sobreviviam. Entre caças britânicos derrubados, 75% foram atingidos por Bf109, não por bombardeiros ou por bimotores Bf110. A surpresa era tudo: quatro em cada cinco vítimas jamais viram seus atacantes; muitas eram atingidas por trás, enquanto atacavam outro avião à frente.

"Quem ficasse dez segundos numa carlinga em chamas era vencido pelo fogo e pelo calor",[12] disse o sargento Jack Perkin. "Nove segundos e você acabava no hospital Queen Victoria, em East Grinstead, na ala de queimados do Dr. Archie McIndoe, onde ficaria durante o resto da guerra. Se saltasse em oito segundos, jamais voaria novamente, mas voltaria doze vezes para fazer cirurgias plásticas." O piloto de Hurricane Billy Drake descreveu a sensação de ser abatido: "Foi muito parecido com sofrer um acidente de carro. Você não consegue lembrar o que aconteceu."[13] Os dois lados sofreram muito com acidentes fora de combate, provocados por negligência ou imprudência momentânea de jovens cansados e muitas vezes pouco experientes: entre 10 de julho e 31 de outubro, 463 aviões Hurricane experimentaram tais danos fora de combate, às vezes totais e fatais. Até um terço das perdas de Dowding e de Göring foi acidental.

Poucos pilotos que saltavam de paraquedas em alto-mar eram resgatados: um homem num bote parecia pateticamente pequeno para ser visto pelas equipes de resgate em lanchas, que vasculhavam o canal e o mar do Norte. Ulrich Steinhilper olhava atentamente para baixo ao retornar sobre o canal depois de uma missão em setembro: "Nossa rota através daquelas águas revoltas ficou pontilhada por paraquedas, pilotos flutuando em seus coletes salva-vidas e manchas grudentas de petróleo na água fria, indicando onde outro Me109 dera seu último mergulho. Ao longo de toda a costa perto de Boulogne, vimos aviões 109 caídos nos campos e nos gramados, alguns ainda apoiados no nariz."[14] Dezenove tripulantes alemães afogaram-se naquele dia, e apenas dois foram recolhidos por hidroaviões.

O espírito cavalheiresco com que os britânicos, pelo menos, começaram a batalha desapareceu depressa. David Crook voltou de uma incursão em que seu colega de quarto fora morto e achou estranho ver os objetos pessoais do homem exatamente onde ele os deixara, a toalha pendurada na janela. "Não consegui esquecer Peter, com quem tínhamos conversado e rido naquele dia. Agora ele estava deitado na carlinga de seu Spitfire no fundo do canal da Mancha."[15] Naquela tarde, a mulher do piloto telefonou para solicitar sua licença e ouviu do comandante de voo a notícia de sua morte. Crook escreveu: "Tudo parecia tão terrível. Eu via, muito perto, toda a angústia causada pelas baixas." Depois que o esquadrão de Pete Brothers travou alguns combates, e amigos seus morreram, ele abandonou as ideias iniciais de que se tratava de uma partida entre equipes apenas rivais. "Então, eu disse: 'Muito bem, são um bando de filhos da puta. Não gosto mais deles. Agora vou ser um selvagem.'"[16] No início da luta, o piloto Denis Wissler escreveu em seu diário: "Meu Deus, eu realmente queria que essa guerra terminasse."[17] Mas poucos jovens que combateram na Batalha da Inglaterra continuaram vivos nos quase cinco anos de guerra que se seguiram. Voar era maravilhoso e divertido, mas uma seriedade profunda e prematura se abateu sobre a maioria dos guerreiros do ar em face do estresse e do horror que eram seu quinhão quase todos os dias em que participavam de operações.

Durante o mês de agosto, a Luftwaffe aumentou progressivamente a intensidade dos assaltos, atacando aeródromos do Comando de Caças — embora apenas por pouco tempo as estações de radar. O marechal chefe do ar Sir Hugh Dowding, comandante em chefe do Comando de Caças, entrou na batalha com aproximadamente seiscentos aviões disponíveis para combate, enquanto os alemães utilizavam diariamente uma média de 750 bombardeiros em bom estado, 250 aviões de bombardeio em mergulho, mais de seiscentos monomotores e 150 caças bimotores, todos organizados em três forças aéreas. O sudeste da Inglaterra era o principal campo de batalha, mas Dowding tinha também a obrigação de defender o nordeste e o sudoeste de ataques de alcance.

Os primeiros bombardeios planejados em aeródromos e instalações ocorreram em 12 de agosto, quando a estação de radar de Ventnor, na ilha de Wight, ficou fora de ação. A Luftwaffe pretendeu que o "Dia da Águia", em 13 de agosto, fosse decisivo, mas, em tempo encoberto, o combate degenerou numa série de ataques mal coordenados. Os alemães lançaram seu maior esforço dois dias depois, em 15 de agosto, despachando duas mil incursões sobre a Inglaterra, com a perda de 75 aviões e a queda de 34 aeronaves britânicas, duas no solo. Atacantes que partiram de aeródromos escandinavos — afastados demais para caças monomotores — sofreram perdas especialmente pesadas, e o dia ficou conhecido entre as tripulações alemãs como "Quinta-Feira Negra". As baixas nos dois lados foram ainda maiores três dias depois, em 18 de agosto, quando a Luftwaffe perdeu 69 aviões, contra 34 aeronaves do Comando de Caças no ar e outras 29 no solo.

Ambas as forças aéreas superestimaram desvairadamente os danos infligidos uma à outra, mas a falha da inteligência alemã foi mais séria porque sustentou sua ilusão de que estavam vencendo. Estações do Comando de Caças foram alvejadas por quarenta incursões da Luftwaffe em agosto e no início de setembro, mas apenas duas — Manston e Lympne, na costa de Kent — ficaram fora de ação por mais de algumas horas, e os receptores de radares quase não receberam atenção. No final de agosto, a Luftwaffe julgava que a capacidade operacional do Comando de Caças fora reduzida à metade, para trezentas aeronaves. Porém, Dowding ainda empregava praticamente o dobro desse número: o desgaste trabalhava a favor dos britânicos. Entre 8 e 23 de agosto, a RAF perdeu 204 aeronaves, mas 476 caças foram fabricados naquele mês e muitos outros foram reparados. A Luftwaffe perdeu 397 aeronaves, entre as quais 181 eram caças, enquanto as fábricas alemãs produziram apenas 313 aviões dos modelos Bf109 e Bf110. O Comando de Caças perdeu 104 pilotos, mortos nas duas semanas intermediárias de agosto, contra 623 homens da Luftwaffe, mortos ou capturados.

O Comando de Bombardeiros da RAF recebe menos crédito do que merece por sua parte na campanha: entre julho e setembro, perdeu o dobro de homens que o Comando de Caças, durante ataques a concentrações de barcaças de invasão nos portos do canal e realizando operações de inquietação nos aeródromos alemães. Elas infligiram poucos danos, mas aumentaram a pressão sobre os homens da Luftwaffe, desesperados por descanso. "Os britânicos estão lentamente nos dando nos nervos à noite",[18] escreveu o piloto Ulrich Steinhilper. "Devido à sua persistente atividade, nossos canhões antiaéreos estão praticamente em emprego contínuo e mal podemos fechar os olhos."

Göring mudou de tática, lançando uma série de ataques de bombardeiros relativamente pequenos com maciças escoltas de caças, projetados explicitamente para forçar a RAF a lutar, em especial na defesa de aeródromos, para que as aeronaves alemãs a

destruíssem no ar. As perdas de Dowding foram muito altas, mas era desalentador para os comandantes da Luftwaffe ver esquadrilhas do Comando de Caças ainda levantarem voo todos os dias para enfrentar seus ataques. A tensão cresceu entre o 11º Grupo, cujas esquadrilhas defendiam o sudeste, e o 12º Grupo, cujos aviões deveriam, ao mesmo tempo, proteger os aeródromos do 11º Grupo contra os bombardeiros alemães. No final de agosto e começo de setembro, várias bases sofreram danos severos. Por que os caças do 12º Grupo estavam ausentes? A resposta é que alguns comandantes de esquadrilha, Douglas Bader em particular, eram a favor de concentrar aviões em "grandes esquadrões" — formações poderosas — antes de combater o inimigo. A atividade consumia um tempo precioso, mas, nas disputas no solo, os proponentes dos "grandes esquadrões" berravam mais alto. Impuseram-se, finalmente, e exageraram suas conquistas. Em consequência, a reputação de Keith Park, que comandava o 11º Grupo, ficou severamente abalada por dissensões internas na RAF, que em setembro se tornaram endêmicas, ao passo que Trafford Leigh-Mallory, do 12º Grupo — que impressionava mais como criador de casos do que como comandante de operações — ganhou influência. A posteridade por certo garantirá que Park foi um aviador excepcional, que dividiu com Dowding os louros da vitória na Batalha da Inglaterra.

Muitos jovens aviadores da RAF, cientes do nível de desgaste que o Comando de Caças sofria, já se viam mortos, embora a perspectiva não diminuísse sua dedicação. O 249º Esquadrão, do piloto de Hurricane George Barclay, foi designado para uma das estações mais problemáticas — North Weald, em Essex — em 1º de setembro. Um camarada lhe disse, desoladamente, enquanto se preparavam para a mudança: "Imagino que alguns aqui nunca voltarão a Boscombe." Barclay era um pouco mais otimista, escrevendo em seu diário: "Acho que todos estão seguros de que ele vai sobreviver pelo menos sete dias!"[19]

No final de agosto, os alemães cometeram o pior erro estratégico da campanha: mudaram seu objetivo, trocando os aeródromos primeiro por Londres e depois pelos de outras grandes cidades. Os comandantes de Hitler imaginavam que assim forçariam Dowding a empenhar suas últimas reservas, mas os líderes britânicos, de Churchill para baixo, sentiram grande alívio. Sabiam que a capital podia suportar castigos enormes, ao passo que as instalações do Comando de Caças eram vulneráveis. Os homens do ar viam apenas combates infindáveis, perdas infindáveis. George Barclay escreveu para a irmã, em 3 de setembro, no estilo adolescente e esbaforido característico de sua turma: "Hoje estivemos no ar quatro vezes e, em duas ocasiões, travamos batalhas terríveis com centenas de Messerschmitt. É tudo muito incrível, muito diferente de qualquer coisa (...) A gente esquece totalmente a posição em que o avião está, num esforço para não perder de vista o inimigo. E toda essa confusão de centenas de aviões, a maioria com cruzes negras, ocorre, digamos, a vinte mil pés, com o estuário do Tâmisa e os campos vizinhos até Clacton espalhados como um mapa lá embaixo."[20]

Sandy Johnstone disse "quase saltei de minha carlinga"[21] à primeira visão do ataque maciço da Luftwaffe em 7 de setembro. "Na frente e em cima, uma verdadeira armada de aviões alemães (...) Staffel atrás de Staffel, até onde a vista alcançava (...) Nunca vira tantos aviões no ar ao mesmo tempo. Era de dar medo." No começo, as tripulações alemãs acharam confortável voar numa formação vasta. "Para onde a gente olhasse, havia aviões

nossos ao redor, uma visão maravilhosa”,[22] escreveu Peter Stahl, que pilotava um Junkers Ju88 numa das incursões de setembro. Mas ele e seus camaradas logo descobriram que a segurança de voar em massa era ilusória, porque as formações eram desfeitas por aviões Hurricane e Spitfire que mergulhavam, se inclinavam sobre as asas e disparavam. No final da tarde do dia 7, havia mil aviões envolvidos na batalha sobre Kent e Essex. O Hurricane de George Barclay foi atingido e ele precisou pousar de barriga numa plantação. Os alemães perderam 41 aviões em 7 de setembro, enquanto o Comando de Caças perdeu 23 aeronaves. Como em todos os grandes confrontos da batalha, os britânicos levaram vantagem.

Ulrich Steinhilper, tripulando um Bf109, foi um dos muitos pilotos que, entre espasmos de medo intenso e de agitação, se impressionaram com a beleza do espetáculo que criaram: sobre Londres, num dia de setembro, sentiu grande prazer no “puro azul do céu, com o sol embaçado pela fumaça sinistra que atingia grandes alturas; tudo entremeado e reticulado pelas trilhas de condensação deixadas pelos caças envolvidos em combates de vida ou morte. Entre aquilo, balões em chamas e os poucos paraquedas em esplêndido e incongruente isolamento”.[23] O feroz assalto da Luftwaffe em 15 de setembro não foi acompanhado pelas habituais fintas e desvios, para que o Comando de Caças não tivesse dúvida sobre o foco da ameaça e pudesse lançar todos os recursos para enfrentá-lo. Esquadrões decolaram rapidamente para confrontar os agressores aos pares, interceptando-os até Canterbury, enquanto o “grande esquadrão” de Duxford lutava sobre o leste de Londres. Naquela tarde, o segundo ataque da Luftwaffe também se deparou com poderosas forças defensivas; ao todo, sessenta aviões alemães foram derrubados — embora a RAF falasse em 185 aeronaves. Entre 7 e 15 de setembro, a Luftwaffe perdeu 175 aviões, muito mais do que as fábricas alemãs produziram.

O ataque permaneceu incoerente: os agressores começaram tentando destruir a capacidade defensiva da RAF, então, antes de obterem êxito, passaram a atacar o moral e alvos industriais. Seus bombardeiros relativamente leves transportavam cargas que afetavam os britânicos, mas não tinham vigor suficiente para desferir golpes fatais contra uma sociedade industrial moderna e complexa. A RAF não destruiu a Luftwaffe, o que estava além de sua capacidade, mas seus pilotos negaram aos alemães o domínio do canal e do sul da Inglaterra, ao mesmo tempo em que infligiram perdas intoleráveis. O Comando de Caças continuou a existir como força organizada de combate, frustrando as intenções de Göring. Durante a batalha, as fábricas britânicas produziram caças monomotores mais depressa do que as alemãs, uma proeza industrial de vital importância. O Comando de Caças perdeu ao todo 544 homens — um quinto dos pilotos britânicos que voaram na batalha —, enquanto 801 homens do Comando de Bombardeiros morreram e duzentos foram aprisionados, mas a Luftwaffe perdeu desastrosos 2.698 aviadores altamente experientes e habilidosos.

A contribuição pessoal de Churchill foi convencer seu povo, passando por cima de parte da casta dominante, de que a luta era nobre e necessária — e, agora, bem-sucedida. A Batalha da Inglaterra elevou seu espírito o bastante para permitir que transcendessem a lógica de sua contínua fraqueza estratégica. “Nossos aviadores passaram por momentos duríssimos, mas, a cada dia, parecem lutar de forma ainda mais magnífica”,[24] escreveu o idoso parlamentar conservador Cuthbert Headlam, em 20 de setembro: “É estranho ver o

quanto devemos a um pequeno número de rapazes — aqui estamos nós, milhões de nós, sem fazer nada, enquanto a batalha é decidida sobre nossas cabeças por um bando de guerreiros recrutados daqui, dali e de todos os lugares (...) Deve ser um excelente grupo de homens (...) seria interessante saber a diferença em força material entre nossa RAF e a Luftwaffe: algum dia saberemos — e, então, mais do que nunca, espero, saudaremos os galantes homens que agora prestam um serviço incalculável ao seu país."

O povo da Grã-Bretanha suportou a provação com alguma bravura. Aqueles que não viviam em conurbações foram poupados dos ataques da Luftwaffe, mas o medo de uma invasão era quase universal. Se Churchill estava decidido a lutar até o último homem, também era brutalmente realista no que dizia respeito às implicações de um possível fracasso ou derrota. O general-brigadeiro Charles Hudson esteve numa conferência de oficiais de altas patentes em York em julho, liderada por Anthony Eden, como secretário de Guerra. Eden disse aos presentes que fora instruído pelo primeiro-ministro a auscultar o moral do exército. Propôs perguntar a cada general, como recordou Hudson, se "podia contar com as tropas sob seu comando para continuar a luta sob quaisquer circunstâncias (...) Houve uma tensão quase audível em volta da mesa".[25] Eden intensificou o espanto quando disse que "pode chegar um momento em que o governo precise tomar uma decisão terrível e urgente. Aquele ponto em que (...) seria definitivamente insensato lançar, numa tentativa fútil de salvar uma situação perdida, homens pouco armados contra um inimigo firmemente encravado na Inglaterra". Ele perguntou como as tropas reagiriam a uma ordem para embarcar num porto do norte com destino ao Canadá, deixando suas famílias para trás.

Escreveu Hudson: "Num silêncio mortal, a pergunta foi feita a cada um." A resposta quase unânime foi que oficiais, graduados e homens solteiros acatariam tal ordem. No entanto, entre os conscritos e os casados, "a grande maioria (...) insistiria em lutar até o fim na Inglaterra (...) ou [ficar e aceitar] os riscos com suas famílias, quaisquer que fossem as consequências". Em outras palavras, altos oficiais do exército britânico acreditavam que, em face de uma derrota iminente, muitos de seus homens fariam a escolha dos soldados franceses — se entregariam em vez de aceitar as incertezas e as misérias da luta no exílio. Concluiu Hudson: "Saímos da sala de conferência num estado de espírito castigado." Nem ele, nem a maioria dos colegas, havia contemplado a possibilidade de que lutar até o fim pudesse significar fazê-lo em outro país, com a Grã-Bretanha derrotada. Churchill aceitava tal contingência, mas nesse ponto, como em quase tudo, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha estava disposto a considerar sacrifícios extremos diante dos quais muitos de seus compatriotas vacilavam.

Hitler talvez tentasse invadir a Grã-Bretanha se a Luftwaffe garantisse o controle do espaço aéreo sobre o canal e o sul da Inglaterra. Mas, instintivamente cauteloso em relação ao mar e a assumir um risco estratégico desnecessário, ele tomou poucas medidas práticas quanto aos preparativos alemães além de concentrar barcaças nos portos do canal. Churchill explorou essa ameaça com mais eficácia do que os possíveis invasores, mobilizando cada cidadão para o objetivo comum de resistir aos inimigos se eles desembarcassem. Placas de sinalização foram removidas de cruzamentos e de estações, arames farpados foram instalados nas praias, homens novos e velhos demais foram recrutados para unidades locais do "Exército Territorial" e munidos de armas simples. Churchill sustentou de forma deliberada e mesmo cínica o fantasma da invasão até 1942,

temendo que, se lhe fosse permitido pensar que a crise nacional passara, a lassidão natural do povo britânico se restabeleceria.

• • •

A incerteza sobre as intenções alemãs persistiu durante o verão e adentrou o outono. Entre a população, o medo se misturava a uma expectativa confusa e nervosa, intensificada porque a perspectiva de combater os alemães nos campos e aldeias da Inglaterra parecia completamente irreal. Uma dona de casa aristocrática injetou veneno de rato em parte de seu estoque de xarope de bordo canadense, destinada aos ocupantes alemães.[26] Para o desespero da família, entretanto, depois de algumas semanas ela já não sabia quais eram as latas envenenadas e foi obrigada a negar a guloseima aos seus frustrados filhos. Arthur Street, agricultor de Wiltshire, capturou um elemento pantomímico no comportamento das pessoas num relato que fez sobre a conduta de seus trabalhadores e vizinhos, em 7 de setembro, quando o Exército Territorial recebeu um alerta sobre desembarques alemães iminentes:

> O pelotão de Sedgebury Wallop estava em serviço naquela noite e conduziu dezessete civis perplexos à delegacia de polícia, pois haviam esquecido seus documentos de identidade.[27] Mas, às 7 horas, o agricultor que havia em Walter Pocock despertou, e ele sugeriu ao seu pastor que abandonasse o posto durante meia hora. “Você quer ver suas ovelhas, mas leve seu fuzil e munição”, aconselhou. “Daqui ao curral é uma caminhada de dez minutos, e eu mando te buscar lá se algo acontecer.” “Acho que minhas ovelhas vão ficar bem”, respondeu o outro. “O dia de ir ao curral foi ontem, e o jovem Arthur foi lá, ele já tem quinze anos, eu mesmo preparei o menino. De qualquer maneira, não vou fazer nada até soar o sinal de que está ‘tudo bem’.” Por volta das 11 horas, quando chegou a notícia de que a ameaça de invasão, real ou imaginária, havia passado, todos resmungaram. “Mas eles não vêm mesmo, senhor?” perguntou Tom Spicer, melancolicamente. “Acho que não, Spicer”, respondeu Walter. “Foi o que pensei”, rosnou Fred Bunce, o ferreiro. “Não se pode confiar nos alemães.”

Aqueles rústicos de Wiltshire desfrutavam de um luxo negado aos povos da Europa continental: podiam zombar dos inimigos porque foram poupados da medonha realidade que era defrontar-se com eles. Em 17 de setembro, Hitler ordenou que se adiasse indefinidamente a operação Leão-marinho, o plano da Wehrmacht para invadir a Grã-Bretanha. O povo britânico e os pilotos do Comando de Caças viram apenas uma mudança lenta e gradual em outubro, de ataques aéreos maciços durante o dia para incursões à noite. De 10 de julho a 31 de outubro, os alemães perderam 1.294 aeronaves; os britânicos, 788. Hitler abandonara a esperança de ocupar a Grã-Bretanha em 1940 e de destruir o Comando de Caças. Ele empregou sua força aérea num ataque prolongado às

cidades britânicas destinado a abalar o ânimo da população. A Luftwaffe escolheu como alvos principais as fábricas de aviões, bem como as docas e a infraestrutura de Londres. Mas, devido às limitações dos equipamentos de navegação e dos visores de bombardeio dos alemães, os ataques se tornaram, aos olhos do povo britânico, simplesmente um assalto indiscriminado à população civil, uma campanha de terror.

A "blitz", que começou em 7 de setembro para os defensores, foi muito mais difícil para o Comando de Caças do que os ataques durante o dia, porque a RAF tinha poucos caças para combate noturno e apenas radares primitivos de interceptação aérea. Churchill incitou suas débeis defesas de artilharia antiaérea a dispararem a esmo para encorajar a população, como aconteceu — mas com pouco impacto aos invasores. Entre setembro e meados de novembro, cerca de duzentos aviões da Luftwaffe atacaram todas as noites, exceto uma. Naquele período, mais de treze mil toneladas de bombas explosivas e incendiárias foram lançadas em Londres, Bristol, Birmingham, Portsmouth e outras grandes cidades, a um custo, para a Luftwaffe, de apenas 75 aeronaves, a maioria vítima de acidentes.

A blitz impôs a quem morava nas cidades uma mistura de fascínio, terror, medo e, por fim, aceitação de uma nova normalidade. Uma mulher de Londres escreveu a respeito de uma incursão: "As bombas caíam em quantidade, bem próximas (...) Explosões de bombas exercem uma atração hipnótica, relacionada, possivelmente, aos shows de fogos de artifício de nossa infância, e eu vi as duas primeiras explodirem. A não ser que lance pelos ares um prédio, a explosão de uma bomba de alta potência não é, em si, um grande espetáculo, como um grande incêndio pode ser; suas listras amarelas e vermelhas que sobem pelo céu parecem tão cruas e banais quanto um desenho feito por um menino pequeno."[28] Muriel Green, aldeã de Norfolk, escreveu, com notável sensibilidade para uma moça de 19 anos, o que pensou ao ouvir aviões alemães a caminho de alguma cidade britânica, na noite após o ataque arrasador de 14 de novembro a Coventry: "Imagino o que sentem os pilotos. Afinal, alguém gosta deles, mesmo nazistas, e arriscam a vida e lutam por seu país, assim como nossos homens que fazem os bombardeios. Pobre gente de Coventry. Como deve se sentir amargurada e desamparada hoje. Quanto tempo pode durar? Quantos anos todos precisarão viver com medo dos horrores desconhecidos que tantos entre nós ainda não viveram?"[29]

Os ataques com bombas, que continuaram até Hitler retirar aviões para a invasão à Rússia, em maio de 1941, infligiram danos severos às cidades britânicas e minaram profundamente o espírito dos milhões de pessoas que passaram muitas noites amontoados em abrigos com suas famílias e seus temores. Custaram aos atacantes, que decolavam de aeródromos no norte da França, apenas 1,5% em perdas de aviões por incursão: um índice de baixas menor do que o sofrido posteriormente pela RAF ao bombardear a Alemanha, porque os britânicos precisavam ir mais longe. Cerca de 43 mil civis britânicos foram mortos e 139 mil ficaram feridos. Mas, durante o inverno de 1940-1941, a Luftwaffe não tinha um plano estratégico confiável, nem a precisão de pontaria e as bombas necessárias para infligir danos decisivos à indústria britânica. O jovem oficial de inteligência científica R. V. Jones teve papel decisivo ao identificar os feixes de radionavegação alemães e mostrar como interferir neles. A produção foi perturbada pelos alarmes, e algumas fábricas importantes sofreram danos; dezenas de milhares de casas foram destruídas, juntamente com construções antigas, igrejas e outros marcos. Mas, em

grau notável, a população da Grã-Bretanha aprendeu a levar a vida adiante em meio ao bombardeio aéreo. “As baixas humanas foram mais discretas do que eu esperava”,[30] escreveu Barbara Nixon, atriz convertida em vigilante de incursões aérea em Finsbury.

> Somente duas vezes ouvi gritos realmente terríveis, com exceção da histeria; numa noite, um sinaleiro [de estrada de ferro] perdeu as pernas numa explosão, e, enquanto ainda estava consciente, sua caixa de controle explodiu em chamas; era absolutamente impossível alcançá-lo, e foi como se um século se passasse antes que seus gritos medonhos e paralisantes diminuíssem. Geralmente, porém, pessoas atingidas, mesmo quando sofriam ferimentos graves ou estavam presas, ficavam estupefatas demais para fazer muito barulho. Os animais, por outro lado, faziam um estardalhaço terrível. Uma das noites mais enervantes nos primeiros três meses foi quando atingiram um mercado de gado de corte, fazendo os animais berrarem durante três horas; uma locomotiva fora tombada ao mesmo tempo, e o vapor do apito escapava. O som agudo e monótono, somado ao mugido distante dos bois, era enlouquecedor.

Numa época em que os meios de transporte locais ainda eram, em grande parte, tracionados por cavalos, alguns estábulos das cidades tomaram emprestado um costume do campo e adquiriram um bode, que os cavalos seguiriam numa emergência. Uma noite, quando bombas incendiaram as instalações de uma grande empresa de carroceiros da City, em Londres, duzentos cavalos foram conduzidos a um lugar seguro. Mas, se “espírito de blitz” na Grã-Bretanha era real, também eram reais a miséria e a sordidez impostas pelo bombardeio. Bernard Kops, menino que mais tarde se tornou teatrólogo e romancista, escreveu: “Algumas pessoas (...) guardam na memória um sonho poético sobre a blitz. Falam daqueles dias como de uma época de verdadeiro espírito comunitário. Não para mim. Foi o começo de uma época de terror absoluto, medo e horror. Deixei de ser criança e me vi diante da nova realidade do mundo (...) Ali estávamos mais uma vez, sempre ocupados, perambulando, envolvidos num novo êxodo — os judeus do East End, que deixaram suas casas para viver no exílio do subsolo.”[31]

Uma veia das tradicionais bobagens britânicas ajudava os aflitos: um vigário de Londres certa vez perguntou a uma companheira de abrigo, em seu subterrâneo, se ela rezava quando ouvia uma bomba cair. “Sim”, respondeu ela. “Eu rezo: ‘Meu Deus! Não deixe a bomba cair aqui.’”[32] O vigário disse: “Mas é um tanto cruel com outras pessoas, caso sua prece seja ouvida e a coisa caia não em você, mas nos outros.” A mulher retrucou: “Isso eu não posso evitar. Elas precisam fazer suas orações e passar a bomba adiante.” Abrigos antiaéreos em prédios velhos fervilhavam com piolhos e percevejos. Nos grandes abrigos subterrâneos no centro das cidades, havia cenas lamentáveis criadas por homens e mulheres bêbados, discussões e brigas terríveis, uma imundície inevitável onde não havia lavatórios.

A maioria das pessoas concordava que o ônus da luta recaía mais sobre os muito velhos e os muito jovens, que nada compreendiam. Outra vez, Barbara Nixon: "Nenhum deles tinha a menor ideia do que era aquilo; nunca ouviram falar sobre a Polônia (...) e o fascismo era, na melhor hipótese, coisa daquela besta maldita do Hitler, que tentava nos explodir ou matar todos na cama."[33] Ernie Pyle, o grande correspondente americano, escreveu em Londres, em janeiro de 1941: "Os velhos pareciam os mais trágicos. Pense em você com setenta ou oitenta anos, cheio de dores e das vagas lembranças de uma vida que provavelmente foi uma desolação. Depois pense em você viajando todos os dias, quando escurece, para uma estação de metrô, com um sobretudo em frangalhos em volta dos velhos ombros e sentado num banco de madeira com as costas numa parede curvada. Sentado ali, a noite toda, com um sono irregular e espasmódico. Pense nesse como seu destino — todas as noites, todas as noite a partir de agora."[34]

O londrino Herbert Brush, de 71 anos, contou que uma amiga fora ao médico "porque, evidentemente, estava com os nervos abalados pela tensão de dirigir um carro em condições de guerra. A caminho de Cambridge, ela se viu sob o fogo de metralhadoras e teve de esconder-se numa sebe. Depois, em Norwich, várias bombas foram jogadas na vizinhança durante a noite. O médico diz que ela sofre de estresse de combate, preparou-lhe um tônico forte e recomendou duas semanas de repouso absoluto".[35] Em certo sentido, a reação dessa mulher a um perigo relativamente pequeno não era impressionante, mas os seres humanos avaliam o risco e as privações no âmbito de seus conhecimentos pessoais. Não fazia sentido dizer a uma dona de casa dos subúrbios ingleses que refugiados poloneses, judeus e franceses, e depois soldados da Frente Oriental, sofreram coisas muito piores. Ela sabia apenas que o que lhe acontecia era horrível em comparação com sua experiência de vida anterior. Poucas pessoas exultavam com a situação, como George Springett, jardineiro de trinta anos, pacifista e opositor consciente. Nas primeiras semanas de guerra, ele se automedicou com doses regulares do tônico Sanatogen para os nervos, mas já não sentia necessidade: "Minha saúde está ótima desde que a blitz começou!"[36]

Entre os heróis da campanha estavam os homens que aprenderam, por tentativa e erro, a lidar com bombas não detonadas e que logo se acumularam nas cidades britânicas. Um dos mais notáveis foi "Jack" Howard, conde de Suffolk. No começo da guerra, esse cientista não conformista, com 34 anos em 1940, garantiu para si um serviço itinerante na Diretoria Científica do Ministério do Abastecimento.[37] Nessa função, uma de suas façanhas mais marcantes foi retirar de Bordeaux, após a rendição da França, três milhões de libras esterlinas em diamantes industriais vindos de Amsterdã, um grupo dos mais brilhantes cientistas franceses e todo o estoque nacional de água pesada norueguesa, indispensável para a fabricação de uma bomba atômica. No outono de 1940, essa figura excêntrica preferiu se dedicar à desativação de bombas.

Howard formou sua própria equipe, que incluía a bela secretária Beryl Morden, e preparou um furgão com recursos próprios. Em seguida, usando chapéu de feltro, botas de aviador — ou, de vez em quando, capacete de aviador — e, invariavelmente, uma cigarreira de 22 centímetros, entregou-se à tarefa de desativar bombas e sobretudo examinar dispositivos alemães de ação retardada, cada vez mais protegidos contra interferências. Sua coragem e sua imaginação eram indiscutíveis, mas alguns homens da

desativação de bombas criticavam sua indisciplina. Em 12 de maio de 1941, no "cemitério de bombas" de Erith Marshes, em Londres, o conde lidava com a espoleta de retardo de uma bomba Tipo 17 quando ela explodiu, levando com ela "Wild Jack" Howard e mais treze profissionais descuidadamente reunidos à sua volta, inclusive a linda Beryl Morden. A morte dele foi pranteada, mas a opinião geral era que sua despreocupação causara a perda gratuita dos companheiros. O trabalho de desativação de bombas penalizava os amadores.

Um constrangimento diferente foi causado por outro homem da desativação de bombas, Bob Davies, nascido na Cornualha e que fora andarilho antes da guerra.[38] Ele adquirira alguma experiência técnica em suas viagens pelo mundo, o que lhe valeu um posto num serviço de emergência do Real Corpo de Engenharia. No início de uma manhã de setembro de 1940, Davies comandou uma equipe enviada para cuidar de uma bomba de mil quilos, que se enterrara profundamente na rua em frente à catedral de St. Paul durante uma incursão noturna. Os engenheiros se viram em dificuldades quando foram atingidos pelo gás que escapava de uma tubulação partida, sendo brevemente hospitalizados. Ao retomar o trabalho, cavaram a noite toda, até que uma faísca ateou fogo ao gás que passava por outra tubulação, queimando três homens.

A imprensa soube da história — e da ameaça à catedral. O *Daily Mail* aproveitou a oportunidade para aplaudir a coragem das equipes de desativação de bombas: "Esses homens corajosos — e muito práticos — do Real Corpo de Engenharia muitas vezes apostam uma corrida com a morte." Os homens de Davies cavaram até encontrar a bomba, oitenta horas após a queda, sepultada a 8,5 metros de profundidade no barro londrino. Ataram-lhe um pesado cabo, com o que um caminhão tentou extrair a enorme ameaça. O cabo partiu-se. Somente quando outro caminhão, com um segundo cabo, dividiu o peso, a bomba foi lentamente trazida à superfície. Presa firmemente numa caixa, foi levada pelas ruas de Londres até Hackney Marshes e detonada. A explosão abriu uma cratera de trinta metros de diâmetro.

Seguiu-se um dilúvio de publicidade a respeito de Davies e de sua equipe, que ficaram famosos. Dizia uma manchete de jornal: "Uma história que deve valer a um homem uma Victoria Cross." Davies e o sapador que encontrou a bomba e salvou a catedral de St. Paul foram, de fato, condecorados com a recém-criada George Cross, para atos civis de heroísmo. Somente em maio de 1942 ocorreu uma infeliz sequela: Davies foi levado à corte marcial e acusado de quase trinta delitos, envolvendo roubos sistemáticos e em larga escala durante o tempo em que esteve à frente de sua equipe de desativação de bombas; ele usou também sua função para extorquir os donos de algumas instalações que salvara das bombas e emitiu cheques sem fundos. Houve outros constrangimentos: soube-se que a bomba em frente à catedral de St. Paul não tinha espoleta de retardo, como fora divulgado pela mídia, e era, portanto, muito menos perigosa do que se afirmara, e Davies não a conduzira, em pessoa, para Hackney. O funcionário cumpriu dois anos de prisão e foi solto em 1944. Os perigos do trabalho de desativação de bombas eram indiscutíveis, e o nativo da Cornualha, sem dúvida, realizou trabalhos corajosos e úteis. Mas a lição tirada de sua história é que salafrários, assim como os heróis, tiveram seus papéis na blitz, e algumas pessoas eram uma mescla de ambos.

• • •

O ataque aéreo à Grã-Bretanha perde apenas para a invasão da Rússia entre os erros mais estúpidos que Hitler cometeu durante a guerra. Depois de junho de 1940, muitas pessoas do grupo de Churchill, especialmente em altos cargos, reconheciam a incapacidade do país de contestar o domínio nazista do continente. Se as mesmas pessoas houvessem se contentado em contemplar a impotência britânica, a mobilização política para uma negociação com a Alemanha talvez tivesse sido renovada e ganhasse o apoio de velhos apaziguadores que ainda tinham postos importantes no governo. A ameaça não cumprida de ataque aéreo na escala arrasadora que se esperava e se temia em 1939 poderia ter maior influência sobre a política britânica do que a realidade de uma ameaça inconclusiva.

O princípio básico do uso da força na busca de objetivos nacionais é assegurar que tal uso seja efetivo. Os alemães não o conseguiram contra a Grã-Bretanha, em 1940-1941, numa primeira afirmação de uma das grandes verdades do conflito: enquanto a Wehrmacht quase sempre travava seus combates brilhantemente, os nazistas conduziam a guerra com uma inépcia surpreendente. A Luftwaffe, em vez de aterrorizar o povo de Churchill até submetê-lo à vontade de Hitler, conseguiu congregá-lo contra um desafio comum.

A posteridade vê o período entre julho de 1940 e a primavera de 1941 quase somente em termos de batalhas aéreas da Grã-Bretanha contra a Luftwaffe, o que, a rigor, mobilizou apenas uma pequena proporção dos recursos militares da Alemanha. Para os demais guerreiros de Hitler, e quase todo o exército, se tornou curiosamente ocioso naquele período, comparável à guerra de mentira. De fato, era preciso manter os países conquistados, os frutos da vitória a serem aproveitados — acima de tudo os franceses. Em Berlim, "os primeiros efeitos da guerra não foram os tradicionais, de decadência e escassez",[39] escreveu o correspondente americano Howard Smith, "mas um salto súbito em prosperidade visível. Faxineiras e empregadas em Berlim, cujas pernas nunca haviam sido acariciadas pela seda, usavam diariamente meias femininas do bulevar Haussmann — 'ganhei de meu Hans, lá no front'. Pequenas tavernas de esquina começaram a ostentar fileiras de Armagnac, Martell e Courvoisier".

A indústria bélica alemã, cujo desempenho ainda era relativamente lento, precisava de tempo para produzir tanques, aviões e munição e substituir as máquinas gastas nas campanhas continentais. O exército se empenhou durante o inverno num vasto programa de expansão — entre maio de 1940 e junho de 1941, cresceu de 5,7 milhões para 7,3 milhões de homens; o número de divisões passou de 143 para 180. Além de conhaques e meias, havia um importante butim industrial a ser coletado nos territórios conquistados, especialmente vagões de estradas de ferro. A ocupação nazista provocou um declínio drástico na atividade econômica, que persistiu na maior parte da Europa até a libertação, embora as fábricas francesas de material bélico tenham prestado uma contribuição significativa para o esforço de guerra alemão.

Hitler gastava muito menos tempo contemplando as operações da Luftwaffe contra os britânicos do que estes supunham. Ele jamais visitou os aeródromos na costa do canal. Em vez disso, durante a maior parte do outono e do inverno, ele lutou contra seu dilema estratégico fundamental: consolidar as vitórias da Alemanha a oeste e invadir a Grã-Bretanha em 1941 ou seguir suas inclinações mais fortes e voltar-se para o leste. Em 31 de julho de 1940, muito antes que o ataque da Luftwaffe à Grã-Bretanha atingisse o clímax, ele falou aos seus generais, em Berghof, sobre sua determinação em atacar a Rússia em maio do ano seguinte. Depois, entretanto, permitiu-se mais alguns meses de hesitação. A

marinha alemã insistia em grandes operações para expulsar a Grã-Bretanha do Mediterrâneo, capturando Gibraltar pela Espanha e o canal de Suez pela Líbia. Para defender essa opção, o comandante em chefe da marinha e almirante Erich Raeder contava com o apoio do general Walter Warlimont, chefe da seção de planejamento estratégico da Wehrmacht. Depois de uma importante conferência de comandantes na chancelaria do Reich, em 4 de novembro, o assistente de Hitler para o exército, Gerhard Engel, escreveu que o Führer parecia "claramente deprimido (...) no momento, ele não sabe o que fazer".

A opção ocidental ainda não havia sido rejeitada definitiva e formalmente em novembro quando Molotov, ministro do Exterior do governo de Stalin, esteve em Berlim. O russo demonstrou um apetite por aprofundar o expansionismo soviético que provocou a ira alemã: ele manifestou o interesse de Moscou no futuro da Romênia, da Bulgária, da Polônia e até da Grécia. Indagou se a contínua neutralidade da Suécia convinha aos objetivos comuns da Alemanha e da União Soviética e ouviu como resposta um áspero sim. Suas posições enfatizavam que, se Hitler ainda tinha ambições territoriais não concretizadas, o mesmo acontecia com Stalin. Quando Molotov subiu a bordo do avião que o devolveria à Rússia, Hitler teve certeza sobre sua antiga convicção: a Alemanha deveria atacar a Rússia no ano seguinte.

A seu ver, não havia escolha. A economia alemã era mais fraca do que seus inimigos imaginavam — apenas um pouco maior do que a britânica, que tinha renda per capita mais alta. Ela não poderia se sustentar indefinidamente sobre a guerra e fora desdobrada ao máximo para alimentar a população e armar a Wehrmacht. Hitler estava decidido a garantir sua posição estratégica na Europa antes que os Estados Unidos entrassem na guerra, o que ele previa para 1942. A única opção com a qual não podia contar era firmar a paz, uma vez que Churchill se recusava a negociar. Hitler estava convencido de que a obstinação britânica era fortalecida pela crença de que o primeiro-ministro poderia forjar uma aliança com Stalin, o que tornaria plausível uma vitória sobre a Alemanha. Portanto, com a derrota da União Soviética, a capitulação da Grã-Bretanha seria inevitável. Se a Alemanha estava destinada a travar uma guerra mortal com a Rússia, seria tolice retardar esse momento enquanto Stalin se rearmava. Em 18 de dezembro, Hitler emitiu uma diretiva formal sobre a invasão, a ser lançada no final de maio de 1941.

Hitler via três razões para atacar: em primeiro lugar, ele queria realizar sua ambição de erradicar o bolchevismo e criar um império alemão no leste; em segundo lugar, parecia prudente eliminar a ameaça soviética antes de voltar-se novamente para oeste e para um acordo final com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos; em terceiro lugar, Hitler identificava argumentos econômicos. Ironicamente, as vastas remessas de matéria-prima e de mercadorias que se seguiram ao Pacto Nazi-Soviético — que, em 1940, incluíam a maior parte das importações alemãs de ração para animais, 74% do fósforo, 67% do asbesto, 65% do minério de cromo, 55% do manganês, 40% do níquel e 34% do petróleo — convenceram Hitler de que tal nível de dependência era intolerável. Naquele verão, uma fraca colheita alemã tornou necessária a importação de quantidades imensas de trigo ucraniano. Hitler estava impaciente para apossar-se do cinturão de milho da União Soviética e sedento pelo petróleo do Cáucaso. Só no final da guerra os Aliados compreenderam a severidade da falta de combustível de seus inimigos: o petróleo era tão escasso que os motoristas iniciantes da Wehrmacht recebiam pouca instrução, resultando numa alta taxa de acidentes com viaturas militares. Mesmo em 1942, o pior ano da Batalha do Atlântico, a Grã-Bretanha importou 10,2 milhões de toneladas de petróleo; enquanto

isso, as importações e a produção sintética da Alemanha nunca ultrapassaram 8,9 milhões de toneladas. Por isso, Hitler tornou a captura de poços de petróleo caucasianos um objetivo principal da operação Barbarossa, alheio à desvantagem que traria às operações destinadas a destruir o Exército Vermelho ao dividir as forças da Alemanha. Ele imaginava a invasão da Rússia como uma cruzada ideológica e uma campanha de conquista econômica. Significativamente, não revelou suas intenções russas aos italianos, cuja discrição não lhe parecia confiável. Durante o inverno de 1940-1941, Mussolini continuou a acalentar esperanças felizes de uma paz vitoriosa depois de sua conquista do Egito. Foi uma característica notável no comportamento do Eixo até 1945 que, apesar de consultas limitadas entre Alemanha, Itália e Japão, não tenham ocorrido tentativas de se juntarem numa estratégia comum para derrotar os Aliados.

Nas últimas semanas de 1940, portanto, enquanto o povo britânico se julgava o foco da malignidade nazista e as manchetes no mundo inteiro descreviam o drama da blitz, os pensamentos de Hitler estavam distantes. Seus generais preparavam os exércitos para um combate no leste. Já em novembro, um agente duplo estoniano contou ao representante em Helsinque do Serviço Secreto de Inteligência britânico que soubera, por um funcionário da Abwehr, que "o comando alemão prepara campanha junina contra a URSS".[40] O homem do Serviço Secreto de Inteligência comentou, com desdém, como tal indiscrição era implausível, dizendo: "Possivelmente declaração feita com objetivos propagandísticos." Ainda que Londres acreditasse na informação, os britânicos nada poderiam fazer para sacudir a presunção de Stalin e incentivar os preparativos soviéticos para enfrentar a ameaça.

Com exceção de uma pequena força enviada ao Norte da África em junho de 1941, quase nenhum soldado alemão atirou com sentimentos de raiva no ano após a rendição francesa. Houve uma prolongada trégua nas operações terrestres, uma perda de ímpeto não evidente na época, mas vital para o curso da guerra. Hitler não adotou qualquer medida significativa para converter as maiores conquistas militares da história numa hegemonia duradoura. A marinha alemã era fraca demais para apoiar uma invasão à Grã-Bretanha ou cortar seu cordão de sobrevivência atlântica; a campanha da Luftwaffe contra a Grã-Bretanha fracassara. Parece um tanto leviano sugerir que Hitler decidiu invadir a Rússia porque não conseguia pensar em outra iniciativa, mas há nisso um fundo de verdade, como observou Ian Kershaw.[41] Ainda havia pela frente muitos triunfos nazistas no campo de batalha, mas alguns generais, cientes das intenções de seu Führer, haviam compreendido a dificuldade fundamental do Terceiro Reich: qualquer coisa menor do que o domínio hemisférico poderia ser desastrosa; contudo, a capacidade militar e econômica da Alemanha para atingir esse objetivo continuava duvidosa.

Os triunfos continentais de Hitler levaram as democracias a superestimar a força da Alemanha enquanto persuadiam o país a se regozijar, extasiado com as próprias vitórias. O povo alemão entrara na guerra com muitos receios, os quais já haviam sido amplamente dissipados no inverno de 1940. O fracasso da Luftwaffe contra a Grã-Bretanha incomodou a poucos: um jovem piloto, Heinz Knoke, descreveu a emoção de estar numa grande plateia reunida no Sportpalast [Palácio dos Esportes] de Berlim, em 18 de dezembro, onde Hitler discursou. "Não acredito que o mundo tenha visto orador mais brilhante do que esse homem. Sua personalidade magnética é irresistível. Sentem-se as emanações da tremenda força de vontade e da energia dinâmica. Somos três mil jovens

idealistas. Ouvimos as palavras fascinantes e as aceitamos com todo o coração. Nunca sentimos uma devoção patriótica tão profunda por nossa pátria alemã (...) Jamais esquecerei as expressões de êxtase que vi hoje nos rostos à minha volta."[42]

Mas esse triunfalismo era prematuro. As vitórias da Alemanha em 1940 criaram um imenso império; porém, embora o país pudesse tirar considerável proveito dele, o império foi administrado com espantosa incompetência econômica.[43] A Alemanha, diferentemente das crenças generalizadas, não era um estado industrial avançado se comparada aos Estados Unidos, em relação aos quais estava atrasada talvez trinta anos. Ainda tinha um grande setor agrícola camponês, algo de que a Grã-Bretanha já se livrara. Seu prestígio e o temor que inspiravam no coração dos inimigos eram resultado da eficiência de combate da Wehrmacht e da Luftwaffe, sendo a última muito mais fraca do que sabiam os Aliados. O tempo demonstraria que tais forças eram inadequadas para concretizar as ambições de Hitler. Se a Grã-Bretanha continuava sitiada no final de 1940, o poderio da Alemanha repousava em alicerces mais frágeis do que o mundo supunha.

• • •

Winston Churchill, no inverno de 1940, persuadiu seu povo de que os britânicos haviam conquistado algo heroico e importante, quando a maioria estava espantada por saber que havia feito qualquer coisa. "O primeiro-ministro diz coisas legais sobre nós, pilotos de caça, na Câmara dos Comuns",[44] escreveu o piloto de Spitfire Sandy Johnstone. "Diz que conquistamos famosa vitória, embora, para ser honesto, acho que nenhum de nós sabia que acontecia uma batalha como essa!" Churchill atribuiu grande esplendor ao triunfo do Comando de Caças e à demonstração de resistência do país sob o bombardeamento alemão. Não disse, porém, que a Grã-Bretanha, mais do que desafiar a Luftwaffe, poderia derrotar o império nazista, porque não sabia.

Edward R. Murrow, radialista americano, disse aos seus ouvintes da rádio CBS, em 15 de setembro, que não houve uma grande efusão de sentimentos públicos quando foi divulgada a notícia de que bombas caíram no palácio de Buckingham; os londrinos diziam, com indiferença, que o rei e a rainha apenas passavam por uma situação difícil comum a milhões de pessoas: "Esta guerra não tem relação com a última no que diz respeito a símbolos e civis. É preciso entender que um mundo está morrendo, que velhos valores, velhos preconceitos e velhas bases de poder e de prestígio estão desaparecendo." Murrow reconheceu o que parte da casta dominante da Grã-Bretanha ainda não havia percebido: eles se iludiam com o fato de travarem a luta para preservar a velha sociedade. A elite privilegiada, com a qual Evelyn Waugh convivia, via a guerra, escreveu o romancista, como uma "suspensão malévola da normalidade: a concentração e o movimento de milhões de homens, alguns dos quais às vezes corriam perigo, a maioria dos quais era ociosa e solitária; a devastação, a fome e o desperdício; prédios desmoronando, navios afundando; a tortura e o assassinato de prisioneiros (...) [que] foram prolongados além da razão".[45] Poucos amigos de Waugh compreenderam que a "suspensão da normalidade" seria permanente no impacto sobre seu estilo de vida.

A dedicação tenaz de Churchill à vitória serviu maravilhosamente bem ao país em 1940-1941, mas depois revelaria limitações importantes. Ele buscava a preservação da

grandeza do Império Britânico, da ordem existente. Porém, esse objetivo não bastaria à maioria de seus compatriotas. Eles ansiavam por mudanças sociais, por melhorias nas condições de vida que, ao primeiro-ministro, pareciam quase levianas em meio à luta pela dominação global. A dona de casa Nella Last, de Lancashire, tentou expressar as esperanças de seus compatriotas quando comovidamente escreveu, no verão de 1940: "Às vezes, me vejo presa a um tipo de admiração confusa diante das coisas e penso em todo o trabalho, em todo o esforço, em todo o dinheiro ilimitado que se usa hoje para 'destruir', e, não faz tanto tempo, não havia dinheiro nem trabalho, e, de alguma forma, parece tão *errado* (...) [que] sempre se arranje dinheiro e esforço para derrubar e destruir em vez de construir." A Sra. Last era de meia-idade, mas a geração de seus filhos estava determinada a que, depois de vencida a guerra, se arranjasse dinheiro para criar uma sociedade mais igualitária.

Churchill jamais definiu objetivos de guerra convincentes além da derrota do Eixo. Quando a maré da batalha virou, essa se tornaria uma grande fraqueza de liderança e uma ameaça à sua popularidade interna. Mas em 1940-1941 seu maior desafio era convencer o povo de que a guerra podia ser vencida. A tarefa ficou mais difícil, e não menos, depois que a Luftwaffe foi derrotada: pessoas ponderadas reconheciam que o país continuava incapaz de desafiar o domínio alemão no continente.

O piloto de Hurricane George Barclay descreveu uma discussão acalorada entre jovens aviadores e altos oficiais no refeitório de sua base aérea, em 29 de setembro de 1940, um domingo, e anotou as conclusões do debate: "O povo britânico ainda dorme um sono profundo. Não percebeu a força de nossos inimigos nem que precisa dar 'tudo' de si (...) Que precisamos de métodos ditatoriais para lutar contra ditadores (...) Que por fim venceremos a guerra, mas será mais do que um trabalho de cão, a não ser que nos encorajemos."[47] A mensagem, eminentemente sensata, era que os britânicos precisavam se esforçar mais. Muitas outras frustrações, tristezas e derrotas viriam, e o próprio George Barclay arderia numa pira funerária no deserto antes que Hitler levasse à resistência armada um número suficiente de inimigos que pudessem provocar sua ruína.

[*] Para uma explicação, veja aqui

5
O Mediterrâneo

1 APOSTAS DE MUSSOLINI

No começo da guerra, em 1939, Hitler não tinha intenção de lutar no Mediterrâneo e declarou sua determinação em não empregar recursos alemães ali. Seu colega ditador Benito Mussolini, com o desejo de criar um lago italiano e por iniciativa própria, lançou ofensivas que levaram o conflito para a região. No ano seguinte à queda da França em junho de 1940, apenas nos teatros africano e balcânico os exércitos dos Aliados e do Eixo entraram em choque. Mesmo depois que a Alemanha invadiu a Rússia, em junho de 1941, o Mediterrâneo continuou, por mais três anos, sendo o foco da contribuição militar dos Aliados Ocidentais para a luta contra Hitler. Tudo foi consequência da decisão de Mussolini de se tornar protagonista de uma luta para a qual a falta de preparo de seu país era digna de pena.

Hitler tinha na Wehrmacht um formidável instrumento para concretizar suas ambições. O Duce, ao contrário, queria ser chefe militar tendo comandantes incompetentes, soldados indispostos e armas inadequadas. A Itália era relativamente pobre, tendo menos da metade do PIB britânico, um terço de sua renda per capita e apenas um sexto de sua produção de aço. O país mobilizou sua economia com menos eficácia do que na ocasião da Primeira Guerra Mundial. Mesmo nos melhores dias da relação de Mussolini com Hitler, os nazistas tinham tal desprezo pelo aliado que 350 mil operários italianos na Alemanha eram tratados pouco melhor do que escravos; o embaixador de Roma em Berlim era obrigado a gastar a maior parte de suas energias suplicando por alguma melhoria nas condições de trabalho desses operários. Enquanto Hitler cultivava uma lealdade pessoal e duradoura a Mussolini, a quem vira como mentor, a maioria dos alemães desconfiava e zombava do líder italiano. Os berlinenses diziam que, sempre que o Duce se encontrava com o Führer, tocadores de realejo executavam a canção popular "Du Kannst nicht Treue sein" — "Você não pode ser leal". Em 1936, quando uma mulher ignorante perguntou, numa festa, ao marechal de campo Werner von Blomberg quem ganharia a próxima guerra, ele teria respondido: "Senhora, eu não saberia dizer. Posso afirmar apenas uma coisa: quem tiver a Itália como aliada está fadado a perder."[1] Uma piada depreciativa era contada em círculos do Partido Nazista, dizendo que Wilhelm Keitel, lacaio de Hitler, chegava para lhe dar uma informação:[2] "Meu Führer, a Itália entrou na guerra!" Hitler responde: "Mande duas divisões. Deve ser o suficiente para acabar com eles." Keitel diz: "Não, meu Führer, não contra nós, mas conosco." Hitler diz: "Então é diferente. Mande dez divisões."

Nos primeiros meses da guerra, havia um farsesco consenso entre os alemães e os britânicos contra iniciar operações no Oriente Médio. A posição global da Grã-Bretanha era tão fraca que seus chefes de estado-maior se opunham ao emprego de forças ali. Quando Mussolini se juntou ao Eixo, o Mediterrâneo perdeu valor como rota de navegação para o leste, em face do domínio aéreo e naval do inimigo. O chefe do exército

britânico, general Sir John Dill, preferiu despachar para a Ásia todos os homens e armas que pudessem ser empregados, para fortalecer as defesas do império contra a ameaça japonesa que assomava. Churchill, porém, não aceitou: sendo impossível travar combate no continente, resolveu fazê-lo na África. No verão de 1940, enviou por navio preciosos tanques para o comandante em chefe da Grã-Bretanha no Oriente Médio, general Sir Archibald Wavell. Outras medidas foram tomadas como precaução: dezesseis mil gibraltarinos — toda a população civil do Rochedo de Gibraltar, com exceção de quatro mil — foram evacuados para o Norte da África e, depois, para a Inglaterra. Era provável que a captura da fortaleza na entrada do Mediterrâneo se tornasse um objetivo do Eixo, talvez com a conivência do ditador da Espanha, general Francisco Franco.

A Marinha Real tinha uma frota relativamente grande no Mediterrâneo, mas o comandante em chefe, almirante Sir Andrew Cunningham, reconhecia sua vulnerabilidade quando quase privada de cobertura aérea — algo que Churchill não percebia. Por mais de dois anos depois que a Itália entrou na guerra e a França saiu dela, as forças de Cunningham permaneceram em penosa desvantagem pela escassez de porta-aviões e de bases terrestres de onde operá-los. Vastas extensões de mar estavam fora do alcance dos caças britânicos que decolassem de Gibraltar, Malta, Egito ou Palestina. Já o Eixo podia atacar à vontade de uma quantidade quase ilimitada de aeródromos. É notável que, entre 1940 e 1943, a Marinha Real britânica tenha se imposto com algum êxito no Mediterrâneo diante de tantas limitações de recursos e da fraqueza estratégica. Cunningham e os capitães de seus navios de guerra demonstraram habilidade, audácia e coragem que compensavam a superioridade oficial da armada italiana.

Em terra firme, a guerra no deserto norte-africano utilizava apenas um punhado de divisões britânicas e imperiais, enquanto a maior parte do exército de Churchill ficava em casa, em parte para oferecer segurança contra uma invasão, por outra por falta de armas e equipamentos e ainda por escassez de navios para transportar e abastecer tropas além-mar. Os confrontos entre exércitos no deserto foram pouco mais significativos para o resultado do conflito global do que os torneios entre cavaleiros franceses e ingleses que serviam como entreatos durante a Guerra dos Cem Anos. Mas a competição norte-africana inflamou a imaginação do mundo ocidental e adquiriu imenso significado simbólico para o povo britânico.

As hostilidades tinham lugar numa estreita faixa de areia do litoral mediterrâneo, raramente com mais de 65 quilômetros de largura, que era transitável para viaturas blindadas. Durante 32 meses, entre setembro de 1940 e maio de 1943, os exércitos rivais brigaram pelo domínio, que oscilava feito uma gangorra, numa série de campanhas que se estenderam por mais de 3.200 quilômetros de território costeiro. As mudanças na vantagem eram profundamente influenciadas pelas distâncias que cada lado precisava percorrer para levar combustível, munição, alimento e água para suas unidades de combate: os britânicos se saíram melhor em 1941-1942, quando estavam mais perto de suas bases no delta do Nilo; as forças do Eixo, quando mais perto de Trípoli. É tolice romantizar qualquer aspecto da guerra, dada a realidade universal de que quase todos os participantes preferiam estar em casa. E a morte preso numa viatura em chamas não era menos terrível em Sollum ou Benghazi do que em Stalingrado. Mas o vazio das batalhas no deserto, onde não havia grande matança de inocentes nem destruição de propriedade civil, atenuava alguns dos horrores impostos por danos colaterais em regiões povoadas.

Embora uma campanha no deserto nunca fosse confortável, nos prolongados intervalos entre as batalhas o ambiente era preferível à Rússia no inverno ou à Ásia no período das monções. Às vezes se sugere que houve no Norte da África uma "guerra sem ódio". É um exagero, porque certamente houve medo, o que produz espasmos de animosidade; a maioria dos homens, no calor da luta, tem um sentimento de má vontade contra aqueles que tentam matá-los. Mas extremos de brutalidade, especialmente o assassinato de prisioneiros, foram em geral evitados por ambos os lados. Italianos, alemães, britânicos, indianos, australianos, neozelandeses e sul-africanos subsistiam e lutavam num meio selvagem e estranho, pelo qual não tinham qualquer apego emocional. Travavam uma luta comum contra a areia, os insetos, o calor e a sede mesmo antes que o inimigo entrasse na equação.

No outono de 1940, Mussolini estava impaciente, quase obcecado, para conseguir algum êxito italiano que justificasse uma fatia do butim da prevista vitória do Eixo. Embora ignorante em questões militares e navais, ansiava por conquistas estrangeiras para enobrecer o fascismo e enrijecer o frágil espírito de seu povo. "O exército precisa de *glória*", disse ele. A Líbia, colônia italiana, era vizinha ao Egito, controlado pelos britânicos, onde Wavell tinha a pequena força imperial de uma divisão britânica, a 7ª Blindada, junto com uma formação indiana e outra neozelandesa, logo reforçadas por duas divisões australianas. De tão anômala, a presença da Grã-Bretanha chegava a ser absurda: o Egito era um país soberano e independente, governado pelo rei Faruque, onde os britânicos supostamente exerciam direitos apenas para defender o canal de Suez. O governo do Cairo não entrou formalmente nas hostilidades até fevereiro de 1945. A simpatia da maioria dos egípcios estava com o Eixo, que os libertaria, segundo acreditavam, de mais de setenta anos de dominação britânica. De fato, essas opiniões eram generalizadas entre os nacionalistas árabes em todo o Oriente Médio e foram estimuladas pelos êxitos de Hitler em 1940. Naquele agosto, o secretário do grão-mufti de Jerusalém visitou Berlim para discutir o fomento de uma revolta no Iraque. Além disso, sugeriu, os rebeldes em potencial da Palestina e da Transjordânia poderiam ser equipados com armamentos transferidos da França de Vichy na Síria. A principal demanda dos aspirantes a insurgente era que os nazistas se comprometessem com a futura independência dos estados árabes.

Contudo, os líderes da Alemanha não estavam muito interessados em revoltas muçulmanas em 1940, menos ainda na liberdade árabe. Além disso, haviam concedido à Itália o principal papel diplomático na região. As ambições de Mussolini quanto a ampliar seu império africano eram totalmente incompatíveis com as aspirações dos povos locais: nessa busca, seus generais já haviam massacrado milhares de nativos de tribos líbias e abissínias. Só em 1941 os alemães travaram combate com nacionalistas árabes, notavelmente no Iraque e na Pérsia. Suas tentativas de intervenção foram tardias, irresolutas e frustradas com facilidade por forças enviadas para garantir a hegemonia britânica.

Em setembro de 1939, no Egito, a Grã-Bretanha invocou uma cláusula de seu tratado com o rei Faruque que o obrigava, em caso de guerra, a oferecer "todas as facilidades e assistência ao seu alcance, incluindo o uso de portos, aeródromos e meios de comunicação". A partir de então, os britânicos trataram o país como uma possessão colonial, governada por seu embaixador Sir Miles Lampson. Eles basearam sua frota mediterrânea em Alexandria e, em fevereiro de 1942, posicionaram tropas no Cairo para

sufocar uma rebelião incipiente. Durante a guerra, a fome desesperadora entre os camponeses provocou vários motins; a difícil situação dos felás egípcios contrastava cruamente com o estilo de vida sibarita da colônia militar britânica centrada no quartel-general do Oriente Médio, no hotel Shepheard's, no Clube Esportivo Gezira e numa série de quartéis e bases de aprovisionamento e de reparos no delta do Nilo, onde o desprezo pelos *wogs* era quase universal.

Visitantes americanos ficavam chocados com a lassidão e a condescendência imperial dos britânicos no Egito, que pareciam ver o conflito travado nos ermos ocidentais como um mero evento no calendário esportivo. A impressão era injusta com aqueles que lutavam e morriam: não era reconhecida a tradição do exército britânico de guerrear com despreocupação. Porém, uma verdade sobre a campanha norte-africana era que a participação britânica até o fim de 1942 se caracterizou por um amadorismo por vezes entusiasta, mas quase sempre prejudicial aos seus esforços.

Em teoria, a força dos exércitos de Mussolini era tão grande que, no verão de 1940, parecia possível que expulsassem os britânicos da África Setentrional e Oriental. Havia seiscentos mil soldados italianos e coloniais na Líbia e na Abissínia, em confronto com menos de cem mil homens sob as ordens de Wavell no Oriente Médio, Quênia, Sudão e Somalilândia. Em agosto, para a ira de Churchill, os italianos capturaram essa última quase sem derramar sangue. O povo de Mussolini tinha pouco estômago para a luta acirrada, mas um grande apetite por vitórias. Durante o breve período em que as fáceis conquistas africanas pareciam prováveis, enquanto os esforços da Luftwaffe contra a Grã-Bretanha visivelmente perdiam ímpeto, um jornalista italiano escreveu com orgulho e seriedade que refletiam o talento de seu povo para se iludir: "Queremos chegar a Suez com nossas forças; talvez *nós* ganhemos a guerra, não os alemães."[3] Mas as operações de Mussolini eram prejudicadas por sua confusão de meios e de objetivos: na Itália, ele desmobilizou parte do exército para trabalhar na colheita. Ignorando o princípio vital da concentração de força, preparou-se para invadir a Iugoslávia e a Grécia. E falhou em aproveitar uma rara oportunidade para capturar Malta. No Norte da África, faltavam aos seus comandantes equipamentos, habilidade e determinação. Em setembro de 1940, num gesto simbólico de indiferença dos generais italianos em relação à luta, o Ministério da Guerra em Roma voltou à prática adotada em tempos de paz de terminar o expediente às 14 horas.

Um diplomata italiano manifestou sua indignação com o estado de espírito que encontrou durante uma visita a Milão: "Todos só pensam em comer, se divertir, ganhar dinheiro e fazer piadinhas sobre os poderosos. Qualquer um que morre é um babaca (...) O que abastece as tropas com sapatos de papelão é considerado um herói."[4] Um jovem oficial italiano na Líbia escreveu para a família: "Estamos tentando lutar esta guerra como se fosse um conflito colonial na África. Mas é uma guerra europeia (...) travada com armas europeias, contra um inimigo europeu. Quase não levamos o fato em consideração ao construirmos nossos fortes de pedra e nos equiparmos com tanto luxo."[5]

Mussolini recusou a oferta de Hitler de enviar duas divisões blindadas para o Norte da África, que poderiam ter sido decisivas para garantir uma rápida vitória do Eixo: estava determinado a manter os alemães fora de sua esfera de influência, que ele mesmo definiu, com ciúmes. Um quarto dos aviões de combate da Itália foi despachado para se juntar à Luftwaffe no ataque à Grã-Bretanha, deixando as tropas na Líbia quase sem apoio aéreo

enquanto um grande exército na Albânia — ocupada por Mussolini em 1939 — foi mantido em alerta para atacar a Iugoslávia ou a Grécia, conforme o Duce achasse mais conveniente. Os italianos faziam política e criavam estratégias como se participassem das operações militares residuais de uma guerra curta, que logo terminaria com a vitória do Eixo. Mussolini temia que os britânicos chegassem a um acordo com Hitler antes que ele assegurasse conquistas próprias. Em vez disso, a Itália se tornaria o único país cuja posição estratégica foi decisivamente afetada pelos eventos na África, onde perdeu, progressivamente, 26 divisões, metade de sua força aérea e todos os tanques, junto com qualquer vestígio de credibilidade militar.

• • •

Os britânicos iniciaram as operações, no verão de 1940, com uma sucessão de incursões na fronteira da Líbia. O marechal Rodolfo Graziani empregou 250 mil homens contra 36 mil britânicos no Egito e 27 mil — incluindo uma divisão de cavalaria Yeomanry — na Palestina. O comandante indicado por Mussolini fizera sua reputação ao destruir o exército abissínio em 1935, com o uso generoso de gás venenoso. Em 1940, revelou-se um derrotista resoluto sem estômago para a batalha. Graziani avançou com cautela pelo Egito em setembro, até que, acovardado pela demonstração de agressividade britânica e por uma avaliação exagerada da força de Wavell, conteve-se e entrincheirou-se ao sul e a leste de Sidi Barrani. Um de seus generais, Annibale Bergonzoli, apelidado de "bigode elétrico" pelos britânicos, considerou alguns de seus oficiais de artilharia tão covardes que durante ataques aéreos britânicos foi obrigado a tirá-los a golpes e chutes das trincheiras onde se refugiaram e levá-los de volta aos seus canhões. Seguiu-se uma pausa de três meses, durante a qual Mussolini se impacientou, temeroso de que os alemães ganhassem a guerra antes que ele conquistasse o Egito; enquanto isso, Churchill estava igualmente impaciente com o atraso nos preparativos de Wavell para lançar seus contra-ataques.

Em 19 de janeiro de 1941, o major-general William Platt comandou um pequeno exército do Sudão para a Eritreia, capturando a formidável fortaleza de Keren depois de combates intensos em 27 de março, ao custo de 536 mortos, principalmente soldados indianos, e 3.229 feridos. Em fevereiro, outra força britânica, sob o comando do general Alan Cunningham, irmão do almirante, avançou do Quênia para a Somalilândia, marchou pela costa de Mogadíscio e virou em direção norte para uma arremetida de 1.245 quilômetros pelo interior até Harar. Em 6 de abril, Cunningham tomou Adis Abeba, capital da Abissínia, sofrendo apenas 501 baixas em batalha. Os combates persistiram por mais seis meses contra bolsões de resistência italiana, mas a campanha abissínia foi coroada pelo êxito britânico depois de uma luta acirrada com provisão insuficiente de alimentos. Ainda que as perdas em combate tenham sido poucas, 74.550 homens sucumbiram a doenças ou acidentes e 744 entre eles morreram, assim como quinze mil camelos que apoiavam o avanço britânico. Mais de trezentos mil italianos foram feitos prisioneiros.

Porém, a ofensiva mais dramática ocorreu no Egito, onde, em 6 de dezembro de 1940, Wavell deflagrou a operação Compasso do general Sir Richard O'Connor contra Graziani. O processo começou devagar, com objetivos modestos, depois se ampliou dramaticamente, com sucesso impressionante. Forças imperiais penetraram a Líbia,

capturando italianos às dezenas de milhares. Um metralhador britânico descreveu uma das ágeis colunas de O'Connor como "abarrotada com a parafernália comum para se guerrear no deserto — rações, munição, gasolina e, o mais precioso de todos os requisitos, frágeis recipientes de alumínio contendo quatro galões de água; tudo transportado em [viaturas pesadas] Bedford de três toneladas, cobertas com lona. [Havia] viaturas Morris que levavam o oficial de seção ou o capitão de bateria em pé no banco de passageiro e flâmulas divisionárias tremulando ao vento; uma dupla de canhões de 25 libras da Royal Horse Artillery (RHA) e tanques cilíndricos com água sacolejando sobre duas rodas atrás de uma viatura ainda maior. Às vezes, uma tropa de tanques leves hussardos, suas lagartas rangendo, chocalhando e sacolejando sobre pedregulhos, suas antenas longas e delgadas trepidando e oscilando. O comboio rolava em uníssono, abrindo-se em leque, com um intervalo de cinquenta metros entre as viaturas, areia jorrando das rodas como esguichos em chuva forte".[6]

As defesas italianas desmoronaram com velocidade extraordinária. "Eles não aguentam",[7] escreveu com desprezo um soldado australiano em carta para casa. "Não aguentam a dor (vi centenas de feridos... todos aos prantos), não aguentam bombas (acovardam-se quando uma cai a centenas de metros), o barulho dos tanques britânicos os aterroriza e a visão de nossas baionetas foi o suficiente para erguerem as mãos. Fascismo... Por favor!" Um oficial também se manifestou: "Todos os australianos sabem que um *aussie* ainda vale... cinquenta italianos — ou quase, pelo menos."[8] O tenente Tom Bird usou uma metáfora relacionada ao críquete: "Não se pode deixar de pensar que foi muita sorte realizar um ou dois treinos completos, por assim dizer, em cima dos italianos. Contra que outro povo seria tão prazeroso lutar?"[9] Nada deu certo para o esforço de guerra italiano. O departamento de propaganda de Mussolini em Roma fez um filme destinado a demonstrar a superioridade da masculinidade fascista. Para tal, foi encenada uma luta entre o ex-campeão mundial de pesos-pesados Primo Carnera e Kay Masaki, um negro sul-africano feito prisioneiro no deserto.[10] Masaki nunca havia entrado num ringue e foi derrubado quando as câmeras começaram a rodar. Mas ele se levantou e desferiu um golpe tão forte que deixou Carnera inconsciente.

Para o resto do mundo, a relativa insignificância dos triunfos britânicos no deserto era óbvia. O romeno Mihail Sebastian escreveu, em 7 de fevereiro de 1941: "Nem é preciso dizer que toda a guerra na África (por mais interessante e dramática) é apenas um incidente menor. A luta é entre os britânicos e os alemães; é aí que tudo será decidido."[11] Ele tinha razão, é claro, mas na Londres que vivia a blitz houve alegria. Até 9 de fevereiro, a força de O'Connor havia avançado oitocentos quilômetros e tomado El Agheila; a estrada para Trípoli, em direção oeste, estava aberta. Depois, para a estupefação dos soldados comuns, o avanço parou; afundados no areal da colônia de Mussolini, eles estagnaram. "Todos os dias são iguaizinhos ao dia anterior",[12] escreveu o metralhador Doug Arthur, enfastiado. "Sábado poderia ter sido segunda-feira, sexta-feira poderia ter sido terça-feira, ou até a terça-feira gorda, pelo que nos consta (...) não sabíamos o que realmente acontecia, para onde iríamos ou o que nos aguardava quando chegássemos."

Eles não avançariam na Líbia. Quatro divisões de Wavell, incluindo a neozelandesa e a maior parte do contingente australiano, foram transferidas para a Grécia a fim de

enfrentar o esperado ataque alemão. Alegou-se, depois, que a divisão grega custou aos britânicos uma oportunidade única para dominar a costa do Norte da África e retomar o controle do sul do Mediterrâneo. É duvidoso: o Afrika Korps, do tenente-general Erwin Rommel, já desembarcava em Trípoli para socorrer os titubeantes italianos e, em seguida, dominar a campanha; a linha de suprimento britânica estava esgarçada ao seu limite máximo; os tanques e veículos de O'Connor estavam muito desgastados. A luta contra os italianos demonstrara a capacidade da Força do Deserto Ocidental enquanto a campanha abissínia simultânea exaurira os recursos imperiais. Ainda que nenhum homem de Wavell houvesse partido para a Grécia, é improvável que os britânicos tivessem força para completar a conquista do Norte da África.

• • •

Durante os três meses antes de esmorecer, em fevereiro de 1941, a ofensiva britânica na Líbia teve um importante impacto marginal, não reconhecido na época: a operação Compasso contribuiu para manter a Espanha fora da guerra. Franco enfrentou os mesmos dilemas de Mussolini, mas chegou a conclusões diferentes. Ideologicamente, entusiasmava-se com o Eixo e queria compartilhar os espólios da derrota dos Aliados. Mas hesitava em expor seu país, arruinado por recente guerra civil, aos azares de uma nova luta antes que os britânicos fossem reduzidos à impotência. A partir de 1939, a Espanha não foi neutra, mas beligerante à espreita: o ministro do Exterior espanhol Serrano Súñer, em particular, estava inteiramente comprometido à causa do Eixo. O sagaz embaixador português em Madri, Pedro Teotónio Pereira, informou a Lisboa, em 27 de maio de 1940: "Fora de dúvida que a Espanha continua odiando os Aliados (...) As vitórias alemãs são recebidas com júbilo."[13] Pereira afirmou que quase todos os espanhóis queriam o triunfo alemão e somente lamentavam que a penúria do país tornasse inoportuna sua dedicação imediata à causa: "Não é que julguem a guerra infame. É que se creem em má posição para tentar o golpe."

Franco queria lutar, mas apenas se os alemães aceitassem sua alta tarifa. "A Espanha não pode entrar *por gusto*", disse ele a Hitler durante um encontro em Hendaye, na fronteira franco-espanhola, em outubro de 1940. Um protocolo secreto ao acordo germano-espanhol, finalmente assinado em novembro, declarava Madri em estado de prontidão para se juntar ao Pacto Tripartite: "Em cumprimento às suas obrigações como aliada, a Espanha intervirá na atual guerra das Potências do Eixo contra a Inglaterra depois que elas lhe fornecerem o apoio militar necessário para sua preparação (...) A Alemanha concederá ajuda econômica à Espanha abastecendo-a com alimentos e matérias-primas." O Ministério da Economia em Madri preparou uma formidável lista de compras: quatrocentas mil toneladas de combustível, quinhentas mil toneladas de carvão, duzentas mil toneladas de trigo, cem mil toneladas de algodão e vastos carregamentos de fertilizantes.

Os planejadores militares de Franco preparavam uma possível tomada de Portugal e de Gibraltar. Depois, entretanto, as relações com a Alemanha azedaram. O ditador espanhol ficou irritado quando Hitler se recusou a lhe conceder colônias francesas na África, em parte porque a Alemanha ainda esperava ter a França de Vichy como aliada ativa. Mussolini se opôs vigorosamente à entrada da Espanha no conflito, porque

competia com Franco pelas mesmas colônias francesas e porque queria desfrutar de hegemonia pessoal ilimitada sobre o litoral mediterrâneo. Hitler também tinha sua lista de compras, desejoso de apropriar-se de algumas colônias de Franco a serem usadas como bases alemãs além-mar: a Guiné Equatorial espanhola, Fernando Pó e uma das Ilhas Canárias. O ponto de discórdia mais intratável nas negociações era a relutância do líder espanhol em permitir, como Mussolini, grandes quantidades de tropas alemãs em seu país. Ele tinha imensa admiração por Hitler e alimentava a ilusão absurda de que o Führer criasse uma nova organização política europeia em que a Espanha, por tanto tempo um país vítima de abusos, receberia um justo lugar ao sol. Mas não tinha intenção de permitir que seu país se tornasse um feudo nazista.

O principal objetivo estratégico de Hitler era capturar Gibraltar. Duvidoso de que o exército espanhol fosse suficiente, ele planejou que a Wehrmacht o fizesse. Para Franco, entretanto, nas palavras do historiador Stanley Payne, "era questão de honra e de interesse nacional que forças espanholas realizassem a operação".[14] Criou-se um impasse: os alemães não forneceriam armas e suprimentos à Espanha para que Franco tentasse tomar Gibraltar, e este, por sua vez, não cederia à Wehrmacht direito de passagem para seu ataque. Ele sabia que o povo espanhol não estava disposto a aceitar os sacrifícios de uma nova guerra. Seus generais eram hostis, não só porque os britânicos lhes pagavam uma fortuna em subornos secretos — treze milhões de dólares ao todo — para assegurar a neutralidade do país. Enquanto a Grã-Bretanha não fosse derrotada, a Marinha Real britânica poderia bloquear a Espanha, trazendo consequências arrasadoras. Mais uma vez, o poderio naval da Grã-Bretanha exerceu uma importante, apesar de invisível, influência sobre os acontecimentos.

Os êxitos britânicos na Líbia e na Abissínia desencorajaram ainda mais Franco a assumir qualquer compromisso impensado no combate, precisamente quando Hitler estava pronto para despachar tanques e tropas para tomar Gibraltar. Em 7 de dezembro de 1940, o chefe da Abwehr, almirante Wilhelm Canaris, encontrou-se com Franco em Madri para convencê-lo a deixar que forças alemãs entrassem na Espanha dentro de um mês. Franco não concordou. Canaris telegrafou para Berlim, em 10 de dezembro, dizendo que a Espanha não se mexeria enquanto a ameaça marítima britânica persistisse. Hitler perdeu a paciência, e a operação Felix, o ataque a Gibraltar, foi engavetada. Em fevereiro de 1941, sua atenção já estava irreversivelmente voltada para o leste. Ele precisaria de todas as divisões para sua pretendida invasão à Rússia. Seu interesse em Gibraltar minguou, e, com ele, a disposição alemã em pagar um preço extravagante pela participação espanhola no conflito. A Espanha se manteve uma ativa aliada do Eixo por quase dois anos, até que a bem-sucedida invasão dos Aliados no Norte da África mostrou, com obviedade, que a maré havia mudado. Aviões italianos que bombardeavam Gibraltar reabasteciam-se em aeródromos espanhóis; produtos vitais, como o tungstênio, fluíam da Espanha para a Alemanha; o país fervilhava com diplomatas e espiões nazistas, que recebiam todas as facilidades para sabotar o esforço de guerra dos Aliados. Franco enviou uma divisão simbólica para ajudar Hitler na invasão da Rússia, e aviões de meteorologia e de reconhecimento da Luftwaffe decolaram de bases espanholas até 1945. Mas a Espanha manteve uma neutralidade formal. Gibraltar não foi conquistado e, dessa maneira, o portão do Mediterrâneo permaneceu aberto à navegação dos Aliados.

Se Franco tivesse entrado na guerra, a queda inevitável de Gibraltar condenaria Malta à ruína. Para os britânicos, seria muito mais difícil — talvez impossível — preservar o Oriente Médio. Os danos ao seu prestígio e à sua confiança teriam sido imensos, e Churchill talvez não sobrevivesse como primeiro-ministro. Franco não mereceu a gratidão dos Aliados porque a cautela da diplomacia espanhola foi motivada por interesses egoístas; ele só hesitou porque se supervalorizou em relação ao Eixo. Mas o resultado foi muito vantajoso para a Grã-Bretanha e para a Espanha.

• • •

Rommel, que fizera seu nome na campanha francesa de 1940, chegou à África em 12 de fevereiro de 1941. Seus soldados, animados com a vitória na Europa, estavam cheios de energia, vendo sua participação na guerra como uma aventura romântica. "Todos temos 21 anos e somos doidos",[15] escreveu o tenente de infantaria Panzer Ralph Ringer. "Doidos porque nos apresentamos como voluntários para ir à África e não falamos em outro assunto durante semanas (...) noites tropicais, palmeiras, brisas marinhas, nativos, oásis e capacetes tropicais. Também um pouco de guerra, mas como podemos ser qualquer coisa senão vitoriosos? (...) Como um bando de malucos, pulávamos e abraçávamos uns aos outros, estávamos mesmo indo para a África!" O tenente italiano Pietro Ostellino, um entre a pequena minoria de fascistas dedicados no exército italiano, escreveu, exultante, para a mulher, em 3 de março: "As coisas aqui vão muito bem e nossa reocupação da Cirenaica, mantida pelo inimigo, é questão de dias ou mesmo de horas. Corremos para a linha de frente em honra da *Patria*. Você deve se orgulhar e oferecer seus sofrimentos à causa pela qual seu marido luta com entusiasmo e paixão."[16] Três dias depois, acrescentou: "O moral está altíssimo, e, em cooperação com nossos valentes aliados, nos preparamos para grandes feitos (...) Nossa causa é sagrada e Deus está conosco."[17]

Rommel lançou sua primeira ofensiva contra os britânicos na Líbia em 24 de março, capturando com facilidade El Agheila, na base do golfo de Sidra. Tanques britânicos detiveram o Afrika Korps em Mersa Brega, mas as débeis forças comandadas pelo tenente-general Philip Neame foram obrigadas a se retirar. Em 4 de abril, Rommel atacou novamente, forçando mais uma retirada ao ameaçar a linha de suprimento de Neame. Muitos tanques britânicos ficaram fora de ação por defeitos mecânicos, e os alemães tiveram pouca dificuldade para chegar a Tobruk. A defesa do porto foi confiada a uma guarnição australiana, enquanto as principais forças imperiais recuaram através da fronteira egípcia quase até a linha de partida de sua ofensiva em dezembro.

Wavell convencera Neame de que era mais importante preservar seu exército intacto do que manter o terreno, mas os soldados, ignorantes desses altos propósitos, ficaram simplesmente perplexos com a rapidez de sua retirada. O metralhador Len Tutt descreveu um combate em que sua bateria de canhões de 25 libras deteve tanques Panzer por algumas horas e, ao escurecer, recebeu uma ordem repentina para se retirar: "A merda parecia se espalhar. Voltamos a combater um pouco adiante na estrada, mas mal reconhecemos o terreno antes de recebermos nova ordem de retirada. Parecia não existir um rumo definido. Havia muitas unidades em movimento ao mesmo tempo, um erro que ajudou a aumentar o pânico. Logo vimos sinais de perigo: homens abandonando uma

viatura enguiçada e correndo para outra quando alguns segundos debaixo do capô provavelmente teriam bastado para consertá-la. Diversas viaturas foram abandonadas porque estavam sem gasolina, mas havia caminhões carregados de combustível passando pelos dois lados."[18] Houve mais combates de resultados alternados, em que o passo de Halfaya e o forte Capuzzo trocaram de mãos várias vezes, mas, no final de maio, os alemães e os italianos ocuparam o disputado terreno.

Pietro Ostellino escreveu, em 13 de maio, perto de Tobruk: "Estamos bem avançados e é só uma questão de tempo. Faz muito calor, mas é suportável, e estou bem de saúde — vermelho-escuro como um salame, por causa do sol e porque estamos cobertos de areia, que agarra na pele e, com o suor, forma uma camada de lama. Temos bastante água, mas, quinze minutos depois de nos lavarmos, voltamos a ficar como antes."[19] Pouco depois, ao saber sobre o avanço do Eixo na Grécia, escreveu: "Ontem, recebi uma carta de tio Ottavio, da Albânia, em que ele fala da grande vitória que alcançaram. Em breve, faremos coisa parecida e expulsaremos os ingleses de todos os lugares."[20] Ainda que os australianos tenham resistido em Tobruk depois que o Afrika Korps passou em marcha batida para o Egito, a vantagem estratégica era definitivamente de Rommel. E, ao mesmo tempo, do outro lado do Mediterrâneo, como observou Ostellino, os britânicos haviam sofrido mais uma série de desastres.

2 UMA TRAGÉDIA GREGA

A luta pelos Bálcãs começou com uma farsa desencadeada por Mussolini. Tendo depreciado a tomada da Iugoslávia, ele lançou, em 28 de outubro de 1940, 162 mil homens contra a Grécia, a partir da Albânia, operação comunicada ao marechal Graziani, no Norte da África, pelos noticiários da rádio de Roma. Nem Hitler sabia: o Duce ficou tão ofendido com a tomada alemã da Romênia — que ele considerava parte da esfera de influência italiana —, sem que Roma fosse consultada, que resolveu virar o jogo apresentando a Berlim um *fait accompli* na Grécia. O pretexto para a guerra foi um fictício apoio grego a operações britânicas no Mediterrâneo. Esperava-se que um pequeno país, com sete milhões de habitantes, não oferecesse resistência significativa; as defesas da Grécia direcionavam-se para a Bulgária, não para a Albânia. Os britânicos estavam comprometidos, por tratado, a apoiar o governo de Atenas, mas no início ofereceram apenas poucas armas e aviões. Mussolini disse aos seus oficiais: "Se alguém criar qualquer dificuldade para vencermos a Grécia, renunciarei à condição de italiano."[1] Seu ministro do Exterior, Galeazzo Ciano, às vezes excessivamente conciliador, era a favor da invasão pela facilidade que oferecia. Pensava que Atenas capitularia diante de um bombardeio simbólico e tentou assegurar esse resultado separando milhões de liras para subornar políticos e generais gregos. Ainda não se sabe se esse dinheiro foi pago ou simplesmente roubado por intermediários fascistas.

Seja como for, Roma não alcançou o resultado esperado. O povo grego, enfurecido com o afundamento do cruzador grego *Helli* por um submarino italiano semanas antes de Mussolini declarar guerra, respondeu à invasão com espírito resoluto de desafio. Pichações apareceram nos muros: "Morte aos comedores de espaguete que afundaram

nosso *Helli*." Apesar de penosamente empobrecida, a Grécia mobilizou 209 mil homens e 125 mil cavalos e mulas. Seu ditador, general Ioannis Metaxas, cujo governo semeara a discórdia interna, escreveu em seu diário enquanto a tensão com a Itália crescia: "Agora, todos estão comigo." Um camponês chamado Ahmet Tsapounis mandou-lhe um telegrama: "Sem ter dinheiro para contribuir com o esforço de guerra do país, dou a plantação que tenho em Variko (...) com 2,2 hectares. Peço-lhe humildemente que aceite."[2] Em Chipre, onde a população grega predominava, o sentimento popular havia sido, até então, a favor do Eixo, devido à crença de que uma vitória nazista livraria a ilha do domínio colonial britânico. Depois, porém, um cipriota escreveu: "O desejo supremo era pela derrota dos exércitos que invadiram o solo grego, a ser seguida pelos 'frutos da vitória' — 'liberdade', como prometido por Churchill."

Para o espanto do mundo, os gregos não apenas repeliram a invasão italiana, mas, em novembro, suas forças avançaram pela Albânia. O general italiano Ubaldo Soddu sugeriu pedir aos gregos um armistício. Em Atenas, Maris Markoyianni ouviu um menino perguntar: "Quando vencermos os italianos, o que faremos com Mussolini?"[3] Hitler se enfureceu com o fiasco grego. Sempre fora contra, mais enfaticamente depois das eleições de novembro nos Estados Unidos: temia que uma nova agressão do Eixo ajudasse Roosevelt. Então, insistira que Mussolini garantisse Creta antes de atacar o continente, para frustrar uma intervenção britânica. Numa carta escrita em Viena, em 20 de novembro, ele manifestou sua consternação pelo erro dos italianos. O Duce, em resposta, atribuiu a culpa ao mau tempo, às garantias búlgaras de neutralidade — que permitiram aos gregos transferir grandes forças para o oeste — e à recusa dos albaneses a ajudar o Eixo. Ele disse a Hitler que se preparava para lançar trinta divisões "com as quais destruiremos totalmente a Grécia". Aqueles que o supunham um ditador menos brutal do que o Führer se surpreenderam com a ordem que deu a Badoglio, chefe de seu estado-maior: "Todos os centros urbanos [gregos] com população superior a dez mil habitantes devem ser destruídos e reduzidos a pó. Esta é uma ordem direta."

Ele não conseguiu nada parecido. Nos meses que se seguiram, os exércitos gregos e italianos continuaram empacados nas montanhas albanesas durante o inverno mais severo em cinquenta anos. O sargento Diamantis Stafilakas, de Quios, escreveu em seu diário, em 18 de janeiro de 1941: "A porta de nosso abrigo não se abre por causa da neve. O vento forte joga a neve contra ela. Hoje, voltou a chover. Estamos ensopados. Não há como acender uma fogueira porque a fumaça nos sufoca. Passamos as noites no desconforto mais doloroso, então me levanto e saio para dar uma volta. Tentei construir outro abrigo e consegui cavar vinte centímetros antes que nevasse novamente, e, depois, desisti."[4]

A ulceração por congelamento infligiu milhares de baixas. Spyros Triantafillos ficou triste por precisar abandonar seu amado cavalo cinza, que sucumbiu numa nevasca: "Faminto, empapado até os ossos, torturado por uma marcha infinita em terreno pedregoso, estava condenado a ficar ali. Esvaziei os alforjes para seguir os outros a pé, acariciei um pouco a nuca e dei-lhe um beijo. Pode ser um animal, mas foi meu camarada na guerra. Enfrentamos a morte juntos muitas vezes, sobrevivemos a dias e noites inesquecíveis. Reparei que olhava enquanto me afastei. Que olhar aquele, meus amigos. Expressava tanta angústia, tanta tristeza. Eu queria chorar, mas as lágrimas não vinham. A

guerra não dá tempo para essas coisas. Pensei em matá-lo, mas não teria conseguido. Deixei-o, fitando-me até que desapareci atrás de uma pedra."[5]

Hitler, exasperado, ignorou as declarações de Mussolini de que poderia derrotar os gregos sem ajuda. Em 13 de dezembro, emitiu a Diretriz Nº 20 para a operação Marita: "Diante da situação ameaçadora na Albânia, é duplamente importante frustrar os esforços ingleses para estabelecer, atrás da proteção de uma frente balcânica, uma base aérea que ameace a Itália (...) e, ainda mais, os campos de petróleo romenos." Depois da posse do general Ion Antonescu como primeiro-ministro da Romênia, em 12 de outubro de 1940, aquele país e suas reservas vitais de petróleo caíram em poder dos alemães; para a maioria dos romenos, a Alemanha era uma aliada inevitável, estando o país ameaçado pelas ambições territoriais da União Soviética.

Em janeiro, a Luftwaffe atacou navios britânicos no Mediterrâneo a partir de bases sicilianas. O general Metaxas morreu subitamente no dia 29. Em março, pressões diplomáticas alemãs convenceram a Bulgária a juntar-se ao Eixo; a Iugoslávia também cedeu, embora um golpe palaciano em Belgrado tenha instalado um regime pró-britânico de curta duração. O moral do povo italiano caía conforme se tornava claro que as ambições de seu líder haviam sido frustradas de forma humilhante e que, em consequência, os italianos precisariam curvar-se à hegemonia alemã no Mediterrâneo. Um informante da polícia em Milão escreveu: "Muitos, muitos pessimistas veem a Itália como um protetorado da Alemanha e concluem que, se padecemos três guerras, as perdas severas da marinha, o sacrifício de nossas matérias-primas e reservas de ouro (...) para perdermos nossa independência política, econômica e militar, não há motivo de orgulho nas políticas adotadas."[6] As privações do povo italiano se agravaram durante o inverno, com a disparada dos preços. A ração oficial de massa e de arroz foi reduzida para dois quilos por pessoa por mês, quando um operário médio consumia quatrocentos gramas por dia. O entusiasmo italiano pela guerra, sempre frágil, nunca se recuperou do baque que se seguiu às derrotas de 1940-1941. A partir daí, a maioria dos soldados, marinheiros, pilotos e civis tornou-se prisioneiros infelizes acorrentados às rodas da carruagem de Hitler.

• • •

Em 6 de abril, 33 divisões alemãs, seis delas blindadas, entraram na Iugoslávia, esmagando facilmente seus exércitos. Um ataque de bombardeiros da Luftwaffe na capital matou dezessete mil pessoas, preço assustadoramente alto e que refletia o despreparo do povo para seu destino. Seis dias depois, os invasores ocuparam a cidade, e, em 17 de abril, os iugoslavos capitularam.

Uma força de 56 mil homens sob comando britânico, formada principalmente por australianos e neozelandeses, desembarcou na Grécia em março, para se posicionar a nordeste. A insistência de Churchill em empregar tropas imperiais a critério dos comandantes britânicos provocou séria e compreensível perplexidade entre os líderes de ex-colônias britânicas em que os brancos já eram maioria populacional em relação aos nativos. Em tese, formações canadenses, australianas e neozelandesas só poderiam ser usadas com aprovação expressa de seus governos. Mas, especialmente em 1940-1941, antes

que os ministros dos domínios fincassem pé contra abusos de seus direitos constitucionais, essa aprovação era pedida *a posteriori*. O primeiro-ministro australiano, Robert Menzies, participou da reunião do Gabinete de Guerra britânico em 24 de fevereiro de 1941, em que se decidiu despachar um exército para a Grécia, mas ele e seus colegas ministros foram deliberadamente enganados sobre as opiniões e os temores de comandantes no teatro de guerra, inclusive por seus próprios oficiais de alta patente. Somente quando os primeiros soldados neozelandeses estavam na Grécia havia algumas semanas, em dezembro de 1940, seu governo em Wellington soube do acontecimento. Forças do Anzac — um comando especial da marinha australiana e neozelandesa —, e não britânicas, foram chamadas para carregar o pesado fardo da mais perigosa jogada militar dos Aliados na campanha do Mediterrâneo, servindo sob um comandante em chefe britânico. Os políticos australianos, em particular, ficaram profundamente decepcionados.

Soldados do Anzac, entretanto, experimentavam sensações mais inocentes. Os neozelandeses viajavam para seu primeiro campo de batalha; como a maioria dos jovens em tais circunstâncias, deleitavam-se em animada expectativa e sensações exóticas, alheios ao perigo. O cabo-bombardeiro Morry Cullen escreveu para casa, eufórico, sobre a emoção de navegar no Mediterrâneo: "Nunca vi tons de azul tão lindos, de um céu claro até o azul mais escuro, e praticamente não há ondas." O soldado Victor Ball escreveu, em seu diário, a respeito de Atenas: "O melhor lugar onde já estivemos e povo muito amistoso. Demos uma olhada na Acrópole, nas velhas ruínas de Atenas (...) A área de bordéis é muito mais limpa do que no Cairo. Ficamos muito bêbados, mas chegamos bem em casa."[7] Mais tarde, o tenente Dan Davin refletiu: "Éramos todos exatamente a imagem da juventude e da saúde (...) Há uma coragem natural nas pessoas que foram alimentadas a vida toda com boa carne." As tropas dos domínios aproximaram-se de sua primeira experiência de guerra com confiança e entusiasmo que persistiram, em grau notável, durante toda a provação que começava a se desenrolar. Alguns de seus oficiais, porém, eram mais cínicos: o general Sir Thomas Blamey, idoso detestado e sórdido que comandava o corpo australiano — "um covarde e não um comandante", nas palavras de um oficial de seu estado-maior —, passou o dia 26 de março inspecionando praias para a evacuação no sul da Grécia.

Os alemães invadiram a Grécia em 6 de abril de 1941, enquanto faziam seu assalto à Iugoslávia. Citaram a presença britânica como justificativa: "O governo do Reich ordenou, em consequência, que suas forças armadas expulsem as tropas britânicas do solo da Grécia. Toda a resistência será esmagada de forma implacável (...) Enfatiza-se que o exército alemão não chega como inimigo do povo grego e não é desejo do povo alemão lutar contra os gregos (...) O golpe que a Alemanha é obrigada a desferir em solo grego destina-se à Inglaterra." As forças britânicas estavam espalhadas demais para conter os invasores. Onde encontravam resistência — e houve alguns esforços pequenos e teimosos para manter posições — os alemães simplesmente recuavam e encontravam uma brecha em outro lugar.

O neozelandês Victor Ball descreveu o primeiro estágio do que seria uma retirada longa e penosa: "Fomos seguidos por explosões de granada em todo o trajeto; para onde fôssemos, eles atiravam. Um camarada foi morto no ato, ao meu lado — atingido na garganta — e alguns outros foram atingidos com lascas de xisto e pedras. Aviões vinham,

um de cada vez, bombardeando e metralhando. A coisa dá nos nervos quando não se pode revidar."[8] Russell Brickell, outro neozelandês, refletiu sobre a experiência de ser atacado por aviões de bombardeio: "É uma sensação peculiar, deitado de bruços numa trincheira, ouvindo o som agudo de uma bomba que se aproxima; um segundo de silêncio enquanto ela atinge o solo; então a terra se ergue e atinge o rosto, há um estrondo tremendo e estilhaços assobiam pelo ar."[9]

As forças alemãs logo se derramavam pela passagem de Monastir, na fronteira iugoslava, ameaçando a retaguarda das posições gregas na Albânia. Forças aliadas recuaram para o sul em grande desordem, excedidas em número, superadas em agilidade e vulneráveis a ataques aéreos. Um oficial-médico australiano descreveu como "o ruído de passos, humanos e animais, podia ser ouvido durante a noite toda"[10] conforme a retirada grega se transformava numa debandada tomada pelo pânico. No trajeto do avanço do Eixo, comunidades eram visitadas por cenas de horror. Uma coluna de prisioneiros italianos conduzida sob escolta por uma aldeia foi subitamente envolvida pelo fogo de morteiros e de artilharia, que matou e feriu dezenas. Uma mulher idosa, que perdera o filho mais velho, Stathi, na Albânia, soluçava. O dono de um café insistiu para que ela moderasse suas lágrimas pelos italianos: "Foram eles que mataram seu filho."[11] Ela o ignorou e correu para um soldado ferido por estilhaços, que gritava: "Pão, mãe!" A velha senhora tentou lavar-lhe os ferimentos com um pano molhado de *raki*, ainda aos soluços e falando ao homem: "Não chore, Stathi. Sim, sou sua mãe. Não chore. Tenho pão e leite."

O exército grego se exaurira enfrentando os italianos durante o inverno. Faltava-lhe transporte para manobras rápidas. Os alemães exploraram brutalmente seu domínio do ar, eficaz sobretudo num país com poucas estradas. "De tarde, vimos pela primeira vez a grande Luftwaffe alemã",[12] escreveu o capitão australiano Charles Chrystal: "Cento e noventa bombardeiros vieram e lançaram projéteis (...) até não sobrar nada. Voavam em formação cerrada (...) e lhe digo que simplesmente ficamos abismados e fascinados ao ver tantos." Embora os australianos e neozelandeses travassem pequenos combates de retaguarda, as primeiras grandes evacuações navais começaram em 28 de abril, de Rafina e Porto Rafti. Os alemães se abriram em leque através do Peloponeso, onde a Marinha Real britânica retirou suas tropas de Náuplia e Kalamata.

Cidadãos de uniforme, antes de se tornarem soldados calejados, ficam estupefatos com o desperdício causado pela guerra. Uma das lembranças mais vívidas dos soldados do Anzac sobre a retirada na Grécia foi a quantidade colossal de viaturas, canhões, suprimentos, aparelhos de rádio, telêmetros destroçados e abandonados — milhões de libras gastos em equipamentos que mal foram usados, largados à beira das estradas do Peloponeso. Homens que embarcavam em navios da Marinha Real britânica recebiam ordem para se livrarem de suas armas, especialmente metralhadoras e morteiros, às quais se agarraram teimosamente durante a retirada. Essa política teve sérias consequências para a defesa de Creta poucas semanas depois. Grande parte dos fugitivos sentiu vergonha em abandonar os moradores, que os apoiavam mesmo na derrota.

A Invasão da Grécia
N
IUGOSLÁVIA
Sófia
BULGÁRIA
Kriva Palanka
Kyustendil
Plovdiv
Skopje
Kocani
Veles
Nevrokop
Tirana
ALBÂNIA
Strumica
Prilep
Ekhinos
TRÁCIA
Monastir
Sérrai
Xanthi
Komotini
Kilkis
Edessa
MACEDÔNIA
Alexandroupolis
Flórina
Veria
Tessalônica
Thasos
Samotrácia
Kozani
Katerini
Sérvia
Mt. Olimpo
Vijose
Lemnos
TURQUIA
Larisa
Mt. Ossa
Corfu
Ioannina
Trikala
Volos
Mar
Egeu
Arta
GRÉCIA
Skiros
Lesbos
Levkas
Termópilas
Bralos
Missolonghi
Quios
Cefalônia
Tebas
Patras
Atenas
Corinto
Pireu
Rafina
Andros
Rafti
Zaquintos
Pirgos
Náuplia
Tinos
PELOPONESO
Mar
Jônico
Kalamata
Naxos
Monemvasia
Milos
Citera
Avanços alemães
Front estabelecido, 6 de abril de 1941
Linha Metaxas
Linha Aliakmon
Rotas de evacuação britânicas
Baía de Suda
CRETA
Chania
Heráclion
0 25 50 75 100 milhas
0 10 20 30 40 50 km

No fim de abril, os alemães detinham a Grécia. Quarenta e três mil soldados das tropas de Wavell foram evacuados, deixando para trás outros onze mil, que foram aprisionados, com todos os veículos e equipamento pesado. O primeiro-ministro Alexandros Koryzis cometeu suicídio. Soldados gregos desciam dos morros aos poucos, muitos após abandonarem suas armas. "Em certo momento", escreveu uma testemunha, "vi um capitão subir a um outeiro e falar para milhares de homens reunidos à sua volta. Dizia, aos berros: 'Homens, que pena, nosso país perdeu a guerra!' Os ouvintes responderam com um grito estranho, apavorante, perverso de '*Zeto!*' — 'Viva!'. '*Zeto!*' significava 'Estamos vivos!'."[13]

Essa constatação ofereceu apenas breve consolo a um país que depois sofreu terrivelmente sob a ocupação nazista. Um general grego disse a George Tzannetakis, oficial da força aérea: "George, uma noite negra se abate sobre nosso país."[14] Na capital, em 27 de abril, um oficial alemão, Georg von Stumme, dirigiu-se ao arcebispo grego Ieronymos: "Ele começou dizendo que sempre quis visitar Atenas, sobre a qual aprendera tanto na escola e na Academia Militar. Nesse momento, o arcebispo interrompeu-o e disse: 'De fato, antes da guerra a Alemanha tinha muitos amigos na Grécia, e eu era um deles.'"[15] Agora, tudo mudara. Escreveu um grego: "Von Stumme descobriu que na Grécia poderia encontrar alguns traidores, mas nenhum amigo."

Três semanas depois, em 20 de maio, os alemães lançaram um ataque de paraquedistas sobre Creta. Defensores britânicos e neozelandeses localizados na costa setentrional da ilha lutaram com bravura no primeiro dia, infligindo perdas terríveis aos invasores que vieram do céu. Mas, no dia 21, os alemães tomaram o aeródromo de Maleme, abrindo caminho para forças suplementares. Contra-ataques britânicos foram contidos, e, nos seis dias subsequentes, os paraquedistas aos poucos suplantaram as defesas, se juntando às unidades isoladas em Retimo e Heráclion. Os britânicos recuaram. "Todos estavam exaustos (...) e, a essa altura, o moral era muito baixo", disse Ian Stewart, oficial-médico de um batalhão. "Não se pode dizer que foi uma viagem relaxante (...) no alto das montanhas, andando principalmente à noite e em passo muito lento, só o ressoar dos cantis e, de vez em quando, tropeçando em pessoas caídas. Talvez a coisa que evoque lembranças mais fortes seja o orvalho nas flores (...) os cheiros muito agradáveis de Creta são inesquecíveis." Outro oficial observou: "Foi uma viagem que mostrou a natureza humana no que ela tem de mais cristão, mas também no que tem de mais egoísta e feio." O general Bernard Freyberg, neozelandês que comandava a defesa, decidiu que a evacuação era a única opção. Até a noite de 30 de maio, quando a Marinha Real britânica foi obrigada a abandonar seus onerosos esforços de resgate, 15 mil soldados haviam sido retirados; 11.370 foram aprisionados e 1.742 morreram. Um neozelandês ouviu ordenarem a quem ficasse para trás que se rendesse. "Havia uma quietude mortal. Dava para ouvir a queda de um alfinete. Cada homem mergulhado em seus próprios pensamentos, se pudessem pensar. De vez em quando, ouvia-se um tiro distante, vindo do *wadi* — algum pobre sujeito tirava a própria vida. Mais tarde, escutei as primeiras palavras em alemão — '*Alle man raus, schnell, schnell*' — olhei para cima e o vi lá, em pé, com um fuzil e pronto para atirar. Marchamos de volta para Chania, como um rebanho de ovelhas."

Creta custou ao almirante Cunningham três cruzadores e seis contratorpedeiros afundados, além de dezessete navios avariados — a perda mais severa sofrida na guerra pela marinha durante uma única operação. Seis mil alemães morreram, preço que

dissuadiu Hitler de usar paraquedistas em outra operação de larga escala. Mas o resultado imediato foi que os invasores haviam derrotado um exército aliado maior, suprido, através de interceptação Ultra, com conhecimento prévio e minucioso das intenções, dos planos e dos cronogramas alemães.[*] Freyberg, como comandante, teve substancial responsabilidade pelo fracasso, mas foi prejudicado pela falta de transporte para deslocar homens e por uma calamitosa escassez de rádios. Quando a batalha começou, ele não sabia exatamente o que estava acontecendo nem tinha meios para transmitir ordens. A Luftwaffe exerceu domínio quase inconteste dos céus, provocando grande estrago no moral, nos contingentes e nos navios. A energia, a habilidade, a tática, a determinação e a liderança dos alemães suplantavam, em todos os escalões, a maioria dos defensores, apesar de esforços heroicos, feitos especialmente pelos neozelandeses.

Hitler asseguraria um ganho estratégico muito maior se usasse seus paraquedistas para capturar Malta, como poderiam ter feito. Os alemães ganharam pouco ao aceitar a responsabilidade de manter a ocupação de Creta, com uma população ferozmente hostil. Se Freyberg houvesse esperado, a Marinha Real britânica enfrentaria dificuldades enormes para aprovisionar a ilha em face da superioridade aérea do inimigo. Uma vez perdida a Grécia, o posto avançado teria pouca utilidade para os britânicos. Eles não tinham aeronaves adequadas para apoiar a campanha no Norte da África, muito menos para utilizar Creta como base aérea para operações ofensivas, e estariam melhor sem a posse do lugar.

Mas esse consolo não era evidente para o mundo nem para o povo britânico em junho de 1941. De casa, o soldado Len England escreveu, em 29 de maio: “Acho (...) que as massas *pela primeira vez* levam em conta a possibilidade de derrota. Uma tendência geral é: ‘Sempre que encontramos os alemães, levamos a pior. Estamos perdendo até no mar, onde deveríamos ter domínio.’ A infalibilidade dos alemães é uma ideia que ganha terreno rapidamente.”[16] Churchill havia declarado, audaciosamente, a determinação da Grã-Bretanha de manter Creta, mas sua guarnição fora derrotada por forças menores. Embora o primeiro-ministro tenha, durante anos, preservado seu entusiasmo por ressuscitar uma frente balcânica contra Hitler e atrair a Turquia para a guerra, a ideia não passou de fantasia. Os Bálcãs foram incorporados por inteiro ao império do Eixo, em detrimento próprio. A Itália inicialmente aceitou a responsabilidade de ocupar a região, empregando quinhentos mil soldados que, com o tempo, sofreriam perdas mais severas do que no Norte da África. Os alemães, por sua vez, descobriram que a Grécia e a Iugoslávia eram um fardo esmagador. Mas essa conclusão ainda estava distante durante o desolado verão de 1941.

3 TEMPESTADES DE AREIA

Os britânicos obtiveram dois êxitos modestos para compensar a expulsão dos Bálcãs. Ainda que o Iraque tenha se tornado um estado independente em 1932, a Grã-Bretanha reteve privilégios de tratado e de base ali sediados para proteger seus importantes interesses petrolíferos. Desde o início da guerra, facções rivais em Bagdá disputavam o poder e os méritos de apoiar o Eixo. Em abril de 1941, Rashid Ali, nacionalista pró-

nazista, tornou-se primeiro-ministro depois de um golpe militar. Impressionado com os êxitos de Hitler, e sem considerar devidamente que Berlim ficava muito longe, cassou os direitos de movimentação militar dos britânicos e mandou tropas cercarem a base da RAF em Habbaniya. Aviões da Luftwaffe começaram a transportar ajuda para o governo de Bagdá através da Síria. As autoridades francesas de Vichy em Damasco forneciam escoltas de caças e algum material bélico para ajudar os alemães. Wavell, no Cairo, relutava em desviar tropas para o Iraque, mas Churchill insistiu. Uma coluna de reforços do exército indiano desembarcou em Basra e penetrou em terra firme, acompanhada por 1.500 homens da Legião Árabe, vindos da Transjordânia. O exército do Iraque opôs uma resistência pouco eficaz. Em um mês, Habbaniya foi libertada e um armistício foi assinado. Um governo pró-britânico se instalou em Bagdá, sendo, por fim, persuadido a declarar guerra ao Eixo.

A intromissão da França de Vichy no Iraque e a crescente presença alemã na Síria convenceram Churchill de que a Grã-Bretanha não podia correr o risco de uma dominação nazista sobre o Levante.[1] Ele ordenou a Wavell que despachasse outra força para ocupar a Síria, governada pela França, desde 1920, como "território sob mandato" da Liga das Nações, junto com o Líbano. Churchill e seus comandantes esperavam que os defensores, excedidos em número e em armamentos, oferecessem apenas resistência simbólica. Mas o que se viu foram as forças de Vichy lutarem com empenho em junho de 1941. Sua conduta ressaltou a divisão e a confusão de lealdades francesas, evidente desde a rendição em 1940 e que persistiu até 1944. Durante a malfadada tentativa britânica e gaullista contra a Dacar de Vichy, em setembro de 1940, o submarino *Bévéziers* torpedeou o encouraçado britânico *Resolution*, que sofreu sérios danos. Churchill enfureceu os franceses insistindo na concessão da condecoração da Ordem por Serviços Distintos para o comandante Bobby Bristowe, que conduziu um destacamento naval de voluntários numa lancha junto ao *Richelieu*, encouraçado de Vichy recém-saído do estaleiro, colocando quatro bombas de profundidade debaixo de seu casco. Em retaliação por Dacar, aviões de Vichy bombardearam Gibraltar.

Houve um diálogo farsesco quando Hitler encontrou o marechal Pétain em Montoire-sur-le-Loir, em 24 de outubro de 1940. O Führer disse: "É um prazer apertar a mão de um francês que não é responsável por esta guerra." Suas palavras não foram traduzidas, e Pétain imaginou que se tratasse de uma pergunta educada sobre sua viagem. E respondeu: "*Bien, bien, je vous remercie*." Mesmo que não fosse intenção do marechal ser tão servil, seu regime adotava uma linha de propaganda e defendia políticas fortemente hostis aos britânicos. O almirante René Godfroy, no comando de um esquadrão francês em Alexandria, que resistiu resolutamente às lisonjas com que a Marinha Real britânica tentava persuadi-lo a entrar na luta, escreveu para o comandante em chefe do Mediterrâneo, em 26 de junho de 1940: "Para nós, franceses, o fato é que um governo ainda existe na França, um governo apoiado por um parlamento estabelecido em território não ocupado e que, em consequência, não pode ser considerado irregular ou deposto. O estabelecimento de um governo em outra parte, e todo o apoio a ele, seria claramente uma rebelião."

Em todos os lugares, os franceses tomavam partido, demonstrando amarga animosidade contra aqueles que faziam escolhas diferentes. Numa votação a bordo do submarino e lança-minas *Rubis*, os 44 tripulantes, com apenas duas exceções, optaram por

lutar ao lado dos britânicos. Por outro lado, em novembro de 1940, 1.700 oficiais e soldados navais franceses exerceram o direito de repatriação concedido pelos britânicos. Seus novos amigos, os alemães, responderam sem caridade, torpedeando, a partir da costa francesa, o navio-hospital que os levava para casa sob bandeira da Cruz Vermelha. Quatrocentos se afogaram, mas um sobrevivente, o comandante Paul Martin, escreveu de forma impenitente para um alto oficial em Toulon: "A política de Churchill me faz temer um desastre demagógico. Ingleses pensantes receiam pelo futuro, arrastados como são pela democracia, por financistas internacionais e por judeus. É inegável que o corretivo francês para essa situação é invejado."[2]

Se essa opinião parecia radical, o antissemitismo francês era profundo. A burocracia e as forças de Vichy prendiam judeus e portadores da simbólica Cruz de Lorraine da França Livre quase tão prontamente quanto os alemães. "Meu Deus, o que este país está fazendo comigo?"[3], escreveu a judia Irène Némirovsky, que posteriormente encontraria a morte em Auschwitz, durante seu precário refúgio francês em junho de 1941. "Como ele me rejeita, examinemos friamente, observemos enquanto perde sua honra e sua vida." A Resistência, até junho de 1944, atraiu apenas uma pequena minoria de franceses e provocou a hostilidade de um número bem maior. Depois da libertação, ter servido a De Gaulle tornou-se motivo de orgulho. Porém, durante a ocupação, muitos franceses trataram seus seguidores como encrenqueiros e traidores, e os delatavam com frequência, denunciando-os às autoridades de Vichy ou aos alemães.

Em 8 de junho de 1941, unidades australianas, britânicas e da França Livre avançaram para a Síria e o Líbano. Ao desembarcarem no litoral, comandos britânicos se depararam com resistência feroz na foz do rio Litani e sofreram baixas severas — 45 mortos, inclusive o oficial comandante, e 75 feridos. Dois pesados contratorpedeiros franceses bombardearam as posições britânicas e, depois, voltaram seu fogo contra uma flotilha de contratorpedeiros britânicos, avariando severamente um navio. Bombardeiros de Vichy juntaram-se ao ataque contra os navios de guerra e, com caças de escolta, derrubaram três aviões Hurricane. Um francês graduado, feito prisioneiro, disse desafiadoramente ao correspondente de guerra Alan Moorehead: "Vocês achavam que éramos medrosos, não é? Achavam que não sabíamos lutar na França. Achavam que éramos como os italianos. Bem, nós lhes mostramos que não."[4]

Era preciso que um homem tivesse coragem para separar-se do próprio país, da própria casa e da própria família e aceitar a situação de renegado aos olhos de seu povo para servir nas fileiras da França Livre. Mas muitos poloneses fizeram essa escolha. Por que os franceses preferiram se opor às forças aliadas que lutavam contra os conquistadores e ocupantes de seu país? Havia um profundo azedume contra a difícil situação da França, que exigia bodes expiatórios. Para muitos franceses, seu país fora traído pelos britânicos em junho de 1940, sentimento intensificado quando a Marinha Real britânica destruiu importantes navios franceses em Mers-el-Kébir. Havia o ódio contra si próprio, que gerava raiva. Sobrepondo-se a ressentimentos seculares contra a *perfide Albion* — como os franceses se referem pejorativamente à Inglaterra —, havia o novo ressentimento por Churchill ter continuado na luta após Pétain sucumbir. Os ocupantes alemães da França eram antipatizados, mas os britânicos, do outro lado do canal, também eram, especialmente por soldados, marinheiros e aviadores franceses.

“A França não quer ser libertada”, disse ao *New York Times* o ex-primeiro-ministro de Vichy, e destacado colaboracionista, Pierre Laval. “Ela quer decidir seu destino, em colaboração com a Alemanha.” Muitos compatriotas concordavam: a resistência só se tornou uma força significativa na França em 1944, com contribuição militar desprezível em comparação aos *partisans* da Rússia e da Iugoslávia. Em 1941, poucos defensores franceses da Síria sentiam algum remorso ao matar invasores britânicos, indianos e australianos. Tropas britânicas que avançavam pela Síria encontraram uma pichação no muro de um forte abandonado: “Esperem, ingleses filhos da puta, até que os alemães cheguem. Fugimos agora, como vocês fugirão em breve.”

Enquanto as forças aliadas avançavam para Damasco, caças de Vichy, disparando com metralhadoras, feriram gravemente um oficial dos altos escalões da França Livre. Em 16 de junho, a frota de aviões bombardeiros-torpedeiros Swordfish, da Aviação Embarcada da Marinha Real britânica, afundou o supercontratorpedeiro *Chevalier-Paul* perto de Beirute, e um submarino de Vichy foi torpedeado mais tarde, com a perda de 55 vidas. Em Messe, no dia 19, fortes contra-ataques de Vichy, com apoio blindado, levaram à rendição de dois batalhões indianos e de uma unidade de Fuzileiros Reais. Gestos britânicos de cavalheirismo e tentativas de conversa foram tratados com desdém. Aviões Hurricane enviados para atacar um campo de aviação francês não dispararam quando, ao fazerem o primeiro voo a baixa altitude, viram no solo aviadores de Vichy servindo *apéritifs* às namoradas, ao lado dos aviões. Em consequência, num segundo rasante, um pesado fogo de artilharia de solo danificou vários Hurricane, incluindo o de Roald Dahl, que se tornaria famoso posteriormente como escritor. Os franceses trouxeram reforços aéreos das colônias do Norte da África. Entre as ruínas romanas de Palmira, uma unidade da Legião Estrangeira deteve uma investida britânica vinda do leste por nove dias, embora alguns legionários espanhóis no acampamento de Vichy tivessem decidido que o conflito ideológico era inaceitável e se rendessem sem lutar.

Quando o alto-comissário de Vichy, general Henri Dentz, curvou-se diante do inevitável e assinou um armistício, em 14 de julho, depois de cinco semanas de combate, suas forças já haviam sofrido mais de mil mortes. As baixas dos Aliados foram um pouco menores, mas 416 australianos morreram. Vichy aplaudiu como heroicos os feitos de Pierre le Gloan, da força aérea francesa, um ás que derrubou sete aviões da RAF durante a campanha. Houve intensa mágoa britânica em relação ao vigor da resistência, à insensibilidade e, por vezes, à brutalidade com que prisioneiros foram tratados. Roald Dahl escreveu mais tarde: “Eu, por exemplo, nunca perdoei os franceses de Vichy pelo massacre desnecessário que causaram.”[5]

Dentz, num gesto perverso, embarcou 63 oficiais e graduados britânicos para a Grécia, com destino a campos de prisioneiros de guerra na Alemanha, enquanto negociava o armistício. Somente as ameaças britânicas de que ele e seus principais colegas não seriam repatriados garantiram a volta dos cativos. Depois, 32.032 soldados de Vichy e das tropas coloniais escolheram navegar com seus comandantes para a França ocupada, enquanto 5.668 aceitaram servir com De Gaulle. O general Georges Catroux, condenado à morte à revelia pelo regime de Pétain, por seu apoio a De Gaulle, tornou-se plenipotenciário da França Livre para o Levante. O povo sírio continuou pouco entusiasmado com o domínio francês, qualquer que fosse sua nuance ideológica, mas a região agora estava protegida da dominação alemã. A ousadia de Churchill, entre a cautela de seus generais, foi

recompensada, mesmo que a desajeitada execução da pequena campanha tenha aumentado pouco a confiança na competência militar britânica.

A arriscada empreitada síria terminou em êxito estratégico útil. A proteção ao flanco britânico no Oriente Médio foi mais importante do que a perda de Creta. Mas, em toda a Europa, povos oprimidos e ameaçados lutavam para encontrar consolo em meio a derrotas e fracassos dos Aliados tão evidentes. Mihail Sebastian escreveu, em Bucareste, em 1º de junho de 1941: "Enquanto a Grã-Bretanha não se render, há lugar para a esperança."[6] Mas, com o poderio aéreo do Eixo dominando quase todo o Mediterrâneo, o prestígio das armas britânicas estava em baixa — e cairia ainda mais.

• • •

Em 15 de junho de 1941, Wavell, reforçado por tanques despachados da Grã-Bretanha pelo Mediterrâneo, com grande risco, lançou uma nova ofensiva, a operação Battleaxe. Em dois dias, ela foi a pique, depois que os canhões de 88 milímetros de Rommel infligiram fortes perdas aos atacantes. O fracasso custou o emprego do comandante em chefe do Oriente Médio. Ele foi substituído pelo general Sir Claude Auchinleck, que, por sua vez, designou Alan Cunningham, vitorioso na Abissínia, para comandar o recém-batizado VIII Exército. Para frustração de Churchill, seguiu-se uma trégua de cinco meses nas grandes operações de batalha. O exército britânico travou apenas combates menores no Norte da África e em outros lugares, embora se desse muita importância à defesa australiana da sitiada Tobruk.

A próxima ofensiva no deserto, Crusader, foi lançada em 18 de novembro. As forças de Cunningham eram muito superiores às de Rommel, que demorou a avaliar o peso e a identificar o foco do assalto britânico. O VIII Exército seguiu rapidamente para socorrer Tobruk depois de uma luta intensa. Os contragolpes de Rommel falharam: ele foi obrigado a se retirar, tendo sofrido 38 mil baixas italianas e alemãs, contra dezoito mil britânicas, e perdido trezentos tanques, contra 278 tanques de Cunningham. Nos últimos dias de 1941, o exército do Eixo estava de volta a El Agheila, a cerca de 830 quilômetros de seu ponto máximo de avanço no Egito. Os britânicos chegaram a supor, brevemente, que haviam virado a maré na guerra do deserto; Churchill deleitou-se com o raro êxito.

Mas a maioria dos soldados do Eixo considerava fácil inverter a difícil situação. O tenente Pietro Ostellino escreveu, em 7 de dezembro: "Só agora posso começar esta carta: antes, os ingleses não deixavam! Estivemos cercados, por dois dias e meio, por forças cem vezes superiores, com artilharia que realmente nos golpeava. Mas resistimos até a chegada de reforços e pusemos o inimigo para correr. Capturamos prisioneiros e viaturas blindadas. É claro que também sofremos perdas dolorosas. Por favor, não se preocupe se eu não lhe escrever com tanta frequência: o correio não consegue funcionar todos os dias."[7]

O padrão da guerra no deserto fora estabelecido. Os alemães tinham uma superioridade aérea ao menos marginal, porque a RAF manteve na Inglaterra a maioria de seus melhores aviões, obrigando seus pilotos no deserto a enfrentar os aviões Bf109 da Luftwaffe com modelos Tomahawk, Kittyhawk e Hurricane de qualidade inferior. Os britânicos também estavam aquém de seus inimigos no desenvolvimento de técnicas de cooperação terra-ar, usando aviões na função tática de artilharia. Tinham superioridade

numérica de homens e de blindados, mas a vantagem era anulada pela fraqueza de comando, de tática e de equipamento. Os tanques alemães eram melhores. Problemas mecânicos cobravam um preço ainda mais alto no campo de batalha do que a ação inimiga, e o sistema britânico de manutenção e reparação era ruim; os camburões de combustível vazavam; o exército de Cunningham não se comparava ao Afrika Korps na habilidade de mesclar tanques Panzer, canhões antitanque e infantaria. Repetidas vezes, blindados britânicos se expuseram sem apoio e foram destruídos: durante a operação Crusader, por exemplo, a 7ª Brigada Blindada perdeu 113 de seus 141 tanques.

"Podemos *aprender* com os alemães",[8] escreveu o australiano John Butler durante o cerco a Tobruk. "Seus batalhões são uma unidade completa — com canhões anticarro, tanques, força aérea, oficinas de campanha e defesa e artilharia antiaérea — enquanto nós, se quisermos apoio da força aérea, precisamos avisar com 48 horas de antecedência — situação tragicômica comparável a um homem enviar uma carta para o Corpo de Bombeiros quando sua casa já está pegando fogo." A fraqueza institucional do exército britânico produzia, em todos os níveis, comandantes aos quais faltavam energia, imaginação e flexibilidade; a maioria das unidades empregadas no deserto era mal chefiada e mal treinada. "Em 1941 e no começo de 1942, o moral do exército britânico (...) era muito baixo",[9] escreveu um de seus oficiais, o tenente Michael Kerr. "O padrão de treinamento de infantaria era mesmo terrível. Soldados não conseguiam compreender o que deveriam fazer e de que se tratava aquilo tudo."

A escala de operações no Norte da África era minúscula em comparação ao confronto decisivo na Rússia: naquele período, os britânicos poucas vezes empregaram mais de seis divisões contra três formações alemãs e cinco italianas. Mas os feitos do VIII Exército chamaram muita atenção na Grã-Bretanha, por ser o único teatro em que soldados britânicos lutavam contra alemães. Rommel ficou célebre em ambos os lados, admirado pelo estilo, pela audácia e pela arrojada liderança. Menos conhecida era sua desatenção à logística, um fator crítico no Norte da África. Os britânicos preferiam ver o comandante do Afrika Korps como um "bom alemão", ignorando o fato de que se mantinha um apaixonado partidário de Hitler até ficar claro que a Alemanha perderia a guerra. Os Aliados geralmente usufruíam de notável vantagem na área de inteligência ao decifrarem os códigos do Eixo, mas, em 1941-1942, Rommel estava excepcionalmente bem informado sobre as operações britânicas, graças às interceptações dos relatórios diários do adido militar dos Estados Unidos no Cairo, o coronel Bonner Fellers. Essas mensagens lhe conferiram importante vantagem até Fellers ser chamado de volta a Washington, em julho de 1942. A principal influência no campo de batalha ainda era, porém, a superioridade institucional do exército alemão. O fato contribuiu mais para os êxitos de Rommel do que suas habilidades como comandante militar, ao contrário do que sugeria a imprensa britânica da época e do que a lenda moderna por vezes afirma.

• • •

Havia uma visão algo romântica em relação aos combates nos vastos espaços da Líbia, com retiradas e avanços rápidos. Muitas anedotas, algumas vezes relatadas na imprensa britânica, referiam-se ao tratamento dispensado pelo Afrika Korps aos prisioneiros e às

tréguas ocasionais entre os combatentes para tratar os feridos. “Nós nos aproximávamos de uma guarnição inimiga”,[10] escreveu o soldado australiano John Butler durante o cerco de Tobruk, “justamente no ato de puxar o pino [de uma granada], quando se ouviu uma voz de um parapeito: ‘Pare, australiano, temos dois soldados feridos aqui’ (...) Os australianos disseram que os alemães atiraram neles e, depois, correndo grande risco de vida, os trouxeram, cuidaram de seus ferimentos, deram-lhes café quente e pediram assistência médica. Graças a Deus, existe cavalheirismo.” Do mesmo modo, outro participante falou sobre uma pausa nos combates enquanto ambos os lados recobraram seus feridos: “Homens de ambos os exércitos erguiam-se debaixo de um sol escaldante. A quietude absoluta quase tinia de tensão (...) Era ainda mais incrível em contraste com a fúria da noite (...) A trégua era como se dois combatentes blindados houvessem feito uma pausa, levantado as viseiras e, por um momento, vislumbrassem as faces humanas por trás do aço.”[11] Depois de um ataque alemão fracassado, um australiano escreveu: “Estávamos sentados no parapeito, acenando e cantando para eles. Houve gritos de ‘Heil, Hitler’. ‘Que tal uma caneca de cerveja, companheiro?’ ‘Tente de novo esta noite’. E muitos outros comentários não tão lisonjeiros.”[12]

Enquanto o sargento Sam Bradshaw procurava o resto de seu regimento de carros de combate durante a confusão da operação Crusader, ele viu um soldado inimigo que mancava à beira da pista arenosa.

> Aproximei-me e perguntei: “Italiano?” Ele respondeu, em muito bom inglês e obviamente irritado com a insinuação: “Não, não sou um maldito italiano, sou alemão.” Ele estava ferido, então lhe dei carona no tanque [e] um pouco de água. Ele me deu um cigarro Capstan. “Pegamos uma de suas colunas de aprovisionamento”, disse ele. Vimos algumas viaturas blindadas alemãs a cerca de mil metros; ele rolou para fora do tanque e saiu manquitolando na direção deles. Meu metralhador apontou para ele e gritei pelo sistema de comunicação: “Não atire, deixe-o ir embora.” Ele se virou, fez uma saudação e gritou, com impertinência: “Vejo você em Londres.” Gritei: “Nós nos vemos em Berlim.”[13]

Havia desvantagens, porém, nesse modo “civilizado” de guerrear. Tropas dos Aliados que consideravam sua posição tática perdida não viam grande risco ou qualquer vergonha em se render, em vez de lutar até a morte ou se submeter a um deserto sem água. Comandantes britânicos, e seus superiores em Londres, consternavam-se cada vez mais com essas capitulações e com o espírito esportivo supostamente excessivo da campanha.

O VIII Exército era composto por uma diversidade notável de contingentes nacionais. Sua divisão neozelandesa — posteriormente um corpo — era reconhecida como excepcional, refletindo todas as virtudes daquela nação no que dizia respeito à resolução e à autoconfiança. Duas divisões australianas também eram altamente conceituadas, sobretudo depois de estabelecida a lenda da resistência dos “Diggers” em Tobruk. Um oficial alemão gritou, indignado, para um prisioneiro: “Você é australiano e veio de tão

longe lutar pelos imundos e malditos ingleses!”[14] O correspondente de guerra Alan Moorehead escreveu sobre “homens da zona portuária de Sidney e das fazendas de criação de carneiro em Riverina que apresentam tal imagem de dureza em seus rostos magros e sujos, suas botas imensas, revólveres enfiados nos bolsos, agarrados aos fuzis com mãos imensas e disformes, berrando e rindo — sempre rindo”. Notoriamente indisciplinados, e por vezes mal comandados, eles mereciam a formidável reputação, especialmente pelo desempenho em operações noturnas. “Os australianos se consideravam os melhores combatentes do mundo”,[15] escreveu um oficial britânico. “Eram.” Ele disse ainda que suas unidades eram unidas pela “camaradagem”, quase sempre uma motivação mais forte para o êxito entre os soldados do que qualquer causa abstrata.

As opiniões sobre o componente sul-africano do exército de Auchinleck eram mais ambíguas. Nos dias bons, a divisão era boa, mas, nos dias ruins, não chegava a impressionar. Pode-se dizer o mesmo sobre as unidades indianas: o exército indiano por vezes demonstrava coragem e capacidade de luta impressionantes, mas seu desempenho era desigual. Os britânicos estimavam, com razão, a valentia de seus amados gurcas, mas nem todos os homens ou batalhões se sobressaíam. Apesar de toda a complacência dos oficiais brancos com a lealdade de seus soldados ao Rei Imperador, o exército indiano era uma força de mercenários. Entre as formações do VIII Exército britânico, a 7ª Divisão Blindada — “os Ratos do Deserto” — era vista como elite. Os alemães tinham respeito incondicional pela artilharia britânica. Mas os velhos regimentos de cavalaria, agora incomodamente transferidos de cavalos para carros de combate, tendiam a demonstrações de coragem irrefletida que evocavam suas piores tradições.

Uma importante dificuldade persistiu até o final do verão de 1942: os combatentes do VIII Exército tinham pouca confiança em seus comandantes. Os contingentes coloniais, especialmente, acreditavam arriscar, às vezes sacrificar, suas vidas para realizar planos e objetivos mal concebidos. Havia profundo ressentimento contra a imensa “retaguarda” do exército, que desfrutava de um estilo de vida privilegiado no Egito enquanto os soldados combatentes sofriam privações constantes “lá no deserto”. Um metralhador britânico escreveu, com azedume: “Percebi que, para cada homem suando na lama e na poeira do deserto ocidental, havia vinte homens parasitando e vadiando nos bares e nos restaurantes, nas casas noturnas e nos bordéis, nos clubes esportivos e nos hipódromos do Cairo.”[16] Outro soldado, cínico, escreveu o hino de sua tribo:

> Nunca estivemos a oeste de Gezira,
> nunca estivemos ao norte do Nilo,
> nunca passamos das Pirâmides,
> longe do sorriso da Esfinge.
> Combatemos a guerra nos bares do Shepheard’s e do Continental,
> guardamos nossos murros para o almoço do Turf Club,
> e eles nos deram a Estrela da África.

O primeiro-ministro britânico compartilhava do nojo dos soldados. Um sistema de apoio elaborado era essencial para sustentar o VIII Exército num país sem infraestrutura industrial própria. Mas o extravagante número de homens fora de combate envolvidos em funções logísticas e administrativas irritava Churchill.

Os soldados que guerreavam no deserto enfrentaram menos adversidades do que aqueles que serviam na Rússia, na Birmânia ou no Pacífico, mas a escassez de água provocava desconforto crônico. "As moscas nos atormentam aos milhões, a partir das primeiras horas da manhã",[17] escreveu um oficial italiano. "A areia parece estar sempre na boca, no cabelo, na roupa, e é impossível nos refrescarmos." O oficial de blindados Pietro Ostellino escreveu, em agosto: "Até o clima nos faz perder a esperança. Durante o dia todo, sofremos um calor infernal enquanto o vento asfixiante torna a sombra imprestável. Parece que o vale se transformou numa fornalha. Depois das 20 horas, o vento para, mas (...) sufocamos."[18] Em seus tanques, a temperatura geralmente ultrapassava quarenta ou cinquenta graus Celsius. Abrir as escotilhas apenas permitia a entrada de areia e de pó.

Soldados britânicos recebiam um litro de água por dia, além de cotas copiosas de chás preparados em velhas latas de combustível sobre fogueiras feitas com gasolina e areia. Comiam principalmente carne bovina em conserva, biscoitos e frutas enlatadas. Os alemães deliciavam-se com a captura das rações do VIII Exército, que preferiam às suas, especialmente as generosas cotas de cigarros. "Nós (...) aos poucos nos tornamos Tommies [soldados britânicos]",[19] escreveu Wolfgang Everth, sarcasticamente, durante um avanço de Rommel. "Nossas viaturas, gasolina, rações e roupas eram todas inglesas. Eu (...) no café da manhã, tomei duas latas de leite e comi uma lata de abacaxi e biscoitos com chá preto."

Os homens aprendiam que o deserto era um terreno perigosamente matizado para se movimentar ou lutar. "A areia macia e amarela, atraente para os não iniciados, era mortal",[20] escreveu um oficial britânico. "A não ser que passasse por ela por pouco tempo e em boa velocidade, o caminhão atolava até os eixos. Trechos pedregosos geralmente eram bons, mas às vezes não passavam de uma crosta enganosa com areia macia por baixo, que só o olho treinado era capaz de identificar ao longe. Em alguns lugares, o deserto era liso e firme como uma pista de corrida, por quilômetros e quilômetros, em todas as direções; em outros, era traiçoeiro." Os dois lados por vezes se confundiam com o uso que o inimigo fazia de viaturas capturadas. Tropas britânicas tiveram várias surpresas desagradáveis com viaturas inglesas que se aproximavam e até de tanques, que se mostravam conduzidos por soldados de Rommel. A Divisão Bologna, da Itália, entrou em pânico, certo dia, ao ver uma coluna de caminhões britânicos se mover entre ela, até descobrir que transportava alemães.

Entre as ofensivas, havia longos intervalos de tédio, instrução e aprestamento. "A principal atividade dos soldados em tempo de guerra é ficar à toa por ali, ainda que, de preferência, com grande determinação",[21] escreveu um soldado britânico. Homens cavavam sem cessar, preparavam campos minados, patrulhavam e faziam competições de tiro. Eles sofriam as dores do deserto, icterícia, disenteria. Ambos os lados aprenderam a amaldiçoar as *khamsins*, tempestades de areia que reduziam a visibilidade a poucos metros e lançavam brita amarela em todas as fendas de veículos, de equipamentos e de corpos

humanos. Os italianos chamavam-nas de *ghibli*. Pietro Ostellino escreveu para casa: "Vocês achariam impossível demorar duas horas e meia para percorrer os duzentos metros que separam o refeitório da minha barraca, mas é verdade. Nunca vi noite mais escura: paramos um instante para limpar os olhos e perdemos a orientação no mesmo instante. Quando finalmente cheguei à minha barraca, encontrei tudo enterrado debaixo de cinco centímetros de areia. Parecia que a lona seria levada a qualquer momento."[22]

Mesmo durante os longos períodos de trégua entre as batalhas, havia poucas diversões além da chegada do correio, obsessão de todos os soldados. Muitos escreviam para casa quase diariamente, porque não havia nada o que fazer. O ato de escrever mantinha uma ligação com suas vidas anteriores, que se tornavam mais preciosas à medida que a passagem dos meses se estendia em anos. Soldados do VIII Exército tinham direito a licenças breves e ocasionais no Cairo, cidade que aprenderam a odiar. Olivia Manning, que mais tarde seria famosa como a autora de *The Balkan Trilogy*, chegou ali como refugiada da Grécia, em abril de 1941: "A irrealidade tinha algo que ver com a luz (...) Era branca demais. Achatava tudo. Sugava a cor de tudo. Pousava nas coisas como poeira (...) ficamos chocados com o verão descolorido do delta. A imundície do delta nos chocou horrivelmente — não só a imundície, a satisfação das pessoas com a imundície. Por semanas, vivemos num estado de asco."[23]

Vivendo fora de seu país desde 1939, Manning contemplava com curiosidade a multidão de soldados nas ruas: "Suor brilhando, cabelos descoloridos, o queimado róseo da pele inglesa disfarçando as diferenças; de bom tamanho, não altos (...) O calor amarrotava suas calças cáqui finas, desbotadas e gastas. Manchas escuras de suor apareciam entre as omoplatas e debaixo dos braços."[24] Oficiais encontravam consolo nos elegantes pontos de encontro do Egito: "Groppi, no Cairo, e Pastroudi, em Alexandria, ficam na lembrança",[25] escreveu um deles. "Há uma esplêndida decadência em tomar café e comer uma bomba de chocolate pela manhã entre espelhos dourados e todo o *kitsch* da riqueza." Soldados comuns, porém, conheciam apenas os sórdidos bares e bordéis do Cairo, que infligiam doenças em índices alarmantes no VIII Exército.

Para os soldados de Mussolini, a campanha norte-africana foi um pesadelo desde o início. Os habituais perigos da guerra tornaram-se quase insuportáveis com a escassez de alimentos, munição, viaturas, suprimentos médicos e crença em sua causa. Um motorista que transportava tropas, Vittorio Vallicella, manteve um diário que é uma incansável crônica de desgraças. A campanha era desesperadora, disse ele, "não devido à nossa incompetência ou à coragem do inimigo, mas porque o outro lado é muito mais bem-organizado".[26] E acrescentou, acerbamente: "Esta é a 'guerra dos pobres' que a hierarquia fascista quis para nós enquanto permanece instalada confortavelmente no Palazzo Venezia, em Roma."

Vallicella alegava ter visto apenas uma ambulância italiana em todo o tempo que passou na África; queixava-se amargamente da falta de liderança em todos os escalões, desde o supremo quartel-general em Roma até os oficiais de sua unidade: "Quantas vezes nós, veteranos, salvamos seus pescoços. As divisões de nossos aliados são muito mais agressivas, com poder de fogo e de manobra vastamente superior, comandadas por oficiais que realmente comandam. Muitos oficiais nossos foram mandados para casa, feridos ou doentes."[27] Soldados italianos ressentiam-se da disparidade entre suas magras

rações — sopa, pão, um pouco de geleia, às vezes limonada — e a alimentação dos oficiais, que desfrutavam de vinho e água mineral trazidos da Itália.[28] Eles valorizavam raros vislumbres dos confortos caseiros, como uma visita de moças da Cruz Vermelha trazendo pacotes enviados por simpatizantes na Itália: "Depois de quase vinte meses, é maravilhoso ver essas mulheres adoráveis que nos trazem presentes úteis."[29]

Sua melhor fonte de comida decente, porém, era o inimigo: "Para aqueles que tinham a sorte de voltar com vida de uma patrulha noturna, havia butim: potes de geleia e frutas, pacotes de biscoitos e chá, latas de carne, garrafas de licor, cigarros, açúcar, café, camisas, calças, sapatos, toalhas, papel higiênico, remédios como aspirina e quinino, leite condensado, casacos feitos de lã de verdade, bússolas e todos os tipos de equipamentos que se possa imaginar. Essas coisas nunca fizeram parte de nossas provisões."[30] Quando Vallicella contraiu malária, rezou para que se tratasse de algo pior que justificasse sua repatriação, mas decepcionou-se.[31] Enquanto outros homens ansiavam por correspondência, ele ficava triste ao tomar conhecimento, pelas cartas de sua família, que na Itália pouco se sabia sobre "o inferno em que vivíamos".[32] Era temerário o suficiente para dizer em voz alta que sem blindados e rações era impossível lutar, o que o fez ser ameaçado de fuzilamento. Somente a intervenção de seu coronel lhe salvou a vida.

• • •

Wavell começou a guerra no Oriente Médio com oitenta mil soldados sob seu comando. Quando Auchinleck, seu sucessor, lançou a operação Crusader, em novembro de 1941, eram 750 mil, embora a maioria comprometida com tarefas de guarnição, logística e apoio no teatro de guerra. Depois de empurrar Rommel de volta para El Agheila, os britânicos previram uma trégua e começaram a reequipar suas unidades blindadas. Mas as forças do Eixo, tendo escapado da destruição, reagruparam-se com notável rapidez. Quando Pietro Ostellino emergiu do longo e sangrento *mêlée* da operação Crusader, escreveu: "Tive a agradável surpresa de encontrar meu material, que pensei haver caído em mãos inglesas. Estava a bordo de um caminhão que conseguiu escapar do cerco inimigo. Finalmente consegui dormir em minha cama de campanha. Estava em farrapo depois de dez dias sem sequer lavar as mãos. Livrei-me de toda a sujeira e dos piolhos — alguns ainda estão comigo, mas um pouco de gasolina deve me livrar deles. Limpo, sinto-me um novo homem."[33]

A maior parte do exército do Eixo partilhou do revigoramento de Ostellino. Em 21 de janeiro de 1942, os britânicos tiveram uma rude surpresa quando Rommel lançou uma nova ofensiva com efeitos arrasadores. Em três semanas, ele avançou quase quinhentos quilômetros para leste antes que os problemas logísticos costumeiros o obrigassem a parar. Neil Ritchie, agora comandante do VIII Exército, preparou posições defensivas fortes — a chamada linha Gazala, baseada em "caixas" de brigadas protegidas por minas e por arame farpado. Pretendia que Rommel dividisse sua força atacando-as para depois Ritchie empregar os blindados britânicos, como sempre superiores em número, para enfatizar sua vantagem.

Esse estratagema foi um completo fiasco: Ritchie não havia estudado o apego do inimigo à penetração em profundidade e às operações nos flancos. Quando Rommel atacou, em 26 de maio, as “caixas” de Ritchie se mostraram separadas demais para oferecer apoio recíproco. Durante alguns dias, a brigada da França Livre defendeu com vigor a parte sul, em Bir Hacheim, mas depois foi obrigada a retirar-se. Os blindados alemães manobraram com sua habilidade costumeira: “Nunca podíamos disparar mais de duas vezes contra qualquer tanque antes que fosse escondido pela poeira, e os alemães se mantinham minimamente fora de nosso alcance”,[34] escreveu um frustrado oficial britânico de blindados. Então, seu esquadrão recebeu ordem para efetuar uma carga. “Aposto dez contra um como não conseguiremos”, resmungou um comandante de tanque. Ele percebeu a expressão de desagrado no rosto do homem que enfiava mais munição na culatra fumegante — ele se casara poucas semanas antes de deixar a Inglaterra. “Tive pena dele.” Começaram a atirar. “Motorista, à esquerda e alto. Canhão de duas libras, tiro direto — alto, apontar, alça trezentos metros, fogo!”. Segundos depois, nas palavras do comandante de tanque,

> houve uma colisão tremenda. Senti uma dor aguda na perna direita, ouvi o operador resmungar e disse: “Motorista, avance.” Nada aconteceu. A bomba, de 88 milímetros, havia explodido em seu estômago (...) Na hora, só percebi que o motor parara, o aparelho de comunicação interna Tannoy ficara inoperante, ar escapava dos canos de alta pressão e nuvens de fumaça acre saíam do tanque. Tudo aconteceu num instante. Logo estávamos fora do blindado, correndo para outro. Era o chefe de nosso esquadrão, que parara para nos socorrer; meu metralhador já estava no tanque, e o operador de rádio havia desaparecido em outro, mas eu só pude mancar porque minha perna oscilava incontrolavelmente sob meu peso. Eu estava apavorado de que eles partissem sem mim. Os alemães atiraram enquanto eu corria. O chão se abriu aos meus pés, e cambaleei quando a explosão me atingiu, mas não fui ferido. Joguei-me dentro do tanque, tonto e exausto enquanto buscávamos refúgio. O metralhador estava ao meu lado, rindo, animado, apesar de ter o braço direito estraçalhado do cotovelo para baixo. Os ossos brilhavam, brancos, em meio ao sangue, e seus dedos pendiam em tiras de pele. Ele sangrava muito, então improvisamos um torniquete e dei-lhe minha seringa de morfina. Conversamos sobre ir embora para casa.

Num hospital de campanha, ele recobrou consciência depois de uma operação, para ouvir bombas caindo e o estrépito terrível dos canhões antiaéreos de Tobruk. “Havia tantos feridos que o chão estava coberto por pacientes em macas, o cheiro de anestésicos enchia o ar e as pessoas gemiam ou berravam em delírios ao morrer. O calor e o abafamento eram estarrecedores. Minha perna direita estava num gesso que vinha até o quadril; a outra, coberta de sangue ressecado. Não havia lençóis, e os cobertores nos arranhavam.”

Os dois lados sofreram perdas severas de tanques numa luta confusa em torno do "Caldeirão" no centro da linha britânica, mas, em 30 de maio, os alemães haviam garantido uma vantagem decisiva. Os britânicos foram obrigados a se retirar precipitadamente. Uma força sul-africana e indiana ficou para defender Tobruk, enquanto o restante do VIII Exército recuava para o Egito. Rommel contornou Tobruk e, em 20 de junho, virou-se e atacou as defesas da cidade pela retaguarda, onde a linha era mais fraca, e não demorou a rompê-la. O comandante sul-africano, major-general Hendrik Klopper, rendeu-se na manhã seguinte. Ao anoitecer do dia 21, toda a resistência findara. Mais de trinta mil homens caíram prisioneiros do Eixo. Somente algumas unidades conseguiram escapar para o VIII Exército.

Vittorio Vallicella estava entre os primeiros soldados do Eixo a alcançarem o porto de Tobruk. "Que choque encontrar centenas de senegaleses [das tropas coloniais francesas] que, ao verem nosso pequeno bando, pularam, erguendo as mãos em sinal de rendição",[35] escreveu em seu diário. "Que coisa extraordinária fazerem isso diante de homens pouco armados e em número muito menor do que eles. Com surpresa, mas também com respeito, miramos, fascinados, aqueles pobres soldados negros que serviam à rica Inglaterra e que vieram de longe para tomar parte numa guerra quando, talvez, nem soubessem por quem ou por que lutavam." Explorando a cidade, os italianos ficaram espantados com o conforto dos quartéis ingleses, com seus chuveiros, as camas dos oficiais com mosquiteiros e uma abundância de provisões.[36] Deliciaram-se com a descoberta de luxos: ameixas enlatadas e caixas do que Vallicella achou que fosse grama seca. Seu sargento explicou que aquilo era chá, um verdadeiro regalo. Alguns árabes flagrados saqueando os mortos foram fuzilados.[37] Vários homens se mataram ao vagar por campos minados. Os alemães logo colocaram guardas em todos os depósitos britânicos de alimentos, o que os italianos interpretaram como uma desconsideração a eles: "Até aqui nossos aliados querem agir como nossos superiores."[38] Por um breve período, a vitória em Tobruk elevou o moral dos italianos e dos alemães. "Esperamos que este pesadelo esteja no fim"[39], escreveu Vallicella. "Temos apenas um pensamento: Alexandria, Cairo, o Nilo, pirâmides, palmeiras e mulheres."

Nas operações durante o começo do verão, os alemães sofreram apenas 3.360 baixas, enquanto os britânicos perderam cinquenta mil homens — na maioria, soldados feitos prisioneiros. Grande parte da força blindada de Auchinleck fora destruída. Churchill, em Washington para um encontro com Roosevelt, sentiu-se chocado e humilhado. No fim de junho de 1942, os britânicos ocupavam uma linha em El Alamein, no interior do Egito. Um dos soldados de Auchinleck escreveu: "A ordem chegou: 'Último *round*, último homem.' Foi assustador. Foi curioso ver que essa frase legendária de finalidade heroica ainda podia ser usada. Supostamente queria nos incutir uma resolução inquebrantável (...) Mas, ao ser interpretada, significava que não havia esperança para Tobruk e que estávamos entregues à nossa própria sorte — o inverso de uma injeção de moral (...) Éramos um bando deprimido, derrotado."[40] A sorte britânica no Oriente Médio e o prestígio global de seu exército atingiram o fundo do poço. A tentativa de Churchill de explorar a África como campo de batalha contra o Eixo servira apenas, até então, para tornar Rommel um herói e para prejudicar miseravelmente o moral e o autorrespeito do povo britânico. De

fato, a sorte foi o deserto não ter sido a grande arena da guerra e acontecimentos longe dali, nas estepes russas, diminuírem o significado do fracasso britânico.

* Neste texto, por conveniência, refiro-me a todas as mensagens do Eixo decifradas como "Ultra", ainda que os americanos usem a senha "Magic" para designar o fluxo japonês de informações.

6
Barbarossa

Às 3h15 da manhã de 22 de junho de 1941, horário de Berlim, guardas de fronteira russos na ponte do rio Bug, em Kolden, foram convocados pelos colegas alemães "para discutir questões importantes" e metralhados enquanto se aproximavam. Sapadores da Wehrmacht removeram explosivos da ponte ferroviária de Brest-Litovsk e sinalizaram para que as vanguardas de assalto avançassem às 3h30. Forças especiais — "Homens de Brandemburgo", que incluíam soldados fluentes em russo — haviam sido lançados de paraquedas ou cruzado furtivamente as linhas nos dias anteriores e já sabotavam as comunicações atrás do front. Cerca de 3,6 milhões de soldados do Eixo puseram-se em marcha União Soviética adentro, numa frente que se estendia por 1.400 quilômetros, do Báltico ao mar Negro, esmagando as defesas com eficácia devastadora. Um russo, o poeta David Samoilov, diria posteriormente: "Esperávamos a guerra. Mas não *aquela* guerra."[1] Divisões, e pouco depois exércitos inteiros, dissolveram-se no trajeto dos alemães, de forma que colapsos e rendições caracterizaram as primeiras semanas da campanha do Exército Vermelho. Um oficial soviético registrou um diálogo com um camarada: "Kuznetsov me informou, com um tremor na garganta, que da 56ª Divisão de Infantaria só restara seu número."[2] E aquele foi apenas um entre milhares de desastres.

A invasão da União Soviética por Hitler foi o momento decisivo da guerra, assim como o Holocausto foi o ato definidor do nazismo. A Alemanha embarcou na tentativa de alcançar o objetivo mais ambicioso de sua história — empurrar as fronteiras do mundo eslavo e criar um novo império no leste. Os nazistas argumentavam apenas seguir o exemplo histórico instituído por outros países europeus na busca do *Lebensraum*, o espaço vital, capturando um império em territórios habitados por selvagens. O historiador britânico Michael Howard escreveu: "Muitos alemães, talvez a maioria, e certamente a maioria entre os intelectuais, viram a Primeira Guerra Mundial como uma batalha pela sobrevivência cultural contra as forças convergentes da barbárie russa e, muito mais subversiva, a decadente civilização ocidental, personificada não mais pelos aristocratas franceses, mas pelas sociedades materialistas do mundo anglo-saxão. Essa crença foi assimilada em sua totalidade pelos nazistas e constituiu o fundamento de sua filosofia."[3]

Milhões de jovens alemães haviam sido condicionados desde a infância a acreditar que seu país enfrentava uma ameaça existencial da União Soviética. "A situação é ideal para os bolchevistas lançarem um ataque contra a Europa e promoverem seu plano original de dominar o mundo",[4] escreveu um ardoroso piloto nazista da Luftwaffe, Heinz Knoke, em 1941. "O capitalismo ocidental, com suas instituições democráticas, fará aliança com o bolchevismo russo? Se, ao menos, tivéssemos controle absoluto no oeste, poderíamos infligir uma derrota arrasadora às hordas bolchevistas, apesar do Exército Vermelho. Isso salvaria a civilização ocidental." Imbuído dessa lógica, Knoke estava empolgado por participar da invasão da Rússia. O mesmo aconteceu com oficiais mais graduados. Hans Jeschonnek, chefe do estado-maior da Luftwaffe, teve seu entusiasmo moderado pelo

fracasso de 1940 contra a Grã-Bretanha, uma campanha que julgava pequena para a capacidade de sua força. Agora, estava eufórico. "Até que enfim, outra guerra respeitável!"

Henry Metelmann, chaveiro hamburguês de dezoito anos feito motorista de blindados, escreveu, depois: "Aceitei como natural que era dever da Alemanha, pelo bem da humanidade, impor nosso estilo de vida às raças e aos países inferiores que, provavelmente pela limitação de sua inteligência, não compreenderiam o que fazíamos."[5] Como tantos jovens alemães naquele momento da guerra, ele encarava seu posicionamento no leste sem ansiedade. "Poucos entre nós percebiam a gravidade da situação. Víamos essa viagem, se não toda a guerra, como uma grande aventura, uma oportunidade de escapar ao tédio da Vida Civil, sendo um objetivo menor cumprir um dever sagrado para com nosso Führer e nossa Pátria."

Grande parte da estratégia de Hitler era fruto mais de planejamento do que de aproveitamento de oportunidades. Derivava do conhecimento de que o tempo era favorável aos inimigos, dando-lhes força para se armarem e se aglutinarem contra ele. Como parte da estratégia dissuasiva de Stalin, o adido militar alemão em Moscou teve, antes da operação Barbarossa, permissão para visitar algumas das novas e vastas fábricas de armas em construção na Sibéria. Seus relatórios, entretanto, tiveram efeito oposto ao pretendido. Hitler disse aos seus generais: "Agora vocês veem aonde essa gente já chegou. Precisamos atacar imediatamente."[6] A destruição do bolchevismo e a escravização da vasta população da União Soviética eram objetivos prioritários do nazismo, destacados em discursos e em escritos de Hitler desde os anos 1920. Encobrindo-os, havia o desejo de apropriar-se dos enormes recursos naturais da Rússia.

Stalin, provavelmente, pretendia lutar contra seu vizinho em qualquer momento que escolhesse. Se a Alemanha se envolvesse numa luta prolongada e desgastante contra os franceses e os britânicos na Frente Ocidental em 1940, como Moscou esperava, os russos poderiam atacar a retaguarda de Hitler em troca de importantes concessões territoriais por parte dos Aliados. Os generais de Stalin planejaram uma ofensiva contra a Alemanha — como fizeram para muitas outras contingências — que, em tese, poderia ser lançada em 1942. Como se viu, entretanto, seus exércitos não estavam preparados, em 1941, para enfrentar a atenção quase completa da Wehrmacht. Apesar da mobilização progressiva — as forças ativas russas dobraram entre 1939 e a invasão alemã —, mal haviam começado o programa de reequipamento que mais tarde poria em suas mãos alguns dos melhores sistemas de armas do mundo.

Nos termos de Hitler, a operação Barbarossa se tornava um ato racional, possibilitando à Alemanha combater a União Soviética enquanto desfrutava maior vantagem relativa. A arrogância explica a subestimação da capacidade militar e industrial já alcançada por Stalin, a indiferença incauta às extensões quase ilimitadas da Rússia e seu apoio logístico toscamente inadequado para uma campanha prolongada. Apesar da ampliação da Wehrmacht desde o ano anterior e da entrega de centenas de novos tanques, muitas formações dependiam das armas e das viaturas tomadas dos tchecos em 1938-1939 ou capturadas dos franceses em 1940; somente as divisões blindadas dispunham de transporte e de equipamentos adequados. Não ocorreu a Hitler, depois de suas vitórias no Ocidente, que talvez fosse mais difícil derrotar uma sociedade brutalizada, acostumada a sofrer, do que democracias como a França e a Grã-Bretanha, em que moderação e respeito pela vida humana eram virtudes.

Oficiais de altos postos da Wehrmacht lisonjeavam-se dizendo representar um país culto, mas concordaram prontamente com as barbaridades projetadas no plano Barbarossa, que incluíam a morte por inanição de pelo menos trinta milhões de russos, a fim de desviar seus suprimentos alimentares para a Alemanha, e cuja concepção original foi do chefe da agricultura nazista Herbert Backe. Numa reunião, em 2 de maio de 1941, para discutir a ocupação da União Soviética, o secretariado de planejamento de armamento do exército registrou seu compromisso com uma política digna de nota mesmo no contexto do Terceiro Reich:

1. A guerra só pode ser mantida se toda a Wehrmacht for alimentada pela Rússia no terceiro ano.
2. Se tirarmos o que for preciso do país, não pode haver dúvida de que milhões de pessoas morrerão por inanição.

Barbarossa foi, portanto, não apenas uma operação militar, mas um programa econômico calculado para provocar a morte de dezenas de milhões de pessoas, objetivo parcialmente alcançado. Alguns generais protestaram contra ordens que exigiam de seus homens a participação no assassinato sistemático de comissários soviéticos, enquanto muitos outros puseram em dúvida a estratégia invasora de Hitler. O major-general Erich Marcks, o brilhante oficial responsável pela primeira fase do planejamento, propôs que a investida decisiva fosse realizada ao norte dos alagadiços de Pripyet, porque os desdobramentos russos previam um assalto mais ao sul. Comandantes argumentaram que seria mais fácil administrar uma população vencida se fosse tratada com misericórdia do que se ela nada tivesse a ganhar aceitando a sujeição. Essas objeções foram apresentadas em termos mais pragmáticos do que morais; quando Berlim as rejeitou, os críticos aquiesceram e executaram lealmente as ordens de Hitler.

A selvageria industrializada era inerente à Barbarossa. Göring disse aos encarregados da administração dos territórios ocupados: "Deus sabe que os senhores não estão sendo enviados para trabalhar pelo bem-estar do povo sob sua responsabilidade, mas para tirar dele o máximo possível, para que o povo alemão possa viver."[7] O coronel-general Erich Hoepner, comandante de cavalaria do 4º Grupo Panzer, de 55 anos, disse: "A guerra contra a Rússia é parte vital da luta do povo alemão pela existência. É a velha luta dos alemães contra os eslavos, a defesa da cultura europeia contra o dilúvio moscovita-asiático e a repulsa ao bolchevismo judeu. Esta guerra deve ter como meta a destruição da Rússia atual — e, por essa razão, precisa ser conduzida com dureza nunca vista. Todo o confronto, da concepção à execução, deve ser guiado por uma determinação férrea em aniquilar o inimigo total e absolutamente."[8] De junho de 1941 em diante, poucos altos oficiais alemães poderiam verdadeiramente negar cumplicidade com os crimes do nazismo.

A União Soviética, na véspera da invasão alemã, era a sociedade mais rigorosamente controlada e policiada no mundo. Sua máquina de repressão interna era muito mais elaborada e havia matado muito mais gente em 1941 do que o nazismo: seis milhões de camponeses morreram durante o programa de industrialização compulsória de Stalin, e vastos números de camaradas leais tombaram vítimas de sua paranoia. Com exceção dos

judeus, os alemães tinham mais liberdade pessoal do que qualquer russo. Mas a tirania de Stalin estava menos preparada para se defender de inimigos externos do que de seu próprio povo. As formações do Exército Vermelho no oeste estavam mal posicionadas, numa estreita linha avançada. Muitos de seus melhores comandantes foram mortos nos expurgos de 1937-1938 e substituídos por lacaios incompetentes. As comunicações eram prejudicadas pela falta de rádios e de capacidades técnicas; a maioria das unidades carecia de armas e de equipamentos modernos. Nenhuma posição defensiva fora organizada, e a doutrina soviética se ocupava somente de operações ofensivas. A mão morta do partido prejudicava a eficiência, a iniciativa e a prudência tática.

Stalin ignorou muitas advertências de seus generais, assim como de Londres, sobre a invasão iminente. O salto de paraquedas do vice-Führer Rudolf Hess na Grã-Bretanha, em 10 de maio, para cumprir uma solitária missão de paz, aumentou os temores soviéticos sobre a duplicidade britânica e a suspeita de que Churchill pretendia firmar um acordo bilateral com Hitler. Stalin também rejeitou informações explícitas de valor militar sobre a operação Barbarossa, fornecidas por agentes soviéticos em Berlim e em Tóquio, rabiscando num relatório de autoria de Lavrenti Beria: "Você pode dizer à sua 'fonte' no QG da força aérea alemã que vá foder a mãe dele. Isso não é uma fonte, mas um 'desinformante'. I. St."[9] A Luftwaffe desempenhou sua parte nas operações de despiste de Berlim despachando quinhentos bombardeiros contra Londres, em 10 de maio, e infligindo três mil baixas dias antes que a maior parte de seus esquadrões fosse reposicionada mais para leste.

O enorme movimento de tropas que precedeu a operação Barbarossa tornou-se assunto de fofocas nos cafés europeus: o escritor Mihail Sebastian recebeu, em 19 de junho, um telefonema de um amigo em Bucareste, que lhe disse: "A guerra começará pela manhã, se parar de chover."[10] Ainda assim, Stalin proibiu qualquer movimentação que pudesse provocar Berlim, rejeitando repetidos apelos de seus comandantes para alertar o front. Ordenou às defesas antiaéreas que não atirassem em sobrevoos da Luftwaffe em território soviético, entre os quais 91 foram relatados em maio e no começo de junho. Chefe militar de determinação gélida, Stalin foi surpreendido pela aparente perversidade do comportamento de Hitler. Nos termos do Pacto Nazi-Soviético, a Alemanha recebia enorme ajuda material russa: trens com suprimentos continuavam a rolar para o oeste até o exato momento da invasão; os aviões da Luftwaffe eram em grande medida abastecidos com petróleo soviético; os U-boats da Kriegsmarine tinham acesso às instalações portuárias russas. A Grã-Bretanha continuava invicta. Por isso, o líder soviético recusou-se a acreditar que Hitler precipitaria uma ruptura cataclísmica, e, por fim, Stalin foi pessoalmente responsável pelo fato de que o feroz ataque alemão, que não surpreendeu seus altos comandantes, pegou as defesas despreparadas. Georgy Zhukov, chefe do estado-maior geral, despachou uma ordem de alerta para todos os comandos no final do dia 21 de junho, que só foi recebida uma hora antes do ataque alemão.

Na Frente Ocidental, estavam posicionados cerca de 2,5 milhões dos 4,7 milhões de soldados ativos de Stalin — 140 divisões e quarenta brigadas com mais de dez mil tanques e oito mil aeronaves. Hitler lançou contra eles 3,6 milhões de soldados do Eixo, a maior força de invasão da história da Europa, acompanhados por 3.600 tanques e 2.700 aviões de qualidade superior às aeronaves russas. Sob o comando geral do marechal de campo Walther von Brauchitsch, os alemães atacaram em três grupos de exércitos. Hitler rejeitou

os apelos de seus melhores generais sobre fazer uma única arremetida para Moscou, insistindo num avanço simultâneo em direção à Ucrânia a fim de assegurar seus vastos recursos naturais e industriais. A decisão às vezes é descrita como um erro estratégico decisivo. Parece mais plausível, porém, indagar se a Alemanha tinha força econômica para concretizar as ambições orientais de Hitler, qualquer que fosse a opção escolhida.

Muitos alemães ficaram chocados, até horrorizados, quando ouviram a notícia da invasão. Goebbels escreveu: "Precisamos vencer, e rapidamente. O estado de espírito do público é de ligeira depressão. O país quer paz, embora não ao preço da derrota, mas qualquer novo teatro de operações provoca preocupações e temores."[11] Um jovem tradutor da embaixada soviética em Berlim, Valentin Berezhkov, relatou uma experiência notável durante seu confinamento, com o restante da delegação, no início da guerra. Tornou-se amigo de um oficial de meia-idade das SS, chamado Heinemann, que o levou a um café para um drinque, onde ficaram constrangidos com a chegada de seis outros homens das SS. Heinemann tratou de se proteger, dizendo que o convidado era parente de sua mulher, envolvido num trabalho secreto que não poderia ser discutido.

Eles conversaram um pouco sobre a guerra, até os oficiais das SS brindarem à "nossa vitória". Berezhkov ergueu o copo, repetindo "À *nossa* vitória", sem chamar a atenção. Heinemann estava desesperadamente ansioso para que seu filho, que há pouco ingressara nas SS, não perecesse na Rússia, além de não ter dinheiro suficiente para financiar o tratamento médico de sua mulher. Berezhkov lhe deu mil marcos, retirados do cofre da embaixada, sabendo que os russos não teriam permissão para levar grandes somas quando fossem repatriados. Ao se despedirem, Heinemann, que ajudou a organizar a evacuação final da missão envolvendo a troca de diplomatas entre Moscou e Berlim, deu ao russo uma foto sua assinada, dizendo: "Pode ser que, em algum momento, eu precise mencionar o serviço que prestei à embaixada soviética. Espero que não seja esquecido."[12] Os dois nunca tiveram notícias um do outro, mas Berezhkov sempre se perguntou se o alemão, mesmo sendo oficial das SS, previu secretamente a derrota de seu país na Rússia.

Tais dúvidas e apreensões não se estendiam à maioria dos jovens soldados de Hitler, ainda animados pelos triunfos de 1940. "Éramos acriticamente entusiásticos, orgulhosos por viver em tempos que considerávamos heroicos",[13] escreveu o paraquedista Martin Poppel, de 21 anos. Ele se emocionava com a perspectiva de lutar no leste: "Nosso destino é a Rússia; nosso objetivo, a guerra e a vitória (...) Estamos desesperados para participar da grande luta (...) Não há país no mundo que exerça em mim atração mais magnética do que a Rússia bolchevista."[14] Os alemães atacaram a partir da Prússia Oriental para a Lituânia; da Polônia, para Minsk e Kiev; da Hungria para a Ucrânia. Quase em todas as partes, irromperam com violência e desprezo através das formações soviéticas, destruindo aviões por atacado no solo — 1.200 nas primeiras 24 horas.

Nas repúblicas bálticas, os invasores ficaram desconcertados ao serem recebidos como libertadores, com ofertas de flores e de alimentos. Nas semanas anteriores, o NKVD, de Lavrenti Beria, havia feito dezenas de milhares de prisões e, consequentemente, milhões de inimigos entre estonianos, letões e lituanos. Tropas russas em retirada sofriam pequenos ataques e tiros de emboscada por parte dos moradores locais. Muitos civis fugiram para áreas desabitadas até que as forças de Stalin fossem expulsas. "Naqueles dias, os pântanos e as florestas tinham mais gente do que as fazendas e os campos",[15]

escreveu o estoniano Juhan Jaik. “As florestas e os pântanos são nosso território enquanto os campos e as fazendas estão ocupados pelo inimigo.” Referia-se aos russos, que logo se foram.

Os letões capturaram três cidades em poder dos ocupantes soviéticos antes que os alemães chegassem; no final de 1941, guerrilheiros estonianos afirmavam ter capturado 26 mil soldados soviéticos. Na Ucrânia, também, o Exército Vermelho sofreu nas mãos de guerrilheiros locais, assim como ataques alemães. O adolescente polonês-ucraniano Stefan Kurylak estava entre seus muitos compatriotas que aplaudiram a expulsão dos russos. Um dos últimos atos dos russos em sua aldeia, ao lado do rio Dniester, foi matar seu melhor amigo, Stasha, de quinze anos, que despertara suspeitas. A chegada dos alemães provocou comemorações generalizadas entre os ucranianos em ambos os lados da fronteira soviética. “Como parecia certo quem seria vitorioso”,[16] escreveu Kurylak, “nossa gente (...) começou a cooperar, de todas as formas possíveis, com os ‘libertadores’ alemães (...) Alguns (...) até levantaram o braço direito para eles, espertamente, na saudação nazista.”

Nas primeiras semanas da operação Barbarossa, a Wehrmacht alcançou algumas das maiores vitórias nos anais da guerra. Exércitos inteiros foram cercados e destruídos, notavelmente em Białystok, Minsk e Smolensk. Soldados de Stalin rendiam-se às dezenas e às centenas de milhares. As perdas de aviões russos subiam diariamente. O piloto Heinz Knoke, de vinte anos, nazista convicto, descreveu a euforia ao metralhar alvos no solo: “Nunca atirei tão bem. Meus Ivans [soldados russos] estão deitados no chão. Um deles se levanta, num pulo, e corre para as árvores. Os outros se esquecem de levantar (...) Por toda parte, há rostos sorridentes quando os pilotos apresentam seus feitos. Havia muito tempo sonhávamos em fazer algo assim aos bolchevistas. Nosso sentimento não é exatamente ódio, mas absoluto desprezo. Para nós, é uma satisfação genuína pisotear os bolchevistas na lama, aonde pertencem.”[17]

Ivan Konovalov, um dos milhares de pilotos de Stalin surpreendidos por bombardeios em mergulho em seu aeródromo, escreveu: “De repente, houve um estrondo incrível. Alguém gritou ‘Abrigue-se’, e eu mergulhei sob uma asa de meu avião. Tudo estava queimando — um incêndio terrível, incontrolável.”[18] Alexander Andrievich, oficial de aprovisionamento, deparou-se com os restos de uma unidade soviética destroçada por ataques aéreos: “Havia centenas e centenas de mortos (...) Vi um de nossos generais parado ao lado de um cruzamento. Viera passar a tropa em revista e usava seu melhor uniforme. Mas seus soldados fugiam na direção oposta. Ele ficou ali, desamparado e sozinho, enquanto as tropas passavam. Atrás dele, havia um obelisco, que marcava a rota da invasão de Napoleão em 1812.”[19] O subcomandante político do 5º Batalhão do 147º Regimento de Infantarias conduzia seus homens para o combate, aos berros de “Pela Pátria Mãe e por Stalin!”,[20] e foi um dos primeiros a tombar.

Sob o sol brilhante, soldados alemães em mangas de camisa viajavam em seus tanques e caminhões em colunas poeirentas e triunfantes através de centenas de quilômetros de planícies, pântanos e florestas. “Seguíamos a rota de invasão de Napoleão”,[21] escreveria o major-general Hans von Griffenberg, “mas não pensávamos que as lições de 1812 se aplicassem a nós. Lutávamos com meios de transporte e comunicação modernos — pensávamos que a vastidão da Rússia poderia ser suplantada por trilhos e motores, fios de telégrafo e rádio. Tínhamos fé absoluta na infalibilidade da Blitzkrieg.” Um artilheiro de

tanques Panzer escreveu para o pai, veterano da Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1941: "As hordas lamentáveis do outro lado não passam de criminosos movidos a álcool e a pistolas apontadas para suas cabeças (...) Um bando de bundas-moles (...) Encontrar essas hordas bolchevistas e ver como vivem deixou em mim uma impressão duradoura. Todo mundo, mesmo o pior dos incrédulos, sabe agora que a batalha contra esses sub-humanos, levados ao frenesi pelos judeus, era não apenas necessária, mas veio bem a tempo. Nosso Führer salvou a Europa do caos certo."[22] Um comandante de bateria de artilharia escreveu, em 8 de julho: "Lançamos ataques esplêndidos. Há somente um país que amamos porque é maravilhosamente belo: a Alemanha. O que, no mundo, pode se comparar?"[23] Esse oficial foi morto pouco depois, mas seu entusiasmo sem dúvida lhe alegrou os últimos dias.

Os exércitos em movimento passavam por povoados e cidades reduzidos a desolação fumegante pelas próprias armas ou pelos soviéticos em retirada. Milhares de baixas enchiam os hospitais de campanha russos, chegando em caminhões ou em carroças, "alguns até engatinhando, cobertos de sangue",[24] nas palavras da servente do serviço médico Vera Yukina. "Cobríamos seus ferimentos; os cirurgiões removiam estilhaços e balas — e, com o pouco anestésico disponível, no teatro de operações ressoavam gemidos, gritos e pedidos de socorro." Depois dos primeiros cinco dias de guerra, cinco mil feridos se comprimiam num hospital de Tarnopol destinado a duzentos doentes. Ao longo do front, soldados seriamente atingidos, para os quais não havia leitos, estendiam-se em filas na terra nua em frente às tendas médicas. Colunas de prisioneiros caminhavam pesadamente, perplexos e aos milhares, para prisões improvisadas, em números capazes de impressionar seus captores — e a plateia no cinema privado do Kremlin quando Stalin e acólitos viam os cinenoticiários alemães que haviam sido capturados. Uma tradutora de 21 anos, Zarubina Zoya, escreveu: "Quando o narrador anunciou o número de soldados soviéticos mortos ou capturados, houve um suspiro audível na sala, e um comandante do exército perto de mim agarrou a poltrona à sua frente, enrijecido pelo choque. Stalin manteve-se sentado, num silêncio estupefato. Sempre me lembrarei do que apareceu em seguida na tela — um *close-up* dos rostos de nossos soldados. Eram apenas garotos e pareciam tão desamparados, tão completamente perdidos."[25]

O mundo assistia ao drama que se desenrolava com fascínio e sentimentos profundamente confusos. Nos Estados Unidos, o arqui-isolacionista Charles Lindbergh proclamou: "Eu prefiro cem vezes ver meu país aliar-se à Grã-Bretanha, ou mesmo à Alemanha, com todas os seus erros, do que à crueldade, à ausência de Deus e à barbárie que existem na União Soviética." Uma dona de casa de Warwickshire, Clara Milburn, viu-se presa de uma grande perplexidade, escrevendo, em 22 de junho: "Então a Rússia vai receber um pouco daquilo que deu à Finlândia — e talvez muito mais. O Sr. Churchill disse hoje, pelo rádio, que precisamos defender a Rússia. Imagino que sim, porque ela agora está contra o inimigo da humanidade. Mas, quando penso em como ela é, que não é como nós somos, gostaria que não fosse preciso."[26] Em 1º de julho, um motorneiro de Bucareste, vendo Mihail Sebastian com um jornal na mão, perguntou sobre o avanço alemão. "Já entraram em Moscou?"[27] "Ainda não. Mas entrarão, com certeza, hoje ou amanhã." "Pois deixem entrar. Aí poderemos fazer picadinho dos judeus."

A euforia tomou conta de Berlim. Halder, chefe do estado-maior da Wehrmacht, declarou em 3 de julho: “Acho que não seria exagero dizer que a campanha (...) foi vencida em quatorze dias”; Hitler falou sobre um desfile de vitória em Moscou no final de agosto. Antigos céticos em altas posições ficaram confusos com a incompetência do comando soviético, a facilidade com que milhares de aviões russos foram destruídos, a superioridade tática desenvolta dos invasores. No front, Karl Fuchs, um artilheiro de tanque, estava eufórico: “A guerra contra esses seres sub-humanos está quase terminada (...) Nós realmente lhes demos uma surra! São uns canalhas, a escória da terra — e não são páreo para o soldado alemão.”[28] Em 9 de julho, o Grupo de Exércitos do Centro havia completado o isolamento de enormes forças soviéticas na Bielorrússia, que perderam trezentos mil soldados aprisionados e 2.500 tanques. Os contra-ataques russos retardaram a captura de Smolensk até o começo de agosto — revés que se revelaria significativo, por ter custado à Wehrmacht preciosos dias de verão — enquanto o Exército Vermelho opunha forte resistência ao sul. Mas, quando as forças de Bock e de Rundstedt se juntaram em Lokhvitsa, a leste de Kiev, em 15 de setembro, dois exércitos russos inteiros foram cercados e destruídos, com a perda de quinhentos mil homens. Leningrado foi sitiada, e Moscou, ameaçada.

A brutalidade dos invasores revelou-se rapidamente. Na França, em 1940, mais de um milhão de prisioneiros franceses foi enjaulado e havia, ao menos, alimentação disponível; na Rússia, diferentemente, prisioneiros somente eram enjaulados para morrer. Primeiro, às centenas de milhares, logo aos milhões, morriam por inanição de acordo com os desígnios de seus captores e sua incapacidade de lidar com números tão grandes mesmo que o quisessem — os campos do Reich tinham capacidade para apenas 790 mil prisioneiros. Alguns recorreram ao canibalismo. Muitas unidades alemãs matavam prisioneiros de guerra apenas para se livrar do inconveniente de supervisionar seu fim mais demorado. O general Joachim Lemelsen protestou ao alto-comando: “Constantemente tomo conhecimento da morte de prisioneiros e de desertores executada de forma irresponsável, inconsequente e criminosa. Isso é assassinato. Logo os russos saberão sobre os incontáveis cadáveres que jazem ao longo das rotas seguidas por nossos soldados, sem armas e com as mãos erguidas, despachados à queima-roupa com tiros na cabeça. Como resultado, nossos inimigos se esconderão no mato e nos campos e continuarão a lutar — e perderemos inúmeros camaradas.”[29]

Berlim era indiferente. Hitler queria conquistar o máximo de terras e herdar o mínimo de povos que seus exércitos permitissem. Ele costumava citar o caso precedente da fronteira americana durante o século XIX, onde os habitantes nativos foram quase extintos para dar lugar aos colonos. Em 25 de junho, o general de polícia Walter Stahlecker conduziu o Einsatzgruppe A para a cidade lituana de Kaunas, atrás dos tanques Panzer. Mil judeus foram cercados e mortos a cacetadas por colaboracionistas lituanos na oficina Lietukis, a menos de duzentos metros do quartel-general do exército. Stahlecker informou: “Essas operações de autolimpeza ocorriam sem percalços porque as autoridades do exército, informadas antes, demonstraram compreensão pelo procedimento.”

Os soviéticos, por sua vez, também mataram muitos prisioneiros de guerra, assim como seus prisioneiros políticos; quando suas forças, em retirada, abandonaram um hospital onde havia 160 alemães feridos, todos foram mortos tendo a cabeça esmagada ou

sendo atirados pela janela. Um pelotão alemão que se rendeu após um contra-ataque soviético no rio Dubysa, em 23 de junho, foi encontrado no dia seguinte, quando os russos foram obrigados a retroceder novamente. Os soldados não estavam apenas mortos, mas mutilados. "Olhos foram arrancados, genitais decepados e outras crueldades infligidas",[30] escreveu um oficial alemão, horrorizado. "Foi nossa primeira experiência desse tipo, mas não a última. Na noite [depois] desses dois primeiros dias, eu disse ao meu general: 'Senhor, esta guerra será muito diferente da Polônia e da França.'" Fosse ou não verdade a história de atrocidade dos alemães, uma cultura de massacre caracterizaria a guerra oriental.

Stalin delegou a Molotov, que se esforçava para vencer a gagueira, a tarefa de informar ao povo russo que o país estava em guerra através de uma transmissão radiofônica nacional às 12h15 de 22 de junho. Nos dias que se seguiram, o chefe militar soviético reuniu-se repetidamente com seus principais comandantes — houve 29 reuniões no dia da invasão — e tomou algumas decisões críticas, notavelmente a evacuação para leste das instalações industriais.

O NKVD mergulhou no processo de executar e deportar "elementos não confiáveis", muitas pessoas apenas por terem nomes alemães. Todos os aparelhos de rádio pertencentes a particulares foram confiscados, tornando os russos dependentes de notícias radiofônicas transmitidas para fábricas e escritórios "em horários estritamente determinados". Por alguns dias, Stalin apegou-se a um fiapo de esperança absurdo, e com que se justificava, de que a invasão era um mal-entendido. Há provas fragmentárias de que agentes do NKVD em países neutros tentaram explorar, com interlocutores alemães, a possibilidade de novas negociações, rejeitadas com desdém.

Em 28 de junho, quando Minsk caiu, essas fantasias se dissiparam. Stalin sofreu um colapso nervoso que o obrigou a se retirar para sua *datcha* na floresta dos arredores de Moscou. Quando uma delegação do Kremlin encabeçada por Anastas Mikoyan o visitou, em 30 de junho, ele a recebeu com óbvio mal-estar: "Por que vieram?" Ele parecia ter antecipado sua derrubada pelos apaniguados que seu grande erro de julgamento havia traído. Ao contrário, aqueles homens incorrigivelmente amedrontados e subservientes suplicaram ao seu governante que os liderasse. Isso, finalmente, Stalin se animou a fazer; em 3 de julho, falou pelo rádio ao povo russo. Numa ruptura notável com o autoritarismo intransigente que definia seu governo, ele começou o discurso com um apelo emocional: "Camaradas! Irmãos e irmãs! Combatentes de nosso exército e de nossa armada! Dirijo-me a vocês, meus amigos!" Conclamou-os a uma "guerra patriótica", à destruição preventiva de qualquer coisa útil no caminho do inimigo e à guerrilha atrás do front. Reconhecendo implicitamente os britânicos como aliados, declarou, sem ironia, que a guerra era parte de "uma frente unida dos povos que defendem a liberdade". Depois, colocou-se pessoalmente na direção de todos os pormenores relativos à defesa da União Soviética, como presidente do Stavka (quartel-general do alto-comando), do Comitê de Defesa do Estado, do Comissariado de Defesa do Povo e da Comissão de Transporte. Em 8 de agosto, também se autonomeou Comandante Supremo do Exército Vermelho.

Stalin se mostraria o chefe militar mais bem-sucedido do conflito, embora não estivesse mais qualificado do que Hitler, Churchill ou Roosevelt para dirigir vastas operações militares. Ignorante sobre o conceito de defesa em profundidade, ele rejeitava retiradas estratégicas. Sua insistência em defender o terreno até o fim, mesmo quando os

exércitos enfrentavam cercos, precipitava sua destruição. Depois das primeiras batalhas, milhares de oficiais e soldados tidos como culpados de incompetência ou de covardia foram fuzilados, inclusive o comandante da Frente Ocidental Dmitry Pavlov. Stalin respondeu aos relatórios de rendição e deserção em massa com medidas draconianas. Sua Ordem 270, de 16 de agosto de 1941, exigia a execução de "desertores maliciosos" e a prisão de suas famílias: "Aqueles que forem apanhados em cercos devem lutar até o fim (...) Aqueles que preferirem se render devem ser aniquilados por qualquer meio disponível." A Ordem 270 foi lida em voz alta por comissários em milhares de reuniões de soldados.

Durante a guerra, 168 mil cidadãos soviéticos foram condenados à morte e executados por suposta covardia ou deserção; muitos outros foram fuzilados sem ao menos uma simulação de julgamento. Acredita-se que cerca de trezentos mil soldados russos tinham sido mortos por seus comandantes — mais do que o total de soldados britânicos mortos nas mãos dos inimigos em toda a guerra. Mesmo os russos que escapavam do cativeiro e voltavam às linhas soviéticas eram capturados pelo NKVD e despachados para a Sibéria ou para batalhões do estado-maior — unidades suicidas — institucionalizados poucos meses depois, na proporção de um para cada exército soviético — o equivalente a um corpo de exército dos Aliados Ocidentais. Enquanto os soldados mais avançados de Hitler se aproximavam de Moscou, mais de 47 mil supostos desertores eram detidos na cidade; centenas de pessoas eram executadas sob acusações de espionagem, deserção ou "agitação fascista". Todos os níveis de oficiais de política recebiam poderes similares aos de comandantes operacionais, um obstáculo grave para a tomada de decisões no campo de batalha. Stalin queria administrar pessoalmente os movimentos não apenas dos exércitos, mas de simples divisões.

A invasão alemã despertou uma modesta onda de entusiasmo popular pela Mãe Rússia: cerca de 3.500 moscovitas se apresentaram como voluntários para o serviço militar nas primeiras 36 horas, como fizeram 7.200 homens na província de Kursk no primeiro mês. Mas muitos russos estavam simplesmente horrorizados com a situação difícil do país. O NKVD informou sobre um advogado de Moscou, chamado Izraelit, que dissera que o governo não havia "percebido a ofensiva alemã no primeiro dia da guerra, o que levou à destruição subsequente e a perdas colossais de aviões e de pessoal. O movimento de guerrilha que Stalin reuniu é uma forma de guerra totalmente ineficaz. É um acesso de desespero. Quanto a esperar ajuda da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, é loucura. A URSS está num círculo, e não conseguimos ver saída".[31]

O correspondente Vasily Grossman narrou um encontro com um grupo de camponeses atrás do front: "Eles choram. Seguindo a cavalo para algum lugar ou parados junto às suas cercas, choram quando começam a falar, e sente-se uma vontade involuntária de chorar. Há tanta dor! (...) Uma velha mulher pensou que poderia ver o filho na coluna que se arrastava pela poeira. Ficou parada lá até anoitecer e, depois, nos procurou. 'Soldados, peguem uns pepinos, comam, vocês são bem-vindos!' 'Soldados, bebam este leite.' 'Soldados, maçãs.' 'Soldados, coalhada.' 'Soldados, por favor, aceitem isto.' E choravam (essas mulheres), choravam, olhando os homens que passavam, marchando."[32] Yevgeni Anufriev foi um dos muitos mensageiros que entregaram notificações de convocação nas casas dos reservistas: "Estávamos surpresos com a quantidade de destinatários que se escondiam para não aceitar os documentos. Não havia entusiasmo pela guerra àquela altura."[33]

A maioria esmagadora dos soldados do Exército Vermelho era composta por recrutas não mais dispostos ao martírio do que seus colegas britânicos ou americanos. Alguns chegavam bêbados aos centros de mobilização, após longas caminhadas desde suas aldeias. Os padrões educacionais soviéticos subiram depois da Revolução, mas muitos recrutas eram analfabetos. Os melhores recursos humanos eram destacados para unidades do NKVD, dirigida por Lavrenti Beria, que cresceu até se transformar numa força policial com um contingente de seiscentos mil soldados. Homens da Ucrânia, da Bielorrússia e das repúblicas bálticas foram considerados pouco confiáveis politicamente para servir nas tripulações dos carros blindados. Como resultado dos expurgos de Stalin, o Exército Vermelho padecia de uma grave carência de oficiais e de graduados competentes.

Soldados de infantaria foram ensinados, nos primeiros meses da guerra, apenas a marchar, usando *portyanki* — panos para enrolar os pés — para compensar a escassez de coturnos, a buscar abrigo quando mandados, a cavar e a executar procedimentos simples com fuzis de madeira. As armas eram insuficientes, e não havia quartéis nem transporte. Cada soldado aprendia a valorizar uma colher como seu objeto mais útil — veteranos se diziam capazes de jogar fora seus fuzis, jamais, porém, as colheres que levavam enfiadas nas botas. Somente os oficiais tinham relógios. Nos dias de desespero de 1941, muitos recrutas foram colocados em combate uma ou duas semanas após o recrutamento. Um comissário regimental chamado Nikolai Moskvin escreveu, aflito, em seu diário, em 23 de julho: "O que direi aos rapazes? Continuamos em retirada. Como ser aceito por eles? Como? Devo dizer que o camarada Stalin está conosco? Que Napoleão foi destruído e que Hitler e seus generais também serão mandados por nós para a sepultura?"[34]

Moskvin fez o melhor que pôde ao discursar para sua unidade, mas, no dia seguinte, reconheceu seu fracasso: 13 homens desertaram durante a noite. Um refugiado judeu, Gabriel Temkin, viu os soldados russos avançarem para o front perto de Białystok, "alguns em caminhões, muitos a pé, os fuzis ultrapassados soltos a tiracolo. Os uniformes gastos, cobertos por pó, nem sombra de sorrisos nos rostos abatidos, emaciados, encovados".[35] Ferimentos resultantes de automutilação eram comuns. Quando um correspondente de guerra tentou elogiar um comandante soviético, dizendo que os feridos pareciam incrivelmente animados quando chegavam aos hospitais vindos do campo de batalha, o general respondeu com cinismo: "Especialmente aqueles feridos na mão esquerda."[36] Os casos de automutilação despencaram quando os suspeitos começaram a ser fuzilados. Além das sanções por fracasso, o Stavka introduziu, em 1º de setembro, a única comodidade oferecida aos seus soldados: os legendários "cem gramas" ou "produto 61", uma cota diária de vodca. A iniciativa se mostrou importante para manter nos soldados a vontade de resistir, mas reforçou a difundida e prejudicial cultura da bebedeira no Exército Vermelho.

Um elemento crítico na resposta da União Soviética à operação Barbarossa foi o comprometimento com a doutrina de total mobilização, enunciada inicialmente por Mikhail Frunze, o brilhante ministro da Guerra sob o governo de Lênin. Michael Howard observou que, embora os russos tenham sofrido uma terrível surpresa tática em junho de 1941, eles se preparavam estratégica e psicologicamente desde 1917 para travar uma grande guerra contra o capitalismo ocidental. É difícil exagerar a magnitude da evacuação para leste de fábricas e de operários essenciais, a coragem e a firmeza daqueles que a

executaram e a importância de seu sucesso. A migração industrial da Rússia englobou 1.523 empreendimentos, incluindo 1.360 grandes fábricas. Quinze por cento foram transferidos para a região do rio Volga, 44% para os Urais, 21% para a Sibéria e 20% para a Ásia Central soviética, em 1,5 milhão de vagões ferroviários. Cerca de 16,5 milhões de operários iniciaram uma nova vida em condições de privação pavorosas, trabalhando onze horas por dia, seis dias por semana, no começo a céu aberto. É difícil imaginar que operários britânicos ou americanos pudessem estabelecer e operar linhas de produção em condições tão desanimadoras.

Stalin podia reivindicar, com razão, que a industrialização forçada da União Soviética nos anos 1930, ao custo da miséria e da morte de milhões de camponeses destituídos, possibilitou, sozinha, a fabricação dos tanques e aviões com que o país resistiu a Hitler. Sua priorização da indústria pesada, capaz de produzir armas, refletia sua aceitação do conceito de Frunze sobre guerra total. Um diplomata americano evacuado para Kuibyshev, próximo ao rio Volga, um dia viu-se espantado em meio a uma área industrial vasta e não identificada, a poucos quilômetros da cidade, que os russos haviam batizado ironicamente de *Bezymyanny* — "Sem nome". Em um campo de aviação próximo, havia centenas de aviões quase prontos, produzidos em suas fábricas. A evacuação industrial de 1941 revelou-se uma das façanhas críticas da guerra na Rússia. Todos os cidadãos soviéticos com mais de quatorze anos foram declarados mobilizáveis para o trabalho industrial. Com as rações civis reduzidas a níveis de fome, apenas os alimentos cultivados em hortas privadas asseguraram a sobrevivência de milhões de pessoas. O país foi informado oficialmente de que a carne de esquilo tinha mais calorias do que a carne suína, e quem conseguia capturar tal presa não hesitava em comer.

Ainda que uma impressionante produção industrial tenha sido conseguida em meio à fome crônica, seria um erro idealizar essa proeza: a fabricação de um motor de aeronave soviético exigia cinco vezes mais homens/hora do que a mesma produção americana. Ainda assim, a evacuação representou parte daquilo que um oficial da inteligência britânica chamou de "o gênio russo para a improvisação em bocadinhos".[37] Outra característica da guerra total foi a deportação de minorias cuja lealdade fosse vista com suspeita. Stalin aceitou a drenagem de meios de transporte cruciais para remover, por exemplo, 74.225 "alemães do Volga" de sua pequena república para o remoto Cazaquistão. Mais tarde, eles seriam seguidos por muitos outros grupos marginalizados, especialmente os chechenos e os tártaros da Crimeia.

A força destruidora dos invasores ainda avançava pela Rússia Ocidental, mantendo Berlim satisfeita. Hitler ocupava-se com planejamentos minuciosos para seu novo império. Ele decretou a permanência da ocupação, guiada por três princípios: "primeiro, dominar; segundo, administrar; terceiro, explorar"; todas as dissidências seriam recompensadas com a morte. Já em 31 de julho, Göring ordenou os preparativos para uma "solução total da questão judaica na esfera de influência alemã na Europa". Dezenas de milhares de judeus russos foram massacrados, onde fossem encontrados, pelos pelotões assassinos do Einsatzgruppen, que seguiam os soldados avançados da Wehrmacht. Oficiais nazistas traçavam planos para transferir para o leste trinta milhões de colonos alemães. Centenas de milhares de jovens mulheres foram enviadas da Ucrânia e dos países bálticos para trabalhar no Reich, como empregadas domésticas ou rurais. Algumas não relutavam: num cenário de casas e de comunidades arrasadas, elas não

podiam se manter. Em 19 de agosto, Goebbels manifestou em seu diário surpresa por Hitler achar que a guerra pudesse terminar em pouco tempo e de repente: "O Führer acredita que chegará um momento em que Stalin suplicará a paz (...) Perguntei-lhe o que faria nesse caso. O Führer respondeu que concordaria com a paz. O que aconteceria, então, ao bolchevismo não seria assunto nosso. O bolchevismo sem o Exército Vermelho não representa uma ameaça."

• • •

Desde a Revolução de 1917, a população da União Soviética havia sofrido os horrores da guerra civil, da fome, da opressão, da migração compulsória e de injustiça sumária. Mas Barbarossa superou todos esses males na absoluta catástrofe humana que provocou e, no fim, foi responsável pela morte de 27 milhões de soviéticos, dezesseis milhões dos quais eram civis. Um soldado chamado Vasily Slesarev recebeu uma carta, levada às linhas soviéticas por guerrilheiros, escrita por sua filha Manya, que tinha doze anos, de sua aldeia natal perto de Smolensk: "Papai, nosso Valik morreu e está no cemitério (...) Papai, os monstros alemães colocaram fogo em nós."[38] A casa da família foi incendiada, e Valerii, filho de Slesarev, morreu vítima da pneumonia contraída enquanto se escondia dos invasores. Manya prosseguiu: "Muitas pessoas foram mortas nas aldeias ao redor. E só se pensa nos monstros sedentos de sangue, não se pode nem chamá-los de humanos; são ladrões e bebedores de sangue. Papai, mate os inimigos!" Se tais missivas eram cinicamente exploradas pela máquina de propaganda soviética, elas refletiam circunstâncias reais e sentimentos genuínos em milhares de comunidades através das vastas extensões da Rússia.

O sargento Victor Kononov escreveu para sua família em 30 de novembro, contando suas experiências após ser aprisionado pelos alemães: "Os fascistas nos conduziram a pé, na retaguarda, durante seis dias, período em que não nos deram água nem pão (...) Após os seis dias, fugimos. Vimos tanta coisa (...) Os alemães roubavam os agricultores de nossas fazendas coletivas, tirando-lhes pão, batata, gansos, porcos, gado e até seus trapos. Vimos agricultores pendurados em forcas, corpos de guerrilheiros torturados e mortos (...) Os alemães temem qualquer arbusto, qualquer ruído. Em cada agricultor, velho ou jovem, veem um guerrilheiro."[39]

O movimento guerrilheiro, sustentando a resistência armada atrás das linhas alemãs, começou em junho de 1941 e tornou-se uma das características mais relevantes da guerra na Rússia. No fim de setembro, o NKVD afirmou que trinta mil guerrilheiros operavam somente na Ucrânia. Era impossível, para os invasores, controlar as imensas áreas desabitadas atrás do front. Mas homens desesperados, conduzindo uma campanha que dependia de civis famintos não eram, de forma alguma, aclamados como heróis. Um de seus comissários, Nikolai Moskvin, escreveu: "Não surpreende que moradores locais corram e se queixem aos alemães. Muitas vezes, o que fazemos é roubar-lhes como bandidos."[40] Numa fase posterior da campanha, ele acrescentou um pós-escrito emocionado: "Escrevo à posteridade que guerrilheiros passam por sofrimentos desumanos."[41] Os civis também. A luta para sobreviver, num universo em que os ocupantes controlavam a maior parte dos alimentos, levou muitas mulheres a venderem o

corpo aos alemães e muitos homens a se alistarem como auxiliares da Wehrmacht — "Hiwis", como se popularizaram: 215 mil cidadãos soviéticos morreram trajando uniformes alemães. Mas as operações de guerrilha adquiriram importância estratégica na Rússia, atacando a retaguarda alemã e interrompendo linhas de comunicação, incomparáveis com qualquer outra parte do império nazista, salvo a Iugoslávia.

Apesar dos êxitos e avanços dramáticos da Wehrmacht, o Exército Vermelho não foi destruído. Se muitos soldados de Stalin se renderam prontamente, outros lutaram mesmo em circunstâncias em que não havia esperança. Surpreenderam os alemães ao defenderem, durante uma semana, a fortaleza de Brest, na fronteira, em junho; um relatório divisionário afirmou que seus atacantes foram obrigados a suplantar "uma guarnição corajosa, que nos custou muito sangue (...) Os russos lutaram com pertinácia excepcional (...) Demonstraram excelente treinamento de infantaria e esplêndida determinação em resistir".[42] Os soviéticos tinham alguns bons tanques pesados. Ao esmagar um exército soviético, os soldados de Hitler se confundiam ao ver um outro tomar seu lugar. Em 8 de julho, a inteligência alemã informou que, das 164 formações soviéticas identificadas no front, 89 foram destruídas. Ainda assim, em 11 de agosto, o estado de espírito de Halder em Berlim era mais sóbrio: "Está cada vez mais claro que subestimamos o colosso russo (...) Achávamos que o inimigo tinha cerca de duzentas divisões. Agora, contamos 360. Essas forças nem sempre são bem armadas e equipadas e costumam ser precariamente comandadas. Mas estão lá."[43]

Helmuth von Moltke, um antinazista que trabalhava na Abwehr alemã, escreveu para sua mulher demonstrando arrependimento por ter sido tolo o suficiente, "no fundo do meu coração", para aprovar a invasão. Como muitos de seus colegas aristocratas na França e na Grã-Bretanha, sua aversão ao comunismo suplantara a antipatia por Hitler: "Pensei que a Rússia entraria em colapso a partir de seu interior e que poderíamos, então, criar uma ordem naquela região que não representaria perigo para nós. Mas não é o que se vê: muito atrás do front soldados russos continuam a lutar junto aos camponeses e operários; é exatamente como na China. Tocamos em algo terrível que nos custará muitas vítimas."[44] Uma semana depois, acrescentou: "De qualquer forma, uma coisa me parece certa: de agora até 1º de abril do próximo ano, mais gente perecerá miseravelmente entre os Urais e Portugal do que em qualquer outra época da história do mundo. E esta semente germinará. Quem semeia vento colhe tempestade; mas, depois de um vento como esse, como será a tempestade?"[45]

O atordoamento inicial do povo russo após a invasão foi rapidamente suplantado pelo ódio aos invasores. Um caça soviético aterrissou em sua pista com carne humana presa à grade do radiador depois que uma viatura militar alemã carregando munição explodiu sob ele. O comandante da esquadrilha extraiu os fragmentos, curioso, e chamou o médico da unidade para examiná-los. Depois, proclamou: "Carne ariana!" Um correspondente de guerra escreveu em seu diário: "Todos riem. Sim, uma época cruel — uma época de ferro — chegou!"[46]

Hitler mudava seus objetivos repetidamente: por insistência sua, em julho, o Grupo de Exércitos do Centro, no trajeto para Moscou, conteve-se diante da forte resistência russa, permitindo que forças alemãs ao norte avançassem rumo a Leningrado, enquanto tropas ao sul se impulsionavam através da Ucrânia. Em Kiev, conseguiram outro cerco

espetacular, e o estado de espírito das vitoriosas tripulações de tanques Panzer reanimou-se. “Tive uma incrível sensação de triunfo”[47], escreveu Hans-Erdmann Schönbeck. Mais uma vez, vastas colunas de prisioneiros desalentados, 665 mil deles, arrastaram-se penosamente em direção às prisões, onde morreram de fome. Em um albergue em Orel, 480 quilômetros ao sul de Moscou, em 2 de outubro, Vasily Grossman e outros correspondentes de guerra depararam-se com um mapa comum da Europa: “Damos uma olhada. Ficamos apavorados com a dimensão da retirada.”[48] Dois dias depois, ele descreveu uma cena no campo de batalha:

> Achei que havia visto retiradas, mas nunca vi nada parecido com o que vejo agora (...) Êxodo! Êxodo bíblico! Viaturas movem-se em oito colunas, há o ronco violento de dezenas de caminhões tentando, simultaneamente, tirar suas rodas da lama. Imensos rebanhos de ovelhas e de vacas são conduzidos através dos campos. Seguem-nos caravanas de carroças puxadas por cavalos, há milhares de carroças cobertas com aniagem de várias cores, madeira, lata (...) Há também multidões de pedestres, com sacos, trouxas, maletas. Não é um dilúvio, não é um rio, é o movimento vagaroso de um fluxo oceânico (...) com centenas de metros de largura.[49]

A debandada descrita por Grossman era consequência da bem-sucedida investida alemã no sul. Ao mesmo tempo, no norte, Leningrado foi envolvida e sitiada. O moral russo chegara ao ponto mais baixo; a organização e a liderança eram lamentavelmente fracas. Operações eram cronicamente prejudicadas pela insuficiência de rádios e de conexões telefônicas. O Exército Vermelho havia perdido quase três milhões de homens — 44 mil por dia —, muitos nos grandes cercos a Kiev e a Vyazma. Stalin começou a guerra com quase cinco milhões de soldados; agora, esse número fora temporariamente reduzido a 2,3 milhões. Em outubro, noventa milhões de pessoas, 45% da população russa antes da guerra, habitavam territórios controlados pelos alemães; dois terços das fábricas que o país tinha antes da guerra foram tomados.

As Ofensivas Alemãs no Inverno de 1941
N
Linha de Defesa de Vyazma
Linha de Defesa de Mozhaysk
Linha de Defesa de Moscou
Bolsões emboscados
XXXX
Kalinin
Volga
Rzhev
Vladimir
Klyazma
Moscou
Vyazma
Rodovia de Moscou
Smolensk
Dnieper
Ugra
Kaluga
Ryazan
Oka
Tula
Stalinogorsk
Upa
Bryansk
Orel
Don
Kursk
Voronezh
Desna
Presença alemã
Linha de frente, 30/set/1941
Ofensiva, 30/set–30/out
Linha de frente, 10/out
Linha de frente, 30/out–15/nov
Ofensiva, 15/nov–5/dez
Linha de frente, 5/dez
Comando do Grupo de Exércitos
0 25 50 75 100 milhas
0 20 40 60 km

Observadores estrangeiros em Moscou, especialmente os britânicos, presumiam a inevitabilidade da derrota russa, tentando, no máximo, prever a duração da resistência residual. Mas, no campo de batalha, os soldados de Stalin lutavam com tenacidade. Famintos e com pouca munição, às vezes eram posicionados sem armas e dependiam daquelas que capturassem dos mortos. Até coquetéis molotov, a mais primitiva entre as armas antitanque, eram escassos antes que as mulheres trabalhadoras das fábricas começassem a expedir 120 mil unidades por dia. Os russos sofriam vinte baixas para cada baixa alemã, e perdiam seis tanques para cada Panzer; em outubro, suas perdas foram ainda maiores do que no verão, com 64 divisões eliminadas. Contudo, outras formações sobreviveram e aferraram-se às suas posições. Na frente meridional, o capitão Kozlov, comandante judeu de um batalhão motorizado de infantaria, disse a Vasily Grossman: "Convenci-me de que serei morto, independentemente do que aconteça, hoje ou amanhã. E, depois que me dei conta disso, viver é muito mais fácil, mais simples e, de certa forma, mais claro e puro. Vou para a batalha sem medo porque não tenho expectativas."[50] Kozlov talvez falasse a verdade.

• • •

A Rússia foi salva da derrota absoluta principalmente pelo tamanho do território e de seus exércitos. Os alemães capturaram grandes extensões de terra, mas outras, ainda maiores, subsistiram; o front inicial, com 1.440 quilômetros, ampliou-se para 2.240 quando os invasores atingiram a linha Leningrado-Odessa. Eles destruíram centenas de divisões soviéticas, mas havia sempre mais. Moscou chocou-se com a rapidez com que suas unidades se rendiam e com a forma com que as populações subjugadas — notavelmente na Ucrânia e nas repúblicas bálticas — aceitavam os alemães. Porém, a tenacidade incrível de alguns soldados vermelhos, que inicialmente atordoara os alemães, começava a amedrontá-los; cada russo que morria custava à Wehrmacht esforço, munição e tempo precioso. Os jovens cruzados de Hitler consideravam inebriante atravessar em seus tanques centenas de quilômetros de território inimigo, mas a pressão sobre as máquinas era implacável; assim como os homens, as viaturas também se cansavam: lagartas desgastavam-se, cabos desfiavam, molas quebravam. A potência de muitas formações foi severamente reduzida: no outono, 20% da força original de invasão já não existia, bem como dois terços de seus blindados e outras viaturas; numa formação Panzer restaram apenas 38 tanques, e, em outra, menos de sessenta. O comandante de uma divisão escreveu sobre a importância de reduzir as perdas, "se não quisermos ter a morte como vitória".[51]

Em setembro, Moscou estava apetitosamente perto. Contudo, se os contra-ataques russos eram desajeitados, como em Smolensk entre 30 de agosto e 8 de setembro, eles continuavam espantosamente persistentes. Entre junho de 1941 e maio de 1944, a Alemanha perdeu em média sessenta mil homens no leste por mês; ainda que as perdas do inimigo fossem muito maiores, era uma estatística traumática. Um de seus elementos simbólicos era o tenente Walter Rubarth, morto em 26 de outubro lutando pela estrada Minsk-Moscou; foi o homem que, como sargento dezessete meses antes, comandara a triunfante travessia alemã do Meuse. A apreensão corroía seus camaradas: "Talvez seja

apenas ‘conversa’ de que o inimigo está destruído e nunca mais se erguerá”, escreveu Hans-Jürgen Hartmann. “Não consigo evitar, estou totalmente confuso. Toda a guerra terminará antes do inverno?”

No entanto, a confiança de Hitler não se debilitou. Com Leningrado cercada e seus exércitos triunfantes na Ucrânia, ele protegera seus flancos e estava pronto para retomar o assalto contra Moscou. Em um discurso, em 2 de outubro, o Fürher descreveu o violento avanço da Wehrmacht para a capital como “a última batalha decisiva e em larga escala este ano”, que “despedaçaria a União Soviética”. Helmuth von Moltke, funcionário da Abwehr, escreveu: “Se não tivermos êxito este mês, jamais teremos.”[52] Mas o outono estava perigosamente adiantado. O preço dos avanços alemães em outras partes foi dar tempo aos russos para fortalecerem a última linha de defesa de Moscou. Georgy Zhukov, o mais hábil comandante de Stalin, fora demitido da chefia do estado-maior geral em 29 de julho, por insistir na evacuação de Kiev; tornou-se comandante da Frente de Reserva, em cuja função se fez rapidamente indispensável e ganhou crédito por organizar a defesa de Leningrado. Neste momento, era chamado novamente para dirigir a salvação da capital.

Seis exércitos alemães — 1,9 milhão de homens, quatorze mil canhões, mil tanques e 1.390 aviões — participaram da operação Tufão, o assalto “decisivo” contra Moscou. Mais uma vez, eles avançaram rapidamente, e, mais uma vez, os russos sofreram vastas perdas: oito exércitos soviéticos cambalearam no trajeto da ofensiva, muitas unidades cederam, outras foram isoladas. O major Ivan Shabalin, oficial de política que lutava para liderar uma massa de retardatários além de um bolsão cercado, escreveu em seu diário, em 13 de outubro, poucos dias antes de sua morte: “Está úmido e frio, e nos movemos terrivelmente devagar — todos os nossos veículos estão atolados nas estradas lamacentas (...) Mais de cinquenta tiveram de ser abandonados no terreno que parecia um brejo; mais ou menos a mesma quantidade está atolada num campo próximo. Às 6 horas, os alemães abriram fogo contra nós — um bombardeio contínuo de artilharia, morteiros e metralhadoras pesadas —, que se manteve o dia inteiro (...) Não consigo lembrar a última vez em que dormi direito.”[53] Em 15 de outubro, o artilheiro de tanque alemão Karl Fuchs estava eufórico: “De agora em diante, a resistência russa será menor — tudo o que temos a fazer é continuar avançando (...) Nosso dever tem sido lutar e libertar o mundo dessa doença comunista. Um dia, daqui a muitos anos, ele agradecerá aos alemães e ao nosso amado Führer pelas vitórias aqui na Rússia.”[54]

Ainda assim, a lama de que se queixava Ivan Shabalin já se provava mais perigosa para os alemães, enquanto tentavam avançar, do que para os defensores aferrados ao seu território. As chuvas de outono eram parte do ciclo climático natural da Rússia, mas aquelas que começaram em 8 de outubro de 1941 assombraram os comandantes da todo-poderosa Wehrmacht, o que era estranho, uma vez que muitos deles combateram ali entre 1914 e 1917. Em um vasto país com poucas e más estradas — apenas 64 mil quilômetros de asfalto e menos de oitenta mil de estradas de ferro —, eles falharam em antecipar o impacto do mau tempo sobre a mobilidade. De repente, os velozes tanques Panzer se viram detidos, com suas lagartas agitando-se inutilmente no lamaçal. O sistema alemão de suprimentos patinhou sob a pressão de deslocar alimentos e munição por centenas de quilômetros, num clima que piorava a cada dia.

Reforços soviéticos chegavam, vindos do leste, pois o agente de Stalin em Tóquio, Richard Sorge, convencera-o de que os japoneses não atacariam na Sibéria. As chuvas

intensificaram-se, e logo os dias esfriaram. “Há granizo e neve contínuos”, lamentou o capelão alemão Ernst Tewes. “Nossos homens sofrem — as viaturas não estão cobertas adequadamente e as roupas de inverno ainda não chegaram. Lutamos para avançar por estradas terríveis.” O soldado Heinrich Haape reclamava sobre as dificuldades de manter as carroças de suprimento em movimento: “Os homens arrastavam e empurravam, os cavalos suavam e se esforçavam — às vezes, precisávamos fazer uma breve pausa, de dez minutos, por puro cansaço. Depois, de volta ao transporte, nossas pernas metiam-se na lama preta até os joelhos — qualquer coisa para que as rodas continuassem girando.”[55]

Quase todos os homens que participaram das batalhas naquele período passaram por experiências extraordinárias, qualquer que fosse o lado. Nikolai Redkin, soldado de infantaria, de 35 anos, escreveu para sua mulher em 23 de outubro: “Oi, Zoya! Por pouco escapei da morte na última batalha. Minha chance de sobrevivência era uma em cem, mas consegui (...) Imagine um grupo de soldados cercado por tanques inimigos e acuado contra a beira de um rio com apenas setenta metros de largura. Só havia uma saída: pular no rio, ou morrer. Pulei e nadei. Mas a beira do rio continuava sob intenso fogo inimigo. Precisei ficar três horas dentro da água gelada do outono, completamente entorpecido. Quando escureceu, os tanques alemães recuaram e fui resgatado por agricultores das fazendas coletivas. Eles me descongelaram e cuidaram de mim. Levei dez dias para voltar das áreas de retaguarda do inimigo para nossas linhas. Agora, estou novamente com minha unidade e pronto para lutar. Descansaremos um pouco, depois voltaremos à luta. Que sejamos amaldiçoados se não fizermos os alemães tomarem o mesmo banho. Faremos com que tomem banho de neve até morrerem.”[56] O desejo de Redkin seria finalmente satisfeito, mas ele não viveu para ver: ainda lutava, trinta meses depois, quando foi morto em combate perto de Smolensk.

Os alemães eram retardados pelo mau tempo. Um médico do exército, Peter Bamm, escreveu: “A roda traseira de um veículo tracionado por cavalos, na coluna de 1.500 metros, escorrega numa cratera provocada por uma granada e oculta numa poça. A roda quebra. O eixo ergue-se no ar. Os cavalos, puxados violentamente para cima, espantam-se e dão coices. Um dos arreios arrebenta. O veículo que vem atrás tenta ultrapassar pela esquerda, mas é incapaz de evitar os sulcos fundos. A roda traseira direita desse segundo veículo fica presa à roda traseira esquerda do primeiro. Os cavalos empinam e escoiceiam em todas as direções. Não há como avançar ou recuar. Um caminhão de munição que retorna vazio do front tenta passar pelo emaranhado. Aos poucos, afunda-se na valeta e atola rapidamente. Todos são tomados por uma fúria incontrolável. Todos berram com os outros. Homens suados, sujos de lama e xingando põem-se a bater nos cavalos suados, trêmulos e também sujos, que já estão espumando (...) A cena se repete centenas de vezes por dia.”[57]

Em 30 de outubro, o comandante de tanques Panzer coronel-general Erich Hoepner escreveu, em desespero: “As estradas tornaram-se atoleiros: tudo está parado. Nossos tanques não conseguem se movimentar. Nenhum combustível chega até nós; as chuvas e o nevoeiro pesados tornam o lançamento aéreo por paraquedas quase impossível.”[58] E acrescentou: “Meu Deus, dai-nos quatorze dias de geada. Então, cercaremos Moscou.” Hoepner não demorou a ter o que desejava — muito mais do que quatorze dias de geada. Mas a súbita chegada de temperaturas abaixo de zero e de neve intensa não ajudou a

Wehrmacht e em muito favoreceu seus inimigos. Lubrificantes de veículos e de armas alemães congelaram, e, em pouco tempo, os soldados também. Os russos, diferentemente, estavam equipados para manter a luta.

A segunda semana de outubro de 1941 seria posteriormente identificada como o período decisivo da crise. Zhukov foi convocado ao Kremlin; encontrou Stalin gripado, diante de um mapa representando a frente de batalha, queixando-se amargamente sobre a falta de informações confiáveis. O general viajou de carro até a chamada linha de defesa Mozhaisk, onde se chocou ao descobrir brechas impressionantes, escancaradas aos ataques alemães. "Em essência",[59] diria ele depois, "todos os acessos a Moscou estavam abertos. Nossas tropas não conseguiriam deter o inimigo". Zhukov telefonou para informar a situação a Stalin. Reconhecia que, se os alemães atacassem com força, a capital estaria perdida. Grande parte da burocracia do governo de Stalin, junto às missões diplomáticas, foi evacuada de Moscou para Kuibyshev, oitocentos quilômetros a leste do rio Volga. Lavrenti Beria iniciou fuzilamentos frenéticos de "elementos dissidentes" em suas prisões. Um lote de 157 pessoas executadas em 3 de outubro incluía várias mulheres: a irmã de Trotsky, Olga Kameneva, viúva de Lev Kamenev, famosa vítima de expurgo; uma major da força aérea, de 31 anos, Mariya Nesterenko; e Aleksandra Fibich-Savchenko, de 41 anos, mulher de um alto oficial de material bélico. As instalações industriais e fábricas mais importantes em Moscou foram preparadas para demolição. Duzentas e cinquenta mil pessoas, principalmente mulheres, puseram-se a trabalhar com afinco na construção de fossos anticarro nos subúrbios. O pânico se refletia no saque generalizado de lojas. Beria achou conveniente partir para uma visita à segurança oferecida pelo Cáucaso. O próprio ditador estava pronto para abandonar a capital.

Porém, de repente, na noite de 18 de outubro, Stalin mudou de ideia. Manteve-se em Moscou, transferiu seu gabinete temporariamente para o quartel-general da Defesa Antiaérea, na rua Kirov, e declarou a cidade uma fortaleza. A ordem nas ruas foi restabelecida por um toque de recolher e pela imposição das brutais sanções de praxe. Em 7 de novembro, num brilhante golpe de propaganda, unidades a caminho do front foram desviadas para participar do tradicional desfile pelas ruas da capital em comemoração ao aniversário da revolução bolchevista. Naquela noite, caiu a primeira nevasca do ano. Os alemães, com suas operações prejudicadas pelo mau tempo, não tinham massa suficiente para uma investida final; mantiveram-se nos arredores da cidade, sofrendo privações que se intensificavam rapidamente. Halder e Bock insistiam em mais uma arremetida. Mais terreno foi conquistado: os soldados da vanguarda ocuparam algumas estações ferroviárias da periferia de Moscou enquanto aviões e artilharia bombardeavam a cidade.

Alguns russos se comoveram, sinceramente, com os apelos de Stalin por medidas desesperadas em circunstâncias desesperadas. Em Moscou, um operário do setor de plásticos disse: "O líder não se manteve em silêncio sobre o fato de que nossas tropas precisaram recuar. Não esconde as dificuldades que o povo terá pela frente. Depois desse discurso, quero trabalhar ainda mais. Ele me mobilizou para grandes feitos."[60] Mas não faltavam céticos — seria um erro exagerar a união e a confiança dos russos no inverno de 1941. Um engenheiro que vivia em Moscou disse: "Toda essa conversa sobre mobilizar o povo e organizar a defesa civil serve apenas para mostrar que a situação na frente de batalha é absolutamente desesperadora. É claro que os alemães tomarão Moscou em breve

e o poder soviético não os impedirá.” Era um eco do sentimento que tomou conta de alguns britânicos bem informados em 1940. Ao sul, na província de Kursk, uma mulher disse: “Podem me fuzilar, mas não cavarei trincheiras. As únicas pessoas que precisam de trincheiras são os comunistas e os judeus. Eles que cavem para si. Seu poder está chegando ao fim e não trabalharemos para vocês.”[61]

Mas, entre camaradas tão relutantes, um núcleo suficiente de patriotas e de combatentes resistiu e repeliu os invasores. No fim de novembro, o avanço alemão se exaurira. “O Führer assumiu o comando pessoalmente”,[62] escreveu Kurt Grumann, “mas nossas tropas andam por aí como se estivessem condenadas. Nossos soldados atacam o solo congelado, mas os golpes mais pesados arrancam apenas terra suficiente para encher as unhas. Nossa força diminui a cada dia.” O diretor de Intendência Eduard Wagner disse: “Estamos no final de nossas reservas de pessoal e de material bélico.” A escassez de combustíveis era tão crítica para os alemães que sua marinha estava praticamente imobilizada. O sistema de suprimentos do exército se esforçava para dar suporte aos soldados avançados a 480 quilômetros além dos depósitos provisórios em Smolensk. Uma piada de humor negro corria nos círculos oficiais alemães: “Campanha do leste prorrogada por um mês devido ao grande sucesso.”[63]

• • •

Em Berlim, em 28 de novembro, uma conferência entre industriais presidida pelo chefe supremo de material bélico Fritz Todt chegou a uma conclusão arrasadora: já não era possível ganhar a guerra contra a Rússia. Não tendo obtido uma vitória rápida, a Alemanha carecia de recursos para prevalecer num conflito prolongado. No dia seguinte, Todt e o chefe de produção de tanques Walter Rohland se encontraram com Hitler. Rohland afirmou que, quando os Estados Unidos entrassem na guerra, seria impossível competir com a força industrial dos Aliados. Todt, apesar de ser um nazista ardoroso, disse: “Esta guerra já não pode ser vencida por meios militares.” Hitler exigiu uma resposta: “E como terminarei a guerra?” Todt respondeu que somente um desenlace político seria viável. Hitler rejeitou a sugestão. Preferiu convencer-se de que a entrada iminente do Japão no Eixo alteraria o equilíbrio de forças a favor da Alemanha. Mas o diário do chefe do estado-maior do exército Franz Halder registra, em novembro, outros comentários de Hitler reconhecendo que não era plausível o triunfo absoluto. Durante o resto da guerra, os responsáveis pelo planejamento econômico e industrial da Alemanha trabalharam sabendo que o êxito estratégico era inalcançável. Em dezembro de 1941, eles esboçaram uma proposta de plano intitulada “Os requisitos da vitória”. Ali se concluía que o Reich precisava comprometer o equivalente a 150 bilhões de dólares para a fabricação de armas nos dois anos seguintes, mas tal soma excedia os gastos alemães com material bélico em todo o conflito. Por mais bravura que a Wehrmacht demonstrasse em combate, o país não tinha meios para ganhar; o máximo a que poderia aspirar era forçar os inimigos a parlamentar, juntos ou separadamente.

Muitos meses se passaram antes que os Aliados vissem que a maré da guerra virara. Em 1942, o Eixo teria êxitos espetaculares. Contudo, é uma realidade histórica crucial que altos funcionários do Terceiro Reich se deram conta, já em dezembro de 1941, de que a

vitória militar se tornara impossível, porque a Rússia não fora derrotada. Depois, alguns alimentaram a esperança de que a Alemanha pudesse negociar uma paz aceitável. Mas eles, e talvez Hitler, nos recessos mais íntimos de sua mente, sabiam que o momento estratégico decisivo ficara para trás. O general Alfred Jodl, o mais próximo e leal conselheiro militar do Führer, disse, em 1945, que seu chefe compreendera, em dezembro de 1941, que "a vitória já não poderia ser alcançada". A conclusão não significava, é claro, que Hitler se sentisse confortável com a derrota alemã: em vez disso, ele agora previa uma guerra prolongada, que exporia as divisões fundamentais entre a União Soviética e as democracias ocidentais. Sua intenção era alcançar êxitos suficientes no campo de batalha para forçar os inimigos a propor termos aceitáveis, esperança a que se agarrou até abril de 1945. Em vista dos mórbidos e persistentes temores das potências ocidentais e russa de que um deles buscasse a paz separadamente, Hitler especulava de forma um pouco menos fantástica do que podia parecer. Somente o tempo mostraria que a luta estava destinada a seguir até o fim e que a ruptura que o ditador previa entre o Ocidente e a União Soviética de fato chegaria, porém tarde demais para salvar o Terceiro Reich.

7
Moscou salva, Leningrado faminta

Quem lutou na guerra viu o momento de virada ocorrer no final de 1942, quando os avanços japoneses no Pacífico foram contidos e os alemães foram freados em Stalingrado e no Norte da África. Por meses antes desses acontecimentos, os países aliados sofreram um regime quase contínuo de más notícias, que a entrada dos Estados Unidos no conflito não pôde reverter. Konstantin Rokossovsky, o mais glamouroso e um dos mais formidáveis entre os generais de Stalin, comandava o XVI Exército ao norte de Moscou. Em meados de novembro, ele declarou a um repórter: "Logo os alemães começarão a se desgastar e chegará o momento: estaremos em Berlim."[1] Tempos depois, suas palavras pareceriam proféticas, mas, naquela época, poucas pessoas no mundo compreendiam a gravidade da situação da Wehrmacht na Rússia: o fato de que alguns dos conselheiros mais próximos de Hitler já acreditavam que sua tentativa de dominação global estava condenada.

Forças alemãs ainda avançavam para o norte e o sul de Moscou, mas perdendo ímpeto. Em 17 de novembro, uma divisão da Wehrmacht desfez-se e fugiu em face de um ataque dos novos tanques soviéticos T-34. Novos exércitos russos entravam na campanha; os invasores tinham menos blindados, combustível, soldados e fé. Um jovem oficial das SS escreveu: "Aproximamo-nos de nosso objetivo final, Moscou, passo a passo. Os dias são gelados (...) Para ligar o motor [das viaturas], é preciso esquentá-los acendendo uma fogueira sob o coletor de óleo. O combustível está parcialmente congelado, o óleo do motor está espesso e falta anticongelante (...) A limitada força de combate restante nas tropas diminui mais ainda com a exposição contínua ao frio (...) As armas automáticas (...) geralmente falham porque a culatra não se move."[2] Se alguém cuspia, a mistura congelava antes de atingir o chão. Um único regimento relatou 315 casos de ulceração por congelamento. Em 3 de dezembro, Hoepner, comandante do 4º Grupo Panzer, informou: "O poder ofensivo do exército *chegou ao fim*. Motivos: excesso de esforço físico e moral, perda de grande número de comandantes, equipamento de inverno inadequado (...) O alto-comando precisa decidir se é o caso de retirada."

Repetidas vezes os alemães se atiraram contra posições russas — e repetidas vezes foram rechaçados. Georgy Osadchinsky viu um grupo de tanques alemães e a infantaria de apoio se movimentarem confusamente diante de um talude de estrada de ferro que não conseguiam ultrapassar enquanto canhões soviéticos faziam uma devastação. Um tanque após o outro pegava fogo, e os sobreviventes começaram a recuar. Ele viu um soldado alemão debater-se na neve, sobre as mãos e as pernas, enquanto outros se atropelavam em direção à sua linha. "Alívio e felicidade espalharam-se por nossas fileiras",[3] escreveu Osadchinsky. "Os alemães, naquele momento, não pareciam tão terríveis, podiam ser derrotados." As táticas russas ainda eram fatalmente desajeitadas, baseando-se em ataques frontais, como exigido por Stalin: um deles, contra o flanco do IX Exército alemão, resultou na morte de dois mil homens e cavalos da divisão de cavalaria. A liderança tática era fraca, as tropas eram mal treinadas; Rokossovsky criticou severamente a insistência de

Zhukov na doutrina de “não retirada” imposta pelo Kremlin. O sangue russo escorreu na neve em quantidades inimagináveis.

Contudo, os comandantes alemães ainda subestimavam seus inimigos. Um relatório da inteligência do exército, em 4 de dezembro, concluiu que, “no momento, os inimigos diante do Grupo de Exércitos do Centro não são capazes de conduzir uma contraofensiva sem reservas significativas”. Eles não sabiam que Zhukov fora reforçado por nove novos exércitos e 27 divisões e que mais unidades de cavalaria haviam sido formadas, que podiam movimentar-se onde veículos não chegavam. Os invasores estavam a apenas quarenta quilômetros do Kremlin, com soldados avançados localizados a 15 quilômetros dos arredores da capital. Mas, após sofrer duzentas mil mortes desde o início da operação Tufão, os alemães haviam usado todas as suas reservas.

Em 5 de dezembro, os russos lançaram um pesado ataque, que surpreendeu os alemães quase literalmente congelados em suas posições. O Stavka havia esperado a ajuda do “general Inverno”. O termômetro desabou para trinta graus negativos, portanto os lubrificantes alemães endureciam enquanto as armas e os tanques russos ainda funcionavam — o T-34 tinha uma ignição por ar comprimido, imune ao congelamento. Um estupefato soldado de infantaria chamado Albrecht Linsen descreveu a resposta de sua unidade ao ataque soviético: “Pela tempestade de neve, soldados corriam, espalhando-se em todas as direções, como um rebanho de animais em pânico. Um único oficial enfrentou essa massa desesperada; ele gesticulava e tentou sacar a pistola, mas depois simplesmente aceitou a situação. O comandante de nosso pelotão sequer tentou deter alguém. Parei, pensando no que fazer; houve uma explosão perto de mim e senti uma dor queimando minha coxa direita (...) Pensei: ‘Vou morrer aqui, com 21 anos, na neve diante de Moscou.’”[4]

Os russos atacaram esmagadoramente as saliências alemãs expostas ao norte e ao sul de Moscou, seguindo depois para oeste. O impensável se tornou realidade: a invencível Wehrmacht começou a retirada. “Sempre que saíamos de uma aldeia, incendiávamos o lugar”,[5] escreveu o tenente Gustav Schrodek. “É uma forma primitiva de autodefesa, que fez os russos nos odiarem. Ainda assim, sua sinistra lógica militar é clara: negar aos adversários que nos perseguem abrigo no frio terrível.” O tenente Kurt Grumann escreveu, num posto de triagem de feridos de campanha: “Oitenta homens foram trazidos para cá hoje, metade com ulcerações por congelamento de segundo ou de terceiro grau. Suas pernas inchadas estão cobertas de bolhas e nem parecem membros, mas uma massa informe. Em alguns casos, a gangrena já se espalhou. Para que tudo isso?”[6] Muitos tanques e viaturas eram abandonados, presos na neve e no gelo. “O fantasma da *Grande Armée* napoleônica paira cada vez mais forte sobre nós, como um espírito maligno”, escreveu o artilheiro Josef Deck.

Durante dez dias, a Wehrmacht cambaleou por um vasto ermo branco, marcado por cadáveres amontoados e por carcaças abandonadas das viaturas carbonizadas. A maioria dos comandantes alemães defendia uma grande retirada. Hitler, demonstrando uma obstinação que espelhava Stalin, exigia, ao contrário, “resistência fanática”. O ardoroso general nazista Walther Model desempenhou um papel de herói na estabilização da linha de combate. Stalin, contrariando o veemente conselho de Zhukov, insistiu em estender as operações. Em 5 de janeiro, ordenou uma contraofensiva em toda a extensão da frente de batalha. Mais uma vez, seguindo o exemplo de Hitler ao desprezar a oportunidade de

concentrar forças contra o ponto fraco na linha alemã, Stalin desperdiçou a possibilidade de uma grande vitória; Rokossovsky apresentaria mais tarde, com desdém, um catálogo dos graves erros cometidos e das oportunidades perdidas. Os alemães ainda resistiam com ferocidade, ceifando atacantes às dezenas de milhares. As reservas soviéticas foram exauridas em pouco tempo, e seu avanço perdeu a impulsão. Model recuperou parte do terreno perdido, e as esperanças de Zhukov sobre cercar o Grupo de Exércitos do Centro se frustraram. Mas a realidade decisiva persistiu: os invasores foram forçados a recuar de noventa a 240 quilômetros. Os russos retiveram Moscou.

• • •

Enquanto a sorte da capital da Rússia era decidida, a oeste desenrolava-se um drama paralelo, de magnitude quase igual e englobando sofrimento humano ainda maior. Do noroeste e do sul, no outono de 1941, forças do Eixo fecharam o cerco à antiga capital da Rússia, Leningrado. A operação Barbarossa convenceu os finlandeses a se vingarem de sua derrota em 1940: em junho de 1941, o exército finlandês, reequipado por Hitler, juntou-se ao ataque à União Soviética. Tropas alemãs arremeteram desde o norte da Noruega para alcançar posições num raio de 48 quilômetros ao redor de Murmansk. Os finlandeses não demonstraram entusiasmo por avançar muito além de sua fronteira de 1939, mas, em 15 de setembro, com sua ajuda, os alemães completaram o envolvimento de Leningrado. O cerco à cidade — a São Petersburgo dos czares, com suas avenidas elegantes, seus palácios barrocos e seus cais para o mar — tornou-se um épico que se estendeu por mais de dois anos. O ataque adquiriu um caráter único por seu horror e custou aos seus defensores e cidadãos mais vidas do que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, juntos, perderam em toda a guerra.

Antes que a batalha começasse, comandantes soviéticos previam um assalto direto. Dezenas de milhares de civis cavaram locais onde se proteger sob fogo de artilharia; granadas desabavam sobre eles "metodicamente, precisamente",[7] nas palavras de um veterano. "Nossos soldados corriam de seus abrigos subterrâneos, segurando crianças e mulheres para tirá-las da estrada e da linha de fogo (...) Uma bomba incendiária caiu. Uma manada de vacas, assustadas pelo asfalto em chamas, correu, levantando com as patas uma imensa nuvem de pó. Depois, os animais aterrorizados dispararam rumo a um campo minado." Algumas crianças foram tardiamente evacuadas da cidade justamente pelo trajeto em que vinham os alemães: mais de duas mil delas pereceram num ataque da Luftwaffe a um trem carregado de fugitivos, em Lychkovo.

As credenciais do velho e grisalho general bolchevista Kliment Voroshilov, encarregado da defesa de Leningrado, baseavam-se unicamente em sua lealdade a Stalin; ele desprezava soldados profissionais e não entendia nada sobre ciência militar. Moscou despachou um grande comboio de alimentos para a cidade, mas Voroshilov decidiu que admitir uma necessidade de suprimentos seria sinal de derrotismo. Ele desviou as provisões para outra parte e lançou ataques imediatos contra os alemães, que resultaram apenas em mortandade. O tenente Yushkevich, desesperado, escreveu como última anotação em seu diário antes de ser morto: "Nossos soldados recebem apenas fuzis velhos, e temos um número pateticamente pequeno de metralhadoras. Também não temos granadas. Não há profissionais de saúde! Isso não é uma unidade militar — somos

apenas bucha de canhão."[8] Descreveu seus homens "sendo caçados no mato como animais (...) tiros constantes — tanques Panzer em toda parte".

Em 8 de setembro, completado o envolvimento de Leningrado, o cerco se iniciou oficialmente. No dia seguinte, Stalin despachou Zhukov para substituir Voroshilov. Sua chegada inesperada, num avião pequeno, produziu uma cena de comédia: durante quinze minutos, guardas no quartel-general da *frente*,* instalado ao lado do Instituto Smolny, recusaram-se a permitir sua entrada, por falta de passe. "Ora, isso é o exército", comentaria Zhukov mais tarde, sem dar muita importância, tendo sido, provavelmente, menos filosófico no momento. Voroshilov, que retornou para Moscou no avião, ousou acusar Stalin pessoalmente, berrando: "A culpa é sua! Foi você quem aniquilou a velha guarda do exército; você matou nossos melhores generais!"[9] Quando Stalin objetou, o velho revolucionário pegou uma bandeja que carregava um leitão assado e arrebentou-a na mesa. Voroshilov teve sorte por escapar do pelotão de fuzilamento.

Zhukov reorganizou a defesa de Leningrado, revogando a ordem de Voroshilov sobre afundar o que restava da frota do Báltico no porto; nos anos seguintes, os canhões dos navios de guerra ofereceram apoio fundamental às forças terrestres. O general lançou uma série de investidas contra os alemães, que culminaram em 17 de setembro, custaram milhares de vidas e fracassaram sob devastador fogo de artilharia. Um oficial fuzileiro naval, Nikolai Vavin, descreveu uma tentativa de reforçar a fortaleza da ilha de Oreshek, no lago Ladoga: "Nossos rapazes não tiveram a menor chance. Os alemães, no ar, rapidamente nos localizaram — e houve uma execução em massa. Os aviões do inimigo nos bombardearam e depois nos metralharam. De meu grupo de desembarque, com duzentos homens, somente quatorze alcançaram o litoral."[10] Diante dos protestos de seus oficiais sobre a inutilidade dessas tentativas, vindos especialmente da cabeça de ponte em Nevsky, na margem direita do rio Neva, Zhukov manteve-se implacável: "Eu disse 'atacar'!" As baixas aumentavam enquanto havia pouquíssimas instalações médicas para os feridos. Zhukov colocou unidades de bloqueio — *zagradotryady* — atrás da linha de frente, para atirarem em seus próprios homens que tentassem fugir, prática que seria institucionalizada no Exército Vermelho. Alto-falantes de propaganda alemã insultavam os malfadados atacantes no campo de batalha: "É hora de voltarem aos seus pontos de extermínio — enterraremos vocês nas margens do Neva." Então, a barragem seguinte desabou sobre as tropas soviéticas que andavam de um lado para outro, desamparadamente.

Por semanas, os russos mantiveram-se alheios ao fato de que os alemães não tinham intenção de atacar Leningrado nem de aceitar sua rendição. Zhukov ganhou prestígio aos olhos de Stalin como salvador da cidade, fundado na incapacidade do ditador em compreender que não fora um ataque sério. Num momento de fantasia, oficiais do estado-maior em Berlim discutiram a possibilidade de um gesto de propaganda convidando os Estados Unidos a aceitarem 2,5 milhões de habitantes da capital de Pedro, o Grande, como refugiados. Em vez disso, Hitler preparou-se para matá-los de fome. O professor Ernst Ziegelmeyer, do Instituto de Nutrição de Munique — um dos muitos cientistas que deram conselhos diabólicos aos nazistas —, foi consultado sobre os aspectos práticos. Ele concordou que não havia necessidade de uma batalha; seria impossível que os russos fornecessem aos seus cidadãos sitiados mais de 250 gramas de

pão por dia, ração insuficiente para sustentar a vida humana por tempo prolongado: "Não vale a pena arriscar a vida de nossos soldados. Os habitantes de Leningrado morrerão de qualquer jeito. É essencial não permitir que uma única pessoa atravesse nossa linha de combate. Quanto maior o número dos que permanecerem na cidade, mais cedo todos morrerão, e entraremos na cidade sem problemas e sem perder um único soldado alemão."[11]

Hitler declarou: "Petersburgo — o ninho venenoso de onde, por tanto tempo, o veneno asiático espalhou-se pelo Báltico — deve desaparecer da face da terra. A cidade já está isolada. Resta-nos somente bombardeá-la, destruir suas fontes de água e de eletricidade e negar à população tudo de que precisa para sobreviver." O primeiro grande ataque da Luftwaffe a Leningrado destruiu os armazéns à beira d'água em Badaev, que guardavam a maior parte dos estoques de alimento da cidade; açúcar derretido escorreu pela rua vizinha, e incêndios arderam durante dias. Os cidadãos não demoraram a compreender a situação. Uma mulher chamada Elena Skryabina escreveu em seu diário: "Aproximamo-nos do grande horror (...) Todos estão preocupados com um único pensamento: onde conseguir algo para não morrer de fome. Retornamos aos tempos pré-históricos. A vida foi reduzida a uma coisa: caçar alimento."[12]

Um correspondente do *Pravda*, Lazar Brontman, contou, em seu diário, como os moradores preparavam sopa e pão com capim. Quando essa comida foi aceita como norma, disse ele, "bolos de capim encontraram seu preço no mercado".[13] Um fósforo custava um rublo, o que levou muitas pessoas a acenderem seus gravetos com lentes de aumento sob o sol. Um dos amigos escritores de Brontman era excêntrico o bastante para agarrar-se ao seu cachorro, "provavelmente o último mascote ainda vivo em Leningrado". Bicicletas eram o único meio de transporte civil. Como o abastecimento de água dependia de hidrantes, mulheres lavavam as roupas na rua enquanto viaturas militares passavam entre elas, acenando. Qualquer vestígio de terreno baldio era utilizado para o cultivo de hortaliças, e cada lote, marcado com o nome do dono. Era desesperadoramente difícil encontrar combustível, porque a cidade foi cercada antes que os moradores fizessem sua peregrinação anual para buscar lenha nas florestas dos arredores.

Os alemães removeram seus tanques para reforçar operações ao sul. Os sitiadores, menos numerosos do que os defensores russos, entrincheiraram-se em casamatas e espaldões de artilharia durante o inverno. Qualquer movimento em direção às suas linhas, por soldados em ataque ou civis em fuga, era reprimido por fogo aniquilador de artilharia, morteiros e metralhadoras. O capitão soviético Vasily Khoroshavin, comandante de bateria, de 36 anos, escreveu para sua mulher, em 25 de outubro: "Recebi uma carta sua e não posso descrever a alegria que senti. Hoje é o sexto dia que passo na adega de uma loja onde só é possível chegar rastejando. Sento-me aqui, dirigindo os tiros, enquanto minas e granadas explodem ao redor, sacudindo a terra. É impossível sair para buscar água. Chá quente é nosso maior luxo, e trazem-nos rações à noite. Ontem, uma granada explodiu entre um soldado de reconhecimento e eu, esfrangalhando a cauda de meu casacão de inverno. Não fui ferido, a não ser pelo kit da máscara contra gases, que me atingiu a cabeça."[14] Khoroshavin teve menos sorte três meses depois, quando outra salva alemã o matou.

"Todos os nossos soldados na linha de frente parecem fantasmas — emaciados pela fome e pelo frio",[15] escreveu um deles, Stepan Kuznetsov. "Estão esfarrapados, imundos e muito, muito famintos." Depois, a saga de Leningrado centrou-se não no campo de batalha, mas na luta pela sobrevivência de seus habitantes, perdida por muitos. A artilharia bombardeava a cidade diariamente, nos horários em que era maior a probabilidade de alvejar vítimas fora de casa: de 8 às 9 horas, de 11 horas ao meio-dia, de 17 às 18 horas e de 20 às 21 horas. A ração de pão para civis era menor do que o nível que o criminoso professor Ziegelemeyer julgava necessária para a existência: ao menos cem toneladas de provisões precisavam chegar diariamente à cidade pelo lago Ladoga, e havia um déficit habitual: em 30 de novembro, por exemplo, apenas 61 toneladas passaram. Pães eram assados com grãos bolorentos resgatados de um navio afundado no porto, com os bagaços de sementes de algodão, com ração para cavalos e com celulose, sacos de farinha e alimentos varridos do chão e ainda "comestíveis".

Em outubro e novembro, as condições pioraram constantemente: canhões e bombardeiros alemães castigavam ruas, escolas, prédios públicos e hospitais. Para um número incalculável de cidadãos, a morte por inanição parecia inescapável: passou-se a ferver papel de parede para extrair sua cola e a cozinhar e mastigar couro. Conforme o escorbuto se tornava endêmico, produzia-se um extrato de pinho a partir de agulhas de pinheiro para se obter vitamina C. Houve uma epidemia de roubos de cartões de racionamento — o dinheiro tornara-se supérfluo. Pombos desapareceram das praças, caçados como alimento, assim como corvos e gaivotas; depois, ratazanas e animais de estimação. Numa academia de artes, o velho professor Yan Shabolsky chamou sua aluna mais brilhante, Elena Martilla, de dezoito anos. "Lena",[16] disse ele, "as coisas estão ficando muito ruins. Não espero sobreviver. Mas alguém precisa registrar o que está acontecendo. Você faz retratos, portanto faça retratos do povo de Leningrado sob o cerco — retratos honestos, mostrando como sofrem nessas circunstâncias diabólicas. Precisamos preservar isso para a humanidade. As gerações vindouras precisam ser alertadas sobre o horror absoluto da guerra."

Elena Martilla passou a percorrer as ruas, fazendo esboços tão rápidos quanto o frio e a fraqueza lhe permitiam de rostos esticados, exaustos, encovados e vazios em consequência de uma escala de privações que nenhuma outra civilização da Europa moderna havia conhecido. Ela notou que muitos adultos reagiam fechando-se emocionalmente, tornando-se passivos e retraídos, parecendo sonambúlicos. As crianças, porém, ficavam estranhamente alertas: um menino fez, aos seus amedrontados companheiros adultos num abrigo, um comentário vívido e espirituoso sobre um ataque da Luftwaffe. Escreveu ela: "Era como se aquele menino houvesse envelhecido cinquenta anos em cinquenta dias — seu rosto parecia tão velho, e, através desse envelhecimento forçado, senti que lhe roubaram a inocência da infância. Era assustador ouvir sua curiosidade natural presa à medonha maquinaria da guerra (...) Examinei seu rosto com mais atenção e vi nele uma peculiar sabedoria. O que vislumbrei, naquele momento, me chocou: percebi que uma criança podia parecer um sábio ancião. Na agonia que sofríamos, algo extraordinário havia, por um instante, adquirido vida."[17]

A maioria dos habitantes de Leningrado, privada de eletricidade, de aquecimento, de luz e de empregos, levava uma vida hibernal no meio da neve e dos entulhos que se acumulavam; suas vidas e seus processos metabólicos desaceleraram, como um velho

gramofone que perde a voz. No prédio de Svetlana Magaeva, uma velha senhora chamada Kamilla enfraquecia a cada dia, ainda que os vizinhos queimassem móveis em seu aquecedor para manter nela uma centelha de vida.[18] Certa manhã, ela se levantou da cama e mergulhou numa busca frenética em todos os armários e fendas à procura de alimento. Frustrada, tirou pratos do armário e jogou-os no chão, um a um. Depois, ajoelhou-se para buscar migalhas de pão entre os cacos. Pouco depois, Kamilla morreu.

Em dezembro, a temperatura caíra para trinta graus negativos, e a inanição matava dezenas de milhares. A ração de pão encolhera para 125 gramas. Alguns profissionais continuavam seu trabalho mecanicamente: no instituto zoológico da cidade, Axel Reichardt, de cinquenta anos, especialista em besouros, trabalhou em sua obra-prima *A fauna da União Soviética* até ser encontrado morto num colchão em seu escritório. Sasha Abramov, um ator do Teatro de Musical e Comédia, cujo elenco estava à beira da incapacidade de andar até o teatro e se apresentar, morreu durante um intervalo, caracterizado como um dos três mosqueteiros de Dumas. Elena Skryabina escreveu: "As pessoas estão tão debilitadas pela fome que ficam completamente indiferentes à morte; morrem como se caíssem no sono. Os semimortos que ainda estão por aí não prestam a mínima atenção nelas."[19] Corpos rígidos ficavam estirados nas ruas até serem empilhados pelos trenós que os jogavam nas crateras abertas pelas bombas. Os serviços de inteligência alemães monitoravam a agonia da cidade com fascínio clínico, calculando que, em três meses, duzentas mil pessoas haviam morrido.

Contudo, os privilegiados livraram-se de grande parte do sofrimento. Zhukov foi chamado a Moscou quando ficou claro que não haveria batalha, deixando Leningrado nas mãos de funcionários do partido, que se alimentaram prodigiosamente durante todo o cerco. Tornou-se uma característica da guerra na Rússia a persistência da corrupção e dos privilégios enquanto dezenas de milhões passavam fome e morriam. Alguns funcionários foram retirados por via aérea, como também o mais famoso morador da cidade, o compositor Dmitry Shostakovich, que completou em outro lugar sua Sétima Sinfonia "Leningrado", que se tornaria símbolo da experiência. Para os dignitários que ficaram, pão, açúcar, almôndegas e outros alimentos cozidos mantiveram-se disponíveis numa cantina no Instituto Smolny, com acesso a um cinema privado aquecido. Circulavam boatos sobre o cinismo e os privilégios descarados do partido: um panfletista anônimo, que se identificava como "O Rebelde", imprimiu um folheto encontrado nas ruas: "Cidadãos, abaixo o regime que nos deixa morrer de fome! Somos roubados pelos canalhas que nos enganam, que estocam alimentos e nos deixam com fome. Vamos às autoridades distritais exigir mais pão. Abaixo nossos líderes!" O NKVD se esforçou bastante para identificar "O Rebelde" e, em dezembro de 1942, arrancou uma confissão de um operário de cinquenta anos chamado Sergei Luzhkov, mandado para seu inevitável destino diante de um pelotão de fuzilamento.

No fim de 1941, o congelamento do lago Ladoga abriu uma ligação mais resistente com o mundo exterior: a legendária estrada de gelo de seis faixas, construída por trinta mil trabalhadores civis. Quatro mil caminhões logo transitavam por essa "Estrada da Vida", mas pouco das provisões — inicialmente setecentas toneladas por dia — chegava aos cidadãos comuns. Por ordem de Stalin, lançou-se um novo ataque para romper o cerco alemão, que fracassou, tendo as pesadas perdas de costume. Um operador de rádio na frente Volkhov, a leste da cidade, Nikolai Nikulin, escreveu: "Aprendi como era realmente

a guerra. Eu estava sentado em meu buraco gelado, numa noite calma, incapaz de dormir por causa do frio, coçando o corpo infestado de piolhos e chorando de fraqueza e miséria (...) Num abrigo alemão cavado na terra, vazio, encontrei algumas batatas, que o frio congelara em pedras, fiz uma fogueira e cozinhei-as em meu capacete. Com alimento no estômago, animei-me. Comecei a mudar depois daquela noite, desenvolvendo mecanismos de defesa, um instinto de preservação, perseverança. Aprendi a encontrar gororoba (...) Um dia, um cavalo que puxava um trenó perto de nós foi morto por uma granada. Vinte minutos depois, pouco sobrava dele além da crina e das tripas, porque espertinhos como eu o desmembraram. O condutor sequer havia se recuperado do choque — ficou sentado no trenó, segurando as rédeas."[20] Vinte divisões foram destruídas em tentativas de libertar Leningrado; seu único êxito significativo foi a recaptura do entroncamento de Tikhvin, a nordeste, em 9 de dezembro, que possibilitou o transporte de provisões para uma estação distribuidora ainda distante da cidade.

A fome extrema persistia: em 13 de janeiro, após horas de espera na neve, Elena Kochina coletara sua lamentável ração quando um homem, atrás dela na fila, tomou-lhe o pão, enfiou-o na boca e tentou engolir. Cega de raiva, sua mãe, desesperada, virou-se e jogou-se em cima dele: "Ele caiu no chão, eu caí com ele. Deitado de costas, ele tentou enfiar todo o pedaço de pão na boca. Com uma mão, agarrei-o pelo nariz, puxando-o para o lado. Com a outra, tentei rasgar o pão dentro de sua boca. O homem resistiu, mas com cada vez menos força. Finalmente, consegui recuperar tudo o que ele não conseguiu engolir. As pessoas assistiam à luta, caladas."[21]

Lidiya Okhapkina teve seus cartões de racionamento roubados, falta de sorte que fazia com que a morte iminente ameaçasse sua pequena família, tão ínfima era a margem de sobrevivência.[22] Naquela noite, pela primeira vez, a mulher, em desespero, caiu de joelhos e rezou para a divindade cuja existência o regime de Stalin negava: "Ó, Deus, tende piedade de meus filhos inocentes." Na manhã seguinte, alguém bateu à porta. Ela abriu. Um soldado do Exército Vermelho, que ela jamais vira, entregou-lhe, da parte de seu marido, que lutava a centenas de quilômetros de distância, um quilo de semolina, um quilo de arroz e dois pacotes de biscoitos. Essa se provou a diferença entre a vida e a morte para sua família. Outros tiveram menos sorte. Nos primeiros dez dias de janeiro, o NKVD relatou 42 casos de canibalismo: cadáveres eram encontrados com coxas e seios arrancados. Pior, pessoas fracas ficaram vulneráveis a assassinatos, não pelos poucos bens que possuíam, mas por sua carne. Em 4 de fevereiro, um homem em visita a um escritório da milícia informou ter visto doze mulheres presas por canibalismo, o que elas não negavam. "Uma mulher, totalmente acabada e desesperada, disse que, quando o marido morreu de cansaço e por falta de alimento, ela cortou-lhe um pedaço da perna para alimentar a si mesma e aos filhos."[23] As prisioneiras choravam, sabendo que seriam executadas.

Em fevereiro, o pior mês durante o cerco, vinte mil pessoas morriam por dia, segundo relatos; entre a população debilitada, a disenteria tornou-se assassina. Nas ruas, as pessoas formavam filas para coletar água nas torneiras, e incêndios ardiam sem que houvesse recursos para apagá-los. O Teatro de Comédia Musical fechou; os estoques de caixões acabaram. Muitos que ainda tinham energia para ler voltaram-se para *Guerra e paz*, o único livro que parecia capaz de explicar sua agonia. Aqueles que sobreviveram não

tinham apenas uma determinação excepcional, mas dedicação à rotina: lavavam-se, comiam em pratos e até continuavam os estudos. As autoridades consideraram transferir civis, em caminhões que rodavam vazios, até um lugar seguro, pelo lago Ladoga. Algumas mães e bebês de fato viajaram e com frequência morreram no caminho; mas Stalin rejeitou uma evacuação maciça, por questões de prestígio. As aflições de Leningrado transformaram-se numa demonstração de força moral que somente uma tirania poderia ter imposto e que provavelmente apenas os russos poderiam suportar.

• • •

Britânicos e americanos temeram a derrota soviética até o final de 1942: demoraram a compreender as perdas e as misérias dos invasores. Perto do fim de 1941, dois milhões de soldados alemães, com túnicas forradas com jornal e palha para compensar a falta de roupas adequadas, achavam-se em situação quase tão difícil quanto o povo russo. Hans-Jürgen Hartmann escreveu em Kharkov: "Pergunto-me como será este Natal. Sempre excluo a guerra de minha imaginação ou pelo menos a afasto o máximo possível. Reuni palavras especiais para a ocasião. Natal, pátria, anseios, alegria e esperança. Mas essas palavras, sempre sinceras e sentidas, tornaram-se, para mim, cada vez mais estranhas e valiosas. Evocam qualquer coisa eterna, preciosa e, apesar disso, nas condições da Frente Oriental, parecem quase inacreditáveis (...) Como esta guerra está se tornando brutal. Agora é uma guerra total, uma guerra contra mulheres, crianças e idosos — e esse é o maior horror."[24]

Franz Peters e alguns camaradas entraram numa igreja de uma pequena cidade; os comunistas haviam arrancado o altar, mas os alemães reuniram-se ao redor do buraco deixado por ele e entoaram cânticos. "Eu nunca ouvira 'Noite Feliz' cantada com tanto fervor (...) Muitos choraram."[25] Karl-Gottfried Vierkom leu em voz alta para os camaradas um cartão enviado por sua mãe, na Alemanha: "Quando terminei, houve silêncio absoluto. Longe deste terrível desastre — que ninguém imaginava possível quando entramos na Rússia —, ainda existiam outras coisas. Ainda havia um Natal em algum lugar, onde pessoas trocavam presentes pacificamente, reunidas em volta da árvore, e iam à Missa do Galo?"[26]

Em Berlim, não havia lugar para tais sentimentalismos, que, de qualquer forma, eram grotescos quando a barbárie sistemática era perpetrada na Rússia pelos mesmos soldados alemães que entoavam cânticos de Natal e acalentavam sentimentos de autopiedade. Hitler, furioso pelo rechaço em Moscou, substituiu pessoalmente Walther von Brauchitsch como comandante em chefe do exército. Ele repetiu para Model suas injunções draconianas sobre não ceder terreno. O general Hoepner, um dos muitos defensores de um desengajamento estratégico, escreveu: "Custa muito caro aos nervos lutar contra o inimigo e contra o próprio comandante supremo ao mesmo tempo."[27] Poucos dias depois, Hoepner juntou-se a uma longa lista de comandantes no leste, como Rundstedt e Guderian, demitidos por suposta falta de coragem.

Model, um rude general e dedicado nazista, enfrentou a ameaça de desastre com energia e êxito. Na metade de janeiro, os soviéticos já não conquistavam terreno; no dia 21, para a incredulidade de seus desmoralizados oficiais, Model lançou um contragolpe

no flanco russo a oeste de Moscou. Seu estado-maior perguntou quais reforços ele poderia empregar. "Eu!", declarou Model, incapaz de conter-se — e isso bastou. Em toda parte, ele improvisava, movendo-se de unidade em unidade, geralmente debaixo de tiros, insistindo que os comandantes locais aguentassem firme e, depois, contra-atacassem. Recursos desesperados foram utilizados para que as tropas continuassem lutando em temperaturas de quarenta graus negativos: estabeleceram-se abrigos aquecidos para a recuperação entre as poucas horas de atividade que um soldado podia aguentar; "cabanas na neve" foram construídas para proteger e aquecer motores de aviões durante a noite para que a Luftwaffe pudesse voar mais uma vez. Nos últimos dias de janeiro e nos primeiros de fevereiro, as tropas de Model infligiram rechaços repetidos e pesadas baixas aos russos que ainda tentavam avançar pelo saliente de Rzhev.

Horrores afligiam ambos os lados. O correspondente de guerra Vasily Grossman encontrou um camponês que carregava um saco com pernas humanas congeladas, com a intenção de descongelá-las num forno para remover as botas. Fritz Langkanke, da divisão SS *Das Reich*, contou que um russo morto, enrijecido pelo frio, prendeu-se às rodas de seu blindado: "Peguei um serrote, enfiei-me debaixo do carro e comecei a serrar seus braços. Enquanto serrava, nossos rostos se aproximaram, e, com o movimento da serra, ele se mexeu. O horror me paralisou. Era por causa da ação do serrote, mas me pareceu, por um momento, que ele sacudia a cabeça para mim."[28]

Wolf Dose, soldado alemão que supervisionava o trabalho de prisioneiros de guerra fora de Leningrado, descreveu com sombrio desapego o destino de um russo que caiu quando buscava lenha perto de um abrigo subterrâneo: "Ele ficou deitado na neve congelada por um tempo, a vinte graus negativos. De alguma forma, recuperou-se (...) e levantou-se. Mas o frio teve um efeito estranho. Ele se jogou [no abrigo] com vigor tão súbito que caiu em cima do fogão. E ficou lá, aturdido, queimando a pele. Alguém conseguiu tirá-lo e deitá-lo no chão. Sua cabeça repousava na lenha que havia colhido; a mão queimada soldara-se numa acha. Ele gemia sem se mexer."[29] Então, alguém o levantou. "Devido ao choque do movimento repentino, ele esvaziou o conteúdo dos intestinos nas calças, que se encheram e arrebentaram. Vi seu abdome magro e inchado coberto de sangue, excrementos e farrapos de roupa (...) Os olhos fitavam o vazio. O rosto tinha uma estranha tonalidade azul-esverdeada (...) Espera-se apenas que um tiro rápido ponha fim à sua miséria."

Homens em ambos os lados acostumaram-se a cenas parecidas, pois cada um estava totalmente preocupado com a própria salvação. Dose disse, com desdém: "A Rússia, um país cheio de crueldade, deve ser tratada com crueldade." O Exército Vermelho lutava para retomar a iniciativa, mas repetidas vezes era derrotado. O férreo profissionalismo da Wehrmacht continuava inabalável. O general Gotthard Heinrici afirmou que os russos repetiram o erro inicial dos alemães ao buscarem avançar com uma frente larga demais, e Zhukov concordou. É improvável que os russos tivessem força ou habilidade para infligir uma derrota absoluta aos alemães naquele inverno, qualquer que fosse o rumo tomado. Mas as intervenções desajeitadas de Stalin, comparáveis às de Hitler, destruíram essa possibilidade. O XXIX Exército soviético, isolado a oeste de Rzhev, combateu quase até o último homem. Não houve reprise das rendições em massa ocorridas no verão anterior, em grande parte porque os soldados de Zhukov sabiam o que os esperava se aceitassem o cativeiro. Os alemães afirmavam que 26 mil russos morreram na batalha de Rzhev, quase o

número de soldados que o exército da Grã-Bretanha perdeu em três anos de campanha no Norte da África. Provas do custo humano estavam em toda parte. “Conforme andávamos pela carnificina, os corpos enrijecidos pelo frio tiniam como porcelana”,[30] escreveu um oficial alemão admirado, Max Kuhnert. Contudo, os russos nunca lamentavam as perdas; o que importava para eles era que o front fora empurrado de volta a 280 quilômetros de Moscou. Entre 22 de junho de 1941 e 31 de janeiro de 1942, a Alemanha sofreu quase um milhão de baixas, mais de um quarto de todos os soldados originalmente empregados na operação Barbarossa. Durante o resto do inverno, os invasores se entrincheiraram para manter o terreno e reconstruir suas formações blindadas.

A doutrina da Blitzkrieg desenvolveu-se aos poucos durante as campanhas alemãs de 1939-1940 na Polônia e na França. Mas, em 1941, Hitler estava explicitamente empenhado em destruir a Rússia com uma “guerra-relâmpago”. Suas forças armadas e a economia da Alemanha careciam da força fundamental para conquistar qualquer outra coisa. O plano da Wehrmacht para a operação Barbarossa dependia, quase totalmente, de derrotar os exércitos de Stalin a oeste da linha dos rios Dnieper-Dvina. Quanto mais longe, no interior do país, se travassem combates intensos, mais graves eram as dificuldades logísticas para aprovisionar as tropas de Hitler, com poucas ferrovias e uma quantidade inadequada de caminhões, que consumiam precioso combustível. As batalhas mais importantes da campanha de 1940 na França ocorreram a poucas horas de carro da fronteira alemã; agora, ao contrário, a Wehrmacht estava envolvida numa luta a milhares de quilômetros de suas bases.

Poucos soldados do exército alemão sobreviventes ao inverno de 1941 vieram a recuperar a fé em seus líderes. Eles viam os soldados russos avançando em esquis e usando as roupas de frio acolchoadas que lhes faltavam; armas e viaturas alemãs congelavam, enquanto os equipamentos de seus inimigos funcionavam. Os soldados de Stalin jamais se igualaram à capacidade tática dos alemães: seus ataques dependiam de exploração coletiva e disposição para sacrificar vidas. Mas a artilharia soviética era formidável, e seus aviões, cada vez mais eficazes. O novo lançador múltiplo de foguetes, Katyusha, e o T-34, provavelmente o melhor tanque da guerra, espantaram os alemães e encorajaram os russos, ainda que homens dos dois lados tenham fugido, aterrorizados, quando os Katyusha foram usados pela primeira vez. Um oficial da Wehrmacht, Helmut von Harnack, escreveu: “O fato de não levarmos essa campanha à sua conclusão e tomarmos Moscou é um golpe violento contra nós. A incapacidade de prever o clima (...) é, claramente, uma razão importante. Mas a verdade é que subestimamos totalmente nosso adversário. Ele demonstrou uma força e uma resistência de que não o julgávamos capaz — a rigor, uma resistência maior do que a maioria de nós julgava humanamente possível.”[31]

A direção pessoal de Stalin nas campanhas de 1941 na Rússia infligiu desastres que, por vezes, pareciam irrecuperáveis. Sua recusa a ceder terreno foi responsável pela perda de muitos dos 3,35 milhões de soldados russos aprisionados pelos alemães naquele ano. Mas seu povo revelou uma vontade de lutar e uma disposição para morrer que pouco deviam à ideologia e muito às virtudes camponesas, a uma devoção visceral à Mãe Rússia e aos frutos da obrigatoriedade. O soldado Boris Baromykin descreveu a execução de um camarada de uma república da Ásia Central, acusado de se retirar de sua posição sem autorização: “O pobre sujeito estava parado a poucos metros de mim, mastigando

tranquilamente um pedaço de pão; falava apenas algumas palavras em russo e não tinha ideia do que se passava. Abruptamente, o major que presidia o tribunal militar leu em voz alta uma ordem, 'Deserção na linha de combate — Execução imediata', e matou-o com um tiro na cabeça. O sujeito caiu na minha frente. Foi horrível. Algo dentro de mim morreu quando vi aquilo."

Mas Baromykin, reconhecendo o caos de uma de suas retiradas "como um desesperado rebanho de vacas", acrescentou: "A única coisa que nos unia era o medo de que nossos comandantes nos matassem se tentássemos fugir."[32] Um soldado baleado por seus colegas quando tentava desertar rogou-lhes pragas enquanto jazia moribundo na terra. "Eles matarão muitos de vocês."[33] E, ao ver Nikolai Moskvin, o oficial de política da unidade. "E você, seu comissário sujo de sangue, eles vão enforcá-lo." Moskvin sacou seu revólver e liquidou o homem. Ele escreveu em seu diário: "Os rapazes compreenderam; uma morte de cão para um cão." Para desencorajar deserções, o Exército Vermelho adotou uma nova tática: despachar para as linhas alemãs, com as mãos erguidas, grupos de soldados, que, então, lhes atiravam uma chuva de granadas.[34] O objetivo era provocar os alemães a atirarem em outros soldados que tentassem realmente se entregar.

A crueldade do estado soviético era indispensável na intenção de atordoar Hitler. Nenhuma democracia poderia estabelecer uma hierarquia de necessidades tão gelidamente racional como fez Stalin, em que soldados recebiam mais alimento, trabalhadores civis, menos, e "bocas inúteis", incluindo os idosos, apenas uma cota de fome. Mais de dois milhões de russos morreram de fome durante a guerra em territórios controlados por seu governo. As conquistas soviéticas em 1941-1942 contrastavam dramaticamente com o pífio desempenho dos Aliados Ocidentais na França em 1940. Quaisquer que fossem as limitações das armas, do treinamento, das táticas e dos comandantes do Exército Vermelho, a cultura soviética blindou suas forças para enfrentar a Wehrmacht com uma determinação que os cidadãos originários das democracias, mais complacentes, não poderiam igualar.

"Não é uma guerra entre cavalheiros",[35] admitiu o tenente da Wehrmacht Von Heyl em carta para sua família. "Ficamos totalmente anestesiados. A vida humana é tão barata, mais barata do que as pás que usamos para tirar neve das estradas. O estado a que chegamos parecerá quase inacreditável para vocês. Não matamos seres humanos, mas os 'inimigos', que se tornam impessoais — animais, na melhor hipótese. Eles se comportam da mesma forma conosco." O espetáculo de prisioneiros mortos de fome desumanizou os russos aos olhos de muitos alemães, de uma forma que destruiu qualquer instinto de piedade. Um soldado da Wehrmacht escreveu: "Eles choramingavam e se comportavam servilmente diante de nós. Eram seres humanos, mas já não havia qualquer vestígio de alguma coisa humana."[36]

A selvageria alemã reconciliou o país de Stalin com a selvageria de seus líderes: a invasão de Hitler uniu dezenas de milhões de russos que até então estavam alienados por diferenças ideológicas e raciais, expurgos, fome, injustiças e incompetências institucionalizadas. A "Grande Guerra Patriótica", que Stalin havia declarado, tornou-se uma realidade que obteve mais resultados graças à coesão e à motivação de seus povos do que qualquer outro acontecimento desde a Revolução de 1917. Até as SS de Hitler se impressionaram, ainda que com relutância, com a lavagem cerebral que os soviéticos

realizaram nos soldados. Quaisquer que fossem as ilusões em Berlim, quase todos os soldados alemães no campo de batalha reconheciam a magnitude, talvez a impossibilidade, da tarefa à qual seu país se comprometera. O oficial de tanques Panzer Wolfgang Paul admitiu: "Movemo-nos às cegas, equivocadamente, para uma paisagem com a qual nunca poderemos estar bem familiarizados. Tudo é frio, hostil e trabalha contra nós."[37] Outro soldado escreveu para casa: "Ainda que capturássemos Moscou, duvido que a guerra no leste terminasse. Os russos são capazes de lutar até o derradeiro homem, o derradeiro metro quadrado de seu vasto país. Sua tenacidade e coragem são espantosas. Entramos numa guerra de desgaste — e só espero que, a longo prazo, a Alemanha possa vencer."[38]

A última carta recebida pela família do tenente de artilharia Jasper Monckeburg, em Hamburgo, trazia data de 21 de janeiro de 1942: "Quarenta por cento de nossos homens têm o corpo coberto por eczemas e furúnculos, especialmente as pernas (...) Nossos períodos de serviço duram mais de 48 horas, com duas ou três horas de sono, geralmente interrompido. Nossas linhas são tão fracas, vinte a 35 soldados por companhia, em dois quilômetros, que poderíamos ser completamente esmagados se nós, da artilharia, não obstruíssemos o ataque inimigo, que são dez ou doze vezes mais fortes."[39] Após repelir um ataque russo, soldados de infantaria carregaram o tenente para seu abrigo: "Como fiquei quatro horas e meia deitado na neve — 35 graus de congelamento — não sentia as mãos ou as pernas e era incapaz de me levantar (...) Se não fosse esse frio repugnante!" Monckeburg foi morto poucos dias depois.

O general Gotthard Heinrici, em visita a Berlim em fevereiro, impressionou-se com a indiferença de Hitler a relatos de testemunhas sobre a enorme tragédia que se desenrolava no leste. O Führer limitava-se a discutir questões técnicas, como o projeto de defesas anticarro. Quando mencionou o inverno russo, foi com impertinência: "Felizmente, nada dura para sempre, e esse é um pensamento consolador. Se, nesse exato momento, homens são transformados em blocos de gelo, o sol de abril não deixará de brilhar e restaurar a vida nesses lugares desolados." Um soldado alemão chamado Wolfgang Huff escreveu, em 10 de fevereiro de 1942, em Sinyavino, Rússia: "Escurece. Explosões de fogo de artilharia, e a fumaça branca se ergue sobre a floresta. A dura realidade da guerra: roucos berros de comando lutando contra a munição em meio à neve. E, então, uma pergunta surpreendente: 'Você viu o pôr do sol?' Ocorre-me um pensamento: quão dolorosamente perturbamos a paz e a tranquilidade desta terra."

Durante fevereiro, por ordem de Stalin, seus exércitos se lançaram repetidas vezes contra posições alemãs — e foram repelidos, sofrendo perdas imensas. O sistema soviético de suprimentos estava à beira do colapso, e muitos soldados sobreviviam sob privações extremas. Cerca de 2,66 milhões de russos haviam sido mortos em combate. Mas a campanha custara ao exército alemão quase um milhão de baixas, juntamente com 207 mil cavalos, 41 mil caminhões e 13.600 canhões. Em 1º de abril, o alto-comando concluiu que apenas oito, entre as 162 divisões na Rússia, estavam "prontas para o ataque". Apenas 160 tanques tinham em condições de uso em 16 formações Panzer. Como Hitler previra, quando a primavera chegasse seus exércitos voltariam a avançar e a alcançar vitórias. Mas a realidade crítica do primeiro ano de guerra no leste era que a Rússia não fora derrotada.

Perto de Tula, uma senhora idosa deu a Vasily Grossman, e ao seu pequeno grupo, batatas, sal e lenha. Seu filho, Vanya, estava lutando. Disse ela a Grossman: "Ah, eu era tão saudável, como um garanhão. O Demônio veio a mim na noite passada e segurou minha palma com suas unhas. Comecei a rezar: 'Que Deus se levante novamente e seus inimigos sejam dispersos' (...) Meu Vanya veio a mim na noite passada. Sentou-se numa cadeira, olhando para a janela. Eu disse 'Vanya, Vanya!', mas ele não respondeu."[40] Grossman escreveu: "Se vencermos esta guerra terrível e cruel, será porque existem corações nobres assim em nosso país, gente tão correta, almas de generosidade imensa, senhoras idosas como essa, mães de filhos que, por sua nobre simplicidade, perdem a vida em favor do país, com a mesma generosidade com que essa velha senhora de Tula nos deu tudo o que tinha. Há somente um punhado deles em nosso país, mas eles vencerão."[41]

• • •

O povo britânico, maravilhado pela resistência russa, adotou a União Soviética como aliada com um entusiasmo que entristeceu e até amedrontou sua própria casta dominante. Em um nível humilde, esse sentimento foi manifestado por uma idosa londrina que disse, num pub em East End: "Nunca acreditei que os russos eram tão ruins quanto se dizia. Parece, para mim, que um bando deles é melhor do que alguns de nós. Seja como for, bebo à saúde deles."[42] Em círculos mais elevados, e ajudados pela exclusão na imprensa de qualquer discussão sobre as barbaridades soviéticas, intelectuais admirados enalteciam as virtudes da sociedade de Stalin. O candidato republicano à presidência dos EUA em 1940, Wendell Willkie, escreveu, em seu livro *One World*: "Primeiro, a Rússia é uma sociedade eficaz. Funciona. Tem valores de sobrevivência (...) Segundo, a Rússia é nossa aliada nessa guerra. Os russos, postos à prova por Hitler talvez mais severamente do que os britânicos, demonstraram estar à altura (...) Terceiro, precisamos trabalhar com a Rússia depois da guerra (...) Não haverá paz duradoura se não aprendermos a fazer isso."[43] O acadêmico britânico Sir Bernard Pares escreveu, no *Spectator*, sobre o "reconhecimento agradecido [de seu país] pelo imenso fardo carregado nos ombros por um povo grande e valente, em nossa luta comum contra as forças do mal, somado ao desejo sincero de que depois da guerra haja uma continuação dessa estreita amizade, sem a qual a paz na Europa não é possível".[44]

Pares aplaudiu um novo relato sobre a sociedade soviética, publicado por um admirador americano: "É um retrato de (...) seres humanos falíveis, prontos para aprender com seus erros, em meio a dificuldades enormes (...) tentando construir, num dos países mais atrasados da Europa, uma nova sociedade humana em que a maior preocupação do Estado é com (...) a grande massa da população." Muitas pessoas engoliram, satisfeitas, tais bobagens, concordando que a guerra mostrou a superioridade do sistema soviético. Um amigo disse ao soldado britânico Henry Novy: "Não foi demonstrado nem a metade do que é o comunismo (...) nenhum outro país poderia ter feito isso, só um país comunista, com todo o apoio popular"[45]

Era provavelmente verdade que apenas os russos poderiam aguentar e conquistar as circunstâncias da catástrofe de 1941. Era menos plausível atribuir esses feitos à nobreza da

sociedade comunista. Até a operação Barbarossa, Stalin tentou aliar-se a Hitler, embora com objetivos diferentes. Mesmo quando a Rússia se juntou às democracias para derrotar o nazismo, Stalin manteve sua ambição de ter um império soviético e a dominação e a opressão de centenas de milhões de pessoas, com absoluta perseverança, e, em última análise, com êxito. Quaisquer que sejam os méritos do povo russo na expulsão dos invasores de seu país, os objetivos de guerra de Stalin eram tão egoístas e inimigos da liberdade humana quanto as intenções de Hitler. A conduta soviética pode ser considerada menos bárbara do que o nazismo unicamente por não ter perpetrado uma iniquidade comparável ao Holocausto. Contudo, os Aliados Ocidentais eram obrigados a manifestar sua gratidão, pois o sofrimento e os sacrifícios russos salvaram a vida de centenas de milhares de jovens britânicos e soldados americanos. Apesar de não ter sido uma exaltada afirmação de princípios — ao contrário, apenas uma ruptura entre monstros rivais — o que fez da Rússia o principal campo de batalha da guerra, foi em seu território que o Terceiro Reich encontrou as forças que tramariam sua queda.

* Nesta passagem, a palavra italizada *frente* refere-se a um termo empregado pelo Exército Vermelho para designar um grande-comando comparável ao Grupo de Exércitos.

8
América preparada para o combate

O povo americano observou os primeiros 27 meses da luta na Europa com uma mescla de fascínio, horror e desdém. O personagem principal do romance *So Little Time,* de J. P. Marquand, diz: “Podia-se escapar da guerra por algum tempo, mas não por muito, porque ela estava por toda parte, mesmo à luz do sol. Estava por trás de tudo o que se dissesse ou fizesse. Era possível sentir seu gosto na comida, ouvi-la na música.” Muitos viam o conflito, e os triunfos do nazismo, como reflexo de uma degeneração europeia coletiva. Havia pouca animosidade contra o Eixo e algum apoio a Hitler em comunidades de origem alemã. Uma pesquisa feita por Princeton, em 30 de agosto de 1939, revelou que, embora 68% dos americanos achassem que seus cidadãos não deveriam ter permissão para se alistar na Wehrmacht, 26% acreditavam que essa opção deveria existir.[1] Pouquíssimos desejavam que o país entrasse em qualquer lado do banho de sangue que ocorria a um oceano de distância de seu continente. Uma pesquisa da Roper, em setembro de 1939, perguntava qual deveria ser a política dos Estados Unidos em relação aos países em guerra. Entre os entrevistados, 37,5% consideravam que o país não devia tomar partido, mas continuar vendendo produtos para ambas as partes, com pagamento à vista, 23,6% opunham-se a qualquer intercâmbio comercial com os países combatentes, e apenas 16,1% eram a favor de uma mudança na posição de neutralidade para oferecer ajuda à Grã-Bretanha e à França, se houvesse risco de derrota. O intervencionismo tinha apoio maior nos estados do sul e do oeste.

Durante metade da década anterior, o presidente Franklin Roosevelt expressara desânimo em relação à relutância de seu povo em reconhecer o perigo que corria. Em 30 de outubro de 1939, ele escreveu para seu embaixador em Londres, Joseph Kennedy: “Aqui, apesar dos largos passos rumo à união nacional dados nos últimos seis anos, ainda temos muito a aprender sobre a ‘relatividade’ da geografia mundial e sobre a rápida eliminação das distâncias e das economias puramente locais.”[2] No entanto, diante da força do isolacionismo, ele se sentiu obrigado, entre 1939 e 1941, a agir com prudência na ajuda à Grã-Bretanha. Em muitos sentidos um político cauteloso, Roosevelt precisava administrar o que um de seus seguidores chamou de “a opinião pública mais volátil do mundo”. Robert Sherwood, conhecedor da Casa Branca, escreveu: “Antes do advento da calamidade na Europa Ocidental e de Winston Churchill, a causa dos Aliados não cheirava bem nem às narinas daqueles que odiavam o fascismo e todas as suas maldades.”[3]

O escritor John Steinbeck passou algumas semanas, no início de 1940, navegando pela costa do Pacífico na América do Sul, de onde escreveu para um amigo em 26 de março: “Não recebemos notícias sobre a Europa desde que partimos e não estamos muito ansiosos. E as pessoas que conhecemos no litoral nunca ouviram falar da Europa e parecem viver melhor assim. Esta viagem está dando o resultado que esperávamos, oferecendo-nos um mundo dominado não por Hitler e Moscou, mas por algo mais vital e resistente do que qualquer um deles.”[4] Como muitos liberais, Steinbeck estava

convencido de que os Estados Unidos, em algum momento, precisariam lutar, mas essa perspectiva não o entusiasmava. "Não fosse pela guerra que se aproxima, eu poderia ansiar por uma vida boa e sossegada por alguns anos",[5] escreveu em 9 de julho.

Na manhã seguinte à invasão da Noruega por Hitler, em abril de 1940, repórteres encheram o gabinete de Franklin Roosevelt e perguntaram-lhe se o fato aproximaria os Estados Unidos da guerra. O presidente escolheu as palavras com o cuidado de sempre: "Podemos dizer que os acontecimentos das últimas 48 horas sem dúvida levarão um número muito maior de americanos a pensar sobre as possibilidades da guerra." Roosevelt alegava relutar em concorrer a um terceiro mandato em 1940 e anunciou que somente a crise mundial, e explicitamente a queda da França, o persuadira. "A questão sobre a candidatura de Roosevelt",[6] escreveu Adolf Berle, um dos homens íntimos ao presidente, em 15 de maio daquele ano, "está sendo decidida em algum lugar às margens do Meuse." A ambiguidade de Roosevelt era provavelmente insincera, uma vez que, como a maioria dos líderes nacionais, ele amava o poder. A posteridade mostrou com certeza que nenhum americano estava mais qualificado para dirigir o país durante a maior emergência da história mundial, mas uma insistente minoria de seus compatriotas, com destaque para a comunidade empresarial, rejeitava essa proposta. Donald Nelson, que se tornaria chefe supremo da mobilização industrial americana, escreveu: "Quem de nós, salvo o presidente dos Estados Unidos, realmente viu a magnitude do trabalho à frente? (...) Todas as pessoas com quem me encontrei e falei, inclusive membros do estado-maior geral e os oficiais de alto escalão do exército e da marinha, estadistas e legisladores distintos, consideravam o programa de defesa apenas um meio de nos equiparmos para manter o inimigo longe do litoral dos Estados Unidos."[7]

O rearmamento começara em maio de 1938, com o projeto de lei para a expansão naval lançado por Roosevelt, envolvendo 1,15 bilhão de dólares, seguido pelo projeto de lei "Pegue e Pague", de novembro de 1939, que modificava a Lei da Neutralidade para permitir que os beligerantes — na verdade, franceses e britânicos — comprassem armas americanas. Roosevelt presidiu uma reunião com chefes militares na Casa Branca em que os instruiu a se prepararem para a guerra e para uma grande ampliação das forças armadas. Em 1940, fez passar pelo Congresso uma Lei de Alistamento Militar impondo o recrutamento e um programa nacional de rearmamento ao custo de 15 bilhões de dólares. Enviou uma mensagem pessoal ao Legislativo declarando que queria que os Estados Unidos fabricassem cinquenta mil aviões por ano. Seus chefes de estado-maior responderam com uma nota concisa, assinada pelo almirante Harold "Betty" Stark: "Caro Senhor Presidente, — GENIAL — Betty (em nome de todos nós)." O exército americano cresceu de 140 mil homens, em setembro de 1939, para 1,25 milhão, dois anos depois, mas os três chefes de estado-maior sabiam que suas forças continuavam despreparadas para combater numa grande guerra. Muitos membros das forças armadas e da comunidade civil não estavam convencidos de que o país deveria, ou de que realmente iria, combater.

Jovens americanos recrutados nos termos da Lei de Alistamento Militar entediavam-se nos acampamentos: "Um posto do exército em tempos de paz é um lugar chato",[8] escreveu Carson McCullers num romance, em 1941. "Acontecem coisas, mas elas se repetem incontáveis vezes. (...) Talvez o tédio seja causado principalmente pelo isolamento e pelo excesso de tempo livre e de segurança, pois, quando um homem entra para o

exército, espera-se apenas que siga os calcanhares à sua frente." O jornalista Eric Sevareid descreveu o modo como Roosevelt "reunia lentamente um exército relutante, desnorteado e ressentido. Nenhum líder civil ousava chamá-los de 'soldados' — como se houvesse algo vergonhoso na palavra. (...) Poucos tiveram a audácia de sugerir que seu ofício era aprender a matar".[9]

A consolidação hesitante das forças armadas incluiu a compra de vinte mil cavalos. "O exército dos Estados Unidos demorou muito tempo para começar a se preparar seriamente para a Segunda Guerra Mundial",[10] escreveu Martin Blumenson. "Como resultado, o programa de treinamento, a aquisição de armas e praticamente tudo mais foram feitos às pressas, de maneira bastante improvisada, quase caótica e dolorosamente inadequada, durante o período muito curto de mobilização e organização antes e depois de Pearl Harbor." O tenente-coronel Dwight Eisenhower, no comando de um batalhão de infantaria em Fort Lewis, Washington, disse aos seus soldados: "Vamos para a guerra. Este país está indo para a guerra, e quero pessoas preparadas para lutar nessa guerra."[11] Tal retórica rendeu-lhe apenas o sarcástico apelido de "Ike, o Alarmista".

Muitos intelectuais desprezavam a guerra na Europa, percebida como uma luta entre imperialismos rivais, opinião refletida no panfleto *England Expects Every American to do His Duty* [A Inglaterra espera que cada americano cumpra o seu dever], de Quincy Howe, publicado em 1937. Para eles, era mais fácil pensar numa cruzada explicitamente americana contra o fascismo do que numa que os aliasse aos velhos países europeus, evitando associar-se à preservação do Império Britânico, e também à do francês e do holandês. Desagradava-lhes a ideia de que a honra e a virtude dos Estados Unidos fossem contaminadas por associação. Eles indagavam se uma guerra travada para proteger conservadores antigos teria a dignidade, do ponto de vista moral. A *Partisan Review*, revista americana de esquerda, afirmou: "Nossa entrada na guerra, sob o slogan 'Parem Hitler!', resultaria, a rigor, na introdução imediata do totalitarismo entre nós."

O tesoureiro de Harvard, William Claflin, disse ao reitor da universidade: "Hitler vencerá. Sejamos amigos dele." Robert Sherwood observou a quantidade de empresários, como Jay Hormel, James Mooney e o general Robert Wood, que estavam convencidos do triunfo iminente de Hitler e que, por isso, "era melhor que os Estados Unidos planejassem 'fazer negócios' com ele".[12] Numa reunião em 22 de julho, na embaixada americana em Londres, diplomatas graduados concordaram que havia chance de que a Grã-Bretanha não fosse conquistada até 30 de setembro, mas esse fraco voto de confiança reconhecia, implicitamente, a probabilidade de que a ilha de Churchill estivesse ocupada àquela data. Na edição de setembro de 1940 da revista americana *Atlantic Monthly*, Kingman Brewster e Spencer Klaw, editores, respectivamente, dos jornais estudantis de Yale e de Harvard, publicaram um manifesto afirmando a determinação dos alunos sobre não salvar a Europa das mãos de Hitler.

Os britânicos liam essas declarações com um desânimo compreensível. Enquanto seu primeiro-ministro depositava as esperanças de vitória na entrada dos Estados Unidos na guerra, a exasperação quanto à parca ajuda americana encontrou equivalente, no verão de 1940, no ceticismo sobre confidenciar informações britânicas a certos estrategistas políticos de Washington. Churchill escreveu, em 17 de julho, opondo-se à divulgação de informações delicadas quanto à defesa: "Não tenho pressa em transmitir nossos segredos

enquanto os Estados Unidos não estiverem muito mais perto da guerra do que agora. Acho que qualquer coisa repassada aos Serviços dos Estados Unidos, onde há necessariamente tantos germânicos, chega bem depressa a Berlim."[13] O primeiro-ministro só mudou de opinião quando se tornou claro que a franqueza seria indispensável para garantir os suprimentos americanos.

Roosevelt conquistou apoio interno tanto para a ajuda à Grã-Bretanha quanto para o rearmamento dos Estados Unidos ao adotar o argumento proposto pelo general John Pershing, o mais famoso soldado americano da Primeira Guerra Mundial: suas políticas não acelerariam a entrada no conflito, mas o afastariam do país. Os britânicos eram obrigados a pagar em espécie, no ato, cada arma enviada, até exaurirem suas reservas de moeda e de ouro, quando o programa Lend-Lease [Empréstimo e Arrendamento] entrou em vigor, no final de 1941. Foi tratando como medida de defesa que Roosevelt obteve apoio do povo americano para o acordo britânico de troca de bases por contratorpedeiros, proposto em setembro de 1940 e bem recebido até pelo jornal isolacionista *Chicago Tribune*: "Qualquer ajuste que dê aos Estados Unidos bases aéreas e navais em regiões que precisam ser incluídas na zona de defesa americana será aceito como um triunfo." Churchill ouviu apelos urgentes e constantes de Washington para que não dissesse publicamente, antes da eleição de 1940 nos Estados Unidos, qualquer coisa que sugerisse uma expectativa de que o país lutaria na Europa.

A derrota da Luftwaffe na batalha da Inglaterra mudou significativamente o sentimento americano, não no sentido de se juntar à luta, mas na crença de que o povo de Churchill poderia resistir. Naquele setembro, o secretário de Guerra, Henry Stimson, escreveu em seu diário: "É muito interessante ver como a maré da opinião pública virou em favor da vitória final da G[rã]-B[retanha]. O clima de pessimismo que prevalecia dois meses atrás se dissipou. Os informes de nossos observadores no outro lado mudaram e são agora bastante otimistas." Ao mesmo tempo, o Pacto Tripartite assinado por Alemanha, Itália e Japão fortaleceu as percepções públicas americanas de que um mal comum ameaçava o mundo: os Estados Unidos e a Grã-Bretanha viam-se como duas entre apenas uma dezena de democracias sobreviventes. Uma pesquisa de opinião realizada em outubro mostrou que 59% dos americanos apoiavam a ajuda material ao povo de Churchill, mesmo sob o risco de entrar na guerra.

Contudo, o isolacionismo manteve-se como força na disputa presidencial americana de 1940. Embora o candidato republicano Wendell Willkie fosse, na verdade, um intervencionista, sua retórica durante a campanha foi ruidosamente hostil à participação na guerra. Roosevelt alarmou-se com a noção de que, como um suposto defensor da guerra, ele corria o risco de ser derrotado. O general Hugh Johnson, colunista de agência de notícias pela Scripps-Howard, escreveu: "Não conheço um único observador bem informado de Washington que não esteja convencido de que, se for eleito, o Sr. R nos arrastará para a guerra na primeira oportunidade e de que, se ela não aparecer, ele a inventará."[14] Uma pesquisa realizada pela revista *Fortune*, em 4 de novembro de 1940, mostrou que 70% dos americanos achavam que a entrada de seu país na guerra era no mínimo possível; mas, enquanto 41% defendiam a oferta de toda ajuda material possível à Grã-Bretanha, apenas 15,9% concordavam com o envio de americanos para a luta. Lyndon Johnson, congressista democrata afinado com o governo em quase todos os assuntos internos, conseguira muito dinheiro para o Texas com o aumento dos gastos em defesa.

Mesmo assim, manifestou-se contra o envolvimento dos Estados Unidos na Europa, dizendo ao seu eleitorado em junho de 1940: “A capacidade do povo americano de pensar com calma e agir com sabedoria durante uma crise nos manterá fora da guerra.”[15] Sua opinião mudou no verão de 1941, quando as derrotas britânicas no Mediterrâneo o convenceram de que a ameaça de uma vitória do Eixo era inaceitável para os Estados Unidos.

A força do isolacionismo levou Roosevelt a fazer uma das declarações mais polêmicas de sua vida, num programa de rádio durante a campanha de 1940: “E, enquanto falo com os senhores, mães e pais, dou-lhes mais uma garantia. Eu disse antes e vou dizer de novo, de novo e de novo. Seus filhos não serão mandados para nenhuma guerra estrangeira.” A mulher do presidente, Eleanor, estava entre aqueles que se assustaram com essa declaração. Em sua coluna de jornal, “My Day” [Meu dia], ela fez um incisivo comentário: “Ninguém pode, honestamente, prometer-lhes paz dentro ou fora do país. Tudo o que qualquer ser humano pode prometer é que fará o possível para evitar que este país seja envolvido na guerra.” A inclinação do presidente ao logro, até mesmo à falta de transparência, era conhecida. Porém, a dúvida que tanto perturbou Winston Churchill e o povo americano em 1940-1941 jamais será esclarecida: Roosevelt teria feito de seu país um combatente pleno na guerra se o Eixo não precipitasse esse desfecho?

No dia da votação, 5 de novembro de 1940, 55% dos eleitores apoiaram sua reeleição, 27,2 milhões de votos contra 22,3 milhões. O ministro plenipotenciário dos Estados Unidos na Irlanda, tio de Roosevelt, descreveu a reação britânica ao resultado: “O cavalheiresco apresentador da BBC anunciou nesta manhã, às 8 horas: ‘Roosevelt continua!’ Sua voz demonstrava alívio e alguma euforia.” Contudo, o resultado da eleição enfatizava a força da oposição contínua ao presidente. Muitos milhões compartiam a opinião de George Fisk, da Universidade de Cornell, que argumentava que “nenhuma guerra conseguiu aquilo a que se propunha”. Em dezembro, Roosevelt enfatizou ao governo britânico a necessidade de sigilo absoluto sobre os detalhes das compras de armas — por motivos políticos internos, não por razões de segurança.

O escritor americano Joe Dees escreveu, de Nova York, para um amigo britânico em janeiro de 1941: “Todas as conversas giram em torno da ajuda à Inglaterra. Os americanos se orgulham da maneira como a Inglaterra vem se destacando, animados pelos êxitos na Albânia e na Líbia, preocupados com a obstinação suicida da Irlanda [em permanecer neutra], temerosos quanto a entrar na guerra, porém desejosos de ajudar ao máximo.”[16] Mas Dees demonstrou uma compreensão perspicaz da variedade de sentimentos em seu país quando escreveu mais tarde, ainda naquele ano: “Alguns amigos meus acreditam que Roosevelt deveria tomar medidas mais fortes, mandar escoltas completas com navios de guerra americanos etc. Acham que Roosevelt está atrás do resto do país, não à frente. Penso que ele nos conduz tão depressa quanto nós lhe permitimos. ‘Nós’ significa 130 milhões de pessoas e inclui uma multidão de plantadores de milho e trigo e de criadores de gado do Meio-Oeste que são sentimentalmente antinazistas, mas que não conseguem imaginar como os alemães poderiam atravessar o oceano e fazer qualquer coisa quando chegassem aqui. Eu não diria que o público americano é inconsciente. Está consciente, sim. Mas não tem aquela convicção determinada que levou homens a morrerem na Espanha e outros a se juntarem à França Livre.”[17]

Os argumentos propostos por Roosevelt em apoio à Grã-Bretanha espelhavam aqueles apresentados posteriormente pelos Aliados para justificar assistência à União Soviética: ajuda material poupava sangue americano, assim como o sangue russo salvava muitas vidas britânicas e americanas. O programa Lend-Lease, de março de 1941, autorizou concessões de crédito: apenas 1% do material bélico usado pelas forças de Churchill naquele ano originou-se de Lend-Lease; posteriormente, o programa supriu a maior parte da demanda de alimentos e combustível da ilha e atendeu as forças armadas com uma quantidade considerável de tanques, aviões de transporte e equipamentos para operações anfíbias. Os britânicos concentraram sua produção industrial na fabricação de aviões de combate, navios de guerra, armas e viaturas para o exército. A partir de 1941, dependiam quase totalmente do crédito americano para financiar o esforço de guerra.

Embora Winston Churchill tivesse se esforçado ao máximo para convencer o presidente dos Estados Unidos a conduzir seu país à guerra antes do ataque a Pearl Harbor, foi uma sorte que ele tenha falhado. Na hipótese improvável de que Roosevelt pudesse ter obrigado o Congresso a aprovar uma declaração de guerra à Alemanha, o presidente comandaria um país dividido. Até dezembro de 1941, a opinião pública insistia em se opor à luta contra Hitler. Uma proporção muito maior de americanos preferia uma ação severa contra os japoneses, política manifestada com clareza no congelamento dos ativos japoneses e no embargo a todas as exportações, ambos decretados em julho de 1941, ações decisivas para lançar Tóquio à luta, uma vez que 80% de seu abastecimento de petróleo provinha dos Estados Unidos e das Ilhas Orientais Holandesas. O embargo foi muito mais popular nos Estados Unidos do que a escalada da missão da marinha americana na Batalha do Atlântico — escoltando comboios para a Grã-Bretanha cada vez mais ao leste e, vez por outra, trocando tiros com U-boats.

Quaisquer que fossem os desejos pessoais do presidente, o Congresso manteve-se como um controle essencial da política americana até Tóquio e Berlim colocarem fim à discussão. O historiador David Kennedy sugeriu que, como a Alemanha sempre foi o principal inimigo das democracias, Roosevelt serviria melhor aos interesses de seu país evitando a guerra contra o Japão e se concentrando na destruição do nazismo:[18] "Um pouco de apaziguamento — outro nome para a diplomacia — poderia ter conquistado grandes recompensas." Com Hitler derrotado, argumenta Kennedy, as ambições dos militaristas japoneses poderiam ter sido frustradas com um dispêndio de vidas e de recursos muito menor, pela ameaça ou pela aplicação do irresistível poder dos Aliados. Esse argumento, todavia, levanta uma grande pergunta: Roosevelt convenceria seu povo a lutar contra os alemães, caso não houvesse um ato de agressão devastador que Hitler se recusava a cometer?

Mesmo após a declaração de guerra, em dezembro de 1941, e a rigor até o fim das hostilidades, poucos americanos sentiram contra os alemães algo parecido com a animosidade que demonstravam em relação aos japoneses. Não se tratava apenas de uma questão racial. Havia também uma comoção intensa diante dos horrores que a China sofrera, e continuava a sofrer, nas mãos dos japoneses. A maioria dos americanos desprezava o que os nazistas faziam ao mundo, mas teria permanecido indisposta, ou até implacavelmente hostil, à ideia de enviar exércitos para a Europa se Hitler não houvesse forçado a decisão.

Em 27 de maio de 1941, após à queda da Grécia e de Creta, 85 milhões de americanos ouviram o discurso de Roosevelt, em cadeia nacional de rádio, no qual o presidente advertia sobre os perigos da vitória nazista. O país estava, nas palavras de um historiador, "amedrontado, infeliz e perplexo".[19] O presidente concluiu declarando um "estado de emergência nacional ilimitada". Ninguém sabia exatamente o que isso significava, além de aproximar a guerra e aumentar os poderes do Executivo. Muitas cidades, especialmente no Sul, viveram períodos de súbita prosperidade econômica graças aos programas de construção militar e naval. Ao mesmo tempo, disputas trabalhistas atormentavam o país: alguns operários industriais se sentiam tão distantes dos objetivos nacionais, e dos objetivos de seus patrões, quanto os operários na Grã-Bretanha. Extrações de minério não regulamentadas mataram quase 1.300 trabalhadores americanos em 1940 e deixaram muitos outros incapacitados. Os ânimos andavam tão exaltados que as greves frequentemente degeneravam em violência: quatro homens morreram e doze foram gravemente feridos durante um confronto em Harlan County, no Kentucky, em 1941.

O sentimento popular resistia firmemente a aceitar refugiados estrangeiros, vítimas da perseguição nazista: em junho de 1941 decretou-se que ninguém que tivesse parentes na Alemanha entraria nos Estados Unidos. Os isolacionistas nunca desistiram. Havia um poderoso lobby irlandês, ruidosamente representado sobretudo pelo padre Charles Coughlin, panfletista e grande nome do rádio. Em 19 de maio de 1941, Roosevelt escreveu a um dos partidários de Coughlin, James O'Connor, de Montana, congressista com uma posição isolacionista radical: "Caro Jim, quando vocês, irlandeses, superarão o ódio à Inglaterra? Lembre-se de que, se a Inglaterra afundar, a Irlanda afundará também. A Irlanda tem mais chance de uma independência total se a democracia sobreviver no mundo do que se o hitlerismo a superar. Apareça para conversar comigo qualquer dia, mas pare de pensar em termos de ódios antigos e pense no futuro. Sinceramente."[20]

O senador D. Worth Clarke, de Idaho, outro isolacionista, sugeriu, em julho de 1941, que os Estados Unidos traçassem uma linha no Atlântico, atrás do qual ficariam os americanos, controlando de modo pacífico todo o hemisfério, inclusive a América do Sul e o Canadá: "Poderíamos fazer algum acordo para instalar governos fantoches confiáveis, que pusessem os interesses americanos acima dos objetivos da Alemanha ou de qualquer outro país." Seus comentários foram alegremente reproduzidos na imprensa do Eixo como prova do imperialismo ianque. Alemães bem informados previam a participação dos Estados Unidos na guerra com muito mais confiança do que os britânicos ou, na verdade, do que muitos americanos. Ainda em 1938, o ministro das Finanças do Reich, Schwerin von Krosigk, previu uma luta que "será travada não apenas com meios militares, mas que será também uma guerra econômica de imenso escopo". Von Krosigk preocupava-se profundamente com o contraste entre a fraqueza econômica da Alemanha e os enormes recursos à disposição dos possíveis inimigos. Hitler acreditava que os Estados Unidos estariam entre esses inimigos a partir de 1942. Ele preferia não apressar o envolvimento americano, mas não se abalava com essa possibilidade, em parte porque sua compreensão de aspectos econômicos era bastante limitada. Em meio a tantas divisões internas nos Estados Unidos, tanta desinformação e hesitação, foi uma sorte para a causa dos Aliados que as decisões que levaram os Estados Unidos à guerra tenham sido tomadas em Tóquio, não em Washington.

• • •

Os chefes militares japoneses deram o passo decisivo em 1937, quando embarcaram na conquista da China. A empreitada gerou hostilidade internacional generalizada e provou-se um erro estratégico de primeira magnitude. Na vastidão do país, seus êxitos militares e conquistas territoriais eram insignificantes. Um soldado japonês, desesperado, rabiscou na parece de um prédio em ruínas: "Luta e morte por toda parte e, agora, eu também estou ferido. A China é ilimitada e somos como gotas d'água num oceano. Não há sentido nesta guerra. Jamais voltarei a ver minha casa."[21] Embora dominassem a guerra na China contra o regime corrupto e os exércitos mal equipados do generalíssimo Chiang Kai-shek, os japoneses sofreram desgastes debilitantes: 185 mil mortos até o fim de 1941. Mesmo o emprego de um número imenso de combatentes — um milhão de soldados permaneceram na China até 1945 — foi incapaz de extrair um resultado decisivo contra os nacionalistas de Chiang ou os comunistas de Mao Tsé-tung, cujas forças eles confrontaram e por vezes combateram ao longo de uma frente de 3.200 quilômetros.

A perspectiva ocidental diante da guerra contra o Japão é dominada pelas campanhas do Pacífico e do Sudeste Asiático. Mas a China, e a recusa de Tóquio em abandonar suas ambições ali, foi fundamental para o fracasso dos japoneses. Entre 1937 e 1939, houve uma grande luta, pouco reconhecida no Ocidente, na qual as forças japonesas prevaleceram à custa de grandes perdas. Sua retirada do continente em 1940 ou 1941 provavelmente teria evitado a guerra com os Estados Unidos, uma vez que a agressão japonesa à China e a cultura de massacre simbolizada pela morte de pelo menos sessenta mil civis, talvez muito mais, em Nanquim, foram a principal fonte da animosidade, e até indignação, americana. Além disso, ainda que os exércitos chineses tenham sido ineficazes, o comprometimento do Japão impôs uma hemorragia maciça de recursos. A maldição do governo japonês foi o predomínio de soldados dedicados à suposta virtude de guerrear por guerrear. Embriagados pela crença em sua virilidade guerreira, eles não perceberam a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de vencer uma guerra contra os Estados Unidos, a maior potência industrial do mundo, inexpugnável a ataques.

Os triunfos militares japoneses de 1941-1942 levaram os Aliados a superestimar esse exército, o que talvez não acontecesse se eles tivessem ouvido falar de um significativo confronto anterior, que conviera aos dois lados manter em sigilo. No verão de 1939, escaramuças entre os exércitos japonês e russo na fronteira comum entre a Manchúria e a Mongólia degeneraram numa guerra, que ficou conhecida como incidente de Nomonhan.[22] Desde o início do século, vozes poderosas no Japão tinham apregoado uma expansão imperialista rumo à Sibéria. Na esteira da revolução bolchevique de 1917, as forças japonesas se posicionaram ali por algum tempo, na esperança de reivindicar direitos que pudessem ser formalizados mais tarde. Somente a decisão tardia das potências ocidentais em apoiar uma União Soviética estabilizada e unificada obrigou os japoneses a se retirarem. Em 1939, Tóquio decidiu que os russos estavam fracos e vulneráveis e dedicou um exército para testar a determinação deles.

O resultado foi desastroso para os japoneses. O general Georgy Zhukov lançou uma contraofensiva apoiada por forças blindadas e aéreas poderosas, que obteve vitória abrangente. Os números de baixas divulgados não são confiáveis, mas provavelmente chegaram a pelo menos 25 mil homens em cada lado. A paz foi restaurada em outubro,

nos termos ditados por Moscou. As consequências estratégicas foram importantes para o decorrer da Segunda Guerra Mundial: o exército japonês desistiu da política de "ataque ao norte", evitando novos conflitos com a União Soviética. Em 1941, Tóquio assinou um pacto de neutralidade com Moscou. A maioria dos líderes japoneses desejava honrá-lo, acreditando que os impérios ocidentais no Sudeste Asiático representavam alvos mais frágeis no processo de expansão nacional. Esperavam que a Alemanha vencesse a guerra na Europa. Adidos militares japoneses em Londres e em Estocolmo, que informaram que os alemães não estavam equipados para invadir a Grã-Bretanha, foram repreendidos por seus superiores em Tóquio, para quem tais opiniões eram inaceitáveis. A guerra da Alemanha na Europa foi grandemente responsável por precipitar o conflito na Ásia: Tóquio jamais ousaria atacar se não estivesse convencida do triunfo iminente do hitlerismo no Ocidente.

Em 27 de setembro de 1940, o Pacto Tripartite assinado em Berlim por Alemanha, Itália e Japão prometia ajuda recíproca se qualquer das partes fosse atacada por um país não envolvido na guerra europeia. Era uma medida destinada a impedir novas pressões dos Estados Unidos sobre o Japão, e fracassou. Os americanos, implacavelmente hostis ao imperialismo japonês na China, impuseram mais sanções. Em resposta, os japoneses se dedicaram à estratégia de "ataque ao sul". Prepararam-se para capturar territórios ocidentais pouco protegidos numa série de operações-relâmpago, tentando impor aquiescência aos Estados Unidos mediante a expulsão das forças americanas do Pacífico Ocidental.

Em meados de 1941, as forças armadas japonesas prepararam o documento que recebeu o título otimista de "Plano Operacional para terminar a guerra com Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda e Chiang Kai-shek". A princípio, pretendiam "aguardar uma boa oportunidade na situação da guerra europeia, em especial o colapso da Grã-Bretanha, o fim da guerra germano-soviética e o êxito de nossas políticas para a Índia". Depois de estudar o plano, o imperador Hirohito disse: "Entendo que os senhores se voltarão para Hong Kong depois de começar na Malásia. Bem, e as concessões estrangeiras na China?"[23] Sua Majestade recebeu garantias de que tais propriedades europeias seriam conquistadas. Contudo, as esperanças de Tóquio de retardar uma declaração de guerra até a vitória da Alemanha no Ocidente foram frustradas. Esse erro de cálculo foi quase tão grave quanto o equívoco na avaliação do caráter de seu inimigo. Com as notáveis exceções de alguns oficiais esclarecidos, como o almirante Isoroku Yamamoto, comandante-chefe naval, os japoneses viam os americanos como um povo pouco afeito à guerra e francamente degenerado que, após receber uma série de golpes devastadores, negociaria a paz.

Hesitação e incoerência caracterizaram as ações japonesas antes do ataque a Pearl Harbor. Em 1940, Tóquio enviou tropas e aviões para a Indochina francesa, sob a aquiescência forçada de Vichy. A rota de suprimento da Indochina para a China foi fechada, aumentando a pressão sobre Chiang Kai-shek. O principal objetivo do Japão no Sudeste Asiático era o petróleo das Índias Orientais, ao qual o governo holandês exilado em Londres ainda recusava o acesso. Por algum tempo, os generais japoneses alimentaram esperanças de limitar o ataque às colônias europeias, poupando o protetorado americano nas Filipinas. Porém, nos primeiros meses de 1941, comandantes da marinha japonesa convenceram seus colegas do exército de que o envolvimento dos

Estados Unidos na guerra seria inevitável caso houvesse qualquer "ataque ao sul". Os estrategistas de Tóquio puseram-se, então, a preparar uma série de investidas rápidas que atropelariam as fracas defesas de Malásia, Birmânia, Filipinas e Índias Orientais Holandesas, criando novas realidades, cuja reversão seria dispendiosa demais para os Estados Unidos.

Os cálculos dos militaristas japoneses baseavam-se em prepotência, fatalismo — uma crença em *shikata ga nai*, "não se pode evitar" — e ignorância sobre o mundo fora da Ásia. Os soldados japoneses tinham uma capacidade de resistência física impressionante, bem como a disposição para o sacrifício. O exército contava com bom apoio aéreo, mas a carência de tanques e de artilharia era grave. A base industrial e científica do país era fraca demais para sustentar um conflito prolongado com os Estados Unidos. Alemanha e Japão nunca coordenaram a sério suas estratégias e objetivos, em parte porque tinham pouco em comum além da intenção de derrotar os Aliados, e também porque ficavam geograficamente muito distantes. Os princípios raciais de Hitler levavam-no a rejeitar a associação com os japoneses, e somente com relutância ele os reconheceu como cobeligerantes. É possível que, se invadisse a Rússia a oeste logo após o ataque alemão em junho de 1941, o Japão virasse a maré contra Stalin, possibilitando a vitória do Eixo e adiando, se não evitando, um confronto com os Estados Unidos. O ministro do Exterior, Yosuke Matsuoka, renunciou ao cargo quando essa opção, que ele defendia, foi rejeitada por seus colegas.

Embora as conquistas de 1941–42 do Japão na Ásia tenham chocado e consternado as potências ocidentais, seriam certamente reversíveis se a Alemanha pudesse ser vencida. Ninguém em Londres ou em Washington duvidava de que derrotar o Japão seria uma tarefa demorada e difícil, em parte pelas distâncias envolvidas. Porém, poucos estrategistas ponderados, e, com certeza, não o almirante Yamamoto, duvidavam da inevitabilidade do triunfo final dos Estados Unidos, a não ser que derrotas iniciais destruíssem a vontade nacional. Considerando que o Japão não poderia invadir os Estados Unidos, o poderio americano acabaria se mostrando insuperável para um país com apenas 10% da capacidade industrial dos Estados Unidos e dependente de importações para sua existência.

O Japão efetuou um movimento preliminar essencial ao seu ataque à Malásia quando ocupou toda a vizinha Indochina no final de julho, sem provocar a resistência francesa de Vichy. Em 9 de agosto, Tóquio decidiu não atacar a Rússia, pelo menos durante 1941. Em setembro, o pensamento japonês passou a ser dominado pela nova realidade do embargo de petróleo imposto pelos Estados Unidos, uma decisão de Roosevelt, embora haja indícios de que o presidente desejava mais limitar a oferta de petróleo como estratégia de controle dos japoneses do que impor um embargo absoluto que aceleraria o avanço da guerra. Tóquio concluiu que suas únicas opções eram curvar-se às exigências americanas, entre as quais a menos palatável era sair da China, ou atacar rapidamente. O imperador Hirohito pressionou seu governo a insistir na diplomacia, e o primeiro-ministro, príncipe Konoe, propôs um encontro com Roosevelt. Washington, percebendo uma tentativa de prevaricação, rejeitou a iniciativa. Em 1º de dezembro, uma conferência imperial em Tóquio confirmou a decisão de lutar. O ministro da Guerra, general Hideki Tojo, que assumiu o cargo de primeiro-ministro em 17 de outubro, disse: "Nosso império está a um passo da glória ou da extinção." Era com tal extremismo que os militaristas japoneses viam suas opções, fundados na visão grandiosa de que a dominação da Ásia era direito do Japão. Porém, mesmo Tojo reconhecia a impossibilidade de uma

vitória total sobre os Estados Unidos. Em vez disso, ele e seus colegas procuraram fortalecer-se com triunfos no campo de batalha para obter uma solução negociada.

• • •

O Japão deu início a seu ataque a Pearl Harbor e ao Sudeste Asiático em 7 de dezembro de 1941, apenas 24 horas após os russos começarem a contraofensiva que salvou Moscou. Demorariam muitos meses até que os Aliados Ocidentais reconhecessem que a União Soviética sobreviveria, porém se os emissários japoneses tivessem compreendido melhor os ânimos em Berlim e fossem menos cegos em sua admiração aos nazistas e, portanto, capazes de compreender a gravidade da situação da Alemanha no leste, o governo Tojo talvez hesitasse em precipitar o turbilhão. Em retrospecto, o senso de oportunidade do Japão foi lamentável: sua melhor chance para explorar a fraqueza das vítimas havia passado. Um erro japonês fundamental foi supor que Tóquio poderia estabelecer limites para a guerra que iniciara, em especial por se manter fora do conflito germano-soviético. Na realidade, assim que o Japão transformou a guerra europeia num conflito global, infligindo humilhação aos inimigos ocidentais, os únicos desfechos possíveis seriam a vitória ou a derrota absolutas. O Japão atacou apenas com base em cálculos internos — a rigor, egomaníacos até para os padrões habituais de estados-nações — aliados a uma ignorância geográfica espantosa.

A vulnerabilidade das bases americanas no Pacífico continua a intrigar a posteridade. Havia indícios abundantes das intenções de Tóquio durante todo o mês de novembro, principalmente em correspondências diplomáticas decifradas; em Washington e em Londres, havia incerteza apenas quanto aos objetivos japoneses. A tese proposta por adeptos de teorias conspiratórias — de que o presidente Roosevelt permitiu que Pearl Harbor fosse surpreendida — é rejeitada como absurda por qualquer historiador sério. Ainda assim, é extraordinário que seu governo e os chefes de estado-maior não tivessem se assegurado de que o Havaí, e outras bases mais próximas do Japão, operasse em prontidão máxima. Em 27 de novembro de 1941, Washington telegrafou para todas as bases no Pacífico: "Esta mensagem deve ser considerada um alerta de guerra. Espera-se, nos próximos dias, uma ação agressiva vinda do Japão (...) Executem os desdobramentos defensivos apropriados." A falta de reação efetiva dos comandantes locais foi chocante: em 7 de dezembro, cunhetes de munição de artilharia antiaérea ainda estavam trancados nas reservas de Pearl Harbor e as chaves, em posse dos oficiais de plantão.

Porém, era uma característica marcante da guerra que, repetidas vezes, mudanças dramáticas de circunstância desconcertassem as vítimas de ataques. Os britânicos e os franceses, em maio de 1940, e os russos, em junho de 1941, e até os alemães, na Normandia em junho de 1944, tinham todos os motivos para prever uma ação inimiga, mas reagiram a ela de forma inadequada, e houve muitos outros exemplos de menor destaque. Comandantes experientes, sem mencionar humildes subordinados, tinham dificuldade em ajustar seu pensamento e seu comportamento ao estrépito da batalha até que essa desabasse sobre eles e que o bombardeio se tornasse não mera possibilidade, mas realidade. É inquestionável que o almirante Husband Kimmel e o tenente-general Walter Short, comandantes da marinha e do exército em Pearl Harbor, foram negligentes,

mas sua conduta refletiu uma falha institucional de imaginação que se estendia por toda a cadeia de comando, até a Casa Branca, e que traumatizou o povo americano.

"Ficamos estupefatos com a devastação",[24] escreveu um marinheiro a bordo do porta-aviões *Enterprise*, que por sorte estava ausente durante o ataque japonês e entrou em Pearl Harbor no final da tarde de 8 de dezembro. "Um encouraçado, o *Nevada*, estava posicionado de través na entrada estreita do canal, abicado, deixando apenas espaço suficiente para que o porta-aviões passasse (...) A água estava coberta de petróleo, incêndios ainda ardiam, navios repousavam no fundo lodoso, superestruturas quebraram e desabaram. Grandes fissuras apareciam onde paióis haviam explodido, e a fumaça subia por toda parte. Para marinheiros que consideravam esses grandes navios invencíveis, foi uma cena para ser vista, mas não compreendida (...) Era como se estivéssemos em um funeral espetacular."

O ataque a Pearl Harbor causou regozijo entre os países do Eixo. O tenente japonês Izumiya Tatsuro escreveu, exultante, sobre "a notícia gloriosa do ataque aéreo ao Havaí".[25] Mussolini, com sua costumeira pobreza de julgamento, ficou encantado: assim como Hitler, ele considerava os americanos estúpidos e os Estados Unidos, "um país de negros e de judeus".[26] Porém, felizmente para a causa dos Aliados, a vulnerabilidade americana no Havaí foi igualada por uma timidez japonesa que se tornaria um fenômeno surpreendentemente comum no conflito do Pacífico. Frotas japonesas lutavam repetidas vezes até chegar à beira de importantes êxitos, mas, então, faltavam-lhes vontade ou meios para chegar ao fim. O almirante Chuichi Nagumo surpreendeu-se com o sucesso de seus aviões, que afundaram cinco encouraçados americanos nos ataques da manhã de domingo. Por muitos anos, argumentou-se que ele perdeu propositalmente a oportunidade de atacar pela segunda vez os tanques de armazenamento de petróleo e as oficinas de manutenção de Pearl Harbor, o que talvez obrigasse a Frota do Pacífico a retirar-se para a Costa Leste dos Estados Unidos. Pesquisas recentes mostram, porém, que isso não teria sido viável. O dia de inverno era muito curto para se retirar de um segundo ataque e, de qualquer forma, as bombas japonesas tinham pouca potência para destruir as bases de manutenção de Pearl Harbor. Mesmo o problema criado pela destruição dos tanques de armazenamento de petróleo na costa poderia ter sido resolvido direcionando navios-tanques do Atlântico. A realidade mostrou que o ataque de Nagumo bastou para chocar, ferir e enfurecer os americanos, mas não para prejudicar sua capacidade de guerra. Foi, portanto, uma operação muito mal concebida.

Durante muitos meses, Winston Churchill fora assombrado pela apreensão de que o Japão talvez atacasse apenas os impérios europeus na Ásia, de forma que a Grã-Bretanha precisaria confrontar um novo inimigo antes de ganhar os Estados Unidos como aliado. Ao mesmo tempo, Hitler contemplava uma imagem espelhada desse fantasma, temendo que os Estados Unidos entrassem na guerra contra a Alemanha enquanto o Japão permanecia neutro. Ele sempre esperou lutar contra o povo de Roosevelt quando completasse a destruição da Rússia. Em dezembro de 1941, ele considerou natural seguir a deixa do Japão e alimentou esperanças de que a frota de Hirohito esmagasse a marinha americana. Quatro dias após o ataque a Pearl Harbor, Hitler aumentou a loucura do ocorrido declarando guerra aos Estados Unidos, livrando Roosevelt da séria incerteza sobre o consentimento do Congresso para a luta contra a Alemanha. John Steinbeck escreveu para um amigo: "O ataque, qualquer que tenha sido seu ganho sob um ponto de

vista tático, foi um fracasso pois uniu o país. Mas, por um tempo, perderemos uma porção de navios."[27]

Ao longo de 1941, o *Ladies' Home Journal* publicara uma série fascinante de perfis de americanos de todas as classes sociais, sob o título "How America Lives" [Como vive a América].[28] Até dezembro, a ameaça de guerra praticamente não afetara a existência dos perfilados. Alguns passavam por dificuldades financeiras, e poucos admitiam viver na pobreza, mas a maioria demonstrava satisfação verdadeira com sua sorte, o que explica sua consternação, depois de Pearl Harbor, ao ver seus padrões habituais serem rompidos, sonhos frustrados, famílias separadas. Mary Carson Cookman, editora do periódico, escreveu sobre os perfis publicados nos meses anteriores e as novas circunstâncias dos americanos: "A guerra está mudando as condições de vida em toda parte. Mas (...) os americanos são um povo bom, surpreendentemente modesto naquilo que exige da vida. O que eles têm lhes é precioso (...) O que esperam conseguir estão prontos a trabalhar para merecer — não querem nem esperam que lhes seja dado... O que temos nos basta. Mas pode ser melhor, precisa ser melhor e *será* melhor."[29]

Se essa era uma reafirmação banal do sonho americano no momento em que o país entrava no conflito, ainda assim parece refletir o estado de espírito dominante. A luta custaria aos Estados Unidos menos do que a qualquer outro país combatente — na realidade, gerou um *boom* econômico que permitiu aos Estados Unidos saírem da guerra mais ricos do que entraram. Porém, muitos sofreram uma sensação duradoura de injustiça, de que a perversidade de outros havia invadido e estragado suas vidas decentes. Como centenas de milhões de europeus antes deles, os americanos começaram a descobrir a tristeza de ver os entes mais próximos e queridos saírem de casa para enfrentar um perigo mortal. A Sra. Elizabeth Schlesinger escreveu sobre a partida de seu filho Tom para o exército: "Eu sabia, depois de Pearl Harbor, que sua partida era inevitável. Não me permitirei pensar sobre o assunto do ponto de vista pessoal. Sou apenas uma entre milhões de mães que amam seus filhos e os veem partir para a guerra, e meus sentimentos são universais, não apenas meus. Aceitei o que preciso enfrentar e com o que conviverei por muitos meses, talvez anos. Tom disse: 'Ei, achei que você ficaria bem mais chateada com minha partida.' Ele não imagina o quanto isso significa para mim e as infinitas ansiedades que clamam por meus pensamentos."[30]

Na ausência do ataque a Pearl Harbor, continua alvo de especulações saber quando os Estados Unidos entrariam na guerra, se é que entrariam. Nas palavras de John Morton Blum: "A guerra não era uma ameaça nem uma cruzada. Parecia, como disse a *Fortune*, 'apenas uma necessidade penosa' (...) Dentro dos Estados Unidos, os americanos nunca viram o inimigo. O país não partilhava, nem queria, os desastres que caíram sobre a Europa e a Ásia."[31] Apesar das exuberantes declarações de patriotismo depois do "Dia da Infâmia", muitos americanos continuaram ressentidos sobre a necessidade de aceitar mesmo uma parcela modesta das privações a que estava sujeita a maioria dos povos no mundo. No começo de 1942, Arthur Schlesinger visitou o Meio-Oeste num giro pelas bases do exército para a Agência de Informações de Guerra: "Chegamos em meio às lamúrias sobre o racionamento de gasolina e foi bastante deprimente. O sentimento de oposição ao governo é forte e ostensivo."[32]

Mas, felizmente para a causa dos Aliados, os líderes dos Estados Unidos mostraram-se firmes e sábios durante essa crise suprema. Na reunião entre Roosevelt e Churchill, em Washington, no final de dezembro de 1941, os Estados Unidos confirmaram o compromisso provisório, assumido em conversas anteriores entre as equipes de trabalho, de priorizar a guerra contra a Alemanha. Desde 1939, os preparativos militares e navais americanos — em especial o plano Orange, mais tarde denominado Rainbow 5 — trabalhavam com a probabilidade de uma luta em duas frentes. O exército concluiu, de maneira acertada, que não se poderia vencer "primordialmente pela ação naval" e que a criação de grandes forças terrestres e seu posicionamento além-mar seriam indispensáveis. O almirante Harold Stark escreveu para o secretário de marinha em 12 de novembro de 1940: "Sozinho, o Império Britânico não dispõe do contingente e dos meios materiais para dominar a Alemanha. A assistência de aliados poderosos é necessária tanto no que diz respeito a homens como a material bélico e suprimentos." Stark previu que, em caso de ataque japonês, os britânicos provavelmente perderiam a Malásia. Ele propôs um bloqueio contra o Japão, cuja dependência absoluta de importações o tornava excepcionalmente vulnerável; e então, planejou uma guerra limitada no Oriente enquanto despachava grandes forças terrestres e aéreas para a Europa.

Os chefes de estado-maior dos Estados Unidos reconheciam que a Alemanha sem dúvida representava a ameaça mais perigosa. Os japoneses, apesar de toda a sua impressionante capacidade militar e naval na linha de frente, não poderiam ameaçar o solo dos Estados Unidos ou da Grã-Bretanha. Dos países brancos anglo-saxões, somente a Austrália estava localizada a um alcance plausível das forças de Tóquio, o que causou intensa mágoa entre políticos australianos quanto à falta de vontade britânica em enviar forças significativas para sua defesa. No caso, embora os amplos princípios estabelecidos por Stark fossem sustentados, a supremacia da Rússia na derrota a Wehrmacht — totalmente imprevista em dezembro de 1941 — alterou um pouco o equilíbrio dos compromissos dos Estados Unidos na guerra. Ainda que o exército despachado para a Europa fosse grande, não era nem de perto tão poderoso como seria necessário se os Aliados fossem obrigados a assumir o papel principal na derrota da Alemanha. Como corolário, uma vez que a sobrevivência e o poder de fogo da Rússia ficaram patentes em 1943, os chefes de estado-maior americanos sentiram-se capazes de desviar importantes efetivos para o Pacífico antes do esperado. O sentimento popular, mais hostil ao Japão do que à Alemanha, tornou a decisão politicamente apropriada e estrategicamente aceitável.

Geoffrey Perrett observou que os Estados Unidos não estavam preparados para o ataque a Pearl Harbor, mas estavam prontos para a guerra.[33] Isso só é verdade no sentido de que um grande poderio naval estava sendo montado: na semana seguinte ao ataque, os estaleiros americanos lançaram treze navios de guerra e nove navios mercantes, arautos de uma vasta armada em construção, a entrar em atividade nos dois anos seguintes. O país estava produzindo quinze encouraçados, onze porta-aviões, 54 cruzadores, 193 contratorpedeiros e 73 submarinos. No entanto, estava claro para os governos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, se não para seus povos, que se esperava uma grande demora até que forças terrestres ocidentais pudessem enfrentar a Alemanha no continente. Nos anos seguintes, a Rússia precisaria suportar o fardo pesado de lutar contra a Wehrmacht. Ainda que, como queriam os chefes de estado-maior dos Estados

Unidos, os Aliados lançassem um primeiro desembarque na França, para desviar a atenção, seus exércitos permaneceriam relativamente pequenos até 1944.

Roosevelt e Churchill consequentemente reconheciam, à diferença de alguns de seus comandantes, a necessidade de operações menores, plausíveis apenas no palco do Mediterrâneo, para preservar um senso de progresso na mente da população. A ofensiva com bombardeiros contra a Alemanha avançaria com a rapidez permitida pela construção dos aviões necessários para realizá-la. Porém, desde que a linha de frente oriental se mantivesse como o palco terrestre decisivo, a ajuda à Rússia seria prioritária. Mesmo que a quantidade de material disponível para embarcar continuasse relativamente pequena até 1943, tanto Washington quanto Londres reconheciam a importância de todos os gestos possíveis para impedir que Stalin negociasse a paz em separado. Receios anglo-americanos de que os russos fossem derrotados, ou ao menos forçados a negociar com Hitler, eram um fantasma constante nas relações entre os Aliados até o fim de 1942.

Enquanto isso, no leste, a iniciativa era japonesa, que empregava forças formidáveis em terra, mar e ar. "Nós, japoneses", afirmava o manual de campanha distribuído a todos os soldados de Hirohito ao embarcarem para o ataque aos impérios ocidentais, "herdeiros de 2.600 anos de um passado glorioso, erguemo-nos agora, em resposta à confiança em nós depositada por Sua Majestade o Comandante-Chefe, pela causa dos povos da Ásia, e embarcamos numa tarefa nobre e solene que mudará o curso da história mundial (...) A Tarefa da Restauração Shōwa, que é realizar o desejo de Sua Majestade Imperial por paz no Extremo Oriente e libertar a Ásia, repousa diretamente sobre nossos ombros." Tendo devastado os encouraçados da frota americana no Pacífico, os japoneses satisfaziam agora sua antiga ambição de capturar o protetorado das Filipinas juntamente com as vastas reservas naturais das Índias Orientais Holandesas — atual Indonésia — e as britânicas Hong Kong, Malásia e Birmânia. No período de cinco meses, enfrentando débil resistência, eles criaram um império. Embora tal império se mostrasse, no fim, o mais breve da história, o Japão, por uma temporada, dominou vastas extensões de terras asiáticas e de águas do Pacífico.

9
A temporada de triunfos do Japão

1 "ESPERO QUE PONHAM ESSES BAIXINHOS PARA CORRER"

Muitos japoneses receberam bem a guerra, que, para eles, oferecia ao país a única saída honrosa para suas dificuldades. O romancista Dazai Osamu, por exemplo, estava "se coçando de vontade de reduzir os americanos bestiais e insensíveis a nada".[1] Mas seria um erro imaginar a sociedade de Osamu como um monólito. O tenente-general Kuribayashi Tadimichi, que passara dois anos nos Estados Unidos, escreveu para sua mulher declarando sua firme oposição à ideia de desafiar um inimigo tão poderoso no campo de batalha: "Seu potencial industrial é imenso, e o povo é enérgico e versátil. Nunca se deve subestimar a capacidade de luta dos americanos." Sasaki Hachiro, de dezoito anos, refletiu em seu diário: "Quantos realmente morrem de 'mortes trágicas' nesta guerra? Tenho certeza de que há mais mortes cômicas disfarçadas de trágicas (...) Mortes cômicas não envolvem qualquer alegria de viver, mas são repletas de agonia sem qualquer significado ou valor."[2] Hachiro, desde muito cedo, resignou-se à própria extinção e ofereceu-se voluntariamente como piloto com uma determinação quase explícita de satisfazer o destino, como de fato fez — *shikata ga nai*. Seu desdém pelos militaristas japoneses nunca diminuiu: ele convenceu o irmão mais novo a se tornar estudante de ciências, isentando-se do alistamento militar, para que, pelo menos, ele pudesse sobreviver.

Hayashi Tadao, contemporâneo de Hachiro, era outro fatalista que fazia intensa oposição à guerra. Seu diário expressava, reiteradamente, repulsa ao próprio país. Perguntava a si mesmo: "Japão, por que não te amo e te respeito? (...) Sinto que preciso aceitar o destino de minha geração de lutar na guerra e morrer (...) Precisamos ir para o campo de batalha sem manifestar nossas opiniões, criticar e argumentar sobre prós e contras (...) é uma grande tragédia."[3] Os êxitos do Japão em 1941-1942, em face da pouca resistência ocidental, levaram ambos os lados a superestimar o poder da nação de Hirohito. Assim como a Alemanha não tinha forças para vencer a União Soviética, o Japão era fraco demais para sustentar suas conquistas asiáticas, a não ser que o Ocidente cedesse após as primeiras derrotas. Mas, como tantas outras coisas, essa perspectiva é mais aparente hoje do que setenta anos atrás, em meio aos triunfos nipônicos.

• • •

Até dezembro de 1941, o ritmo indolente, úmido e mimado da vida colonial na Ásia sofreu raras interrupções pelos acontecimentos na Europa. No protetorado americano das Filipinas, a enfermeira do exército tenente Earlyn Black era uma entre os milhares de expatriados que se deleitavam numa vida de conforto e elegância, suavizada por serviçais submissos: "Todas as noites, trajávamos vestidos longos para o jantar, os homens usavam

smokings e fraques com cinta. Era um estilo de vida muito formal. Colocávamos vestidos longos até para ir ao cinema."[4] Outra tenente, enfermeira Hattie Brantly, de 25 anos, natural de Jefferson, Texas, considerava inconcebível a ideia de uma guerra contra o Japão: "Era uma piada. Nossa enfermeira-chefe dizia, no refeitório: 'Comam mais um biscoito, meninas. Vocês precisarão disso quando os japoneses nos pegarem.' (...) Simplesmente levávamos a vida, éramos felizes e não nos preocupávamos muito."[5]

Da mesma forma, na Cingapura britânica, um engenheiro tcheco, Val Kabouky, descreveu os moradores brancos como "pompeianos modernos".[6] Mesmo após mais de dois anos de guerra, 31 mil europeus, em uma população de cinco milhões de malásios e chineses, mantinham uma paródia de privilégios imperiais. Ocidentais recém-chegados na colônia, que desejavam aprender apenas o necessário sobre a língua local, podiam comprar um livro de frases feitas intitulado *Malay for Mems* — abreviatura de "Memsahibs" [senhoras brancas]. Era redigido no modo imperativo: "Arme a rede de tênis", "Siga a *Mem*", "Atire naquele homem". Em 1941, soldados recém-chegados, especialmente australianos, indignavam-se ao se verem excluídos dos bastiões sociais dos colonizadores. Indianos não tinham permissão para viajar no mesmo vagão que os britânicos, nem para entrar em seus clubes. Houve um motim no regimento Hyderabad quando um oficial indiano foi dispensado do exército por ter relações sexuais com uma mulher branca; ele foi reintegrado e o assunto, abafado, mas o ressentimento persistiu.[7] Lady Diana, mulher do ministro britânico Duff Cooper, escreveu, com desdém aristocrático, sobre as pretensões dos expatriados britânicos: "Na maioria, fracos, vulgares e pomposos como camponeses."[8] Seu entusiasmo pelos encantos turísticos de Cingapura soava bizarro enquanto a catástrofe se desenrolava mais ao norte: "A vida de trabalho dos 'chinas' se passa diante de nossos olhos em todas as ruas — fabricantes de caixões, pintores de lanternas e uma quantidade tremenda de barbeiros. Jamais me canso de passear e saborear o ambiente."

Na Malásia, comandantes militares e governantes da Grã-Bretanha refletiam escassez de talento. O Império parecia ter um suprimento inexaurível de guerreiros nada belicosos. O marechal do ar Sir Robert Brooke-Popham, comandante-chefe do Extremo Oriente até o fim de 1941, tinha 63 anos e era ex-governador do Quênia. O tenente-general Arthur Percival, comandante do exército, era um antigo oficial de estado-maior cuja pífia experiência operacional fora adquirida no combate ao levante do Sinn Féin, na Irlanda. Sir Shenton Thomas, governador da colônia, disse aos generais, na manhã de 8 de dezembro, enquanto os japoneses começavam a desembarcar no norte: "Espero que ponham esses baixinhos para correr." Seu desprezo talvez fosse maior se lesse as ordens dadas aos soldados japoneses enviados à investida contra a Malásia, que incluíam instruções caseiras para evitar constipação e azia, bem como exercícios respiratórios para evitar enjoo no mar: "Lembrem-se de que nos conveses inferiores do navio, escuros e fumegantes, sem murmúrio de queixas por sua situação, os cavalos do exército sofrem pacientemente." Os homens eram assim encorajados: "Quando se deparar com o inimigo após o desembarque, pense em si mesmo como um vingador que finalmente está face a face com o assassino de seu pai."

Embora tropas britânicas e imperiais estivessem desdobradas no norte da Malásia na expectativa de um ataque anfíbio japonês vindo do Sião, o início da guerra provocou ali

um choque cultural tão devastador quanto em Pearl Harbor. No mundo inteiro, todas as sociedades que se viram atingidas por uma escalada da violência responderam inicialmente com descrença, ainda que a inevitabilidade dos ataques tivesse sido proclamada pela lógica mais gritante. Quando as primeiras bombas japonesas caíram sobre Cingapura, no alvorecer de 8 de dezembro, o mestre de máquinas australiano Bill Reeve dormia em seu beliche no porto, a bordo do contratorpedeiro *Vendetta*, recém-saído de meses de combates pesados no Mediterrâneo. Ao ouvir explosões, Reeve achou que se tratava de um pesadelo sobre as batalhas passadas. "Disse a mim mesmo: 'Seu idiota, vire-se e durma de novo.'"[9] Um choque violento e muito próximo despertou o mestre de máquinas para a realidade, mas, mesmo após sucessivas bombas, a iluminação pública se manteve acesa.

Churchill tomara a decisão brutal, e provavelmente inevitável, de concentrar o melhor das forças imperiais no Oriente Médio. A defesa aérea da Malásia contava com apenas 145 aeronaves, sendo 66 Buffalo, 57 Blenheim e 22 Hudson. A obsolescência de grande parte desses aviões era menos significativa do que a ampla superioridade, em experiência e habilidade, dos pilotos japoneses sobre os Aliados. Quando os japoneses começaram a desembarcar em Kota Baharu, a reação dos defensores foi lamentavelmente débil. Os comandantes da RAF tardaram algumas horas para se mexer e lançar ataques contra a frota invasora. Quando o fizeram, aviões britânicos e australianos, e os defensores posicionados no litoral, provocaram mais de mil baixas no inimigo. Nem todas as tropas invasoras se portaram heroicamente: um oficial japonês descreveu como "uma seção de suboficiais do Regimento Independente de Engenharia havia (...) entrado em pânico diante do bombardeio inimigo. Sem que houvesse ordem do comandante da fração, eles embarcaram nos grandes botes a motor (...) e retiraram-se para o mar aberto na costa de Saigon".[10]

Mas, até o fim do primeiro dia, o poderio aéreo britânico no norte da Malásia fora reduzido à metade, com cerca de cinquenta aviões em condições de voo. Muitos oficiais dos altos escalões e equipes de terra não agiram com eficácia: os pilotos de uma seção de caças Buffalo, que decolou para interceptar atacantes japoneses, descobriram, com desgosto, que os encarregados do armamento não haviam municiado suas armas. No aeródromo de Kuantan, centenas de integrantes das equipes de terra fugiram, em pânico. "Como é possível? São todos *sahibs*",[11] perguntou um aturdido motorista indiano do Real Regimento de Fuzileiros Garwhal ao seu oficial enquanto os dois contemplavam um caos de equipamentos, bagagens pessoais, raquetes de tênis e destroços espalhados pelos edifícios do aeródromo. O jovem tenente retrucou, irritado: "Não são *sahibs*, são australianos." No entanto, soldados e aviadores britânicos também fugiam. Algumas unidades indianas entraram em pânico; acreditava-se que o oficial comandante britânico de um batalhão de siques fora morto pelos próprios soldados antes que debandassem. "Agora entendemos a capacidade do inimigo",[12] escreveu um oficial japonês, desdenhosamente. "As únicas coisas que precisávamos temer eram a quantidade de material bélico que ele possuía e a eficácia de suas demolições."

Ocorreu a primeira de incontáveis atrocidades. Três aviadores britânicos acidentados numa aterrissagem de emergência no Sião foram capturados pela gendarmaria, que os entregou aos japoneses. O vice-cônsul japonês na região disse a um juiz siamês que eles

eram “culpados de tirar vidas japonesas e de destruir propriedades japonesas” — e os homens foram decapitados numa praia próxima. Ao longo da história, e em especial na guerra russo-japonesa de 1905, a conduta do exército nipônico em relação aos inimigos derrotados caracterizara-se pela clemência. O “grupo de controle” que mandava em Tóquio mudou esse posicionamento, instilando em suas forças armadas uma cultura de crueldade que em nada se distinguia da barbárie; em 1934, o ministro da Guerra publicou um panfleto enaltecendo o conflito como “o pai da criação e a mãe da cultura. A rivalidade pela supremacia faz pelo Estado o que a luta contra a adversidade faz pelo indivíduo”. Os Aliados começaram a descobrir o significado dessa visão implacável para aqueles que caíam em mãos inimigas.

Antes que o cruzador *Repulse* deixasse Cingapura com o encouraçado *Prince of Wales*, em busca de navios anfíbios japoneses, houve um baile no grande convés a ré do navio. O evento despertou em Diana Cooper fantasmas da lendária *soirée* da duquesa de Richmond antes da batalha de Waterloo: “Outra vez o baile de Bruxelas.”[13] Ao largo, no leste da Malásia, o comandante William Tennant disse à sua tripulação: “Faremos uma busca para o norte para ver o que conseguimos pegar e o que conseguimos enxotar. Precisamos estar alertas (...) Sei que o velho navio se comportará bem (...) Equipamentos salva-vidas devem ser usados ou carregados (...) não porque eu ache que algo acontecerá ao navio — ele dá muita sorte.” Ainda assim, pouco antes do meio-dia de 10 de dezembro, *Repulse* e *Prince of Wales* foram afundados pela aviação japonesa, um golpe arrasador para o prestígio britânico em toda a Ásia. Só houve consolo no heroísmo de alguns homens condenados, como Wilfred Parker, capelão neozelandês do *Prince of Wales*, que permaneceu ao lado dos que morriam em vez de se salvar. O piloto de um caça britânico que sobrevoava a cena enquanto centenas de marujos se agarravam aos destroços nas águas cobertas de óleo escreveu com admiração: “Todos os homens acenavam e erguiam o polegar para mim (...) como se fossem turistas em Brighton (...) Vi ali o espírito que vence guerras.”[14] Porém, sobreviventes mais tarde disseram que, na realidade, estavam sacudindo os punhos para os aviadores e gritando insultos: “RAF: Rare As Fucking Fairies! [Rara como a porra das fadas]”

Na floresta ao norte, unidades britânicas eram repetidamente surpreendidas pelos ágeis japoneses. O 1º Batalhão do 14º Regimento Punjabi foi surpreendido por tanques inimigos enquanto se abrigava, em suas viaturas, de uma chuva torrencial; os canhões anticarro que o acompanhavam sequer tiveram tempo de ser desengatados das viaturas. “De repente, vi alguns de meus caminhões e uma viatura de transporte de carga deslizando ruidosamente pela estrada inundada e ouvi o inferno de uma batalha”, escreveu seu comandante, o tenente Peter Greer. “O barulho era terrível (...) logo depois, um carro de combate médio passou por mim, trovejando. Mergulhei para me proteger (...) nos dois minutos seguintes, uma dúzia de tanques médios (...) me ultrapassou (...) Eles haviam penetrado através de nossas companhias da vanguarda (...) Vi um de meus caminhões de transporte; a traseira estava em chamas e meu subcomandante, virado, disparava sua metralhadora leve contra um tanque vinte metros atrás de mim. Pobre coitado.”[15]

Os sobreviventes do Punjabi dispersaram-se e nunca mais se reagruparam. O mesmo destino teve um batalhão de recrutas gurcas: trinta soldados foram mortos no primeiro combate, enquanto apenas duzentos escaparam com suas armas, deixando que a maioria fosse capturada. Um oficial registrou “cenas de confusão indescritível, com pequenos

grupos sem comando de soldados indianos e gurcas disparando em todas as direções (...) ninguém parecia saber o que estava acontecendo (...) sua própria artilharia se mostrava incapaz entre as tropas britânicas".[16] Algumas unidades, especialmente um batalhão do Regimento Argyll & Sutherland Highlanders, conduziram-se bem. Contudo, esforços isolados tinham pouco valor quando japoneses que encontravam resistência atacavam repetidamente o flanco dos defensores infiltrando-se pela mata que os britânicos haviam condenado como intransitável.

Duff Cooper, ministro britânico residente no Extremo Oriente, escreveu a Churchill a respeito do comandante militar britânico na Malásia, general Arthur Percival: "Um homem simpático, bom (...) calmo, lúcido e até esperto, mas é incapaz de uma visão geral; para ele, é tudo um dia de exercícios em Aldershot. Ele conhece as regras muito bem e segue-as rigorosamente, está sempre aguardando um apito do árbitro de manobra que sinalize o cessar-fogo e espera que, quando chegar a hora, suas decisões sobre desdobramentos sejam aprovadas."[17] A defesa britânica da Malásia foi estorvada pelas limitações de Percival, por comunicações deficientes e pela conhecida fraqueza institucional do exército britânico. Quando o rádio falhava e as linhas dos telefones eram cortadas, algumas unidades apelavam para a comunicação por meio de toques de corneta. Os japoneses puderam explorar a supremacia quase absoluta de mar e de ar. Quando as forças do general Tomoyuki Yamashita encontraram teimosa resistência em Kampar, na Malásia central, ele simplesmente lançou um novo desembarque anfíbio para atacar o flanco dos defensores. Os britânicos foram confundidos pela ousada utilização japonesa dos tanques, contra os quais faltavam aos defensores até coquetéis molotov. As três divisões de Yamashita, apesar da ampla inferioridade numérica, demonstraram a agressividade e a energia que seus oponentes não tinham. O comandante deles compôs um poema:

> No dia em que o sol brilha com a lua
> A flecha deixa o arco
> Leva meu espírito em direção ao inimigo
> Comigo estão centenas de milhões de almas
> Meu povo do leste
> Neste dia em que a lua brilha
> E o sol também brilha.

Churchill afirmou que o exército japonês era especialista na guerra na selva. As três divisões de Yamashita de fato haviam adquirido experiência de combate na China, mas seus soldados entraram na floresta pela primeira vez quando desembarcaram na Malásia. Na China, usaram cavalos como meio de transporte, mas agora bicicletas os substituíam — seis mil foram distribuídas para cada divisão, junto com quinhentas viaturas motorizadas. No calor intenso, os pneus das bicicletas furavam com frequência, e equipes de manutenção, formadas por dois homens e agregadas a cada companhia, remendavam uma média de vinte pneus por dia. Soldados de infantaria que encontravam resistência nas

estradas simplesmente buscavam um atalho, carregando nos ombros suas bicicletas e armamentos por rios e pela selva, pedalando até vinte horas por dia e levando 27 quilos de bagagem na garupa. Até o velho tenente-coronel Yosuke Yokoyama, à frente de um regimento de engenharia, locomovia-se numa bicicleta. Baixo, rechonchudo, escorrendo suor, seguia, próximo da infantaria, inspecionando demolições britânicas e dirigindo consertos de pontes, feitos com madeira obtida em incursões a serrarias locais. Os japoneses referiam-se aos imensos depósitos de provisões que capturavam e exploravam para suas próprias unidades como “suprimentos de Churchill”.

“A linha Jitra foi penetrada, cerca de quinze horas atrás, por menos de quinhentos homens”,[18] escreveu, com desdém, o coronel Masanobu Tsuji. Naquele combate, ele informou baixas japonesas de apenas 27 soldados e 83 feridos. “O inimigo recuou, deixando para trás, como suvenires, cerca de cinquenta peças de artilharia de campanha, cinquenta metralhadoras pesadas, trezentos caminhões e viaturas blindadas e provisões para alimentar uma divisão por três meses. Mais de três mil soldados renderam-se, jogando suas armas no chão, em pânico, e buscando refúgio na floresta (...) Grande parte era composta por indianos.”

Algumas dessas unidades se desintegravam rapidamente, sobretudo quando seus oficiais britânicos tombavam, como aconteceu muitas vezes. A reputação do exército indiano sofreu severamente na Malásia, onde a falta de motivação de muitos mercenários era evidente. Os japoneses usavam táticas de “enervamento”, com resultados formidáveis, produzindo estrondos atrás da própria linha de frente para assustar os defensores e fazê-los recuar ou mesmo fugir desorientados. A enorme expansão do exército indiano durante a guerra resultara no envio de alguns oficiais britânicos com apenas seis meses de treinamento, em vez dos trinta meses usuais, e que não sabiam falar urdu, incapazes portanto de se comunicar com seus homens. O abismo cultural entre os adversários ficou demonstrado quando os soldados britânicos se renderam. Esperavam a clemência costumeira dos exércitos europeus, mesmo os nazistas, mas, em vez disso, horrorizaram-se ao ver seus captores matarem feridos incapacitados ou mesmo civis e soldados não feridos. A filha adolescente de um professor chinês que levava comida para um oficial do Regimento Argyll em seu esconderijo na floresta deixou-lhe um bilhete em inglês, certo dia, sobre os japoneses: “Pegaram meu pai e cortaram-lhe a cabeça. Trarei a comida enquanto puder.”[19] Numa fase inicial, a disciplina dissolveu-se em partes do exército de Percival, de modo evidenciado pelo saque de Kuala Lumpur, realizado por soldados em fuga. Contra-ataques, vitais para qualquer defesa bem-sucedida, raramente eram tentados. Grande parte das unidades indianas consistia em soldados jovens e pouco treinados. Quaisquer que fossem suas outras carências, os subordinados de Percival demonstraram coragem considerável, refletida no alto índice de baixas entre os oficiais britânicos que se esforçavam para manter, pelo exemplo, as tropas indianas em combate. Raramente tiveram sucesso: uma brigada indiana inteira simplesmente desapareceu quando atacada.

Algumas unidades britânicas não se comportaram melhor: a 18ª Divisão chegou a Cingapura como reforço tardio e sofreu humilhação imediata. Um de seus batalhões, o 6º Regimento Norfolks, perdeu seis subalternos e um capitão nas primeiras 72 horas de combate. A força de ataque podia ser pequena, mas as três divisões de Yamashita estavam entre as melhores do exército japonês; movimentavam-se com rapidez, e perdas raramente detinham seus ataques. O código *bushido* levava-os a tratarem a si mesmos tão

impiedosamente quanto seus inimigos. Um piloto de caça japonês abatido em Johore atirou contra malásios curiosos que o cercavam e, em seguida, usou a última bala para se matar.

Desde o início, britânicos em fuga apegavam-se às convenções raciais do Império e abandonavam descaradamente seus súditos nativos. Um comissário na ilha de Penang recusou a entrada de bombeiros malásios no quarteirão europeu após bombardeios e rejeitou apelos para demolir algumas casas europeias a fim de criar uma barreira contra incêndios. Quando a ilha foi evacuada, negou-se o acesso de não europeus aos navios. Um juiz chinês foi despejado depois de subir a bordo, embora o carro do comandante da fortaleza tenha embarcado. Uma refugiada que escapou da ilha disse depois que a evacuação britânica foi "algo que, com certeza, jamais será esquecido ou perdoado".[20] O chefe britânico da polícia de Cingapura garantira a seus subordinados siques que ficaria com eles até o fim; em vez disso, fugiu. Em Cameron Highlands, colonos de partida apelaram aos membros asiáticos da força de defesa local que permanecessem com suas unidades — não foi surpresa quando todos pediram demissão em bloco. Em Kuala Lumpur, médicos britânicos abandonaram alas hospitalares aos cuidados dos colegas asiáticos. Um jovem ator de uma trupe chinesa de teatro disse à sua plateia no centro de mineração de Ipoh: "Os britânicos estão tratando o Império como sua propriedade e se comportando como se participassem de uma transação comercial."[21]

O comportamento das comunidades britânicas na Malásia, e depois na Birmânia, foi relativamente racional: chegaram ao Sudeste Asiático rumores sobre a orgia de estupros e de massacres que acompanhou a queda de Hong Kong no final de dezembro. Mas o espetáculo de governantes brancos sucumbindo ao pânico escarnecia do mito de um paternalismo imperial benigno. O racismo e o egoísmo eram quase absolutos: quando serviçais chineses a bordo do cruzador ligeiro *Durban* se amotinaram, o comandante Peter Cazalet escreveu, pesaroso: "Não tratamos bem os chineses em tempos de paz (...) eles não nos têm lealdade verdadeira, e por que teriam?"[22] Ele observou que um dos amotinados manifestara desejo de se juntar ao exército japonês. Uma testemunha ocular em Cingapura percebeu que, embora as vítimas civis de bombardeios estivessem sendo jogadas em valas comuns, tanto na morte quanto na vida os corpos europeus e asiáticos eram segregados. Um exemplo da condescendência dos britânicos foi a reação do governador da Malásia quando seu criado foi morto por uma bomba japonesa atrás da Casa do Governo. Shenton Thomas escreveu em seu diário: "Terrivelmente triste por meu menino. Era uma alma tão fiel." Outros países da "família" imperial britânica demonstraram pouco entusiasmo ao receber refugiados do Sudeste Asiático. A princípio, a Austrália concordou em permitir a entrada de apenas cinquenta europeus e o mesmo número de chineses; o Ceilão fixou um limite inicial de quinhentas pessoas, com prioridade para seus próprios cidadãos. As barreiras imigratórias só foram baixadas tardiamente, em face da catástrofe.

Em 31 de janeiro, a estrada elevada que ligava a Malásia à ilha de Cingapura foi destruída. O reitor britânico do Raffles College, ao ouvir a explosão, perguntou o que significava aquilo. Um jovem chinês, Lee Kuan Yew, afirma ter respondido: "O fim do Império Britânico."[23] Durante 55 dias, os japoneses avançaram em média dezenove quilômetros por dia, travando 95 combates e consertando 250 pontes. Estavam quase sem

munição, e os setenta mil combatentes restantes de Percival eram mais do que o dobro da força de Yamashita. Mas o general britânico cometeu o erro básico de dispersar suas forças para defender os 115 quilômetros de litoral de Cingapura. O moral estava miseravelmente baixo e caiu ainda mais quando os engenheiros começaram as demolições nos estaleiros navais. Esforços tardios foram feitos para evacuar dependentes para as Índias Orientais Holandesas. Mais de cinco mil pessoas embarcaram, num cenário de caos, pânico e às vezes violência no cais, enquanto militares desertores tentavam forçar passagem. Não mais de 1.500 refugiados alcançaram a segurança da Índia ou da Austrália. Quase todos os navios que chegavam ou saíam de Cingapura passavam pelo suplício de um ataque aéreo japonês. Um infante do Regimento de Fuzileiros Northumberland descreveu a provação de escapar num transporte sob fogo inimigo: "Era como estar trancado numa lata que estivesse sendo golpeada com porretes."[24]

As forças de Yamashita começaram a desembarcar na ilha de Cingapura em 8 de fevereiro, sob a escuridão, empregando uma frota improvisada de 150 barcos, que transportaram quatro mil homens na primeira leva, totalizando duas divisões. Os britânicos não montaram refletores, e sua artilharia pouco incomodou as tropas de assalto. As explosões das granadas em pouco tempo inutilizaram a maioria das comunicações telefônicas nas áreas avançadas, e a chuva pesada obrigou os defensores encharcados a se amontoarem nas trincheiras. Os japoneses avançaram rapidamente enquanto unidades australianas desmoralizadas retrocediam. Quando ficou claro que Cingapura seria perdida, o comandante da base naval, contra-almirante Jack Spooner, escreveu, com amargura: "A situação atual foi iniciada pelas AIF [Forças Imperiais Australianas], que simplesmente deram no pé, tornaram-se uma turba e deixaram os japoneses avançar sem resistência."

Um desconsolado major-general Gordon Bennett, comandante da 8ª Divisão Australiana, disse a um de seus oficiais: "Não acho que os homens queiram lutar."[25] Ele, pelo menos, não queria, e entrou num avião que o levou para casa em doze dias. E, se os australianos se comportaram mal, o mesmo fizeram as unidades britânicas, refletindo um colapso de determinação por todo o comando de Percival. O capitão Norman Thorpe, do Exército Territorial de Derbyshire, servindo no Regimento Sherwood Foresters, descreveu seu curioso senso de distanciamento em relação à catástrofe que se desdobrava à sua volta: "Sinto apenas uma inquietação ligeira e nem acho que isso tudo tenha a ver comigo."[26] Quando liderou um contra-ataque, Thorpe descobriu que só um punhado de homens o acompanhou; o avanço do pequeno grupo logo foi esmagado. O comandante de uma unidade australiana falou sobre fugitivos de posições avançadas que estavam "totalmente fora de controle e declaravam que não aguentariam mais". Os japoneses não eram menos implacáveis com os desistentes do que com os resistentes. O cabo Tominosuke Tsuchikane descreveu sua estupefação ao se deparar com inimigos que esperavam escapar por meio da pura inércia: "Depois de perderem a coragem, alguns soldados simplesmente se encolhiam de terror, agachando-se e evitando o combate corpo a corpo, numa posição de quem espera para ver. Também eram mortos sem misericórdia, a baioneta ou a tiros."[27]

Churchill enviou uma mensagem melodramática para Wavell, recém-nomeado comandante supremo dos Aliados, insistindo numa última resistência desesperada em

Cingapura: “A esta altura, não se deve pensar em salvar as tropas ou poupar a população. A batalha precisa ser travada até o amargo fim e a qualquer custo (...) Comandantes e oficiais superiores devem morrer com seus soldados. A honra do Império e do Exército Britânicos está em jogo. Confio que o senhor não demonstrará fraqueza ou clemência sob forma alguma. Com os russos lutando como estão e os americanos tão obstinados em Luzon, precisamos preservar a reputação de nosso país e de nossa raça.”

A mensagem de Churchill é importante por enfatizar o contraste de conduta de guerra entre os combatentes. Ele exigia da guarnição de Cingapura nem mais nem menos coragem e espírito de sacrifício do que alemães, japoneses e russos exibiam como rotina, embora o fizessem sob ameaça de castigos draconianos. Ainda que a Malásia estivesse perdida, o primeiro-ministro tentava extrair alguma lenda redentora sobre seus defensores terem resistido até o último homem, mas o conceito de autoimolação estava fora dos limites da cultura democrática ocidental. Na noite de 9 de fevereiro, um comandante de brigada australiana disse a Percival: “Na vida civil, sou médico. Se o braço do paciente está ruim, eu o amputo, mas, se o corpo todo está mal, não há operação que salve o paciente — ele precisa morrer. É assim com Cingapura: não adianta lutar para prolongar-lhe a vida.”[28] Um pequeno número de soldados ingleses, indianos e australianos demonstrou coragem durante a defesa da Malásia, mas foi um gesto fútil em meio ao colapso generalizado. Entre os Aliados, poucos oficiais apelaram aos seus homens por sacrifícios que certamente seriam negados.

Em Cingapura, mais do que em qualquer outro campo de batalha britânico, revelou-se um abismo entre a visão heroica do primeiro-ministro sobre o Império na guerra e a reação de seus combatentes. Os soldados de Percival haviam perdido a confiança em seus líderes e em si mesmos. Se confrontados diretamente por Churchill, eles talvez tivessem dito que, se o primeiro-ministro quisesse ver a Malásia bem defendida, devia ter-lhes dado oficiais competentes, armas melhores e alguns dentre as centenas de modernos caças ociosos nos aeródromos britânicos. Faltava-lhes o apetite que Churchill tanto desejava pela luta até a morte. Havia, entre seus superiores, uma falta de vontade semelhante sobre usar medidas extremas para reforçar a disciplina. Alguns desertores australianos subiram à mão armada a bordo de um navio de refugiados. Quando foram detidos e presos na Batávia, os oficiais britânicos quiseram matá-los. O primeiro-ministro australiano John Curtin escreveu a Wavell, insistindo que qualquer sentença de morte determinada para seus cidadãos precisava ser autorizada por Camberra — o que, é claro, não aconteceria. Mesmo nesse momento terrível do Império, persistiu uma sensibilidade que refletia os valores ocidentais “civilizados”, mas que em pouco contribuiu para a causa dos Aliados.

Em Cingapura, civis britânicos emocionados enfileiraram-se em clínicas veterinárias para que seus animais de estimação fossem humanamente sacrificados. Uma mortalha de fumaça emitida por tanques de petróleo em chamas se estendia sobre a cidade, enquanto a polícia militar usava seus fuzis como bastões para afastar homens tomados pelo pânico, geralmente bêbados, dos últimos navios que saíam do porto. Um relatório britânico subsequente desancou os australianos: “A conduta deles foi bestial.”[29] Àquela altura, tais comentários apenas refletiam o desejo de achar bodes expiatórios. No último encontro com o governador da Malásia, antes de partir para a Batávia, Wavell disse repetidas vezes, batendo nos joelhos com o punho fechado: “Não devia ter acontecido. Não devia ter acontecido.”[30] Conforme os japoneses avançavam para dentro da cidade, atrocidades

tornaram-se lugar-comum. No hospital Alexandra, um paciente de 23 anos, ouvindo os tiros e golpes de baioneta da aproximação japonesa, pensou, com tristeza: "Nunca terei 24 anos. Coitada de minha mãe." Nesse caso, foi um de apenas quatro sobreviventes naquela ala, porque seu corpo ensanguentado convenceu os japoneses de que estava morto. No Alexandra, 320 homens e uma mulher foram mortos, e muitas enfermeiras foram estupradas. Um grupo de 22 enfermeiras australianas escapou da cidade, mas caiu nas mãos dos japoneses numa ilha holandesa. Enquanto eram levadas ao mar para serem metralhadas, as últimas palavras da enfermeira-chefe Irene Drummond foram registradas pela única sobrevivente: "Queixo erguido, meninas. Eu me orgulho e amo todas vocês."[31]

Percival entregou Cingapura a Yamashita em 15 de fevereiro. A fotografia do major Wylde, de bermudas largas e capacete torto ao lado do general, carregando a bandeira britânica rumo às linhas japonesas, tornou-se uma das imagens mais icônicas da guerra. Parecia simbolizar a ineficácia estabanada e pomposamente reacionária dos homens a quem fora confiada a defesa do Império Britânico Oriental. Com Cingapura, Percival perdeu uma porção significativa da honra dos exércitos britânico e indiano, como Churchill e seu povo compreenderam muito bem. Os japoneses tinham alcançado a vitória em menos de setenta dias, ao custo de apenas 3.506 mortos, metade perdida na batalha por Cingapura. Do lado das forças imperiais, morreram 7.500, enquanto os vitoriosos fizeram 138 mil prisioneiros, metade composta por indianos. Um desses oficiais, o capitão Prem K. Saghal, viu o subcomandante britânico de sua unidade ser decapitado diante de seus olhos e disse, posteriormente: "A queda de Cingapura enfim me convenceu da degeneração do povo britânico."[32] Saghal concluiu que, em consequência de sua conduta, os governantes imperiais haviam perdido qualquer direito de exigir lealdade dos indianos. Da mesma forma, outro oficial, Shahnawaz Khan, sentiu que ele e seus soldados "tinham sido entregues como gado pelos britânicos".[33] Os japoneses começaram imediatamente a recrutar homens entre os prisioneiros de guerra para formar um "Exército Nacional Indiano", destinado a lutar contra os britânicos, e alcançaram algum sucesso. O prestígio do Raj dependia do mito de sua invencibilidade, que havia sido destruído.

Outro prisioneiro, o tenente Stephen Abbott, registrou a cena em que ele e seus companheiros iniciavam a longa caminhada por Cingapura para campos de concentração improvisados: "A área apresentava uma imagem de espantosa destruição. Caminhões virados, bicicletas, carrinhos de bebê e móveis jaziam em crateras imensas abertas por bombas ou estavam espalhados por ruas e calçadas. Prédios com buracos nas paredes mostravam ao mundo seus interiores patéticos. Corpos nus e membros humanos grotescos repousavam nos pontos aonde haviam sido arremessados. Um cheiro repulsivo subia na atmosfera úmida. A população local — chineses, malásios e indianos — mantinha-se diante dos destroços de suas antigas casas numa tristeza atordoada, as crianças pequenas assustadas agarrando-se às roupas das mães. Em cada prédio ainda de pé, pendia, nas mais variadas formas, a bola vermelha da bandeira japonesa (...) Eu encarava os soldados japoneses que víamos nas ruas. Eram esses os homens contra quem lutamos e que agora seriam nossos senhores? Pareciam meninos desleixados em suas fardas esfarrapadas, mas meninos triunfantes e mais do que prontos para zombar de suas vítimas."[34]

Para os cingapurenses, após mais de um século de governo colonial, a revelação da fragilidade britânica mudou tudo. Lim Kean Siew, de dezoito anos, filho de um chinês eminente, escreveu: "Os céus realmente se abriram para nós. De um mundo lânguido, preguiçoso e apático, fomos catapultados para um mundo de cambalhotas e de frenesi do qual jamais nos recuperaríamos."[35] Lee Kuan Yew, estudante de dezoito anos do Raffles College, também assistiu à captura dos britânicos: "Vi-os passarem pesadamente pela rua em frente à minha casa durante três dias, numa procissão infindável de homens perplexos que não sabiam o que tinha acontecido nem por quê, ou sequer o que eles estavam fazendo em Cingapura."[36]

Saboreando a vitória japonesa, o major-general Imai, chefe do estado-maior da Divisão de Guardas Imperiais, disse ao major-general Billy Key, do exército indiano, que fora capturado: "Nós, japoneses, conquistamos a Malásia e Cingapura. Logo teremos Sumatra, Java e as Filipinas. Não queremos a Austrália. Acho que é o momento de vocês, do Império Britânico, fazerem concessões. O que mais podem fazer?" Key respondeu, em tom desafiador: "Podemos expulsá-los. Algum dia, ocuparemos seu país. É isso o que podemos fazer." Os japoneses não pareciam convencidos, diante do desempenho lastimável das forças da Grã-Bretanha nos campos de batalha da Malásia. Yamashita e seus oficiais comemoraram a vitória com moluscos secos, castanhas e vinho, presentes do imperador, servidos sobre uma toalha branca.

O coronel Masanobu Tsuji, um dos militaristas mais importantes e brutais do exército japonês, contemplava com desdém prisioneiros britânicos e australianos que se deixavam vencer com tanta facilidade: "Grupos deles estavam sentados na estrada, fumando, falando e gritando em tom muito alto. Curiosamente, porém, não havia qualquer sinal de hostilidade em seus rostos. Em vez disso, havia uma expressão de resignação, como se vê nos vencidos em competições esportivas acirradas (...) Os soldados britânicos pareciam homens que terminaram o trabalho para o qual foram contratados por um salário adequado e agora descansavam das ansiedades do campo de batalha."[37]

Um membro do parlamento, Harold Nicolson, escreveu em seu diário que a rendição de Cingapura "foi um golpe terrível para todos nós. Não são apenas os perigos imediatos (...) É o medo de que estejamos apenas irresolutos ao enfrentar os resolutos". Churchill concordava. O primeiro-ministro ficou revoltado com o fraco desempenho britânico na Malásia não apenas porque a derrota era amarga, mas porque os japoneses conseguiram tanto a um custo tão baixo. Num documento sobre estratégias para líderes anglo-americanos, escrito em 20 de dezembro de 1941, ele insistiu: "É da maior importância que o inimigo não obtenha grandes vantagens com pouco esforço; que seja obrigado a cultivar suas conquistas e que seja mantido nos limites de suas forças — e consumindo seus recursos." A óbvia incapacidade das forças britânicas de alcançar esse objetivo era amarga e irritante para o primeiro-ministro. "Tivemos motivo, em muitas ocasiões anteriores, para sentirmos insegurança quanto às virtudes guerreiras de nossos homens",[38] escreveu o general Sir John Kennedy, diretor de operações militares do Departamento da Guerra. "Eles não combateram com tanta determinação quanto os alemães ou os russos, e agora eles foram superados pelos japoneses (...) Sem dúvida, como nação, fomos mais fracos do que qualquer de nossos inimigos, exceto os italianos (...) A civilização moderna de

modelo democrático não produz uma raça robusta, e nossa civilização (...) estava um pouco mais distante do estágio de barbárie do que as civilizações alemã, russa e japonesa."

Masanobu Tsuji, que depois escreveria vários livros celebrando as conquistas do exército japonês, foi um dos principais proponentes de suas atrocidades na Malásia. Já se afirmou que a execução de Yamashita por crimes de guerra teria sido injusta, mas o general nunca foi sequer indiciado pelos massacres sistemáticos de chineses cometidos em Cingapura sob seu comando. Certa vez, Yamashita afirmou em discurso que, enquanto seu povo descendia de deuses, os europeus descendiam de macacos. O racismo britânico no Sudeste Asiático foi eclipsado pelo dos japoneses. O novo regime de Tóquio caracterizava-se por uma brutalidade que os imperialistas despejados, quaisquer que fossem seus defeitos, jamais demonstraram.

Os japoneses passaram a tratar prisioneiros do modo como eles pretendiam seguir na guerra. Depois da queda de Hong Kong, no Natal de 1941, os invasores iniciaram uma orgia de estupros e massacres que se estendeu a freiras e enfermeiras e a pacientes de hospital mortos a baioneta em seus leitos. Cenas similares ocorreram em Java e em Sumatra, as maiores ilhas das Índias Orientais Holandesas, subjugadas sem dificuldade depois da queda de Cingapura. O exército japonês manteve em suas novas conquistas a tradição de selvageria estabelecida na China, uma deturpação da virilidade e do espírito guerreiro que era ainda mais chocante por ser institucional. Às vezes, soldados de qualquer país, em todas as guerras, são culpados de atrocidades. Uma distinção importante pode ser feita, porém, entre exércitos em que atos de barbárie representam uma quebra de regulamentos e de norma e exércitos em que tais atos são tolerados ou até incentivados pelos comandantes. Os japoneses destacaram-se na segunda categoria.

Em Java, o tenente-coronel Edward Dunlop, cirurgião australiano, dispensou um desfile de suas tropas após serem inspecionadas por um certo tenente Sumiya em 19 de abril:

> Dirigi-me ao oficial nipônico, prestando continência. Para meu espanto, ele desferiu um golpe que me atingiu o queixo com força. Só não fui derrubado porque afastei um pouco a cabeça (...) O tenente Sumiya arrancou sua espada e estendeu-a em direção ao meu pescoço com uma estocada mortal. Com um reflexo de boxeador, evitei a ponta, mas o punho atingiu-me a laringe com um baque violento, e, por um tempo, não pude respirar ou falar.
>
> Os soldados, resmungando indignados, avançaram. Os guardas levantaram seus fuzis e empurraram as baionetas de forma ameaçadora. O massacre iminente deixou a cena tensa. Estendi a mão esquerda para meus soldados, pedindo-lhes que parassem, e então me virei para o oficial, fiz uma reverência formal e fria (...) Fiquei em posição de sentido, friamente furioso, sem demonstrar medo, enquanto ele movia a espada em volta de minha cabeça, fazendo vento em minhas orelhas e berrando muito alto.[39]

Nos anos posteriores, Dunlop e seus companheiros sofreram surras muito piores, e milhares morreram de doenças e inanição. O cirurgião australiano foi reconhecido como herói da terrível experiência de cativeiro japonês, um santo secular. A batalha pela Malásia poderia ter tomado outro rumo se seus defensores tivessem previsto o preço pela pronta submissão.

• • •

Dias após a queda de Cingapura, os japoneses atacaram as Índias Orientais e seu precioso petróleo, um objetivo estratégico primordial. Das ilhas Palau, comboios de invasão zarparam para Sarawak, Bornéu e Java, apoiados por forças navais de poderio esmagador. As tropas dos Aliados eram fracas, desmoralizadas e mal coordenadas. Numa série de embates encarniçados por Java, em 19 de fevereiro, aviões japoneses destruíram quinze caças. Em 27 de fevereiro, um esquadrão dos Aliados sob comando do almirante holandês Karel Doorman e composto por dois cruzadores pesados e três ligeiros, escoltados por nove contratorpedeiros, tentou atacar o comboio anfíbio que se aproximava de Java com a cobertura de dois cruzadores pesados, dois ligeiros e quatorze contratorpedeiros. As forças rivais avistaram-se às quatro horas da tarde e abriram fogo. As primeiras trocas fizeram poucos estragos, pois a pontaria de ambos os lados era ruim: dos 92 torpedos disparados pelos japoneses, só um atingiu o alvo, afundando um contratorpedeiro holandês. O cruzador *Exeter* sofreu sérias avarias causadas por uma bomba que atingiu a sala de caldeiras, e recuou com dificuldade para a segurança de Surabaya. Às seis horas da tarde, a fração de contratorpedeiros americanos abandonou o esquadrão dos Aliados por iniciativa própria após empregar todos os seus torpedos.

O embate seguinte, à noite, foi desastroso para os Aliados: os cruzadores holandeses *De Ruyter* e *Java* foram postos a pique por torpedos, e o almirante Doorman morreu, assim como muitos de seus marinheiros. *Perth* e *Houston* escaparam, mas na noite seguinte depararam com a principal frota invasora japonesa no estreito de Sunda, onde também foram postos a pique. Em 1º de março, o *Exeter* e dois contratorpedeiros de escolta foram alcançados e afundados quando tentavam chegar ao Ceilão, e um contratorpedeiro holandês e outros dois americanos foram perdidos na passagem para a Austrália. Assim, dez navios e mais de dois mil homens desapareceram no fundo do mar em menos de uma semana, quase eliminando a presença naval dos Aliados nas Índias Orientais. Forças holandesas e as forças britânicas residuais em terra firme mantiveram uma resistência sem propósito durante uma semana, até que os japoneses asseguraram o domínio sobre as Índias Orientais. Não havia outro resultado plausível para a campanha, dada a esmagadora força japonesa desdobrada na região.

2 A "ROTA BRANCA" DA BIRMÂNIA

Os conquistadores, encorajados por seu triunfo malásio, aproveitaram a oportunidade para ocupar a Birmânia britânica, em parte para garantir seu petróleo e reservas naturais, e também para fechar a "Estrada da Birmânia" para a China. As primeiras bombas caíram

sobre a capital, Rangum, em 23 de dezembro. Numa pequena casa na rua Sparks, um dos filhos do maquinista de trens indiano Casmir Rego praticava “Noite Feliz” ao violino.[1] Lena, sua irmã mais nova, fazia guirlandas de papel enquanto os pais estavam na rua para as compras de Natal. De repente, o barulho de aviões e do fogo de metralhadoras interrompeu o idílio natalino. Bombas explodiram, incêndios irromperam, o pânico se espalhou.

Uma parteira birmanesa, Daw Sein, recordou mais tarde que, embora tivesse ouvido falar vagamente sobre uma guerra, não sabia quem lutava contra quem. Seu marido entrou na cozinha e berrou: “Para fora! Rápido! Precisamos ir embora!”[2] Eles fugiram de casa, e, na metade do caminho até a estação ferroviária, ela percebeu que estava seminua. O marido rasgou seu próprio *longyi* ao meio e deu-lhe o pedaço de pano para cobrir os seios. Nesses trajes, eles enfiaram-se no primeiro trem, que partia para Moulmein. Entupido até as portas com outros fugitivos, o comboio percorreu alguns quilômetros e então parou, com sua carga de seres humanos fétidos, famintos, sedentos e desesperados. Permaneceu imóvel durante horas. Finalmente, um homem caminhou ao longo da lateral do trem, gritando: “Moulmein foi destruída! As bombas estão caindo em todos os lugares! O trem não seguirá viagem!” Depois de perguntas ansiosas, Daw Sein e o marido partiram a pé para Mandalay, que ficava longe dali, na direção norte.

Nos dias seguintes, enquanto os ataques aéreos continuavam, a distribuição de alimentos entrou em colapso. Muitos moradores de Rangum tornaram-se saqueadores, invadindo casas abandonadas à procura de qualquer coisa comestível. Depois de um ataque, para horror da família Rego, o caçula, Patrick, desapareceu. Quando vasculhavam as ruas à sua procura, os irmãos encontraram um furgão carregado com cadáveres e membros decepados. Uma mulher gritava sob o amontoado de corpos: “Não estou morta! Por favor, me tirem daqui!”[3] Então, mais cadáveres foram jogados em cima dela, e o furgão partiu. Patrick reapareceu, ileso, mas as crianças jamais esqueceram a mulher presa entre os cadáveres.

O domínio colonial na Birmânia caiu em tão pouco tempo e de forma tão degradante quanto na Malásia. Uma horda de indianos em fuga meteu-se na floresta ou seguiu para oeste, incluindo os membros da casta inferior dos “varredores” que esvaziavam as latrinas de seus senhores e limpavam as ruas. Sir Reginald Dorman-Smith, o governador, refletiu com pesar sobre a revelação de que essa gente era indispensável à vida dos *sahibs*: “A vida começa com o varredor. Esse ser humano, o mais baixo de todos, tem nas mãos a diferença entre a saúde e a doença, a limpeza e a imundície.”[4] A administração civil entrou em rápido colapso, e também a defesa: em fevereiro e março, os japoneses tomaram todo o país. Ao desembarcar em Rangum, o soldado de cavalaria Robert Morris, do 7º Regimento de Hussardos, encontrou o caos: “Tudo o que víamos eram incêndios e depósitos de petróleo em chamas. Montanhas de equipamentos, como aeroplanos, com as palavras “Emprestado à China pelos Estados Unidos”, esperavam em caixas para serem montados. A quantidade de caminhões enfileirados e prontos para serem despachados para a China deixou-nos perplexos. O porto tinha sido esvaziado e saqueado.”[5]

Dorman-Smith era mais um pobre espécime de procônsul. Dizia-se incapaz de entender por que, depois de um século de domínio britânico, não havia lealdade birmanesa ao Império como a que parecia existir “entre outros países subalternos”.[6] O

servidor público John Clague deu uma resposta simples: "Nós, europeus, vivíamos num mundo em que raramente incluíamos o povo em nossos pensamentos humanos ou íntimos. Nenhum birmanês pertencia ao Moulmein Gymkhana. Nenhum birmanês vinha jantar ou tomar o café da manhã."[7] E então, foi ordenado que nenhum birmanês ou indiano fosse acomodado nos transportes para refugiados.

O comandante-chefe do Extremo Oriente, Sir Robert Brooke-Popham, partilhou a tristeza de Dorman-Smith. Ele relatou, com boa precisão, que muitos nativos eram abertamente a favor de uma vitória japonesa: "É bastante desalentador, após todos estes anos de presença na Birmânia e do evidente progresso sob nosso governo, descobrir que a maioria da população quer se ver livre de nós (...) Posso apenas indicar as três coisas que, de qualquer maneira, merecem investigação. Primeiro, uma tendência entre os ingleses a se julgarem naturalmente superiores, em todos os sentidos, a qualquer raça de cor, sem que se tomem providências para garantir que isso seja sempre um fato. Segundo, a incapacidade de se chegar a um entendimento compassivo com os birmaneses (...) Terceiro, o fato de que a maioria dos ingleses que não pertenciam ao serviço público na Birmânia estava mais preocupada em ganhar dinheiro (...) do que em trazer benefícios para a população nativa."[8]

Um birmanês não poderia ter se expressado melhor. Dos três primeiros-ministros depois da separação da Índia, dois tinham sido detidos pelos britânicos por tentativas de aproximação com Tóquio, assim como um grupo de estudantes nacionalistas que recebiam treinamento japonês como preparativo para uma colaboração. Na hipótese improvável de um referendo na Birmânia, em que a população tivesse recebido a oportunidade de escolher a quem ser leal durante a guerra, o sentimento em favor do Japão certamente teria prevalecido. O major-general Sir John Smyth, recém-nomeado comandante da 17ª Divisão Indiana, desdobrada ao sul de Moulmein, escreveria que os birmaneses deram pronta assistência aos invasores: "[Os japoneses] não só receberam informações sobre cada movimento nosso, como também conseguiram guias, balsas, cavalos, elefantes e tudo o mais que não conseguíamos por amor, mas só com grande dificuldade e por dinheiro."[9]

Mi Mi Khaing, birmanesa de 25 anos que estudara na Universidade de Rangum, escreveu com amargura sobre o modo como seu povo foi jogado na guerra sem que houvesse nem mesmo um simulacro de consulta popular. A Birmânia, disse ela, era "um país que perdera sua orgulhosa soberania cinquenta anos antes e ainda não recebera um substituto moderno, e que sentia que só por acaso estava no caminho do apetite monstruoso da guerra".[10] Por acaso, o primeiro-ministro birmanês, U Saw, passava pelos Estados Unidos no momento do ataque a Pearl Harbor. Impressões de desordem e histeria americana aumentaram seu desprezo pelas raças brancas. Pouco depois, na Birmânia, a decifração de códigos Ultra revelou que U Saw fez tentativas de diálogo com os japoneses, o que o levou a ser exilado na África Oriental. Nessas circunstâncias, as alegações britânicas de que combatiam na Birmânia em defesa da liberdade democrática pareciam pouco convincentes.

Os invasores, por sua vez, espantavam-se com a calorosa recepção, especialmente pelos birmaneses jovens. Um de seus oficiais de ligação escreveu: "Vimos como é forte a paixão deles pela independência."[11] Aldeões cercavam os soldados japoneses, oferecendo-

lhes água e cigarrilhas de *saybawleit*. Os soldados ficavam aturdidos com as perguntas em inglês, a única língua estrangeira falada pela população local. A pergunta mais comum era: "Cingapura caiu?"[12] O tenente Izumiya Tatsuro disse que "respondia com orgulho: 'Sim, Cingapura caiu'".

Algumas das primeiras bombas a atingir Mandalay destroçaram o Upper Burma Club, frequentado pelos colonizadores. Um dos membros de um grupo que almoçava ali disse: "Não sabíamos o que acontecera. Estávamos sentados à mesa e, de repente, o teto cedeu, e mesas, cadeiras, comida, nós, tudo ficou espalhados pelo salão."[13] Os ataques provocaram incêndios que destruíram grande parte da cidade. Corpos levavam dias para ser sepultados, intensificando o desprezo popular pela incompetência britânica. Com um simbolismo que não passou despercebido, as flores nos jardins dos colonizadores começaram a morrer, porque os criados que cuidavam delas abandonaram o serviço. Os chefes britânicos da Burma Corporation lavaram as mãos em relação aos funcionários nativos, dando de ombros e indicando que não poderiam fazer nada por eles.

Em resposta a um pedido por reforços para a Birmânia, Wavell, em Java, informou a Rangum, em 22 de janeiro: "Não há recursos com que ajudá-los (...) Não compreendo por que, com soldados à disposição, vocês não conseguiriam defender Moulmein, e confio que o farão. Natureza do país e recursos devem limitar esforço japonês." Quando as duas divisões da modesta força de invasão atacaram a partir do Sião, nos últimos dias de janeiro, algumas unidades indianas opuseram resoluta defesa, mas o Regimento Birmanês de Fuzileiros, recrutado localmente, caiu em pouco tempo. Os britânicos não tinham apoio aéreo ou de artilharia significativo, e John Smyth ficou furioso com a insistência de seus superiores pela defesa da exposta Moulmein. A primeira crise da campanha ocorreu na madrugada de 23 de fevereiro, numa ponte sobre o Sittang, 120 quilômetros ao norte da cidade. Enquanto os japoneses se aproximavam, engenheiros britânicos detonaram cargas de explosivos na escuridão. Duas brigadas de Smyth ficaram isoladas a leste do rio. Quase todos os soldados foram obrigados a se render, um terrível golpe moral e estratégico.

O tenente John Randle, do Regimento Baluch, defendia uma posição a oeste do rio Salween quando percebeu tropas japonesas atrás dele. "Enviei meu mensageiro, o corneteiro da companhia, com um recado para o comandante, dizendo que havia um monte de japoneses por ali. Eles se aproximaram por trás de nós, e ouvimos os gritos do mensageiro correndo enquanto o matavam com espadas e baionetas (...) Os japoneses trucidaram todos os nossos feridos."[14] No primeiro combate, seu batalhão sofreu 289 baixas, e 229 foram capturados. Randle disse: "Éramos arrogantes em relação aos japoneses, que víamos como trabalhadores ignorantes. Nós os considerávamos pessoas de quinta categoria. Meu Deus, logo mudamos de opinião. Eles lutavam com grande ferocidade e coragem. Não tínhamos ideia de como combater na selva, não havia manuais, doutrina, nada. Não só éramos soldados sem experiência, como tentávamos fazer algo totalmente novo."[15]

No começo de março, Rangum era uma cidade-fantasma, onde os policiais remanescentes e uma pequena guarnição britânica lutavam contra multidões de saqueadores. Pilotos de caça do Grupo de Voluntários Americanos Claire Chennault, transferido da China para a Birmânia, mantinham a única resistência significativa aos ataques aéreos japoneses. A defesa ruía. O oficial de ligação britânico W. E. Abraham

informou, de Rangum: "A atmosfera geral de tristeza era quase indescritível. Em comparação, o quartel-general em Atenas, em sua retirada da Grécia, era quase alegre."[16] Wavell, furioso com o suposto derrotismo de seus subordinados, demitiu tanto o comandante-chefe na Birmânia quanto Smyth, um homem doente que lutava para dirigir o que sobrara de sua divisão numa batalha que ele nunca considerou que pudesse ser vencida. O governo britânico suplicou para que o primeiro-ministro da Austrália, John Curtin, permitisse que dois contingentes australianos, em trânsito do Oriente Médio para sua pátria ameaçada, fossem desviados para a Birmânia. Curtin recusou, e estava certo: os australianos, apesar de soldados bons e experientes, não poderiam virar a maré numa campanha fadada à derrota.

Wavell era perseguido por lembranças das acusações de pessimismo e derrotismo que Churchill lhe fizera antes de sua demissão, em 1941, do cargo de comandante-chefe no Oriente Médio. No Sudeste Asiático, ele lutou para se mostrar um homem de aço e para elevar o moral de seus subordinados. "Nossos soldados na Birmânia não estão lutando com o ânimo adequado", informou a Londres. "Não tenho a menor dúvida de que isso se deve em grande parte à falta de determinação e inspiração dos superiores." Na realidade, havia tanta coisa errada com as forças da Grã-Bretanha no Extremo Oriente que a derrocada era inevitável. Wavell pareceu reconhecer essa previsão em outra comunicação a Londres: "Estou muito incomodado com a falta de verdadeiro espírito de luta que nossas tropas demonstraram na Malásia e até agora na Birmânia. Nem os britânicos, nem os australianos, nem os indianos mostraram dureza de mente e de corpo (...) As causas são profundas: a moleza dos últimos vinte anos, a falta de vigor nos treinamentos em tempo de paz, os efeitos do clima e da atmosfera no Oriente." Wavell tornou-se um visitante regular em Rangum, o que um historiador comparou a "um especialista de Harley Street [a rua dos médicos em Londres], sem faltar a mala preta, indo ver um paciente muito enfermo".[17]

Em 5 de março, o tenente-general Sir Harold Alexander chegou para assumir o comando. O impecável "Alex", general predileto de Churchill, pôde apenas oferecer sua confiante elegância e serenidade pessoal para o que, àquela altura, se tornara uma debandada. De início, ele ordenou uma interrupção à retirada britânica; depois, passadas 24 horas, aceitou que Rangum não poderia ser mantida e endossou sua evacuação. Os invasores perderam uma oportunidade de ouro de capturar todo o exército britânico na Birmânia quando um comandante japonês desfez uma forte barricada que fechava a estrada para o norte. Interpretando mal as ordens recebidas, ele achou que todas as forças atacantes cercariam Rangum para uma grande batalha. O tropeço permitiu que as forças de Alexander se retirassem para o norte — e que o próprio general não fosse capturado.

Em desespero, Wavell aceitou a oferta de Chiang Kai-shek de duas divisões chinesas nacionalistas e seus elementos de apoio. O desejo chinês de participar da campanha não era altruísta. O avanço japonês no norte tinha fechado a "Estrada da Birmânia", pela qual os suprimentos americanos chegavam à China. Reabri-la era vital para os interesses chineses. A cautela de Wavell em aceitar a ajuda das tropas de Chiang estava em saber que os chineses não tinham sistema próprio de aprovisionamento e que desejavam viver do que a terra lhes desse. Havia também dúvidas sobre quem dava as ordens: o general americano Joseph Stilwell dizia ser ele, mas foi logo desmentido pelo general chinês Tu Lu Ming, que disse ao governador da Birmânia, Dorman-Smith: "O americano pensa que está

no comando. Na realidade, não está. Veja você, nós, chineses, achamos que o único jeito de manter os americanos na guerra é dar-lhes alguns comandos no papel. Eles não podem atrapalhar muito, desde que nós façamos o trabalho!"

Stilwell, anglófobo inveterado, não saiu muito impressionado do primeiro encontro com Alexander, em 13 de março. Escreveu em seu diário, com o azedume costumeiro: "Espantado por me encontrar — eu, um maldito americano — no comando de tropas chinesas. 'Extraordinário!' Ele me examinou como se eu tivesse acabado de sair rastejando de debaixo de uma pedra!" Stilwell recebeu a ajuda de uma unidade montada de Força de Fronteira sob comando britânico, para tarefas de reconhecimento. O líder dela, o capitão Arthur Sandeman, do Regimento de Cavalaria da Índia Central, conquistou a distinção duvidosa de ser o último oficial britânico a morrer liderando uma carga de cavalaria. Cruzando, estupidamente, o caminho dominado por artilheiros japoneses, ele desembainhou o sabre, ordenou ao corneteiro que tocasse "carga" e avançou sobre o inimigo, indo, com os companheiros, ao encontro de seu destino inevitável.

A intervenção chinesa fez os japoneses reforçarem seu exército de invasão de duas divisões, mandando mais duas formações para Rangum, pelo mar. Os britânicos foram reorganizados num corpo comandado por William Slim, oficial gurca astuto e rude que se revelaria o mais hábil general da Grã-Bretanha na guerra. Em 24 de março, os japoneses atacaram vigorosamente os chineses no norte. Os britânicos contra-atacaram para aliviar a pressão sobre seus aliados, mas o inimigo prevaleceu nas duas frentes. O Exército de Defesa da Birmânia de Slim, lutando para evitar o colapso completo na margem oriental do Irrawaddy, pediu ajuda chinesa. Stilwell, como era de se esperar, reagiu com desdém, escrevendo em 28 de março: "Alvoroço entre os soldados britânicos em Yenangyaung. Britânicos destruindo campos de petróleo. MEU DEUS. Para que estamos lutando?" Mas, para espanto de Stilwell e dos britânicos, uma divisão chinesa, comandada pelo general Sun Li-Jen, um dos oficiais de Chiang mais habilidosos, repeliu os japoneses e obteve uma notável pequena vitória. Embora uma formação imperial por pouco não tenha sido eliminada durante a luta nas vizinhanças do Irrawaddy, Slim encheu-se de respeito pelos homens do general Sun, cuja intervenção foi decisiva para permitir que se evitasse a aniquilação do Exército de Defesa da Birmânia.

Mas a posição aliada na Birmânia tornara-se insustentável. Os japoneses consideravam que as formações chinesas lutavam com mais coragem e energia do que as forças da Comunidade Britânica de Nações, mas, em poucos dias, elas já recuavam para o norte, por fim voltando à China. Os perseguidores contentaram-se em parar na fronteira. Stilwell, que carregava substancial responsabilidade por não liderar adequadamente as forças nacionalistas sob seu comando, abandonou-as e partiu para oeste com um grupo heterogêneo de americanos, correspondentes internacionais e apenas dois chineses. Ele caminhou pela selva por duas semanas até chegar em 20 de maio à segurança de Imphal, na província de Assam, governada pelos britânicos. Stilwell escreveu: "Levamos uma tremenda surra. Foi humilhante à beça. Precisamos descobrir por que isso aconteceu e voltar!" Em 30 de abril, os soldados de Slim atravessaram o Irrawaddy em segurança. Depois se retiraram para o oeste, precedidos por uma confusão de desertores e saqueadores, que tratou a população civil com previsível selvageria. Em 3 de maio, o Exército de Defesa da Birmânia iniciou sua retirada através do rio Chindwin, que formava a fronteira entre a Birmânia e a Índia, debaixo de fogo japonês. O pelotão do Regimento Birmanês de Fuzileiros, que defendia o quartel de Slim, desapareceu na noite. A maioria

dos homens conseguiu escapar, mas quase todos os transportes e equipamentos pesados — cerca de dois mil veículos, 110 tanques e quarenta canhões — precisaram ser abandonados na margem oriental do rio. Mesmo quando alcançaram um lugar seguro, os fugitivos não tiveram recepção calorosa. "A postura do exército [na Índia] com aqueles que voltavam da Birmânia foi pavorosa",[18] disse o cabo William Norman. "Culparam-nos pela derrota."

Os japoneses tinham avançado pela Birmânia durante 127 dias, cobrindo mais de 2.400 quilômetros, numa média de vinte quilômetros por dia, e travaram 34 combates. Os britânicos perderam 13 mil homens, entre mortos, feridos e capturados, enquanto os japoneses sofreram apenas quatro mil baixas. Não foi um desastre da mesma magnitude do ocorrido na Malásia, e Slim conduziu sua retirada com alguma habilidade. Mas os japoneses passaram a ocupar todo o Império Britânico no Sudeste Asiático até os portões da Índia. Um asiático escreveu sobre o espetáculo dos prisioneiros de guerra ocidentais obrigados a realizar trabalhos pesados junto com os nativos: "Sempre achamos que eles fossem superiores a nós. Os japoneses abriram nossos olhos; porque [os brancos] varriam o chão comigo (...) andavam descalços."[19] A revelação provou-se duradoura. Enquanto isso, a "Estrada da Birmânia" para a China ficaria fechada por quase três anos.

• • •

Migrações civis compulsórias foram importante característica da guerra em quase todas as partes do mundo onde exércitos disputavam o controle. Poucos birmaneses tentaram fugir antes da chegada dos japoneses, por acreditarem que nada tinham a perder com a vitória nipônica e muito a ganhar. Quando homens do recém-mobilizado Exército de Defesa da Birmânia marcharam por Rangum pela primeira vez, sob o olhar de seus senhores japoneses, um cidadão entusiasmado escreveu: "Que emoção ver soldados e oficiais birmaneses usando uniformes variados, portando armas variadas, com faixas tricolores nas mangas e seriedade no rosto."[20]

Porém, quase um milhão de indianos também vivia no país, alguns dominando a vida comercial e outros desempenhando funções servis indispensáveis ao bem-estar dos *sahibs*, mas desprezados pelos súditos birmaneses. Os indianos eram hostilizados e temiam o nacionalismo local. Enquanto a maré de invasão avançava, os britânicos nada fizeram para ajudar a fuga de cerca de seiscentos mil deles, dependentes dos colonizadores. Dizia-se que os britânicos já enfrentavam dificuldades suficientes para se salvar. No entanto, esta conduta ressaltava, mais uma vez, a quebra do suposto pacto imperial, segundo o qual os povos nativos receberiam proteção em troca de sua submissão. Fugitivos ricos compravam bilhetes aéreos ou cabines em navios com destino à Índia. Os indianos deram ao barco que subia o Chindwin o amargo apelido de "rota branca", porque o acesso era um privilégio quase exclusivo de britânicos e eurasianos. Enquanto navios a vapor com rodas subiam o rio, passavam pelos cadáveres que boiavam correnteza abaixo, vítimas da "rota negra" terrestre buscada por indianos desafortunados.

Multidões de pessoas pobres demais para comprar bilhetes para a salvação eram obrigadas a pegar as estradas e trilhas para o norte e o oeste, rumo a Assam. As monções começaram em maio; depois, a chuva e a lama obstruíram a passagem tanto dos

afortunados que iam de carro como dos pobres que viajavam a pé. Sofriam assaltos e, por vezes, estupros; pagavam preços exorbitantes por restos de comida; sucumbiam a disenteria, malária e febre. Em balsas de travessia e nos postos de controle das estradas, suas últimas rupias eram tomadas por policiais e aldeões avarentos. Ninguém sabe exatamente quantos indianos morreram naqueles meses de 1942 na estrada para Assam, mas foram ao menos cinquenta mil, talvez mais. Seus esqueletos mantiveram-se à beira da estrada por anos, para vergonha de passantes britânicos que mais tarde voltaram a usar essa via. Um oficial que buscava retardatários em Tagun Hill, a caminho de Ledo, deparou com uma aldeia de mortos:

> A clareira estava cheia de cabanas arruinadas, onde famílias inteiras morreram juntas. Encontrei os corpos de mãe e filho presos num abraço. Noutra cabana, estavam os restos de mais uma mãe, que morrera ao dar à luz, com o filhinho apenas parcialmente expelido. Nessa [clareira], mais de cinquenta pessoas morreram. Às vezes, cristãos devotos fincavam pequenas cruzes de madeira no solo antes de morrer. Outros tinham imagens da Virgem Maria presas em suas mãos esqueléticas. Um soldado expirara usando seu boné; toda a sua roupa de algodão apodrecera, mas o boné de lã continuava elegante no crânio sorridente. A selva, que tudo destrói, já havia invadido algumas das cabanas mais antigas, cobrindo os esqueletos e reduzindo-os a pó e bolor.[21]

Entre os fugitivos havia muitos mestiços católicos, nascidos na portuguesa Goa. O funcionário de alfândega José Saldanha caminhou durante dias pela floresta com o filho George, de 17 anos, após despachar o restante da família num navio apinhado de pessoas apavoradas. Os andarilhos suportaram privações medonhas, aliviadas por um momento surreal num acampamento no meio da floresta, quando uma menina chamada Emily D'Cruz lhes fez uma serenata: "Sua voz soava clara e linda na calma da noite",[22] cantando "Alice Blue Gown". Então George sucumbiu à disenteria e convenceu o pai a abandoná-lo encostado numa árvore nas profundezas da selva. Horas depois, o adolescente viu uma mulher naga, de uma tribo de caçadores conhecidos por decapitar suas vítimas. O terror foi mais forte que a fraqueza, e ele retomou a caminhada. Durante dias, George cambaleou em direção noroeste, alimentando-se das bagas que via os macacos comerem e que imaginava que também podia comer sem risco. Um dia, deparou-se com um bando de borboletas de fabulosa beleza. Fascinado, chegou perto, mas logo recuou, quando viu que elas se banqueteavam nos sumos que escorriam de um cadáver em decomposição. Ele continuou sua fuga, e enfim chegou à segurança e reencontrou sua família. Outros tiveram menos sorte. No vale do Hukawng, meninos de uma escola católica em Tavoy encontraram o corpo do diretor, Leo Menenzes, cujo coração débil não aguentara o esforço da caminhada.

Mesmo quando os refugiados conseguiam alcançar Imphal, controlada pelos britânicos, as instalações médicas e a assistência para os civis indianos não eram melhores

que as dos soldados. Com todos os recursos do subcontinente à sua disposição, o Raj foi incapaz de organizar um apoio humanitário rudimentar para o povo arruinado por sua guerra. Os aldeões kachin e naga deram mais ajuda aos refugiados do que os britânicos. Um gerente anglo-indiano da Companhia de Navegação do Irrawaddy, que chegou a um posto de resgate em Assam depois de uma travessia penosa pelas montanhas, foi recebido por um oficial britânico que insistiu que ele só poderia ser alimentado na cantina indiana. Eram pavorosas as condições nos hospitais que recebiam fugitivos feridos ou doentes. Uma mulher britânica escreveu, indignada, para uma amiga na Inglaterra, a mulher do ministro R. A. Butler, descrevendo o que vira em Ranchi: "As enfermarias são como em *E o vento levou...* — estrados encostados uns nos outros, pessoas gemendo por água, vomitando e assim por diante, em toda parte. É um crime chocante, e que Deus amaldiçoe para sempre o estado-maior do Comando do Leste."[23] Houve surtos de cólera em alguns acampamentos de refugiados.

O exército derrotado de Alexander foi reconstruído em ritmo preguiçoso e de forma pouco convincente: dois longos anos se passariam até que ele tivesse condições de enfrentar os japoneses com sucesso. Em agosto de 1942, o general foi transferido para o comando das forças da Grã-Bretanha no Oriente Médio. A lembrança daquela terrível primavera birmanesa e de suas vítimas continuou gravada na mente dos que a testemunharam. O líder do Congresso, Jawaharlal Nehru, na cela de prisão onde fora confinado pelos britânicos, comentou com desdém o colapso do governo na Birmânia e a fuga dos funcionários coloniais, que abandonaram centenas de milhares de compatriotas à própria sorte: "É um azar para a Índia, nesta crise de sua história, não apenas ter um governo estrangeiro, mas um governo incompetente e incapaz de organizar uma defesa adequada e de atender à segurança e às necessidades básicas do povo."[24] Era justo. A perda do Império Britânico no Sudeste Asiático trouxe desgraça e derrota aos seus governantes, como Winston Churchill prontamente reconheceu.

10
Mudanças na sorte

1 BATAAN

“Não ganharemos esta guerra enquanto ela não (...) se tornar uma cruzada nacional para os Estados Unidos e para o Sonho Americano”,[1] escreveu James Reston, repórter do *New York Times*, em seu livro *Prelude to Victory*, de 1942, que se tornou best-seller. Aquele se tornava, sem dúvida, um conflito global. A reação inicial do povo americano ao se ver envolvido foi tão confusa e bem-intencionada quanto a dos britânicos em setembro de 1939. Houve uma onda de entusiasmo por instruções de primeiros socorros — o manual mais popular vendeu oito milhões de exemplares; milhares de estudantes de ensino médio esculpiram e montaram modelos de madeira dos aviões inimigos para treinamentos militares. Milhões de cidadãos doaram sangue e coletaram sucata; hotéis e resorts em Miami Beach e em Atlantic City foram entregues a recrutas do exército. Para atender à gravidade das novas circunstâncias nacionais, a caça e a pesca por esporte, assim como a fabricação de bolas de golfe e de tênis, foram temporariamente abolidas. Houve um súbito aumento do interesse por leitura da sorte, jogo de damas, mapas-múndi e livros de culinária. Os filmes alcançaram extraordinária popularidade, em parte porque as pessoas tinham mais dinheiro no bolso: em relação a 1940, o público dos cinemas dobrou em dois anos. Presidiários em San Quentin ofereceram-se como voluntários para participar da produção de guerra e começaram a fabricar redes antissubmarino.

Desde o início, e ajudada pelo fato de que alguns grandes compromissos industriais já haviam sido assumidos, a mobilização econômica dos Estados Unidos impressionou visitantes provenientes de sociedades mais pobres e menos ambiciosas. Mesmo britânicos inteligentes e bem informados não conseguiam reconhecer a escala quase ilimitada dos recursos do país: “O exército (...) está voltado para um vasto programa”,[2] escreveu o marechal do ar inglês John Slessor, de Washington, para o chefe do estado-maior da força aérea Sir Charles Portal, em abril de 1941, avaliando a constituição das forças armadas dos Estados Unidos, “sendo sua meta atual dois milhões de homens, e agora considerando mais dois milhões. Não sei contra quem vão lutar com um exército desse tamanho, nem como vão transportá-lo por mar, e duvido muito que tivessem pretendido algo assim se houvesse sido feita uma análise estratégica completa dos compromissos e das necessidades de sua defesa”.

Esse ceticismo sofreu uma redução dramática entre 1942 e 1945: “Depois de Pearl Harbor”,[3] disse sobre os americanos o tenente-general Frederick Morgan, principal planejador britânico do Dia-D, “eles decidiram fazer a maior e melhor guerra já vista”. O secretário da Associação Asiática Americana escreveu para um amigo no Departamento de Estado: “Será uma guerra longa e difícil, mas, quando acabar, o Tio Sam mandará no mundo.”[4] O orçamento federal disparou de nove bilhões em 1939 para cem bilhões de dólares em 1945, e no mesmo período o PIB americano cresceu de 91 bilhões para 166

bilhões de dólares. O índice de produção industrial aumentou 96%, e dezessete milhões de empregos foram criados. Cerca de 6,5 milhões de mulheres ingressaram na força de trabalho do país entre 1942 e 1945, e seus salários subiram em mais de 50%; as vendas de roupas femininas dobraram. Os imperativos da vasta mobilização industrial dos Estados Unidos favoreceram magnatas e conglomerados, que prosperaram vigorosamente. A legislação antitruste foi desconsiderada diante da pressão das demandas de guerra: as cem maiores empresas americanas, que em 1941 eram responsáveis por 30% da produção industrial no país, geraram 70% em 1943. O governo superou seus escrúpulos em relação a monopolistas que pudessem entregar tanques, aviões e navios.

Tudo aumentou em escala, para satisfazer as exigências da maior guerra da história: em 1939, os Estados Unidos tinham apenas 4.900 supermercados, mas em 1944 já eram dezesseis mil. Entre dezembro de 1941 e o fim de 1944, o patrimônio líquido do americano médio quase dobrou. Com a escassez de artigos de luxo, os consumidores procuravam desesperadamente bens em que gastar seus ganhos cada vez maiores: "As pessoas ficam malucas com dinheiro",[5] disse um joalheiro da Filadélfia. "Nem querem saber o que estão comprando. Compram só pelo prazer de gastar." Em 1944, enquanto a produção nacional britânica de bens de consumo caía 45% em relação aos níveis anteriores à guerra, a dos Estados Unidos subia 15%. Muitas regiões sofreram severo déficit habitacional, e os aluguéis dispararam quando milhões de pessoas buscaram acomodações temporárias adequadas para as transferências de emprego. "O mito da Boa Guerra",[6] escreveu Arthur Schlesinger, que trabalhava para a Agência de Informações de Guerra,

> concebe uma época bem-aventurada de união nacional em apoio a objetivos nobres. Muitos americanos realmente aceitaram a necessidade da guerra, mas isso não significou a supressão de motivos menos nobres. Em Washington, vimos o lado feio da Boa Guerra. Vimos executivos gananciosos opondo-se à conversão para a produção de material de defesa e, depois, aliando-se ao governo já pensando em futuras vantagens do pós-guerra (...) Fomos informados de que um em cada oito estabelecimentos comerciais praticava preços mais altos do que o teto permitido. Vimos o que um senador pouco conhecido do Missouri [Harry Truman] chamou de "rapacidade, ganância, fraude e negligência" (...) A guerra exigia igualdade de sacrifícios. Mas, por todas as partes, havia o miasma da "falcatrua" (...) O front doméstico não era um espetáculo bonito de se ver num momento em que jovens americanos morriam pelo mundo afora.

Entre os piores vigaristas descobertos estava um importante fornecedor de Cleveland, a National Bronze and Aluminum Foundry Company, que deliberadamente vendia sucata como peças para motores de caças; quatro de seus executivos foram presos. A US Cartridge Company, de Saint Louis, despachou milhões de cartuchos de munição defeituosa, embora tal trapaça pudesse custar vidas. Cidadãos buscavam no mercado

negro produtos de consumo não disponíveis por vias legais, e muitas empresas burlavam o controle de preços. Um americano comentou, melancólico, que a Europa fora ocupada, a Rússia e a China, invadidas, e a Grã-Bretanha, bombardeada, mas os Estados Unidos, entre as grandes potências, "travava essa guerra só na imaginação". Pearl Harbor, juntamente ao racismo logo alimentado por marés de selvageria japonesa, garantiu que fosse mais fácil para os americanos odiar o inimigo asiático. Mas, do início ao fim, poucos sentiram qualquer coisa parecida com a animosidade tão natural dos europeus em relação aos alemães; era difícil até despertar a raiva americana contra a perseguição de Hitler aos judeus. O historiador de combates Forrest Pogue comentou, mais tarde, em tom de admiração, sobre o exército de Bradley na França: "Os homens não têm grande interesse pela guerra. Não se pode estimulá-los, a menos que os alemães atinjam alguns de seus amigos."[7] O professor Norman Maier, da Universidade de Michigan, um behaviorista famoso por seu trabalho com ratos, sugeriu que cortar a gasolina, os pneus e as liberdades civis dos americanos talvez fosse uma forma mais eficiente de instigá-los a assumir um espírito guerreiro do que apelar aos seus ideais.[8] Essa era uma opinião cínica demais, pois algumas pessoas demonstraram patriotismo legítimo, e no campo de batalha muitos americanos exibiriam coragem. Mas era verdade que a distância entre os Estados Unidos e a guerra, sua posição de segurança em relação a ataques diretos ou até mesmo a dificuldades severas militavam contra a paixão que movia a população civil em países ocupados ou bombardeados.

Depois de Pearl Harbor, os líderes políticos e militares dos Estados Unidos sabiam que, assim como os britânicos, eles sofreriam derrotas e humilhações até que pudessem mobilizar forças para repelir os avanços dos japoneses. Havia muita ignorância e inocência em relação aos inimigos, mesmo entre aqueles que teriam de combatê-los. "De repente, percebemos que ninguém sabia coisa alguma sobre os japoneses",[9] disse o piloto de porta-aviões Fred Mears. "Nunca tínhamos ouvido falar de um Zero. Qual era o calibre dos aviões e dos aviadores japoneses? Qual a força da marinha japonesa? Que batalhas seriam travadas, e onde? Estávamos lamentavelmente despreparados." Muitos americanos haviam reconhecido meses antes a lógica do envolvimento de seu país na guerra. Mas é característica de todos os conflitos que, enquanto os inimigos não comecem a atirar, os navios não comecem a afundar, e os entes queridos — ou ao menos os camaradas — não comecem a morrer, nem mesmo os guerreiros profissionais costumam ter um senso de urgência e inclemência. "Foi incrível o tempo que levou para pegarmos o jeito e reagirmos da forma certa instantaneamente",[10] observou o marinheiro americano Alvin Kiernan. "Descobrimos aos poucos que a guerra é um estado de espírito antes de mais nada." Ernie Pyle escreveu: "Parece que um país como os Estados Unidos precisa de uns dois anos para entrar completamente numa guerra. Tivemos de passar por aquele período de transição de nos desapegarmos da vida que conhecíamos e então viver a nova vida em guerra por tanto tempo que ela finalmente se tornou normal para nós."[11]

Por tudo isso, é notável que, seis meses depois de Pearl Harbor, frotas americanas tenham obtido vitórias que viraram a maré da guerra asiática. A Alemanha dominou a Europa Ocidental por quatro anos, mas no segundo semestre de 1942 o perímetro japonês já começava a encolher. A velocidade do ressurgimento americano no Pacífico refletia a fraqueza fundamental do inimigo asiático. Antes, porém, veio a dor. Nas semanas

seguintes a 7 de dezembro de 1941, os japoneses capturaram Wake após um combate acirrado com os defensores, que repeliram e causaram grande perda à primeira leva de atacantes. O general Douglas MacArthur, comandando a defesa das Filipinas, rejeitou os apelos do comandante de sua força aérea para revidar o ataque durante as dez horas que se passaram entre a chegada da notícia sobre Pearl Harbor e um arrasador ataque aéreo japonês que destruiu no solo quase oitenta aviões americanos.

No dia seguinte, MacArthur iniciou preparativos tardios para retirar suas tropas filipinas e americanas para a península de Bataan, em Luzon, única que talvez fosse possível defender. Contudo, era uma tarefa imensa despachar os suprimentos com a rapidez necessária: o general rejeitara propostas para fazê-lo antes que a guerra chegasse, escarnecendo da "passividade". O exército apressou-se em comprar arroz de vendedores chineses e toda a carne e frutas que conseguiu obter nas fábricas locais de alimentos em conserva. Em 12 de dezembro, MacArthur informou, com atraso, ao presidente Quezon sobre a retirada discutível, iniciada em 22 de dezembro. Alguns médicos advertiram que Bataan estava notoriamente infestada pela malária, dada a ocorrência do mosquito anófele, mas pouco foi feito para garantir estoques de profiláticos. Enquanto isso, Manila era bombardeada todos os dias entre meio-dia e 13 horas, fazendo com que oficiais americanos antecipassem o almoço para 11 horas.

MacArthur esperava um desembarque japonês no extremo sul do golfo de Lingayen, e desdobrou algumas tropas de acordo com essa hipótese. Porém, a força invasora desembarcou naquele golfo após combater soldados filipinos mal treinados e pouco equipados. Em 22 de dezembro, 43.110 homens do XIV Exército do tenente-general Masaharu Homma haviam estabelecido, após poucas baixas, uma cabeça de praia. Torpedos americanos defeituosos foram responsáveis pelo fracasso de todos os ataques submarinos aos navios de transporte de tropas, exceto um. Mais sete mil japoneses desembarcaram sem dificuldade na baía de Lamon, 320 quilômetros a sudeste. O exército das Filipinas sucumbiu depressa. O comandante da força aérea, general Lewis Brereton, após perder a maioria de seus aviões, escapou prudentemente para a Austrália. MacArthur divulgou um comunicado bombástico: "Minhas galantes divisões estão mantendo o terreno e negando ao inimigo o solo sagrado das Filipinas. Infligimos pesadas baixas a suas tropas, e sua cabeça de ponte não está firme. Amanhã os expulsaremos para o mar."

Na realidade, em seu avanço para Manila os japoneses se depararam com resistência desprezível. Em Washington, os chefes de estado-maior rejeitaram sensatamente qualquer ideia de reforçar a defesa. MacArthur experimentou apenas um lance de sorte: concentrados em ocupar a capital, os invasores não fizeram qualquer esforço para frustrar a retirada para Bataan. Carl Mydans, fotógrafo da revista *Life*, observou, do Bay View Hotel, os primeiros japoneses entrarem em Manila em 2 de janeiro: "Partindo da baía, subiram pelas avenidas sob o brilho que precede o amanhecer, montados em bicicletas e em motos minúsculas. Vinham sem conversar e avançavam em boa ordem, com o pop-pop ridículo de seus motores de um cilindro soando alto na cidade silenciosa."[12]

Uma semana depois, Homma lançou seu primeiro ataque contra a linha americano-filipina na península de Bataan. Nos dias seguintes, os defensores não tiveram dificuldade para repelir os assaltos sucessivos, embora sofressem perdas constantes devido aos

ataques aéreos. Desde o início, sentiam calor e fome, com 110 mil pessoas para alimentar — 85 mil soldados americanos e filipinos e 25 mil refugiados civis. O Corpo de Engenheiros pôs-se a colher e debulhar arroz nos campos. Armadilhas para peixes funcionaram ao longo da costa até serem destruídas pelos caças inimigos, e animais de fazenda foram abatidos. A malária logo alcançou proporções epidêmicas. A enfermeira Ruth Straub escreveu em seu diário: "Acho que somos todos prisioneiros de guerra por autoimposição. Tudo o que fazemos é proteger nossa própria vida."[13]

Mas os defensores de Bataan demonstraram mais energia e iniciativa do que os britânicos na Malásia: várias tentativas japonesas de atacar o flanco americano desembarcando tropas na costa, atrás da linha de frente, resultaram em sua aniquilação. Uma unidade foi obrigada a recuar para os penhascos escarpados do cabo de Quinauan. "Muitos japoneses arrancaram o uniforme e pularam, gritando, para a praia abaixo",[14] escreveu o capitão William Dyess. "Tiros de metralhadora varreram a areia e as ondas em busca de qualquer coisa que se movesse." Quando a infantaria japonesa penetrou no perímetro e ocupou duas saliências em Tuol e Cotar em 26 de janeiro, a linha defensiva foi restabelecida depois de combates sangrentos, mediante contra-ataques. Os bombardeios provocaram estragos incrivelmente pequenos nas posições da artilharia americana. Quando a forragem para os cavalos acabou, a guarnição comeu os animais. Quase todas as criaturas silvestres em Bataan foram caçadas e jogadas na panela, enquanto os soldados catavam mangas, bananas, cocos e mamões e pescavam no mar usando dinamite.

Os japoneses não avançaram em fevereiro e março, mas a fome debilitava rapidamente os defensores, e o quinino contra a malária estava acabando. MacArthur fugiu para a Austrália a bordo de um torpedeiro de patrulha com sua família e seus empregados, obedecendo a uma ordem de Roosevelt e deixando ao general Jonathan Wainwright a tarefa de dirigir as últimas semanas da defesa. Pelo fim de março, o hospital admitia mil pacientes com malária por semana. Em acampamentos de refugiados civis atrás do perímetro, segundo o tenente Walter Waterous, as condições eram "as mais lamentáveis que já vi, e o índice de mortalidade, assustador".[15] Bombardeios destroçaram quase todas as instalações acima do solo na ilha fortaleza de Corregidor; milhares de enfermos e de feridos amontoavam-se no túnel Malinta.

A tenente Bertha Dworsky, enfermeira texana com trinta anos de idade, acreditava que um dos piores aspectos de seu trabalho era conhecer pessoalmente muitos dos homens que chegavam terrivelmente feridos: "Geralmente eram pessoas que tínhamos visto no clube de oficiais, ou nossos amigos. Foi uma experiência tremendamente emocional. Simplesmente não sabíamos quem seria o próximo."[16] Os feridos costumavam perguntar se sobreviveriam, e os médicos não chegavam a um acordo sobre se era melhor dizer a verdade.[17] O Dr. Alfred Weinstein escreveu: "A discussão ia e vinha, e ninguém sabia a resposta certa. Muitos de nós seguiam um caminho intermediário, driblando a pergunta (...) Se um paciente parecia prestes a bater as botas, chamávamos o capelão para dar-lhe a extrema-unção, reunir os objetos pessoais e escrever as últimas mensagens (...) Na maioria dos casos, eles não precisavam ser informados."[18]

A condição dos sitiadores era pouco melhor que a dos sitiados: os japoneses também sofreram perdas pesadas para a malária, o beribéri e a disenteria — mais de dez mil

doentes até fevereiro. Tóquio exasperava-se cada vez mais diante da rebeldia americana e da propaganda triunfalista que a saga de Bataan promovia nos Estados Unidos. Em 3 de abril, o exército reforçado de Homma lançou uma grande ofensiva, precedida de bombardeio intenso. Unidades filipinas entraram em pânico diante dos tanques japoneses: cada movimento dos defensores provocava saraivadas de metralhadoras vindas do céu; muitos homens estavam tão debilitados pela fome que mal conseguiam sair de seus abrigos. Os japoneses avançaram firmemente, abrindo brechas nas sucessivas linhas americanas. Na noite de 8 de abril, o major-general Edward King decidiu, por iniciativa própria, entregar a península e enviou um oficial portando uma bandeira branca rumo às linhas japonesas. Grupos de defensores emergiram de refúgios na selva em toda a Bataan, buscando trilhas para a ilha de Corregidor, onde Wainwright ainda resistia.

Na manhã do dia 9, King encontrou-se com o coronel Motoo Nakayama, oficial de operações de Homma, para assinar a capitulação. "Nossas tropas serão bem tratadas?" perguntou King. O japonês respondeu quase com indiferença: "Não somos bárbaros." Cerca de 11.500 americanos e 64 mil filipinos caíram em mãos inimigas. A transferência desses homens debilitados para jaulas tornou-se historicamente conhecida como a Marcha da Morte de Bataan. Muitos filipinos foram mortos casualmente, alguns sendo utilizados para a prática de golpes de baioneta. Um soldado raso americano viu um compatriota enfraquecido ser jogado embaixo de um tanque em movimento. Blair Robinett disse: "Agora sabíamos se havia alguma dúvida antes, que enfrentaríamos tempos difíceis."[19] O sargento Charles Cook descreveu ter visto cativos serem mortos a baioneta se tentassem pegar água. O segundo-sargento Harold Feiner disse: "Se você caísse, já era, estava morto."[20] Mais de trezentos prisioneiros filipinos foram trucidados numa ravina perto do rio Pantingan. Os assassinos explicaram que, se a guarnição tivesse se rendido antes, talvez fosse tratada com clemência, mas "sofremos muitas baixas. Portanto, lamento". Calcula-se que 1.100 americanos e mais de cinco mil filipinos pereceram na Marcha da Morte.

Os japoneses passaram a concentrar seu fogo de artilharia em Corregidor, pouco maior do que o Central Park em Nova York; em 3 de maio, Wainwright informou a MacArthur, na Austrália, que todas as estruturas acima do solo tinham sido destruídas e que a ilha fora despida de sua vegetação. As condições tornaram-se inenarráveis no quente e fétido túnel Malinta, superlotado de pessoas amedrontadas. Naquela noite, o submarino *Spearfish* evacuou o último grupo que conseguiu fugir ileso para a Austrália, formado por 25 pessoas, inclusive treze mulheres. Poucas horas depois, os japoneses desembarcaram forças anfíbias para atacar Corregidor. Ao meio-dia de 6 de maio, após dois dias de combate, Wainwright rendeu-se com todas as tropas americanas remanescentes nas Filipinas, comunicando antes a Washington: "Com profundo pesar e ainda orgulhoso de meus nobres soldados, vou ao encontro do comandante japonês (...) Adeus, Sr. Presidente." Um médico da marinha americana presente na guarnição, George Ferguson, sentou-se e chorou, "muito desapontado com os bons e velhos Estados Unidos".[21] Porém, no clima de exaustão emocional e física, muitos soldados ficaram felizes porque a batalha finalmente tinha terminado. Só depois descobriram que a provação mal começara para os 11.500 americanos feitos prisioneiros dos japoneses.

A defesa de quatro meses de Bataan e de Corregidor, que custara aos americanos dois mil mortos e aos invasores quatro mil baixas, foi possível, em parte, graças à

incompetência japonesa. A força de invasão inicial era fraca e composta por soldados que não tinham o treinamento e a experiência do exército de Yamashita na Malásia. Se Homma e seus oficiais tivessem mostrado mais energia, a saga das Filipinas teria terminado mais cedo, como afirmou o raivoso alto-comando em Tóquio. Mas nada pode diminuir a valentia de Wainwright, que cumpriu seu dever com mais brio do que MacArthur, e de sua guarnição. Eles criaram uma lenda que encheu os americanos de orgulho — e que causou inveja em Churchill. Para ser franco, os soldados americanos em Bataan e em Corregidor mostraram-se mais determinados do que as forças imperiais britânicas na Malásia e em Cingapura, embora sua causa estivesse igualmente fadada ao fracasso.

O general-brigadeiro Dwight Eisenhower, que a contragosto servira sob as ordens de MacArthur poucos anos antes, escreveu em seu diário: "Pobre Wainwright! Quem lutou foi ele (...) [MacArthur] ficou com toda a glória do público (...) As tiradas de MacArthur, que (...) ouvi com tanta frequência em Manila (...), agora soariam tão bobas para o público como soavam para nós. Mas ele é um herói! Sim."[22] Nos Estados Unidos, comentaristas dos noticiários espremeram até a última gota a glória de Bataan, das escaramuças no mar às manifestações da incipiente mobilização americana. Mas, no Pacífico, ninguém se iludia. Todos os soldados, marinheiros e aviadores dos Aliados sabiam que o inimigo dava as cartas em cada canto do teatro de operações. O tenente Robert Kelly, do esquadrão de lanchas torpedeiras Três, que evacuou MacArthur de Corregidor, disse: "Os comentaristas dos noticiários nos mostravam vencendo a guerra. Isso nos deixava muito irritados. Estávamos lá, onde podíamos ver essas vitórias. Houve muitas. Todas japonesas. Mas, mesmo quando éramos capazes de conter um ataque, as manchetes idiotas falavam em 'vitória'."[23]

Kelly, como Eisenhower, não compreendeu a importância das lendas, dos mitos, para sustentar o espírito dos países em adversidade. O desânimo americano em face daquelas primeiras derrotas foi aliviado por hábil propaganda. Os Estados Unidos tinham muito menos a perder no leste do que o Império Britânico. A epopeia de Bataan e de MacArthur forjada por Roosevelt e pela mídia americana foi útil, até preciosa, para o povo. O general era mais um falastrão convencido do que um comandante notável, com uma personalidade repulsiva. Mas sua fuga de Corregidor não foi mais vergonhosa do que a de muitos comandantes britânicos em batalhas difíceis, como a de Wavell de Cingapura. Nos anos seguintes, o status de MacArthur como figura de proa no que dizia respeito aos esforços americanos no sudoeste do Pacífico fez muito pelo moral nos Estados Unidos, embora menos para a derrota japonesa. A campanha de 1942 nas Filipinas não serviu a qualquer objetivo estratégico relevante: distantes de bases amigas, as ilhas não podiam ser defendidas pelas pequenas forças disponíveis. Se a guarnição houvesse resistido mais, talvez a opinião pública nacional tivesse forçado alguma atividade vã para libertar o cerco de Bataan. A marinha americana viveria uma catástrofe se tentasse ajudar Wainwright em face da esmagadora força aérea e naval japonesa; a capitulação de Corregidor poupou um constrangimento a Washington.

Depois disso, poucas ações terrestres no Pacífico se compararam em escala àquelas travadas contra a Alemanha. A luta contra o Japão envolveu um número relativamente reduzido de homens, embora fosse travada sobre distâncias vastas e envolvesse muitas unidades navais. A maior parte do exército japonês permaneceu na China. As conquistas de Tóquio na Ásia e no Pacífico foram alcançadas por forças pequenas espalhadas por

todo o hemisfério. Os Estados Unidos, a Austrália e a Grã-Bretanha, por sua vez, disputaram o controle de ilhas e de ermos densamente arborizados com modestos contingentes terrestres de duas ou três divisões, enquanto nos campos de batalha russos centenas de formações se enfrentavam. Os fatores decisivos em cada encontro no Pacífico foram as forças navais e aéreas de apoio. Soldados e fuzileiros navais de ambos os lados sabiam que seu sangue e seu suor seriam em vão se as rotas marítimas de suprimentos não permanecessem abertas e se o domínio do céu não fosse negado ao inimigo. A marinha dos Estados Unidos tornou-se a força decisiva na guerra contra o Japão.

2 O MAR DE CORAL E MIDWAY

Em janeiro de 1942, os japoneses tomaram Rabaul, na ilha New Britain, e a transformaram num importante centro de atividades aéreas e navais. Na euforia que se seguiu aos triunfos — a "doença da vitória", como os súditos céticos de Hirohito passaram a chamar —, eles decidiram ampliar suas propriedades no sul do Pacífico e incluir Papua, as ilhas Salomão, Fiji, Nova Caledônia e Samoa. A marinha nipônica convenceu o exército a concordar com o avanço para um novo perímetro imperial, tendo o atol de Midway no centro e as ilhas Aleutas no norte, que seriam tomadas dos americanos. Com isso, teriam bases para interditar as rotas de suprimento para a Austrália, agora um dos principais postos de concentração de força dos Aliados para a guerra asiática.

Mesmo antes de Corregidor cair, os americanos fizeram um gesto que provocou e desanimou os inimigos, porque ofereceu um indício da vulnerabilidade japonesa e conferiu urgência aos seus novos esforços. O ataque aéreo do tenente-coronel James Doolittle contra Tóquio, em 18 de abril, com seis bombardeiros B-25 lançados do porta-aviões *Hornet* a 1.040 quilômetros do Japão, foi materialmente ínfimo, mas importante do ponto de vista do moral. Encorajando os Aliados numa temporada de derrotas, foi um ato criativo de encenação militar, como aqueles que Churchill se permitia com frequência. A ação convenceu os japoneses de que era preciso capturar Midway, o ponto de apoio mais ocidental dos Estados Unidos no Pacífico, controlado desde 1867. Assim que o almirante Isoroku Yamamoto tivesse aviões em Midway, eles poderiam frustrar novas aventuras como a de Doolittle.

Os objetivos do Japão revelar-se-iam excessiva e desastrosamente ambiciosos; mas a alternativa, do ponto de vista de Tóquio, era conceder aos americanos liberdade para concentrar forças para um contragolpe. Yamamoto e seus colegas sabiam que, a menos que os Estados Unidos fossem mantidos sob pressão implacável, a derrota japonesa seria inevitável. Sua única estratégia verossímil, acreditavam, era atacar os Aliados repetidamente, até Washington se curvar à lógica da dominação japonesa e negociar um acordo. Acima de tudo, a Marinha Imperial procurava combater e destruir navios americanos no mar.

Antes de cuidar de Midway, os japoneses atacaram Papua e as ilhas Salomão. No começo de maio de 1942, três comboios de invasão zarparam para Port Moresby, protegidos por poderosas forças de ataque e de cobertura, inclusive três porta-aviões. O vice-almirante Shigeyoshi Inoue, dirigindo as operações, esperava que uma frota americana tentasse intervir, pois desejava destruí-la. A força anfíbia destinada à ilha Tulagi, ao sul das

Salomão e a poucos quilômetros de Guadalcanal, desembarcou sem encontrar resistência, em 3 de maio. No dia seguinte, aviões do porta-aviões *Yorktown* atacaram os navios japoneses na costa, afundando um contratorpedeiro e dois navios menores, mas a destruição foi decepcionante dadas as condições quase ideais desfrutadas pelos atacantes.

Em 5 de maio, uma frota americana com um pequeno contingente australiano, comandada pelo contra-almirante Frank Fletcher e prevenida por informações de inteligência Ultra sobre as intenções japonesas, navegava para interceptar a principal força de Inoue. Ao amanhecer de 7 de maio, no mar de Coral, Fletcher despachou seus cruzadores, liderados pelo contra-almirante britânico John Crace, para atacar os navios inimigos de transporte de tropas. Fletcher estava mal informado sobre a localização dos inimigos. Os esquadrões americanos da aviação embarcada, em vez de encontrar os porta-aviões japoneses, depararam-se com a força anfíbia de Inoue. Os navios de transporte imediatamente se afastaram para esperar o resultado do encontro entre frotas. Crace recuou ao dar-se conta de que avançava para o oceano vazio. Aeronaves do *Lexington* obtiveram êxito inicial, pondo a pique o pequeno porta-aviões *Shoho*. Enquanto isso, o grupo de porta-aviões de Fletcher conseguiu escapar graças a um extraordinário golpe de sorte: a frota japonesa estava 280 quilômetros à popa; seus próprios aviões estavam ausentes quando aeronaves inimigas afundaram e destruíram um navio-tanque e um contratorpedeiro de escolta americanos que seguiam a força-tarefa de Fletcher. Se os bombardeiros de Inoue tivessem voado um pouco mais e encontrado os porta-aviões americanos, esses navios teriam ficado expostos ao desastre. Mas naquele primeiro dia os almirantes rivais tatearam sem resultado.

Na manhã seguinte, 8 de maio, enquanto o sol nascia às 6h55, marinheiros em fétido confinamento revezavam-se para respirar um pouco de ar puro pelas aberturas e escotilhas, enquanto levas de aviões americanos e japoneses decolavam de seus respectivos conveses de voo. O capitão de corveta Bob Dixon, que chefiara o ataque aéreo ao *Shoho* na véspera, voltou a distinguir-se ao localizar a frota japonesa. Ele se demorou sobrevoando, para manter a vigilância, cuidando do motor para economizar combustível, o que era uma preocupação constante dos pilotos da aviação embarcada.

O primeiro grupo de aviões americanos localizou e atacou o porta-aviões *Shokaku*, causando estragos significativos, mas não fatais. A maioria dos torpedos e bombardeios errou o alvo. Os ataques foram mal coordenados. Tripulantes de bombardeiros de picada sofreram problemas severos quando seus telescópios de pontaria e para-brisas embaçaram durante a brusca descida de dezessete mil pés para 1.500. Os pilotos ficavam furiosos com a própria falta de velocidade e de poder de fogo defensivo contra os caças japoneses. O capitão de fragata Bill Ault perdeu-se no caminho de volta, erro frequente e fatal naquele vasto oceano. Enviou uma lacônica mensagem de despedida antes de cair na água e desaparecer para sempre: “Ok, até logo, pessoal. Lembrem-se de que atingimos bem por cima aquele porta-aviões com uma bomba de 450 quilos.”[1] Mas o *Shokaku* sobreviveu. O capitão de corveta Paul Stroop, oficial de estado-maior a bordo do *Lexington*, reconheceu com pesar: “Deveríamos ter sido mais eficazes.”

E, enquanto os americanos bombardeavam a frota de Inoue, os japoneses atacavam os navios de Fletcher com muito mais intensidade. Quando o radar informou a aproximação de aviões inimigos, os comandantes dos porta-aviões americanos ordenaram a velocidade máxima de 25 nós e iniciaram ações evasivas antes que se deparassem com cardumes de

torpedos, uma chuva de bombas. O *Yorktown* foi atingido uma única vez e perdeu mais de quarenta homens, e outra bomba explodiu perto e ergueu momentaneamente as hélices do navio acima da água. O comandante perguntou à sala de máquinas se deveria reduzir a velocidade e recebeu uma resposta desafiadora: "De jeito nenhum, vamos conseguir." Mas a virada de leme do *Lexington* quando torpedos se aproximavam para atingi-lo não bastou para salvá-lo: o porta-aviões de quarenta mil toneladas foi atingido, com efeitos arrasadores. "Era muito desanimador ver aqueles caças japoneses lançarem seus torpedos e depois chegarem bem perto para dar uma olhada",[2] disse Paul Stroop. "Eram curiosos e não tinham muito respeito por nós. Atirávamos com nossos novos canhões de vinte milímetros e não os atingíamos."[3] Focos de incêndio logo encontraram substâncias inflamáveis — a tinta usada na pintura de anteparos e móveis de madeira que nenhum navio de guerra americano voltaria a carregar. Marinheiros seminus sofreram queimaduras terríveis; "a pele literalmente pingava de seus corpos". Foi a última vez que tripulações americanas expuseram deliberadamente o corpo em combate. Depois de apenas treze minutos, os aviões japoneses afastaram-se, deixando uma devastação para saudar os pilotos de Fletcher que retornavam do próprio ataque.

Esforços heroicos foram feitos para controlar os incêndios no *Lexington*: o capitão-tenente Milton Ricketts, único sobrevivente de uma equipe de controle de avarias eliminada por uma bomba, também estava mortalmente ferido, mas puxou uma mangueira e começou a jogar água nas chamas antes de cair morto. Logo, porém, nas palavras de Stroop, "os incêndios se tornaram cada vez mais violentos, e começamos a ter explosões (...) que soavam como trens de carga rugindo pelo convés do hangar (...) uma muralha de chamas (...) irrompeu no perímetro do elevador".[4] Gases de vazamentos de gasolina provocaram uma tremenda explosão nos conveses inferiores: granadas de munição começaram a explodir com o calor; decidiu-se abandonar o navio. O oficial mais antigo a bordo, almirante Fitch, atravessou calmamente o convés de voo, acompanhado de um fuzileiro naval que levava sua jaqueta e seus documentos militares, para ser resgatado pelo bote de um contratorpedeiro. Soldados pulavam no mar às centenas. Os socorristas foram tão eficientes que apenas 216 entre os 2.735 tripulantes do *Lexington* morreram, mas um precioso porta-aviões foi perdido. O *Yorktown* ficou severamente avariado, embora tenha conseguido terminar o pouso de aviões dois minutos depois do pôr do sol. No início da madrugada, os mortos foram lançados ao mar, na expectativa de novos combates no dia seguinte.

Mas a batalha estava concluída: as duas frotas se afastaram. As forças-tarefa de Fletcher perderam 543 vidas, sessenta aviões e três navios, incluindo o *Lexington*. Inoue perdeu mais de mil homens e 77 aviões — a aviação embarcada no *Zuikaku* sofreu grande desgaste. O saldo de destruição, no entanto, favoreceu os japoneses, que tinham aviões melhores do que os americanos e os utilizavam com mais eficácia. Incrivelmente, porém, Inoue abandonou sua operação contra Port Moresby e retirou-se: concedeu êxito estratégico à marinha americana. Ali estava mais uma manifestação da timidez japonesa: a vitória esteve ao seu alcance, mas não souberam aproveitar o êxito. Nunca mais teriam uma oportunidade tão favorável de estabelecer domínio sobre o Pacífico.

• • •

No decorrer da guerra, a marinha dos Estados Unidos se mostraria a mais notável das forças de combate daquele país, mas teve de passar por um longo e difícil processo de

aprendizagem. Muitos de seus primeiros comandantes deixaram a desejar, porque demoraram a entender os princípios das operações com porta-aviões, que dominariam a campanha no Pacífico. A coragem dos aviadores americanos nunca foi posta em dúvida, mas o desempenho inicial deles não esteve à altura do dos inimigos. Em Pearl Harbor, ainda que tenham enfrentado um inimigo despreparado e estático, os aviões japoneses atingiram a notável marca de dezenove acertos e detonações em quarenta torpedos lançados, recorde nunca igualado por outra marinha. Quando aeronaves de porta-aviões americanos atacaram o ancoradouro de Tulagi, em 3 de maio de 1942, em face de pouca oposição, 22 bombardeiros-torpedeiros Douglas Devastator atingiram apenas um alvo. A maioria dos torpedos americanos, diriam os japoneses posteriormente, era lançada a uma distância muito grande e viajava tão devagar que era fácil evitá-los.

A Batalha do Mar de Coral mostrou que, entre as aeronaves da aviação embarcada americana, o bombardeiro de picada Dauntless era o único à altura de suas tarefas, principalmente por sua resistência adequada. O Devastator era uma "verdadeira bomba", nas palavras de um piloto, prejudicado ainda mais por um alto consumo de combustível. Pior, o torpedo aéreo Mk 13 e o torpedo lançado por submarino Mk 14 não eram confiáveis, e era pouco provável que explodissem mesmo atingindo um alvo. Uma relutância nada americana em aprender com a experiência fez com que esse defeito, que afligia operações submarinas e aéreas, só fosse completamente corrigido em 1943.

A guerra no mar foi, estatisticamente, bem menos perigosa do que em terra firme, exceto para especialistas como aviadores e submarinistas. O conflito era impessoal: marinheiros raramente viam o rosto de seus inimigos. O destino de cada navio dependia demais da competência, do discernimento e da sorte do comandante. Marujos de todos os países sofriam com os espaços confinados e muito tédio, mas o perigo só intervinha em espasmos. Indivíduos eram convocados para demonstrar resistência e dedicação, mas raramente tinham a oportunidade de escolher se queriam ser corajosos. Esse privilégio era reservado aos comandantes, que davam ordens determinando o movimento de navios e frotas. A esmagadora maioria dos marinheiros, desempenhando funções técnicas a bordo de imensas máquinas de guerra marítimas, contribuía apenas mínima e indiretamente para a morte dos inimigos.

Operações com porta-aviões representavam o mais alto e complexo refinamento da guerra naval. "O convés de voo parecia uma grande dança de guerra de diferentes cores", escreveu um marinheiro a bordo do *Enterprise*. "O grupo de material bélico usava capacetes cobertos com pano vermelho e camisetas vermelhas quando carregavam metralhadoras, preparavam bombas e içavam torpedos (...) Outros especialistas usavam cores diferentes. Marrom para os capitães de avião — um para cada máquina —, verde para os técnicos de hidráulica responsáveis pelo dispositivos de parada das aeronaves e pelas catapultas, amarelo para os sinalizadores de pouso e equipe de controle do convés, roxo para os reis do petróleo e do gás (...) Tudo era 'acelerado', enquanto hélices giravam por toda parte, prontas para mutilar os desatentos." A marinha americana refinaria o assalto a partir de porta-aviões a uma arte suprema, mas, em 1942, ainda estava no ponto mais baixo da curva: não apenas seus aviões eram inferiores aos dos japoneses como os comandantes ainda não haviam desenvolvido a combinação certa de caças, bombardeiros de picada e torpedeiros para cada porta-aviões — depois do mar de Coral, os comandantes lamentaram a proporção inadequada de Wildcats. A artilharia antiaérea americana não era mais eficaz do que a da Marinha Real. Seus radares eram míopes em

comparação aos utilizados nos últimos anos da guerra. O controle de avarias, que se tornaria uma notável habilidade americana, era pífio.

A marinha dos Estados Unidos gabava-se de uma excelente tradição de luta, mas suas tripulações em 1942 ainda eram dominadas por homens que alistados em tempos de paz — muitas vezes porque não haviam encontrado outra coisa para fazer. O piloto naval Alvin Kiernan escreveu:

> Muitos dos marinheiros estavam ali, como eu, porque havia poucos empregos nos Estados Unidos da época da Grande Depressão (...) Não admitiríamos que éramos uma classe inferior (...) Isso não existia nos Estados Unidos, pensávamos — esquecendo, por conveniência, que negros e asiáticos só tinham permissão para servir na marinha como cozinheiros do cassino dos oficiais e empregados nos refeitórios. Nossos dentes estavam terríveis, por causa dos descuidos durante a Depressão, nem todos completáramos o ensino médio, nenhum de nós chegara à faculdade, nossas peles tinham tendência a acne, e a maioria falava muitos palavrões, embebedava-se e brigava quando em licenças (...) Eu me perguntava por que tantos éramos magros, cheios de espinhas, pálidos, baixos e cabeludos.[5]

Cecil King, suboficial chefe da secretaria do porta-aviões *Hornet*, recorda-se de que: "Tínhamos um pequeno grupo de maus elementos. Quero dizer, esses rapazes não eram necessariamente gângsteres de verdade, mas estavam envolvidos em tudo o que acontecia de errado no navio — jogatina e extorsão. Numa noite, um deles foi jogado no mar."[6] Para a maioria dos homens, o serviço na marinha requeria anos de monotonia e de trabalho duro, com breves intervalos de ação violenta. Alguns, como King, gostavam da vida no porta-aviões: "No mar, eu me sentia em casa. Achava que a marinha era exatamente aquilo. Costumava andar de um lado para o outro no navio, especialmente no fim da tarde, só aproveitando estar ali. Ia até a plataforma do elevador no convés para ver o oceano passar. Sinto que provavelmente sou uma das pessoas mais sortudas do mundo (...) por ter nascido no ano em que nasci, poder lutar por meu país na Segunda Guerra Mundial; viver toda essa época (...) é um privilégio para mim."[7]

A expansão do corpo de oficiais da marinha americana contribuiu de maneira dramática e brilhante para seu êxito posterior, e alguns aprenderam a amar o serviço e as responsabilidades que ela lhes impunha. A maioria dos marinheiros comuns, porém — especialmente quando os navios começaram a encher-se de recrutas —, desempenhava suas funções de forma honrada, mas sem muitos motivos de alegria. Para alguns, era mais do que podiam tolerar: um marinheiro do *Hornet* subiu no mastro e pendurou-se a cinquenta metros de altura sobre o mar, tentando criar coragem para pular e se matar, até ser dissuadido pelo capelão e pelo médico do navio.[8] Ele foi enviado para uma avaliação psiquiátrica nos Estados Unidos e, por fim, voltou ao *Hornet* a tempo de participar do afundamento do navio, o destino que tanto temera.

Os que vivenciaram as primeiras batalhas da marinha americana no Pacífico viram muitos fracassos, perdas e derrotas. Os horrores dos afundamentos de navios eram geralmente intensificados por atrasos fatais na localização e no resgate de sobreviventes. O Pacífico é um vasto oceano, e muitos dos que caíram nele, mesmo estando em grandes navios de guerra, nunca mais foram vistos. Quando o avariado cruzador ligeiro *Juneau* subiu pelos ares após a explosão de um depósito de munições durante a travessia para uma base de manutenção na ilha Espírito Santo, o atirador Allan Heyn viu-se de repente entre aqueles obrigados a lutar pela vida: "Havia uma camada muito grossa de óleo na água, com pelo menos cinco centímetros de espessura, e todos os tipos de documentos e de desenhos de projetos flutuando, rolos e rolos de papel higiênico. Eu não via ninguém, e pensei: 'Caramba, estou sozinho aqui' (...) Então ouvi um homem gritar, olhei em volta e vi um contramestre (...) Ele disse que não sabia nadar e que perdera uma das pernas (...) Ajudei-o a subir no bote salva-vidas (...) Foi uma noite muito difícil, porque a maioria do pessoal estava gravemente ferida e em agonia. Não dava para reconhecer ninguém, a não ser que se conhecesse muito bem o sujeito antes de o navio afundar."[9] Em três dias, o grupo encolheu de 140 homens para cinquenta; no nono dia depois da perda do *Juneau*, os dez sobreviventes foram resgatados por um contratorpedeiro e por um hidroavião Catalina. Às vezes, navios desapareciam com todos os homens a bordo, como quase sempre acontecia com os submarinos.

Os japoneses começaram a guerra no mar com um corpo de marujos altamente experientes e aviadores armados com o torpedo Long Lance, a arma mais eficaz do mundo em sua categoria. Seus radares eram fracos, e muitos navios não dispunham de nenhum. Eles estavam lamentavelmente atrasados em matéria de inteligência militar, mas se destacavam em operações noturnas e muitas vezes atiravam melhor do que os americanos nos primeiros duelos de canhão. Seus excelentes caças Zero aumentaram a permanência em combate abrindo mão da blindagem da cabine e de tanques de combustível com fechamento automático. A superioridade da aviação naval japonesa em 1942 torna ainda mais surpreendente o resultado da fase seguinte da guerra no Pacífico.

• • •

O almirante Yamamoto esforçou-se, com toda a urgência que caracterizava sua visão estratégica, para provocar um grande combate. Menos de um mês depois da equivocada ação no mar de Coral, ele atacou o atol de Midway, empregando 145 navios de guerra numa operação ambiciosa e complexa destinada a dividir as forças americanas. Uma frota japonesa avançaria para o norte contra as ilhas Aleutas, enquanto a investida principal seria feita em Midway. Os quatro porta-aviões da frota do almirante Chuichi Nagumo — *Zuikaku* e *Shokaku* foram deixados para trás depois da surra no mar de Coral — se aproximariam da ilha pelo noroeste, com os rápidos encouraçados de Yamamoto atrás, a 480 quilômetros; uma flotilha de navios de transporte de tropa, levando cinco mil soldados para realizar o desembarque, viria pelo sudoeste.

Yamamoto pode ter sido um homem astuto com uma personalidade solidária, mas a épica inépcia do plano Midway realçou suas limitações. O plano exigia que ele dividisse seu poder de combate; pior, refletia a característica arrogância japonesa ao não levar em conta sequer a possibilidade de que os americanos o descobrissem. O almirante Chester

Nimitz, comandante em chefe da marinha americana no Pacífico, esperava o inimigo. Numa das mais brilhantes façanhas de inteligência durante a guerra, o comandante Joseph Rochefort, em Pearl Harbor, usou decifrações fragmentárias Ultra para identificar Midway como o objetivo de Nagumo. Em 28 de maio, os japoneses alteraram seu sistema de códigos navais, o que representou um desafio para os analistas criptográficos de Rochefort durante semanas; mas, por um golpe de sorte miraculoso, a troca aconteceu tarde demais para frustrar a descoberta que traiu o plano de Yamamoto para Midway.

Nimitz fez uma aposta maravilhosamente audaciosa: investir tudo na precisão da interpretação de Rochefort. A inteligência japonesa, sempre fraca, acreditava que o *Yorktown* tinha sido afundado no mar de Coral e que os outros dois porta-aviões americanos, o *Hornet* e o *Enterprise*, estavam longe, nas ilhas Salomão. Mas esforços heroicos de 1.400 operários nos estaleiros de Pearl Harbor possibilitaram que o *Yorktown* voltasse ao mar, embora com um componente aéreo improvisado. Nimitz pôde, portanto, empregar duas forças-tarefa para cobrir Midway, uma chefiada por Fletcher — como comandante-geral — e a outra, por Raymond Spruance. Seria uma ação com porta-aviões, tendo como objetivo os de Nagumo; os velhos e lentos encouraçados americanos foram deixados em portos californianos. Reconhecia-se que a aviação embarcada seria a arma decisiva.

Quase um século antes, Herman Melville, o maior romancista americano de temas marítimos, escrevia: "Há qualquer coisa num combate naval que o distingue, radicalmente, de um combate em terra. O oceano (...) não tem rios, bosques, bancos, cidades ou montanhas. Em tempo bom, é uma planície chapada. Estratagemas, como os dos exércitos disciplinados, emboscadas — como as dos índios — são impossíveis. Tudo é claro, aberto, fluente. O próprio elemento que sustenta os combatentes cede ao toque de uma pluma (...) Essa simplicidade torna a batalha entre dois navios de guerra (...) mais parecida com uma competição miltoniana de arcanjos do que com os comparativamente sórdidos conflitos em terra."[10]

Em 1942, marujos de outro século ainda reconheciam a lírica visão melvilliana do mar, mas dois fatores tinham transformado essa imagem de batalha naval. Em primeiro lugar, a comunicação e a interceptação de sinais possibilitaram "emboscadas e estratagemas", como aconteceu em Midway — a localização do inimigo e a tomada de ações antes que suas metafóricas velas fossem avistadas. Os superiores radares americanos conferiam outra importante vantagem sobre os japoneses. Ao mesmo tempo, o advento do poderio aéreo significava que tudo já não era "claro, aberto e fluente": frotas rivais ficaram vulneráveis a surpresas mesmo que se encontrassem a centenas de quilômetros uma da outra. Mas ainda faltava exatidão de conhecimento. Num oceano vasto, continuava difícil determinar com precisão onde estavam navios ou até frotas. O contra-almirante Frank Fletcher disse: "Depois que a batalha termina, as pessoas falam muito sobre como as decisões foram tomadas metodicamente, mas, na verdade, tateia-se muito às cegas."[11] Isso fora vividamente demonstrado no combate no mar de Coral; apesar da magnífica façanha do comandante Rochefort, a incerteza e a sorte também caracterizaram Midway.

O combate foi travado apenas seis meses depois do ataque a Pearl Harbor, quando a marinha dos Estados Unidos ainda tinha menos porta-aviões do que a dos britânicos, embora transportassem um número muito maior de aeronaves. As duas forças-tarefa americanas foram colocadas em posições muito afastadas para se oferecerem apoio mútuo

ou para coordenarem com eficácia suas operações aéreas. Em 3 de junho, ocorreram as primeiras escaramuças: às 14h, nove Fortalezas Voadoras B-17, baseadas em terra, realizaram um ataque ineficaz à força anfíbia japonesa. No começo daquela manhã também, aviões japoneses lançaram pesado ataque contra as Aleutas. Para dezenas de milhares de homens em ambos os lados, seguiu-se uma noite de tensão. A guarnição de Midway preparou-se para vender caro a vida, conhecendo o destino que tiveram os defensores de muitas outras ilhas atacadas pelos japoneses. Nos porta-aviões americanos, 480 quilômetros a nordeste, tripulações aéreas aprontavam-se para um combate que sabiam ser decisivo. Um desses homens, o capitão-tenente Dick Crowell, disse, sobriamente, quando foi interrompido um jogo noturno de dados no *Yorktown*: "O destino dos Estados Unidos agora está nas mãos de 240 pilotos."[12] Nimitz ficou satisfeito por ver tudo correr exatamente como ele previra. Yamamoto preocupava-se por ainda não saber o paradeiro da frota americana no Pacífico, mas permanecia alheio à possibilidade de que qualquer porta-aviões pudesse se aproximar de Nagumo.

Antes do amanhecer do dia seguinte, "um dia quente, úmido e nevoento", pilotos americanos e japoneses fizeram sua primeira refeição. Os homens do *Yorktown* preferiram "sanduíches caolhos" — um ovo frito dentro de um buraco num pão torrado. As tropas de Nagumo saboreavam arroz, sopa de soja, picles e castanhas secas, e depois brindaram a batalha com saquê quente. Às 4h30, 72 bombardeiros e 36 caças japoneses partiram para atacar a ilha Midway. Às 5h45, um Catalina que fazia a patrulha sinalizou o ataque iminente, e então avistou os porta-aviões de Nagumo. Fletcher precisava navegar por três horas para chegar ao alcance de tiro. Enquanto isso, bombardeiros-torpedeiros e bombardeiros dos fuzileiros navais e do exército baseados em Midway levantaram voo imediatamente, bem como caças Wildcat e Buffalo. Os Buffalos sofreram terrivelmente nas mãos dos Zero: de 27 aeronaves, 24 foram abatidas ou tão severamente avariadas que nunca mais voaram. Os atacantes japoneses, por sua vez, perderam 30% de sua força.

O ataque dos bombardeiros de Nagumo, às 6h35, infligiu danos generalizados, mas sem destruir os aeródromos de Midway. Seu líder sinalizou à frota: "Segundo ataque necessário." Depois disso, nada deu certo para o almirante japonês. Seu primeiro erro do dia tinha sido despachar apenas um punhado de aviões de reconhecimento para detectar navios de guerra americanos; um hidroavião, do cruzador pesado *Tone*, atrasou-se para a decolagem — e havia sido instruído a vasculhar o setor onde os porta-aviões de Fletcher avançavam. Assim, Nagumo ainda não tinha ciência de qualquer ameaça naval e aérea quando recebeu o sinal de seus aviões em Midway. Às 7h15, ordenou que 93 aviões de combate Kate, preparados com torpedos e já no convés, fossem rearmados com bombas de alta potência para renovar o ataque à ilha e abrir espaço para o pouso dos aviões que retornavam de Midway.

A Batalha de Midway
RÚSSIA
Attu
Kiska
Adak
Ilhas Aleutas
13h00, 3 de junho
Kiska
Força Setentrional
(Hosogaya)
Attu
Ilhas Kurile
Hokkaido
Segunda Força de Ataque de Porta-aviões (Kakuta)
Ominata
Honshu
JAPÃO
Força de Apoio Aleuta
(Takasu)
13h30, 3 de junho
04h00, 3 de junho
Tem início a busca aérea norte-americana
Tóquio
Kure
Primeira Força de Ataque de Porta-aviões (Nagumo)
Força Principal (Yamamoto)
Submarinos
Norte-americanos
Força-tarefa 17
(Fletcher)
Estreito
de Bungo
Segunda Esquadra (Kondo)
Atol de Midway
Força-tarefa 16
(Spruance)
Noite, 29 de maio
Iwo Jima
Força de Ocupação de Midway (Tanaka)
e Força de Apoio (Kurita)
Cardumes de
fragatas
francesas
Oahu
Pearl Harbor
09h00, 3 de junho
Avistado
ILHAS
MARIANAS
Saipan
Guam
Grupo Varredor
Wake
HAVAÍ
Cordão de submarinos
japoneses

Enquanto eram realizadas essas ações, corneteiros a bordo outro alarme de incursão aérea. Entre 7h55 e 8h20, aviões americanos baseados em Midway atacaram a frota de Nagumo em pequenas levas sucessivas. Eles não tinham a cobertura de caças, então foram implacavelmente destruídos por fogo antiaéreo e caças Zero sem atingir um alvo sequer. Os tiros cessaram, e o zunido dos motores dos atacantes sobreviventes extinguiu-se. Enquanto isso, os primeiros aviões com torpedos e bombardeiros de picada de Spruance já estavam no ar, em direção à frota japonesa e partindo da maior distância possível. Embora a aeronave de reconhecimento do *Tone* tivesse localizado os navios americanos tardiamente, só às 8h10 o piloto informou que a frota parecia incluir um porta-aviões. A notícia provocou uma discussão feroz no estado-maior de Nagumo sobre como reagir, que prosseguiu mesmo enquanto o último dos ataques americanos baseados em terra era repelido.

A única conquista dos ataques lançados de Midway, obtida a um custo espantoso, foi impedir operações de voo a bordo dos porta-aviões japoneses. Nagumo foi prejudicado pela necessidade de recuperar sua força de ataque, com pouco combustível, antes que pudesse lançar um assalto contra a frota de Fletcher; enquanto isso, ordenou que os aviões Kate nos hangares fossem mais uma vez equipados com torpedos. Uma decisão muito melhor, àquela altura, teria sido afastar-se do inimigo, para reorganizar seus grupos aéreos e preparar-se para o combate. Mas, com característica falta de iniciativa, ele manteve o que havia decidido. Às 9h18, os conveses de voo japoneses ainda estavam caóticos, com aviões sendo reabastecidos, quando contratorpedeiros transmitiram outro

alerta e começaram a lançar uma cortina de fumaça. Os primeiros aviões de Fletcher se aproximavam rapidamente, e os caças Zero decolaram para enfrentá-los.

Antes que os americanos decolassem, o capitão de corveta John Waldron, um rude, duro e muito respeitado nativo de Dakota do Sul que liderou a saída da Esquadrilha Torpedo Eight do porta-aviões *Hornet*, disse a seus pilotos que a batalha que se aproximava seria "um evento histórico e, espero, glorioso". O comandante de Esquadrilha Wildcat, Jimmy Gray, escreveu: "Todos sabiam que era nossa vez no ringue central do mundo."[13] O capitão de corveta Eugene Lindsey, que comandou a Esquadrilha Torpedo Six, tinha sido gravemente ferido poucos dias antes, durante um pouso de emergência na água em que seu avião fora perdido; seu rosto estava tão machucado que lhe doía usar os óculos de proteção. Mas, na manhã do ataque a Midway, ele insistiu em voar: "É para isso que fui treinado", disse, teimosamente, antes de decolar para a morte.

Os atacantes americanos aproximaram-se dos japoneses em levas sucessivas. Jimmy Gray escreveu: "Ver as penas brancas das esteiras dos navios em alta velocidade, ao longe e sob o céu encoberto, e perceber que ali, pela primeira vez, em plena vista, estavam os japoneses que nos surravam havia sete meses, era uma sensação que poucos homens experimentam na vida." Os vinte aviões da escolta Wildcat voavam alto enquanto os modelos Devastator necessariamente atacavam baixo. Pelo rádio, discussões sobre táticas entre caças e torpedeiros continuaram enquanto os pilotos se aproximavam do inimigo. Os Wildcat mantiveram-se em altitude elevada, e, de qualquer maneira, eles não tinham resistência para pairar sobre a frota inimiga. A consequência foi que, quando cinquenta caças Zero caíram sobre os Devastators, os americanos sofreram um massacre. Os doze aviões da Esquadrilha Torpedo Three voavam em formação a oitocentos metros de altitude e ainda estavam a 25 quilômetros de seus alvos quando encontraram os primeiros japoneses. Ataques poderosos persistiram durante o confronto. Um dos poucos pilotos americanos sobreviventes, Wilhelm "Doc" Esders, escreveu: "Quando, a mais ou menos dois quilômetros do porta-aviões, nosso líder aparentemente esperava atacar, seu avião foi atingido e caiu no mar, em chamas (...) Vi apenas cinco aviões lançarem seus torpedos."[14] O próprio Devastator pilotado por Esders foi atingido, deixando seu rádio-operador fatalmente ferido; o extintor de fogo com gás carbônico alocado na cabine explodiu; granadas de artilharia antiaérea detonavam abaixo enquanto os caças Zero continuavam disparando. Foi uma sorte extraordinária para a tripulação quando os aviões inimigos se afastaram depois de segui-los por trinta quilômetros.

Os Devastators avançaram custosa e obstinadamente para seus alvos, à velocidade máxima de cem nós, até que cada vaga era despedaçada a tiros e jogada no mar. Um metralhador de bombardeiro ouviu Waldron transmitir uma mensagem pelo rádio enquanto liderava seus aviões para o ataque: "Johnny Um para Johnny Dois (...) Como estou indo, Dobbs? (...) Atacar imediatamente (...) Há dois caças na água (...) Meus dois alas estão indo para a água." Waldron foi visto pela última vez quando tentava escapar de seu avião em chamas. Após o ataque da primeira leva, o líder do grupo de caças Zero informou, laconicamente: "Todos os quinze bombardeiros-torpedeiros inimigos derrubados." Muitos aviões da leva seguinte foram destruídos enquanto manobravam em busca de um ângulo de ataque, enquanto os porta-aviões japoneses moviam-se rapidamente para evitá-los. Um atirador americano, desesperado e com a arma

emperrada, disparou com sua pistola automática calibre 45 contra um Zero que o perseguia.

George Gay, que decolou do porta-aviões *Hornet* nos controles de um Devastator, tinha reputação de texano falastrão entre seu esquadrão, mas acabou sendo o único sobrevivente. Abatido e atirado ao mar, com um ferimento de bala e dois tripulantes mortos, boiou na água o dia inteiro, tendo ouvido muitas histórias sobre japoneses que disparavam em tripulantes de aeronaves atingidas. Ao anoitecer, inflou cautelosamente seu bote e teve a sorte fantástica de ser resgatado na manhã seguinte por um avião anfíbio americano de patrulha.

Nos conveses de voo dos porta-aviões de Nagumo, os japoneses viveram uma hora de tensão aguda enquanto os Devastators se aproximavam através de uma tempestade de fogo antiaéreo. Mas a maioria dos torpedos foi lançada além de um alcance eficaz, e os Mk 13 avançavam tão lentamente que os navios japoneses tiveram tempo de sobra para evitá-los. "Eu não percebi ou não senti o torpedo cair",[15] disse depois um atirador de Devastator, acrescentando que talvez fosse porque seu piloto tentava se esquivar. "Alguns dias depois, perguntei-lhe quando ele tinha soltado. Ele disse que foi quando percebeu que parecíamos ser os únicos ainda voando e que não tínhamos chance de levar o torpedo até a distância de lançamento normal. Eu não conseguia entender o que ele queria fazer, e o fogo antiaéreo era muito intenso, então gritei pelo sistema de comunicação: 'Vamos cair fora!' É possível que meu grito tenha ajudado na decisão."

Pouco depois das 10h, os atacantes se retiraram, sem atingir alvo algum. Dos 51 bombardeiros-torpedeiros americanos que decolaram naquele dia, apenas seis voltaram, trazendo 14 dos 82 tripulantes. A maioria dos aviões sobreviventes estava picotada por tiros. Lloyd Childers, um atirador ferido, ouviu seu piloto dizer: "Não vamos conseguir." O Devastator alcançou a frota, mas não pôde pousar no *Yorktown* por causa de um enorme buraco criado por uma bomba no convés de voo. O piloto amerrissou em segurança ao lado do porta-aviões, e Childers deu tapinhas na cauda do avião que afundava, em sinal de gratidão por tê-lo trazido de volta. Muitos sobreviventes, porém, ficaram furiosos com a futilidade do sacrifício e ressentidos com a falta de proteção de seus próprios caças. O atirador de um Devastator que pousou no *Enterprise* teve de ser contido quando partiu para cima de um piloto de Wildcat.

Os caças americanos tiveram poucos êxitos naquele dia. Um foi obtido por Jimmy Thach, que se tornaria um dos principais especialistas da guerra em táticas de aviação naval. Thach disse que perdeu a cabeça quando viu uma aeronave japonesa ameaçando o avião a seu lado: "Fiquei doido, porque ali estava aquele pobre ala, que nunca tinha participado de um combate, quase não recebera treinamento no emprego da metralhadora, era sua primeira vez a bordo de um porta-aviões, e um Zero estava prestes a fazê-lo em pedaços (...) Decidi manter o fogo contra o Zero até que ele mudasse de direção, o que ele fez, e só não me atingiu por alguns metros; vi sair fogo da barriga de seu avião. Foi como quando dois automóveis na estrada correm um em direção ao outro para ver quem amarela primeiro, com a diferença de que, além disso, também estávamos atirando."[16]

Os americanos haviam sofrido uma sucessão chocante de desastres, que poderiam ter sido fatais para o desfecho da batalha. Mas, em vez disso, a sorte mudou com fantástica brusquidão. Nagumo pagou caro por não ter atacado a força-tarefa de Spruance mesmo

quando já sabia que ela estava próxima. Além disso, seus caças Zero voavam baixo, quase sem combustível, quando mais aeronaves americanas apareceram no alto, poucos minutos após os ataques dos últimos bombardeiros-torpedeiros.

O bombardeiro de picada Dauntless era a única aeronave naval americana eficaz em 1942; o que aconteceu em seguida mudou o rumo da guerra no Pacífico em questão de minutos. Os Dauntless caíram sobre os porta-aviões de Nagumo, semeando a destruição. "Vi aquele brilho ao sol",[17] disse Jimmy Thach, "e simplesmente parecia uma linda queda-d'água prateada, aqueles bombardeiros de picada descendo. Tive a impressão de que quase todas as bombas atingiram o alvo." Na realidade, as três primeiras destinadas ao *Kaga* erraram, mas a quarta atingiu-o diretamente, deflagrando detonações das cargas de munição espalhadas pelos conveses e hangares do porta-aviões. O *Soryu* e o *Akagi* tiveram destinos similares. O piloto de Wildcat Tom Cheek foi outro espectador fascinado enquanto os bombardeiros de picada se retiravam. "Quando olhei para o *Akagi*, o inferno literalmente se alastrou. Primeiro, o clarão alaranjado de uma bomba apareceu no convés de voo, a meio caminho entre a estrutura da ponte de comando e a popa. Então, em rápida sucessão, uma bomba explodiu a meia-nau, e esguichos de água foram lançados por bombas que caíram perto da popa. Quase ao mesmo tempo, o convés de voo do *Kaga* foi dominado por explosões e chamas. Meus olhos estavam fixos no *Akagi* quando uma explosão na linha de flutuação a meia-nau pareceu abrir as entranhas do navio, produzindo uma bola de fogo amarelo-esverdeada (...) O *Soryu* (...) também foi severamente atingido. Os três navios perderam as ondas de espuma branca e pareciam diminuir a velocidade. Descrevi um círculo lento para a direita, pasmo."[18]

Igualmente fascinado — e atônito — estava o comandante Mitsuo Fuchida, herói japonês do ataque a Pearl Harbor, agora um espectador impotente no convés do *Akagi*: "Fiquei horrorizado com a destruição que se produzira em questão de segundos. Havia um buraco imenso no convés de voo, logo atrás do elevador central do navio (...) Placas do convés reviravam-se em configurações grotescas. Aviões com a cauda para o alto vomitavam chamas lívidas e fumaça preta. Lágrimas relutantes rolaram pelo meu rosto."[19]

O ataque com bombardeiros de picada pôs a pique imediatamente dois porta-aviões japoneses, e o terceiro casco em chamas foi afundado naquela noite. Foi uma façanha extraordinária, especialmente porque duas esquadrilhas de bombardeiros de picada e a escolta de Wildcats foram enviadas na direção errada e não combateram. Todos os dez pilotos da esquadrilha Wildcat Torpedo Eight que decolou do *Hornet* ficaram sem combustível e pousaram na água sem avistar o inimigo; os 35 Dauntless do navio aterrissaram em Midway sem participar da batalha.

Os japoneses ficaram furiosos com a perda de seus porta-aviões e voltaram seu rancor contra qualquer americano que estivesse ao seu alcance. O piloto de bombardeiro-torpedeiro Wesley Osmus, de 23 anos, natural de Chicago, foi visto no mar pela sentinela de um contratorpedeiro, retirado da água e interrogado na ponte por um oficial exaltado que brandia uma espada. Ao pôr do sol, os japoneses, depois de perder o interesse pelo prisioneiro, levaram Osmus para a cauda do navio e começaram a trabalhar nele com um machado de incêndio. Osmus custou a morrer, agarrando-se ao parapeito até seus dedos serem esmagados e ele cair no mar. A Marinha Imperial japonesa era tão profunda e institucionalmente brutalizada quanto o exército de Hirohito.

No meio da manhã, o único porta-aviões sobrevivente de Nagumo, o *Hiryu*, finalmente lançou seu ataque, que caiu sobre o *Yorktown* de Fletcher. Radares americanos detectaram os bombardeiros de picada a noventa quilômetros de distância, e os caças começaram a decolar. Onze bombardeiros Val e três caças Zero foram derrubados por aviões Wildcat, e outros dois Val foram abatidos pela artilharia antiaérea; três bombas japonesas atingiram o *Yorktown*, mas um controle de avarias rápido e enérgico permitiu que o porta-aviões continuasse recebendo seus bombardeiros de picada, ao mesmo tempo em que os tripulantes combatiam enormes incêndios. O almirante Fletcher transferiu sua insígnia para o cruzador *Astoria* e entregou o comando geral a Spruance.

Às 14h30, uma leva de bombardeiros-torpedeiros japoneses do *Hiryu* aproximou-se do *Yorktown*, que, mais uma vez, despachou seus caças. O segundo-tenente Milton Tootle havia acabado de decolar do convés do porta-aviões em seu Wildcat quando os atacantes chegaram. Ele passou pela barragem antiaérea americana, derrubou um avião inimigo, depois foi abatido por um Zero num voo que mal durara sessenta segundos; Tootle teve a sorte de ser resgatado da água. Vários atacantes foram derrubados, mas quatro lançaram seus torpedos, dois dos quais atingiram o porta-aviões. O oceano invadiu o navio, que adernou perigosamente. Pouco antes das 15h, o comandante ordenou que o *Yorktown* fosse abandonado. A decisão talvez tenha sido prematura, e talvez o navio pudesse ter sido salvo, mas em 1942 entendia-se bem menos sobre o controle de avarias do que a marinha americana aprenderia nos dois anos seguintes. Contratorpedeiros resgataram toda a tripulação, com exceção dos que morreram durante os ataques.

Às 15h30, Spruance lançou outro assalto, com 27 bombardeiros de picada, incluindo dez aeronaves do *Yorktown* que tinham pousado nos porta-aviões enquanto seu próprio navio era atacado. Pouco antes das 17h, eles alcançaram o *Hiryu* enquanto os tripulantes japoneses comiam bolas de arroz nos refeitórios. O navio tinha dezesseis aeronaves restantes, sendo dez caças, mas só um avião de reconhecimento estava no ar, e os japoneses estavam sem radar para detectar a aproximação dos americanos. Quatro bombas atingiram o porta-aviões, provocando incêndios imensos. O almirante Tamon Yamaguchi, o oficial mais graduado a bordo, subiu num caixote de biscoitos para fazer um pronunciamento de despedida à tripulação. Depois, ele e o comandante seguiram para suas cabines, onde cometeram suicídio ritual, enquanto os outros marujos escapavam. O navio foi afundado com torpedos: quatro dos seis porta-aviões que atacaram Pearl Harbor jaziam agora no fundo do Pacífico. No lado americano, o azar do *Hornet* persistiu quando um piloto ferido, retornando ao porta-aviões, esbarrou sem querer no botão de sua metralhadora ao pousar com força no convés. Uma rajada matou cinco homens na superestrutura. Os tripulantes ficaram chocados com as perdas, mas, nas palavras de Jimmy Gray, "estávamos cansados e ocupados demais para fazer alguma coisa além de sentir a dor de um coração ferido".

O sacrifício americano tinha sido severo, mas a recompensa foi a vitória. O almirante Nagumo optou pela retirada, mas Yamamoto mandou uma contraordem exigindo um ataque noturno contra os americanos. Seu plano foi frustrado quando Spruance se afastou, reconhecendo que sua frota tinha alcançado tudo o que era possível. O afastamento foi uma decisão perfeita: os encouraçados de Yamamoto, sobre os quais os americanos nada sabiam, aproximavam-se rapidamente pelo norte. Spruance recuperara uma vantagem extraordinária. Sua prioridade era mantê-la, protegendo seus dois porta-aviões sobreviventes. Yamamoto reconheceu o fracasso e ordenou uma retirada japonesa.

Spruance, mais uma vez, virou-se e seguiu-o, lançando um novo assalto aéreo que afundou um cruzador pesado e avariou outro. Esse foi quase o fim da batalha, exceto que, em 7 de junho, um submarino japonês deparou-se com o semidestruído *Yorktown* a reboque e despachou-o para o fundo do mar. O golpe foi aceitável, porém, quando comparado às severas perdas japonesas.

Tanto Nimitz como Spruance tinham demonstrado discernimento consumado, em contraste com os erros de Yamamoto e de Nagumo, embora tenha sido Fletcher, não Spruance, quem decidiu lançar o segundo ataque que danificou o *Hiryu*. A coragem e a habilidade dos pilotos americanos de bombardeiros de picada superaram todos os desapontamentos e fracassos. A marinha dos Estados Unidos tinha alcançado um triunfo. Nimitz, com delicadeza característica, mandou seu carro buscar o capitão de fragata Rochefort para uma festa comemorativa em Pearl Harbor. Perante seu estado-maior reunido, o comandante-chefe disse: "Este oficial merece grande parte do crédito pela vitória em Midway." A sorte, que favorecera os japoneses nos primeiros meses de guerra, virara dramaticamente em favor dos americanos durante a decisiva batalha naval do Pacífico. Mas isso não diminui a façanha de Nimitz e seus subordinados.

A frota japonesa manteve-se uma formidável força de combate: nos meses seguintes, infligiu alguns severos reveses locais aos americanos no Pacífico. Mas a marinha americana demonstrara altíssima qualidade num momento crítico. A fraqueza industrial dos japoneses dificultou a substituição das perdas ocorridas em Midway. Uma das debilidades cardeais do esforço de guerra do Eixo foi a incapacidade de manter um fluxo de pilotos treinados para repor as baixas. Os americanos, por sua vez, logo começaram a empregar milhares de tripulantes magnificamente treinados, pilotando o novo e formidável caça Hellcat. Nimitz permaneceu carente de porta-aviões até meados de 1943, mas depois o programa de construção americano entregou uma coleção impressionante de novos navios de guerra. Estabeleceu-se o padrão da guerra no Pacífico, no qual ações navais decisivas eram travadas entre frotas cujos principais elementos de superfície raramente combatiam entre si. Aeronaves embarcadas mostraram-se armas decisivas, e os Estados Unidos logo as empregariam com mais eficácia e em maior quantidade do que qualquer outro país. Marc Mitscher, comandante do *Hornet*, temia que sua carreira estivesse acabada, tão pífio fora o desempenho de seu grupo aéreo em Midway; é voz corrente que ele falsificou os registros do diário de bordo sobre o curso de ação designado para suas esquadrilhas a fim de ocultar o erro crasso que os manteve fora da batalha. Nimitz e Spruance, com a tripulação do *Yorktown* e do *Enterprise*, foram os heróis de Midway, mas Mitscher acabaria se tornando o supremo líder americano de porta-aviões na guerra.

3 GUADALCANAL E NOVA GUINÉ

A fase seguinte na campanha do Pacífico foi movida pela conveniência e caracterizada pela improvisação. Os Estados Unidos, comprometidos com o lema "Alemanha Primeiro", planejaram despachar a maior parte de suas tropas disponíveis para lutar no Norte da África. MacArthur, na Austrália, carecia de homens para lançar o assalto que desejava contra Rabaul. Em vez disso, tropas australianas, reforçadas aos poucos pelos

americanos, foram empregadas para frustrar os desígnios japoneses na vasta ilha florestada de Papua-Nova Guiné. Separada do norte da Austrália por apenas trezentos quilômetros de mar, ela se tornou palco de um dos mais terríveis combates da guerra.

Enquanto isso, a quase mil quilômetros a leste dali, nas ilhas Salomão, os japoneses que haviam ocupado a ilha de Tulagi partiram para a vizinha Guadalcanal, onde começaram a construir um aeródromo. Se conseguissem concluí-lo e utilizá-lo, seus aviões poderiam dominar a região. Uma brusca decisão americana foi tomada para frustrá-los, com o desembarque da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. A ação satisfazia o forte desejo da marinha americana, promovido pelo almirante Ernest King, em Washington, de enfrentar o inimigo sempre que houvesse oportunidade. Os fuzileiros navais estavam em Wellington, na Nova Zelândia, a caminho de um objetivo ainda não determinado. Então receberam ordens de equipar novamente seus navios para um assalto anfíbio imediato. Quando os trabalhadores nativos das docas se recusaram a trabalhar debaixo de chuva forte, os fuzileiros navais puseram mãos à obra. Nos primeiros dias de agosto de 1942, zarparam para Guadalcanal. Em sua inocência, muitos supunham que travariam uma guerra num paraíso tropical.

No dia 7, dezenove mil americanos desembarcaram nas ilhas periféricas, e depois em Guadalcanal, diante de leve resistência após um pesado bombardeio naval. "No cinzento amanhecer (...) apenas algumas fogueiras tremeluziam, como os aterros sanitários da cidade, para iluminar nossa entrada na história",[1] escreveu o fuzileiro naval Robert Leckie. O capitão australiano Martin Clements, observador costeiro, assistiu, eufórico, em seu esconderijo na mata, à chegada dos americanos em terra firme, escrevendo em seu diário: "Maravilha!!! Que legal! Que dia!"[2] Na praia, homens muito aliviados de estarem vivos racharam cocos e beberam a água, indiferentes às advertências implausíveis de que os japoneses talvez tivessem envenenado as frutas. Depois, puseram-se em marcha ilha adentro, e logo ficaram sedentos e suando prodigiosamente. Os japoneses, em virtude de outra enorme falha dos serviços de inteligência, não previram a chegada dos americanos. No que seria um momento decisivo na guerra do Pacífico, a força de desembarque rapidamente tomou o campo de aviação, batizado de Henderson Field em honra de um piloto dos fuzileiros navais que fora herói em Midway. Alguns homens encontraram esconderijos com provisões do inimigo, incluindo saquê, o que lhes permitiu atravessarem as noites seguintes gloriosamente bêbados. Assim terminou a última parte fácil; o que veio depois foi uma das campanhas mais desesperadas da guerra no Extremo Oriente, caracterizada por pequenas mas sangrentas batalhas em terra e por repetidos choques entre grandes navios de guerra.

• • •

Dois dias após o assalto inicial, ao largo de Guadalcanal, a marinha americana sofreu uma humilhação. O almirante Fletcher indicara a Nimitz sua opinião de que o poderio aéreo japonês no local representava uma ameaça inaceitável a seus três porta-aviões e recomendou sua retirada. Sem aguardar autorização, ele partiu em direção nordeste. O contra-almirante Kelly Turner, que comandava os navios de transporte de tropa perto do litoral, deixou claro acreditar que o comandante dos porta-aviões desertara de seu posto,

e a reputação de Fletcher jamais se recuperou completamente. Mas historiadores modernos, em especial Richard Frank, acreditam que Fletcher tomou uma decisão totalmente acertada ao considerar de altíssima prioridade a segurança de seus porta-aviões.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, 9 de agosto, as forças navais dos Aliados tiveram uma surpresa que revelou incompetência de comando e inabilidade fatal para o combate noturno. O vice-almirante japonês Gunichi Mikawa conduziu um esquadrão de cruzadores pesados para um ataque contra a região do ancoradouro ao largo, protegida por cinco cruzadores pesados, um australiano e quatro americanos, e por cinco contratorpedeiros. Os navios inimigos tinham sido avistados na tarde anterior por um Hudson da RAAF (Royal Australian Air Force), mas a informação não foi recebida em Fall River, na Nova Guiné, porque a estação de rádio fora fechada durante um ataque aéreo.[3] Mesmo depois que o Hudson pousou, houve um atraso indesculpável de várias horas até que a informação fosse transmitida para os navios de guerra no mar.

Os americanos foram desdobrados na costa da ilha Savo, à espera de um ataque japonês, mas, na escuridão, a coluna de cruzadores de Mikawa avançou sem ser detectada pela linha de vigilância do radar instalado no contratorpedeiro mais a oeste. Três minutos depois da tardia localização americana do *Chokai*, o navio líder japonês, à 1h43, o cruzador australiano *Canberra* foi atingido por pelo menos 24 granadas que detonaram, nas palavras de um sobrevivente, com “um terrível clarão verde-alaranjado”. Todos os homens nas salas de caldeiras foram mortos, e a energia foi interrompida; o *Canberra* foi incapaz de disparar um único tiro nas horas seguintes, até ser abandonado. Há alguns indícios discutíveis de que o cruzador também foi atingido por um torpedo do contratorpedeiro americano *Bagley*, que mirava os japoneses.

O contratorpedeiro *Paterson* encontrava-se em perfeita posição de tiro, mas, em meio aos ensurdecedores abalos de seus canhões, o oficial torpedeiro do navio não escutou a ordem do comandante para disparar. À 1h47, dois torpedos japoneses atingiram o *Chicago*. Apenas um deles explodiu, na proa, mas avariou o sistema de controle de tiro do navio. O *Astoria* disparou treze salvas sem efeito algum, porque também não viu os navios de Mikawa e porque seu radar de artilharia estava com defeito. O cruzador foi destroçado pelo canhoneio japonês a uma distância de quase cinco quilômetros e abandonado no dia seguinte com a perda de muitas vidas.

O *Vincennes* também foi devastado, e já estava em chamas quando suas armas começaram a disparar. O comandante, capitão de mar e guerra Frederick Riefkohl, não imaginava que o inimigo estivesse atacando e pensou ser vítima de fogo amigo. Enquanto os imensos holofotes de Mikawa iluminavam o cruzador americano, Riefkohl gritava pelo rádio, zangado, exigindo que os holofotes fossem desligados. Depois, concentrou-se em tentar salvar o navio, atingido por três torpedos e 74 projéteis, que o reduziram a um colosso flamejante. Apenas tardiamente o comandante americano compreendeu que os japoneses eram responsáveis e ordenou aos contratorpedeiros que os atacassem, mas sem êxito. O *Quincy* disparou granadas iluminativas, que se mostraram inúteis ao explodirem acima de nuvens baixas, enquanto um hidroavião japonês lançava artifícios de iluminação atrás da esquadra americana, destacando a silhueta dos navios para os apontadores de artilharia. O desafortunado comandante do *Quincy* foi morto momentos depois de

ordenar uma tentativa de abicar o navio, que afundou, causando a perda de 370 oficiais e marinheiros. O *Chokai* foi atingido apenas uma vez, na sala de comando de navegação.

Às 2h16, os japoneses cessaram fogo, tendo alcançado vitória esmagadora em trinta minutos. Houve um debate acalorado na ponte de comando do navio capitânia sobre se deviam prosseguir e atacar os indefesos navios de transporte de tropas americanos localizados na costa de Guadalcanal. Mikawa decidiu que era tarde demais para reagrupar sua esquadra, realizar o assalto e retirar-se antes do amanhecer, mantendo-se fora do alcance das aeronaves de porta-aviões americanos, que ele, erroneamente, supôs estarem perto. Debaixo de um céu rasgado pelos relâmpagos de uma tempestade tropical, os japoneses foram embora. O caos persistiu nos navios atingidos dos Aliados: ao amanhecer, um contratorpedeiro americano disparou 106 granadas de cinco polegadas contra um cruzador, até descobrir que seu alvo era o avariado *Canberra*. Quando se decidiu que a embarcação australiana deveria ser afundada, os contratorpedeiros americanos fizeram mais 370 disparos contra o casco, e foram obrigados a usar torpedos para acabar com aquela agonia. O único consolo para os Aliados foi que um submarino americano torpedeou e afundou o *Kako*, um dos cruzadores pesados de Mikawa, que se retirava depois do combate.

No ancoradouro de Guadalcanal, o almirante Turner descarregou suprimentos para os fuzileiros navais até o meio-dia do dia 9, quando, para profundo desânimo dos homens em terra firme, levantou ferro de seus navios de transporte de tropas até que houvesse mais cobertura aérea. Revendo o desastre na costa da ilha Savo, ele escreveu: "A marinha ainda estava obcecada por um forte sentimento de superioridade técnica e mental sobre o inimigo. Apesar de amplas provas da capacidade do inimigo, a maioria de nossos oficiais e marinheiros o desprezava e tinha certeza da vitória em todos os confrontos, sob qualquer circunstância (...) O resultado foi uma fatal letargia da mente (...) Não estávamos mentalmente prontos para uma batalha dura. Acredito que esse fator psicológico como causa de nossa derrota foi ainda mais importante do que o elemento surpresa."[4] A marinha americana aprendeu a lição: nunca mais, durante a guerra, sofreu humilhação tão severa. E a realidade crucial, de que os japoneses logo se deram conta, era que, mais uma vez, um de seus almirantes permitira que a cautela o privasse de uma oportunidade de converter o êxito numa conquista estratégica decisiva. Os cruzadores perdidos pelos Aliados poderiam ser substituídos; a força de desembarque foi capaz de preservar Henderson Field porque seu transporte anfíbio de apoio permaneceu ileso e logo retornou para a baía Lunga. Savo seria redimida.

Os japoneses custaram a perceber a importância do comprometimento americano em Guadalcanal. Eles enviaram, a conta-gotas, um filete de reforços para a ilha, que eram lançados em repetidos ataques frontais fracos demais para sobrepujar o precário perímetro dos fuzileiros navais. Os americanos que resistiam em Henderson Field e nas florestas tropicais circundantes viram-se presos numa provação épica. A visibilidade no emaranhado quase impenetrável de lianas e samambaias, árvores gigantescas e trepadeiras raramente ultrapassava alguns metros. Mesmo quando os tiros eram temporariamente suspensos, sanguessugas, vespas, formigas gigantes e mosquitos da malária infligiam seus próprios tormentos. A intensa umidade tornava endêmicas as infecções na pele e a proliferação de fungos. Os fuzileiros navais que se viam na selva pela primeira vez espantavam-se com os ruídos constantes, especialmente à noite. "Se eram pássaros

guinchando (...), répteis estranhos ou sapos, eu não sei", disse um homem, "mas ficávamos aterrorizados com qualquer barulho, porque nos disseram que os japoneses se comunicavam na mata imitando cantos de pássaros."[5]

Em meio aos aguaceiros incessantes, eles acampavam na lama, o que se tornou uma maldição da campanha, viviam com pouca ração e sofriam de disenteria. Não raro homens nervosos atiravam uns nos outros. Havia um fluxo constante de evacuados por fadiga de combate. Um comandante de pelotão que perdeu quatro homens vítimas de histeria, 15% de sua fração, considerou que isso era típico. A experiência da barbárie japonesa gerou uma selvageria americana à altura. O fuzileiro naval Ore Marion descreveu uma cena depois de uma terrível noite de combate: "Ao romper o dia, dois de nossos rapazes, barbudos, sujos, magros de fome, levemente feridos por baionetas, roupas gastas e rasgadas, arrancaram e enfiaram em mastros a cabeça de três japoneses, voltadas para o 'lado nipônico' do rio."[6] O comandante do regimento protestou com veemência, dizendo que aquilo era comportamento de animais. "Um jovem sujo e fétido disse: 'Está certo, coronel, somos animais. Vivemos como animais, comemos e somos tratados como animais; o que o senhor espera, porra?"

Alguns dos combates mais violentos ocorreram no rio Tenaru, onde os dois lados sofreram muito enquanto os japoneses atacavam repetidamente, com coragem suicida e táticas desajeitadas. Quando um artifício verde de sinalização japonês brilhou no alto, Robert Leckie descreveu a cena: "Ali havia cacofonia; ali havia dissonância; ali havia selvageria (...) pancadas, ruídos, gritos, gemidos, assobios, estrondos, abalos, murmúrios. Era o inferno (...) O plop-plop do lançamento de morteiros e o estrondo de sua queda, o matraquear das metralhadoras e o som mais rápido e baixo dos fuzis automáticos Browning, o martelar de metralhadoras calibre cinquenta, o choque de canhões anticarro de 75 milímetros disparando tiros diretos contra o inimigo — cada um transmite uma mensagem exata para o ouvido treinado."[7] Horas depois, o amanhecer revelou amontoados de cadáveres inimigos e alguns sobreviventes em fuga. Mas, após noites e noites de choques e contra-ataques, a tensão começou a pesar sobre os americanos.

"O moral estava muito baixo",[8] disse o tenente fuzileiro naval Paul Moore, que ganhou uma Cruz Naval. "Mas os fuzileiros navais eram assim: quando chegava uma ordem para atacar, decidíamos que atacaríamos com tudo." Nadando no rio Matanikau com seu pelotão, o jovem oficial olhou para cima e via granadas e rojões de morteiro descreverem arcos no ar, "como se estivesse chovendo, com balas pipocando à nossa volta". Moore, saído havia poucos meses de Yale, foi atingido enquanto lançava uma granada contra uma metralhadora japonesa. A bala o atingiu no tórax: "O ar entrava e saía por um buraco em meus pulmões. Achei que estava morto, que ia morrer naquele instante. Eu não respirava pela boca, mas por aquele buraco. Eu me sentia como um balão, inflando e desinflando, fazendo 'pshhhh'. Eu pensava: vou morrer. E, para começar, achei um absurdo, considerando minha origem, minha expectativa inicial de que teria uma vida confortável e tudo o mais, estar morrendo na selva de uma ilha, em combate como fuzileiro naval. Não era eu... Pouco depois, um paramédico maravilhoso arrastou-se e me deu uma injeção de morfina, e em seguida outras pessoas pegaram uma padiola e me tiraram dali."

Guadalcanal estabeleceu o padrão para a campanha do Pacífico, uma disputa de três anos por uma série de portos e aeródromos, refúgios para navios e plataformas para aviões em meio a uma amplidão aquática sem outros pontos de interesse. Os japoneses jamais conseguiram reverter seus erros iniciais, arraigados numa subestima da força e determinação americanas. Cada combate em ilha era minúsculo se comparado aos padrões do teatro europeu: no auge da batalha de Guadalcanal, não havia mais de 65 mil americanos e japoneses combatendo em terra firme, enquanto outros quarenta mil homens serviam em navios de guerra e de transporte. Mas a intensidade da luta e as condições que os combatentes eram obrigados a suportar, num ambiente de pântanos, chuva, calor, doenças, insetos, crocodilos, cobras e pouca comida, tornaram a experiência no campo de batalha do Pacífico uma das piores na guerra. O combate em ilhas evoluiu para uma rotina bizarra e terrível: "Tudo era muito organizado e desempenhado com uma presteza trivial",[9] observou, com fascinada repulsa, o cabo James Jones, um dos homens do exército que acabaram desembarcando em Guadalcanal como reforço para os fuzileiros navais.

> Como um negócio. Como um negócio comum. E, contudo, no fundo havia sangue: sangue, mutilação e morte (...) A praia fervilhava de homens, todos em movimento, e parecia ondular com vida própria sob aquela massa, como acontecem às praias quando invadidas por exércitos de caranguejos. Filas, cordões e torrentes de homens atravessavam-na repetidas vezes com uma alacridade apressada e aparentemente desregrada. Havia-os vestidos, seminus, nus (…) Usavam os objetos mais fantásticos na cabeça, militares, civis e improvisados, de modo que se podia ver um homem trabalhando na água totalmente nu, com nada mais a adorná-lo senão sua plaqueta de identificação.

Entre agosto e outubro, os japoneses em Guadalcanal superavam os números de seus inimigos, mas, a partir de então, reforços americanos e baixas japonesas mudaram esse quadro. Repetidos assaltos precipitados fracassaram perante uma resistência teimosa: os japoneses foram incapazes de tomar Henderson Field dos americanos, que tinham melhor apoio de artilharia e de aviação. Não era grande consolo para os defensores, porém, quando a marinha japonesa intervinha. Raramente, durante a guerra, as tropas dos Aliados precisaram enfrentar bombardeios navais como os que as marinhas britânica e americana sempre lançavam contra o Eixo, mas os americanos sofreram severamente em Guadalcanal com os canhões dos navios de guerra japoneses. Por horas seguidas, durante quatro noites em outubro, encouraçados inimigos fizeram cerca de novecentos disparos de canhões de quatorze polegadas, seguidos de dois mil tiros de cruzadores pesados. "Foi a coisa mais terrível que enfrentei na vida",[10] disse um fuzileiro naval. "Havia um grande abrigo perto da cozinha do nosso navio (...) uma bomba caiu bem no meio dele, e praticamente todo mundo foi morto. Tentamos resgatar os homens, mas vimos que era inútil." Um correspondente escreveu: "Quase não dá para acreditar que ainda estamos

aqui, vivos, esperando e prontos." Muitas aeronaves em Henderson Field foram destruídas; a pista ficou inutilizada por uma semana.

Os japoneses enfim começavam a compreender a importância da batalha como teste de força de vontade: "Precisamos ter consciência", escreveu um oficial no quartel-general imperial, "da possibilidade de que a luta por Guadalcanal (...) se torne a luta decisiva entre Estados Unidos e Japão." No entanto, para os defensores, às vezes parecia que não passavam de um pequeno exército esquecido. "Era tão solitário", escreveu Robert Leckie. "(...) Num sentido quase piegas, achávamos que éramos órfãos. Ninguém se importava, pensávamos. Todos os milhões de americanos faziam as mesmas coisas todos os dias: iam ao cinema, casavam-se, compareciam a festas de formatura, realizavam reuniões de vendas, combatiam incêndios em cafeterias, começavam campanhas nos jornais contra a vivissecção, praticavam oratória política, assistiam a sucessos e fracassos da Broadway, descobriam terríveis revelações nas altas esferas e assassinatos em condomínios, cometiam vandalismo em cemitérios e viam celebridades voltando-se para a religião; tudo igual, tudo, tudo, tudo, os Estados Unidos imutáveis cotidianos — tudo acontecia sem um único pensamento sobre nós."

Mas o mito da invencibilidade do exército japonês foi destruído nessa ilha, de apenas cinquenta quilômetros por cem, onde o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, que ampliou seu contingente de 28 mil homens, antes da guerra, para um máximo de 485 mil, reivindicou pela primeira vez a posição de força terrestre americana mais destacada da guerra. Os japoneses, por sua vez, expuseram suas limitações, especialmente uma escassez de comandantes competentes. Mesmo durante a temporada de vitórias japonesas, enquanto Yamashita conduzia operações na Malásia com entusiasmo e habilidade, as campanhas na Birmânia e nas Filipinas sugeriram que faltava iniciativa aos seus colegas. Ao defenderem uma posição, sua ética de obediência absoluta às ordens tinha utilidade, mas os comandantes geralmente demonstravam falta de imaginação no ataque. Homem por homem, o soldado japonês era mais agressivo e acostumado às dificuldades do que o combatente inimigo: o general britânico Bill Slim caracterizou o inimigo, desdenhosamente, como "o melhor inseto lutador do mundo". Até 1945, os homens de Hirohito demonstraram habilidade excepcional em combates noturnos. Como um coletivo, porém, o exército japonês não chegava perto do poder de combate da Wehrmacht, do Exército Vermelho ou do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Era um reflexo da fantástica capacidade de autoilusão japonesa que, depois de sua formidável onda de conquistas iniciais, os comandantes de seus exércitos propusessem estabelecer pequenas guarnições para manter as bases nas ilhas enquanto reposicionavam a maioria dos soldados na China — que viam como o principal teatro de operações de seu país. Carentes de homens treinados, tinham raspado o fundo do tacho à procura de forças para conduzir as ofensivas no Sudeste Asiático e nas ilhas do Pacífico; a longa campanha chinesa enfraquecera e desmoralizara o exército mesmo antes de Pearl Harbor. Depois, os generais japoneses foram obrigados a buscar soldados recorrendo a uma reserva cada vez menor e enviá-los para o campo de batalha com apenas três meses de instrução. A estratégia baseava-se na convicção de que os Estados Unidos negociariam a paz após uma surra enérgica no campo de batalha. Quando essa esperança se frustrou, o exército passou o resto da guerra lutando para defender o império nipônico excessivamente inchado, com meios inadequados e tecnologia inferior. A importante

realidade no Pacífico era que os americanos e os australianos acabavam prevalecendo em todas as ilhas que atacavam. Só na Birmânia e na China o exército japonês manteve domínio até a última etapa da guerra.

• • •

Durante toda a campanha em Guadalcanal, uma luta igualmente implacável e sangrenta foi travada no mar. A batalha da ilha Savo foi apenas a primeira de uma série de confrontos navais dramáticos, quase todos provocados por tentativas japonesas de reforçar e suprir suas tropas em terra firme e de impedir o crescimento militar americano. Contratorpedeiros do "Expresso Tóquio" procuravam levar homens e suprimentos à noite através da "Fenda", o estreito acesso a Guadalcanal. Observadores costeiros australianos, em esconderijos nas selvas das ilhas dominadas pelos japoneses, desempenharam um papel crítico ao alertar com rádio a força aérea sobre os movimentos marítimos do inimigo. Enquanto isso, em águas mais profundas, esquadras oponentes de porta-aviões, encouraçados, cruzadores e contratorpedeiros manobravam em busca de posições vantajosas, como lutadores de boxe circundando-se na escuridão em um ringue gigantesco. O desafio quase sempre consistia em localizar o inimigo e ser o primeiro a disparar. O desgaste era assombroso: a batalha de Salomão Oriental, em 24 de agosto, custou aos japoneses um porta-aviões e muitas aeronaves em troca de danos ao *Enterprise*; uma semana depois, o porta-aviões *Saratoga* sofreu tão severa avaria por torpedos que foi obrigado a trocar o teatro de guerra por um estaleiro americano. Os americanos infligiram pesadas baixas ao inimigo perto do cabo Esperance, na noite entre 11 e 12 de setembro, mas, no dia 15, submarinos japoneses afundaram o porta-aviões *Wasp* e avariaram o novo encouraçado *North Carolina*.

O vice-almirante William "Bull" Halsey, que assumiu o comando das operações navais na região em 18 de outubro, viu-se envolvido em alguns dos combates de frotas mais intensos na guerra. Em Santa Cruz, em 26 de outubro, os japoneses perderam mais de cem aeronaves enquanto os americanos perderam 74, mais do que as forças rivais perderam em qualquer dia da Batalha da Inglaterra. Com a destruição do porta-aviões *Hornet*, os americanos ficaram semanas dependendo apenas do danificado *Enterprise* para suas operações de aviação embarcada. Na noite de 12 de novembro, o vice-almirante Hiroake Abe, liderando um esquadrão cujos navios mais poderosos eram dois encouraçados para bombardear os americanos em Guadalcanal, deparou com uma força de cruzadores inimigos. Embora tenha infligido danos pesados, afundando seis navios contra a perda de três, preferiu, com a cautela costumeira, retirar-se após um combate de 24 minutos, para, na manhã seguinte, perder um de seus encouraçados para a aviação americana.

Dois dias depois, pilotos dos fuzileiros navais da "Cactus Air Force", como eram conhecidos os esquadrões de Henderson Field, pegaram um comboio japonês a caminho de Guadalcanal e quase o aniquilaram, afundando sete navios de transporte de tropas e um cruzador e avariando outros três cruzadores. Naquela noite, houve um choque dramático entre importantes navios americanos e japoneses, no qual o *Washington*, do almirante "Ching" Lee, despejou nove salvas de canhões de dezesseis polegadas sobre o encouraçado *Kirishima*, que foi a pique logo depois, uma troca aceitável pela avaria

causada no encouraçado *South Dakota*. Ao amanhecer, os quatro últimos navios de transporte do comboio aniquilado levaram a terra firme apenas resquícios da força de desembarque japonesa, desprovida de equipamentos pesados. Ao largo do cabo de Tassarfonga, na noite de 30 de novembro, cinco cruzadores americanos que atacavam oito contratorpedeiros japoneses numa viagem de suprimentos perderam um cruzador e sofreram danos em mais três. Os japoneses perderam apenas um contratorpedeiro.

Esses foram confrontos épicos, refletindo o emprego maciço de forças de superfície — e as perdas — dos dois lados: durante a campanha nas ilhas Salomão, cerca de cinquenta grandes navios de guerra japoneses e americanos foram afundados. Os combatentes familiarizaram-se sombriamente com esperas longas e tensas, geralmente no escuro, enquanto operadores de radar banhados em suor encaravam suas telas em busca de um primeiro vislumbre do inimigo. Depois, muitos marinheiros descobriram o terror de ver seus navios de repente envolvidos pelo clarão ofuscante dos holofotes hostis, pressagiando uma tempestade de bombas. Testemunharam o caos de repetidos confrontos em que navios próximos trocavam tiros de canhão e torpedos, fazendo a ordem nos conveses, nas torres de tiro, nas superestruturas e nos espaços de maquinaria se transformar, em segundos, em emaranhados chamejantes de aço retorcido.

Eles viram dezenas e centenas de tripulantes pularem de navios que afundavam. Alguns foram salvos, muitos não: quando o cruzador *Juneau* explodiu, o Sr. e a Sra. Thomas Sullivan, de Waterloo, Iowa, perderam cinco filhos. Pilotos geralmente decolavam de conveses de voo extremamente movimentados sabendo que, talvez a 150 quilômetros, os pilotos inimigos faziam o mesmo. Portanto, nunca tinham certeza de que quando retornassem de uma missão encontrariam um convés de voo intacto onde pousar. Só a posse americana de Henderson Field permitia-lhes empregar força aérea suficiente para compensar o desfalque dos porta-aviões. Os homens que lutaram no mar e no ar na costa de Guadalcanal nos últimos meses de 1942 conheceram uma guerra naval de superfície de intensidade prolongada superior a qualquer outro período do combate.

Os americanos prevaleceram. Depois das batalhas de novembro, apesar dos êxitos de seus esquadrões, o almirante Yamamoto concluiu que a Frota Combinada do Japão não tinha mais condição de suportar o desgaste. Ele informou ao Exército Imperial que seus navios precisariam retirar o apoio dado à força terrestre em Guadalcanal. Foi uma vitória decisiva para a marinha dos Estados Unidos, saudada no país como um triunfo pessoal de "Bull" Halsey. A façanha do contingente americano em terra foi manter e defender seu perímetro durante meses de assaltos desesperados. Em dezembro, a maioria dos fuzileiros navais, exaustos, foi finalmente substituída por formações do exército americano. Os japoneses foram obrigados a suprir suas forças terrestres cada vez menores por meio de submarinos. No fim de janeiro de 1943, depois que uma ofensiva americana os empurrou para um perímetro ocidental acanhado, 10.652 sobreviventes foram evacuados à noite em contratorpedeiros.

Para assumir o controle de Guadalcanal, os fuzileiros navais, a marinha e o exército americanos perderam 3.100 homens, custo baixo para uma conquista crucial. Os japoneses sofreram 29.900 baixas em terra, mar e ar, na maioria fatais, incluindo nove mil homens mortos por doenças tropicais, reflexo da lamentável inadequação de seus serviços médicos. Todos os elementos das forças americanas tiveram seu quinhão de inquestionável glória. A "Cactus Air Force", a infantaria que ocupava o perímetro e as tripulações dos navios de guerra, todos demonstraram uma determinação que os

japoneses não imaginavam existir entre seus rivais. As amplas perdas sofridas pela marinha americana foram logo repostas, o que não aconteceu entre os japoneses. Durante o resto da guerra, o desempenho dos esquadrões do almirante Yamamoto deteriorou-se progressivamente, enquanto a Frota do Estados Unidos no Pacífico cresceu em competência e força. Nos últimos meses de 1942, os pilotos americanos perceberam uma rápida decadência na capacidade e na bravura dos pilotos inimigos. Um oficial de estado-maior japonês afirmou, desolado, que a batalha por Guadalcanal tinha sido "a bifurcação na estrada que conduz à vitória". Como Yamamoto, ele sabia que seu país, depois daquele ponto, marchava a passo cada vez mais rápido para a derrota.

• • •

Enquanto os fuzileiros navais lutavam em Guadalcanal, a campanha terrestre mais prolongada da guerra no Extremo Oriente se desenrolava em Papua-Nova Guiné — que, com exceção da Groenlândia, é a maior ilha do mundo. Os japoneses começaram a estabelecer pequenas forças na costa leste em março de 1942, com a intenção de capturar Port Moresby, capital de Papua, governada pelos australianos, a 320 quilômetros na costa sudoeste. De início, eles planejavam um desembarque anfíbio em Moresby, mas a ideia foi frustrada pelos combates no mar de Coral. Os êxitos americanos em Midway, um mês depois, negaram aos japoneses qualquer possibilidade de captura rápida da Nova Guiné com desembarques pelo mar. O comandante no local, coronel Tsuji, decidiu, sozinho, assegurar a ilha do modo mais difícil, avançando por terra, e forjou uma ordem do quartel-general imperial autorizando a operação. MacArthur, comandante-chefe aliado no sudoeste do Pacífico, empregou sua limitada força para frustrar a tentativa.

Unidades australianas começaram a marcha para a costa setentrional de Papua em julho de 1942, mas os japoneses conquistaram posições seguras primeiro e concentraram forças para um avanço pela cadeia de montanhas Owen Stanley até Port Moresby. As batalhas subsequentes ao longo da única passagem transitável, a trilha Kokoda, foram pequenas em escala, mas uma experiência terrível para todos os participantes. Na densa floresta tropical, homens lutavam por pontos de apoio, arrastando-se por lamaçais profundos e escalando caminhos quase verticais, curvados sob o enorme peso de equipamentos e provisões. As rações chegavam erraticamente enquanto a chuva vinha quase todos os dias; as doenças e os insetos agravavam o sofrimento.

"Vi homens atolados até os joelhos na lama de uma estreita trilha na montanha, olhando, em total desespero, para mais um cume aparentemente intransponível",[11] escreveu um oficial australiano para seu antigo diretor de escola. "Cimo após cimo, cimo após cimo, terra dolorosa, desesperadora, inútil." A necessidade de levar nas costas suprimentos e munição fazia da campanha da trilha Kokoda um empreendimento colossal: cada soldado levava 25 quilos, alguns até cinquenta. "Que peso desgraçado para carregar montanha acima através da lama",[12] escreveu o cabo australiano Jack Craig. "Alguns perdiam o equilíbrio e acabavam no chão. A vontade era ficar deitado para sempre. Acho que nunca me senti tão cansado." Muitos homens padeciam a agonia de hemorroidas sangrentas e de doenças tropicais mais mortíferas.

Quanto aos japoneses, um australiano disse, desdenhoso, que "não é assassinato matar animais de aparência tão repugnante".[13] Mas um dos seus camaradas, designado por um oficial para liquidar um soldado inimigo horrivelmente ferido, escreveu depois: "Então começaram algumas das coisas terríveis que acontecem em combates (...) Vivo até hoje com aqueles olhos aterrorizados me encarando." Um jovem capelão escreveu, nas áreas de retaguarda da linha de frente de Papua:

> Não acredito que tenha havido uma campanha em que homens sofreram mais tribulações, privações e incríveis dificuldades do que nesta. Ver esses homens chegarem feridos e vitimados por terríveis doenças tropicais, absolutamente exaustos, roupas em farrapos e imundas, cabelos e barbas compridos e emaranhados, há dias sem se lavar, dormindo na lama, lutando contra um adversário desesperado e cruel que não podiam ver, emaciados por semanas na selva, arruinados pela malária e prostrados pelo tifo rural, me fez sentir que nada seria bom demais para eles (...) Vi tanto sofrimento e tristeza aqui que, mais do que nunca, entendi a tragédia da guerra e o heroísmo de nossos homens.[14]

Observações como essa vinham do coração e eram características de uma testemunha que, naturalmente, não poderia fazer comparações com as dificuldades enfrentadas por combatentes na Rússia, no Pacífico central e na Birmânia — os outros teatros de operações que se notabilizaram por suas condições terríveis. O conflito num ambiente natural e hostil, onde amenidades e confortos inexistiam, impunha sofrimentos mais intensos do que a luta no Norte da África ou no noroeste da Europa. Mas a experiência de combate durante meses a fio, nas garras do medo, da exaustão e do desconforto crônico, sentindo a perda de companheiros e o afastamento da vida em família e dos entes queridos, pesava sobre cada soldado da linha de frente, em qualquer lugar. Muitos, em especial no Pacífico, iludiam-se supondo que seus inimigos consideravam a experiência mais aceitável. Acreditavam que os inimigos japoneses eram por natureza bons guerreiros da selva, de uma forma que eles próprios não eram. Mas muitos soldados de Hirohito descreviam suas experiências e seus sofrimentos numa linguagem não muito diferente da empregada por australianos, britânicos e americanos.

Os japoneses repeliram os australianos na trilha Kokoda e os pressionaram de forma implacável durante sua retirada, usando emboscadas e movimentos contra o flanco. Muitos retardatários morreram. "A confusão reinava",[15] escreveu o sargento Clive Edwards. "Ninguém sabia exatamente o que estava acontecendo, mas, quando os ruídos da batalha chegaram até nós, fomos informados de que os outros tentavam abrir caminho (...) Era lamentável — a chuva desabava, e havia uma longa fila de homens mortos de cansaço fazendo um último esforço para levar os feridos e salvar a própria vida. O aturdimento (...) aparecia em cada rosto, e, conforme a longa fila vacilava e parava, os homens ao final percebiam e mandavam mensagens (...) para 'continuar andando, os

japoneses estão em cima de nós'." Os australianos acabaram sendo forçados a recuar até poucos quilômetros de Port Moresby.

Uma nova ameaça à posição dos Aliados em Papua felizmente foi prevenida. Decodificações Ultra revelaram um plano japonês para desembarcar na baía de Milne, na ponta sudeste da ilha. Uma brigada australiana foi despachada às pressas e assumiu posições no local. Quando os japoneses desembarcaram, na noite de 25 de agosto, depararam-se com feroz oposição, e, em 4 de setembro, seus sobreviventes foram evacuados. Porém, a situação permaneceu crítica na linha de frente de Port Moresby. MacArthur demonstrou pelo desempenho dos australianos um desprezo que refletia sua ignorância sobre as condições na trilha Kokoda. Implacáveis, os japoneses bombardearam o perímetro dos Aliados, e um desastre parecia iminente. Mas foi evitado sobretudo pela atuação do apoio aéreo: a força aérea do exército dos Estados Unidos lançou bombardeios contra a extensa linha de suprimentos do inimigo, provocando uma crise para os atacantes que se agravou quando alguns soldados foram desviados da Nova Guiné para Guadalcanal.

O comandante japonês no local recebeu ordem de se retirar para a costa norte de Papua. Os australianos viram-se, mais uma vez, lutando para subir a trilha Kokoda e as montanhas Owen Stanley, dessa vez pressionando um inimigo em retirada, em condições não menos assustadoras do que na marcha anterior. "Nossas tropas combatem nas neblinas frias de uma altitude de dois mil metros",[16] escreveu o correspondente australiano George Johnston, "numa luta encarniçada porque faltam apenas dois ou três quilômetros para chegarem ao passo e poderem atacar descendo a montanha. Isso significa muito para soldados que galgaram cada centímetro daquele caminho doloroso, que sepultaram tantos companheiros e que viram muitos outros voltarem debilitados e doentes ou estropiados por rojões de morteiro, balas e granadas do inimigo, homens que desapareceram de suas fileiras só para que se recuperassem algumas centenas de metros dessa montanha selvagem, hostil e inteiramente indomada (...) Os homens têm barba até os olhos. Seus uniformes são uma confusão de qualquer coisa que sirva, seja quente ou ofereça alguma proteção contra os insetos (...) À meia-luz esverdeada, em meio a lama apodrecida e corpos em decomposição, com a longa fila de australianos em uniformes verdes subindo cansados pelo túnel da trilha, tem-se um quadro asqueroso e inesquecível do horror desta guerra na selva."

Em novembro, MacArthur desembarcou dois regimentos americanos na costa para tomar Buna. Os americanos, chocados por seu primeiro encontro com o ambiente de combate de Papua, tiveram atuação medíocre. Enquanto isso, os australianos estavam exaustos após seus esforços na trilha Kokoda. A malária debilitou milhares de soldados dos dois lados. Mas Buna finalmente foi conquistada no começo de janeiro de 1943, e forças residuais inimigas na área foram liquidadas três semanas depois. Os japoneses tinham perdido quase dois terços de seus vinte mil homens, enquanto 2.165 australianos e 930 americanos morreram. O tenente-general Robert Eichelberger, comandante de divisão americano, escreveu: "Foi um combate sorrateiro e vil, que em nenhum momento lembrou as operações maciças e estrondosas na Europa, onde batalhões de tanques eram lançados contra outros e exércitos cujo efetivo era do tamanho da população de cidades movimentavam-se e manobravam pesadamente (...) Na Nova Guiné, quando as chuvas chegavam, homens feridos podiam se afogar antes que os padioleiros os encontrassem.

Muitos morreram assim. Nenhuma guerra é boa e a morte ignora a geografia. Mas aqui eu estava convencido, como meus soldados, de que a morte era mais agradável na zona temperada."[17]

As operações em Papua caracterizaram-se por dissensões entre os Aliados e por intervenções grosseiras de MacArthur. O desdém e a desconfiança entre australianos e americanos causaram ressentimentos, e o tardio êxito em Buna trouxe pouca alegria. Os duros combates persistiram ao longo de 1943, com os campos de batalha mudando-se aos poucos para o norte ao longo da imensa ilha. Os japoneses, derrotados em Guadalcanal, esforçaram-se ao máximo para manter uma linha de frente na Nova Guiné, enviando reforços. Mas em março sofreram um golpe paralisante durante a Batalha do Mar de Bismarck. A 5ª Força Aérea, de George Kenney, alertada por informações Ultra, lançou uma série de ataques contra um comboio japonês, afundando oito navios de transporte de tropa e quatro contratorpedeiros que os escoltavam a caminho de Rabaul e destruindo a maior parte de uma divisão que rumava para Papua-Nova Guiné.

Depois de meses de combates terrestres, que ora pendiam para um lado, ora para outro, houve um avanço decisivo quando Kenney construiu em segredo um aeródromo avançado, de onde seus caças podiam atacar as principais bases aéreas inimigas em Wewak. Foi o que fizeram, com efeitos arrasadores, em agosto de 1943, quase destruindo o poderio aéreo japonês naquela região. Depois, uma força que acabaria compreendendo uma divisão americana e quatro australianas lançou uma grande ofensiva. Até setembro de 1943, os principais baluartes inimigos estavam destruídos, e oito mil sobreviventes japoneses vagavam em direção norte. A península de Huon foi varrida de inimigos em dezembro, e o domínio dos Aliados na campanha ficou explícito. Informações Ultra revelaram a localização das concentrações japonesas remanescentes, possibilitando a MacArthur lançar uma operação drástica para ultrapassá-los e interromper sua fuga ao desembarcar em Hollandia, na Nova Guiné Holandesa, em 22 de abril de 1944. A luta na ilha continuou até o fim da guerra, e os australianos foram responsáveis pelo principal esforço aliado. Cerca de 13.500 japoneses saíram da selva para se render em agosto de 1945.

A campanha da Nova Guiné ainda é foco de controvérsia. Ela infligiu sofrimentos a todos os participantes, muitos dos quais duvidavam de sua utilidade, especialmente nos estágios finais. Por algumas breves semanas antes do mar de Coral e de Midway, pareceu um possível degrau japonês rumo à Austrália, mas em junho de 1942 essa perspectiva já estava finda. Em certo sentido, a campanha se tornou, então, uma contrapartida asiática para as operações da Grã-Bretanha no Norte da África e na Birmânia entre 1942 e 1944. Quando a marinha e a USAAF conquistaram supremacia estratégica, os japoneses enfrentaram dificuldades insuperáveis para sustentar e apoiar suas operações na Nova Guiné no fim de uma longa linha de comunicações marítimas. Do ponto de vista dos Aliados, o principal mérito estratégico da campanha foi constituir um teatro de operações no qual fosse possível enfrentar o inimigo quando as forças terrestres dos Aliados ainda eram pequenas demais para desferir um golpe decisivo.

Mas as operações cruciais contra o Japão continuaram sendo promovidas pela marinha americana, empenhada em sua própria investida pelo Pacífico central. Mês após mês, num campo de batalha de centenas de milhares de quilômetros quadrados, aviões, navios e submarinos americanos infligiram desgastes paralisantes ao poderio naval

japonês — vitais para a manutenção de suas longas, muito longas, cadeias de suprimento. Em 1942 e 1943, os Aliados precisavam de aeródromos em Papua-Nova Guiné, pelos quais tiveram de lutar e vencer. Mas, em 1943 e 1944, provavelmente não seria necessário deflagrar onerosas operações para expulsar os japoneses da costa norte, uma vez que sua capacidade ofensiva e aérea havia sido destruída. A campanha de Papua-Nova Guiné, como tantas outras no decorrer da guerra, adquiriu ímpeto e lógica próprios. Depois que milhares de soldados haviam sido empenhados, vidas perdidas e a reputação de generais posta à prova, foi cada vez mais difícil aceitar qualquer coisa menos do que a vitória. O único oficial sênior a emergir com uma reputação fortalecida das operações na Nova Guiné foi o chefe da força aérea americana na região, Kenney, um dos notáveis comandantes.

Durante o ano que se seguiu a Pearl Harbor, a interrupção dos avanços japoneses na Ásia e no Pacífico e o início de sua reversão tornaram inevitável a derrota do país. É extraordinário que, uma vez que as esperanças de Tóquio numa vitória rápida se frustraram e a determinação americana foi amplamente demonstrada, o país de Hirohito tenha continuado a lutar às cegas. A estratégia japonesa baseava-se na crença de que haveria uma vitória alemã no Ocidente, mas, ao final de 1942, isso se tornara irrealista. A partir de então, a paz em quaisquer termos, ou incondicional, deveria ter parecido a Tóquio preferível à iminente retaliação americana. Mas, assim como na Alemanha, não houve no Japão qualquer demonstração de vontade ou poder para desviar o país de sua trajetória rumo à imolação. *Shikata ga nai*: não se pode evitar. Pode ser uma desculpa monumentalmente inadequada para condenar milhões à morte sem a esperança de obter qualquer benefício redentor, mas é fato constante da história que países que iniciam guerras têm grande dificuldade para interrompê-las.

11
Os britânicos no mar

1 O ATLÂNTICO

O papel do exército britânico na luta contra o nazismo, assim como o do americano, foi muito menor que o do russo. Além do papel simbólico da Grã-Bretanha em manter erguida a bandeira da resistência a Hitler, sua principal importância estratégica a partir de 1940 foi a de gigantesco porta-aviões e base naval, de onde a ofensiva de bombardeios e o retorno ao continente foram lançados. Coube à Marinha Real conduzir as lutas cruciais entre 1940 e 1943 para manter o povo britânico alimentado, preservar as rotas marítimas para o império e as batalhas de além-mar e escoltar material bélico para a Rússia. O poderio naval não derrotaria a Alemanha, nem mesmo protegeria o Império Britânico Oriental contra os japoneses. O fato de serem potências marítimas tentando derrotar uma grande potência terrestre foi um problema fundamental para os dois países ocidentais, o que exigia uma solução predominantemente russa. Mas, se os esforços alemães para interditar carregamentos destinados à Grã-Bretanha fossem bem-sucedidos, o povo de Churchill morreria de fome. Pelo menos 23 milhões de toneladas de suprimentos por ano — metade do total das importações antes da guerra — precisavam ser transportados através do Atlântico diante de agressores de superfície e de U-boats.

Proteger esse comércio exigiu um esforço imenso. A marinha tinha sofrido tão severamente quanto as outras forças armadas da Grã-Bretanha com a diminuição de gastos no período entreguerras. A construção de grandes navios tomava anos, e até mesmo uma pequena escolta para comboio levava meses para ser fabricada. Os estaleiros britânicos eram administrados com indiferença e usavam uma força de trabalho intransigente, que só começou a se dedicar um pouco mais quando a União Soviética foi obrigada a mudar de lado e comunistas de todas as nacionalidades endossaram o esforço de guerra. A Grã-Bretanha construía e reparava navios mais lentamente, ainda que a custos muito mais baixos, do que os Estados Unidos e jamais alcançaria a capacidade americana. Para a Marinha Real, a escassez de escoltas foi uma realidade constante nos primeiros anos da guerra.

Também foi difícil concentrar forças superiores contra importantes encouraçados inimigos, que, mesmo sendo poucos, representavam uma ameaça formidável e eram posicionados a centenas de quilômetros uns dos outros. Nos primeiros anos da guerra, os atacantes de superfície alemães criaram tantas dificuldades quanto os submarinos: a necessidade de desviar comboios de zonas de perigo aumentou a pressão sobre os recursos da marinha mercante britânica. As investidas alemãs entre 1939 e 1943 provocaram dramas que prenderam a atenção do mundo: o encouraçado de bolso *Graf Spee* afundou nove navios mercantes antes de ser posto a pique após um encontro com três cruzadores britânicos perto do rio da Prata em dezembro de 1939. O *Bismarck*, de 56 mil toneladas, destruiu o cruzador de batalha *Hood* antes de ser despachado, de modo um tanto canhestro, por esquadrões britânicos convergentes, em 27 de maio de 1941. O

público britânico indignou-se quando o *Scharnhorst* e o *Gneisenau* escaparam de Brest para Wilhelmshaven através dos estreitos do canal em 21 e 22 de fevereiro de 1942, sofrendo apenas avarias por minas em meio a esforços vacilantes da marinha e da RAF para interceptá-los. A presença do *Tirpitz* nos fiordes do Norte da Noruega ameaçava comboios britânicos no Ártico e influenciou fortemente os movimentos da Home Fleet até 1944. Ainda por cima, a marinha italiana tinha um efetivo formidável em pessoal e navios, e a Marinha Real sofreu com severidade quando o Japão entrou na guerra.

A maioria dos encouraçados britânicos era antiga, lenta e não poderia ser adaptada para receber o moderno e volumoso equipamento de controle e direção de tiro. O sistema de estabilização Hazemeyer da marinha holandesa, baseado em três eixos, representava a tecnologia de artilharia antiaérea mais avançada do mundo, à qual a Marinha Real teve acesso em 1940. Porém, era frágil e pouco confiável, e a versão britânica só ficou plenamente operacional em 1945; enquanto isso, o controle de tiro antiaéreo inglês permaneceu lamentavelmente ineficaz. Até 1943, a Grã-Bretanha tinha mais porta-aviões do que a marinha americana, mas nunca em quantidade suficiente para satisfazer a demanda global, e eles eram muito pequenos para abrigar número substancial de aeronaves. Pilotos da aviação embarcada britânica demonstraram notável coragem, mas sua atuação era indiferente em combate aéreo e em operações contra navios. A RAF, empenhada, por doutrina, numa ofensiva estratégica com bombardeiros, resistia ao desvio de recursos para apoiar operações no mar. Durante o conflito, a Marinha Real demonstrou altíssimos índices de coragem, dedicação e conhecimento de operações navais. Mas, até 1943, enfrentou muitas dificuldades para satisfazer demasiadas responsabilidades com poucos navios, todos vulneráveis a ataques aéreos.

A decisão de Churchill de fazer um grande esforço militar britânico no Norte da África obrigou a marinha a conduzir operações no Mediterrâneo com insignificante cobertura aérea e diante das robustas forças aéreas do Eixo que operavam a partir de aeródromos na Itália, na Sicília, na Líbia, em Rodes, na Grécia e em Creta. O marujo Charles Hutchinson descreveu um ataque ao cruzador *Carlisle* em maio de 1941:

> Os bombardeiros vieram e nos atacaram, levas e levas. Eles pareciam escolher um navio e atacá-lo em massa, mergulhando verticalmente e de todos os ângulos. Uma bomba imensa explodiu na água, perto de nosso canhão. Toneladas de água desabaram sobre nós, jogando-nos para longe do canhão e nos espalhando para todos os lados como palha — eu tinha certeza de que seríamos atirados no mar. Um pensamento passou pela minha cabeça: "Meu Deus, é o fim." Depois do que me pareceu uma eternidade, levantamo-nos, inflamos nossas boias salva-vidas e tiramos os sapatos, pois eu, por exemplo, achava que ia ter de abandonar o navio. Mas, em pouco tempo, estávamos disparando de novo, e ainda sendo atacados. Estilhaços de granada espalhavam-se à nossa volta. Havia uma imensa coluna de fumaça preta a meia-nau, e um tiro acertara o segundo canhão. Não é mais um canhão, mas um pedaço de metal carbonizado (...) Quase todas as guarnições dos canhões foram eliminadas, a maioria dos rapazes presa debaixo do canhão ou arremessada no escudo contra estilhaços. Uma cena horripilante.

> Temos vivido e dormido todos juntos, como uma família, durante um ano e meio: rimos, brigamos, brincamos, saímos juntos em licenças em terra, conversamos sobre nossa vida pessoal (...) Pobre Bob Silvey ainda debaixo do canhão — eu o vi, mas é impossível removê-lo.[1]

Malta, o único posto avançado marítimo no Mediterrâneo central, de onde as rotas de suprimento do Eixo para o Norte da África podiam ser interditadas, enfrentou três anos de cerco. Sob bombardeio quase contínuo da vizinha Sicília, às vezes a ilha ficava inutilizável como base ofensiva para submarinos e navios, mas continuou sendo um sinal vital da determinação britânica na guerra. Hitler cometeu um erro crasso ao não capturar Malta em 1941, e imensos esforços e sacrifícios foram feitos para garantir que a situação se mantivesse assim. De junho de 1940 ao início de 1943, o Mediterrâneo esteve amplamente inoperável como via de suprimentos para os Aliados, mas o método de guerra de Churchill dava ênfase à afirmação da presença da marinha e a oportunidades para combates inopinados, em especial contra a frota italiana. Alguns dos conflitos navais mais ferozes da guerra, e algumas das baixas britânicas mais severas, ocorreram naquelas águas límpidas. O Eixo enfrentava uma pressão cada vez maior em sua ligação marítima com o Norte da África, mas a travessia entre o sul da Itália e Trípoli era curta; só em meados de 1942 as perdas navais e a escassez de combustível começaram a exercer importante influência sobre a sorte de Rommel.

O Atlântico era o principal campo de batalha naval, para sempre o mar cruel. O sinaleiro Richard Butler descreveu uma típica tempestade atlântica: "Eu não conseguia ver nada por causa do turbilhão de gotas. O vento uivava pelo cordame e pela superestrutura. Era como se navegássemos em água fervente, enquanto o vento transformava o topo das ondas em espumas horizontais, brancas e vaporizadas, que me ardiam nos olhos e no rosto. De vez em quando eu vislumbrava um dos grandes navios mercantes incrivelmente adernado pela força das ondas imensas, debaixo de um céu carregado de chuva."[2] O contratorpedeiro de Butler, *Matchless*, aproximou-se de um navio mercante que se debatia com uma rachadura de 3,5 metros no convés superior. Logo depois, um de seus próprios homens foi jogado ao mar. O comandante tomou a decisão corajosa e inútil de voltar para procurá-lo. Butler pensou: "O comandante ficou maluco, vai arriscar a vida de duzentos homens para procurar um desgraçado idiota que não teve o bom senso de sair do convés superior." Depois de alguns momentos de ansiedade, a procura inútil foi abandonada. Então, Butler descobriu que o homem que se perdera era um de seus colegas de refeitório. "Fiquei triste e chocado, cheio de remorso por minha atitude egoísta (...) Todos gostavam de 'Snowy', que tinha a reputação de ser um 'guloso' que não parava de comer. Nunca mais o ouviríamos perguntar, animado, na hora da refeição: 'Alguma sobra aí?'"

A bordo de corvetas, navios confiáveis para a escolta de comboios, as condições eram muito piores, "um inferno completo",[3] nas palavras de um marujo. "Até levar comida quente da cozinha do navio para o castelo de proa dava um trabalho tremendo. Os refeitórios geralmente eram uma confusão, e o estrago nos corpos e no humor era algo que jamais esquecerei. Mas éramos jovens e duros e, em certo sentido, nos orgulhávamos

de nosso sofrimento e levávamos tudo numa boa. Ninguém se preocupava em perguntar que possível ligação tinha aquilo com a derrota de Hitler. Já nos bastava estarmos mais ou menos flutuando no dia seguinte, na esperança de que houvesse ingredientes para o nosso pudim e uma caldeira limpa quando chegássemos ao porto."

E havia o inimigo. Enquanto os encouraçados da Alemanha produziam manchetes e suas incursões infligiam algum dano, os submarinos e as forças aéreas do Eixo representavam a longo prazo uma ameaça muito mais grave, e os militares das duas forças demonstravam coragem e habilidade. Os U-boats conseguiram notáveis êxitos iniciais, como o afundamento do velho encouraçado *Royal Oak*, em Scapa Flow, e a devastação produzida em navios mercantes vulneráveis. Churchill, como Primeiro Lorde do Mar, calculou que a adoção dos comboios em 1939 foi responsável por uma queda de 30% nas importações da Grã-Bretanha. Navios mercantes eram obrigados a desperdiçar semanas à espera de que comboios fossem organizados. Uma vez no oceano, viajavam em penosa lentidão, e eram descarregados em seu destino por uma força de trabalho letárgica que, às vezes criava dificuldades. Muitos navios que levavam mercadorias em tempos de paz tiveram de ser adaptados para transportar tropas e material bélico por imensas distâncias, por rotas tortuosas, para evitar concentrações de aviões e submarinos do Eixo — por exemplo, quase todas as cargas destinadas ao Egito passavam pelo cabo da Boa Esperança. A viagem para Suez aumentou de 4.800 quilômetros para 21 mil, enquanto os navios com destino a Bombaim atravessavam 17.500 quilômetros, contra os 9.500 de antes da guerra.

Até 1943, a Marinha Real careceu desesperadamente de escoltas e de tecnologia eficaz para caçar submarinos. Os britânicos afundaram doze submarinos alemães em 1940 e apenas três nos seis meses decorridos entre setembro daquele ano e março de 1941; informações de inteligência e hábeis encaminhamentos de comboios contribuíram mais para frustrar o almirante Karl Dönitz do que as escoltas antissubmarino. A Marinha Real custou a se dar conta da vulnerabilidade dos navios mercantes na costa africana, onde, em 1941 e 1942, apenas dois U-boats Tipo IX, de longo alcance, conseguiram alguma destruição espetacular, em parte porque se mantiveram em silêncio-rádio e também porque havia poucos recursos defensivos disponíveis. Os britânicos foram severamente prejudicados pela falta de apoio aéreo. O Comando Costeiro da RAF tinha poucos aviões; seus hidroaviões *Sunderland*, de longo alcance, sofriam com a inabilidade de seus tripulantes para navegar e para lançar cargas de profundidade, e também com problemas técnicos que em 1941 reduziram sua participação para uma média de duas surtidas mensais por avião. Enquanto isso, até 1942 muitos contratorpedeiros da Marinha Real continuaram a ser empregados na defesa da costa da Grã-Bretanha.

Ao longo de toda a guerra, enquanto 6,1% das perdas marítimas dos Aliados foram infligidas por agressores de superfície e 6,5% por minas, 13,4% foram causadas por ataques aéreos e 70% por U-boats. Os britânicos sofreram seu primeiro golpe severo no outono de 1940, quando o lento comboio atlântico SC7, que rumava para leste, perdeu 21 dos seus trinta navios, e o rápido HX79 perdeu doze de suas 49 embarcações. Depois disso, o ritmo da guerra submarina teve um crescimento constante: durante 1941, perderam-se 3,6 milhões de toneladas de navios britânicos, dos quais 2,1 milhões se deveram a ataques de submarinos. Churchill ficou profundamente alarmado. Sua afirmação posterior à guerra de que os U-boats lhe causaram mais ansiedade do que qualquer outra ameaça à sobrevivência da Grã-Bretanha tem sido uma influência poderosa para a historiografia da guerra. Não é de surpreender que o primeiro-ministro tenha

ficado tão preocupado, quando quase toda semana, até maio de 1943, ele recebia dados estatísticos sobre as perdas, que representavam um escoadouro assustadoramente contínuo e debilitante da capacidade de transporte da Grã-Bretanha.

Mas a força submarina comandada por Dönitz era fraca. O planejamento industrial da Alemanha antes da guerra concebera uma frota que só adquiriria plena capacidade para o combate em 1944. A construção naval foi desviada para o foco em grandes navios: cem U-boats poderiam ter sido construídos com o aço prodigamente usado no *Bismarck*. Às vésperas da guerra, o almirante Erich Raeder, comandante-chefe naval alemão, escreveu: "Não estamos em condição de desempenhar um papel importante na guerra contra o comércio britânico." Até junho de 1940, Dönitz não previu uma grande campanha no Atlântico porque lhe faltavam meios; os pequenos navios que dominavam seu arsenal, os Tipo VII, de curto alcance, destinavam-se a operar a partir de bases alemãs. Mesmo quando o quadro estratégico mudou radicalmente, com a captura da Noruega e dos portos atlânticos da França por Hitler, a Kriegsmarine continuou a construir navios Tipo VII. A produtividade nos estaleiros alemães, prejudicada pela insuficiência de aço e de mão de obra qualificada, e depois pelos bombardeios, caiu abaixo dos níveis britânicos. Os U-boats permaneceram tecnicamente primitivos. A inovação — por exemplo, o sistema Schnorkel de 1944-1945, que permitia o reabastecimento de ar mesmo em submersão — não foi acompanhada de confiabilidade: o revolucionário Tipo XXI só realizou sua primeira patrulha na guerra em 30 de abril de 1945.

Dessa maneira, a força de Dönitz carecia de massa, alcance e qualidade. Assim como a Luftwaffe tentara, em 1940 e 1941, desferir um golpe mortal na Grã-Bretanha com recursos totalmente inadequados, os U-boats não tinham força para romper a ligação atlântica. A Alemanha jamais construiu submarinos em quantidade suficiente para fazer deles uma arma capaz de ganhar a guerra. Dönitz calculou que precisaria afundar seiscentas mil toneladas de navios britânicos por mês a fim de alcançar uma vitória decisiva, e para isso exigiu trezentos U-boats de prontidão, para manter cem deles em áreas operacionais. Mas apenas treze estavam em serviço em agosto de 1940, número que caiu para oito em janeiro de 1941 e subiu para 21 no mês seguinte. Essa pequena força produziu uma destruição impressionante: dois milhões de toneladas de navios britânicos foram afundados entre junho de 1940 e março de 1941. Porém, no mesmo período, foram construídos apenas 72 U-boats, muito menos do que Dönitz precisava. Eles alcançaram sua taxa de produtividade mais alta — medida pela tonelagem afundada por submarino no mar — em outubro de 1940; depois disso, apesar de muitos submarinos terem sido empregados, seus resultados *pro rata* diminuíram.

Enquanto a guerra prosseguia e as marinhas dos Aliados cresciam a passo acelerado em habilidade e profissionalismo, a qualidade e determinação das tripulações de U-boats declinavam. Um por um, os ases de Dönitz foram mortos ou capturados, e os homens que os substituíam eram de calibre inferior. A tecnologia alemã de torpedos era quase tão falha quanto a da marinha americana em 1942 e 1943. O gerenciamento da campanha de U-boats foi prejudicado por mudanças de estratégia e por intervenções impulsivas de Hitler. Os serviços navais de inteligência dos alemães e sua compreensão da estratégia, das táticas e da tecnologia dos Aliados eram cronicamente fracos.

É um dado estatístico notável e importante que 99% de todos os navios que partiram da América do Norte para a Grã-Bretanha durante os anos de guerra chegaram a salvo. Mesmo nos dias ruins de abril de 1941, por exemplo, 307 navios mercantes viajaram em

comboio, mas apenas dezesseis foram afundados, além de onze embarcações não escoltadas. Em junho daquele ano, 383 navios atravessaram o Atlântico em comboios, dos quais os submarinos atacaram apenas um, afundando seis embarcações e 22 navios mercantes não escoltados. Em 1942, de longe o ano mais aterrador da guerra no que diz respeito ao uso de U-boats, 609 navios foram afundados no Atlântico Norte, num total de seis milhões de toneladas. Mas a capacidade de construção naval americana era tão prodigiosa que no mesmo período os Aliados lançaram 7,1 milhões de toneladas, aumentando seu total coletivo de trinta milhões de toneladas.

Entretanto, como é próprio da humanidade, os Aliados percebiam a maior parte das dificuldades em seu próprio lado. Enquanto a posteridade sabe que em 1942 os U-boats infligiram o máximo de danos que podiam, e que depois a maré da guerra dos comboios virou firmemente contra eles, na época Churchill e Roosevelt viam apenas um gráfico de perdas em rápida ascensão, que, caso continuassem, incapacitariam o esforço de guerra. Em 1942, as importações britânicas sofreram uma queda de cinco milhões de toneladas, impondo severas restrições no abastecimento de alimentos e de petróleo — este último foi reduzido em cerca de 15%, obrigando o governo a recorrer às suas reservas reconhecidamente extensas. O fato deveu-se menos a Dönitz do que ao desvio de duzentos navios do trajeto atlântico para abrir uma linha de suprimentos para a Rússia pelo Ártico. Quaisquer que tenham sido as causas, porém, o encolhimento das remessas para a Grã-Bretanha alarmou um país que tinha as costas contra a parede em muitos teatros e em três dimensões.

Mesmo quando os Estados Unidos supriram a Inglaterra com alguns B-24 Liberator — apropriados para conversões de alcance muito longo e, portanto, ideais para o apoio a comboios no Atlântico —, de início a RAF preferiu usar a maior parte deles em outros lugares. Sir Arthur Harris, comandante-chefe do Comando de Bombardeiros entre 1942 e 1945, resistiu ferrenhamente ao desvio de aeronaves pesadas para a guerra de comboios: “Foi uma luta contínua contra a marinha para impedir que, como sempre, eles ficassem beliscando tudo”,[4] disse Harris, que tinha quase tanta antipatia pelos marinheiros britânicos quanto abominação pelos alemães. “Metade de minhas energias foi gasta para salvar o Comando de Bombardeiros das outras forças. A marinha e o exército sempre tentavam depreciar o trabalho da força aérea.” A “lacuna aérea” no Atlântico — a área de oceano fora do alcance da cobertura baseada em terra — continuou a ser o foco da atividade de U-boats até o fim de 1943.

Em média, pouco mais de um comboio por semana, em cada sentido, fez a travessia do Atlântico Norte.[5] Muitos atravessavam sem sofrer ataques porque os alemães não os localizavam. Interceptações Ultra de relatórios sobre as posições de U-boats, além do “Huff-Duff” — como era chamado o High Frequency Direction Finding (Detector de Direção por Alta Frequência), usado por navios de guerra —, geralmente tornavam possível desviar comboios de concentrações inimigas: um cálculo estatístico sugere que, só no segundo semestre de 1941, leituras Ultra pouparam da destruição entre 1,5 milhão e dois milhões de toneladas de navios dos Aliados. Por alguns meses em 1941, escoltas americanas protegeram comboios a leste da Islândia, mas foram retiradas depois de Pearl Harbor; corvetas canadenses ficaram com o encargo, e a Marinha Real assumia a responsabilidade quando os navios entravam nos Western Approaches, trecho do Atlântico que se estende da costa ocidental do Reino Unido até as proximidades da

Islândia. Entre 1941 e 1943, o período mais importante da Batalha do Atlântico, a Marinha Real forneceu 50% de todas as escoltas, a Marinha Real do Canadá, 46%, e os navios americanos, o restante.

Mas, se a ofensiva alemã era mal administrada, marujos da marinha mercante dos Aliados sofreram severamente suas consequências, sobretudo em 1941 e 1942. Foram recrutados tripulantes de diversas nacionalidades; embora alguns jovens britânicos preferissem a marinha mercante ao alistamento nas forças armadas, seria difícil afirmar que essa opção era menos dura: alguns marinheiros foram obrigados a abandonar seus navios duas ou três vezes. Michael Page descreve uma dessas experiências, na escuridão do Atlântico:

> Num momento estávamos de serviço no convés ou na sala de máquinas ou dormindo comodamente em nossos beliches; de repente, estávamos numa barafunda, no meio de uma densa e barulhenta escuridão que nos atacava com rajadas geladas de água e de espuma, e escorregávamos e caíamos em conveses de ferro molhados, que a cada segundo se inclinavam mais e mais para o mar faminto (...) "O que houve? O que houve?" alguém perguntava com insistência numa voz alta e lamentosa, cheia de espanto e aflição (...) Lutamos com cordas tesas e relutantes e com os volumosos apetrechos do bote numa espécie de agitação automática (...) De alguma forma, o escaler foi baixado, e pulamos nele de qualquer jeito. Alguns conseguiram, outros não — calculando mal a distância. "Soltem as amarras!", berrou alguém quando o bote pareceu lotado; um berro repetido por outros, mas que foi respondido imediatamente por gritos e brados acima de nós: "Não, não, esperem! Esperem um segundo!" Um corpo mais escuro lançou-se nas trevas e atingiu as ondas com tremendo barulho, e reapareceu nadando em direção ao escaler, agarrando-se à amurada (...) Uma onda arrebentou contra o barco, encharcando-nos completamente; tossimos e perdemos o ar com o choque gelado (...) Alguém puxou o pintor imediatamente (...) Se todos que poderiam estar ali realmente estavam, só Deus sabe; fomos arrastados num instante.[6]

Mesmo os que tinham a sorte de sobreviver a um naufrágio geralmente enfrentavam provações terríveis em botes salva-vidas descobertos, como foi o caso dos sobreviventes do transportador de carvão britânico *Anglo-Saxon*. O cruzador auxiliar alemão *Widder* pôs a pique o *Anglo-Saxon* a 1.300 quilômetros a oeste das ilhas Canárias na noite de 21 de agosto de 1940, e depois metralhou a maioria dos sobreviventes na água. Só um minúsculo bote escapou, levando o imediato C. B. Denny e outros seis homens. Fazendo um inventário ao amanhecer, descobriram que o barco levava um pequeno suprimento de água, alguns biscoitos e latas de comida. Vários homens haviam sido atingidos por fogo alemão. Pilcher, o oficial de radiotransmissões, teve um pé transformado em uma massa disforme. Penny, um artilheiro de meia-idade, tinha ferimentos no quadril e no pulso.

Nos primeiros dias, navegando para oeste, os ânimos no bote eram otimistas. Mas, pelo dia 26 de agosto, a pele dos homens queimava, e todos sofriam uma sede aguda. O pé de Pilcher gangrenou; ele pedia desculpas pelo mau cheiro. Denny escreveu no diário de bordo: "Confiantes de que chegaremos a terra (...) com a ajuda de Deus e a determinação britânica."[7] Depois, porém, a situação piorou depressa. Pilcher morreu no dia 27. Denny teve um colapso nervoso. Penny, debilitado pelos ferimentos, caiu no mar enquanto segurava o leme à noite. Dois marujos que não se davam começaram a brigar. No décimo terceiro dia no mar, o timão quebrou de repente. Foi a gota d'água para Denny, que disse que queria acabar com aquilo. Pediu a alguém que entregasse à sua mãe seu anel de sinete e pulou no mar junto com o terceiro maquinista, e aos poucos foram levados pela correnteza.

Na noite de 9 de setembro, Morgan, um cozinheiro de navio, levantou-se de repente e disse: "Vou ali na rua beber alguma coisa." Ele pulou do bote, deixando para trás apenas dois jovens marujos. Coube a Wilbert Widdicombe, de 21 anos, escrever laconicamente no diário de bordo: "Cook enlouquece; morre." Em uma ocasião, nos dias que se seguiram, os dois jovens se atiraram na água. Após uma discussão, porém, pensaram melhor e voltaram a bordo. Logo depois, uma tempestade tropical lhes aliviou a sede; comeram algas marinhas e alguns caranguejos agarrados a elas. Depois de sobreviverem a vários períodos de tempo ruim e muitas brigas, avistaram uma praia reluzente em 27 de outubro. Cambaleantes, os dois sobreviventes alcançaram terra firme em Eleuthera, nas Bahamas, após uma travessia de 3.640 quilômetros.

Passados meses de tratamento e convalescença num hospital, Widdicombe zarpou para casa em fevereiro de 1941 — e morreu como passageiro do cargueiro *Siamese Prince*, afundado por um torpedo de U-boat. Seu companheiro de adversidade, Robert Tapscott, de dezenove anos, sobreviveu a um período posterior de serviço militar no exército canadense para testemunhar, no julgamento do comandante do *Widder* após a guerra, sobre o assassinato dos sobreviventes do *Anglo-Saxon* e de outros navios, pelo que o alemão foi condenado a sete anos de prisão. Os horrores sofridos por Tapscott e seus companheiros repetiram-se centenas de vezes durante a guerra no mar e em geral terminavam sem sobreviventes para contar a história.

Como é comum em qualquer situação de conflito, o comportamento dos homens da marinha mercante era desigual: recrutados de muitos países e sem a disciplina das forças armadas, nem sempre executavam com cuidado as rotinas de comboios, percursos e procedimentos de sinalização. Tripulações às vezes entravam em pânico e abandonavam navios que talvez pudessem ser salvos. Mas houve muitos exemplos de esforços heroicos, como no cargueiro de linha *Otari*, de 10.350 toneladas. Em 13 de dezembro de 1940, a 720 quilômetros a oeste da costa britânica, voltando para a Austrália, a embarcação foi atingida por um torpedo, e em pouco tempo o mar inundou seus porões da popa. Carcaças congeladas de ovelhas e caixas de manteiga logo flutuavam na esteira do navio. Os eixos das hélices começaram a vazar, e o anteparo da sala de máquinas ameaçava desmoronar. Mas o capitão Rice, seu comandante, decidiu que o navio poderia ser salvo: sozinho no mar, felizmente protegido pelo nevoeiro contra novos ataques inimigos, ele e sua tripulação conduziram com muita paciência o *Otari* durante três dias, usando bombas hidráulicas que funcionavam apenas o suficiente para garantir pouco mais do que flutuabilidade. O navio finalmente chegou à foz do Clyde na escuridão e descobriu que a

barreira defensiva do porto estava fechada. Só ao amanhecer de 17 de dezembro Rice pôde ancorar, com os conveses praticamente inundados, e a maior parte de sua preciosa carga foi recuperada por barcaças. Essa teimosa determinação e coragem mantiveram em funcionamento a rota do atlântico vital para a Grã-Bretanha.

Em 1941, a Grã-Bretanha lançou ao mar 1,2 milhão de toneladas de novas embarcações e conseguiu fazer notável economia na utilização de transportes. Embora poucos U-boats tenham sido afundados por escoltas navais, que pouco a pouco foram equipadas com melhores radares e sistemas de detecção submarina Asdic, os alemães não conseguiram criar uma crise na ilha sitiada de Churchill. No final do verão daquele ano no hemisfério norte, os britânicos interpretavam sinais de tráfego dos U-boats com razoável regularidade. Alguns submarinos de Dönitz foram transferidos para o Mediterrâneo ou para o norte da Noruega, a fim de proteger o flanco do assalto alemão contra a União Soviética. Até o Natal de 1941, Hitler já havia perdido sua melhor oportunidade de matar de fome a Grã-Bretanha; quando os Estados Unidos entraram na guerra, o consequente aumento do número de navios e da capacidade de construção transformou o combate.

Mas os U-boats tiveram uma temporada de êxito nos meses que se seguiram a Pearl Harbor, principalmente porque a marinha americana demorou a adotar procedimentos efetivos de comboio e escolta. Naqueles dias, antes que o desgaste diluísse a qualidade da equipe da Kriegsmarine, o *Freikorps Dönitz*, como orgulhosamente se designavam, era uma elite. O comandante de U-boat Erich Topp escreveu: “Vivendo e trabalhando num submarino, é preciso desenvolver e intensificar a capacidade de cooperar com outros membros da tripulação, porque uns podem precisar dos outros simplesmente para sobreviver (...) Quando deixamos o porto, fechamos a escotilha e mergulhamos, nós e nossa tripulação damos adeus a um mundo colorido, ao sol e às estrelas, ao vento e às ondas, ao cheiro do mar. Todos vivem sob constante tensão, causada pela vida num tubo de aço — um espaço muito pequeno, restrito e confinado, com compartimentos atulhados, monotonia e um modo de vida pouco saudável, devido ao ar ruim, à ausência dos ritmos normais de dia e noite e de exercícios físicos.”[8] Topp fazia esforços imensos para levantar o moral. Certa vez, poucas horas depois de deixar o porto, ele achou seu navegador em estado taciturno. O homem contou que tinha esquecido uma grinalda de mirto, símbolo alemão do casamento e seu talismã operacional. Ele se convencera de que o U-552 estava, portanto, condenado. Topp reverteu o curso e retornou a Bergen para que o navegador fosse buscar sua grinalda antes de voltar ao mar como um homem feliz.

Muitos oficiais de Dönitz eram nazistas fanáticos; em 1943, a média de idade tinha caído para 23 anos, enquanto os soldados eram dois anos mais novos: produtos acabados do sistema educacional de Goebbels. Wolfgang Luth, do U-181, arengava regularmente aos seus tripulantes sobre “raça e outros assuntos relacionados à política de população (...) a Alemanha, o Führer e seu movimento nacional-socialista”.[9] A ideia de realizar sessões de doutrinação num tubo de aço fétido e suado, a trinta metros abaixo da superfície do Atlântico, parece surreal; nem todos os tripulantes de Luth devem ter aplaudido sua recusa a permitir fotos de *pin-ups* perto do retrato do Führer e sua proibição do “corrompido” jazz anglo-americano. “Queiram ou não”, disse ele aos seus oficiais, “isso não se discute. Vocês simplesmente não podem gostar. Não mais do que um homem alemão pode gostar de uma judia. Numa guerra dura, todos devem aprender a odiar seus inimigos sem reservas.” Em 1944, um experiente comandante de U-boat ordenou que seus

oficiais removessem uma foto de Hitler de um anteparo, dizendo: “Idolatria aqui, não.”[10] Ele foi denunciado, acusado de enfraquecer o espírito guerreiro dos tripulantes, preso e executado.

Em maio e junho de 1942, um milhão de toneladas de navios foi afundado nas águas costeiras do leste dos Estados Unidos, geralmente por submarinos que disparavam torpedos em direção às embarcações cuja silhueta se destacava contra a claridade das luzes em terra. Ao longo do ano, seis milhões de toneladas foram para o fundo do mar. A frota mercante dos Estados Unidos pagou caro pela recusa da marinha americana de juntar-se à rede de comboios canadenses e considerar a experiência britânica. Os alemães começaram a concentrar “alcateias” de até doze U-boats para esmagar grupos de escolta. Mudanças de código da Kriegsmarine causavam “blecautes” periódicos na interceptação de sinais pelos Aliados, com severas consequências para comboios que não conseguiam evitar as linhas de submarinos. Mas os Aliados aos poucos melhoraram seu desempenho: técnicas de guerra antissubmarino foram aperfeiçoadas, e o número de escoltas subiu; aparelhos de radar naval lucraram com a introdução da tecnologia de cavidade de magnétron; grupos de escolta beneficiaram-se da comunicação de voz TBS — *Talk Between Ships*, conversa entre navios — e, mais ainda, da experiência.

Para caçar e afundar U-boats, uma colaboração estreita entre dois ou três navios de guerra era essencial: uma embarcação sozinha raramente lançava cargas de profundidade com precisão suficiente para conseguir uma “morte”. Ficou difícil para os alemães operar perto das costas americana e britânica, ao alcance de patrulhas aéreas. Os U-boats só viajavam rápido na superfície; embarcações submersas tinham trabalho para interceptar um comboio. Aviões obrigavam-nas a mergulhar, contramedida mais eficaz do que ataques com bombardeiros contra os “currais” de U-boats revestidos de concreto em Brest e Lorient, que desperdiçaram muitos esforços da RAF. Em 1942, a Batalha do Atlântico convergiu cada vez mais para uma faixa de mar de 1.600 quilômetros fora do alcance da maioria das aeronaves baseadas em terra. Ali, Dönitz concentrou suas forças, e os comboios sofriam a provação de quatro a seis dias de perigo.

O SC104, um comboio típico de 36 navios mercantes distribuídos em seis colunas, viajava para leste em outubro de 1942 a sete nós — menos de treze quilômetros por hora em velocidade terrestre —, escoltado por dois contratorpedeiros — *Fame* e *Viscount* — e quatro corvetas — *Acanthus, Eglantine, Montbretia* e *Potentilla*. O primeiro indício de ameaça veio quatro dias após a saída de Terra Nova, às 16h24 de 12 de outubro, quando “Huff-Duff” detectou uma radiotransmissão feita por um U-boat a boreste; pouco depois, um segundo submarino foi identificado. Enquanto a noite caía, em mares agitados, as escoltas assumiram posição à frente e nos flancos dos navios mercantes. As condições eram terríveis, especialmente a bordo das corvetas, que não paravam de balançar. Tripulantes quase afogados lutavam para permanecer despertos e alertas nos passadiços, sabendo que, mesmo quando seus turnos de quatro horas terminassem, provavelmente não haveria comida quente ou roupas secas nos refeitórios de conveses inundados. Se maquinistas e foguistas, na área das máquinas, estavam um pouco mais aquecidos, tinham firme consciência de suas reduzidas possibilidades de escapar caso o navio fosse atingido — 42% dessas vítimas morriam, contra 25% dos homens nos conveses. Por semanas a fio, a tensão e o desconforto eram constantes, mesmo antes de o inimigo atacar.

Naquela noite de 12 de outubro, a visibilidade do comboio SC104 era de seis quilômetros, entre pancadas de neve e chuva. Pouco antes da meia-noite, um U-boat foi detectado a seis quilômetros à popa: o *Fam*e virou-se e acelerou para lançar um ataque guiado por radar. Pouco antes de atingir a posição do U-boat, os movimentos do mar incapacitaram o radar, deixando o contratorpedeiro às cegas. Depois de trinta minutos de busca inútil, visual e com o Asdic, o navio voltou para sua posição. Logo depois, o *Eglantine* fez outra tentativa de localizar o inimigo a boreste. Às 5h08, os navios de escolta ouviram uma forte explosão e dispararam artifícios de iluminação "Snowflake". Em meio a ondas revoltas que praticamente inutilizavam o radar e o Asdic, ninguém via nada. Uma hora depois, o comandante da escolta descobriu que três navios tinham sido afundados durante a noite sem dar sinais visíveis ou audíveis de aflição; uma corveta foi enviada para procurar sobreviventes.

Durante as horas de claridade de 13 de outubro, o comboio debateu-se contra ondas colossais, vislumbrando U-boats ocasionalmente, que submergiam antes que pudessem ser atacados. Naquela noite, mais dois navios mercantes foram torpedeados. Às 20h43, o *Viscount* localizou um submarino na superfície, a uma distância de 730 metros. Esguichos de água dificultaram a visão dos artilheiros; o inimigo mergulhou enquanto o contratorpedeiro se aproximava para abalroar, e a tripulação no passadiço via pela última vez um relance da torre de comando do U-boat, a trinta metros de distância. Muitas vezes, durante a noite, navios de escolta tentaram contato, sem êxito. Os sentimentos do oficial mais antigo, em suas próprias palavras, "eram quase de desespero".[11] Ao amanhecer, ele descobriu que metade do comboio tinha saído de formação sob as terríveis condições meteorológicas da noite; nove retardatários foram reunidos, mas seis navios haviam sido afundados, e a travessia estava apenas na metade.

A luta continuou em 14 de outubro, quando quatro U-boats foram identificados em volta do comboio. Ao anoitecer, para alívio dos comandantes, a visibilidade piorou, dificultando os ataques de submarino. O comboio mudou várias vezes o rumo para desorientar os perseguidores. Na noite seguinte, navios de escolta atacaram seis sucessivos contatos por radar. Um desses ocorreu às 23h31, quando o *Viscount* localizou um submarino a 5.700 metros. O comandante aproximou-se para abalroar a 26 nós; o comandante do U-boat tentou uma ação evasiva, mas cometeu um erro desastroso que deixou sua embarcação atravessada diante da proa do *Viscount*. O contratorpedeiro chocou-se contra o submarino seis metros atrás da torre de comando e deslizou para cima do casco do inimigo. Ele libertou-se, sob tiros de todos os calibres dos canhões britânicos, e finalmente recebeu uma carga de profundidade à queima-roupa. O U-619 foi a pique, afundando de ré, às 23h47. Mas o êxito custou caro: avariado, o *Viscount* foi obrigado a partir de imediato para Liverpool, aonde chegou a salvo duas noites depois, para ficar meses em reparo nos estaleiros.

Ao nascer do sol em 16 de outubro, apareceu no céu um bem-vindo Liberator de longo alcance, a primeira aeronave de cobertura a alcançar o comboio: o SC104 tinha passado pela "lacuna aérea" no centro do Atlântico. O *Potentilla*, da marinha norueguesa, transferiu cem sobreviventes de seus atulhados refeitórios de convés para um navio mercante. Nada aconteceu pela manhã, mas, às 14h07, o Asdic do *Fame* detectou um U-boat a 1.800 metros e o atacou com cargas de profundidade cinco minutos depois. O drama subsequente desenrolou-se em meio ao comboio, com navios mercantes passando

pelos dois lados. Uma grande bolha explodiu na superfície, seguida pelo dramático espetáculo de um U-boat emergindo de repente, com água escorrendo pelo casco, para receber uma chuva de tiros de canhão. O *Fame* seguiu ao seu lado, arranhando o fundo, e lançou uma baleeira enquanto os tripulantes alemães pulavam no mar. Um corajoso oficial britânico nadou até a torre de comando, entrou no submarino e pegou uma braçada de documentos da sala de controle do submarino, e escapou segundos antes de o U-253 afundar.

Mas o *Fame*, como o *Viscount*, sofreu grandemente com a colisão. Seu comandante arrependeu-se da decisão de abalroar, enquanto tripulantes lutaram por horas para vedar grandes rachaduras no casco, usando esteiras de lona e vigas de madeira. Com as bombas se esforçando para dar conta da água que entrava na sala de máquinas, o navio seguiu o *Viscount* para Liverpool e dali para as mãos de operários nos estaleiros. Restavam quatro corvetas lentas para escoltar 28 navios. Às 21h40 daquele dia, outro U-boat foi detectado pelo *Potentilla*. Os dois aproximaram-se um do outro a toda velocidade antes que o comandante do *Potentilla* desviasse o navio no último momento para evitar uma colisão a 32 nós, que teria sido fatal para sua pequena embarcação. O canhão de quatro polegadas da corveta, os canhões antiaéreos e os Oerlikons dispararam contra o submarino, mas ele escapou quase ileso. Foi a última ação séria do SC104: apesar de alguns alarmes falsos, o dia seguinte transcorreu sob denso nevoeiro, sem incidentes significativos. Dois dias depois, os navios mercantes entraram em Mersey, animados com a notícia de que um VLR Liberator tinha afundado um terceiro submarino, o U-661, perto de sua rota.

Essas experiências de comboio, cada uma assustadora o bastante para representar o drama de uma vida inteira fora das circunstâncias de um mundo em guerra, repetiram-se numerosas vezes com navios mercantes e escoltas na jornada atlântica. Além do mais, as perdas foram relativamente suaves para a época. No final daquele outubro, quinze navios do SC107 foram afundados, enquanto o SL125 perdeu treze numa batalha que durou sete dias, sem destruir sequer um U-boat. Em 1942, 1.160 navios mercantes dos Aliados foram postos a pique por submarinos. Bem quando a maré da guerra virava-se decididamente contra o Eixo, a Grã-Bretanha viu-se diante da sua mais séria deficiência em importações. No inverno de 1942, as alcateias de Dönitz alcançaram força máxima, com mais de cem U-boats no mar. A campanha norte-africana, e em especial os desembarques da operação Tocha, obrigou a Marinha Real a desviar recursos substanciais para o Mediterrâneo.

As corvetas canadenses, que tinham assumido a maior parte do fardo das escoltas no Atlântico Ocidental, demonstraram uma carência de equipamento ou expertise para resistir às alcateias de Dönitz: cerca de 80% das perdas no meio do Atlântico entre julho e setembro foram sofridas por comboios com escolta canadense. Relatos contemporâneos ressaltavam uma aguda escassez de comandantes competentes com treinamento adequado e capacidade no uso do Asdic. A Marinha Real do Canadá se ampliara com uma rapidez grande demais para seu pequeno núcleo de marinheiros profissionais — 3,5 vezes mais do que a marinha britânica ou a americana. Sobre um navio de guerra da Marinha Real do Canadá que chegava à Grã-Bretanha, um oficial concluiu: "Esse baixo nível de eficiência parece evidente de maneira geral em todas as corvetas tripuladas por canadenses."[12] Um historiador observou que: "Muitas vezes, esses problemas resultavam em atuações medíocres contra as alcateias de U-boat."[13] Os canadenses precisaram ser liberados de

suas responsabilidades no centro do Atlântico durante alguns meses no começo de 1943, assim que a Marinha Real pudesse dispor de seus próprios navios para substituí-los.

Em março daquele ano, houve outro problema em Bletchley Park na decifração das radiotransmissões de U-boats. Como resultado, metade dos comboios atlânticos sofreu ataques durante dois meses, e um em cada cinco navios mercantes foi afundado. Mas essa acabou sendo a última crise da campanha. Naquela primavera, finalmente os Aliados Ocidentais empregaram recursos que dominaram os submarinos. Grupos de escolta equipados com radares de comprimento de onda de dez centímetros, aeronaves de alcance muito longo com cargas de profundidade aperfeiçoadas, pequenos porta-aviões e novas decifrações dos códigos de Dönitz juntaram-se para transformar a luta. O almirante Sir Max Horton, que se tornara comandante em chefe dos Western Approaches em novembro de 1942, era um antigo submarinista da Primeira Guerra Mundial de grandes talentos que deu uma contribuição fundamental para a vitória, dirigindo a campanha no Atlântico de seu quartel-general em Liverpool.

Em maio de 1943, 47 U-boats foram postos a pique, e quase cem até o final do ano. O afundamento de submarinos alemães por aviões subiu de cinco, entre outubro de 1941 e março de 1942, para quinze, entre abril e setembro de 1942, e 38, entre outubro de 1942 e março de 1943. Dönitz perdia um U-boat por dia, e 20% de sua frota submarina desapareceu em um mês. Então, foi obrigado a reduzir drasticamente as operações. Houve uma queda brusca no afundamento de navios mercantes, de modo que no último trimestre de 1943 apenas 6% das importações britânicas foram perdidas por ações inimigas. A travessia do Atlântico durante a guerra raramente foi menos do que uma penosa experiência, mas pelo restante da guerra forças britânicas e americanas dominaram o oceano, desafiadas por uma força de U-boats cada vez menor e por tripulantes alemães cuja inexperiência e moral em declínio eram frequentemente evidentes.

A devastação da frota mercante britânica foi de tal ordem que contribuiu para as aflições econômicas do país no pós-guerra: quase todos os quatorze milhões de toneladas de novos navios lançados pelos Aliados em 1943 eram americanos. Mas a realidade imediata era que a Alemanha tinha perdido a guerra contra o comércio no Atlântico. Nos últimos sete meses de 1943, os afundamentos de navios dos Aliados caíram para duzentas mil toneladas, das quais mais ou menos um quarto foi posto a pique por submarinos. Embora a escassez de tonelagem sempre tenha sido uma limitação estratégica, depois disso nenhum interesse importante dos Aliados foi posto em risco por qualquer ação naval inimiga. Antes da guerra, as importações anuais da Grã-Bretanha totalizavam 68 milhões de toneladas. A cifra caiu para 24,48 milhões de toneladas em 1943, mas em 1944 subiu para 56,9 milhões de toneladas.

Talvez a estatística mais eloquente da Batalha do Atlântico seja que, entre 1939 e 1943, apenas 8% dos comboios lentos e 4% dos comboios rápidos sofreram ataques. Muito já se escreveu sobre a inadequação dos meios dos Aliados para responder à ameaça dos U-boats nos primeiros anos da guerra. A questão existia, mas os alemães tinham problemas muito maiores de recursos. Hitler jamais entendeu o mar. No começo da guerra, ele dispersou esforços industriais e alocações de aço numa série de sistemas de armas. Só reconheceu a oportunidade estratégica de lançar uma grande campanha contra o comércio britânico no Atlântico depois da queda da França, em junho de 1940. A construção de U-boats só se tornou prioridade em 1942 e 1943, quando a força naval dos Aliados crescia rapidamente e a maré da guerra já havia virado. A Alemanha jamais teve capacidade para

interromper a linha de suprimento da Grã-Bretanha pelo Atlântico, embora, em face da severa perda de navios, fosse difícil reconhecer o fato na ocasião.

2 COMBOIOS ÁRTICOS

Quando Hitler invadiu a Rússia, os chefes de estado-maior britânicos e americanos se opuseram ao envio de ajuda militar, argumentando que os recursos de seus países eram restritos demais para que cedessem armas. A Marinha Real via outra objeção estratégica: qualquer material despachado para os soviéticos precisava ser transportado através de seus portos árticos, Murmansk e Arkangel, este último acessível apenas nos meses sem gelo do verão. Seria necessário que comboios viajassem a uma velocidade de oito ou nove nós para suportar uma travessia de, no mínimo, uma semana sob a ameaça de ataques de submarinos, navios e aeronaves alemães baseados no norte da Noruega. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha e o presidente dos EUA rejeitaram essas objeções, afirmando — certamente com razão — que o apoio ao esforço de guerra soviético era uma prioridade absoluta. A princípio, Hitler deu pouca atenção ao significado da ligação ártica para a Rússia, embora sua obsessão com um possível desembarque britânico na Noruega o tenha levado a fortificar seu litoral. Churchill manteve-se um vigoroso defensor desse assalto até 1944, embora frustrado pela oposição implacável de seus chefes militares. O que importava em 1942, entretanto, era a ampla presença naval e aérea alemã no extremo norte, que ameaçava os comboios árticos.

O Primeiro Lorde do Mar, almirante Sir Dudley Pound, lamentou o desvio de recursos da Batalha do Atlântico para a abertura de um novo e arriscado front apenas para ajudar os repugnantes soviéticos, que pareciam fadados a sucumbir aos alemães em pouco tempo. A perspectiva de que elementos da Home Fleet, ultrapassados em poder de fogo, encontrassem um dos principais navios de Hitler, mais provavelmente o *Tirpitz*, incomodava especialmente a Pound: a marinha ficara marcada pelas lembranças das suas dificuldades e perdas antes que o *Bismarck* sucumbisse. A apreensão aumentou com um fracassado ataque aéreo lançado por porta-aviões contra navios costeiros alemães no norte da Noruega em 30 de julho de 1941, que custou onze dentre os vinte bombardeiros-torpedeiros Swordfish despachados — um dos notórios fracassos estratégicos da Marinha Real foi a não interdição do tráfego de minério de ferro, vital para os alemães.

Churchill permaneceu implacável: insistia para que a marinha enfrentasse a travessia, quaisquer que fossem os perigos, transportando para a Rússia o máximo de armas e suprimentos que os britânicos e americanos pudessem oferecer. O primeiro-ministro não recuou diante da possibilidade de uma batalha. Em 1941 e 1942, um dos seus principais objetivos era explorar oportunidades para combater as forças alemãs; ele, assim, exigiu o estabelecimento de um ciclo contínuo de comboios árticos. Os poucos navios mercantes que a Grã-Bretanha despachou para a Rússia no final de 1941 chegaram intactos, transportando pequenas quantidades de tanques, aeronaves e borracha. Os alemães mal perceberam sua passagem.

Porém, em 1942, quando os britânicos começaram a transportar carregamentos substanciais para o leste, as forças de Hitler se interpuseram com cada vez mais vigor. As experiências dos comboios "PQ", como eram designados aqueles que saíam, e dos

comboios "QP", aqueles que voltavam, converteram-se numa epopeia naval da guerra. Mesmo antes que os alemães entrassem na história, o clima ártico foi um inimigo terrível: os navios eram obrigados a abrir caminho em mares colossais, com ondas de doze metros de altura, enquanto transportavam centenas de toneladas extras de gelo no convés. Não foram poucos os homens que caíram no mar, além de, certa vez, uma onda monstruosa arrancar o teto de aço da torre de vante do cruzador *Sheffield*. As placas do navio mercante *J. L. M. Curry* foram rachadas numa tempestade, levando o navio a pique. Na passagem de Murmansk, quase todos os navios sofriam danos provocados pelo mau tempo, até as maiores embarcações eram vulneráveis. O aspirante da marinha Charles Friend serviu a bordo de um porta-aviões: "Lembro-me de olhar do *Victorious*, que oscilava e arfava furiosamente, e ver o *King George V*, de quase oitocentos pés [244 metros] de comprimento, subir a vertente de uma onda (...) Aquelas ondas eram montanhas em movimento (...) Os vagalhões tinham trezentos metros desde a crista até o fundo (...) Nem mesmo a alta borda-livre do *Victorious* o impedia de mergulhar, a proa atravessando uma onda que explodia no convés de pouso (...) Uma delas desabou com tanta força que o elevador dianteiro de aeronaves ficou inoperante (...) O mar entortou a blindagem de quatro polegadas."

Estivadores britânicos, especialmente em Glasgow, adquiriram uma lamentável reputação de negligência na arrumação das cargas, que contrastava com a prática laboriosa dos americanos: não apenas boa parte do material bélico chegava danificada a Murmansk, mas até a sobrevivência dos navios era ameaçada por cargas que se soltavam. Em 10 de dezembro de 1941, por exemplo, tripulantes do navio comercial a frete *Harmatis*, de 5.395 toneladas, abriram uma escotilha ao perceber sinais de fumaça e descobriram que um caminhão em chamas corria solto no porão, destruindo caixas e incendiando fardos. Um oficial, vestindo o único capuz antifumaça do navio, desceu ao caos infernal, com mangueira em punho, até não aguentar mais. O comandante o rendeu e finalmente venceu as chamas para que o navio pudesse voltar, com dificuldade, para o Clyde.

Tripulantes eram obrigados a trabalhar sem descanso, cortando pedaços de gelo pesados e perigosos dos equipamentos e canhões do deque superior, testando armas nas quais os lubrificantes congelavam. Homens andavam vagarosamente, em pesadas camadas de roupa insuficientes para espantar o frio. Alec Dennis, primeiro-tenente de um contratorpedeiro, tentou cochilar no convés, pois sabia que seria escorraçado do beliche: "Apesar de podermos conservar o corpo razoavelmente aquecido, para mim era impossível manter os pés protegidos do frio, mesmo usando as botas forradas com pele."[1] Ele gastava a primeira das quatro horas entre seus turnos de serviço descongelando os pés para conseguir dormir. Os tripulantes subsistiam numa dieta à base de *kye* — cacau — e de sanduíches de carne enlatada servidos em postos de combate, cochilando brevemente entre os ataques alemães. Odiavam a escuridão do inverno ártico, mas a claridade permanente durante o verão era ainda pior. A beleza da aurora boreal zombava da terrível vulnerabilidade dos navios sob seu fulgor. O infeliz *Harmatis* passou por outra experiência dramática em 17 de janeiro de 1942, quando foi atingido por dois torpedos de U-boats que arrebentaram uma escotilha, espalhando pelo cordame do navio roupas que se soltaram das cargas. Enquanto a água inundava o casco furado, o comandante parou o navio para impedir que afundasse. De alguma forma, o dano foi

contido. O *Harmatis* foi conduzido para Murmansk por rebocadores, sob novos ataques de Heinkels da Luftwaffe.

Outros tiveram menos sorte: quando um torpedo detonou no paiol do contratorpedeiro *Matabele*, apenas dois sobreviventes foram resgatados, num mar pontilhado de corpos com coletes salva-vidas, homens que morreram congelados antes que o socorro chegasse. George Charlton, que servia num contratorpedeiro afundado por tiros de canhão quando o cruzador pesado *Hipper* atacou um comboio nos últimos dias de 1942, descreveu o horror de tentar subir pela rede de resgate de uma traineira: "Esperei que uma onda me levantasse até a rede, depois empurrei os braços e as pernas pelas cordas e fiquei pendurado ali até dois marinheiros descerem pela lateral e me puxarem para bordo enquanto um terceiro me levantava pelos cabelos. Baqueei no convés... E então o entorpecimento desapareceu aos poucos e o frio tomou conta de mim. Nunca, antes ou depois, senti algo parecido com a dor que arrasou meu corpo."[2]

O PQ11, em fevereiro de 1942, foi o último comboio a fazer uma travessia relativamente simples, pois seu sucessor teve grandes dificuldades com bancos de gelo. Depois, o PQ12 brincou de cabra-cega com o *Tirpitz*, que, segundo dados da inteligência, estava no mar. Capitães da marinha mercante manifestaram sua indignação quando um noticiário da BBC anunciou que "um valioso carregamento está a caminho da Rússia". Como era frequente na guerra, a propaganda entrava em choque com as operações sigilosas. Em março, a Marinha Real teve sua melhor oportunidade do ano para afundar um encouraçado alemão, quando bombardeiros-torpedeiros Albacore o interceptaram e atacaram no mar; perderam-se dois aviões, mas nenhum disparo atingiu o alvo. Churchill, irado, comparou o fracasso da aviação embarcada com o êxito das aeronaves japonesas, que três meses antes afundaram dois couraçados britânicos — a explicação mais plausível é que os japoneses da costa da Malásia eram aviadores altamente treinados e experientes, ao passo que os tripulantes do Albacore eram, na maioria, relativamente novatos.

U-boats e aviões de bombardeio dizimaram um quarto dos 21 navios mercantes do PQ13, num total de trinta mil toneladas, após uma tempestade torná-los vulneráveis, enquanto o mau funcionamento de um torpedo fez com que o cruzador *Trinidad* causasse danos a si mesmo quando tentava afundar um contratorpedeiro alemão danificado. No que diz respeito aos sobreviventes de navios mercantes, a experiência dos tripulantes do *Induna*, posto a pique por um U-boat em 30 de março, não foi atípica. Dois barcos salva-vidas escaparam na escuridão, carregando muitos homens queimados ou escaldados. A hipotermia matou rapidamente os feridos — sete na primeira noite —, a água doce dos barcos congelou e apenas um deles foi finalmente encontrado, com um foguista canadense vivo entre oito corpos. Dos 64 homens do *Induna*, 24 foram resgatados, entre os quais apenas seis não perderam membros devido a ulcerações por congelamento.

Por causa da ameaça representada pelo *Tirpitz*, cada comboio requeria a proteção de um número de navios de guerra quase igual à quantidade de navios mercantes. Contratorpedeiros ofereciam proteção contra U-boats. Navios mercantes eram equipados com canhões antiaéreos, de forma que as embarcações reunidas constituíam uma barragem formidável contra ataques de Heinkels. Na direção leste, cruzadores protegiam os comboios dos contratorpedeiros alemães até Bear Island, ao norte da Noruega — o

Edinburgh repeliu um desses assaltos contra o PQ14. Grandes navios da Home Fleet espreitavam no horizonte, prontos para intervir caso houvesse investidas de couraçados alemães.

Dois dias a leste do ponto de concentração na Islândia, uma aeronave alemã de longo alcance, geralmente um Focke-Wulfe Condor, aproximava-se do comboio e voava em círculos além do alcance dos canhões, transmitindo sinais de localização para a Luftwaffe na Noruega. Marinheiros detestavam a debochada ameaça do "Snoopy Joe", arauto dos ataques aéreos e de U-boats que duravam dias. O lento matraquear das armas automáticas dos navios, as negras fumaradas das explosões de bombas que enchiam o céu, as colunas de água levantadas por tiros que quase acertavam o alvo e por torpedos que detonavam, o rugir de aeronaves em voos rasantes e as abafadas explosões de bombas arrebentando abaixo dos conveses se impunham num cenário esculpido pelas ondas, pelo gelo e pela "fumaça ártica", uma camada de névoa que geralmente reveste as águas glaciais.

Uma cobertura aérea primitiva foi inaugurada em abril de 1942 com o primeiro CAM, navio mercante equipado com catapulta para Hurricane, cujo piloto usaria um paraquedas para cair no mar após uma única decolagem. Os aviões dos navios CAM raramente obtinham êxito, pois normalmente eram lançados tarde demais, e exigiam coragem suicida dos tripulantes, que tinham, quando muito, 50% de chance de serem resgatados antes de morrerem congelados no mar. Cada comboio sofria uma modalidade particular de tragédia. Seis navios do QP13, que voltavam para casa, foram perdidos num campo minado britânico na costa da Islândia. Quando um torpedo atingiu o navio do comodoro do PQ14, o carregamento de munição explodiu, despedaçando a tripulação na sala de máquinas. Quarenta sobreviventes pularam no mar, onde apenas nove resistiram aos ferimentos infligidos quando uma traineira tentou atingir com cargas de profundidade um U-boat agressor. Bem a oeste dali, um contratorpedeiro foi partido em dois ao passar em frente à proa do encouraçado *King George V*, que, por sua vez, também foi mandado para as docas devido aos danos infligidos pela detonação das cargas de profundidade do contratorpedeiro atingido. Os cruzadores *Trinidad* e *Edinburgh* foram afundados após acirrados combates e nobres esforços para controlar danos. Um oficial engenheiro do mortalmente avariado *Trinidad* recusou-se a abandonar seus foguistas, homens quase sempre condenados à morte quando os navios afundavam. Apesar da concussão resultante das explosões de bombas, foi visto pela última vez rastejando para retirá-los sob escotilhas emperradas enquanto o cruzador afundava. Seu nome deveria ser conhecido pela posteridade: tenente John Boddy.

Nem todos os envolvidos nas batalhas do Ártico exibiam esse heroísmo. Enquanto as tripulações de marinha mercante dos Aliados demonstravam espírito de luta notável, outras fugiam o mais rápido possível das embarcações avariadas, como a tripulação americana do *Christopher Newport*, que subiu a bordo de um navio de resgate trajando vistosamente suas melhores roupas e levando a bagagem após abandonar dez mil toneladas de munição. Marinheiros britânicos apavorados, em diversas ocasiões, baixaram barcos salva-vidas de maneira tão afobada que os ocupantes caíam no mar. Quanto aos alemães, tripulações de comboios surpreendiam-se com a falta de determinação de alguns pilotos da Luftwaffe, que falhavam em atacar quando se deparavam com barragens intensas. A marinha alemã, enquanto isso, tinha sua eficiência severamente restringida pela insistência de Berlim em tomar todas as decisões importantes sobre quando empregar navios couraçados. Repetidas vezes revoltados oficiais da

Kriegsmarine receberam ordem para suspender a luta e buscar a segurança dos fiordes noruegueses.

À medida que as batalhas de comboios de 1942 se tornavam mais intensas e onerosas, servidores da marinha mercante manifestavam consternação com o tratamento que recebiam da marinha de guerra. Ressentiam-se de que os grandes cruzadores voltavam em Bear Island porque a ameaça aérea a partir daquele ponto era tida como inaceitável. Queixavam-se de que as escoltas frequentemente abandonavam os comboios para caçar U-boats. Consideravam incompreensível que, sendo os carregamentos tão valiosos, a cobertura aérea oferecida fosse tão escassa. Principalmente, protestavam contra esperarem deles que navegassem, dia após dia, pelas águas mais perigosas do mundo sem saber o que estava acontecendo além do que conseguiam ver com os próprios olhos nos seus conveses superiores cobertos de gelo. "Um dos problemas na marinha mercante era ser tratado como criança", disse mais tarde um capitão. "Não nos passavam informação alguma. Era realmente perturbador."[3]

Navios mercantes arrastavam-se pelo mar gélido mais lentamente do que um homem correndo, expostos a ataques de bomba e a torpedo mais mortais do que os usados na campanha do Atlântico. Um alto oficial de cruzador advertiu ao Almirantado em maio: "Nós somos pagos para executar este tipo de serviço, mas começa-se a se exigir demais dos homens da marinha mercante. Podemos escapar de bombas e torpedos com nossa velocidade — um navio que avança a seis ou oito nós não tem essa vantagem." Alguns americanos recuavam diante dos perigos da viagem russa: houve um motim a bordo do velho navio a frete *Troubadour*, quando vinte homens se recusaram a navegar, sufocado pelo comandante norueguês com a ajuda da guarda armada da marinha americana. Os responsáveis, "uma mistura infeliz e poliglota de vagabundos do mar e marujos americanos extravagantemente bem pagos, que recebiam um adicional de perigo, além dos ordenados", foram trancafiados numa prisão russa quando chegaram a Murmansk.

Ainda assim, Churchill rejeitou furiosamente a insistência da Marinha Real para que as operações de comboio fossem suspensas durante os meses de perpétua claridade do verão ártico. "Os russos estão em combates pesados e esperam que corramos o risco e paguemos o preço correspondente à nossa contribuição", escreveu ele. "A operação se justifica se metade passar. Se não tentarmos, perderemos influência com nossos dois principais aliados." A experiência do PQ16 pareceu justificar sua determinação. Trinta e seis navios partiram da Islândia em 21 de maio; os ataques da Luftwaffe eram frequentes, mas pouco determinantes. Apesar de muitos alertas sobre U-boats, em 26 de maio apenas um navio havia sido afundado. Um contratorpedeiro enviou seu médico, num pequeno barco, para um navio russo danificado onde resgataria três homens gravemente feridos, que seriam depois operados. O *Ocean Voice* foi atingido por uma bomba que lhe abriu um imenso buraco na lateral, mas, em mares calmos, o navio conseguiu manter-se em posição e finalmente chegar à Rússia "com a ajuda de Deus", nas palavras de um marinheiro.

Alguns navios ficaram sem munição para os canhões antiaéreos, mas muitos ataques foram repelidos. Homens nos conveses superiores do contratorpedeiro polonês *Garland* sofreram baixas impressionantes, provocadas por bombas que explodiam por perto. Em Murmansk, encontraram-se as palavras "VIDA LONGA À POLÔNIA" rabiscadas em sangue nos equipamentos do convés superior do navio. "Eram homens duros", disse um

oficial de marinha mercante, em tom respeitoso. Todos os navios do comboio, menos sete, conseguiram chegar, e 371 tripulantes e artilheiros dos navios afundados foram resgatados graças a façanhas extraordinárias de coragem e de habilidade. O almirante Sir John Tovey, comandante em chefe da Home Fleet, cuja cautela Churchill lamentara, afirmou que "a situação estratégica era totalmente favorável ao inimigo", mas reconheceu que o êxito do PQ16 "excedeu as expectativas".

Contudo, o mês seguinte testemunhou o episódio mais desonroso da guerra na Marinha Real. O PQ17, que compreendia 36 navios, principalmente americanos, partiu da Islândia em 27 de junho, transportando 594 tanques, 4.246 viaturas, 297 aeronaves e mais de 150 mil toneladas de provisões militares e genéricas. Os britânicos sabiam, graças a interceptações Ultra, que os alemães planejavam um grande ataque contra o comboio, inclusive uma incursão de navios couraçados de codinome *Rosselsprung* — "Jogada do Cavalo". Hitler declarara que "as intenções anglo-americanas (...) dependem de manter a capacidade da Rússia mediante o máximo de remessas de material bélico", finalmente reconhecendo a importância dos comboios árticos. O Almirantado assumiu a direção operacional do PQ17 e de suas unidades de apoio, porque a experiência mostrara que Tovey, no mar em seu navio capitânia, não podia controlar com eficácia uma força numerosa e dispersa mantendo silêncio-rádio.

As primeiras escaramuças tiveram caráter familiar. Um Condor da Luftwaffe começou a circular ao largo da ilha de Jan Mayen em 1º de julho e hidroaviões He115 com torpedos atacaram de forma pouco convincente e malsucedida, levando o contratorpedeiro americano *Wainwright* a avançar diretamente contra o avião atacante e descarregar tudo que tinha. Em 3 de julho, porém, o Almirantado ordenou que a proteção de cruzadores do comboio se virasse e seguisse para oeste, na direção dos navios couraçados alemães que, acreditava, estavam no mar. No dia seguinte, três navios mercantes foram afundados; ao anoitecer, um descrente capitão de mar e guerra "Jackie" Broome, comandando a escolta, recebeu um telegrama de Londres: "Secreto e imediato. Devido à ameaça de navios de superfície o comboio deve dispersar e seguir para portos russos." Treze minutos depois, outro breve telegrama confirmou: "Comboio deve dispersar." Após transmitir a ordem para o comboio, relutante, Broome encostou num navio mercante e falou com o comandante por intermédio de um megafone: "Lamento deixá-los assim, até logo e boa sorte. Não gosto nada disso."

O *Tirpitz* fez realmente uma breve incursão em 6 de julho, mas foi instruído a voltar à Noruega, para desgosto de tripulantes e escoltas. O capitão de um contratorpedeiro alemão escreveu naquele dia: "O estado de espírito é de ressentimento. Logo, logo, teremos vergonha de estar no quadro da ativa (...) vendo outras partes das forças armadas lutarem enquanto nós, 'o cerne da frota', ficamos sentados no porto."[4] No entanto, os alemães não precisavam arriscar seus grandes navios: a Luftwaffe e os U-boats afundaram 24 navios mercantes do PQ17, que combatiam sem proteção em trajetos solitários para a Rússia. Entre seus tripulantes civis, 153 morreram, enquanto os navios de guerra britânicos não perderam nenhum; o vexame da Marinha Real era óbvio, assim como o asco dos americanos e o desprezo dos russos. Na verdade, é possível que o PQ17 fosse destruído pelo *Tirpitz*, mas a resposta da marinha, concentrada no lema "cada homem por si", e o abandono do comboio por sua escolta romperam séculos de tradição e

inspiraram desconfiança duradoura dentro da marinha mercante, numa época em que seu moral, de qualquer forma, era precário.

A decisão foi resultado de uma intervenção pessoal do Primeiro Lorde do Mar, almirante Sir Dudley Pound, que já merecia escassa confiança dos seus pares e tinha a saúde fragilizada — é extraordinário que não tivesse sido demitido, mas Churchill achava-o simpático e por isso o manteve no cargo até pouco antes de ele morrer, em outubro de 1943. Um ministro do governo, Philip Noel-Baker, foi mandado a Glasgow para falar com os sobreviventes do PQ17 no St. Andrew's Hall. "Sabemos quanto o comboio nos custou", disse-lhes. "Mas quero dizer que, qualquer que tenha sido o custo, valeu a pena." Foi, então, vaiado por homens amargurados. O governo cobriu todo o episódio com um manto de censura, suprimindo um relato de autoria do correspondente Godfrey Winn, que viajara com o comboio, e somente depois da guerra a magnitude da estupidez cometida pelo Almirantado foi revelada ao público.

O PQ18 só zarpou em setembro de 1942, quando perdeu treze de seus quarenta navios, dez atacados por aviões. Entre os homens da Marinha Real e da marinha mercante, tornou-se consenso que a travessia pelo Ártico representava a pior experiência da guerra no mar. Winn perguntou ao comandante Robert Sherbrooke, que se recuperava de ferimentos graves sofridos numa das batalhas, o que lhe valeu uma Victoria Cross, sobre a perda do *Bramble*, em que o correspondente viajara com o PQ17. Sherbrooke respondeu: "Houve apenas um súbito clarão no horizonte, e isso foi tudo." Foi assim que a nêmesis atacou muitos navios. Um marujo contou sobre seu encontro com sobreviventes do cruzador *Edinburgh*, que lhe pareceram "uns camaradas muito tristes e nervosos".[5] Alguns homens que serviram nos comboios ficaram por muito tempo traumatizados pelas experiências.

No inverno de 1942, outra decisão imprudente foi tomada pelo Almirantado: enviar navios mercantes para a Rússia, individualmente, sem escoltas, a serem tripulados por voluntários atraídos pela ajuda financeira de cem libras esterlinas para os oficiais e cinquenta libras para os marinheiros. Cinco de treze navios chegaram; um encalhou em Spitzbergen, onde os sobreviventes sofreram semanas de terríveis privações, tendo a maioria morrido por gangrena provocada por ulcerações de congelamento, até que um punhado foi resgatado por uma patrulha de esquiadores noruegueses. Em outro navio, o *Empire Archer*, houve um motim entre os foguistas — a escória da infame prisão de Barlinnie na Escócia — que tiveram acesso ao rum destinado a Arkangel, quando dois marinheiros foram esfaqueados antes que se restabelecesse a disciplina.

Mesmo quando chegavam à Rússia, as tripulações tinham poucos motivos para se alegrar. "A chegada à angra de Kola foi estranha",[6] escreveu um marinheiro. "Era dezembro e bastante escuro. Havia grandes espirais de nevoeiro, água negra e gelo coberto de neve. As rochas nuas de cada lado da angra eram ameaçadoras, e o silêncio só era quebrado pelo barulho de lúgubres buzinas de nevoeiro de diversificados timbres e volumes (...) Senti que, se o inferno fosse frio, aquilo ali seria uma amostra." Em Murmansk, eles continuaram sujeitos a ataques quase diários da Luftwaffe. Uma bomba caiu num compartimento do cargueiro *Dover Hill*, onde se alojou, sem explodir, sob seis metros de carvão. O comandante e os tripulantes trabalharam dois dias e duas noites, removendo baldes de carvão, antes que pudessem içar a bomba, com infinita cautela, para ser desarmada no convés. Em terra, a hospitalidade russa era fria, e as instalações,

praticamente inexistentes. Marinheiros britânicos proclamaram por seus camaradas soviéticos um entusiasmo que se evaporou na recepção gélida; marujos americanos, privados de todos os confortos a que estavam acostumados, horrorizaram-se. Os Aliados não tiveram licença para alimentar qualquer ilusão de que a assistência ocidental viesse a merecer a gratidão dos soviéticos. Um russo afirmou, depois da guerra: "Deus sabe que retribuímos à altura. Em vidas russas."[7] O que era verdade.

A virada do ano provou-se o ponto crítico na campanha. O clima e o inimigo, especialmente U-boats armados com torpedos acústicos, garantiram que o serviço nos comboios árticos nunca se tornasse uma experiência menos do que miserável e inquietante, mas as perdas foram drasticamente reduzidas. Em 1943, a Marinha Real enfim pôde empregar porta-aviões de escolta e defesas poderosas contra submarinos e ataques aéreos. Os alemães, em apuros na Rússia e no Mediterrâneo, foram obrigados a desviar boa parte da sua força aérea e submarina presente na Noruega. Hitler recusou-se a sancionar grandes ataques com navios de guerra contra comboios até dezembro de 1943, quando os alemães fizeram uma incursão imprudente com o *Scharnhorst*, que foi afundado na costa do cabo Norte por uma frota britânica comandada pelo encouraçado *Duke of York*.

Os Estados Unidos começaram a transportar maciços volumes de suprimentos por outras rotas: metade das remessas americanas durante a guerra chegou à Rússia por seus portos no Pacífico, um quarto pela Pérsia e apenas outro quarto — 4,43 milhões de toneladas — via Arkangel e Murmansk. Os custos humanos dos PQs foram surpreendentemente baixos se comparados a outros campos de batalha: apesar dos dezoito navios de guerra e dos 87 navios mercantes perdidos, apenas 1.944 homens da marinha e 829 marinheiros mercantes morreram em serviço nos comboios árticos entre 1941 e 1945. Os alemães perderam um encouraçado, três contratorpedeiros, 32 U-boats e um número indeterminado de aeronaves. Em vista das oportunidades extraordinárias que tiveram para dominar o Ártico em 1942, é notável que tenham afundado tão poucos navios dos Aliados.

A Marinha Real qualificou os comboios russos entre os desafios mais formidáveis enfrentados durante a guerra. Para azar da instituição, o profissionalismo e a coragem que caracterizaram seu desempenho foram maculados pela lembrança do PQ17. A aviação embarcada nunca se distinguiu no norte, em parte pela falta de boas aeronaves. Alguns oficiais de altas patentes da marinha jamais demonstraram imaginação que se comparasse à coragem e às habilidades marítimas dos subordinados e recusaram-se a reconhecer, como Churchill e Roosevelt fizeram, que era preciso, a qualquer custo, enviar ajuda à Rússia. Se é verdade que os suprimentos despachados em 1941 e em 1942 tiveram importância mais simbólica do que material para o resultado da guerra na Frente Oriental, é também verdade que foram uma demonstração crucial do apoio dos Aliados Ocidentais à decisiva campanha para destruir Hitler.

3 A PROVAÇÃO DA PEDESTAL

Entre 1940 e 1943, o Mediterrâneo testemunhou alguns dos combates mais sangrentos da guerra da Marinha Real. Submarinos britânicos, baseados em Malta quando as condições

permitiam, atacaram linhas de suprimento do Eixo para o Norte da África com algum êxito, e esquadrões de batalha procuraram se impor contra a marinha italiana, os U-boats e a Luftwaffe. O almirante Sir Andrew Cunningham infligiu severos danos à frota italiana em seu ataque aéreo de novembro de 1940 contra Taranto, em que utilizou porta-aviões, e no combate de superfície ao largo do cabo Matapan em 28 e 29 de março de 1941, mas cada operação de navios de porte em mar aberto, ao alcance dos tiros inimigos, era um empreendimento arriscado, pelo qual se pagava um preço exorbitante: o porta-aviões *Illustrious* foi seriamente avariado por bombas alemãs em janeiro de 1941. Em 25 de novembro daquele ano, o encouraçado *Barham* explodiu, perdendo a maioria dos tripulantes, após ser torpedeado por um submarino alemão, e os encouraçados *Queen Elizabeth* e *Valiant* repousaram durante sete meses no porto de Alexandria, vitimados por um ataque de corajosas tripulações de torpedos humanos italianos em 19 de dezembro de 1941. A Marinha Real, após perder cinco grandes navios em um mês, precisou ceder o Mediterrâneo central ao Eixo durante algum tempo. Havia perdas constantes de cruzadores e contratorpedeiros britânicos atingidos por minas, bombas e torpedos. Durante meses de 1941, a marinha sofreu severamente enquanto mantinha aberta uma ligação marítima para a sitiada Tobruk, importante pelo ponto de vista simbólico, senão militar.

A realidade estratégica que predominava consistia na constante vulnerabilidade da Marinha Real no Mediterrâneo, situação que perdurou até o exército britânico recuperar o controle do litoral norte-africano e proporcionar bases para a Força Aérea Real. Em 1942, os perigos aumentaram com o reforço do número de U-boats, mas Winston Churchill conduziu o esforço de guerra com a noção de que a Grã-Bretanha deveria desafiar o inimigo em todas as oportunidades, especialmente quando o exército conquistara tão pouco em tanto tempo. Malta, ao alcance das bases aéreas sicilianas do Eixo, sofreu quase três anos de bombardeios intermitentes: em março e abril de 1942, a pequena ilha recebeu o dobro da tonelagem de bombas lançadas em Londres durante toda a blitz, sua população quase morreu vítima da inanição e a flotilha de submarinos lá estacionada precisou ser transferida. Os requisitos para preservar Malta tornaram-se prioritários para a Marinha Real, e cada navio de suprimentos enfrentou ataques aéreos, de U-boats e de superfície. Cada comboio exigia uma frota de apoio: encouraçados eram indispensáveis caso houvesse pesadas incursões de unidades italianas, e porta-aviões eram necessários para cobertura aérea, além das escoltas de cruzadores e contratorpedeiros. Cada viagem desencadeava uma batalha épica. A mais famosa, ou notória, aconteceu em agosto de 1942, quando a escassez de petróleo, de aeronaves e de alimentos em Malta atingiu proporções desesperadoras e a operação Pedestal foi lançada para prestar socorro.

O vice-almirante Edward Syfret assumiu o comando da frota que partiu de Clyde em 3 de agosto, escoltando quatorze navios mercantes. Vários desses eram navios americanos fretados, especialmente o petroleiro *Ohio*, operado por tripulantes britânicos. Todos foram equipados com armamentos antiaéreos guarnecidos por soldados, e, na passagem para Gibraltar, o comboio exercitou intensamente técnicas de tiro e manobras. Os navios que partiram em 10 de agosto para a jornada até Malta formavam uma falange poderosa: os encouraçados *Nelson* e *Rodney*, os porta-aviões *Victorious*, *Indomitable* e *Eagle*, o velho porta-aviões *Furious*, transportando Spitfires para reforçar a ilha assim que a distância diminuísse o suficiente para decolarem, seis cruzadores, 24 contratorpedeiros e uma

flotilha de embarcações menores. Para um aspirante a bordo de um navio mercante, foi "uma visão fantasticamente maravilhosa".[1]

Poucas semanas se passaram desde a humilhação da Marinha Real no Ártico, o que se refletia na atitude geral: um comandante de contratorpedeiro, capitão de fragata David Hill, disse: "Havia um forte sentimento de desespero e sede de sangue depois do PQ17." Uma das flotilhas de contratorpedeiros da operação Pedestal, comandada por "Jackie" Broome, passara pela medonha experiência. Um grande número de olhos alemães e italianos, observando Gibraltar a partir da Espanha e do Norte da África, viu a frota partir, e os comandantes do Eixo não se iludiram com um falso comboio que partiu simultaneamente de Alexandria, navegando pelo Mediterrâneo Oriental. "Senti, de fato, que alguns de nosso grupo entravam nas águas estreitas numa ação desesperada",[2] escreveu George Blundell, do encouraçado *Nelson*, "e rezei ao Senhor do Destino por sua ajuda."

Em 11 de agosto, num mar calmo e azul, alguns Spitfires do *Furious* levantaram voo rumo a Malta, a 885 quilômetros, aonde a maioria chegou a salvo. Porém, houve então o primeiro desastre. No Mediterrâneo Ocidental, os sonares Asdic foram confundidos pelas estranhas condições subaquáticas criadas pela confluência de mares quentes com correntes atlânticas mais frias, deixando os navios extremamente vulneráveis a ataques submarinos. Enquanto os caças decolavam, uma salva de torpedos disparados pelo U-73 atingiu o *Eagle*, que afundou em oito minutos, perdendo 260 homens de seu efetivo, cujo total era de 1.160. "Foi uma cena horrorosa vê-lo virar de lado, emborcar e afundar com uma velocidade terrível",[3] escreveu uma testemunha consternada. "Viam-se homens e aviões caindo do convés de pouso enquanto ele emborcava (...) A cena abala qualquer um. Se alguém filmou, a película deveria ser exibida para todo o país (...) Lembro-me de pensar nos homens presos dentro do navio." Naquela noite, o *Furious*, com o convés de pouso deserto, seguiu para casa em busca de segurança. Um dos navios de escolta, o contratorpedeiro *Wolverine*, localizou um submarino italiano e avançou para abalroar; o navio do Eixo afundou, mas o *Wolverine* sofreu danos severos.

Às 20h45, o primeiro ataque aéreo inimigo foi lançado contra a Pedestal, por 36 Heinkel 111 e Ju88, que decolaram a partir da Sicília, sem atingir nenhum alvo e com a perda de quatro aeronaves alemãs derrubadas por uma intensa barragem antiaérea. No dia seguinte, ao meio-dia, ocorreu um ataque mais sério, realizado por setenta bombardeiros e aviões-torpedeiros escoltados por caças. A batalha estendeu-se por duas horas. O cargueiro de frete *Deucalion* foi danificado por um bombardeiro-torpedeiro e afundou na costa da Tunísia, apesar dos nobres esforços de seu comandante, Ramsay Brown, para salvá-lo. Ao longo da tarde, o comboio sobreviveu ileso a uma emboscada de submarinos. O contratorpedeiro *Ithuriel* abalroou e afundou outro navio italiano, depois de também sofrer avarias.

Na noite de 12 de agosto, a Luftwaffe e a força aérea italiana voltaram: uma centena de bombardeiros e bombardeiros-torpedeiros atacou, em todas as direções e altitudes, para confundir a defesa. Equipes de artilharia antiaérea disparavam quase continuamente enquanto cápsulas vazias se amontoavam ao lado das plataformas de canhões, milhares de fiapos de fumaça negra marcavam o céu brilhante, e o barulho dos estridentes motores de avião competia com o matraquear e o troar de armamentos de todos os calibres. O contratorpedeiro *Foresight* foi afundado, e o porta-aviões *Indomitable*, severamente danificado por três bombas perfurantes. Ainda fora do estreito da Sicília, Syfret retirou

seus navios de porte para oeste, deixando uma escolta encabeçada por seis cruzadores, comandada pelo vice-almirante Harold Burrough, para proteger o comboio até Malta.

A agonia da operação Pedestal começava de fato. Uma hora após Syfret separar-se, o submarino italiano *Axum* alcançou um brilhante êxito triplo: num ataque, afundou o navio capitânia de Burrough, *Nigeria*, e o cruzador antiaéreo *Cairo*, atingindo também o petroleiro *Ohio*. As perdas detonaram a capacidade do comboio para direcionar caças, pois os dois cruzadores levavam os únicos aparelhos de rádio capazes de comunicação de voz com os aviões baseados em Malta. Então, enquanto a claridade diminuía e os navios britânicos perdiam sua formação e se amontoavam, a Luftwaffe voltou. Aviões Ju88 afundaram os navios mercantes *Empire Hope* e *Clan Ferguson* e avariaram o *Brisbane Star*. Pouco depois, o torpedo de um submarino danificou o cruzador *Kenya*. Na escuridão das primeiras horas de 13 de agosto, lanchas torpedeiras alemãs e italianas lançaram uma série de ataques que duraram horas. A defesa era frágil, pois Burrough decidira que iluminar o campo de batalha com projéteis ajudaria mais ao inimigo do que aos seus próprios atiradores. O cruzador *Manchester* foi fatalmente avariado, quatro navios mercantes foram a pique e um quinto, atingido. A única compensação para tantas perdas nas mornas águas de verão do Mediterrâneo foi que pôde ser resgatado um número muito maior de sobreviventes do que no Ártico ou no Atlântico.

Ao raiar do dia, a Luftwaffe retornou, afundando outro navio mercante. O *Ohio* sofreu ainda mais danos, porém continuou avançando, com dificuldade, até novos ataques, no final daquela manhã, pararem seus motores. Outros dois navios mercantes foram avariados e precisaram ser abandonados com uma escolta de contratorpedeiros. Às 16 horas, seguindo ordens de Burrough, três cruzadores sobreviventes viraram e rumaram para Gibraltar. Três navios mercantes — *Port Chalmers*, *Melbourne Star* e *Rochester Castle*, este com o convés quase inundado — esforçaram-se para percorrer os últimos quilômetros até Malta, conduzidos por pequenas embarcações da ilha. Às 18 horas de 13 de agosto, enquanto multidões comemoravam ao redor das velhas fortificações, os três navios entraram no Grand Harbour. Os alemães puseram-se a destruir os retardatários, afundando o avariado *Dorset* e atingindo mais uma vez o *Ohio*. Por um milagre, atribuído em parte à sua robusta construção americana, o petroleiro seguiu caminho, rebocado por um contratorpedeiro e por dois caça-minas. Na manhã de 15 de agosto, dia da festa católica pela Assunção de Nossa Senhora, o *Ohio* alcançou o porto e começou a descarregar. Seu comandante, Dudley Mason, recebeu a George Cross; o *Brisbane Star* também concluiu a travessia.

O comboio da operação Pedestal entregou 32 toneladas de provisões, doze mil toneladas de carvão e petróleo suficiente para dois meses de consumo, numa operação em que cinco dos quatorze navios mercantes sobreviveram. A postura agressiva da marinha dissuadiu a frota italiana a entrar na batalha, e, de qualquer maneira, os encouraçados de Mussolini estavam imobilizados por falta de combustível. Os aviões da RAF lançaram dispositivos luminosos sobre os cinco cruzadores que pusera no mar, convencendo-os de que enfrentariam um risco inaceitável se perseverassem. O tenente Alastair Mars, no comando do submarino *Unbroken*, vingou-se, de certo modo, das perdas britânicas de navios de guerra ao torpedear os cruzadores *Bolzano* e *Muzio Attendolo*, mas, quando a batalha da Pedestal terminou, o comandante George Blundell, do encouraçado *Nelson*, fez uma triste avaliação: “A maioria de nós se sentia deprimida com a operação. Nós a

chamávamos de operação M, de *murder* [assassinato]. 'A marinha progride com as impossibilidades', disse a BBC. Sim, mas até quando pode prosseguir assim?"[4]

Os três dias de drama da Pedestal foram quase igualados pelas experiências e pelos sofrimentos de outros comboios e escoltas para Malta. Nem todos os que navegaram se distinguiram: houve episódios vergonhosos em que tripulações de navios mercantes abandonaram as embarcações desnecessariamente e em que marujos correram para botes salva-vidas enquanto seus navios ainda navegavam. Um enojado comandante Brown, do *Deucalion*, em que alguns homens deixaram seus postos prematuramente, disse depois: "Eu jamais imaginaria que qualquer britânico pudesse comportar-se de modo tão desfavorável."[5] Contudo, a história, em geral, demonstrou um belo esforço. No inverno de 1942, a pior parte do suplício mediterrâneo da Grã-Bretanha terminara e decodificações Ultra permitiam a navios e a aeronaves dos Aliados causar estragos cada vez maiores às linhas de suprimento de Rommel: as perdas navais do Eixo no Mediterrâneo subiram de 15.386 mil toneladas, em julho, para 33.791, em setembro, 56.303, em outubro, e 170 mil nos dois meses seguintes. Em novembro, Montgomery alcançou a vitória em El Alamein e os americanos desembarcaram no Norte da África. O cerco a Malta foi aliviado pouco depois.

Manter a ilha desde 1940 custara à Marinha Real um encouraçado, dois porta-aviões, quatro cruzadores, um lança-minas, vinte contratorpedeiros e caça-minas e quarenta submarinos. A RAF perdeu 547 aeronaves no ar e 160 no solo. Em terra, a defesa de Malta custou a vida de 1.600 civis, setecentos soldados e novecentos homens da RAF. Na água, 2.200 tripulantes de navios de guerra, 1.700 submarinistas e duzentos marinheiros mercantes morreram. Depois, em 1943 e em 1944, o domínio dos Aliados no Mediterrâneo manteve-se contestado e oneroso, mas a vantagem estratégica distanciava-se do Eixo. As responsabilidades cruciais da Marinha Real nos dois últimos anos da guerra consistiram em escoltar exércitos dos Aliados até novos campos de batalha, além de organizar e proteger uma sucessão de amplos desembarques anfíbios. Se a ameaça dos submarinos e aviões alemães persistiu até o fim — navios de guerra britânicos sofreram severamente na malfadada campanha do Dodecaneso no outono de 1943 —, a Marinha Real vencera as batalhas decisivas da guerra europeia no mar não em combates entre frotas, mas mantendo os direitos globais de passagem da Grã-Bretanha em face do poderio aéreo e dos U-boats. Ao cumprir tais responsabilidades, a maioria dos comandantes e tripulantes manteve as mais altas tradições da instituição.

12
A fornalha: a Rússia em 1942

As experiências intensas que a guerra infligiu à Rússia provocaram um ressurgimento da devoção religiosa, fenômeno que Stalin não tentou suprimir. Na Páscoa de 1942, o toque de recolher noturno foi suspenso em Moscou, e a doutora Sof'ya Skopina foi à grande catedral ortodoxa na praça Elokhovskaya. "Chegamos às 8 horas da noite. Havia uma pequena fila para benzer o *kulich* [pão da Páscoa] e os ovos. Uma hora depois, a multidão era tão grande que ninguém podia se virar e não havia ar para respirar. Entre o povo, mulheres gritavam: 'Estão me esmagando. Vou desmaiar!' A atmosfera tornou-se tão úmida que gotas desciam pelas colunas. Velas que passavam de uma pessoa para outra lançavam espirais de fumaça. Havia muitos jovens (não sei por que foram ali). Mães levavam seus filhos, e apareceram muitos militares. Havia gente sentada até na cruz com a imagem de Cristo. Era como uma multidão numa partida de futebol. Às 11 horas, um padre apareceu e anunciou: 'Nossos amigos britânicos estão quase chegando.' Não pudemos mais respirar e fomos para fora, onde vimos vários carros chegarem. Eram os britânicos [a delegação da embaixada]."[1]

A enfermeira do exército Evdokiya Kalinichenko escreveu em maio: "Tivemos uma pequena pausa, pela primeira vez este mês. Arrumamos os feridos, nos cuidamos e nos lavamos numa *banya* [casa de banhos] de verdade. Andamos por tantas estradas. Todos os tipos de estradas... Principalmente estradas rurais, quase sempre enlameadas, sulcadas e deterioradas pela chuva, por buracos, por obstáculos. O coração aperta quando o veículo sacoleja: a maioria dos passageiros está gravemente ferida, e, para alguns, esses solavancos podem ser fatais. Agora, porém, temos tanto silêncio à nossa volta que é difícil acreditar que haja guerra em algum lugar do planeta. Caminhamos pelo mato e juntamos apanhados de flores. O sol brilha, o céu é azul. Continuamos olhando para o alto, por força do hábito, mas vemos apenas nuvens em movimento. Pensamos que os alemães finalmente foram contidos e não tentarão avançar: eles aprenderam sua lição nas proximidades de Moscou."[2]

Kalinichenko esperava demais quando ainda era cedo demais. Embora os russos tivessem uma grande população e pudessem substituir suas terríveis perdas de 1941, ainda não dispunham do poder de combate e do apoio logístico que sustentassem ataques com penetrações profundas. A ofensiva lançada no Ano-Novo por cinco frentes ou grupos de exércitos, dirigidos pessoalmente por Stalin, extinguiu-se antes que o degelo da primavera interrompesse o movimento. Os alemães mantiveram sua posição ao sul de Leningrado e a ameaça à cidade, deslocando-se para interceptar a frente de Volkhov e destruir o Segundo Exército de Choque. Seu comandante, o tenente-general Andrey Vlasov, foi capturado e então formou um "Exército de Libertação Russa" cossaco para os nazistas.

Na Crimeia, os alemães bloquearam a saída ocidental da península de Kerch, isolando um vasto exército russo, e então contra-atacaram. Entre 8 e 19 de maio, Manstein obteve outro triunfo, esmagando a frente da Crimeia e fazendo 170 mil prisioneiros. Sete mil sobreviventes refugiaram-se em cavernas de pedra calcária até os alemães explodirem os

acessos e bombearem gás para o interior. O tenente-general Gunther Blumentritt, que se tornou comandante de exército da Wehrmacht, escreveu sobre os russos como se descrevesse animais selvagens que ele não poderia respeitar, mas que temia a contragosto:

> O homem oriental é muito diferente de seu semelhante ocidental. Tem uma capacidade muito maior para suportar adversidades, e essa passividade induz um alto grau de compostura diante da vida e da morte (...) O homem oriental não tem muita iniciativa; está acostumado a cumprir ordens, a ser liderado. [Os russos] importam-se pouco com o que comem ou vestem. É surpreendente por quanto tempo podem sobreviver à base do que, para um homem ocidental, seria uma dieta de fome (...) O estreito contato com a natureza habilita esse povo a movimentar-se livremente, à noite ou sob nevoeiro, por matas e pântanos. Eles não têm medo do escuro nem das suas florestas intermináveis nem do frio (...) O siberiano, que é parcial ou totalmente asiático, ainda é mais resistente (...) O efeito psicológico do país no soldado alemão foi considerável. Ele se sentia pequeno e perdido naquele espaço infinito (...) Um homem que sobreviveu ao inimigo russo e ao clima russo tem pouco mais a aprender sobre guerras.[3]

Manstein preferia contornar a fortaleza de Sebastopol, mas Hitler insistiu na sua captura. O gigantesco canhão “Grande Dora” — de 800 milímetros e 1.350 toneladas — avançou, utilizando enorme mão de obra porque somente era possível movê-lo em trilhos paralelos. Franz Halder desprezou o Dora, exemplo de um esforço industrial nazista desperdiçado com armas de prestígio, como uma “peça de engenharia extremamente impressionante, mas absolutamente inútil”. Seus projéteis de sete toneladas e sua forte guarnição de quatro mil homens contribuíram muito menos para a captura da cidade do que os esforços tenazes da infantaria de Manstein. Os defensores também foram castigados pelo ar. Um piloto de bombardeiro de picada da Luftwaffe, capitão Herbert Paber, escreveu: “Uma explosão após outra, como cogumelos venenosos, levantava-se entre os esconderijos rochosos. Toda a península era fogo e fumaça — mas, no fim, milhares de prisioneiros foram feitos ali. Pode-se apenas admirar tamanha resistência (...) Foi como defenderam Sebastopol ao longo de toda a linha (...) Todo o país precisava ser literalmente sulcado por bombas antes que recuassem uma pequena distância.”[4]

Quando a cidade finalmente caiu, em 4 de julho, após um cerco de 250 dias, as unidades do NKVD estavam entre aqueles que escaparam depois de massacrar todos os prisioneiros. As terríveis perdas na Crimeia foram atribuídas à incompetência do comandante soviético, Lev Mekhlis, favorito de Stalin, que rejeitou, como um sintoma de derrotismo, os apelos para que as unidades pudessem entrincheirar-se. O único efeito positivo do desastre foi a demissão de Mekhlis. Sebastopol custou aos alemães 25 mil mortos e cinquenta mil toneladas de munição de artilharia. Os atacantes mais uma vez se impressionaram com a obstinação da resistência.

Enquanto isso, ao norte, conforme o terreno secava depois do degelo, o general Semyon Timoshenko lançou, em 12 de maio, uma arremetida da Frente Sudoeste em direção a Kharkov, que resultou num fracasso desastroso. Ainda assim, um contra-ataque alemão cercou os russos, e, mais uma vez, Stalin recusou-se a permitir uma retirada, provocando a perda de mais de 250 mil homens. O comandante do exército e alguns de seus oficiais se suicidaram como recusa ao cativeiro enquanto os sobreviventes foram empurrados para o leste em debandada. Um soldado disse: "Chorávamos durante a retirada. Corríamos em todas as direções para escapar de Kharkov; alguns para Stalingrado, outros para Vladikavkaz. Aonde mais chegaríamos? Na Turquia?"[5]

Hitler recuperou a confiança: esqueceu as perdas alemãs nos combates do ano anterior e aceitou a opinião do coronel Reinhard Gehlen, chefe da inteligência da Frente Oriental, de que as reservas de Stalin estavam exauridas. Em agosto, a produção alemã de armas ganharia impulso novamente após a desastrosa decisão de julho de 1941, rescindida apenas em janeiro de 1942, de reduzir a produção de armas e de munição por contarem com a vitória. Era extraordinário que Hitler preservasse a lealdade e a obediência de seus oficiais depois das loucuras estratégicas da campanha anterior e das privações do inverno. Na Crimeia, em janeiro de 1942, um soldado alemão amargurado relacionou, item por item, sua dieta: uma refeição quente por dia — sopa de repolho com batatas —, meio pedaço de pão a cada dois dias, um pouco de gordura, um pedaço de queijo e mel endurecido.

Mesmo com essa comida, a Wehrmacht ainda era uma força de combate formidável, e a maioria de seus generais, no fundo da alma, sabia que tornara seu país e todo seu exército — era um mito que apenas a SS cometesse atrocidades — cúmplices de crimes contra a humanidade, especialmente contra o povo russo, que jamais os perdoaria, mesmo que só considerassem os acontecimentos anteriores ao Holocausto. Eles não viam nada a perder se continuassem lutando, exceto outras milhões de vidas: merece ênfase o fato de que a grande maioria das vítimas da guerra pereceu a partir de 1942. Somente a vitória poderia induzir os Aliados a um acordo. A diretriz expedida por Hitler em abril para as operações durante o verão demandava uma concentração de esforços no sul; os objetivos da operação Azul eram destruir as reservas residuais do Exército Vermelho, tomar Stalingrado e capturar os campos de petróleo do Cáucaso.

Stalin avaliou erroneamente as intenções alemãs: prevendo uma nova arremetida contra Moscou, concentrou suas forças. Mesmo quando o plano da operação Azul estava diante dele, depois de encontrado no corpo de um oficial da Wehrmacht morto num acidente aéreo, ele o rejeitou como desinformação. Os exércitos russos, contudo, continuavam muito mais fortes do que Hitler imaginava, com 5,5 milhões de homens armados e uma produção de tanques e de aviões em rápido crescimento. Criminosos e prisioneiros políticos foram libertados dos *gulag* para o serviço militar — cerca de 975 mil homens até o fim da guerra. Berlim calculara que a produção de aço da Rússia em 1942 era de oito milhões de toneladas, quando ela chegaria, na realidade, a 13,5 milhões.

A primeira fase da operação Azul, com expectativa de três semanas, começou em 28 de junho, com uma investida em direção ao Don. Hitler empregou 3,5 milhões de alemães e mais um milhão de soldados do Eixo — italianos, romenos, a divisão "Azul" espanhola despachada por Franco como um gesto de boa vontade — contra os exércitos de Stalin, com espetacular êxito inicial. Quando o correspondente do *Pravda*, Lazar Brontman,

chegou a Voronezh, 482 quilômetros a noroeste de Stalingrado, encontrou a cidade relaxada e segura em sua grande distância em relação ao inimigo. Divertiu-se, certa noite, com o engraçado espetáculo de dezenas de mulheres dançando umas com as outras no parque, por falta de parceiros masculinos. As mulheres também policiavam as ruas: Brontman observou que orientavam o trânsito com mais eficiência dos que os homens, embora usassem os apitos exageradamente.[6]

Em poucos dias, porém, o estado de espírito turvou-se dramaticamente. A oeste, a linha russa rompeu-se, precipitando outra retirada às pressas. Bombardeiros alemães começaram a castigar as ruas de Voronezh, "arrasando a cidade sem encontrar resistência" e provocando grande êxodo de fugitivos. Aproveitadores cobravam das pessoas desesperadas três, quatro ou cinco mil rublos por uma carona para o leste em seus veículos. Uma a uma, as fábricas e as repartições governamentais fecharam. Quando os moradores souberam que os alemães estavam a apenas 45 quilômetros, Voronezh, escreveu Brontman, "preparou-se psicologicamente para a rendição",[7] e de fato a cidade foi invadida poucos dias depois.

Os tanques Panzer foram retardados pela chuva e pela lama mais do que pelo Exército Vermelho, e, no começo de julho, atingiram seus objetivos iniciais. Stalin autorizou a única retirada estratégica russa: quando continuaram avançando para o leste, os alemães viram-se atacando espaços vazios. As forças russas escaparam de um cerco preparado em Millerovo, levando Hitler a demitir Bock pela segunda vez e a dividir o Grupo de Exércitos do Sul em dois comandos, A e B, chefiados, respectivamente, por List e Weichs. O Führer, no entanto, exultava com o progresso da campanha, que, até então, fora apenas um desfile blindado de vitória. Sua infantaria raramente precisava lutar, as perdas eram desprezíveis e novas faixas de território soviético caíram nas mãos dos alemães. Durante julho, os Panzer avançaram rapidamente pelo sul em direção a Rostov, destroçando ferozmente a frente do sul russa enquanto suas formações tentavam escapar através do Don. Hitler encarregou Friedrich Paulus, um oficial de estado-maior ansioso para provar a si mesmo que era um bom comandante no campo de batalha, do VI Exército numa arremetida para Stalingrado.

A maioria dos generais alemães reconheceu imediatamente a loucura desse ato. O significado estratégico da cidade que levava o nome de Stalin era pequeno, irrelevante para o objetivo principal mais importante de dominar o Cáucaso e tomar seu petróleo. Além disso, a avidez de Hitler por um triunfo simbólico era tão grande quanto a determinação de Stalin de negar tal conquista. Se Stalingrado caísse, o líder soviético temia uma nova arremetida alemã no norte, contra Moscou, e, por isso, decidiu que a cidade do Volga precisava ser defendida a qualquer custo, empregando na sua defesa três exércitos de sua reserva estratégica. O palco estava montado para uma das batalhas decisivas da guerra, uma colisão entre as forças de vontade dos dois ditadores.

• • •

O ânimo de muitos russos não se alquebrara, mas as catástrofes da primavera e do verão corroeram profundamente o moral. Alguns alimentavam a esperança de que os Aliados Ocidentais aliviariam seu sofrimento. Pavel Kalitov, comissário de um grupo guerrilheiro

na Ucrânia, escreveu em 8 de julho: "Estamos muitos felizes porque a Inglaterra está bombardeando a Romênia com tanto sucesso e porque os americanos enviarão uma força de desembarque para a França." Tais expectativas eram preciosas, mas espúrias: o bombardeio britânico recebia muito mais atenção da propaganda do que seus resultados mereciam, e ainda faltavam quase dois anos para a Segunda Frente. Até 1943, as remessas de armas e de alimentos vindas do Ocidente representaram apenas uma pequena contribuição diante dos enormes compromissos e necessidades soviéticos. Qualquer coisa que o povo de Stalin quisesse conquistar em 1942 teria de conquistar praticamente sozinho.

É difícil exagerar os sofrimentos dos soldados russos em face das condições climáticas e dos erros grosseiros cometidos por seus líderes, assim como os dos inimigos. "A noite foi terrivelmente escura",[8] escreveu o capitão Nikolai Belov, descrevendo o desembarque de sua unidade de um trem atrás do front. "O batalhão inteiro partiu na direção errada. Andamos em círculo a noite inteira, trinta quilômetros num lamaçal terrível." Duas semanas depois, ele informava: "Temos apenas dois fuzis velhos para todo o batalhão." Em 10 de maio, sua unidade posicionou-se perto de uma aldeia chamada Bolshoi Sinkovets: "Há dois dias não temos comida. Estamos todos com fome." Dois dias depois, o batalhão recebeu 41 fuzis para quinhentos homens. Em 17 de maio, realizaram uma marcha por 48 quilômetros, perdendo quarenta retardatários que não conseguiram manter o passo. Não foi uma surpresa, tendo em vista que os soldados não comiam havia dois dias. Belov escreveu: "Todos estão frustrados com os comandantes — e com razão." Dia após dia, suas tribulações persistiam. "Chegamos a Zelyonaya Dubrava, após marchar 35 quilômetros durante o dia. Faz um calor insuportável, estamos terrivelmente cansados. Novamente não há o que comer. Muitos não conseguem acompanhar. Sedov está chorando. Praticamente não consegue andar." Os homens de Belov reduziram-se a cavoucar os campos à procura de batatas estragadas remanescentes da colheita do ano anterior. Os primeiros combates contra os alemães resultaram em perdas homicidas: em 15 de julho, ele informou que o contingente de sua companhia estava reduzido a cinco homens.

Em meados do verão de 1942, a opinião dos Aliados Ocidentais sobre a complicada situação da Rússia continuava sombria. Um oficial da inteligência britânica escreveu em 15 de julho: "Tenho a sensação inevitável de que, por mais que os alemães tenham perdido, o Exército Vermelho perdeu mais (...) Sebastopol foi (...) uma bela façanha das armas soviéticas e demonstrou o enorme poder do Exército Vermelho na defensiva — em função das condições favoráveis do terreno (...) [Mas ele] ainda não é capaz de enfrentar os alemães no terreno aberto do sul da Rússia (...) No geral, os alemães contam com mais a seu favor (...) Têm uma máquina de guerra melhor (...) Até que ponto os alemães conseguirão explorar seus êxitos dependerá da capacidade do Exército Vermelho de manter alguma forma de coesão na retirada até se posicionar atrás de grandes obstáculos naturais ou chegar a territórios mais adequados à defesa."[9]

É importante avaliar os eventos do ano em seu contexto. Em 1941, a Rússia teve 27,8% das perdas que sofreria em toda a guerra, mas, em 1942, os desastres de Kharkov, da Crimeia e da península de Kerch foram responsáveis por baixas ainda maiores. Com a adição de Stalingrado, aquele ano custou à Rússia 28,9% das baixas no conflito, 133% do efetivo na linha de frente do Exército Vermelho. A posteridade sabe que Stalin aprendeu

lições cruciais, delegando decisões militares a generais competentes e demitindo aqueles que cometiam os erros mais grosseiros. As armas produzidas pela mobilização industrial russa além dos Urais, aos poucos, chegavam aos exércitos, o que aumentou a força enquanto a capacidade do Eixo encolhia. No entanto, isso não estava claro para o mundo no verão de 1942. A Alemanha ainda parecia invencível no campo de batalha, e a Rússia estava em seu último suspiro.

Quase todas as tentativas britânicas, e mais tarde americanas, de colaborar operacionalmente com o povo de Stalin se arrebentaram contra as rochas da dissimulação, da incompetência, da má vontade e da escassez de recursos desse seu aliado. Pedidos feitos pela Marinha Real pela ajuda a navios e aviões de guerra soviéticos na cobertura dos comboios britânicos nas proximidades de Murmansk e de Arkangel renderam respostas pífias. Em agosto de 1942, um Catalina da RAF levou ao noroeste da Rússia dois agentes do Serviço Secreto de Inteligência, que os soviéticos concordaram em lançar de paraquedas no norte da Noruega, mas os anfitriões detiveram os dois homens incomunicáveis durante dois meses antes que os lançassem, ainda com roupas de verão, não na Noruega, mas na Finlândia, onde foram rapidamente presos, torturados e mortos a tiro. Depois, os britânicos reconheceram que a cooperação com os russos era uma via de mão única e que as consequências de colocar homens à mercê da boa-vontade soviética eram quase sempre fatais.

De qualquer maneira os governos ocidentais fizeram esforços extravagantes para preservar uma aparência de união. Quando o general Anders, que sofrera nas prisões de Stalin entre 1939 e 1941, encontrou-se com Churchill no Cairo, em agosto de 1942, denunciou a União Soviética em termos veementes: “Não havia, eu falei, justiça ou honra na Rússia, e nenhum homem em cuja palavra se pudesse confiar. Churchill observou quão perigosa minha fala seria se usada em público. Nenhum bem, disse ele, resultaria de uma oposição aos russos (...) Churchill encerrou a conversa afirmando que, em sua opinião, a Polônia sairia da guerra como um país forte e feliz.”[10] Anders deixou-se convencer de que “nós, poloneses, iríamos agora para casa (era o que pensávamos) por um caminho diferente, mais longo, é verdade, mas com menos dificuldades”.[11] As potências ocidentais esforçavam-se para sustentar essa ilusão.

• • •

Os alemães encontraram as primeiras unidades da frente de batalha de Stalingrado em 23 de julho, cerca de 140 quilômetros a oeste da cidade. Naquela noite, Hitler cometeu o que provou ser o erro decisivo da guerra no leste ao baixar uma nova diretriz e declarar alcançados os objetivos da operação Azul. O Grupo A de Exércitos recebeu ordens para invadir os campos petrolíferos do Cáucaso, 1.190 quilômetros além de suas posições, num avanço mais longo do que aquele entre a linha Siegfried e a costa do canal da Mancha em maio de 1940. Suas formações viram-se tentando sustentar uma frente de oitocentos quilômetros, com forças irremediavelmente inadequadas contra a obstinada resistência russa. Ao mesmo tempo, o Grupo B de Exércitos iniciou operações destinadas a formar uma linha ao longo do Volga e conquistar Stalingrado. Manstein foi transferido para o norte com cinco divisões de infantaria e a artilharia de campanha que usara no cerco de

Sebastopol para finalizar a cansativa resistência em Leningrado: seguindo uma mudança de diretriz, Berlim estava impaciente para ocupar a cidade. As notícias que se seguiram do VI Exército mostraram que o progresso rumo a Stalingrado se tornara vagaroso. Hitler, irritado, ordenou que o IV Exército Panzer fosse desviado do Cáucaso para apoiar Paulus. Assim, dividiu sua força e enfraqueceu demais cada elemento para que pudessem alcançar seus objetivos.

Porém, agosto de 1942 foi mais um período de catástrofes russas. Um dos preferidos de Stalin, o marechal Semyon Budyonny, velho guerreiro bolchevique, presidiu uma série de derrotas caóticas no norte do Cáucaso. O VI Exército destruiu as forças russas no Don, a leste de Kalach, fazendo cinquenta mil prisioneiros; um exército de tanques soviéticos desabou, com tripulantes em pânico abandonando seus blindados. Em 21 de agosto, Paulus lançou uma arremetida do Don para o Volga, abrindo uma rota através dos defensores com ondas de aviões de bombardeio de picada. Em dois dias, suas forças alcançaram o rio Volga, a 14 quilômetros ao norte de Stalingrado. A captura da cidade parecia iminente, o que o fez despachar para Hitler um rascunho de seus planos para que o VI Exército fosse alojado em aquartelamentos de inverno. Longe, ao sul, em 9 de agosto, tropas de montanha tomaram Maikop, o mais acessível dos campos de petróleo caucasianos, onde as demolições russas se mostraram tão completas que foi necessário trazer equipamentos da Alemanha para furar novos poços. Os elementos avançados do Grupo A de Exércitos começaram a seguir para o leste, rumo ao Cáspio; o XVII Exército foi direcionado para o sul, através das montanhas, em direção ao mar Negro.

Todo o avanço no Cáucaso foi prejudicado pelas ordens de Hitler para desviar os suprimentos disponíveis de combustível e de munição para Paulus. Entre os hierarcas nazistas em Berlim, contudo, houve uma nova onda de otimismo. Rommel estava às portas do Cairo, a produção de armamentos crescia, os aliados japoneses obtiveram triunfos extraordinários, e as implicações dos êxitos navais americanos no mar de Coral e em Midway mal foram compreendidas. Os U-boats de Dönitz devastavam comboios atlânticos, e o comandante de um submarino italiano informou que afundara um encouraçado americano, sendo condecorado por Mussolini por seu fantasioso triunfo. O moral dos civis alemães voltou a subir.

Somente os tecnocratas, que conheciam os segredos econômicos e industriais do Reich, não se iludiram. A situação da mão de obra continuava desesperadora, e a Alemanha aumentava a produção de aeronaves fabricando modelos obsoletos. O general Halder escreveu em seu diário em 23 de julho: "A tendência crônica a subestimar a capacidade inimiga aos poucos assume proporções grotescas." Em setembro, as dificuldades alemãs aumentaram com rapidez. Tropas nas montanhas meridionais encontraram tempestades de neve, e repetidas mudanças nos objetivos arruinavam as operações. Os avanços alemães foram muitas vezes retardados ou suspensos por falta de combustível — o I Exército Panzer passou três semanas imobilizado, concedendo aos comandantes de Stalin uma brecha preciosa. Quase todo o apoio da Luftwaffe foi desviado para Stalingrado, sem considerar o custo para operações em outros lugares. Em 12 de setembro, as primeiras tropas alemãs entraram na cidade.

Ao longo da linha de frente, soldados e civis russos pouco compreendiam sobre as imensas dificuldades alemãs, vendo apenas as misérias que os fracassos no campo de batalha impunham ao próprio povo: massacres e fome. Em 23 de outubro, o comissário Pavel Kalitov escreveu, horrorizado, em Logovo, ao receber a ordem para mais uma

retirada. “Os civis estão uivando. Tudo precisa ser evacuado. Por toda parte há gemidos, lágrimas, dor. Apenas pense: o inverno está chegando e eles precisam fugir do frio com suas crianças... Para onde vão? Nossas unidades recuam. Os alemães estão explorando um ponto fraco na nossa linha. Nossos jornais usam frases como ‘sob pressão de forças inimigas superiores’. E nós? Por que não conseguimos reunir essas ‘forças superiores’? O que está errado? Os últimos dezesseis meses nos ensinaram muitas lições. É tão difícil abandonar povoações... Mais vítimas, mais torturas, mais maldições contra nós. [Os camponeses dizem]: ‘Assim são nossos protetores.’”[12]

Uma senhora usou palavras fortes para falar a Vasily Grossman sobre seus governantes: “Esses idiotas permitiram que [o inimigo] chegasse ao coração do país, o Volga. Entregaram-lhe metade da Rússia.”[13] Do Kremlin chegavam novos slogans: “Nenhum passo atrás... A única circunstância atenuante é a morte.” Stalin, diante de um desastre, com metade da União Soviética europeia em mãos alemãs, marcou um encontro com a realidade que se provou vital. Em setembro, nomeou Zhukov vice-comandante supremo do país e despachou-o para supervisionar a defesa de Stalingrado e para preparar uma grande contraofensiva. Stalin reconheceu a necessidade de subordinar a ideologia à necessidade militar: a palavra “oficial”, que havia sido proibida, foi restaurada no Exército Vermelho, e os comandantes de unidades já não eram subordinados aos comissários; a partir dali, as promoções seriam determinadas pela competência. O valor das medalhas como incentivo foi reconhecido: até 1945, o Exército Vermelho concedeu onze milhões delas enquanto o exército americano entregara apenas 1,4 milhão.

Stalin, valendo-se da experiência, ao contrário de Hitler, delegou o controle operacional dos campos de batalha, embora nunca se tenha questionado da sua autoridade suprema. Essas medidas drásticas foram indispensáveis para remediar o desempenho lamentável do Exército Vermelho durante o verão. “Precisamos aprender e aprender”,[14] escreveu o comissário Pavel Kalitov em 4 de setembro de 1942. “Para começar, precisamos não ser tão descuidados.” Nikolai Belov descreveu, com pesar, uma inspeção da equipe de treinamento de batalha feita por um oficial de alto escalão: “Resultados lamentáveis. Os Youssefs”[15] — termo pejorativo com que o Exército Vermelho se referia aos soldados do Cazaquistão — “não sabem esquerda ou direita volver. Que bando terrível: perfeitos cabeças de bagre. Se nos mandarem mais cazaques, podemos nos considerar condenados.” No entanto, o Exército Vermelho estava aprendendo, ainda que penosamente, e recebia formidáveis reforços de homens, tanques e aeronaves.

No outono e no inverno de 1942, a cinzenta e tediosa cidade industrial de Stalingrado tornou-se o palco de um dos mais terríveis combates da guerra. No domingo de 23 de agosto, os alemães iniciaram seu ataque sobrevoando a área com seiscentas aeronaves: diz-se que quarenta mil civis morreram nas primeiras quatorze horas, quase tantos quanto pereceram em toda a blitz de 1940 e 1941 na Grã-Bretanha. Depois, a Luftwaffe atacou implacavelmente. “Avançamos laboriosamente pelas chamas do campo de batalha de Stalingrado durante o dia inteiro”,[16] escreveu o piloto de Stuka Herbert Pabst. “Para mim, é incompreensível que as pessoas possam viver naquele inferno, mas os russos estão firmemente estabelecidos nos destroços, nas ravinas, nos porões e no caos dos esqueletos de aço retorcido das fábricas.” Paulus lançou seu primeiro grande ataque terrestre em 13

de setembro, e, a partir desse momento, a luta foi travada numa paisagem de ruínas. O general Vasily Chuikov, comandante do LXII Exército, escreveu: “As ruas da cidade estão mortas. Não há um galho verde nas árvores; tudo sucumbiu nas chamas.”[17]

As massas de concreto dos centros de transporte e das instalações industriais foram logo reduzidas a escombros. Cada um tornou-se o cenário de um massacre, com seus nomes desagradáveis gravados nas lendas da Grande Guerra Patriótica da Rússia: o elevador do silo ao lado da estação Número Dois, a estação de frete, a estação Número Um, a fábrica de produtos químicos Lazur, a metalúrgica Outubro Vermelho, a fábrica de tratores Dzerzhinsky e a fundição de canhões Barricada. Na primeira fase da batalha, os russos defenderam um perímetro de 48 por 28 quilômetros, que encolheu rapidamente. Por insistência de Stalin, três exércitos de infantaria foram utilizados num contra-ataque ao flanco setentrional e repelidos. Os alemães, por sua vez, lançaram esforços repetidos para capturar dois pontos de referência: Cota 102, um aterro tártaro que se ergue a cem metros da cidade, e o ponto de travessia do Volga, pouco além da praça Vermelha, por onde reforços e suprimentos chegavam à cidade e as baixas eram evacuadas. Em certas noites, até dois ou três mil russos feridos eram transportados na escuridão através de 1,5 quilômetro de águas cheias de gelo para a margem oriental.

Cada barco que tirava feridos da cidade voltava com homens e munição. Reforços eram arrebanhados em balsas que enfrentavam a travessia sob os ataques da Luftwaffe — às vezes à luz do dia, tais eram as exigências do cerco. Aleksandr Gordeev, atirador de metralhadora da marinha, olhava, compadecido, os soldados que se agarravam ao parapeito do convés em vez de obedecerem às ordens para descer ao porão: “Os oficiais os obrigavam a descer aos pontapés, sargentos berravam e xingavam. Baida [seu suboficial] e dois marinheiros enormes agarravam os homens que resistiam e os empurravam pela escada. Cunhetes de granadas, munições e rações eram embarcados. Olhando para a pilha de caixas de munição a cinco passos de nosso canhão Maxim, eu podia imaginar o que aconteceria se fossem atingidas.”[18] Pouco depois, ele viu outra balsa transportando feridos ser afundada por aviões Stuka. “Os feridos, mais de cem, estavam sentados ou deitados nas cabines enquanto fugitivos corriam do porão. Houve um uivo geral e contínuo mais alto do que as explosões das bombas.”[19]

Novas unidades eram atiradas em batalhas assim que chegavam. O comandante do LXII Exército, general Vasily Chuikov, disse: “Tempo é sangue.” A detonação de bombas e projéteis, o estalar das armas pequenas e os barulhos de morteiros raramente paravam, dia ou noite. Chuikov comentou, posteriormente, a respeito de Stalingrado: “Ao se aproximarem deste lugar, os soldados costumavam dizer: ‘Estamos entrando no inferno.’[20] Depois de duas ou três horas, acrescentavam: ‘Não, isso não é o inferno, isso é dez vezes pior’ (...) Uma jovem soldada disse: ‘Eu imaginava como seria a guerra — tudo em chamas, crianças chorando, gatos correndo, e, quando cheguei a Stalingrado, vi exatamente isso, porém muito mais terrível.’”[21] Ela ingressara no serviço militar com um grupo de amigos de sua cidade natal, Tobolsk, na Sibéria. A maioria foi enviada para a cidade sitiada e poucos saíram vivos dali.

A batalha foi travada em condições que permitiram aos soldados russos demonstrar sua maior habilidade, o combate corpo a corpo. Não havia espaço para grandes avanços de tanques Panzer ou para manobras criativas contra os flancos. A cada dia, soldados,

canhões e tanques alemães tentavam apenas abrir caminho para o Volga, metro a metro, através de montes de escombros em que os russos se amontoavam, praguejavam, morriam de fome ou de frio, lutavam e morriam. Uma carta foi retirada do corpo de um defensor morto, escrita por seu filho pequeno: "Sinto muito sua falta. Por favor, venha visitar. Quero tanto ver você, mesmo que só por uma hora. As lágrimas rolam enquanto escrevo. Papai, por favor, venha ver a gente."[22]

Chuikov manifestou a Vasily Grossman seu senso de opressão: "Há disparos e estrondos por toda parte. Você manda um oficial de ligação para ver o que está acontecendo e ele é morto. É então que a tensão nos estremece da cabeça aos pés (...) Os piores momentos eram quando nos sentávamos como idiotas, com a batalha fervendo ao redor, e nada podíamos fazer."[23] Em 2 de outubro, o quartel-general de Chuikov foi engolfado por uma torrente de petróleo em chamas, armazenado em tanques próximos, que explodiram ao ser atingidos por bombas alemãs. Quarenta pessoas de sua equipe morreram enquanto colunas de fumaça e de fogo se ergueram a centenas de metros no céu. A fábrica de tratores foi palco de conflitos dignos de pesadelos, em que defensores imundos, exaustos e famintos se esforçavam para repelir tanques alemães que avançavam pelo entulho. Em certo momento, a cabeça de ponte soviética na margem ocidental do Volga foi reduzida a uma profundidade de meros cem metros.

Os russos lutaram com um desespero reforçado, como sempre, pela coerção. O preço de retiradas não autorizadas era a morte. Vasily Grossman escreveu: "Naqueles dias repletos de ansiedade, quando o troar dos combates podia ser ouvido nos subúrbios de Stalingrado, quando, à noite, viam-se foguetes lançados ao alto e os pálidos raios azulados dos holofotes vasculhavam o céu, quando os primeiros caminhões desfigurados por estilhaços, transportando os feridos e a bagagem de quartéis-generais em retirada, apareceram nas ruas da cidade, quando artigos de primeira página anunciavam o perigo mortal para o país, o medo encontrou o caminho para muitos corações, e muitos olhos se voltaram para o outro lado do Volga." Grossman quis dizer, é claro, que os soldados desejavam escapar desse caldeirão em direção ao leste. Aqueles que tentaram pagaram caro: cerca de 13.500 soldados foram executados em Stalingrado por suposta covardia ou deserção, e muitos outros foram mortos de forma sumária. Num típico relatório de 23 de setembro, Beria informava que durante as últimas 24 horas seus "destacamentos de bloqueio" do NKVD detiveram 659 pessoas: sete "covardes" e um "inimigo do povo" foram mortos a tiros diante de suas unidades. Mais 24 estavam detidos, incluindo um "espião", três "traidores da pátria", oito "covardes" e oito "inimigos do povo".[24]

Paulus lançou ataques repetidos, mas suas forças mostravam-se fracas demais para romper a linha inimiga. Não havia espaço para sutilezas, apenas uma centena de combates diários de vida ou morte entre alemães e russos que sofriam privações idênticas. Chuikov posicionou suas forças o mais perto possível dos inimigos, para frustrar os objetivos no terreno da Luftwaffe. Bombardeios destroçaram a cidade, mas, como os Aliados descobririam, ruínas criavam obstáculos formidáveis para os tanques, e era mais fácil defendê-las do que defender as ruas abertas e os edifícios intactos. Quase todos os soldados sentiam fome e frio o tempo inteiro. Atiradores e morteiros tornavam fatal qualquer movimento descuidado; muitos homens morreram coletando munição ou na fila dos ranchos de campanha. As mulheres também. Chuikov prestou tributo

incondicional às contribuições delas como operadoras de comunicação, enfermeiras, amanuenses e sentinelas de defesa antiaérea.

• • •

Os ventos gélidos queimavam os rostos, avermelhando-os. Cada dia trazia sua crise local, enquanto, à noite, os russos deslocavam através do rio apenas os reforços suficientes para sustentar seu precário perímetro. Moscou dramatizou muitos episódios com objetivos propagandísticos, como a história de um fuzileiro naval chamado Panaiko, cujo coquetel molotov pegou fogo, transformando-o numa tocha humana. O homem, condenado, cambaleou em direção a um tanque alemão, onde jogou um segundo coquetel contra a grelha de ventilação do motor, engolfando o tanque e a si numa imensa bola de fogo. Se alguns casos eram apócrifos, outros não. "A coragem é contagiosa aqui, como a covardia é contagiosa em outros lugares",[25] escreveu Vasily Grossman, e com razão. As ordens de Stalin eram simples e fáceis de entender: a cidade precisava ser defendida até o último homem e a última mulher.

Para o azar de Hitler, a batalha se adequava perfeitamente ao espírito do Exército Vermelho. Um oficial da infantaria Panzer escreveu: "Lutamos durante quinze dias por uma única casa, com morteiros, metralhadoras, granadas e baionetas. A linha de frente é um corredor entre cômodos incendiados (...) A rua não é medida em metros, mas em cadáveres. Stalingrado não é mais uma cidade. De dia, é uma nuvem imensa de fumaça ardente e ofuscante; é uma vasta fornalha iluminada pelo reflexo das chamas. E quando a noite chega — uma dessas noites abrasadoras, uivantes, sangrentas — os cães mergulham no Volga e nadam, desesperados, para o outro lado. As noites em Stalingrado são um terror para eles. Os animais fogem deste inferno; as pedras mais duras não aguentam por muito tempo; somente os homens as suportam."

• • •

É importante reconhecer que, embora a batalha de Chuikov fosse crucial, em outras partes ao longo de centenas de quilômetros de linha de frente a luta prosseguiu sem pausa durante o outono e o inverno, matando mais gente do que em Stalingrado. "Olá, minhas queridas Marusya e filha Tanya!",[26] escreveu para casa, na Ucrânia, o comissário guerrilheiro Pavel Kalitov: "Esta carta é para dizer-lhes que até agora estou vivo e com boa saúde. Ainda estamos no mesmo lugar, ou seja, nos altos do rio Shelon. Enfrentamos combates duros neste momento. Os alemães enviaram contra nós tanques, aviões, artilharia e morteiros. Nossos guerrilheiros lutam como leões. Vasya Bukov matou quinze alemães, usando um fuzil, em 7 de junho. É muito difícil lidar com eles porque têm potência de fogo. Dependemos inteiramente da população local para conseguirmos suprimentos e eles são realmente muito bons. Os alemães são muitos, e nós somos poucos, por isso não dormimos mais de duas ou três horas por dia. Ontem fui à *banya* depois da batalha e lembrei-me como, em tempos de paz, podíamos bebericar um pequeno copo de vodca depois da *banya*, descansar de verdade e ir pescar nos fins de semana. Como sua irmã Shura está? Engordou um pouco agora que você a está

alimentando após sua experiência de fome em Leningrado?" Ele concluiu a carta com otimismo: "Os fascistas não estão lutando tão bem este ano como no ano passado."

As condições em Leningrado melhoraram progressivamente, embora a segunda maior cidade da Rússia continuasse sob bombardeio. Seus moradores ainda estavam desesperadamente famintos, mas a maioria recebia alimentos em quantidade suficiente para se manter viva. Em março de 1942, as autoridades lançaram uma campanha para limpar neve, escombros e entulhos das ruas, com a participação de centenas de milhares de cidadãos. Em abril, um novo comandante foi designado, o tenente-general Leonid Govorov. Embora taciturno, o artilheiro, de 45 anos, era inteligente, culto e humano. O NKVD informou, em Leningrado, durante o verão: "Em consequência da melhoria da situação alimentar em junho, a taxa de mortalidade caiu um terço (...) O número de incidentes relacionados ao uso de carne humana no abastecimento de comida diminuiu. Enquanto 236 pessoas foram presas por esse crime em maio, em junho apenas 56 foram acusadas."[27]

No entanto, para os soldados na linha de frente no norte o horror permanecia uma constante. Nikolai Nikulin observou em seu diário, em 18 de agosto, que, de sua divisão, restavam apenas alguns cozinheiros e graduados. Ele se queixou de que o mingau matinal geralmente vinha salpicado por estilhaços e de que a sede o atormentava: "Durante a noite, rastejei duas vezes até um buraco de bomba em busca de água. Era grossa e marrom como café e cheirava a explosivos e a alguma outra coisa. Pela manhã, vi uma mão negra e retorcida saindo dessa cratera. Minha túnica e calças estão duras como papelão por causa da lama e do sangue, e os joelhos e cotovelos esfolados por rastejar. Joguei fora meu capacete — poucos usam capacete por aqui; geralmente defeca-se neles, que são jogados para fora da trincheira. O cadáver perto de mim fede de forma insuportável; há tantos deles, velhos e novos. Alguns escurecem conforme secam, estirados em todas as posições. Aqui e ali, na trincheira, veem-se pedaços de corpos pisoteados na lama — um rosto achatado ou uma mão, tudo marrom como a cor da terra. Caminhamos por cima deles."[28]

No fim de agosto, os alemães subitamente abandonaram sua estratégia de contenção e lançaram uma grande ofensiva para tomar Leningrado. Quando fracassaram, os russos responderam e o contra-ataque alcançou ganhos notáveis. Certa vida cultural ressurgiu na cidade: houve exposições de arte, concertos e uma apresentação da *Sinfonia nº 7* de Shostakovich, na Filarmônica. A população de Leningrado tinha fé suficiente na própria sobrevivência para pensar nos sofrimentos de seus companheiros em Stalingrado. Vera Inber escreveu: "Está na expressão das pessoas, nos bondes, nas ruas: pensamos em Stalingrado o tempo todo (...) Agora tudo será decidido em Stalingrado: o destino da guerra."[29]

Ao longo do inverno de 1942, Leningrado continuou a ser alvejada por bombas e granadas. Um bombardeio severo começou, durante uma apresentação teatral: na metade do segundo ato da estreia de uma comédia sobre a frota do Báltico, intitulada *O vasto, vasto mar*, um ator apareceu em frente à cortina e perguntou à plateia: "O que devemos fazer, camaradas? Ir para o abrigo ou continuar?" Houve um aplauso ensurdecedor, misturado a gritos de "Continuar!". Em 12 de janeiro de 1943, Govorov estava pronto para lançar uma nova ofensiva destinada a romper o bloqueio. Zhukov visitou de novo a cidade e autorizou as operações. Como sempre, indiferente às baixas, perguntou, causticamente:

"Quem são esses covardes que não querem lutar?" Em 16 de janeiro, a posição vital de Shlisselburg foi recapturada, e dois dias depois, chegou o anúncio formal de que o bloqueio fora rompido. Na cidade, a famosa poetisa Olga Bergholz escreveu: "Esta felicidade, a felicidade de Leningrado libertada, jamais esqueceremos. O maldito cerco foi rompido."[30] Em 3 de março, outro cidadão, Igor Chaiko, escreveu: "Um pensamento forma-se com letras ardentes na minha mente: Posso superar qualquer coisa (...) A primavera é um símbolo da vida. Os alemães nos bombardeiam, mas a ameaça diminui à luz do sol."[31]

Os gatos, os poucos que não foram comidos, tornaram-se úteis novamente, no combate a uma praga de ratos: um trem carregado com esses guerreiros felinos foi despachado para a cidade. Os ataques alemães, agora inspirados mais por pura maldade do que por objetivos militares, continuaram ao longo de 1943, tendo o pior ocorrido em julho. Somente em janeiro de 1944 o Exército Vermelho lançou o assalto que finalmente empurrou os alemães além do perímetro em que sua artilharia alcançava a cidade. Contudo, o destino de Leningrado foi decidido na primavera de 1942, quando se tornou claro que seus sobreviventes podiam ser alimentados. Declarou-se oficialmente que 632.253 pessoas morreram durante o cerco, mas calcula-se que a cifra verdadeira seja ao menos de um milhão, uma vez que a propaganda soviética suprimiu relatos de boa parte do que aconteceu durante a agonia da cidade. Quando Olga Bergholz visitou Moscou para fazer uma transmissão radiofônica, no final de 1942, foi alertada a não mencionar os horrores do cerco: "Disseram que os moradores de Leningrado são heróis, mas não sabem em que consiste o heroísmo. Não sabiam que passamos fome, não sabiam que pessoas morriam por isso."[32]

Estrategicamente, a luta no norte era muito menos importante do que a batalha por Stalingrado. De qualquer modo, a experiência de Leningrado teve, ao menos, a mesma importância para demonstrar por que a União Soviética prevaleceu na Segunda Guerra Mundial. É impensável que os britânicos preferissem comer uns aos outros a entregar Londres ou Birmingham ou que fossem obrigados, por seus generais e políticos, a resistir pagando preço tão alto. A coerção foi um elemento crucial na sobrevivência de Leningrado, bem como do resto do país de Stalin. Se fosse oferecida comida aos moradores da cidade em troca de rendição, certamente teriam desistido, mas essa escolha não existia na União Soviética, e quem optasse por isso seria morto. Tanto Hitler quanto Stalin demonstraram uma teimosia obsessiva com relação a Leningrado. A determinação de Stalin foi finalmente recompensada, em meio a uma montanha de cadáveres. Um povo que suportou tanto demonstrou possuir as qualidades que faltavam aos Aliados Ocidentais, indispensáveis à destruição do nazismo. No leilão de crueldade e de sacrifício, o ditador soviético ofereceu o lance mais alto.

• • •

Enquanto os defensores de Leningrado experimentavam um frágil renascimento de vida e de esperança, mais ao leste e ao sul o Stavka lançou seus contragolpes estratégicos. A operação Marte, que começou em 25 de novembro de 1942, está quase esquecida porque fracassou. Aproximadamente 667 mil soldados e 1.900 tanques formaram um cerco

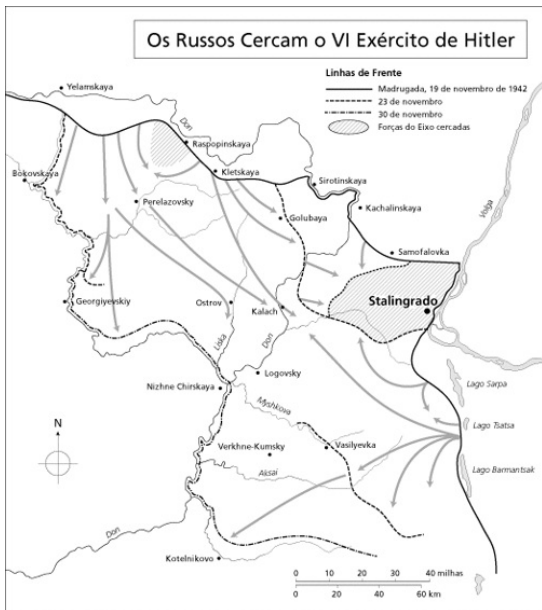
comandado pelo IX Exército alemão, ao custo de cem mil vidas russas, e foi repelido. Uma batalha que em qualquer parte do mundo seria considerada imensa quase não foi notada em meio à matança no leste. Alguns soldados preferiam qualquer alternativa a manter a luta. "Assim que me deitei para descansar antes do café da manhã",[33] escreveu o capitão Nikolai Belov, "chegou um mensageiro do comissário, convocando-me ao quartel-general. O soldado Sharonov matara-se com um tiro. Que canalha! Pedira licença do treinamento para a parada da cavalaria alegando doença e esbarrara em mim a caminho de seu alojamento, completamente curvado. Ordenei-lhe que ficasse em meu abrigo, sob guarda, mas, vendo-se momentaneamente a sós, aproveitou a oportunidade para se matar."

Felizmente para Stalin, para Zhukov e para a causa dos Aliados, a outra grande operação soviética do inverno, Urano, foi muito mais bem sucedida do que a Marte. Os alemães não dispunham de efetivos para compor adequadamente sua enorme linha de frente. Havia uma lacuna de 480 quilômetros entre o II Exército, em Voronezh, no alto Don, e o IV e o VI Exército Panzer, a sudoeste de Stalingrado. Com poucos homens, Von Weichs, o comandante do Grupo de Exércitos, empregou formações húngaras, italianas e romenas para cobrir os flancos do VI Exército. A inteligência alemã não conseguiu identificar a reunião de maciças forças soviéticas contra os romenos. Em 19 de novembro, Zhukov abriu sua ofensiva, lançando seis exércitos contra o perímetro setentrional do Eixo, seguida de uma arremetida a oeste no dia seguinte, pela frente de Stalingrado, ao sul da cidade.

Um atirador anticarro alemão, Henry Metelmann, apoiava os romenos no momento da ofensiva russa. "O lugar inteiro tremeu, pedaços de terra caíam em nós e o barulho era ensurdecedor. Estávamos bêbados de sono e esbarrávamos repetidamente uns nos outros, confundindo nossas botas, uniformes e outros equipamentos e berrando para aliviar a tensão. Saíamos de uma balbúrdia para outra, um inferno de barulhos e de explosões (...) Tudo formava um tumulto imenso, e ouvi muitos berros e gritos vindos da linha de vanguarda romena (...) Então ouvimos o pesado retinir das lagartas de metal. Alguém, ao longe, gritou, desnecessariamente: 'Eles estão chegando!' E, então, vimos os primeiros aparecerem, rastejando na claridade acinzentada."[34] Os blindados russos passaram por cima do canhão de Metelmann e de todos os tripulantes da sua guarnição, com exceção dele, e de dois exércitos romenos, cujos soldados se entregaram às dezenas de milhares. Muitos foram abatidos a tiros, enquanto sobreviventes, em seus característicos chapéus brancos, eram transportados em barcaças, rio abaixo, para campos de prisioneiros. Um marinheiro russo, observando um grupo de prisioneiros de guerra que fitava apaticamente as massas de gelo flutuante, comentou que os cativos desejavam, havia muito tempo, um vislumbre do Volga: "Bem, agora viram o Volga." A Romênia pagou caro por sua adesão ao Eixo, sofrendo seiscentas mil baixas durante as campanhas orientais.

Em 16 de dezembro, o rio congelou, adquirindo rapidamente espessura suficiente para suportar caminhões e canhões. Nas ruínas de Stalingrado, o combate declinou — as batalhas cruciais agora ocorriam ao sul e a oeste. Cinco dias depois, tanques soviéticos completaram um duplo envolvimento perfeito atrás do VI Exército de Paulus: os elementos avançados de Zhukov encontraram-se a leste da passagem do Don em Kalach. Muitas vezes, ao longo da guerra, os russos conseguiram tais envolvimentos. Muitas vezes,

também, os alemães escaparam. O diferente, nesse caso, foi que Hitler recusou os apelos do comandante do VI Exército para uma retirada. Paulus recebeu ordem para continuar seu assalto a Stalingrado enquanto Manstein iniciava um ataque pelo oeste para restabelecer a ligação com o VI Exército. Em 23 de dezembro, seus homens mais avançados já haviam criado uma passagem que chegava a cinquenta quilômetros de Stalingrado. Então, pararam. O marechal de campo insistiu que Paulus desafiasse Hitler e fugisse para se juntar a ele, enquanto ainda era possível. Porém, Paulus recusou a sugestão, condenando duzentos mil homens à morte ou ao cativeiro. As forças de Manstein estavam exaustas, e ele ordenou uma retirada geral.

• • •

Ao longo de toda a linha de frente alemã no leste, a chegada do Natal provocou uma onda de sentimentalismo. Nos domingos à tarde, grande parte dos homens ao alcance de um rádio ouvia o programa *Wunschkonzert für die Wehrmacht* [Peça um concerto para a Wehrmacht], transmitido de Berlim, que funcionava como elemento de contato entre os soldados e seus parentes em casa. Patriótico até a medula, destacava números como "Gloken der Heimat" [Sinos da pátria] e "Panzer rollen in Afrika vor" [Panzers pela África]. Os soldados adoravam ouvir Zarah Leander cantar "Ich Weiss es wird einmal ein Wunder gescheh'n'", grande favorita dos civis alemães: "Sei que um dia um milagre vai acontecer/ E então mil contos de fadas serão verdade/ Sei que um amor não pode morrer/ Isso é tão grande e maravilhoso."

Muitos alemães, especialmente os jovens, foram arrebatados por uma paranoia que não era menos real por estar enraizada em fantasias nazistas. O piloto da Luftwaffe Heinz Knoke sucumbiu à emoção na véspera do Natal ao ouvir "Stille Nacht, Heilige Nacht", "Noite Feliz": "É o mais belo cântico de Natal alemão. Mesmo os britânicos, os franceses e os americanos o cantam esta noite. Será que sabem que é uma canção alemã? E compreendem inteiramente seu verdadeiro significado? Por que as pessoas no mundo inteiro odeiam a nós, alemães, e ainda cantam canções alemãs, tocam músicas de compositores alemães como Beethoven e Bach e recitam as obras dos grandes poetas alemães? Por quê?"[35] O paraquedista Martin Poppel escreveu, na Rússia, demonstrando o mesmo estado de espírito:

> Nossos pensamentos e conversas voltam-se para casa, para nossos entes queridos, nosso Führer e nossa pátria. Não temos medo de chorar quando paramos para nos lembrar de nosso Führer e de nossos camaradas que tombaram. É como um juramento que nos une, fazendo-nos ranger os dentes e prosseguir até a vitória (...) Em casa, eles também estarão sentados debaixo da árvore de Natal. Posso ver meu bravo e velho papai levantar-se e brindar, com os olhos vermelhos, aos soldados. E minha corajosa mãe, que com certeza estará chorando um pouco, e minha irmãzinha também, mas, um dia, haverá outro Ano-Novo quando poderemos estar juntos, reunidos e felizes, após um fim vitorioso à carnificina em massa das nações. Esse espírito superior que move os jovens precisa levar-nos à vitória: não há alternativa.[36]

Os sentimentos desses jovens, peças da máquina de guerra que infligiu sofrimentos indizíveis, refletiam o triunfo da máquina de propaganda educacional de Goebbels e a tragédia da Europa, para a qual ela tanto contribuiu. Naquele Natal de 1942, na Rússia, milhões de soldados alemães aproximaram-se de um encontro com o colapso das ambições insanas de seu líder, que levaria muitos deles para o túmulo.

Göring jactava-se de habilidade da Luftwaffe para abastecer as forças alemãs isoladas no bolsão de Stalingrado — embora os cálculos mais rudimentares mostrassem que essa capacidade de transporte aéreo não existia. Durante dezembro, enquanto rações e munições diminuíam, os homens de Paulus perderam terreno, vidas, tanques e, logo, a esperança. Em 16 de janeiro de 1943, um oficial da Wehrmacht em Stalingrado escreveu numa carta de despedida para sua mulher: "A luta implacável continua. Deus ajude os bravos! Quaisquer que sejam os desígnios da Providência, pedimos apenas uma coisa: força para continuar! Que um dia digam que o exército alemão lutou em Stalingrado como nunca se lutou no mundo. Passar esse espírito para nossos filhos é a tarefa das mães."[37] Para a maioria dos homens encurralados no bolsão de Paulus, porém, esses sentimentos heroicos não passavam de uma retórica pretensiosa.

Em 12 de janeiro, quatro frentes russas atacaram o Grupo de Exércitos do Don, ao norte de Stalingrado, repelindo as forças do Eixo, que fugiram em debandada. A Divisão

Pasubio, parte do VIII Exército italiano no bolsão do Don, viu-se lutando para seguir na direção oeste. Sem combustível, as infelizes tropas foram obrigadas a abandonar armas pesadas e fugir a pé. "Veículos repletos de cargas eram abandonados na estrada",[38] escreveu o tenente de artilharia Eugenio Corti. "Partiu meu coração vê-los. Quanto esforço e dinheiro aquele equipamento deve ter custado à Itália!" Os soldados exaustos que tentavam pegar caronas em viaturas alemãs eram repelidos com berros e palavrões.

Corti fez esforços inúteis para preservar a disciplina em sua unidade. "Porém, como esperar que pessoas desacostumadas a viver em ordem como civis se tornem ordeiras (...) simplesmente porque se veem usando uniformes? Enquanto o fogo inimigo chovia, a chusma apressava seu passo cambaleante. Vi, então, uma das cenas mais lamentáveis da retirada: italianos matando italianos (...) Não éramos mais um exército; eu não estava entre soldados, mas entre criaturas que não podiam se controlar, obedientes a um único instinto animal: autopreservação."[39] Ele amaldiçoava sua própria brandura, que não lhe permitiu matar um homem que desafiou a ordem de que somente feridos poderiam viajar nos poucos trenós. "Inúmeros exemplos de fraqueza como a minha explicavam a confusão em que nos encontrávamos (...) Um soldado alemão entre nós não conseguiu disfarçar seu desdém. Preciso admitir que tinha razão (...) estávamos lidando com homens indisciplinados e desnorteados."[40]

Num posto de primeiros socorros, "os feridos jaziam uns por cima dos outros. Quando um dos poucos auxiliares de enfermagem que cuidavam deles apareceu com um pouco de água, aos gemidos foram acrescidos os gritos daqueles em que ele inadvertidamente tropeçava. Na parte externa, colocou-se palha sobre a neve, onde centenas de homens estavam deitados (...) Fazia provavelmente quinze ou vinte graus negativos. Os mortos estavam misturados aos feridos. Um médico fazia a ronda: ele mesmo havia sido ferido duas vezes por estilhaços enquanto fazia amputações com uma navalha".[41]

Independentemente dos exércitos que predominavam na luta, os sofrimentos russos persistiam. Numa cabana camponesa, Corti encontrou uma família aflita. "Fui recebido pelo cadáver de um velho gigantesco, com uma longa barba branca, deitado numa poça de sangue (...) Acuadas contra uma parede, aterrorizadas, estavam três ou quatro mulheres e cinco ou seis crianças — russas, magras, delicadas, rostos brancos como cera. Um soldado comia com calma batatas cozidas (...) Como a casa estava aquecida! Insisti que as mulheres e as crianças comessem antes que outros soldados chegassem e engolissem tudo."[42] Soldados do Eixo costumavam ficar estupefatos e impressionados com o estoicismo dos russos, que mais lhes pareciam vítimas do comunismo do que inimigos. Mesmo após os invasores trazerem desgraças indizíveis ao seu país, camponeses simples às vezes demonstravam uma simpatia humana pelos aflitos e sofridos soldados do Eixo que os comovia. Corti escreveu: "Nas pausas daquelas marchas, muitos de nossos compatriotas foram salvos das ulcerações de congelamento pelos cuidados altruístas e maternais de mulheres pobres."[43]

Durante a terrível retirada, os aliados de Hitler amaldiçoavam a Luftwaffe, que jogava suprimentos apenas para as unidades alemãs. Corti escreveu: "Observávamos avidamente aquelas aeronaves: sua forma e suas cores eram repugnantes e estranhas para nós, como os uniformes dos soldados alemães (...) Se ao menos a silhueta familiar de um avião

italiano aparecesse! Se ao menos qualquer coisa fosse jogada para nós! Mas nada chegou!"[44] O sofrimento era agravado pela censura na terra natal. Suas famílias não eram informadas sobre como eles padeciam na neve: "Na *patria* distante, ninguém sabia sobre o sacrifício deles. Nós, na Rússia, vivíamos nossa tragédia enquanto o rádio e os jornais tratavam de assuntos totalmente diferentes. Era como se o país inteiro nos tivesse esquecido."[45]

Corti horrorizava-se com o espetáculo do massacre de prisioneiros russos pelos alemães, embora soubesse que o Exército Vermelho fazia o mesmo com seus prisioneiros. "Era extremamente penoso — pois éramos homens civilizados — estar preso naquele conflito selvagem entre bárbaros."[46] Ele se sentia dividido entre o nojo diante da crueldade dos alemães, "que, por vezes, os desqualificava, a meus olhos, como membros da família humana", e o respeito relutante por sua força de vontade. Lamentava o desprezo que tinham por outras raças. Ouvira falar sobre oficiais alemães que matavam a tiros soldados feridos demais para andar, sobre estupros e assassinatos, sobre trenós carregados com italianos feridos sequestrados pela Wehrmacht. Porém, admirava-se com a maneira como soldados alemães desempenhavam suas obrigações por instinto, mesmo sem ordens de um oficial ou graduado. "Eu (...) me perguntava (...) o que seria de nós sem os alemães. Com relutância, eu era obrigado a admitir que, sozinhos, acabaríamos nas mãos dos inimigos (...) Agradeci aos céus por eles estarem conosco naquela coluna (...) Sem sombra de dúvida, ninguém se iguala a eles como soldados."[47]

Repetidas vezes, tanques alemães e aviões Stuka repeliram ataques de blindados russos, permitindo que as colunas em retirada prosseguissem sob os terríveis morteiros soviéticos. Os testículos de um soldado italiano foram decepados por um estilhaço de bomba. Enfiando-os no bolso, o homem amarrou o ferimento com barbante e seguiu em frente. No dia seguinte, num posto de primeiros socorros, ele arriou as calças e, remexendo nos bolsos, segundo o relato de Eugenio Corti, ofereceu ao médico, "na palma da sua mão, os testículos escurecidos misturados com farelos de biscoito e perguntou se poderiam ser costurados no lugar".[48] Corti sobreviveu até alcançar o terminal ferroviário em Yasinovataya e, dali, viajou para a Alemanha através da Polônia. Um trem-hospital finalmente levou-o para casa, em sua amada Itália. No fim de 1942, um general italiano afirmou que 99% de seus compatriotas não apenas esperavam perder a guerra como desejavam ardentemente perdê-la o mais depressa possível.[49]

• • •

Em janeiro de 1943, a linha de frente alemã no leste sofreu uma série de golpes debilitantes. No dia 12, no extremo norte, os russos lançaram um ataque que, ao fim de cinco dias de combates, abriu um corredor ao longo da costa do lago Ladoga, rompendo o cerco a Leningrado. Um assalto simultâneo ao sul recapturou Voronezh e destroçou as formações húngaras dos exércitos de Hitler. No final de janeiro, forças soviéticas aproximaram-se de Rostov, ameaçando forças alemãs no Cáucaso, logo confinadas a uma cabeça de ponte em Taman, a leste da Crimeia. Em 31 de janeiro, Paulus rendeu-se com o restante do VI Exército, em Stalingrado. Zhukov tornou-se o primeiro comandante

soviético a receber o bastão de marechal, acompanhado, pouco depois, por Vasilevsky e pelo próprio Stalin. Em 8 de fevereiro, os russos entraram em Kursk e, uma semana depois, em Rostov; tomaram Kharkov no dia 16.

Stalingrado transformou o moral do Exército Vermelho. Um soldado chamado Ageev escreveu uma carta para casa: "Estou num estado de espírito excepcional. Se ao menos soubessem, estariam tão felizes quanto eu. Imaginem: os Fritzes estão fugindo de nós!"[50] Vasily Grossman enojou-se com o que percebia como um grosseiro egoísmo de Chuikov e de outros comandantes, que competiam entre si pelo crédito das vitórias do Exército Vermelho: "Não há modéstia. 'Fui eu, eu, eu, eu, eu, eu...' Falam sobre outros comandantes sem qualquer respeito, reproduzindo fofocas ridículas."[51] No entanto, depois dos horrores e dos fracassos do ano anterior, quem poderia ressentir-se dos ataques de triunfalismo dos generais de Stalin? A luta por Stalingrado custara 155 mil mortos russos, muitos depositados em valas comuns e anônimas porque a superstição fazia os *frontoviks*, como os russos chamavam seus soldados combatentes, relutarem em usar cápsulas de identidade, equivalente no Exército Vermelho às placas de identificação. Outros 320 mil homens foram evacuados, doentes ou feridos, mas a conta desse açougue parecia aceitável como o preço de uma vitória que mudou o curso da guerra.

Os Aliados alegraram-se junto ao povo de Stalin. "A morte de milhares de alemães na Rússia é informação da melhor qualidade",[52] escreveu o civil britânico Herbert Brush em 26 de novembro de 1942, "e espero que continue por muito tempo. É a única maneira para converter os jovens alemães. Imagino como os russos tratarão os prisioneiros (...) isso mostrará se foram realmente convertidos à vida civilizada." Em resposta à indagação de Brush, muitos prisioneiros alemães foram mortos ou abandonados para morrer de fome ou de frio, porque a competição de barbaridades já não podia ser contida.

O Exército Vermelho alcançou avanços impressionantes nos primeiros meses de 1943, conquistando até 240 quilômetros no norte e parando além de Kursk. Os generais soviéticos às vezes demonstravam perspicácia, mas os combatentes continuavam sendo o elemento-chave do sucesso. A disciplina era errática, e as unidades eram vulneráveis a acessos de pânico e deserções. A incompetência no comando era geralmente agravada por casos de embriaguez. O capitão Nikolai Belov registrou cenas nada atípicas durante um ataque:

> O dia da batalha. Dormi durante o bombardeio de artilharia. Mais ou menos uma hora e meia depois, acordei e corri ao telefone para verificar a situação. Então corri pela trincheira de comunicação até o 1º Batalhão de Fuzileiros, onde encontrei seu comandante, o capitão Novikov, e o chefe de estado-maior, Grudin, movendo-se, apressados, com pistolas em punho. Quando pedi que se apresentassem, disseram que estavam instruindo seus homens a atacar. Ambos estavam bêbados e ordenei que guardassem as armas.[52]
>
> Havia pilhas de cadáveres nas trincheiras e nos parapeitos, entre eles o capitão Sovkov, morto por Novikov — disseram-me que ele matara muitos soldados [nossos]. Eu disse a Novikov, Grudin e Aikazyan que, caso não se juntassem à companhia de vanguarda, eu os mataria, mas, em vez de

avançarem em direção ao rio, seguiram para a retaguarda. Dei-lhes uma salva de submetralhadora, mas Novikov deu um jeito de voltar para a trincheira. Empurrei-o para a frente com minhas próprias mãos. Ele logo se feriu, e Grudin trouxe-o nas costas. Ambos, notórios covardes, estavam, é claro, satisfeitos. Assumindo o comando do batalhão, cruzei o rio Oka à noite para me juntar à companhia avançada do tenente Util'taev. Quando a noite caiu, avancei com três companhias, mas o ataque fracassou.

A causa fundamental dos desastres que se abateram sobre os exércitos alemães na Rússia durante o inverno de 1942 e 1943 foi abraçarem uma tarefa além da capacidade do país. A Wehrmacht foi salva de um desastre imediato graças ao comando de Manstein. Hitler dissera, a contragosto, em 1940: "Não tenho simpatia pelo homem, mas ele é capaz."[54] Manstein foi, quase certamente, o general alemão mais talentoso na guerra. Em março, ele estabilizou sua linha, lançou um contra-ataque que retomou Kharkov e conteve o ímpeto que levara pontas de lança soviéticos do Volga ao Donets, assegurando a Hitler mais algum tempo para respirar.

Mas para quê? A balança de vantagens na Frente Oriental mudara decisiva e irrevogavelmente contra a Alemanha. O poder da União Soviética e de seus exércitos crescia rapidamente enquanto a força dos invasores minguava. Em 1942, a Alemanha produziu apenas 4.800 viaturas blindadas, enquanto a Rússia fabricou 24 mil. O novo tanque T-34, melhor do que qualquer coisa que os alemães empregavam, exceto o Tiger, começou a aparecer em quantidade — Chelyabinsk, um dos imensos centros de produção nos Urais, tornou-se conhecida como Tankogrado. Naquele ano, a Rússia fabricou ainda 21.700 aeronaves contra 14.700 unidades alemãs. O Exército Vermelho empregou seis milhões de soldados, apoiados por 516.000 homens do NKVD. Nos combates do inverno de 1942–43, a Alemanha perdeu um milhão de homens, além de vastas quantidades de material bélico.

O desempenho da Wehrmacht em combate permaneceu superior à atuação do Exército Vermelho: até o fim da guerra, em quase todos os confrontos locais, os alemães causaram mais baixas do que sofreram, mas suas habilidades táticas não bastavam para conter a maré russa. Stalin identificava bons generais, construía vastos exércitos com quantidades formidáveis de tanques e de peças de artilharia e, finalmente, recebia as grandes remessas dos Aliados Ocidentais, inclusive alimentos, viaturas e equipamentos de comunicação. Os cinco milhões de toneladas de carne americana que por fim chegaram à Rússia equivaliam a 225 gramas de ração diária para cada soldado soviético. As remessas dos Aliados provavelmente evitaram uma fome catastrófica naquele inverno.

Dos 665 mil veículos do Exército Vermelho em 1945, 427 mil eram americanos, inclusive 51 mil jipes. Os Estados Unidos forneceram metade dos coturnos do Exército Vermelho — a perda de rebanhos levou à escassez de couro —, quase duas mil locomotivas, quinze mil aeronaves, 247 mil telefones de campanha e quase quatro milhões de pneus. "Nosso exército se viu subitamente sobre rodas — e que rodas!",[55] disse Anastas Mikoyan, com generosidade atípicas num ministro de Stalin. "Quando começamos a receber carne enlatada, gordura, ovos em pó e outros alimentos dos

americanos, tivemos em mãos muitas calorias extras." Mikoyan acreditava que os suprimentos do programa Lend-Lease encurtaram a guerra em doze a dezoito meses.

Ficou claro para os comandantes de Hitler que a vitória no leste não seria mais possível. A única questão era por quanto tempo seus exércitos aguentariam o crescimento implacável da força russa. Quando a primavera derreteu o gelo do Volga, entre muitos horrores revelados pelo degelo apareceram os corpos de um russo e de um alemão, vítimas de Stalingrado, agarrados num abraço mortal. Porém, os compatriotas vivos daquele alemão já estavam mais de 480 quilômetros a oeste dali, empenhados numa retirada que jamais se reverteria.

13
Viver com a guerra

1 GUERREIROS

A experiência da guerra foi de uma diversidade extraordinária. A Frente Oriental, onde 90% de todos os alemães mortos em combate encontraram seu destino, dominou de forma esmagadora a luta contra Hitler. Entre 1941 e 1944, marinheiros e pilotos britânicos e americanos combateram no mar e no céu, mas números relativamente pequenos de tropas terrestres dos Aliados lutaram contra o Eixo no Norte da África, na Itália, na Ásia e no Pacífico. Forças anglo-americanas muito maiores passaram aqueles anos treinando e exercitando-se: quando o 1º Batalhão de Norfolks entrou em ação em Kohima, em junho de 1944, por exemplo, era sua primeira batalha desde que deixara a França, através de Dunquerque, em maio de 1940. Outras unidades britânicas e americanas experimentaram demoras igualmente longas antes de entrarem na briga. O conflito foi uma circunstância dominante na vida da população da Grã-Bretanha e de seus domínios brancos, e, em grau menor, dos Estados Unidos, mas impôs perigos e dificuldades graves apenas para um número relativamente pequeno de homens "no gume" dos combates terrestres. No mar, as mortes durante a maioria das batalhas navais foram contadas às centenas. No céu, tripulantes sofreram perdas proporcionalmente mais numerosas, apequenadas, no entanto, pelas baixas na campanha terrestre do leste.

A União Soviética sofreu 65% das mortes militares entre os Aliados, a China, 23%, a Iugoslávia, 3%, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, 2% cada, a França e a Polônia, 1% cada. Cerca de 8% de todos os alemães morreram, em comparação com 2% dos chineses, 3,44% dos holandeses, 6,67% dos iugoslavos, 4% dos gregos, 1,35% dos franceses, 3,78% dos japoneses, 0,94% dos britânicos e 0,32% dos americanos. Dentro das forças armadas, 30,9% dos alemães alistados na Wehrmacht morreram, 17,35% dos homens da Luftwaffe (incluindo paraquedistas e pessoal de terra) e 34,9% das forças das Waffen SS. Entre os japoneses, 24,2% dos soldados foram mortos, e 19,7% da tripulação naval. As formações japonesas empregadas contra os americanos e os britânicos em 1944 e 1945 sofreram perdas muito mais pesadas — as estatísticas gerais são distorcidas pelo fato de um milhão de soldados de Hirohito ter permanecido na China durante a guerra, onde sofreram perdas relativamente modestas. Um em cada quatro soldados russos morreu, contra um em cada vinte combatentes da comunidade britânica e um em cada 34 militares americanos. Entre os americanos, 3,66% dos fuzileiros navais morreram,. em comparação com 2,5% do exército e 1,5% da marinha.

Um número módico dos que combateram conseguiu gostar da guerra, geralmente quando seu lado estava ganhando — alemães e japoneses nos primeiros anos; americanos e britânicos depois. Jovens que buscavam aventura a encontravam em todos os lugares. O tenente Robert Hichens, da Marinha Real, escreveu em julho de 1940: "Acho que nossa posição é tão perigosa quanto possível em vista da ameaça de invasão, mas não consigo conter a alegria (...) Estar no passadiço de um dos navios de Sua Majestade, conversar com

o comandante de igual para igual e saber que a embarcação ficaria sob meus cuidados durante as horas seguintes. Quem não preferiria morrer assim a viver como tanta gente comum precisa viver, em cidades atulhadas e suando ao trabalhar num lugar fechado?"[1] Hichens foi morto em 1942, mas era um guerreiro feliz.

As forças especiais — os "exércitos privados", vistos com sentimentos ambíguos por guerreiros mais convencionais — atraíam espíritos ousados, que não se preocupavam em arriscar a vida em empreendimentos piratas em terra e em mar. Entre 1940 e 1944, em parte porque os soldados de Churchill eram incapazes de enfrentar a Wehrmacht na Europa, comandos britânicos conduziram muitas operações pequenas, em que os chefes de estado-maior dos Estados Unidos não confiavam, embora paraquedistas e forças especiais (*Rangers*) americanos tenham desempenhado, posteriormente, papéis importantes na campanha do noroeste da Europa. O primeiro-ministro promovia incursões em postos avançados alemães para demonstrar agressividade, testar táticas e equipamento além de sustentar uma aparência de vigor no esforço de guerra britânico. Provavelmente, a mais útil dessas operações ocorreu na noite de 27 de fevereiro de 1942, quando um pequeno contingente do recém-formado Regimento de Paraquedistas atacou uma estação de radar alemã no topo de um penhasco em Bruneval, perto de La Havre, na costa francesa.

O objetivo foi inspecionado por agentes da Resistência Francesa antes que 120 paraquedistas chefiados pelo major John Frost saltassem na neve espessa, tomassem a posição contra a leve oposição da assustada equipe de radar da Luftwaffe e a mantivessem enquanto um técnico da RAF, o sargento aviador Charles Cox, desmontava os principais componentes do escâner Wurzburg. Em seguida, a força, combatendo, desceu até a praia para ser resgatada por uma barcaça de desembarque, perdendo apenas dois homens mortos e seis prisioneiros. A tecnologia capturada provou-se inestimável para os serviços britânicos de inteligência científica. Churchill e os chefes de estado-maior ficaram impressionados com esse primeiro teste de seus paraquedistas e aprovaram uma grande ampliação dessas unidades. A incursão em Bruneval, trombeteada pela propaganda dos Aliados, foi de fato um belo exemplo de ousadia e de iniciativa, ajudada pela sorte e por uma resposta alemã inusitadamente débil.

Essas operações funcionavam melhor quando realizadas por pequenas frações com objetivos limitados; incursões mais ambiciosas obtinham resultados mais duvidosos. Um mês depois de Bruneval, 268 militares desembarcaram em Saint-Nazaire, enquanto um velho contratorpedeiro abalroava o portão da grande doca flutuante do porto. No dia seguinte, cinco toneladas de explosivos detonaram, como planejado, a bordo do contratorpedeiro, demolindo as comportas e matando muitos turistas alemães, assim como dois oficiais das forças especiais capturados, que mantiveram sigilo sobre a explosão iminente. Contudo, 144 atacantes foram mortos e mais de duzentos homens do exército e da marinha foram feitos prisioneiros. Durante o grande assalto em Dieppe, em agosto de 1942, os alemães sofreram 591 baixas em terra, mas dois terços dos seis mil atacantes, em grande parte canadenses, foram mortos, feridos ou capturados. Até 1944, quando exércitos dos Aliados partiram em grandes campanhas, comandos britânicos e forças aerotransportadas haviam deixado de ser úteis, absorvendo mais efetivos de elite do que os resultados obtidos nos campos de batalha justificavam. Nos primeiros anos da

guerra, porém, contribuíram imensamente para elevar o moral e agradaram seus participantes.

Muitos soldados profissionais agradeciam as oportunidades de carreira oferecidas por Hitler. Aqueles que sobreviviam e que demonstravam competência ganhavam, em meses, promoções que em tempos de paz demorariam anos; comandantes desconhecidos fora de seus regimentos num verão podiam ter fama e fortuna já no ano seguinte. Em cinco anos, Dwight Eisenhower — reconhecidamente um exemplo excepcional — passou de coronel a general de exército. "Um dos fascínios da guerra",[2] nas palavras do general britânico Sir Frederick Morgan, "foi ver como os americanos desenvolveram seus grandes homens tão rapidamente... Ike cresceu quase a olhos vistos."

Em agosto de 1942, mesmo desconhecido fora de sua instituição, Sir Bernard Montgomery, da Grã-Bretanha, avançou de general a comandante de um grupo de exércitos e herói nacional em apenas dois anos. Em postos mais baixos, muitos oficiais comuns, que entraram na guerra como tenentes, tornaram-se coronéis ou generais ainda na casa dos vinte anos. Horatius Murray, por exemplo, em 1939, depois de dezesseis anos de serviço, chegara apenas ao posto de major, mas terminou a guerra como general. Do outro lado, o capitão Rolf-Helmut Schröder, da Wehrmacht, lembrava-se de sua experiência na campanha "com gratidão", apesar de ter sido ferido três vezes. Da mesma forma, o major Karl-Günther von Haase, que sobreviveu ao cativeiro russo, afirmou: "Nos primeiros anos de guerra, orgulhávamo-nos de pertencer ao exército alemão. Contemplo minha carreira militar não sem satisfação."[3]

Algumas pessoas descobriram que suportar sua parte do esforço do país pela conquista ou pela liberdade tornava a tristeza tolerável e enobrecia a solidão e o perigo, mas, quanto mais humildes suas condições pessoais, menores pareciam suas compensações pelo sacrifício. William Crawford, um grumete da Marinha Real de dezessete anos que servia a bordo do cruzador de batalha *Hood*, escreveu para casa, em tom de desgraça: "Querida mamãe (...) Sei que é errado dizer, mas tenho certeza de que não aguento mais. Sinto-me meio doente, não consigo comer e meu coração está saindo pela boca. Hoje enfrentamos mau tempo. Falo de ondas maiores do que casas, que desabam em nossa proa (...) Pergunto-me se adiantaria, mamãe, que você mandasse uma carta ao Almirantado e perguntasse se poderiam me conseguir trabalho em terra firme, em Rosyth. Sabe, diga a eles que tem dois filhos na guerra, essas coisas. Não deixe de mencionar minha idade. Se eu ao menos pudesse sair deste navio, não seria tão ruim."[4] Crawford, porém, ainda estava a bordo quando o *Hood* foi afundado, com quase todos os marujos, em maio de 1941.

Como essa carta ilustra, o estoicismo não era mais universal entre marujos no mar do que entre soldados no campo de batalha. "Estou absolutamente farto",[5] escreveu, do Mediterrâneo, um comandante-intendente naval chamado Jackie Jackson para sua mulher, em maio de 1941: "A sujeira e imundície, as moscas e o calor, e, principalmente, o fato de que não tenho notícias suas." Queixou-se de receber apenas uma carta em seis semanas, "a mais deprimente que já recebi. Acrescente a isso um telegrama sugerindo, mais ou menos, que a casa foi destruída e terá uma ideia do quanto quero saber sobre você e, ao mesmo tempo, do quanto temo essas notícias, porque provavelmente serão ainda piores e com mais queixas (...) Tenho vivido momentos execráveis e pergunto-me por que estou

vivo". É fácil entender por que pessoas como Winston Churchill, George Patton ou pilotos de Mustang ou de Spitfire — uma pequena e privilegiada minoria — gostavam da guerra. É igualmente óbvio por que muitos outros — especialmente soldados de infantaria russos, camponeses chineses, judeus poloneses ou agricultores gregos — não poderiam gostar.

Muitos dentre os que lutaram agarravam-se teimosamente à condição de amadores, desempenhando tarefas completamente desagradáveis antes que pudessem voltar à vida "real". Como refletia o tenente Peter White, de 24 anos, do Regimento King's Own Scottish Borderers e em combate contra os alemães: "Deve levar uns sete anos (...) para que alguém se sinta realmente como um soldado e não como um civil fantasiado. A situação parecia tão ridiculamente irreal e, ao mesmo tempo, assustadoramente real. Podíamos, pelo menos, consolar-nos com a certeza de que os pobres sujeitos do outro lado estão no mesmo barco, embora fosse um barco que eles mesmos buscaram."[6] John Hersey escreveu sobre os fuzileiros navais em Guadalcanal: "Os uniformes, as bravatas (...) eram apenas camuflagem. Eram garotos americanos. Não desejavam aquele vale nem qualquer parte daquela floresta. Eram ex-funcionários de mercearias, ex-operários de rodovia, ex-caixas de banco, ex-estudantes, meninos de ficha limpa (...) não assassinos."

O cabo da RAF Peter Baxter lamentou: "Minha geração inteira (...) está perdendo alguns de seus melhores anos neste triste negócio da guerra. Estamos em nossa plena virilidade, mas ela é sufocada e decai nestes anos perdidos (...) A influência assassina e paralisante da vida em serviço militar arruinou meus vinte anos."[7] Muitos jovens nunca antes viveram longe de casa e odiavam as humilhações e os desconfortos da vida em alojamentos. Frank Novy, de 21 anos, passou sua primeira noite no exército num armazém em Leeds. "Depois de alguns minutos no colchão de palha, escutei reclamações por todos os lados. O meu colchão era duro demais, eu não tinha travesseiro, meus dentes doíam, e logo chegou uma dor de cabeça. Senti-me deprimido e cansado. Tentei dormir, mas pensava em minha casa, e tudo o que eu deixara para trás girava em minha cabeça o tempo todo, sem parar (...) Às vezes sentia-me tão deprimido que queria chorar, mas não podia."[8]

Recrutas endureciam. Len England descreveu como um colega soldado disse uma enxurrada de gracejos para uma moça atrás do balcão da YMCA, virou-se para England e comentou, surpreso: "Eu nunca havia flertado. Estou no exército há apenas cinco dias e veja o que estou fazendo." England observou que ele e seus novos camaradas sentiam-se pessoas diferentes, "mais autoritários e arrogantes nos uniformes".[9] Homens instruídos horrorizavam a crua banalidade do vocabulário nos alojamentos: entre os americanos, tudo parecia ser "que merda"; alguém com fama de covarde "tremia como cachorrinho cagando tachas de carpete"; civis que escapavam ao serviço militar eram "filhos da puta 4-F" [inaptos para o serviço].

Nenhuma frase estava completa sem expletivos obscenos: a porra dos oficiais os obrigavam a cavar a porra dos abrigos individuais antes que recebessem a porra da ração ou ficassem numa porra de sentinela. Mesmo os recrutas de melhor criação adquiriam esse modo de falar militar universal, ainda que os refeitórios dos oficiais aspirassem a melhor educação. Homens cultos sofriam com a transição para um mundo em que não havia lugar para a arte, a música e a literatura. O capitão Pavel Kovalenko, do Exército

Vermelho, escreveu, certa noite, sobre o assunto: “Depois do jantar, sentei-me para ler Nekrasov. Meu Deus, quando poderei passar o tempo que gostaria desfrutando de Pushkin, Lermontov, Nekrasov. Vi uma fotografia de Tolstói quando jovem, num uniforme de oficial (...) Lágrimas me sufocaram a garganta e quase me dominaram.”[10]

O capitão David Elliott, do Regimento Welsh Guards, sentia-se “terrivelmente deprimido” ao retornar para seu quartel na Grã-Bretanha após um fim de semana de folga: “Não existe nada tão chato, tão estreito e tão medíocre quanto a vida de um militar de regimento que não está em campanha (...) Certamente, neste batalhão, não existe caridade, não existe bondade, não existe lealdade (...) Entre os oficiais, senão entre os soldados, há muitas crianças problemáticas.”[11] Enquanto cadetes aviadores se deleitavam com as emoções dos voos de treinamento, poucos recrutas encontravam compensações semelhantes ao descobrir como se tornar um soldado de infantaria. O soldado raso “Red” Thompson, de Staten Island, Nova York, achava que adquirira poucas habilidades: “Aprendi a cuidar de mim, a ser cauteloso, a olhar e ouvir e a cavar buracos.”[12] Todos os soldados reagiam instintivamente à ordem “Peguem seu equipamento e se preparem para sair”, em geral sem saber aonde iriam. A ignorância quanto a tudo que estivesse além do campo de visão era a norma. Como recruta de 1942, treinando na Carolina do Norte, Tony Moody, de dezenove anos, natural do Missouri, decidiu que ele e seus camaradas não acalentavam qualquer desejo de glória: “De alguma forma, esperávamos escapar do perigo.”[13]

Pressões sobre os efetivos levaram à convocação de muitos recrutas que jamais deveriam ter servido. “Meus camaradas eram, em sua maioria, de Yorkshire e de Lancashire”,[14] escreveu o soldado Ron Davidson, de dezoito anos.

> Os anos 1930 foram ruins para muitos e fisicamente difíceis para alguns enquanto outros mal sabiam ler. Lembro-me de um que abobalhado, lento e sem condições — não é preciso dizer que recebera ótima avaliação dos médicos do exército! Conseguia se vestir, mas as complexidades dos equipamentos do exército estavam além de sua capacidade, e costumávamos ajudá-lo. Arrumávamos seu kit de acordo com as normas, mas o fazíamos à noite e [ele] dormia no chão de madeira, onde urinava regularmente. O exército, em sua sabedoria, decidiu que [ele] era “ocioso” e fingia ser doente e dedicou-se a “acordá-lo um pouco”. Isso aconteceu na forma de imensos I[nstrutores] de E[ducação] F[ísica] correndo atrás dele por todo o quartel e berrando-lhe nos ouvidos as obscenidades mais assustadoras.

Esse desajustado foi, por fim, dispensado do serviço, mas a maior parte dos pelotões de fuzileiros incluía um ou dois homens com problemas, cuja conduta no campo de batalha era previsivelmente errática. O soldado britânico William Chappell alistou-se no serviço militar, mas sempre sofreu pelo mundo civil do qual fora arrancado: “Aceito esta vida. Aceito a perda de minha casa, o colapso de minha carreira, a bomba que feriu

minha mãe, a vasta dispersão e desintegração da rede de amizades que teci penosamente (...) Ainda quero as mesmas coisas. Mais chocolate, mais tempo na cama, fácil acesso a banhos quentes, comidas deliciosas, variadas e delicadas, tudo o que é meu perto de mim (...) Meus pés me incomodam, não aguento comer cáqui, fico entediado e irritado com meus companheiros e com todos os monótonos e vagarosos despropósitos da vida no exército. Quero que tudo termine e às vezes invejo vagamente aqueles que já se foram."[15]

Um oficial americano escreveu enquanto estava no Pacífico: "Quando as tendas estão desarmadas, acho que todos os soldados sentem solidão, porque veem que aquilo, afinal, não era sua casa. Enquanto há quatro paredes de lona à sua volta, ele pode se iludir um pouco (...) Em pé no chão nu, cercado por pilhas de pedaços de madeira e sacos de pano, sem qualquer coisa familiar no horizonte, ele se sente desenraizado e inseguro, um andarilho na face da terra. Aquilo que está sempre no fundo de sua mente aparece com nitidez à sua frente: 'Algum dia isso acabará? E estarei aqui para ver?'"[16] O sargento Harold Fennema escreveu para sua mulher Jeannette, no Wisconsin: "Muito dessa vida de guerra e do exército se reduz à insignificante tarefa de passar o tempo, o que é mesmo uma pena. A vida é tão curta e o tempo tão precioso para quem vive e ama a vida que mal posso acreditar que busco qualquer coisa para me distrair e passar as horas (...) Às vezes, pergunto-me aonde chegaremos."[17] Contudo, se a vida no acampamento era monótona, ao menos era mais perto de casa do que teatros da guerra. O soldado Eugene Gagliardi, jornalista de dezenove anos do Brooklyn, recordou toda a sua experiência em serviço na Europa como "um pesadelo. Todas as minhas boas lembranças do exército são anteriores à França".[18]

O serviço ativo, quando chegava, mudava tudo. O correspondente americano E. J. Kahn escreveu, na Nova Guiné: "Quando a carreira militar de um conscrito urbano progride, aos poucos se transforma de um ser caseiro para uma vida totalmente ao ar livre."[19] O fuzileiro naval Eugene Sledge rechaçava o estado brutal a que o campo de batalha o reduzira: "Para mim, era difícil tolerar a imundície corporal imposta ao combatente de infantaria pelas condições de vida no campo de batalha. Incomodava a quase todos... Eu fedia! Eu sentia como (...) se houvesse duendes andando na minha boca com botas enlameadas (...) Curto como era, meu cabelo era um emaranhado de poeira e de óleo de fuzil. O couro cabeludo coçava, e a barba por fazer tornava-se uma fonte crescente de irritação no calor. Água potável era preciosa demais (...) para gastar escovando os dentes ou fazendo a barba, mesmo quando havia oportunidade."[20]

O combate abria um abismo entre quem experimentava seus horrores e aqueles que ficavam em casa. Em dezembro de 1943, o canadense Farley Mowat escreveu para sua família, da frente de Sangro, na Itália: "A lamentável verdade é que estamos em mundos realmente diferentes, em planos totalmente diferentes, e já não conheço vocês. Conheço apenas quem foram. Eu queria poder explicar a sensação desesperada de isolamento, de não pertencer a meu passado, de estar à deriva numa espécie de espaço estranho. É uma das coisas mais duras que precisamos aguentar — isso e o verme primitivo do medo, que nos corrói por dentro."[21]

O grande duque de Wellington comentou, com razão: "Acreditem, nem todos os homens que usam uniformes militares são heróis." Em todos os exércitos, soldados que

serviam em unidades avançadas menosprezavam aqueles que, em número muito maior, ficavam nas áreas de retaguarda, preenchendo posições em que enfrentavam riscos desprezíveis: a infantaria sofreu 90% das baixas dos exércitos. Um fuzileiro americano ou britânico que entrasse na França em junho de 1944 tinha 60% de chance de ser morto ou ferido antes do fim da campanha, chegando a 70% para os oficiais. Unidades de blindados e de artilharia sofriam, proporcionalmente, baixas muito menores, e os homens nas imensas "caudas" logísticas expunham-se a um risco de morte ou acidente não maior do que operários industriais em seus países de origem.

Os bombardeios causavam traumas intensos. "Não havia nada sutil ou íntimo na aproximação e na explosão de uma granada de artilharia",[22] escreveu Eugene Sledge, recordando Peleliu:

> Quando eu ouvia o assobio se aproximar, todos os músculos em meu corpo se retesavam. Eu me preparava, num esforço insignificante para não ser levado pela bomba. Sentia-me totalmente desamparado. Conforme o som do assobio diabólico aumentava, meus dentes rangiam, o coração disparava, a boca secava, os olhos se contraíam, o suor escorria pela pele, a respiração tornava-se apressada e irregular, e eu tinha medo de engolir para não engasgar. Eu sempre rezava, às vezes em voz alta. Sentia-me totalmente impotente (...) Para mim, a artilharia era uma invenção infernal. O assobio e o ruído do pacote de aço grande e destruidor que se aproximava eram o auge da fúria violenta, a encarnação do mal reprimido. Eram a essência da violência e da desumanidade. Desenvolvi um ódio intenso pelas granadas. Ser morto por uma bala parecia tão limpo e cirúrgico, mas as granadas não apenas rompiam e rasgavam o corpo como nos torturavam mentalmente quase além dos limites da sanidade. Após cada granada, eu era um bagaço, mole e exausto.

A passividade forçada diante do bombardeio era uma das mais sombrias provações de cada soldado. "Dê um fuzil ou uma metralhadora Bren a um escocês e permissão para usá-los e, por mais apavorado que esteja, ele enfrentará muitas coisas", escreveu o capitão Alastair Borthwick, do 5º Regimento Seaforth Highlanders. "Coloque-o, inativo, numa trincheira e torna-se cada vez mais difícil suportar o perigo. O medo é traiçoeiro e cresce na inatividade."[23] A maioria dos soldados descobria um horror único ao aguentar uma barragem de morteiro — fantasiosamente comparada ao barulho surdo, repentino e repetitivo de uma mulher batendo um tapete. Bombas que detonavam no alto das árvores espalhavam lascas de madeira e estilhaços de aço letais pelas redondezas. Peter White foi dominado por piedade por um de seus soldados durante uma dessas investidas:

> O jovem Cutter, que realmente não se adequava a esse tipo de passatempo, desmoronava completamente quando ouvíamos, fascinados, o estalo das

> granadas que subiam da colina inimiga, e deitávamos, tremendo, durante a espera insuportavelmente longa pelo sussurro de sua descida, que ressoava por um momento antes que nossos arredores explodissem em colisões devastadoras penosas aos ouvidos. A cada clímax, o lamuriento sofrimento do soldado Cutter rompia num fluxo incontrolável de súplicas verbais. Ele se recuperava o suficiente durante os intervalos para murmurar um "Desculpe, senhor" (...) Eu tinha compaixão por Cutter, mas não ousava demonstrar por sentir que ele se abateria ainda mais. Ele perdera tamanho controle de si quando houve uma pausa longa o suficiente para corrermos e continuarmos a cavar que ordenei que ficasse onde estava até se recompor completamente. O estado de Cutter era tal que sua condição poderia colocar ideias na cabeça dos outros. Ele rastejava na areia, gemendo: "Ó, Deus, ó, Deus, quando isso vai parar... Senhor... Eu, desculpe. Deus! Ó, pare." Ninguém zombava ou fazia piadas. Todos passáramos vividamente por aquela aflição para sentirmos qualquer coisa além de grande compaixão.[24]

Com a experiência, os soldados superavam a ilusão inicial de que todos que se viam sob uma tempestade de explosivos potentes estavam condenados a morrer: descobriam que a maioria dos soldados sobrevive à maioria das batalhas. Então, era uma questão de predileção o soldado decidir se estava destinado a figurar entre os afortunados ou condenado a juntar-se aos mortos. "Aprendemos nossa primeira lição: a de que o destino, não os alemães ou os italianos, era nosso inimigo e não fazia distinções",[25] escreveu um cabo dos Engenheiros Reais, na Sicília. "Com a mesma frieza das ordens do exército, sem justiça ou julgamento. 'Você e você mortos, o resto no caminhão.'" Farley Mowat escreveu, em agosto de 1943, com a falta de jeito de seus 22 anos: "É difícil para caras que têm a minha idade entenderem que ninguém vive para sempre. A morte é apenas uma palavra até descobrirmos que é algo diferente. É banal, mas horrivelmente verdadeiro. Nas primeiras vezes em que quase é atingido você tem certeza de que é quase imortal. Nas vezes seguintes, começa a duvidar. Depois, olha sobre os ombros para ter certeza de que a velha Sorte continua por perto."[26]

Muitos homens fantasiavam sobre o privilégio de um ferimento leve, o que permitiria que escapassem com honra do campo de batalha. A sorte, porém, era pouco generosa: um jovem oficial do Regimento Birmanês de Fuzileiros fora transportado de avião da Índia, em 1944, para se juntar a uma coluna Chindit sitiada. Na noite em que chegou, após menos de duas horas de combate, uma bala se alojou em sua coxa direita, decepando-lhe o pênis e o testículo direito. O cabo James Jones escreveu, em Guadalcanal: "São curiosas as coisas que acontecem com a gente. Um dia, um homem perto de mim foi atingido no pescoço, enquanto se levantava, por uma bala de uma saraivada de metralhadoras. Ele soltou um grito — 'Ah, meu Deus!' — numa voz terrível, sinistramente cômica, parecendo um gargarejo, que me fez pensar no som característico da velha banda Rippling Rhythm, de Shep Fields. Havia uma lucidez na voz, e um tom de quem esperava aquilo, depois ele caiu, para todos os efeitos, morto. Digo 'para todos os efeitos' porque talvez suas funções vitais tenham continuado por algum tempo."[27]

Jones sugeriu que alguns homens encontravam consolo em resignar-se à aparente inevitabilidade de sua morte: "Estranhamente, para todos, a aceitação e o abandono da esperança criavam e instilavam esperança, numa espécie de equivalente mental da oposição do negativo e do positivo fotográfico. Coisas pequenas ganhavam significado. A próxima refeição, a próxima garrafa de bebida, o próximo beijo, o próximo nascer do sol, a próxima lua cheia. O próximo banho. Ou, como diria a Bíblia, não exatamente com essas palavras: 'Baste a cada dia sua existência.'"

O grotesco tornava-se normal. "Aprendia-se a aceitar coisas que se pensaria impossíveis",[28] disse o doutor Karl-Ludwig Mahlo, médico do exército alemão. Hans Moser, um apontador de dezesseis anos de uma bateria antiaérea de 88 milímetros na Silésia, surpreendeu-se ao não se comover quando uma explosão matou a equipe vizinha, espalhando pedaços de corpos por onde ele estava. "Eu era tão novo que não pensava muito nas coisas."[29] O soldado de infantaria americano Roscoe Blunt observou o impacto de uma granada num colega: "O homem desintegrou-se, sobrando apenas pedaços e poças de carne e de ossos espalhados pela lama. O serviço de sepultamento jamais encontraria esse corpo, nem mesmo suas placas de identificação. Mais um soldado desconhecido. Sentei-me e comi. Eu não o conhecia."[30]

Debaixo de fogo, a maioria dos soldados concentrava-se no que acontecia nas imediações e na lealdade de uns com os outros. Suas esperanças e seus temores tornavam-se elementares, como descreveu o tenente britânico Norman Craig no deserto: "A vida era tão livre de todas as suas complexidades. Que clareza e simplicidade ela tinha! Continuar vivo, levar mais uma vez uma existência normal, sentir novamente calor, conforto e segurança — o que mais alguém poderia querer? Nunca mais eu reclamaria das circunstâncias, nunca mais questionaria o destino, nunca mais me sentiria entediado, infeliz ou insatisfeito. Poder continuar vivo: nada mais importava."[31] Camaradagem era fundamental: "Ninguém tem coragem para agir segundo sua covardia natural quando toda a companhia está assistindo",[32] disse um sargento da Luftwaffe, Walter Schneider, satisfeito com o próprio paradoxo.

A intimidade forjada em poucas semanas de batalha levou certas unidades a tratar os recém-chegados — intrusos — com crueldade cínica. Um sargento americano veterano disse, a respeito de Anzio, onde sua unidade teve oito soldados substitutos mortos 24 horas após chegarem: "Não exporíamos nossos camaradas numa situação estúpida como aquela. Estivemos juntos na África, na Sicília e em Salerno. Mandamos os substitutos."[33] O mesmo acontecia em todos os exércitos: "A companhia era a *Heimat* [pátria]",[34] disse Helmut Gunther, da SS Unterscharführer, "as pessoas com quem queríamos estar. O que importava em estar ferido era a separação em relação à unidade. O sentimento por aqueles que estavam conosco havia muito tempo era inteiramente diferente do sentimento em relação aos outros. Alguns meses são uma eternidade para um soldado na guerra." Alguns escoceses da 51º Divisão Highland rebelaram-se em Salerno, em setembro de 1943, porque foram transferidos para outra grande unidade.

Apenas um pequeno número de guerreiros alimentava esperanças mais ambiciosas do que sua sobrevivência. Entre eles, estava um oficial britânico que escreveu para os pais antes de ser morto em sua primeira batalha no Norte da África: "Eu gostaria que vocês

soubessem em nome de que morri (...) Sinto que há, na Inglaterra e nos Estados Unidos, uma tremenda explosão de sentimento, de um sentimento que, por falta de palavra melhor, chamo de 'bondade'. Não é expresso pelos políticos ou pelos jornais, pois é profundo demais. É o anseio sincero de toda a 'gente comum' por algo melhor — um mundo mais digno de seus filhos, um mundo mais simples em suas crenças, mais perto da terra e de Deus. Ouvi-a muitas vezes entre os soldados na Inglaterra e nos Estados Unidos, nos trens, nas fábricas de Chicago e nos clubes de Londres, às vezes tão mal expresso que é difícil reconhecê-la, mas, sob tudo, existe esse desejo ardente por uma vida nova."[35]

Tudo o que disse era verdade. Enquanto Winston Churchill via-se conduzindo uma luta para preservar a grandeza do Império Britânico, grande parte de seus compatriotas ansiava por mudanças internas, previstas com mais nitidez no relatório Beveridge, publicado em novembro de 1942, que lançou os alicerces do estado de bem-estar social da Grã-Bretanha no pós-guerra. O *Spectator* informou num editorial: "O relatório quase ofuscou a guerra como principal assunto no país; é debatido intensamente pelas tropas britânicas além-mar."[36] O capitão David Elliott escreveu para a irmã após ouvir uma discussão entre seus soldados da Guarda Real sobre Beveridge: "Se não for aceito *in toto*, sinto que haverá uma revolução."[37] O membro do parlamento Aneurin Bevan, do Partido Trabalhista Independente, disse, na Câmara dos Comuns, com insólita exatidão: "O exército britânico não está lutando pelo velho mundo. Se os honrados membros da oposição acham que estamos passando por essa provação para preservar seus pântanos malaios, estão enganados."[38]

Havia um contraste claro entre as atitudes dos povos europeus e asiáticos, que buscavam mudanças sociais e constitucionais como recompensa pela vitória, e dos compatriotas de Franklin Roosevelt, amplamente satisfeitos com a sociedade em que viviam. Um jornalista do *New York Times* fez observações irônicas, sobre os americanos no exterior: "O chá britânico e o *vin rouge* francês apenas confirmaram suas convicções originais: que os Estados Unidos são seu lar e que seu lar é melhor do que a Europa."[39] Ernie Pyle anotou as aspirações dos soldados que conheceu antes da invasão à Sicília, esmagadoramente dominados pelo desejo de voltar para casa: "O futuro profundamente desejado pelos homens que vão para o campo de batalha inclui tantas coisas — coisas como rever 'minha senhora', ir para a faculdade, segurar no colo, ao menos uma vez, o próprio filho, ser mais uma vez o campeão de vendas em seu distrito, dirigir um caminhão carregando carvão pelas ruas de Kansas City e, sim, apenas sentar-se mais uma vez ao sol, no lado sul de uma casa no Novo México (...) Eram essas pequenas esperanças que compunham a soma total de nossas preocupações, mais do que qualquer visualização de agonias físicas que estivessem por vir."[40]

A ambição obsessiva dos homens de voltar para casa tornava-se mais enfática quando as "agonias físicas" chegavam. A enfermeira Dorothy Beavers, do exército americano, escreveu uma carta para "um belo rapaz, um capitão, que perdera os braços e as pernas. Ainda assim, ele parecia animado por poder dizer: 'Estou indo para casa'".[41] Quando teve uma das mãos decepada por uma explosão, motorista americano de uma guarnição de metralhadoras, Donald Schoo, corria em círculos, gritando histericamente: "Vou para

casa! Obrigado, Deus! Vou para casa!"[42] Um soldado que recebeu uma carta de rompimento de sua mulher disse a um repórter: "Qualquer soldado no exterior que se diga apaixonado por sua mulher diz uma grande mentira (...) Ele está apaixonado por uma lembrança — uma noite de luar, um vestido lindo, um perfume ou o ritmo de uma canção."[43]

O isolamento era uma sensação opressora, mesmo aos homens que serviam entre legiões de compatriotas. "Vejo todos esses milhares de soldados solitários aqui",[44] escreveu John Steinbeck, na capital britânica, em 1943, referindo-se aos soldados de infantaria nas ruas. "Há um jeito de andar que eles usam em Londres, um arrastar de pés patético. Procuram alguma coisa. Dirão que é uma garota — qualquer garota, mas não é isso, de forma alguma." Embora os soldados falassem frequentemente sobre mulheres, sob o estresse e o desconforto implacável do campo de batalha a maioria desejava prazeres simples, entre os quais o sexo raramente estava presente. Um tenente-coronel do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, no Sul do Pacífico, fantasiou sobre suas ambições quando voltasse para casa: "Voltarei a usar pijamas (...) Vou engolir alguns ovos e várias garrafas de leite (...) Alguns banhos quentes também estão na ordem do dia (...) Mas deixarei o melhor para o fim: vou passar um dia inteiro acionando a descarga no vaso só para escutar a água correr."[45]

É impressionante contrastar ambições tão modestas, comuns a muitos soldados das democracias, com o entusiasmo marcial de alguns homens de Hitler, em especial aos que pertenciam às Waffen SS, que persistiu, em grau surpreendente, até os últimos meses da guerra. Uma italiana nascida nos Estados Unidos escreveu, com uma mistura de perplexidade, repugnância e fascínio sobre dois oficiais alemães que conheceu em 1943: "São os seres humanos mais altamente especializados que já encontrei: os 'combatentes'. Ambos têm menos de 25 anos, participaram das campanhas da Polônia, da França, da Rússia e agora da Itália. Um deles, que emergiu das fileiras, comandou por seis meses uma companhia de desertores russos (...) É impossível descrever a profundidade da convicção em sua voz enquanto expunha a nós as conhecidas doutrinas que lhe foram ensinadas: a necessidade da *Gross Deutschland*, a superioridade racial ariana, a inevitabilidade da entrada da Alemanha na guerra (apesar de todos os esforços de Hitler pela paz com a Inglaterra), o orgulho que sentia de seu país e de seus soldados e, acima de tudo, sua certeza inabalável, mesmo naquele momento, da vitória."[46]

É um enigma persistente que um exército alemão esmagadoramente composto por recrutas, tão cidadãos quanto os soldados dos Aliados, tenha se mostrado tão consistentemente superior. Parte da resposta está, com certeza, no profissionalismo supremo do corpo de oficiais e em sua doutrina de combate; ao longo dos séculos, a Alemanha produzira soldados formidáveis, e, sob Hitler, seu desempenho atingiu o ponto máximo, embora por uma causa inominável. Além disso, o papel da coerção tornou-se quase tão importante quanto nos exércitos de Stalin. Soldados que fugiam do campo de batalha ou desertavam sabiam que estavam sujeitos à execução, sanção imposta com frequência cada vez maior à medida que o império nazista desmoronava. A Wehrmacht não executou tantos de seus homens quanto os russos, mas, até 1945, os fuzilamentos somavam dezenas de milhares. Os comandantes dos Aliados, desesperados

para convencer seus soldados a se esforçarem mais, por vezes lamentavam sua incapacidade em impor penas de morte para os desertores.

Mais importante, porém, para a resistência residual alemã foram as contribuições de um núcleo de fanáticos, notavelmente as formações das Waffen SS. Uma década de doutrinação nazista moldou excelentes jovens líderes. Mesmo quando estava claro que a maré da guerra se virara irreversivelmente contra Hitler, muitos alemães fizeram sacrifícios extraordinários para preservar sua pátria da vingança russa. Nem todos os membros da Wehrmacht eram heróis: em 1944 e 1945, um número crescente mostrou-se pronto, e até ansioso, para capitular, mas o *ethos* do exército de Hitler — como no russo e no japonês — diferia, de modo importante, do ambiente das forças britânicas e americanas. O preço por permitir que seus soldados retivessem algumas liberdades civis e de escolha e por renunciar a punir os fracos com sanções brutais foi a obrigação dos exércitos ocidentais de compensar com poder de fogo e paciência a menor disposição de seus homens para aceitarem sacrifícios.

2 LINHA DE FRENTE DOMÉSTICA

Nikolai Belov, do Exército Vermelho, escreveu em seu diário, no fim de 1942: "Ontem recebi um maço de cartas de Lidochka. Sinto que sua vida não está fácil em casa, com os pequenos."[1] O capitão Belov minimizou as aflições de sua mulher. Em muitas sociedades, os civis sofreram mais do que os soldados. O romeno Mihail Sebastian nunca viu um campo de batalha, mas escreveu sobre a guerra em dezembro de 1943: "Qualquer balanço pessoal se perde na sombra da guerra. Sua presença terrível é a primeira realidade. Depois, em algum lugar, longe, esquecidos por nós, estamos nós mesmos, com nossas vidas apagadas, diminuídas e letárgicas enquanto esperamos despertar e viver novamente."[2] Embora as estatísticas sejam drasticamente distorcidas pela mortalidade na Rússia e na China, é notável que, do ponto de vista global, o número de não combatentes mortos entre 1939 e 1945 seja maior do que a mortandade dos que participaram da guerra em uniformes. É difícil usar sem ironia a expressão "linha de frente doméstica" no contexto da guerra na Rússia, em que dezenas de milhões se viram nas condições descritas, em setembro de 1942, pelo comissário ucraniano Pavel Kalitov, no vilarejo de Klimovo: "Uma mulher pálida e magra senta-se num banco, com um bebê nos braços e uma menina de uns sete anos. Ela chora, coitada. Por quê? Eu faria qualquer coisa para ajudar esses seres humanos miseráveis, para aliviar sua dor."[3]

Três semanas depois, ele descreveu uma cena parecida em Budnitsa: "O que sobrou aqui? Montes de ruínas, chaminés que se projetam, cadeiras queimadas. Onde havia estradas e trilhas, há espinhos e mato. Nenhum sinal de vida. A aldeia está sob constante fogo de artilharia."[4] Pouco depois, a unidade de Kalitov recebeu a ordem de expulsar todos os civis ainda presentes numa área de 24 quilômetros atrás da linha de frente; eles poderiam levar seus objetos pessoais, mas nenhuma forragem ou batatas. Kalitov escreveu, infeliz: "Precisamos trabalhar com os civis, prepará-los para que cumpram a ordem sem resistência. É uma tarefa dura: muitas pessoas sobrevivem quase exclusivamente à base de batatas. Exigir que as deixem para as tropas é condená-las a

dificuldades terríveis, até à morte. Uma família de refugiados está diante de mim. São tão magros e abatidos que se pode enxergar através deles. É muito difícil olhar para os pequeninos — são três, um bebê e os outros um pouco mais velhos. Não há leite. Essas pessoas sofreram tanto quanto nós, soldados, ou mais. Bombas, granadas e minas não as amedrontam."[5] Ele se maravilhava com o que os seres humanos eram capazes de suportar.

Mesmo os russos que não sofreram cercos ou bombardeios passaram a guerra em condições de privação extrema: eles recebiam quinhentas calorias a menos do que os britânicos ou os alemães e mil calorias a menos do que os americanos. Dois milhões morreram de fome em territórios sob controle soviético, enquanto outros treze milhões morreram em bombardeios ou em regiões ocupadas pelos alemães; prisioneiros nos *gulag* ocupavam o último lugar na hierarquia de prioridade das rações, e, durante os anos da guerra, um em cada quatro deles morreu. Os russos foram acometidos por epidemias de escorbuto como consequência da deficiência de vitaminas, junto com muitas outras doenças associadas à fome e ao excesso de trabalho. "Não tínhamos vida pessoal fora da fábrica",[6] disse a moscovita Klavdiya Leonova, que trabalhava numa fábrica de tecidos fazendo agasalhos e redes de camuflagem para o exército.

Durante a guerra, sua linha de produção foi mantida ininterruptamente, com os operários divididos em turnos de doze horas. Alimentavam-se mal, com pão e *kasha* — um mingau feito com trigo queimado — distribuídos nas bancadas de trabalho. "Não morríamos, mas estávamos sempre com muita fome e comíamos cascas de batata (...) O domingo, em tese, era um dia de folga, mas o comitê do Partido Comunista da fábrica em geral nos convocava para trabalhos externos, como cavar trincheiras ou buscar madeira nas florestas ao redor de Moscou. Precisávamos encher caminhões com escoras para os túneis das minas, tão pesadas que seriam um fardo até para halterofilistas profissionais (...) Vivíamos com os camponeses (...) as mulheres xingavam o regime regularmente. Xingavam-nos também, porque colhíamos das florestas as frutas e os cogumelos que elas planejavam nos vender."

Nos países ocidentais não ocupados, algumas pessoas prosperaram: criminosos exploravam a demanda por prostitutas, produtos do mercado negro e combustíveis e provisões roubados dos militares; industriais obtiveram lucros enormes, e muitos conseguiram evitar, de alguma forma, pagar os impostos extraordinários; agricultores e criadores, especialmente nos Estados Unidos, onde a renda cresceu 156%, viveram uma prosperidade inédita. "Era um bom tempo na fazenda",[7] disse Laura Briggs, filha de um pequeno proprietário de Idaho. "Meu pai fez benfeitorias na terra (...) Nós, e muitos outros fazendeiros, passamos de cabanas cobertas com papelão alcatroado para casas de madeira com água encanada. Tínhamos um fogão elétrico, em vez do fogão de lenha, água corrente na pia, onde podíamos lavar os pratos, aquecedor de água e um bom piso de linóleo."

No entanto, muito mais gente odiou aquele momento. O tenente David Fraser, soldado do Regimento de Guardas Granadeiros, identificou uma importante verdade sobre as circunstâncias de milhões, soldados ou civis: "As pessoas não estavam em seus lugares, então o efeito era de um sonho do qual se esperava acordar algum dia."[8] Em abril de 1941, Edward McCormick escreveu para seu filho David, que se alistara com o irmão

Anthony e embarcara, com um regimento de artilharia, para o Oriente Médio: "Para Mamãe, em particular", disse o pai,

> toda a guerra gira em torno de você e de Anthony. A principal força motivadora em sua vida, desde que vocês nasceram, foi sua saúde, felicidade e segurança. Esses ainda são seus pensamentos instintivos, e você não precisa que eu diga quão devastadora essa separação é para ela. Para mim, também, e horroriza-me pensar na dificuldade, no perigo e na imundície que provavelmente farão parte de sua experiência. Não tenho dúvida de que esta guerra precisava acontecer. A vitória nazista significaria apenas uma vida prazerosa para um número muito pequeno de alemães escolhidos, e a alma de todos aqueles sob seu domínio seria esmagada. Você e Anthony estão ajudando a livrar o mundo dessa praga, e, ainda que sentimentos pessoais me façam desejar que estivessem longe da guerra, estou orgulhoso (...) daquilo que sei que conquistarão. Mamãe e eu enviamos todo nosso amor e nossas bênçãos e orações para que estejam bem e voltem a salvo para nós. PAPAI.[9]

Mais de quatro anos se passariam antes que a família McCormick se reunisse, uma separação comum a milhões de pessoas. E, embora o alistamento militar fosse a causa mais comum desse deslocamento e do afastamento das famílias, essas condições ocorriam por muitas outras formas. Metade da população da Grã-Bretanha mudou-se durante a guerra: alguns despejados para dar lugar aos militares e alguns porque suas casas foram destruídas, mas a maioria pelas imposições obrigatórias que a guerra exigia. Uma parte significativa da frota pesqueira belga adotou uma nova vida no porto de Brixham, em Devon, enquanto alguns pescadores dinamarqueses trabalhavam a partir de Grimsby, em Lincolnshire. Em outras partes da Europa, os imperativos foram mais brutais. Em janeiro de 1943, por exemplo, uma enfermeira britânica chamada Gladys Skillett viu-se dando à luz um filho não nas Ilhas do Canal, que eram seu lar por direito, mas na maternidade de um pequeno hospital alemão em Biberach.[10] Ela foi um dos 834 civis da ocupada Guernsey a ser deportada para o Reich em setembro de 1943, onde passaria o resto da guerra, como refém, num campo de internação; deveriam ser 836, mas um major idoso e sua mulher, de Sark, cortaram os pulsos antes de embarcar. A Sra. Skillett estabeleceu uma longa amizade com a esposa de um soldado da Wehrmacht, que dividiu o quarto de hospital em Biberach com ela e que deu à luz um filho saudável no dia em que o dela chegou.

Bianca Zagari era mãe de duas crianças numa próspera família italiana e fugiu de sua cidade natal, Nápoles, em dezembro de 1942, quando começou o bombardeio americano. Com um grupo formado por quatorze pessoas, que incluíam parentes do marido, sobrinhos, empregadas e governantas, ela se estabeleceu na remota e empobrecida região de Abruzzo, alugando duas casas numa aldeia no vale de Sangro, acessível apenas a pé. Ali, levaram uma existência desconfortável até que, para seu horror, em outubro de 1943, as bombas começaram a cair nas redondezas; estavam a apenas trinta quilômetros de

Monte Cassino, numa área amargamente disputada pelos exércitos alemães e dos Aliados. Zagari e seus filhos fugiram com os aldeões; quando subiam os morros, um camponês disse-lhe, num dialeto local que ela mal compreendia, que o bombardeio matara a maioria de sua família: "Signora, os dez mortos são seus." Ela escreveu: "Agora amanhece, e outros sobem de Scontrone, aterrorizados. Cada um me conta um detalhe horroroso: uma mão, um pequeno pé, duas tranças com fitas vermelhas, um corpo sem cabeça."[11]

Seu marido, Raffaele, sobreviveu, mas grande parte da família pereceu. Os sobreviventes viveram durante semanas em cavernas nas montanhas, adquirindo habilidades que Zagari jamais conhecera — acender fogueiras e construir abrigos toscos com a escassa ajuda de moradores locais inamistosos, que se preocupavam apenas com os seus. "Preciso pedir tudo, a todos — é como implorar por esmolas." Quando os alemães os encontraram, todos os homens foram recrutados para trabalhos forçados: "Levaram um enquanto ele escavava as ruínas, à procura de sua mãe." Depois de meses de sofrimento, ela fugiu pelas montanhas com os dois filhos e sua caixa de joias. Por fim, um compassivo caminhoneiro alemão deu-lhes carona até Roma. "Chegamos pela Porta San Giovanni. Acho que estou sonhando: vejo babás com crianças brincando calmamente. A guerra parece um boato distante. Todos querem saber de onde viemos. Ninguém compreende a resposta de que viemos de Scontrone, onde nove pessoas de nossa família foram mortas. No hotel Corso, onde o porteiro nos conhece e tenta nos ajudar, ouvimos um hóspede ameaçar jamais se hospedar no estabelecimento se forem admitidos vagabundos como nós."

Os Zagari conseguiram usar sua riqueza para pouparem-se das privações mais severas, o que não foi possível para a maioria dos italianos. Quando o gélido inverno de 1944 chegou, as doenças e a falta de combustível e de alimentos cobraram caro aos civis, especialmente às crianças. Disse uma mãe: "De repente, minha menininha passou mal. O médico disse que era colite — uma morte que chegou em cinco horas de uma agonia indescritível. A casa estava gelada, e Gigeto [o marido] correu para comprar garrafas e enchê-las com água quente. Coloquei-a em nossa cama e segurei-a, com as garrafas em volta. 'Gigeto', gritei, 'Santina não pode morrer.' Mas ela morreu." Muitas pessoas que perderam suas casas, pelos bombardeios ou expulsões, ficaram reduzidas a uma existência primitiva nas montanhas, como descreveu uma menina: "O frio e a umidade das cavernas chegavam aos ossos. Minha mãe agachou-se num canto, segurando meu irmãozinho, que tinha três meses de vida. Mandou-me ir à cidade e encontrar um médico. Corri como uma lebre, mas descobri que ele não estava — fora à casa dos Podestàs, cujo filho tinha uma febre alta, como meu irmão. Finalmente, me deu uma receita, mas não deu nenhum dos remédios sobre sua mesa. Ele disse que nos visitaria, mas, quando chegou, meu irmãozinho estava morto."[12] A mãe, entristecida, disse: "Meu bebê morreu porque meu leite estava ruim por não comer direito." Ela era uma entre milhões.

Pessoas deslocadas de suas casas e países passavam grande parte da guerra esperando: por ordens ou vistos, por uma oportunidade para fugir do perigo iminente, por permissão para viajar. Rosemary Say, inglesa de 21 anos, tendo escapado do internamento alemão em Vichy, na França, andou durante semanas em Marselha entre uma infeliz comunidade de fugitivos: "Era uma tristeza ver o desperdício de intelecto e de habilidades enquanto as esperas se alongavam e o futuro continuava sombrio para muitos. Ele finalmente conseguiu o visto? Terá sido preso ou apenas escapou para tentar a sorte no

interior? Esperávamos e especulávamos, mas, se a pessoa não voltava, era esquecida. A única coisa que nos unia, realmente, era o desejo de estar longe dali para recomeçarmos nossas vidas (...) Havia muitas suspeitas e desespero (...) Os sentimentos eram intensos, e as brigas, ruidosas e violentas. Todos compartilhávamos as aflições de nossas incertezas."[13]

O adolescente ucraniano Stefan Kurylak foi despachado pelos ocupantes alemães, num navio, para trabalhar para uma família de fazendeiros nos Alpes austríacos, de sobrenome Klaunzer, católicos devotos.[14] Ao ver o menino pela primeira vez, Frau Klaunzer irrompeu em lágrimas; sem saber por quê, o jovem ucraniano fez o mesmo. Explicaram-lhe que o filho dos Klaunzer fora morto na Frente Oriental semanas antes. Frau Klaunzer repetia uma entre as poucas frases alemãs que Stefan compreendia: "Hitler não é bom! Hitler não é bom!" Então, Stefan foi tratado com gentileza e humanidade: ele trabalhou na terra da família, não sem satisfação, até o fim da guerra, quando seus anfitriões lhe suplicaram, inutilmente, que ficasse, como parte da família.

Poucas experiências foram tão benignas. O polonês Arthur Poznański, de quatorze anos, voltava ao gueto de Piotrków, num dia de outubro de 1942, vindo da fábrica de vidros Hortensja, onde ele e o irmão mais novo, Jerzyk, trabalhavam, quando um membro da milícia judaica do gueto lhe entregou um bilhete amassado. O recado vinha de sua mãe. Houvera uma deportação: "Estamos sendo levados. Que Deus o ajude, Arthur. Não podemos fazer coisa alguma por você, e, aconteça o que acontecer, cuide de Jerzyk. Ele é apenas uma criança e não tem outra pessoa no mundo, por isso seja seu irmão e seu pai. Adeus (...)"[15] Arthur, comovido, repetia para si mesmo: "Vou tentar! Sim, vou tentar!" Ao mesmo tempo, pensava: "Como? Sentia-me tão só e desamparado." Os meninos passaram o restante da guerra em campos de concentração, separados por centenas de quilômetros, mas, milagrosamente, ambos sobreviveram; os outros membros da família morreram.

Os britânicos suportaram seis anos de austeridade e de bombardeios intermitentes. O blecaute noturno causava depressão moral e física, mas as condições nas ilhas de Churchill eram muito preferíveis às das sociedades continentais, onde a fome e a violência eram endêmicas. Como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha era protegida por vastas extensões de mar e por relativa liberdade pessoal e riqueza. Bretões privilegiados mantiveram-se, de fato, privilegiados: "O extraordinário na guerra foi que as pessoas que realmente não quiseram se envolver não se envolveram",[16] escreveu posteriormente o romancista Anthony Powell.

Era verdade, mas dentro de um meio social limitado. Na semana anterior ao Dia D, enquanto 250 mil jovens soldados americanos e britânicos faziam os últimos preparativos para se lançarem contra a muralha atlântica de Hitler, Evelyn Waugh, em Londres, escrevia em seu diário: "Acordei um pouco bêbado e tive uma longa e movimentada manhã: cortei o cabelo, tentei checar citações na biblioteca de Londres, que ainda está bagunçada por causa da bomba, visitei Nancy [Mitford, em sua livraria]. No almoço, bebi novamente. Fui ao [clube] Beefsteak, em que ingressei recentemente (...) De volta ao [clube] Whites, mais vinho do porto. Fui a Waterloo num estupor alcoólico, peguei o trem para Exeter e dormi durante quase toda a viagem."[17]

Waugh era atípico; muitos entre os amigos com os quais festejava estavam de folga do serviço militar, e vários estariam mortos um ano depois. O assalto alemão com artefatos V não tardaria, infligindo novas mortes e destruição aos bretões já cansados da guerra. Contudo, assim como a vida em Nova York ou em Chicago era muito mais confortável do que em Londres ou em Liverpool, os londrinos estavam em situação muito melhor do que os moradores de Paris, Nápoles, Atenas ou qualquer cidade na União Soviética ou na China. A dona de casa Nella Last, de Lancashire, refletiu, em outubro de 1942, que sua guerra até então infligira poucas dificuldades ou sofrimentos, "em comparação com três quartos de Stalingrado serem demolidos no primeiro bombardeio. Tivemos comida, abrigo e calor, enquanto milhões não tinham qualquer coisa — que preço precisaremos pagar? Não podemos achar que continuaremos 'escapando', não *há* escape para nós. Hoje, vi o bebê de uma vizinha e compreendi, subitamente, aqueles que 'se recusam a trazer bebês ao mundo neste momento'. Toda essa conversa de 'novos mundos' e 'depois da guerra' e nenhuma conversa sobre o sofrimento e a angústia antes que ela termine".[18]

A Sra. Last possuía uma sensibilidade incomum; grande parte dos compatriotas estava preocupada demais com seus problemas imediatos para pensar nos sofrimentos maiores, porém mais distantes, dos outros. Em 22 de novembro de 1942, a dona de casa Phyllis Crook escreveu para o marido, de 32 anos, que servia no Norte da África: "O Natal será uma época abominável, e odeio pensar sobre o assunto, mas ele precisa ser comemorado 'como sempre', e estou tentando conseguir coisas para todas as crianças que conhecemos. Seria fácil dizer 'não posso comprar nada' e pronto. Faz tanto frio. (...) Como eu queria me recolher para o inverno em vez de tremer de frio o tempo todo. Chris [o filho caçula] pediu a Deus que fizesse de você um bom menino esta noite! Bem, meu amor, as notícias parecem muito escassas, e preciso dizer boa-noite. A vida parece desgraçada demais para as palavras. Pergunto-me quando o veremos novamente. É tudo horrivelmente longe, e não adianta pensar muito. Cuide-se, meu querido, e não se meta em perigos, como papai diria! Com todo o meu amor, sempre, querido Phil. P.S. Joyce está trabalhando numa fábrica durante onze horas por dia. John Young teve malária."[19]

As aflições da Sra. Crook pareceriam triviais, e sua autopiedade, insignificante para muitas pessoas nos países arrasados pela guerra. Sua vida e a de seus filhos não estavam em perigo e sequer sentiam fome, mas estar separada do marido, a necessidade de ocupar alojamentos distantes de sua casa no leste de Londres e a monotonia da existência em tempo de guerra pareciam-lhe, como a muitos outros, razões suficientes para infelicidade. E, dez dias após escrever essa carta, seu marido foi morto em combate.

As notícias das mortes violentas e prematuras de entes queridos longe de casa eram uma característica intrínseca da experiência de guerra. Geralmente, pouco se sabia sobre o que lhes ocorrera, como notou J. R. Ackerley num poema publicado no *Spectator*:

> Jamais soubemos o que aconteceu com ele, isso foi tão curioso;
> Ele embarcou, era dezembro, e nunca voltou;
> Nenhuma oportunidade para dizer adeus, e o Natal diante de nós;
> Algumas cartas chegaram, muito depois, e foi o fim.
> As semanas se arrastaram em meses, e então era dezembro.
> Incomodamos as autoridades, é claro, e elas mandaram telegramas;

Eram pacientes, mas ocupadas, um sem-número de impertinências;
Uns diziam uma coisa, outros diziam outra; nunca descobriram.
Muita coisa ficou assim, sem explicação;
E morte é morte, afinal; é um pequeno conforto saber como ou quando;
Mas continuo achando que abandonamos a investigação;
Mais pareceu a morte de um inseto do que de um homem.[20]

Inúmeras famílias lutaram para aceitar a perda. Diana Hopkinson, mulher de um oficial do exército britânico, descreveu um encontro com o marido, na plataforma de uma estação em Berkshire, depois de uma longa separação em que receberam a notícia de que o irmão dele fora morto em combate. "Sua estranha farda e seu rosto estranhamente fino refletiam na luz fraca, dando-me uma impressão de artificialismo. Até em nossos beijos havia algo irreal. Na cama, havia uma terrível tristeza a superar — a morte de Pat — antes que pudéssemos fazer amor. Quando, finalmente, ele se virou para mim, fizemos amor como se fôssemos parceiros num rito solene, estranho e mudo, mas familiar."[21]

Edie Rutherford, dona de casa e moradora de Sheffield, preparava um chá quando uma jovem vizinha, mulher de um piloto da RAF, bateu à porta. "Sua face estava rígida e ela disse, com a voz entrecortada: 'Sra. Rutherford, Henry está desaparecido', enfiando o telegrama na minha mão. É claro que apenas abri os braços, a acolhi e deixei que chorasse à vontade enquanto eu xingava essa guerra maldita. 'Ele não está morto. Tenho certeza de que não está morto. Ele estava em casa na quarta-feira. Está vivo, em algum lugar, e preocupado por saber que receberei este telegrama para me angustiar' (...) É difícil saber o que dizer a uma mulher em tal situação. Fiz o melhor que pude, pobre moça. Senti-me desmoronar por dentro. Desejei ardentemente que essa guerra terminasse."[22]

A dona de casa Jean Wood anotou: "Tenho como vizinhos uma senhora muito distinta e seu marido. Seu filho, que estaria em licença, passaria uns dias em casa, e ela não tinha carne para ele, mas, naquele dia, o açougueiro me conseguira um coelho (...) Uma iguaria. Eu não queria o coelho, porque preferia dar ovos aos meus filhos pequenos, se conseguisse. Então, levei o coelho para ela. Ela ficou eufórica. Naquele dia, seu filho foi morto. Poderíamos ter atirado o coelho em qualquer lugar, não nos importava. Era um rapaz tão bom, um jovem oficial, dezenove anos."[23] Eram todos "bons rapazes" para quem era obrigado a pranteá-los.

Muriel Green, uma das oitenta mil "moças da terra" da Grã-Bretanha, que forneciam mão de obra agrícola, desfez-se em lágrimas na última noite de uma folga que passou em casa, em Norfolk, em junho de 1942. "Chorei por causa da guerra. Ela alterou nossa vida, que nunca poderá ser a mesma. Quando se está longe e sua mãe escreve, falando-lhe da última profanação, do último rapaz desaparecido, da última família a se sacrificar, são apenas palavras, mas em casa é doloroso. A vida nunca será tão doce quanto antes da guerra; os dois últimos verões e o começo de 1939 foram os anos mais perfeitos de minha vida, quando todos pareciam jovens e alegres. Eu poderia chorar durante horas, se não soubesse que entristeceria minha mãe."[24]

A americana Dellie Hahne foi uma entre as muitas mulheres que se casaram com o homem errado em meio ao estresse e aos excessos emocionais da época e que tiveram

muito tempo para se arrepender nos anos seguintes. “Ele era um soldado. Não poderia ser outra coisa senão um ser humano maravilhoso e magnífico”,[25] disse ela, com a amargura de quem conhecera a verdade. Depois, sentiu pena de outras mulheres que viviam sofrimentos domésticos: “Mulheres grávidas que dificilmente conseguiam se equilibrar no balanço do trem e que viajavam para ver seus maridos antes que fossem mandados para fora do país. Mulheres que voltavam, viajando com filhos pequenos. Tentando alimentar as crianças, trocar suas fraldas. Eu sentia mais pena delas. De repente, ocorreu-me que aquilo não era tão divertido como me disseram que seria. Simplesmente agradeci a Deus por não ter filhos.”

Muitas crianças apegavam-se às lembranças da despedida dos pais, de quem ficavam separadas durante anos — em alguns casos, para sempre. A pequena californiana Bernice Schmidt tinha nove anos quando seus pais se divorciaram.[26] Como novo solteiro, o pai, Arthur, de 32 anos, tornou-se um possível convocado. Ele teve uma licença do campo de treinamento antes de embarcar, levando os três filhos a um parque de diversões em Los Angeles. Disse-lhes o quanto sentia saudades e deu a cada um deles um presente de despedida: para Bernice, comprou um broche com o formato de dois corações trespassados por uma seta, com os dizeres: “Bernice, com amor, papai.” O soldado Schmidt foi morto em combate, com o 317º Batalhão de Infantaria, em 15 de novembro de 1944. Sua filha nunca esqueceu o dia em que recebeu a notícia, porque era seu aniversário de doze anos. Um dia, em outubro de 1942, Nella Last contemplava os filhos de uma vizinha. A mãe das crianças tocou-lhe o braço e perguntou: “Em que está pensando?”[27] A Sra. Last disse: “Ah, não sei. Agradeça por seu Ian ter apenas sete anos.” A mulher limitou-se a responder: “Eu *agradeço*.”

Até 1943, quando Stalingrado e os bombardeios começaram a mudar a guerra, a maioria dos civis alemães, exceto aqueles que perderam entes queridos, considerava o conflito mais como uma presença brutalizante do que como um trauma. “É possível alguém se acostumar com a guerra?”,[28] indagava-se Mathilde Wolff-Monckeburg, esposa idosa de um acadêmico, que vivia em Hamburgo, em 1941. “Essa pergunta me atormenta, e tenho medo de uma resposta positiva. Tudo o que era intolerável no início, tudo o que era impossível conceber, agora, de alguma forma, ‘ajeitou-se’, e vive-se, de um dia para o outro, numa assustadora apatia (...) Ainda temos nosso conforto e nossa cordialidade, temos o suficiente para comer, temos água quente ocasionalmente e não nos esforçamos demais além das expedições diárias para fazer compras e de pequenas obrigações domésticas.” Como todos os alemães, à exceção dos funcionários do nacional-socialismo, que tinham privilégios para a comida e tudo o mais, queixava-se principalmente da monotonia das rações: “Tornamo-nos cada vez mais sensíveis ao vazio das entranhas e desejosos daquilo que é impossível obter”,[29] escreveu Wolff-Monckeburg em junho de 1942. “Fantasias ardentes multiplicam-se em cores provocadoras quando se pensa em bifes grandes e suculentos, em batatas frescas e em longos aspargos com pedaços de manteiga dourada. É tudo tão degradante e miserável — e há quem considere esse período ‘heroico’.” No entanto, se os alemães se queixavam das privações, essas eram leves se comparadas ao resto do mundo: enquanto a produção britânica de bens de consumo caiu 45% entre 1939 e 1944, a produção alemã declinou apenas 15%. Se o povo alemão não gostava do que era obrigado a comer — seu consumo anual de batatas subiu de doze para

32 milhões de toneladas —, somente conheceu a fome severa quando a guerra terminou, em maio de 1945; os nazistas matavam de fome os países conquistados para manter alimentados seus próprios cidadãos.

Mais do que qualquer aspecto da guerra, a comida, ou a falta dela, ressaltava a relatividade do sofrimento. Globalmente, muito mais gente experimentou fome severa ou morreu por inanição do que em qualquer conflito anterior, inclusive a Primeira Guerra Mundial, porque um número sem precedentes de países transformou-se em campos de batalha, com o consequente prejuízo da produção agrícola. Mesmo os cidadãos dos países que escaparam à fome viveram numa dieta severamente restrita. O sistema de racionamento da Grã-Bretanha garantia que ninguém morresse, e os pobres se alimentavam melhor do que em tempos de paz, mas poucos encontravam motivos para se satisfazer com o que comiam. Uma moça que trabalhava no campo, Joan Ibbertson, escreveu: "Comida era nossa obsessão (...) Nos meus primeiros trabalhos, a proprietária jamais preparava uma segunda verdura ou legume, exceto no domingo; comíamos carne fria na segunda-feira e salsicha durante o resto da semana. Às vezes, ela cozinhava batatas com a salsicha, mas geralmente dava-nos uma fatia de pão. As duas salsichas, num grande e frio prato de vidro verde, esperavam-nos depois de um dia à base de alho-poró ou repolho e de uma viagem de bicicleta de cinco quilômetros na ida e na volta (...) Um vizinho, certa vez, trouxe um saco de cenouras 'para os coelhos', mas nos beneficiamos desse ato de bondade (...) Comíamos ovos em pó uma vez por semana, no café da manhã, mas a boa senhora encarregada gostava de prepará-los à noite, então, sobre as torradas, eles pareciam e tinham gosto de serragem. Uma vez ou outra, comíamos patê de peixe com a torrada, pela manhã (...) Num Natal, compramos um frango. Minha ave era tão velha e dura que mal conseguíamos mastigar."[30]

A cada semana, um adulto britânico recebia 115 gramas de banha de porco ou de manteiga, 115 gramas de bacon, dois ovos, 170 gramas de carne, 60 gramas de chá e uma quantidade ilimitada de legumes, verduras ou frutas cultivadas em casa que estivessem "fora da ração", se houvesse. Grande parte das famílias apelava para improvisos de forma a suplementar os itens autorizados. Derek Lambert, um menino pequeno na época, descreveu uma cena à mesa de sua casa: "Uma manhã, um pote foi colocado com suprema displicência na mesa do café da manhã (...) Meu pai, um homem reservado, espalhou o néctar em seu pão e mordeu-o. Franziu o rosto e perguntou: 'O que é isso?' 'Geleia de cenoura', respondeu minha mãe. Com uma determinação inusitada, ele pegou o pote, foi até o jardim e esvaziou-o no monte de compostagem."[31]

Contudo, qualquer camponês russo ou asiático ou prisioneiro do Eixo consideraria geleia de cenoura um verdadeiro luxo. Kenneth Stevens estava confinado na prisão de Changi, em Cingapura, e escreveu: "Neste lugar, o pensamento volta sempre ao assunto comida e nele se detém nostalgicamente (...) Penso em cassarola de pato com cereja, ovos mexidos, vieiras, frango, risotos, pavês, pudim de pão com frutas e manteiga — todas essas coisas adoráveis que eram perfeitamente 'normais' em minha casa."[32] Stevens morreu em agosto de 1943, sem voltar a saborear tais guloseimas. Somente em 1945 sua mulher recebeu o diário do marido, das mãos de um companheiro de prisão, e compartilhou suas fantasias angustiadas à beira do túmulo. Ao mesmo tempo, a estatura média das meninas francesas diminuiu onze centímetros e a dos meninos, sete centímetros, entre 1935 e 1944. A tuberculose, estimulada pela má nutrição, aumentou

espetacularmente na Europa ocupada, e, em 1943, 80% das crianças belgas apresentavam sintomas de raquitismo. Em muitos países, os moradores das cidades padeceram mais fome do que quem vivia no campo, pois tinham menos oportunidades para suplementar sua dieta cultivando alimentos. Os pobres não tinham dinheiro para comprar no mercado negro, que, em todos os países, continuava a alimentar quem podia pagar.

Em termos de dieta, Canadá, Austrália e Nova Zelândia sofreram pouco, e os americanos, praticamente nada. O racionamento foi introduzido ao povo de Roosevelt somente em 1943 e em escala generosa. A revista *Gourmet* jactou-se, sem tato: "A importação de iguarias europeias talvez diminua, mas os Estados Unidos têm batalhões de bons alimentos em defesa do apetite."[33] Carne era praticamente o único artigo em escassez, embora os americanos se queixassem amargamente disso. Uma dona de casa chamada Catherine Renee Young escreveu para o marido, em maio de 1943: "Estou enjoada do mesmo (...) Dificilmente vemos um bom contrafilé. E contrafilé é a carne que nos dá mais força. Meu pai voltou da loja e tudo o que conseguiu foi chouriço, e como detesto isso."[34] Porém, quaisquer que fossem os problemas de qualidade durante a guerra, o consumo nacional de carne nos Estados Unidos caiu pouco, mesmo quando remessas imensas foram exportadas para a Grã-Bretanha e para a Rússia.

Todos os países com poder para tal colocaram seu povo em primeiro lugar, indiferentes às consequências para outros à sua mercê. O Eixo comportou-se com brutalidade, com consequências terríveis: a política nazista no leste destinava-se explicitamente a tirar comida das raças subjugadas para alimentar os alemães. A incompetência administrativa do regime era tão grande que a importação de alimentos para o Reich e as consequentes mortes soviéticas foram muito menores do que esperavam o ministro da Agricultura, Herbert Backe e seu "Plano de Fome". Nas regiões ocupadas, as pessoas demonstravam criatividade extraordinária ao esconder suas safras das forças de ocupação e agarravam-se teimosamente à vida, desafiando as expectativas dos nutricionistas nazistas, que previam trinta a quarenta milhões de mortes, mas, mesmo assim, muitos morreram. A agricultura soviética antes da guerra era terrivelmente ineficiente, e muitas terras foram invadidas pela Wehrmacht. Mesmo quando eram recuperadas, o maquinário havia sido roubado ou destruído e o campo, arrasado. Em busca da política da Wehrmacht quanto a viver da terra, estima-se que os soldados alemães no leste consumiram sete milhões de toneladas de grãos, dezessete milhões de cabeças de gado, vinte milhões de porcos, 27 milhões de ovelhas e cabras e mais de cem milhões de aves domésticas pertencentes aos russos.[35]

Os japoneses adotaram, em todo o império, políticas draconianas para prover comida a seu povo, provocando a morte de milhões no Sudeste Asiático. A China também sofreu horrivelmente, com os camponeses espoliados pelos exércitos japonês e nacionalista. Na província de Henan, quando uma praga de gafanhotos seguiu-se à geada e ao granizo fora de época, em 1942, milhões abandonaram suas terras e muitos morreram, para o horror das testemunhas ocidentais: "Enquanto morriam, o governo continuava a extrair deles os últimos gramas de impostos possíveis (...) Camponeses que se alimentavam de cascas de olmo e folhas secas eram obrigados a levar seu último saco de grãos ao gabinete do coletor de impostos."[36]

Embora os Aliados não fossem responsáveis por nada em relação aos custos humanos impostos pelo Eixo, suas políticas demostravam um duro egoísmo nacionalista. Os Estados Unidos insistiam que tanto os americanos em casa quanto os exércitos além-mar recebessem fantásticas quantidades de alimentos, mesmo quando o espaço em meios de transporte atingiu preços estratosféricos. Ainda que os japoneses transportassem suprimentos para suas guarnições em outras ilhas, muitas delas — Rabaul, por exemplo — passaram a segunda metade da guerra mais preocupadas em plantar legumes e verduras do que com as operações de combate, enquanto os Estados Unidos despachavam duas toneladas para suas forças. A relutância americana em alimentar seus homens com provisões locais foi acentuada pelas deficiências da produção de alimentos enlatados em certos países: oito pilotos seus morreram num surto de botulismo após comerem uma sopa de beterraba enlatada australiana. Especialistas americanos foram, então, enviados para elevar os padrões locais. O major Belford Seabrook, do famoso agronegócio de Nova Jersey, introduziu seus princípios na Austrália. A Coca-Cola estabeleceu 44 fábricas de envasamento nos teatros de guerra, que produziram 95% de todos os refrigerantes vendidos em armazéns reembolsáveis dos quartéis. Os Estados Unidos reduziram as provisões de carne enviadas à Grã-Bretanha, previstas em acordo, para preservar os suprimentos destinados aos seus civis e soldados; o general Brehon Somervell, notório anglófobo, apoiou a declaração, em 1943, de seu chefe de transportes de que o povo britânico "ainda vivia 'na moleza' e podia, facilmente, aguentar mais reduções".[37]

Para os italianos, a fome foi uma realidade persistente a partir do momento em que o país se tornou um campo de batalha, em 1943. "Meu pai não tinha renda fixa",[38] lembrou-se a filha de um editor romano, que um dia fora rico. "Nossas economias foram gastas, éramos muitos na casa, inclusive dois irmãos escondidos. Eu acompanhava meu pai ao refeitório [público] porque minha mãe tinha vergonha. Preparávamos nossa sopa com cascas de favas. Não tínhamos azeite de oliva (...) Um frasco de azeite custava duas mil liras, enquanto nossa casa inteira custara apenas setenta mil. Comprávamos o que estivesse disponível no mercado negro, trocando objetos de prata, lençóis, toalhas bordadas. Prata valia menos do que farinha de trigo; mesmo os dotes de nossas filhas foram trocados por carne ou ovos. Então, em novembro, no frio, precisávamos obter carvão: as filas mais longas se formaram diante das carvoarias. Carregávamos os sacos nas costas, porque era melhor que os homens não aparecessem nas ruas [ou seriam recrutados para trabalhos forçados]."

"A fome governava tudo",[39] escreveu, na Itália, o correspondente australiano Alan Moorehead: "Testemunhávamos o colapso moral de um povo. Não tinham mais orgulho ou dignidade. A luta animal pela existência governava tudo. Alimento. Era tudo o que importava. Alimento das crianças. Alimento para si próprio. Alimento à custa de qualquer aviltamento ou depravação." Somente a prostituição permitiu que algumas mães alimentassem suas famílias, como o sargento britânico Norman Lewis assistiu em 1944. Num prédio municipal, nos arredores de Nápoles, ele encontrou uma multidão de soldados cercando um grupo de mulheres vestidas em suas roupas de trabalho

> que tinham o rosto bem lavado e respeitável das donas de casas e esposas de trabalhadores que vão às compras ou conversam com as vizinhas. Ao lado de cada uma, havia uma pequena pilha de latas, e ficava claro, com pouca observação, que era possível fazer amor com qualquer delas, naquele lugar público, adicionando uma lata à pilha. As mulheres mantinham-se absolutamente paradas e quietas, com expressões tão vazias quanto em imagens esculpidas. Poderiam estar vendendo peixes, embora faltasse àquele lugar a animação de um mercado de peixes. Não havia ofertas, sugestão, sedução ou a mais discreta e casual exibição de carne (...) Um soldado, um pouco bêbado e encorajado pelos amigos, finalmente colocou sua lata ao lado de uma mulher, desabotoou a roupa e deitou-se sobre ela. Seguiu-se um movimento superficial de quadris, que rapidamente terminou. Um momento depois, ele estava em pé e abotoava a roupa. Era algo para se fazer o mais depressa possível. Daria no mesmo ter sido submetido a uma punição disciplinar ou fazer amor.[40]

Em dezembro de 1944, quando a fome beirava a inanição na Itália e, na realidade, em toda a Europa, um funcionário da embaixada britânica em Washington visitou o secretário-assistente de Guerra John J. McCloy em protesto contra a política de envio de quantidades extravagantes de suprimentos para as forças americanas além-mar, enquanto civis libertados passavam situações de desespero: "Para vencer a guerra", perguntou a McCloy, "não estaríamos colocando em risco o tecido político e social da civilização europeia, de que dependia a futura paz mundial?". O Sr. McCloy contestou, imediatamente, "que era um interesse britânico lembrar-se de que, como resultado da mudança completa na posição econômica e financeira da Comunidade Britânica de Nações provocada pela guerra, nós, no Reino Unido, dependemos tanto dos Estados Unidos quando dependíamos da Europa. Seria sensato arriscar o apoio daquele país buscando o apoio da Europa Ocidental? Era o que a questão envolvia". Perplexo, o funcionário britânico insistiu na urgência em alimentar os civis europeus. McCloy manteve sua posição, afirmando que seria fatal à Grã-Bretanha "argumentar que a guerra no Pacífico fosse retardada para alimentar a população civil da Europa".[41]

O Foreign Office em Londres demonstrou-se horrorizado ao receber a minuta desse encontro, mas a impotência britânica em face do domínio americano mantinha-se como uma importante realidade. O número relativamente pequeno de italianos mortos por inanição entre 1943 e 1945 deveu-se, em primeiro lugar, às vastas quantidades de alimentos americanos desviados de forma ilícita para o mercado negro e, em seguida, para o povo — o que resultou no enriquecimento de alguns militares americanos —, e, em segundo lugar, à influência política de ítalo-americanos, que tardiamente convenceram Washington a evitar uma mortandade em massa por inanição.[42]

O governo britânico, por sua vez, impôs privações extremas a alguns povos de seu império para manter o padrão bem mais alto de alimentação que julgava apropriado ao país. Em 1943, as remessas para o oceano Índico foram reduzidas, por boas razões estratégicas, mas a um lamentável custo humanitário. As ilhas Maurício sofreram

dificuldades espantosas, assim como alguns países do leste da África, onde colonizadores brancos fizeram fortunas com a produção agrícola durante a guerra, explorando a mão de obra de recrutas nativos por salários irrisórios.

A "fome bengali" em 1943 e 1944, da qual voltaremos a falar adiante, provocou uma resposta brutalmente insensível do primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Quando soube da maciça ponte aérea britânica, em 1945, para a Holanda, onde as pessoas foram reduzidas a uma alimentação a base de bulbos de tulipa, o então vice-rei Wavell comentou, com amargura: "Existe uma atitude muito diferente com relação a alimentar populações que morrem de fome se elas estão na Europa."[43] Os gregos também sofriam com o bloqueio britânico contra o império de Hitler — ao menos quinhentas mil pessoas morreram de fome. Churchill tinha razão em pensar que permitir remessas de alimentos para a Grécia e outros países ocupados ajudaria a Wehrmacht, mas uma realidade fundamental persistia: os Aliados forneciam às suas populações níveis de alimentação que negavam a outros povos, inclusive sociedades oficialmente sob sua proteção.

3 O LUGAR DA MULHER

A mobilização das mulheres foi um fenômeno social essencial na guerra, mais generalizado na União Soviética e na Grã-Bretanha, ainda que Adam Tooze tenha mostrado que a Alemanha utilizou mais operárias do que se supunha. O *ethos* social japonês impedia a elevação das mulheres a postos de responsabilidade, mas elas tiveram papel crucial nas fábricas e, em 1944, compunham metade da força de trabalho japonesa na agricultura. A Grã-Bretanha pré-guerra utilizava menos o trabalho feminino do que a União Soviética, mas rapidamente recrutou-as sob a pressão do cerco. Algumas descobriram uma realização desconhecida nos tempos de paz: a mãe de Peter Baxter, que tinha 55 anos, trabalhou no Ministério de Suprimento, "e desconfio que esteja se divertindo como não o fazia havia anos",[1] escreveu o filho. "Ela é muito inteligente, e é estimulante que use seus talentos em vez de mergulhar em obrigações domésticas (...) É impossível não pensar que, por mais que amasse seus filhos, minha mãe talvez tivesse sido mais feliz se, durante todos esses anos, seguisse uma carreira profissional, como as mulheres fazem na Rússia."

Muitas moças sofriam, porém, quando jogadas num mundo fabril vergonhosamente chauvinista, dominado pelos homens, como aconteceu a Rosemary Moonen: "Minha iniciação na vida fabril foi arrasadora. Como cabeleireira de um salão luxuoso, situado numa área exclusiva da cidade, eu era uma moça gentil e reservada. Ao ser jogada de forma abrupta num mundo de homens e mulheres grosseiros e mal-educados, onde a linguagem era imunda, vivi uma experiência (...) dura e irreal."[2] O capataz a quem Moonen foi apresentada ao chegar atirou-lhe uma vassoura, desdenhosamente, e disse: "Aqui! Pegue isto! E circule!"

> Senti-me humilhada diante das outras moças (...) Ele voltou, trinta minutos depois, e me encontrou sentada num caixote sem fazer nada. Furioso,

> perguntou: “Que merda você acha que está fazendo?” Reunindo toda a minha coragem, respondi que, enquanto ele não tivesse a decência de mostrar-me o trabalho que eu deveria fazer, supondo que fosse destinado a apoiar o esforço de guerra, eu pretendia ficar onde estava. Um tanto surpreso, despejou em cima de mim uma enxurrada de palavrões, chamando-me com alguns dos nomes mais imundos que se possa imaginar. Eu estava tão furiosa e enojada que levantei a mão e dei-lhe um tapa forte no rosto (...) Ele pediu desculpas, resmungando, levou-me até uma máquina e me mostrou como operar os pedais, os freios de mão e os rolos (...) No fim daquele turno, voltei para casa e chorei amargamente. Como eu aguentaria aquele ambiente?

Sarah Baring era filha de um nobre, e sua única ocupação anterior à guerra era aquela de uma debutante. De repente, viu-se perfurando ligas de metal numa fábrica de peças para avião, coisa que detestava: “O ambiente de trabalho sem ventilação, a comida indescritível, os pisos úmidos que ensopavam nossos pés protegidos por tamancos de madeira, as provocações de um chefe que não tinha a coragem de uma pulga (...) as intimidações e a atitude opressora do gerente (...) Precisei tirar um dia de folga para deitar-me em casa e combater a fadiga constante.”[3] Baring teve a sorte de explorar sua fluência em alemão para conseguir uma transferência para Bletchley Park.

Todos os países procuravam elevar e glamorizar o papel da mão de obra feminina durante a guerra, como estímulo ao recrutamento. Nos Estados Unidos, em 1942, Redd Evans e John Jacob Loeb compuseram uma canção popular:

> O dia inteiro,
> Chova ou faça sol
> Ela é parte da linha de montagem.
> Ela faz história,
> Trabalhando pela vitória,
> Rosie, a rebitadeira.

Rosie, a rebitadeira, que se tornou ícone do feminismo americano, era Rose Will Monroe, de 22 anos, natural do condado de Pulaski, em Kentucky. Como milhões de americanas, ela foi realocada para contribuir com o esforço de guerra — em seu caso, para as linhas de montagem de B-24 e B-29 em Willow Run, em Ypsilanti, Michigan. Ela foi transformada em estrela de um filme de propaganda, e, em maio de 1943, Norman Rockwell produziu uma famosa pintura de Rosie, a rebitadeira, publicada como capa da revista *Saturday Evening Post*, embora sua modelo tenha sido uma telefonista de Arlington, Virginia. Em 1944, vinte milhões de americanas trabalhavam, um aumento de 57% em relação a 1940. O progresso dos direitos civis da população negra nos Estados Unidos, apesar de extremamente vagaroso, foi acentuado, de forma significativa, pelo recrutamento de afro-americanas pelas fábricas, servindo ao lado de mulheres brancas. Todas as operárias, porém, recebiam salários muito menores, numa média 31,50 dólares por semana,

enquanto os homens ganhavam 54,65 dólares. Muitas foram empregadas em estaleiros, o que originou outra personagem de propaganda, Wendy, a soldadora, inspirada em Janet Doyle, do estaleiro Liberty, da Kaiser, em Richmond, Califórnia. Outra "Rosie" que despertou muita publicidade foi Shirley Karp Dick, que recebeu seis dólares para posar para fotos, a mais famosa das quais a mostra pisoteando o *Mein Kampf* de Hitler. O Canadá seguiu o mesmo caminho, promovendo "Ronnie, a garota das metralhadoras Bren".

Seria um erro romantizar o papel de Rosie: a força industrial americana continuava esmagadoramente dominada pelos homens, e o estilo de vida daquela primeira geração de operárias era, com frequência, sofrível. Um vasto e sujo estacionamento para trailers cresceu ao lado da fábrica da Ford em Willow Run. Algumas operárias preferiam enfrentar até cem quilômetros por dia a viver ali. Os salários eram altos, mas havia uma preocupação social quanto aos "órfãos de oito horas" — os filhos abandonados em casa durante o dia. Alguns rebentos infelizes, descobriu-se mais tarde, eram deixados nos carros parados nos estacionamentos das fábricas. Além disso, muitas operárias levavam certo tempo para adquirir as habilidades apropriadas. Algumas "Rosies", como seus colegas homens, não eram competentes — uma realidade que se refletia nas limitações estruturais dos navios que fabricavam. Da mesma forma, o intenso esforço agrícola em ambos os lados do Atlântico era, às vezes, arruinado por decisões imprudentes de produção e práticas inadequadas. Em abril de 1942, Muriel Green, trabalhando numa horta no sul da Inglaterra, refletiu, com tristeza, sobre o desperdício de boa parte de seu esforço no cultivo de verduras e legumes: "Acho que há desperdício em tudo: é o problema do país. Parece existir tão pouco esforço pleno e tão pouco resultado, até agora."[4]

Na Rússia, as dificuldades das mulheres civis ou recrutadas ao serviço militar eram muito piores. O correspondente do *Pravda* Lazar Brontman registrou, em seu diário, os esforços desesperados das donas de casa moscovitas para escapar do serviço nas fábricas.[5] Aquelas que tinham filhos com menos de oito anos de idade mantiveram-se isentas até o verão de 1942, quando esse limite caiu para quatro anos. As mulheres suplicavam por qualquer serviço de escritório para evitar o trabalho nas fábricas estatais de veículos. Brontman descreveu as tarefas risíveis de algumas mulheres privilegiadas, que se tornaram "cascos" e evitaram obrigações mais árduas ao trabalharem num teatro de Moscou imitando o ruído de cavalos a galope numa peça sobre a cavalaria soviética.

Mais de oitocentas mil russas serviram nos exércitos de Stalin. Para algumas, incluindo as 92 mulheres que entraram para o grupo de Heróis da União Soviética, a experiência talvez tenha sido edificante. As "unidades-coelho" da Força Aérea Vermelha, batizadas assim numa brincadeira em referência a um famoso incidente ocorrido no início da guerra, quando recrutas, desesperadamente famintas, em cursos de instrução de voo comeram "como coelhos" repolho cru encontrado numa estação. Algumas mulheres serviram como atiradoras em Sebastopol e Leningrado, e, em 1943, um grande número delas concluiu cursos como atiradoras de elite. Seu controle superior da respiração ajudava a desenvolver uma boa pontaria, tendo sido muito úteis nos últimos anos da guerra — mas não, ao contrário do mito, em Stalingrado.

Certas mulheres, porém, horrorizavam-se com a experiência no campo de batalha. Nikolai Nikulin testemunhou um incidente na frente de Leningrado, durante um

bombardeio que deixou uma sentinela contorcendo-se no chão. Uma enfermeira sentou-se ao lado dele, soluçando, com "lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto imundo, que não via água havia dias, as mãos trêmulas, em pânico".[6] O ferido, por fim, abaixou as calças e enfaixou um impressionante ferimento na coxa enquanto tentava acalmar a moça. "Filha, por favor, não tenha medo! Não chore." Nikulin comentou, seco: "A guerra não é lugar para meninas."

Muitas mulheres em uniformes eram exploradas sexualmente de maneira impiedosa. O capitão Pavel Kovalenko escreveu, certo dia: "Visitei o regimento de tanques. O comandante da unidade embriagara-se comemorando seu novo posto como tenente-coronel e roncava. Choquei-me com o espetáculo oferecido pela figura prostrada e enrolada ao seu lado — sua 'esposa de campanha', como descobri."[7] "Esposas de campanha" tornaram-se um fenômeno da guerra na Rússia, e somente uma felizarda minoria recebeu alianças de casamento após a experiência. "O PPZh é nosso grande pecado"[8], disse, entre suspiros, Vasily Grossman, usando a gíria do Exército Vermelho para o abuso sexual cometido por comandante contra suas mulheres, sendo milhares evacuadas quando engravidavam, de propósito ou por acidente. Praticamente a única concessão a elas era uma porção extra de sabão, minúscula e ocasional.

Ao mesmo tempo, as mulheres que trabalhavam em campos e em fábricas na ausência de homens sofriam fome crônica e eram com frequência convocadas a realizar tarefas além de sua capacidade física. Hérnias tornaram-se comuns entre aquelas que trabalhavam diariamente com cargas pesadas ou eram atreladas a arados em lugar dos bois mortos. Grossman refletiu sobre os dias sombrios de agosto de 1942: "As aldeias tornaram-se reinos de mulheres. Elas dirigem tratores, cuidam de armazéns, entram em filas para beber vodca. Moças um pouco bêbadas cantam lá fora — despedem-se de uma amiga que servirá no exército. As mulheres carregam nos ombros o grande fardo do trabalho. As mulheres dominam. Agora, elas nos alimentam e nos armam. Nós combatemos. E não combatemos bem. As mulheres olham e nada dizem. Não há censura [em seus olhos], nenhuma palavra de amargura. Alimentam um pesar? Ou entendem o fardo terrível que é a guerra, mesmo que malsucedida?"[9]

A dona de casa Valentina Bekbulatov escreveu para seu filho, que estava na linha de frente, descrevendo a situação desesperadora da família: "Caro Vova! Recebi o dinheiro que enviou, mas não precisava se preocupar; de qualquer forma, não é suficiente para nos ajudar em nossa pobreza, e você se priva até desse magro sustento. Recebi apenas 26 rublos este mês, então você pode imaginar nossa situação: é impossível comprar qualquer coisa no mercado. Estamos esperando leite. Tio Pazyuk esteve aqui recentemente e trouxe algumas coisas para trocar por farinha de trigo. A tia despediu-se dos três filhos, que foram para o exército — Aleksei, Egor e Aleksandr. Aleksei já esteve numa batalha, Egor está no Extremo Oriente, e não chegaram cartas de Aleksandr (...)"[10]

Evdokiya Kalinichenko foi ferida na perna enquanto trabalhava como enfermeira do exército e dispensada, retornando à universidade que frequentara, e que fora transferida para o Cazaquistão. De lá, escreveu para sua família, traçando um quadro que captura um fragmento da vasta tragédia coletiva de seu povo:

Às vezes, parece-me que nossa universidade é um refúgio para todos os miseráveis que não têm outro lugar nem casa (ah, não conseguirei postar esta carta!). [Ela temia a ira dos censores, mas despachou-a.] Shura estava no front. Se se casou ou não, não sei, mas voltou com uma criança. Ah, Mayusha, você não imagina como as pessoas olham para essas moças e que dificuldades enfrentam. Ela é um pouco mais velha do que eu, completando o segundo ano quando a guerra começou. Não tem amigos nem conhecidos, só a universidade. Ela pôde recomeçar no terceiro ano e recebeu uma vaga num albergue. A criança tem quatro meses, uma menina que chora dia e noite. Ela precisa de fraldas enxutas, mas Shura tem apenas as roupas do corpo. Precisa tomar banho, mas a água congela em seu quarto. Levamos para casa qualquer pedaço de madeira que encontramos. Ontem, vi uma imensa tábua encostada à parede quando voltava para casa. Era o anúncio de um teatro, com letras vermelhas sobre fundo preto: "Otelo!" [Usaram-na como lenha.] Isso significa que, por alguns dias, Shura poderá desenrolar os cobertores da menina e secar as fraldas (...) Dusya, minha xará, ajuda Shura em tudo. Também é estudante, embora tenha quase quarenta anos (...) Se não fosse ela, a menina teria morrido havia muito tempo, de frio e de fome. Tia Dusya trabalha como carregadora numa padaria e traz um pouco de farinha de trigo escondida nos bolsos. Shura prepara uma sopa e alimenta a filha e a si própria. As pessoas dizem que os filhos de Dusya foram mortos por bombas. Ela não fala com ninguém, é muito magra e escura, veste-se como homem e fuma *makhorka* [tabaco de má qualidade].[11]

Apenas um quarto entre nós são homens, e sempre inválidos. Por alguma razão, as pernas são os membros mais atingidos e, então, cortados. De cada dois homens aqui, um não tem uma perna. Grande parte das amputações é feita muito alta. Petya (que se senta perto de mim nas aulas) não tem pernas, [apenas] artificiais. Tem dificuldade para se locomover. Não consegue se acostumar e, de qualquer forma, é fraco. Tem um rosto muito doce e tímido, e seus olhos são muito azuis. A voz é suave. Como pode ter comandado um pelotão? Para Petya, é especialmente difícil locomover-se quando nossa porção de pão chega com atraso de dois ou três dias. Seu rosto perde a cor, as maçãs do rosto tornam-se mais salientes, os olhos mais sombrios (...) Quando nos cansamos de cortar e juntar lenha, Petya conta muitas piadas, tentando divertir a mim e à moça ao meu lado. Suas histórias não são particularmente engraçadas, mas rimos e rimos.

Maldita guerra (...) Veem-se apenas aleijados (...) Para mim, o mais miserável é um capitão, um sapador. Não tem rosto, somente uma terrível máscara azul, púrpura e verde. Sorte sua ser cego e não poder se ver. Dizem que era um homem bonito. Ainda é alto, esbelto e arrumado. Achamos que, se tivesse um filho, renasceria nele, e todos veriam como ele era. Se ao menos essa maldita guerra acabasse. Estão matando e mutilando os melhores. Precisamos ser muito fortes para sobreviver.

Um dos colegas de universidade de Evdokiya era um jovem chamado Vitya, que fora muito bonito, mas estava profundamente amargurado pela perda de uma perna. Ela escreveu que o rapaz endurecera, "transformara-se em pedra". Recusava-se a ver os parentes, mesmo a mãe, embora lhes escrevesse. Numa dessas cartas, Vitya descreveu a vida na cidade, onde aprendera a andar de bicicleta: "Pedalo com um só pé e me saio bem. As ruas estão desertas, há casas destruídas por todo lado, cascas vazias. O anoitecer no parque é inimaginavelmente pacífico, e há até música. Há muitas moças, todas louras, e nossos oficiais se divertem muito com elas (...) como se não houvesse guerra. Essas jovens foram apelidadas de 'pastoras-alemãs', porque a elas é indiferente se seus homens são russos ou alemães. Disse isso a uma delas, que me respondeu: 'Está com ciúme? Alguém aparecerá para você também, pobre aleijado, mas não tão boa.' Joguei minha muleta nela."[12]

Todos os países beligerantes empregavam mulheres como enfermeiras, num papel que muitas julgavam compensador. Dorothy Beavers tinha 22 anos em 1942 e era filha de um pequeno agricultor de Ohio, cuja mãe ainda andava a cavalo, conduzia charretes e não tinha telefone em casa. A jovem trabalhava num pequeno hospital local e sugeriu ao pai ingressar no serviço de saúde do exército. Seus dois irmãos haviam partido para a guerra, e, após pensar um pouco, o pai respondeu: "Talvez você deva ir e cuidar deles."[13] Ela casou-se com um médico do exército em Winchester, Inglaterra, na véspera de sua partida para a França, num navio, em junho de 1944, e desembarcou na praia de Utah ainda segurando seu buquê de noiva. "O trabalho me veio naturalmente", disse ela, mas foi uma revelação tratar soldados de dezoito e dezenove anos que perderam não apenas membros, mas às vezes as nádegas ou "pedaços inteiros dos quadris". Ninguém poderia chamar a tenente Beavers ou suas colegas de marqueteiras, mas todas gostavam de ganhar reconhecimento em seu país. Ela se emocionou quando um curto parágrafo a seu respeito, com uma fotografia, foi publicado no *Ohio State Journal*.

Os guerrilheiros russos e iugoslavos foram os únicos a empregar mulheres no combate direto. Os britânicos enviaram um pequeno número de servidoras para territórios ocupados sob as ordens da Agência de Operações Especiais (SOE, em inglês), e as mulheres desempenharam funções administrativas e de apoio vitais para as forças armadas dos Aliados e do Eixo. Eram tratadas com condescendência por grande parte dos oficiais superiores, nascidos no século XIX. Comandantes dos Aliados, e, provavelmente, também seus colegas soviéticos, lamentavam a intrusão nas relações militares das tentações e tensões sexuais, efetivas ou possíveis. Nimitz, em Pearl Harbor, recusou-se a aceitar qualquer mulher em sua equipe. Sir Arthur Harris, do Comando de Bombardeiros, declarou: "Sempre achei que mulheres em uniforme deveriam ser tão lindas que não temiam qualquer concorrência de outras mulheres ou tão velhas e feias que não pensassem mais nesse assunto."[14]

A RAF usou mulheres fluentes em alemão para monitorar transmissões inimigas pelo rádio. Muitas abraçaram a função com entusiasmo, mas outras demonstraram susceptibilidades. O vice-marechal do ar Edward Addison, comandante do grupo de contramedidas eletrônicas da RAF, recebeu a visita de protesto de uma mulher do Serviço Auxiliar Feminino da Força Aérea, (WAAF, em inglês), filha de um antigo gerente de banco de Hamburgo, que resistia às demandas da escuta de conversas entre combatentes noturnos da Luftwaffe, dizendo-se constrangida pelos palavrões, comuns entre aviadores

de todas as nacionalidades, que eram veiculados através das ondas de rádio.[15] Muitas mulheres eram mais resistentes. Trabalhando ao lado das equipes de combate ou nos diversos ramos de defesa civil, adaptavam-se tanto à disciplina quanto aos horrores. O piloto da RAF Ken Owen descartava estereótipos sentimentais sobre as relações entre as tripulações e as equipes femininas nas estações de bombardeiros: "É uma besteira essa coisa das mulheres da WAAF acenando para nós e outras coisas do gênero. Elas se tornavam tão duras e indiferentes quanto nós."[16]

Para algumas moças, a guerra se mostrou uma aventura tão grande quanto para os ansiosos jovens guerreiros: a vida cotidiana adquiriu uma urgência animadora. A aristocrata alemã Eleonore von Joest disse: "Eu era jovem, achei a guerra muito interessante. Eu pensava: 'Tudo isto é vida.'"[17] Depois que Von Joest, com dezenove anos, participou do terrível êxodo em massa da Prússia Oriental, em 1945, sua mãe declarou, com sarcasmo: "Minha filha conseguiu se divertir durante a marcha." As barreiras sexuais foram drasticamente relaxadas. Muitas mulheres, de diversas nacionalidades, demonstravam sentimentos, e até um dever, pelos combatentes à beira da morte. Muriel Green, a britânica que trabalhava no campo, escreveu, em 1941, sobre sua nova paixão por um soldado franco-canadense: "Estou (...) quase apaixonada! Ou estarei apaixonada pelo amor? O que é ser jovem e boba! Certamente é bom para o moral, durante a guerra, ser amada por alguém! (...) Ele é solitário, e eu também. Estamos longe de casa e dos amigos (...) Não sei se prometi voltar com ele para o Canadá ou não! Serei sua amiga, de qualquer maneira! Culpo a guerra."[18] Poucas semanas depois, ela descreveu como deixara que um soldado escocês, embarcando para o exterior, a beijasse em seu último encontro: "Na verdade, eu não queria (...) mas estavam de partida (...) e talvez eu fosse a última moça que ele beijaria antes da guerra, talvez a última em sua vida. Deus o abençoe. Ele é muito bom para ser morto."[19]

Green, que tinha 22 anos, manifestou profunda tristeza no início da guerra, mas vibrou com os prazeres que descobriu depois, entre eles os românticos. Ela recordava 1944 como "um dos [anos] mais felizes da minha vida.[20] Tive boa saúde, bons amigos, boas condições de trabalho e dinheiro para gastar (se houvesse o que comprar) numa época muito animada. A guerra progrediu e deixou muitas feridas. Sou uma das sortudas que não têm feridas (...) A vida em albergues transformou quase todas as moças aqui em ladras de marido[21] (...) Homens solteiros são tão raros (...) Nós todas culpamos a guerra e continuamos a aproveitar a vida como ela se apresenta, o que quer dizer com os maridos de outras mulheres".

O outro lado da moeda, é claro, eram os homens que, servindo além-mar, se preocupavam com a fidelidade das amadas. O sargento Harold Fennema escreveu, na Europa, para sua mulher em Wisconsin: "Querida, é lamentável quantas vezes ouvimos colegas dizerem que suas últimas cartas mencionavam alguém que terá um bebê e cujo marido está além-mar há um ano ou mais. A infidelidade é, provavelmente, a maior preocupação dos soldados."[22] O capitão Pavel Kovalenko, do Exército Vermelho, escreveu algo parecido em julho de 1943: "A guerra abalou todos os valores familiares. Tudo foi para o ralo. Todos vivem pelo hoje. Precisa-se de muita força e persistência para resistir

às tentações humanas, para manter-se imaculado. Preciso resistir; a honra do casamento é sagrada."[23]

Poucos maridos eram tão determinados quanto Kovalenko em meio às oportunidades sexuais da guerra e à tensão das longas ausências de casa. Quanto às esposas e às filhas, aquelas que, nos países ocupados, sucumbiam sexualmente aos invasores, por vontade própria ou sob coação, quase que invariavelmente experimentaram o ostracismo social de suas comunidades, quando sobreviviam até a libertação. Se algumas mulheres desfrutavam novas liberdades, responsabilidades e recompensas, muitas mais sofreram e foram exploradas sem piedade. A esposa grávida de um italiano que vivia na clandestinidade descreveu o infortúnio de sua existência em 1943: "Às vezes, mantinha-me na fila das sete horas da manhã às três horas da tarde (...) Precisava levar meus dois filhos pequenos comigo. Descobri um lugar que vendia *sanguinaccio* [chouriço], o que achava nojento, mas minha filhinha comia. Tenho furúnculos nas pernas, causados, disseram-me, por falta de vitaminas. Meu marido estava desesperado por cigarros, e encontrei um vendedor de fumo que me forneceu. Quando eu chegava em casa, exausta, tudo o que meu marido queria era fazer amor. Ele pulava em cima de mim enquanto eu ainda segurava a sacola de compras. Quando eu me recusava, ele me acusava de ter um amante."[24] Alguns jovens guerreiros descobriram compensações no conflito — aventura e uma prova de masculinidade — negadas à maioria das mulheres, que viam apenas o sofrimento e o horror. Se a guerra expandiu de forma dramática as oportunidades e as responsabilidades das mulheres em algumas sociedades, também intensificou sua exploração, principalmente sexual, num mundo governado pela força.

14
Expulsos da África

Mesmo depois que os Estados Unidos despacharam tropas para o teatro do Mediterrâneo, no final de 1942, os Aliados Ocidentais haviam deslocado apenas dezesseis divisões para operações terrestres contra os alemães e os italianos. Os fatores críticos na luta contra Hitler durante aquele ano foram a sobrevivência e o ressurgimento da Rússia, acompanhadas pelo grande aumento na produção de armas americanas. Em terra, mar e ar, as forças aliadas recebiam, por fim, os frutos dos prodigiosos esforços industriais dos Estados Unidos, com tanques e aviões que chegavam aos campos de batalha em quantidades sem precedentes. Os Estados Unidos fabricaram quase 48 mil aeronaves e 25 mil tanques em 1942, contra 15.400 aviões e 9.200 tanques produzidos pela Alemanha. Em 1939, apenas 29 estaleiros trabalhavam para a marinha americana; em 1942, eram 322, que entregariam mais de cem mil navios e pequenas embarcações para a Comissão Marítima antes do Dia da Vitória sobre o Japão.

Durante o resto da guerra, as operações aliadas no Ocidente foram profundamente influenciadas pela necessidade de realizar remessas adequadas às necessidades de exércitos terrestres entregues em praias hostis, sob fogo inimigo, nos teatros do Pacífico e da Europa. Para tanto, quantidades imensas de embarcações especializadas, de baixo calado, foram projetadas e construídas. Os britânicos foram pioneiros, com a criação de LSTs — Landing Ships, Tank [veículos navais para o transporte de tanques, cargas e tropas em operação anfíbias] — capacitados para travessias oceânicas e para o desembarque de vinte tanques e até cem outros veículos pelas portas da proa. Os Estados Unidos adotaram o modelo de 2.286 toneladas, maior do que muitos contratorpedeiros, e fabricaram 1.573 unidades até o final da guerra. A construção de embarcações menores foi dominada por Andrew Higgins, construtor naval de Nova Orleans, um homem extravagante, grosso e beberrão que se intitulava "Sr. Desembarque". Nascido em Nebraska, em 1886, ele ofereceu seu primeiro projeto, o Eureka, para o Corpo de Fuzileiros Navais em 1938. Suas principais características — concebidas uma década antes para embarcações costeiras produzidas por Higgins e usadas por contrabandistas de rum, agentes da receita, perfuradores de poços de petróleo e caçadores — eram uma hélice embutida num semitúnel e uma proa em formato de colher. A limitação era que as tropas desembarcavam pelas laterais. Um dia, mostraram a Higgins uma fotografia de um navio japonês com uma rampa de proa, usado na China. Ele telefonou imediatamente para seu engenheiro-chefe com instruções para a construção de um protótipo, testado com êxito, um mês depois, no lago Pontchartrain. Foram encomendadas grandes quantidades dos barcos de Higgins — designados como LCVPs, Landing Craft Vehicle, Personnel [Embarcações de Desembarque para Pessoal e Tanques]. A população de Nova Orleans cresceu 20% em 1942, em grande parte devido ao afluxo de operários necessários à construção desses barcos, pelos quais a empresa recebeu encomendas no valor de setecentos milhões de dólares. Higgins tornou-se uma figura lendária da indústria nos tempos de guerra, entregando vinte mil embarcações. Porém, era financeiramente incauto e sua empresa quebrou pouco após o término do conflito.

A experiência em combates no Norte da África mostrou que embarcações de madeira eram extremamente vulneráveis. Versões em aço foram introduzidas, muitas delas montadas por um fabricante de máquinas agrícolas da Flórida, que transportaram milhões de soldados aliados e dezenas de milhares de viaturas para os campos de batalha entre 1943 e 1945. Os americanos fabricaram 42 mil pequenas embarcações como essas; os britânicos, três mil; os Estados Unidos produziram também 22 mil caminhões anfíbios DUKW (apelidados de "duck", pato em inglês) e viaturas de desembarque sobre lagartas usadas quase exclusivamente no Pacífico. Ainda assim, nem esse vasto estoque de material para desembarque — que os americanos batizaram como a "[alli]gator navy" [marinha croco-aliada] — satisfez a demanda: apenas a fase inicial do Dia D na Normandia exigia 2.470 pequenas embarcações.

A escassez de embarcações de assalto era uma limitação crônica na estratégia dos Aliados, fazendo Churchill queixar-se com frequência da dependência britânica de barcos americanos. Nenhuma operação anfíbia podia ser preparada sem a anuência de Washington. As forças britânicas também recorriam ao programa Lend-Lease para atender, numa proporção cada vez maior, suas necessidades por armamentos; a produção de tanques caiu de 8.600, em 1942, para 4.600, em 1944, e de peças de artilharia, de 43 mil para dezesseis mil. Os Estados Unidos, em certo momento, forneciam ao Império Britânico 47% dos blindados, 21% das armas leves, 38% dos navios e de outros veículos para desembarque, 18% dos aviões de combate e 60% dos aviões de transporte. Sua capacidade era tão grande que as remessas à Grã-Bretanha correspondiam a apenas 11,5% da produção de 1943 e 1944: 13,5% das aeronaves, 5% dos alimentos e 8,8% de armas e munição. A indústria britânica, enquanto isso, concentrava-se em bombardeiros pesados — a ofensiva estratégica aérea mobilizava cerca de um terço da produção nacional, o que em boa parte explica a importância que a Grã-Bretanha atribuía a tais êxitos ou deficiências.

Depois de Pearl Harbor, houve um intervalo de trinta meses — muito tempo no contexto de uma guerra que durou 71 meses — até que a mobilização militar e industrial americana se traduzisse em grandes exércitos posicionados em campos de batalha europeus, embora o poderio aéreo e marítimo dos Estados Unidos tenha causado impacto antes disso. Grande parte dos soldados que lutariam no noroeste da Europa desfrutou do luxo — e suportou o tédio — de mais de dois anos de treinamento antes de se envolver no combate: a maioria das formações americanas não viu o campo de batalha antes de 1944. Em 1942, os Estados Unidos enviaram a maior parte de seu Corpo de Fuzileiros e algumas divisões do exército para o Pacífico, além de dezenas de milhares de soldados para a Islândia e para a Irlanda do Norte.

Os americanos começaram a desembarcar em grandes números na Grã-Bretanha. Alguns simpatizaram com as idiossincrasias das estropiadas ilhas de Churchill, mas muitos questionaram o comprometimento de seus habitantes com os padrões vigentes em meados do século XX ou com uma ação eficiente na guerra. "Os ingleses eram gentis, especialmente quando nos conheciam melhor", escreveu o oficial de uma unidade blindada, Haynes Dugan. "Houve algumas festas maravilhosas, ainda que faltassem mantimentos".[1] Dugan jamais esqueceu uma dessas reuniões, em que um jovem paraquedista galês cantou em seu idioma. Os americanos admiraram-se ao descobrir que, na escassez nacional de roupas, uma convidada usava um vestido feito com as cortinas de

sua casa. Ele anotou: “Os lojistas tinham um bordão: ‘Não está racionado, meu caro, é simplesmente impossível conseguir!’”

O aviador Bob Raymond, de Kansas City, chegou à Grã-Bretanha para servir na RAF, passando depois para a força aérea americana. Ele escreveu à família em maio de 1942: “A força da tradição e dos precedentes é tão avassaladora que o pensamento político, comercial, religioso etc. parece congelado. São as pessoas mais atrasadas que já conheci, do ponto de vista econômico. Aparelhos e atalhos que poupem trabalho e métodos comerciais diretos encontram firme resistência (...) Consumo excessivo de chá, fins de semana de sexta-feira até segunda-feira, feriados etc.”[2] Uma pesquisa de opinião feita pelo governo dos Estados Unidos, em 25 de março de 1942, informou: “Os americanos têm mais confiança na intensidade do esforço de guerra russo do que no britânico e acham que os russos utilizam melhor os suprimentos fornecidos pelo nosso programa Lend-Lease (...) A falta de confiança no esforço de guerra britânico acentuou-se desde a queda de Cingapura.”[3] Os britânicos não tinham ilusões sobre sua má reputação: “Os americanos (...) nos veem principalmente como um país que sofre um lento declínio”, afirmou um relatório do Departamento de Guerra, em janeiro de 1943, “um país de pessoas arrogantes, antipáticas e indelicadas, acomodadas a velhas formas de ineficiência, agarradas a velhos sonhos de grandeza que não podemos perpetuar (...) Enganamo-nos ao pensar que o solo está limpo. As sementes da desconfiança e da aversão jazem adormecidas nele”.[4]

Ao longo de 1942, a Grã-Bretanha continuou a incansável luta naval para manter suas linhas globais de suprimento. A ofensiva da RAF contra a Alemanha aos poucos ganhou impulso, com a participação de grupos de bombardeiros das USAAF. Um exército fraco, onde predominavam indianos, enfrentou os japoneses na fronteira birmanesa. Os chefes de estado-maior americanos estavam impacientes para desembarcar na França, oferecendo uma contribuição simbólica de tropas para o que teria sido um fio de esperança britânica. Churchill rejeitou totalmente a ideia e convenceu Roosevelt de que os Aliados deveriam buscar a vitória no Mediterrâneo, um objetivo possível. Assim, o Norte da África persistiu como o único teatro em que o Eixo era combatido por substanciais forças terrestres britânicas. No deserto, os soldados do VIII Exército prepararam-se para novos esforços numa região erma que não evocava qualquer interesse emocional para nenhum dos envolvidos. O oficial britânico Keith Douglas escreveu:

> Os grandes e ricos homens que causam e conduzem guerras (...) têm tantas razões que podem nos emprestar algumas. Não há nada estranho em sua atitude. Estão em busca de algo que desejam, ou que seus governos desejam, e nos utilizam para conseguir (...) É estimulante e incrível ver milhares de homens, entre os quais poucos sabem exatamente por que estão lutando, suportando dificuldades, vivendo num mundo anormal e perigoso, mas não completamente terrível, precisando matar e morrer, e, ainda assim, movidos às vezes por sentimentos de camaradagem pelos homens que os matam ou a quem matam porque eles também aguentam e experimentam as mesmas coisas.[5]

Churchill e seu povo não duvidavam da importância dominante da luta na Rússia, mas as operações no Norte da África eram valiosas para a autoestima britânica. No inverno de 1942-1943, elas também ofereceram uma grande, e provavelmente indispensável, oportunidade para que algumas formações americanas adquirissem experiência de combate e para que a presunção de seus generais fosse contida. Durante a maior parte do ano anterior, porém, parecia duvidoso que os britânicos sequer mantivessem o Egito. Harold Nicolson, membro do parlamento, escreveu: "Corre um boato de que nossas tropas não lutam bem (...) Nossos soldados não aguentam as dificuldades. Contudo, são os mesmos homens que tripulam os navios mercantes e que venceram a Batalha da Inglaterra. Há algo profundamente errado com o moral de nosso exército."[6] Churchill declarou, numa sessão secreta da Câmara dos Comuns, em que se debatia a campanha no deserto: "A conduta de nosso grande exército (...) não parece estar em harmonia com o espírito passado ou presente de nossas forças."[7] Após a vergonhosa rendição em Tobruk, em 21 de junho, Auchinleck demitiu Ritchie, seu comandante em campanha, e assumiu à frente do VIII Exército, mas, no fim do mês, derrotadas em Mersa Matruh, suas formações castigadas se retiraram mais uma vez para a linha El Alamein, no Egito.

• • •

A sorte britânica atingira seu ponto mais baixo. Todos concordavam que o comando e as táticas militares no deserto, nos primeiros seis meses de 1942, foram lamentáveis e as batalhas de Gazala, escandalosamente mal conduzidas. O moral estava baixíssimo. Parecia plausível, a ambos os lados, que Rommel chegasse ao Cairo e que os Aliados perdessem o Egito. O impacto estratégico desse golpe seria limitado, porque faltavam ao Eixo recursos para explorá-lo, mas o custo para o prestígio britânico, já gravemente maculado, seria terrível. O pânico varreu o Egito, e a frota mediterrânea da Marinha Real deixou Alexandria. Em 2 de julho, o tenente Pietro Ostellino escreveu, eufórico, para sua mulher, numa carta que enfatizava o entusiasmo fascista residual entre alguns italianos, que se agarravam a esperanças de um êxito militar: "As coisas ficam cada vez melhores. Como você terá ouvido no rádio e lido nos jornais, os ingleses e seus aliados estão levando uma surra tão grande que será difícil levantarem a cabeça de novo. Merecem! Nossos soldados são simplesmente maravilhosos. Não podemos deixar de ser vitoriosos."[8]

Washington concordava. Os chefes do exército americano acreditavam, e continuaram a presumir até o final do outono, que a campanha britânica estava perdida e que o VIII Exército se mostrara fatalmente inferior ao Afrika Korps, destinado a avançar e capturar o delta do Nilo. Durante julho, o desânimo desabou sobre os britânicos no Cairo, acompanhado pela visível euforia dos egípcios. Em episódio famoso, conhecido como "Quarta-Feira de Cinzas", o quartel-general do Oriente Médio queimou documentos secretos em fogueiras enquanto muitas famílias fugiam para a Palestina. Para a vergonha das autoridades do Mandato britânico, centenas de judeus que tentavam deixar o Egito em busca de asilo, entre eles alguns que trabalhavam para os britânicos, tiveram seus pedidos de visto negados. As autoridades afirmaram com indiferença que não poderiam violar as cotas de imigração.

Contudo, a situação dos britânicos não era tão ruim quanto se supunha. Alguns civis, mesmo na Europa ocupada, tiraram conclusões mais astutas dos exíguos e enganosos boletins nazistas do que os soldados aliados no campo de batalha. Victor Klemperer, o grande diarista judeu de Dresden, escreveu em 8 de julho de 1942: "Imagino que a Inglaterra e a Rússia exageram em 100%, e Goebbels e companhia, em 200% (...) Na Rússia, as vitórias de Hitler o estão matando; no Egito, ele realmente pode vencer. Mas (...) Rommel parece ter sido detido perto de Alexandria."[9] Klemperer estava certo: a situação de Rommel não era invejável. O exército do Eixo, suplantado numericamente, via-se na extremidade de uma esgarçada linha de suprimento de 2.400 quilômetros. As alocações de combustível e de armas vindas da Alemanha eram sempre inadequadas. Fortalecida por decodificações Ultra, a Marinha Real e a RAF começaram a infligir pesados ataques contra remessas de combustíveis, tanques e munição por todo o Mediterrâneo.

A RAF ganhou força no Norte da África enquanto a Luftwaffe enfraquecia e os primeiros tanques americanos Grant, quase à altura dos Panzer de Rommel, alcançaram o VIII Exército. Do ponto de vista estratégico, seria proveitoso para os alemães fazerem uma retirada para uma linha no território líbio, aliviando seus problemas de suprimento e dificultando a situação dos britânicos. Quaisquer que fossem as ilusões alimentadas pelos soldados de Rommel, faltava àquele exército força para uma investida final sobre Alexandria com perspectiva realista de êxito, mas a vaidade e a ambição com frequência levavam a "Raposa do Deserto" a dar passos maiores que suas pernas; enquanto isso, Hitler exigia do Afrika Korps uma imprudente agressividade com ainda mais insistência do que aquela com que Churchill pressionava seus comandantes.

Mantendo suas posições, Auchinleck estava em boa situação para frustrar as intenções do Eixo. Forças americanas e britânicas desembarcariam no outro lado do Norte da África em novembro — operação Tocha —, tornando desnecessário que o VIII Exército corresse riscos. Assim que os Aliados se estabelecessem em Marrocos, Argélia e Tunísia, a posição de Rommel no Egito se tornaria insustentável. Entretanto, à medida que o outono se aproximava, o êxito da operação parecia duvidoso, especialmente em Washington. Para os britânicos, havia o imperativo do prestígio nacional. Desde 1939, os exércitos de Churchill sofriam repetidas e humilhantes derrotas, em geral infligidas por forças inimigas inferiores. O estado de espírito na Inglaterra era desanimador. O povo tornara-se morbidamente sensível ao contraste entre a luta heroica travada pelos russos e o fraco desempenho de seu país no campo de batalha. Precisava-se, desesperadamente, de uma vitória britânica, possível apenas no deserto. A derrota do Afrika Korps no Egito era pouco relevante para o resultado da guerra, mas se tornara questão com o mais elevado significado moral, e assim era percebida pelo primeiro-ministro.

Em 1º de julho, quando voltaram a atacar, os alemães foram repelidos no conflito conhecido como Primeira Batalha de El Alamein. Não houve vantagem decisiva nos confrontos seguintes, mas o que importava era ter sido negada a Rommel uma penetração — embora, considerando o poder de combate das duas forças e o conhecimento antecipado e detalhado das intenções alemãs, essa conquista teria sido desastrosa. Nos primeiros dias de agosto, Churchill chegou ao Cairo, com Alan Brooke, para ver pessoalmente a situação. Demitiu Auchinleck, substituído pelo tenente-general Sir Bernard Montgomery, indicado por Brooke, como comandante do VIII Exército, e pelo general Sir Harold Alexander, como comandante em chefe do Oriente Médio. Um mês depois, em 30

de agosto, Rommel atacou em Alam Halfa. Montgomery, que possuía todos os detalhes dos planos alemães através de análises Ultra, obrigou-o a recuar. O general dedicou-se, então, à preparação das tropas britânicas para sua ofensiva, tendo como vantagens cruciais o iminente recebimento de tanques americanos e a ação da Força Aérea do Deserto, que ganhara o domínio do céu.

• • •

O volume de informações recebidas por Ultra crescia de forma dramática, com influência decisiva em todos os teatros. Nos primeiros anos, as decodificações eram valiosíssimas, especialmente na guerra naval, mas seu fluxo era errático. A partir de meados de 1942, com algumas interrupções importantes, os Aliados tomaram conhecimento da maior parte das mensagens trocadas por seus inimigos, quando a decifração dos códigos alemães e japoneses prestou uma contribuição colossal para a vitória. Além das conquistas dos decodificadores britânicos e americanos, houve o milagre adicional de que as potências do Eixo não tinham a mínima suspeita de que o inimigo acessava às suas comunicações mais secretas. Nem sempre todas as mensagens importantes eram lidas: as linhas terrestres de telefonia do Eixo, opção preferida sempre que possível, continuavam seguras. A qualidade da análise feita pelos Aliados e sua aplicação variavam segundo os preconceitos dos comandantes em campanha e de seus chefes de inteligência. Por exemplo, decodificações Ultra revelariam, mais tarde, a concentração de blindados alemães nas Ardenas em dezembro de 1944, mas os estados-maiores não souberam tirar as conclusões apropriadas sobre uma ofensiva iminente. Conhecer as cartas do inimigo não diminuía, por si, sua força nem garantia sucesso nos confrontos entre exércitos e frotas. Contudo, as informações revelaram aos Aliados mais sobre o que o outro lado fazia e planejava do que fora concedido a qualquer combatente ao longo da história.

As conquistas do Ultra devem muito a três matemáticos poloneses, liderados por Marian Rejewski, que conduziu um trabalho crucial sobre o sistema alemão Enigma entre 1932 e 1939, após comprar uma amostra comercial da máquina de codificação. Os franceses deram sua contribuição, fornecendo aos poloneses uma lista de chaves da Wehrmacht de 1931, adquiridas de uma fonte alemã. Apesar de Rejewski ter servido com o exército polonês na Grã-Bretanha entre 1943 e 1945, ele nunca foi informado dos ricos frutos de suas proezas pioneiras. Em 1939, os poloneses presentearam os britânicos e os franceses com máquinas Enigma reconstruídas. No ano seguinte, a Escola de Códigos e Cifras, em Bletchley Park, pôde decodificar as primeiras mensagens alemãs e italianas. Depois, em intervalos, capturas no mar de novas máquinas Enigma e listas de alterações mensais nos códigos e cifras reforçaram o arsenal de conhecimentos de Bletchley.

O termo Ultra era uma designação coletiva aliada para uma grande variedade de chaves do Eixo, mais de duzentas em 1945, algumas das quais custaram a revelar seus segredos. Sinais da Luftwaffe foram decifrados primeiro, no final de maio de 1940, seguidos por mensagens do exército e da marinha. Em 1941, lia-se um volume substancial de mensagens da Wehrmacht, cujo teor era repassado aos comandantes aliados no campo de batalha com seis horas de atraso em média, num processo lento demais para influenciar decisões táticas. Aos poucos, compreendeu-se que tais informações poderiam ser utilizadas com

mais eficácia para orientar estratégias, como nas batalhas de Alamein, durante o verão de 1942.

O manejo da inteligência Ultra pelos Aliados tornou-se sofisticadíssimo, com informações repassadas aos comandantes por Unidades Especiais de Ligação posicionadas localmente, cuja função era não apenas garantir sigilo, mas assegurar que nenhuma iniciativa ou reação a ações alemãs revelasse tal conhecimento prévio. Se um alvo naval era localizado no mar através de criptoanálise, aviões de reconhecimento sobrevoavam o inimigo antes de um ataque, sempre que possível, para disfarçar o papel do sistema Ultra. De 1942 em diante, Bletchley Park funcionou como um centro industrial, tendo seis mil pessoas trabalhando numa comunidade de casas geminadas e processando um fluxo intenso de mensagens em turnos ininterruptos. O coração dessa operação era Colossus, um precursor dos computadores modernos também conhecido como The Bombe, que acelerou de forma drástica a exploração de múltiplas possibilidades matemáticas. As equipes de decodificadores eram dominadas por centenas de acadêmicos brilhantes, em sua maioria matemáticos e fluentes em alemão. As personalidades mais influentes, com cerca de trinta anos de idade, foram Alan Turing, às vezes descrito como o pai do computador, e Gordon Welchman. Alguns jovens que desempenhavam funções cruciais, e absolutamente secretas, em Bletchley eram alvo de críticas por não estarem na linha de frente. Um deles recebeu uma carta do reitor de sua antiga escola, que afirmava que sua teimosa condição como civil era um vexame para a instituição.

O quadro das operações inimigas fornecido por Ultra era sempre incompleto, mas oferecia uma confiabilidade que não podia ser igualada pelas informações militares humanas, ou “humint” [de *human intelligence*], fornecidas por espiões. Por exemplo, os Aliados puderam deslanchar o Dia D, em 6 de junho de 1944, confiantes de que o inimigo ignorava seus objetivos e o momento escolhido. Churchill permitiu que algumas informações Ultra sobre a Frente Oriental fossem repassadas a Moscou. Stalin nunca foi oficialmente informado sobre a operação em Bletchley Park, mas Moscou recebia informações valiosas por intermédio de traidores britânicos, que entregavam a seus contatos do NKVD em Londres um fluxo constante de mensagens decodificadas.

O compartilhamento completo de informações militares entre Inglaterra e Estados Unidos começou somente em 1943. Os americanos haviam decifrado o código diplomático japonês antes do início da guerra, mas sua aplicação das informações Ultra jamais se igualou à integração britânica entre as forças, em parte devido à rivalidade entre exército e marinha. O exército tinha sua operação de decodificação em Arlington Hall, na Virgínia, chegando a empregar sete mil pessoas, enquanto a equipe da marinha, sediada em lúgubres alojamentos subterrâneos no 14º Distrito Naval, Pearl Harbor, era liderada pelo comandante Joseph Rochefort, um brilhante pensador intuitivo e criptoanalista fluente em japonês que contribuiu amplamente para a vitória em Midway. Os homens de Rochefort leram algumas mensagens escritas pela marinha japonesa no código operacional JN-25 no início da guerra e conseguiram decodificar fragmentos em momentos cruciais de 1942, o que se mostrou a mais importante conquista do sistema Ultra na guerra do Pacífico. Depois, porém, durante alguns meses, o código JN-25 desafiou aquela equipe, tornando a inteligência naval dependente dos vigilantes costeiros e da análise dos padrões do tráfego das comunicações. Em 1943, o código operacional foi mais uma vez decifrado e forneceu uma torrente de dados durante o resto da guerra.

Bletchley Park e Arlington Hall tiveram papéis fundamentais na decifração de códigos do exército japonês em 1943, sendo que o primeiro foi aquele utilizado por adidos militares no exterior. A captura de livros de código japoneses expôs volumosas trocas de mensagens militares em 1944. Enquanto, em janeiro daquele ano, Arlington Hall lera menos de duas mil mensagens do exército inimigo, em março esse número aumentou para 36 mil, influenciando de forma decisiva a estratégia de MacArthur na Nova Guiné. Houve falhas na interceptação de comunicações japonesas durante a campanha de 1944 e 1945 nas Filipinas, quando os principais códigos do exército foram alterados, provocando uma nova queda nas decodificações. Em geral, as operações navais americanas foram mais influenciadas pelo sistema Ultra do que aquelas dos exércitos na campanha do Pacífico. Nenhuma decodificação poderia eliminar as dificuldades de atacar posições inimigas fortemente defendidas, mas a contribuição coletiva dos criptoanalistas britânicos e americanos ao esforço de guerra foi maior do que os benefícios oferecidos por qualquer outro grupo tão pequeno em toda a história. Suas operações constituíram o exemplo supremo da criativa integração dos mais brilhantes intelectos civis ao esforço de guerra dos Aliados.

• • •

No outono de 1942, Churchill aguardava, com grande impaciência, que o VIII Exército atacasse. Após os desembarques da operação Tocha, a glória de qualquer êxito britânico seria dividida com os americanos. Alexander e Montgomery eram importunados sem descanso por Londres, ainda que o astuto comandante de campanha se mantivesse fiel a seu próprio cronograma. "Monty", um soldado frio, incisivo e profissional, estava determinado a impor às operações britânicas uma ordem e uma disciplina até então ausentes. Às vezes, e não injustamente, foi descrito como "um bom general da Primeira Guerra Mundial", mais à vontade com operações limitadas e perfeitamente planejadas. Seu atributo mais óbvio era a capacidade de liderança: entre agosto e outubro de 1942, reacendeu, de maneira notável, a confiança do exército do deserto, com reforços que davam aos britânicos uma vantagem decisiva: o VIII Exército empregou 195 mil homens contra 104 mil alemães e italianos, 1.029 tanques contra 489 e 750 aeronaves contra 675, além de uma imensa superioridade em artilharia.

Keith Douglas, atravessando as áreas de retaguarda do VIII Exército para juntar-se a um regimento blindado, fascinou-se com o espetáculo de homens e de máquinas concentrando-se nas areias para a batalha: "Caminhões pareciam navios, afundando a proa em montes de areia e emergindo subitamente sobre cristas que pareciam ondas. As rodas estavam sempre escondidas em nuvens de poeira: a areia comum era pulverizada por tanto tráfego que se transformava numa substância quase líquida, pegajosa ao tato, em que se afundava quase até os joelhos. Todos os homens tinham máscaras brancas contra a poeira; se não usassem óculos de proteção, os olhos se destacavam como os de palhaço."

Do outro lado, o exército de Rommel habitava o mesmo ambiente, mas era presa de um desânimo cada vez maior quanto à sua situação. Merece ênfase que seus elementos mais numerosos eram italianos, não alemães, e que, como a maioria de seus compatriotas, Vittorio Vallicella sentia-se desesperançado: "Estamos atolados nesta planície desolada de El Alamein, cansados, famintos, com pouca água, imundos e cheios

de piolhos. Sabemos que nosso Grande Líder [Mussolini] está a 660 quilômetros da linha de frente, furioso porque não conseguimos abrir os portões de Alexandria para ele (...)[10] Há dezesseis meses levamos essa vida: seguindo em frente com um cantil de água (se tivermos sorte), à mercê de pulgas e piolhos. Talvez, a esta altura, possamos apenas esperar que uma bomba ponha fim ao nosso sofrimento.[11]" Vittorio registrou também o suicídio de um camarada como sendo o décimo sétimo ocorrido em sua unidade desde março de 1941. A RAF metralhava constantemente: durante um ataque, os companheiros de Vallicella foram estouvados a ponto de buscar abrigo sob um veículo que foi diretamente atingido, matando todos eles. Vallicella ganhou uma trégua de poucas horas de sono num hospital de campanha alemão antes de ser mandado de volta para a linha de frente.

O sistema de suprimentos do exército italiano entrara em colapso, e seus homens passaram a depender da generosidade alemã. O Afrika Korps demonstrou ojeriza pelas súplicas italianas, ao que Vallicella e seus camaradas responderam recorrendo ao "*arrangiarsi*", traduzível informalmente como "cada um por si".[12] "O que será de nós?", perguntava-se o soldado. "Como podemos lutar tão longe de nossas bases logísticas e à mercê de ataques aéreos? Não se passa uma semana sem que nossas colunas de suprimento sejam metralhadas e destruídas. A falta de água, de alimento e de armas demoliu nosso moral."[13] Muitos italianos sobreviviam inteiramente à base de comidas desidratadas e enlatadas. Depois da primeira semana, Vallicella escreveu: "Não aguentamos mais; se nossa logística costumava ser inadequada, agora ela praticamente não existe."[14] Ele e seus camaradas percorriam o campo de batalha à procura de restos de comida e água, tirando o combustível restante em veículos destroçados. A Divisão Folgore sofreu baixas impressionantes: "Aqueles jovens, apoiados apenas por morteiros e por uma ou outra metralhadora, escreveram uma página da história. Centenas foram exterminados em nome de um regime que sequer soube lhes fornecer o equipamento de que precisavam para lutar."

Ao mesmo tempo, no acampamento britânico, enquanto Alamein começava, o tenente Norman Craig refletia sobre o desafio envolvido na liderança de subalternos: "Antes de um ataque, o medo é universal. A crença popular de que na batalha existem dois tipos de pessoa — os sensíveis, que se atormentam, e os poucos sem imaginação, que não conhecem o medo e seguem em frente alegremente — é uma falácia. Todos estavam tão amedrontados quanto seu vizinho, pois não era preciso imaginação para prever a possibilidade de morte ou de mutilação. Alguns apenas conseguiam esconder seu medo melhor do que outros. Os oficiais não podiam mostrar seus sentimentos de forma tão evidente quanto os soldados e precisavam dissimulá-los. Numa grande batalha, um subalterno tinha pouca ou nenhuma influência sobre o destino de seu pelotão, que era um joguete nas mãos dos deuses. Seu papel era essencialmente histriônico. Ele precisava fingir um otimismo informal e animado para criar uma ilusão de normalidade e fazer de conta de que não havia nada de estranho no que era pedido. Somente assim ele conseguia aliviar a tensão, controlar o pânico e convencer seus homens de que tudo daria certo no final. Interiormente, admiro-me que não tenham dado o fora. Resmungavam e pareciam apreensivos, mas nada mais (...) [Os sargentos pensavam que] 'se um oficial pode fazê-lo,

nós também podemos'. Os homens olhavam para os graduados e diziam: 'Iremos para onde o cabo for.' É assim que um exército se mantém."[15]

Em 23 de outubro, Montgomery lançou a operação Lightfoot, a fase de abertura da Segunda Batalha de El Alamein, que duraria doze dias e começou com um bombardeio devastador. Vittorio Vallicella conversava com alguns alemães, bebendo o chá que capturaram, quando granadas britânicas desabaram sobre eles. "Vi muitas barragens inimigas, mas essa intensidade está além de nossa experiência."[16] Homens que sufocavam na fumaça acre das explosões viam línguas de fogo lançarem-se pelo deserto. Vallicella refugiou-se no abrigo dos motoristas, buscando consolo na companhia de outros — "Juntos sentimos menos medo" —, e descreveu uma cena que seria difícil imaginar em outro exército que não o de Mussolini. Ao receber ordens de um tenente para colocar os mortos num caminhão e levá-los para um cemitério provisório ao lado de um hospital de campanha, ele se recusou. O oficial ameaçou-o, com uma pistola. Nesse momento, seu coronel chegou, censurou com rigor o tenente e tomou-lhe a arma; o oficial, cabisbaixo, desfez-se em lágrimas. Vallicella e seus camaradas levaram os corpos para um hospital de campanha, onde as enfermeiras ajudaram na terrível tarefa de remoção dos corpos. Elas contaram aos soldados que seu principal afazer nos últimos dias fora colocar os mortos nas valas coletivas e que até as escavadeiras precisaram ser emprestadas pelos aliados alemães.

Por quase uma semana, as forças do Eixo repeliram repetidos ataques britânicos. Em Londres, Churchill estava furioso. O tenente Vicenzo Formica registrou uma onda de euforia em sua unidade em 1º de novembro: os italianos presumiram, por pouco tempo, que os britânicos haviam abandonado seus esforços para romper a linha, animados por notícias de amplas perdas de tanques nas unidades blindadas de Montgomery, infligidas pelos Panzer: "Oficiais e soldados, que sobreviveram ao combate e sofreram por meses no deserto egípcio, durante a época mais quente do ano, viram que todos os sofrimentos e sacrifícios seriam recompensados com o troféu que todos os guerreiros desejam: a Vitória. Achávamos que lançaríamos um contra-ataque. A palavra de ordem era 'Natal em Alexandria'."[17]

Em 24 horas, porém, o quadro alterou-se de forma dramática. Montgomery alegou, mais tarde, que Alamein se desenrolou segundo seu plano original. Na verdade, ele foi obrigado a desviar seu foco de ataque para o norte, mas o domínio do VIII Exército no campo de batalha não foi posto em xeque. O desgaste impôs perdas intoleráveis às forças do Eixo, cuja escassez de combustível se agravara. "Todas as nossas ilusões foram desfeitas na noite de 2 de novembro",[18] escreveu o tenente Formica. Eles avançaram atrás de uma coluna de tanques apenas para descobrir que seu líder perdera o rumo. Por fim, o coronel apareceu, dirigindo-os pessoalmente para a área de concentração da Divisão Ariete. Ali, "ficou bem claro para mim que toda a situação militar mudara — para nosso prejuízo. Longas colunas de veículos de diferentes unidades e até de diferentes formações movimentavam-se de modo tão caótico que, obviamente, não eram contingentes organizados em busca de objetivos. As condições eram terríveis: pouca visibilidade, veículos atolados na areia, colisões. Olhei, de nosso veículo, para os soldados de infantaria silenciosos e exaustos. Por vezes, eu vislumbrava os penachos dos Bersaglieri, sobre os quais tanta glória e areia se acumularam".

Ao retornar para o campo de batalha após uma licença para tratamento de saúde, Rommel informou a Berlim que efetuaria uma retirada em grande escala, revelada por Ultra aos triunfantes britânicos. Em 4 de novembro, o VIII Exército avançava pelo deserto aberto enquanto unidades do Eixo tentavam escapar. Formica escreveu naquele dia: "Enquanto dirigíamos, veículos de todos os tipos cruzavam meu caminho, transportando soldados pálidos e surrados. Quando interroguei oficiais e soldados, percebi que toda a nossa linha se rompera. Parecia impossível! (...) 'Olhe', disse o comandante de meu batalhão, 'lá estão os tanques ingleses'. Vi o inimigo (...) silencioso e parado como um animal selvagem traiçoeiro, parcialmente escondido na névoa do amanhecer."[19]

O tenente Pietro Ostellino escreveu naquela noite: "Víamos dispositivos de sinalização à nossa volta na noite estrelada: vermelhos para os ingleses e verdes para os alemães. Movíamo-nos lentamente, na maior velocidade possível, considerando-se o terreno e a escuridão, quando fui obrigado a abandonar meu tanque no deserto, pois ele não conseguia acompanhar os outros." Ele e um punhado de camaradas italianos dirigiram caminhões para o oeste, na escuridão, parando ocasionalmente para que o oficial pudesse descer e checar a bússola até um veículo alemão aparecer, por acaso. Ostellino pediu notícias sobre os britânicos, e, embora não tivessem vocabulário em comum, os alemães deixaram claro que o inimigo estava por toda parte e que a única esperança era ganhar distância antes do amanhecer.

Fizeram uma breve pausa por volta da meia-noite para comer e cochilar. Ostellino foi despertado por um grito, levantou-se para investigar e deparou-se com os restos de um batalhão de infantaria que seguia para El Daba. "Os soldados estavam esgotados e desesperadamente sedentos. Somente os oficiais, todos com sotaque sulista, mantinham algum ânimo e energia e insistiam para que seus homens seguissem em frente (...) Foi digno de piedade ver aqueles homens, levados ao desespero pela sede e pelo cansaço, caírem de joelhos à minha volta para que eu lhes desse um gole de água." Ele localizou o coronel, um pequeno veterano da Primeira Guerra Mundial, com um olho coberto por uma venda preta, seguindo os soldados num veículo. O velho disse, lastimosamente: "Nós, oficiais, temos outros recursos espirituais, mas meus soldados, pobres coitados, pensam apenas em sua sede." Na verdade, a liderança italiana foi deplorável durante toda a campanha no deserto.

As unidades blindadas do VIII Exército aceleraram a marcha para o oeste, com esteiras que revolviam a areia e tripulantes animados por romperem meses de impasse. "A visão que se tem num tanque em movimento é como numa câmara escura ou num filme mudo", escreveu Keith Douglas, "porque o motor afoga todos os outros ruídos, exceto as explosões, e o mundo inteiro move-se em silêncio. Homens berram, veículos se deslocam, aviões voam e nada emite som: como o barulho dos tanques é permanente, durando talvez por horas a fio, o efeito é de silêncio." Eles avançavam sem parar, embora a chuva forte e a cautela de Montgomery impedissem que convertessem o êxito na destruição do exército de Rommel. Vicenzo Formica notou, com algum constrangimento, o contraste entre a caótica derrota italiana e a retirada organizada do Afrika Korps. "Encontrei o capitão Bondi, oficial de ligação alemão da Divisão Ariete, que nossos cordialmente detestavam. Ele apontou para grupos de alemães que se retiravam a pé, muito cansados, mas ainda em perfeita ordem, mesmo enquanto projéteis inimigos caíam entre suas fileiras."[20]

Vittorio Vallicella considerou a retirada consideravelmente menos desagradável do que quase tudo o que lhe acontecera desde 1941. Ele dirigiu rápido em direção oeste com apenas seis companheiros, evitando as barricadas construídas para deter os retardatários e reorganizar unidades desfeitas. Durante alguns dias, não foram incomodados por notícias ou oficiais e mantiveram-se fora de alcance dos bombardeios da RAF. Encontraram depósitos de gasolina e de petróleo para continuar sua fuga e até conseguiram matar uma gazela e comer carne fresca: "Na tragédia da guerra, estes são alguns de nossos melhores dias."[21] Tais benesses, porém, acabaram: um dos homens adoeceu e, chegando ao hospital de campanha, todos se viram de novo sob disciplina militar. Cada soldado recebeu uma cópia da Ordem do Dia, que terminava com as seguintes palavras: "Cada esforço e cada sacrifício colherão uma feliz e preciosa recompensa para a grandeza de nosso país — *nostra patria*." Escreveu Vallicella: "Ler aquela ordem nos causou ânsias de vômito. Alguns generais têm sempre a palavra *Patria* nos lábios enquanto estão ocupados apenas com o planejamento de suas refeições."[22]

O oficial de divisão Panzer Tassilo von Bogenhardt disse:[23] "Os soldados pareciam ter perdido toda a vontade de lutar (...) Fomos alvejados por bombardeios de saturação, bombardeios de picada e metralhadoras aéreas (...) A última coisa de que me lembro [antes de ser ferido e evacuado] foi explodir meu Panzer quando o combustível acabou e observar chamas o envolverem lentamente. Foi quando soube que era o fim de nosso Afrika Korps (...) Lembro-me de ter me perguntado por que os britânicos avançavam com tanta cautela (...) se ao menos soubessem. Quase desejei que soubessem."

Rommel conseguiu livrar parte substancial de suas forças, mas o exército inglês aprisionara trinta mil homens do Eixo e destruíra grandes quantidades de armas e de equipamento. Dessa vez, para o exército de Rommel, em retirada, a balança não voltaria a pender para o leste. Os britânicos alcançaram a única vitória terrestre substancial na guerra no Ocidente sem dividir os louros com qualquer aliado. Durante o mês de dezembro, os alemães viraram-se e travaram ferozes combates de retaguarda, mas, a cada ocasião, o VIII Exército expulsava-os de suas posições e seguia em frente. Trípoli caiu em 23 de janeiro de 1943. Três dias depois, as forças de Montgomery encontravam-se na Tunísia, onde foi travada a última e prolongada fase da guerra do Norte da África.

• • •

Os desembarques da operação Tocha na Argélia e no Marrocos de Vichy, em 8 de novembro de 1942, representaram a primeira grande operação combinada dos exércitos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha contra os alemães. Churchill e Roosevelt ordenaram-na diante de forte oposição dos chefes de estado-maior americanos, que viam o Mediterrâneo apenas como o foco das ambições imperialistas britânicas. Quando se compreendeu que não poderia ocorrer um Dia D continental em 1942, o presidente aceitou a opinião do primeiro-ministro de que algum gesto militar significativo precisava ser feito para sustentar a sensação de avanço dos Aliados; o Norte da África era o único objetivo plausível. A operação envolveu uma força anglo-americana inicial de 63 mil soldados e 430 tanques. Esperava-se que forças da França de Vichy não oferecessem

resistência às duas divisões de assalto americanas, mas elas sofreram 1.500 baixas nos primeiros combates em terra e foram obrigadas a reagir duramente.

Um soldado da Legião Estrangeira, guarnecendo uma posição na bateria de artilharia de Vichy acima de Casablanca, descreveu o horror dos artilheiros quando aviões americanos desabaram sobre suas posições não camufladas: "Em cinco minutos, tudo terminou. Arrastei-me da vala onde me jogara quando a primeira bomba caiu (...) Dos trinta soldados, quinze estavam mortos, junto com o oficial, e dez foram feridos. Os dois canhões foram danificados e dois caminhões pegaram fogo. Senti uma grande amargura na alma ao ver meus camaradas espalhados à minha volta. Desde a queda da França, sonhávamos com a libertação, mas não a queríamos assim."[24] Em 10 de novembro, o comandante supremo dos Aliados, general Dwight Eisenhower, negociou uma trégua. Em seguida, as forças francesas uniram-se progressivamente à frente aliada contra os alemães, embora estorvadas pela falta de armas e — no caso de alguns oficiais — de entusiasmo por sua nova causa.

Os avanços no Norte da África eletrizaram a população dos países aliados quando ousaram acreditar que não se tratava de meras oscilações do pêndulo. A agricultora Muriel Green escreveu apressadamente em 11 de novembro: "De repente, percebi que as notícias se tornam animadoras. Eu estava tão cansada de avanços e retiradas no Egito durante os últimos anos que não percebi que esse avanço merecia ser festejado. É maravilhoso o ataque americano ao outro lado; acho que as coisas começam a acontecer e que a vitória está chegando."[25] Alguns alemães tinham a mesma opinião. "É impressionante ver como o poderio marítimo se impõe",[26] escreveu Helmuth von Moltke, que ansiava pela queda de Hitler, em 10 de novembro, após os desembarques da operação Tocha. "Ela avança como um colosso." Para os russos, a guerra na África parecia pouco relevante comparada à imensidão de sua luta, mas notícias sobre a operação e sobre Alamein chegaram ao Exército Vermelho e deram aos soldados uma pequena injeção de esperança. Enquanto Muriel Green compunha seu diário na Inglaterra Ocidental, na Frente Oriental o capitão Nikolai Belov escrevia: "Boas notícias chegaram hoje: os americanos e ingleses estão dando uma verdadeira surra nos alemães. Embora a África fique muito longe, agora parece tão próximo."[27]

Na cidade de Derna, 6.400 quilômetros a oeste de Alamein, um grupo de soldados italianos famintos por informações encontrou, num dia de novembro, alguns alemães, um dos quais falava bem o italiano. Era um nazista orgulhoso, que insistia que o Eixo alcançaria a vitória em 1943, dizendo que ouvira no rádio o anúncio da captura de Stalingrado pelos alemães. Aquilo obviamente significava o fim dos russos. Os italianos não eram tão crédulos. "Esperamos que tenha razão",[28] escreveu um deles, "mas seu otimismo não nos convenceu." Esse ceticismo logo se justificou.

Nos primeiros estágios da campanha no Norte da África, os comandantes americanos temiam uma intervenção alemã através da Espanha. Quando a intervenção não se materializou, os invasores firmaram suas posições nas praias e os franceses de Vichy abandonaram a resistência, os Aliados previram uma rápida limpeza de todo o litoral. Enganaram-se. Hitler decidiu, de forma inesperada, enviar mais homens para o Norte da África. Depois de negar a Rommel, por vinte meses, o apoio que poderia garantir a vitória, o Führer escolheu reforçar seu fracasso. Por ar e mar, dezessete mil soldados

alemães e blindados de apoio seguiram da Itália para a Tunísia, com a aquiescência do general-residente da França de Vichy. Os Aliados ainda tinham superioridade numérica, mas todos os soldados americanos e muitos dos britânicos eram novatos; a Luftwaffe oferecia apoio aéreo efetivo aos alemães, comandados pelo general Jürgen von Arnim.

Vittorio Vallicella e seus camaradas do cada vez mais reduzido contingente italiano no deserto passaram o Natal de 1942 no litoral da Tunísia, acalentando saudades de casa e protegendo-se das bombas britânicas: "Na missa da meia-noite, vi rostos tristes. Os ingleses nos incomodam com uma incursão aérea, e todos correm para seus postos. Foi como passamos a véspera de Natal, em vez de aproveitarmos o banquete que Doliman"[29] — seu muito admirado cozinheiro — "prometera". No dia seguinte, porém, a situação melhorou: o cozinheiro preparou-lhes massa com ragu, batatas cozidas, uma fatia de carne e — para espanto geral — panetone, "jamais visto naquelas bandas". Doliman mostrou-lhes orgulhosamente a caixa: "Panettone Motta." O almoço de Natal foi saboreado com meio litro de vinho e meia marmita de conhaque. "Nunca uma refeição foi tão boa. Terminamos o dia nadando nus no Mediterrâneo enquanto nossos entes queridos quase certamente estavam imersos na neblina."[30] Vallicella, por sorte, tornou-se prisioneiro dos franceses pouco depois e passou os três anos seguintes executando trabalhos forçados na lavoura: ele só voltaria à sua amada terra natal em 1947.

Em meio às chuvas e à lama do inverno, os alemães conseguiram frustrar os esforços aliados para chegarem rapidamente a Túnis: numa série de ofensivas em janeiro, as formações de von Arnim repeliram mal equipadas tropas francesas e mantiveram aberta a linha de suprimento para o Afrika Korps, a leste. Em fevereiro, obtiveram uma série de êxitos contra os americanos, destruindo dois tanques, dois batalhões de infantaria e dois grupos de artilharia do tenente-general Lloyd Fredendall numa única operação de 48 horas. Então, Rommel lançou um ataque através do passo de Kasserine, que obrigou as forças de Eisenhower a recuarem em meio a uma humilhante confusão. Os americanos aprenderam lições impostas anteriormente aos britânicos sobre a qualidade dos blindados inimigos, a velocidade das ações e reações alemãs e a forma implacável com que se aproveitavam de cada vantagem. Algumas unidades dos Estados Unidos entravam em pânico num modo que inspirava desdém entre oficiais britânicos de alto escalão, como Alexander, que não tinha tantos motivos para justificar sentimentos de superioridade. A conduta do I Exército britânico na Tunísia revelou muitas deficiências, tanto na habilidade dos soldados quanto nas aptidões do comandante, o general Kenneth Anderson. Ingleses esclarecidos compreendiam que era uma tolice menosprezar seus aliados. O cabo Peter Baxter, da RAF, escreveu em seu diário: "Acho que falta apenas aos americanos treinamento em condições de combate, e talvez não saibam muito bem por que estão lutando contra os alemães".[31] As duas suposições eram verdadeiras.

Quaisquer reveses que o exército de Eisenhower tenha sofrido, a maré da guerra no Norte da África corria esmagadoramente em favor dos Aliados. A cautela do alto-comando italiano negou a Rommel a chance de explorar uma breve oportunidade para atacar o flanco das forças aliadas e destruí-las na Tunísia setentrional. Os americanos enviavam reforços rapidamente enquanto a força alemã encolhia. Em 22 de fevereiro de 1943, Rommel precisou interromper sua ofensiva. No dia seguinte, foi promovido a comandante em chefe do Grupo de Exércitos da África. Uma semana depois, o sistema Ultra revelou sua intenção de usar três fracas divisões Panzer para atacar o VIII Exército de

Montgomery, aproximando-se da linha Mareth, pertencente ao Eixo, no sul da Tunísia. A investida alemã em Medenine, em 6 de março, foi repelida com facilidade; doente, Rommel deixou a África pela última vez.

Logo Montgomery atacava Mareth, com uma ampla superioridade de tanques e aeronaves. Depois do fracasso de seu primeiro assalto, em 19 de março, ele conduziu, no interior, uma bem-sucedida operação contra o flanco alemão, mas os soldados conseguiram se retirar, intactos, para novas posições em Wadi Akarit. Ao mesmo tempo, os americanos recuperaram o terreno perdido no pequeno desastre em Kasserine. Por insistência de Alexander, agora vice de Eisenhower, o caótico planejamento do comando aliado foi reorganizado; os oficiais americanos mais obviamente incompetentes foram substituídos com uma brutalidade que os britânicos fariam bem em imitar. Durante abril, os Aliados fizeram o Eixo recuar de forma consistente. No começo de maio, as forças de von Arnim estavam confinadas a um bolsão raramente maior do que 95 quilômetros além da costa do Mediterrâneo, ao longo de uma linha de frente de 240 quilômetros, cercados pelos britânicos a leste e pelos americanos a oeste.

Os Aliados estreitaram seu controle sobre a rota de suprimento do Mediterrâneo, afundando navios do Eixo em quantidade inédita. Agravou-se a escassez de blindados, munição, combustível e alimentos de von Arnim. Tornou-se claro que sua resistência não poderia se prolongar muito; a rigor, era impressionante que sustentasse a luta por tanto tempo, contra forças aliadas muitos superiores — em nenhum momento os soldados de Eisenhower e de Alexander tiveram vida fácil no Norte da África. Em abril, o 2º Corpo de Exército dos Estados Unidos viu-se frustrado numa tentativa de romper a linha, mas Montgomery enfim obteve êxito em Wadi Akarit, obrigando os oponentes a recuar. Em 22 de abril, Alexander lançou uma ofensiva completa: o I Exército avançou para Túnis, o Corpo de Exército de Bradley atacou Bizerta e os franceses atacaram Pont du Fahs. O VIII Exército britânico não conseguiu destruir a nova linha alemã em Enfidaville. Aconselhado por Montgomery, Alexander transferiu duas divisões para o I Exército, preparando um assalto final ao longo da estrada Medjez-Túnis, com maciço apoio de aviação e artilharia. A pressão combinada sobre a linha de frente de Arnim mostrou-se irresistível: Túnis, Bizerta e Pont du Fahs capitularam no mesmo dia, e dois destroçados exércitos Panzer se desintegraram. O último bolsão do Eixo rendeu-se em 13 de maio, quando 238 mil prisioneiros caíram em mãos aliadas.

A vitória exigira quase cinco meses a mais do que o alto-comando anglo-americano previra em novembro, depois de El Alamein e da operação Tocha, mas o reforço ordenado por Hitler durante o fracasso obtivera êxito proporcionalmente maior. A arrogância americana foi castigada pela habilidade da Wehrmacht, mas Eisenhower e seus colegas demonstraram bom-senso e humildade para aprender lições, tentando resolver, com algum resultado, fraquezas de comando, de tática, de equipamento e de liderança antes que os exércitos aliados atravessassem o Mediterrâneo.

O exército britânico ficou bem animado pelo clima de redenção que acompanhou sua chegada a Túnis. Após quase três anos de dura campanha, ele alcançara uma vitória que recebeu aplausos entusiásticos na Grã-Bretanha. Apesar da exagerada aclamação sobre Montgomery, o comandante do VIII Exército mostrara-se um sólido profissional. Sua ficha fora maculada por não conseguir destruir o exército de Rommel depois de Alamein, pela lentidão das perseguições seguintes e por alguns importantes fracassos contra posições defensivas alemãs. O general Sir Frederick Morgan, crítico acerbo, afirmou que:

“A perseguição a Rommel pela África tinha mais a natureza de uma procissão majestosa do que da debandada de um exército vencido.”[32] Contudo, Montgomery provara-se o mais hábil general britânico até aquela altura da guerra, com uma astuta consciência das limitações de seu exército.

A campanha do Norte da África estabeleceu a reputação dos comandantes aliados que dominariam as grandes campanhas ocidentais na Europa — “Monty”, Alexander, Eisenhower, Patton, Bradley —, que tiveram sorte ao enfrentar os alemães quando os Aliados dispunham de superioridade material substancial e a Wehrmacht sofrera perdas debilitantes na Rússia. Não há motivo para supor que qualquer dessas estrelas nos campos de batalha entre 1942 e 1945 teria mais êxito do que seus antecessores franceses e britânicos se as campanhas iniciais estivessem sob sua responsabilidade. A primeira exigência para um general ansioso por forjar uma grande reputação é liderar um exército com força suficiente para sobrepujar os oponentes.

Em maio de 1943, após a épica derrota alemã em Stalingrado e sua expulsão do Norte da África, não havia dúvida entre os países aliados, e pouca entre os povos do Eixo, sobre o resultado da guerra. O tenente Vicenzo Formica, cujas esperanças de vitória no deserto eram tão altas em 1º de novembro de 1942, refletiu, miseravelmente, sobre aquela desilusão: “Penso com orgulho naqueles dias distantes, e meu coração sangra ao contemplar a realidade da vida ao nosso redor hoje. Sou prisioneiro num campo de concentração [sua descrição do acampamento para prisioneiros de guerra onde vivia] no meio da América do Norte.”[33] Ainda assim, mesmo que a maré corresse fortemente a favor dos Aliados, persistiam grandes incertezas sobre os rumos e a duração da guerra. Parecia plausível que o império nazista sobrevivesse até 1947 ou 1948. Enquanto Churchill ordenava que os sinos das igrejas da Grã-Bretanha soassem pela vitória no Norte da África, muito mais dor e dificuldades colocavam-se no caminho antes que os Aliados tivessem motivos reais para comemorar.

15
O urso se vira: a Rússia em 1943

Em 1943, enquanto os Aliados Ocidentais ainda conduziam modestas operações no Mediterrâneo, a União Soviética infligiu à Alemanha uma série de derrotas massivas, provocando perdas irreparáveis de homens, tanques, canhões e aeronaves. A superioridade dos exércitos de Stalin aumentava junto com a confiança de seus generais. Produções elevadas de armas acentuavam a vantagem do Exército Vermelho: os russos fabricavam mais de 1.200 T-34 por mês, ao passo que os alemães produziram apenas 5.976 unidades de Panther e 1.354 de Tiger, seus melhores tanques, durante toda a guerra. Após os triunfos do inverno, o povo de Stalin não duvidava mais da vitória. No entanto, até o fim viram-se obrigados a lutar acirradamente e a aceitar baixas imensas.

A situação dos civis na Rússia continuou terrível, com milhões à beira da inanição mesmo depois que a maré da guerra recuou de sua vizinhança imediata. Em janeiro de 1943, pessoas que haviam retirado suas famílias de Moscou quando a cidade parecia condenada à destruição as trouxeram de volta, mas Lazar Brontman ficou desanimado com a persistente escassez de combustível, eletricidade e alimentos. "Todos falam incessantemente sobre comida", escreveu o jornalista. "Recordamos cardápios de refeições passadas, e, se alguém janta com pessoas mais ricas e afortunadas, ao voltar atormenta os demais com detalhes dos pratos servidos." Nas oficinas do *Pravda*, era preciso retirar as lâmpadas assim que a edição do dia era despachada, para evitar que fossem roubadas. Em meio à carência de combustível, cercas de madeira desapareceram das ruas e dos subúrbios de Moscou. Temperaturas negativas obrigavam os funcionários a usar sobretudos e luvas enquanto trabalhavam dentro dos escritórios.

Os êxitos no campo de batalha traziam satisfação, mas pouco motivo para euforia, pois muita gente continuava a morrer. Por diversas ocasiões, em 1943, os russos conseguiram cercar os alemães, que, contudo, se livravam realizando movimentos retrógrados com a habilidade de sempre. "Os russos não eram muito bons", afirmou o capitão Karl Godau, artilheiro das Waffen SS. "Eles só tinham as massas. Atacavam em massa, então morriam em massa. Tinham bons generais e boa artilharia, mas os soldados eram fracos." Há certo exagero nessa observação arrogante, mas era verdade que a liderança soviética nos escalões medianos era fraca, que a organização costumava desmoronar no campo de batalha e que os soldados pagavam com sangue pelos constantes desatinos táticos.

O metralhador Aleksandr Gordeev lamentava a primariedade das táticas de seu exército: "Os ataques frontais me confundiam. Por que avançar diretamente contra o fogo das metralhadoras alemãs? Por que não atacar pelo flanco?" Por algum tempo ele se iludiu acreditando que sua companhia, reduzida a um terço do efetivo, seria poupada de realizar novos assaltos, mas em vez disso, certo dia, de manhã cedo, ela recebeu reforço de retaguarda, inclusive de burocratas. Receberam ração dupla de vodca, "e quem quisesse bebia mais". O auxiliar de guarnição da metralhadora de Gordeev foi designado para a infantaria da linha de frente e "foi embora como se tivesse certeza de que encararia a morte". Foi substituído por um soldado que suava, aterrorizado, e mancava em

consequência de um ferimento que causara a si mesmo. Gordeev escreveu: "A situação era uma merda; aquilo não era uma companhia, mas um bando de bêbados"; mesmo assim, foi de novo lançada ao campo de batalha.

No setor de Nikolai Belov no front, era manhã, no dia 20 de fevereiro de 1943, quando um bombardeio russo que deveria castigar os alemães atingiu seus próprios soldados, que sofreram intensamente antes mesmo de encontrar o inimigo. Após um dia de combates sangrentos, o próprio Belov foi ferido, às 16 horas. Ele passou quatro horas deitado entre as trincheiras antes que a noite caísse e soldados armados com submetralhadoras pudessem arrastá-lo para um abrigo e de lá encaminhá-lo para tratamento na retaguarda. Ao voltar para seu batalhão, três semanas depois, Belov descobriu que a maior parte dos oficiais desaparecera, quase todos mortos: "O major Anoprienko partiu para a Academia [Militar]. O comandante de divisão coronel Ivanov está morto. O capitão Novikov foi fuzilado [presume-se que por negligência no combate], Grudin, morto. Dubovik, morto. Alekseev morreu em decorrência de ferimentos. Stepashin perdeu a patente e foi condenado a dez anos [de prisão]."

Contudo, a Rússia podia suportar tais perdas — e até mesmo esse guerrear desajeitado e brutal. As forças de Stalin eram agora muito maiores que as de Hitler, e sua superioridade aumentava em ritmo constante: alguns sistemas de armas soviéticos eram melhores que os utilizados pela Wehrmacht. O poderio aéreo russo tornava-se cada vez mais grandioso enquanto dia após dia a debilitada força da Luftwaffe ia sendo desviada para defender o Reich dos aviões de bombardeio aliados. Houve um momento na primavera de 1943 em que os alemães pareciam incapazes de manter qualquer linha a leste do Dnieper, a 640 quilômetros de Stalingrado. A rigor, parecia plausível que os grupos A e do Don dos exércitos de Hitler fossem impedidos até mesmo de voltar para o rio. Conforme milhares de prisioneiros eram enjaulados, os soldados russos saboreavam os despojos, que incluía sobretudo roupas: muitos homens da unidade de Ivan Melnikov aproveitaram a oportunidade para trocar os panos que enrolavam seus pés por botas alemãs. "Foi difícil tirar as ataduras, porque tinham grudado na pele e era preciso rasgar farrapo por farrapo", escreveu Melnikov, com uma frieza clínica. "Usando água à vontade, lavamos nossos pés, cobertos de bolhas e sangue. Alguns calçaram meias que encontramos (...) E marchamos em frente, cheios de ânimo."

No fim de janeiro, uma veloz coluna de tanques dirigida por Nikolai Vatutin, comandante da frente do sudoeste, atravessou o Donets, a leste de Izyum, e seguiu para o sul, em direção a Mariupol, no mar de Azov, para chegar à retaguarda alemã. Em 2 de fevereiro, Zhukov e Vasilevsky lançaram um ambicioso ataque em duas direções, com uma ponta de lança avançando para sudoeste, via Kharkov rumo ao Dnieper, e outra para noroeste, rumo a Smolensk via Kursk, que caiu em 8 de fevereiro. Kharkov foi capturada após uma semana, e em poucos dias forças soviéticas aproximaram-se das travessias do Dnieper em Dnepropetrovsk e Zaporozhye.

Depois disso, entretanto, as dificuldades russas aumentaram. Tanques Panzer destroçaram a força móvel de Vatutin com táticas e técnicas de tiro superiores. Manstein assumiu o comando do Grupo de Exércitos do Sul e lançou uma série de ofensivas violentas. Antes que o degelo da primavera reduzisse o campo de batalha a um lamaçal, o que imobilizaria os blindados, em 11 de março os alemães retomaram Kharkov, onde muitos russos viveram odisseias extraordinárias. No dia 8 de março, o enfermeiro Aleksei Tolstukhin viu-se encurralado pelo avanço alemão sobre a cidade. Ele escreveria, mais

tarde, aos pais: “Durante dez dias, vaguei pela estepe, tentando voltar para o Exército Vermelho. Eu estava congelando, faminto e muito cansado. No décimo primeiro dia, achei um monte de feno e caí no sono. Fui acordado por uma forte coronhada de fuzil nas costas. Abri os olhos e vi soldados de Hitler à minha volta. Ali teve início para mim uma nova vida de frio gélido e fome, com surras intermináveis. Eu seria incapaz de descrever para vocês tudo que sofri. Não consigo falar sobre o assunto. Só em 17 de setembro surgiu uma oportunidade de fuga. Às dez horas da manhã de 21 de setembro, atravessei a linha de frente a vinte quilômetros de Poltava (...) Ainda não consigo acreditar que estou de volta, entre os meus.” O cabo Tolstukhin escapou das sanções draconianas que costumavam ser impostas por seus próprios comissários a prisioneiros fugitivos e simplesmente retornou ao serviço. Logo foi ferido por estilhaços, mas não com tamanha gravidade que pudesse escapar do campo de batalha; em 16 de novembro, foi morto nas margens do Dnieper.

Os alemães, nesse meio-tempo, também sofriam intensamente. “Nunca ouvimos uma franca admissão de derrota”, escreveu Guy Sajer. Quando sua unidade começou a se retirar da margem ocidental do Don, “como a maioria dos soldados nunca havia estudado geografia russa, sabíamos muito pouco sobre o que estava acontecendo”. Porém, depois de Stalingrado, o medo de um cerco atormentava todos os alemães. Sajer e alguns companheiros de infantaria fugiram na escuridão, em um caminhão russo rebocado por um tanque. “O para-brisa ficou coberto de lama, e Ernst vadeou pelo solo encharcado para tirá-la com a mão (...) Atrás de nós, os feridos tinham parado de gemer. Talvez estivessem todos mortos — que diferença faria? A luz do dia raiou sobre rostos abatidos pelo cansaço.” O grupo parou e um sargento de engenharia berrou: “Uma hora de descanso! Aproveitem bem!” O comandante do tanque-reboque respondeu: “Vá se foder! Sairemos daqui quando eu tiver dormido o suficiente!” Houve uma feroz altercação entre os dois, enquanto o engenheiro tentava impor a autoridade de seu posto. O homem do tanque disse: “Atire em mim, se quiser, e dirija você o tanque. Não durmo há dois dias, e pode me deixar em paz, porra!” Partiram duas horas depois, mas o episódio deixou claro que a disciplina alemã, como a de seus inimigos, podia fraquejar diante de sérias adversidades.

Em 18 de março, duas divisões Panzer aproveitaram o corte numa estrada de ferro para acelerar seus tanques, em coluna, rumo a Belgorod e retomar a cidade. No norte, Hitler autorizou, com relutância, uma retirada do saliente de Rzhev, que já não representava uma ameaça plausível para Moscou. Isso permitiu ao Grupo de Exércitos do Centro encurtar sua linha de frente em quatrocentos quilômetros e criar uma concentração de forças suficiente para obstruir uma ofensiva de Rokossovsky. Conforme os alemães recuavam, milhões de russos contemplavam a devastação e a carnificina que deixavam em seu rastro. Muitos dos que não se comoviam diante das conhecidas aflições dos adultos cederam à emoção ao testemunhar as tragédias que se abateram sobre os mais jovens. O capitão Pavel Kovalenko escreveu em 26 de abril: “Compreendemos os horrores da guerra, suas leis implacáveis escritas com sangue. Mas as crianças, vidas em flor, o desabrochar do desabrochar, essas santas almas inocentes, beleza da vida (...) elas, que não fizeram mal a ninguém (...) sofrem pelos pecados dos pais (...) Fomos incapazes de protegê-las da fera. O coração sangra, e o pensamento congela de horror diante de pequenos corpos banhados de sangue, com dedos retorcidos e rostinhos deformados (...)

São testemunhas mudas de sofrimentos humanos indescritíveis. Esses olhos pequenos, congelados e mortos (...) censuram a nós, os vivos."

Na aldeia de Tarasevichi, à margem do Dnieper, Vasily Grossman conheceu um adolescente. "São tão assustadores esses olhos de crianças já velhos, cansados e sem vida. 'Onde está seu pai?' 'Morto', respondeu ele. 'E sua mãe?' 'Morreu.' 'Você tem irmãos ou irmãs?' 'Uma irmã. Foi levada para a Alemanha.' 'Tem parentes?' 'Não, foram queimados numa aldeia de guerrilheiros.' E ele caminhou até uma plantação de batatas, com os pés descalços e sujos de lama, ajeitando os farrapos de sua camisa rasgada." Um milhão de encontros como esse forjaram o estado de espírito dos soldados da Rússia à medida que se aproximava o momento em que entrariam no território do povo de Hitler. O propagandista soviético Ilya Ehrenburg escreveu: "Não só divisões e exércitos (...) [mas] todas as trincheiras, sepulturas e ravinas com os cadáveres de inocentes avançam para Berlim." Um slogan soviético dizia: "A fúria do soldado no campo de batalha precisa ser terrível. Ele não está apenas empenhado em lutar; mas deve também ser a personificação do tribunal de justiça de seu povo."

Grigory Telegin escreveu para a mulher em 28 de junho de 1943: "Recebi a carta com a notícia de que seu irmão Aleksandr foi morto em 4 de maio (...) Meu coração parece transformado em pedra, meus pensamentos e sentimentos rejeitam a piedade; o ódio contra o inimigo arde em meu coração. Quando olho pela alça de mira, disparando à queima-roupa contra essas feras de duas pernas, e vejo seus crânios partidos e corpos mutilados, sinto uma grande alegria e rio como uma criança por saber que não voltarão a viver. Descreverei um típico dia de combate. Cinco de junho. Os raios do sol nascente se refletem em lampejos nas torres de tiro de nossos tanques. Gotículas de cerração pendem como cristais nas folhas das árvores. Três foguetes verdes sinalizam o ataque. Às 7h, nossos tanques avançam em coluna e se abrem em fila numa clareira. Podíamos ver com clareza as casas de madeira da aldeia."

Bombas russas explodiam nas posições alemãs. Os atacantes vislumbraram silhuetas correndo para a retaguarda e corpos esmagados pelas lagartas de seus próprios tanques. Porém, minas e canhões antitanque atingiram primeiro um tanque soviético, depois um segundo e então um terceiro, que pegou fogo. Telegin prosseguiu: "Dói-me o peito só de pensar em meus amigos, ainda disparando de dentro dos blindados em chamas. Raiva e ódio nos fazem prosseguir, alcançando os veículos atingidos. Esmagamos ninhos de metralhadora e canhões antitanque inimigos com seus tripulantes." Ao chegar do outro lado da aldeia, viu trincheiras alemãs mais adiante, entre árvores e valas intransponíveis para tanques. Identificando ali o tanque do amigo Misha Sotnik, encostou seu próprio T-34 ao lado. Ambos desligaram os motores e trocaram palavras breves, aos gritos. Concordaram em avançar cada um por um lado das trincheiras alemãs, religaram os motores e seguiram aos trancos.

Durante a luta, uma bomba destroçou a metralhadora e o periscópio de Telegin. Enquanto as horas se arrastavam em meio à fumaça e à poeira, os tripulantes sentiam tanta sede que alguns homens ocasionalmente perdiam a consciência. Então, o motor esquentou demais e morreu. Encalhados debaixo de fogo cerrado, receberam outro impacto direto, que atingiu o motorista e deixou Telegin desacordado por alguns instantes. "Arfávamos como peixes, lábios rachados, bocas secas. Abrimos a tampa do condutor e vimos, a dez metros dali, uma cratera cheia de água. Balas zuniam à nossa volta, mas rolei pela abertura, rastejei até a água e bebi. Levei água para os camaradas em

marmitas, e nos reanimamos." Durante as dez horas seguintes, continuaram prisioneiros em sua fétida e ardente caixa de aço. Até que, finalmente, as tentativas do motorista com o afogador foram recompensadas e o motor roncou: "Recuamos. Uma ambulância passou e vi uma silhueta que me era familiar numa maca. Era Misha Sotnik, com uma bala de submetralhadora na cabeça. Incapaz de segurar as lágrimas, beijei os lábios azulados de Misha e me despedi."

Mesmo quando a maré da guerra virou, e, na verdade, até os últimos meses, os exércitos de Stalin sofreram uma implacável hemorragia de desertores, muitos deles "Eldash" ou "Youssefs" — asiáticos. Nikolai Belov anotou as perdas de seu batalhão em 13 de junho de 1943: "Mais dois homens bandearam-se para o inimigo, num total de onze, a maior parte Eldash." As estatísticas do Exército Vermelho mostravam que 1.964 soldados fugiram para o lado inimigo em abril de 1943, 2.424 em maio e 2.555 em junho. As penalidades de costume eram impostas aos flagrados numa dessas tentativas. Belov descreveu uma execução: "Hoje, um Youssef foi morto a tiros diante da unidade por tentar bandear-se para os alemães. Sensação terrível." Em 2 de junho, ele registrou, laconicamente: "Mais dois tentaram desertar hoje. Por sorte pisaram em minas explosivas e foram lançados de volta." Como muitos oficiais do Exército Vermelho, ele confiava apenas em seu próprio grupo racial, e depois que a unidade recebeu reforços escreveu: "São calouros, nascidos em 1926. Tão jovens. Mas o bom é que são bem treinados e todos russos. Esses homens não vão desertar."

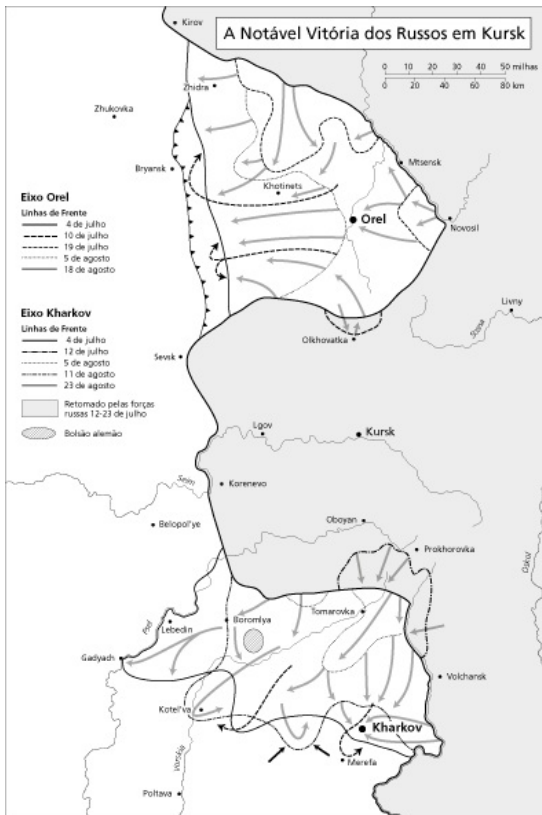
O inimigo tinha seus próprios problemas. Belov espantou-se ao saber, por uma unidade vizinha, que dois soldados da Wehrmacht — um deles um sargento — tinham se rendido. "É a primeira vez que ouço falar em alemães que se bandearam para o nosso lado. Suas vidas não devem ser tão boas assim, então." O capitão Pavel Kovalenko viveu a mesma experiência em 31 de março: "Um desertor alemão apareceu surgido do nada. Houve uma batida na porta. 'Quem é? Entre!' A porta se abriu e um Fritz apareceu. Todos agarraram suas armas. Ele tirou um relógio de ouro e deu-o a um soldado, entregou um anel de ouro para outro e seu fuzil para um terceiro. Depois, ergueu as mãos. Vivia na Vestfália, trabalhava numa mina de carvão e tinha 22 anos. Seu pai dissera-lhe para desertar."

Alguns alemães, porém, não se desesperaram nem mesmo quando caíam nas mãos dos russos. Nikolai Belov mencionou o caso de um prisioneiro trazido por seu pelotão de reconhecimento, "um sujeito grande, de 22 anos. Onde esses canalhas encontram esses garotos? Ele disse que lançarão uma ofensiva dentro de um mês e querem que a guerra termine este ano. A Alemanha, é claro, ganhará". Hitler reuniu reforços que lhe permitiram, em junho de 1943, dispor mais de três milhões de soldados na Rússia. Reconhecia que uma ofensiva geral continuava impraticável, mas insistia numa única investida maciça. Sua atenção voltara-se para uma saliência na frente soviética a oeste de um lugar de nome monossilábico que se tornaria uma lenda das guerras: Kursk. A escala do conflito oriental pode ser medida pelo fato de o saliente ser quase tão grande quanto o estado americano de West Virginia e ter praticamente metade do tamanho da Inglaterra. Apresentava alguns morros baixos, muitas ravinas e cursos de água, mas a maior parte da região era de estepe aberta — terreno perigoso para um avanço com tanques contra uma artilharia anticarro eficaz. No subsolo, depósitos de minério de ferro provocavam variações enormes nas bússolas, o que tinha pouca importância porque, nos dois lados, havia pouca incerteza sobre o paradeiro do inimigo.

Para o ataque a Kursk, Hitler concentrou quase toda a força de combate da Wehrmacht, além de três novas divisões Panzer SS, duzentos novos tanques Tiger e 280 Panther. Ainda assim, o limitado escopo da Cidadela, codinome dado à operação, contrastava com as vastas ofensivas de 1941 e 1942 e comprovava a diminuição dos recursos de Hitler. Os russos identificaram prontamente a ameaça, com a ajuda de informações de inteligência pormenorizadas fornecidas pela rede de espionagem "Lucy", baseada na Suíça. Numa decisiva reunião no Kremlin, em 12 de abril, os generais de Stalin convenceram-no a deixar que os alemães tomassem a iniciativa. Preferiam que os tanques Panzer penetrassem em sua defesa em profundidade antes que o Exército Vermelho contra-atacasse. Durante a primavera e o começo do verão, engenheiros soviéticos trabalharam de forma febril para criar cinco linhas sucessivas pontilhadas de campos minados, casamatas e trincheiras, apoiadas por amplo emprego de blindados e canhões. Os russos reuniram 3.600 tanques contra 2.700 unidades dos atacantes, 2.400 aeronaves contra dois mil aviões da Luftwaffe e vinte mil peças de artilharia — o dobro da artilharia alemã. Um milhão e trezentos mil russos enfrentariam novecentos mil alemães.

No comando do Grupo de Exércitos do Sul, Manstein passou três meses montando suas forças, mas poucos alemães, além das formações das Waffen SS, alimentavam ilusões sobre as possibilidades de êxito da operação Cidadela. O tenente Karl-Friederich Brandt escreveu, lamentoso, em Kursk: "Que sorte tiveram os homens que morreram na França e na Polônia. Ainda podiam acreditar na vitória." Manstein já não almejava a derrota da União Soviética; queria apenas um sucesso que talvez obrigasse Stalin a reconhecer um impasse, uma saída estratégica que persuadisse Moscou a aceitar uma paz negociada em vez de lutar até o fim.

Soldados russos avançaram em terras arrasadas pelos inimigos para defender Kursk. Yuri Ishpaikin, de dezoito anos, escreveu para os pais: "Tantas famílias perderam pais e irmãos, o próprio teto sobre suas cabeças. Estou aqui há poucos dias, mas já marchamos muito através de um país devastado. Por toda parte, estendem-se campos não arados nem semeados. Tudo que resta das aldeias são chaminés e montes de pedra. Não vimos um único homem ou animal. Essas aldeias são verdadeiros desertos agora. À noite, o lado ocidental do céu se ilumina com uma cor avermelhada. Nossa alma se alegra quando passamos por um vilarejo que não sofreu danos. Quase todas as casas estão vazias, mas algumas chaminés soltam fumaça, e uma mulher ou um menino chega à varanda para ver o Exército Vermelho passar." Ishpaikin, como tantos outros, jamais deixaria o campo de batalha de Kursk.

A Notável Vitória dos Russos em Kursk
0 10 20 30 40 50 milhas
0 20 40 60 80 km
Eixo Orel
Linhas de Frente
4 de julho
10 de julho
19 de julho
5 de agosto
18 de agosto
Eixo Kharkov
Linhas de Frente
4 de julho
12 de julho
5 de agosto
11 de agosto
23 de agosto
Retomado pelas forças russas 12-23 de julho
Bolsão alemão
Kirov
Zhidra
Zhukovka
Bryansk
Mtsensk
Khotinets
Orel
Novosil
Livny
Olkhovatka
Sevsk
Lgov
Kursk
Korenevo
Belopol'ye
Oboyan
Prokhorovka
Tomarovka
Boromlya
Lebedin
Gadyach
Volchansk
Kotel'va
Kharkov
Merefa
Poltava

“O dia já estava quente às 8h e nuvens de poeira inchavam-se e subiam”, escreveu Pavel Rotmistrov, comandante de um Exército Blindado da Guarda, enquanto as longas colunas se deslocavam em direção ao saliente. “Ao meio-dia, a poeira subia em nuvens densas, assentando-se numa sólida camada nos arbustos à beira da estrada, nos campos de cereais, nos tanques e nos caminhões. Mal se enxergava o disco vermelho-escuro do sol através do manto de poeira cinza. Tanques, canhões autopropulsados e tratores, viaturas blindadas de transporte de pessoal e caminhões avançavam num fulgor contínuo (...) Soldados eram torturados pela sede, e suas camisas, empapadas de suor, grudavam no corpo. Para os motoristas, a viagem era particularmente difícil.” Quem sabia escrever redigia suas últimas cartas, e os analfabetos ditavam-nas para os camaradas. Ivan Panikhidin, de vinte anos, sobrevivera a um sério ferimento durante a luta de 1942. Agora, aproximando-se outra vez do front, declarava-se orgulhoso por participar de uma luta tão crucial para seu país: “Em poucas horas, entraremos na briga”, disse ele ao pai. “O concerto já começou, só precisamos continuar tocando: escrevo acompanhado pela barragem de artilharia alemã. Logo atacaremos. A batalha desenrola-se, furiosa, no ar e no solo (...) Guerreiros soviéticos aguentam firmes em suas posições.” Panikhidin foi morto poucas horas depois.

A Luftwaffe castigou as linhas russas por dias a fio antes do assalto, acertando diretamente o acantonamento de Rokossovsky, que, por sorte, estava ausente. O fogo da artilharia alemã foi recebido por uma contrabarragem russa, que fazia saltar o chão onde formações se agrupavam para avançar. Em 5 de julho, as forças de Model investiram rumo ao norte, ao passo que, no sul, o IV Exército Panzer atacava. Desde o início, ambos os lados reconheceram Kursk como um choque titânico de forças e determinação. Aviões de bombardeio de picada Stuka e os tanques Tiger das SS infligiram pesadas baixas aos T-34 russos. Muitos tanques Panther alemães novos foram detidos por panes, mas outros seguiram em frente, esmagando canhões anticarro soviéticos, enquanto a infantaria Panzer enfrentava a infantaria de Zhukov e usava lança-chamas contra trincheiras e casamatas. De um lado e de outro, a artilharia disparava quase sem interrupção.

Em três dias, os exércitos alemães do norte haviam avançado quase 29 quilômetros e pareciam estar perto de uma penetração. O exército de Rokossovsky resistiu a assaltos brutais, mas algumas unidades cederam. Um relatório da Smersh denunciou oficiais que considerava dignos de culpa: “O 676º Regimento de Fuzileiros mostrou pouco apetite para o combate — seu segundo batalhão, comandando por Rakitsky, deixou as posições sem ter recebido ordens; outros batalhões também sucumbiram ao pânico. O tenente-coronel Kartashev, do 47º Regimento de Fuzileiros, e o tenente-coronel Vokoshenko, do 321º, entraram em pânico, perderam o controle e não tomaram as medidas necessárias para restaurar a ordem. Alguns altos oficiais mostraram-se covardes e desertaram do campo de batalha: o sargento Gatsuk, do 203º Regimento de Artilharia, não demonstrou interesse pelas operações de sua unidade e, com a telefonista Galieva, retirou-se para áreas de retaguarda, onde buscou refúgio na bebida.”

Contudo, outros se mantiveram firmes, e os blindados de Model sofreram imenso desgaste, sobretudo nos campos minados russos. No sul, em 9 de julho, contava-se que quase metade das 916 viaturas do IV Exército Panzer ficara incapacitada ou fora destroçada. Em todo o vasto campo de batalha, uma mistura de blindados e homens movimentava-se confusa, avolumava-se, chocava-se e recuava. Chamas e fumaça cobriam o horizonte. Comandantes ouviam uma mixórdia de vozes alemãs e russas competindo em

tom de urgência pelas redes de rádio: “Avançar!” “Orlov, ataque pelo flanco!” “*Schneller!*”, “Tkachenko, abra caminho pela retaguarda”, “*Vorwärts!*”. O correspondente Vasily Grossman notou que tudo no campo de batalha tornou-se enegrecido pela poeira, inclusive a comida. À noite, homens cansados enervaram-se com o silêncio súbito: a cacofonia do dia parecia mais aceitável, pois estavam mais habituados a ela.

Em 12 de julho, Zhukov lançou sua contrainvestida, a operação Kutuzov, contra o saliente de Orel ao norte. Um oficial alemão do regimento de tanques escreveu: “Haviam nos alertado para esperar resistência de PaK [canhões anticarro] e de alguns tanques em posições estáticas (...) Na realidade, fomos atacados por uma massa aparentemente inesgotável de blindados inimigos — jamais tive uma impressão tão esmagadora do poderio e do volume russos como naquele dia. Nuvens de poeira dificultavam o apoio da Luftwaffe; em pouco tempo, muitos T-34 haviam rompido nossa cortina de fumaça e corriam como ratos pelo campo de batalha.” Na confusão de blindados, tanques dos exércitos rivais colidiam, imobilizando-se num emaranhado de aço retorcido; houve muita troca de tiros à queima-roupa. Por centenas de quilômetros de planície poeirenta e de destroços escurecidos, as maiores forças blindadas que o mundo já vira arremetiam uma contra a outra, recuavam e se desviavam habilmente. Avançar com o canhão a noventa graus costumava ser uma corrida letal, em que sobrevivia quem disparasse a primeira granada. Ao anoitecer de 12 de julho, a chuva caía; os dois exércitos mergulharam na conhecida luta contra o relógio, explorando a escuridão para recuperar tanques inoperantes, evacuar feridos e buscar combustível e munição.

A realidade importante foi que as perdas alemãs eram insustentáveis: o assalto de Manstein perdera a impulsão. Mesmo onde não avançavam, os russos mantinham seu terreno. Naquele mesmo dia, a 3.200 quilômetros, as seis divisões americanas e britânicas que desembarcaram na Sicília começaram a avançar pela ilha. O ânimo de Hitler ficou abalado. Em 13 de julho, ele disse aos seus generais que precisaria desviar duas divisões Panzer SS, suas formações mais poderosas, para reforçar a defesa da Itália. O ditador abortou a operação Cidadela. Zhukov inspecionou o campo de batalha com Rotmistrov. O general de blindados escreveu: “Era uma cena impressionante, com tanques destruídos e queimados, canhões, blindados para transporte de pessoal e caminhões destroçados, montes de granadas de artilharia e pedaços de esteiras espalhados por toda parte. Nenhuma folha de relva sobrou no solo escurecido.” Os alemães ainda atacaram por mais alguns dias, na esperança de salvar algo que Berlim pudesse apresentar como vitória, mas foram obrigados a desistir. A reputação de invencibilidade de Manstein foi uma das vítimas em Kursk, embora ele jamais tenha aceitado qualquer responsabilidade pelo fracasso.

Atrás da linha de frente, guerrilheiros lançaram ataques ferozes contra as comunicações alemãs, realizando 430 demolições de trilhos só em 20 e 21 de julho. As infelizes tripulações dos trens, russos recrutados pelos ocupantes, eram sumariamente executadas quando caíam nas mãos da guerrilha. Em meados de 1943, os russos diziam ter 250 mil guerrilheiros na Ucrânia e em outras regiões ermas ao leste fora do controle alemão. Sua atividade guerrilheira teve muito mais impacto do que qualquer movimento de resistência na Europa Ocidental, graças em parte à indiferença de Moscou em relação às represálias da Wehrmacht contra a população civil. “Os alemães lançaram tanques, aeronaves e artilharia contra essa região guerrilheira”, escreveu um correspondente russo ao visitar a área libertada, “e esmagaram-na. Todas as aldeias foram reduzidas a cinzas. Os

moradores fugiram para a mata (...) Destacamentos guerrilheiros dispersaram-se porque era impossível que grandes grupos sobrevivessem. Não conseguem se esconder (os alemães continuam a vasculhar as matas) ou se sustentar. A comida é muito escassa. O destacamento de Sivolobov viveu, durante dois meses, exclusivamente da carne de vacas e cavalos abatidos. Não aguentavam mais ver carne. Não havia pão, batatas, nada (...) Os civis estão em melhor situação. Conseguiram esconder alguns alimentos, por exemplo, enterrando-os em sepulturas falsas. Os inimigos perceberam que havia algo estranho, mas, ao abrirem uma sepultura, encontraram um alemão morto! O terror é impressionante. Em certos lugares, estão executando meninos de menos de dez anos como 'espiões bolchevistas'."

O exército de Model manteve uma brava resistência no saliente de Kursk até 25 de julho, quando iniciou a retirada. Em 5 de agosto, os alemães perderam Orel e Belgorod. No dia 25 do mesmo mês, os russos recuperaram Kharkov — e, dessa vez, conseguiram mantê-la. O soldado Alexander Slesarev escreveu para o pai: "Estamos atravessando território libertado, terra que foi ocupada pelos alemães durante dois anos. As pessoas aparecem, alegres, para nos cumprimentar, trazendo maçãs, peras, tomates, pepinos e mais. No passado, eu conhecia a Ucrânia através dos livros; agora posso ver com meus próprios olhos suas belezas naturais e seus numerosos jardins." A volta do domínio soviético não foi uma bênção completa para o povo de Stalin. "É uma pena, quando se viaja pelas aldeias libertadas, ver a atitude fria da população", escreveu um soldado. Os alemães haviam permitido que os camponeses semeassem e colhessem em seus pedaços de terra; o retorno soviético impôs rigorosa coletivização, o que provocou manifestações de protesto descritas por Lazar Brontman. Todos os tratores e quase todos os cavalos desapareceram; então a terra só podia ser lavrada com pás e ancinhos, às vezes por mulheres que puxavam arados. Até foices eram raras.

Comunidades locais lutando para sobreviver manifestavam uma hostilidade intensa, por vezes violenta, contra refugiados que passavam por ali — aos seus olhos, eram gafanhotos. Uma camponesa escreveu na província de Kursk: "É difícil, agora que não temos vacas. Elas nos foram tomadas há dois meses (...) Estamos prontos para comer uns aos outros (...) Não existe um único jovem solteiro em casa agora que estão lutando no front." Outra mulher escreveu para o filho, soldado, lamentando ter sido obrigada a viver no corredor em frente ao pequeno apartamento de sua irmã. Outra contou ao marido: "Faz dois meses que não comemos pão. Está na época de Lidiya ir para a escola, mas não temos um casaco para ela ou algo que possa calçar. Acho que Lidiya e eu acabaremos morrendo de fome. Não temos nada (...) Misha, mesmo que você sobreviva, não estaremos aqui." Na aldeia de Baranovka, que fora ocupada pelos alemães por sete meses, Lazar Brontman encontrou apenas algumas construções rurais ainda em pé. O antigo gerente da fazenda coletiva estava vivendo num estábulo com sua mulher e três filhas pequenas. Seus estômagos estavam inchados pela inanição.

O homem contou ao correspondente: "Não vemos pão há três meses. Comemos capim." Depois, perguntou, amedrontado: "Os alemães vão voltar?" Brontman deu-lhes um quilo de pão, que contemplaram como se fosse a mais preciosa das iguarias. Outra família, que Brontman convidou para um chá, recusou a oferta; eles haviam perdido o hábito de tais luxos, explicaram. No entanto, aquelas pessoas viviam no que fora uma das maiores regiões agrícolas da Rússia. Censores interceptaram a carta de uma mãe chamada Marukova, na Orel libertada, para o filho que lutava no Exército Vermelho: "Não há pão,

para não falar em batatas. Estamos comendo capim, e minhas pernas se recusam a andar." Outra mãe, de nome Galitsina, que vivia no mesmo distrito, escreveu algo parecido: "Quando acordo, pela manhã, não sei o que fazer, o que cozinhar. Não há leite, pão ou sal, e ninguém nos ajuda."

Os alemães começaram com organização a retirada em Kursk mas ninguém, de ambos os lados, duvidava que tivessem sofrido uma derrota calamitosa, com quinhentas mil baixas em cinquenta dias de luta. Stalin, triunfante, demonstrou sua confiança renascida determinando novas ordens para controlar Zhukov e Vasilevsky. Depois do triunfo em Stalingrado, cinco tentativas seguidas para cercar outros exércitos alemães haviam fracassado. No futuro, decretou ele, o Exército Vermelho lançaria assaltos frontais em vez de cercos. No fim de agosto, oito frentes soviéticas conduziam dezenove ofensivas paralelas em direção ao Dnieper ao longo de uma linha de 1.060 quilômetros de Nevel a Taganrog. Em 8 de setembro, Hitler autorizou uma retirada para trás do rio, e de lá os russos improvisavam travessias com quaisquer meios que encontrassem. Eles realizaram uma de suas poucas grandes operações aeroterrestres na margem ocidental, onde aterrissaram 4.575 paraquedistas, dos quais apenas metade sobreviveu.

Os exércitos russos avançaram com o mesmo desespero com que tinham se retirado no ano anterior, anestesiados por horrores diários. A vitória em Kursk pouco importava para soldados como Ivanov, do LXX Exército, que escreveu, em desespero, para a família em Irkutsk: "A morte, e só a morte, me espera. Aqui, a morte está em todos os lugares. Jamais voltarei a vê-los, porque a morte, terrível, cruel e impiedosa, vai interromper minha jovem vida. Onde encontrarei força e coragem para sobreviver? Estamos terrivelmente sujos, com cabelos e barbas compridos, em farrapos. Adeus para sempre." O soldado Samokhvalov estava na mesma condição de miséria: "Papai e Mamãe, vou descrever para vocês minha situação, que é ruim. Estou abalado. Muitos em minha unidade foram mortos — o primeiro-tenente, o comandante do regimento, a maioria dos camaradas; agora, deve ser a minha vez. Mamãe, nunca senti um medo como esse em meus dezoito anos. Mamãe, por favor, peça a Deus para que eu viva. Mamãe, li sua oração (...) Preciso admitir, francamente, que em casa eu não acreditava em Deus, mas agora penso nele quarenta vezes por dia. Não sei onde enfiar a cabeça enquanto escrevo isto. Papai e Mamãe, adeus, nunca mais os verei, adeus, adeus, adeus."

Pavel Kovalenko escreveu em 9 de outubro: "Passamos pela área onde o 15º Regimento caiu numa cilada. Há cadáveres por todos os lados e carroças despedaçadas. Muitos corpos tiveram os olhos arrancados (...) Os alemães são humanos? Não consigo aceitar essas coisas. As pessoas vêm... e vão. O primeiro-tenente, Puchkov, foi morto. Lamento pelo sujeito. Na noite passada, um soldado da cavalaria pisou numa mina. O soldado e o cavalo foram estraçalhados. Quando a noite caiu, sentei, tremendo, junto ao fogo, com os dentes batendo por causa da umidade e do frio."

No dia seguinte, sua unidade avançou aos trancos por um assentamento bielorrusso chamado Yanovichl. "O que sobrou? Só ruínas, cinzas e restos carbonizados. As únicas vidas são dois gatos com os pelos chamuscados. Acariciei um deles e dei-lhe umas batatas. Ele ronronou para mim (...) Em toda parte, há batatas, beterrabas e repolho não colhidos. Antes que expulsassem os moradores, os alemães sugeriram que enterrassem seus bens. Agora, essas lamentáveis relíquias de felicidade doméstica estão jogadas pelos jardins. Os alemães levaram tudo que tinha alguma serventia. Uma casa sobreviveu, entre trezentas, e todas as outras sucumbiram ao fogo. Uma velha está sentada, muito triste.

Seus olhos não têm vida; miram fixamente um ponto distante. Nada lhe restou, e o gélido inverno está quase aqui."

Dia após dia, conforme o Exército Vermelho avançava, tais cenas se repetiam. "Fiquei abalado pela ferocidade das batalhas de blindados", disse Ivan Melnikov. "O que as pessoas sentiam dentro daquelas caixas de aço sob fogo? Certa vez, vi dez ou onze tanques T-34 queimados num lugar — uma cena assustadora. Quase todos os corpos estirados por perto estavam muito queimados enquanto os homens que ficaram nos tanques foram transformados em tições, pedaços de carvão." Numa noite, uma seção de reconhecimento daquela unidade foi apanhada, em campo aberto, sob os fogos de sinalização alemães; quatro dos seis soldados foram mortos, e, no dia seguinte, os alemães se divertiram usando os corpos para praticar tiro ao alvo. "À noite, [os homens] tinham aspecto terrível: disformes, estraçalhados por balas, os rostos arrebentados, os braços decepados."

Comandantes conduziam suas unidades por distâncias tão grandes e com tanta rapidez que os cavalos que puxavam carroças com equipamentos ficavam cansados demais para comer feno. Viam-se muitos animais estirados à beira da estrada, entre filas de túmulos alemães cavados às pressas, crânios, corpos parcialmente decompostos, trenós abandonados e veículos queimados. "Marchamos pelas pegadas da guerra", refletiu Kovalenko. "O caos é majestoso à sua maneira. Contemplo essa cena de destruição e de morte com dor e impotência na alma."

Quando a neve, mais uma vez, fechou o campo de batalha nos últimos meses de 1943, os russos mantiveram uma grande cabeça de ponte além do Dnieper, em torno de Kiev, e outra em Cherkassy. Os alemães perderam Smolensk em 25 de setembro e retiveram apenas um apoio isolado na Crimeia. Em 6 de novembro, os russos tomaram Kiev. Vasily Grossman descreveu um encontro, naquele dia, com soldados de infantaria perto da cidade destruída:

> O subcomandante do batalhão, tenente Surkov, chegou ao posto de comando. Não dorme há seis noites. Uma barba pesada cobre-lhe o rosto. Não se vê cansaço nele, porque ainda está tomado pela terrível agitação da luta. Em meia hora, talvez, ele cairá no sono, com uma mochila sob a cabeça, e será inútil tentar acordá-lo. Mas agora seus olhos brilham, e sua voz soa áspera e excitada. Esse homem, um professor de história antes da guerra, parece carregar consigo o fulgor da batalha do Dnieper. Ele me conta sobre os contra-ataques alemães, sobre nossos ataques, sobre o mensageiro que ele precisou desenterrar de uma trincheira três vezes, que é da mesma região que ele e foi seu aluno — Surkov ensinara-lhe história. Agora, ambos participam de acontecimentos sobre os quais professores de história falarão aos seus alunos daqui a cem anos.

Mais da metade do território soviético perdido para Hitler desde 1941 fora recuperada. No fim de 1943, a União Soviética havia sofrido 77% do total de baixas em todo o conflito — algo perto de vinte milhões de mortos. "O front inimigo foi rompido!", escreveu

Kovalenko, triunfante, em 20 de setembro. “Estamos avançando. Movemo-nos devagar, tateando. Há armadilhas e campos minados em toda parte. Avançamos catorze quilômetros durante o dia. Houve um ‘pequeno mal-entendido’ às 14h10. Uma esquadrilha de nossos aviadores se confundiu e metralhou nossa coluna. Foi desanimador vê-los atirarem contra sua própria gente. Homens foram feridos e mortos. É tão ruim.” Ele acrescentou, em 3 de outubro:

> Nossa organização, tanto na marcha como em combate, deixa muito a desejar. Em particular, a coordenação entre infantaria e artilharia é fraca: os atiradores disparam ao acaso. [Sofremos] baixas colossais. Restam apenas sessenta soldados em cada batalhão de nosso regimento. Com o que eles esperam que ataquemos? Os alemães resistem ferozmente. Os soldados de Vlasov [cossacos renegados] lutam com eles. Carne para abutres. Dois foram capturados, adolescentes, nascidos em 1925. [Não deveríamos] embromar, mas matar logo os filhos da puta. [Três dias depois, ele escreveu:] Avançamos novamente, mas com pouco êxito — apenas um pequeno progresso aqui e ali. Temos poucos soldados de infantaria e uma desesperada escassez de granadas. Os alemães incendeiam todas as aldeias. Nossas unidades de reconhecimento que operam em suas áreas de retaguarda tiraram muitos civis da mata onde se escondiam. Parece que estamos atolados nos pântanos. Quando sairemos daqui? Chuva, lama.

A unidade do capitão Nikolai Belov sofria com a mesma situação: “O clima e a lama são horríveis. Enfrentamos um inverno entre matas e pântanos. Hoje, partimos às 10h e avançamos cerca de seis quilômetros em 24 horas. Não há munição. As rações foram reduzidas porque os suprimentos ficaram para trás. Muitos soldados não têm coturnos.”

Poucos soldados russos viam motivos para alegrar-se, pois sabiam que a rota para Berlim ainda seria longa. Um oficial mais velho, de nome Ignatov, escreveu para a mulher queixando-se da falta de organização do exército: “Os soldados com quem combati em 1917 e 1918 eram muito mais disciplinados. Recebemos reforços sem treinamento algum. Como veterano do velho exército, sei como deve ser um soldado russo; sempre que tento trazer esses homens ao ponto certo, eles resmungam e reclamam de minha severidade. Fomos enviados para o campo de batalha sem as pás que nos prometeram. Estamos cansados de promessas nas quais já não acreditamos.” Um sargento da unidade de Vladimir Pershanin foi enviado com seu tenente para recuperar as cédulas de identidade de oito soldados mortos quando o oficial errou o caminho e os colocou na trajetória de uma metralhadora alemã: “‘Seu merda!’, disse o sargento, sem falar diretamente ao tenente, mas cuspindo em sua direção. ‘Oito vidas por porra nenhuma!’”

As dificuldades da Alemanha, porém, eram muito maiores. “Hoje de manhã, a força de combate da 39ª Divisão de Infantaria foi reduzida a seis oficiais e mais ou menos trezentos soldados”, escreveu um comandante, em 2 de setembro, num relatório sobre o moral das tropas. “Além do efetivo decrescente, a fadiga dos soldados gerou uma enorme ansiedade (...) O estado de apatia entre os soldados é tão grave que medidas draconianas não produzem os resultados desejados; só mesmo o bom exemplo dos oficiais e a ‘persuasão gentil’.” Cenas medonhas ocorreram durante a fuga para o Dnieper, quando a disciplina desabou de forma inédita na Wehrmacht. “Homens frenéticos abandonavam o que tinham na beira do rio e se atiravam na água para tentar nadar até o outro lado”, escreveu um soldado. “Milhares de vozes berravam na direção das águas cinzentas e da outra margem (...) Os oficiais, que conseguiram manter algum controle, organizavam alguns soldados mais ou menos conscientes, como pastores tentando controlar um rebanho de ovelhas enlouquecidas (...) Ouvimos tiros e explosões pontuados por gritos horripilantes.” Muitos soldados, por fim, atravessaram o rio em balsas improvisadas.

Mais uma vez, o exército alemão reagrupou-se; mais uma vez, preparou-se para preservar, com intensa determinação, uma linha de frente. Muitas batalhas ainda viriam. O oficial de divisão Panzer Tassilo von Bogenhardt refletiu sobre o paradoxo que era quase todos os seus soldados estarem resignados a morrer e, ainda assim, conservarem o moral nas alturas: “Cada soldado alemão se julgava superior a qualquer homem russo, ainda que estes fossem incomparavelmente mais numerosos. A lenta e ordeira retirada não nos deprimiu muito. Sentimos que estávamos persistindo.” No entanto, Von Bogenhardt foi gravemente ferido e capturado pouco depois; de alguma forma, sobreviveu aos três anos seguintes como prisioneiro. O ano de 1943 na Frente Oriental significara para o invasor da Rússia uma catástrofe irremediável e, para os exércitos de Stalin, a certeza de que o triunfo viria.

16
Impérios divididos

1 LIBERDADE DE QUEM?

Winston Churchill exagerou uma verdade importante ao declarar perante a Câmara dos Comuns em 8 de dezembro de 1941: "Temos ao menos quatro quintos da população global do nosso lado." Seria mais exato dizer que os Aliados tinham quatro quintos dos habitantes do planeta sob seu controle ou temerosos de uma ocupação do Eixo. A propaganda promoveu a ideia de um propósito comum entre os países "livres" — entre os quais era preciso incluir, ao menos nominalmente, o povo de Stalin — quanto a derrotar as potências totalitárias. Porém, em quase todos os países havia nuances de atitude e, em alguns lugares, francas divergências de lealdades.

A América do Sul foi o continente menos afetado pela luta, apesar de o Brasil ter aderido à causa aliada em agosto de 1942 e enviado 25 mil soldados para participar — embora de uma forma quase invisível — da campanha na Itália. A maioria das nações que escaparam ao envolvimento era protegida por distâncias geográficas. A Turquia foi o país mais expressivo a conservar sua neutralidade, guardando a dura lição aprendida quando se envolveu na Primeira Guerra Mundial ao lado das Potências Centrais. Na Europa, apenas Irlanda, Espanha, Portugal, Suécia e Suíça tiveram sorte suficiente de ter suas soberanias respeitadas pelos beligerantes, sobretudo por razões pragmáticas. A Irlanda tornara-se domínio autônomo em 1922, embora a Grã-Bretanha tenha mantido, até 1938, o controle de quatro "portos de tratado" de importância estratégica em seu litoral. Em 1939 e 1940, enquanto a antiga metrópole começava sua luta pela sobrevivência contra os U-boats, Winston Churchill se viu tentado pela ideia de reafirmar, pela força, os direitos de seu país sobre aquelas bases navais e aéreas. Foi dissuadido somente pelo medo do impacto sobre a opinião pública americana, onde havia um forte lobby irlandês.

A "lacuna aérea" atlântica foi significativamente ampliada, com muitas vidas e tonelagem perdidas em consequência do ódio fanático do primeiro-ministro irlandês, Éamon de Valera, por seus vizinhos britânicos. A tripulação de quase todos os navios de guerra ou mercantes que passaram pela costa irlandesa durante os anos de conflito ressentiu-se do país que dependia da Grã-Bretanha para obter a maior parte de suas mercadorias essenciais e todo o seu combustível, mas não era capaz de levantar um dedo para ajudar num momento de necessidade. "O custo em homens e em navios (...) ultrapassou as medidas a um ponto que o brilho nos olhos irlandeses no dia da vitória aliada não poderia, de forma alguma, compensar",[1] escreveu o capitão de corveta Nicholas Monsarrat. "Na lista das pessoas de quem estávamos preparados para gostar quando a guerra terminasse, o homem que ficou parado, olhando, enquanto o inimigo cortava nossa garganta não poderia aparecer nos primeiros lugares." Contudo, por causa da soberania e das lealdades divididas na Irlanda, nem mesmo a Irlanda do Norte, ainda parte do Reino Unido, ousou adotar o alistamento para o serviço militar. O perverso resultado foi que mais católicos do sul da Irlanda do que protestantes do norte — que

alardeavam sua dedicação à coroa — serviram nas forças armadas da Grã-Bretanha durante a guerra, embora grande parte dos sulistas tenha sido obrigada mais pela necessidade econômica do que seduzida por um entusiasmo ideológico pela causa aliada.

Os suecos afirmaram seu status com um rigor estimulado pela proximidade com a Alemanha e, portanto, pela vulnerabilidade à sua animosidade, prendendo dezenas de informantes e agentes dos serviços de inteligência aliados. Apenas em 1944 e 1945, quando já não havia dúvida sobre o desfecho da guerra, o governo de Estocolmo tornou-se mais receptivo às pressões diplomáticas de Londres e de Washington e menos zeloso em trancafiar simpatizantes dos Aliados.

A Suíça foi um centro de operações da inteligência aliada, ainda que as autoridades daquele país tenham impedido todas as atividades clandestinas que vieram à luz. Também recusaram proteção aos judeus que fugiam dos nazistas e tiveram lucros enormes embolsando fundos depositados em bancos suíços tanto por nazistas importantes quanto por suas vítimas judias, que nunca foram resgatados porque seus titulares estavam mortos. Estelle Sapir, filha de uma rica vítima francesa do Holocausto, disse posteriormente: "Meu pai conseguiu proteger seu dinheiro contra os nazistas, mas não contra os suíços."[2] A Suíça forneceu importante apoio tecnológico e industrial ao esforço de guerra do Eixo: em 1941, suas exportações de produtos químicos para a Alemanha aumentaram em 250% enquanto as de metais cresceram 500%. O país tornou-se um grande receptador de bens roubados nas pilhagens nazistas pela Europa e embolsou o que o OSS, serviço de inteligência de Washington, categorizou como "somas gigantescas"[3] em fundos de fugitivos. Sem pestanejar, os suíços pagaram aos nazistas os valores dos seguros de vida de judeus alemães, mas o governo de Berna considerou as recriminações do pós-guerra sobre o assunto como "irrelevantes perante a lei suíça".[4] Somente uma fração dos enormes lucros obtidos indevidamente foi reconhecida, e uma porção ainda menor foi paga às vítimas judias e às suas famílias. A guerra foi boa para os negócios nos cantões gelidamente indiferentes.

Entre os beligerantes, naturalmente, quanto mais distante estivesse o país aliado das consequências de uma agressão do Eixo, menor era a animosidade de seu povo contra o inimigo. Por exemplo, uma pesquisa de opinião feita pelo Escritório de Informação de Guerra em meados de 1942 revelou que um terço dos americanos expressava disposição de firmar uma paz em separado com a Alemanha. Uma pesquisa em janeiro de 1944 mostrou que, enquanto 45% do povo britânico declarava "odiar" os alemães, apenas 27% dos canadenses respondiam o mesmo.[5]

Para muitos, na Europa e na Ásia, o conflito era uma realidade que a tudo abarcava. Famílias nas repúblicas asiáticas da União Soviética, em alguns dos lugares mais remotos do planeta, viram seus homens serem recrutados pelo Exército Vermelho, campos de prisioneiros se estabelecerem perto de suas aldeias e a escassez de alimentos tornar-se crônica. Uma incursão aérea japonesa ao porto de Darwin, no norte da Austrália, em 19 de fevereiro de 1942, matou 297 pessoas, a maioria delas militares a bordo de navios ancorados. Embora o ataque jamais se repetisse numa escala sequer remotamente parecida, e as perturbações posteriores se limitassem a pequenas e esporádicas intrusões navais japonesas, a Austrália perdeu sua sensação de invulnerabilidade. Membros de tribos nas ilhas do Pacífico e nas selvas asiáticas eram recrutados para servir em um ou

outro exército, embora muitas vezes ignorassem os motivos que os levavam a lutar. Até na Rússia havia regiões onde prevalecia a mesma ignorância: além do rio Pechora, no Círculo Polar Ártico, o chefe de um *gulag* descreveu como os aldeões "tinham uma compreensão muito vaga sobre o que se passava no mundo. Sequer sabiam muita coisa sobre a guerra soviética contra a Alemanha".[6]

A grande maioria da população nos países beligerantes — com a notável exceção da Itália — apoiava as causas defendidas por seus governos, a menos que, ou até que, começassem a perder. Contudo, minorias discordavam, e milhares de pessoas foram presas por esse motivo, algumas pelas democracias. Também foram presos aqueles cujas lealdades eram tidas como suspeitas, muitas vezes injustamente: a Grã-Bretanha deteve, em 1939, todos os alemães residentes no país, inclusive os judeus que fugiam de Hitler. O historiador G. M. Trevelyan estava entre as figuras proeminentes que denunciaram a internação indiscriminada, dizendo que o governo não reconhecera "o grande dano contra nossa causa — essencialmente uma causa moral (...) provocado pelo contínuo aprisionamento de refugiados políticos". Os Estados Unidos cometeram o mesmo erro na histeria que se seguiu a Pearl Harbor, internando os nisseis. O governador de Idaho, defensor de medidas drásticas, disse: "Os japas vivem como ratos, procriam como ratos e agem como ratos. Não queremos saber deles."[7]

No início da guerra, os Estados Unidos não eram, de modo algum, uma sociedade homogênea. Os judeus americanos, por exemplo, viviam sob suspeita, quando não eram alvo de hostilidades de seus próprios compatriotas, exemplificadas por sua exclusão de clubes campestres e de outras instituições sociais de elite. Uma pesquisa feita durante a guerra revelou que os judeus despertavam mais desconfiança do que qualquer outro grupo étnico, exceto os italianos; outro levantamento, em dezembro de 1944, indicou que, embora a maior parte dos americanos reconhecesse que Hitler matara alguns judeus, eles não acreditavam nos relatos de que ele os massacrava aos milhões.

Americanos negros tinham motivo para enxergar a "cruzada pela liberdade" com ceticismo, pois a maior parte de seu país era racialmente segregada, assim como as forças armadas. No campo de treinamento em que estava o recruta John Capano, na Carolina do Sul, havia uma placa na entrada de um restaurante: "Negros e ianques não são bem-vindos." Ele comentou: "Era uma tropa muito branca, que travava batalhas permanentes contra os negros no centro de manutenção de viaturas."[8] O ano de 1940 registrou seis linchamentos de negros no sul do país, quatro ocorridos na Geórgia, e muitos açoitamentos, entre eles três casos fatais. Mães de família da Virgínia entregaram uma carta formal de protesto contra a presença de Eleanor Roosevelt num baile misto em Washington: "O perigo",[9] escreveram ao presidente, "não está na degeneração das moças que participaram do baile, pois já pertenciam (...) ao tipo mais baixo de mulher, mas no fato de que a Sra. Roosevelt emprestou sua presença e sua dignidade a esse acontecimento humilhante; que a mulher do Presidente dos Estados Unidos sancione um baile incluindo (...) as duas raças e que seu exemplo possa ser seguido por brancos sem consciência."

A afluência de grande número de operários negros para se juntar à força de trabalho em Detroit em 1942 provocou uma raiva branca feroz, que, em junho, desencadeou sérios tumultos. O ano seguinte viu mais distúrbios raciais contra negros, em Detroit, e contra mexicanos, em Los Angeles. O presidente assumiu uma atitude particularmente discreta

sobre os confrontos em Detroit e, a rigor, até morrer permaneceu cauteloso ao falar sobre questões raciais A proporção de operários negros nas indústrias relacionadas à guerra subiu de 2%, em 1942, para 8%, em 1945, mas eles continuaram mal representados. As forças armadas alistaram números substanciais de afro-americanos, mas confiaram tarefas de combate apenas a uma pequena minoria e mantiveram uma ampla segregação: a Cruz Vermelha americana fazia distinção entre bancos de sangue "mestiços" e "de brancos". Cidadãos mais sarcásticos exigiam que alguém explicasse a diferença entre bancos de parque marcados com a palavra "*Juden*" na Alemanha nazista e aqueles em que estava escrito "Mestiços" em Tallahassee, na Flórida.

No início da guerra, muitos americanos brancos, imigrantes ou filhos de imigrantes, definiam-se segundo sua origem no Velho Mundo, entre eles um notável contingente de quase cinco milhões de ítalo-americanos: até dezembro de 1941, o jornal da comunidade saudava Mussolini como um gigante. O autor de uma carta publicada aplaudiu a invasão da Polônia pela Alemanha e previu que "Como as legiões romanas fizeram sob César, a Nova Itália seguirá em frente e conquistará".[10] Mesmo quando seu país declarou guerra a Mussolini, muitos ítalo-americanos torceram por uma vitória dos Estados Unidos que, de alguma forma, evitasse a derrota italiana.

Por volta de 1945, porém, uma imensa mudança ocorrera. A experiência comum do conflito, e especialmente do serviço militar, acelerou uma notável integração dos agrupamentos nacionais nos Estados Unidos. Anthony Carullo, por exemplo, emigrara do sul da Itália com a família em 1938. Quando se juntou ao exército e serviu na Europa, precisou mandar para as irmãs as cartas que escrevia para a família, pois sua mãe não sabia inglês. Porém, quando lhe perguntaram "Se o mandarmos para a Itália, você estará disposto a combater os italianos?",[11] o jovem de 21 anos respondeu bravamente: "Sou cidadão americano. Luto contra qualquer um." O sargento Henry Kissinger, nascido na Alemanha, afirmaria mais tarde que a guerra o transformou num verdadeiro americano.[12] Entre 1942 e 1945, milhões de compatriotas seus, descendentes de imigrantes recentes, descobriram um nacionalismo compartilhado.

Questões de lealdade muito mais complexas e brutais confrontavam as sociedades ocupadas pelo Eixo ou sujeitas ao domínio colonial das potências europeias. Em alguns países, mantém-se até hoje a discussão sobre se aqueles que preferiram servir aos alemães ou aos japoneses ou resistir aos Aliados seriam culpados de traição ou se simplesmente teriam adotado outra visão de patriotismo. Muitos europeus serviram em forças de segurança nacional contrárias aos interesses dos Aliados e favoráveis aos alemães: gendarmes franceses enviaram judeus para campos de extermínio. Apesar da lenda a respeito da boa vontade dos holandeses promovida pelo diário de Anne Frank, os policiais daquele país mostraram-se mais implacáveis do que os franceses, condenando uma proporção ainda mais alta dos judeus de seu país à deportação e à morte.

Dissensões internas despedaçavam a França. Nos primeiros anos de ocupação, em especial, houve amplo apoio ao governo de Vichy e, consequentemente, à colaboração com a Alemanha. O oficial alemão Tassilo von Bogenhardt, que trabalhou na Comissão de Armistício em 1940 e 1941, afirmou, referindo-se aos seus colegas franceses, que era "muito interessante conversar com eles (...) Suspeitei que a coragem dos britânicos em face de nossos bombardeios os perturbava muito (...) [Eles] admiravam e respeitavam o

marechal Pétain tanto quanto detestavam os comunistas e a Frente Popular".[13] Cerca de 25 mil franceses serviram como voluntários na Divisão Westland SS. Apesar de as autoridades coloniais em algumas possessões francesas na África se terem "unido em apoio a" De Gaulle em Londres, grande parte não o fez. Mesmo após a entrada dos Estados Unidos na guerra, soldados, marinheiros e pilotos franceses continuaram a resistir aos Aliados. Em maio de 1942, quando os britânicos invadiram a Madagascar de Vichy para impedir um possível desembarque japonês na ilha estratégica, houve combates prolongados. Madagascar é maior do que a França — tem 1.600 quilômetros de comprimento. Seu governador-geral informou a Vichy: "Nossas tropas se preparam para resistir a qualquer avanço inimigo com o mesmo espírito que inspirou nossos soldados em Diego Suarez, em Jajunga, em Tananarive [lugares de confrontos anteriores entre as forças de Vichy e os Aliados] (...) onde cada vez a defesa transformou-se numa página de heroísmo escrita por '*La France*'."

Confrontos no mar obrigaram a Marinha Real a afundar uma fragata francesa e três submarinos; durante a campanha no litoral de Madagascar, 171 defensores foram mortos e 343 foram feridos, enquanto os britânicos tiveram 105 mortos e 283 feridos. Quando o governador ordenou que o submarino *Glorieux* fugisse para Dacar, também sob o governo de Vichy, seu comandante expressou frustração por lhe negarem a oportunidade de atacar a frota britânica: "Todos a bordo experimentaram o forte desapontamento que senti ao verem à sua frente o melhor alvo que se poderia oferecer a um submarino sem ter a chance de atacá-lo."[14] Os defensores de Madagascar finalmente se renderam em 5 de novembro de 1942. Mais uma vez, poucos prisioneiros escolheram unir-se a De Gaulle. Em qualquer lugar onde Vichy exercesse o controle, os franceses tratavam prisioneiros militares e civis aliados com insensibilidade e, às vezes, brutalidade. "Os franceses eram nojentos", disse a Sra. Ena Stoneman, sobrevivente do ataque ao navio de passageiros *Laconia*, detida no Marrocos francês. "No fim, pensávamos neles como nossos inimigos, não os alemães. Durante a maior parte do tempo, tratavam-nos como a animais." Mesmo em novembro de 1942, quando se tornava claro que os Aliados ganhariam a guerra, a resistência oferecida por tropas francesas chocou os americanos que desembarcavam no Norte da África.

Na França continental, a Resistência tinha o apoio de uma pequena minoria até que a introdução dos trabalhos forçados pelos alemães, em 1943, persuadiu muitos jovens a fugir para se juntar a grupos *maquis*, pelos quais lutariam com variados graus de entusiasmo. Desafiar os ocupantes era difícil e extremamente perigoso. Em função da forte tradição francesa de antissemitismo, havia pouca disposição em ajudar os judeus a escapar dos campos de extermínio. Grande parte da aristocracia francesa colaborou com os alemães e com o regime de Vichy, que governou o centro e o sul da França até que os alemães assumiram o controle dessas regiões em novembro de 1942.

Houve exceções honrosas, porém, dentre as quais se destacou a condessa Lily de Pastré. Nascida em 1891, sua mãe era russa e o pai, um rico membro francês da dinastia do vermute Noilly Pratt. Em 1916, casou-se com o conde Pastré, dono de uma fortuna proveniente dos transportes marítimos, um negócio familiar iniciado no século XIX. Sua filha Nadia ajudou nas rotas de fuga dos Aliados durante a guerra. Em 1940, a condessa se divorciou, mas seguiu vivendo em grande estilo no *château* de Montredon, propriedade de sua família localizada ao sul de Marselha. Ali, usou sua fortuna para transformar

Montredon num refúgio para artistas, muitos deles judeus, que escapavam das zonas de ocupação alemã. Ela criou uma organização, *Pour que l'Esprit Vive* — "Para que o espírito sobreviva" — para financiar e abrigar pessoas em risco. Até quarenta fugitivos por vez — escritores, músicos, pintores — hospedaram-se demoradamente no *château*, entre eles artistas como André Masson e o tcheco Rudolf Kundera, a pianista Clara Haskil e a harpista Lily Laskine. Pastré providenciou o tratamento de um tumor no cérebro para Haskil e sua posterior fuga para a Suíça.

Os residentes se apresentavam regularmente em recitais e concertos vespertinos. Para estimular a criatividade dos hóspedes, a condessa ofereceu um prêmio de cinco mil francos para a melhor interpretação de uma obra de Brahms para piano. O auge de sua atuação durante a guerra foi uma apresentação ao luar de *Sonho de uma noite de verão*, em 25 de julho de 1942, com um elenco de 52 atores e uma orquestra conduzida por um maestro judeu. Os figurinos foram criados pelo jovem Christian Dior, tendo como principal matéria-prima as cortinas de Montredon. As atividades de Lily de Pastré foram brutalmente reprimidas na última fase da guerra, quando a Wehrmacht assumiu o controle do *château*. Alguns de seus antigos hóspedes, como o compositor judeu alemão Alfred Tokayer, foram presos e despachados para campos de extermínio. Porém, os esforços da condessa para socorrer algumas das vítimas mais vulneráveis da perseguição nazista contrastam drasticamente com a passividade de muitos franceses ricos, que se recusaram a arriscar suas propriedades e suas vidas. Ela morreu, falida, em 1974, depois de exaurir sua imensa fortuna a serviço da filantropia, sobretudo durante os anos de guerra.

Em diversas partes, pequenos países demonstraram atitude mais desafiadora do que os franceses. Os dinamarqueses foram uma exceção na Europa ao recusarem participação na deportação de seus judeus, que sobreviveram em sua quase totalidade. Poucos entre os 293 mil habitantes do minúsculo grão-ducado de Luxemburgo gostaram de sua incorporação ao império de Hitler. Durante a invasão alemã de 1940, sete entre os 87 defensores de Luxemburgo foram feridos; a família do grão-duque e os ministros fugiram para Londres, com o intuito de constituir um governo no exílio. Quando se realizou um plebiscito sobre a ocupação alemã, em outubro de 1941, 97% da população votou contra. Berlim ignorou o resultado, declarou os luxemburgueses cidadãos alemães e começou a recrutá-los para a Wehrmacht. Eles reagiram com uma greve geral, interrompida pela execução de 21 sindicalistas e pela deportação de centenas de outros para campos de concentração. Seria um erro idealizar a resistência de Luxemburgo aos nazistas: seu governo pós-guerra condenou dez mil cidadãos por colaboração e 2.848 luxemburgueses morreram em uniformes alemães, mas grande parte da população do ducado deixou clara sua rejeição à hegemonia nazista.

Mais a leste, muitos ucranianos e cidadãos dos países bálticos ingressaram na Wehrmacht, pois a antipatia que sentiam pela União Soviética de Stalin era maior do que a aversão aos nazistas. Os ucranianos forneceram grande parte dos guardas para os campos de extermínio de Hitler, e, em fevereiro de 1944, Nikolai Vatutin, um dos melhores generais de Stalin, foi morto por guerrilheiros ucranianos antissoviéticos que atacaram o veículo em que viajava. Na Iugoslávia ocupada, os alemães exploraram animosidades étnicas, empregando a milícia croata Ustaše contra os sérvios. Os Ustaše, junto com cossacos em uniformes alemães, cometeram atrocidades medonhas contra seus compatriotas. Nos últimos anos da guerra, os alemães recrutavam soldados em qualquer

potência subjugada dispostos a servir com seu uniforme — cossacos, letões e até algumas tropas escandinavas, francesas, belgas e holandesas.

Talvez as formações mais exóticas nos exércitos de Hitler fossem a 13ª e a 23ª Divisões das SS, compostas principalmente por muçulmanos bósnios sob domínio croata e comandadas por oficiais alemães; para os desfiles, esses homens usavam barretes típicos com borlas. Himmler descreveu os muçulmanos das Waffen SS como "alguns dos mais honrados e sinceros seguidores do Führer Adolf Hitler, devido ao seu ódio contra o inimigo comum judeu-anglo-bolchevique". Tratava-se de um exagero, pois 15% dos soldados eram croatas católicos, mas Himmler promoveu o apoio muçulmano estabelecendo uma escola militar mulá em Dresden enquanto o mufti de Jerusalém criou uma "escola imã" em Berlim para instruir oficiais das SS sobre os ideais compartilhados por nazistas e muçulmanos. Um dos comandantes das formações muçulmanas, uma figura bizarra chamada Karl-Gustav Sauberzweig, que preferia se dirigir aos soldados como "crianças, crianças", afirmou que "os muçulmanos das nossas divisões SS (...) começam a ver em nosso Führer o surgimento de um Segundo Profeta". No entanto, Sauberzweig foi afastado do comando da 13ª Divisão das SS depois do seu fraco desempenho na Iugoslávia em 1944, e os recrutas muçulmanos contribuíram com escasso poder de combate para as forças de Hitler.

A guerrilha contra ocupantes do Eixo, fomentada por organizações secretas aliadas e romantizada pela literatura do pós-guerra, teve pequeno impacto estratégico. Grupos de resistência eram raramente homogêneos em seus motivos, composição ou eficácia, como notou o italiano Emanuele Artom — que seria executado pelos alemães — numa entrada de seu diário em setembro de 1943: "Preciso registrar a realidade caso, dentro de algumas décadas, a retórica pseudoliberal aplauda os guerrilheiros como heróis imaculados. Somos o que somos: uma mescla de indivíduos — alguns agindo com boa-fé, outros arrivistas políticos, alguns desertores que temem uma deportação para a Alemanha, outros motivados pelo desejo de aventura ou com uma queda para o banditismo. Em nossas fileiras existem aqueles que perpetram violência, embriagam-se, engravidam moças."[15]

Acontecia o mesmo em todos os movimentos de resistência na Europa ocupada. Ambos os lados agiam com brutalidade considerável: houve constrangimentos na seção francesa da SOE quando uma mensageira, Anne-Marie Walters, denunciou seu chefe britânico no sudoeste da França, o tenente-coronel George Starr, por envolvimento na tortura sistemática de colaboracionistas e de prisioneiros. Durante investigações subsequentes na Grã-Bretanha, o coronel Stanley Woolrych, alto oficial da SOE, escreveu que, apesar de sua admiração pelos feitos de Starr em ação, "acho que sua folha de serviços foi, de certa forma, maculada por uma veia sádica extremamente difícil de ignorar (...) Não há dúvida (...) de que torturaram prisioneiros em escala bastante grande".[16] As declarações de Walters foram abafadas, mas elas destacaram as paixões e crueldades que caracterizam a guerra não convencional.

Não surpreende que apenas pequenas minorias apoiassem a resistência, dado o preço tão alto. Peter Kemp, oficial da SOE na Albânia, descreveu um episódio ocorrido em 1943, em que ele e seu grupo britânico buscaram refúgio numa aldeia após uma emboscada a um carro do estado-maior alemão. Stiljan, seu intérprete, conduziu uma longa discussão com uma figura indignada, através de uma porta entreaberta, que finalmente foi batida em

sua cara. “Ele não vai nos receber”,[17] explicou Stiljan. “Escutaram os tiros na estrada e estão com muito medo e furiosos conosco por criarmos problema.” Quem poderia culpar essas pessoas? Sabiam que enfrentariam represálias pavorosas enquanto os jovens aventureiros estrangeiros seguiriam em frente com suas travessuras contra o Eixo. Kemp reconheceu: “Com o passar do tempo, tornava-se cada vez mais óbvio que poderíamos oferecer pequeno estímulo para que os albaneses pegassem em armas em comparação com as vantagens que teriam se continuassem passivos. Preciso confessar que nós, oficiais de ligação britânicos, fomos lentos em compreender o ponto de vista deles; como país, tendemos sempre a supor que aqueles que não nos apoiam completamente em nossas guerras têm algum motivo sinistro para não quererem ver o mundo transformado num lugar melhor.”[18]

• • •

Os impérios europeus do ultramar foram afligidos por divisões mais agudas onde as colônias foram submetidas à ocupação. Na Indochina, através de uma variedade de anomalias complexas, a bandeira francesa continuou a tremular até março de 1945; um regime de Vichy, comandado pelo almirante Jean Decoux, administrava o país segundo as ordens de uma missão militar japonesa. Em setembro de 1940, tropas nipônicas reafirmaram seu domínio absoluto atacando duas cidades tonquinesas e matando oitocentos soldados franceses antes de recuarem para o sul da China. A confusão entre lealdades locais se intensificou quando navios de guerra de Vichy travaram uma série de combates contra os vizinhos siameses, que tentavam garantir um território de fronteira disputado entre Laos e Camboja. Os japoneses interferiram para forçar uma retirada francesa e garantir os interesses de seus clientes siameses. A partir de julho de 1941, 35 mil soldados japoneses agiram como quiseram na Indochina, incorporada à chamada Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia. Os *colons* de Vichy preservavam fiapos de liberdade pessoal, desde que, como os acólitos europeus dos nazistas, implementassem as políticas de seus senhores do Eixo. Em março de 1945, sob ordens da Paris libertada, tropas francesas lançaram um desastroso levante, sufocado de forma rápida e brutal pelos japoneses, que assumiram, então, pleno controle do país.

Os vietnamitas, laosianos e cambojanos sofreram terrivelmente a partir de 1942, conforme os japoneses saqueavam seus países: vietnamitas mais velhos contaram depois que essas experiências foram piores do que as vividas nas vindouras guerras de independência. Arroz, milho, carvão e borracha eram despachados para o Japão; muitas plantações de arroz foram compulsoriamente convertidas para o cultivo de juta e algodão para atender às necessidades têxteis dos ocupadores. Sem acesso ao que produziam, os habitantes da região começaram a passar fome numa escala assombrosa: em Tonquim, até 1945, pelo menos 1,5 milhão de vietnamitas, talvez muito mais, morreram de fome num país que, antes da guerra, era o terceiro maior produtor de arroz. As autoridades coloniais francesas reprimiram protestos e insurreições locais com uma violência que os japoneses não poderiam superar.

O movimento comunista Vietminh foi o principal beneficiário político do sofrimento vietnamita, conquistando apoio substancial em áreas do norte onde as políticas de Tóquio

causavam maior sofrimento. Não houve resistência armada significativa aos japoneses até o verão de 1945 porque os americanos, apaixonadamente anti-imperialistas, recusavam-se a transportar para o Vietnã, em seus aviões, oficiais da França Livre que estavam na China. Somente no verão daquele ano o OSS enviou armas para o Vietminh, numa tentativa tardia de fomentar atividades antijaponesas. As armas foram calorosamente recebidas por seu líder, Nguyên Ai Quôc, mais conhecido como Ho Chi Minh. Oficiais do OSS manifestaram entusiasmo explícito pelos guerrilheiros, numa ingenuidade épica em relação às suas políticas, e animosidade amarga contra os colonizadores franceses.

O Vietminh — àquela altura com cerca de cinco mil partidários ativos — estava feliz em lutar contra os franceses, mas não demonstrou qualquer interesse em enfrentar os japoneses, estocando suas armas como preparativos para a luta pela independência que viria depois da guerra ou brandindo-as para impor sua vontade à população rural. Sob pressão de Washington, o OSS persuadiu os guerrilheiros a enfrentarem, ao menos a título de demonstração, as forças de ocupação; um grupo encenou uma barulhenta manifestação contra uma pequena coluna de suprimento japonesa, que se virou e fugiu sem sofrer grandes estragos. Em outra ocasião, em 17 de julho de 1945, um batalhão Vietminh comandado por Vó Nguyên Giáp atacou um posto avançado japonês em Tâm Doa, matando oito dos quarenta defensores e capturando o restante. Porém, essa parece ter sido a soma da contribuição do Vietminh à causa dos Aliados em troca de remessas americanas de toneladas de armas e de equipamentos, que seriam usadas depois para impedir o retorno dos colonizadores franceses.

• • •

O mais importante elemento do esforço de guerra aliado no ultramar foi, é claro, o Império Britânico. As relações de Londres com os domínios brancos autônomos foram conduzidas com considerável falta de jeito, e até crueldade, sob as exigências do conflito global, e a política em relação aos países de população negra e morena do império foi inflexível. Churchill reafirmou sua determinação em manter a hegemonia sobre a Índia e indignou a opinião pública americana ao declarar, em novembro de 1942, que não se tornara o primeiro-ministro do rei para presidir a liquidação do Império Britânico. Grande parte de seu povo sentia um carinho especial em relação à contribuição das tropas indianas e coloniais ao esforço de guerra, ignorantes do fato de que seus serviços eram comprados com dinheiro e apenas raramente inspirados por lealdade ou mesmo por uma compreensão da causa aliada. James Mpagi, de Kampala, Uganda, disse: “Pensávamos que a guerra talvez fosse uma coisa muito simples (...) talvez como se as pessoas brigassem por uma vaca ou entre aldeias vizinhas.”[19]

A Grã-Bretanha considerava garantida a lealdade de seus súditos negros e mestiços, e, em 1939, isso foi rapidamente expresso em mensagens de apoio enviadas por governadores e cidadãos importantes das colônias. Não houve dissidência significativa: a África negra e o Caribe contribuíram com quinhentos mil recrutas para o esforço de guerra; três divisões africanas portavam armas na Birmânia, enquanto a maioria dos soldados negros executava trabalhos pesados. A Grã-Bretanha nunca introduziu o alistamento militar em suas possessões africanas, mas fortes pressões locais, e por vezes imposições, eram exercidas para mobilizar integrantes de tribos para servirem com

uniformes britânicos sob o comando de oficiais brancos. Batison Geresomo, da Niassalândia, recordaria: “Quando soubemos do conflito, não tínhamos certeza de que (...) eles levariam todos à força (...) o homem branco chegou a todos os distritos para recrutar soldados. Alguns eram levados pela força dos chefes, e alguns iam por vontade própria.”[20] Além disso, o alistamento para o trabalho agrícola foi amplamente introduzido no leste da África, para o proveito de fazendeiros brancos. Chefes locais na colônia da Costa do Ouro cederam aos desejos das autoridades e insistiram para que seus jovens se alistassem. Bandas de recrutamento atraíam os homens com canções, entre elas uma que fazia trocadilhos com a palavra *barima* — “homem corajoso”, no idioma akan — e o nome inglês da Birmânia, Burma.

Barima ehh *yen* ko ooh!
Barima *yen* ko ooh!
Yen *ko* East Africa, Barima
Besin, na yen *ko*!
Bravos homens e guerreiros, vamos lá [nos alistar]!
Bravos homens e guerreiros, vamos lá [nos alistar]!
Vamos para o leste da África e para a Birmânia
Vamos lá, vamos lá [nos alistar]!

Kofi Genfi descreveu o processo de recrutamento em Ashanti, onde o comissário distrital, o capitão Sinclair, fora encarregado de preencher as cotas de efetivos. Sinclair, por sua vez, destinou a cada chefe local uma cota: “Sinclair (...) tinha a lista; sabia quantos homens convocar em cada aldeia. Ele pegava o caminhão (...) e os trazia.”[21] Em Bathurst, Gâmbia, em 1943, medidas mais drásticas foram empregadas: quatrocentos “*corner boys*” — meninos de rua — foram encurralados e alistados por ordem do governador britânico; um quarto deles desertou durante o treinamento. Em Acra, um homem contou como foi agarrado na rua por soldados enquanto visitava o irmão. Em Serra Leoa, quem era preso pelo garimpo ilegal de diamantes seguia para o exército, opção estendida a alguns réus condenados pelos tribunais como alternativa ao encarceramento.

Muitos africanos se apresentaram como voluntários para o serviço militar, no entanto, porque queriam um trabalho e pagamento. Apesar de todos afirmarem ter dezoito anos, alguns eram bem mais jovens. Poucos compreendiam o que uma guerra envolvia, e houve deserções generalizadas quando as unidades foram enviadas além-mar. Soldados da Niassalândia, pertencentes aos Fuzileiros Africanos do Rei, com destino à Birmânia, cantavam uma canção intitulada “Sole”, uma adaptação da palavra inglesa “*sorry*”, que também pode significar “encrenca”.

Sole, sole, sole,
Não sabemos aonde vamos,
Mas vamos embora,
Sole, sole, sole,
Talvez iremos para o Quênia,
É triste deixar nossa casa,

Mas é a guerra. Tempo de encrenca,
Sole, sole, sole.[22]

Alguns africanos manifestavam um patriotismo simples: "Nosso patrão estava envolvido (...) a potência colonial",[23] disse um serra-leonês que serviu na Birmânia. "E quando o patrão está envolvido — ou quando o chefe de família está em dificuldade — todos precisam ajudar (...) Se não tivéssemos ido (...) lutar contra os japoneses, estaríamos todos falando japonês hoje em dia." Somente um punhado de recrutas negros recebeu patentes, entre os quais o mais notável foi Seth Anthony, de 21 anos, natural da Costa do Marfim, professor e soldado territorial antes da guerra. Foi enviado para a Escola Militar de Sandhurst, na Grã-Bretanha, serviu na Birmânia e terminou a guerra como major. Um de seus soldados disse, posteriormente, que todos gostavam de lutar sob seu comando porque ele tinha um "amuleto poderoso".[24] Porém, Anthony era uma raridade extrema no exército britânico, ainda que a RAF tenha conferido, por fim, patentes a alguns de seus cinquenta recrutas da África Ocidental. Presunções e afirmações de superioridade racial estavam implícitas, quando não explícitas, em todos os aspectos políticos. Duas companhias dos Fuzileiros Africanos do Rei, por exemplo, que chegaram aos arredores de Adis Abeba em abril de 1941, foram detidas por uma ordem do quartel-general do exército: considerava-se mais apropriado que a entrada imperial na capital abissínia fosse comandada por uma unidade branca sul-africana, que passou à frente dos decepcionados fuzileiros.

As forças imperiais da Grã-Bretanha enfrentaram dificuldades e constrangimentos disciplinares significativos. Em dezembro de 1943, o Regimento Maurício, provocado por fraca liderança e pelo tratamento insensível de seus oficiais brancos, cruzou os braços numa greve em seu acampamento em Madagascar; quinhentos homens foram submetidos a corte marcial, entre os quais dois foram condenados à morte, embora a pena tenha sido comutada. Outros 24 homens receberam sentenças de sete a 14 anos de prisão, sendo o regimento desmembrado.[25] Os índices de deserção foram notavelmente altos no Regimento Costa do Ouro, com 15% de seu efetivo de 1943 dado como ausente, sendo 42% Ashanti.

Houve grande insatisfação entre os africanos negros que serviam no ultramar em relação a seus vencimentos e condições, muito inferiores aos benefícios dos soldados brancos. As forças sul-africanas fixaram o pagamento dos recrutas "mulatos" — de raças mistas — em metade do soldo dos brancos e o pagamento dos soldados negros em dois terços do soldo dos mulatos, sob a justificativa de que eles podiam sustentar suas famílias com menos dinheiro, mantendo o estilo de vida a que estavam acostumados. Como os Estados Unidos até 1944, a África do Sul recusou-se a empregar soldados negros em missões de combate, embora os recrutasse para serviços braçais; eram insinceros, portanto, os primeiros cartazes para recrutamento que mostravam soldados negros fardados e portando clavas e azagaias. Voluntários relutavam em se apresentar, sabendo que a discriminação racial institucionalizada no país persistiria nas forças armadas: mesmo na Tobruk sitiada, as cantinas do exército branco sul-africano não serviam aos negros.

Na Índia, bordéis segregados foram estabelecidos para os africanos negros do exército britânico, embora os escrúpulos de um comandante católico o tenham levado a insistir que o estabelecimento de sua unidade fosse fechado.[26] Em 1942, houve um motim na 25ª Brigada do Leste Africano, na África Oriental: o general Sir William Platt relatou "incidentes numerosos em quase todas as unidades somalianas (...) recusas a obedecer a ordens, greves em que todos se mantinham sentados, deserção com armas, inconfiabilidade na função de guardas, conluios para realizar roubos, pedras atiradas ocasionalmente e facas puxadas". Na Índia, durante 1944, houve choques entre soldados negros e civis perto do campo de repouso de Ranchi, em que seis indianos foram mortos e várias mulheres estupradas.

Os britânicos encontravam consolo no fato de que esses distúrbios eram menos graves do que um grande motim de *tirailleurs* negros franceses ocorrido em Thiaroye, perto de Dacar, naquele mesmo ano, e do que os levantes de batalhões da Force Publique belga no Congo. Os comandantes desanimavam-se, porém, com a conduta de algumas unidades coloniais no campo de batalha, como o batalhão dos Fuzileiros Africanos do Rei, que se dispersou e fugiu correndo quando exposto ao fogo pela primeira vez na Birmânia, e dois batalhões da 11ª Divisão do Leste Africano, que se recusaram a atravessar o rio Chindwin para a Birmânia, dizendo: "Faremos o que mandarem, mas não passaremos daqui." O general-brigadeiro G. H. Cree registrou que, em vista dos ressentimentos generalizados das formações africanas, "tivemos sorte em escapar com alguns incidentes em vez de uma revolta mais generalizada".[27]

É importante analisar tais comentários e incidentes em seu contexto mais amplo: centenas de milhares de soldados africanos cumpriram seus deveres como trabalhadores braçais ou como fuzileiros, sob fogo, com coragem considerável e alguma eficácia, mas parece tolice romantizar sua contribuição. Eles não tinham o que ganhar com a vitória dos Aliados, e a maioria serviu como mercenários, recrutados em sociedades treinadas a obedecer aos senhores brancos. Um oficial rodesiano registrou o sepultamento dos mortos africanos em campos de batalha no duro solo pedregoso da Somalilândia:

> Pobre cabo Atang, abnegação e retraída modéstia foram parte de ti em vida (...) Como incomodaria saber que tua sepultura dá tanto trabalho e impede o descanso de homens exaustos (...) Eles o baixam gentilmente. O lençol, sujo de sangue, é posto de lado (...) Por último, Amadu, o mucelmano [sic] que morreu atracado à sua amada Bren. O sargento-mor da companhia D e um grupo de companheiros de fé estão ali. Dois entram no túmulo; o corpo que está numa padiola é passado a eles, que o depositam lentamente no fundo (...) Numa voz alta e retumbante, o carpidor principal entoa antigas palavras em idioma árabe, uma prece pelos mortos.[28]

Essa era uma visão sentimental da contribuição dos súditos coloniais, contrastada pela opinião do negro sul-africano Frank Sexwale, que chamava o conflito de "guerra dos homens brancos, guerra britânica. A África do Sul pertencia à Grã-Bretanha; tudo o que o

africâner fez, aprendeu com seu senhor, a Grã-Bretanha”.[29] O entendimento de Sexwale refletia com precisão a indiferença de quase todos os seus compatriotas negros e mulatos àquela luta, mas ignorava a complexidade do sentimento sul-africano branco. Havia uma longa tradição pró-germânica entre os africâneres. O marechal de campo Smuts, primeiro-ministro da África do Sul e amigo íntimo de Churchill, derrotou por pequena margem uma moção parlamentar de 1939 exigindo a neutralidade do país. Depois de arrastar a África do Sul para a guerra, Smuts garantiu que o país fizesse uma contribuição substancial para a causa aliada. Do início ao fim, entretanto, enfrentou oposição interna e jamais ousou introduzir o alistamento militar. Voluntários brancos continuaram escassos, e, perto do final de 1940, manifestações contra a guerra aconteceram em Joanesburgo. Alguns pró-nazistas declarados foram presos enquanto durou o conflito, entre eles o futuro primeiro-ministro do Partido Nacional John Vorster.

Na Austrália, o apoio à Grã-Bretanha foi muito mais forte. Em 1939, dezenas de milhares de voluntários responderam ao chamado, como Rod Wells, que pensava: “Existe uma guerra! O velho país precisa de ajuda (...) Vamos mostrar a eles o que podemos fazer.”[30] Três divisões desses homens lutaram com distinção no Mediterrâneo, e outras duas juntaram-se a elas mais tarde, na Nova Guiné e em outras campanhas do Pacífico. Contudo, a guerra revelou também tensões e divisões políticas. A maioria dos quinhentos mil americanos que passaram pela Austrália entre 1942 e 1945 se encantou com o panorama social do país, mas seus comandantes lamentavam o provincianismo australiano, as violentas práticas dos sindicatos trabalhistas, especialmente nas docas, e a suposta falta de energia em seu envolvimento com a guerra. MacArthur sugeriu, acerbamente, que o espírito australiano fora corroído por vinte anos de governo socialista. Em 26 de outubro de 1942, Hanson Baldwin, correspondente militar do *New York Times*, publicou uma crítica lacerante sobre o esforço de guerra australiano:

> As dificuldades normais para travar uma guerra de coalizão têm sido aumentadas na Austrália por um fator do qual os próprios australianos reclamam: o problema trabalhista. Não há dúvida, na opinião de muitos australianos, de que a insistência dos trabalhadores por seus “direitos”, sua determinação a não trabalhar mais do que o número de horas estipulado e a folgar nos sábados à tarde e nos feriados e sua atitude geral têm dificultado o pleno desenvolvimento do esforço de guerra das Nações Unidas na Austrália. A atitude dos trabalhadores na “terra lá debaixo” talvez seja mais bem descrita como “complacente”; muitos parecem prioritariamente interessados em preservar os privilégios dos tempos de paz.

Baldwin observou que a consequência do obstrucionismo dos sindicatos trabalhistas australianos era que muitas tarefas logísticas precisavam ser executadas por soldados americanos. Ele concluiu: “Muitos entre nós, nas democracias de todos os países, amantes da liberdade pessoal e de nosso modo de vida informal, fácil e despreocupado em tempos de paz, esqueceram que a guerra é um capataz exigente e que a paz é muito

diferente da guerra." Os comentários de Baldwin provocaram uma tempestade na Austrália, onde provocaram profundo ressentimento, mas tinham fundamento na dura realidade, e o governo britânico partilhava os sentimentos do correspondente. Muitos australianos foram admirados como guerreiros, mas um número substancial exerceu seu privilégio democrático e manteve-se longe do campo de batalha.

No Canadá, da mesma forma, o serviço militar além-mar continuou voluntário, causando ao exército uma escassez crônica de soldados de infantaria. Embora os canadenses desempenhassem funções importantes nas campanhas do noroeste da Europa e da Itália, na Batalha do Atlântico e na ofensiva com bombardeiros, a maior parte do Canadá francês não queria se envolver na luta. "Uma noite desagradável em Montreal, onde os franco-canadenses nos vaiaram, cuspiram em nós e expulsaram-nos dos bares",[31] registrou um *trainee* da RAF, que estava com um grupo de companheiros em trânsito pela região. Em agosto de 1942, 59% de mal-humorados franco-canadenses declararam, numa sondagem de opinião, que só precisavam participar da guerra pelo fato de o Canadá ser membro do Império Britânico.[32]

No Oriente Médio e na Ásia, alguns povos súditos demonstraram oposição feroz ao conflito. Não davam muita atenção à natureza dos regimes alemão, italiano e japonês, preferindo simplesmente ver os inimigos de seus opressores coloniais como possíveis aliados. Os britânicos exerciam verdadeiro domínio sobre o Egito — não como possessão colonial reconhecida, mas em virtude de uma interpretação draconiana do tratado de defesa bilateral. Muitos egípcios — na verdade, a maioria — apoiaram passivamente o Eixo; o rei Faruque tomava como certa a iminente derrota britânica. Um dos oficiais de seu exército, o capitão Anwar Sadat, filho de um funcionário público e futuro presidente do Egito, escreveu quando tinha 22 anos: "Nosso inimigo era basicamente, e talvez exclusivamente, a Grã-Bretanha."[33] Em 1940, Sadat procurou o general Aziz el-Masri, inspetor-geral do exército e conhecido simpatizante do Eixo, e disse-lhe: "Somos um grupo de oficiais trabalhando para criar uma organização para expulsar os britânicos do Egito."[34]

Em janeiro de 1942, manifestantes saíram às ruas do Cairo com gritos de "Avante, Rommel! Viva Rommel!". Tropas e carros blindados britânicos cercaram o palácio real até que Faruque cedesse às exigências da Grã-Bretanha. Naquele verão, oficiais do exército egípcio esperavam, ansiosos, a libertação pelo Afrika Korps, de Rommel. Entusiasmaram-se com a chegada ao Cairo de dois espiões alemães, Hans Eppler e um homem conhecido apenas como "Sandy". O capitão Sadat decepcionou-se, porém, ao testemunhar o frívolo comportamento dos dois agentes, que encontrou no Nilo, vivendo na casa flutuante da famosa artista de dança do ventre Hikmet Fahmy. Escreveu ele: "A surpresa devia estar estampada em meu rosto, porque Eppler, rindo, disse: 'Onde esperava que ficássemos? Num acampamento do exército britânico?'" O alemão disse que Hikmet Fahmy era "perfeitamente confiável". Ele e seu colega passaram noites embriagados na boate Kitkat e trocaram grandes somas de falsas cédulas britânicas com um judeu que supostamente cobrava uma comissão de 30%. Tempos depois, Sadat escreveu, com o desavergonhado antissemitismo de seu povo: "Não me surpreendeu que um judeu prestasse esse serviço aos nazistas, pois sabia que um judeu faria qualquer coisa desde que o preço fosse bom." Os britânicos prenderam toda a rede de espionagem e suprimiram dissensões internas

sem grande dificuldade. Porém, não poderiam idealizar, com alguma convicção, a presença do Egito entre os Aliados.

O Império Britânico na Ásia manifestou as alianças com divisões mais nítidas. Em 1939, nacionalistas na Malásia encenaram manifestações contra a guerra, duramente reprimidas pelas autoridades coloniais. Um membro indiano do serviço público malaio disse que: "Embora sua razão se rebelasse completamente contra isso, suas simpatias, por instinto, alinhavam-se com os japoneses em sua luta contra os anglo-saxões."[35] O líder nacionalista indiano Jawaharlal Nehru escreveu: "É óbvio que o homem comum na Índia está tão cheio de rancor contra os britânicos que agradeceria qualquer ataque contra eles."[36] Alguns compatriotas seus alegraram-se com o espetáculo de companheiros asiáticos derrotando exércitos e marinhas de brancos. "Era impossível que não sentíssemos satisfação com a surra que os britânicos levavam nas mãos dos alemães",[37] disse o Dr. Kashmi Swaminadhan. "Embora fôssemos contra Hitler." Lady Diana Cooper escreveu antes do cataclismo em 1942: "Eu não via motivo particular para que 85% dos cidadãos chineses e 15% dos cidadãos indianos e malaios de Cingapura lutassem, como os *cockneys* fazem, *contra* pessoas de sua própria cor e *a favor* dos queridos e bons ingleses."[38] De fato, poucos o fizeram.

Na Malásia e na Birmânia, os novos governantes conseguiram alistar muitos locais e alguns indianos que não sentiam lealdade em relação aos britânicos expulsos, mas também é preciso citar o exemplo de um homem como o indiano P. G. Mahindasa, professor na escola inglesa do assentamento de Malaca. Escreveu ele, antes de ser executado pelos japoneses por sintonizar a BBC em seu rádio: "Sempre valorizei o espírito esportivo, a justiça e o serviço público dos ingleses como as melhores coisas num mundo imperfeito. Morro contente pela liberdade. Meus inimigos não conquistaram minha alma. Perdoo-os pelo que fizeram com meu frágil corpo. Aos meus queridos alunos, digam-lhes que seu professor morreu com um sorriso nos lábios."[39] Na Malásia, o comunista chinês Chin Peng, que mais tarde liderou o violento movimento de independência antibritânico, comentou a ironia em receber a Ordem do Império Britânico de um agradecido governo por promover o terrorismo e assassinar malaios que colaboraram com os japoneses.

Muita gente na Birmânia, na Malásia e nas Índias Orientais Holandesas, juntamente com tantas outras nas Filipinas, acolheu os japoneses como libertadores. Mesmo inimigos ardorosos do imperialismo europeu se desiludiram em pouco tempo, porém, com a arrogância e a brutalidade institucionalizada de seus novos senhores. Os exemplos são infindáveis: o número de cidadãos locais escravizados e mortos na notória Estrada de Ferro da Birmânia foi muito superior do que entre os aprisionados pelos Aliados. Dos quase oitenta mil malaios enviados para trabalhar na ferrovia, quase trinta mil morreram, juntamente com quatorze mil brancos; a ligação ferroviária também custou a vida de cem mil birmaneses, indianos e chineses. Quando o cólera se espalhou em Nieke, na fronteira entre a Birmânia e a Tailândia, infectando grande número de tamis que faziam trabalhos forçados na estrada de ferro, os japoneses incendiaram alojamentos que abrigavam 150 pacientes. Em outros lugares, qualquer homem ou mulher que desagradasse aos ocupadores era tratado com crueldade sádica e sistemática. Sybil Kathigasu, esposa católica de um agricultor de Perak, foi torturada na prisão de Taiping enquanto sua filha

era pendurada numa árvore sobre uma fogueira. Ela constrangeu-os a soltarem a criança, mas sobreviveu à sua provação aleijada para o resto da vida.

Ao menos cinco milhões de pessoas no Sudeste Asiático morreram ao longo da guerra, muitas nas Índias Orientais Holandesas, nas mãos dos japoneses ou em consequência da fome imposta pelo desvio de alimento e de colheitas ordenado por Tóquio para alimentar seu próprio povo. O preço do arroz disparou enquanto as safras foram reduzidas em um terço; a tapioca foi explorada como substituto. O escritor Samad Ismail registrou, exausto, em 1944: "Todos sentem afeição pela tapioca; adotam, exaltam e aplaudem a tapioca; não discutem outro assunto que não a tapioca, na cozinha, no bonde, numa cerimônia de casamento — sempre tapioca, tapioca, tapioca." Porém, embora produzisse alguma resistência, a dieta à base de tapioca nada fez para reverter a crônica deficiência de vitamina que se tornou endêmica nas sociedades ocupadas pelos japoneses. A fome, mais do que qualquer outro fator, alienou os povos subjugados da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia, por maior que fosse sua antipatia pelos antigos colonizadores europeus.

2 O RAJ: A HORA MENOS BELA

A Índia ocupada pelos britânicos, como os nacionalistas viam o subcontinente, sofreu reviravoltas e aflições terríveis durante a guerra. A joia na coroa imperial, perdendo apenas para a China em tamanho e em população como massa continental na Ásia, tornou-se um enorme fornecedor de têxteis e de equipamento para os Aliados. Produziu um milhão de cobertores para o exército britânico — com lã tosquiada de sessenta milhões de ovelhas —, bem como 41 milhões de uniformes militares, dois milhões de paraquedas e dezesseis milhões de pares de coturnos. Era motivo de ira para Churchill que o superávit comercial da Índia em libras esterlinas — a dívida da Grã-Bretanha ao subcontinente pelos bens fornecidos — tivesse disparado com essa produção. "Winston resmungava sem cessar", escreveu o secretário de Estado para a Índia, Leo Amery, em 16 de setembro de 1942, "que era monstruoso esperar que não apenas defendêssemos a Índia e saíssemos do país, mas que tivéssemos a obrigação de pagar centenas de milhões pelo privilégio."[1]

Mas os indianos podiam recusar essa defesa? Antes que o conflito começasse, as demandas nacionalistas por autonomia e independência eram clamorosas, contando com o entusiasmo avassalador da maioria hindu, exceto nos chamados estados principescos. Os territórios dos marajás sobreviveram como feudos, cujos líderes sabiam que seus privilégios seriam eliminados assim que os indianos mandassem no próprio país. Eles ofereciam ilhas de apoio à hegemonia britânica porque assim preservavam a própria. Em outras partes, entretanto, quase todos os hindus instruídos queriam que os britânicos fossem embora. A questão era o momento: o início da guerra levou algumas figuras influentes a argumentar que a luta pela independência deveria ser adiada até que o fascismo, um mal maior, fosse derrotado. Veer Damodar Savarkar, apesar de nacionalista, sugeriu, pragmaticamente, que seu povo aproveitasse a oportunidade para adquirir habilidades militares e industriais cujo valor seria inestimável numa Índia livre.[2]

A Liga de Congressistas Radicais afirmava que a participação ativa na guerra “não ajudaria o imperialismo britânico, ao contrário, o enfraqueceria através do desenvolvimento e do fortalecimento das forças antifascistas na Inglaterra e na Europa”. M. N. Roy dizia algo parecido: “O presente não é a guerra da Inglaterra. É uma guerra pelo futuro do mundo. Se o governo britânico é parte da guerra, por que aqueles que lutam pela liberdade humana teriam vergonha em congratulá-la por esse feito meritório? O velho ditado de que a adversidade promove estranhas parcerias não é totalmente sem sentido. Se fosse justificável para o governo soviético firmar um pacto de não agressão com a Alemanha nazista, por que não seria igualmente permissível que os combatentes da liberdade indiana apoiassem o governo britânico desde que ele esteja em guerra contra o fascismo?”[3] Alguns compatriotas adotavam a opinião do tenente A. M. Bose, sobrinho do mais famoso cientista indiano e homem viajado, que estivera muitas vezes na Europa. Bose escreveu para um amigo britânico: “Há três anos estou no exército, pois queria fazer minha parte na luta contra os nazistas.”[4]

Centenas de indianos, ostentando nomes exóticos como “Tiger” Jaswal Singh, Piloo Reporter, “Jumbo” Majundan e Miroo Engineer, pilotaram aviões da força aérea indiana; Engineer, um de quatro irmãos aviadores, certa vez levou uma namorada para voar em seu Hurricane. Porém, embora os pilotos indianos usassem os mesmos uniformes e adotassem as mesmas gírias de seus irmãos da RAF, por vezes eram vítimas do racismo de oficiais britânicos, que os chamavam de “pretinhos”. O piloto de caça Mahender Singh Pujji horrorizou-se quando seu navio parou na África do Sul a caminho da Grã-Bretanha: “Choquei-me ao ver como indianos e africanos eram tratados. Eu e meus colegas tivemos muita raiva.” Na Inglaterra, e posteriormente na campanha do deserto ocidental, ele jamais se adaptou à comida britânica e sobrevivia essencialmente à base de ovos, biscoitos e chocolate. Os pilotos indianos sabiam que ainda eram menos valorizados aos olhos de seus comandantes, que lhes negavam aeronaves melhores e tarefas glamorosas, mas eles fizeram uma contribuição significativa à campanha da Birmânia em 1944 e 1945, participando de milhares de incursões de reconhecimento e de ataques ao solo em apoio do XIV Exército.

Outros indianos, porém, adotaram atitude mais matizada e cautelosa em relação ao conflito. Chakravarthi Rajagopalachari, líder do Congresso e primeiro-ministro da presidência de Madras, disse, em junho de 1940, que talvez parecesse mesquinho explorar questões nacionais quando a Grã-Bretanha estava envolvida numa luta de vida e morte contra um inimigo impiedoso. “Mas cada país tem uma vida com que se preocupar (...) Não ajudamos a civilização esquecendo-nos de nossos direitos. Não podemos ajudar os Aliados concordando em ser um povo subjugado. Pelo contrário, tal rendição ajudaria os alemães.”[5]

Nehru, em carta escrita na cela da prisão que ele ocupava com frequência, apontou ao vice-rei da Índia, lorde Linlithgow, que seus seguidores muitas vezes evitaram prejudicar o Raj: “No verão de 1940, quando a França caiu e a Inglaterra enfrentava perigo medonho, o Congresso (...) evitou deliberadamente [uma ação direta] apesar de forte demanda (...) porque não queria tirar vantagem de uma situação internacional crítica ou encorajar uma agressão nazista de qualquer forma.”[6] Escreveu algo parecido no dia seguinte a Pearl Harbor: “Se me perguntassem com quem estão minhas simpatias nessa guerra, eu diria,

sem hesitar, que estão com Rússia, China, Estados Unidos e Inglaterra." Porém, para Nehru, havia uma ressalva essencial. Churchill recusava-se a conceder independência à Índia; por conseguinte, Nehru afirmou: "É impossível que eu ajude a Grã-Bretanha. Como poderia lutar pela liberdade quando ela me é negada? A política britânica na Índia parece aterrorizar o povo para que, em nossa ansiedade, busquemos sua proteção."[7]

Após a entrada do Japão na guerra, Mahatma Gandhi exigiu que os britânicos saíssem imediatamente do país, para que a Índia fosse um alvo menos desejável de invasão. Em 1942, o movimento nacionalista "Deixem a Índia" ganhou apoio generalizado, provocando crescente agitação popular. O Congresso passou de uma política de não cooperação para a franca rejeição ao domínio britânico. Em 21 de janeiro, lorde Linlithgow informou a Londres: "Há uma grande e perigosa quinta-coluna em potencial em Bengala, Assam, Bihar e Orissa e (...), a rigor, a potencialidade de simpatia e de atividade em favor do inimigo é enorme no leste da Índia."[8] Para surpresa dos nacionalistas, mesmo nesse momento sombrio no oriente, o poder imperial recusou-se a negociar. Grande parte dos líderes do Congresso foi presa, alguns por períodos prolongados; o próprio Gandhi foi solto somente em 1944, por motivos de saúde. Manifestações de violência irromperam em diversos pontos, principalmente em Bombaim, nas Províncias Unidas do Leste e em Bihar, com ataques a símbolos do Raj — edifícios do governo, ferrovias, agências de correio — e alguma sabotagem.

Em agosto de 1942, surgiram tumultos espontâneos após o fracasso da missão de Sir Stafford Cripps de persuadir o Congresso a engavetar suas exigências políticas até que a paz chegasse. Os britânicos restauraram a ordem com brutalidade considerável: o vice-rei por pouco não autorizou que a aviação metralhasse os dissidentes, opção que descreveu, sendo apenas parcialmente irônico, como um "estimulante desvio de precedente".[9] Houve açoitamentos em massa dos agitadores presos, e dezenas de milhares de soldados e de policiais armados com *lathi* [bastões de bambu] foram empregados contra os manifestantes. Há relatos confiáveis sobre policiais que participaram de estupros em áreas sublevadas e até mesmo de estupros grupais de mulheres presas; centenas de participantes foram mortos a tiros, e muitas casas, incendiadas.

Em regiões do noroeste da Índia, um clima de terror prevaleceu durante meses. Em 29 de setembro, em Midnapore, por exemplo, uma procissão liderada por uma mulher de 73 anos chamada Matongini Hazra parou em frente ao tribunal de Tamluk. Seguidora ardorosa de Gandhi, ela cumprira seis meses de prisão por ter participado de uma manifestação diante do vice-rei. Agora, acompanhada por várias mulheres que sopravam conchas, ela avançou contra o cordão de isolamento da polícia e do exército que protegia o tribunal, segurando uma bandeira. Quando as forças de segurança abriram fogo, uma bala atingiu-lhe a mão esquerda, fazendo-a passar a bandeira para a mão direita. Ela ainda foi atingida mais uma vez antes que uma terceira bala acertasse diretamente uma de suas têmporas. Três adolescentes também morreram antes que os manifestantes fugissem.

No curto prazo, a repressão conseguiu restaurar a ordem. O exército indiano permaneceu quase inteiramente leal. No entanto, todos, à exceção dos mais míopes imperialistas britânicos, reconheciam que seu domínio já não contava com o consentimento dos governados. Para os políticos sérios, era constrangedor que em 1942, em meio a uma guerra contra a tirania, cerca de cinquenta batalhões — número superior à força empregada contra os japoneses — fossem deslocados para manter o controle

interno da Índia. Pode-se argumentar que havia objeções de ordem avassaladoramente prática à entrega de poder ao Congresso naquele momento, quando o exército japonês esperava à porta. Contudo, um dos piores aspectos da conduta de guerra britânica foi a decisão de que, para preservar a Índia, era necessário não apenas repelir invasores externos como também administrar com leis de emergência, como se fosse um país ocupado e não um cobeligerante disposto a participar. Algumas medidas repressivas adotadas na Índia assemelhavam-se em natureza, senão em escala, àquelas adotadas pelo Eixo nos países ocupados. Relatos de excessos cometidos pelas forças de segurança foram suprimidos pela censura militar.

Os britânicos na Índia exibiam um racismo despreocupado e, por vezes, uma brutalidade que horrorizava as testemunhas mais sensíveis. O sargento Clive Branson, artista em tempos de paz, nascera no subcontinente e pertencera à Brigada Internacional comunista na Espanha. Eis o que escreveu sobre o comportamento de seus compatriotas: "Aqueles malditos idiotas do exército (...) tratam os indianos de um jeito que não só nos faz tremer ao pensar no futuro, mas sentir vergonha de ser um deles (...) Nenhum de nós nunca (...) esquecerá a pobreza inacreditável, indescritível, em que encontramos as pessoas vivendo em todos os lugares por onde passamos."[10] Se as pessoas na Grã-Bretanha soubessem a verdade, disse Branson, "haveria uma confusão completa — porque essas condições são mantidas em nome do povo britânico".

Havia ressentimentos nas fileiras do exército indiano, principalmente a respeito das condições de serviço dos soldados, inferiores em comparação com os colegas britânicos. Um grupo escreveu a seu comandante: "Aos olhos do Mahatma Gandhi, todos são iguais, mas os senhores pagam a um soldado britânico 75 rupias e a um indiano, apenas dezoito rupias."[11] Outro homem reclamava: "Um *subadar* indiano faz continência para um soldado britânico, mas o soldado britânico não saúda um *subadar* indiano. Por quê?" Os indianos também não eram as únicas vítimas do duro governo colonial: em dezembro de 1942, 2.115 civis japoneses foram aprisionados pelos britânicos no acampamento de Purama Quila, perto de Déli, em condições escandalosas de miséria e de privação; até o fim do ano, 106 deles morreram, alguns por beribéri e disenteria. O império japonês respondeu por coisas muito piores, em escala bem mais ampla, mas as mortes em Purama Quila revelavam uma feição deplorável da competência e do espírito humanitário dos britânicos.

Os americanos, a começar pelo próprio presidente, jamais perdoaram totalmente Churchill e seu país pela forma como os povos do subcontinente foram excluídos das vibrantes promessas de liberdade consagradas na Carta do Atlântico. Americanos que serviam na Índia — executando tarefas de ligação e logística, treinando soldados chineses e voando em operações de bombardeio contra os japoneses — horrorizavam-se com o tratamento ministrado pelos britânicos aos habitantes e consideravam seu próprio comportamento mais solidário. Os indianos estavam menos convencidos disso: o autor de uma carta para o jornal *Statesman* denunciou a conduta dos americanos com a veemência reservada aos britânicos, descrevendo-os, impiedosamente, como "poços de doenças venéreas e sedutores de mulheres jovens".[12] Os britânicos viam hipocrisia e presunção moralista nas críticas feitas ao governo imperial por um aliado que praticava a segregação racial em seu território.

A maioria dos companheiros políticos de Churchill reconhecia a inevitabilidade de conceder independência à Índia e hesitava apenas quanto ao momento certo. O velho imperialista vitoriano, porém, continuava implacável: agarrou-se à ilusão de que a grandeza britânica derivava, em medida substancial, da colônia e enojava-se com o que considerava uma traição de políticos indianos que procuravam explorar a vulnerabilidade britânica e, por vezes, se regozijavam com seus insucessos. Ao longo da guerra, o primeiro-ministro falou e escreveu sobre os indianos com um desdém que refletia seu único contato com eles como um oficial subalterno de cavalaria no século XIX; faltou às suas políticas a compaixão que geralmente caracterizou sua liderança.

Quando o outono de 1942 chegou, mais de trinta mil partidários do Congresso estavam presos, inclusive Gandhi e Nehru, mas o tratamento britânico dispensado aos dissidentes em todo o império era incomparavelmente mais humano do que aquele ministrado pelo Eixo aos inimigos internos e aos países ocupados. Por exemplo, Anwar Sadat foi preso por sua conspiração com os espiões alemães no Cairo, mas vigiado de modo tão negligente que pôde escapar facilmente duas vezes; depois da segunda fuga, em 1944, manteve-se em liberdade, embora na clandestinidade, durante o restante da guerra. Na Índia, Nehru tinha liberdade para escrever cartas, ler seus livros favoritos, como *República*, de Platão, e jogar *badminton* durante um encarceramento relativamente privilegiado numa fortaleza. No entanto, emagreceu drasticamente, e o líder indiano de 52 anos sentiu o peso do confinamento como sobre qualquer outro prisioneiro. Numa carta, ele pediu à mulher, Betty, que esquecesse a ideia de enviar-lhe o livro *Shakespearean Tragedy*, de Bradley, "quando já há tragédia suficiente".[13]

Alguns nacionalistas acreditavam que métodos drásticos deveriam ser empregados para expulsar os britânicos. Em 1940, Subhas Chandra Bose, presidente do Congresso, exigiu uma campanha de desobediência civil. Quando Gandhi recusou a ideia, Bose renunciou ao cargo e partiu para Berlim via Cabul. Na Alemanha, recrutou uma pequena "Legião Indiana" entre prisioneiros capturados na campanha do deserto ocidental, que servia ao Terceiro Reich sem qualquer distinção. No verão de 1943, Bose retornou ao Sudeste Asiático. Os japoneses concederam ao seu "governo provisório indiano"[14] uma base nominal nas ilhas ocupadas de Andaman e Nicobar, onde ele logo começou a atrair grandes multidões para reuniões públicas sob os auspícios nipônicos. Usando farda e botinas, ele falava em termos que refletiam a conclamação de Churchill por sangue, trabalho, lágrimas e suor. Recrutas do Exército Nacional Indiano (INA, do inglês Indian National Army) , disse ele aos ouvintes, deveriam enfrentar "fome, sede, privações, marchas forçadas e morte. Só quando passarem por tais provas a liberdade será sua". Os soldados do INA chamavam Bose de *Netaji* — "Querido Líder". Um deles, o tenente Shiv Singh, disse: "Depois de capturados em Hong Kong, o general Mohan Singh e Bose disseram (...) 'Vocês lutam por uma soma de dinheiro muito pequena, é verdade, agora lutem por seu país.' Apresentamo-nos como voluntários sem que força alguma fosse utilizada (...) Pensei que *Netaji* (...) era o maior dos líderes, acima de Gandhi."[15]

Bose formou uma brigada feminina chamada Rani no Regimento Jhansi, em honra de uma heroína do levante de 1857 contra os britânicos, com quem marchou de Rangum para Bangcoc. Uma recruta afirmou, numa transmissão de rádio: "Não sou uma soldada boneca, ou uma soldada só no papel, mas uma soldada no verdadeiro sentido da

palavra."[16] Um contingente de quinhentas mulheres chegou à Birmânia, vindo da Malásia, no fim de 1943, mas elas ficaram desapontadas por se verem relegadas a tarefas de enfermagem. Unidades masculinas foram empregadas contra o exército de Slim em Assam e na Birmânia. Um soldado, P. K. Basu, disse posteriormente: "Eu não acreditava que o INA teria êxito, mas acreditava nele";[17] dois regimentos foram batizados com os nomes Gandhi e Nehru. Havia um enorme fosso entre a retórica de Bose e a contribuição do INA para o esforço de guerra do Eixo. Quando suas unidades fracamente armadas foram empregadas no campo de batalha, os patrocinadores japoneses trataram-nas com desdém, e poucos mostraram estômago para lutas intensas. Alguns soldados indianos imperiais matavam prisioneiros do INA no ato, mas os britânicos ficavam constrangidos pela mera existência daquela força de renegados e desanimados por descobrirem que um número substancial de indianos via Bose como um herói — como fazem até hoje.

• • •

A mais séria mácula do Raj durante a guerra, e possivelmente de todo o esforço de guerra da Grã-Bretanha, foi a fome em Bengala em 1943 e 1944. A perda da Birmânia privou a Índia de 15% de seu fornecimento de alimento. Quando uma série de enchentes e ciclones — catástrofes naturais às quais os baixos terrenos de Bengala Oriental estão cronicamente sujeitos — atingiu a região, destruindo a colheita de 1942, a população tornou-se vítima de uma fome desesperadora. Grande parte do sistema de transportes foi destruída, dificultando mais ainda a circulação de alimentos. Um pescador bengali chamado Abani estava entre milhões de pessoas que perderam seu meio de vida. "Não tínhamos dinheiro para comprar uma rede (...) O agiota não me emprestava dinheiro. O agiota não tinha dinheiro. Tudo o que nossa família tinha foi destruído pela enchente: de oito vacas, salvamos apenas uma."[18] Em dezembro, as pessoas morriam. No ano seguinte, sua provação era catastrófica. Em outubro de 1943, um trabalhador das equipes de socorro chamado Arangamohan Das informou, sobre o bazar de Terapekhia, no rio Haldi: "Ali, vi cerca de quinhentos miseráveis de ambos os sexos, quase nus e reduzidos a esqueletos. Alguns imploravam por comida (...) aos passantes, alguns desejando comida com um olhar que causava pena, outros deitados à beira da estrada aproximando-se da morte e quase sem energia para respirar, e, na verdade, tive a má sorte de ver oito pessoas soltarem o último suspiro diante de meus olhos."[19]

Censores interceptaram a carta de um soldado indiano amargurado por sua experiência durante uma licença: "Voltamos para nossas aldeias para descobrir que a comida é escassa e muito cara. Nossas esposas foram desencaminhadas e nossa terra foi desapropriada. Por que o [governo] Sarkar não toma alguma providência *agora* em vez de falar sobre uma reconstrução no pós-guerra?"[20] De fato, por que não? O governo britânico recusou-se a desviar cargas de preciosos navios para aliviar a fome; o secretário de Estado para a Índia, Leo Amery, adotou, a princípio, uma atitude de pouca preocupação. Mesmo quando começou a exercer sua influência em favor de uma intervenção, o primeiro-ministro e o gabinete continuaram insensíveis. Em 1943, viagens para destinos no oceano Índico caíram 60% uma vez que os navios foram desviados para

sustentar as operações anfíbias aliadas, a ajuda à Rússia e os comboios atlânticos; o gabinete britânico atendeu a apenas 25% dos pedidos por alimento de Déli. Churchill escreveu, em março de 1943, aplaudindo a recusa do ministro da Guerra a liberar navios para transportar suprimentos de socorro: "Uma concessão a um país (...) encoraja pedidos de todos os outros. [Os indianos] precisam aprender a cuidar mais de si mesmos, como nós fizemos (...) Não podemos enviar-lhes navios simplesmente como um gesto de boa vontade."[21] Poucos meses depois, ele disse: "Não há motivo para que todas as partes do Império Britânico não sintam o aperto da mesma forma que a metrópole sentiu."[22]

Contudo, a dieta britânica continuou incomparavelmente mais abundante do que a alimentação do povo indiano. Os bengalis usam a frase *payter jala* — ardência na barriga — para descrever a fome, e muitas barrigas arderam em 1943 e 1944. Gourhori Majhi, de Kalikakundu, disse, muito tempo depois: "Todos estavam enlouquecidos pela fome. Qualquer coisa que encontrássemos, rasgávamos e comíamos imediatamente. Minha família tinha dez pessoas; meu estômago gemia. Quem é seu irmão, quem é sua irmã... Ninguém pensava nessas coisas. Todos se perguntavam: como sobreviverei? (...) Não havia um fiapo de capim nos campos." Muitas mulheres recorreram à prostituição, e algumas famílias venderam as filhas a cafetões.

Mesmo nessa situação extrema, não houve relatos de canibalismo como ocorreu na Rússia, mas muitos assassinatos de crianças. O jornal *Biplabi* noticiou em 5 de agosto de 1943: "Na aldeia de Sapurapota (...) um tecelão muçulmano não pôde sustentar sua família e, enlouquecido pela fome, desapareceu. A mulher achou que ele se matou, afogando-se (...) Incapaz de alimentar os dois filhos pequenos durante dias, ela já não suportava seus sofrimentos. Em [23 de julho], atirou o menino mais novo que saíra de seu ventre, a luz de seus olhos, nas águas espumantes do Kasai. Ela tentou, da mesma maneira, mandar o filho mais velho ao encontro de seu pai, mas ele gritou e agarrou-se a ela (...) Ela, então, descobriu um novo jeito para calar a fome abrasadora do menino. Com braços débeis, cavou uma pequena sepultura e jogou o filho ali. Enquanto tentava cobri-lo com terra, um passante ouviu os gritos e arrancou a pá dos braços da mãe. Um [hindu de casta inferior] prometeu criar o menino; a mãe foi embora, não se sabe para onde. Provavelmente encontrou a paz juntando-se ao marido na fria correnteza do Kasai."[23]

Houve surtos de cólera em toda parte, com pessoas morrendo nas ruas e nos parques das grandes cidades; em meados de outubro de 1943, a taxa de mortalidade em Calcutá subira dos costumeiros seiscentos casos por mês para dois mil. Num centro de socorro às vítimas, a cunhada de Jawaharlal Nehru descreveu "bebês raquíticos, com braços e pernas como gravetos, mães com rostos enrugados amamentando, crianças de rosto inchado e olhos vazios por falta de alimento e de sono, homens exaustos e fatigados; todos esqueletos ambulantes".[24] Horrorizou-se com "a expressão de abatida resignação em seus olhos. Feriu-me a alma de um jeito que ver seus corpos sofridos não fez". Em outubro, Wavell, então vice-rei da Índia, empregou, tardiamente, tropas para transportar mantimentos emergenciais. A partir de então, os esforços do governo para assistir a população aumentaram constantemente, mas ao menos um milhão, talvez até três milhões, de pessoas estavam mortas, e um imenso estrago político fora feito. Não havia dúvidas sobre as dificuldades logísticas que os britânicos enfrentaram para aliviar as

consequências do desastre natural enquanto travavam uma grande guerra, mas Churchill respondeu aos pedidos de ajuda de Wavell, cada vez mais urgentes e enérgicos, com uma insensibilidade brutal, que deixou uma cicatriz irreparável nas relações anglo-indianas.

Nehru escreveu, na prisão, em 18 de setembro de 1943: "As notícias de Bengala são assombrosas. Acostumamo-nos a qualquer coisa, a qualquer nível de sofrimento e de tristezas humanos (...) Mais e mais, sinto que por trás de todo o terrível desgoverno e incompetência há algo mais profundo (...) o colapso da estrutura econômica de Bengala."[25] E acrescentou, em 11 de novembro: "A fome em Bengala é o epitáfio definitivo do domínio e das realizações dos britânicos na Índia." Churchill recusou-se, teimosamente, a fazer concessões ao sentimento nacionalista, ignorando objeções dos americanos e dos chineses. Leo Amery horrorizou-se com os destemperos de Churchill: "Gabinete (...) [Winston] falou apenas bobagens, tratando Wavell como a um marqueteiro egoísta e desprezível e falando, então, do peso que a Índia representa para a defesa e que com prazer a entregaria ao presidente Roosevelt."[26]

No entanto, poucos britânicos, enquanto lutavam pela vida, incomodavam-se muito com demonstrações de antipatia dos indianos ou de repressão imperial. Animava-os saber que o vasto exército indiano, com seus quatro milhões de homens, continuava leal ao governo colonial. Divisões indianas contribuíram notavelmente nas campanhas na África Ocidental, no Iraque, no Norte da África e na Itália e desempenharam o papel principal nas lutas de 1944 e 1945 por Assam e pela Birmânia. A política britânica durante a guerra poderia ser declarada um sucesso, levando-se em conta que em 1944 e 1945 as desordens estavam quase completamente suprimidas e as greves e os atos de sabotagem rareavam. Porém, a posteridade é capaz de ver a ironia de que a Grã-Bretanha, enquanto lutava contra o Eixo em nome da liberdade, governava impiedosamente para manter o controle da Índia, sem consentimento popular, e adotava alguns métodos de totalitarismo.

O tratamento britânico, durante a guerra, às raças por eles subjugadas foi humano se considerados os padrões alemães ou japoneses; não houve execuções arbitrárias ou massacres em larga escala, mas a Índia não foi a única possessão imperial onde demandas emergenciais foram usadas para justificar negligência, crueldade e injustiça. Em 1943, a fome afligiu o Quênia, Tanganica e a Somalilândia britânica; em várias ocasiões, houve distúrbios provocados pela falta de alimento em Teerã, Beirute, Cairo e Damasco. Embora esses tumultos fossem provocados pelas circunstâncias da guerra, o poder imperial mostrava-se parcimonioso em distribuir recursos que aliviariam tais consequências. Embora o domínio britânico refletisse um autoritarismo mais moderado do que absoluto, não chegava a ser suficiente para promover o apoio — especialmente o apoio indiano — à manutenção da hegemonia imperial. O único argumento minimamente plausível para a defesa do controle exercido pela Grã-Bretanha na Índia durante a guerra é que o país era tão vasto, com potencial de turbulência tão grande, que a tolerância com as dissidências internas ameaçaria causar uma irrecuperável perda de controle, em benefício do Eixo. A experiência comum no campo de batalha forjou algum senso de camaradagem entre soldados britânicos e imperiais, fossem brancos, morenos ou negros. Contudo, a tensão da guerra, em vez de fortalecer os laços, como fingiam acreditar os jingoístas da Grã-Bretanha, afrouxou-os dramaticamente.

Os líderes da Grande Aliança descreviam a guerra como uma luta pela liberdade e contra a opressão, o bem contra o mal. No século XXI, poucas pessoas bem informadas,

mesmo nas antigas possessões coloniais, duvidam do mérito da causa aliada e da vantagem que a derrota do Eixo trouxe à humanidade. Mas parece essencial reconhecer que em muitas sociedades as lealdades eram confusas e ambíguas. Milhões de pessoas, no mundo inteiro, sem qualquer simpatia pelos regimes de Hitler, Mussolini ou Hirohito, sentiam pouco entusiasmo pelas potências dos Aliados, cuja visão de liberdade parecia, aos seus súditos coloniais, desaparecer nas portas de suas casas.

17
Frentes asiáticas

1 CHINA

Já em 1936 o correspondente americano Edgar Snow, admirador fervoroso e amigo de Mao Tsé-tung, escreveu: "No grande esforço para dominar os mercados e a riqueza continental da China, o Japão está destinado a quebrar seu pescoço imperial. Essa catástrofe ocorrerá não devido ao colapso econômico automático do Japão. Ocorrerá porque as condições de suserania que o Japão imporá à China se provarão humanamente intoleráveis, provocando, em pouco tempo, um esforço de resistência que assombrará o mundo."[1] Snow estava certo quanto ao resultado do imperialismo japonês, mas não quanto à eficácia militar da resistência chinesa. A estratégia dos Aliados no Extremo Oriente durante a guerra sofreu influência poderosa do desejo americano de fazer da China não apenas um protagonista, mas uma grande potência. Enormes recursos foram investidos no transporte aéreo de suprimentos da Índia para os americanos, sobretudo para os pilotos, que apoiavam o regime nacionalista de Chiang Kai-shek, "do outro lado da Corcova" do Himalaia depois que a conquista da Birmânia pelos japoneses interrompeu a ligação terrestre em 1942, e os Estados Unidos construíram aeródromos na China para usar seus bombardeiros.

Todos esses esforços se revelaram inúteis. A China continuou sendo uma sociedade caótica, pobre e profundamente dividida. Chiang gabava-se de ter um enorme exército no papel, mas seu regime e seus comandantes eram corruptos e incompetentes demais, e seus soldados, mal equipados e pouco motivados para fazer qualquer progresso significativo contra os japoneses. Dificuldades logísticas e operacionais estorvavam as missões da força aérea do exército americano que partiam da China. No norte, na província de Yennan, os comunistas de Mao Tsé-tung tinham grande influência, e professavam uma forte oposição aos japoneses. Mas a estratégia de Mao era dominada pelo desejo de se preparar para um confronto definitivo com Chiang após a guerra. Entre 1937 e 1942, tanto nacionalistas como comunistas infligiram baixas substanciais aos invasores — 181.647 mortos. Mas depois reconheceram a incapacidade de enfrentá-los em confrontos diretos, que exauriam seus parcos recursos sem grandes resultados. O historiador chinês Zhijia Shen escreveu num estudo sobre a província de Shandong: "A população local era muito mais influenciada por cálculos pragmáticos do que pela ideia de nacionalismo (...) Quando interesses nacionais e locais entravam em choque, não se hesitava em sacrificar os interesses nacionais."[2]

Embora Mao Tsé-tung tenha iludido alguns americanos a acreditarem que seus guerrilheiros eram combatentes eficazes, durante a maior parte do conflito ele manteve uma trégua tácita com os japoneses e, a rigor, tornou-se um parceiro secreto no comércio de ópio. Enquanto os nacionalistas registraram 3,2 milhões de baixas militares durante a ocupação japonesa, os comunistas reconheceram apenas 580 mil. Mais tarde, Chiang dedicou tanta energia militar para se defender de Mao quanto para combater os japoneses.

Fazendo caso omisso das próprias ambiguidades, ele dizia: “Os japoneses são uma doença da pele; os comunistas são uma doença do coração.”[3]

No entanto, a ocupação de metade da China constituiu uma extraordinária drenagem dos recursos de Tóquio e custou ao Japão 202.958 mortos entre 1941 e 1945, em comparação aos 208 mil soldados mortos contra os britânicos e aos 485.717 militares do exército e 414.879 da marinha perdidos em combate com os Estados Unidos. O país era vasto: ainda que a oposição organizada fosse fraca, grandes forças eram indispensáveis para fazer valer as reivindicações territoriais de Tóquio e para controlar uma população hostil e quase sempre faminta. No norte, o Exército Kwantung japonês controlava a Manchúria, o estado-fantoche de Manchukuo; seu Exército da Área do Norte da China tinha sede em Pequim; o quartel-general das Forças Expedicionárias da China Central ficava em Xangai. Nenhuma estimativa é confiável, mas parece razoável aceitar a cifra de quinze milhões de chineses mortos durante a guerra em consequência direta da ação militar japonesa, da fome ou de epidemias, algumas deliberadamente fomentadas por especialistas em guerra biológica da Unidade 731 do exército japonês.

Os japoneses foram os únicos a usar armas biológicas em larga escala durante a guerra.[4] A Unidade 731 na Manchúria operava sob o cognome supremamente cínico de Unidade de Proteção Epidêmica e Abastecimento de Água do Exército Kwantung. Milhares de chineses capturados foram assassinados em testes feitos na base da unidade, perto de Harbin, muitos submetidos a vivissecção sem o benefício de anestésicos. Algumas vítimas eram amarradas em estacas para que bombas de antraz fossem detonadas à sua volta. Mulheres eram infectadas com sífilis em laboratório; civis da região eram sequestrados e injetados com vírus fatais. Durante a guerra do Japão na China, germes de cólera, disenteria, peste e tifo foram disseminados, quase sempre pelo ar, às vezes com bombas de porcelana usadas para distribuir pulgas infestadas com doenças. Houve uma tentativa frustrada para empregar esses meios contra as forças americanas em Saipan, mas o navio que transportava os supostos insetos guerreiros foi afundado no trajeto.

É incontestável que os japoneses tenham tentado matar milhões de pessoas com armas biológicas; menos certo, porém, é até que ponto seus esforços tiveram êxito. Uma vasta quantidade de chineses morreu em epidemias entre 1936 e 1945, e a China moderna atribui a maioria dessas perdas a ações japonesas. Num sentido mais amplo, a acusação é justa, pois a privação e a fome foram consequências da agressão japonesa. Mas ainda não foi provado que operações da Unidade 731 tenham sido diretamente responsáveis. Por exemplo, mais de duzentas mil pessoas morreram durante a epidemia de cólera de 1942 em Yunnan. Os japoneses liberaram bactérias do cólera na província, mas muitas epidemias ocorreram onde eles não o fizeram. Era difícil, com a tecnologia disponível, espalhar doenças sob encomenda com armas biológicas lançadas do ar. Porém, mesmo que as façanhas genocidas japonesas tenham ficado aquém do que seus superiores desejavam, a responsabilidade moral do país é inegável.

Entre 1942 e 1944, grandes embates em campos de batalha na China foram raros, mas as forças japonesas realizaram frequentes expedições punitivas para suprimir dissensões ou recolher alimentos. Uma das mais ferozes ocorreu em maio de 1942, designada pelo alto-comando japonês como um ato de vingança pela incursão Doolittle, da força aérea do exército americano, em Tóquio. Mais de cem mil soldados foram despachados para as províncias de Chekiang e Kiangsi, com apoio da unidade de guerra química e biológica.

Até setembro, quando a missão foi considerada cumprida e as colunas se retiraram, 250 mil pessoas haviam sido mortas. Durante toda a guerra, Chonqing, capital de Chiang, era rotineiramente bombardeada por aviões japoneses, e incursões aéreas infligiram pesadas baixas civis em várias outras cidades.

Os arquivos do Serviço de Saúde do Ministério da Guerra japonês mostram que, em setembro de 1942, "mulheres de consolo" escravizadas atendiam soldados japoneses em cem postos no norte da China, 140 na China central, quarenta no sul, cem no Sudeste Asiático, dez no sudoeste do Pacífico e dez no sul de Sakhalin. As mulheres eram utilizadas na proporção de uma para cada quarenta soldados. Cerca de cem mil foram recrutadas pelo serviço centralizado, e muitas outras, obtidas localmente; os guerreiros de Hirohito recebiam preservativos com o rótulo "Assalto Nº 1", embora muitos não se dessem ao trabalho de usá-los. Os camponeses chineses chamavam os ocupantes japoneses de "*YaKe*", que significa "mudo", porque poucos se dignavam a aprender ou a falar chinês. "O tratamento *YaKe*" descrevia a perfuração das pernas de um homem ou de uma mulher com um bambu afiado, castigo costumeiro para supostas desobediências chinesas.

Uma das vítimas foi uma moça de dezenove anos, Lin Yajin, que, como muitas contemporâneas, carregou cicatrizes de *YaKe* pelo resto da vida. Era filha de camponeses na província de Hainan, numa família de seis irmãos, quando foi capturada por soldados japoneses em outubro de 1943. Eles a levaram para seu acampamento e a interrogaram superficialmente sobre atividades guerrilheiras locais. Ela chorou, aterrorizada, durante a primeira noite de cativeiro; na segunda noite, quatro homens entraram na cabana onde era mantida.

> Um deles era um intérprete, que me disse que os outros eram oficiais e saiu. Os três me estupraram. Como eu era virgem, senti muita dor e gritei muito alto. Quando me ouviram gritar, não disseram nada, apenas continuaram a me foder como animais. Durante dez noites, três, quatro ou cinco homens fizeram o mesmo. Em geral, enquanto um me estuprava, os outros olhavam e riam.
>
> Tentei fugir, mas era muito difícil. Mesmo quando íamos ao banheiro, um soldado nos vigiava — um bengali que não nos estuprava. Depois, levaram-me para outra aldeia, chamada Qingxun, a um quilômetro e meio de minha casa. Ali também vários soldados vinham todos os dias. Mesmo quando eu estava menstruada eles queriam me foder. Depois de um mês, adoeci. Meu rosto ficou amarelo, e o corpo todo inchou. Quando perceberam o que tinha acontecido — eu contraíra uma doença venérea —, os soldados japoneses acabaram me deixando ir embora. Descobri que meu pai também estava muito doente, e, um mês depois, ele morreu — minha família era tão pobre que não tínhamos dinheiro para pagar um médico. Minha mãe me tratou com ervas colhidas nos campos. Demorou muito tempo para curar minha doença. Aí já estávamos no verão de 1944. Quatro outras moças foram levadas para o acampamento japonês comigo, e em 1946 fiquei sabendo que todas tinham morrido de doenças venéreas. Mais tarde,

> quando os aldeões descobriram que eu fora estuprada pelos japoneses, também zombaram de mim e me bateram. Estou sozinha desde então.[5]

A história de Deng Yumin, de Xiangshui, no distrito de Baoting, foi parecida. Como muitas pessoas da minoria étnica Miao, à qual pertencia, ela foi recrutada para trabalhos forçados em 1940, vivendo num acampamento primeiro para plantar tabaco, depois para construir estradas. Um dia, o capataz lhe disse que fora escolhida para uma tarefa especial. Levaram-na para conhecer um oficial japonês, que ela pensou ter uns quarenta anos. Por meio de um intérprete,

> ele me disse que eu era uma moça bonita e queria que eu fosse sua amiga. Eu não tinha escolha, então balancei a cabeça concordando. Alguns dias depois, tarde da noite, o intérprete me levou para ver aquele oficial de novo e me deixou sozinha com ele. O nome dele era Songmu. Ele me pegou imediatamente nos braços e apalpou meu corpo. Defendi-me por instinto, mas nada pude fazer. Ele fez o que quis. Quando voltei para onde trabalhava, tive vergonha de contar às outras meninas o que tinha acontecido. Depois disso, ele me estuprava todos os dias. Eu era virgem, tinha quatorze anos. Ainda não havia começado a menstruar. Era muito doloroso.
>
> Foi assim por mais de dois meses. Um dia, o intérprete me levou para a casa de Songmu. Ele não estava. Vi dois oficiais que eu não conhecia. Quis sair e chamar o Sr. Songmu, mas um dos oficiais me segurou e fechou a porta. Disseram que queriam casar comigo. Quando resisti, bateram-me no rosto — um devia ter vinte anos e o outro, uns cinquenta. Os dois me estupraram. Contei ao Sr. Songmu o que havia acontecido. Ele simplesmente sorriu e disse que não tinha importância. Fiquei furiosa. Até aquele dia, eu tinha bons sentimentos por ele, mas passei a odiá-lo muito. Uma semana depois, o intérprete me chamou outra vez para ver o Sr. Songmu, mas eu disse que não queria vê-lo mais. Ele disse que, se eu me recusasse, os soldados me matariam, e matariam minha família e toda a aldeia. Por isso tive de ver o Sr. Songmu de novo, e depois disso não só ele, mas outros oficiais, estupravam-me com grande frequência. Uma vez, três oficiais chegaram, e um deles me segurou os braços e o outro, as pernas, enquanto o terceiro me estuprava, e todos riam loucamente. Foi assim até o fim da guerra.[6]

Se a conduta japonesa durante a vitória tinha sido bárbara, na derrota tornou-se progressivamente mais sanguinária. As principais vítimas de seus rompantes de violência na Ásia não foram os britânicos, australianos ou americanos, cujo orgulho e prestígio eram mais vulneráveis do que seus cidadãos, mas os nativos das sociedades sobre as quais Tóquio exerceu hegemonia, sobretudo a China. “Coisas terríveis foram feitas pelo

Japão na China”,[7] diz o escritor japonês moderno Kazutoshi Hando, mas muitos compatriotas seus ainda se recusam a reconhecer o fato.

Não apenas nacionalistas japoneses mas também alguns historiadores ocidentais atuais afirmam que os Estados Unidos provocaram a entrada do Japão na guerra em 1941. Eles sugerem que o conflito entre os dois países poderia ter sido evitado e propõem uma teoria da equivalência moral, segundo a qual a conduta dos japoneses durante a guerra não foi pior que a dos Aliados. Mas os japoneses promoveram uma guerra expansionista na China, massacrando incontáveis civis, por muitos anos antes de o presidente Roosevelt impor sanções econômicas. Um nacionalista japonês contemporâneo depois tentou justificar as políticas de seu país afirmando: “Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha vinham colonizando a China por muitos anos. A China era um país atrasado (...) achávamos que o Japão deveria ir lá e usar a tecnologia e a liderança japonesas para fazer da China um país melhor.”[8] A história mostra que a conduta dos japoneses foi totalmente egoísta e descaradamente bárbara. Mas um número suficiente continuou convencido da “missão civilizadora” de seu país e da legitimidade de suas reivindicações sobre um império no ultramar para que seu governo se opusesse implacavelmente a uma retirada, mesmo quando o Japão começou a perder a guerra e a pensar em negociar posições. Se o imperialismo europeu foi indiscutivelmente explorador, os japoneses alegaram direitos de saquear as sociedades asiáticas numa escala e de um modo inigualados por nenhum regime colonial.

O entusiasmo americano pelo regime nacionalista e pelo potencial da China como aliada persistiu até 1944, quando os japoneses lançaram sua última grande ofensiva convencional, a operação Ichigo. Seu objetivo era eliminar os aeródromos de bombardeiros americanos instalados na China e abrir uma rota terrestre para a Indochina. A operação expôs, de forma conclusiva, a impotência do exército de Chiang Kai-shek, cujas formações se dissolveram sob os ataques. Novas e vastas áreas da China central e meridional foram invadidas — quase sem perdas para os japoneses, mas decididamente não para os chineses. Mais uma vez, eles morreram aos milhares e às centenas de milhares, esmagados pelos exércitos em conflito. É notável que o Japão tenha lançado a operação Ichigo num momento da guerra em que tal iniciativa se tornara estrategicamente fútil; seu único feito significativo, além da matança, foi acabar com as ilusões de Washington sobre a China. Em 1945, os chefes de estado-maior dos Estados Unidos já haviam abandonado qualquer ideia de tomar Taiwan e usá-la como degrau para criar um perímetro no continente. Reconheceram que o país era incapaz de participar efetivamente da guerra. A China não passou de grande vítima, atrás apenas da Rússia na escala de sofrimentos e perdas, ao mesmo tempo que lhe foi negado o consolo de qualquer conquista militar redentora.

2 ATAQUES NA SELVA E PULOS DE ILHA EM ILHA

Na conferência de cúpula de janeiro de 1943, em Casablanca, os líderes dos Aliados Ocidentais reiteraram a prioridade de derrotar a Alemanha, mas concordaram em dedicar recursos suficientes à guerra contra o Japão para manter a iniciativa — os americanos se

comprometeram a atingir uma meta de 30% de seu esforço de guerra. Esse compromisso afetou a doutrina "Alemanha Primeiro" mais do que os chefes de estado-maior gostariam de admitir, mas refletia o imperativo criado pela opinião pública americana, muito mais empenhada na derrota do Japão do que na da Alemanha. Os comandantes americanos decidiram então que as limitações de recursos afastavam a possibilidade de um assalto imediato em Rabaul. A USAAF não queria sequer empregar bombardeiros de longo alcance numa grande ofensiva contra a principal base japonesa no sudoeste do Pacífico antes de 1944. Os chefes de estado-maior concordaram, portanto, que as forças aéreas dos Aliados buscariam objetivos mais modestos em 1943: avançar pelas ilhas Salomão até Bougainville, enquanto as forças de MacArthur se dirigiriam para a costa setentrional da Nova Guiné. Esta última era uma operação de responsabilidade exclusiva do exército americano e dos australianos, embora dependente de apoio naval.

A marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos eram definitivamente céticos quanto às operações no sudoeste do Pacífico, dedicadas, em última análise, à recaptura das Filipinas. Viam-nas mais como uma concessão ao ego de MacArthur do que como um caminho para a vitória. Os almirantes preferiam explorar o poderio naval e aéreo para arremeter através do Pacífico central pelas ilhas Marshall, Carolinas e Marianas, o caminho mais curto para o Japão. Foi uma medida da vasta riqueza dos Estados Unidos o fato de que, em vez de escolher apenas uma, o país tenha decidido seguir ambas as estratégias ao mesmo tempo. A partir de então, Nimitz e MacArthur conduziriam campanhas paralelas, mas distintas e implicitamente concorrentes.

Os britânicos, enquanto isso, voltaram-se uma vez mais para a Birmânia. Sua retirada terminara em maio de 1942. Em dezembro daquele ano, depois da paralisia sazonal imposta pelas monções, Wavell fez um primeiro esforço hesitante de revidar, empregando uma divisão indiana contra o porto de Akyab, em Arakan, região da Birmânia voltada para a baía de Bengala. Duas tentativas de assalto fracassaram, e também uma terceira contra Donbaik em março de 1943. O comandante britânico em campanha, tenente-general Noel Irwin, concedeu uma temerária entrevista coletiva na qual procurou explicar os reveses dos Aliados afirmando que, "no Japão, os soldados de infantaria são o *corps d'élite*",[1] enquanto os britânicos "colocam os piores homens na infantaria". Seriam necessários anos de treinamento, disse ele, para fazer os soldados indianos chegarem ao nível necessário para derrotar os japoneses. Censores dentre os Aliados abafaram seus comentários antes que fossem publicados, mas eles refletiam o derrotismo, a incompetência e a incoerência predominantes entre os comandantes britânicos no leste. Churchill disse, em memorando, aos seus chefes de estado-maior: "Não estou nem um pouco satisfeito com a maneira como a campanha indiana vem sendo conduzida. A fatal lassidão do oriente espalha-se por todos esses comandantes."[2]

Embora quatro milhões de soldados indianos tenham acabado pegando em armas pelos Aliados e recursos britânicos substanciais tenham sido empregados no subcontinente, os generais demoraram a retomar operações efetivas. Churchill esbravejava contra as imensas forças empregadas no noroeste da Índia em troca de resultados miseravelmente pífios; certa vez, descreveu o exército indiano como "um sistema gigantesco de assistência social", devido ao pequeno número de divisões de combate que fornecia. Cerca de 450 mil soldados, em sua maioria indianos, com algumas unidades britânicas, confrontaram trezentos mil japoneses que controlavam a Birmânia, mas pouco

de útil foi feito no sentido de preparar esse exército para a batalha.[3] O tenente Dominic Neill, dos gurcas — os amados mercenários nepaleses da Grã-Bretanha —, que chegou à Índia em 1943, disse: "Nem eu nem meus soldados gurcas recebemos qualquer treinamento tático até estarmos face a face com os japoneses."[4]

A única boa notícia vinda da Birmânia naquele ano foi gerada por uma operação ocorrida bem atrás da frente inimiga, envolvendo três mil soldados comandados pelo excêntrico, na verdade mentalmente instável, general-brigadeiro Orde Wingate. Seus "Chindits" obtiveram poucas conquistas de valor militar, ao custo de 30% de perdas, mas criaram uma lenda altamente útil de propaganda. Sua sobrevivência atrás das linhas inimigas, apesar de espantosos sofrimentos, foi usada para demonstrar que os soldados britânicos eram capazes de aguentar a luta na selva, noção que muita gente passara a questionar. Antes que as colunas de Chindits saíssem da Índia, Wingate deixou claro que nenhuma baixa poderia ser transportada e que, portanto, o sofrimento de homens gravemente feridos deveria ser encerrado. Essa política talvez tenha sido um ato de compaixão, considerando seu inevitável destino nas mãos dos japoneses, mas ficou demonstrado que para os soldados dos Aliados seria muito difícil pô-la em prática. Depois de um combate dos Chindits, o tenente gurca Harold James viu-se obrigado a cumprir as ordens de Wingate: "Eu tinha um ferido, despedaçado por tiros, sentindo muita dor e morrendo. Depois de me angustiar um pouco, dei-lhe uma dose letal de morfina (...) Os gurcas foram incríveis, eles simplesmente aceitaram (...) Para meu horror, encontrei outro gravemente ferido. Eu disse: 'Acabei de fazer isso.' George olhou para mim como se dissesse: 'Faça de novo.' Protestei. 'Por nada no mundo eu faria isso duas vezes'. E ele aplicou no cara uma dose mortal."[5]

Outro sobrevivente da investida dos Chindits em 1943, Dominic Neill, foi um dos que perceberam quão pouco a coluna conquistara, além de criar uma lenda de sofrimento e sacrifício. "Os jornais lá na Índia publicavam manchetes enormes sobre a expedição de Wingate. Não dava para acreditar em nossos próprios olhos. Não tínhamos conquistado absolutamente nada, fôramos expulsos pelos japas de novo. A publicidade era obra das autoridades no quartel-general em Déli, tentando se apegar a qualquer coisa depois da derrota em 1942, seguida pela desastrosa campanha de Arakan em 1942 e 1943."[6] Mas Churchill ficou animado com as façanhas dos Chindits, que pareciam oferecer honroso contraste em relação à inércia que se difundira pelo exército principal na Índia.

Em agosto de 1943, os japoneses realizaram um golpe útil de propaganda ao declarar a Birmânia um país independente. De início, muitos birmaneses ficaram encantados, e o êxito com que os japoneses repeliram as ofensivas da Grã-Bretanha em Aykab aumentou seu entusiasmo. Mas, como ocorreu em outros países, a arrogância, a crueldade e a exploração econômica das forças de ocupação aos poucos indispuseram os súditos. Por mais ansiosos que os birmaneses estivessem para se livrar do domínio britânico, expulsar os japoneses tornou-se uma preocupação mais premente. Na primeira metade da guerra asiática, só os moradores das colinas ajudaram as forças britânicas. Em 1944, os japoneses enfrentavam o ódio dos habitantes das cidades birmanesas, além da atividade guerrilheira das tribos.

A cada ano, as monções de outono foram tão eficazes para pôr fim à temporada de campanhas na fronteira indiano-birmanesa quanto a primavera na Rússia. Assim sendo,

como as forças britânicas e indianas não fizeram progresso em Arakan, 1943 passou sem qualquer avanço significativo na frente da Birmânia. Churchill teve de se contentar em usar as formações indianas para auxiliar as campanhas dos Aliados no Norte da África e na Itália. Detratores do exército indiano afirmaram então, e ainda afirmam, que a reputação romântica foi muito mais alta do que o desempenho justificaria. Algumas unidades, especialmente os gurcas, demonstraram habilidade, coragem e tenacidade. Outras não. O esforço imperial britânico contra os japoneses estava sempre abaixo do empregado pelos Estados Unidos.

• • •

No entanto, mesmo no Pacífico, até que recursos maciços chegassem ao teatro de operações em 1944, houve longas pausas entre iniciativas americanas consecutivas. Em junho de 1943, MacArthur e o comandante do sudoeste do Pacífico, almirante William Halsey, começaram suas novas campanhas na Nova Guiné e nas ilhas Salomão. A captura de Nova Geórgia custou-lhes um mês de combates acirrados. Depois, Halsey, pulando por várias ilhas defendidas pelos japoneses, desembarcou 4.600 homens em Vella Lavella. Em dezembro, os americanos tinham assegurado posições em Bougainville e capturado o cabo Gloucester, no extremo ocidental da Nova Bretanha. Até janeiro de 1944, uma grande ofensiva aérea contra Rabaul tornara a base quase inútil para navios e aeronaves japoneses. A guarnição de cem mil homens perdeu sua relevância estratégica; como não teriam como ser deslocadas para lugar algum, as tropas poderiam ser deixadas de lado sem problemas.

A expansão da marinha americana possibilitou uma crescente concentração de contingentes no Pacífico ao longo de 1943. Quatro imensos porta-aviões da classe Essex e cinco porta-aviões ligeiros constituíam o núcleo de ágeis forças-tarefa, que incluíam encouraçados e cruzadores para bombardeios em terra, contratorpedeiros para ampliar o alcance dos radares e escoltas antissubmarino. Uma vasta frota de navios-tanque e de suprimentos permitia que os navios de combate sustentassem até setenta dias de operações contínuas, o que ia muito além da capacidade da Marinha Real. Havia também porta-aviões de escolta para apoiar as frotas anfíbias, centenas de lanchas torpedeiras para missões perto da costa, além de navios de manutenção e navios-hospital. Embora essas embarcações fossem guarnecidas sobretudo por homens de terra firme sem experiência prévia no alto-mar, oficiais e tripulantes demonstraram habilidades de navegação, competência de tiro e conhecimentos náuticos que sobrepujavam completamente a destreza de seus inimigos. O acentuado declínio do desempenho operacional da Frota Combinada japonesa, do alto profissionalismo em dezembro de 1941 para a vacilante inépcia um ou dois anos depois, foi um dos fenômenos mais estranhos e notáveis da guerra.

Os pilotos japoneses que se aproximaram o suficiente para ver uma força-tarefa americana abaixo ficavam espantados com o tamanho, que cobria centenas de quilômetros quadrados de oceano. Nos dois últimos anos da guerra, a marinha americana projetou um poderio de longo alcance que o mundo nunca tinha visto, e ficou maior do que as marinhas de todos os combatentes reunidas. Elementos substanciais dessa frota foram empregados em apoio às operações de assalto às ilhas, que dominaram a última fase da guerra no oriente. A ofensiva de Nimitz no Pacífico central começou em novembro de

1943, com desembarques no minúsculo atol de Tarawa, nas ilhas Gilbert. Não havia margem para estratégias de simulação, porque os únicos objetivos verossímeis para assaltos americanos eram um punhado de bases aéreas nas ilhas. A marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos avançavam de um pé de apoio para o seguinte, sabendo que os japoneses haviam se preparado fortificando todos eles.

A armada do almirante Raymond Spruance em Gilbert incluía dezenove porta-aviões, doze encouraçados e seus navios de apoio, além de uma força de invasão de 35 mil fuzileiros navais e seis mil viaturas. Os americanos que se achavam no mar naquele dia, contemplando o espetáculo do poderio de seu país, sentiram-se invencíveis. Aeronaves dos porta-aviões americanos destroçaram todos os campos de aviação japoneses com bombas e tiros de canhão; antes dos desembarques, os canhões de grosso calibre de Spruance bombardearam a ilha durante três horas, despejando três mil toneladas de granadas. Mas a experiência que se seguiu provou-se uma das mais amargas para o Corpo de Fuzileiros Navais na guerra. Em Betio, a ilhota principal, com menos de três quilômetros de comprimento e setecentos metros de largura, os japoneses haviam construído casamatas feitas de concreto, de aço e de palmeiras, quase impenetráveis a bombas e projéteis. O fuzileiro naval Karl Albrecht ficou espantado ao ver a praia quando sua embarcação se aproximava: “Estava cheia de viaturas anfíbias alinhadas, e todas pareciam estar pegando fogo e soltando fumaça (...) O ataque parecia ter se transformado em confusão. Fiquei aterrorizado e impressionado ao mesmo tempo. Éramos americanos e invencíveis. Tínhamos uma frota gigantesca de navios de guerra e uma divisão de fuzileiros navais. Como aquilo podia acontecer? Descobri que os fuzileiros navais ao longo da praia não estavam deitados, aguardando ordens para seguir. Estavam mortos.”[7]

Um largo recife próximo à costa detinha os barcos de assalto, então milhares de fuzileiros navais foram obrigados a vadear as últimas centenas de metros até a praia, com atroz lentidão, sob fogo japonês. Um piloto da marinha, que viu a cena, disse depois: “A água nunca parecia livre de homens minúsculos, com seus fuzis sobre a cabeça, avançando devagar em direção à praia. Tive vontade de chorar.”[8] Seguiram-se quatro dias de luta, entre palmeiras destruídas e defesas habilmente camufladas. Quando os tiros cessaram, os fuzileiros navais haviam sofrido 3.407 baixas e quase todos os 4.500 defensores japoneses estavam mortos — foram capturados apenas dezessete prisioneiros. Todos os participantes ficaram chocados com a intensidade da batalha. Foi uma experiência dolorosa para o povo americano e para os fuzileiros navais descobrir o esforço que era preciso para derrotar uma defesa disposta ao sacrifício. A presunção nacional, a doutrina da excepcionalidade americana, foi confrontada pela revelação de que um inimigo primitivo era capaz de resistir a um poder de fogo avassalador e de que no caminho para a vitória o combate corpo a corpo e seus sacrifícios eram inevitáveis. Apesar das importantes lições táticas aprendidas em Tarawa, a mesma experiência da infantaria seria repetida em batalhas posteriores nas ilhas. De um ponto de vista global, e especialmente russo, as perdas dos Estados Unidos foram pequenas em face dos relevantes ganhos estratégicos, mas pareciam terríveis quando os troféus eram meros atóis de coral e palmeiras.

Nada poderia alterar os princípios da campanha: para derrotar o Japão, as forças americanas precisariam tomar as bases aéreas e navais muito bem defendidas no Pacífico. Nenhuma aplicação de tecnologia e de potência de fogo superiores evitaria a necessidade

de que soldados e fuzileiros navais americanos expusessem o corpo a um adversário habilidoso e obstinado. Mesmo àquela altura, quando estava claro que os Aliados venceriam a guerra, o empenho do Japão continuava inabalável. A estratégia adotada pelos japoneses consistia em extrair o mais alto preço em sangue americano para cada pequeno ganho, com o objetivo de corroer sua determinação e convencê-los a negociar. Argumenta-se frequentemente que só os militaristas japoneses insistiam em continuar a guerra, mas os generais contavam com o poderoso respaldo de políticos conservadores, de muitos nacionalistas ardorosos, e do imperador. Em novembro de 1943, na primeira conferência da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia, em Tóquio, Hirohito foi advertido de que as ilhas Salomão estavam prestes a cair em mãos inimigas. Sua reação foi aguilhoar os generais: “Não há nenhum lugar onde possamos atacar os Estados Unidos? Quando e onde vocês vão lutar para valer? E quando travarão uma batalha decisiva?”

A repugnância cultural sustentou o ódio que caracterizou a conduta dos Aliados na guerra na Ásia. A selvageria do Japão em relação aos prisioneiros e aos povos subjugados já era bastante conhecida e geralmente retribuída à altura. A disposição japonesa para lutar até a morte, ao invés de se render, mesmo em circunstâncias tática ou até estrategicamente perdidas, causava repulsa às tropas dos Aliados. Os soldados americanos e britânicos estavam imbuídos da tradição histórica europeia, segundo a qual a resposta honrada e civilizada à derrota iminente consistia em abandonar a luta, evitando inútil derramamento de sangue. Os americanos no Pacífico, como os soldados britânicos na Birmânia, sentiam raiva de um inimigo que rejeitava essa lógica civilizada. Os japoneses, impiedosos na vitória, agora se mostravam decididos a abater toda vida humana que encontrassem em sua inexorável descida rumo à derrota.

Os Aliados, se enfrentassem o inimigo num amplo terreno, onde houvesse margem para manobras motorizadas, teriam alcançado a vitória muito mais depressa: a esmagadora superioridade americana em tanques, artilharia e poderio aéreo teria destroçado o exército relativamente primitivo do Japão, como fizeram os russos na Manchúria em agosto de 1945. Porém, a longa série de batalhas no Pacífico, minúsculas em escala pelos padrões europeus, permitiu que os japoneses explorassem sua capacidade de defesa e sua coragem para o sacrifício sem ficar em excessiva desvantagem por falta de artilharia ou de cobertura aérea. Eles se sobressaíam no que dizia respeito a camuflagem e hostilização — “táticas de enervamento”. Mesmo nos anos de derrota do Japão, seus soldados mantiveram notável domínio psicológico do campo de batalha. O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos era, provavelmente, a melhor força americana de combate no terreno, à exceção das divisões aeroterrestres do exército, e realizou importantes feitos no Pacífico, mas os americanos nunca se igualaram às habilidades dos oponentes, ou mesmo às dos russos, como combatentes noturnos. Quanto mais urbana e “civilizada” for a sociedade, mais difícil será treinar seus soldados para que se adaptem ao modo de vida imposto pela luta de infantaria em meio à natureza bruta. Quanto mais alto o nível tecnológico num ramo da guerra, mais enfática era a excelência americana: os pilotos de porta-aviões, por exemplo, não tinham superiores. Porém, camponeses costumam se transformar nos combatentes mais estoicos.

• • •

Quando passaram a operar a partir de Tarawa, os aviões americanos logo destruíram o poderio aéreo japonês em todas as ilhas Marshall. No começo de fevereiro de 1944, os fuzileiros navais foram agradavelmente surpreendidos pela facilidade com que capturaram os atóis de Majuro, Kwajalein e Roi-Namur, um triunfo pessoal de Nimitz, que contrariou a opinião de todos os seus subordinados e insistiu em atacar as ilhas Marshall centrais em vez das bem defendidas ilhas no extremo leste. Depois tomaram Eniwetok, no extremo noroeste da cadeia das ilhas Marshall, enquanto aeronaves dos porta-aviões de Spruance arrasavam a principal base japonesa de Truk, nas Carolinas. A velocidade desses êxitos permitiu a Nimitz adiantar o cronograma da fase seguinte de sua campanha, marcando um ataque às Marianas para junho de 1944, em vez de setembro.

Um poderoso elemento competitivo passou a fazer parte da conduta americana do conflito. MacArthur teve medo de que a campanha da Nova Guiné ficasse isolada e acelerou suas operações. Suas tropas capturaram as ilhas Admiralty três meses antes do previsto, cercando Rabaul e forçando os japoneses a recuar para a costa setentrional da Nova Guiné. Em abril de 1944, ele realizou seu mais ousado e dramático golpe na guerra, capturando Hollandia, na Nova Guiné holandesa, contornando quarenta mil soldados japoneses e repelindo em junho um forte contra-ataque nipônico ao longo do rio Driniumor. Suas forças também conquistaram a península de Vogelkop, no extremo oeste da Nova Guiné, juntamente com a vizinha ilha de Biak, que se tornou uma importante base aérea.

Há um argumento convincente, proposto pela marinha americana na época e por muitos historiadores desde então, de que a campanha de MacArthur tornou-se redundante no fim de 1943; que o único objetivo de sua amarga e sangrenta campanha subsequente nas Filipinas foi satisfazer a ambição pessoal de seu comandante, ao custo da vida de muitos filipinos e de milhares de americanos. O domínio dos Estados Unidos no ar e no mar tornara-se tão vasto que as forças japonesas no sudoeste do Pacífico eram incapazes de transportar tropas para ameaçar os objetivos estratégicos dos Aliados. No fim de 1943, submarinos americanos, com decisiva contribuição para a vitória, começaram a causar estragos nas linhas de suprimentos do Japão com seu império excessivamente estendido. Muitas guarnições nas ilhas japonesas sofriam escassez tanto de armas e de munição quanto de alimentos.

No entanto, é característico de todas as guerras, especialmente do maior conflito na história humana, que eventos e personalidades ganhem impulso próprio. MacArthur existia. Ostentava um título grandioso, e fora exaltado pela propaganda até se tornar o mais famoso chefe militar americano. Sua máquina de relações-públicas era o setor mais eficiente de seu quartel-general. Embora, assim como a maioria dos líderes militares do país, Roosevelt e seus aliados o julgassem um charlatão, quando uma consulta popular realizada em 1945 perguntou aos americanos quem consideravam seu maior general, 43% escolheram MacArthur, contra 31% para Eisenhower, 17% para Patton e 1% para Marshall. O comandante supremo do sudoeste do Pacífico tinha mais presença física, força de vontade e autoridade pessoal do que os chefes de estado-maior dos Estados Unidos.[9] Apesar de nunca ter recebido os recursos imensos que exigira, MacArthur exercia suficiente influência política e moral para sustentar sua campanha e perseguir seus objetivos pessoais. Racionalmente, os Estados Unidos poderiam ter suspendido suas operações terrestres contra o Japão em 1944, quando as ilhas Marianas foram asseguradas.

De suas bases aéreas, os bombardeiros Superfortaleza da USAAF seriam capazes de reduzir a cinzas a pátria inimiga. Junto com o bloqueio naval, que causou severos danos à indústria e principalmente ao suprimento de petróleo do Japão, bombardeios aéreos irresistíveis tornaram inevitável a capitulação japonesa. As últimas campanhas sangrentas dos Estados Unidos nas ilhas em 1944 e 1945, como o tardio avanço britânico pelo interior da Birmânia, pouco fizeram para acelerar o resultado da guerra.

Mas esse ponto de vista é privilégio da posteridade. Na época, seria impensável — salvo para os aviadores ferozmente ambiciosos de mostrar que poderiam por conta própria derrotar o Japão — suspender operações terrestres. O Corpo de Fuzileiros Navais e as divisões do exército posicionadas no Pacífico esperavam continuar lutando, assim como seus comandantes e toda a nação americana. Quando grandes povos se dedicam ao negócio de matar, há uma sombria inevitabilidade na maneira como continuam a fazê-lo até que seus inimigos estejam prostrados. Na primavera de 1944, os japoneses ainda estavam longe de reconhecer a derrota.

18
Itália: grandes esperanças, frutos amargos

1 SICÍLIA

Em setembro de 1939, sabichões na Grã-Bretanha diziam: "Os generais aprenderam sua lição na última guerra. Não haverá grandes massacres." Evelyn Waugh respondeu ao comentário com característica impertinência: "Como a vitória é possível sem grandes matanças?" A pergunta, apesar de maldosa, era inteiramente apropriada. Para vencer a Alemanha nazista, era indispensável que seus inimigos destruíssem a Wehrmacht. Foi uma sorte extrema para os Aliados que os russos, e não eles, pagassem quase toda a "conta do açougue", respondendo por 95% das baixas das três maiores potências da Grande Aliança. Em 1940 e 1941, somente o Império Britânico enfrentou Hitler. Depois, os Estados Unidos foram responsáveis pela contribuição material dominante para a derrota da Alemanha, fornecendo ajuda à Rússia e à Grã-Bretanha em proporções espetaculares a partir de 1943 e criando grandes frotas aéreas e navais. A ofensiva anglo-americana com bombardeiros teve impacto cada vez maior sobre a Alemanha. Os exércitos dos Aliados, porém, ao adiarem um desembarque maciço no continente até 1944, restringiram-se a um papel marginal. Os russos mataram mais de 4,5 milhões de soldados alemães enquanto as forças terrestres e aéreas americanas e britânicas foram responsáveis por apenas quinhentas mil mortes. Esses números enfatizam a disparidade entre as respectivas contribuições no campo de batalha.

Para que tivessem papel decisivo na guerra terrestre contra a Alemanha, os soldados de Churchill e de Roosevelt precisariam desembarcar no continente europeu em pelo menos quarenta divisões, provavelmente mais, em 1943, antes que os russos alcançassem suas grandes vitórias. Esses exércitos não existiam, dados o tempo de treinamento e a escala de equipamentos que líderes militares americanos e britânicos julgavam essenciais. Igualmente importante, faltavam meios para transportar tal força até o continente e mantê-la suprida. A Luftwaffe continuou relativamente poderosa: sua provação começou no ano seguinte, nas mãos dos caças Mustang da USAAF que sobrevoaram a Alemanha. O domínio aliado do espaço aéreo francês, absoluto em 1944, teria sido contestado se o desembarque ocorresse antes.

Os americanos estavam dispostos a arriscar desembarcar um pequeno exército na França em 1943, ou mesmo em 1942. Os britânicos, que precisariam fornecer a maior parte dos soldados, não concordavam. Eles julgavam, provavelmente com razão, que, a não ser que empregassem uma força esmagadora, sofreriam outro desastre, tão doloroso quanto os ocorridos nos primeiros anos de guerra. Ainda que uma campanha continental em 1943 se mostrasse sustentável, ela teria custado centenas de milhares de baixas a mais do que aquelas sofridas pelos exércitos anglo-americanos em 1944 e 1945, uma vez que enfrentariam forças alemãs muito mais poderosas do que aquelas posicionadas na Normandia no Dia D, depois de mais um ano de desgastes na Frente Oriental.

As amplidões marítimas que separavam os Aliados do Ocidente e a Europa ocupada constituíam um desafio para as forças de invasão, que precisariam atravessá-las, mas também protegiam os anglo-americanos de interferências alemãs. Roosevelt e Churchill desfrutaram do luxo da escolha — negado ao Exército Vermelho, que enfrentava continuamente os exércitos de Hitler. O capitão Pavel Kovalenko estava entre os muitos russos amargurados com a suposta pusilanimidade dos Aliados, que ignoravam convenientemente o deplorável papel desempenhado pela União Soviética entre 1939 e junho de 1941. Kovalenko escreveu, no front, em 26 de março de 1943: "Winston Churchill fez um discurso pelo rádio, [dizendo]: 'Posso imaginar que em algum momento do ano que vem, ou possivelmente do ano seguinte, alcançaremos a derrota de Hitler.' O que se pode esperar desses 'aliados' desgraçados? Vigaristas, canalhas. Querem juntar-se à luta quando o resultado estiver decidido."

Churchill, consciente desses sentimentos, mandou um memorando aos seus chefes de estado-maior em março de 1943: "Em toda parte, os britânicos e os americanos sobrecarregam seus planos operacionais com tantos fatores de segurança que se tornam incapazes de executar qualquer tipo de guerra agressiva. Pelos próximos seis ou oito meses, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos estarão brincando com meia dúzia de divisões alemãs [no Norte da África e na Sicília]. Essa é a posição a que estamos reduzidos e que os senhores devem se empenhar aplicadamente para corrigir." Contudo, os britânicos e os americanos consideravam impossível lançar uma grande investida terrestre na Europa em 1943; em vez disso, optaram por operações limitadas contra o flanco meridional do Eixo. Em Casablanca, a delegação de Churchill assegurara a anuência americana para um desembarque na Sicília, esperado para o começo do verão. Muita ênfase foi dada, também, a *Pointblank*, uma ofensiva combinada de bombardeiros, destinada a abrir caminho para a invasão da França. Em maio, quando aconteceu a reunião de cúpula seguinte, em Washington, a demora no encerramento do conflito no Norte da África empurrou para julho a data prescrita para a Sicília. Os chefes de estado-maior americanos continuavam insatisfeitos com a ideia de desviar forças da possível campanha francesa, mas, em Washington, reconheceram que nenhum desembarque no noroeste da Europa poderia ser realizado naquele ano. A seu ver, os britânicos usavam a escassez de transporte marítimo como desculpa para escapar ao compromisso de uma invasão à França, ideia de que não gostavam. A cautela britânica era verdadeira, mas a questão do transporte também era. Seria intolerável que os exércitos aliados ficassem parados na Inglaterra até o verão seguinte; nesse ínterim, a Itália era o único objetivo plausível.

Os Aliados sabiam quão desesperadamente muitos italianos desejavam escapar da guerra. Iris Origo, escritor nascido nos Estados Unidos que ocupava um castelo no sul da Toscana, escreveu em abril: "Uma mudança marcante ocorreu na opinião pública. O ressentimento e o desânimo que seguiram o desembarque dos Aliados no Norte da África e o bombardeio de cidades italianas deram lugar a uma apatia desesperada (...) Todos dizem abertamente: 'Foi o fascismo que nos trouxe a esse ponto.'" Era óbvio que a Itália logo deixaria o conflito. Os britânicos presumiram que, quando isso acontecesse, a maior parte do país cairia em mãos aliadas: informações Ultra indicavam que os alemães não pretendiam montar uma grande campanha no sul da península, mas apenas sustentar uma linha nas montanhas no norte do país. Aqui se encontra um bom exemplo dos perigos de se ter uma visão privilegiada das cartas que o inimigo tem nas mãos. Os Aliados achavam

que sabiam o que se passava na cabeça de Hitler, mas ele com frequência mudava de ideia e redistribuía as cartas.

Churchill e seus generais estavam certos, portanto, quanto a ser essencial atacar o território italiano, o único campo de batalha onde forças terrestres anglo-americanos poderiam combater os alemães em 1943, mas estavam inexplicavelmente mal informados sobre os problemas geográficos, táticos, políticos e econômicos que encontrariam. Subestimaram as dificuldades de avançar por um território montanhoso lutando contra uma defesa hábil e obstinada. Esperavam que a Itália servisse como trampolim para uma ofensiva antecipada contra o flanco meridional da Alemanha. "O Mediterrâneo", afirmaram os chefes de estado-maior britânicos em Washington, "oferece-nos oportunidades, que talvez sejam decisivas, para combater no próximo outono (...) Deveremos ter todas as chances de vencer o Eixo e levar a guerra a uma conclusão bem-sucedida em maio de 1944."

Os americanos concordaram com o compromisso italiano, sob a condição de que, com a chegada do outono, várias divisões seriam retiradas, reposicionadas na Grã-Bretanha e preparadas para o Dia D. Ainda em 27 de julho de 1943, o Comitê Conjunto de Inteligência Britânico previu, corretamente, uma iminente rendição italiana, mas enganou-se ao supor que as forças de Hitler recuariam para os Alpes Marítimos e para posições que cobrissem Veneza e o Tirol. Os chefes de estado-maior de Churchill foram mais cautelosos, prevendo algum reforço alemão na Itália, mas as operações aliadas contra o país de Mussolini foram lançadas entre promessas britânicas de que tudo seria muito fácil — as quais, depois de desmentidas pelos acontecimentos, causaram ressentimento duradouro entre os americanos.

Em 10 de julho, uma frota de 2.590 navios de guerra e de transporte começou o desembarque de 180 mil soldados na costa da Sicília, sob o comando do general Sir Harold Alexander. Os britânicos desembarcaram no leste, e os americanos, no sudoeste. Ventos fortes prejudicaram a parte aérea do planejamento, levando muitos planadores a cair no mar — 69 dos 147 que decolaram da Tunísia perderam-se, 252 paraquedistas britânicos se afogaram e apenas doze aterrissaram sem problemas nas zonas determinadas. Disparos afobados da artilharia antiaérea aliada causaram mais baixas entre os aviões de transporte. Quatro divisões italianas ofereceram pouca resistência nas praias, para sorte dos invasores, uma vez que muitos deles foram deixados nos lugares errados. Até mesmo alguns dos alemães demonstraram pouco apetite para a luta: um paraquedista americano que aterrissou, impotente e sozinho, no meio de suas unidades espantou-se quando três soldados inimigos se aproximaram. O líder disse, num inglês impecável: "Nós nos rendemos. Há três anos e oito meses lutamos por toda a Europa, na Rússia e no Norte da África. É tempo demais em qualquer exército. Estamos fartos."

A defesa foi estorvada pelo fato de que, embora o general Albert Kesselring estivesse no comando na Itália, Mussolini insistira para que um italiano, o general Alfredo Guzzoni, controlasse as forças do Eixo na Sicília, responsabilidade para a qual estava lamentavelmente despreparado para assumir. Contudo, a maior parte dos soldados das duas formações alemãs na ilha, logo reforçadas por elementos de uma terceira, lançou-se à batalha com a determinação costumeira. O paraquedista da Luftwaffe Martin Poppel escreveu em 14 de julho, depois que sua unidade capturou os primeiros prisioneiros, soldados britânicos aerotransportados: "Em minha opinião, seu ânimo não é muito bom. Tendem a se render assim que encontram a mais leve resistência, como nenhum de

nossos homens faria.” E acrescentou, após uma semana de combate: “Os Tommies obviamente pensaram que seu fogo de artilharia ontem forçou nossa retirada e chegaram, pela manhã, com três caminhões cheios de soldados de infantaria. Atrelados atrás, canhões anticarro de 3,7 e 5,7 centímetros. Obviamente não conhecem nossos paraquedistas e não aprenderam com as experiências de ontem. Tudo estava quieto. Meus rapazes deixaram a escolta de motocicletas passar e atacaram somente quando os caminhões estavam quase ao seu lado. Em questão de segundos, o primeiro caminhão pegou fogo, com Tommies saltando como podiam. No fim, contamos quinze mortos e fizemos onze prisioneiros. À noite, buscamos os canhões anticarro — que fortalecerão consideravelmente nossas posições.” Poppel elogiou apenas a artilharia britânica, que despertou o respeito dos alemães durante toda a guerra. “É preciso admitir que o Tommy posiciona seus observadores avançados com grande velocidade e que sua artilharia dispara muito rápido.”

Os alemães sofreram não apenas com os canhões aliados, mas também com ataques aéreos. Descobriram que seus enormes tanques Tigre, de sessenta toneladas, embora fossem armas formidáveis, eram inadequados para o terreno acidentado da Sicília: contra-ataques do Eixo, principalmente contra as cabeças de praia americanas, eram facilmente repelidos. A fanfarronada de Martin Poppel sobre o desempenho de sua unidade não deve esconder o fato de que outra divisão da Luftwaffe, a Hermann Göring, provou-se a mais inepta formação alemã na ilha. Seu comandante, o general Paul Conrath, escreveu furioso em 12 de julho: “Passei pela amarga experiência de assistir, nos últimos dias, a cenas indignas de um soldado alemão (...) Homens correndo para a retaguarda e gritando histericamente porque ouviram um tiro disparado em algum ponto da paisagem (...) O ‘pânico de tanques’ e o espalhar de boatos devem ser punidos com as medidas mais severas. Recuo por conta própria e covardia devem ser resolvidos no ato, se necessário a tiros.” Os alemães ficavam irados com numerosos relatos sobre oficiais italianos que abandonavam seus homens.

Soldados italianos afluíam às linhas aliadas para se render “com ânimo festivo”, como descreveu um americano, “carregando objetos pessoais pendurados no corpo, enchendo o ar com gargalhadas e canções”. Um tenente escreveu para casa: “Esses italianos são uma raça estranha. Vocês pensariam que somos seus redentores, não seus captores.” Alguns americanos reagiram brutalmente a tamanha docilidade: em dois incidentes separados, em 14 de julho, um oficial e um sargento da 45ª Divisão dos Estados Unidos assassinaram grandes grupos de italianos a sangue-frio. Um deles, o sargento Horace West, que matou 37 homens com uma submetralhadora Thompson, foi condenado por uma corte marcial, mas perdoado posteriormente. O outro, o capitão John Compton, organizou um pelotão de fuzilamento que massacrou 36 prisioneiros italianos. Compton foi julgado e absolvido em corte marcial e, mais tarde, morreu em combate. Patton, cuja ética militar espelhava aquela de muitos comandantes nazistas, escreveu que, “em minha opinião, essas matanças foram totalmente justificadas”. Concordava com a instalação de cortes marciais somente sob pressão. Informações sobre os dois incidentes foram suprimidas porque Eisenhower temia represálias do Eixo contra os prisioneiros. Se os alemães fossem responsáveis, eles teriam sido indiciados por crimes de guerra em 1945 e provavelmente executados.

> O panorama era magnífico. Quarenta e cinco quilômetros ao norte, dominando o horizonte, estava a imensa, brumosa massa cônica do monte Etna, coberta de neve, com seus três mil metros de altitude (...) Junto à costa, a cidade de Catânia era vagamente visível, tremulando no calor. Tudo constituiria um quadro de grande beleza e tranquilidade, não fosse pelo estrondo das bombas, com seus rastros de fumaça preta, explodindo perto do rio. A realidade era que à nossa frente, escondidos em trincheiras e valas e abrigados atrás de edifícios ou de qualquer proteção que pudessem encontrar, dois exércitos confrontavam-se num conflito mortal.

Uma unidade aeroterrestre britânica tomou intacta a ponte de Primosole, apenas para que contra-ataques a forçassem a recuar quando a munição acabou. Paraquedistas da Luftwaffe, então, ofereceram uma firme defesa da ponte contra assaltos caracterizados pela lentidão, pela falta de imaginação e por falhas das comunicações. Uma deficiência do exército britânico ao longo da guerra foi a má qualidade de seus aparelhos de rádio, óbvia durante as operações em Primosole. Os alemães tinham rádios melhores, vantagem significativa no campo de batalha. O diferencial foi mais acentuado na Frente Oriental, onde em 1941 e 1942 a maioria dos aviões e tanques russos simplesmente não dispunha de rádios; mesmo em 1943, somente os tanques dos comandantes das subunidades eram equipados. As fracas comunicações britânicas contribuíram para o desastre nas campanhas na França, em 1940, e em Creta, em 1941. Já em setembro de 1944, as falhas das ligações por rádio entre a Primeira Divisão Aeroterrestre contribuíram significativamente para sua derrota em Arnhem e representaram uma desgraça profissional para o exército britânico. A RAF empregou, entre 1942 e 1945, algumas das tecnologias eletrônicas mais avançadas do mundo, mas os rádios militares terrestres britânicos continuavam pouco confiáveis, numa fraqueza que, por vezes, influenciou o curso das batalhas, como ocorreu na Sicília.

Em Primosole, dois batalhões do Regimento de Infantaria Ligeira Durham sofreram quinhentas baixas. A coordenação entre tanques e infantaria foi fraca, e dois canhões alemães de 88 milímetros destruíram uma sucessão de tanques Sherman que avançava por terreno aberto. Mais tarde, alguns atacantes incluiriam a luta entre as mais sangrentas da guerra. Ainda assim, os alemães mantiveram o terreno com um contingente combatente improvisado, formado principalmente por mais engenheiros e pessoal de comunicações do que por soldados de infantaria. Permanece um mistério o que levou Montgomery, confrontado por forte resistência, a não desbordar o flanco dos defensores enviando tropas pelo mar para Catânia. A ponte de Primosole foi tomada, mas o avanço fora seriamente retardado.

Alexander limitou a missão dos americanos à simples proteção do flanco britânico. Em consequência, negaram-lhes a oportunidade de avançar em direção norte, atravessando a ilha, e a possibilidade de capturar uma divisão Panzer que se retirava para o leste. Patton, perdendo a paciência com esse papel restrito, enviou um corpo às pressas para Palermo, no noroeste. Ele chegou à cidade em 22 de julho, fazendo muitos italianos prisioneiros, mas sua arremetida desconcertou Kesselring, por ser estrategicamente fútil. A aquiescência de Alexander a essa arremetida americana em direção oposta às principais

forças alemãs demonstrou sua usual falta de entendimento da situação. Era óbvio, para qualquer oficial judicioso, que a campanha seria decidida no leste, não no oeste da Sicília. Porém, enquanto os soldados aliados seguiam seus caminhos errantes pela ilha, apenas os adversários demonstravam clareza de propósitos.

Os alemães foram prejudicados, entretanto, pela escassez de munição e de suprimentos e pela atuação abjeta de seus aliados. O general Conrath escreveu, indignado: "Os italianos praticamente nunca combateram, e supõe-se que também não lutarão no continente. Muitas unidades na Sicília, lideradas por seus oficiais ou por conta própria, partiram sem disparar um único tiro (...) Noventa por cento do exército italiano é covarde e não quer lutar." A presteza dos soldados italianos para abandonar a luta pouco ajudou seu país: na Sicília, começou sua longa agonia. Enquanto as cidades, uma após outra, transformavam-se em campos de batalha, castigadas por bombas e por granadas, o povo de Mussolini, cansado da guerra, sofria terrivelmente. Troina, a oeste do monte Etna, tornou-se o foco de dias de combates acirrados. Um correspondente descreveu o cenário na cidade após ser capturada pelos americanos: "Uma mulher velha e fantasmagórica deitada entre os rebocos e madeiras estilhaçados (...) estendeu-nos as mãos, encarou-nos com olhos vazios e gemeu como o vento correndo entre os pinheiros. Prosseguimos até a igreja. A luz passava por um buraco no telhado. Embaixo, uma bomba de quinhentas libras que não explodiu repousava no chão. Alguns soldados americanos sussurraram aos meus ouvidos: 'Meu Deus, foi milagre' (...) No gabinete do prefeito, encontramos os poucos feridos que nossos soldados conseguiram retirar dos escombros. Num banco de madeira, estava deitada a magra figura de uma menina de aproximadamente dez anos. Os cabelos negros estavam sujos com pó cinzento de gesso. Uma das pernas estava completamente enrolada em ataduras (...) Nas duas mãos, segurava o biscoito que um soldado lhe dera. Ela não se mexia, apenas fitava o teto."

• • •

Em 25 de julho, em Roma, o rei Vitor Emanuel e o marechal Pietro Badoglio planejaram a prisão de Mussolini. O primeiro líder fascista da Europa pouco protestou contra o próprio declínio. Estava desanimado, resignara-se à derrota e parecia essencialmente preocupado em salvar sua pele. O ex-Duce passou as semanas seguintes de cativeiro em ilhas e, em seguida, numa estação de esqui nos Apeninos, comendo quantidades prodigiosas de uvas, lendo sobre a vida de Cristo e assistindo à missa pela primeira vez desde a infância. É duvidoso que tenha apreciado o "resgate" de Otto Skorzeny pelos comandos nazistas em 12 de setembro. Embora restaurado um poder de fachada em seu nome no norte da Itália, ele sabia que seu jogo terminara. Assim como Hitler, que havia meses procurava um líder alternativo para os fascistas da Itália. Ele reinstalou Mussolini no posto apenas porque não conseguiu encontrar um substituto.

A queda do Duce provocou um momento de euforia entre os Aliados e seus simpatizantes ao redor do mundo. Muitas pessoas toleravam a vida durante a guerra porque eram sustentadas por injeções espasmódicas de esperança. Entre vitórias locais ou notícias sobre mudanças no regime, experimentavam patéticas ondas de animação ou de alívio. Victor Klemperer, o diarista judeu de Dresden que se apegava a uma precária liberdade, registrou muitas ocasiões como marcos da iminente derrota da Alemanha. Em

27 de julho de 1943, regozijou-se com o destino de Mussolini: “Agora o fim está à vista — talvez mais seis ou oito semanas! Apostamos nosso dinheiro numa ditadura militar [na Alemanha].” Um colega judeu partilhava sua euforia, falando sobre o lugar onde trabalhava — “Já não precisamos comparecer pela manhã” — e especulando se Hitler sobreviveria mais um mês. Tais momentos de otimismo febril e equivocado bastavam para sustentar um pouco mais as pessoas em ambos os lados do conflito em suas tristezas e privações, evitando o desespero.

A reviravolta política em Roma convenceu Hitler de que a Sicília precisava ser evacuada. Os alemães recuaram para o leste em ordem, travando uma série de combates destinados a ganhar tempo. O artilheiro de tanque Erich Dressler, horrorizado com a destruição de sua unidade e com a inferioridade de recursos dos defensores, não conseguia entender a lentidão dos Aliados: “Com mais determinação, os Tommies poderiam ter acabado com o restante de nós (...) Pensei: acabou. Mas, por uma razão ou por outra, eles pararam.” Na noite de 11 de agosto, as forças alemãs iniciaram sua travessia pelo estreito de Messina, com quase 3,5 quilômetros de largura, rumo à Itália continental. Embora informações Ultra indicassem a intenção do inimigo, nem as forças aéreas dos Aliados nem a Marinha Real intervieram com eficácia para impedir que o Eixo retirasse quarenta mil soldados alemães e 62 mil soldados italianos, assim como a maior parte de seus tanques, veículos e suprimentos. Foi um fracasso espantoso. Um oficial naval alemão, o barão Gustav von Liebenstein, organizou uma evacuação descrita por alguns como uma Dunquerque em miniatura; foi indiscutivelmente mais bem-sucedida, porque as três divisões alemãs chegaram ao continente em plena ordem de combate. Os americanos entraram no porto de Messina no final de 16 de agosto, pouco à frente dos britânicos. O comandante alemão, general Hans Hube, completou sua retirada da ilha na manhã seguinte.

A campanha siciliana ensinou lições dolorosas aos anglo-americanos. Operações anfíbias e aéreas relacionadas foram pouco planejadas e desastradamente executadas. Faltou coordenação entre forças aéreas e terrestres. Se as tropas italianas houvessem lutado com a determinação dos alemães, os invasores teriam sido empurrados de volta para o mar. Os americanos desanimaram-se com a falta de pulso de Alexander, desprezaram a lentidão de Montgomery e aborreceram-se com o aparente desejo de seus aliados por relegarem todos a um papel subordinado. Os britânicos, por sua vez, exasperaram-se com a relutância dos comandantes americanos, especialmente Patton, em seguirem os planos combinados. Cada um criticou o desempenho em combate das tropas do outro. Ambos consideraram difícil vencer defensores que dominavam os terrenos altos e as poucas estradas da ilha. Os alemães prepararam emboscadas e realizaram demolições magistrais, numa amostra antecipada das táticas que usariam na Itália continental nos dois anos seguintes. Os invasores não conseguiram explorar seu poderio marítimo para contornar resistências e simplesmente conduziram uma série de árduos encontros.

Cinquenta mil alemães contiveram quinhentos mil soldados dos Aliados por cinco semanas. Os invasores exageraram os perigos representados por tanques Tigre, por morteiros Nebelwerfer, por metralhadoras Spandau e pelo fogo de artilharia, as dificuldades de atacar em terrenos íngremes, o calor, a malária e as baixas provocadas pela exaustão, mas ficou claro que, embora a esmagadora superioridade aliada se houvesse imposto em algum momento, os soldados da Wehrmacht lutaram de forma mais

convincente do que seus inimigos anglo-americanos. Repetidas vezes, as forças aliadas se mostraram incapazes — como fariam novamente no noroeste da Europa — de traduzir conquistas de terreno em destruição das forças inimigas. Alguns alemães tanto se admiraram com sua própria fuga e com o fracasso aliado em lançar uma operação anfíbia na Calábria para isolá-los que alimentaram uma fantástica teoria de que Alexander aquiescera à sua retirada por razões políticas.

No verão de 1943, a campanha siciliana foi a única operação terrestre significativa lançada pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha contra os alemães, envolvendo oito divisões aliadas ao custo de seis mil mortos. Na mesma estação, quatro milhões de homens travaram combates ao redor de Kursk e de Orel, onde quinhentos mil russos pereceram. Alguns civis alemães, desesperados para que a guerra terminasse, lamentavam a lentidão do avanço aliado. Mathilde Wolff-Monckeburg escreveu em 14 de agosto: "Esperamos e esperamos que as coisas andem ainda mais depressa." Há explicações para o modesto avanço das unidades aliadas em 1943, mas é fácil perceber por que os russos o encaravam com tamanho desprezo. Assim também encararam outros participantes. O tenente-coronel Lionel Wigram, um dos oficiais mais enérgicos e criativos do exército britânico, apresentou um relatório em que analisava falhas que observara em primeira mão. Ele criticou os ataques frontais ensaiados, a excessiva dependência em relação à artilharia e a recusa a explorar a infiltração para operar atrás dos defensores em território fechado, e insistia para que cada batalhão se livrasse daqueles vinte e tantos soldados que invariavelmente fugiam quando em combate. E concluía: "Os alemães, em certo sentido, obtiveram êxito decisivo na SICÍLIA. Conseguiram evacuar suas forças quase intactas, com pouquíssimas perdas (...) Infligiram-nos pesadas baixas. Como resultado, ficamos todos bastante irritados." Essa avaliação audaciosamente franca chegou aos ouvidos de Montgomery: ofendido em sua vaidade, ele tirou Wigram do comando do batalhão. Nenhuma atenção foi dada às severas e justas críticas do coronel.

Admiradores dos exércitos britânico e americano afirmam que o respeito pela defesa alemã na Sicília, como por tantas outras conquistas do Eixo em campos de batalha, não pode mascarar seu fracasso final. As forças de Kesselring foram expulsas da ilha. Perderam. Isso é importante e verdadeiro. Está entre os temas deste livro mostrar que a Wehrmacht travou muitas batalhas de maneira brilhante, mas que a Alemanha guerreou muito mal. Ainda assim, repetidos insucessos anglo-americanos em seu esforço para derrotar os exércitos de Hitler, apesar dos êxitos em expulsá-los de territórios ocupados, fizeram com que o Exército Vermelho se mantivesse até 1945, como já ocorria desde 1941, o principal motor de destruição do nazismo.

2 A ESTRADA PARA ROMA

O assalto aliado à Itália continental começou em 3 de setembro, quando canadenses do VIII Exército desembarcaram na Calábria sem encontrar resistência; Kesselring, no comando da defesa alemã, decidira travar sua primeira batalha ao norte. Cinco dias depois, em 8 de setembro, enquanto os líderes aliados se reuniam para uma reunião de cúpula em Quebec, o governo do marechal Badoglio em Roma anunciava a rendição da Itália, renovando o otimismo sobre um rápido avanço península acima. No dia 9, o V

Exército, do tenente-general Mark Clark, desembarcou em Salerno, numa das ações cruciais da guerra no Ocidente, mas não da forma como os invasores imaginaram. Os Rangers do coronel Bill Darby tiveram êxito na extrema esquerda da linha aliada, tomando conta dos balneários da costa amalfitana e assegurando o passo de Chiunzi, com vista para Nápoles na distância, mas os alemães se posicionaram rapidamente em todas as outras partes para enfrentar os invasores e lançaram uma série de violentos contra-ataques. Um corpo americano e um corpo britânico de Clark viram-se encurralados em quatro pequenas cabeças de praia sob intenso tiroteio.

Em 13 de setembro, as forças de Kesselring abriram uma brecha entre elementos americanos e britânicos que deixou suas divisões Panzer a menos de dois quilômetros do mar. A frota anfíbia posicionada na costa sofreu ataques intensos da Luftwaffe, que utilizava novas bombas planadoras guiadas por rádio. Clark entrou em pânico e propôs reembarcar o exército. Embora Eisenhower e Alexander tenham prevalecido, o caos predominou na cabeça de praia durante horas, especialmente após anoitecer. "Acreditando que nossas posições foram infiltradas pela infantaria alemã, [soldados americanos] começaram a atirar uns contra os outros", escreveu uma testemunha ocular britânica, "e ouviram-se gritos arrepiantes dos homens atingidos pelas balas. Agachamo-nos em nossas trincheiras, sob as folhas róseas e agitadas das oliveiras, e vimos os tiros se aproximarem, e a noite passou lentamente (...) A história oficial, no devido tempo, embelezará essa parte do combate em Salerno com a dignidade que puder. O que vimos foi inépcia e covardia, do comando para baixo, que resultaram em caos."

O tenente Michael Howard, do Regimento Coldstream Guards, escreveu: "Projéteis zuniam suavemente sobre nossas cabeças como almas penadas. Gemiam, gemiam e gemiam." Algumas unidades britânicas, assim como americanas, comportaram-se de forma lamentável : a história oficial do Regimento de Guardas Escocesas reconheceu "uma sensação geral, no ar, de outra Dunquerque". Somente um intenso bombardeio naval, castigando a linha de frente alemã, evitou o desastre. "Pelo amor de Deus, Mike", disse Eisenhower
ao comandante do 4º Corpo de Exército americano, major-general Mike Dawley, poucas horas antes que fosse substituído e mandado para casa como coronel, "como conseguiu ferrar tanto suas tropas?" O tenente Peter Moore, do Regimento de Leicestershire, escreveu:

> Durante a noite, os alemães posicionaram morteiros e metralhadoras Spandau para cobrir todo o perímetro. O primeiro sinal do bombardeio iminente foi o conhecido *tum*, *tum*, *tum*, *tum*, *tum*, *tum* dos rojões de morteiros sendo deslizados pelo cano e disparados. Aguardamos, tensos, e, em segundos, vieram os *ush-bang*, *ush-bang*, *ush-bang* das bombas explodindo entre nós. Ao mesmo tempo, as metralhadoras entraram em ação, com barulhos prolongados de disparos rápidos sobre nossas cabeças, destroçando as videiras. Os morteiros eram muitos precisos, e, em pouco tempo, havia muitos feridos e alguns mortos entre nós. Era muito difícil ajudar os feridos, devido à intensidade dos tiros de metralhadora. Disparamos nossos fuzis e metralhadoras Bren para dar cobertura enquanto

eles rastejavam ou eram arrastados para uma caverna que encontramos. A troca de tiros prosseguiu durante o dia todo. Eu me colocara num estado de resignação. Não via como sustentaríamos um ataque prolongado e só esperava que meu destino, qualquer que fosse, chegasse rapidamente. Carregava sempre comigo o Livro de Orações do Exército e sentia um conforto e um consolo enormes lendo as preces matinais e noturnas, os cantos litúrgicos, os salmos e as orações tão familiares.

Após dias de combates intensos, o contra-ataque de Kesselring foi repelido. "Nos primeiros vestígios cinzentos de luminosidade, enterramos os alemães", escreveu Michael Howard. "Foram os primeiros cadáveres com os quais lidei: bonecos encolhidos e patéticos, deitados, tesos e retorcidos, com olhos azuis vidrados. Nenhum deles teria mais de vinte anos, e alguns eram pouco mais do que crianças. Com horrível desleixo, jogamos os corpos em suas próprias trincheiras e amontoamos a terra. A cena continua gravada na minha memória: os coveiros recurvados, apressados, os corpos esparramados com seus olhos mortos na luz fria de um amanhecer que sugava toda a cor da cena, deixando apenas os tons pesarosos de negro e cinza. Quando terminamos o serviço, cravamos seus fuzis e baionetas sobre os túmulos e voltamos rapidamente para nossos abrigos. Foi uma cena digna de Goya."

Mais uma vez, o poder de fogo aliado virara a balança. "As pesadas barragens navais foram especialmente desagradáveis", comentou um oficial alemão. Cada movimento das forças de Kesselring era respondido com uma tempestade de projéteis e ataques aéreos. Se os soldados aliados ficaram horrorizados com Salerno, a Wehrmacht pouco apreciou a experiência. "Ali tivemos nossa primeira amostra do que realmente significava força material superior", disse o artilheiro de Panzer Erich Dressler, em tom melancólico. "Primeiro, vieram os bombardeiros que voavam baixo, em formação tão cerrada que não se conseguia distinguir as esquadrilhas individuais, enquanto a artilharia e os morteiros nos bombardeavam por horas a fio." Repetidas vezes, os tanques Panzer arremeteram e foram contidos. As baixas sofridas por Kesselring na batalha totalizaram apenas 3.500, com 630 mortos, contra 5.500 baixas britânicas e 3.500 americanas, mas aos alemães faltava potência de combate para chegar ao mar. Eles estropiaram os invasores, como aconteceria em Anzio e na Normandia, mas não conseguiram expulsá-los, diante do apoio arrasador da artilharia e da aviação.

O inexpressivo desempenho aliado contra forças menores do Eixo teve, de qualquer maneira, influência decisiva na campanha subsequente. Kesselring começou uma retirada para o norte, mas Salerno o convenceu de que as habilidades da Wehrmacht poderiam sustentar um longo combate protelatório na península italiana, terreno ideal para a defesa. Hitler concordou e desistiu de seu plano anterior sobre uma retirada estratégica para as montanhas setentrionais. O assalto aliado no Mediterrâneo fora bem-sucedido a ponto de convencer o Führer a retirar dezesseis divisões da Frente Oriental para reforçar Kesselring. Contudo, o cenário estava preparado para dezoito longos meses de lutas lentas e onerosas num dos terrenos mais difíceis da Europa. "Os Tommies precisarão mastigar cada centímetro de caminho para chegarem a nós", escreveu um paraquedista

alemão numa carta inacabada, encontrada junto com seu cadáver em Salerno, "e certamente faremos com que seja muito difícil nos mastigar."

Kesselring dedicou-se a conduzir uma série de batalhas defensivas, dolorosamente repetitivas para os Aliados. A cada etapa, bombardeavam e canhoneavam as posições alemãs durante dias antes que sua própria infantaria avançasse rumo ao fogo de metralhadoras, artilharia e morteiros. Após dias ou semanas de desgaste, os alemães realizavam uma retirada deliberada para uma nova linha nas montanhas ou no rio, protegida pela demolição de pontes, de ligações ferroviárias e de estradas de acesso. Tudo que tivesse valor para a população civil ou para os Aliados era saqueado ou destruído. Estimou-se que 92% de todas as ovelhas e vacas no sul da Itália, junto com 86% das aves, foram levadas ou mortas pelo exército em retirada. Com a perversidade que com tanta frequência caracterizou o comportamento alemão, os soldados de Kesselring destruíram grande parte da herança cultural de Nápoles ao abandonarem a cidade, incendiando bibliotecas medievais inteiras, inclusive os cinquenta mil volumes da universidade. Bombas de ação retardada foram armadas em edifícios importantes, onde infligiram baixas severas após a libertação da cidade. Alguns soldados aliados não se comportaram melhor do que seus inimigos, danificando artefatos inestimáveis.

Churchill continuava aferrado à crença – a rigor, à obsessão – de que uma grande campanha na Itália poderia abrir o caminho para a Alemanha. Os americanos, porém, decidiram que novas operações no Mediterrâneo somente renderiam frutos amargos; com alguns bons aeródromos assegurados, eles procuraram desviar forças o mais rapidamente possível para a invasão da França, e, sem dúvida, estavam corretos. O entusiasmo britânico por uma estratégia no sul foi justificado em 1942 e 1943, mas perdeu credibilidade à medida que o ataque através do Canal se aproximava e as dificuldades em conseguir um verdadeiro avanço na Itália se tornavam óbvias. As forças aliadas precisavam continuar ali para ocupar os alemães que, de outra forma, lutariam na França ou na Rússia, mas nenhuma vitória importante era possível, certamente não para comandantes com habilidades tão modestas como Alexander ou Clark.

Até o final de setembro, treze divisões dos Aliados enfrentaram sete divisões alemãs, enquanto outras onze formações de Kesselring controlavam o território atrás do front, empregando os métodos mais brutais onde quer que os guerrilheiros tentassem contestar seu domínio. Durante os meses de outono, os Aliados abriram caminho lentamente pelo sul da Itália, encontrando a cada curva demolições, emboscadas, travessias fluviais defendidas com teimosia e terrenos acidentados. "Se a 'libertação' da Itália continuar nesse ritmo", escreveu acerbamente, em outubro, a condessa Iris Origo, em território ocupado, "sobrará pouco a ser libertado; distrito por distrito, os alemães deixam atrás de si terras desoladas." A "linha Gustav", ao longo dos rios Garigliano e Sangro, foi disputada por semanas, durante as quais tempestades torrenciais reduziram o campo de batalha a um lamaçal. "Acho que não conseguiremos resultados espetaculares enquanto continuar chovendo", informou Montgomery a Brooke pouco antes de entregar o comando do VIII Exército e voltar à Inglaterra para dirigir a invasão à Normandia. "Toda a região torna-se um mar de lama e nada sobre rodas consegue mover-se fora das estradas."

O moral desmoronou. "A Itália quebraria suas costas, seus ossos e quase seu ânimo", escreveu o historiador americano Rick Atkinson. "Todos os caminhos levam a Roma," disse Alexander, melancólico, "mas todos os caminhos estão minados." Armadilhas com explosivos e minas antipessoais cobravam um pedágio constante em baixas. "Os pés dos

soldados são geralmente atingidos no tornozelo", observou um médico do exército americano, "o que deixa o pé estraçalhado preso apenas por tendões lacerados. Outros ferimentos que perfuram as pernas e a virilha agravam a agonia." Evacuar baixas nas montanhas era um pesadelo, sendo necessários quatro homens para carregar cada padiola. Os alemães criavam obstáculos imaginativos: ao norte do Sangro, derrubaram uma fileira de choupos, à beira de uma estrada, numa extensão de oitocentos metros. Para passar com seus blindados, os Aliados precisaram usar escavadeiras, removendo uma árvore por hora.

As lembranças que grande parte dos homens guardou da campanha foram dominadas não pelo sol e pelas belezas naturais que a imaginação popular atribui à Itália, mas pelo horror das condições hibernais. "O terreno que se estende por cinquenta metros é LAMA — com quinze centímetros de profundidade, brilhante, pegajosa e retendo bolsões de água", escreveu o oficial de artilharia John Guest em carta para casa. "Grandes escavações na lama, formando alpes minúsculos, indicam onde outras tendas foram armadas na lama e transferidas, por causa da lama, para outros lugares na lama. A experiência psicológica e cumulativa da lama (...) é indescritível. Veículos arrastam-se pela estrada em marcha lenta. Cada lado (...) é um banco de lama, que chega às coxas. Os lados (...) desmoronam frequentemente, e os caminhões imensos, como animais pré-históricos cansados, escorregam inapelavelmente para as valas (...) Meus soldados colocam-se nos ninhos de metralhadora, batendo os pés no chão molhado, com a cabeça enfiada na gola do sobretudo. Quando falam, reviram os olhos, porque, ao levantar a cabeça, esfriam o pescoço. Todos andam com os braços estendidos, o que ajuda a manter o equilíbrio." Em novembro, o soldado canadense Farley Mowat escreveu, na Itália, para um amigo na Grã-Bretanha: "Odeio desiludi-lo sobre o clima, mas deve ser o pior em todo o mundo. Ou frita seu saco no verão ou congela-o no inverno. Entre uma coisa e outra, apodrece-o com chuvas intermináveis. Só me sinto confortável no meu saco de dormir, usando roupas de combate feitas de lã e enterrado sob meia dúzia de cobertores extras."

O comandante de batalhão americano tenente-coronel Jack Toffey, herói da campanha italiana, meditou sobre como desenvolver os instintos homicidas de seus soldados e instilar-lhes a vontade tigrina de atracar-se com o inimigo, que, por si só, poderia vencer batalhas: "Nossos rapazes não são profissionais, e é preciso condicioná-los a gostar de matar." Até novembro, mais de metade dos soldados que Toffey conduzira para terra firme estava morta ou ferida. Outro americano comparou a luta na Itália a "subir uma escada enquanto o adversário pisa em suas mãos a cada degrau". O pintor e combatente George Biddle escreveu: "Eu gostaria que as pessoas em casa, em vez de pensarem em seus filhos como astros do futebol americano, pensassem neles como mineiros presos no subsolo ou sufocados num incêndio no décimo andar (...) sentindo frio, molhados, famintos, saudosos de casa e amedrontados."

Em 1º de dezembro, havia dezessete divisões aliadas posicionadas contra treze alemãs. Os invasores tinham apoio aéreo esmagador, mas sua serventia foi limitada no clima de inverno contra defensores profundamente entrincheirados nas montanhas. Nas quatro batalhas de Monte Cassino, oitenta quilômetros ao sul de Roma, entre janeiro e maio de 1944, bombardeios destruíram um dos grandes mosteiros medievais da Europa sem impulsionar significativamente o avanço terrestre. Os exércitos aliados, que àquela altura compreendiam uma notável conglomeração de tropas britânicas, americanas, francesas, neozelandesas, polonesas, canadenses e indianas, demonstraram coragem e força moral

em condições parecidas com as vividas na Frente Oriental ou em Flandres durante a Primeira Guerra Mundial, mas seus sacrifícios pouco renderam. A liderança fraca e a má coordenação dos ataques, junto à habilidade dos alemães e ao terreno intratável, provocaram o fracasso de um assalto depois do outro. O general Alphonse Juin, da França, foi o único comandante aliado a sair das campanhas nas montanhas com a reputação fortalecida: marechal que voluntariamente se rebaixara de patente para combater na Itália, Juin estava muito mais preparado para dirigir operações do que Alexander ou Clark.

As ambulâncias americanas de campanha receberam elogios calorosos, resgatando baixas hora após hora, dia após dia, sob fogo contínuo. A viatura de um motorista foi atirada numa vala por uma bomba que explodiu por perto; depois disso, ele prosseguiu a pé e salvou quatro feridos indianos, um por um, "sob uma chuva de balas (...) Dia e noite, e sem parar um momento se necessário, aqueles rapazes americanos seguiam em frente. Podia-se sempre confiar que chegariam, por mais espinhosa que fosse a situação". O 1º Batalhão do 2º Regimento de Fuzileiros Gurcas liderou um dos muitos ataques a Cassino. "As companhias avançadas caíram numa armadilha mortal. A vegetação espinhosa fora semeada com minas antipessoais, e os arredores estavam cheios de fios de tropeço ligados a armadilhas explosivas. Atrás dessa barreira letal, tropas de assalto esperavam em postos de metralhadora separados por quarenta metros. Entre esses ninhos, covas abrigavam atiradores de metralhadora e lançadores de bombas inimigos. Uma chuva de granadas arqueava-se na noite (...) Os pelotões de vanguarda arrojavam-se entre os arbustos e eram destruídos até quase não sobrar ninguém. O coronel Showers caiu, atingido no estômago. Dois terços da companhia avançada foram abatidos em cinco minutos, mas os sobreviventes continuaram a forçar um avanço. Fuzileiros foram encontrados com até quatro fios detonadores enrolados nas pernas. Naik Birbahadur Thapa, embora ferido em muitos lugares, conseguiu progredir em meio aos arbustos e tomar uma posição (...) O padioleiro Sherbadur Thapa fez dezesseis viagens através desse terreno letal antes de ser morto. Um punhado de homens ilesos combateu até receber ordem para recuar. Sete oficiais britânicos, quatro oficiais gurcas e 138 outros soldados haviam tombado." Em seis semanas, a 4ª Divisão Indiana sofreu mais de quatro mil baixas. Seus próprios oficiais admitiram que, como formação de combate, ela nunca mais foi a mesma.

Os ânimos não eram melhores no outro lado. "Sinto que muito será escrito sobre essas batalhas", escreveu o sargento Franco Busatti, membro de uma unidade fascista pioneira ainda servindo junto aos alemães, "e estou curioso para conhecer as respostas do amanhã para o 'porquê' de hoje." Arrastado pela retirada do exército de Kesselring, admirou-se com o contraste entre soldados italianos, cronicamente desordenados, e os alemães, organizados mesmo na derrota. "A guerra será vencida pelos alemães ou pelos ingleses e americanos", escreveu ele, de maneira fatalista. "Os italianos são irrelevantes." Como muitos compatriotas, Busatti, em algum momento, decidiu que não devia lealdade a nenhum dos lados: desertando do campo de batalha, refugiou-se com a família em sua casa em Città di Castello até o fim da guerra.

Para os Aliados, porém, havia um imperativo férreo para renovar o assalto. O capitão Henry Waskow, texano de 25 anos, conduziu sua desfalcada companhia num ataque noturno contra uma das inúmeras posições alemãs na montanha, conhecida apenas como Cota 730, na noite enluarada de 14 de dezembro de 1943. "Não seria este um lugar horrível

para morrer e congelar na montanha?", murmurou com ironia para seu mensageiro. Sentiu um desejo súbito por torradas. "Quando voltarmos para os Estados Unidos, vou comprar uma daquelas torradeiras espertas, onde a gente bota o pão e ele salta." Poucos segundos depois, foi mortalmente ferido por um estilhaço de granada quando os alemães localizaram o avanço dos americanos. Waskow deixou uma carta para a família, como muitos jovens: "Eu gostaria de ter vivido, mas, como Deus não quis assim, não se lamentem demais, meus queridos, pois a vida no outro mundo deve ser linda, e tive isso em mente o tempo todo (...) Terei feito minha parte para tornar o mundo melhor (...) Talvez, quando as luzes voltarem a se acender no mundo inteiro, os povos livres possam ser felizes e alegres novamente (...) Se fracassei como líder, e peço a Deus que não, não foi porque não tentei." Foi somente porque tantos jovens em tantos países partilhavam o mesmo compromisso obstinado de fazer "a coisa certa", segundo definição de todas as sociedades beligerantes, que a guerra pôde ser levada adiante.

• • •

A principal vítima da campanha foi a população da Itália. Se Benito Mussolini houvesse preservado a neutralidade italiana em 1940, é possível que mantivesse sua ditadura por muitos anos, como o general Franco, na Espanha, que presidiu mais assassinatos em massa do que o Duce, mas que, ainda assim, foi recebido como membro da Otan. É improvável que Hitler invadisse a Itália simplesmente por Mussolini se apegar à condição de não beligerante; o país não tinha nada que a Alemanha nazista valorizasse além das paisagens. Do modo que se deu, porém, entre 1943 e 1945, as consequências catastróficas da adesão ao Eixo desabaram sobre a Itália. Durante muitos meses, mesmo antes da rendição de Badoglio, seus compatriotas viam-se não como beligerantes, mas como vítimas impotentes de Hitler. Iris Origo escreveu em seu diário: "É (...) necessário (...) perceber quão generalizada é a convicção, entre os italianos, de que a guerra foi uma calamidade imposta pelas forças alemãs — e, em nenhum sentido, resultado da vontade do povo italiano, que, portanto, não pode ser responsabilizado." Se esse sentimento refletia ingenuidade, não deixava de ser, no entanto, generalizado.

A derrubada de Mussolini, em vez de estancar o sangue derramado e livrar a Itália para abraçar os Aliados, expôs o país à devastação nas mãos dos dois exércitos em guerra. Em 13 de outubro, o novo governo declarou guerra à Alemanha. A opinião de muitos italianos sobre a mudança de lealdades de seu país, e sobre os alemães, foi expressa numa carta escrita por um homem dois dias depois: "Não lutarei em nenhum dos lados — nem contra eles, uma vez que fomos culpados de *traição*, embora os considere detestáveis." Observou Origo: "A grande massa dos italianos *tira a campare* — simplesmente vai levando." Emanuele Artom, membro de um grupo de resistência intelectual judaico-turinense, escreveu: "Metade da Itália é alemã, metade é inglesa, e já não existe uma Itália italiana. Há aqueles que tiraram a farda para fugir dos alemães, há aqueles que se preocupam com a forma com que se sustentarão, e, enfim, há aqueles que anunciam que estamos no momento da escolha, de ir à guerra contra um novo inimigo." Artom foi capturado, torturado e executado no ano seguinte.

A repressão nazista e o medo da deportação para trabalhos forçados na Alemanha provocaram um crescimento dramático da atividade guerrilheira, especialmente no norte

da Itália. Jovens partiam para as montanhas e viviam quase como bandidos: no fim da guerra, cerca de 150 mil italianos participavam da luta armada como guerrilheiros. Divisões políticas causaram outros combates entre facções, especialmente entre monarquistas e comunistas. Alguns fascistas continuaram a lutar com os alemães enquanto os Aliados formavam divisões italianas para reforçar os sobrecarregados exércitos anglo-americanos. Poucos desses recrutas demonstraram entusiasmo: quando uma bateria de artilharia italiana que lutava com os Aliados foi inspecionada pelo filho do rei, o príncipe herdeiro Umberto, o artilheiro Eugenio Corti viu-se tomado de pena do visitante real, "líder de um povo habilidoso em encontrar bodes expiatórios para a própria covardia" e unido apenas num desejo desesperado de que todos os beligerantes deixassem seu litoral.

Em junho de 1944, em meio à euforia do avanço para Roma, Alexander fez um infeliz apelo radiofônico aos guerrilheiros italianos, convocando-os a rebelar-se contra os alemães. Em consequência, muitas comunidades sofreram repressão selvagem quando a penetração dos Aliados se mostrou insuficiente. Depois da guerra, os italianos compararam a incitação anglo-americana a uma revolta guerrilheira, seguida pelo abandono da população à própria sorte, com o fracasso russo em socorrer Varsóvia durante seu levante igualmente desastroso no outono de 1944. A rigor, a lição era a mesma: comandantes aliados que fomentavam a guerrilha atrás das linhas do Eixo carregavam uma pesada responsabilidade moral pelos horrores que se seguiam, em troca de vantagens militares insignificantes.

Os alemães, que antes consideravam seus aliados italianos meros poltrões, agora os viam como traidores. "Somos uns desgraçados, seres infelizes deixados à mercê dos acontecimentos, sem pátria, sem lei, sem senso de honra", escreveu o tenente Pedro Ferreira, pertencente às forças italianas na Iugoslávia, onde muitos camaradas seus foram mortos pelos alemães depois do armistício. "Os italianos, depois dessa vergonha, não podem jamais erguer a cabeça e falar em honra. Fomos traídos ou somos traidores? Que destino nos espera após trocarmos nossa bandeira três vezes em dois dias?" Kesselring governou a Itália com uma brutalidade vividamente documentada em sua ordem de 17 de junho de 1944: "*A luta contra os guerrilheiros deve ser conduzida com todos os meios ao nosso dispor e a mais extrema severidade*. Protegerei qualquer comandante que exceda nossa contenção costumeira na escolha e na severidade dos métodos que adotamos contra os guerrilheiros. Nesse sentido, vale o princípio de que um erro na escolha de métodos para executar as ordens recebidas é melhor do que fracassar ou não agir." Em 1º de julho, ele acrescentou: "Uma proporção da população masculina será morta onde houver indícios da presença de um número considerável de grupos guerrilheiros."

O mais notório massacre de inocentes foi executado por ordem expressa de Hitler, com o endosso de Kesselring, sob a direção do chefe da Gestapo em Roma, o tenente-coronel Herbert Kappler. Em 23 de março de 1944, guerrilheiros atacaram uma coluna do Regimento de Polícia Bozen em marcha na Via Rasella. Tiros e explosivos mataram 33 alemães e feriram 68, enquanto dez civis também foram mortos. Em represália, Hitler exigiu a morte de dez italianos para cada alemão. Na tarde seguinte, 335 prisioneiros foram tirados da prisão Regina Coeli e levados para as fossas Ardeatinas. Compunham uma miscelânea aleatória de atores, advogados, médicos, lojistas e marceneiros, além de um cantor de ópera e um padre. Alguns eram comunistas; 75 eram judeus. Duzentos foram capturados nas ruas perto de Via Rasella depois do ataque guerrilheiro, sem ter qualquer

envolvimento. Em grupos de cinco, foram levados para as fossas e executados; os corpos foram abandonados onde caíram. Embora os alemães tenham usado explosivos para fechar as valas, numa tentativa preguiçosa de ocultar o massacre, a escolha se mostrou pouco efetiva diante do fedor que surgiu. As fossas se tornaram lugar de peregrinação e de lágrimas.

Elide Ruggeri estava entre os poucos sobreviventes de outro massacre, atrás da igreja de Marzabotto, pequena cidade pitoresca no sopé dos Apeninos, onde, em setembro de 1944, tropas das Waffen SS executaram uma terrível vingança contra a população civil pelas atividades guerrilheiras locais. "Todas as crianças foram mortas nos braços das mães", contaria ela. Apesar de gravemente ferida, manteve-se deitada e imóvel sob os mortos. "Em cima de mim e ao meu lado, estavam os corpos de meus primos e de minha mãe, cuja barriga fora aberta. Fiquei parada a noite toda e durante o dia e a noite seguintes, na chuva e num mar de sangue. Quase parei de respirar." Ao amanhecer do segundo dia, Ruggeri e outras quatro mulheres feridas saíram, arrastando-se, de seus esconderijos sob os corpos amontoados. De sua própria família, cinco foram mortos. Ao todo, 147 pessoas morreram na igreja, incluindo os padres que rezavam a missa quando os SS chegaram: 28 famílias foram eliminadas. Na vizinha Casolari, mais 282 vítimas pereceram, incluindo 38 crianças e duas freiras. O número final de civis mortos foi 1.830, o que levou Mussolini a fazer um inútil protesto a Hitler. É estranho que Kesselring, sob cujas ordens as SS agiam, tenha sido poupado de execução em Nuremberg.

Embora nunca tenham igualado tais horrores, os invasores aliados participaram de crimes menores contra a humanidade: as tropas coloniais francesas, especialmente, cometeram atrocidades em larga escala. "Sempre que tomam uma cidade ou uma aldeia, fazem um estupro por atacado na população", escreveu um sargento britânico, Norman Lewis:

> Recentemente, todas as mulheres nas aldeias de Patricia, Pofi, Supino e Morolo foram violentadas. Em Lenola (...) cinquenta mulheres foram estupradas, mas — como se não bastasse — crianças e até velhos foram violentados. Consta que é normal dois marroquinos atacarem uma mulher simultaneamente, um numa relação normal enquanto o outro pratica sodomia. Em muitos casos, foram causados danos severos aos genitais, ao reto e ao útero. Em Castro di Volsci, um médico tratou trezentas vítimas de estupro (...) Muitos mouros desertaram e atacam aldeias muito atrás das linhas. Hoje, fui a Santa Maria a Vico para ver uma moça que, segundo se diz, enlouqueceu como consequência de um ataque por um grande grupo de mouros (...) Ela não conseguia andar (...) Por fim, viu-se a dura realidade do horrores que levaram toda a população feminina das aldeias macedônias a se jogar de penhascos para não cair nas mãos dos turcos que chegavam.

Tais excessos dos Aliados, somados aos efeitos de bombardeios da aviação e da artilharia durante o longo combate na península, garantiram que poucos italianos se alegrassem muito com sua "libertação". Dois soldados da 4ª Divisão Indiana corriam atrás

de uma galinha no cercado de uma fazenda quando uma janela foi aberta na casa ao lado: "A cabeça de uma mulher apareceu, e uma voz inglesa totalmente inesperada gritou: 'Fora, e deixem minhas malditas galinhas em paz. Não precisamos de libertação nenhuma aqui.'"

A rendição da Itália precipitou uma migração em massa de prisioneiros de guerra britânicos, libertados de campos no norte do país para iniciarem jornadas pelos Apeninos em direção às linhas aliadas. Uma característica definidora dessas odisseias, muitas das quais duraram meses, era o socorro que esses homens recebiam da população local. A bondade dos camponeses era incitada mais por uma instintiva simpatia humana do que por entusiasmo pela causa aliada, o que comovia profundamente seus beneficiários. Os alemães puniam os civis que ajudavam fugitivos com a destruição de suas casas, e frequentemente com a morte, mas as sanções provaram-se ineficazes: milhares de soldados britânicos foram abrigados por dezenas de milhares de camponeses italianos, cuja coragem e caridade representaram um dos aspectos mais nobres da infeliz participação da Itália na guerra. O canadense Farley Mowat chegou ao país sentindo desprezo por seu povo, mas mudou sua opinião após viver entre eles. "Agora está provado que são eles o verdadeiro sal da terra. A gente comum, quero dizer. Precisam trabalhar tão duro para sobreviver que é um milagre que não sejam azedos como limão, mas cheios de alegria e de riso. Também são duros pra burro (...) Deveriam nos odiar como os Jerries [alemães], mas os únicos em quem eu não confiaria são os padres, os advogados, os grandes lojistas, os proprietários de terra e gente desse tipo."

A erma zona rural italiana e os costumes hospitaleiros de seus habitantes provocaram deserções nos exércitos aliados numa escala maior do que em qualquer outro teatro. As áreas de retaguarda fervilhavam com fugitivos militares, em sua maioria esmagadora da infantaria, que reconheciam suas escassas possibilidades de sobrevivência na linha de frente. Trinta mil desertores britânicos, estimaram altos oficiais bem informados, estavam à solta na Itália em 1944 e 1945 — o equivalente a duas divisões — e havia mais ou menos metade desse número em desertores americanos. São cifras extraordinárias, que merecem mais atenção nas narrativas da campanha, embora se deva notar que a história oficial fornece números de deserções muito mais baixos, em parte porque omite aqueles que, por uma importante distinção técnica, eram considerados apenas "ausentes sem autorização". Numa área de descanso atrás do front, o tenente Alex Bowlby encontrou um soldado, que deixara seu próprio pelotão, jantando com uma família italiana. O soldado errante terminou a refeição, saiu da casa e roubou o jipe do perplexo jovem oficial antes que alguém pensasse em detê-lo. Em meio aos crônicos desconfortos e terrores da campanha, Bowlby notou que a maioria de seus homens cumpria suas obrigações, mas estava a um passo de um motim. Um quase desertor levado pela polícia militar gritou, desafiadoramente, para seus camaradas: "Eu estarei vivo quando todos vocês estiverem bem mortos." Alexander se roía de vontade de reintroduzir a pena de morte como elemento dissuasivo; o comandante de divisão britânico Bill Penney concordava: "Punir com morte nos primeiros dias teria, provavelmente, um efeito profilático eficaz." No entanto, a pena de morte era considerada politicamente inaceitável.

Tanto os alemães quanto os Aliados distribuíram volantes para a população, competindo por sua ajuda. Iris Origo escreveu: "Os camponeses leem esses panfletos com perplexa ansiedade sobre seu destino e total indiferença (em muitos casos) à questão principal: *Che sara di noi*? — O que será de nós? Tudo o que desejam é a paz; voltar às suas terras e salvar seus filhos. Vivem num estado de crônica incerteza sobre o que

esperar da chegada de soldados de qualquer nacionalidade. Podem trazer alimento ou massacre, liberdade ou pilhagem." Em 12 de junho de 1944, Origo estava no jardim de seu castelo, ensaiando *A Bela Adormecida* com crianças refugiadas que ela abrigava, quando um grupo de soldados alemães pesadamente armados desceu de um caminhão.

Cheia de medo, ela perguntou o que queriam e recebeu uma resposta inesperada: "'Por favor, as crianças cantariam para nós?' As crianças cantam 'O Tannenbaum' e 'Stille Nacht' (que aprenderam no Natal passado) e lágrimas surgiram nos olhos dos homens. '*Die Heimat*; isso nos leva de volta a *die Heimat*!' Depois, subiram no caminhão e foram embora." Menos de duas semanas depois, a área foi ocupada por tropas coloniais francesas. Origo escreveu, acerbamente: "Os Goums [marroquinos incorporados ao exército francês] terminaram o que os alemães começaram. Eles consideram saques e estupros a justa recompensa pela batalha e praticam ambos livremente. Não apenas com meninas e jovens; até uma velha de oitenta anos foi estuprada. Assim o Val d'Orcia é apresentado ao governo dos Aliados — esperado por tanto tempo e tão ansiosamente!"

As forças aliadas mantiveram um lento avanço península acima, mas a partir do verão de 1944 era motivo de alguma consternação entre os soldados de Alexander que as operações e os sacrifícios no Mediterrâneo recebessem cada vez menos atenção em seu país. "Somos aqueles que fogem do Dia D na ensolarada Itália", cantavam eles, "sempre no vinho, sempre na farra." O mundo via que o resultado da guerra dependia de acontecimentos muito mais ao norte, na França e na Alemanha, mas o front italiano ocupava a atenção de um décimo das forças terrestres de Hitler, que, de outra forma, teria sido empregado na Frente Oriental ou na França. Bases aéreas dos Aliados na Itália possibilitaram um pesado e efetivo assalto de bombardeiros aos campos de petróleo romenos pertencentes à Alemanha. É difícil imaginar como a campanha poderia ter sido acelerada, evitada ou interrompida. Contudo, ela não rendeu glória nem satisfação àqueles que lutaram ou aos infelizes habitantes do campo de batalha.

3 IUGOSLÁVIA

A campanha italiana provocou uma onda de entusiasmo britânico, com tépida aquiescência americana, por acelerar o passo das operações contra o Eixo na vizinha Iugoslávia. Durante a guerra, Churchill abraçou todos os países que se mostraram dispostos a juntar-se à luta contra Hitler: foi um princípio fundamental de sua política externa, que ganhou um toque de urgência em 1940 e 1941 devido às circunstâncias desesperadoras em que se encontrava a Grã-Bretanha. A consequência foi estabelecer alianças com algumas sociedades com as quais as democracias tinham pouco ou nada em comum, sendo a Iugoslávia um exemplo notável. De 1943 em diante, sua acessibilidade a partir da Itália, junto com o significado estratégico mais amplo dos Bálcãs, tornou o país o foco de muitas esperanças britânicas.

Tendo conquistado independência e soberania em 1918 em meio ao colapso do império Habsburgo, a Iugoslávia era uma miscelânea desarrumada de grupos étnicos hostis entre si e de ideologias conflitantes, governada como ditadura até 1941 pelo príncipe Paulo em nome do rei adolescente, Pedro. Grande parte do país era extraordinariamente primitiva. Um guerrilheiro comunista descreveu uma típica comunidade camponesa:

"Muitos jamais estiveram sequer nas cidades mais próximas. [As mulheres] usavam vestidos tecidos à mão, abertos até o umbigo, de forma que os seios ficavam à mostra. Untavam o cabelo com manteiga, repartiam ao meio e enrolavam-no sobre a testa. Seu vocabulário era escasso, salvo no que dizia respeito aos animais domésticos e a coisas parecidas (...) Os homens tinham um nível decididamente mais elevado do que as mulheres, pois viram algo do mundo no exército, no trabalho ou em atividades comerciais."

"O país era realmente muito, muito agreste", escreveu o capitão Charles Hargreaves, que serviu entre os sérvios como oficial da SOE, "e não havia muita coisa em matéria de estradas. As casas eram como chalés ingleses da era Tudor, feitas com vigas e tijolos, a ponto de, ao se passar pela porta, ser possível ver que o chão fora escavado e encontrar juncos ou samambaias no piso. As pessoas tinham um estilo de vida que desapareceu da Inglaterra quinhentos anos atrás (...) Eram muito amáveis, muito boas — dariam qualquer coisa aos visitantes. Ao chegarmos a uma casa, depois de andar por muito tempo, sentamo-nos; duas das filhas da família vieram, tiraram nossas botas e lavaram nossos pés, enxugando-os com seus cabelos. Foi realmente muito bíblico."

O que ocorreu na Iugoslávia durante os anos de guerra foi, principalmente, um violento conflito interno, étnico e político. Nem a causa do Eixo nem a dos Aliados Ocidentais despertaram muito entusiasmo emocional. As atrocidades alemãs geraram ódio, mas também alcançaram o objetivo de inspirar medo. Muitos iugoslavos, desesperados para evitar a ira dos ocupantes, opunham-se, com atos violentos de resistência. Cerca de 1,2 milhão pereceu — número que praticamente se iguala à soma das perdas britânicas, americanas e francesas na guerra —, mas a maioria foi morta por grupos étnicos ou políticos hostis compostos por seus próprios compatriotas e não pelos grandes beligerantes.

Na primavera de 1941, Hitler coagiu o príncipe Paulo a assinar o Pacto Tripartite, para assegurar as reservas minerais da Iugoslávia e sua aquiescência à invasão alemã da Grécia. O fato provocou uma reação violenta por parte dos nacionalistas sérvios. Em 27 de março, eles foram responsáveis por um golpe que visava derrubar a regência e instalar um governo contrário ao Eixo, em nome do jovem rei Pedro. Hitler, furioso com a suposta traição, reagiu invadindo o país em 6 de abril. O rei e o governo fugiram, permitindo que os alemães realizassem uma ocupação quase sem derramamento de sangue. Em seguida, Hitler dedicou-se a desmembrar o país. A Eslovênia setentrional foi incorporada ao Reich. A Croácia adquiriu independência, e sua milícia fascista, Ustaše, assumiu um papel poderoso e sangrento na manutenção do controle do país pelo Eixo, desencadeando, em maio de 1941, um reinado de terror destinado a limpar a Croácia de seus dois milhões de sérvios. Simultaneamente, a Dalmácia e a Eslovênia meridional foram entregues à Itália. A Macedônia, dada à Bulgária, sofreu brutalidades que levaram seu povo a se opor decisivamente ao governo de Sófia. Como resultado da vasta limpeza étnica, apenas dois mil sérvios de uma população anterior à guerra de 25 mil, por exemplo, continuavam em Skopje na primavera de 1942. Todo o país mergulhou num tumulto, num ciclo de repressão, em resistências esporádicas e na luta pela sobrevivência de milhões de infelizes.

Em Londres, os britânicos receberam como heróis os governantes iugoslavos exilados e prestaram a pouca assistência possível ao movimento chetnik de resistência na Sérvia, liderado pelo coronel monarquista Draža Mihailović. Porém, em 1943 tornava-se cada vez mais evidente que os chetniks estavam mais interessados no controle político da Iugoslávia

do que em desafiar os ocupantes do Eixo. Mihailović foi convencido pela ferocidade das represálias — cem iugoslavos executados para cada alemão morto — de que era inútil desafiar o Eixo a um custo tão alto.

Comunistas chefiados pelo croata Josip Broz — "Tito" — pareciam lutar mais ativamente. Sua propaganda foi conduzida com habilidade para convencer o povo iugoslavo e os Aliados Ocidentais de que resistiriam aos ocupantes como os chetniks não fariam; Tito também ganhou o apoio de grupos étnicos divididos. "O exército de Mihailović tinha base totalmente camponesa e pouca disciplina", disse um oficial de ligação britânico, Robert Wade, "enquanto o grupo de Tito, por mais cruel que fosse, comportava-se, comparativamente, como a Brigada de Guardas. Não havia treinamento, mas, quando recebiam ordem para manter a distância, eles obedeciam — eram devidamente comandados, e a diferença era visível." Charles Hargreaves concordava: "Às vezes, [os chetniks] estavam preparados para fazer coisas pequenas, talvez emboscar um trem ou um comboio, mas nada muito grande, nada que envolvesse grande perda de vidas alemãs (...) Sua principal intenção era assegurar o controle do país depois da guerra." O major Basil Davidson, da SOE, defensor ardoroso de Tito, disse, com cinismo: "Infelizmente os chetniks adotaram o ponto de vista de que era tarefa nossa vencer a guerra contra os alemães e tarefa deles vencer a guerra contra os comunistas na Iugoslávia, que, nesse ínterim, articularam uma resistência muito mais forte e eficaz."

Em dezembro de 1943, Churchill transferiu seu apoio decididamente para o líder comunista, que dizia ter duzentos mil homens em armas. O primeiro-ministro fora influenciado por algumas ilusões: de que os guerrilheiros de Tito "não eram comunistas de verdade", de que poderiam ser convencidos a forjar um acordo com o rei Pedro e de que estavam comprometidos apenas com a luta contra o Eixo. Simpatizantes comunistas no quartel-general da SOE no Cairo contribuíram para essa rósea percepção; Londres ignorava o fato de que, durante meses de 1943, Tito negociara com os alemães uma trégua que lhe permitiria esmagar Mihailović e empregara a maior parte de suas forças para matar chetniks. Milovan Djilas estava entre os guerrilheiros negociadores que passaram alguns dias em quartéis-generais alemães, onde os oficiais professavam repulsa pela maneira iugoslava de guerrear. "Vejam o que fizeram com seu país!", exclamavam. "Uma desolação, cinzas! Mulheres pedem esmola nas ruas, o tifo se espalha, crianças morrem de fome. E queremos trazer a vocês estradas, eletricidade, hospitais."

O conflito entre guerrilheiros e ocupantes somente foi retomado quando Hitler rejeitou qualquer acordo com os comunistas. O banho de sangue que se seguiu radicalizou quase toda a população e permitiu que Tito criasse um movimento de grandes proporções. Seus seguidores assumiram o controle de grandes áreas rurais, mas faltavam-lhes forças para tomar cidades importantes, até a chegada do Exército Vermelho em 1944, e estavam tão empenhados quanto os chetniks em assegurar o domínio pós-guerra. Trinta e cinco divisões do Eixo foram empregadas na Iugoslávia, mas poucas compostas por tropas de primeira linha, numa concentração que refletia o temor obsessivo de Hitler quanto a um desembarque aliado nos Bálcãs e à necessidade de impedir que Tito dominasse o país. As conquistas militares dos guerrilheiros foram menos significativas do que Londres se permitia acreditar. Desde o fim de 1943, os Aliados começaram a enviar para Tito armas em quantidades muito maiores do que as fornecidas a quaisquer outros movimentos europeus de resistência. No entanto, a maior parte foi mais usada

suprimir chetniks e assegurar que o país ficasse nas mãos de Tito em 1944 e 1945 do que para matar alemães.

A luta na Iugoslávia, onde tantas inimizades se sobrepunham, assumiu um caráter e uma complexidade assassinos, exemplificados pelo vice de Tito, Milovan Djilas: "Coberta por pomares e elevando-se na confluência de dois riachos de montanha, a intocada cidade de Foca parecia oferecer perspectivas encantadoras e pacíficas, mas a devastação humana ali era imensurável e inconcebível", escreveu ele. "Na primavera de 1941, os milicianos da Ustaše — entre eles um bom número de valentões muçulmanos — mataram muitos sérvios. Então, os chetniks (...) puseram-se a matar os muçulmanos. A Ustaše selecionara doze filhos únicos de importantes famílias sérvias e matara-os, enquanto, na aldeia de Miljevina, cortaram a garganta de sérvios em cima de um barril, aparentemente para enchê-lo com sangue em vez de polpa de frutas. Os chetniks haviam matado grupos de muçulmanos, que foram amarrados na ponte sobre o Drina e jogados no rio. Muitos viram grupos de corpos flutuando, presos a pedras ou paus. Alguns até reconheceram parentes. Consta que quatrocentos sérvios e três mil muçulmanos foram dados como mortos na região de Foca."

Os infelizes moradores de cidades e aldeias eram obrigados a tolerar a presença de guerrilheiros vivendo da terra — ou melhor, sustentados com a ajuda de seus escassos produtos agrícolas. Viram seus vales transformados em campos de batalha, testemunharam a execução, por uma facção ou por outra, de milhares de reais ou supostos colaboracionistas, junto com matanças indiscriminadas conduzidas pelas forças de ocupação do Eixo em represália às atividades de guerrilha. Os ódios eram implacáveis. Quase todas as comunidades e famílias sofreram perdas. Djilas reconheceu o horror de muitos moradores locais quando os comunistas se vingavam — por exemplo, incendiando a aldeia chetnik de Ozrinici: "Embora um bom número deles tenha se alegrado com as desgraças de Ozrinici e compreendesse as razões militares de nossa ação, os camponeses simplesmente não conseguiam meter na cabeça que os comunistas pudessem agir como os invasores e os chetniks (...) Duras contramedidas comunistas (...) tornaram os camponeses reservados e fingidos: colocavam-se ao lado de quem aparecesse e tentavam esquivar-se a qualquer compromisso arriscado." Mesmo a tia de Djilas, Mika, o repreendeu: "Você luta por uma causa justa, mas é duro e sanguinário."

A cada parada em suas marchas intermináveis, os guerrilheiros encontravam devastação: "Todas as aldeias no vale do Sutjeska foram destruídas. Primeiro, a Ustaše incendiou as aldeias ortodoxas, e, depois, os chetniks queimaram as aldeias muçulmanas. As únicas casas e pessoas que sobraram estavam nos morros vizinhos. A devastação era ainda pior quando, aqui e ali, um instável umbral, um muro escurecido ou uma ameixeira carbonizada destacavam-se entre as ervas e os arbustos. Embora uma vegetação viçosa ondulasse à brisa fria em ambos os lados do rio agitado, minhas lembranças daqueles dias têm o peso de ressentimentos, mágoas e horror."

Numa sociedade em que os nacionalismos rivais, as rixas e o culto à vingança eram endêmicos, a brutalidade, em 1944, se institucionalizara. Todas as partes dividem a responsabilidade pelo espantoso derramamento de sangue, boa parte dele de pessoas cujo único crime era pertencer a outra raça ou credo. Os guerrilheiros frequentemente recebiam em suas fileiras chetniks capturados dispostos a ser leais. Djilas consternou-se com o destino de uma moça alta e escura que rejeitou as insinuações de seus captores, dizendo, em tom desafiador: "Seria imoral mudar minha opinião!" Ele se impressionou

com sua coragem e se entristeceu por ela cair em seu conceito ao desabar em soluços trêmulos antes de ser executada. Consolou-se com o pensamento de que, apesar de todo o seu grupo ter sido fuzilado, ninguém foi torturado segundo os costumes: "As execuções foram conduzidas por montenegrinos, que se ofereceram como voluntários para vingarem a morte de camaradas (...) Os condenados foram levados à noite, em grupos de vinte." Os carrascos e as vítimas pareciam igualmente desconfortáveis em seus papéis: "Era impossível distingui-los, a não ser por alguns terem fuzis e estrelas enquanto os outros tinham os pulsos circundados por arame (...) Como de hábito, não houve qualquer esforço para sepultá-los adequadamente; suas pernas e seus braços despontavam na terra. A guerra civil tem pouca consideração com sepulturas, funerais, réquiens." Os guerrilheiros constrangiam-se somente quando a missão militar britânica que os acompanhava deparava-se com "miolos espalhados, rostos esmagados, corpos retorcidos". Tito indagou, irritado: "Não podiam ter feito isso em outro lugar?"

Ao mesmo tempo, as forças do Eixo contribuíam com sua cota de trucidamentos. Um suscetível soldado dos Alpini italianos escreveu: "Depois de passarmos dois dias em Podgorica, partimos juntos para um passo ali perto, onde os guerrilheiros se saíram melhor de um ataque a uma de nossas colunas. Trinta e oito veículos foram destruídos, e os motoristas e escoltas, massacrados — todos eles! Os corpos estão mutilados. Chega uma ordem: dois dias de carta branca. Destruímos — ou melhor, presenciamos a destruição de — tudo o que encontramos. Nossos veteranos são os principais criminosos. Estamos chocados e consternados pelos berros de soldados e pelo terror dos infelizes moradores (...) Esse é o primeiro e inesquecível confronto com uma realidade que nos envergonha como homens."

Os guerrilheiros estavam impressionados que a rendição da Itália, em setembro de 1943, removendo a principal escora da dominação croata, não diminuísse o apetite da Ustaše por massacres. Quando os soldados de Tito provocavam os fascistas capturados, dizendo-lhes que perderam a guerra, os presos reagiam aos gritos: "Nós sabemos, mas ainda está em tempo de apagarmos muitos de vocês!" Croatas condenados cantavam: "Ó, Rússia, tudo será teu/ Mas poucos sérvios sobrarão." Djilas escreveu: "Foi uma guerra sem quartel, sem rendição, sem 'o que passou passou'." E refletiu, em termos dignos de Tolstói, sobre as forças ocultas que comandaram a luta: "Por que médicos de Berlim e professores de Heidelberg matavam camponeses e estudantes balcânicos? O ódio ao comunismo não é explicação suficiente. Outra força, terrível e implacável, empurrava-os para uma morte insana e para a vergonha. E empurrava-nos também para resistir e dar o troco. Talvez a Rússia e o comunismo expliquem, até certo ponto, mas essa paixão, essa persistência que ignorou o sofrimento e a morte, essa luta pela própria masculinidade e nacionalidade em face da morte nada tem que ver com ideologia ou com Marx e Lênin." Os guerrilheiros geralmente viam-se obrigados a abandonar os mortos ou a despachar os homens mais gravemente feridos. Djilas descreveu como um marido cedeu aos apelos da mulher desesperadamente ferida para que a matasse, aproveitando um momento em que ela cochilava. Um pai fez o mesmo pela filha: "Ele sobreviveu à guerra, murcho e sombrio, e os amigos o viam como um santo vivo."

Os Aliados Ocidentais ficaram profundamente desapontados quando, em 1945, o apoio do Exército Vermelho possibilitou a Tito garantir o controle da Iugoslávia. A invasão alemã desencadeara forças nacionais que os anglo-americanos mostraram-se incapazes de controlar. Mesmo que tivessem negado armas a Tito, a chegada do Exército

Vermelho em 1944 asseguraria a instalação de um regime comunista em Belgrado. Tito foi uma das principais figuras da guerra: ele explorou o apoio aliado com habilidade diplomática notável e, com isso, garantiu o domínio vitalício sobre seu país. Porém, sua alegação quanto a ter um papel importante na derrubada da tirania nazista é mais questionável. Os guerrilheiros iugoslavos foram os mais numerosos e pestilentos insetos a zumbir em volta das chagas abertas pelo Eixo em seu declínio, mas seu papel foi pequeno se comparado aos feitos dos exércitos aliados.

19
Guerra no céu

1 BOMBARDEIROS

Jovens de todos os países achavam romântico fazer a sua parte na guerra como cavaleiros do ar: “Eu me via como uma espécie de gladiador de antigamente”,[1] escreveu Ted Bone, que em 1941, aos dezenove anos, se apresentou como voluntário para servir em tripulações da RAF. “Não eram para mim os horrores da luta corpo a corpo com um fuzil e uma baioneta — eu dispararia contra outro caça.” Jovens da “geração Lindbergh” entusiasmavam-se com a ideia de pilotar monomotores rápidos e ágeis, de um só assento, que davam aos pilotos um poder sobre seus próprios destinos, algo incomum entre os guerreiros do século XX. Era, portanto, irônico que muitos desses sonhadores acabassem empregados no bombardeio aéreo de cidades, uma das características mais bárbaras do conflito; o próprio Bone tornou-se um metralhador de Lancaster. Os bombardeios mataram mais de um milhão de pessoas na Europa e na Ásia, incluindo muitas mulheres e crianças. Alguns dos mais corajosos, instruídos e treinados herdeiros de suas sociedades se tornaram rivais numa luta destinada a arrasar os centros de civilização dos inimigos.

Nem eles, nem seus comandantes, viam a missão nesses termos, é claro. Tripulantes de aeronaves não pensavam em vítimas no solo, raramente visíveis, e sim em seu próprio destino no ar. Em troca de um bilhete para o céu, aceitavam um risco de morte maior, assim como a responsabilidade de atirar, bombardear e metralhar. Geoff Wellum, que pilotou um Spitfire pela primeira vez aos dezoito anos, na véspera da Batalha da Inglaterra, descreveu a sensação: “Sinto uma animação que não me lembro de ter sentido antes. É como um daqueles sonhos maravilhosos, como um sonho de Peter Pan. Tudo parece irreal (...) Que pena (...) que um avião capaz de provocar essa gloriosa sensação de pura alegria e beleza precise ser usado para lutar contra alguém.”[2]

O nova-iorquino Harold Dorfman, que sobreviveu a um turno de serviço como navegador de um B-24 sobre a Alemanha, disse depois: “Não trocaria essa experiência por nada no mundo.”[3] Numa base da USAAF na Inglaterra, o cabo Ira Wells, metralhador de B-24, lia relatos sobre combates terrestres e pensava, com pena, nos soldados dos Aliados. “Toda a glória era nossa. Percebi que era uma sorte estarmos no ar. Tive mais medo em Londres, durante os ataques de foguetes V2, do que em nossas missões no ar.”[4] Dorfman e Wells eram casos relativamente raros, porque poucos tripulantes de bombardeiros tinham pelo trabalho o gosto que muitos pilotos de caça demonstravam. Não porque eles sofriam muito, ou mesmo pouco, com o destino daqueles que morriam debaixo das portas do compartimento de bombas, mas porque voar de oito a dez horas — em formações à luz do dia, em meio ao fogo antiaéreo e aos caças, como faziam os homens da USAAF, ou na escuridão solitária, como os pilotos da RAF — causava uma tensão implacável e um terror frequente. Era-lhes negada a emoção de lançar-se num caça

de alto desempenho pelo céu. A monotonia das missões de bombardeio só era quebrada quando os tripulantes se deparavam com o barulho e as visões infernais do combate e do lançamento de bombas em cidades da Alemanha ou do Japão.

Embora Laurie Stockwell fosse um sensível jovem inglês, nunca lhe ocorreu questionar a ética da parte que desempenhava como piloto no bombardeio à Alemanha. Como quase todos os da sua espécie, via-se apenas como alguém que executava, sem fervor, uma tarefa excepcionalmente perigosa numa luta para eliminar a sombria ameaça que pairava sobre a civilização ocidental. Ele escreveu para a mãe em 1942:

> Nunca lhe falei sobre o que sinto e penso da guerra, e espero não voltar a falar. Você se lembra de um menino pequeno dizendo que seria um opositor consciente se a guerra viesse? Aconteceram coisas que fizeram aquele menino mudar de opinião, conversas sobre brutalidade, sofrimento humano, atrocidades, mas isso não teve grande efeito para que eu mudasse de opinião, pois sei que todos somos capazes de fazer essas coisas sobre as quais tanto lemos hoje em dia. O fato de que umas poucas pessoas desejam acabar com a liberdade dos povos da terra é que me fez mudar de opinião. Notícias sobre atrocidades servem apenas para alimentar o ódio, e para mim o ódio é desprezível. Por que, então, devo combater numa guerra que só inspira repulsa aos meus pensamentos? É para que eu possa viver feliz e em paz com você todos os meus dias (...) Luto também para que, um dia, a felicidade volte a governar o mundo, e, com ela, o amor à beleza, à vida, ao contentamento, à camaradagem entre os homens possa voltar. Você talvez tenha notado que não falei em lutar pelo meu país, pelo império; isso, para mim, é uma bobagem.[5]

Stockwell morreu sobre Berlim em janeiro de 1943. Randall Jarrell, operador de torre de controle em aeródromo, que se tornou poeta da experiência da USAAF, escreveu:

> Em bombardeiros com nomes de mulher, incendiamos
> As cidades sobre as quais estudamos na escola —
> Até nossa vida se acabar; nosso corpo jaz
> Entre pessoas que matamos sem nunca ter visto.

A maioria dos jovens recrutados para servir durante a guerra queria voar, mas poucos realizavam suas aspirações. As forças aéreas só escolhiam para a morte provável os adolescentes mais inteligentes e saudáveis. Ken Owen, navegador galês da RAF, disse: “Talvez um quarto de nossa sexta classe da escola de ensino médio de Pontypridd se tornou tripulante de aeronave; mais da metade morreu.”[6] No entanto, aqueles que eram

aceitos para voar regozijavam-se com seu status de elite: eram alvo de uma adulação popular que nenhuma outra raça de guerreiros recebia.

No primeiro ano de guerra na Grã-Bretanha, as circunstâncias forçaram a RAF a enviar às pressas novos pilotos para a linha de frente, às vezes com nada além de vinte ou trinta horas de experiência com os aviões que pilotariam em combate. Depois, porém, britânicos e americanos passaram a treinar os tripulantes de avião que necessitavam de mais habilidades — pilotos e navegadores — por até dois anos antes de os colocarem em combate. Instrutores "cortavam" muitos candidatos, mas, apesar do intenso treinamento, os pilotos de guerra muitas vezes acabavam se matando mesmo antes de enfrentar o inimigo, por causa da pouca habilidade em lidar com aeronaves de alto desempenho. A juventude e o estado de espírito da época encorajavam a temeridade. Durante a guerra, na RAF 787 oficiais e 4.540 homens de outras graduações morreram em acidentes não operacionais, e 396 oficiais e 2.717 homens de outras patentes ficaram feridos. Entre os tripulantes dos aviões americanos de todas as forças armadas, treze mil morreram acidentalmente. Decolar e aterrissar um caça, projetado para ser inerentemente instável, exigia um cuidado meticuloso. Erros de julgamento em geral eram punidos com a morte — nos primeiros dois anos de guerra, 1.500 instruendos da Luftwaffe foram mortos quando aprendiam a pilotar os Bf109. Controlar um bombardeiro não era muito mais fácil, em especial se a aeronave apresentasse um problema técnico.

Um aspecto do conflito comum a guerreiros nas três dimensões era o fato de a navegação ser uma ciência de vida ou morte. Um relatório de treinamento do exército britânico registrou que os soldados perdoariam quase qualquer defeito em seus oficiais, menos a incompetência na leitura de mapas, o que, na melhor das hipóteses, representava um desperdício de energia e, na pior, os conduzia à morte. Navios iam a pique quando, por descuido, iam parar em campos minados. Muitos aviadores que se perdiam, especialmente sobre o mar, morriam quando o combustível acabava. A patrulha antissubmarino, vagueando por grandes distâncias em mares desertos, era uma tarefa fatigante que exigia cuidado especial na navegação: erros mataram tantos tripulantes quanto a ação inimiga ou falhas mecânicas. Mesmo após a adoção de meios eletrônicos de ajuda e de sinalização, um número desanimador de aviões caiu no mar porque tripulantes inexperientes seguiam trajetos opostos ou não conseguiam corrigir suas orientações em tempo ruim.

Alemães, italianos e japoneses entraram no conflito com pilotos altamente treinados, e, até 1942, a maioria das aeronaves da Luftwaffe era superior às da RAF ou da USAAF; os japoneses e os italianos também tinham bons tipos. "Com a vantagem inicial dos alemães, foi um milagre conseguirmos alcancá-los",[7] disse Edward Addison, comandante britânico de um grupo de bombardeiros. O apoio cerrado da Luftwaffe à Wehrmacht foi crucial nas vitórias alemãs entre 1939 e 1942. As esquadrilhas de Göring, no entanto, fracassaram como força estratégica de bombardeio. Antes da blitz na Grã-Bretanha, aviadores veteranos da maioria dos países estavam imbuídos de uma fé mística. Iludiam-se achando que as sociedades sucumbiriam ao pânico diante de um simples assalto aéreo; o colapso moral provocaria a desintegração industrial e, com isso, a derrota. A destruição de Guernica pela Legião Condor durante a Guerra Civil Espanhola, juntamente com o bombardeio de Nanquim, Varsóvia e Roterdã, alimentou ilusões sobre a vulnerabilidade das populações civis. Experiências mais prolongadas, no entanto, desmentiram essa

impressão. “[Uma] lição vital — que surpreendeu até especialistas em batalhas aéreas”,[8] escreveu o major Alexander Seversky, um importante estrategista aéreo dos Estados Unidos, em 1942,

> está relacionada ao comportamento da população civil sob castigo aéreo. Era crença comum que bombardeios aéreos destruiriam rapidamente o moral do povo (...) O desenrolar desta guerra tende a indicar que essa expectativa era infundada. Pelo contrário, agora parece claro que, apesar das muitas baixas e da destruição física impressionante, os civis “aguentam”. Em termos gerais, as forças armadas têm sido desmoralizadas mais rapidamente pelo poderio aéreo do que os habitantes desarmados das cidades. O significado desses fatos vai além do interesse psicológico. Eles mostram que a destruição aleatória de cidades (...) é dispendiosa e vã em relação aos resultados táticos obtidos. Os ataques se concentrarão cada vez mais em alvos militares, em vez de em alvos humanos aleatórios. O vandalismo aéreo não planejado precisa dar lugar, mais e mais, à destruição planejada e predeterminada.

Os bombardeiros só obtinham resultados proporcionais ao peso dos explosivos que eles eram capazes de lançar com precisão em alvos designados; volume fazia toda a diferença. A Luftwaffe e as forças aéreas japonesas tinham uma capacidade formidável de suporte a suas forças terrestres e marítimas, assim como para matar refugiados e espalhar o terror, mas suas aeronaves transportavam pequenas cargas de explosivos. A Luftwaffe infligiu dor e destruição durante a blitz de 1940 e 1941 na Grã-Bretanha, mas nem de longe em grau suficiente para ter um impacto decisivo na capacidade do país de Churchill para manter-se na guerra. Desde então, a força aérea da Alemanha entrou em declínio: quando a primeira geração de aviadores do Eixo foi morta, o treinamento de seus sucessores definhou. Tanto alemães quanto japoneses cometeram um erro estratégico crucial, alimentado pela escassez de combustível, ao não alocar recursos para manter um fluxo contínuo de pilotos competentes. Em 1944 e 1945, as aptidões aéreas do Eixo já eram acentuadamente inferiores às dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Os russos foram tão brutais no treinamento e na ampliação das tripulações aéreas quanto em tudo o mais. Em 1943, dispunham de boas aeronaves e pilotos capazes, mas sua tecnologia era menos avançada, e sofreram baixas severas.

Na segunda metade da guerra, os Aliados Ocidentais produziram esplêndidos aviões, em vastas quantidades, mas os alemães só introduziram dois bons modelos — o Focke-Wulf 190 e o revolucionário caça a jato Me 262. Foram produzidas muito poucas unidades desse segundo, e as habilidades dos pilotos eram inadequadas para evitar o eclipse da Luftwaffe nos céus.[9] O Zero japonês, que tanto amedrontara os Aliados em 1941 e 1942, foi totalmente superado. Ele havia sido descrito como “uma aeronave *origami*” — leve, graciosa, maravilhosamente fácil de manobrar, mas frágil e com desprezíveis concessões à segurança do piloto, não tendo sequer blindagem da cabine, por exemplo. O capitão de

fragata David McCampbell, o maior ás da marinha americana durante a guerra, disse: “Aprendemos muito cedo que, se acertássemos perto da base das asas, onde ficava o combustível, eles explodiriam na nossa cara.”[10] As forças aéreas do exército e da marinha japoneses não representaram um desafio significativo para os Aliados em 1944 e 1945, exceto com seus ataques camicases, um recurso ditado pelo desespero.

Os tripulantes da aviação dos Aliados, uma vez empregados em esquadrilhas operacionais de caças ou de bombardeiros, até os últimos dezoito meses da guerra confrontavam uma probabilidade estatística de extinção. As ilusões românticas iam desaparecendo à medida que se acostumavam com a ideia de acabarem transformados em uma pasta sangrenta de carne e ossos esmagados ou no topo de uma pira funerária alimentada a gasolina. Na realidade, a vida que levavam em terra era privilegiada; eram poupados da lama e dos desconfortos a que os soldados de infantaria eram submetidos. Mas a probabilidade de sobrevivência era menor. Ernie Pyle escreveu: “Na força aérea, os homens se aproximam da morte com decência. Morrem bem alimentados e de barba feita.”[11]

Mais da metade dos tripulantes de bombardeiros pesados da RAF morreu, ao todo 56 mil homens. As perdas da USAAF foram menores, mas, dos cem mil aviadores americanos que participaram da ofensiva estratégica contra a Alemanha, cerca de 26 mil morreram, e outros vinte mil foram capturados. “A gente se resignava a morrer todas as noites”,[12] disse Sid Bufton, piloto do bombardeiro britânico Whitley. “Antes de sair, a gente dava uma olhada geral no quarto: tacos de golfe, livros, um belo aparelhinho de rádio — e a carta para os pais em cima da mesa.” Como era de esperar, entre os Aliados as baixas foram proporcionalmente mais severas quando o Eixo dominava a guerra, e seu número não parou de cair depois que a maré virou. De 1943 em diante, foi a vez de os aviadores alemães e japoneses terem a maior cota de mortes: menos de 10% sobreviveram até o fim.

A maior preocupação dos chefes das forças aéreas dos Aliados era o assalto estratégico à Alemanha — a ofensiva contra o Japão só começou a sério em março de 1945 —, com o qual eles esperavam ganhar a guerra por conta própria. A RAF foi obrigada a abandonar os bombardeios diurnos após um começo sangrento em 1939 e 1940. Depois disso, seus esquadrões lançaram uma ofensiva noturna, com pequeno impacto material à Alemanha até 1943: faltavam-lhes volume e capacitações para navegação e pontaria. As primeiras bombas britânicas a caírem em Berlim no fim de agosto de 1940 infligiram apenas danos aleatórios, embora tenham chocado os moradores da capital e matado alguns civis. Uma jovem mãe correu para um abrigo ao ouvir as sirenes, mas não quis perturbar o sono de seus dois filhos, deixando-os na cama: eles morreram quando a casa foi atingida diretamente. Depois que a história foi publicada, os berlinenses passaram a prestar mais atenção às sirenes.

Um comandante de esquadrão da RAF descreveu as primeiras operações do Comando de Bombardeiros na Alemanha como “apalpadelas”. Bom exemplo disso foi a experiência do sargento Bill Uprichard, que pilotava um Whitley do 51º Esquadrão numa missão contra as refinarias de petróleo de Politz, no Báltico, em tempo ruim, na noite de 29 de novembro de 1940. Na ida, depois de duas horas e meia numa densa nuvem sobre o mar do Norte, de repente o céu se abriu e revelou uma cidade muito iluminada abaixo. Uprichard e sua tripulação perceberam que deviam estar sobrevoando a neutra Suécia e

rapidamente corrigiram o curso. Bombardearam Politz às cegas — calculando sua posição pelo tempo de voo até o alvo — e depois fizeram uma curva e voltaram pelas nuvens imperscrutáveis. Sem qualquer aviso, viram-se diante de um pesado fogo de artilharia antiaérea. Uprichard escreveu:

> Acordei! O vento tinha sido mais forte do que imaginei, e seguimos um curso que nos levava direto para as muito bem defendidas ilhas Frésias. Atravessamos o mar do Norte ainda no meio de nuvens, e era difícil obter qualquer localização precisa. Passei muito tempo — provavelmente tempo demais — voando ao longo da costa de Yorkshire, na esperança de achar uma abertura. Chovia forte (...) Àquela altura, nosso combustível estava baixo — restavam apenas vinte minutos —, então, pela primeira vez, lancei um sinal de emergência, PAN-PAN-PAN, e num instante [a base de] Linton-on-Ouse nos enviou um rumo magnético. Estávamos quase abandonando a aeronave. Tivemos de planar por muito tempo até chegar. Conseguimos, mas a equipe de reabastecimento me disse que não tínhamos praticamente mais nada nos tanques.[13]

Ao longo de 1940 e 1941, persistiu na RAF uma grande ingenuidade quanto à eficácia das operações do Comando de Bombardeiros. "Os *briefings* eram muito, muito bons",[14] disse Ken Owen, navegador de dezenove anos. "Eles nos passavam a impressão de que íamos atingir um alvo importante e causar importantes danos aos alemães. E, é claro, todos nós ouvíamos os boletins da BBC na manhã seguinte, que trombeteavam nossos êxitos; nós todos nos iludíamos imensamente. Pensávamos que estávamos dando uma tremenda surra neles. Talvez em doze vezes [de trinta 'viagens'] acho que bombardeamos o lugar certo; fora isso, ou era o lugar errado ou acertávamos campos arados."

Apesar do limitado impacto da ofensiva aérea estratégica nos primeiros anos, a maioria dos chefes da RAF manteve uma fé visionária não apenas no que os bombardeios podiam fazer, mas também no que já haviam alcançado. Em setembro de 1942, o marechal do ar Sir Wilfred Freeman escreveu ao chefe da força aérea da Grã-Bretanha, Sir Charles Portal, queixando-se das extravagantes afirmações de alguns comandantes: "Em seu esforço para atrair os refletores, eles às vezes exageram, e até falsificam fatos. O maior delinquente é o comandante em chefe do Comando de Bombardeiros." Freeman mencionou afirmações divulgadas na mídia sobre os resultados de recentes incursões na Alemanha: "Os danos em [Karlsruhe e Düsseldorf] são descritos como fantásticos. Acho que não é verdade (...) Sugiro que o senhor (...) envie uma circular aos comandantes-chefes (...) incutindo-lhes a necessidade de se ater rigorosamente à verdade sem floreios nos relatos sobre as operações (...) Estou muito preocupado com o efeito que essas tendências possam vir a ter sobre o bom nome da RAF."

Mas, durante os longos anos transcorridos antes que os Aliados Ocidentais combatessem com força os alemães, convinha não apenas aos chefes das forças aéreas, mas também ao primeiro-ministro da Grã-Bretanha e ao presidente dos Estados Unidos,

um conluio para proclamar os triunfos dos bombardeios. Sir Arthur Harris, que se tornou comandante em chefe do Comando de Bombardeiros em fevereiro de 1942, disse: "A atitude de Winston em relação aos bombardeios era 'qualquer coisa que cause impacto'. Se não houvéssemos [usado o Comando de Bombardeiros], teríamos tido apenas a guerra dos U-boats, e, como disse ele, a defesa de nossas rotas comerciais não era um instrumento de guerra."[16] Churchill considerava a ofensiva com bombardeiros uma arma vital nas relações ocidentais com Stalin, que, de alguma forma, atenuava os ressentimentos do chefe militar soviético sobre a suposta lentidão anglo-americana em lançar uma segunda frente.

Ken Owen fez seu primeiro voo de 1942, para Kassel, em estado de euforia. "Eu estava vibrando. Era só agitação — o *briefing*, sentar-me na aeronave e preparar para decolar. Havia um lindo luar. Encontramos o alvo — e muito fogo de artilharia antiaérea. Tive muito mais medo na segunda 'op'. Meus pés estavam gelados, e eu suava debaixo dos braços. Não demorou para que dois tipos de reputação se estabelecessem: primeiro, havia os '*gen crews*' — os genuinamente 'persistentes'; e havia os que não gostavam daquilo de jeito nenhum. Dois ou três sujeitos foram apontados como os que tinham mais chance de ser atingidos, alguns porque estavam com tanto medo que provavelmente fariam alguma burrada (...) Um ou dois pilotos se borravam de pavor; um ou dois metralhadores ficaram paralisados em suas torres de tiro. Às vezes, as pessoas eram atingidas devido à terrível falta de disciplina de suas tripulações."

Os tripulantes acabavam intimamente familiarizados com o fedor de borracha quente e de gasolina dos aviões, e às vezes também da cordite de suas armas e do vômito de homens apavorados. Diversas vezes o rádio-operador de Owen vomitou quando a aeronave fez uma manobra evasiva brusca. "Quando a gente se via sob o cone de luz [dos holofotes], voava em direção a outro avião, na esperança de que se concentrassem neles, e não na gente. Havia um tremendo elemento de cinismo e insensibilidade — 'Graças a Deus é em outra pessoa.' Juro que não lembro os nomes de muitos homens que foram derrubados. Estavam ali havia apenas duas semanas. Demoramos muito para perceber que voar se tornara uma ocupação perigosa; aquele elemento de euforia nos fazia seguir em frente, e o moral era elevado. Havia problemas, claro, mas nunca culpei as autoridades, pois achava que estávamos todos aprendendo juntos."

A intimidade das relações entre os tripulantes de bombardeiros é um clichê, mas de forma alguma era universalmente válido. Harold Dorfman, navegador de B-24, respeitava as habilidades de seu piloto, mas "odiávamos um ao outro (...) Depois de uma briga num voo de treinamento, nunca mais nos falamos, a não ser sobre a missão". Jack Brennan, de Staten Island, tinha 21 anos quando ingressou na força aérea, deixando a família furiosa. "'Poderíamos ter livrado você do serviço', disseram. Mas eu era um dos meninos que queriam ser heróis."[17] A experiência de voar 24 missões contra a Alemanha com um piloto incompetente e covarde curou-o dessas ilusões. "O tempo todo eu desejava ter me metido em outra coisa. Éramos atingidos em quase todas as viagens. A única coisa boa era que tínhamos condições de vida decentes em comparação com as do pessoal em terra." A experiência de combate de sua tripulação terminou de forma inglória, quando o piloto os convenceu a saltar de paraquedas na Suécia durante uma missão rumo a Berlim. Brennan foi um dos três sobreviventes e deliciou-se no conforto e na segurança de sua experiência seguinte como internado: "Foi como uma colônia de férias."

A natureza da vida e da morte nas bases de bombardeiros desencorajava relacionamentos fora da equipe de tripulantes. "Quem sofria perdas como as nossas não se apegava muito às pessoas",[18] disse Etienne Maze, que pilotava aviões Halifax da RAF. "Elas vinham e partiam. Depois de participar de dez 'ops', éramos veteranos." No dia em que Ted Bone viu alguns conhecidos numa lista de "desaparecidos", limitou-se a anotar no diário: "Bons sujeitos Pyatt, Donner etc. Limpei a bicicleta, escrevi para casa, jantei brevidades e tomei chocolate quente no quartel."[19] Um tripulante americano de B-17 escreveu: "Aprendemos a viver como talvez fosse a vida muito tempo atrás, com tanta simplicidade como animais, sem esperança para nós mesmos ou piedade em relação aos outros."[20]

As operações de bombardeiros impunham uma tensão nervosa única aos participantes, que sabiam das poucas chances de sobreviver a um "turno". Eles subiam a bordo de seus aviões em bases calmas e controladas, voavam para os lugares mais quentes da guerra na Europa, aterrissavam de volta nos campos de Norfolk ou de Lincolnshire, visitavam os pubs com os caipiras locais na noite seguinte e faziam tudo outra vez dois ou três dias depois. Pilotos, especialmente em operações noturnas, desfrutavam de considerável liberdade pessoal, que podiam usar para o bem ou para o mal. A maioria demonstrava notável determinação e devoção às tarefas, mas alguns vacilavam. O vice-marechal do ar Sir Ralph Cochrane, comandante do 5º Grupo, entrevistou pessoalmente um piloto que voltou para sua base ao se aproximar de Hamburgo: o homem apresentou como única desculpa o fato de ter percebido que sua aeronave se afastava da "corrente" principal. Esse homem disse ao comandante do grupo que a tripulação discutira suas opções pelo sistema de comunicação e concordara em abandonar a missão. "Quando lhe perguntei por que, como comandante da aeronave, ele não tomou a decisão, ele respondeu que eram todos colegas no rancho dos sargentos, e que a vida deles, assim como a sua própria, estava em jogo, e por isso era óbvio que ele tinha de consultá-los."[21]

Ron Crafter, operador de contramedidas eletrônicas a bordo de um Halifax, foi atingido no rosto por estilhaços durante um ataque a plataformas de lançamento de V1 em junho de 1944. "Os ferimentos eram superficiais, mas entrei em pânico. Desde então tenho dificuldade para conviver com o que aconteceu — foi o momento mais importante de minha vida, e não estive à altura. Tento me convencer de que, como eu tinha só dezenove anos, era desculpável."[22] E era, claro. Uma significativa minoria de tripulantes treinados a altos custos, depois de passar por experiências como essa, não conseguia completar suas missões. O ânimo de muitos homens atingiu o ponto mais baixo no inverno de 1943, durante a chamada "Batalha de Berlim" da RAF. "Trinta incursões num turno operacional, com um índice de baixas de 4%, estavam perto do limite da resistência humana (...) Claro que o moral estava baixo",[23] reconheceu Ralph Cochrane.

Muitos homens que se acovardavam eram tratados com considerável dureza, porque seus superiores temiam que a tolerância pudesse levar outros a seguir o exemplo. O rádio-operador Reg Raynes foi o único sobrevivente de um Hampden que caiu numa praia de Norfolk em 1941 ao retornar de Berlim severamente avariado: "Lembro-me com clareza do silêncio total enquanto caíamos. Os dois motores tinham sido destruídos e o resto da tripulação não disse palavra."[24] Sua lembrança seguinte era a de estar num hospital

psiquiátrico em Matlock, Derbyshire, de onde foi mandado de volta para uma base de bombardeiros, automaticamente rebaixado de graduação. "Eu não estava apto para missões aéreas, e ninguém parecia saber o que fazer comigo. Tudo o que viam era um rádio-operador/metralhador zanzando pela base, meio sem rumo, e acho que nunca perceberam que eu sofria de uma doença mental."

Certa manhã, ele relatou fortes dores de cabeça e foi mandado para outro hospital perto de Newcastle. "Eles tiraram minha farda e me deram um terno azul mal ajustado, uma camisa branca e uma gravata vermelha. Afora um sargento trazido de Tobruk, todos os outros pacientes eram recrutas do exército, desajustados que passaram por engano pela triagem de convocação. Nenhum deles jamais vira uma arma, falavam o dia todo em conseguir o 'bilhete' [para deixar o serviço militar], e quase todos conseguiram." Raynes deu baixa da força aérea em 1943; sofreu sérios problemas psiquiátricos pelo resto da vida, mas recebeu apenas 30% da aposentadoria por invalidez.

Alguns homens que a RAF rotulava com as iniciais "LMF" — "Lacking Moral Fibre" [Sem Fibra Moral] — eram destacados para tarefas subalternas; outros eram enviados para "Centros de Atualização de Tripulantes" — casernas de castigo —, entre os quais o mais notório ficava localizado nos arredores de Sheffield. Ken Owen disse: "O pessoal fazia piada sobre ser dispensado, sobre voar no rumo contrário, mas nunca sobre Sheffield."[25] Ainda assim, Owen fazia parte da pequena minoria de tripulantes que não apenas sobreviveu a um "turno" de trinta operações, mas participou de um segundo, com nova tripulação, num Lancaster. "No segundo turno", disse ele, "éramos muito mais cínicos e desconfiados. [Perguntávamo-nos]: 'Que tipo de metralhador de cauda é esse Macpherson? Vamos torcer para que o sacana consiga pelo menos ficar acordado.' Éramos muito mais eficientes, muito mais determinados a ser eficientes, muito mais determinados a sobreviver; havia mais conversas sobre colisões em cima do alvo; sabíamos que o sistema de caça noturno alemão fora enormemente aperfeiçoado." Uma noite, Owen e sua tripulação voltaram de uma incursão a Peenemunde, onde a Alemanha desenvolvia foguetes, com dois motores avariados e o avião crivado de buracos de estilhaço de granadas da artilharia antiaérea. Abandonaram-no sobre Norfolk e tiveram a sorte de saltar de paraquedas e chegar em segurança ao solo, e todos se reuniram na delegacia de polícia de Hunstanton. "Na época, odiei tudo aquilo."

Tripulantes americanos que voavam em missões diurnas achavam especialmente penoso testemunhar de perto os horrores invisíveis aos aviadores noturnos da RAF. Um piloto de B-17 escreveu a respeito de uma missão: "Quando um avião explodiu, vimos pedaços [dos corpos dos tripulantes] espalhados pelo céu. Chocamo-nos contra alguns desses pedaços. Um avião atingiu um corpo que caíra do avião da frente. Um tripulante saiu da escotilha dianteira de um avião e bateu na empenagem da cauda (...) Sem paraquedas. Seu corpo revirava como um saco de batatas jogado no ar (...) Um piloto alemão saiu de seu avião, juntou as pernas para formar uma bola com o corpo, a cabeça para baixo. Papéis voaram de seus bolsos. Ele deu uma cambalhota tripla no meio de nossa formação. Sem paraquedas."[26] Se os tripulantes de avião eram de fato uma elite, pagavam um preço terrível por seus privilégios, encarando riscos maiores do que quaisquer outros combatentes, salvo os fuzileiros de infantaria e os submarinistas.

Até 1943, a conquista mais importante da ofensiva aérea estratégica dos Aliados foi obrigar os alemães a desviar um número crescente de caças e canhões de 88 milímetros de missão dupla da Frente Oriental para a defesa do Reich. Berlim era defendida por cem baterias de dezesseis a 24 canhões, cada um operado por uma equipe de onze homens. Embora muitos metralhadores fossem adolescentes, inaptos para o combate, o desvio de potência de fogo e de tecnologia foi importante. Richard Overy afirma, de forma convincente, que o esforço de guerra alemão sofreu muito com a necessidade de utilizar recursos na defesa nacional. O Comando de Bombardeiros e a USAAF deram importante contribuição ao obrigarem a Luftwaffe a desviar para a Alemanha quase toda a sua força de caças entre 1943 e 1945, concedendo aos Aliados superioridade aérea quase completa nos campos de batalha ocidentais e orientais. É óbvio também que, enquanto Albert Speer planejava aumentar a produção mesmo em meio aos intensos ataques aéreos de 1944, um número vastamente maior de armas teria sido fabricado — com sérias consequências para os exércitos dos Aliados — se as fábricas tivessem continuado a funcionar livremente.

Entre 1940 e 1942, apenas 11.228 alemães foram mortos pelos bombardeios dos Aliados. De janeiro de 1943 a maio de 1945, porém, outros 350 mil pereceram, além de dezenas de milhares de prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados estrangeiros. Em comparação, 60.595 britânicos foram mortos por todas as formas de bombardeio aéreo alemão, incluindo foguetes V, entre 1939 e 1945. Ao longo de 1943, as ofensivas noturnas do Comando de Bombardeiros cresceram em poderio de forma espetacular, e a USAAF começou a empregar formações impressionantes. Seu chefe, o general “Hap” Arnold, promoveu brilhantemente a ampliação da força aérea, “apoiado por um estado-maior absolutamente capaz e bastante inescrupuloso”,[1] nas palavras de um extasiado colega britânico. O efetivo dessa força durante a guerra subiu de vinte mil para dois milhões, de dezessete bases aéreas para 345, e de 2.470 aeronaves para oitenta mil, ao mesmo tempo em que a marinha americana adquiria para si 7.500 aviões. Uma proporção cada vez maior de bombardeiros americanos foi empregada contra a Alemanha a partir de bases britânicas.

• • •

A extraordinária façanha no que diz respeito à precisão em bombardeios durante a guerra foi o ataque da RAF, em maio de 1943, às barragens do Ruhr, uma ação épica de engenho, habilidade e coragem, embora de modesto significado econômico. Já em 1937, o Ministério da Aeronáutica identificou o abastecimento de água da Alemanha como fator-chave na produção de aço, e em 1940 o chefe do estado-maior da força aérea, Sir Charles Portal, insistiu num ataque aos reservatórios. Difícil foi encontrar os meios apropriados. O cientista e projetista de aeronaves Barnes Wallis perseguia, independentemente, o mesmo objetivo, e teve a ideia de lançar cargas que quicariam e detonariam no fundo contra as paredes da barragem. Em fevereiro de 1943, seu projeto obteve apoio oficial, apesar do ceticismo de Sir Arthur Harris. Wallis foi solicitado a produzir as armas a tempo de serem usadas num ataque em maio, quando os reservatórios do Ruhr estariam cheios. Um alto oficial do estado-maior escreveu, com indisfarçável ingenuidade: “A

operação contra as barragens não será, supõe-se, particularmente perigosa" porque os alvos eram pouco — ou nada — protegidos. Testes preliminares foram feitos com uma carga esférica, mas em abril Wallis decidiu-se por uma alternativa cilíndrica, que fosse girada por uma polia elétrica em sentido contrário ao do lançamento, para que descesse "rastejando" pela parede da barragem e detonasse dez metros abaixo da superfície. Por incrível que pareça, em um mês as armas de quatro toneladas foram fabricadas, e aviões Lancaster, especificamente modificados para transportá-las.

O 617º Esquadrão, constituído especialmente, treinou durante todo o mês de abril e o começo de maio para realizar o ataque. Ao contrário do folclore, nem todos os homens foram voluntários, assim como nem todos os tripulantes tinham grande experiência. Alguns haviam participado de menos de dez operações aéreas contra a Alemanha, e vários engenheiros de voo nunca haviam combatido. Isso torna ainda mais notável a façanha do comandante de esquadrilha Guy Gibson, de 24 anos, aviador de dedicação obsessiva e disciplinador severo, que preparou sua subunidade para lançar o ataque na noite de 16 de maio, um domingo. Dezenove tripulações decolaram. As barragens do Möhne e do Eder foram identificadas como alvos prioritários; reconhecia-se que o terceiro objetivo, a represa do Sorpe, construída com barragens de terra, embora vital para a indústria, era menos vulnerável às bombas de profundidade de Wallis.

A barragem do Möhne foi rompida pela quarta bomba jogada, e a do Eder, pela terceira e última disponível aos Lancaster que atacaram.[2] A maior parte das aeronaves que seguiam para o Sorpe foi derrubada no trajeto; duas tripulações voltaram sem ter atacado; as duas cargas despejadas não romperam a barragem, assim como outra carga, destinada ao Bever, que foi confundido com o Ennepe. Oito tripulações foram perdidas, um índice de baixas extremamente alto: seis foram vitimadas por fogo antiaéreo durante os voos rasantes de ida e volta para o Ruhr, à clara luz do luar, indispensável para a precisão do bombardeio.

A destruição no Möhne e no Eder causou sensação. O impacto moral do ataque foi enorme, inclusive entre os líderes da Alemanha, e aumentou muito o prestígio do Comando de Bombardeiros. Gibson recebeu uma Victoria Cross. Parte do entusiasmo popular pelos "Dambusters" [Destruidores de Represas] vinha do fato de que destruir alvos industriais parecia bem menos desconfortável, do ponto de vista moral, do que destruir cidades e civis. Mas a inundação no vale do Möhne matou 545 alemães e 749 estrangeiros — mulheres ucranianas que executavam trabalho escravo e prisioneiros de guerra franceses e belgas. A perda de água criou apenas um inconveniente temporário na produção de aço do Ruhr, em parte porque Harris não lançou ataques subsequentes com bombas convencionais para impedir que as barragens fossem consertadas. Mas a partir de então os alemães se sentiram forçados a desviar recursos substanciais para a defesa de represas. Se o impacto econômico da "incursão dos Dambusters" foi limitado, a propaganda resultante foi excelente. Os galardões que os participantes receberam foram mais do que merecidos.

• • •

Em 1943, a economia alemã cambaleava em face das pressões geradas pela escassez de carvão, aço e efetivo, intensificadas pela enorme destruição no Ruhr efetuada pelo

Comando de Bombardeiros e pela USAAF. Esse foi o primeiro ano em que a ofensiva aérea infligiu danos significativos à máquina de guerra nazista. O incêndio de julho em Hamburgo, provocado pelos ataques aéreos mais intensos da história, matou quarenta mil pessoas e destruiu 250 mil habitações. “Disseram-nos que os [bombardeiros] britânicos evitariam Hamburgo porque depois precisariam da cidade e de seu porto”,[3] escreveu uma cidadã traumatizada, Mathilde Wolff-Monckeburg, em meio aos escombros. “Vivíamos num paraíso de tolos.” Graças a empenhos extraordinários e às habilidades do general Erhard Milch, a Luftwaffe conseguiu dobrar sua produção de aeronaves de 1942, fabricando 2.200 aviões de combate por mês até o verão de 1943. Mas seus novos modelos, o He177 e Me210, acabaram sendo fiascos que desperdiçaram recursos vitais. Os últimos modelos Bf109, que com o Focke-Wulf 190 continuaram sendo os esteios da defesa aérea da Alemanha durante o dia até o fim da guerra, foram ultrapassados pelos caças dos Aliados. O suicídio do chefe do estado-maior da Luftwaffe, Hans Jeschonnek, em agosto de 1943, representou uma admissão de derrota por parte da força aérea.

Adam Tooze apresentou um argumento importante e convincente contra as afirmações de Albert Speer sobre ser o criador de um “milagre” na produção de armamentos alemães entre 1942 e 1945.[4] Muitos recursos lançados por Speer para enfrentar crises fracassaram: por exemplo, o revolucionário submarino Mk XXI entrou em produção de modo tão apressado em 1944 que defeitos técnicos o tornaram inoperante para o combate. A escassez de carvão e de aço persistiu até o fim da guerra — a distribuição de combustível para os civis foi reduzida a um nível 15% abaixo da magra ração nacional britânica. O ano de 1943 foi o último em que a Alemanha ainda teve acesso aos minérios ucranianos. Atender as necessidades de munição já absorvia, por si, mais de metade da alocação de aço do exército, juntamente com os serviços de 450 mil operários; outros 160 mil fabricavam tanques, e 210 mil produziam armas diversas.

A produção de 18.300 viaturas blindadas pela Alemanha em 1943 foi em muito superada pelas 54.100 unidades fabricadas pelos Aliados — das quais 29 mil eram russas —, apesar de as fábricas do Reich terem dobrado suas entregas entre o outono de 1942 e a primavera de 1943. A produção alemã de munição atingiu o ponto máximo em setembro de 1944. De 1943 em diante, os Aliados superaram o Eixo em todas as categorias de armamento, exceto tanques, por margens cada vez maiores.

Dessa forma, é ainda mais notável que, em face de tantas desvantagens e tantos erros de cálculo, as forças alemãs pudessem sustentar uma resistência feroz até maio de 1945. Ao avaliar a experiência industrial do Terceiro Reich e do trabalho de Speer e de Milch — sucessor de Jeschonnek como chefe do estado-maior da Luftwaffe —, o revisionismo histórico pode cometer exageros. Em 1943, na verdade antes disso, o Reich seguia uma trajetória que só poderia levar ao colapso econômico. Mas saber disso não serviria de muito consolo para os soldados dos Aliados que combatiam os alemães, enfrentando arrasadoras barragens de artilharia e de morteiros e tentando confrontar tanques Tigre e Pantera com seus modelos inferiores.

A fraqueza da ofensiva de bombardeiros dos Aliados estava na má qualidade das informações de inteligência, que fizeram dela, nas lastimosas palavras de Churchill, um porrete em vez de um florete. O sistema Ultra foi de pequena ajuda para descobrir o que se passava dentro da Alemanha, porque a maioria dos dados industriais era transmitida por papel ou por linhas terrestres de comunicação, e não por rádio. Mesmo quando o

poder de destruição da RAF e da USAAF cresceu, os "barões dos bombardeiros" continuaram mal informados sobre os pontos de estrangulamento da indústria nazista, que, de qualquer maneira, Sir Arthur Harris estava pouco interessado em identificar. Tendo embarcado numa campanha para destruir cidades alemãs, sustentou essa obsessão até 1945. A USAAF, doutrinariamente empenhada nos bombardeios de precisão, esforçou-se muito mais para localizar alvos cruciais: em agosto e outubro de 1943, por exemplo, a 8ª Força Aérea sofreu baixas assustadoras ao atacar fábricas de rolamentos em Schweinfurt, com êxito sofrível. Na primeira incursão, 147 das 376 aeronaves usadas foram perdidas, e na segunda, sessenta das 291, além de outras 142 danificadas.

Esses desastres aumentaram o desprezo de Harris pelos bombardeios de precisão lançados contra aquilo que ele chamava de "alvos panaceia". Já foi observado, com justiça, que, embora os líderes britânicos na Conferência de Casablanca em janeiro de 1943 tenham exigido uma ofensiva conjunta de bombardeiros, o que de fato ocorreu foi uma competição entre a RAF e a USAAF, cada qual seguindo sua própria doutrina. Adam Tooze acredita que a "Batalha do Ruhr", de Harris, que começou com um ataque a Essen em 5 de março de 1943, esteve perto de alcançar uma vitória decisiva ao arruinar a produção alemã de carvão e de aço.[5] Göring ficou espantado com o fato de os Aliados não continuarem seus ataques ao Ruhr, "porque ali estamos, em alguns lugares, tendo de lidar com gargalos de produção que representam perigos enormes", como Goebbels registrou. Mas o Comando de Bombardeiros subestimou a importância de se manter pressão sobre as cidades industriais já atacadas, que Harris mais do que rapidamente apagava de sua lista de alvos ao ver fotos aéreas que mostravam edifícios sem teto.

Em julho de 1943, Harris, julgando que o Ruhr já estava arrasado o bastante, mudou o foco de ataque do Comando de Bombardeiros para Hamburgo e, depois, para Berlim. Sobre a capital de Hitler, seus esquadrões, operando no raio de ação máximo em clima de inverno contra uma área-alvo imensa e muito dispersa, sofreram de forma severa — as perdas em todas as missões atingiram a média inaceitável de mais de 5%. No fim de 1943, o quartel-general do Comando de Bombardeiros enviou relatório para todos os seus grupos e bases, proclamando nos termos mais fantasiosos os resultados dos ataques: "Essas incursões na capital alemã assinalam, de fato, o começo do fim (...) A organização militar e industrial nazista, e acima de tudo seu moral, sofreu com esses ataques um golpe mortal, do qual não podem se recuperar."[6]

Em 7 de dezembro, Harris escreveu para o primeiro-ministro, afirmando que, se pudesse lançar mais quinze mil incursões com aviões Lancaster contra as principais cidades da Alemanha, o regime nazista cairia até 1º de abril de 1944. O Comando de Bombardeiros quase cumpriu essa cota de missões, mas a resistência alemã prosseguiu. As extravagantes predições do comandante em chefe prejudicaram sua credibilidade com o primeiro-ministro e com os chefes das outras forças singulares, incluindo Sir Charles Portal. No começo da primavera de 1944, quando o Comando de Bombardeiros foi desviado para se juntar à USAAF no ataque contra alvos pré-invasão na França, suas baixas na "Batalha de Berlim" haviam se tornado proibitivas. Mas a férrea vontade de Harris permitiu-lhe mais tarde, ainda naquele verão, renovar seu assalto às cidades alemãs, que prosseguiu até abril de 1945.

Os bombardeios não tiveram sobre o moral da população civil o impacto decisivo que os britânicos esperavam: as fábricas continuaram a produzir, e as ordens, a ser

obedecidas, assim como ocorrera na Grã-Bretanha em 1940 e 1941. Sempre foi uma ironia, enraizada em suposições descaradamente chauvinistas, que a RAF tenha se dedicado a fazer com a Alemanha exatamente o que a Luftwaffe não conseguira fazer com o povo de Churchill. Mas o sofrimento dos alemães que viviam nas cidades tornou-se grande demais; o regime nazista teve de recorrer a meios cada vez mais desesperados para explicar ao povo sua vulnerabilidade a ataques aéreos. Manchetes de jornal depois do assalto às barragens em maio de 1943 afirmavam que fora "obra de judeus". O público não se convenceu: relatórios da polícia informavam que muitos cidadãos simplesmente perguntavam por que a Luftwaffe era incapaz de façanhas como aquela. Em junho, um supervisor municipal em Hagen assistiu a uma incursão britânica noturna na vizinha Wuppertal:

> Rugem centenas de canhões antiaéreos (...) O ar vibra com os motores dos muitos aviões. Inúmeros holofotes vasculham o céu. Chovem estilhaços (...) Cinco aviões inimigos foram apanhados num facho de holofote; voam em nossa direção, são metralhados furiosamente e passam por cima de nós. Depois, vemos um avião em chamas despencar. Isso dura uma hora e meia (...) A oeste, o céu está vermelho (...) Longos comboios de caminhões passam pela cidade, carregados de todos os tipos de utensílios domésticos. Pessoas perturbadas sentam-se junto a seus poucos objetos pessoais. Refugiados chegam à estação principal. Ficam ali, com os rostos escurecidos pela fuligem, donos apenas daquilo que vestem. Miséria total. O estado de ânimo na cidade é horrível. Em toda a parte, a mesma pergunta: quando será nossa vez?[7]

Em junho de 1943, um cidadão de Mülheim escreveu: "Nosso Führer agora deve ordenar a destruição das grandes cidades da Inglaterra."[8] Hitler certamente o faria se pudesse, mas a Luftwaffe era incapaz de voltar para terminar o que deixara inacabado em maio de 1941. Alguns alemães criteriosos temiam que a crescente devastação de sua terra representasse um julgamento pelos crimes dos nazistas: em 20 de dezembro de 1943, o bispo protestante de Württemberg provocou a ira de Berlim ao escrever para o chefe da chancelaria do Reich sugerindo que seu rebanho "muitas vezes sentia que os sofrimentos que precisavam suportar com os bombardeios inimigos eram um castigo pelo que se fazia contra os judeus".[9] Ele foi severamente admoestado a mostrar "mais reserva nesses assuntos".

Enquanto os bombardeios se intensificavam e o moral dos civis desmoronava, opressão e imposição eram empregadas com crueldade cada vez maior para manter a hegemonia nazista. Em 1943, os tribunais condenavam à morte semanalmente cem cidadãos considerados culpados de derrotismo ou sabotagem: dois gerentes de filiais do Deutsche Bank e um alto executivo de um grupo de empresas de eletricidade estiveram entre os executados por manifestarem desânimo com relação ao resultado da guerra. Para manter a produção, a indústria aeronáutica adotou uma semana de trabalho de 72 horas.

À medida que o trabalho escravo adquiria mais e mais importância, Milch insistia em tomar medidas ainda mais draconianas para aumentar a produtividade. Eis o que escreveu a respeito de operários estrangeiros e prisioneiros de guerra: "Esses elementos não podem se tornar mais eficientes com *pequenas medidas. Eles simplesmente não estão sendo tratados com suficiente rigor*. Se um capataz decente socasse um desses sujeitos indisciplinados que não querem trabalhar, a situação mudaria. *A lei internacional não pode ser aplicada aqui*. Expressei-me com muita veemência (...) Tenho defendido fortemente o ponto de vista de que os prisioneiros, com exceção dos ingleses e dos americanos, *devem ser tomados das autoridades militares*. Soldados não estão em condição (...) de lidar com esses sujeitos (...) Se [um prisioneiro de guerra] cometeu sabotagem ou se recusou a trabalhar, eu mandarei enforcá-lo na própria fábrica."[10] As "armas maravilhosas" de Hitler, a bomba voadora V1 e o foguete V2, foram produzidas por escravos em condições de terrível sofrimento e brutalidade. A produção industrial só foi mantida em virtude da cruel exploração da mão de obra cativa. O compromisso com "armas de vingança" de alta tecnologia, que se estima ter custado ao Reich cerca de um terço dos recursos gastos pelos Aliados no projeto atômico Manhattan, representou um fardo pesado e fútil para uma economia de guerra em declínio.

Embora a RAF tenha infligido imensos danos à Alemanha, coube à USAAF obter a mais importante vitória da guerra no ar, nos primeiros meses de 1944, com meios que surpreenderam seus próprios comandantes. O caça Mustang de longo alcance, capaz de escoltar Fortalezas Voadoras e Liberators até a Alemanha e de vencer em combate qualquer adversário que encontrasse, tornou-se disponível em grandes quantidades. A USAAF embarcou numa enorme campanha contra fábricas de aeronaves, castigando-as por seis dias consecutivos durante a "Grande Semana" em fevereiro e forçando a Luftwaffe a utilizar todos os caças disponíveis em sua defesa. Logo ficou claro que a destruição em terra produzida pelos bombardeiros era menos significativa do que o fabuloso êxito dos pilotos americanos no combate aéreo. Num só mês, a Luftwaffe perdeu um terço de seus caças e um quinto de suas tripulações. Em março, metade do que restava do poderio aéreo alemão foi destruída; em abril, 43% de sua capacidade residual; em maio e junho, 50%.

A produção alemã continuou notavelmente alta: ainda em setembro, 3.538 aviões de todos os tipos foram fabricados, dos quais 2.900 eram caças. Mas a produção total da Luftwaffe em 1944, de 34.100 aviões de combate, foi acachapada pelos 127.300 aviões dos Aliados, dos quais 71.400 eram americanos, e a perda de pilotos alemães era calamitosa. Depois disso, a USAAF começou a visar fábricas de petróleo sintético, a principal fonte de combustível do Reich depois que os russos invadiram os campos de petróleo romenos em abril de 1944, com impacto imediato no abastecimento de combustível: a Luftwaffe acabou vendo muitos de seus aviões em terra, enquanto o treinamento de tripulantes se deteriorava. Quando chegou o Dia D, em junho, os esquadrões desfalcados de Göring foram incapazes de oferecer apoio significativo à Wehrmacht. A partir de então, o bombardeio aéreo da Alemanha assumiu proporções espetaculares, ao mesmo tempo em que as perdas da RAF e da USAAF diminuíam. Enquanto num típico ataque de março de 1943 cerca de mil aeronaves despejavam quatro mil toneladas de bombas, em fevereiro de 1944 o tamanho médio da força tinha triplicado; em julho, os Aliados empregaram 5.250 aviões de todos os tipos contra a Alemanha, com uma capacidade de vinte mil toneladas

de bombas. Ao longo daquele ano e nos primeiros meses de 1945, eles reduziram a escombros as grandes áreas urbanas do Reich. Até novembro de 1944, ataques à rede ferroviária quase impossibilitaram o envio do aço produzido no Ruhr para fábricas em outros lugares.

O efeito moral das incursões diurnas da USAAF foi imenso: o povo alemão via com horror imensas formações de aviões inimigos desfilarem impunemente sobre sua pátria, suas esteiras de condensação rasgando o ar. "As faixas brancas moviam-se lentamente pelo céu",[11] escreveu um espectador, quando grupos de bombardeio da 8ª Força Aérea passaram voando, "calmamente, em linha reta, sem pressa. Chegaram mais perto. Quando nossos olhos se acostumaram às luzes ofuscantes, vimos, banhados na claridade solar, os pontos luminosos no começo das faixas; em elegantes esquadrões, eles passaram — um, e depois de alguns minutos outro, e um terceiro, um quarto, um quinto (...) As pessoas ao nosso lado começaram a contar os minúsculos pontos prateados. Já haviam chegado a quatrocentos. Mas ainda não se via o fim."

Os variados potenciais dos ataques dos Aliados caíram sobre 158 cidades alemãs. Braunschweig, um exemplo típico, foi alvo de doze incursões, que destruíram um terço de seus prédios e mataram 2.905 pessoas. Essen, centro da indústria de aço, recebeu 635 alertas de "aproximação de aviões inimigos" entre setembro de 1939 e dezembro de 1943, seguidos por mais 198 alertas nos nove meses seguintes. Cada um obrigava os desalentados moradores a passar horas refugiados em abrigos e *bunkers*. A população rural da Alemanha só foi submetida a ataques aéreos deliberados em 1945, mas não havia lugar totalmente seguro: na noite de 17 de janeiro de 1943, uma bomba extraviada caiu na pequena comunidade rural de Neuplotzen, em Brandemburgo, a oeste de Berlim, matando oito pessoas. Ergueu-se uma cruz perto dos túmulos, exibindo as palavras: "Foram arrancados da vida cotidiana por uma morte odiosa. A fé na vitória vence a aflição."[12]

Enquanto a destruição aumentava, intensificava-se também a hostilidade nazista contra os pilotos responsáveis dos Aliados: Martin Bormann, secretário e amigo íntimo de Hitler, enviou uma circular às autoridades locais em 30 de maio de 1944 determinando que nenhum cidadão fosse punido por atacar ou matar tripulantes de aeronaves inimigas derrubadas. Foram registrados cerca de quatrocentos incidentes em que pilotos britânicos e americanos foram mortos imediatamente após saltarem de paraquedas ou caírem com seus aviões. Pilotos de caças-bombardeiros, que metralharam alvos no solo durante voos rasantes na última fase da guerra, atraíam um ódio especial. Entre os exemplos registrados, quatro tripulantes foram mortos em Bochum em 24 de março de 1944, sete aviadores americanos foram mortos em Rüsselsheim em 26 de agosto, e uma multidão furiosa espancou até a morte três homens da RAF em Essen em 13 de dezembro. Em fevereiro de 1945, um membro da brigada de incêndio de uma fábrica que protestou com veemência contra os maus-tratos aos pilotos capturados foi morto pela Gestapo.

Os alemães que viviam nas cidades eram obrigados a passar até metade de cada período de 24 horas em porões e abrigos. O acesso privilegiado das autoridades nazistas aos refúgios mais bem protegidos provocava ressentimentos generalizados. Num abrigo público em Bochum, conta-se que membros do partido "se acomodaram com algumas caixas de cerveja" enquanto cidadãos menos afortunados ficavam expostos à fúria do bombardeio. Hitler investiu vastos recursos em sua segurança pessoal: 28 mil operários e

um milhão de metros cúbicos de concreto — mais do que o peso dos materiais empregados em todos os abrigos públicos da Alemanha durante 1943 e 1944 — foram usados para construir seu quartel-general no leste da Prússia e seu *bunker* em Berlim. Uma ajudante da Luftwaffe, de 22 anos, descreveu sua repulsa depois de passar uma noite num abrigo público em Krefeld, em novembro de 1944:

> Na frente da sala, homens e mulheres de todas as idades viravam tragos de bebida (...) Com as densas nuvens de fumaça de cigarro, era impossível dormir. De um canto, vinha o barulho confuso de mulheres gritando e homens bêbados resmungando (...) Crianças e velhos dormiam entre os adultos, embrulhados em cobertores de lã e em trapos esfrangalhados, em camas com placas de madeira ou em cadeiras. Por toda parte, havia corpos caídos, exaustos, e rostos emaciados (...) um bafo terrível do cheiro de roupas íntimas sujas, de suor e de ar rançoso quase nos impedia de respirar. Ao longe, uma criança chorava baixinho, enquanto, do outro lado, vinha o som de roncos e de gemidos.[13]

Castigos cruéis eram impostos aos saqueadores que se aproveitavam dos ataques aéreos: em 5 de março de 1943, Kasimir Petrolinas, lituano de 69 anos, foi flagrado por um policial roubando três tigelas de metal danificadas, no valor de um Reichsmark [moeda do Terceiro Reich], dos escombros em Essen. Condenado por um tribunal especial, em questão de horas foi executado por um pelotão de fuzilamento. Em março de 1944, uma jovem de dezoito anos chamada Ilse Mitze foi acusada de roubar oito camisetas, cinco calções e treze pares de meias logo após uma incursão em outubro de 1943 em Hagen. Alegou-se, em sua defesa, que, antes, ela ajudara a remover as vítimas sob os escombros. Seu empregador admitiu que ela era "difícil" e "louca por doces", mas acrescentou que era "trabalhadora e respeitável". Ao dar seu testemunho, o oficial médico de Hagen acusou-a de ser "uma psicopata estúpida, impudente e falsa".[14] Ela foi condenada à morte, sentença contra a qual até as autoridades locais de segurança protestaram. Ainda assim, Mitze foi guilhotinada em Dortmund em maio, e seu destino foi proclamado em cartazes para desencorajar outras pessoas.

Os moradores das cidades alemãs viveram o terror e a devastação numa escala muito superior a qualquer coisa que a Luftwaffe infligiu à Grã-Bretanha em 1940 e 1941: um ataque de bombardeiros bem-sucedido gerava um cenário infernal. Mathilde Wolff-Monckeburg escreveu, em Hamburgo, no furioso incêndio de julho de 1943: "Durante duas horas inteiras, esse terror de arrebentar os ouvidos prossegue, e a gente só vê fogo. Ninguém fala. Rostos tensos esperam o pior a cada explosão colossal. Cabeças se abaixam automaticamente quando há um estrondo, e fisionomias se enchem de horror."[15]

Os efeitos grotescos da destruição eram ilimitados. Ursula Gebel escreveu sobre um ataque a Berlim em novembro de 1943, quando muitas bombas caíram no zoológico. "Naquela tarde (...) eu tinha ido à jaula do elefante e visto seis fêmeas e uma cria brincarem com o tratador. Na mesma noite, os sete foram queimados vivos (...) O

hipopótamo sobreviveu no tanque, [mas] todos os ursos, ursos-polares, camelos, avestruzes, aves de rapina e outros pássaros foram queimados. Os tanques do aquário secaram; os crocodilos escaparam, mas, como as cobras, morreram congelados no frio ar de novembro. Tudo o que sobreviveu no zoológico foi o elefante macho chamado Siam, o hipopótamo macho e alguns macacos.”[16]

Martha Gros morava em Darmstadt, perto de Frankfurt. Na noite de 12 de setembro de 1944, essa grande cidade industrial sofreu um ataque do 5º Grupo do Comando de Bombardeiros que matou pelo menos nove mil pessoas. “Ficamos no canto mais distante do abrigo”,[17] contou ela:

> Éramos Hauptmann R., de farda, eu, Fräulein H e G, segurando as mãos uns dos outros e escutando [os aviões] zunirem sobre nós. Uma das primeiras explosões foi perto. Meu coração palpitou, houve um estrondo assustador, as paredes sacudiram. Ouvimos estalos, depois o colapso de alguma coisa e o crepitar de chamas. O reboco começou a cair em cima de nós, e achamos que o teto fosse desabar. As luzes tinham se apagado. Uns trinta segundos depois houve uma segunda explosão terrível, a porta se abriu, e vi, banhada numa luz ofuscante, a escada lá em cima desabar e um rio de fogo descer. As cortinas de segurança pegaram fogo.
>
> “Vamos sair daqui”, gritei, mas Hauptmann R. me segurou: “Fique aqui, eles ainda estão sobre nós.” Naquele momento, a casa em frente foi atingida. Uma língua de fogo, de uns cinco metros, disparou em nossa direção, armários e outros móveis se abriram e caíram em nós. Uma pressão terrível nos imprensou contra a parede. R. gritou: “Vamos sair de mãos dadas.” Usando toda a força, ele me tirou de debaixo dos destroços de madeira. Larguei meu cofre e puxei a senhorita H comigo, e ela agarrou o senhor G. Subimos por um buraco que levava aos fundos. Nossa casa ardia em chamas. Ouvi o teto desabar, vi minhas camas pegarem fogo. No meio do jardim estava incrivelmente quente, e havia tanta fumaça que nos ajoelhamos no chão, mantendo a cabeça o mais baixo possível, de vez em quando pegando terra com as mãos para passar no rosto aquecido.

Nos porões e abrigos sob um hospital próximo, sob a iluminação de emergência de baterias, lençóis eram embebidos em óleo de cozinha para aliviar a dor de vítimas horrivelmente queimadas, a maioria das quais morria. A água foi cortada. Um cheiro forte de carne queimada impregnava o ar. Médicos operavam por horas a fio, mais do que exaustos. Os cadáveres de alguns mortos não apresentavam marcas — tinham sucumbido à asfixia ou a ferimentos internos infligidos por explosões. Muitas pessoas sofreram problemas oculares causados por exalações pungentes ou por fragmentos em chamas lançados pelo ar. Ottilie Bell descreveu um objeto que quase a atingiu: “Houve um estrondo, as luzes se apagaram, o rádio pifou. Caímos todos de joelhos, de boca aberta.

Minha cunhada rezava alto pedindo que nossa vida fosse poupada. Nosso cachorrinho, que mal completara seis semanas, começou a latir de pavor."[18]

A dona de casa Grete Siegel disse: "Estávamos petrificados (...) Senhoras de idade encostavam-se nos muros de seus jardins em roupas de dormir e touca, tremendo de terror e de frio. Os que foram queimados tinham bolhas do tamanho de punhos no rosto, no pescoço, em toda parte. Uma mulher tinha tiras de pele penduradas no rosto (...) Vi um corpo chamuscado, de uns sessenta centímetros de comprimento, deitado com o rosto virado para o chão. Era como todos estavam (...) No *Palaisgarten*, vimos incontáveis corpos, quase todos nus: um tinha apenas uma meia; outro, apenas suspensórios ou uma tira de camisa; havia uma menininha loura, que parecia sorrir."[19] Em porões, pessoas que tinham morrido de asfixia permaneciam sentadas como fantasmas, enroladas em cobertores e com panos amarrados no rosto: "O fedor era horrível." Quando amanheceu em 13 de setembro, nas palavras de Martha Gros, "houve um silêncio mortal na cidade, sinistro, assustador. Foi ainda mais irreal do que na noite anterior. Nenhum pássaro, nenhuma árvore verde, nenhuma pessoa, nada além de cadáveres". Ottilie Bell disse: "Tudo o que se via eram ruínas em brasa. Nenhuma casa ficou de pé em nossa rua de mil metros."[20]

Entre 1943 e 1945, cenas como essas se repetiram dia após dia, noite após noite, nas cidades da Alemanha. Além do sofrimento dos civis, o moral dos soldados em campos de batalha distantes sofria dolorosamente com as notícias de casa — e, depois, ao ver a destruição pessoalmente. "Que recepção!",[21] escreveu um soldado alemão que retornara da frente russa em 1944. "É claro que tínhamos ouvido falar dos ataques aéreos aliados às cidades alemãs. Mas o que vimos das janelas [do trem] foi muito mais do que poderíamos imaginar. Abalou-nos até o âmago. Era por aquilo que lutávamos no leste? (...) Os civis estavam com o rosto cinzento e cansado, e em alguns víamos até ressentimento, como se fosse por nossa culpa que suas casas tivessem sido destruídas e tantos entes queridos transformados em cinzas."[22] A Itália não foi poupada. O tenente Pietro Ostellino escreveu, no Norte da África, para sua casa: "Ouvi hoje que aviões inimigos mais uma vez bombardearam nossa grande e bela Turim (...) O bombardeio de uma cidade aberta é horrível. Quando aeronaves descarregam sua fúria em cima de nós na linha de frente, tudo bem. Somos soldados e temos de aguentar as consequências da guerra. Mas para os civis indefesos é um ato de crueldade e selvageria desumanas."

• • •

Em 1944 e 1945, a ofensiva de bombardeiros anglo-americana tornou-se a expressão suprema do poderio industrial e das proezas tecnológicas dos dois países. Boa parte do leste e do sul da Inglaterra foi transformada num tabuleiro de bases aéreas cobrindo terras de cultivo, cercadas por concertinas e destinadas para treinamento, transporte, caças ou bombardeiros. Havia 110 aeródromos da USAAF e da RAF só em Norfolk, cada qual ocupando 242 hectares de planície; uma base do Comando de Bombardeiros era operada por cerca de 2.500 funcionários de solo, dentre os quais havia cerca de

quatrocentas mulheres, e um elenco rotativo de 250 tripulantes. Foi uma guerra conduzida por cronogramas, de acordo com uma rotina diária entediante sustentada durante anos.

Nos últimos meses, as perdas da USAAF e da RAF na Europa despencaram, mas o voo operacional jamais foi uma atividade isenta de perigos. A tripulação de Alan Gamble, uma mescla de nacionalidades característica daquele período — piloto australiano, metralhador de cauda americano, navegador e metralhador na parte de cima do meio da aeronave escoceses, e os demais ingleses —, iniciou suas operações em fevereiro de 1945 ansiosa para estar "na fase final (...) Esperamos fazer nome".[23] Todos haviam concluído turnos anteriores com o Comando de Bombardeiros. Em 7 de fevereiro, decolaram com uma força de cem Lancaster para um ataque diurno a uma refinaria de petróleo em Wanne-Eickel. Cruzando a costa francesa, viram adiante uma nuvem negra carrancuda e subiram à altitude máxima numa tentativa de evitá-la. Mas o avião começou a cobrir-se de gelo rapidamente. Não demorou para "sacudir como um pato bêbado", nas palavras de Gamble.

Eles prosseguiram, mas, depois de um debate pelo sistema interno de comunicações, optaram pela vizinha Krefeld, no Ruhr. O avião estava a 8.500 pés de altura e tinha acabado de soltar suas bombas quando houve uma guinada violenta e a asa de estibordo começou a entortar "como se fosse dar uma volta em torno de nós". O Lancaster virou e começou a girar. "Preparar para abandonar aeronave!", gritou Geoff, o piloto, enquanto lutava para recuperar a estabilidade. Gamble, convencido da morte iminente, pensou: "Meu Deus, é o fim... Espero que não doa muito." De repente, o avião corrigiu sua posição, ainda que momentaneamente. Os tripulantes agarraram seus paraquedas e, um por um, saltaram pela escotilha dianteira. Gamble descobriu, alarmado, que ia cair num rio turbulento, mas conseguiu manobrar e desceu em terra firme. Sua tripulação teve uma sorte rara: todos aterrissaram vivos e sobreviveram aos três meses seguintes como prisioneiros.

Até o fim, as cidades foram castigadas impiedosamente. Uma mulher em Braunschweig escreveu em 9 de março de 1945: "Os aviões sobrevoam Berlim todos os dias, até duas vezes. Pobre, pobre gente. Como aguenta tanto sofrimento? Todos estão absolutamente exaustos."[24] Um berlinense, Karl Deutmann, escreveu a respeito de um ataque da USAAF: "Tudo que ouvimos, atrás das paredes de um metro de espessura de nosso *bunker*, e por mais de uma hora, foi o terrível barulho surdo do tapete de bombas que caíam, com as luzes vacilando e, às vezes, quase apagando (...) Quando saímos, o sol tinha desaparecido, e nuvens escureciam o céu. Alimentado por inúmeros incêndios pequenos e grandes, um vasto mar de fumaça estendia-se sobre toda a área central da cidade (...) Em Neuburgerstrasse (...), a escola técnica para moças fora atingida; centenas de meninas haviam se refugiado no porão. Depois, os pais olhavam os corpos destruídos, mutilados e desnudados pela explosão, incapazes de reconhecer as próprias filhas." Em Hagen, alguém escreveu num diário em 15 de março de 1945: "O medo e o pânico dominam as pessoas. Não ficou um só edifício público na cidade, nenhum comércio, mal sobraram ruas. Só montanhas de pedras e de entulho. Estou abalado até a raiz do meu ser e não consigo descrever o horror. Um sibilo e um rugido estranhos enchem o ar. Continuo parado com as outras pessoas, desnorteado, sem saber o que fazer."[25]

Apenas um número limitado de britânicos e de americanos se preocupava com o destino da Alemanha sob bombardeios aéreos, em parte porque os governos enganavam persistentemente seus povos sobre a natureza da campanha: a realidade do bombardeio

por áreas e do atingimento de cidades era disfarçada pela verbosidade sobre instalações industriais. A USAAF, doutrinária e moralmente dedicada a ataques de precisão, jamais admitiu ao público que suas operações, e sobretudo seus bombardeios cegos guiados por radar, infligiram quase tanto dano à vida e às propriedades civis quanto os ataques de área da RAF. Além disso, era pedir demais aos povos dos Aliados, que tanto haviam sofrido com a agressão alemã, que se preocupassem demais com as baixas civis alemãs.

Alguns britânicos instruídos ficaram mais consternados com os custos para a arquitetura do que para os seres humanos: Harold Nicolson, esteta e membro trabalhista do Parlamento, expressou choque diante da indiferença pública à destruição do legado cultural da Europa. "É um opróbrio para a educação democrática",[26] escreveu ele no *Spectator*, em fevereiro de 1944, um ano antes do bombardeio a Dresden, "que o povo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos seja indiferente, ou mesmo hostil, a essas expressões supremas da inteligência humana. É desabonador para nossos líderes que demonstrem apenas uma consciência superficial de suas responsabilidades. E será uma fonte de dor para nossos netos o fato de que nós, que poderíamos ter oposto resistência, como depositários da herança europeia, viramos o rosto para o outro lado."

Nicolson acertou quando previu que as gerações futuras ficariam horrorizadas com a ofensiva estratégica de bombardeios, mas errou quanto à natureza de sua reação: no século XXI, é o bombardeio indiscriminado de civis, mais do que a devastação de palácios barrocos, que provoca fortes emoções. Não são poucos os críticos alemães, e até anglo-americanos, que veem uma equivalência moral entre a perversidade com que os nazistas massacravam inocentes, especialmente judeus, e a perversidade com que os Aliados incendiavam cidades. Parece um equívoco. A ofensiva com bombardeios foi projetada para alcançar a derrota do Eixo e a libertação da Europa. Os assassinatos em massa cometidos pelos nazistas não apenas vitimaram um número muito maior de pessoas como careciam da justificativa de perseguir um objetivo estratégico. Na realidade, foram conduzidos exclusivamente para satisfazer os objetivos ideológicos e raciais da Alemanha nazista. O determinismo tecnológico foi fator decisivo nos maiores excessos dos bombardeios, que ocorreram em 1945, quando a guerra obviamente se aproximava de sua conclusão: existiam vastas forças aéreas, e para isso elas foram empregadas. Anos de conflito contra um inimigo bárbaro tinham embrutecido as sensibilidades dos Aliados e atrofiado os instintos humanitários. Isso não chega a ser surpreendente.

Quando tudo acabou, os aviadores americanos e britânicos que haviam participado da ofensiva estratégica contra a Alemanha, com tão grandes riscos e sacrifícios pessoais, ficaram consternados, desanimaram-se ao descobrir que suas campanhas eram alvo de críticas, e até de opróbrio. Haviam bombardeado a economia de guerra nazista até um estado de colapso; infelizmente, porém, sua conquista chegou tarde demais para assegurar o crédito de que os chefes das forças aéreas se julgavam merecedores. Os exércitos dos Aliados estiveram prestes a completar a derrota do Reich com seus próprios esforços. A ofensiva com bombardeios contribuiu significativamente para o resultado, mas atingiu sua terrível maturidade tarde demais para reivindicar êxito em seus próprios termos.

Os críticos concluíram que os Aliados pagaram um preço moral inaceitável por resultados estratégicos marginais. Sir Arthur Harris disse: "Tudo se resume ao fato de que todo mundo antipatiza com os bombardeiros, que jogam coisas em cima das pessoas, e todo mundo adora os caças, que derrubam os bombardeiros."[27] Certa vez, ele escreveu,

acerbamente: “Não tenho intenção (...) de entrar para a história como o autor, ou único executante, dos planos estratégicos para destruir as cidades da Alemanha.”[28] Ele mesmo nunca teve “controle estratégico da Ofensiva de Bombardeiros (...) apenas controle tático para implementar as diretrizes estratégicas (...) recebidas”.

Harris citou o comentário do general John Burgoyne ao aceitar a derrota na Guerra da Independência americana: “Sei que a ingratidão ministerial se manifestará, como sempre foi de costume em todos os países e em todos os tempos, para tirar a culpa da ordem e atribuí-la à sua execução.” Harris acrescentou: “Com minha experiência, duvido que ele jamais tenha dito algo mais verdadeiro.” Fazia sentido. Harris era um comandante formidável, ainda que um ser humano difícil, que desenvolveu uma obsessão pessoal de destruir cidades alemãs e demonstrou o espírito de um romano antigo na busca desse objetivo: *Delenda est Carthago*. Mas se seus superiores discordavam do seu modo de conduzir as forças de bombardeiros da Grã-Bretanha, era dever deles demiti-lo. Como se viu, Churchill e os chefes de estado-maior permitiram que Harris levasse até o flamejante fim a política que eles próprios tinham ordenado em 1942; ele pôs em prática o bombardeio de área, não a concebeu.

É injusto que os pilotos de caça de todos os países até hoje desfrutem de uma admiração popular geralmente negada aos tripulantes de bombardeiros. Seria mais apropriado que restrições morais ao ataque aéreo estratégico fossem orientadas àqueles que o instigaram. A matança de civis sempre deve ser lamentada, mas a Alemanha nazista representava um mal histórico. Até o último dia da guerra, o povo de Hitler infligiu espantosos sofrimentos a inocentes. A destruição de suas cidades e a morte de número significativo de seus habitantes parecem um preço necessário pelos horrores que os alemães desencadearam contra a civilização ocidental e representam um custo muito mais baixo do que o que a Alemanha impôs ao restante da Europa.

20
Vítimas

1 SENHORES E ESCRAVOS

Quase todos os cidadãos dos países que participaram na guerra sofreram consequências, mas em graus amplamente diversos. Os historiadores descrevem os acontecimentos principalmente em termos de choques entre exércitos, os quais, é claro, determinaram os resultados, mas o conflito também deve ser entendido como uma experiência humana que mudou a vida de centenas de milhões de pessoas, entre elas muitas que jamais viram um campo de batalha. O temor de ferimentos ou da morte era a causa mais óbvia de apreensão, especialmente na nova era dos bombardeios aéreos. Contudo, além desses temores, havia muitas outras causas de aflição: comida e saúde, a ausência de entes queridos, a dissolução de comunidades. Havia tristezas simples, como não poder presentear entes queridos. "Aniversário de Eva", escreveu Victor Klemperer, judeu destituído de tudo o que possuía pelo confisco nazista, referindo-se à sua mulher, em Dresden, em 12 de julho de 1944. "Minhas mãos vazias de novo, nem uma flor." Não era necessário estar sujeito à hegemonia do Eixo para sofrer severamente: Stalin deportou para o leste vastos números de cidadãos soviéticos pertencentes a minorias cujas lealdades ele considerava suspeitas, notavelmente chechenos e tártaros da Crimeia, num total de 3,5 milhões de indivíduos. Uma grande e não quantificada proporção dessas pessoas morreu em consequência disso, algumas doentes de tifo que surgiu enquanto eram transportadas. Seus sofrimentos, diferentemente daqueles das vítimas de Hitler, mal foram registrados, mas é sabido que quatro dos condecorados como Heróis da União Soviética estavam entre os deportados. Os expurgos de Beria desprezavam discriminações.

Entre outras vítimas dos soviéticos, encontrava-se 1,5 milhão de poloneses deportados para o exílio siberiano ou para o gulag em 1940 e em 1941, em apoio às políticas de limpeza étnica de Stalin; pelo menos 350 mil morreram de inanição ou dizimados por enfermidades, e outros trinta mil foram executados. Edward Matyka, soldado de 21 anos, supôs, ingenuamente, que os russos não impediriam sua fuga da região da Polônia ocupada pela Alemanha para a Romênia, mas foi detido por uma patrulha soviética em janeiro de 1940, levado para a prisão e condenado a cinco anos de trabalhos forçados por "travessia ilegal da fronteira e tentativas de espionagem a favor dos inimigos da União Soviética". Em outubro, depois de semanas de viagem em barcaças-prisão, ele e seus companheiros foram obrigados a marchar por 65 quilômetros num frio de rachar até chegarem ao campo de trabalhos: "Quatrocentas sombras humanas moviam-se, uma atrás da outra, lentamente, com dificuldade, abrindo caminho pela neve profunda (...) Passamos pela floresta; a coluna começou a alongar-se e afinar-se à medida que os fracos e os que carregavam bagagens ficavam pelo caminho."

No acampamento, passaram dezoito meses em condições de privação medonha. Em certas manhãs, mesmo no hospital da prisão, Matyka, ao acordar, encontrava seus cabelos cobertos por uma camada de geada. Todos os dias, em média doze homens morriam. O

polonês escreveu, desolado: “Eu estava tão longe das pessoas que amava, e jazia, doente, entre moribundos desconhecidos. Eu sabia que, se morresse, seria esquecido como aqueles cujos corpos sem vida eram retirados todos os dias e que minha família jamais saberia o que tinha acontecido comigo. Eu chorava como uma criança desamparada a quem se acusou injustamente de alguma coisa e rezava por um milagre.” Mandado para o Círculo Ártico, trabalhou num campo chamado Ust-Usa, enlatando carne para consumo na prisão. Quando ele e os camaradas finalmente foram soltos, haviam construído 960 quilômetros de estrada de ferro com as próprias mãos. Matyka escreveu, com amargura: “Ossos de poloneses e de outros prisioneiros provavelmente jazem sob cada dormente.”

Feliks Lachman, outro prisioneiro polonês no *gulag*, escreveu depois um amargo poemeto:

Piolhos, bichos, mosquitos, bichos,
Mais bichos, mais piolhos
Ratos, pulgas, mosquitos, moscas
E camundongos devoradores de pão
Sujeira, lama, sem sabão
Aguentar fedor, imundície
Sem fé, sem esperança
No escuro, tateamos
Nossas camas, tábuas nuas
Nossos colegas, doidos varridos
Nossos sonhos, longas filas
De tanques americanos.

Nas circunstâncias desesperadas da União Soviética em julho de 1941, Stalin anistiou 50.295 poloneses, libertos de prisões e de campos, junto com outros 26.297 prisioneiros de guerra e 265.248 saídos de assentamentos especiais e do exílio. Um número substancial de soldados ingressou, subsequentemente, no exército polonês comunista, formado dentro da União Soviética. No ano seguinte, mais 115 mil pessoas foram libertadas, entre as quais 73 mil militares e o restante, mulheres e crianças, receberam perplexos permissão para sair da Rússia para a Pérsia, onde se tornaram responsabilidade dos britânicos. Embora o secretário de Exterior, Anthony Eden, tenha reconhecido a terrível situação dos poloneses, “vivendo em condições assustadoras, doentes e ameaçados de morte por inanição”, esse não foi um fardo bem recebido pelos novos anfitriões. As autoridades coloniais britânicas no Cairo escreveram para o Foreign Office em junho de 1942 manifestando profundo alarme sobre a escala de migração polonesa: “Para sermos brutalmente francos, se esses poloneses morrerem na Rússia, o esforço de guerra não será afetado. Se [lhes for permitido] passarem para a Pérsia, nós, diferentemente dos russos, não poderemos deixá-los morrer e nosso esforço de guerra sofrerá sério prejuízo. É preciso tomar medidas para impedir que essa gente deixe a União Soviética antes que estejamos prontos para recebê-la (...) independentemente de quantos morram em consequência disso.”

Essa análise de descarada insensibilidade ilustra o embrutecimento de alguns dirigentes do esforço de guerra dos Aliados diante de tantas tragédias simultâneas. A

migração polonesa prosseguiu, de qualquer modo: um oficial médico britânico na Pérsia, responsável por cuidar dos refugiados recém-chegados, informou que 40% sofriam de malária e quase todos de disenteria, diarreia, desnutrição ou febre tifoide. Quase dois anos se passaram antes que os soldados poloneses estivessem preparados, do ponto de vista médico, para ingressar nos exércitos aliados que lutavam na Itália, onde serviram com distinção até o fim da guerra. Seus dependentes eram transferidos de um campo para outro, sob cativeiro britânico, em condições mais humanas, porém ainda infelizes. Muitos foram despachados para a Índia e depois, em 1945, para a Grã-Bretanha, onde grande parte preferiu passar o resto da vida. Quaisquer que tenham sido as falhas de conduta dos britânicos em relação a esses poloneses, a realidade fundamental é que eles eram vítimas de uma perseguição assassina pela União Soviética, potência que se juntara às democracias numa suposta "cruzada pela liberdade".

Ao mesmo tempo, estima-se que na Europa vinte milhões de pessoas tenham sido desalojadas das casas onde viviam antes da guerra, com frequência em circunstâncias de terríveis sofrimentos. Numa noite de 1940, Szmulek Goldberg, judeu de Łódź, levou sua namorada, Rose, a um clube esportivo nas vizinhanças da cidade, local onde haviam passado muitas horas felizes. As instalações haviam sido atingidas por bombas e fechadas. Eles andaram até o ginásio abandonado onde Szmulek vencera, tempos atrás, uma competição de dança com sua mãe. "Vestira minhas roupas caras e meu chapéu de feltro marrom pela última vez. Paramos e virei-me para Rose. 'Meu nome é Szmulek Goldberg', falei, num tom formal de apresentação. 'Meu nome é Rose', respondeu ela, com brilho nos olhos úmidos. Curvei-me diante dela, que me respondeu com uma reverência. Valsamos no silêncio, ao ritmo de uma música que ouvíamos apenas em nossos corações." Naquela noite, entre os soluços de Rose e um abraço demorado, Szmulek se despediu. Fugiu de Łódź e sobreviveu, mas passou os últimos anos da guerra em Auschwitz-Birkenau. Nunca mais viu a namorada.

Para centenas de milhões de pessoas, havia uma poderosa sensação de injustiça: elas não acreditavam merecer as pragas dos riscos, da privação, da solidão e do horror que as arrastaram de suas vidas familiares para ambientes estranhos e mortalmente perigosos. "Não acredito que eu seja mau", escreveu o artilheiro britânico tenente John Guest, "e não acredito que a maioria das pessoas, inclusive os alemães, o seja — certamente não má o suficiente para merecer seu envolvimento nesta guerra."

A situação da população dos países governados pelo Eixo era ainda pior, é claro: quase todos se viram à mercê tanto dos soldados inimigos quanto das novas administrações colaboracionistas. Chin Kee On, um chinês na Malásia, escreveu: "A antiga ordem social foi revertida. Os 'ninguéns' de ontem tornaram-se os 'maiorais' de hoje. A antiga escumalha, como os ex-condenados, os velhacos notórios, os caloteiros e os fracassados conhecidos. tornou-se a nova elite, desfrutando amplamente de poder e de favores oficiais." Em Java, duas jovens holandesas que viajavam com a mãe num trem superlotado espantaram-se quando os assentos a que estavam acostumadas lhes foram negados. Um indonésio idoso percebeu sua perplexidade. "*Ya Njonja, daly Iain sekarang*", disse ele, com ironia, à mãe — "Sim, minha senhora, as coisas mudaram."

A mesma família holandesa foi vítima, pouco depois, de infortúnios muito piores. Elizabeth van Kampen, filha do dono de uma plantação, passou os anos entre seus aniversários de quinze e dezoito anos num campo de concentração japonês com a mãe e duas irmãs, lutando para permanecer viva enquanto sofriam de desnutrição, pragas de

piolhos, beribéri, disenteria e repetidos ataques de malária. Quase todos os dentes da senhora Van Kampen caíram; seu marido morreu nas mãos da polícia Kempeitai. Elizabeth tentou preservar a sanidade sonhando com sua idílica infância colonial e com um mundo além dos muros, mas "como se pode sonhar quando se está trancada numa prisão suja e superlotada, quando se está deitada num colchão imundo infestado de insetos? Como se pode sonhar quando seu estômago clama por comida? Como se pode sonhar sem um som de música? Eu tinha dezessete anos, mas passei a sentir medo de sonhar".

Nos países ocupados, a lei não era um absoluto; tornava-se aquilo que os conquistadores preferissem. Poucos alemães eram tão melindrosos quanto o funcionário da Abwehr Helmuth von Moltke, que durante uma visita a Oslo ocupou uma casa norueguesa requisitada. "Era (...) repugnante a sensação de entrar na casa de um estranho, sentar ali como ladrões, enquanto o proprietário, eu sabia, estava num campo de concentração." Em abril de 1940, a família Ślązak foi despejada de seu pequeno apartamento e de sua loja em Łódź, entregues aos vizinhos, que pertenciam a uma minoria de origem alemã; a mãe de George chorava, desolada. "Meu querido pai era um doce gigante. Nunca o vira perder a calma. Ao ver os Bucholt tomarem nossa casa e nossa loja, ele tremia de raiva, mas não podia dizer nada diante de dois homens da Gestapo."

Aventureiros alemães e japoneses que obtiveram pouco status ou respeito em suas sociedades tornaram-se procônsules nos novos domínios de seus países. Takase Toru, poderoso personagem na Cingapura governada pelos japoneses, entre 1942 e 1945, provocava líderes empresariais chineses: "Estive na Malásia três vezes e vi muitos de vocês à mesa de jantar (...) mas os senhores não me notaram." Os japoneses extorquiram um "presente" da comunidade chinesa no valor de cinquenta milhões de dólares dos Estreitos [moeda vigente nas colônias britânicas do Estabelecimentos dos Estreitos], renomearam muitas ruas e adiantaram os relógios em duas horas para coincidir com a hora de Tóquio. Durante a breve lua de mel entre birmaneses e seus "libertadores" em 1942, uma trupe de teatro clássico japonês apresentou-se em Rangum, cantando:

> Vamos dançar com alegria,
> E se dançarmos com alegria,
> Será no coração de Tóquio,
> Alegria! Alegria!
> Entre as flores de Tóquio.

Porém, a arrogância e a brutalidade japonesas em pouco tempo destruíram a boa vontade do povo birmanês. Os malásios, da mesma forma, rejeitavam a conduta de seus novos senhores, exemplificada pelo hábito generalizado de urinar em público. A população local indignava-se com o costume japonês de repreender um erro com um tapa no rosto. Com relutância, os ocupantes modificaram essa prática em 1943, decretando que apenas altos oficiais, com patentes acima de coronel, poderiam abusar fisicamente dos nativos, mas pouca atenção foi dada à restrição. Christopher Bayly e Tim Harper, cronistas vívidos da experiência asiática, escreveram: "Do ponto de vista cultural, os japoneses não pareciam mais sensíveis do que os britânicos e eram, com certeza, mais brutais."

Hans Frank, governante nazista da Polônia, escreveu em seu diário, em 1942: "Humanidade é uma palavra que ninguém ousa empregar (...) O poder e a certeza de usar a força sem encontrar qualquer resistência são o veneno mais doce e pernicioso que se pode introduzir em qualquer governo." É uma declaração importante, pois captura a euforia experimentada por muitos alemães e japoneses que se viram, com seus acólitos locais, em posições que conferiam poderes absolutos de vida e de morte. Na vida corriqueira dos tempos de paz, as ações de homens e de mulheres são reprimidas não apenas pela lei, mas pelas convenções sociais; mesmo aqueles que talvez não sintam inibições morais sobre saquear, ferir ou matar outros estão sujeitos a um sistema que previne tais atos. Contudo, os homens que exerciam autoridade sob os regimes totalitários, incluindo enfaticamente a União Soviética, sabiam-se livres de todas as limitações e salvaguardas relativas à santidade da vida humana, desde que os assassinatos promovessem os objetivos do regime a que serviam. Essa liberdade imensa e terrível eletrizava seus beneficiários: os poucos ocupantes de cargos oficiais nazistas que deram testemunho honesto mais tarde descreveram o exercício do poder em termos líricos.

Para as vítimas, acostumadas à vida em comunidades organizadas, era difícil compreender as implicações de sua absoluta impotência. O abismo entre uma sociedade burguesa que praticava seus negócios na legalidade e o arco de entrada com os dizeres *Arbeit Macht Frei* em Auschwitz era, a princípio, vasto demais para ser compreendido. A ocupação e a submissão pareciam suficientemente ruins; foi apenas aos poucos que se tornou claro que poderiam existir gradações mais altas de sofrimento. Ruth Maier, jovem judia austríaca refugiada em Oslo, escreveu, em 25 de abril de 1941, sobre seus esforços para obter um visto americano: "Estive no consulado americano. Garantiram-me um visto depois da guerra, mas não antes... Portanto, precisamos ter paciência." A infeliz moça não compreendia ainda que a incapacidade de obter um visto não era um mero contratempo, mas uma questão de vida ou morte — de sua vida ou de sua morte: cinco meses depois, foi deportada e assassinada. Ainda em 1944, Edith Gabor, a filha de dezoito anos de um comerciante de diamantes de Budapeste, ouviu relatos sobre o destino de comunidades judaicas da Europa, "mas pensamos: 'Ah, é algo que acontece com outras pessoas, em outros países'". Ela teve medo, mas não o suficiente. Mais tarde, ainda naquele ano, foi transportada para o primeiro de uma série de campos de concentração, onde passou por horrores indescritíveis e sobreviveu por pouco. Toda a sua família, salvo um irmão, foi morta em câmaras de gás.

Muitas pessoas encontraram a morte longe dos campos de batalha. Os judeus da Europa sofreram o destino mais dramático, mas milhões de outros civis — russos, poloneses, iugoslavos, gregos, chineses, malásios, vietnamitas, indianos — foram eliminados por assassinatos deliberados, por explosões casuais, por doenças ou por inanição. Essas mortes não foram menos terríveis por ocorrerem na obscuridade, em alguma aldeia em ruínas em vez de em Auschwitz ou em Majdanek, e desacompanhadas de qualquer oportunidade redentora de resistência ou de medalhas. Helmuth von Moltke, da Abwehr, horrorizado ao saber sobre os fuzilamentos em massa nos territórios ocupados, escreveu para sua mulher em 21 de outubro de 1941:

> Numa área da Sérvia, duas aldeias foram reduzidas a cinzas, com 1.700 homens e 240 mulheres executados. É o "castigo" por um ataque a três soldados alemães. Na Grécia, 220 homens de uma aldeia foram fuzilados. A aldeia foi incendiada; mulheres e crianças foram abandonadas ali para chorarem por seus maridos, pais e casas. Na França, há fuzilamentos constantes enquanto escrevo. Certamente mais de mil pessoas são assassinadas assim todos os dias e outros mil homens alemães estão acostumados a matar. Tudo é brincadeira de criança em comparação ao que acontece na Polônia e na Rússia. Posso saber essas coisas e me sentar à mesa, em meu apartamento aquecido, e tomar chá? Não me torno culpado também? O que direi quando me perguntarem: "E o que você fazia naquela época?" Desde sábado, os judeus de Berlim estão sendo detidos.

Hoje em dia, o Holocausto costuma ser discutido isoladamente. De certa forma, faz sentido, porque os judeus foram selecionados para o genocídio, mas os registros de Auschwitz-Birkenau, o mais notório complexo de campos de extermínio, enfatizam os números de outros grupos raciais que compartilharam o fim dos judeus deportados. As melhores estatísticas disponíveis mostram que um total de 1,1 milhão de judeus chegaram ao campo, entre os quais cem mil sobreviveram; dos 140 mil poloneses não judeus, metade sobreviveu; entre os 23 mil ciganos, apenas dois mil se salvaram; todos os quinze mil prisioneiros de guerra soviéticos pereceram; cerca de metade dos demais 25 mil — na maioria presos políticos — foi morta. Junto com quase seis milhões de judeus assassinados pelos nazistas, mais de três milhões de russos morreram em cativeiro alemão enquanto números enormes de civis não judeus foram massacrados na Rússia, na Polônia, na Iugoslávia, na Grécia e em outros países ocupados.

Assim, parece importante avaliar o Holocausto no contexto da administração de Hitler para seu império. Uma das defensoras mais comoventes e esclarecidas nesse contexto foi Ruth Maier. Refugiada em Oslo, com 22 anos, menos de um mês antes de ser deportada para Auschwitz e morta, ela escreveu em seu diário: "Se nos isolarmos e olharmos essa perseguição e tortura de judeus apenas pelo ponto de vista de um judeu, desenvolveremos uma espécie de complexo que vai nos levar a um lento, mas inevitável, colapso psicológico. A única solução é ver a questão judaica por uma perspectiva mais ampla (...) dentro do contexto dos tchecos e noruegueses oprimidos, dos operários oprimidos (...) Só enriqueceremos quando compreendermos que não somos a única raça de mártires. Que, além de nós, há incontáveis outros que sofrem, que sofrerão como nós até o fim dos tempos (...) se nós não (...) se nós não lutarmos por um melhor (...)" Aqui, ela interrompeu seu pensamento para expressar exasperação sobre a persistência de seu próprio instinto de ver a tragédia judaica como única, mas sua confusão mental não diminui a nobreza e a generosidade das palavras dessa mulher tão jovem, escritas à beira do túmulo.

Um dos maiores erros de Hitler, do ponto de vista de seus interesses, foi tentar reformular as terras orientais que caíram sob sua suserania de acordo com a ideologia nazista enquanto a guerra ainda se desenrolava. Quase todas as comparações entre Hitler e Churchill são fúteis, mas uma parece significativa: o líder da Grã-Bretanha provocou a

irritação de seus ministros e de compatriotas mais humildes com sua recusa a tratar seriamente de uma reforma social interna antes que a vitória fosse alcançada. O líder da Alemanha, por sua vez, iniciou uma drástica reordenação das sociedades conquistadas no leste semanas após ocupá-las. Ele conduziu a expulsão em massa de populações nativas para abrir caminho para colonos alemães e trucidou grande número de pessoas, em especial os judeus e os ativistas sociais e políticos, oferecendo ou não resistência à sua hegemonia. Ao ignorar o horror humano — como, é claro, fizeram os nazistas —, essas políticas impuseram transtornos econômicos e agrícolas enormes à máquina de guerra de Hitler. Alguns membros de raças designadas inferiores alistaram-se às forças armadas nazistas para garantir alimento ou salário, por ódio aos judeus ou simplesmente para desfrutar de oportunidades para exercer domínio e cometer crueldades, mas a opressão amargurou milhões de antigos súditos de Stalin que poderiam estar dispostos a se tornar espontâneos acólitos alemães.

Em 1940 e em 1941, na Europa Ocidental ocupada, os nazistas encontraram muitos colaboradores ativos ou em potencial. Os líderes da França de Vichy estavam ansiosos por compor uma parceria com o Reich, que poderia ter angariado o apoio de muitos franceses, e, possivelmente, levado a uma beligerância entre França e Grã-Bretanha. Porém, a exploração econômica do país de Pétain por Hitler, em especial ao impor uma cotação artificialmente alta para o marco em relação ao franco, aos poucos indispôs os franceses, antes mesmo da introdução dos trabalhos forçados na Alemanha em 1943, o odiado *Service de Travail Obligatoire*.

As deportações em massa realizadas pelos nazistas na Polônia, na Tchecoslováquia e na Ucrânia prejudicaram de forma grave a produção agrícola. Muitos colonos pertencentes às minorias alemãs, que deveriam substituir os nativos, mostraram-se relutantes e desqualificados tecnicamente para cumprir o destino que lhes fora designado. Todos os impérios bem-sucedidos da história se basearam em parte na *force majeure*, mas também em oferecer aos povos conquistados compensações por sua sujeição: estabilidade, prosperidade e o império da lei. Os nazistas, ao contrário, ofereceram apenas brutalidade, corrupção e incompetência administrativa. Eles com certeza argumentariam que suas crueldades suprimiram com êxito resistências estrategicamente significativas à ocupação em todos os lugares, menos na Iugoslávia e na Rússia. Era verdade, mas essa é somente uma parte da história.

Grande parte dos países ocupados, especialmente a França, deu sob coação contribuições importantes à economia de guerra alemã: no total, forneceram 9,3% dos armamentos do Reich, enquanto a agricultura dinamarquesa proveu 10% das necessidades alimentares da Alemanha. No entanto, Hitler poderia ter se saído melhor se oferecesse aos povos conquistados tanto incentivos quanto ameaças, tanto recompensas quanto confiscos draconianos de propriedade e de mercadorias. A visão nazista sobre a economia era tão primitiva que beirava as raias do grotesco. Para eles, a criação de riqueza era um jogo de soma zero em que, para a Alemanha ganhar, alguém precisava perder. Em consequência, o império de Hitler foi progressivamente saqueado, a partir de 1940, para financiar sua guerra, num processo que só poderia terminar em falência.

A hierarquia nazista demorou a compreender a loucura que era massacrar possíveis escravos durante a crise nacional de mão de obra criada pela mobilização de quase toda a população da Alemanha em idade para o serviço militar. Adam Tooze calculou que, ao todo, sete milhões de homens com idade para trabalhar — em especial judeus, poloneses

e prisioneiros de guerra russos — foram mortos ou pereceram por falta de assistência dos alemães, a maioria entre 1941 e 1943. Ele qualifica o Holocausto como "uma destruição catastrófica de mão de obra". Os nazistas entenderam, em 1941 e em 1942, que a melhor maneira para atenuar sua dificuldade em alimentar o povo alemão seria eliminar tantas bocas indesejáveis quanto possível. Numa reunião de 16 de setembro de 1941, em Berlim, com a presença de Göring, destacou-se a escassez de alimentos. O Reichsmarschal declarou ser impensável reduzir as rações da população civil, "considerando o estado de ânimo nacional": o povo de Hitler precisava de garantias morais e materiais de que a guerra valia a pena.

A única resposta, concluíram os nazistas, era reduzir as provisões dos nativos de territórios ocupados e dos prisioneiros de guerra russos. Em 13 de novembro, o general Eduard Wagner, titular do Serviço de Intendência do Exército, disse aos seus chefes de departamento que "prisioneiros de guerra que não estiverem trabalhando morrerão de fome". Prisioneiros russos começaram a morrer em grande número, alguns por inanição e outros nas mãos de guardas que receberam licença ilimitada para matar a fim de controlar os rebanhos de seres humanos desesperados pelos quais eram responsáveis. Até 1º de fevereiro de 1942, quase 60% dos 3,35 milhões de prisioneiros de guerra soviéticos em poder dos alemães haviam morrido; até 1945, 3,3 milhões dos 5,7 milhões capturados estavam mortos.

Os nazistas somente reconheceram que bocas famintas tinham mãos úteis em 1943: tardiamente aceitaram que valia ou mesmo que era indispensável manter prisioneiros vivos para reforçar a decrescente mão de obra industrial. Quando essa nova política foi implementada, Göring observou, satisfeito, que os russos executaram 80% dos trabalhos de construção de seus Stuka Ju87. No outono de 1944, quase oito milhões de operários estrangeiros e de prisioneiros de guerra trabalhavam para a economia alemã, compondo 20% de sua força de trabalho. A BMW empregou 16.600 prisioneiros em sua fábrica de Munique; apesar de o tratamento ainda incluir a crueldade institucionalizada, suas porções de alimento foram aumentadas o suficiente para mantê-los vivos. Os empregadores industriais pediam que os castigos fossem administrados atrás das cercas de arame dos alojamentos de operários, e não nas instalações da fábrica, sob o olhar de todos, para não afligir os funcionários alemães. Vastos complexos de alojamentos, protegidos por guardas, foram estabelecidos em todas as grandes cidades alemãs ou em seus arredores para abrigar estrangeiros de todas as procedências. A área de Munique abrigou 120 instalações para prisioneiros de guerra, 286 alojamentos e albergues para civis, com um bordel para atendê-los, e sete postos avançados de campos de concentração, incluindo uma filial de Dachau com oitenta mil leitos.

Era impossível, para a maioria dos civis alemães, afirmar de forma convincente desconhecimento sobre a existência de campos de concentração ou do sistema de trabalho escravo: meninas pequenas que moravam perto de Ravensbrück foram vistas brincando de "guarda de campo"; prisioneiros eram amplamente usados como bombeiros, no resgate de pessoas e na remoção de entulho depois dos ataques aéreos. Também eram despachados para lidar com bombas que não explodiram, tarefa em geral tão fatal que condenados das SS eram designados como guardas para tais brigadas. Para assegurar a disponibilidade de escravos, estabeleceram-se campos-satélite em áreas urbanas. Prisioneiros de Sachsenhausen, por exemplo, foram arrastados para a vizinha Berlim, onde suas roupas listradas levaram os civis a apelidarem-nos de "zebras". Em Osnabrück,

mães se queixaram às SS de que crianças no pátio da escola eram obrigadas a testemunhar as surras que os escravos levavam dos guardas. A resposta que recebiam era: "Se as crianças ainda não são suficientemente fortes, precisam ser endurecidas."

As autoridades locais em geral apreciavam essa mão de obra tão barata, que o prefeito de Duisburg descreveu como "altamente satisfatória", mas alguns civis lamentavam supostas manifestações de tolerância: um construtor de estradas escreveu em março de 1944: "Ainda somos moles demais com prisioneiros de guerra e com outras brigadas de trabalhadores em nossas ruas. Digo que é melhor jogar alguns homens ao mar do que morrermos afogados." As SS com frequência usavam prisioneiros para recolher o saque de edifícios destruídos para lucro próprio — em Düsseldorf, dois homens foram fuzilados para que não revelassem as atividades criminosas de seus carcereiros. Médicos civis assinavam falsos atestados de óbito para prisioneiros fuzilados ou espancados até a morte; nisso, como em muito mais, a medicina alemã se mostrou pronta para mimosear o regime nazista. Escravos continuaram a morrer mesmo depois de alistados como trabalhadores das indústrias que serviam ao Reich, em parte porque persistia uma tensão entre a necessidade de seus serviços e a relutância nazista em alimentá-los. Segundo um cálculo, 170 mil entre os 2,7 milhões de trabalhadores civis russos pereceram, junto com 130 mil poloneses e 32 mil italianos.

De 1943 em diante, porém, a mortalidade entre os prisioneiros despencou. Até mesmo alguns judeus foram mantidos vivos, especialmente como operários no gigantesco complexo IG Farben, próximo a Auschwitz-Birkenau. As maiores matanças do Holocausto, salvo o massacre de judeus húngaros, tinham terminado. Operários e escravos estrangeiros jamais constituíram uma mão de obra substituta totalmente satisfatória — considerava-se que seu resultado era pelo menos 15% inferior à produção de seus equivalentes alemães, talvez até 30%. Era uma loucura, e uma barbaridade, supor que operários escravizados, famintos e maltratados pudessem alcançar um nível de produtividade próximo àqueles tratados com um mínimo de humanidade. O sistema de campos de concentração, que as SS quiseram transformar em fonte de lucros, era ineficiente mesmo em seus próprios termos, mas foi o trabalho escravo que possibilitou à Alemanha manter a guerra até 1945.

2 MATAR JUDEUS

O conjunto da literatura sobre o Holocausto é vasto, mas não explica de modo satisfatório por que os nazistas aceitaram o custo econômico de partir para a destruição do povo judeu, desviando a escassa mão de obra e os poucos meios de transporte para um programa de assassinato em massa enquanto o resultado da guerra ainda não havia sido decidido. A resposta está na absurda posição central ocupada pela perseguição aos judeus não apenas na ideologia nacional-socialista, mas nas políticas alemãs em todo o conflito global. Os nazistas sempre estiveram decididos a explorar a licença concedida a um governo que travava uma guerra completa para alcançar objetivos que, de outra forma, seriam difíceis até para um regime totalitário. Göring afirmou, numa reunião decisiva do partido em 12 de novembro de 1938, após a *Kristallnacht*: "Se, no futuro próximo, o Reich

alemão entrar em conflito com potências estrangeiras, nem é preciso dizer que nós, na Alemanha, deveremos primeiramente ter um confronto final com os judeus."

Naquela época, a política nazista ainda fomentava a emigração de judeus do Reich, mas um artigo no periódico das SS *Schwartze Korps*, em 1939, afirmou o compromisso com "o fim verdadeiro e definitivo dos judeus na Alemanha e seu extermínio total". Tais comentários eram feitos de forma aberta e pública por líderes nazistas: Hitler fez sua famosa "profecia" num discurso perante o Reichstag em 30 de janeiro de 1939, afirmando que a guerra resultaria "na aniquilação dos judeus da Europa". Ele procurou mostrar com clareza que cada judeu ao seu alcance era um refém em nome do "bom comportamento" das potências ocidentais. E se os britânicos e os franceses não quisessem ceder às suas ambições — acima de tudo, se fizessem uma oposição com o emprego de força —, as consequências seriam responsabilidade deles.

As potências ocidentais trataram os comentários como hiperbólicos. Mesmo quando Hitler iniciou seu furor de conquistas hemisféricas, as democracias acharam difícil conceber que o povo de uma sociedade europeia altamente instruída e civilizada pudesse satisfazer a retórica extravagante de seus líderes e praticar genocídios. Apesar das crescentes evidências de crimes nazistas, essa ilusão persistiu, em certo grau, até 1945, e mesmo por algum tempo depois.

O T4, programa nazista de eutanásia iniciado em julho de 1939, matou alemães e poloneses internados em unidades psiquiátricas, classificados como "inaptos à existência", a um ritmo de cinco mil pessoas por mês em 1940. Muitos eram asfixiados com gás, embora alguns tenham sido fuzilados, sob a supervisão da Gestapo e das SS, com a assistência de médicos; entre quatro mil e cinco mil das setenta mil vítimas eram judias. O programa T4 foi importante do ponto de vista histórico porque, num momento ainda inicial, demonstrou a disposição do governo alemão em empreender um processo de aniquilamento minuciosamente burocratizado a partir de Berlim no sentido de eliminar um subgrupo supérfluo às necessidades do Terceiro Reich. Uma vez que uma minoria houvesse sido trucidada por atacado, não restaria nenhuma barreira moral no caminho do Holocausto: os dilemas que a liderança nazista enfrentava reduziam-se ao momento adequado e à viabilidade logística.

Por mais de dois anos depois do início da guerra, a prioridade da vitória exigiu o adiamento de uma eliminação absoluta dos judeus da Europa. Entre agosto de 1939 e o verão de 1942, quando o programa de campos de extermínio alcançou capacidade plena, os nazistas contentaram-se em matar grande número de pessoas em muitos países de forma arbitrária e oportunista. Nos primeiros meses após a invasão da Polônia pelas tropas alemãs, cerca de dez mil poloneses foram assassinados — uma mistura de judeus e não judeus tidos como inimigos dos interesses germânicos. Cinco Einsatzgruppen — esquadrões de morte — das SS seguiam as tropas de ataque avançadas. Aos comandantes eram garantidos critérios generosos para a seleção das vítimas, que alguns aproveitavam para eliminar prostitutas, ciganos e doentes mentais. Cerca de sessenta mil soldados poloneses judeus foram separados dos outros prisioneiros de guerra e destinados à eliminação; todos os 1,7 milhão de judeus presentes na Polônia foram encaminhados para guetos. No começo de 1940, os nazistas iniciaram a remoção compulsória de seiscentos mil judeus de áreas do país agora incorporadas ao Grande Reich; os deportados foram transferidos para a garupa do "governo-geral", administrado separadamente. Grandes

números deles, expulsos sem provisões de abrigo ou alimento, pereceram em poucos meses.

Àquela altura, a política nazista ainda era incoerente. Havia muito debate sobre deportações: em maio de 1940, Himmler apresentou um memorando a Hitler sobre a possibilidade de enviar os judeus da Europa para a África ou para Madagascar. O Reichsführer das SS mencionou a alternativa radical do "método bolchevique de exterminação física de um povo", mas rejeitou-a como "não germânica e impossível". Concordava-se que o maior número de judeus deveria perecer durante o processo normal de ocupação, mas não havia um compromisso com sua matança sistemática.

Durante os dois anos seguintes, e em especial depois da invasão da Rússia, os alemães mataram judeus por capricho, numa escala em grande parte determinada pela disponibilidade de mão de obra e de recursos. Um sargento alemão de artilharia, lotado em uma padaria de campanha da Intendência, disse: "Vi essas pessoas serem detidas e, então, precisei virar o rosto, porque foram mortas a golpes de porrete diante de nossos olhos (...) Muitos soldados alemães, assim como lituanos, observavam. Não manifestaram assentimento ou reprovação — apenas ficaram parados, completamente indiferentes." Alguns oficiais alemães tiveram coragem e protestaram. O coronel Walter Bruns, engenheiro que se deparou por acaso com um massacre de judeus enquanto cavalgava perto da floresta de Rumbuli, na Letônia, em 30 de novembro de 1941, apresentou um relatório formal ao Grupo de Exércitos do Norte e visitou o quartel-general do exército em Angerburg para entregar outra cópia. Não houve resposta formal, exceto a advertência do chefe de estado-maior para que, no futuro, essas matanças "fossem feitas com mais cuidado".

Os Einsatzgruppen eram relativamente poucos e pequenos. Realizaram massacres impressionantes, em especial na Ucrânia, mas suas vítimas ainda se contavam às dezenas de milhares. Esforços enérgicos da Brigada Montada das SS nos alagadiços de Pripet no início de agosto de 1941 responderam por 6.504 vítimas judias. O relatório final da grande unidade para aquele mês mencionava 15.878 mortes, embora o total verdadeiro provavelmente ultrapassasse 25 mil. As dificuldades logísticas da matança por atacado provaram-se imensas, mesmo quando eram adotados expedientes para poupar trabalho, tais como arrebanhar as vítimas até valas coletivas antes de fuzilá-las. Nesse ritmo tão lento, o processo de "resolver o problema judaico na Europa" levaria décadas, e, no final do verão de 1941, os comandantes das SS começaram a exigir uma abordagem mais radical e abrangente. Em setembro, o Einsatzgruppe C propôs usar o excesso de trabalho para matar os judeus: "Se dispensamos inteiramente a mão de obra judaica, a reconstrução econômica da indústria ucraniana (...) é praticamente inviável. Há apenas uma possibilidade (...) a solução do problema judaico através do emprego em plena escala da mão de obra judaica, que traria consigo a liquidação gradual dos judeus."

No fim de julho de 1941, uma nova política foi adotada: o confinamento em guetos dos judeus do Leste Europeu, onde era mais fácil controlá-los e empregá-los no trabalho operário ao mesmo tempo em que se liberavam acomodações externas. A Wehrmacht apoiou com vigor a medida, porque resolvia dificuldades administrativas em suas áreas de retaguarda. As SS ampliaram a variedade de vítimas judias para incluir mais mulheres e crianças, mas, depois de provarem as dificuldades práticas envolvidas em matanças industriais, poucos oficiais das SS ainda se sentiam em condições de aceitar um desafio tão ambicioso quanto exterminar uma raça inteira. Durante o inverno de 1941 a 1942,

concentraram-se em encher os guetos e em concluir processos regionais de limpeza, matando todos os judeus encontrados fora dos guetos, em particular nas áreas rurais. As condições de vida nos guetos eram indescritíveis: a partir de agosto de 1941, morriam 5.500 judeus por mês, por inanição e enfermidades, entre a população do gueto de Varsóvia, onde havia 338 mil moradores, numa taxa de mortalidade igualável ao existente em outros lugares.

A vitória final na Rússia ainda era considerada iminente. Até que ela viesse, com a consequente liberação de recursos, a maioria dos líderes nazistas defendia o adiamento de uma "Solução Final". Heinrich Himmler, porém, era menos paciente, vendo a rápida erradicação dos judeus nos territórios ocupados tanto como prioridade nacional quanto como um meio para estender sua autoridade pessoal. Ele ostentava seu mandato como Reichskommissar "para o fortalecimento da nação alemã" mesmo que àquela altura Hitler não houvesse decidido pela "germanização" do território soviético ocupado. Pode soar como clichê a ênfase na centralidade da influência das SS no Holocausto, mas é necessário. O feudo mais poderoso na Alemanha nazista perseguia a extinção dos judeus num comportamento quase indiferente ao seu impacto sobre a máquina de guerra do país. Como observou John Lukacs, Himmler concentrou-se muito mais obsessivamente nesse objetivo do que Hitler.

Em setembro de 1941, o Führer confirmou a vitória de Himmler em sua disputa contra Alfred Rosenberg pela autoridade sobre a Europa Oriental: o Reichsführer das SS recebeu autorização explícita para conduzir uma limpeza étnica no leste. Essa decisão marcou o início da sistemática campanha de genocídio do Terceiro Reich. Em meio às expectativas de uma vitória iminente, assumiram-se compromissos que se tornariam obstáculos significativos para o esforço de guerra alemão quando em face do espectro crescente da derrota. Porém, nunca foram revertidos: Himmler buscou o extermínio de judeus com uma concentração ausente em todos os outros aspectos da política oficial nazista. Qualquer avaliação racional das provações da Alemanha no final de 1941 mostraria que era necessária dedicação para ganhar a guerra, principalmente contra a União Soviética. Se a vitória fosse alcançada, o Terceiro Reich poderia, então, organizar seu regime como desejasse; caso contrário, o nacional-socialismo estaria condenado. Contudo, Himmler comprometeu as SS com uma tarefa que em nada poderia contribuir para a vitória alemã e que, a rigor, desviou recursos que poderiam ser usados nesse sentido.

Ao longo do outono e do inverno de 1941, o ritmo da matança foi acelerado: dezenas de cidades e de aldeias foram sistematicamente expurgadas de judeus. Em outubro, quando um grupo clandestino soviético explodiu o recém-estabelecido quartel-general do exército romeno em Odessa, tropas romenas, ajudadas pelas SS alemãs, mataram cerca de quarenta mil judeus. Nos dias 18 e 19, as SS assassinaram todos os oito mil habitantes judeus de Mariupol e, uma semana depois, mais 1.800, em Taganrog. Semana após semana, o processo continuou, em cidades de que o mundo jamais ouvira falar — Skadovsk e Feodosiya, Kerch e Dzhankoy, Nikolayev e Kherson. Era uma rotina assassinar pacientes de hospícios, qualquer que fosse sua filiação religiosa. As SS também fuzilaram grande número de prisioneiros que identificaram como "de aparência asiática" e iniciaram a tarefa de matar ciganos, que se tornaria sistemática em 1942. Campos de prisioneiros de guerra eram vasculhados em busca de judeus e comissários russos; aqueles identificados, pelo menos 140 mil, foram removidos e fuzilados. Parece importante enfatizar que pelo

menos dois milhões de prisioneiros de guerra soviéticos haviam sido assassinados ou morreram por falta de assistência antes que houvesse um consenso sobre a Solução Final. Todas as barreiras morais aos assassinatos em massa foram derrubadas. Estabelecera-se um amplo precedente para matanças generalizadas antes que os grandes massacres de judeus fossem ordenados.

No inverno de 1941, persistia certa confusão administrativa sobre se os judeus que servissem para trabalhos forçados deveriam ser mantidos vivos. Comandantes locais adotaram políticas diversas: em Kaunas, 1.608 homens, mulheres e crianças "doentes ou suspeitos de serem portadores de doenças contagiosas" foram assassinados em 26 de setembro, seguidos por outros 1.845, numa "operação punitiva" em 4 de outubro, e por mais 9.200 vítimas após uma nova triagem em 29 de outubro. Em 30 de outubro, o chefe da administração civil alemã em Slutsk, na Rússia Ocidental, apresentou protesto formal ao comissário-geral em Minsk contra o massacre dos judeus da cidade. "É simplesmente impossível viver sem os artesãos judeus", disse ele, "porque são indispensáveis para a manutenção da economia (...) Todos os empreendimentos vitais seriam paralisados num único golpe se todos os judeus fossem liquidados."

Suas queixas, disse ele, foram ignoradas pelo comandante do batalhão de polícia encarregado da matança, que manifestou surpresa "e explicou que recebera instruções (...) para livrar a cidade dos judeus, sem exceção, como haviam feito em outras. A limpeza precisava ter como base razões políticas, e fatores econômicos não haviam sido levados em conta até então em lugar algum (...) Durante a ação, a própria cidade tinha um aspecto horrível (...) Os judeus, entre eles artesãos, foram maltratados com brutalidade, numa forma assustadoramente bárbara. Não se pode falar em ação contra judeus, pois parecia muito mais uma revolução". Nada, é claro, deteve Himmler ou seus oficiais: em 29 e em 30 de novembro, mais de dez mil moradores do gueto de Riga foram fuzilados nos arredores da cidade, além de outros vinte mil na semana seguinte. Até dezembro, a maior parte dos judeus que viviam nos países bálticos estava morta; milhares de colaboracionistas recrutados pelos alemães como "tropas locais voluntárias" participaram com entusiasmo dos assassinatos. Durante o resto da guerra, letões, lituanos, estonianos e ucranianos desempenharam um papel importante na implementação do programa de extermínio de judeus criado por Himmler — mais de trezentos mil foram, em algum momento, recrutados como ajudantes das SS, homens que, de outro modo, provavelmente serviriam nos exércitos de Hitler.

A Wehrmacht foi inteiramente cúmplice das operações de Himmler, embora as SS tenham realizado a maior parte do morticínio. Em 10 de agosto de 1941, o comandante do VI Exército, Walter von Reichenau, mencionou numa ordem a "execução necessária de elementos criminosos, bolcheviques e principalmente judeus", que as SS precisavam cumprir. Manstein descreveu os judeus, em 20 de novembro, como "o intermediário entre o inimigo às nossas costas e o resto do Exército Vermelho". Em 30 de julho, Karl-Heinrich von Stülpnagel, do XVII Exército, advertiu suas unidades a não matarem civis de forma indiscriminada, mas a se concentrarem nos "moradores judeus e comunistas". A Wehrmacht oferecia de forma rotineira apoio logístico aos massacres das SS, além de tropas para isolar os campos de execução. Em muitas ocasiões documentadas, unidades do exército participaram de fuzilamentos, apesar das ordens vindas do alto-comando para que a honra militar não fosse maculada. A atividade guerrilheira soviética criou um pretexto para "operações de segurança", para as quais, por exemplo, foram preservadas as

ordens dadas pelo comandante da 707º Divisão da Wehrmacht na Bielorrússia. "Os judeus", escreveu ele em 16 de outubro de 1941, "são o único apoio com que contam os guerrilheiros para sobreviver agora e durante o inverno. Sua aniquilação precisa, portanto, ser conduzida com rigor." Não fosse pela ativa assistência da Wehrmacht, os assassinatos em massa, na escala ocorrida em 1941 e em 1942, teriam sido impossíveis. No fim de 1941, pelo menos quinhentos mil judeus do Leste Europeu estavam mortos.

A eliminação dos judeus europeus adquiriu prioridade ainda mais alta na agenda nazista: Hitler convenceu-se de que a Carta do Atlântico, de 1941, junto com a entrada iminente dos Estados Unidos na guerra, fora decidida pela influência judaica sobre o governo americano. A ideia emprestou nova urgência à sua determinação de matar os europeus daquela religião. Nos meses e anos que se seguiram, o líder da Alemanha passou a ver esse objetivo como algo tão importante quanto a vitória militar e até como condição para alcançá-la. Tentativas de discernir alguma racionalidade na estratégia nazista, especialmente a partir de 1941, soçobravam diante de tal mentalidade.

Peter Longerich, um dos mais respeitados historiadores do Holocausto, argumenta de modo convincente que o compromisso da cúpula nazista com a Solução Final por meio de campos de extermínio não foi assumido antes do fim de 1941: "Os líderes no centro e as organizações executivas na periferia radicalizaram-se uns aos outros, reciprocamente." A construção do primeiro campo de extermínio em Bełżec, perto de Lublin, começou somente em 1º de novembro de 1941. Longerich cita indícios de que, até o final daquele ano, importantes oficiais das SS ainda falavam em deportação em massa, em vez de extermínio, e estavam preocupados essencialmente com a melhor maneira de organizar e mobilizar judeus para o trabalho escravo. Naquele outono, a propaganda antijudaica dentro do Reich aumentou bruscamente, com o intuito de preparar a opinião pública para a deportação de judeus alemães para o leste. Se parece misteriosa a distinção entre mandar os condenados para um ermo onde se esperava que morressem de fome e asfixiá-los coletivamente com gás, no contexto da evolução do Holocausto ela foi, porém, significativa.

Quando o compromisso dos Estados Unidos com a causa aliada ficou explícito, Hitler não viu vantagem alguma em poupar os judeus ao seu alcance. "No outono de 1941", escreveu Longerich, "os líderes nazistas começaram a tratar o conflito armado, em todos os níveis, como uma guerra 'contra os judeus'". A construção de câmaras de gás foi iniciada em Chelmno, Bełżec, Auschwitz e em outros lugares. Caminhões de gás haviam sido usados para executar doentes mentais na Alemanha e em outras partes do império nazista. Himmler recebeu com satisfação a utilização mais ampla dessa tecnologia, também para aliviar o estresse psicológico que os fuzilamentos em massa impunham às suas SS. No outono de 1941, o gás Zyklon B já matava prisioneiros selecionados em Auschwitz e em outras partes — embora, nessa fase, as vítimas fossem, na maioria, não judeus. Iniciativas locais de oficiais das SS, mais do que uma diretriz central coerente, determinavam quem morreria.

As deportações em massa de judeus do Reich foram iniciadas em meados de outubro de 1941, com milhares deles despachados para Łódź, Riga, Kaunas e Minsk. Entre as vítimas designadas houve mais do que alguns suicídios, e, à luz dos acontecimentos, é difícil sugerir que tal escolha foi insensata. Hans Michaelis era um advogado aposentado, de Charlottenburg. Pouco antes de ser transportado, mandou buscar sua sobrinha. "Maria", disse ele, "não tenho muito tempo. O que devo fazer? O que é mais fácil, o que é

mais digno? Viver ou morrer? Sofrer um fim terrível ou acabar com a própria vida?" A sobrinha escreveu: "Conversamos. Examinamos as duas possibilidades. Perguntamo-nos o que sua falecida mulher (...) teria aconselhado." Ele pegou de novo o relógio. Então, disse: "Tenho cinquenta horas aqui, no máximo! (...) Graças a Deus, minha Gertrude morreu normalmente, antes de Hitler. O que eu não daria por isso! (...) Maria, veja como o tempo voa!" Quando enfim se separaram, ela disse: "Tio Hans, o senhor saberá a coisa certa a fazer. Adeus." Hans Michaelis envenenou-se.

Uma berlinense chamada Hilde Meikley assistiu à remoção de judeus: "Lamentavelmente, preciso dizer que muitas pessoas paravam à porta de suas casas e manifestavam sua satisfação enquanto a miserável coluna passava. 'Vejam só esses judeus prepotentes!', gritou alguém. 'Eles riem agora, mas sua hora final chegou.'" Cada vítima tinha permissão de carregar consigo cinquenta quilos de bagagem numa única mala. Todos os objetos de valor eram confiscados nas estações de trem, onde se realizavam revistas e se cobravam as passagens. As malas, jogadas em vagões de carga, nunca mais seriam vistas pelos donos. Autoridades locais apossavam-se das casas vazias, que eram redistribuídas entre ansiosos inquilinos. A retórica de Rosenberg e de Goebbels, admitindo ao mundo as deportações, era inflexível. Rosenberg declarou numa entrevista coletiva em novembro de 1941: "Cerca de seis milhões ainda vivem no leste, questão que só pode ser resolvida com o extermínio biológico de todos os judeus que vivem na Europa. A questão judaica somente estará resolvida para a Alemanha quando o último judeu deixar o território alemão, e para a Europa quando não houver nenhum judeu com os pés no continente europeu até os Urais."

Se os nazistas são responsáveis pelo Holocausto, também é verdade que foram auxiliados em seus crimes por alguns, se não pela maioria, dos regimes da Europa ocupada. O antissemitismo era lugar-comum, embora com manifestações menos homicidas do que na Alemanha. Mihail Sebastian, escritor judeu que serviu brevemente no exército romeno, notou a atitude de muitos companheiros soldados, que contribuíram, com sua aquiescência, para o domínio nazista sobre o regime da Romênia: "Voichita Aurel, meu camarada no 21º Regimento de Infantaria, disse algo ontem a respeito do capitão Capsuneanu, algo que resume todo um estilo político romeno: 'É um filho da puta mesquinho que baterá em você e o insultará. Mas há algo bom: ele não tolera judeus e nos deixará entrar nessa também.'" Sebastian escreveu: "É esse, precisamente, o consolo que os alemães oferecem aos tchecos e aos poloneses, e que estão preparados para oferecer aos romenos." A ocupação alemã do território francês institucionalizou um antissemitismo já generalizado, que o governo de Vichy, com satisfação, tornou explícito.

• • •

Tantas figuras de proa do nazismo falaram abertamente sobre suas intenções em relação aos judeus que ainda hoje permanece notável que os líderes nacionais dos Aliados relutassem em tomar suas palavras ao pé da letra. Cidadãos bem informados tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos tiraram conclusões apropriadas sobre tudo o que acontecia, reforçadas por testemunhos vindos da Europa Oriental. A Sra. Blanche Dugdale, apaixonada defensora britânica dos interesses judaicos, escreveu uma carta

publicada no *Spectator*: "Em março de 1942, Himmler visitou a Polônia e decretou que, até o fim do ano, 50% da população judaica deveria ser 'exterminada' (...) e o ritmo parece ter se acelerado desde então. Agora o programa alemão exige o desaparecimento de todos os judeus (...) Assassinatos em massa numa escala inédita desde a alvorada da civilização começaram logo após a ordem." A Sra. Dugdale fez um relato sobre as deportações, identificando Bełżec, Sobibór e Treblinka como campos de extermínio. "Parece certo que os judeus poloneses não poderão ser ajudados se a campanha para assassiná-los não puder ser detida antes que a guerra termine." Helmuth von Moltke, da Abwehr, informou aos britânicos, por carta secreta via Estocolmo, em março de 1943: "Pelo menos nove décimos da população [alemã] não sabem que matamos centenas de milhares de judeus. Seguem acreditando que foram apenas segregados (...) mais para o leste (...) Se dissessem a essas pessoas o que realmente aconteceu, elas responderiam: 'Você é apenas uma vítima da propaganda britânica.'"

Em alguns países aliados, houve ambivalência, ou coisa pior, no posicionamento diante da maior de todas as perseguições nazistas. O antissemitismo estava profundamente gravado na história e nas atitudes russas: em Moscou, na Páscoa de 1942, por exemplo, um entre os incontáveis rumores que varriam a cidade dizia que os judeus praticavam assassinatos rituais de crianças cristãs ortodoxas — a velha e terrível "calúnia de sangue" imputada pelo leste da Europa contra o povo judeu. Em 1944, o NKVD informou ter ouvido pessoas dizerem que "Hitler fez um bom trabalho atacando os judeus". A revelação da existência de campos de extermínio criou um dilema para Moscou que as autoridades soviéticas jamais resolveram por completo. Não podiam aplaudir o massacre nazista de judeus, mas um historiador considerou o Holocausto um "caroço indigesto no triunfo soviético". Reconhecer sua enormidade era ceder uma fatia da esmagadora sensação de vitimização vivida pelo povo russo, que ele não estava dispostos a conceder. Todas as referências explícitas aos sofrimentos dos judeus foram eliminadas pelos censores nos escritos dos correspondentes soviéticos. Em 1945, quando os russos enumeraram os abusos de seus inimigos, alemães atentos notaram que a única acusação que não lhes atiraram ao rosto foi a perseguição aos judeus.

Na Polônia, onde o antissemitismo era generalizado, algumas pessoas, como prova de sua perfídia, citavam relatos de que os judeus haviam acolhido o Exército Vermelho em setembro de 1939. Quando os judeus do gueto de Varsóvia organizaram uma breve e malfadada revolta, em 1943, um jornal nacionalista polonês clandestino escreveu, em 5 de maio: "Durante a ocupação soviética (...) judeus roubavam armas, matavam nossos soldados, traíam os líderes de nossas comunidades e passavam abertamente para o lado das forças de ocupação. [Numa cidadezinha] que em 1939 esteve momentaneamente nas mãos dos soviéticos (...) os judeus erigiram um arco do triunfo para as tropas soviéticas e vestiram braçadeiras e fitas vermelhas nos chapéus. Essa foi, e é, sua atitude em relação à Polônia. Todos precisam lembrar-se desses dias." Na primavera de 1944, alguns soldados judeus desertaram do exército polonês baseado na Escócia, alegando repúdio ao antissemitismo, que, segundo eles, não era menos evidente no exército exilado do que em sua pátria.

Os anglo-saxões não eram imunes a esses sentimentos. O soldado britânico Len England expressou choque diante das atitudes de muitos camaradas de seu alojamento, mais tarde retratadas vividamente na descrição de Irwin Shaw, em seu romance *Os deuses vencidos*, sobre o serviço militar no exército americano. Escreveu England: "Duas entre as

pessoas mais inteligentes que conheci odeiam judeus. Seus argumentos são mais ou menos estes: onde estão os judeus no exército? Não há nenhum, porque todos conseguiram trabalhos fáceis e escaparam do recrutamento. Da mesma forma, são sempre os primeiros a deixar áreas em perigo. Os judeus têm a chave do cofre; o país foi tomado por eles. Individualmente, podem ser até agradáveis, mas, como raça, são a raiz de todos os males."

Murray Mendelsohn, engenheiro do exército americano que emigrou de Varsóvia quando criança com sua família, tinha consciência de um antissemitismo latente, quando não ativo, em seu alojamento. Sua educação e sua inteligência provocavam a desconfiança dos camaradas, entre eles muitos ex-mineiros e operários da construção civil. Apelidaram-no de "Cérebro", sem manifestar admiração, "não por eu ser tão brilhante, mas por comparação. Aprendi a ser muito discreto". Quando os soldados da Companhia E do 506º Batalhão Paraquedista xingavam seu odiado primeiro comandante, o tenente Sobel, usavam as palavras "esse judeu desgraçado". Mesmo em junho de 1945, quando os campos de concentração haviam sido expostos ao mundo, o general George Patton, que cada vez demonstrava mais sinais de perturbação mental, denunciou liberais que "acreditavam que as pessoas deslocadas eram seres humanos, o que não é verdade, e isso se aplica em particular aos judeus, que são inferiores aos animais".

Embora Churchill manifestasse, nos termos mais veementes, sua desaprovação ao programa nazista de extermínio, seu governo — como o de Franklin Roosevelt — não estava disposto a aceitar grandes números de refugiados judeus, ainda que fosse possível persuadir os alemães a libertá-los ou permutá-los. Quando os americanos foram consultados, em novembro de 1938, sobre se os refugiados judeus de Hitler deveriam receber direitos especiais de imigração para entrar nos Estados Unidos, 23% responderam que sim e 77%, que não. Em agosto de 1944, consultados sobre um assentamento para refugiados judeus no desértico norte do país, 44% dos australianos rejeitaram a ideia, contra 37% que eram a favor. Já em dezembro de 1944, outra pesquisa de opinião feita nos Estados Unidos sobre a admissão de judeus no país mostrou que 61% achavam que eles não deveriam ter prioridade sobre outros candidatos. Um funcionário do Escritório Colonial Britânico comentou cinicamente sobre os campos de extermínio, num relatório de dezembro de 1942: "O mesmo de sempre. Os judeus estragaram sua causa exagerando demais nas queixas do passado." Um funcionário do Foreign Office também lamentou os apelos especiais por "esses judeus lamurientos".

O polonês Jan Karski, da resistência clandestina, chegou a Londres no outono de 1942, depois de uma fantástica odisseia pela Europa, para apresentar um relato como testemunha ocular não apenas dos sofrimentos de seu país, mas explicitamente das condições nos guetos judaicos e da extraordinária façanha que dizia ter realizado ao penetrar no campo de extermínio nazista em Bełżec. Embora tenha sido recebido com suficiente cortesia pelo primeiro-ministro polonês exilado, general Sikorski, pelo secretário do Exterior, Anthony Eden, e depois em Washington, pelo presidente Roosevelt, afligia-o uma sensação desanimadora de que os horrores perdiam, de alguma forma, a força e a magnitude quando descritos nas capitais aliadas, seguras e não ocupadas. "Em Londres, essas coisas pareciam pequenas", escreveu. "Londres era o eixo de uma vasta roda militar, cujos raios eram feitos de bilhões de dólares, armadas de bombardeiros, navios e exércitos assombrosos que sofriam grandes perdas. E as pessoas também perguntavam qual era o grau de importância do sacrifício polonês comparado ao

heroísmo e aos sofrimentos imensuráveis do povo russo. Qual era a participação da Polônia nessa tarefa titânica? Quem eram os poloneses? (...) Nós, poloneses, não tivemos sorte nessa guerra." Karski foi encorajado por seus próprios líderes a não dar ênfase excessiva à perseguição aos judeus, para que a comparação não diminuísse a força de seu relato sobre a provação da Polônia como um todo.

Arthur Schlesinger, relativamente bem informado devido ao seu trabalho no OSS, escreveu sobre seu nível de conhecimento em relação ao destino dos judeus da Europa em 1944: "Muitos entre nós ainda pensavam num aumento da perseguição em vez de numa nova e bárbara política de genocídio (...) Não consigo encontrar colegas que se lembrem de um momento marcante em que foi revelada a Solução Final." Da mesma forma manifestou-se o oficial britânico de inteligência Noel Annan: "Levou algum tempo (...) para que a enormidade dos crimes da Alemanha contra os judeus fosse absorvida. No serviço de inteligência, sabíamos sobre as câmaras de gás, mas não sobre a escala, a extensão e a eficiência burocrática com que os judeus foram perseguidos e trucidados. Ninguém, ao fim da guerra, tanto quanto me lembro, se dava conta de que o número de judeus mortos chegava aos milhões." Em todo o arquivo do serviço secreto da Grã-Bretanha durante a guerra, não existe menção — pelo menos menções que tenham sobrevivido — à perseguição dos judeus ou ao Holocausto, provavelmente porque o serviço secreto nunca foi convocado a investigar esses assuntos.

Ao contrário do que reza boa parte da mitologia popular moderna, as dificuldades operacionais em bombardear as linhas de transporte para campos de extermínio teriam sido muito grandes, especialmente em 1942, quando a maior parte da matança do Holocausto ocorreu. Líderes aliados examinavam os relatos sobre o sofrimento dos judeus no contexto das atrocidades cometidas contra as populações dos países ocupados em toda a Europa. O diplomata americano George Ball escreveu mais tarde: "Talvez estivéssemos tão preocupados com a esquálida ameaça da guerra que não nos concentramos nesse horror inenarrável. Pode ser também que a ideia de extermínio em massa estivesse a tal ponto além da compreensão tradicional da maioria dos americanos que instintivamente nos recusávamos a acreditar em sua existência." Muitos europeus e americanos que se horrorizaram com as notícias sobre as atrocidades alemãs na Bélgica em 1914 concluíram com raiva, depois da Primeira Guerra Mundial, que tinham sido enganados pela propaganda aliada, pois foi comprovado posteriormente que as informações sobre a morte de civis foram exageradas. Uma guerra mundial depois, as potências ocidentais estavam decididas a não ser iludidas de novo. Foi para o perverso crédito da decência britânica e americana que muitos relutaram em supor que seus inimigos fossem tão bárbaros quanto demonstraram evidências posteriores. George Orwell escreveu em 1944: "'Atrocidades' eram vistas como sinônimo de 'mentiras'. As histórias sobre campos de concentração alemães eram histórias de atrocidades e, portanto, mentiras — assim raciocinava o homem comum." Pesquisas de opinião descobriram que a maioria dos americanos ainda via os alemães como um povo fundamentalmente decente e pacífico, desencaminhado por seus líderes. Em maio de 1945, quando documentários cinematográficos sobre os campos de concentração já haviam rodado o mundo inteiro, 53,7% dos americanos consultados disseram considerar apenas uma pequena parte do povo alemão "naturalmente cruel e brutal".

Nada do que foi dito antes diminui em qualquer grau a responsabilidade dos nazistas e do povo alemão pelo Holocausto, mas é preciso reconhecer que, mesmo quando provas

esmagadoras se tornaram disponíveis, os países aliados demoraram a reagir aos campos de extermínio. Embora pouco pudesse ser feito para salvar os detentos, como aconteceu com os milhões de prisioneiros russos que morreram em mãos alemãs, a negligência impregna a documentação aliada do período, o que em nada contribui para a reputação da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Ainda que os judeus não fossem perseguidos nas sociedades anglo-saxônicas, também não eram amados. Até 1945, persistiu uma resoluta má vontade oficial em avaliar sua tragédia numa dimensão separada dos sofrimentos de outros cativos de Hitler e das sociedades ocupadas na Europa. Essa insensibilidade pode ser, em parte, compreensível, mas inquieta, com razão, a posteridade.

• • •

No inverno de 1941 a 1942, grandes números de judeus deportados da Alemanha foram fuzilados ao chegarem aos seus destinos no leste, mas essas execuções devem ser creditadas à decisão de comandantes locais das SS; nenhuma ordem geral foi dada que decretasse sua preservação ou sua extinção. No final de novembro, houve uma excêntrica intervenção feita pelo próprio Himmler, que ordenou uma pausa temporária na matança de judeus do Reich, distinguidos dos judeus orientais, embora essa diferenciação tenha sido revertida logo depois. Em grau notável, a autonomia regional e a conveniência logística — a falta de acomodações e de alimento ou, ao contrário, de mão de obra — ainda decidiam quem morria e quem vivia, mas o extermínio de judeus orientais em grande escala, especialmente daqueles considerados inaptos para o trabalho, prosseguiu durante todo o inverno. Na Sérvia, milhares de judeus e de ciganos foram executados em represália a atividades guerrilheiras: os comandantes alemães locais sabiam que priorizá-los como vítimas garantiria a aprovação de Berlim.

Restava aos líderes nazistas apenas mais um passo: ordenar a transição das mortes infligidas arbitrária e regionalmente para impô-las por mandado direto da cúpula, em cumprimento de uma assumida política de extermínio total. Num discurso em 12 de dezembro de 1941, após sua declaração de guerra aos Estados Unidos, Hitler deixou claro seu compromisso com a destruição dos judeus, em suposta retaliação à sua responsabilidade pelo conflito. A implementação do programa de genocídio foi confiada ao vice-chefe das SS, Reinhard Heydrich, a quem Himmler prestaria irrestrito tributo póstumo: "Era um personagem de pureza rara, com uma inteligência de grandeza e clareza penetrantes. Impregnava-o um senso de justiça incorruptível. Pessoas honestas e decentes podiam sempre contar com seu cavalheirismo e com sua compreensão humana." Essas virtudes foram camufladas com habilidade em 20 de janeiro de 1942, quando, na Conferência de Wannsee, Heydrich explicou os planos que levariam aos campos de extermínio. Não há registros de que tenha expressado um compromisso explícito quanto a assassinar todos os judeus da Europa, entre outras coisas porque os obstáculos logísticos continuavam formidáveis. A inanição ainda tinha importante função; onde fosse conveniente, as vítimas deveriam trabalhar até morrer. Porém, não havia dúvida sobre o resultado buscado: a "Solução Final" para o problema judaico seria alcançada em etapas, e somente a última precisaria esperar que a guerra terminasse.

Houve discussões consideráveis e detalhadas sobre a construção de campos de extermínio e as virtudes do gás. O principal resultado da conferência foi o acordo de que

as SS, no futuro, teriam autoridade absoluta sobre o destino dos judeus da Europa, que nenhuma outra agência do Reich poderia apelar contra suas decisões e que, a partir de então, a política seria direcionada a uma limpeza abrangente de todo o império nazista. A ação foi implementada com notável rapidez: em meados de março de 1942, quase três quartos das vítimas do Holocausto ainda estavam vivas; onze meses depois, a mesma proporção estava morta.

Um assessor ministerial perguntou ao SS-Brigadeführer Odilo Globocnik se não seria prudente queimar os corpos das vítimas judias em vez de sepultá-los: "Pode ser que venha depois de nós uma geração que não entenda tudo isso!" Globocnik respondeu: "Senhores, se algum dia existir uma geração tão fraca e covarde que não compreenda nossa grande realização, todo o nacional-socialismo terá sido em vão (...) Placas de bronze deveriam ser enterradas com eles, declarando que fomos nós que tivemos a coragem de executar essa tarefa tão importante e necessária." Ainda assim, é extraordinário que, enquanto os líderes nazistas manifestavam reiterada e publicamente sua determinação em eliminar os judeus da Europa, a implementação detalhada da Solução Final continuasse sendo um segredo bem guardado: até Hitler e seus cúmplices temiam a reação mundial e, em especial, o impacto que a revelação da existência dos campos de extermínio teria sobre seu próprio povo.

Na primavera de 1942, Himmler refinou um esquema destinado a explorar a força de trabalho dos campos de concentração para a produção de armamentos e para o lucro das SS. No entanto, incompetência e corrupção sistêmicas garantiram que pouca coisa de valor tenha sido produzida para o Reich sob os auspícios das SS; pelo contrário, o programa de campos foi um escoadouro dos recursos da Alemanha em transporte, força de trabalho e da economia. Apesar de milhões de prisioneiros serem obrigados a trabalhar, a maioria em tarefas primitivas, as SS nunca tentaram com seriedade conciliar seu desejo de extrair serviços úteis de seus escravos e a consequente necessidade de tratá-los com um mínimo de humanidade. Como sua principal aspiração era a morte em grande escala, o esquema fracassou em produzir outros bens, exceto uma sinistra colheita de cabelos, dentes de ouro e roupas usadas.

No começo de junho de 1942, em meio a mais deportações em massa dos distritos de Lublin e Galícia, as SS ampliaram a política de assassinar suas vítimas assim que chegavam às áreas de recepção dos campos. O conceito de reassentar os judeus no leste fora abandonado, embora ainda se sustentasse uma mínima impressão contrária. Os líderes alemães previam que sua ofensiva durante o verão na Rússia poria fim à guerra e à utilidade da mão de obra judaica. O governo eslovaco permitiu o envio de cinquenta mil cidadãos seus para Auschwitz. Introduziu-se um programa de deportação dos judeus da Europa Ocidental, conduzido com a colaboração forças nacionais de segurança — ao império nazista faltavam recursos para limpar os territórios ocupados sem a assistência de burocracias e de agências que aplicassem as leis nativas. Um dos objetivos explícitos do governo alemão era garantir que o maior número possível de regimes estrangeiros fosse cúmplice do massacre de judeus. Nesse ponto, obteve êxito considerável.

A posteridade é fascinada pela facilidade com que os nazistas encontraram tantas pessoas comuns — tomando emprestado o título do clássico estudo de Christopher Browning — dispostas a assassinar, a sangue-frio, vastos números de inocentes, de todas as idades e de ambos os sexos. Contudo, há amplas provas, na experiência moderna, de que muitas pessoas estão dispostas a matar outras sob ordens, desde que estejam

convencidas de que tal ato satisfaz os desejos daqueles cuja autoridade acatam. Centenas de milhares de russos foram cúmplices na morte de milhões de compatriotas, sob o comando de Stalin e de Beria, antes que se pensasse no Holocausto. Os generais alemães podem não ter matado civis com as próprias mãos, mas estavam felizes em aquiescer, e até entusiasmaram-se, quando outros o fizeram.

Testemunhos ouvidos após a guerra mostram que a implementação da Solução Final requeria apenas uma pequena dose de paciência e de prática para superar os escrúpulos de assassinos em massa novatos. Em 13 de julho de 1942, o 101º Batalhão da Reserva da Polícia chegou num comboio de caminhões à aldeia polonesa de Josefów, que tinha 1.800 judeus entre seus moradores. O contingente formado em sua maioria por reservistas de meia-idade vindos de Hamburgo recebeu ordens de se reunir em volta do comandante, o major Wilhelm Trapp, de 53 anos, policial veterano carinhosamente conhecido na unidade como "Papai Trapp". Com voz embargada e lágrimas nos olhos, ele disse aos homens que teriam uma missão nada agradável, ordenada pelo mais alto escalão: prender todos os judeus da aldeia, encaminhar a um campo de trabalho os aptos e matar os demais. Disse que a ação se justificava pelo envolvimento dos judeus com a guerrilha e por seu estímulo ao boicote americano que prejudicava a Alemanha. Em seguida, convidou qualquer um que se sentisse incapaz de cumprir essa desagradável tarefa a dar um passo à frente. Vários policiais, de fato, se negaram a participar, e, iniciada a matança, esse número aumentou. Pelo menos vinte tiveram permissão para retornar ao quartel.

Porém, um número suficiente permaneceu para executar o trabalho: mais tarde, um homem lembraria que sua primeira vítima implorou em vão por misericórdia, alegando ser um veterano condecorado da Primeira Guerra Mundial. Georg Kageler, alfaiate de 37 anos, matou seu lote inicial com grande facilidade, mas envolveu-se numa conversa com uma mãe e uma filha de Kassel, destinadas a morrer em seguida. Pediu, então, dispensa ao líder de seu pelotão e foi mandado para proteger o mercado enquanto outros cumpriam sua cota de fuzilamentos. Outro homem que desistiu após iniciado o massacre explicou que a falta de pontaria de um camarada o estressara: "Ele sempre erguia a arma demais, produzindo ferimentos terríveis nas vítimas. Em muitos casos, a parte de trás da cabeça era completamente arrancada, de tal modo que os miolos espirravam por toda parte. Simplesmente não consegui mais assistir." Um membro do batalhão, Walter Zimmerman, também deu seu testemunho: "Em nenhum caso, pelo que me lembro, alguém foi obrigado a continuar após declarar que não conseguiria prosseguir (...) Havia sempre aqueles que achavam mais fácil matar judeus, por isso os respectivos líderes do comando nunca tiveram dificuldade para encontrar atiradores adequados."

Christopher Browning mostra que, durante as semanas e os meses que se seguiram, quase todos os membros do 101º Batalhão da Reserva da Polícia superaram a repulsa inicial e tornaram-se matadores empedernidos. É verdade que recorriam ao álcool para tornar suas obrigações toleráveis, mas realizavam-nas com brutalidade cada vez maior. O tenente Hartwig Gnade, por exemplo, degenerou-se de mero assassino a sádico: numa execução em massa em Łomazy, em 16 de agosto, enquanto esperava que 1.700 judeus cavassem sua cova coletiva, selecionou vinte idosos e barbudos e obrigou-os a rastejarem, nus, à sua frente. Enquanto o faziam, ele gritou para seu pelotão: "Onde estão meus sargentos? Ainda não estão com os cassetetes?" Os sargentos foram até a beira da floresta, recuperaram os cassetetes e espancaram vigorosamente os judeus. Quando o batalhão completou sua colaboração ao Holocausto, em novembro de 1943, seus quinhentos

homens haviam matado pelo menos 38 mil judeus e embarcado outros 45 mil em trens para Treblinka. Browning não encontrou qualquer indicação de que sanções teriam sido impostas àqueles que se recusaram a matar; numa das sociedades mais instruídas da Europa, foi fácil encontrar quem estivesse disposto a matar aqueles a quem seus governantes — sem usar coação — definiam como inimigos do estado.

Muitos judeus pediam a ajuda do Todo-Poderoso quando os assassinos chegavam às suas comunidades. O tio de Ephrahim Bleichman, de dezenove anos, foi fuzilado por guardas poloneses que encontraram carne fresca em sua casa enquanto sua prima Brucha foi morta por lixeiros que queriam seu pão fresco. O jovem Bleichman pensou: "Se essa tragédia era da vontade de Deus, nada poderia ser feito. Ainda assim, minha família (...) esperava que Deus, não o homem, corrigisse a situação. Eu não poderia submeter-me a essa filosofia nem a contestar. A máquina de propaganda, combinada a constrangimentos sistemáticos, forçou muitos de nós à apatia. Sentiam-se impotentes." Ephrahim fugiu para a floresta quando soube de uma deportação alemã iminente e sobreviveu durante meses, escondido. "Dividíamos a floresta com corujas, cobras, javalis e veados. Nas noites de ventania, os galhos das árvores produziam ruídos estranhos. As sombras das moitas pareciam intrusos prontos a saltar sobre nós. Os movimentos naturais dos animais nos faziam pensar que os inimigos podiam estar se aproximando a pé. Levamos muito tempo para nos acostumar àquelas noites." No verão de 1942, todos os judeus soviéticos em áreas sob controle nazista estavam mortos. Daí em diante, mesmo enquanto as dificuldades militares da Alemanha se agravavam, o ritmo da matança acelerou-se. Houve deportações em larga escala na Grécia e na Bulgária em 1943. O levante no gueto de Varsóvia, em abril daquele ano, intensificou a perseguição na Polônia, Holanda, Bélgica, França, Croácia e Eslováquia.

• • •

Muitos importantes testemunhos de vítimas do Holocausto foram preservados, mas um entre os mais espantosos foi revelado ao mundo apenas sessenta anos depois da morte de sua autora. Irène Némirovsky nasceu em Kiev, em 1903, filha de um rico banqueiro que deixara os guetos e *pogroms* ucranianos para se instalar em uma grande mansão em São Petersburgo. Ela cresceu num ambiente de luxo solitário, viajando com regularidade para a França com a família. Fugiram da revolução em 1917, passando por sofrimentos consideráveis até chegarem a Paris, dois anos depois, onde o pai refez sua fortuna. Irène escrevia desde os quatorze anos. Em 1927, publicou seu primeiro conto; quando a guerra começou, era uma figura literária estabelecida na França, autora de nove romances, um deles transformado em filme, além de casada e mãe de duas meninas. Em 1940, quando os alemães ocuparam Paris, retirou-se para uma casa alugada na aldeia de Issy-l'Evêque, em Saône-et-Loire. Ali, no ano seguinte, iniciou o que planejava ser uma trilogia sobre a guerra, com a escala épica de *Guerra e paz*. Irène tinha poucas ilusões sobre seu provável fim e escreveu com desespero em 1942: "Que isso termine, de uma forma ou de outra!" Embora convertida ao catolicismo, não houve como escapar ao flagelo imposto pelos nazistas à sua raça: em 13 de julho, foi detida pela polícia francesa e deportada para Auschwitz, para ser assassinada em Birkenau, em 17 de agosto. Seu marido foi morto pouco depois.

Némirovsky havia concluído os dois primeiros volumes de sua obra notável. As filhas, que sobreviveram à guerra escondidas, preservaram, milagrosamente, os originais, escritos numa letra minúscula que refletia a escassez de tinta e de papel vivida pela autora. As moças só conseguiram ler esse exclusivo memorial mais de meio século depois. Então uma delas, Denise, transcreveu penosamente os originais, com a ajuda de uma lupa, e, hesitante, entregou o texto a um editor. *Suíte francesa*, publicado na França em 2004, tornou-se uma sensação mundial. O primeiro volume descreve a experiência francesa em junho de 1940 e as aflições de milhões de refugiados. O segundo concentra-se no relacionamento entre um soldado alemão do exército de ocupação e uma francesa. O *pathos* é extraordinário, de uma judia condenada a morrer retratando com aguda simpatia os sentimentos e o comportamento daqueles que seriam seus assassinos. O relato da sociedade francesa sob ocupação, seus sofrimentos e as manifestações silenciosas de coragem e de traição moral compõem um dos mais impressionantes legados literários da guerra. A análise fria e irônica é acompanhada por uma calorosa compaixão, demonstrada enquanto a autora aguardava uma morte em que, ela sabia, o povo francês era cúmplice dos alemães. Némirovsky passou a ser reconhecida como uma extraordinária testemunha de sua época e da tragédia de seu povo.

• • •

Enquanto um vasto número de alemães aquiescia direta ou indiretamente ao massacre de judeus, uma pequena minoria demonstrava grande coragem em socorrer os perseguidos, correndo risco mortal. August Kossman, jovem sapateiro comunista de Berlim, escondeu por dois anos, em seu pequeno apartamento, Irma Simon, seu marido e seu filho. A mãe do adolescente Erich Neumann, dona de uma cafeteria, abrigou um jovem judeu, amigo da família, em Charlottenburg, por cinco meses. No fim da guerra, um fugitivo judeu chamado Max Krakauer compôs uma lista com os nomes de todos os berlinenses que o ajudaram em sua longa luta para escapar da morte e lembrou-se de 66 nomes. A mãe de Rita Knirsch abrigou o jovem Solomon Striem, amigo da família, dizendo à filha: "Rita, você não pode contar a ninguém! (...) Não posso simplesmente mandar embora esse pobre perseguido." Essas pessoas de coragem extraordinária preservaram um farrapo da honra da civilização alemã.

Em 1944, quando os nazistas ocuparam a Hungria e a Eslováquia, foi a vez de a maioria de seus 750 mil judeus subir a bordo de trens para perecer nas últimas matanças coletivas do Holocausto. Depois, com a iminência da vitória aliada, os judeus que haviam sobrevivido viram uma melhoria em suas perspectivas: mais gente se dispunha a correr o risco de escondê-los. Contudo, a maior parte daqueles que Hitler escolhera como vítimas preferenciais já estava morta.

21
A Europa se torna um campo de batalha

Em 3 de novembro de 1943, Hitler anunciou aos seus generais a decisão estratégica de não enviar mais reforços para a Frente Oriental, acreditando que as forças alemãs ainda controlavam uma larga zona-tampão que protegia o Reich contra os russos; era preciso reforçar a Itália, onde exércitos anglo-americanos estavam estabelecidos, e a França, onde era certo que desembarcariam em breve. Porém, mesmo enquanto procurava lidar com as ameaças ocidentais, em 14 de janeiro de 1944, os russos retomaram suas investidas no norte. A retirada estratégica era a resposta óbvia, porque a ameaça alemã contra Leningrado já não era plausível, mas o Führer, depois de vacilar um pouco, mais uma vez insistiu que suas forças mantivessem as posições. "Hitler pensava apenas em linhas, não em movimentos",[1] disse, suspirando, o oficial alemão Rolf-Helmut Schröder, muito tempo depois. "Se tivesse permitido que os generais fizessem seu trabalho, tanta coisa poderia ter sido diferente." Os russos romperam a resistência, fragmentando a linha alemã; em 27 de janeiro, Stalin declarou Leningrado oficialmente libertada. Hitler enviou Model, seu general preferido, para reverter a situação, mas, em um mês, o novo comandante recuou mais de 160 quilômetros para posições preparadas ao longo do rio Neva e dos lagos Peipus e Pskov. Então o degelo da primavera impôs sua costumeira interrupção às operações.

Entre janeiro e março, reiteradas arremetidas soviéticas obtiveram pouco resultado. O clima impunha dificuldades sobre todos os combatentes, mas afligia mais os russos que tentavam avançar. Em 11 de fevereiro, Zhukov convenceu Stalin a aprovar uma nova tentativa de cerco. Dessa vez, buscava isolar seis divisões alemãs na margem ocidental do Dnieper, entre duas cabeças de ponte soviéticas. A manobra, por fim, deu certo, rendendo a Konev uma estrela de marechal, mas, em 17 de fevereiro, trinta mil soldados alemães escaparam; mais uma vez, a Wehrmacht demonstrou a ferocidade com que era capaz de reagir em circunstâncias desesperadoras.

Ao sul, durante março, três frentes ucranianas abriram caminho em direção oeste. Os comandantes alemães em seu caminho, Kleist e Manstein, desafiaram ordens explícitas de Berlim e conduziram grandes retiradas para salvar formações ameaçadas de destruição. Hitler respondeu com a demissão dos dois marechais de campo, substituídos por Model e pelo abrutalhado Ferdinand Schörner, que o Führer julgava ter a crueldade indispensável ao momento. Schörner montou uma defesa obstinada da Crimeia, contra seu próprio discernimento, mas, por fim, foi obrigado a aceitar o inevitável: em 12 de maio, 27 mil sobreviventes da guarnição de 150 mil homens foram evacuados por mar. Os russos mantiveram Sebastopol por 250 dias, mas os alemães abandonaram a fortaleza depois de a defenderem por apenas sete dias.

O capitão Nikolai Belov escreveu, da linha de frente, em meados de abril: "Tudo está derretendo. Haverá uma terrível quantidade de lama aqui, que não sumirá até em junho."[2] Naquela primavera, as condições do povo russo melhoraram um pouco. A Luftwaffe dispunha de poucas aeronaves para bombardear cidades e civis; em muitos lugares,

prisioneiros alemães trabalhavam removendo entulho. Através de milhares de quilômetros quadrados de território disputado, soldados e civis seguiam uma trilha entre veículos destroçados, trincheiras abandonadas, minas não desativadas e aldeias incendiadas. Em comunidades penduradas à beira do precipício da sobrevivência, em que cada habitante recebia a porção diária de trezentos gramas de pão, as pessoas invejavam os alimentos dados aos prisioneiros de guerra alemães, mas admitiam que eram bons trabalhadores. O NKVD e a Smersh — "o bacilo soviético da desconfiança",[3] na frase de Catherine Merridale — conduziram uma dura caçada a supostos traidores, colaboracionistas e espiões em áreas antes ocupadas pela Wehrmacht. Em Chernigov, por exemplo, os corpos de quatro traidores executados, entre eles uma mulher, passaram dias de fevereiro pendurados numa forca na praça central.

Os moradores de Kiev aconselhavam os visitantes a tomarem cuidado com algumas moças locais: "Dormiram com alemães por um pedaço de salsicha."[4] Um fluxo constante de refugiados voltou para a cidade, empurrando seus patéticos bens em carroças e em carrinhos de mão. Bondes voltaram a circular, alguns cinemas e lojas reabriram; podia-se tirar água dos hidrantes, e até a eletricidade voltou a estar esporadicamente disponível, mas era preciso aguardar em longas filas a oportunidade de comprar qualquer coisa e as ruas continuavam sujas. Cartazes de propaganda nazista e imagens de "Hitler, o Libertador" permaneciam colados em alguns muros. A condição comum de dezenas de milhões de russos era a penúria: quando três pequenos meninos de rua abordaram o correspondente do *Pravda* Lazar Brontman em Yelsk, ele esperou que lhe pedissem dinheiro ou comida, mas perguntaram: "Tio, você tem um lapisinho aí? A gente não tem com o que escrever na escola."[5] Brontman deu-lhes um lápis. "Esqueceram até de agradecer e desapareceram apressados pela rua, olhando para sua nova aquisição e aparentemente discutindo sobre quem seria seu dono."

Em maio de 1944, 2,2 milhões de soldados alemães confrontaram os russos; Hitler confortava-se em saber que o inimigo ainda estava a novecentos quilômetros de Berlim. Ele acreditava que o principal esforço soviético do verão viria no norte da Ucrânia e assim distribuiu suas forças. Porém, estava enganado: os objetivos da iminente operação Bagration, de Zhukov, a mais espetacular ofensiva soviética na guerra, estavam na zona defendida pelo Grupo de Exércitos do Centro. Com lançamento previsto para junho, sua escala refletia os enormes recursos disponíveis ao Exército Vermelho. Cerca de 2,4 milhões de homens, 5.200 tanques e 5.300 aeronaves fariam uma arremetida inicial rumo a Minsk; na segunda fase, a 2ª *frente* báltica e a 1ª *frente* ucraniana avançariam sobre os flancos, explorando a ruptura. A Bagration era imensamente ambiciosa, mas a capacidade do Exército Vermelho e a vulnerabilidade da Wehrmacht, por fim, tornaram possíveis esses golpes.

Justos elogios têm sido derramados sobre a inventividade e o êxito das operações de dissimulação britânicas e americanas na Segunda Guerra Mundial, mas menos atenção foi dada às conquistas similares da *maskirovka* soviética, que significa literalmente "camuflagem".[6] A prática tornou-se progressivamente mais sofisticada em 1943 e atingiu seu auge ao iludir o inimigo sobre os objetivos da operação Bagration. Grandes recursos foram empregados na construção de tanques, canhões e instalações fictícios para convencer os alemães de que a principal arremetida russa ocorreria no norte da Ucrânia,

onde estradas e cruzamentos falsos foram construídos. Ao mesmo tempo, formações soviéticas que enfrentavam o Grupo de Exércitos do Centro mantiveram posições defensivas estáticas; reforços movimentavam-se apenas à noite, sob rigoroso blecaute, e até o último momento foram mantidos entre 48 e 96 quilômetros aquém da linha de frente. As intenções de Zhukov eram reveladas com base no estritamente necessário e só para um pequeno grupo de oficiais de altas patentes. Os alemães identificaram 60% das forças soviéticas diante do Grupo de Exércitos do Centro, mas não perceberam o vital Exército Blindado de Guardas e imaginaram que encontrariam apenas 1.800 tanques e canhões autopropulsados em vez dos reais 5.200. O chefe de inteligência da Wehrmacht no leste, o altamente conceituado Reinhard Gehlen, foi inteiramente enganado pela *maskirovka* russa, tão habilidosa e criativa quanto as operações anglo-americanas anteriores ao Dia D. O colapso das últimas ilusões de Hitler no leste dependia unicamente da disposição russa em atacar.

No mundo inteiro, durante aquela primavera, persistia o cinismo sobre a modesta contribuição anglo-americana à luta, comparada à dos soviéticos. O comandante dos corpos de exército poloneses na Itália, general Władysław Anders, escreveu, em tom lúgubre, em meados de abril: "O curso da guerra ainda é o mesmo; o Exército Vermelho continua a obter vitórias e os britânicos são derrotados, como na Birmânia, ou, junto com os americanos, agarram-se à Itália."[7] A invasão dos Aliados à Normandia costuma ser descrita como a Segunda Frente, mas, no sul da Europa, cerca de um décimo do exército de Hitler, inclusive algumas de suas melhores formações, já estava em apuros numa linha montanhosa ao sul de Roma e no litoral mais ao norte. Sucessivos ataques dos Aliados contra posições alemãs em torno de Monte Cassino caracterizavam-se pela falta de coordenação e de imaginação; na verdade, pela incompetência. O bombardeio reduziu a entulho o mosteiro beneditino do século XVI, milhares de toneladas de bombas e de granadas foram gastas, muitas vidas britânicas, indianas, neozelandesas e polonesas foram perdidas, mas, ainda assim, os alemães resistiam.

O corpo anglo-americano que desembarcou na costa de Anzio, mais ao norte, em janeiro, em cumprimento à vontade de Churchill, ficou confinado a um estreito perímetro que os alemães atacavam feroz e reiteradamente. "De volta à Primeira Guerra Mundial",[8] escreveu um jovem oficial de um regimento escocês que mantinha posição ali. "Lama grossa. Cascos de tanque. O frio, meu Deus, o frio. Sepulturas assinaladas por um capacete, revolvidas por estilhaços. Pedaços de arame farpado. Árvores como espinhas de peixe quebradas..." As rotinas da vida nas trincheiras e do bombardeio incessante entorpeciam os sentidos. "A eficiência, em geral e particularmente em combate, sofre quando indivíduos passam muito tempo sob o fogo dos canhões",[9] escreveu o tenente-coronel americano Jack Toffey. Atrás da linha de combate, a existência durante o cerco tornava-se estranhamente domesticada: "Essa cabeça de praia é o lugar mais doido que já vi",[10] escreveu um oficial de comunicações americano para seu irmão em Nova Jersey. "Os rapazes têm seus próprios cavalos, galinhas, gado, bicicletas e tudo mais que os civis tenham deixado para trás." Alguns soldados cultivavam hortas.

Em fevereiro, os alemães lançaram um contra-ataque maciço ao perímetro. "Nunca vi tanta gente morta à minha volta",[11] disse um cabo do Regimento Irlandês de Guardas. Um sargento, vendo suínos farejarem os corpos dos mortos numa terra de ninguém, refletiu

com amargura: “É para isso que lutamos? Para sermos comidos pelos porcos?” Para os alemães, a experiência em Anzio foi tão dura quanto para os Aliados. “O estado de espírito não está elevado, uma vez que quatro anos e meio de guerra começam a dar nos nervos”, escreveu um soldado de Kesselring, com certo eufemismo. Outro soldado observou, em 28 de janeiro, que não pôde tirar as botas por uma semana: “O ar ruge e assobia. Bombas explodem à nossa volta.”[12] O assalto de fevereiro custou aos alemães 5.400 baixas. O diário de seu exército informou: “Está muito difícil evacuar os feridos. Todas as ambulâncias, mesmo as blindadas, foram perdidas, o que torna necessário usar canhões de assalto e tanques Tiger.”[13] Algumas unidades aliadas cederam, fugindo para a retaguarda — como fizeram várias unidades alemãs em face do fogo aniquilador das artilharias americana e britânica. Os Aliados dispararam 158 mil projéteis nas batalhas de fevereiro, dez para cada projétil disparado pela Wehrmacht.

Enquanto isso, ao sul, embora os Aliados ainda estivessem imobilizados nas montanhas, os inimigos não viam motivo para comemorar. O comandante do corpo de exército alemão em Cassino, general Fridolin von Senger und Etterlin, disse a um ajudante: “O pior é continuar lutando e lutando e sabendo, o tempo todo, que perdemos esta guerra (...) O otimismo é o elixir da vida para os fracos.” Von Senger, um raro e indiscutível “bom alemão”, perseverava, como bom profissional que era, mas seus soldados sofreram o inferno sob o bombardeio dos Aliados que arrasou a cidade e o mosteiro na montanha. As explosões arremessavam homens como “pedaços de papel”. Um tenente alemão descreveu os ataques aéreos de março: “Não conseguíamos enxergar uns aos outros. Tudo o que podíamos fazer era tocar o soldado mais próximo com as mãos. A escuridão da noite nos envolvia, e sentíamos na língua o gosto da terra queimada.”[14] Porém, enquanto as nuvens de poeira diminuíam e a infantaria e os tanques aliados avançavam, os alemães resistiam. As crateras e o entulho provocados pelos bombardeios criavam obstáculos aos atacantes, não aos defensores. “Infelizmente estamos lutando contra os melhores soldados do mundo. Que homens!”, escreveu Alexander, com pesar, para Brooke em 22 de março.

A ruptura na Itália chegou atrasada e incompleta demais para ser triunfal: em 12 de maio, Alexander lançou seu primeiro ataque planejado, com duas arremetidas simultâneas das forças dos Aliados. Táticas de dissimulação convenceram Kesselring a temer um novo desembarque anfíbio atrás de sua linha de frente e, portanto, a poupar suas reservas. Os homens do general Alphonse Juin, do Corpo Expedicionário Francês, desempenharam um papel proeminente na destruição da linha de Hitler a sudoeste de Cassino, enquanto forças polonesas prevaleceram sobre as defesas ao norte do mosteiro. Os americanos atacaram pela esquerda, próximos à costa. Os alemães, uma vez destruída a linha, começaram uma retirada geral para o norte. Em 23 de maio, Alexander ordenou um avanço a partir da cabeça de praia de Anzio, sitiada por quatro meses. Muitas unidades alemãs foram reduzidas a um terço de seus efetivos ou menos. “Meu coração sangra quando olho para meu belo batalhão”,[15] escreveu um comandante para sua mulher, “(...) espero vê-la em breve, em dias melhores”.

A operação Diadema, codinome dado à ofensiva de maio, ofereceu aos Aliados sua única oportunidade, entre 1943 e 1945, de impor uma derrota abrangente dos exércitos de Kesselring na Itália ao barrar sua retirada. As consequências do desprezo do general Mark

Clark por esse objetivo, devido à sua obsessão pela glória pessoal de tomar Roma, tornaram-se lendárias na guerra; sua desobediência às ordens ressaltava sua inaptidão como comandante de exército. Alexander, um comandante em chefe fraco, não era o homem para controlar o anglófobo Clark e carrega significativa responsabilidade pela lentidão dos Aliados na operação Diadema. Quando Roma caiu, em 4 de junho, Kesselring recuou para uma nova e forte posição defensiva, a linha Gótica, num eixo em sentido noroeste ancorado nos Apeninos, entre La Spezia, na costa oeste, e Pesaro, no leste.

Porém, parece justo comparar os desapontamentos que os Aliados sofreram na Itália em junho de 1944 e aqueles que seus exércitos viveram em outras partes: a Wehrmacht demonstrou habilidade e determinação consistentes para escapar de cercos nas Frentes Oriental e Ocidental. Repetidas vezes, os russos encurralaram os exércitos alemães em armadilhas, porém eles não tardaram a romper os cercos. Se Clark houvesse fechado as estradas italianas para o norte, as forças de Kesselring, em retirada, provavelmente passariam por elas de qualquer maneira. O fracasso da operação Diadema para traduzir sucesso tático em êxito estratégico foi igualado, poucas semanas depois, pela fuga de substanciais forças alemãs pela brecha de Falaise, na Normandia, e pela falta de determinação americana em barrar a retirada de Von Rundstedt, após a Batalha do Bolsão, em janeiro de 1945.

Na Itália, os Aliados precisaram se contentar em escapar dos sofrimentos impostos pela paralisação do inverno e com um avanço de quatrocentos quilômetros. Quando se tornou claro que uma vitória decisiva no palco de guerra continuava inalcançável, os americanos insistiram, para a ira de Churchill, em desacelerar a campanha: retiraram seis divisões americanas e francesas que iriam se juntar à batalha pela França. Ao longo dos últimos oito meses de guerra, o único mérito das operações italianas residuais, aos olhos de Washington, foi fixar vinte divisões alemãs, que, de outra maneira, defenderiam o Reich contra Eisenhower ou Zhukov.

• • •

Hitler recebeu a notícia sobre a retirada italiana com fatalismo atípico. No final da primavera de 1944, ele sabia que, dentro de semanas, seus exércitos precisariam enfrentar uma enorme ofensiva russa. Era vital, primeiramente, repelir a iminente invasão anglo-americana à França. Se isso pudesse ser feito, era improvável que os Aliados montassem uma nova investida na costa do canal da Mancha antes de 1945; a maioria das forças alemãs no oeste poderia ser deslocada para a linha de frente russa, aumentando drasticamente as possibilidades de repelir a ofensiva de Stalin. Se esse cenário parecia implausível, como pensavam os generais alemães, Hitler racionalizou sua estratégia nutrindo esse tipo de esperança. Tudo dependia do resultado da tentativa de invasão de Eisenhower.

Entre os Aliados, havia uma percepção parecida sobre o que estava em jogo. Uma comparação teórica das forças sugeria que os anglo-americanos deveriam prevalecer, sobretudo por seu poderio aéreo esmagador, mas operações anfíbias no Mediterrâneo nada fizeram para promover tranquilidade: na Sicília, e novamente em Salerno e em Anzio, as forças desembarcaram em clima caótico e estiveram à beira do desastre. Os britânicos sempre tiveram receio de travar uma grande batalha na França: quando o

tenente-general Sir Frederick Morgan iniciou sua missão como planejador-chefe dos Aliados para o Dia D, em 1943, pareceu-lhe "evidente que o projeto não era bem-visto pelo Departamento da Guerra, salvo como treinamento de alto-nível (...) Os britânicos entraram nessa expedição com a maior relutância, para dizer pouco".[16] Em maio de 1944, Churchill e Brooke ainda estavam ressabiados com a carnificina em Anzio.

Os chefes das forças aéreas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha também eram hostis. Julgando-se perto de alcançar a derrota da Alemanha com bombardeios estratégicos, ressentiam-se profundamente do desvio de suas aeronaves para apoiar a invasão. Churchill tinha objeções a bombardear as ligações ferroviárias da França, devido às inevitáveis baixas civis, demonstrando uma sensibilidade que enojava o comandante em chefe do Comando de Bombardeiros, Sir Arthur Harris: "Pessoalmente, não me importaria em matar franceses. Deveriam travar a guerra por conta própria. Mas eu era intimidado, o tempo todo, por Winston."[16] Roosevelt, Marshall e Eisenhower rejeitaram os argumentos do primeiro-ministro. Durante a guerra, cerca de setenta mil franceses foram mortos por bombas dos Aliados: os "danos colaterais" na França incluíram, portanto, um número de civis mortos acidentalmente quase um terço superior ao que sofreram os britânicos com os assaltos deliberados da Luftwaffe à sua ilha. O bombardeio teve papel decisivo ao retardar o fortalecimento alemão após o Dia D, mas o preço foi alto.

Se as populações dos países ocidentais aliados aguardavam com impaciência a invasão da França, alguns homens que precisariam conduzi-la demonstraram menos ânsia: soldados britânicos que serviram durante anos no Norte da África e na Itália ressentiam-se da convocação para arriscar a vida novamente na Normandia. Na sua opinião, era a vez de outras pessoas. "Quem mais está travando esta guerra?",[18] perguntavam soldados da 51º Divisão Highland, que, na opinião de um alto oficial, foi "amolecida, em vez de endurecida" por seis meses de treinamento na Inglaterra após o retorno do Mediterrâneo. Entre outros veteranos do Mediterrâneo, "o 3º Regimento Real de Tanques estava praticamente amotinado antes do Dia D",[19] escreveu depois seu general-brigadeiro, Anthony Kershaw. "Pintaram as paredes de seus alojamentos em Aldershot com dizeres como 'Não à Segunda Frente', e, não fosse por seu novo comandante — o melhor comandante de regimento blindado que conheci durante a guerra —, acho, realmente, que poderiam ter se amotinado."

Poucas unidades britânicas que lutaram no Mediterrâneo tiveram uma atuação impressionante durante a campanha no noroeste da Europa, o que não é surpreendente: elas olhavam atravessado para milhões de outros soldados britânicos e americanos que, até aquela altura, haviam escapado ao combate. No Dia D, trinta meses depois de Pearl Harbor, metade dos oito milhões de homens do exército americano ainda não fora enviada além-mar, e um número ainda maior jamais combatera. A 24º Divisão de Infantaria, por exemplo, passou dezenove meses executando tarefas de guarnição no Havaí e mais sete meses na Austrália, em treinamento para combates na selva; alguns homens eram soldados regulares de antes da guerra, aptos a voltar aos Estados Unidos antes que a formação houvesse visto sequer um dia de batalha. Enquanto os russos lutavam continuamente havia três anos, menos de doze formações do exército americano combatiam os alemães. Da mesma forma, muitos soldados britânicos treinavam na

Inglaterra desde 1940: estatisticamente, em maio de 1944, menos da metade do exército de Churchill disparara um só tiro levado pela raiva, quando se consideram as tropas que exerciam funções de apoio e de guarnição que não envolviam combate. Se a campanha que as forças de Montgomery travaram posteriormente provou-se árdua e sangrenta, também foi breve em comparação à luta em outras frentes.

Somente a implacável pressão americana sobre os líderes da Grã-Bretanha forçou o compromisso com o Dia D. Assim, é irônico que os britânicos tenham assegurado os comandos iniciais da invasão: Montgomery dirigiu as forças terrestres britânicas e americanas; Ramsay, a frota marítima; e Leigh-Mallory, a frota aérea. Embora Dwight Eisenhower fosse o Comandante Supremo, Montgomery alimentava a ilusão de reter controle operacional sobre os exércitos dos Aliados durante todo o trajeto até Berlim, tendo seu chefe americano como elemento ornamental; a indefectível insensibilidade do pequeno general o fez agarrar-se a essa ambição até os últimos meses da guerra.

O planejamento meticuloso e imensas quantidades de armamentos prometiam o êxito da operação Overlord, mas a imprevisibilidade do clima e a capacidade do exército alemão alimentavam apreensões em muitos corações britânicos e americanos. As consequências de um fracasso eram certamente assustadoras: o moral dos civis despencaria em ambos os lados do Atlântico, altos comandantes seriam demitidos e substituídos, o prestígio dos Aliados, até então ridicularizados por Stalin por sua debilidade, seria dolorosamente atingido, bem como a autoridade de Churchill e de Roosevelt. Mesmo depois de três anos de desgastes no leste, o exército alemão mantinha-se uma força combativa formidável. Era vital que Eisenhower enfrentasse as sessenta divisões de Von Rundstedt no oeste com uma potência de combate superior, mas os invasores eram apoiados por uma "cauda" logística e de suporte tão vasta que, mesmo quando atingiram sua força máxima, em 1945, empregavam apenas sessenta divisões de combate americanas e vinte britânicas e canadenses. O poderio aéreo, junto com forças blindadas e de artilharia maciças, precisou ser empregado para compensar os inadequados efetivos da infantaria.

Churchill e Roosevelt merecem a gratidão de seus países por adiarem o Dia D até 1944, quando seus recursos se haviam ampliado tanto e os de Hitler, encolhido. As perdas dos Aliados na campanha continental subsequente foram uma fração do que teriam sido se a invasão ocorresse antes. Para os jovens que empreenderam o assalto em 6 de junho de 1944, porém, essas grandes verdades não significavam coisa alguma: reconheciam apenas o perigo mortal que cada um enfrentaria para romper a Muralha do Atlântico criada por Hitler. A invasão começou com saltos de três divisões aeroterrestres — uma britânica e duas americanas — na noite de 5 de junho. Os desembarques foram caóticos, mas alcançaram seus objetivos, confundindo os alemães e assegurando os flancos da zona de assalto; paraquedistas lutaram contra forças inimigas com uma energia digna de tais formações de elite.

O sargento Mickey McCallum nunca esqueceu seu primeiro tiroteio, poucas horas após o desembarque. Um atirador de metralhadora feriu mortalmente o homem ao seu lado, o soldado Bill Attlee. McCallum perguntou a Attlee "se ele havia sido atingido feio".[20] O soldado respondeu: "Estou morrendo, sargento Mickey, mas vamos vencer esta maldita guerra, não vamos? Você sabe muito bem que vamos." McCallum não sabia onde Attlee vivia, mas seu jeito de falar indicava alguém da costa leste. Comoveu-o profundamente que aquele soldado, em seus momentos finais, pensasse na causa, não em

si mesmo. Nas horas e nos dias que se seguiram, muitos jovens demonstraram o mesmo espírito e foram obrigados a sacrifícios comparáveis. Ao amanhecer de 6 de junho, seis divisões de infantaria, com apoio blindado, alcançaram as praias da Normandia ao longo de uma linha de frente de 48 quilômetros; uma formação canadense e duas britânicas desembarcaram à esquerda, enquanto três divisões americanas invadiram pela direita.

Overlord foi a maior operação combinada da história. Cerca de 5.300 navios transportaram 150 mil homens e 1.500 tanques, previstos para desembarcar numa primeira leva, apoiados por doze mil aeronaves. Na costa francesa, naquela manhã, desenrolou-se um drama em três dimensões como o mundo jamais voltaria a ver. Tropas britânicas e canadenses saltaram em terra nas praias Sword, Juno e Gold, explorando tecnologias blindadas inovadoras para esmagar as defesas, muitas guarnecidas pela Osttruppen (as "tropas do leste", constituídas por desertores soviéticos e dos países bálticos). "Fui o primeiro tanque a chegar em terra, e os alemães começaram a abrir fogo com balas de metralhadora",[21] disse o sargento canadense Leo Gariepy. "Mas somente quando paramos, na praia, eles perceberam que se tratava de um tanque, quando abaixamos nossas laterais de lona, o equipamento de flutuação. Então viram que éramos Sherman." O soldado Jim Cartwright, pertencente ao Regimento South Lancashire, disse: "Quando me vi na praia, quis me afastar da água. Acho que atravessei a areia como uma lebre."

Os americanos tomaram Utah, o cotovelo da península de Cherburgo, com apenas pequenas perdas. "Sabe, parece uma bobagem, mas foi exatamente como um exercício",[22] disse um soldado, admirado. "Chegamos a terra firme como meninos aos pares e avançamos pela praia. Poucas granadas vieram, mas não caíram perto de nós. Acho que até me senti um pouco frustrado, um pouco decepcionado." Mais para o leste, na praia de Omaha, porém, os americanos sofreram as maiores baixas do dia — mais de oitocentos mortos. A unidade de defesa alemã, embora não fosse de elite, era composta por soldados melhores do que aqueles que ocupavam a maior parte da frente do Canal e que sustentaram fogo vigorosamente contra os invasores. "Ninguém avançava",[23] escreveu o correspondente da Associated Press, Don Whitehead. "Homens feridos, encharcados em água fria, estiravam-se sobre o cascalho (...) 'Ah, Deus, me deixe subir naquele barco', gemia um jovem delirante. Perto dele, um menino trêmulo enterrou-se na areia, cavando-a com os dedos. Bombas explodiam à nossa volta, algumas tão perto que jogavam jatos de água escura e de terra em nós."

Um soldado escreveu: "Havia homens chorando, com medo, homens que se borravam. Deitei-me com alguns outros, petrificado demais para me mover. Ninguém fazia mais do que ficar deitado ali. Era uma paralisia coletiva. Eu não via nenhum oficial. A certa altura, algo acertou meu braço. Achei que era uma bala. Era a mão de alguém, decepada por qualquer coisa. Era mais do que eu podia aguentar." Durante metade da manhã, o assalto a Omaha esteve à beira do fracasso; somente depois de várias horas de aparente impasse nas areias, pequenos grupos de homens determinados, em especial os Rangers, abriram caminho pelas ribanceiras, esmagando aos poucos os defensores.

Quando a notícia da invasão foi transmitida, as igrejas, nos países aliados, encheram-se de fiéis desabituados a rezar, que se uniam às orações pelos soldados. Nas estações de rádio dos Estados Unidos, os intervalos comerciais foram cancelados enquanto milhões de ouvintes ansiosos penduravam-se aos boletins e às reportagens transmitidas ao vivo a

partir da cabeça de praia. Greves industriais foram abandonadas, e a doação de sangue por civis disparou. Na Europa, milhões de pessoas oprimidas e ameaçadas experimentaram uma grande emoção. Como judeu de Dresden, Victor Klemperer tinha mais motivos do que muitos para se alegrar, mas desilusões anteriores tornaram-no cauteloso. Ele comparou a reação da mulher à sua: "Eva ficou muito animada, seus joelhos tremiam. Eu continuei bastante frio. Não sou mais, ou ainda, capaz de ter esperanças (...) Mal consigo imaginar viver para ver o fim desta tortura, destes anos de escravidão."[24]

Quanto aos soldados de Hitler na França, "na manhã de 6 de junho, vimos todo o poderio dos ingleses e dos americanos",[25] escreveu um homem numa carta para sua mulher encontrada junto com seu cadáver. "A frota estava parada perto da costa; um número ilimitado de navios grandes e pequenos reunia-se como se fossem participar de um desfile, um espetáculo grandioso. Quem não viu nunca poderia acreditar. O sibilar das granadas e as explosões que arrebentavam à nossa volta produziam a pior espécie de música. Nossa unidade sofreu terrivelmente — você e as crianças ficarão felizes por eu ter sobrevivido. O que restou de nossa companhia foi uma parcela minúscula." O paraquedista tenente Martin Poppel, da Luftwaffe, por tanto tempo um nazista ardoroso confiante na vitória, escreveu em 6 de junho: "Parece que esse é mesmo o grande dia dos Aliados — o que, infelizmente, significa que também é o nosso."[26] Geyr von Schweppenburg, comandante do Grupo Panzer Oeste, estava convencido de que Rommel, que dirigiu a movimentação de tropas atrás da Muralha do Atlântico estabelecida por Hitler, errara ao investir tudo numa "defesa avançada". Von Schweppenburg recomendara que as divisões blindadas se mantivessem atrás, agrupadas para um contra-ataque. De qualquer forma, como a maioria dos oficiais alemães judiciosos, ele considerava aquele resultado inevitável, a despeito da disposição das forças defensoras: "Nenhum desembarque ou posse de terreno tentado pelos Aliados poderia ser derrotado por nós sem uma força aérea, e isso nos faltava completamente."[27]

No final da tarde de 6 de junho — tarde demais para qualquer possibilidade realista de êxito —, a 21º Divisão Panzer lançou um contra-ataque à linha de frente britânica contido com facilidade por canhões anticarro e pelos tanques Sherman Firefly. Ao anoitecer, as forças de Eisenhower estavam firmemente estabelecidas, mantendo perímetros entre oitocentos e 4.800 metros a partir da costa, que conseguiram se ligar nos dias seguintes. Nas linhas alemãs, Martin Poppel escreveu: "Todos achamos que [nosso] batalhão foi jogado na batalha sozinho e com poucas perspectivas de êxito (...) Os soldados estão tremendamente nervosos (...) Todos estão se borrando de medo nesta noite estranha, e preciso praguejar e xingá-los para que se mexam."[28]

Nas praias, reforços saltavam em terra a partir de embarcações que iam e vinham, de modo que, no fim do dia seguinte ao desembarque, Montgomery havia posicionado 450 mil homens. Os primeiros caças dos Aliados começaram a decolar de aeródromos locais improvisados. A Luftwaffe estava tão reduzida por meses de desgaste na Alemanha que seus aviões mal perturbaram os invasores. Pilotos dos Aliados maravilhavam-se com o contraste entre sua paisagem diurna da cabeça de praia, em que longas colunas de viaturas eram vistas avançando impunemente, e a quietude das linhas inimigas: os alemães sabiam que qualquer movimento visível faria os caças-bombardeiros desabarem sobre eles.

Somente durante as poucas horas de escuridão estival as forças de Rommel puderam redistribuir-se e obter provisões; mais tarde, o próprio comandante foi ferido pela metralhadora de um caça.

A batalha do Dia D custou aos britânicos, americanos e canadenses apenas três mil mortos, preço desprezível para uma conquista estratégica decisiva. O povo da Normandia, porém, sofreu terrivelmente por sua libertação, perdendo tantas vidas em 6 de junho quanto os invasores. Os soldados dos Aliados chocaram a população com seu desprezo pela propriedade civil; uma unidade de Assuntos Civis notou em Ouistreham: "Saques por soldados bastante comuns. Prestígio britânico caiu aqui hoje."[29] Similarmente, uma francesa descreveu o roubo à sua casa em Colombières por canadenses: "Foi um assalto a toda a aldeia. Com carrinhos de mão e caminhões, os soldados roubaram, pilharam, saquearam tudo (...) Houve disputas sobre quem ficaria com o quê. Surripiaram roupas, botas, provisões, até dinheiro de nosso cofre. Meu pai não pôde impedi-los. Os móveis desapareceram; roubaram até minha máquina de costura."[30] Os saques foram uma prática universal e quase impune entre os exércitos de Eisenhower durante toda a campanha. Paralelamente, bombas e granadas dos Aliados mataram cerca de vinte mil pessoas no noroeste da França durante a acirrada e desgastante luta iniciada.

Eisenhower e seus generais sempre reconheceram que a "batalha de ampliação" nas semanas seguintes ao Dia D seria tão crucial quanto os desembarques: se os alemães concentrassem forças na Normandia com mais rapidez do que os Aliados, os invasores poderiam ser despejados — como Hitler esperava e exigia. Os planejadores de simulações deram contribuição vital com sua brilhantemente sofisticada operação Fortitude, que convenceu os alemães de uma contínua ameaça ao passo de Calais, onde forças importantes permaneceram durante semanas. Porém, embora a destruição, pela força aérea dos Aliados, de ligações ferroviárias e de pontes de rodovias tenha retardado a chegada de reforços, ao longo de junho e de julho novas formações foram enviadas à Normandia para serem arremessadas aos poucos dentro daquele caldeirão. A campanha de onze semanas tornou-se, com ampla margem, a mais onerosa na guerra ocidental, e a Normandia, o único campo de batalha em que as baixas se equipararam percentualmente, em breves momentos, às mortes na Frente Oriental. Embora o Dia D tenha imenso significado simbólico e exerça fascínio sobre a posteridade, a luta travada depois foi muito mais sangrenta: por exemplo, enquanto a Companhia D do regimento britânico de Ox & Bucks [Oxfordshire e Buckinghamshire] capturou triunfalmente, no início de 6 de junho, a "ponte Pégaso" sobre o canal de Caen, com apenas dois mortos e quatorze feridos, sofreu, no dia seguinte, sessenta baixas num combate pequeno e inconclusivo em Escoville.

Montgomery decretara objetivos iniciais ambiciosos para os britânicos no flanco oriental, inclusive a tomada da cidade de Caen. Contudo, não surpreende que o ímpeto tenha sido perdido em 6 de junho, quando as tropas que avançavam a partir das praias para o interior foram retardadas por um emaranhado de fortificações alemãs e de forças de bloqueio posicionadas apressadamente. Nos dias que se seguiram, combates renhidos consolidaram a cabeça de praia e ganharam algum terreno, mas as formações alemãs, notadamente a 12ª Divisão SS Panzer, impediram uma ruptura decisiva. Repetidas vezes, tropas britânicas avançaram e foram contidas por tanques e pela infantaria inimiga, que lutavam com a energia costumeira.

"O ataque exigia que atravessássemos cerca de novecentos metros de milharais abertos, que desciam da floresta de Cambes",[31] escreveu um oficial do Regimento King's Own Scottish Borderers. "Mal havíamos cruzado a linha de partida quando o inimigo reagiu ferozmente, com metralhadoras bem situadas e fogo intenso de morteiros, que expunham as companhias enquanto avançavam. Foi uma situação quase reminiscente de alguns campos de batalha da Primeira Guerra Mundial (...) Podíamos ver as balas rasparem nas espigas de milho." O recruta Robert Macduff, do Regimento Wiltshire, disse: "Uma das cenas que nunca sairá da minha cabeça são os braços e as pernas cobertos de vermes na beira da estrada. O fedor era atroz. Alguém havia sido morto, alguém partira para sempre (...) Se não for pela graça de Deus, serei eu."[32] O general-brigadeiro Frank Richardson, um dos oficiais mais competentes do estado-maior de Montgomery, escreveu posteriormente sobre os alemães, pelos quais tinha admiração ilimitada: "Muitas vezes me perguntei como conseguimos derrotá-los."[33]

Contudo, a Wehrmacht também era capaz de erros crassos extraordinários e cometeu muitos na Normandia, sobretudo antes que seus comandantes compreendessem a capacidade que tinha o poderio dos Aliados para castigar movimentos à luz do dia. "Aqui encontramos uma das imagens mais terríveis da guerra",[34] escreveu um sargento alemão, perto de Brouay, em 8 de junho: "O inimigo havia praticamente feito em pedaços unidades da Divisão Panzer Lehr com armas pesadas. [Viaturas meia-lagarta] e equipamentos foram destroçados; ao lado deles, no chão e até pendurados nas árvores, havia pedaços dos corpos de camaradas mortos. Um silêncio terrível cobria tudo." Em 9 de junho, doze tanques Panther da 12º Divisão SS Panzer lançaram-se numa carga irrefletida e afobada contra os canadenses a postos em Bretteville. O sargento das SS Morawetz descreveu o que se seguiu:

> Toda a companhia se deslocava como um único corpo, em alta velocidade e sem paradas, numa ampla frente (...) Depois de uma explosão abafada e de um grande tranco, como se uma lagarta houvesse sido arrancada, o blindado parou. Quando olhei para a esquerda, vi a torre de tiro do Panzer do flanco esquerdo ser arrancada. No mesmo instante, depois de outra pequena explosão, minha viatura começou a pegar fogo (...) Paul Veith, o artilheiro sentado à minha frente, não se mexeu. Pulei para fora e vi chamas saindo pela escotilha aberta como se fosse um maçarico (...) À esquerda, outros tanques Panzer em chamas (...) Os tripulantes, sem exceção, tiveram os rostos e as mãos queimados (...) Toda a área estava sob fogo de infantaria.[35]

Em minutos, sete Panther foram destruídos por canhões anticarro; o comandante, retornando após tratar de ferimentos recebidos num combate anterior, encontrou seu regimento severamente desfalcado. A futilidade do ataque o exasperou: "Eu poderia ter chorado de raiva e de tristeza."

Os americanos travaram uma série de duras batalhas para assegurar a península de Cherburgo, onde os pequenos campos, os íngremes desníveis e as densas sebes da região das *bocages* possibilitaram aos defensores infligir perdas pesadas para cada pequeno avanço. "Tivemos de desenterrá-los",[36] disse um oficial de infantaria americano. "Foi um negócio lento, cauteloso e nada galante. Nossos homens não atravessaram os campos abertos em cargas dramáticas (...) No início, sim, mas logo aprenderam. Avançavam em pequenos grupos, uma esquadra ou menos, separados por alguns metros e bordejando as cercas vivas em ambos os lados do campo. Rastejavam por alguns metros, agachavam-se, esperavam e rastejavam novamente." Soldados das divisões aeroterrestres americanas, que esperavam ser retirados de combate depois do Dia D para se prepararem para outra investida, combateram durante cinco semanas na Normandia, demonstrando energia e empenho ausentes em algumas formações de infantaria, numa contribuição vital. Um relatório operacional do I Exército dos Estados Unidos ressaltou "a necessidade urgente de desenvolver um espírito agressivo no soldado de infantaria (...) Muitas unidades só adquirem essa atitude muito tempo depois de sua entrada em combate, e outras nunca a adquirem. Por outro lado, unidades contendo profissionais especialmente selecionados, como as aeroterrestres e os Rangers, demonstraram espírito agressivo desde o início".[37]

Sempre que tentavam atacar, os alemães eram arrasados pela artilharia, por caças-bombardeiros e por canhões antitanque, mas o imperativo estratégico para avançar cabia aos Aliados. Os britânicos perderam vastas quantidades de tanques numa série de tentativas malsucedidas para chegar a Caen e avançar. Êxitos locais eram muitas vezes anulados por contra-ataques inimigos. "Éramos essencialmente defensivos, enquanto os alemães eram atacantes por natureza e lutavam por sua própria existência",[38] escreveu o major Anthony Kershaw. "Não somos soldados muito impetuosos, e a cavalaria inglesa nunca foi muito boa." Os assaltos da infantaria dos Aliados não eram criativos e careciam de coordenação com os blindados.

• • •

Efetivos numerosos, liderança e a eficácia institucional dos exércitos influenciam essencialmente os resultados no campo de batalha, como fizeram na Normandia, mas a qualidade dos sistemas de armas, especialmente os tanques, também teve papel importante. Os exércitos britânico e americano tinham excelente artilharia. Os americanos equiparam sua infantaria com um bom fuzil automático, o M1 Garand, mas com uma fraca metralhadora leve, a BAR. Sua "bazuca" portátil anticarro 2.36" — nome inspirado por um exótico instrumento de sopro inventado pelo comediante americano Bob Burns — não tinha penetração adequada. O exército britânico gabava-se de um fuzil confiável, o .303 Mk IV Lee-Enfield, operado por ação manual do ferrolho, e da amada metralhadora leve Bren.

Os alemães tinham armas melhores; em particular, podiam gerar violência extraordinária com sua metralhadora MG42 alimentada por fita, conhecida pelos Aliados como "Spandau", das quais foram produzidas cerca de 750 mil unidades. No campo de batalha, a áspera cadência de 1.200 tiros por minuto da MG42 soava muito mais letal do que o lento martelar da Bren ou da BAR, de quinhentos tiros por minuto. Os britânicos e

os americanos também tinham metralhadoras pesadas Vickers e Browning, mas a MG42, facilmente fabricada e capaz de troca de canos em cinco segundos, era um fator-chave no desempenho tático do exército alemão. O Panzerfaust, dispositivo portátil anticarro, teve papel semelhante: mortal a curta distância — muito mais do que a bazuca americana ou o PIAT britânico — e produzido ao ritmo de duzentas mil unidades por mês, o Faust desempenhou função importante na contenção dos blindados aliados em 1944 e em 1945, quando a Wehrmacht sofria escassez de canhões anticarro. O canhão de 88 milímetros de duplo emprego e o morteiro Nebelwerfer de carga múltipla também foram usados com efeitos formidáveis.

Todos os exércitos europeus tinham submetralhadoras para o combate aproximado. A Sten de nove milímetros britânica foi uma arma adequada, produzida aos milhões a um custo que caiu a menos de três libras esterlinas. A Thompson .45 do exército americano era valorizada por sua confiabilidade, mas a fabricação de cada unidade custava cinquenta libras esterlinas. Mais barata e simples, grande parte das unidades americanas usou, em 1944 e em 1945, a pistola M3, apelidada de "pistola de lubrificação". Os soldados dos Aliados invejavam as pistolas-metralhadoras alemãs MP38 e MP40. Chamavam-nas Schmeissers, embora o projetista [Hugo Schmeisser] nada tivesse que ver com sua criação e fossem produzidas na fábrica de Berthold Geipel. Chegando ao fim da guerra, os alemães também adquiriram pequenas quantidades de um excelente fuzil de assalto, o MP43, precursor de uma geração de armas europeias de infantaria.

• • •

Porém, o problema mais sério dos Aliados era a inferioridade de seus tanques: a vantagem numérica valia pouco quando as granadas britânicas e americanas ricocheteavam nos blindados Panther e Tiger alemães, ao passo que um tiro num Sherman, Churchill ou Cromwell era quase invariavelmente fatal. "Uma língua de fogo lambeu a torre de tiro, e minha boca ficou cheia de brita e de tinta queimada",[39] escreveu um oficial de blindados britânico, chocado, quando seu Cromwell foi atingido por um projétil de 88 milímetros de um Tiger. "'Caiam fora', gritei e saltei (...) Ali estava minha tripulação, escondida sob uma moita de groselha, milagrosamente salva. Joe, o motorista, branco e trêmulo, agachou-se, empunhando o revólver. Parecia um rato acuado (...) O Tiger arrancou, intacto, enquanto o comandante acenava com seu chapéu e ria (...) Nossas mãos tremiam tanto que mal pudemos acender nossos cigarros." Embora os tanques dos Aliados fossem infinitamente substituíveis, é difícil subestimar o impacto da superioridade dos tanques alemães no moral das unidades dos Aliados. O capitão Charles Farrell escreveu: "Acho que não havia nenhum comandante de tanque britânico que não estivesse pronto para ceder suas 'vantagens adicionais' em troca de um carro de combate comparável aos alemães Panther ou Tiger."[40]

"Estávamos bastante amedrontados",[41] escreveu um oficial de blindados britânico sobre uma noite passada no cume de Bourgebus durante um dos choques mais acirrados, "e dois homens no tanque do cabo de minha companhia disseram que prefeririam enfrentar uma corte marcial a continuar. Expliquei que todos sentíamos mais ou menos o mesmo, mas não tínhamos escolha." Dois dias depois, quando um tanque desse oficial

foi atingido, os tripulantes deram o fora. “Nunca mais vi o atirador e o rádio-operador. Eram casos psiquiátricos, e o médico mandou-os para a retaguarda. Aqueles camaradas estiveram em quase todas as batalhas que o regimento travou, e cada um fugira à luta ao menos uma dúzia de vezes.”

Peter Hennessy recebeu ordens para investigar o que havia acontecido com outro tanque de seu esquadrão de Sherman, que parara poucos metros adiante. Seu motorista saltou, subiu no blindado, espiou o interior da torre de tiro e voltou correndo. “‘Cristo!’, disse ele, ‘estão todos mortos. Sangue por todo lado!’”[42] Um projétil de 88 milímetros ricocheteara no interior do tanque, matando toda a tripulação da torre de tiro e parando nas costas do auxiliar de motorista. Depois de alguns instantes, uma figura emocionalmente abalada levantou a escotilha do tanque atingido e emergiu como o único sobrevivente.

Formações que serviram no Mediterrâneo não foram as únicas a considerar o conflito na França uma experiência sinistra: alguns homens que nunca haviam combatido se retraíam diante dessa iniciação feroz. “Houve muitos problemas na Normandia, e algumas unidades do exército britânico, para sermos francos, não estavam em excelente forma”,[43] escreveu o tenente Michael Kerr. “[Eles] tiveram muitos anos de Grã-Bretanha antes de chegarem ao campo de batalha.” Algumas unidades novatas pareciam demorar para encarar sua missão com o absoluto comprometimento necessário: um oficial das Waffen SS espantou-se ao ver a infantaria britânica avançar atrás de seus tanques em 18 de junho, “passeando, com as mãos nos bolsos, fuzis pendurados nos ombros, cigarros entre os lábios”.[44]

O tenente Tony Finucane achava que a doutrina de confiança no apoio da artilharia e do poderio aéreo corroía o apropriado espírito da infantaria. Sua unidade avançava, disse ele, “sabendo que, com os primeiros tiros de Spandau, todos se jogariam no chão e o dia acabaria ali. Nem se fala em arrojo, entusiasmo e perseguição — aqueles que insistiam em tais esquisitices eram geralmente atingidos por nossos próprios canhões de 25 libras”.[45] Finucane acreditava que a responsabilidade por muitos desses problemas recaía, devidamente, sobre os oficiais dos postos superiores dos escalões de brigada e divisão, entre os quais alguns tinham tão pouca experiência em combate quanto os soldados. “Não era necessariamente o treinamento do exército no Reino Unido que estava errado, mas que muitos oficiais superiores eram inexperientes e talvez se vissem ‘acima’ dos treinamentos.”

É difícil exagerar a tensão criada em cada homem pela responsabilidade de participar da vanguarda de um ataque. Ken Tout descreveu o laborioso progresso de um típico avanço de blindados: “Os tanques iniciais aventuram-se lenta e penosamente em direção das primeiras e duvidosas esquinas. Sua cautela espalha-se ao longo da coluna, impondo um passo de lesma (...) A manhã arrasta-se lentamente, o vagaroso progresso dos ponteiros do relógio acentuado por nossos avanços aos solavancos, de dez em dez metros, enquanto nos sacudimos em nosso pequeno viveiro, como galinhas de granja, tentando restaurar a circulação nas pernas, na bunda e nos ombros.”[46] Um oficial do Regimento dos Lanceiros avançava em seu tanque Sherman em direção a uma mata, ordenando que o regimento o seguisse. O comandante do tanque seguinte não desligou seu aparelho antes de falar pelo sistema de comunicação, e, com isso, a unidade inteira

ouviu-o ordenar: “Motorista, à esquerda; motorista, à esquerda.”[47] A resposta chegou: “Mas ele foi à direita, sargento.” O comandante de tanque disse: “Porra, eu sei muito bem que ele foi à direita, mas não vou seguir esse merda, é perigoso para caralho.”

“Foi um dia de cão”,[48] escreveu um comandante de companhia britânico, descrevendo as experiências de sua unidade em 25 de junho com uma franqueza inusitada entre soldados aliados:

> O primeiro choque era estarmos completamente expostos num avanço que deveria ser protegido por fumaça (...) Dois soldados da companhia não aguentaram e deram tiros nos próprios pés em rápida sucessão (...) E lá vamos nós, a explosão de uma bomba me derrubou, mas só causou uma pequena ferida (...) Cadê os rapazes? Não estão aqui. Volto — “Vamos.” Pela cerca viva novamente, ainda nada dos rapazes. Volto mais uma vez — “VAMOS.” Eles aparecem através de mais sebes (...) Pandemônio; pessoas caindo mortas. Prisioneiros da Juventude Hitlerista (...) Durante o ataque, um de meus pelotões fugiu e foi trazido sob a mira da pistola de Tug Wilson, meu subcomandante (...) Somos contra-atacados por soldados de infantaria e por dois tanques. O mesmo pelotão foge (...) No fim, tudo se acalma. O inimigo se retira, deixando dois tanques destruídos e um bocado de mortos.

Os soldados que lutavam a pé e aqueles que se locomoviam sobre lagartas eram quase infalivelmente céticos quanto às táticas uns dos outros. “Discutimos o próximo avanço com aquela delicada e cortês negociação que sempre existiu entre blindados e infantaria”,[49] escreveu o soldado britânico de infantaria Norman Craig sobre uma conversa com um oficial de blindados. “Eu, tentando convencer os tanques a seguirem na frente; ele, polidamente decidido pelo contrário. O soldado de infantaria considerava o tanque um leviatã esmagador, que deveria ser lançado indiscriminadamente no assalto; o soldado do blindado via os homens de infantaria como uma conveniente massa descartável, útil para neutralizar canhões anticarro.”

Durante toda a campanha no noroeste da Europa, oficiais dos altos escalões dos Aliados diziam-se frustrados com a insistente escravidão dos soldados de infantaria à artilharia. Forrest Pogue registrou os comentários de certos comandantes americanos: “Repetiam sempre que a infantaria não conseguia se abrigar, não aproveitava a preparação da artilharia, não avançava corajosamente, não se entrincheirava adequadamente. [Sob fogo pesado] cavar fundo era o que os salvava, mas no [treinamento] básico só cavávamos abrigos individuais. O emprego da artilharia é amplo demais. Estive em muitos [postos de comando] em que alguém disse ter visto dois ou três alemães a centenas de metros. Frequentemente de cinco a trinta granadas eram lançadas sobre eles.”[50]

Muita coisa dependia da liderança de comandantes subalternos locais, e um número excessivo desses bravos morreu. “O espírito de agressividade humana tem uma tendência

mágica a evaporar assim que o tiroteio começa”,[51] escreveu Norman Craig, “e o homem, nesse caso, responde a apenas duas influências — a disciplina externa que o obriga e o respeito próprio que o faz prosseguir (...) A coragem é essencialmente competitiva e imitativa.” O comandante de um batalhão britânico de infantaria disse: “Em média, num pelotão de 25 homens, cinco se empenharão ao máximo na luta (...) e quinze seguirão uma liderança. O resto não servirá para nada. Isso é válido para todo o corpo de infantaria, e, se os oficiais subalternos e os sargentos não cumprem seu papel, a situação fica bastante complicada.”[52]

O oficial de blindados Michael Rathbone escreveu: “Puxei o revólver para impedir a fuga de soldados de infantaria que passavam correndo por meu tanque enquanto consertávamos uma lagarta danificada por uma mina. Rezei para que nunca mais precisássemos lutar ao lado da 59ª Divisão.”[53] Outro oficial de blindados, Peter Selerie, pensava de forma parecida: “Muitas vezes criticamos a infantaria (...) Lembro-me de que um batalhão se dissolveu depois de uma chuva de morteiros incrivelmente intensa, combinadas a salvas de ‘rajadas aéreas’ [granadas com espoletas de tempo]. Infelizmente, os soldados não cavaram trincheiras adequadas e perderam seus oficiais e a maior parte de seus graduados. O batalhão de metralhadoras do Regimento Kensington manteve a linha, apoiado por nossos tanques.”[54] Os fuzileiros sempre sofreram baixas muito mais pesadas do que as tripulações de tanque, e conheciam muito bem essa estatística.

A maioria daqueles que iam à batalha pela primeira vez não se sentia tão amedrontada até experimentar a realidade da guerra. O soldado americano de infantaria Royce Lapp descreveu seu desembarque na França: “Ninguém tinha muito medo, porque não sabíamos onde estávamos nos metendo.”[55] Num episódio semelhante, homens de uma unidade americana de cavalaria rodearam, curiosos, o primeiro cadáver que viram de um oficial alemão. Seu comandante, o tenente Lyman Diercks, de 28 anos, funcionário dos correios de Bryant, Illinois, fez um longo e agressivo discurso para seus soldados. “Disse-lhes que era muito provável que alguns não sobrevivessem à guerra. Precisávamos ser como uma família. Eu não esperava que fossem heróis, mas, se fossem covardes, precisariam conviver com isso a vida inteira. E, embora falasse para eles, na verdade falava para mim.”[56]

Quando uma granada aterrissou perto de um sargento canadense na Normandia, ele exclamou: “Merda, merda e mais merda!”[57] Um soldado do reforço recém-chegado perguntou se ele estava ferido. O sargento respondeu que não, “havia apenas mijado nas calças. Disse que sempre mijava no início do combate, mas ficava bem (...) Então percebi que havia algo errado comigo também. Alguma coisa morna parecia escorrer pela minha perna. Passei a mão e não era sangue. Era mijo (...) Eu disse: ‘Sargento, também me mijei’ (...) Ele riu e comentou: ‘Bem-vindo à guerra.’” O medo afligia outros homens de várias formas. Um prisioneiro canadense foi levado para o quartel-general de um regimento das Waffen SS sob intenso bombardeio dos Aliados. Para seu espanto, o estado-maior protegia-se sob as mesas com as cartas topográficas abertas enquanto cantava em animado coro “Ó, belo Reno alemão”, com o acompanhamento de uma gaita. O canadense sacudiu a cabeça e murmurou, confuso. “A guerra é uma coisa alegre!”[58] Algumas tarefas sem glamour impunham riscos desproporcionais: “Os primeiros homens a morrer na

maioria das batalhas eram os instaladores de linhas telefônicas",[59] disse o atirador das Waffen SS capitão Karl Godau. As comunicações de campanha com fio eram vitais numa época em que poucas unidades dispunham de rádios táticos: os instaladores eram constantemente obrigados a se expor ao fogo para reparar danos causados por bombas ou por veículos, e muitos eram mortos.

Um segundo sargento da Divisão Panzer, capturado pelos americanos, fez para seus interrogadores uma comparação entre as Frentes Oriental e Ocidental: "Os russos não nos deixam esquecer por momento algum (...) que estamos lutando em seu solo e que representamos algo desprezível para eles. Suportarão as maiores dificuldades (...) É verdade que ao soldado médio falta a iniciativa do americano, mas ele compensa com uma resolução que nunca vi igual. Se nove homens morrem tentando atravessar uma cerca, o décimo ainda tentará — e conseguirá. Vocês, americanos, dominam seu equipamento, que é muito bom, mas não têm a tenacidade dos russos."[60]

Porém, se os dois lados sofreram terrivelmente na Normandia, as perdas alemãs foram mais graves e insubstituíveis. Já em 16 de junho, a 12ª Divisão Panzer, de Kurt Meyer, viu-se debilitada por 1.149 baixas, e sua força de tanques foi reduzida à metade; durante uma reunião de informações em seu posto de comando, Meyer escreveu: "Vejo rostos preocupados (...) Sem discutirmos abertamente, sabemos que uma catástrofe se aproxima (...) Diante da imensa superioridade naval e aérea do inimigo, prevemos a ruptura da frente defensiva (...) Já chegamos ao nível da subsistência. Até agora, não recebemos um só recompletamento para camaradas feridos ou mortos nem um tanque ou um canhão."[61]

O granadeiro SS Panzer Fritz Zimmer registrou em diário, no fim de junho, que sua companhia estava reduzida a dezoito homens; uma semana depois, em 8 de julho, ele travou o último combate de sua própria guerra:

> Das 6h30 às 8 horas, fogo pesado novamente. Depois, ataques ingleses com grande massa de infantaria e muitos tanques. Lutamos o máximo possível, mas percebemos que nossa posição é insustentável. Quando nós, sobreviventes, tentamos recuar, vemo-nos já cercados (...) Voltei, rastejando, o mais depressa possível sob fogo contínuo. Alguns camaradas tentaram fazer o mesmo, sem êxito. Ainda não consigo entender como nada me aconteceu, com granadas caindo dois ou três metros adiante, atrás e nas laterais. Estilhaços zunem aos meus ouvidos. Avanço até uns duzentos metros de nossas linhas. Foi um trabalho duro, sempre rastejando, apoiando-me ocasionalmente sobre as mãos e os joelhos, por três ou quatro quilômetros. Soldados ingleses passaram a cinco ou seis passos e não me notaram entre o milho alto. Eu estava quase desistindo, com dores incríveis nos pés e nos cotovelos e a garganta queimando de sede, mas continuei. De repente, a vegetação rareou e precisei atravessar um campo aberto. Estava a apenas dez metros do próximo milharal quando três Tommies apareceram de súbito e me fizeram prisioneiro. Imediatamente me deram uma bebida e

um cigarro. No posto de coleta de prisioneiros, encontrei meu Unterscharführer e outros camaradas de minha companhia.[62]

Por volta de 22 de julho, o paraquedista da Luftwaffe Martin Poppel jazia no hospital, recuperando-se de ferimentos que recebera na Normandia e cada vez mais temeroso sobre o futuro da causa de seu país. “Por que os pobres coitados na linha de frente e a exausta população civil mereceram ser tão mal liderados? Temos muitas perguntas inquietantes sobre o futuro e sobre nossas perspectivas nesta longa guerra. Mesmo aqueles mais confiantes têm dúvidas.”[63] Outro soldado escreveu para sua mulher em 12 de agosto: “Minha querida Irmi, as coisas não parecem muito boas — seria querer demais —, mas você conhece a animação com que encaro a vida (...) O homem é criatura do hábito. O rugido de canhões e as explosões de bombas, que inicialmente pesavam sobre os nervos, perdem seu terror após dois ou três dias (...) Nos últimos três dias, tivemos um maravilhoso clima de verão — sol, calor e céu azul —, tão completamente diferente de tudo o que vemos à nossa volta. Bem, no fim tudo ficará bem. Tenha tanta fé em minha sorte quanto eu tenho e tudo parecerá melhor, mil beijos para você, minha querida Irmi, e para as crianças, seu Ferd.”[64]

Um camarada escreveu algo parecido para sua família em 10 de agosto: “Minha querida mulher, meus queridos filhos, (...) o fragor dos canhões chega cada vez mais perto. Quando o ouço, penso em vocês, meus queridos, e surge diante de mim a dúvida sobre se voltarei a vê-los. Qual será meu destino? (...) Na noite passada, estive com vocês em meus sonhos. Ah, como foi lindo! Você pode imaginar, minha querida, o que é ser acordado de um sonho tão idílico pelo troar dos canhões? Trago sua imagem no coração. É um sentimento tão pesado. Eu queria voar para casa, para vocês, as pessoas que mais amo! Qual será meu destino? Como foi bom passar aqueles poucos dias maravilhosos com você em Fallingbostel, minha querida e leal mulher!” As duas cartas foram encontradas por um soldado americano junto com os cadáveres de seus autores.

• • •

Ao longo daqueles meses de verão, os povos britânico e americano pensaram em pouca coisa além da luta de seus exércitos na Normandia, mas, em Berlim, Hitler enfrentava uma ameaça ainda mais grave: menos de três semanas após os desembarques na França, os soviéticos lançaram, no leste, a operação Bagration, a maior ofensiva da guerra e a última a ser lançada de solo russo. A recusa de Hitler a permitir uma retirada estratégica durante a primavera obrigou suas forças a defenderem uma linha de 2.250 quilômetros, tendo poucas reservas. Dois terços de todo o exército alemão ainda eram empregados contra os russos, mas isso não bastava para enfrentar uma investida de 2,4 milhões de homens e de mais de cinco mil tanques, com uma potência de fogo duas vezes maior do que a utilizada nos assaltos soviéticos de 1943.

Stalin disse em discurso ao povo russo, em 1º de maio de 1944: “Se quisermos livrar nosso país e os países de nossos aliados do perigo da escravidão, precisamos perseguir a fera alemã, já ferida, e desferir-lhe o golpe final em seu próprio covil.” A palavra russa

para “covil” é *berloga*. Por isso, tripulantes de blindados pintaram em seus tanques não as palavras “Para Berlim!”, mas “Para *berloga*!”. Em 22 de junho, três *frentes* soviéticas, sob o comando de Zhukov, atacaram os setecentos mil homens do Grupo de Exércitos do Centro. Simultaneamente, uma ofensiva guerrilheira à retaguarda alemã quase cortou as linhas de comunicação do marechal de campo Ernest Busch. Os russos concentraram quatrocentos canhões em cada dois quilômetros, aproximadamente, para o bombardeio preliminar, ao longo de uma linha de frente de 560 quilômetros. Tinham ampla superioridade aérea, graças, em grande parte, à destruição da Luftwaffe pelos Aliados na Alemanha.

Quando a infantaria e os tanques de Zhukov avançaram pelas nuvens de fumaça e de poeira que cobriam as posições defensivas, as linhas telefônicas alemãs estavam mudas, e as cadeias de comando, desfeitas. As formações de Busch foram destroçadas onde estavam, tentando inutilmente cumprir a exigência de Hitler de uma defesa rígida e sem retiradas. As chamadas “fortalezas” de Vitebsk, Orsha, Mogilev e Bobruisk receberam ordens para resistir até o último homem. As consequências foram catastróficas. Os russos avançaram rapidamente numa maré irresistível, contornando as “fortalezas” e seguindo para oeste. Em 28 de junho, Model foi transferido às pressas para substituir Busch, mas a situação era irrecuperável. Minsk caiu em 4 de julho, enquanto ao norte os atacantes arremetiam em direção a Riga, no Báltico, que em pouco tempo foi cercada.

O Exército Vermelho nunca demonstrou muita sutileza tática, salvo, talvez, no assédio aos inimigos durante as horas de escuridão, habilidade em que seus soldados superavam os Aliados Ocidentais. Um analista britânico escreveu: “No pensamento soviético não existe muito espaço para o conceito de economia de força. Enquanto, para um inglês, usar marretas para quebrar uma noz é uma decisão errônea e um sinal de imaturidade mental (...) aos olhos russos é precisamente para quebrar nozes que servem as marretas.”[65] Os ataques russos enfatizavam bombardeios maciços de artilharia e avanços sacrificantes de tanques e de infantaria, muitas vezes encabeçados por “batalhões de funcionários” — unidades penais formadas por prisioneiros políticos e militares aos quais era oferecida a possibilidade de suspensão ou cancelamento da pena se aceitassem a possibilidade de extinção. Cerca de 442.700 homens serviram nesses batalhões, mas a maioria morreu. Os russos continuaram a sofrer mais baixas do que os alemães. Se todos os soldados tiveram dificuldades em descrever aos civis tudo o que suportaram durante a guerra, a tarefa era ainda mais árdua para os russos. Mesmo nos anos de vitória, de 1943 a 1945, as unidades de assalto do Exército Vermelho suportavam perdas de cerca de 25% em cada combate, porcentagem de baixas que as forças anglo-americanas jamais aceitariam como uma constante. Dos 403.272 soldados russos que concluíram o programa de instrução de tanques ao longo da guerra, 310 mil morreram.

O poeta David Samoilov notou: “Esta foi a última guerra russa em que a maior parte dos soldados era camponesa.”[66] Em parte como consequência, os soldados de Stalin eram ainda mais supersticiosos do que a maioria dos guerreiros. Alguns, por exemplo, achavam que praguejar enquanto carregavam uma arma traria azar; muitos usavam amuletos e cruzes. Se relativamente poucos admitiam obediência formal ao banido cristianismo, muitos se persignavam antes de entrar em combate. As canções tinham um grande papel na cultura do exército. Os homens cantavam durante as marchas e à noite, em volta das fogueiras — quase sempre baladas carregadas de sentimento, sem o cinismo

dos números favoritos dos soldados britânicos. Com tantos *frontoviks* rapidamente feridos ou mortos, estimou-se que os soldados russos passassem em média apenas três meses juntos, mas os homens diziam que em uma semana aprendiam mais sobre os companheiros do que num ano de vida civil. O Exército Vermelho não oferecia aos seus soldados educação sexual ou preservativos. Aqueles que contraíam doenças venéreas eram às vezes punidos com a recusa de tratamento médico. Não era raro crianças marcharem com os regimentos, porque haviam perdido tudo e somente o exército lhes oferecia esperança de sobrevivência.

Um relatório soviético de 25 de agosto de 1944 informava que os alemães ainda resistiam com eficácia: "O uso inimigo de canhões autopropulsados e de tanques para cobrir suas retiradas torna difícil, para nós, combater sua infantaria. Nessas circunstâncias, nossa infantaria muitas vezes se comporta com indecisão. A natureza de nossas unidades mudou de forma significativa durante os últimos meses. Muitas consistem, quase totalmente, em substitutos inexperientes. Há poucos homens que servem desde 1941. Muitos entre os que lutam desde 1943 reclamam da inexperiência dos recompletamentos."[67] As operações soviéticas eram pontuadas por demonstrações de espantosa incompetência, quase sempre influenciadas pela embriaguez. As crueldades infligidas aos soldados comuns por seus superiores explicam o fato de, ainda em 1944 e em 1945, alguns russos continuarem desertando para o lado alemão. Pode-se dizer dos soldados de Stalin, assim como dos japoneses, que sua conduta bárbara em relação às outras raças apenas espelhava o tratamento recebido de seus próprios líderes. No entanto, os principais comandantes russos passaram a exibir uma confiança impressionante em seu modo de lidar com grandes forças e na coordenação de todas as armas, com a ajuda de equipamentos de comunicações fornecidos pelos americanos.

O Exército Vermelho avançou com mais rapidez do que as forças de Eisenhower em 1944 e em 1945, em parte porque seus homens viviam da terra e exigiam suprimentos em escala muito menor: foram os menos mimados na guerra. Entre a longa lista de confortos e facilidades rotineiramente fornecidos às tropas aliadas, mas negados aos companheiros russos, estavam giletes, loções contra piolhos, lápis, tinta, papel, facas, lanternas, velas, jogos. O único estimulante ao moral distribuído pelo Exército Vermelho era a vodca, e algumas seções acumulavam suas porções para que os soldados pudessem, um por vez, beber até perder os sentidos. Até o fim, muitos soldados avançaram para o ataque padecendo de fome, piolhos, hemorroidas, dor de dente, sangramentos na gengiva causados pelo escorbuto e, às vezes, tuberculose.

A principal vantagem russa na guerra era sua disposição a aceitar baixas quase ilimitadas, aliada à consciência que tinham os soldados quanto às penalidades draconianas reservadas àqueles que se acovardavam ou fracassavam. As unidades russas em confronto com a resistência alemã nunca recebiam permissão para adotar o familiar recurso anglo-americano de buscar abrigo e pedir apoio de artilharia e aviação. Esperava-se que prosseguissem, indiferentes aos obstáculos ou aos campos minados, e que pagassem o preço: sempre haveria mais homens. Em 5 de julho, a primeira fase da operação Bagration terminou com o IX Exército alemão destruído. O I Exército Panzer e o IV Exército perderam, cada um, cerca de 130 mil entre os 165 mil homens com que começaram a batalha. Vastas colunas de prisioneiros alemães enlameados foram transferidas para a retaguarda russa, destroços da outrora invencível Wehrmacht. A 1ª

frente bielorrussa virou então para oeste, em direção a Varsóvia, enquanto dois outros grupos de exército partiram para a Prússia Oriental em direção à Lituânia. Em 13 de julho, a 1º *frente* ucraniana iniciou um avanço rumo ao Vístula. Até o fim do mês, Vilna e Brest-Litovsk estariam em mãos russas.

Os poloneses contavam uma piada pesada, em 1944, sobre um pássaro que cai do céu numa bosta de vaca e é resgatado por um gato. A moral, segundo eles, era que “nem todo mundo que nos tira da merda é necessariamente nosso amigo”. A “libertação” soviética da Polônia, iniciada com a operação Bagration, obrigou seu povo a trocar o domínio de uma tirania por outra. Em 14 de julho, o Stavka emitiu uma ordem para todos os comandantes russos: “Tropas soviéticas (...) depararam-se com destacamentos militares poloneses dirigidos pelo governo polonês emigrado. Esses destacamentos comportaram-se de modo suspeito e agiram em toda parte contra os interesses do Exército Vermelho. O contato com eles [está], portanto, proibido. Quando forem encontradas, essas formações devem ser logo desarmadas e enviadas para investigação em postos de coleta especialmente estabelecidos.” Os russos assassinaram milhares de poloneses cujo único crime era o compromisso com a liberdade democrática. Mais notoriamente, negaram-se a socorrer o Levante de Varsóvia em agosto. Os russos alimentavam um ódio histórico ao povo polonês e agiram em 1944 e 1945 com selvageria indiscriminada contra ambos os sexos.

Enquanto o Exército Vermelho se aproximava do Vístula, sua *frente* careliana penetrou profundamente na Finlândia, rompendo a linha Mannerheim, que os finlandeses haviam defendido com tanta determinação em 1940. O povo pagou caro por seu segundo desafio a Stalin: em 2 de setembro, o governo de Helsinque assinou um armistício em que perdia seus territórios orientais para sempre. Hitler recusou-se a evacuar a península báltica de Curlândia, na Letônia, embora seus generais alegassem que as forças que mantinham o perímetro poderiam dar importante contribuição à defesa da Alemanha. Vinte e uma divisões — 149 mil soldados e 42 generais — continuaram cercadas na Curlândia até maio de 1945.

Quando a operação Bagration chegou ao seu triunfante fim, os russos alegavam ter matado quatrocentos mil alemães, destruído dois mil tanques e feito 158 mil prisioneiros. Os vitoriosos espantaram-se com a fragilidade física de muitos dos capturados. Um soldado escreveu: "Todos pareciam dignos de pena. São como funcionários de bancos. Muitos usam óculos."[68] No fim de agosto de 1944, os russos estavam no Vístula, com Varsóvia quase ao seu alcance, e na fronteira da Prússia Oriental. Sitiavam Riga e, ao sul, chegaram ao Danúbio. Avançaram 720 quilômetros em dois meses. Um oficial russo, maravilhado com a quantidade infindável de tanques avariados que ele e seus homens viram ao longo da marcha para o oeste, comparou-os, fantasiosamente, a "camelos ajoelhados".[69] Enquanto o Exército Vermelho saboreava seu domínio sobre o campo de batalha, pela primeira vez os soldados podiam aproveitar os prazeres de viver e lutar em outros países. "Numa noite, dormíamos a céu aberto; na noite seguinte, afundávamos numa cama de plumas como um nobre",[70] escreveu Gennady Petrov, da Ucrânia, para os

país: “Estou vivendo tão bem que não tenho queixas, exceto a falta de discos de música e de filmes para a câmera.”

No flanco bem à esquerda da linha soviética, duas *frentes* ucranianas iniciaram, em 20 de agosto, um avanço para o sudeste da Europa, com objetivos mais políticos do que militares. Stalin, determinado a assegurar a maior parte dos Bálcãs antes que os Aliados o fizessem, empregou suas forças inicialmente contra a Romênia, que se rendeu no dia 23. A troca de lealdade custou caro aos romenos: até 25 de outubro, seu exército sofreu mais 25 mil baixas, após ter sido recrutado para ajudar o Exército Vermelho a despejar os alemães de seu país. Em 5 de setembro, a Rússia declarou guerra à Bulgária, que, oficialmente, lutava apenas contra os anglo-americanos. Em face do esmagador poderio soviético, os búlgaros se renderam em quatro dias. Um governo comunista foi instalado em Sófia, o que permitiu ao Exército Vermelho transferir forças para a Transilvânia e a Iugoslávia — Belgrado caiu em 19 de outubro.

Somente um golpe arquitetado pelos nazistas em Budapeste, em 15 de outubro, impediu que o governo húngaro também se rendesse aos soviéticos: em 30 de dezembro, Budapeste estava sitiada. Os avanços soviéticos durante o verão obrigaram Hitler a reconhecer que a maior parte dos Bálcãs se tornara indefensável. No final de outubro, os alemães começaram a sair da Grécia. Então, a principal preocupação de Weichs, o comandante das operações, era usar seus seiscentos mil homens — essencialmente recrutados nas categorias inferiores da triagem médica e entre o pessoal dos serviços auxiliares — na Albânia e na Iugoslávia, para proteger o flanco direito do Grupo de Exércitos do Sul. Ao longo de toda a linha da frente oriental, a situação dos alemães era calamitosa. O iminente triunfo soviético era postergado apenas pelas dificuldades logísticas envolvidas em abastecer e suprir imensas forças em regiões de poucas estradas e de ferrovias destroçadas; seus exércitos paravam para se rearmar e reorganizar. Os generais de Hitler sabiam que quando os russos resolvessem avançar novamente tudo o que a Wehrmacht poderia fazer seria retardar o inevitável.

Se grandes guerras fossem combatidas racionalmente, aquele seria o momento da rendição alemã, como em 1918, antes que a pátria se tornasse um campo de batalha. Porém, em 1944, muitas grandes cidades alemãs haviam sido arrasadas pela ofensiva de bombardeios dos Aliados, que agora chegava ao auge. A Luftwaffe estava despedaçada; as forças armadas careciam de combustível, homens, tanques, veículos, artilharia. Não surpreende que os líderes nazistas estivessem determinados a continuar na luta, pois tudo o que podiam esperar nas mãos dos vitoriosos era a morte. É discutível se Hitler, no mais íntimo de sua consciência, ainda preservava esperanças de recuperar sua boa sorte, mas o certo é que se comprometera a uma política de guerra total e, a rigor, perpétua. Se a vitória era negada ao Führer, ele parecia satisfeito em poder presidir um titânico cataclismo nos últimos meses da guerra, correspondente, em escala, ao colapso de suas titânicas ambições.

Para a posteridade, é mais difícil compreender a incapacidade demonstrada por outros alemães em aceitar a lógica de sua difícil situação, depor os nazistas e salvar centenas de milhares de vidas ao abandonar a luta. Tal iniciativa somente poderia vir dos generais. O atentado a bomba em 20 de julho de 1944, única tentativa militar coordenada para decapitar o regime nazista, foi conduzido com incompetência e falta de convicção espantosas, envolvendo um número relativamente pequeno de oficiais. Criou-se uma lenda de resistência ao nazismo, que ainda hoje é sustentada, em grande parte para

levantar a autoestima alemã no pós-guerra. O coronel Claus von Stauffenberg quase certamente conseguiria matar Hitler se permanecesse no quartel-general do Führer para detonar sua bomba em vez de voltar, correndo, para Berlim. Muitos outros oficiais teriam oportunidades para alcançar o mesmo fim se sacrificassem a própria vida.

Como se viu, um pervertido senso de dever levou a maioria dos líderes da Wehrmacht a seguir o regime nazista até o fim, para sua perpétua desonra. Entre si, os generais da Alemanha zombavam do caráter e da conduta dos gângsteres e das figuras grotescas que mandavam em seu país, mas seu próprio servilismo a Hitler raramente era abordado. Numa reunião em 27 de janeiro de 1944, quando Hitler pediu a cada oficial que manifestasse apoio leal e fanático ao nacional-socialismo, Manstein gritou: "Assim será, meu Führer!" Mais tarde, ele alegou que sua resposta tinha intenção irônica, mas poucos acreditaram. Ele e outros de sua categoria puseram suas reputações como membros da casta militar, dedicada a cumprir até o fim suas responsabilidades e seus juramentos a Hitler, acima dos interesses da sociedade à qual diziam servir. Optaram, de forma explícita ou implícita, por lutar e morrer mais como servidores do Terceiro Reich do que como protetores de seu país, cujos interesses só poderiam servir se a paz fosse assegurada em quaisquer termos ou mesmo incondicionalmente. O oficial de uma Divisão SS Panzer, Hubert Meyer, escreveu, indignado, sobre o complô de 20 de julho: "É incompreensível que soldados tentassem um golpe contra a suprema cúpula militar enquanto estavam envolvidos numa acirrada luta defensiva contra um inimigo que exigia 'rendição incondicional', recusando-se a negociar um cessar-fogo ou mesmo a paz."[71] Muitos oficiais da Wehrmacht, mesmo hostis ao nazismo, compartilhavam esses sentimentos.

Helmuth von Moltke, da Abwehr, explicou o motivo do apoio contínuo de um número suficiente de alemães a Hitler numa carta secreta escrita em inglês, destinada ao seu antigo tutor em Oxford e enviada de Estocolmo em março de 1943: "Muita gente lucrou com o Terceiro [Reich] e sabe que seu tempo terminará com o fim do Terceiro [Reich]. Essa categoria não inclui apenas algumas centenas de pessoas, e sim centenas de milhares. Além disso, há aqueles que apoiaram os nazistas para contrabalançar pressões estrangeiras e agora não conseguem achar uma saída fácil desse emaranhado; dizem que mesmo os erros nazistas servem para compensar outros, que nos fizeram antes. (...) Há também aqueles que (...) dizem: se perdermos esta guerra, seremos devorados por nossos inimigos e, por isso, precisamos apoiar Hitler até o fim."[72] Moltke observou que os soldados alemães eram "sempre postos em posições em que não há escolha senão lutar. Sua mente é completamente ocupada pelo inimigo, assim como a cabeça da dona de casa pensa o tempo todo em seus afazeres." Ele repetiu um comentário feito por Hitler a Manstein: "O general e o soldado alemães jamais podem se sentir seguros, ou vão querer descansar; precisam saber que sempre há inimigos à sua frente e atrás e que há apenas uma coisa a fazer: lutar." A análise de Moltke continuou válida até 1945.

Os soldados abandonaram os civis ao próprio desespero. Em Hamburgo, a velha Mathilde Wolff-Monckeburg escreveu em 25 de junho de 1944: "Ninguém mais ri, ninguém é despreocupado ou feliz (...) Estamos esperando o ato final."[73] Ela acrescentou, poucas semanas depois: "Há dias não temos água; tudo está lascado, quebrado, desfiado; nem pensar em viagens; não há o que comprar; simplesmente vegetamos. A vida não teria

sentido algum se não fossem livros e seres humanos amados, cujo destino nos preocupa dia e noite."[74]

Os líderes militares alemães mereceram o desprezo da posteridade por tolerarem os assassinos em massa que mandavam no país enquanto procuravam absolver-se de qualquer cumplicidade com os crimes nazistas. Pensar em revolta na última fase de uma luta pela sobrevivência nacional exigia uma coragem moral que poucos oficiais alemães tinham. Estavam conscientes da carnificina que haviam praticado na Rússia: não poderiam esperar misericórdia do povo de Stalin, e o medo da iminente vingança soviética tornou-se a motivação dominante para milhões de soldados alemães. Esse medo oferecia uma justificativa perversa e espúria para a recusa dos generais a se voltarem contra Hitler. Seu raciocínio era vazio, porque a resistência serviria apenas para adiar o inevitável. Contudo, mesmo os mais inteligentes se apegavam a esperanças fantásticas de que os Aliados livrassem os alemães dos russos. O capitão Rolf-Helmut Schröder, militar de carreira, acreditava que os americanos, após derrotarem a Alemanha, enfrentariam a União Soviética: "Para nós, era impossível imaginar que os americanos permitiriam que os russos invadissem a Alemanha."[75]

A guerra manteve seu ímpeto teimoso, assassino, fútil. Nos últimos meses da luta europeia, enquanto alguns soldados alemães demonstravam visível gratidão por serem capturados, muitos mantinham uma defesa obstinada e mostravam uma disposição ao sacrifício muito maior do que fizeram os franceses em circunstâncias parecidas, em 1940, ou a maioria dos soldados britânicos posteriormente. Uma das explicações para o comportamento da Wehrmacht é a coerção — desertores e suspeitos de covardia eram implacavelmente fuzilados aos milhares durante os últimos meses. Entre 1914 e 1918, 150 sentenças de morte foram aprovadas contra membros do exército do Cáiser, entre as quais apenas 48 foram executadas. Em comparação com esses números, entre 1939 e 1945, mais de quinze mil execuções militares constavam de lista oficial, mas o verdadeiro total foi substancialmente superior. Além das penalidades de morte, a realidade imediata do campo de batalha — a presença do inimigo no próximo campo ou na rua seguinte — impunha uma lógica própria. Mesmo nos estertores da morte, o Terceiro Reich provou-se capaz de convencer muitos alemães a exibir extremos de uma vã perseverança.

• • •

Após um mês de combates na Normandia, os exércitos anglo-americanos estabeleceram um perímetro seguro a 35 quilômetros da costa, mas o mau tempo impedia as operações aéreas e o desembarque de suprimentos. Cada pequeno avanço exigia esforços imensos e custava baixas alarmantes para os Aliados, sobretudo para os britânicos. Quando a operação Epsom, no fim de junho, se mostrou incapaz de envolver Caen — escolhida originalmente como objetivo do Dia D —, Montgomery convocou um pesado apoio de bombardeiros: os Lancaster, como solicitado, arrasaram a cidade na noite de 7 de julho, permitindo que as tropas britânicas e canadenses avançassem para as ruínas ao norte. Em 18 de julho, uma formidável força blindada foi empregada na operação Goodwood, destinada a tomar Falaise. Montgomery interrompeu esse ataque no fim do segundo dia, depois de sofrer quatro mil baixas e perder quinhentos tanques, um terço de todos os

blindados britânicos na Normandia. Os tanques Sherman foram prontamente substituídos, é verdade, mas o fracasso conteve o entusiasmo dos atacantes. “Nossos nervos foram destruídos”,[76] escreveu o comandante de blindados John Cropper sobre o estado de espírito de seus tripulantes no fim de julho. “Ritchie e Keith começaram uma discussão sobre música, eu acho. Em segundos, estavam berrando um com o outro. Precisei ser muito firme com eles para conter aquilo (...) Demorou muito para que pronunciassem outra palavra.”

Ao mesmo tempo, à direita dos Aliados, o I Exército do general Omar Bradley progredia penosamente pelos *bocages*, onde as condições difíceis eram agravadas pela inundação das terras baixas pelos alemães. Os americanos sofrerem quarenta mil baixas em duas semanas até chegarem a um terreno seco nos arredores de Saint-Lô, de onde um grande assalto com blindados poderia ser lançado. A operação Cobra foi precedida por um ataque intenso de bombardeiros, que estropiou a Divisão Panzer Lehr em seu deslocamento. Em 25 de julho, os americanos iniciaram um avanço para Coutances, que encontrou pouca resistência efetiva: o exército alemão na Normandia desmoronava. As forças de Bradley precipitaram-se para o sul, com os alemães recuando à sua frente. Avranches caiu em 30 de julho; a captura de uma ponte intacta, em Pontaubault, abriu caminho a oeste para a Bretanha, ao sul para o Loire, ao leste para o Sena e para a chamada brecha Paris-Orleans. Patton, comandando o recém-ativado III Exército dos Estados Unidos, despachou um corpo numa arremetida a sudeste para Mayenne e Le Mans, alcançando esta após avançar 120 quilômetros numa semana.

Contudo, embora altos oficiais alemães reconhecessem que a retirada estratégica era essencial, a maior parte resistiu. Hitler insistiu num novo contra-ataque, revelado aos Aliados pelo sistema Ultra: na escuridão das primeiras horas de 7 de agosto, Von Kluge, sucessor de Rommel, lançou uma grande contraofensiva para separar o I e o III exércitos americanos. Durante a noite, tanques Panzer retomaram Mortain e avançaram onze quilômetros, mas, com a chegada da luz do dia, o desastre caiu sobre eles: caças-bombardeiros dos Aliados rapidamente destruíram quarenta dos setenta tanques que atacavam. Os alemães se esforçaram por mais quatro dias para recuperar o ímpeto, mas a infantaria americana manteve suas posições, apoiada por um maciço fogo de artilharia.

Na linha de frente de Montgomery, o progresso continuou lento. No final de 7 de agosto, o II Exército canadense, de Crerar, atacou ao sul de Caen. Na escuridão, seus tanques avançaram um pouco antes que a investida perdesse o entusiasmo após clarear. Unidades blindadas canadenses e polonesas assumiram o comando, mas sua inexperiência e um ataque de bombardeiros mal conduzido, que devastou várias unidades avançadas, mais uma vez interromperam as operações; combates inconclusivos prosseguiram na estrada para Falaise até 10 de agosto. As formações de Montgomery enfrentaram o grosso do que restava dos blindados alemães. De qualquer forma, era penoso avançar tão lentamente enquanto os americanos, a oeste, precipitavam-se triunfantes para a frente.

Com as forças de Patton movendo-se tão depressa, Bradley viu uma oportunidade para criar uma armadilha para estimadas 21 formações alemãs — ou, mais exatamente, o que restava delas. Se o III Exército seguisse ao norte para Alençon e os canadenses pudessem chegar a Falaise, estariam separados por apenas 22 quilômetros. Montgomery aceitou o plano. Um corpo de exército de Patton arremeteu para Alençon em face de

desprezível oposição e atravessou a cidade para chegar aos arredores de Argentan na noite de 12 de agosto. Nesse ponto, Bradley tomou uma das decisões mais controvertidas da campanha, interrompendo o avanço. O motivo que apresentou — evitar o risco de uma colisão com os canadenses que avançavam — não merece exame sério. É mais plausível e talvez prudente que ele tenha hesitado em colocar forças relativamente fracas no caminho dos alemães em retirada, tigres feridos.

Os canadenses ainda lutavam com empenho. Repetidas vezes entraram em combates acirrados com retaguardas inimigas que, por vezes, lutaram até o último homem. A porcentagem de desgaste em alguns choques de blindados era extraordinária: na manhã de 8 de agosto, por exemplo, um Sherman Firefly do Regimento Yeomanry de Northamptonshire nocauteou três Tiger e um Panzer Mk IV, mas, uma hora depois, um único Mk IV alemão, posicionado numa vala que mantinha aparente somente sua parte superior, destruiu sete tanques do mesmo regimento antes de ter o mesmo destino. Os canadenses enfim chegaram a Falaise em 16 de agosto, vinte horas após as tropas americanas e francesas iniciarem os desembarques da operação Anvil no sul da França, contra fraca oposição. Naquele dia, enquanto o exército de Patton se precipitava para oeste, deparando-se com poucos alemães e com multidões francesas histericamente eufóricas, Hitler autorizou uma retirada estratégica da Normandia.

No chamado bolsão de Falaise, 150 mil alemães sofreram bombardeios implacáveis da aviação e da artilharia dos Aliados. “O fundo do vale parecia cheio de vida”,[77] escreveu um oficial dos Aliado perto de Trun, “(...) homens marchando, circulando e correndo, colunas de veículos de transporte puxados a cavalo, viaturas motorizadas, e, quando o sol saiu, outros alvos apareceram (...) Era um paraíso para os artilheiros, e todos aproveitaram (...) Longe, à nossa esquerda, estava o famoso local do massacre, e, durante todo o dia, ouvia-se o barulho dos Typhoon e novas colunas de fumaça obscureciam o horizonte (...) o quadro em miniatura de um exército em debandada. Primeiro, um grupo correndo, ultrapassado por homens em bicicletas, seguidos por galopes rápidos, e todos ultrapassados por um tanque Panther atulhado de homens e a quase cinquenta quilômetros por hora.”

Na noite de 19 de agosto, tropas polonesas e americanas encontraram-se em Chambois, supostamente fechando a “brecha de Falaise”. Caças-bombardeiros dos Aliados destruíram milhares de viaturas no bolsão, mas fugitivos alemães ainda seguiram passando pela brecha durante dois dias. Dez mil alemães foram mortos em Falaise, e um número cinco vezes maior foi capturado. “Meu motorista estava queimando”,[78] escreveu o granadeiro SS Panzer Herbert Walther. “Uma bala atravessou meu braço. Saltei sobre os trilhos de uma ferrovia e corri.” Ferido novamente na perna, ele conseguiu avançar mais cem metros antes de ser “atingido na nuca por uma grande pancada — uma bala entrara sob a orelha e saíra pela bochecha. Eu engasgava com o sangue. Havia dois americanos que me olhavam de cima e dois soldados franceses que queriam acabar comigo.” No entanto, um número notável de fugitivos escapou. Tornou-se lugar-comum na historiografia da guerra afirmar que os exércitos alemães na França foram destruídos, mas não é inteiramente verdade. Eles sofreram 240 mil baixas durante a campanha e tiveram quarenta divisões destroçadas, mas foi uma proeza extraordinária que 240 mil homens e 25 mil viaturas tenham atravessado o Sena em direção leste entre 19 e 31 de agosto.

No rio abaixo de Rouen, uma fila de blindados e de viaturas alemães que chegava a oito quilômetros de extensão parou, permanecendo praticamente intacta, durante um dia e uma noite, enquanto engenheiros alemães trabalhavam para reparar uma ponte ferroviária danificada, a única travessia viável; a chuva forte manteve as forças aéreas dos Aliados a distância até a passagem ser aberta. Esporádicos fogos de artilharia infligiram algumas perdas, mas milhares de homens e de viaturas em pouco tempo estavam a caminho da Alemanha. Outros cruzaram o rio numa balsa improvisada com duas chatas por uma unidade naval em Elbeuf. Se eram apenas os fragmentos de um exército, provaram-se inestimáveis para Hitler nas semanas seguintes, formando o esqueleto em que se improvisou uma defesa ocidental do Reich. O oficial do Regimento SS Panzer Herbert Rink escreveu: "Estávamos traumatizados e exaustos. Uma vez atrás da Muralha Ocidental, pudemos juntar-nos a todas as unidades alemãs derrotadas e dizimadas, todas que sobreviveram a seiscentos quilômetros de batalhas horrendas e esmagadoras (...) Nós, que chegávamos desfalcados e exaustos após o inferno em Caen, após a fuga do bolsão de Falaise, após a enervante retirada através da França e da Bélgica, infestada por guerrilheiros, havíamos reunido nossa força e reconstruído nossa confiança."[79] Se havia exagero na última afirmação de Rink, é indiscutível que Von Rundstedt, que assumiu o cargo de comandante em chefe no oeste depois do suicídio de Von Kluge, conseguiu estabelecer e defender uma nova linha.

Os alemães abandonaram Paris sem lutar. A divisão blindada de Leclerc, da França Livre, entrou na capital em 25 de agosto para encontrar a Resistência reivindicando sua posse, numa lenda que serviu para iniciar a ressurreição da autoestima nacional francesa. Os exércitos dos Aliados embarcaram numa perseguição dramática que os levou ao leste da Bélgica e à libertação de Bruxelas. Em 1º de setembro, Eisenhower assumiu o comando operacional das forças anglo-americanas, relegando Montgomery à liderança do XXI Exército anglo-canadense, com o consolo de uma promoção a marechal de campo. Os Aliados estavam convencidos de que, alcançando a vitória na Normandia, levaram a Alemanha à beira da derrota. A maior parte da França estava livre, ao custo de apenas quarenta mil mortos. No começo de setembro de 1944, eles previram que a vitória final chegaria antes do fim daquele ano. A concretização de suas esperanças levou um tempo significativamente mais longo, mas "o resto da guerra",[80] escreveu Geyr von Schweppenburg, comandante do Grupo Panzer Oeste, "foi apenas um epílogo prolongado".

22
Japão: desafiando o destino

A guerra é um prodigioso desperdício, pois grande parte do esforço dos combatentes rivais se revela fútil, e o preço é cobrado em vidas. Os historiadores identificam com facilidade não apenas batalhas, mas campanhas inteiras que não precisariam ter sido travadas, pois o desfecho já havia sido determinado por eventos em outras partes. Muito esforço e muito sacrifício humano pouco contribuem para a vitória final, mas quando grandes forças são criadas e posicionadas é quase inevitável que sejam empregadas. É intolerável que exércitos se mantenham ociosos e que bombas permaneçam em seus depósitos provisórios enquanto o inimigo se recusa a reconhecer a derrota. Em 1944, a marinha americana obteve um esmagador domínio sobre o Pacífico. Bloqueios tornaram inevitável o colapso de um inimigo que dependia inteiramente de combustíveis e de matérias-primas importados; submarinos americanos estrangularam o comércio japonês, coisa que os U-boats alemães foram incapazes de impor à Grã-Bretanha. Raras vezes, na história, uma força tão pequena — dezesseis mil homens, 1,6% da marinha então no mar, jamais utilizando mais do que cinquenta navios — alcançou resultados tão decisivos. Os submarinos americanos foram responsáveis por 55% de todas as perdas marítimas japonesas durante a guerra, que totalizaram 1.300 embarcações e mais de seis milhões de toneladas; o clímax de sua proeza destruidora ocorreu em outubro de 1944, quando afundaram 322.265 toneladas de navios. Depois disso, as perdas japonesas só diminuíram porque sobrara pouca tonelagem para afundar; as importações japonesas caíram 40%.

É extraordinário que o país de Hirohito tenha ido à guerra conhecendo a importância e a vulnerabilidade de sua frota mercante e sem dar a devida atenção à proteção de comboios; o regime de Tóquio construiu enormes navios de guerra para a Frota Combinada, mas números brutalmente inadequados de navios-escolta. As técnicas japonesas antissubmarino estavam muito atrasadas em relação aos outros beligerantes. Seus radares e capacitações aérea antissubmarino eram tão pífios que embarcações americanas podiam com frequência operar na superfície à luz do dia. Enquanto os alemães perderam 781 submarinos e os japoneses 128, a marinha imperial japonesa afundou apenas 41 unidades americanas; mais seis foram a pique em acidentes. As tripulações americanas sofreram uma porcentagem de baixas comparável aos tripulantes de aviões — quase um homem em cada quatro —, mas alcançaram resultados tão importantes que esse sacrifício foi barato. O investimento americano em recursos industriais para submarinos representou apenas uma fração do que foi investido nos bombardeiros B-29, as Superfortalezas Voadoras, que se juntaram tardiamente ao assalto; o braço submarino foi bem mais decisivo para a vitória.

As guarnições japonesas nas ilhas viram-se isoladas, imobilizadas e famintas. Um soldado em Bougainville escreveu em 14 de setembro de 1944: "Velhas amizades se dissolvem quando homens passam fome. Cada um está sempre tentando saciar a sua. É muito mais assustador do que enfrentar ataques dos inimigos. Há uma guerra selvagem em nossas fileiras. O poder espiritual é capaz de degenerar-se a esse ponto?"[1] O domínio aéreo e naval americano negava aos japoneses qualquer chance de desferir um contragolpe

estratégico eficaz. Seus soldados, marinheiros e aviadores ainda tiveram muitas oportunidades para morrer bravamente e para infligir sofrimentos e morte aos inimigos e aos súditos oprimidos de seu império, mas o destino do país estava traçado.

De um ponto de vista racional, era desnecessário que os Aliados lançassem grandes operações terrestres no Sudeste Asiático — ou, a rigor, nas Filipinas. Se apenas mantivessem o bloqueio naval e o bombardeio aéreo, o povo japonês necessariamente morreria de inanição, e sua máquina de guerra, privada de combustível, seria reduzida à impotência. Dada a natureza da guerra, das democracias e da geopolítica global, porém, "necessariamente" não estipulava um prazo aceitável. Na primavera de 1944, partia-se do pressuposto de que as forças aliadas precisavam atacar os japoneses onde fosse possível. Os britânicos haviam lutado contra eles durante dois anos, na fronteira nordeste da Índia, sem avanços significativos, mas agora, enfim, havia recursos disponíveis, inclusive numerosas aeronaves de transporte americanas, para montar uma ofensiva com superioridade esmagadora.

Churchill opôs-se a uma operação por terra para reconquistar a Birmânia; o general "Vinegar Joe" Stilwell queixou-se amargamente a Marshall, em julho de 1944, de que "[os britânicos] simplesmente não querem lutar na Birmânia ou reabrir as comunicações com a China". Era verdade. "A Índia não é, no momento, uma base adequada para lançar operações em larga escala",[2] afirmou um relatório conjunto anglo-americano na primavera de 1944. "Seu sistema de transportes já está sobrecarregado, sua situação política é insatisfatória, e sua posição econômica é precária." A Austrália, segundo o documento, oferecia instalações bem mais convenientes. Os soldados do Império Britânico haviam sido reiteradamente derrotados em combates na selva; Churchill preferia um desembarque anfíbio no sul da Birmânia, abaixo de Rangum, ou, melhor, na ponta de Sumatra, para garantir uma base de onde retomar a Malásia. Washington, porém, recusava-se a fornecer transportes de assalto apenas para permitir aos britânicos — na visão de Roosevelt e de seus chefes de estado-maior — a reconquista de seu império oriental. Os americanos já não se preocupavam em respeitar as sensibilidades de Churchill e tornaram explícita sua determinação em dirigir o destino da guerra no oriente. Um funcionário americano em visita a Londres disse, sem qualquer prurido: "Agora é a nossa vez de bater na Ásia."[3] Os americanos exigiram um ataque terrestre à Birmânia setentrional a fim de reabrir a rota da Índia para a China de Chiang Kai-shek.

Chiang recusava-se a usar suas tropas para perseguir esse objetivo a não ser que, ou até que, os britânicos avançassem a partir de Assam. A Grã-Bretanha cedeu, a contragosto, aos desejos americanos, apesar de Churchill e seu comandante local, o tenente-general William Slim, reconhecerem que, ganhando ou perdendo, as operações do XIV Exército pouco poderiam contribuir para a derrota do Japão em comparação à campanha americana no Pacífico. O plano aliado inicial para 1944 exigia que duas divisões de Slim lançassem uma nova ofensiva no litoral de Arakan; duas divisões indianas seguiriam de Assam para o norte da Birmânia, enquanto Stilwell dirigiria uma arremetida para o sul, a partir da China, para tomar Myitkyina e reabrir a "Estrada da Birmânia". Essa última operação seria apoiada por uma força Chindit ampliada, composta por seis brigadas, transportada de avião para o norte da Birmânia por atrás da linha de frente japonesa e, então, suprida por aeronaves americanas.

Porém, enquanto os Aliados ainda começavam a concentrar suas forças, o inimigo antecipou-se: duas divisões japonesas atacaram em Arakan, para restringir as forças britânicas antes que lançassem uma grande ofensiva contra Assam, tendo Imphal como objetivo principal. A operação era de uma ambição imprudente diante da utilização tão numerosa de tropas indianas e americanas. Sem superioridade aérea, e com poucos tanques e canhões, foi uma loucura japonesa despachar sua infantaria através de centenas de quilômetros, por uma região terrível, contra as posições de Slim. A ofensiva japonesa forneceu aos britânicos uma oportunidade inédita: combater em seu próprio terreno e com artilharia e apoios blindados e aéreo poderosos.

A investida em Arakan foi esmagada de uma forma tão rápida e completa que Slim pôde transportar por avião algumas de suas unidades para noroeste a fim de fortalecer a defesa de Imphal e de Kohima, vitais entroncamentos de estrada separados por 160 quilômetros. As batalhas ali, na primavera de 1944, produziram os combates mais intensos da guerra na linha de frente oriental da Grã-Bretanha. As condições climáticas em Assam e na Birmânia eram tão miseráveis quanto no Pacífico, agravadas pelos riscos do terreno montanhoso; antes que os homens começassem a lutar, meras movimentações nas encostas íngremes exauriam-nos ao limite. “É difícil entender a surra física que levamos”,[4] disse o tenente Sam Hornor, oficial de comunicações do 1º Regimento Norfolk.

> O calor, a umidade, a altitude e a inclinação de quase cada metro de terreno se combinam para derrubar a constituição mais sólida. Arfamos em busca de um ar que nunca parece entrar nos pulmões, arrastamos as pernas morro acima até parecerem reduzidas à força de um palito de fósforo, enxugamos o suor salgado sobre os olhos. E sentimos o coração bater com tanta violência que parece que o peito vai arrebentar (...) Finalmente, muito depois de tudo nos dizer que já deveríamos ter morrido de insuficiência cardíaca, alcançamos o que imaginamos ser o topo de uma colina apenas para descobrir que é apenas uma crista; existem outras (...) Esquecemos os japoneses, esquecemos o tempo, esquecemos a fome e a sede. Só conseguimos pensar na próxima parada.

O corneteiro Bert May disse a respeito de Kohima: “Era um maldito buraco fedorento. Toda a vegetação estava morta (...) Sanguessugas conseguiam entrar em qualquer parte do corpo que estivesse à mostra. Pegava-se um cigarro aceso, enfiava-se no rabo delas e, ‘puf’, elas estouravam.”[5] Semanas depois do ataque japonês, iniciado em 7 de março, a situação ainda parecia indefinida. Os japoneses cercaram as posições de Slim. Houve pânico em Dimapur, o grande depósito provisório de suprimentos além de Kohima. O tenente Trevor Highett, do Regimento Dorsets, afirmaria depois: “Há poucas coisas mais desagradáveis do que uma base em pânico. Estava cheia de gente que nunca esperava lutar e que só queria cair fora. ‘Levem o que quiserem’, disseram. ‘Basta nos dar uma assinatura, se tiverem tempo.’”[6] Os soldados de infantaria seguiram em frente, penosamente, para se juntar ao combate. Diariamente testemunhavam batalhas travadas de

perto com o inimigo, com armas pequenas e granadas, enquanto os japoneses faziam mais e mais ataques.

A quadra de tênis do antigo comissário distrital tornou-se o foco da luta por Kohima, em que apenas alguns metros separavam as posições do Regimento Royal West Kent e seus inimigos. "Atirávamos na quadra de tênis, jogávamos granadas na quadra de tênis",[7] disse o comandante da companhia, John Winstanley. "Resistimos porque mantive contato constante por rádio com os canhões e porque os japas nunca pareciam aprender a nos surpreender. Costumavam gritar em inglês enquanto se enfileiravam: 'Desistam' (...) Assim, podíamos decidir o momento exato para solicitar fogo dos canhões e dos morteiros (...) Não agiam com inteligência e repetiam interminavelmente o mesmo erro estúpido. Lutáramos contra os japas em Arakan, [com eles] passando a baioneta nos feridos e nos prisioneiros (...) Haviam renunciado a qualquer direito de serem considerados humanos e pensávamos neles como vermes a serem exterminados. Isso foi importante — somos pacíficos em nossa natureza, mas, quando provocados, lutamos muito bem."

• • •

O campo de batalha logo foi reduzido a um ermo árido, enegrecido, despojado de vegetação por explosões, esburacado por crateras e abrigos cavados, enfeitado pelos paraquedas coloridos usados para lançar suprimentos para a guarnição. O cheiro de morte e de carne pútrida impregnava a tudo. "Éramos atacados todas as noites",[8] disse o major Frankie Boshell, comandante de companhia do Regimento Berkshire, que substituiu o West Kent. "Na segunda noite, eles começaram às 19 horas e o último ataque foi às 4 horas da manhã seguinte. Vinham em ondas, como no 'tiro ao pombo'. Quase todas as noites, invadiam as posições do batalhão, então precisávamos montar contra-ataques." Sua companhia perdeu metade de seus 120 homens em Kohima, e outras unidades sofreram em proporção semelhante. O sargento Ben McCrae escreveu: "Nossos nervos estavam em frangalhos. Poderíamos sentar e chorar com desespero, o que muitos camaradas faziam, tão deprimidos ficavam. Estávamos famintos, com frio e molhados, e pensávamos: 'Quando sairei daqui?' Não sairíamos, não podíamos."[9] O sargento Bert Fitt destruiu três *bunkers* com granadas e, frente a frente com um japonês, percebeu que sua metralhadora Bren estava sem munição. "Quando o combate é mano a mano, você percebe que um dos dois morrerá (...) Você se aproxima e espera pelo melhor (...) Golpeei-o no rosto com a metralhadora (...) Antes que ele chegasse ao chão, minha mão já estava em sua traqueia (...) Consegui tirar a baioneta de seu fuzil e acabei com ele."[10]

No combate, havia uma estreita linha divisória entre a coragem, que animava os outros homens, e a fanfarronada, que conclamava seu desprezo. O 1º Regimento Norfolks não sabia em qual dos dois lados classificar seu bombástico coronel, Robert Scott. Em meio à carnificina, Scott disse, esfuziante, para seus fuzileiros: "Vamos lá, caras, não há motivo para ter medo, vocês são melhores do que esses amarelinhos desgraçados."[11] Atingido de raspão no couro cabeludo por um estilhaço, ele brandiu o punho em direção às linhas japonesas e disse: "O maior sujeito na porra da posição e vocês não conseguem

acertar! Se estivessem no meu batalhão, eu acabava com suas gratificações por bom desempenho em ação!" O capitão Michael Fulton disse a um colega oficial: "Bem, Sam, é melhor eu sair daqui e fazer jus à minha Cruz Militar."[12] Fulton correu à frente e, segundos depois, um tiro atravessou-lhe a cabeça. Em Kohima, onze oficiais e 79 outros homens do 1º Regimento Norfolks morreram, além de treze oficiais e 150 homens feridos.

"Quase até o fim, os japas morreram sem tentar escapar", escreveu um comandante de companhia britânico, do Regimento de Fronteira, depois de um choque noturno ao sul, na planície de Imphal. "Porém, um japonês queimava num lugar aberto, e seus membros amarelos estavam empretecidos e brilhantes como os de um fantástico negro; outro que saíra para lutar estava morto e esparramado, com uma baioneta que parecia uma flecha enorme ainda enfiada no peito; outros três, já feridos, corriam para se proteger atrás de uma alta moita de bambu com quase 25 metros de largura."[13] Para alguns soldados, a luta era mais do que podiam aguentar: "Pela primeira vez, naquele dia, vi dois homens desmoronarem", escreveu o mesmo oficial após outro encontro feroz em Imphal. "Um deles, um cabo de 1,80m, que passara a tarde acovardado numa vala, e o outro, um reforço que, no meio da noite, sem que nada estivesse acontecendo, se levantou subitamente e correu — até que alguém o deteve com uma baioneta."

• • •

Artilharia arrasadora e potência blindada e aérea aos poucos reduziram os atacantes. Um tanque Lee-Grant sacolejou por terrenos íngremes e escurecidos por dias de bombardeios para retomar a quadra de tênis em Kohima, disparando contra os abrigos japoneses a curta distância. O general Renya Mutaguchi, comandante japonês, lançara sua ofensiva com pouco apoio logístico, e a RAF castigou diariamente suas linhas de comunicações. Logo os sitiantes começaram a passar fome. Em 31 de maio, sem autorização, o comandante japonês em Kohima ordenou uma retirada que degenerou em debandada. Em 18 de julho, Mutaguchi, da mesma forma, cedeu ao inevitável: as forças japonesas remanescentes próximas a Imphal iniciaram, aos tropeções, uma marcha acidentada em direção ao rio Chindwin, afligidas pela fome e atormentadas pela aviação e pelas tropas aliadas a cada curva das trilhas nas montanhas.

Um soldado japonês, desesperado, escreveu: "Na chuva, sem ter onde sentar, tirávamos breves cochilos em pé. Os cadáveres de nossos camaradas, que lutaram ao longo da trilha antes de nós, espalhavam-se pelo solo à nossa volta, empapados de chuva e exalando um forte cheiro de decomposição. Mesmo com o apoio de cajados, caíamos entre os cadáveres repetidamente enquanto tropeçávamos em pedras e em raízes de árvores expostas pela chuva e tentávamos dar mais um passo, e mais outro, em nossa exaustão."[14] O resultado das batalhas gêmeas de Imphal e de Kohima foi a mais grave derrota já sofrida por um exército japonês: dos 85 mil homens que participaram, 53 mil foram mortos ou feridos. Entre os trinta mil mortos, as vítimas de doenças e de desnutrição foram tão numerosas quanto aquelas que pereceram por causa das ações aliadas. As forças de Mutaguchi perderam todos os tanques, canhões e transportes por animais, que eram insubstituíveis. Em nenhum outro campo de batalha da campanha do Pacífico as tropas de Hirohito sofreram tão severamente.

Depois de quase três anos de derrotas no oriente, o moral dos vitoriosos disparou. Embora uma difícil campanha os esperasse em 1945, para retomar a Birmânia no fim de uma longuíssima linha de suprimentos, Slim sabia que quebrara a espinha dorsal do exército japonês no Sudeste Asiático, reivindicando que fosse reconhecido como o mais capaz e mais amado comandante britânico em campanha naquela guerra. Quanto aos japoneses, Mutaguchi nunca imaginou que pudesse conquistar a Índia, mas acalentava esperanças de que o espetáculo do "Exército Nacional Indiano" atacando os britânicos estimulasse uma revolta geral contra o Raj. Ao contrário, o desempenho desse exército desacreditou-o como força combatente. A vitória em Assam e o subsequente avanço de Slim para a Birmânia reafirmaram, temporariamente, a autoridade britânica na Índia. Embora o entusiasmo popular indiano pela independência permanecesse intacto, as greves e a violência nas ruas diminuíram.

• • •

As batalhas cruciais de 1944 ocorreram muito mais ao leste. Naquele verão, um imenso acréscimo de recursos ao teatro do Pacífico, especialmente em navios de guerra e aviões, permitiu aos Estados Unidos fecharem o círculo em torno do Japão. Embora homens continuassem morrendo e navios afundando, o domínio americano mudou o caráter da luta. O suboficial Roger Bond, do porta-aviões *Saratoga*, disse: "Quem chegasse ao Pacífico depois (...) de janeiro de 1944 teria uma experiência e uma perspectiva totalmente diferentes daqueles que chegaram antes (...) Não fiz parte do momento em que estávamos de fato perdendo e sendo enxotados."[15] Os japoneses ainda lutavam duramente, mas, em toda parte, eram pressionados a recuar.

Em Bougainville, como em muitas outras ilhas, os soldados de Hirohito pagaram o preço por lançar ataques de infantaria bobos e fúteis contra defensores bem armados. Um americano escreveu em março de 1944: "Os inimigos mortos foram arranjados em pilhas de corpos mutilados, tão desmembrados que uma contagem física era impossível. Aqui e ali, havia uma perna, um braço ou uma mão arrancados (...) A certa altura, os corpos japoneses formaram uma escadaria humana por cima do arame farpado. Cinco inimigos mortos empilharam-se à medida que cada um, ao se aproximar, usava o antecessor como barricada e caía por cima dele, sendo, por sua vez, morto. Mais afastado do perímetro, onde um pequeno riacho serpenteava paralelamente, japas mortos pela concussão de milhares de bombas de morteiro jaziam como avestruzes, com a cabeça enfiada sob qualquer proteção que pudessem encontrar."[16]

Em 1944, os Estados Unidos produziam tantos navios e aeronaves que estavam em condições de empregar grandes forças no Pacífico. O cumprimento da doutrina "Alemanha Primeiro" sempre fora comprometido pelo fato de que o sentimento popular americano era muito mais fortemente instigado contra os japoneses do que contra os alemães e pela determinação da marinha americana em ser vista como a vencedora da guerra no oriente. Enquanto a luta na Rússia ainda permanecia indefinida, essa atitude era arriscada, mas naquele momento já não havia dúvida de que os exércitos de Stalin triunfavam e de que a Wehrmacht se eclipsava. As forças de Eisenhower na Europa eram relativamente grandes, mas não tão numerosas quanto seria necessário se enfrentassem

sozinhas as legiões de Hitler. Embora prodigamente supridos com tanques, canhões, veículos e aeronaves, os exércitos anglo-americanos sempre tiveram pouca infantaria. Além disso, as campanhas do Pacífico impuseram uma enorme drenagem aos recursos marítimos dos Aliados, desproporcional às forças de combate relativamente pequenas empregadas nas grandes distâncias envolvidas.

O serviço militar no Pacífico era uma experiência a anos-luz do mesmo serviço na Europa, em primeiro lugar por seu isolamento geográfico. Samuel Hynes, piloto do corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos, escreveu: “Ali, a vida na guerra era tudo o que existia; a história não era visível, não havia monumentos do passado nem cidades mencionadas em livros. Nada havia que lembrasse o soldado de sua vida anterior; nem cidades, nem bares, nenhum lugar aonde ir, nenhum lugar para onde desertar.”[17] Soldados obrigados a viver por meses a céu aberto, em condições tropicais, sofriam implacavelmente com doenças e infecções de pele, antes mesmo que a ação inimiga cobrasse seu preço mais sangrento. O fuzileiro naval Frazer West descreveu um problema típico de Bougainville: “Não era disenteria (...) Era uma terrível diarreia por causa da chuva — água ruim (...) pode-se contrair diarreia rapidamente (...) Não há dúvida de que o estresse tinha um papel importante. Naquela época, sequer conhecíamos o significado da palavra estresse, mas agora conhecemos.”[18]

Operações anfíbias tornaram-se rotineiras no Pacífico, ainda que perigosas e desafiadoras. Um soldado americano escreveu: “Mesmo nas melhores condições, a fase de descarga numa operação de desembarque é uma tarefa quente e acidentada. Com uma onda alta batendo contra uma estreita faixa de vegetação rasteira na selva, um determinado número de horas de claridade e o calor escaldante do sol de novembro nos mares do sul, aquilo era um pesadelo exaustivo. Grupos de trabalho esforçavam-se até a última gota de sangue para transferir munição, petróleo, provisões, veículos, rações e água dos barcos para pontos aonde a maré alta não chegasse. Os comandantes de destacamentos em terra buscavam freneticamente alguns metros quadrados de espaço para armazenagem e nada encontravam além de pântano ao longo da praia. Engenheiros e o batalhão de construção queimavam os miolos e seus corpos num esforço desesperado para construir qualquer tipo de estrada até um terreno elevado onde os veículos pudessem ser estacionados, o petróleo, guardado, e a munição, armazenada. Contudo, não havia terreno elevado em milhares de metros — somente pequenas ilhas espalhadas, parcialmente inundadas e rodeadas por lama fétida e pegajosa. E, hora após hora, barcos roncavam rumo à praia, atulhados de suprimentos.”[19]

Em 1944, a mais importante operação no Pacífico foi a captura das Marianas, cruciais para o círculo interno de defesa do Japão. Quando os fuzileiros navais americanos iniciaram seu assalto contra Saipan, Tinian e Guam, a Frota Combinada japonesa partiu ao encontro dos invasores, precipitando o maior encontro de porta-aviões na guerra. “O destino do império depende dessa única batalha”, declarou o almirante Soemu Toyoda em 13 de junho, enquanto seus navios, comandados pelo almirante Jizaburo Ozawa, navegavam rumo às embarcações de Spruance. Contudo, o sistema Ultra mais uma vez revelara seu plano aos americanos. Os japoneses pretendiam fazer severo uso de submarinos e de aeronaves baseadas em terra para enfraquecer os americanos antes do confronto principal. Em vez disso, dezessete dentre os 25 submarinos de Toyoda foram

afundados enquanto seus aeródromos em Guam e em Tinian eram arrasados por bombardeios americanos.

Os dois lados empregaram forças formidáveis, mas os americanos superavam os japoneses em aproximadamente dois para um, tanto no mar quanto no ar, com 956 aeronaves contra 473, quinze porta-aviões contra nove — quatro vezes a força americana empregada em Midway. Ozawa achou que garantiria vantagem ao localizar os navios de Spruance e lançou os primeiros ataques aéreos às 8h30 de 19 de junho. No entanto, esses ataques foram logo detectados por radares americanos, e a informação imediatamente transmitida ao almirante Marc Mitscher: "Grandes aviões inimigos, 265 graus, 125 milhas a 24 mil." Seu chefe de estado-maior, capitão Arleigh Burke, disse mais tarde: "Ora, era exatamente o que esperávamos, então lançamos todos os nossos caças."[20]

O que aconteceu em seguida ficou conhecido como "a grande caça aos perus nas Marianas": dos 373 aviões despachados por Ozawa, apenas 130 sobreviveram, sem infligirem danos significativos à frota americana. Outras cinquenta aeronaves japonesas foram derrubadas em Guam. "[Os japoneses] foram simplesmente arrasados", disse Burke. "Podia-se saber pelas conversas por rádio." Na sala de operações do porta-aviões, equipes de escuta monitoravam as transmissões de rádio inimigas. Quando o desconsolado controlador aéreo japonês por fim pediu permissão ao comandante para retornar à frota, um oficial americano na escuta disse: "Vamos derrubá-lo." Burke respondeu, com piedosa complacência: "Não, não podemos derrubar esse homem. Hoje ele foi mais útil aos Estados Unidos do que qualquer um de nós. Deixem-no voltar." Submarinos americanos torpedearam o navio capitânia de Ozawa, o novo porta-aviões *Taiho* e o veterano *Shokaku*. Esses êxitos custaram aos americanos apenas 29 aeronaves. Os navios sobreviventes de Toyoda deram meia-volta.

Durante a noite, a Força-Tarefa 58 de Porta-Aviões, de Mitscher, perseguiu a todo vapor os japoneses em retirada, e, na tarde seguinte, aviões americanos de reconhecimento localizaram a esquadra de Ozawa. Mitscher apostou perigosamente em lançar ataques de máximo alcance, sabendo que suas 216 aeronaves precisariam ser recuperadas na escuridão. Tão grandes eram os recursos americanos, e havia tanta coisa em jogo, que o componente aéreo do porta-aviões poderia ser sacrificado. Pilotos eufóricos encontraram os japoneses, entre eles o piloto de avião de bombardeio em picada Don Lewis.

> O porta-aviões abaixo parecia grande, tremendo, quase fantástico. Tive um momento de verdadeira alegria. Muitas vezes sonhei com algo parecido. Depois, horrorizei-me. Que lugar para estar. Eu com certeza estava maluco (...) De cada lado do porta-aviões parecia haver uma massa de pontos vermelhos brilhantes (...) Ele virava lentamente para bombordo. Parou. Quem poderia desejar algo mais? Puxei o dispositivo para lançamento de bombas, senti a bomba soltar-se, comecei minha retirada. Meus olhos se encheram de água, meus ouvidos doeram, e o altímetro indicou 1.500 pés [457 metros]. O céu era uma massa de fumaça preta e branca, e, em meio a ela, aviões atingidos, incendiados e espatifando-se na água. É estranho como uma pessoa pode se fascinar mesmo em meio ao horror.[21]

Essa incursão afundou outro porta-aviões, o *Hiyu*, e avariou mais dois; aos japoneses sobraram 35 aviões, tendo destruído apenas vinte aeronaves americanas. Outras oitenta aeronaves da força de Mitscher pousaram na água por falta de combustível ou se perderam tentando aterrissar naquela escuridão, mas a maior parte dos tripulantes foi resgatada. As fábricas americanas podiam repor imediatamente os aviões perdidos, mas os japoneses eram incapazes de rearmar Ozawa. Spruance recebeu críticas por suspender a batalha nesse ponto, perdendo, supostamente, uma oportunidade de completar a destruição dos japoneses em fuga, mas infligira uma derrota colossal e irremediável à frota de Toyoda. Não era necessário pôr em risco seus próprios navios, e talvez toda a operação nas Marianas, em águas perigosas. Na batalha das Filipinas, Spruance demonstrou uma sabedoria e uma discrição que seu colega e rival "Bull" Halsey raramente equiparou. A ação confirmou que as capacitações de combate americanas, assim como seu poderio naval, superavam por completo os inimigos. Durante o resto da guerra, pilotos japoneses mostraram competência decrescente e, por vezes, falta de coragem. As aeronaves embarcadas, em especial o caça Hellcat, dominaram o céu mesmo quando os japoneses empregavam novos modelos, supostamente capazes de equiparar-se a elas.

Contudo, a vitória ao largo das Marianas não poderia evitar os sangrentos combates em terra. O primeiro objetivo dos fuzileiros navais era Saipan; seus 22 quilômetros de comprimento e alguns terrenos altos permitiram aos japoneses posicionarem 32 mil defensores em profundidade. Ao vadear em direção à praia, em 15 de junho, 77 mil fuzileiros navais enfrentaram fogo de metralhadora e de artilharia que infligiu quatro mil baixas nas primeiras 48 horas. Os planejadores previram uma batalha de três dias, mas a captura da ilha demorou três semanas: foi preciso explodir cada metro de terreno para tirar os defensores de seus abrigos. Uma divisão do exército apoiou os fuzileiros navais; depois do fracasso na tentativa de tomar uma posição densamente coberta por vegetação, que recebera o lúgubre apelido de crista Purple Heart [condecoração concedida para soldados mortos ou gravemente feridos em ação], seu comandante foi demitido. Porém, a cada dia, enquanto centenas de milhares de compatriotas travavam uma batalha igualmente brutal na Normandia, os invasores lentamente abriram caminho ilha adentro.

Na noite de 6 para 7 de julho, três mil japoneses, sentindo que o fim se aproximava, lançaram uma carga *banzai* suicida e fútil, em que foram varridos pela potência de fogo americana depois de desesperados combates aproximados. "Quase não tínhamos armas",[22] disse um dos poucos sobreviventes, o furriel da Marinha Noda Mitsuharu. "Alguns tinham pás e outros, pedaços de pau." Um oficial americano disse: "Lembrava aquelas velhas cenas de filmes que mostravam o estouro de uma boiada. A câmera fica num buraco no solo e vemos o rebanho vir, passar por cima de nós e sumir. Mas os japoneses não paravam de vir. Achei que jamais parariam."[23]

Mitsuharu, estirado no chão diante das posições americanas com duas balas na barriga, viu um grupo de camaradas rastejando em sua direção. Um deles ergueu uma granada e perguntou, convidando-o: "Ei, marujo! Não quer vir conosco?" Então, o japonês ferido ouviu uma voz gritar "Vida longa ao imperador!" e houve uma explosão. "Vários homens foram mortos, desmembrados no mesmo instante, e reduzidos a pedaços de carne (...) suas cabeças foram rachadas, e saía fumaça." Mitsuharu sobreviveu para ser capturado. Durante semanas após o fim da resistência organizada na ilha em 9 de julho, pequenos grupos de sobreviventes continuaram a atacar os americanos. Números

substanciais de soldados e de civis, alguns destes sob coação, mataram-se pulando dos penhascos em Marpi Point.

Em 21 de julho, os americanos iniciaram o desembarque em Guam, uma ilha maior, com 56 quilômetros de comprimento, e que representava um objetivo vital, porque tinha o único suprimento de água potável na cadeia das Marianas, além de contar com o melhor porto. A prolongada resistência em Saipan dera à guarnição japonesa de dezenove mil homens tempo para construir fortes defesas na praia, mas os americanos precederam o ataque com um dos bombardeios aéreos e navais mais longos e eficazes da campanha. A devastação foi completa: a resistência organizada entrou em colapso, embora três semanas de luta tenham sido necessárias para suprimir posições fortificadas e isoladas e para assegurar a ilha para o vasto programa americano de construção de aeródromos. A rigor, soldados de infantaria foram obrigados a manter patrulhas e enfrentar escaramuças com pequenos grupos de japoneses em Guam até o fim da guerra.

Os fuzileiros navais atacaram seu terceiro objetivo nas Marianas, a ilha menor de Tinian, em 24 de julho. O tenente-general Holland Smith, comandando o assalto, considerou-o o mais bem executado desembarque anfíbio em toda a campanha. A resistência organizada foi eliminada em doze dias, embora, mais uma vez, os sobreviventes japoneses não tenham se rendido. “Em nenhum outro lugar vi a natureza dos japas mais bem ilustrada do que perto do campo de aviação ao anoitecer”[24], escreveu Robert Sherrod, correspondente da revista *Time*.

> Eu estava cavando um abrigo para passar a noite quando um homem gritou: “Há um japa debaixo daqueles troncos!” O oficial de segurança do posto de comando duvidou, mas entregou granadas de concussão a um soldado e disse-lhe para explodir o japonês. Então o sibilar agudo de uma bala soou a partir do buraco e, de debaixo dos troncos, um sujeito pequeno e franzino — não muito mais do que 1,50m de altura — saltou, brandindo uma baioneta. Um americano atirou uma granada e derrubou o japa. Ele lutou se levantar, apontou a baioneta para o próprio estômago e tentou rasgar-se segundo os preceitos do haraquiri. Mas não conseguia estripar-se. Alguém atirou no japa com uma carabina. Mas, como costuma acontecer, matá-lo deu muito trabalho. Mesmo com quatro balas incrustadas no corpo, ele ainda se levantou, apoiando-se num joelho. Então o americano acertou-lhe um tiro na cabeça.

Mil incidentes parecidos ajudam a entender por que os fuzileiros navais e os soldados americanos que lutavam no Pacífico tratavam seus inimigos como feras selvagens, mortalmente perigosas.

Japoneses bem informados sabiam que as ilhas onde moravam, com milhões de casas construídas com madeira e papel, enfrentariam agora uma provação infligida por bombardeios aéreos; os aeródromos nas Marianas puseram suas cidades ao alcance dos aviões americanos. As batalhas no litoral mostraram que a disposição dos soldados nipônicos ao sacrifício podia cobrar um preço alto para cada vitória americana, mas a

potência de fogo dos invasores era irresistível. Os submarinos de Nimitz infligiam uma porcentagem de desgaste à frota mercante japonesa que era insustentável para um país dependente de importações. A combinação de bloqueio naval e de bombardeios aéreos assegurou a derrota do Japão mesmo que as forças terrestres americanas não conseguissem avançar, mas o governo continuava empenhado com a luta: os militares de uma teimosia suprema que dominavam o regime político de Tóquio ainda se julgavam capazes de negociar um acordo, preservando pelo menos suas possessões na China, se convencessem os americanos de que o custo de um assalto à pátria japonesa seria inaceitavelmente alto.

Enquanto os fuzileiros navais lutavam pelas Marianas, no sudoeste do Pacífico os Estados Unidos conduziam uma campanha muito mais polêmica. O general Douglas MacArthur, comandante regional supremo, empenhava-se pessoalmente em conquistar a libertação de dezessete milhões de pessoas nas Filipinas, onde passara a maior parte de sua vida militar. MacArthur, antigo chefe do exército, com poderosos amigos na direita americana, flertava, em 1944, com uma disputa eleitoral contra Roosevelt pela presidência, abandonando a ideia somente quando se tornou claro que não conseguiria garantir a nomeação republicana e menos ainda derrotar o ocupante da Casa Branca. Continuou a ser uma personalidade formidável, a quem os chefes de estado-maior dificilmente conseguiam resistir, com um prestígio de tal modo fortalecido pela propaganda nacional que seria impossível descartá-lo.

Os planejadores da marinha argumentavam que, com as bases aéreas das Marianas em mãos americanas, o grande exército japonês nas Filipinas poderia ser deixado de lado para contemplar sua própria impotência enquanto as forças americanas cuidavam de Iwo Jima, Okinawa e, em seguida, das ilhas do próprio Japão. Havia um argumento a favor de que os americanos realizassem operações limitadas a assegurar alguns aeródromos e portos filipinos, mas nenhum para o que realmente aconteceu em seguida. MacArthur estava inclinado a abrir caminho por todo o arquipélago, e foi o que fez. Embora nunca tenha obtido o endosso formal dos chefes de estado-maior, ninguém em Washington era poderoso ou perspicaz o suficiente para detê-lo. Marshall, certa vez, escreveu para MacArthur, de forma memorável: “Lembre-se de que a marinha está do nosso lado”, algo que o comandante supremo no sudoeste do Pacífico jamais reconheceu.

Em setembro de 1944, porta-aviões da 3ª Frota de Halsey, na costa meridional das Filipinas, infligiram perdas severas ao que restava da capacidade aérea japonesa. No dia 12, apenas, 2.400 incursões americanas destruíram duzentos aviões inimigos no céu e no solo. Nimitz e MacArthur concordavam que a ilha-base de Peleliu deveria ser capturada antes que o exército atacasse as Filipinas. Em 15 de setembro, soldados da 1º Divisão de Fuzileiros Navais lançaram um assalto anfíbio, com intenso apoio aéreo e naval: dez mil defensores japoneses, apoiados por artilharia desdobrada em profundidade, resistiram com ferocidade. A campanha que se seguiu, que também envolveu uma divisão do exército americano, provou-se um pesadelo. Vastas quantidades de munição e esforços imensos precisaram ser despendidos para subjugar as posições inimigas, *bunker* a *bunker*. Calculou-se, depois, que 1.500 granadas de artilharia foram disparadas para cada defensor morto. Os japoneses, como sempre, combateram quase até o último homem, e 1.950 americanos pereceram antes que o comandante de Peleliu, coronel Kunio Nakagawa, cometesse suicídio, em 24 de novembro. A batalha, uma miniatura violentamente intensa,

teve valor duvidoso para a estratégia americana e apenas reforçou a mensagem de que a captura dos postos avançados do Japão no Pacífico não era um atalho para o êxito.

Em 20 de outubro de 1944, quatro divisões do exército começaram a desembarcar na ilha de Leyte, no meio das Filipinas. Enfrentaram leve oposição, e, à tarde, a cabeça de praia estava suficientemente assegurada para que MacArthur saltasse em terra e pronunciasse um grandiloquente discurso pelo rádio. Depois, porém, a resistência japonesa, cada vez mais vigorosa, transformou a campanha numa provação feita de chuva, lama e sangue para dezenas de milhares de soldados americanos. O estado-maior de MacArthur ignorara os avisos dos engenheiros de que Leyte era inapropriada para a construção de aeródromos, e, então, as tropas americanas viram-se extraordinariamente dependentes das aeronaves de porta-aviões para conseguir apoio aéreo. O chefe de relações-públicas de MacArthur, coronel Bonner Fellers, fizera sua reputação em 1942 ao despachar, no Cairo, mensagens diárias que descreviam as operações e intenções britânicas, interceptadas por Rommel. Dessa vez, Fellers ampliou seu triste histórico anunciando repetidamente a vitória em Leyte enquanto os soldados de MacArthur lutavam por suas vidas.

Semana após semana, e mês após mês, o clima e as montanhas, os insetos e o fogo inimigo, a exaustão e os pântanos impuseram sua taxa de sofrimento sobre cada soldado de infantaria na ilha. “Eles perderam qualquer noção da distância percorrida”,[25] escreveu Norman Mailer, que serviu nas Filipinas, em relato ficcional de uma patrulha que marchava nos mesmos dolorosos passos de sua experiência pessoal. “Tudo abaixo deles se embaçara, e os tormentos particulares de cada tipo de terreno foram esquecidos (...) Vacilavam como uma fileira de bêbados, andando penosamente com a cabeça baixa, os braços batendo espasmodicamente nas laterais do corpo (...) Os ombros estavam cheios de bolhas criadas pelas alças da mochila, a cintura tinha hematomas causados pelos movimentos das cartucheiras, e seus rifles queimavam as laterais do corpo, causando bolhas nos quadris (...) Como carregadores de liteiras, esqueceram tudo: não pensavam mais em si como indivíduos. Eram apenas invólucros de sofrimento.”

Enquanto os americanos abriam uma penosa trilha através da ilha de Leyte, seus inimigos lançavam no mar uma tentativa ambiciosa e desesperada para arruinar a campanha. A marinha imperial japonesa despachou quatro porta-aviões mal abastecidos de aeronaves para simular um ataque pelo norte, com o objetivo de afastar a 3º Frota de Halsey ao custo praticamente inevitável de sua própria destruição. Ao mesmo tempo, pesadas unidades japonesas partiram para convergir no golfo de Leyte, onde planejavam atacar a armada anfíbia americana e sua relativamente fraca força de apoio — a 7º Frota, do almirante Thomas Kinkaid. A operação Sho-Go nunca teve chances de ser bem-sucedida: qualquer que fosse a destruição tramada pelos atacantes, a superioridade estratégica americana era esmagadora. Porém, uma mudança nos códigos e o silêncio-rádio imposto à sua frota no mar negaram a Halsey e a Kinkaid conhecimento sobre o que estava em andamento. Somente em 24 de outubro uma poderosa esquadra japonesa, comandada pelo vice-almirante Takeo Kurita, foi vista entrando no mar de Sibuyan, entre Luzon, Panay e Leyte. Submarinos americanos logo afundaram dois cruzadores, enquanto a 3º Frota despachou aeronaves de porta-aviões, que afundaram o imenso encouraçado *Musashi* e avariaram outras embarcações. Kurita afastou-se, aparentando reconhecer a derrota. O impulsivo Halsey, convencido de que expulsara os japoneses, sumiu para o

norte com toda a sua força de 65 navios, em busca da simulada força de porta-aviões de Ozawa, localizada por aviões de reconhecimento.

Naquela mesma noite, enquanto Halsey navegava rumo a um horizonte distante, a 7ª Frota travou uma batalha notável. Uma segunda esquadra de combate japonesa foi vista aproximando-se do golfo de Leyte pelo sul, através do estreito de Surigao. Para esse encontro, Kinkaid empregou seus velhos encouraçados de bombardeio, cruzadores, contratorpedeiro e lança-torpedeiros. Seguiu-se uma ação impressionante. Na escuridão iluminada pela erupção de chamas, as aeronaves mosquito americanas infligiram pequenos danos à coluna de navios de guerra japoneses, mas pouco antes das 4 horas, torpedos e fogo guiado por radar dos principais armamentos de quatorze e dezesseis polegadas dos grandes navios de Kinkaid afundaram os encouraçados japoneses *Yamashiro* e *Fuso* e três navios de escolta. O cruzador pesado *Mogami* e o cruzador ligeiro *Abukuma* também foram atingidos e afundados por aviões americanos. Os elementos sobreviventes da força-tarefa japonesa voltaram para casa — dois cruzadores pesados e cinco contratorpedeiros escaparam. Os navios americanos perderam apenas 39 homens, a maioria vítima de fogo amigo na confusão da escuridão. Foi um massacre: o desempenho japonês refletiu não apenas tecnologia e técnica de tiro inferiores, mas resignação ao sacrifício. A esquadra de combate não tinha perspectivas realistas de atravessar as águas apertadas do estreito de Surigao e de alcançar bons resultados, a não ser que contasse com o benefício da surpresa e que os americanos respondessem com a mesma debilidade de dois anos antes, em circunstâncias parecidas, na costa da ilha de Savo. Não era provável. Os japoneses navegaram ao encontro da morte, e foi o que encontraram.

• • •

Porém, a ação mais notável da batalha, e, a rigor, um dos confrontos navais mais estranhos da História, ainda estava por vir. Durante a noite, a frota de combate japonesa, martelada pelos aviões de Halsey, mais uma vez deu meia-volta; depois de navegar para o leste pelo estreito de San Bernardino, virou para o sul rumo ao golfo de Leyte, despercebida mesmo quando o dia clareou e sem encontrar oposição. Pouco antes das 7 horas, seis pequenos porta-aviões de escolta e sete navios de escolta da Força-Tarefa 77.4.3, do contra-almirante Clifton Sprague — imortalizada por seu indicativo-rádio “Taffy 3” — acabara de realizar sua rotina de antes da alvorada quando uma transmissão de voz da patrulha aérea antissubmarino informou, em pânico, que quatro encouraçados e oito cruzadores escoltados por contratorpedeiros estavam a aproximadamente trinta quilômetros e aproximavam-se rapidamente. Sprague exclamou, com compreensível intemperança: “Aquele ‘filho da mãe’ do Halsey nos deixou com a bunda de fora!” Seus navios, lentas plataformas flutuantes que ofereciam apoio aéreo às tropas de MacArthur em terra, esforçaram-se com desespero para aumentar a distância enquanto despachavam tantos aviões quantos conseguiam. Os japoneses, porém, logo começaram a disparar, intensa e rapidamente, contra Taffy 3.

O almirante Kurita, comandando o esquadrão nipônico, teve uma boa oportunidade para aniquilar a pequena e pateticamente fraca força americana. Contratorpedeiros e aviões de Sprague investiram repetidas vezes e com coragem extraordinária contra o inimigo, mas eram numericamente insuficientes e não dispunham de bombas perfurantes

de blindagem. Os encouraçados de Kinkaid estavam ao sul, a muitas horas de navegação, depois de travarem seu duelo noturno no estreito de Surigao. Os porta-aviões e aviadores de escolta sabiam que precisavam repelir sozinhos a frota de combate inimiga. Muitos pilotos demonstraram prodigiosa bravura, embora alguns tenham desabado sob a pressão de realizar repetidos ataques: um homem que aterrissara no *Manila Bay* relutou em decolar novamente para seu terceiro ataque com torpedos naquela manhã. O capitão Fitzhugh Lee convocou o jovem à sua ponte: "Ele estava muito abalado porque vira os colegas serem derrubados (...) Dispúnhamos de apenas mais um torpedo (...) Não havia outro piloto a bordo — todos os nossos estavam voando. Então o enfiamos no avião, fiz-lhe um discurso de combate na ponte, dei-lhe tapinhas nas costas e disse: 'Vá e faça o melhor que puder.' Ele partiu para seu terceiro ataque e sobreviveu."[26]

O fogo japonês devastador afundou três navios de escolta americanos e um porta-aviões de Taffy 3 numa série de escaramuças travadas a curta distância; cerca de cinquenta aeronaves americanas foram perdidas enquanto golpeavam a Frota Combinada. Contudo, os cruzadores *Chokai*, *Suzuya* e *Chikuma* foram a pique sob ataque aéreo, e Kurita perdeu o ímpeto. Desanimado diante da energia da resistência americana e convencido de que estava na presença de elementos da 3ª Frota, cujos grandes navios o combateriam e venceriam, suspendeu o combate 143 minutos após as primeiras granadas terem sido disparadas, deu meia-volta e encaminhou-se para casa. As ações heroicas de Taffy 3 repeliram uma frota de combate de uma forma que aturdiu milhares de marinheiros americanos que no início daquela manhã já se consideravam homens mortos.

• • •

Os americanos perderam mais um porta-aviões de escolta, afundado, e dois outros, com sérias avarias, quando aviões japoneses baseados nas Filipinas lançaram os primeiros ataques-suicidas da campanha. Aeronaves de Halsey atacaram devidamente a esquadra simulada de Ozawa, afundando todos os quatro porta-aviões, um cruzador ligeiro e dois contratorpedeiros. A 3ª Frota virou-se então para o sul, a fim de enfrentar recriminações amargas por ter abandonado as esquadras de Leyte. A imprudência de Halsey era motivo para sua dispensa, mas, dada a escala do triunfo americano no confronto que ficou conhecido como a batalha do Golfo de Leyte, o maior confronto naval da história, sua loucura ficou em segundo plano. Os japoneses haviam empregado 64 navios contra 216 embarcações americanas e duas australianas. Perderam 285 mil toneladas de navios de guerra enquanto os americanos, apenas 29 mil; somente 2.803 americanos morreram, contra mais de onze mil japoneses. Na operação Sho-Go, a marinha imperial perdeu quatro porta-aviões, três encouraçados, dez cruzadores e nove contratorpedeiros. Os americanos perderam três porta-aviões pequenos, dois contratorpedeiros e um contratorpedeiro de escolta. Diversas outras embarcações foram severamente atingidas e teriam sido afundadas se não fossem a energia e a coragem das equipes americanas de controle de danos, num ambiente de combustíveis em chamas, tubos de vapor rompidos e explosões de munições.

O golfo de Leyte demonstrou vividamente o colapso das capacidades navais japonesas: técnicas de tiro, conhecimentos de navegação, identificação de navios — e coragem. Os almirantes japoneses conduziram Sho-Go como se esperassem a derrota. Pareciam mais

dispostos a morrer do que a lutar, numa estranha mudança de atitude para homens que, em 1941 e em 1942, se mostraram guerreiros dedicados e eficazes. Em muitas primeiras batalhas do Pacífico, a inteligência de sinais deu aos americanos uma vantagem crucial, que não tiveram no golfo de Leyte. Graças aos erros de Halsey, a potência da 3ª Frota jamais foi utilizada em sua totalidade, mas a marinha americana combateu melhor do que seus inimigos em todas as ocasiões. Sem dúvida, a tecnologia e, em especial, os radares foram empregados para sua vantagem. A destruição do braço aéreo naval do Japão permitiu aos pilotos de Halsey e de Kinkaid voar quase sem contestação, mas a mensagem essencial da batalha era que a marinha imperial sofrera um colapso moral e material.

A ilha de Leyte foi assegurada no fim de dezembro; depois, em 9 de janeiro de 1945, forças americanas desembarcaram na principal ilha filipina de Luzon para iniciar uma campanha que duraria até o fim da guerra contra forças japonesas comandadas com obstinada habilidade pelo general Tomoyoki Yamashita, o "Tigre da Malásia" de 1942. Manila, a capital, foi arrasada durante as semanas de luta, quando forças de marinheiros japoneses combateram quase até o último homem. Eles também perpetraram massacres de civis sem que houvesse qualquer justificativa militar, demonstrando a determinação de punir com morte todas as vítimas ao seu alcance, geralmente submetendo-as a estupro e mutilações, antes de encontrarem seu próprio fim.

Muitos filipinos que escaparam a essa selvageria pereceram sob o fogo da artilharia americana; Manila foi reduzida a entulho, o que tornou sua libertação uma piada. Uns cem mil cidadãos morreram nas ruínas de sua capital, junto com mil americanos e dezesseis mil japoneses. Yamashita retirou-se para o centro da ilha, região montanhosa e coberta por densas florestas, onde sustentou um perímetro cada vez menor até agosto de 1945. O VIII Exército americano, sob o comando de Eichelberger, manteve sucessivas operações anfíbias através das Filipinas até o fim da guerra, ocupando as ilhas, uma a uma, ao fim de batalhas por vezes acirradas e onerosas. MacArthur poderia dizer que reconquistou o arquipélago e infligiu derrota às forças japonesas de ocupação, mas, como aqueles soldados não poderiam ser transportados para qualquer campo de batalha onde pudessem influenciar o resultado da guerra, acabaram tão prisioneiros nas Filipinas quanto a grande e inútil guarnição de Hitler nas ilhas do canal da Mancha.

"A campanha nas Filipinas foi um erro", diz o historiador japonês moderno Kazutoshi Hando, testemunha da guerra. "MacArthur realizou-a por razões pessoais. O Japão perdeu a guerra quando perdeu as Marianas." O povo filipino, que MacArthur dizia amar, pagou por sua egomania com vidas perdidas — algo em torno de quinhentas mil pessoas morreram em consequência de combates, massacres, fome e doenças — e com lares destroçados. Para os filipinos, assim como para o esforço de guerra aliado, foi uma enorme infelicidade que nem o presidente Roosevelt nem os chefes de estados-maiores dos Estados Unidos pudessem restringir as ambições de MacArthur num escopo menor de loucura. Em 1944, o avanço americano rumo à vitória sobre o Japão era inexorável, mas os erros de julgamento do Comandante Supremo no sudoeste do Pacífico desfiguraram suas conquistas.

23
Alemanha sitiada

Nos primeiros dias de setembro de 1944, boa parte dos líderes aliados — com a notável exceção de Winston Churchill — supunha que seus países estavam a poucas semanas de completar a conquista do Terceiro Reich. Muitos alemães partilhavam a mesma opinião, fazendo sombrios preparativos para o momento em que os invasores varreriam o país. Um sargento chamado Pickers mandou uma carta para sua mulher em Saarlouis: “Eu e você vivemos em constante perigo de morte. Escrevi *finis* em minha vida, pois duvido que consiga sair vivo daqui. Por isso, despeço-me de você e das crianças.”[1] O pai do soldado Josef Roller escreveu-lhe de Trier: “Enterrei as louças, as pratarias e o grande tapete nos estábulos. O tapete pequeno está no porão de Annie. Escondi atrás de uma parede de tijolos as porcelanas de Annie, no lugar onde ficavam os vinhos. Assim, se tivermos partido, você encontrará tudo. Mas tome cuidado ao cavar para que nada se quebre. Portanto, Josef, tudo de bom, não se arrisque, muitas saudades e beijos de todos nós, seu pai.”[2]

O povo alemão compreendia que, se os russos invadissem o país pelo leste, tudo estaria perdido. “Só nos restará tomar veneno”,[3] disse uma vizinha a Mathilde Wolff-Monckeburg, em Hamburgo, “com toda a calma, como se sugerisse panquecas para o jantar de amanhã.” Mais surpreendente era constatar que alguns seguidores do nazismo ainda se aferravam teimosamente a esperanças. Konrad Moser era um menino evacuado e alojado num dos muitos albergues para crianças em sua situação, localizado atrás de um campo de prisioneiros de guerra em Eichstadt, numa área que os Aliados provavelmente não bombardeariam. No final de 1944, quando seu irmão mais velho, Hans, chegou para levá-lo para casa em Nuremberg, o diretor do albergue disse-lhe, em tom acusatório: “Eu sei por que quer levá-lo. Você não acredita na vitória final!”[4] Hans Moser sacudiu a cabeça e disse: “Estou em licença da linha de frente oriental.” Ele levou Konrad de volta para os pais, com quem a criança sobreviveu à guerra.

A maioria das cidades alemãs já havia sido arrasada por bombardeios. Emmy Suppanz escreveu, em Marburg, para o filho na Frente Ocidental, descrevendo a vida em casa: “O Café Kaefer ainda fica aberto das 6h30 às 9 horas da manhã e das 5 horas às 10 horas ou 11 horas da noite. Pedaços de gesso se soltaram do teto no último ataque, mas, curiosamente, os espelhos continuam intactos. As janelas do café e do apartamento acima se foram, é claro. Burschi tinha dois coelhos, um branco e grande, chamado Hansi, e um menor, cinzento, que ainda não tinha nome e que foi comido duas semanas atrás. A cozinheira queria matar Hansi também, mas não matou. Ontem, Burschi me deu a notícia de que Hansi teve sete filhotes! Sepp, a cidade (...) estava terrível.”[5] Tais notícias corroíam o ânimo de soldados que estavam longe de casa, lutando por suas vidas.

Por outro lado, o rápido avanço dos exércitos aliados pela França, entre multidões eufóricas, instilava nos comandantes e nos soldados uma sensação inebriante. O soldado Edwin Wood escreveu a respeito dessa euforia: “Ter dezenove anos, ter dezenove anos e

ser soldado de infantaria, ter dezenove anos e lutar pela libertação da França das mãos nazistas no verão de 1944! Aquela época de calor e de dias azuis sem nuvens, quando as abelhas zumbiam em volta de nossas cabeças e berrávamos frases estranhas, com palavras que não compreendíamos, para homens e mulheres que nos aplaudiam como se fôssemos deuses (...) Naquele momento glorioso, o sonho da liberdade viveu e todos nós tínhamos três metros de altura."[6] Sir Arthur Harris afirmou que, graças ao apoio dos bombardeiros da RAF e da força aérea americana, os exércitos na França tiveram uma "vitória fácil".[7] Era um exagero grosseiro, característico da retórica dos chefes das forças aéreas daqueles dois países, mas com certeza é verdade que, no outono de 1944, os Aliados libertaram a França e a Bélgica a um custo humano muito mais baixo do que o previsto. Um dilúvio de mensagens interceptadas pelo sistema Ultra revelava o desespero dos generais de Hitler e a ruína de suas forças, o que, por sua vez, provocou em Eisenhower e em seus subordinados um breve e imprudente momento de descuido. Com os alemães de joelhos, recompensas inéditas pareciam estar ao alcance daqueles que assumissem riscos: Montgomery convenceu Eisenhower de que em seu setor norte da frente havia uma oportunidade para lançar uma investida que decidiria a guerra ao capturar uma ponte sobre o Reno na cidade holandesa de Arnhem, por onde as forças aliadas poderiam invadir a Alemanha.

Ainda provoca uma feroz polêmica discutir se os exércitos aliados poderiam ter vencido a guerra em 1944, depois do colapso da Wehrmacht na França. É apenas plausível que, com uma maior demonstração de energia de comando, o I Exército americano, de Hodges, pudesse ter rompido a linha Siegfried perto de Aachen. Patton acreditava que poderia ter realizado grandes feitos se seus tanques houvessem recebido o combustível necessário, mas é uma perspectiva duvidosa: o setor meridional, onde estava seu exército, tinha um terreno difícil; até abril de 1945, os alemães exploraram uma sucessão de posições defensivas em colinas e em rios para deter o avanço de Patton. Os Aliados passaram os cruciais primeiros dias de setembro recuperando o fôlego depois da arremetida para o leste. O VII Exército, de Patch, que desembarcara no sul da França em 15 de agosto e avançara para o norte pelo vale do Ródano contra leve oposição, encontrou os homens de Patton em Châtillon-sur-Seine, em 12 de setembro. O tenente-general Jake Devers tornou-se comandante do novo 6º Grupo de Exército Franco-Americano, posicionado no flanco direito aliado. As forças de Eisenhower mantinham, portanto, uma linha de frente contínua desde o canal até a fronteira suíça.

O Ataque-Surpresa dos Aliados à Normandia
HOLANDA
INGLATERRA
ALEMANHA
Dover
Dunquerque
Calais
Bruxelas
BÉLGICA
Lille
Reno
Canal da Mancha
6 de junho de 1944
Somme
Dieppe
LUX.
Cherburgo
Le Havre
Rouen
Reims
Oise
Mosa
Marne
Nancy
Paris
Sena
Alençon
Troyes
Epinal
Rennes
Le Mans
Orléans
Belfort
Loire
Angers
Tours
Dijon
Saône
Nantes
Saumur
Nevers
Pontarlier
SUIÇA
Cher
Poitiers
FRANÇA
Genebra
Vichy
Limoges
Clermont Ferrand
Lyons
Baía de Biscaia
Royan
Angoulême
St Etienne
Lanslebourg
Grenoble
ITÁLIA
Briançon
Bordeaux
Ródano
Garonne
Nice
Toulouse
St Jean de Luz
Marselha
Toulon
Perpignan
ESPANHA
Mar Mediterrâneo
0 50 100 150 milhas
0 50 100 150 200 km

Porém, ainda faltava-lhes um grande porto em condições de uso. O sistema ferroviário francês estava quase inteiramente destroçado. Alguns planejadores queixavam-se de que o bombardeio aliado anterior ao Dia D fora exagerado, mas, ao que parece, esse julgamento somente poderia ser feito quando a vitória na batalha da Normandia estivesse completamente assegurada. A movimentação de combustível, munição e suprimentos para dois milhões de soldados exclusivamente por rodovias apresentava problemas enormes. A bem dizer, cada tonelada precisava ser transportada em caminhões por centenas de quilômetros, desde as praias até os exércitos, apesar de Marselha logo ter iniciado uma importante contribuição. "Enquanto não chegarmos à Antuérpia",[8] escreveu Eisenhower para Marshall, "operaremos em grande aperto." Muitos tanques e veículos requeriam manutenção. Mais ou menos como a Wehrmacht havia deixado que os britânicos escapassem do continente durante a euforia alemã em 1940, um surto de "doença da vitória" entre os Aliados permitiu que seus inimigos se reorganizassem taticamente. Quando Montgomery lançou a operação Market Garden, sua ambiciosa arremetida para o Reno, os alemães já haviam recuperado o equilíbrio. As dificuldades estratégicas continuavam irreversíveis, mas eles demonstraram grande pertinácia na defesa local, assim como energia agressiva em resposta às iniciativas aliadas.

Em 17 de setembro, três divisões aeroterrestres aliadas desembarcaram na Holanda: a tarefa da 82ª e da 101ª americanas era capturar travessias de rios e de canais entre o front aliado e Arnhem; a 1ª Divisão Aeroterrestre Britânica estava incumbida de tomar a ponte do Reno e manter um perímetro mais adiante. Toda a formação foi despachada para zonas de lançamento ao norte do grande rio. As operações americanas foram bem-sucedidas, apesar do atraso provocado por demolições alemãs em Zon e da espera para que uma ponte portátil Bailey se apresentasse. Os britânicos, porém, mais longe da força de junção de Montgomery, depararam-se com dificuldades imediatas. Informações Ultra revelaram que remanescentes da 9ª e da 10ª divisões Panzer se recuperavam em Arnhem. Comandantes aliados desconsideraram sua presença, pois as formações haviam sido arrasadas na Normandia, mas os alemães responderam à súbita chegada dos britânicos com sua violência habitual. Forças locais reunidas às pressas, muitas formadas por equipes administrativas e de apoio recrutadas na retaguarda, improvisaram posições de bloqueio que retardaram drasticamente a marcha dos paraquedistas rumo à ponte. Model, o "bombeiro" favorito de Hitler na Frente Oriental, estava pronto para comandar a reação alemã. Alguns elementos da 1ª Divisão Aeroterrestre demonstraram uma notável falta de entusiasmo e de habilidade tática e foram divididos e separados enquanto tentavam avançar para Arnhem. Mesmo as poucas viaturas blindadas alemãs nas imediações da cidade conseguiram surrar unidades aeroterrestres que tinham poucas armas anticarro e nenhum tanque.

O batalhão solitário que alcançou a ponte conseguiu manter posições somente no lado norte, separado da força blindada de junção pelo Reno e por um número crescente de alemães. A decisão britânica de lançar a 1ª Divisão Aeroterrestre fora de Arnhem impôs um hiato de quatro horas entre a abertura dos velames dos primeiros paraquedas e a chegada, a pé, do tenente-coronel John Frost à ponte; o intervalo proporcionou aos alemães em seus veículos uma margem de tempo excessivamente generosa para reagir. Os britânicos poderiam ter capturado a travessia do Reno transportando grupos em planadores para golpe de mão e soltando-os diretamente sobre o objetivo, como os

alemães fizeram na Holanda, em 1940, e os britânicos no canal de Caen, no Dia D. A iniciativa, com certeza, custaria vidas, mas em número muito inferior ao daquelas que foram perdidas abrindo caminho para Arnhem. Como se viu, a partir do dia 17, tudo o que os britânicos fizeram na cidade e nos arredores foi lutar para sobreviver, abandonando qualquer perspectiva realista de cumprimento da missão.

Havia, no entanto, uma falha mais importante no plano de Montgomery, que teria atrapalhado suas ambições ainda que os paraquedistas britânicos assegurassem ambos os lados da ponte. A força de junção precisou percorrer oitenta quilômetros desde o canal de Meuse-Escaut até Arnhem em três dias, com acesso a uma única estrada holandesa — um avanço pelo campo seria impossível, pois o terreno era excessivamente alagadiço e mole para os blindados. Minutos depois de cruzar a linha de partida, a divisão de Guardas Blindados enfrentou problemas quando seus primeiros tanques foram atacados por armas alemãs e a infantaria britânica de apoio aos carros foi enredada em tiroteios locais. As formações aeroterrestres americanas fizeram tudo o que se poderia esperar para garantir travessias cruciais, mas o avanço aliado começou a se atrasar. Os alemães tiveram condições de se posicionar com pleno conhecimento das intenções aliadas, pois encontraram o plano operacional da operação Market Garden junto ao corpo de um oficial do estado-maior americano que, com imprudência, o levara para o campo de batalha; horas depois, o documento estava na mesa de Model, que o aproveitou ao máximo.

Em 20 de setembro, quando o 30º Corps chegou tardiamente a Nijmegen, paraquedistas da 82ª Divisão Aeroterrestre do general Gavin fizeram uma travessia heroica do Waal em botes de assalto, sob fogo devastador, e asseguraram um perímetro na outra margem, o que possibilitou aos tanques da Divisão de Guardas Blindados atravessarem a ponte miraculosamente intactos. Então, houve outro atraso de 24 horas, incompreensível para os americanos, antes que os britânicos se sentissem prontos para retomar seu avanço em direção a Arnhem. Na verdade, o tempo desperdiçado não teve importância. A batalha estava perdida: os alemães empenharam suas forças para defender os acessos meridionais a Arnhem. A resistência residual dos paraquedistas britânicos na outra margem foi irrelevante, e Montgomery reconheceu o fracasso. Na noite de 25 de setembro, dois mil soldados da 1º Divisão Aeroterrestre foram transportados em balsas para lugar seguro do outro lado do Reno, abaixo de Arnhem, enquanto quase dois mil outros escaparam por outros meios, deixando para trás seis mil homens que se tornariam prisioneiros. Foram mortos 1.485 paraquedistas britânicos, cerca de 16% de cada unidade participante, e a 1º Divisão Aerotransportada ficou seriamente desfalcada; 474 aviadores também foram mortos durante a operação. Ao mesmo tempo, a 82ª Divisão Aeroterrestre americana sofreu 1.432 baixas, e a 101º, 2.118. Os alemães perderam 1.300 soldados, e morreram também 453 civis holandeses, muitos deles em bombardeios aliados.

Apologistas da Market Garden, como o próprio Montgomery, afirmaram que a operação alcançou êxito substancial, dando aos Aliados posse de um profundo saliente na Holanda — o que é um disparate, pois, a rigor, tratava-se de um beco sem saída que não levou os Aliados a parte alguma até fevereiro de 1945. Durante oito semanas depois da batalha de Arnhem, as duas divisões aeroterrestres americanas foram obrigadas a lutar de forma árdua para manter o terreno conquistado em setembro, que já não tinha qualquer valor estratégico. O assalto de Arnhem foi um conceito falho, em que as probabilidades de êxito eram desprezíveis. Os comandantes britânicos encarregados, em especial o

tenente-general Frederick “Boy” Browning, demonstraram vergonhosa incompetência e mereciam exclusão disciplinar com ignomínia em vez das honras que receberam numa clássica operação britânica de propaganda destinada a dignificar o desastre.

O erro fundamental de Montgomery foi sucumbir ao desejo por glória que muitas vezes afastou comandantes aliados dos mais importantes interesses estratégicos de sua causa. O general Jake Devers, um dos mais capazes, embora menos celebrados, comandantes americanos de grupo de exércitos durante a guerra, escreveu depois sobre a inevitabilidade das diferenças entre os países em matéria de meios e de recursos, mesmo unidos no propósito de derrotar o inimigo: “Isso não é apenas verdade entre os homens nas mais elevadas posições políticas (...) é um traço natural dos militares profissionais (...) Não é razoável esperar que representantes militares de países que servem sob comando unificado subordinem pronta e espontaneamente suas opiniões às ordens de um comandante de outra nacionalidade, a não ser que tal comandante (...) os convença de aquilo é em nome de seus interesses individuais e coletivos.”[9] Por faltar a Eisenhower uma visão coerente, em geral restava aos seus subordinados competirem entre si e buscarem seus próprios pontos de vista. A ambição de Montgomery por conduzir uma investida que pudesse ganhar a guerra, reforçada por sua presunção, levou-o a tomar para si a única grande operação em que os exércitos aliados poderiam ganhar apoio logístico naquele outono, através do terreno menos adequado ao êxito. Montgomery foi incapaz de reconhecer que a desobstrução dos acessos ao Escalda, para permitir que a Antuérpia operasse como base de suprimentos aliada, era um objetivo muito mais importante e plausível para seu exército. Em linguagem familiar, ao avançar para uma ponte do Reno, os líderes aliados tinham os olhos maiores do que a barriga.

A agricultora britânica Muriel Green revelou em seu diário uma onda de depressão que contagiou todos os países aliados diante da notícia do fracasso em Arnhem. “Todos nós pensávamos que a guerra estava tão perto do fim e agora ouvimos notícias sobre um sacrifício tão grande de vidas que me sinto miserável. Acho que estamos tão convencidos da vitória que esses desastres parecem ainda piores.”[10] Conforme a guerra entrava em sua fase final, era mais difícil para as famílias aguentarem a perda de entes queridos com quem esperavam compartilhar os frutos da paz. Ivor Rowberry, *trainee* de contabilidade de 22 anos, morto quando servia como operador de comunicações do Regimento South Staffordshire, deixou para seus pais palavras que refletiam os sentimentos de inúmeros combatentes de muitos países:

> Esta (...) é uma carta que esperei que nunca recebessem (...) Amanhã entraremos em combate. Até agora, não sabemos exatamente qual será nossa tarefa, mas sem dúvida será perigosa e custará muitas vidas — a minha pode ser uma delas. Bem, mamãe, não tenho medo de morrer. Gosto desta vida, sim — nos últimos dois anos, planejei, sonhei e tracei um futuro perfeito para mim. Eu gostaria que esse futuro se materializasse, mas não se trata do que quero, porém do que Deus quer, e, se sacrificando tudo eu deixo o mundo um pouco melhor do que o encontrei, estou perfeitamente pronto para esse sacrifício. Mas não me entenda mal, mamãe, não sou como esse patriotas que agitam bandeiras (...) A Inglaterra é um pequeno grande país —

o melhor que existe —, mas não posso dizer, com honestidade, que por ela "vale a pena lutar". Nem me imagino no papel de um galante cruzado combatendo pela libertação da Europa. Seria um bom pensamento, mas eu estaria apenas me enganando. Não, mamãe, meu pequeno mundo gira em torno de vocês, incluindo papai, todos em casa e meus amigos em W[olverhamp]ton — por *isso* vale a pena lutar —, e, se essa luta fortalecer sua segurança e melhorar sua vida de alguma forma, então também vale a pena morrer.[11]

As esperanças dos Aliados de invadir a Alemanha — ou mesmo de ganhar a guerra em 1944 — não desabaram imediatamente ao fim de setembro, com o fracasso da operação Market Garden, mas encolheram aos poucos nas semanas seguintes, enquanto os soldados chafurdavam num mar de lama e de decepções locais. Demasiada atenção histórica é concentrada no drama da arremetida para Arnhem; mesmo que Montgomery houvesse assegurado uma ponte no Reno, é implausível que pudesse explorá-la para entrar na Alemanha. Havia possibilidades mais promissoras no caminho do I Exército americano, em torno de Aachen e já na fronteira alemã; no começo e em meados de setembro, esse setor mais próximo da Muralha Ocidental de Hitler estava escassamente defendido, mas, entre os dias 12 e 15, os americanos fracassaram numa série de tentativas pouco convincentes para abrir uma passagem. De todos os comandantes do exército americano, Hodges era o menos impressionante, e suas operações naquele outono foram conduzidas com notável falta de jeito. Mais cinco semanas transcorreram até que o I Exército ocupasse as ruínas de Aachen. Se Patton fosse o comandante, é possível que conseguisse uma rápida ruptura na Muralha Ocidental, porém seu III Exército martelou em Metz durante todo o mês de setembro, amaldiçoando a chuva incessante, sem mais resultados do que uma crescente lista de baixas.

O próximo erro crasso de Hodges foi empenhar seu exército numa luta desesperada e sangrenta, durante dois meses, para desobstruir a floresta de Huertgen, que julgava representar uma ameaça ao seu flanco direito e à sua retaguarda. Quatro divisões americanas, em turnos, enfrentaram sofrimentos, perdas pesadas e porcentagens exorbitantes de traumas de guerra entre a mata densa. Os alemães resistiram com pertinácia, impondo um preço por cada pequeno avanço, e, quando o I Exército emergiu na planície de Roer, no começo de dezembro, todas as esperanças de uma vitória rápida haviam desaparecido. Ao mesmo tempo, os exércitos de Montgomery eram obrigados a desobstruir o estuário do rio Escalda para abrir a Antuérpia. A tarefa poderia ter sido realizada em meados de setembro, quando o inimigo estava desorganizado; iniciada em outubro e em novembro, porém, exigiu meses de duros combates em terrenos alagados. Repetidamente, unidades lançaram ataques ao longo de passagens estreitas expostas a intenso fogo alemão.

O estuário do Escalda era defendido não por tropas Panzer ou por formações de elite da infantaria, mas pela 70ª Divisão "Pão Branco", formada por homens anteriormente isentados do serviço por razões médicas, descritos por um oficial naval alemão como uma "gentalha apática e indisciplinada". Contudo, não era preciso grande habilidade para disparar metralhadoras e morteiros contra atacantes à vista de todos: durante semanas,

esses alemães enfermos frustraram o melhor do exército canadense. O oficial-comandante do Regimento Queen's Own Rifles, do Canadá, escreveu sobre a "miséria total das condições e a grande coragem exigida para fazer as coisas mais simples. Os ataques precisavam ser executados ao longo de diques varridos por fogo inimigo. Passar pelas terras baixas dos pôlderes significava vadear, sem possibilidade de cobertura, em águas que às vezes chegavam ao peito. O fogo de morteiro, em que os alemães eram mestres, arrebentava em todos os pontos de reunião (...) Foi, peculiarmente, uma luta de fuzileiros, no sentido de não haver batalhas decisivas, apenas um combate contínuo".[12] Grande parte dos ataques precisou ser conduzida por forças que tinham o tamanho de pelotões, avançando em frentes individuais. O fogo automático alemão era tão mortal que a proporção de mortos para homens feridos foi 50% mais alta do que o normal.

Depois de uma semana lutando no bolsão de Breskens, uma única brigada canadense perdeu 533 homens, sendo que 111 foram mortos. No fim de novembro, uma divisão havia sofrido 2.077 baixas, com 544 mortos ou desaparecidos, e outra, 3.650 baixas em 33 dias, 405 homens em cada batalhão de fuzileiros. Os números representam uma porcentagem de perdas quase tão grande quando a sofrida pelas tropas canadenses em novembro de 1917 na batalha de Passchendaele, em geral considerada uma das piores experiências da Primeira Guerra Mundial. Mesmo defensores alemães de menor nível podiam manter uma linha numa região onde blindados não podiam operar, onde *bunkers* ofereciam proteção contra tudo, exceto impactos diretos, e a paisagem sem árvores não dava margem para sutilezas táticas.

O assalto anfíbio de 1º de novembro na ilha de Walcheren foi confuso e oneroso, sendo necessária uma semana de combates acirrados para que os alemães se rendessem. O primeiro comboio aliado a descarregar na Antuérpia chegou apenas em 28 de novembro. Considerando o impacto decisivo dos problemas de suprimento sobre os exércitos aliados a partir do final de agosto e o milagre que foi capturar as docas da Antuérpia ainda intactas, em setembro, a incapacidade de tomar os acessos ao Escalda revelou-se o pior erro individual da campanha. A responsabilidade estende-se, desde Eisenhower, por toda a cadeia de comando aliada, mas Montgomery era o homem encarregado do aspecto operacional, o general que se considerava um mestre da guerra, e cabe-lhe, portanto, a maior parte da culpa. "No inverno, os americanos já não viam graça em Monty",[13] disse o tenente-general Sir Frederick Morgan, "e, nos casos de [Bedell] Smith e Bradley (...) o desprezo transformou-se em ódio manifesto."

Os Aliados perderam uma pequena chance de entrar na Alemanha em setembro — pequena porque a probabilidade sugere que não tinham potência de combate suficiente para ganhar a guerra em 1944 — por sucumbirem à euforia da vitória na França. Faltavam-lhes energia e imaginação para improvisar expedientes que superassem seus problemas de suprimentos, como talvez fizesse um exército alemão que avançasse. Também é discutível se os amplos recursos empregados nas operações no Pacífico em 1944, contrariando a estratégia da "Alemanha Primeiro", negaram a Eisenhower a margem de homens e de meios de transporte que permitiria aos seus exércitos desferir um golpe que decidisse a guerra. Tanto os exércitos americanos quanto os britânicos viviam uma crônica insuficiência de infantaria e um excesso de redundantes unidades antiaéreas e anticarro. No 21º Grupo de Exércitos, de Montgomery, estas absorviam 47.120 homens preciosos, 7,1% do efetivo total, enquanto na Normandia apenas 82 mil dentre os 662 mil soldados

britânicos empregados eram fuzileiros. Ao longo do inverno, algumas unidades AA e AC foram fragmentadas, e seu pessoal foi transferido para a infantaria, mas até o fim da campanha poucos soldados britânicos e americanos combatiam, e um número demasiado exercia funções secundárias.[14] As táticas aliadas foram influenciadas de forma negativa pelo grau de dependência de seus exércitos às viaturas.

Os anglo-americanos falharam em converter uma grande vitória numa ação decisiva e pagaram o preço nos meses de combate que se seguiram. *Wacht*, o jornal do XIX Exército alemão, escreveu em 1º de outubro: "Os ingleses, e mais ainda os americanos, buscam, durante toda esta guerra, evitar um grande sacrifício de vidas (...) Ainda hesitam em se envolver totalmente, o verdadeiro sacrifício marcial (...) A infantaria americana só ataca quando tem uma grande vanguarda blindada e só inicia um assalto depois de uma grande chuva de granadas e de bombas. Se ainda encontram resistência alemã, interrompem o ataque de imediato e voltam a tentar no dia seguinte, com fogo pesado."[15] Se essa opinião era autoelogiosa, o fato é que não era totalmente inválida.

O inverno de 1944 esteve entre os mais úmidos das últimas décadas na Europa Ocidental. De outubro em diante, o clima fortaleceu os alemães, impondo estagnação em todo o front. "Prezado general", escreveu Eisenhower a Marshall em 11 de novembro, "estou ficando extremamente cansado desse clima".[16] Se as condições eram ruins para todos os combatentes, eram piores para os Aliados, porque tentavam avançar. O terreno alagado impossibilitava avanços rápidos fora das estradas; tanques e veículos lutavam contra e deslizavam na lama que chegava até a proteção das lagartas e do eixo das rodas; as operações aéreas foram drasticamente restringidas, e os alemães exploravam qualquer obstáculo aquático. Os britânicos tornaram-se preocupados com as baixas conforme seus exércitos encolhiam devido à exaustão das reservas nacionais e passaram o inverno avançando lentamente pelo leste da Holanda, por vezes parados durante semanas. Nijmegen fica a não mais do que 55 quilômetros a oeste de Wesel, mas a floresta de Reichswald está localizada entre as duas cidades; seis meses decorreram entre a captura da primeira cidade, em 20 de setembro de 1944, e a travessia britânica do Reno em Wesel, em 23 de março de 1945.

Apesar da celebridade de Patton, seu exército progrediu devagar pela Alsácia-Lorena, chegando, por fim, à fronteira alemã em meados de dezembro. À direita, o 6º Grupo de Exércitos, do general Jake Devers, deparou-se com feroz resistência alemã, que defendia um perímetro na margem ocidental do alto Reno, o chamado bolsão de Colmar. O soldado William Tsuchida, enfermeiro militar no Vosges, escreveu para os pais:

> Que bagunça é isto aqui. Minha mente é um conglomerado confuso de incidentes, os medos primitivos da noite e a espera pela luz do dia. O resto eu preferiria esquecer assim que possível, porque é tão podre. Espero que todas as pessoas que têm empregos leves durante a guerra percebam os dias e as noites horríveis que os soldados de companhias de linha de frente precisam passar aqui (...) Às vezes, fico em tal estado de estupor que me obrigo a ler alguma coisa quando posso, como uma revista ou uma velha carta. O que importa é saber se comeremos agora ou depois e esperar que

haja um lugar enxuto onde dormir à noite e que as baixas diminuam. Tudo é esperança, esperança.[17]

O recruta de divisão aeroterrestre Bill True sentiu-se profundamente comovido numa tarde, quando, em meio às batalhas holandesas, uma pequena menina aproximou-se do buraco ocupado por ele e por outro soldado e deu-lhes dois travesseiros. Era um gesto minúsculo e inocente de decência civilizada que parecia incomensuravelmente distante.

• • •

As dificuldades aliadas de suprimento persistiram mesmo quando navios começaram a descarregar na Antuérpia. Soldados anglo-americanos exigiam quantidades de alimento e um nível de conforto muito superiores àquilo que seus inimigos julgavam necessário e gastavam prodigiosos volumes de munição para alcançar até mesmo modestos objetivos locais. As tropas de Eisenhower, em seu avanço pela Europa, comportavam-se muito melhor do que as russas, mas quase todos os soldados que temem por suas vidas manifestam cruel indiferença em relação à propriedade alheia. Um médico holandês descreveu seu desgosto ao ver a aldeia de Venray, pouco atrás da linha de frente na Holanda, após a ocupação por soldados britânicos: "Palavras não podem descrever como me horrorizei quando vi como a cidade fora saqueada e destruída. Conversei com um oficial inglês idoso, cujas palavras falam por si: 'Estou muito triste e profundamente envergonhado; o exército perdeu sua reputação aqui.'"[18]

A matança de prisioneiros nunca foi institucionalizada, como acontecia na Frente Oriental, mas os homens de Eisenhower cometeram seus excessos. Um soldado canadense descreveu sua experiência numa patrulha na Holanda, em que sua unidade capturou oito tripulantes de tanques que tentavam voltar para suas linhas. O oficial falava bem em inglês, e os inimigos conversaram durante alguns minutos sobre o frio e sobre como gostariam de acender uma fogueira. Haviam passado por uma casa de fazenda, disse ele, onde talvez houvesse bebidas e um porco. Poderiam assá-lo? Disse, depois, o canadense: "A guerra havia acabado para ele e acho que estava feliz."[19] Então, de súbito, o tenente que comandava a patrulha virou-se para o atirador, que portava uma metralhadora Bren, e disse: "Atire neles." O oficial alemão, que contava piadas, "correu um pouco para a frente, cruzou os braços sobre o peito, disse qualquer coisa, e o sujeito com a Bren mandou ver (...) Havia dois, eu acho, ainda se sacudindo como salmão fisgado no anzol, e esse sujeito que chamávamos de Whitey, de Cape Breton — nós o chamávamos assim porque estava sempre se gabando sobre ser um excelente mineiro —, atirou nos dois com uma pistola (...) Provavelmente o evento entrou para nossa história como uma patrulha alemã exterminada. Ninguém deu muita importância ao episódio (...) Mas uma coisa eu lhe digo: se eu estivesse ali um ano antes, estaria colocando as tripas para fora".

As forças aliadas avançaram em direção à fronteira alemã, com dificuldade, metro a metro. Durante um ataque na Alsácia, em novembro, segundos após se deparar com um arrasador fogo alemão de metralhadora, o soldado Robert Kotlowitz viu-se como o único sobrevivente sem ferimentos em seu pelotão.

> Lembro-me daquele momento, quando a imensa desorientação começou, do cheiro de lama em minhas narinas (...) o súbito ressecamento da saliva na boca e a desidratação instantânea que provocava; a poderosa sensação do meu próprio corpo, como um fardo que eu carregasse; minha magra e debilitada estrutura estirada no chão, aguardando; a presença pesada de membros que se estendiam dela; meu crânio protegido pelo capacete, meu torso trêmulo e a vulnerável junção das pernas. Os delicados genitais enroscados no centro da pélvis e minha bexiga inchada, ardendo (...) O barulho dos tiros de armas portáteis e de metralhadoras, das vozes de homens pedindo ajuda ou gritando de dor ou de terror — vozes de nossos próprios soldados, irreconhecíveis a princípio, estranhas na inflexão e no timbre. E o zunido dentro da minha cabeça, tentando sufocar os ruídos que chegavam por todos os lados.[20]

Kotlowitz manteve-se deitado, imóvel, até escurecer, quando foi evacuado por médicos, como um caso de trauma de guerra. Nunca mais serviu na linha de frente. O tenente britânico Tony Finucane descreveu "a marcha para o combate" de um batalhão na Holanda: "Atravessamos a região plana no que parecia um passeio informal sob o sol da tarde. De repente, perto do objetivo, com homens buscando suas pás para cavar abrigos antes do anoitecer, vimos, uns cem metros adiante, muitos soldados em uniformes cinza avançarem numa formação parecida. Imaginem só! Dois batalhões face a face em campo aberto! Em instantes, uma verdadeira batalha de soldados de infantaria com armas pequenas — um pandemônio — começou. Não tínhamos fogo de apoio, o inimigo (que a gente costumava chamar de 'o huno astuto') abriu fogo com o que parecia um canhão de vinte milímetros de artilharia antiaérea. Porém, num caso desses, em que as chances eram iguais, fomos melhores. Eles recuaram uns oitocentos metros."[21]

Cada encontro, porém, com ou sem vitória, significava perda de impulsão e baixas britânicas irreparáveis. Quando Finucane viu-se em Cleve, em dezembro, seu pelotão estava reduzido de 35 para onze homens. E durante uma visita às posições avançadas, seu general-brigadeiro, ao ser informado do desfalque de fuzileiros, disse, com um suspiro: "É o que sempre digo ao general. As baixas não parecem muitas quando se considera o efetivo envolvido, mas estamos perdendo combatentes."[22] Consta que Alan Brooke teria dito que gostaria que as circunstâncias houvessem posicionado os britânicos no lado direito, não no lado esquerdo, da linha de Eisenhower.[23] O chefe do estado-maior geral imperial achava que o exército de Montgomery poderia explorar oportunidades no sul com mais eficácia do que os americanos. Nesse ponto, ele estava decididamente errado. Sua opinião era apenas reflexo da desconfiança recíproca entre britânicos e americanos, que se tornava mais pronunciada conforme os generais de cada país examinavam com maldade os fracassos e as decepções do outro.

Stalin, curiosamente, demonstrou mais entusiasmo pela contribuição ocidental à guerra naquele inverno do que em qualquer período anterior, apesar das tensões aliadas provocadas pela recusa russa a ajudar os poloneses sitiados em seu imprudente Levante de Varsóvia. "Uma nova característica da luta contra a Alemanha de Hitler neste último

ano", disse ele numa conferência do Partido Comunista em Moscou, em 6 de novembro, "é o fato de que o Exército Vermelho não está sozinho contra os alemães, como antes. A Conferência de Teerã não foi em vão — suas resoluções sobre uma ofensiva conjunta contra a Alemanha a partir de oeste, leste e sul estão sendo postas em prática com verdadeira convicção. Não há dúvida de que sem a Segunda Frente na Europa, que travou combates com até 75 divisões alemãs, nossas forças não conseguiriam quebrar tão depressa a resistência alemã e expulsar os exércitos alemães da União Soviética. Da mesma forma, sem a poderosa ofensiva do Exército Vermelho no verão, que combateu até duzentas divisões alemãs, nossos aliados teriam sido incapazes de expulsar com tanta velocidade os alemães da Itália central, da França e da Bélgica. O desafio, a chave da vitória, é sujeitar a Alemanha ao combate em duas frentes."

Em dezembro, quando a neve chegou, os exércitos de Eisenhower estavam resignados a tremer de frio durante todo o inverno e retomar a ofensiva quando as condições permitissem. É difícil, para os civis, compreender os sofrimentos de uma existência a céu aberto por semanas e meses a fio em tais condições. "Com nossa barraca e nossas roupas molhadas e meio congeladas", escreveu o soldado americano George Neill, "sentia-me entorpecido ao ponto de quase não ligar para o que acontecesse comigo."[24] Em seu abrigo, no escuro, "a temperatura caía muito abaixo de zero. A lama parcialmente congelada no fundo do buraco petrificou-se. Ficávamos deitados ali, em posição fetal, xingando (...) Meus camaradas e eu concordamos que seria impossível exagerar o quanto nos sentíamos desamparados, miseráveis e deprimidos". Essa era a condição de milhões de homens em ambos os lados da linha entre outubro de 1944 e março de 1945. A lesão apelidada de "pé de trincheira" tornou-se endêmica, sobretudo em formações em que o moral andava baixo e, portanto, a disciplina higiênica era relapsa. A disenteria era lugar-comum. O funcionamento ou mau funcionamento dos processos excretores passou a ser obsessão para milhões de homens privados de controle sobre os próprios intestinos. Durante combates, muitos jamais chegavam às latrinas ou conseguiam abaixar as calças antes de defecar.

Se lutar já era terrível, fazê-lo em roupas asquerosas era ainda pior. As guarnições de tanque sofriam humilhações especiais. Um motorista alemão escreveu: "Pela escotilha de observação, vi cenas hilárias protagonizadas por bravos soldados, precariamente pendurados na torre de tiro de um Panzer em movimento, com as calças na altura dos tornozelos, fazendo caretas, numa tentativa desesperada para resolver o que era quase impossível."[25] O soldado de infantaria Guy Sajer perdeu o controle sobre os intestinos durante uma retirada do Don e acostumou-se, assim como os outros passageiros de seu caminhão, a sacolejar pela neve na sujeira dos próprios excrementos. O soldado Donald Schoo sofreu o mesmo infortúnio na Batalha do Bolsão. Depois de defecar numa caixa de munição feita de madeira, "era tão doloroso limpar o traseiro que simplesmente levantávamos as calças e voltávamos para o abrigo. Ninguém dizia nada sobre o cheiro, porque todos fediam".[26]

Robert Kotlowitz estava agachado num abrigo na Alsácia quando seu intestino subitamente se manifestou. Ele deu um salto à frente, arrancou as calças e acocorou-se. Seu camarada gritou: "Jesus Cristo! Volte para o seu lugar!"[27] Kotlowitz, preocupado com as exigências do próprio corpo, apiedou-se dele.

> Então, houve o estranho e agressivo barulho de um tiro de fuzil nas proximidades e uma bala atingiu o solo a poucos metros de mim, revirando a terra (...) Olhei para a frente, de minha posição acocorada, protegendo os olhos com as costas da mão. Vi um soldado alemão, visível da cintura para cima (...) a uns duzentos metros de distância (...) ele ria. Tudo era muito claro para mim: sua risada, os detalhes da roupa, os enchimentos dos ombros, a gola alta, a cabeça descoberta. Tive até a impressão de enxergar seus dentes (...) Então houve outro tiro, que também passou perto. A terra voou novamente. Mas, dessa vez, eu estava em pé, segurando as calças, e, num segundo, pulei para dentro de nosso buraco (...) Acho que o filho da puta errou o tiro de propósito (...) ele só queria um pouco de diversão para aliviar o tédio, e eu era a diversão.

Humilhações muito maiores acometeram aqueles que sofriam com ferimentos intestinais. A enfermeira Dorothy Beavers, do exército americano, notou que alguns pacientes em seu hospital de campanha suportavam a perda de membros com aparente estoicismo, mas aqueles que eram submetidos a colostomias em geral “caíam em pranto ao verem as próprias fezes num saco”.[28] Não havia limites para os sofrimentos impostos por balas, explosivos de alta potência, doenças e vulnerabilidade aos elementos da natureza.

• • •

No inverno de 1944, Hitler estava ciente de que enfrentava outra iminente ofensiva soviética. Ignorando as restrições impostas pelo clima e por seus recursos cada vez mais escassos, optou por uma investida que incapacitasse os exércitos de Eisenhower antes de se virar para os soviéticos. Contra veemente oposição de seus generais, lançou uma ofensiva a oeste na pior estação do ano, onde os Aliados menos esperavam: a floresta das Ardenas, na fronteira entre Alemanha, Bélgica e Luxemburgo. O objetivo era chegar à Antuérpia, dividindo a frente aliada. Para executá-la, foram criados dois exércitos Panzer, montadas trinta divisões e armazenadas reservas de precioso combustível. “Se forem bravos, diligentes e engenhosos”,[29] dizia uma ordem do dia aos trêmulos Volksgrenadiers, em 16 de dezembro, “os senhores vão viajar em veículos americanos e comer bons alimentos americanos. Se, porém, forem estúpidos, covardes e indolentes, vão caminhar com frio e com fome até o canal.”

• • •

Dois dias depois, em 18 de dezembro, a operação Herbstebel (Névoa de Outono) foi lançada contra o setor mais fraco do I Exército americano. Obteve absoluta surpresa tática e estratégica, rompendo uma frente de 65 quilômetros de extensão enquanto tropas americanas tomadas pelo pânico fugiam em debandada no caminho dos tanques Panzer;

devido ao denso nevoeiro, as forças aéreas aliadas não puderam intervir. Em dois dias, as tropas alemãs passaram por uma abertura — "o bolsão" — na linha americana. O chefe britânico do serviço de inteligência de Eisenhower, major-general Kenneth Strong, teve substancial parcela de responsabilidade por não reconhecer o significado da reunião de tropas alemãs nas Ardenas, sinalizado por Ultra. Informou ao comandante supremo que as formações identificadas na área estavam apenas descansando e reorganizando-se. A falha fundamental, incorrida por muitos oficiais superiores americanos e britânicos, era a convicção em seu domínio absoluto sobre a campanha, descartando pois a possibilidade de uma grande investida alemã.

O tenente Tony Moody esteve entre os muitos jovens americanos que se sentiram esmagados pela experiência da retirada. "Não tive medo no começo; depois, fiquei mais assustado — era a incerteza; não tínhamos uma missão, não sabíamos onde estavam os alemães. Estávamos cansados demais, sem rações, com pouca munição. Havia pânico, havia caos. Se nos sentíamos cercados por forças esmagadoras, caíamos fora. Eu estava desmoralizado, doente como um cão. Tinha ulcerações por congelamento. Sentia-me muito mal. Pensava repetidamente: 'Ah, meu Deus, onde me meti? Quanto aguentarei?' De repente, vi-me sozinho e vaguei. Topei com um posto de socorro de um batalhão e simplesmente desabei (...) Dormi 24 horas. A mente apaga muitas imagens, mas você guarda o sentimento de desamparo, de desespero. A gente só quer morrer. Achávamos que os alemães eram muito mais bem treinados, mais bem equipados, uma máquina de guerra melhor do que a nossa."[30]

"O medo imperava",[31] escreveu Donald Burgett. Sua grande unidade, a 101ª Divisão Aeroterrestre, teve papel crucial na estabilização da frente enquanto via soldados de outras unidades fugirem para salvar suas vidas. "Assim que o medo ataca, espalha-se como uma epidemia, mais depressa do que fogo no mato. Depois que o primeiro homem foge, outros logo o seguem. Então, é o fim; em pouco tempo, há multidões correndo de olhos arregalados, movidos pelo medo." O soldado Harold Lindstrom, de Alexandria, Minnesota, estava tão desesperado que se viu olhando, com inveja, os cadáveres alemães. "Pareciam em paz. Para eles, a guerra acabara. Não sentiam mais frio."[32] Chegava a experimentar pontadas de inveja em relação aos camaradas suficientemente desesperados para se mutilar: "Ninguém jamais saberia quantos acidentes foram genuínos e quantos foram provocados." O comandante de uma companhia de infantaria escreveu a respeito de um combate em Stoumont, em 21 de dezembro: "Havia tanta neblina que um de nossos soldados se viu, de repente, a dez metros de uma metralhadora alemã (...) Todos já haviam sido levados a seus limites. Homens que todos julgavam resistentes a qualquer coisa perdiam a coragem."[33]

Um jovem soldado de infantaria descreveu suas dificuldades num dia do final de dezembro quando seu colega de abrigo foi atingido: "Gordon foi rasgado por uma metralhadora desde a coxa esquerda até o lado direito da cintura. Ele (...) disse que foi atingido no estômago também (...) Estávamos isolados (...) sozinhos em nossos abrigos, por isso nós dois sabíamos que ele morreria. Não tínhamos morfina. Não podíamos aliviar [a dor], por isso tentei fazê-lo desmaiar. Tirei seu capacete, segurei-lhe o queixo para cima e bati-lhe com toda a força, pois ele queria apagar. Não funcionou, então o

golpeei na cabeça com um capacete, o que também não funcionou. Nada funcionou. Ele morreu aos poucos, de frio e sangrando."[34]

Os civis belgas sofreram terrivelmente nas mãos dos dois lados combatentes. Os alemães, durante a breve reocupação de cidades e aldeias libertadas, encontravam tempo para executar dezenas de civis tidos como culpados por atividades de resistência ou, com mais frequência, assassinados apenas como exemplo para outros. A selvageria de alguns soldados de Model refletia uma característica perversa da temporada 1944 e 1945: se estavam condenados a perder a guerra e provavelmente a morrer, estavam, da mesma forma, inclinados a privar tantos inimigos quanto possível das alegrias da sobrevivência e da libertação. As bombas e as granadas aliadas eram o tormento dos civis: na pequena cidade de Houffalize, por exemplo, 192 pessoas morreram; todos (exceto oito) por bombardeios aliados.[35] Vinte e sete vítimas tinham menos de quinze anos, e, aos sobreviventes, restaram apenas ruínas e privações. Vinte moradores da aldeia de Sainlez, perto de Bastogne, foram mortos por bombardeios que deixaram poucas paredes em pé; entre eles, oito faziam parte da família Didier: Joseph, de 46 anos; Marie-Angèle, de dezesseis anos; Alice, de quinze anos; Renée, de treze anos; Lucille, de onze anos; Bernadette, de nove anos, Lucien, de oito anos; e Noël, de seis anos. Em todas as áreas de batalha da Bélgica e de Luxemburgo houve saques desenfreados cometidos tanto pelas tropas aliadas quanto pelos alemães.

Soldados da infantaria Panzer de Model ficaram eufóricos com seus êxitos iniciais enquanto os comandantes aliados se chocaram. O emprego, pelos alemães, de uns poucos comandos que falavam inglês e vestiam uniformes americanos, chefiados por Otto Skorzeny, inspirou uma verdadeira epidemia de "febre da quinta-coluna" que levou os americanos a executar todos os soldados inimigos capturados sob esse disfarce. Um assalto aéreo no dia de ano-novo a aeródromos aliados custou à Luftwaffe trezentas aeronaves para destruir 156 aviões americanos e britânicos, facilmente substituídos. As incursões continuaram a confundir os comandantes de Eisenhower, mas, a rigor, os apuros estratégicos dos exércitos anglo-americanos nunca foram tão sérios quanto supuseram aqueles que se encontravam no centro dos acontecimentos. Eles tinham volume, enquanto os alemães careciam com desespero de tanques, aeronaves, combustível e combatentes capacitados. Atrás das formidáveis divisões Panzer havia soldados de infantaria praticamente incapazes de demonstrar a mesma agressividade que rendera tantas vitórias à Wehrmacht em 1940 e 1941. As dificuldades logísticas para suprir os elementos avançados alemães através dos desfiladeiros das Ardenas eram imensas; em questão de dias, a escassez de combustível incapacitou os tanques de Model.

Unidades americanas suficientes ofereceram firme resistência, sobretudo nos ombros vitais do "bolsão", para impedir que a penetração se transformasse em desastre. Reservas americanas, especialmente duas divisões aeroterrestres, avançaram às pressas. Um dentre os soldados de Bradley viu sobreviventes da acirrada luta de 20 e 21 de dezembro em Cheneux se afastarem da linha. "Os resquícios do 1º Batalhão vinham atrás, apáticos, pela estrada, um contraste terrível em relação ao animado grupo que apenas dois dias antes subira pela mesma estrada, rindo e cheio de disposição para a luta. Estavam barbados, com os olhos vermelhos, cobertos com lama da cabeça aos pés, e olhavam fixamente para a frente, com uma expressão vazia. Ninguém falava (...) Haviam escrito uma página da

história que poucos conheceriam (...) tal fora a confusão de lugares, unidades e feitos remexidos no caldeirão da bruxa que constituiu aquela batalha."[36]

Para os Aliados, um poderoso alívio estava a seu alcance, conforme reforços eram injetados na linha e as dificuldades alemãs pioravam, a cada hora, sob os bombardeios pulverizadores da artilharia americana. "Meu sargento e eu pulamos numa vala",[37] escreveu Karl Leitner, suboficial das SS, sobre sua experiência em 21 de dezembro. "Depois de cerca de dez minutos, uma bomba caiu à nossa direita, talvez numa árvore. Meu sargento deve ter sido gravemente atingido no pulmão — limitou-se a abrir a boca em busca de ar e, em pouco tempo, estava morto. Fui atingido por um estilhaço no lado direito do quadril. Então uma granada explodiu numa árvore atrás de mim. Um estilhaço atingiu meu tornozelo esquerdo; outros fragmentos me cortaram o pé e o tornozelo direitos. Meti-me parcialmente debaixo do camarada morto (...) Fragmentos de outro projétil me atingiram o braço esquerdo." Horas depois, Leitner foi socorrido e levado para um posto de primeiros-socorros, e, durante todo o tempo, a barragem americana não parou por um minuto.

Montgomery recebeu o comando do setor norte da linha de frente e empregou forças formidáveis para enfrentar os alemães se alcançassem a linha de blindados britânica, o que a maioria não fez. Em 22 de dezembro, o tempo melhorou o suficiente para permitir que as forças aéreas aliadas decolassem, com consequências arrasadoras para os tanques Panzer. As primeiras unidades blindadas alemãs avançaram 95 quilômetros para seu ponto mais distante, Foye-Nôtre-Dame, mas, em 3 de janeiro, os exércitos de Hodges e de Patton contra-atacavam ao norte e ao sul enquanto os tanques de Model perdiam toda a munição e o ímpeto. No dia 16, as duas tenazes forças americanas venceram a neve profunda e o inimigo para se encontrarem em Houffalize. Os alemães haviam sofrido cem mil baixas, entre quinhentos mil soldados envolvidos, e perdido quase todos os tanques e as aeronaves. Rolf-Helmut Schröder, capitão de infantaria da Wehrmacht, disse, a respeito de sua própria participação na Batalha do Bolsão: "Terminamos a batalha onde começamos; então, eu soube: Acabou."[38] Em janeiro de 1945, Schröder reconheceu a inevitabilidade da derrota alemã na guerra, o que se recusara a fazer um mês antes.

Os Aliados não tiveram coragem para tentar interromper a retirada alemã; as forças de Model puderam recuar em ordem, seguidas, mas não importunadas, pelas forças americanas. Restaurar a linha de frente era o suficiente para Eisenhower, depois de sofrer o choque mais traumático da campanha no noroeste da Europa. A batalha das Ardenas deixou, para alguns comandantes, um legado de cautela que persistiu até o fim da guerra. "Os americanos não estão acostumados aos desastres como os britânicos, para quem aquele era apenas um acidente na estrada inevitavelmente dura rumo à vitória final",[39] foram as palavras irônicas de Sir Frederick Morgan.

"O histórico de realizações é essencialmente medíocre e laborioso",[40] escreveu o magistral historiador americano Martin Blumenson. "Os comandantes eram, de modo geral, mais técnicos do que ousados, mais prudentes do que audaciosos. A notável exceção, é claro, era George S. Patton." Porém, se a reputação de Patton como militar enérgico foi reforçada por seu papel na restauração do front nas Ardenas, seu instinto para falar sem pensar continuava intacto. Em visita a um hospital de campanha, quase cometeu uma gafe capaz de rivalizar com suas críticas aos casos de trauma de guerra na

Sicília. Ao perguntar a um soldado como fora ferido, ele explodiu de raiva quando o homem respondeu: “Dei um tiro no pé.”[41] Então, a vítima, com o tornozelo arrebentado, acrescentou: “General, estive na África, na Sicília, na França e, agora, na Alemanha. Se eu não quisesse lutar, teria feito isso há muito tempo.” Patton disse: “Filho, desculpe-me, cometi um erro.”

A maior vítima da ofensiva nas Ardenas foi o povo alemão. Muitos, naquele momento, alimentavam a ambição de ver os Aliados, não os russos, ocuparem suas cidades e aldeias. Depois dos choques de dezembro de 1944, porém, a prudência estratégica tornou-se o tema das operações de Eisenhower. Os avanços subsequentes de seus exércitos para a Alemanha foram vagarosos, influenciados por uma mórbida fixação em evitar expor flancos a contra-ataques. Paralelamente, os russos, no leste, tornaram-se importantes beneficiários das perdas de Hitler: quando lançaram sua grande ofensiva, em 12 de janeiro de 1945, muitos tanques alemães que poderiam ter impedido seu avanço estavam destroçados na Frente Ocidental. A batalha das Ardenas, ao dissipar as reservas blindadas de Hitler, apressou o fim da Alemanha, mas não em proveito de seu povo. Ela determinou que o Exército Vermelho, não os americanos e os britânicos, encabeçasse a marcha para a capital de Hitler. Somente em 28 de janeiro as forças de Eisenhower reocuparam a linha que haviam mantido antes que Hitler lançasse a operação Herbstnebel.

• • •

Enquanto a luta nas Ardenas dominava as manchetes na maior parte do mundo, os anglo-americanos continuavam sua luta ingrata na Itália, metro a metro, península acima. Muitos soldados aliados estavam cada vez mais descontentes por acharem que sofriam privações espantosas em troca de objetivos e reconhecimento limitados. Em algumas unidades, a disciplina tornou-se precária. Um pelotão do batalhão de infantaria do tenente Alex Bowlby entrou em forma para um protesto coletivo quando soube que um oficial detestado fora indicado para receber uma Military Cross. A recomendação foi cancelada, mas Bowlby sentiu que seus homens estavam à beira de um motim, relutando em participar de patrulhas ou de ataques.[42] Já se disse que a unidade de Bowlby tinha uma fraqueza atípica e que alguns regimentos apresentavam o moral mais elevado e tinham mais determinação, o que, sem dúvida, é verdade, mas às vezes era difícil convencer os soldados a arriscarem, ou mesmo sacrificarem, suas vidas quando já sabiam que o desfecho da guerra estava sendo decidido em outro lugar.

A última fase da campanha italiana, na primavera de 1945, foi, de longe, a etapa mais bem conduzida, porque os Aliados, ainda que tardiamente, designaram bons generais. Lucian Truscott sucedeu Clark no V Exército americano em dezembro de 1944, e Richard McCreery assumiu o VIII Exército britânico no lugar de Oliver Leese. Ambos demonstraram criatividade ausente em seus antecessores, em especial para evitar ataques frontais. A investida através do vale do Pó, contra forças alemãs reconhecidamente muito desfalcadas, foi uma proeza militar, apesar de acontecer tarde demais para ter grande influência sobre o estágio final da guerra.

Contudo, alguns homens que lutavam na Itália tinham motivos especiais para questionar o valor da campanha. A Conferência de Yalta, no começo de fevereiro, deixou

claro que a Polônia teria um governo comunista depois da vitória e que o leste do país se tornaria solo russo. Em 13 de fevereiro, o comandante do corpo de exército polonês na Itália, general Władysław Anders, enviou uma carta para seu comandante em chefe britânico em que refletia sobre os sacrifícios feitos por seus homens desde 1942: "Deixamos ao longo de nosso caminho, que víamos como a rota de batalha para a Polônia, milhares de sepulturas de nossos camaradas. Os soldados do 2º Corpo polonês, portanto, veem essa última decisão da Conferência das Três Potências como a mais grave injustiça (...) Esses soldados agora me perguntam qual é o objetivo de sua luta. Hoje, não consigo responder."[43] Anders considerou seriamente retirar seu corpo de exército da linha aliada, mas foi dissuadido por McCreery. Os poloneses agarravam-se a fiapos de esperança de que sua contribuição na luta pela causa aliada poderia, ainda, possibilitar alguma modificação nos termos de Yalta, mas a realidade, é claro, era que cada um dentre os países vencedores arbitraria o futuro dos territórios que viesse a ocupar da forma que julgasse apropriada. Os soldados de Stalin já estavam na Polônia, país que motivou a declaração de guerra por parte da Grã-Bretanha e da França, enquanto os exércitos ocidentais ainda se achavam muito longe.

24
A queda do Terceiro Reich

1 BUDAPESTE: NO OLHO DO FURACÃO

No fim de outubro de 1944, Heinrich Himmler fez um discurso apocalíptico na Prússia Oriental, preparando o cenário para a defesa final do Reich: “Nossos inimigos precisam saber que cada quilômetro que tentarem avançar em nosso país custará rios de sangue. Pisarão num campo de minas humanas composto por combatentes fanáticos e inflexíveis; cada bloco de apartamentos nas cidades, cada aldeia, cada fazenda e cada floresta serão defendidos por homens, meninos e velhos e, se necessário, por mulheres e meninas.” Na linha de frente oriental, durante os meses que se seguiram, sua visão foi, em grande parte, materializada: 1,2 milhão de soldados alemães e cerca de 250 mil civis morreram na luta vã para deter a investida russa. O mesmo ocorreu entre povos cujos governos se aliaram ao Terceiro Reich de forma apressada em seus anos de domínio europeu ou àqueles que se apresentaram voluntariamente para servir à causa nazista. Um terço de todas as perdas alemãs no leste ocorreu nos últimos meses da guerra, quando tal sacrifício não tinha propósito algum senão satisfazer o compromisso de autoimolação assumido pelos líderes nazistas.

Entre aqueles que se achavam no caminho da avassaladora força soviética estavam os nove milhões de húngaros que viam um irônico humor negro ao lembrar que sua nação fora derrotada em todas as guerras de que participara em quinhentos anos. Agora, enfrentavam as consequências por aderir ao lado perdedor no conflito mais terrível. No começo de dezembro de 1944, os russos forçaram uma passagem pelo Danúbio sob fogo intenso, com sua costumeira indiferença em relação ao número de mortos e de feridos. Um hussardo húngaro que olhava os cadáveres amontoados na margem do rio virou-se para seu oficial e disse, espantado: “Senhor tenente, se tratam assim seus próprios homens, o que farão com os inimigos?”[1] Depois de um ataque soviético ao norte de Budapeste, os defensores tiraram uma lamentável figura presa em arame farpado. “O jovem soldado, com a cabeça raspada e as maçãs do rosto tipicamente mongóis, está deitado”,[2] escreveu um húngaro. “Só a boca se mexe. As pernas e os antebraços se foram. Os tocos estão cobertos por uma grossa camada de terra, misturada a sangue e folhas. Debruço-me sobre ele. ‘Budapeste... Budapeste...’, sussurra ele nos estertores da morte (...) Talvez visse uma cidade de ricos espólios e belas mulheres (...) Então, num gesto que surpreende a mim mesmo, tiro minha pistola, encosto-a na têmpora do moribundo e disparo.”

Os Avanços dos Aliados sobre a Alemanha no Outono de 1944
N
FINLÂNDIA
Lago Ladoga
Helsinque
Leningrado
Golfo da Finlândia
NORUEGA
SUÉCIA
Oslo
Estocolmo
Tallin
Estônia
Pskov
Letônia
Opochka
Göteborg
Mar do Norte
Mar Báltico
Riga
Liepaja
Vitebsk
Smolensk
Polotsk
DINAMARCA
Copenhague
Memel
Lituânia
Kaunas
Vilnius
UNIÃO SOVIÉTICA
Liverpool
Königsberg
PRÚSSIA ORIENTAL
Minsk
Kiel
Danzig
Rostock
GRÃ-BRETANHA
Hamburgo
Elba
Stettin
Gomel
HOLANDA
Bremen
POLÔNIA
Bialystok
Amsterdã
Londres
Southampton
Hanover
Berlim
Poznan
Varsóvia
Pinsk
Charcos de Pripet
Dover
Potsdam
Vístula
Brest-Litovsk
Calais
BÉLGICA
Düsseldorf
ALEMANHA
Lodz
Kiev
Cherburgo
Dieppe
Lille
Liège
Reno
Weimar
Leipzig
Dresden
Breslau
Lublin
Silésia
Dniepr
Brest
Sena
Frankfurt
Berdichev
Rheims
Praga
Lvov
Rennes
Paris
Nuremberg
Cracóvia
Le Mans
Troyes
TCHECOESLOVÁQUIA
Dniester
Danúbio
Nantes
Tours
Loire
Estrasburgo
Bratislava
Dijon
Viena
Jassy
Pruth
Kherson
FRANÇA
Odessa
SUÍÇA
ÁUSTRIA
Budapeste
HUNGRIA
Genebra
Bordeaux
Lyons
Galata
Trieste
ROMÊNIA
Mar Negro
Milão
ITÁLIA
IUGOSLÁVIA
Ródano
Belgrado
Constanta

Logo depois, a capital húngara tornou-se o foco de um dos mais brutais combates da guerra, pouco notado no Ocidente porque coincidiu, em primeiro lugar, com a ofensiva de Hitler nas Ardenas e, depois, com a extraordinária ofensiva russa ao norte. Durante os últimos dias de dezembro, debaixo de muita neve, a 2ª frente ucraniana do marechal Rodion Malinovsky fechou seu cerco à cidade. Um golpe patrocinado pelos nazistas frustrou uma tentativa do governo húngaro de render-se a Stalin. Então, o país caiu nas mãos de um regime fascista apoiado pela brutal milícia Cruz Flechada. O exército combateu ao lado dos alemães, embora uma constante corrente de deserções testemunhasse o pouco entusiasmo de seus soldados.

A população civil permaneceu curiosamente alheia à catástrofe: em Budapeste, teatros e cinemas ficaram abertos até o ano-novo. Durante uma apresentação de *Aída* na ópera, em 23 de dezembro, um ator vestido como um soldado apareceu na frente da cortina, transmitiu saudações da linha de combate à plateia parcialmente vazia e expressou prazer ao verificar que todos estavam mais calmos e esperançosos do que algumas semanas antes. Em seguida, nas palavras de um frequentador, "prometeu que Budapeste permaneceria húngara e que nossa maravilhosa capital nada tinha a temer".[3] Famílias decoraram árvores de natal com as lâminas de metal prateadas lançadas por bombardeiros britânicos e americanos para confundir os radares alemães. Muitos entre o milhão de habitantes da cidade, ignorando o desastre iminente, desprezaram oportunidades para fugir para o Ocidente. Alguns queriam saudar os russos como seus libertadores: ao ouvir tiros dos canhões de Malinovsky, o político liberal Imre Csescy escreveu: "Essa é a mais linda música de Natal. Estamos mesmo prestes a ser libertados? Deus nos ajude e ponha um fim ao governo desses gângsteres."[4]

Stalin ordenara a captura de Budapeste, e, a princípio, esperava alcançar esse objetivo sem travar uma batalha: mesmo quando já haviam quase completado o cerco à capital, os russos mantiveram aberta uma passagem no lado ocidental para a retirada da guarnição. O comandante da linha de frente alemã queria abandonar a cidade; Hitler insistiu em que ela fosse defendida até o último homem. Cerca de cinquenta mil soldados alemães e 45 mil húngaros mantiveram suas posições, sabendo, desde o início, que a situação era irremediável. Um grupo de artilharia era constituído por ucranianos em uniformes poloneses com a insígnia alemã. Uma divisão de cavalaria das SS foi descrita como "totalmente desmoralizada", e três regimentos húngaros de polícia das SS foram classificados como "extremamente indignos de confiança". O general Karl Pfeffer-Wildenbruch, comandando as forças alemãs, não deixou seu *bunker* por seis semanas e manifestava irrefreável desânimo. Um general húngaro sentia-se tão desgostoso com as incessantes deserções em suas fileiras que declarou, com arrogância e desdém, que "não arruinaria sua carreira militar"[5] e transferiu o comando, alegando doença.

Porém, como acontecia com frequência, uma vez iniciada a batalha os combatentes se engajavam numa luta pela sobrevivência que ganhava ímpeto próprio. Em 30 de dezembro, mil canhões russos abriram uma barragem sobre Budapeste que continuou por dez horas todos os dias, com incursões aéreas nos intervalos. Civis amontoavam-se em porões, que a muitos não protegeram contra incineração ou asfixia. Depois de três dias, tanques e infantaria russos iniciaram o avanço, espremendo o cada vez menor perímetro alemão na margem do Danúbio em Peste e avançando, metro a metro, em direção a Buda.

Um artilheiro húngaro, o capitão Sándor Hanák, esperava um ataque em 7 de janeiro atrás da cerca de madeira do hipódromo da cidade. “Os *russkis* (...) atravessavam a pista, cantando e com os braços dados (...) em aparente estado de embriaguez. Derrubando a cerca a pontapés, atiramos granadas de fragmentação e disparamos nossas metralhadoras contra a massa. Eles correram para as tribunas, onde houve um terrível banho de sangue quando os canhões de assalto alvejaram as filas de assentos, uma a uma. Os alemães informaram que oitocentos entre seus homens morreram.”[6] Quando, finalmente, a cabeça de ponte de Peste foi perdida e as pontes do Danúbio foram explodidas, a guarnição em Buda combateu rua a rua, casa a casa. Em alguns lugares, os russos empurravam à sua frente grupos de prisioneiros que gritavam, desesperados, “Somos húngaros!”, antes que fossem atingidos por tiros vindos de ambos os lados. Estranhamente, um bando de setenta russos desertou para o lado dos defensores, alegando sentir mais medo de bater em retirada — e enfrentar as metralhadoras do NKVD atrás de sua própria linha de frente — do que de se render.[7] Os aliados involuntários de Stalin sofreram muito: em 16 de janeiro, um corpo de exército romeno informou que, desde outubro, havia perdido 23 mil soldados, entre mortos, feridos e desaparecidos — mais de 60% de sua força combatente.

Os russos recrutaram infelizes civis para carregar munição até a frente, debaixo de fogo. Eles avançavam constantemente pelas ruas, mas eram detidos ou abatidos sempre que obrigados a atravessar espaços abertos, varridos por canhões alemães e húngaros. A provação dos defensores era pior, entretanto: o soldado Dénes Vass passou por cima de civis e de militares feridos estirados ao longo dos corredores do posto de comando de sua unidade. Uma mão se ergueu e puxou-lhe o casaco. “Era uma moça entre dezoito e vinte anos, com cabelos louros e um lindo rosto. Suplicou-me num sussurro: ‘Pegue sua pistola e me mate.’ Olhei melhor e percebi, horrorizado, que ela não tinha as duas pernas.”[8]

A fome roía cada homem, mulher e criança. Todos os 25 mil cavalos da guarnição foram comidos. Apenas quatorze entre 2.500 animais do zoológico sobreviveram — os outros foram mortos por fogo soviético ou abatidos para servir como alimento; durante semanas, um leão vagou pelos túneis ferroviários subterrâneos até ser capturado por uma força-tarefa soviética enviada para esse fim. Depois de uma conferência no quartel-general em 26 de janeiro, um oficial alemão escreveu: “Ao saírem da sala depois da reunião, vários comandantes falavam abertamente sobre a estúpida teimosia de Hitler. Mesmo alguns homens das SS começam a duvidar de sua liderança.”[9] O mais antigo general húngaro informou ao Ministério da Defesa, em 1º de fevereiro: “A situação dos suprimentos é intolerável. Cardápio individual para os próximos cinco dias: cinco gramas de banha de porco, uma fatia de pão e carne de cavalo (...) A infestação das tropas por piolhos aumenta constantemente, em particular entre os feridos. Já há seis casos de tifo.”[10] A Luftwaffe lançava magros suprimentos em paraquedas, mas muitos caíam nas linhas russas. Civis famintos eram fuzilados no ato ao saquearem fardos lançados nos paraquedas à procura de alimento. Na maternidade de um hospital, enfermeiras agarravam contra o peito bebês órfãos para oferecer-lhes pelo menos calor humano enquanto as crianças famintas vagavam rumo à morte.

Durante o cerco, a perseguição e o assassinato dos judeus de Budapeste prosseguiram. Na manhã de 24 de dezembro, a milícia Cruz Flechada dirigiu-se a um abrigo de crianças judias na rua Munkácsy Mihály, em Buda, e levou os internos e os funcionários para o pátio do alojamento Radetsky, onde foram enfileirados diante de uma metralhadora. Esse grupo foi salvo por um súbito avanço russo, que obrigou os carrascos em potencial a fugirem, mas seus pais já haviam sido deportados e mortos. Muitos outros judeus foram levados para fuzilamento no dique do Danúbio, onde alguns escaparam pulando entre os blocos de gelo das águas do rio.

Um oficial do exército húngaro repreendeu um adolescente da Cruz Flechada que espancava uma velha numa coluna conduzida para seu lugar de execução: "Você não tem mãe, meu filho? Como pode fazer isso?"[11] O menino respondeu, com descuido: "Ela é só uma judia, tio..." Calcula-se que 105.453 judeus morreram ou desapareceram em Budapeste entre meados de outubro de 1944 e a queda da cidade. As condições tornaram-se pavorosas para os sobreviventes. Uma testemunha descreveu uma cena no gueto:

> Na estreita rua Kazinczy, homens debilitados, com a cabeça abaixada, empurravam um carrinho de mão. Na barulhenta geringonça sacolejavam corpos humanos nus, amarelos como cera, e um braço esticado, com manchas negras, balançava e batia nos raios da roda. Eles pararam em frente aos banhos de Kazinczy (...) atrás da fachada deteriorada pelas intempéries, corpos eram amontoados, congelados e duros como pedaços de madeira (...) Atravessei a praça Klauzál. No meio dela, pessoas agachavam-se ou ajoelhavam-se em volta de um cavalo morto, arrancando pedaços de carne com facas. Os intestinos amarelos e azulados, gelatinosos e friamente lustrosos, irrompiam do corpo aberto e mutilado.[12]

O diplomata sueco Raoul Wallenberg, que se encontrava entre os presos em Budapeste, lutava para impedir o massacre de judeus, advertindo os comandantes alemães de que seriam responsabilizados. Contudo, a matança continuou, inclusive, às vezes, por policiais húngaros enviados para proteger os judeus. Wallenberg foi, ao fim, assassinado pelos russos.

No começo de fevereiro, enquanto as baixas alemãs aumentavam e os suprimentos diminuíam, a maior parte de Budapeste foi reduzida a entulho. Incêndios ardiam em mil pontos, com palácios, casas, edifícios públicos e blocos de apartamentos sucumbindo aos poucos. Explosões e tiros de canhões persistiam o dia todo. Aviões soviéticos metralhavam e bombardeavam em voos rasantes, levando homens feridos a gritarem em desespero, estirados no chão, incapazes de se movimentar sob os ataques. O grotesco tornou-se lugar-comum, como o canhão anticarro camuflado por tapetes persas tirados da seção de adereços da ópera. Cavalos aterrorizados, mulheres e crianças aos soluços e soldados desesperados corriam e amontoavam-se em busca de segurança.

O controle da cidade era contestado numa dezena de partes simultaneamente. Edifícios mudavam de mãos várias vezes entre ataques e contra-ataques. Aos soldados húngaros que desertavam em números cada vez maiores para o lado russo era oferecida

uma escolha repentina: ingressar no Exército Vermelho para lutar contra os antigos camaradas ou enfrentar o transporte para a Sibéria. Aqueles que preferiam a primeira opção recebiam fitas vermelhas de identificação para boinas, feitas com seda de paraquedas, e eram imediatamente jogados no campo de batalha. Os russos tratavam tais renegados com surpreendente camaradagem: o comandante de um corpo de fuzileiros, por exemplo, convidou oficiais húngaros para jantar. Depois da guerra, descobriu-se que a taxa de mortalidade entre aqueles que preferiram o cativeiro e aqueles que ingressaram no Exército Vermelho fora similar. Num caos de lealdades, grupos húngaros comunistas da resistência procuravam ajudar os soviéticos e especialmente matar líderes e milicianos da Cruz Flechada. No final de janeiro, dezenas de dissidentes presos foram fuzilados por compatriotas no terraço do Palácio Real, muitos após torturas.

Em 11 de fevereiro de 1945, a resistência em Buda desmoronou. O comandante da artilharia antiaérea húngara desarmou alemães em seu quartel-general no Hotel Gellert, hasteou uma bandeira branca e mandou seus soldados atirarem naqueles que o desafiassem e tentassem prolongar a resistência. Naquela noite, os restos da guarnição e seus oficiais tentaram fugir, alguns em pequenos grupos, outros em multidões. A maioria foi massacrada por fogo soviético e amontoada ao ar livre. O comandante de uma divisão de cavalaria das SS e três oficiais seus optaram pelo suicídio quando se tornou claro que não conseguiriam escapar. Outros 26 homens das SS se mataram no jardim de uma casa na rua Diósárok. O comandante de uma Divisão Panzer foi metralhado pelos soviéticos. O velho coronel János Vértessy, um húngaro, tropeçou e caiu no chão enquanto corria por uma rua, quebrando o último dente que lhe restava. “Não é meu dia”, disse ele, com pesar, lembrando que exatos trinta anos antes fora derrubado e capturado quando lutava como piloto na Primeira Guerra Mundial. Pouco depois, foi detido e sumariamente executado pelo Exército Vermelho.

Dois mil homens feridos jaziam nos porões do Palácio Real. Nas palavras de uma testemunha, “pus, sangue, gangrena, excremento, suor, urina, fumaça de tabaco e pólvora misturam-se num fedor intenso”.[13] Pânico e brigas entre facções dominavam a guarnição condenada. Dois soldados invadiram uma sala onde cirurgiões haviam aberto o estômago de um homem ferido e puseram-se a berrar um com o outro por cima da mesa de operação. Pouco depois, um incêndio engoliu o edifício, matando quase todos os feridos. No quartel do general Pfeffer-Wildenbruch, um jovem sargento vestiu a farda abandonada de seu comandante e foi imediatamente fuzilado por um soldado enlouquecido. Homens perambulavam pelos edifícios públicos entre pinturas retalhadas, porcelana quebrada, móveis destruídos e objetos pessoais abandonados. Incêndios ardiam em toda parte, sem ser controlados.

Alguns defensores tentaram escapar pela rede de esgotos, à luz de velas, vadeando por uma imundície que, por vezes, chegava à altura da cintura, enquanto ecoava o barulho da luta desesperada nas ruas. Depararam-se com o corpo de uma bela mulher, trajando um casaco de pele e meias de seda, ainda agarrada à bolsa, e especularam sobre sua identidade. Depois de avançar centenas de metros, o nível da água subiu demais e impediu a passagem. Muitos, incluindo Pfeffer-Wildenbruch, foram obrigados a galgar bueiros até a rua, onde foram capturados pelos soviéticos. Estima-se que dezesseis mil pessoas, entre soldados e civis, escaparam para os morros que circundavam a cidade, onde vagaram ou se esconderam. Alguns capturaram uma carroça de pão soviética, provocando uma troca

de tiros entre si pelo produto da captura. Outros, que andavam com dificuldade para o oeste, viram-se emergindo da floresta para as terras abertas da bacia do Zsámbék. Ali, francoatiradores e soldados soviéticos armados com metralhadoras fuzilaram-nos às centenas, deixando-os expostos contra a neve. Multidões de homens desesperados também foram mortos na cidade. Um oficial soviético escreveu: "Os hitleristas continuaram seu avanço em direção à saída da cidade apesar da enorme quantidade de baixas, mas depararam-se com nossos lançadores múltiplos de foguetes, que disparavam salvas a curta distância. Foi uma cena terrível."[14] Apenas setecentos dos 43.900 homens na guarnição de Budapeste em 11 de fevereiro alcançaram a linha de frente alemã a oeste; entre os demais, dezessete mil foram mortos e mais de 22 mil foram feitos prisioneiros.

Um silêncio mortal caiu sobre Budapeste. László Deseö, de quinze anos, voltou ao apartamento de sua família depois que os primeiros russos o invadiram como uma tempestade. "Eu quis chorar ao passar pelos cômodos. Há oito cavalos mortos aqui. As paredes estão vermelhas de sangue até a altura de um homem, tudo está cheio de sujeira e de dejetos. Todas as portas, armários, móveis e janelas estão quebrados. O reboco soltou-se. Esbarra-se em cavalos mortos. São macios e elásticos. Se pularmos em cima deles, pequenas bolhas, que chiam e sangram, formam-se perto dos ferimentos de bala."

Sobreviventes começaram a sair dos escombros, rastejando cautelosamente. Confundiam-se com a conduta imprevisível dos vitoriosos: às vezes, ao entrar num apartamento, os russos matavam famílias inteiras; outras vezes, ao contrário, distraíam-se com brinquedos e partiam em paz. Um escritor húngaro falou a respeito dos conquistadores: "Eram simples e cruéis como crianças. Com milhões de pessoas destruídas por Lênin, Trotsky e Stalin ou pela guerra, a morte, para eles, tornara-se rotineira. Matavam sem ódio e deixavam-se matar sem resistência."[15] Houve muitas execuções — especialmente russos flagrados em uniforme alemão. Alguns carteiros e motorneiros foram mortos porque os russos confundiram suas túnicas com as roupas dos milicianos da Cruz Flechada. Saques sistemáticos de depósitos bancários e de coleções de arte eram realizados sob os auspícios do NKVD, inclusive, notavelmente, os acervos dos grandes colecionadores de arte judeus; o butim era despachado para Moscou. Uma grande proporção das mulheres sobreviventes em Budapeste, de todas as idades entre dez e noventa anos, e incluindo grávidas, foi estuprada por soldados do Exército Vermelho. A provação das vítimas foi agravada por muitos entre os perpetradores serem homens doentes e por não haver remédios em toda a Hungria. O bispo Joseph Grosz escreveu, em tom de desespero: "Talvez as coisas fossem assim em Jerusalém quando o profeta Jeremias expressou suas lamentações."

Comunistas húngaros pediram ao comando soviético que contivesse seus soldados. "Não adianta louvar o Exército Vermelho em pôsteres, no partido, nas fábricas e em toda parte", declarava um desses veementes apelos no fim de fevereiro, "se os homens que sobreviveram à tirania são agora tocados em rebanhos pelas estradas, como gado, por soldados russos, constantemente deixando atrás de si uma esteira de cadáveres. Camaradas enviados ao campo para promover a distribuição de terra não sabem responder aos camponeses que perguntam de que lhes serve a terra se seus cavalos foram levados pelos russos. Não podem arar com o nariz." Tais representações eram inúteis. Stalin decretou que a pilhagem e o estupro eram as recompensas legítimas pelos

sacrifícios de seus soldados. Polonesas, iugoslavas, tchecas e húngaras sofreram o destino que em pouco tempo recairia sobre as alemãs.

Em Budapeste, mesmo antes do colapso final da defesa, o primeiro cinema da cidade reabriu, projetando o filme de propaganda soviética *A batalha de Orel*. Iniciaram-se quase imediatamente obras para erguer estátuas de heróis de guerra soviéticos em espaços públicos. Após suportar sofrimentos extremos, os húngaros desejavam rir novamente, e os cabarés não demoraram a ganhar muito dinheiro entre os escombros. O comediante Kálmán Latabár subiu ao palco para receber uma ovação que se transformou em delírio quando arregaçou as mangas e as pernas das calças para mostrar fileiras de relógios, zombando dos "libertadores" soviéticos da Hungria. Poucos meses depois, teria sido fuzilado por muito menos.

A captura de Budapeste custou aos russos cerca de oitenta mil mortos e 250 mil feridos. Trinta e oito mil civis morreram no cerco; dezenas de milhares foram deportados à União Soviética para realizar trabalhos forçados, muitos dos quais jamais voltaram. As forças alemãs e húngaras perderam cerca de quarenta mil homens, enquanto 63 mil foram aprisionados. Essa batalha feroz e inútil teria sido épica se fosse travada na linha de frente anglo-americana. Dessa forma, porém, somente os húngaros conheceram seus horrores, na ocasião ou depois. Em três meses, foi eclipsada por um drama parecido, em escala muito maior, na própria capital de Hitler.

2 EISENHOWER AVANÇA PARA O ELBA

Nos primeiros meses de 1945, a maioria dos alemães recebeu as forças americanas e britânicas em seu país como uma intrusão não merecida; se muitos compreendiam que Hitler os levara ao desastre, ainda assim tinham dificuldade em aceitar as implicações em sua vida doméstica. Soldados do 273º Grupo de Artilharia de Campanha dos Estados Unidos ocuparam uma casa habitada, nas palavras de um deles, por "uma mulher pequena, com jeito de passarinho, vestida de preto, que saiu cambaleando por uma porta lateral. Quando nos viu pegando sua lenha, começou a gritar em alemão. Enquanto levávamos braçadas de lenha, ela irrompeu em lágrimas e gritou incontrolavelmente, sufocando em frases cortadas".[1] Os americanos discutiram antes de abandonarem os próprios escrúpulos. "Porra", disse Frenchie, "ela é tão alemã quanto o resto dos *krauts*." Um interiorano da unidade de Charles Felix teve reação parecida quando uma volúvel alemã se queixou amargamente de que os intrusos americanos estavam arranhando os móveis de sua casa: "Cansei desses malditos *krauts*!",[2] berrou o soldado. "Estamos lutando por causa deles e ela tem a coragem de reclamar por causa dos móveis! Aqui, minha senhora, vou lhe mostrar o que é um estrago!" Pegou uma cadeira e jogou-a contra a parede. Apenas uma minoria dentre os soldados dos Aliados preservou alguma inibição diante dos civis: um soldado do pelotão de engenharia de Aaron Larkin desfez-se em lágrimas quando recebeu ordem de despejar uma família alemã para que sua unidade ocupasse a casa;[3] o soldado Harold Lindstrom sentiu uma instintiva pontada de culpa quando se deitou na cama de plumas de uma mulher usando todo o equipamento de infantaria e os coturnos.[4]

O procurador-geral da Justiça do Exército dos Estados Unidos registrou um aumento brusco dos incidentes de estupro quando os soldados dos Aliados entraram em território alemão: "Éramos membros de um exército conquistador e viemos como conquistadores",[5] declarou em seu relato pós-guerra. "Somente em casos muito excepcionais as vítimas alemãs resistiram vigorosamente aos seus atacantes armados (...) As vítimas alemãs, ao que parecia, estavam completamente intimidadas (...) Seu medo mortal não era inteiramente infundado, como demonstrado por numerosos casos em que os alemães que tentaram impedir que os soldados realizassem seu intento de praticar estupros foram impiedosamente assassinados." Um repórter do jornal *Stars & Stripes* que, em março de 1945, descreveu a alta incidência de estupros na Renânia viu seu trabalho ser suprimido pelo censor como outro "relato negativo" sobre a conduta dos Aliados na Alemanha.

Houve também, obviamente, cópulas semivoluntárias em toda parte, o que fez os índices de doença venérea dispararem, conforme alemãs desesperadas vendiam o único artigo comerciável de que dispunham, muitas vezes para alimentar suas famílias. Muitos soldados dos Aliados espantavam-se com a desfaçatez da conduta alemã; mesmo os indivíduos mais instruídos do povo de Hitler foram brutalizados pelos privilégios da opressão. Soldados do Regimento de Guardas Escoceses, bem recebidos pelos aristocratas proprietários de um castelo no norte da Alemanha, horrorizaram-se ao descobrir que no parque vizinho havia um pequeno campo de concentração com duzentos famélicos trabalhadores escravizados. Quando um oficial britânico protestou, o anfitrião respondeu, perplexo: "Major, o senhor não entende. Essas pessoas são animais: só podem ser tratadas como animais."

As últimas batalhas dos exércitos anglo-americanos foram incomparavelmente menos sangrentas do que aquelas no leste, porque assim convinha a ambos os lados. O tenente britânico Peter White gritou para que um fugitivo alemão parasse: "Mirei no centro de suas costas, tendo uma forte sensação de repugnância por precisar atirar num homem em fuga (...) quando alguma coisa pareceu ter-lhe dito que era inútil. Para grande alívio meu, ele virou-se, arremessando seu fuzil na neve e levantando as mãos num gesto rápido e dramático. Ele bradou uma torrente de palavras em mau inglês e numa voz assustada (...) 'Não atire, por favor, senhor! (...) Hitler não bom (...) não atire (...) *Kamerad*, por favor!' Ao mesmo tempo, levou de súbito a mão à roupa, o que quase me fez atirar, pois esperei que ele puxasse uma pistola ou uma granada. Em vez disso (...) balançou, diante de meu rosto, um relógio de bolso de ouro preso por uma corrente, como uma oferta de paz."[6]

Os Aliados avançaram pela Alemanha com os mesmos passos comedidos com que conduziram sua campanha desde outubro de 1944. Procuravam completar a destruição do nazismo a um custo humano aceitável, rumando para as linhas de ocupação combinadas com os russos, e somente temporariamente e em poucos locais, além dessas posições. Os alemães continuavam a resistir, mas poucos demonstravam o fanatismo que caracterizou a batalha do leste até o fim. O mais difícil, para os vencidos, era identificar uma oportunidade para desistir sem ser atingido por um lado ou por outro. O enfermeiro americano Leo Litwak descreveu sua experiência ao atender um alemão mais velho baleado enquanto tentava chegar, desarmado, às linhas americanas, supostamente para se entregar:

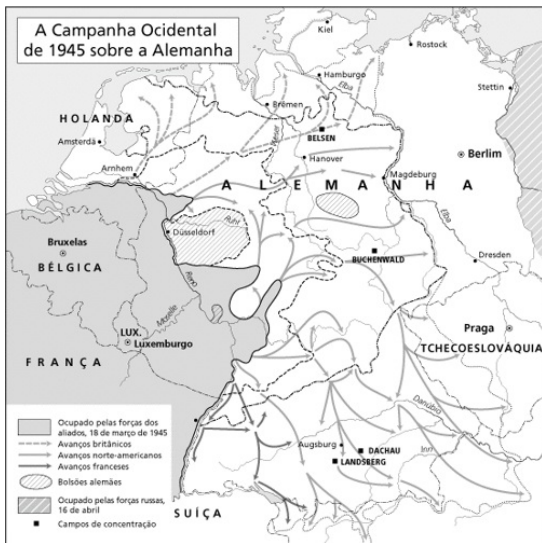
> Ele usava um uniforme e um quepe de lã cinza; tinha os olhos enormes, o rosto descarnado, com a barba por fazer, e a boca distorcida como se gritasse, mas o som que produzia era abafado: *Ohhhhh, Ohhhhh*. Viu as cruzes vermelhas em meus braços e no capacete, estendeu a mão para mim e gritou: "*Vater!*" "Pai." Uma ponta de osso femoral atravessava-lhe a calça. Rasguei-lhe as calças e descobri o ferimento no meio da coxa. Ele havia defecado, expelindo toletes pequenos, duros, acinzentados — que se pode ver no rastro de um animal. As fezes haviam descido até perto da fratura. O cheiro era forte e sufocante. Coloquei pó de sulfa no osso exposto, cobri-o com uma compressa e prendi um torniquete frouxo no alto da coxa. Ele empalidecia rapidamente, entrando em estado de choque. Disse: "*Vater, ich sterbe*." "Pai, estou morrendo." Apliquei-lhe morfina na coxa. Ele não serenou e dei-lhe outra dose. Vi-o mergulhar em estado de choque — lábios azulados, suor frio, pele cinzenta, pupilas distendidas, pulso fraco e irregular (...) Desejei que ele morresse para que ambos nos livrássemos de sua dor.[7]

A maior parte da Wehrmacht e das Waffen SS enfrentou os exércitos de Zhukov, Konev e Rokossovsky; os russos posicionaram 6,7 milhões de homens numa linha de frente que se estendia do Báltico ao Adriático. O embate final entre as forças dos dois tiranos rivais, Stalin e Hitler, foi um dos mais terríveis encontros militares da guerra, enquanto os exércitos de Eisenhower ocupavam os bastidores. Foi inteiramente irracional, porque não havia dúvida sobre o resultado, mas os nazistas foram bem-sucedidos em convencer um quórum de seus combatentes a fazer um último esforço sacrifical. Com relação àqueles que se acovardaram, o professor Henner Pflug, da Prússia Oriental, disse que se cansou de ver homens enforcados em árvores, com cartazes pendurados ao pescoço proclamando "Sou um desertor"[8] ou "Não defendi a pátria", e não se espantava mais.

Até mesmo os guerrilheiros da Iugoslávia de Tito impressionaram-se, ainda que com relutância, com a maneira como a Wehrmacht conduziu sua retirada em condições tão desvantajosas. Milovan Djilas escreveu: "O exército alemão deixou um rastro de heroísmo, embora a dominação do nazismo tenha sufocado, na mente de todo o mundo, qualquer pensamento nesse sentido (...) Famintos e seminus, eles desobstruíam deslizamentos de terra, escalavam picos rochosos, abriam atalhos. Aviões dos Aliados aproveitavam para praticar tiro ao alvo. O combustível acabou (...) [Eles] matavam seus próprios soldados com ferimentos mais graves (...) No fim, conseguiram escapar, deixando uma lembrança de sua virilidade marcial. Ao que tudo indica, o exército alemão poderia travar uma guerra (...) sem massacres e sem câmaras de gás."[9]

Gerda, noiva do paraquedista Martin Poppel, estava entre os muitos alemães que apenas tardiamente se distanciaram do regime nazista, por causa dos horrores que atraíra para sua sociedade. Em janeiro de 1945, ela escreveu a Poppel, que servia na Holanda: "Estamos completamente desgastados depois dessa terrível chuva de bombas. Ouvir o rugir desses troços o tempo inteiro, esperando a morte a qualquer momento num porão

escuro, sem poder enxergar — ah, é mesmo uma vida maravilhosa. Se ao menos isso tivesse fim; eles esperam demais das pessoas. Você ainda se lembra do lago? Acho que foi onde você me deu nosso primeiro beijo! Tudo desapareceu — os adoráveis cafés Brand e Bohning; a prefeitura foi completamente incinerada. É impossível começar a descrever, mas você pode imaginar. Você viu Munique. Tudo será destruído? Parece não haver outra saída à vista. Por que permitem que nossos soldados morram inutilmente, por que permitem que o resto da Alemanha seja arruinado, por que tanto sofrimento, por quê?"[10] Depois, ela acrescentou: "Se você continuasse leal a essas pessoas depois da guerra — sabe o que quero dizer —, isso, de forma inevitável, nos separaria. O que fizeram com nossa bela e magnífica Alemanha? É o suficiente para fazê-lo chorar. E não se deve sequer pensar em como seremos escravizados pelos outros."

Histórias que apresentam os "exércitos" e as "divisões" de Hitler, em 1945, como sérias formações de combate zombam da realidade: todas as unidades estavam reduzidas a fragmentos de sua força apropriada em homens, tanques, artilharia e transporte. Entre junho de 1944 e março de 1945, a Wehrmacht perdeu 3,5 milhões de fuzis, e, em suas últimas campanhas, faltavam até armas portáteis. As condições físicas de muitos soldados eram lamentáveis: um relatório médico de uma bateria de artilharia paraquedista divulgado em 10 de janeiro observou que de seus 79 homens apenas dois não sofriam com pragas de piolhos e dezoito com eczemas causados pela pobreza da dieta. Esforços para manter a disciplina provocavam escárnio; para os soldados do 1º Batalhão do 1120º Regimento de Volksgrenadiers provavelmente pareceu fantástico que, em janeiro, quando o Reich desmoronava, seu oficial-comandante major Beiss baixasse uma ordem do dia lamentando o desalinho pessoal: "Fuzis serão carregados no ombro direito, cano para cima. Se eu vir mais um 'atleta de fim de semana' andando por aí com o fuzil apontado para baixo, ele será punido com sete dias de prisão em isolamento. A sujeira recente engrandece o soldado, mas a sujeira antiga demonstra preguiça. Se eu vir de novo algum homem com uma 'juba de leão' ou qualquer penteado criativo, eu mesmo cortarei seu cabelo."[11]

É lugar-comum nos exércitos, em especial diante de adversidades, que soldados jamais tenham tempo ocioso para meditar. Nos primeiros dias de 1945, quando a guerra ia realmente muito mal para a Alemanha, o comandante de companhia Panzer tenente Tony Saurma tentou preencher o tempo livre de seus homens com palestras: numa delas, discorreu durante uma hora sobre os Estados Unidos, sua região produtora de milho, suas áreas industriais e suas grandes cidades.[12] Ele sabia, assim como os ouvintes, que o país ocuparia lugar importante em suas vidas, se tivessem sorte suficiente para sobreviver. O notável não era que centenas de milhares de alemães tivessem abandonado a guerra nos últimos meses, mas que outros continuassem a resistir — alguns até declarando que aquela difícil situação era aceitável. Um comandante de pelotão Panzer, que servia na Hungria, escreveu sobre um período de calmaria atrás do campo de batalha em meados de fevereiro: "As rações eram excelentes. Aprendemos com a população civil os diversos usos da páprica. As pessoas eram muito amistosas. À tarde, íamos de carro para ver filmes em Nové Zámky."[13]

A reunião dos chefes do estado-maior combinado dos Aliados Ocidentais, em 1º de fevereiro, realizada em Malta antes da Conferência de Yalta, endossou o plano de Eisenhower para confiar seu principal esforço, nessa última fase da campanha, ao 21º Grupo de Exércitos, de Montgomery, no norte da Alemanha, reforçado pelo IX Exército, de Simpson. As forças de bombardeiros pesados foram direcionadas para atacar a infraestrutura de transporte da Alemanha, inclusive centros ferroviários como Dresden* e Leipzig no trajeto do avanço russo. Porém, o avanço terrestre mostrou-se lento: o próximo grande ataque de Montgomery, a operação Veritable, encontrou dificuldades na floresta de Reichwald; as formações de Simpson foram contidas até 23 de fevereiro pela inundação, provocada pelos alemães, de grandes áreas da linha de frente. Somente após penosos combates as forças de Montgomery aproximaram-se do Reno entre a fronteira holandesa e Koblenz, em 10 de março.

Nas desesperadoras circunstâncias da Alemanha, Hitler adotou uma panaceia familiar: trocar generais. Kesselring, que conduzira a brilhante defesa da Itália, substituiu Von Rundstedt como comandante no oeste, mas não demonstrou mais capacidade do que seu antecessor para sustentar uma campanha coerente com suas 55 divisões debilitadas enfrentando as 85 formações completas de Eisenhower apoiadas por esmagador poderio aérea. O I Exército, de Hodges, garantiu a captura da intacta ponte ferroviária de Ludendorff sobre o rio, em Remagen, no dia 7 de março, e começou imediatamente a estabelecer um perímetro na margem oriental; Patton conquistou sua própria cabeça de ponte em Oppenheim, mais ao sul, em 22 de março. Os últimos alemães na margem ocidental do Reno foram exterminados três dias depois. No dia 24, as tropas de Montgomery realizaram sua imensa e planejada travessia do Reno em Wesel, prejudicada apenas por pesadas baixas entre unidades aeroterrestres que saltaram de paraquedas na margem oposta bem distante: os defensores mostraram-se muito bem equipados, ao menos com artilharia antiaérea.

No fim do mês, os elementos avançados de Bradley estabeleceram ligação com as forças de Simpson em Lippstadt para cercar o Grupo B de Exércitos, de Model, no chamado bolsão do Ruhr; Model matou-se com um tiro em 17 de abril, e 317 mil soldados seus tornaram-se prisioneiros dos Aliados. Os americanos, mais do que os britânicos, tinham agora as melhores oportunidades para realizar um rápido avanço final. Para a fúria de Montgomery, suas formações foram relegadas à tarefa secundária de desobstruir o norte de Alemanha até Hamburgo e Lübeck. Considerava-se urgente empurrar forças através da base da península dinamarquesa para protegê-la de qualquer ameaça de ocupação soviética. Eisenhower desistiu formalmente de Berlim como objetivo e comunicou sua decisão a Stalin. Então, desviou dois exércitos para o sul, em direção à fronteira austríaca, para impedir qualquer tentativa nazista de criar um “Reduto Nacional” de onde manter a guerra depois que as forças russas e anglo-americanas se encontrassem no norte da Alemanha. O “Reduto Nacional” era um produto da imaginação da equipe de inteligência de Eisenhower; essa divisão de forças enfraqueceu, de maneira decisiva, sua grande investida central e permitiu que os russos ocupassem a Tchecoslováquia.

É difícil, porém, defender, com alguma plausibilidade, a tese de que qualquer dessas decisões mudou o mapa político europeu no pós-guerra, como afirmaram os detratores do comandante supremo. As zonas de ocupação dos Aliados foram acordadas meses antes e confirmadas em Yalta, em fevereiro. Os russos chegaram primeiro à Europa

Oriental. Para frustrar seus propósitos imperialistas, poupando a Europa Central de uma tirania soviética em sucessão à tirania nazista, teria sido necessário que os Aliados travassem uma guerra muito diferente, e mais cruel, a um custo muito mais alto em baixas. Eles precisariam considerar a possibilidade, até a probabilidade, de derrotar o Exército Vermelho e a Wehrmacht. Essa trajetória era política e militarmente impensável, quaisquer que fossem as breves ilusões de Churchill de que a liberdade da Europa Oriental pudesse ser recuperada à força.

A determinação obsessiva de Stalin de que a União Soviética capturasse Berlim combinava com a visão de seu povo: os soviéticos viam esse triunfo simbólico como o único desfecho adequado à sua luta, a realização de tudo a que aspiravam desde 1941. Militarmente, talvez fosse viável para as forças de Eisenhower chegar antes à capital de Hitler, mas esse avanço teria precipitado uma desavença entre os Aliados. Os russos se indignariam com qualquer tentativa para privá-los de sua recompensa.

A conduta soviética durante março e abril foi determinada pela paranoia sobre as intenções ocidentais. Stalin mentiu repetidas vezes para Washington e Londres, declarando sua indiferença a Berlim como objetivo; não lhe passava pela cabeça que os americanos e os britânicos pudessem desprezar uma oportunidade de chegar antes à capital alemã. O cerco soviético a Berlim envolvia, em parte, o requisito de tomá-la de Hitler, mas também de impedir que parasse nas mãos de Roosevelt e de Churchill. Havia outra consideração: os russos estavam desesperados para assegurar os cientistas nucleares e obter o material de pesquisa dos nazistas. Sabendo, graças aos seus agentes no Ocidente, que os americanos estavam prestes a aperfeiçoar uma bomba atômica, Stalin desejava tudo o que pudesse ajudar a lançar o projeto soviético rival: o Instituto de Física Cáiser Guilherme, em Dahlem, foi identificado como objetivo vital para o Exército Vermelho.

No estágio final da guerra no Ocidente, os exércitos anglo-americanos avançaram em face de oposição esporádica e pouco coordenada. Como sempre, a infantaria arcou com a maior parte da dor em desobstruir bolsões de resistência. Servir numa guarnição de tanque nunca foi uma sinecura, mas, nas últimas seis semanas da campanha no noroeste da Europa, o Batalhão de Carros de Combate do Regimento de Guardas Escoceses, por exemplo, perdeu apenas um oficial e sete outros homens, junto com um punhado de feridos. Ao mesmo tempo, morreram nove oficiais e 76 outros militares da infantaria do 2º Regimento de Guardas Escoceses, junto com dezessete oficiais e 248 soldados feridos. Algumas unidades aliadas encontraram grupos fanáticos defendendo teimosamente passagens sobre rios e entroncamentos importantes. Um a um, foram derrotados até os vitoriosos se aproximarem do Elba. Em 12 de abril, o I Exército recebeu ordens para parar perto de Dresden e esperar pelos soviéticos. Patrulhas russas e americanas encontraram-se na pequena cidade saxã de Strehla, à margem do Elba, na manhã de 24 de abril, seguindo-se, horas mais tarde, o celebrado encontro rio acima, em Torgau, em meio ao exuberante entusiasmo anglo-americano e à desconfiada e afetada formalidade russa. Os britânicos alcançaram o porto báltico de Lübeck em 2 de maio, apaziguando os temores dos Aliados de que os soviéticos tentassem ocupar a Dinamarca. Felizmente para o povo dinamarquês, a atenção russa estava quase toda voltada para outro lugar: Berlim, a capital e o último bastião do nazismo.

3 BERLIM: A ÚLTIMA BATALHA

Stalin assumiu responsabilidade pelas grandes operações finais da guerra, principalmente para negar glória pessoal a Zhukov, relegado ao comando da 1º frente bielorrussa. Em 12 de janeiro, os soviéticos lançaram uma ofensiva geral a partir de suas cabeças de ponte no Vístula. Superando numericamente os defensores à base de dez para um, seus tanques e infantaria marcharam para oeste, esmagando tudo em seu trajeto. Num boletim de notícias quase histérico transmitido no dia 20, a rádio Berlim descreveu a ofensiva soviética como "uma invasão extraordinária, comparável, em escala e em significado, apenas às hordas mongóis, aos hunos e aos tártaros".

O comentarista Hans Fritsche afirmou que o objetivo do inimigo era a "destruição total" e que a derrota "significaria o fim da civilização" e alegou que os alemães tinham agora a vantagem das curtas linhas de comunicação e de "uma apaixonada determinação em defender a pátria". A Alemanha, acrescentou, tornara-se "o baluarte da Europa contra as hordas bárbaras que descem das estepes do leste". E demonstrou consternação com o fracasso britânico em aliar-se ao povo alemão contra os bolcheviques; sem descartar a ameaça de derrota, como ocorrera com tanta frequência no passado, os nazistas conclamaram seu povo a uma resistência desesperada numa situação reconhecidamente desesperadora. "Os líderes alemães enfrentam agora a crise mais séria da guerra", declarou a rádio Berlim em 22 de janeiro. "Recuos e retiradas já não são possíveis porque nossos exércitos disputam territórios de importância vital para a indústria bélica alemã (...) Exige-se o máximo esforço de cada um. O povo alemão está respondendo de modo voluntário a esse chamado, porque sabe que nossa liderança sempre foi capaz de reparar situações por maiores que fossem as dificuldades."

Se o povo de Hitler foi tomado pelo desespero, os russos estavam exultantes: o correspondente de guerra Vasily Grossman, que vira tantas batalhas desde 1941, exprimiu uma sensação de "feroz alegria" quando testemunhou a travessia do Vístula. Pouco depois, escreveu: "Eu queria gritar, dirigir-me a todos os nossos irmãos, nossos soldados, que jazem nas terras russa, ucraniana, bielorrussa e polonesa, que dormem para sempre em nossos campos de batalha: 'Camaradas, podem nos ouvir? Nós conseguimos.'"[1] As baixas da ofensiva do Vístula foram assombrosas, mesmo para os padrões da Frente Oriental: os russos massacraram todas as formações em seu caminho. Somente em janeiro, morreram 450 mil alemães; em cada um dos três meses seguintes, foram mais de 280 mil, inclusive as vítimas dos bombardeios anglo-americanos a Dresden, Leipzig e outras cidades do leste. Durante os últimos quatro meses da guerra, morreram mais alemães do que ao longo de 1942 e 1943. Esses números enfatizam o preço pago pelo povo por consequência do fracasso dos líderes de seu exército em depor os nazistas e terminar a guerra antes de seu terrível ato final.

No começo de fevereiro, o comandante em chefe do Grupo de Exércitos do Vístula escreveu: "Na Wehrmacht, encontramo-nos numa crise de liderança da mais grave magnitude. O corpo de oficiais já não tem controle sobre as tropas. Entre os soldados verificam-se as mais sérias manifestações de desintegração. Exemplos de soldados tirando o uniforme e recorrendo a todos os meios possíveis para obter trajes civis a fim de escapar não são casos isolados." Novas humilhações foram infligidas aos generais alemães: Guderian foi interrogado pelos chefes de segurança Ernst Kaltenbrunner e Heinrich Müller sobre seu papel na evacuação de Varsóvia contra ordens de Hitler.

O principal impedimento ao avanço soviético era o clima. Um súbito degelo restringiu a pouco mais do que um rastejo o movimento de blindados pela neve derretida e pela lama. Até 3 de fevereiro, os exércitos de Zhukov e de Konev mantinham uma linha ao longo do Oder desde Kustrin, 55 quilômetros a leste de Berlim, até a fronteira tcheca, com cabeças de ponte na margem ocidental. No dia 5, o comandante de Hitler na Hungria informou: "Em meio a todo o estresse e tensão, nenhuma melhoria no moral ou no desempenho é visível. A superioridade numérica do inimigo, combinada à consciência de que a batalha era travada em solo alemão, provou-se bastante desmoralizante para os soldados. Seu único alimento é uma fatia de pão e alguma carne de cavalo. Qualquer movimento é prejudicado por sua fraqueza física. Apesar desses fatores e de seis semanas de promessas de socorro não cumpridas, eles lutam com tenacidade e obedecem às ordens." Os russos reconheceram a situação com relutante respeito num relatório da inteligência de 2 de março: "Muitos soldados alemães percebem o desespero da situação de seu país depois dos avanços de janeiro, embora poucos ainda demonstrem fé na

vitória alemã. Ainda assim, não há sinal de colapso no moral inimigo. Ainda lutam com persistência canina e disciplina inquebrantável." Hitler rejeitou os apelos de seus generais para evacuar a sitiada península de Curlândia, no Báltico, onde duzentos mil soldados que poderiam ter reforçado o Reich permaneciam impotentes.

Na linha de frente central, os russos pararam temporariamente. É plausível que Zhukov pudesse manter seu avanço, explorando aquele ímpeto para capturar Berlim, mas os problemas logísticos eram formidáveis. Os exércitos de Stalin não precisavam correr riscos. Ao norte, Rokossovsky avançava pelas neves da Prússia. Era uma grande satisfação para os soldados russos ver que a destruição que testemunharam em terra natal chegava, agora, ao território alemão. Um soldado escreveu, na Prússia Oriental, em 28 de janeiro de 1945: "Propriedades, aldeias e cidades estão ardendo em chamas. Colunas de carroças, com aturdidos homens e mulheres alemães que não conseguiram fugir, arrastam-se pela paisagem. Fragmentos disformes de tanques e de canhões autopropulsados espalham-se por toda parte, assim como centenas de cadáveres. Lembro-me de cenas parecidas nos primeiros dias da guerra..."[2] Suas lembranças eram, naturalmente, da luta na Mãe Rússia. Proprietários de terras da Prússia Oriental e da Pomerânia imprudentes o bastante para permanecer em casa, às vezes por imperativos de idade ou de doença, sofreram fins terríveis: ser identificado pelos invasores não apenas como alemão, mas como aristocrata, era um convite à tortura antes da morte.

Milhões de refugiados fugiram para o oeste à frente dos soviéticos. Os fortes sobreviveram à jornada, mas muitas crianças e idosos pereceram. "Ao menos, éramos jovens",[3] disse a prussiana oriental Elfride Kowitz, de vinte anos. "Podíamos lidar com a situação melhor do que os velhos." Dezenas de milhares de cadáveres desfiguravam a paisagem nevada do leste da Europa. Fugitivos dividiam dramas de intensidade fantástica, que os tornavam, por breves momentos, companheiros na adversidade, que comiam ou passavam fome, viviam ou morriam, marchavam e dormiam uns com os outros até que uma nova mudança nas circunstâncias os separasse. "Nessas situações",[4] disse o professor Henner Pflug, "as pessoas viviam em grande intimidade durante horas, dias, semanas, e, de repente, separavam-se novamente."

Uma dentre as inúmeras mulheres alemãs que perderam seus bens escreveu: "O mundo é um lugar muito solitário sem parentes, amigos ou mesmo a familiaridade de uma casa."[5] Ela descobriu o que significava o desespero quando viu outras donas de casa, necessitadas de roupas quentes para o clima gélido, passarem correndo por soldados que combatiam os russos com fuzis e morteiros para chegar a um *Schloss*, onde, ouviram falar, havia uma loja de roupas em que pegariam tudo o que pudessem alcançar. Fugindo com duas crianças pequenas, ela conheceu a profundidade da exaustão quando não pôde continuar a empurrar ladeira acima a carroça em que transportava sua patética bagagem: "Inclinei-me sobre todos os nossos bens materiais e chorei amargamente." Dois prisioneiros de guerra franceses que passavam por ali se apiedaram e ajudaram os três alemães a subir a encosta. Poucos dias depois, um agricultor, em cuja casa ela buscara refúgio temporário, aconselhou-a a deixar o filho para que ele o adotasse. "Prometeu-me o mundo se eu deixasse o menino. Que futuro teria meu filho? Ali, poderia ter uma casa boa e segura." Porém, essa mãe agarrou-se às suas últimas reservas de teimosa coragem para recusar a oferta. "Eu me impus uma tarefa: conduzir as crianças a um lugar seguro e

vê-las crescer. Como? Eu não sabia. Eu apenas lidava com um dia por vez." Essa pequena família finalmente alcançou o santuário das linhas americanas, mas muitas outras histórias não tiveram finais felizes.

As legiões soviéticas, em seu avanço, não se pareciam com qualquer outro exército que o mundo tivesse visto: uma mistura de velho e novo, de Europa e Ásia, de alta inteligência e abrutalhada ignorância, de ideologia e patriotismo, de sofisticação tecnológica e dos meios de transporte e equipamentos mais primitivos. Atrás dos T-34, das peças de artilharia e dos lançadores de foguete Katyusha vinham jipes, caminhões Studebaker e Dodge adquiridos através de Lend-Lease e, em seguida, pôneis peludos e colunas de cavaleiros, carroças de fazenda e camponeses das remotas repúblicas da Ásia Central, com os pés enrolados em panos e trajando uniformes em farrapos. A embriaguez era endêmica. Gaitas alemãs forneciam acompanhamento musical para muitas unidades, porque se podia tocá-las em caminhões chacoalhantes. A única disciplina rigorosamente imposta exigia que homens — e mulheres — atacassem, lutassem e morressem. Stalin e seus marechais não se importavam com a preservação da vida ou de propriedades civis. Quando um oficial de Vasilevsky pediu orientação sobre como reagir ao vandalismo generalizado cometido por seus homens, o comandante calou-se por vários segundos e, então, respondeu: "Não dou a mínima. É hora de nossos soldados fazerem sua própria justiça."[6]

Perto de Toruń, na Polônia, um desses homens, Semyon Pozdnyakov, viu um soldado alemão na terra de ninguém entre os dois exércitos, arrastando-se rumo às suas próprias linhas, com a cabeça baixa, o braço direito ferido junto ao corpo e o braço esquerdo carregando, vacilante, uma pistola automática. Pozdnyakov desafiou-o, gritando: "*Fritz, halt!*"[7] O alemão soltou a arma e levantou a mão esquerda num débil gesto de rendição. Quando um grupo de russos se aproximou, viu sangue no rosto do homem e olhos vazios, desesperados: "*Hitler kaput*", disse ele, mecanicamente. Os russos riram das palavras que agora ouviam com tanta frequência, e um oficial ordenou-lhes que levassem o homem para a retaguarda. "*Nein! Nein!*", protestou o alemão, achando que seria fuzilado. Pozdnyakov rugiu, furioso: "Por que está gritando, seu fascista acabado? Está com medo de morrer? Não tratou nosso povo do mesmo jeito? Devíamos acabar com você e pronto." Foi esse, a rigor, o fim de muitos alemães, que clamaram em vão por misericórdia.

O abuso descuidado de armas fez com que números significativos de russos matassem uns aos outros em acessos de fúria ou por negligência, apertando o gatilho com a mesma facilidade com que seus colegas ocidentais cuspiam ou xingavam. Apesar de toda a sofisticação militar dos comandantes, tratava-se de um exército de bárbaros que conseguira resultados que somente bárbaros poderiam alcançar. Paradoxalmente, seus elementos instruídos eram norteados por um senso de integridade maior do que qualquer um que houvesse inspirado soldados americanos ou britânicos. Não se importavam com o diabólico pacto firmado entre Stalin e Hitler em 1939, nem com a agressão soviética contra Polônia, Finlândia e Romênia. Reconheciam apenas que a Rússia fora invadida e arrasada e que se aproximavam do acerto de contas com o país responsável.

Vyacheslav Eisymont, ex-professor de história que serviu como observador de artilharia, escreveu, na Prússia Oriental, em 19 de fevereiro: "Ficamos em todos os tipos

de lugar: às vezes num galpão, às vezes num *bunker* e, agora, numa casa. Faz um tempo de primavera, úmido, às vezes chuvoso. Alguns civis não conseguiram escapar e são mandados para a retaguarda (...) Nós os vimos ao avançarmos para Königsberg: velhos, mulheres e crianças com fardos nas costas, andando com dificuldade em longas filas à beira da estrada — a estrada propriamente dita era ocupada por nossa coluna. Naquela noite, vimos coisas terríveis, mas o comandante de nossa bateria falou por muitos quando disse: 'É claro que vocês parecem e se sentem tristes por ver velhos e crianças andando a pé e morrendo, mas lembrem-se do que eles fizeram em nossa terra e não sentirão piedade!'"[8]

Em fevereiro, Konev avançou através do Oder em direção a Dresden, antes de parar no Neisse; nas semanas seguintes, sua principal conquista foi assegurar a Pomerânia e a Alta Silésia. No início de março, uma contraofensiva não muito convincente de divisões Panzer na Hungria, lançada por causa da ideia fixa de Hitler em recuperar poços de petróleo perdidos, foi repelida com facilidade. No dia 16, duas frentes soviéticas começaram a avançar para Viena. Mesmo o dedicado nazista e marechal de campo Ferdinand Schörner disse a Hitler, em 20 de março: "Devo informar que a inutilidade das tropas na [Alta Silésia] ultrapassa meus piores temores. Quase sem exceção, estão exaustas. Formações dispersaram, misturadas com unidades de alarme e Volkssturm. Seu valor militar é chocantemente baixo. Ao norte de Leobschutz não há quem mereça ser chamado de soldado alemão. Tenho a impressão de que os russos podem fazer o que quiserem sem grande empenho ou dispêndio de forças." O II Exército Panzer, na Hungria, informou ao alto-comando das Forças Armadas, sem ironia, em 10 de abril: "Para elevar o moral, uma execução foi realizada no campo de batalha."

O cabo Helmut Fromm, diante dos russos na Saxônia, escreveu em seu diário, na Páscoa: "Estou sentado em meu P[osto] [de] O[bservação], à luz de velas, a quinhentos metros dos Ivans. Um vento gélido atravessa a lona. Salvas de canhão prosseguem a noite inteira, mescladas por tiros de metralhadora e pelo ronco de meu vizinho. Quando andei ao longo das trincheiras, uma hora atrás, um sargento disse-me que os americanos estão em Heidelberg. Agora, estou isolado de todas as pessoas que amo, que devem estar preocupadas comigo. Imagino onde meu irmão estará. Estou convencido de que voltarei a vê-los, porque acredito em Deus. Por quanto tempo essa loucura continuará? Que Deus tenha piedade de seu povo. Esta tem sido uma longa cruzada, impregnada de cadáveres e de lágrimas. Por favor, dê-nos uma Páscoa seguida por redenção."[9] O cabo Fromm tinha dezesseis anos.

Guy Sajer, que servia na Divisão Grossdeutschland, escreveu: "Já não lutávamos por Hitler, pelo nacional-socialismo, pelo Terceiro Reich ou mesmo por nossas noivas ou mães ou parentes presos em cidades bombardeadas. Lutávamos por puro medo (...) Lutávamos por nós mesmos, para não morrermos em buracos cheios de lama e de neve; lutávamos como ratos."[10] Um tenente alemão protestou, exausto, para a noiva: "Ser um oficial significa oscilar de um lado para o outro como um pêndulo entre uma Cruz de Ferro, uma cruz de madeira e uma corte marcial."[11] Uma berlinense escreveu: "Nestes dias, percebo como meus sentimentos em relação aos homens (...) estão mudando. Tenho pena deles; parecem tão miseráveis e impotentes. O sexo frágil. No fundo, nós, mulheres, vivemos uma espécie de desapontamento coletivo. O mundo nazista — governado por

homens, glorificando o homem forte — começa a desmoronar, e, com ele, o mito do 'Homem'."[12]

Um soldado russo escreveu para a mulher, da Prússia Oriental, em 19 de abril:

> Olá, minha querida! Nos últimos quinze dias, desloquei-me quase todos os dias, dormindo em *bunkers*, barracas ou simplesmente a céu aberto. Desde ontem, porém, estamos aquartelados numa casa e dormimos em camas (...) Nossa unidade mereceu, pois desempenhamos nossa função no assalto a Königsberg e, é claro, a tomamos. Nossos aviões bombardearam a cidade durante três dias. A terra tremeu sob o bombardeio da artilharia, que cobriu a cidade com nuvens de fumaça. A princípio, os fascistas revidaram com ferocidade, mas não puderam aguentar esse inferno. Parecia faltar-lhes munição, e não tinham apoio aéreo (...) Houve massas de prisioneiros. O rádio anunciou: "Patrulhas dos Aliados atravessaram a fronteira para a Tchecoslováquia!" Tudo terminará! Talvez ainda não seja o fim — ainda há o Japão, caramba (...) Mas imagina-se que, uma vez terminada a guerra europeia, os Aliados tentarão acabar com ele rapidamente.[13]

Quando o sistema de distribuição de alimentos entrou em colapso na Alemanha, do fim de março em diante, os civis começaram a sofrer fome severa em áreas ainda controladas pela Wehrmacht. E sabiam que o pior estava por vir. Um adolescente de Berlim chamado Dieter Borkovsky estava num trem da cidade, em 14 de abril, com uma multidão de passageiros que demonstravam ruidosamente sua raiva e seu desespero. De repente, um soldado, adornado com medalhas que pareciam absurdamente incongruentes em sua figura pequena e suja, berrou: "Silêncio! Tenho algo a dizer. Mesmo que não queiram ouvir, parem com suas lamentações. Precisamos vencer esta guerra. Não podemos perder a coragem. Se outros vencerem, e fizerem conosco apenas uma fração do que fizemos nos territórios ocupados, em poucas semanas não sobrará um único alemão."[14] Borkovsky escreveu: "Fez-se tal silêncio no vagão que se poderia ouvir um alfinete cair."

Quando os russos chegaram a Lübbenau, 95 quilômetros ao sul de Berlim, Hildegard Trutz, mulher de um oficial das SS, esperava que se agarrar aos dois filhos a pouparia de um estupro. "Meu Deus! Que confusão eu fiz com o primeiro! Não posso deixar de rir quando lembro. Segurei Elke em meus braços e botei Norfried à minha frente, esperando amolecer seu coração, mas ele apenas empurrou Norfried e jogou-me no chão. Gritei e agarrei-me a Elke, mas o russo seguiu em frente até eu ser obrigada a largá-la. Ele foi bastante rápido e tudo não demorou mais do que cinco minutos (...) Logo descobri que era muito melhor não resistir; tudo terminava mais rápido se não resistíssemos."[15]

Ao chegar do trabalho, certo dia, Friedrike Grensemann encontrou seu pai preparando-se para atender a uma convocação da milícia Volkssturm. Entregou a pistola à filha, dizendo: "Está tudo acabado, minha criança. Prometa-me que, quando os russos

chegarem, você se matará."[16] Então, beijou-a e saiu de casa para morrer. Poucos alemães ficaram mais impressionados com a mobilização da guarda nacional do que Herr Grensemann. Eles parodiaram a canção "Die Wach am Rhein": "Querida pátria, não se preocupe/ o Führer convocou os vovozinhos."[17] Os berlinenses limparam das lojas todos os alimentos que puderam comprar e recolheram-se aos porões, que se tornaram seu refúgio nos dias que se seguiram. Ruth-Andreas Friedrich arriscou-se numa rápida incursão pela rua, na escuridão, durante uma pausa nas incursões aéreas russas. Ela viu o céu ao leste avermelhar-se "como se houvessem derramado sangue sobre ele"[18] e ouviu os incessantes disparos de canhão "num ronco como trovões ao longe. Aquilo não é bombardeio, aquilo é (...) artilharia (...) Diante de nós, estende-se a cidade sem fim, na escuridão da noite, acovardada como se fosse mergulhar na terra. E temos medo".

O correspondente dinamarquês Jacob Kronika escreveu que muitos berlinenses desejavam com ardor o fim de seu líder. "Anos atrás, gritavam 'Heil!'. Agora odeiam o homem que se diz seu Führer. Odeiam, temem, por causa dele passam por dificuldades e morrem. Porém, não têm força nem coragem para se livrar de seu poder demoníaco. Esperam, em passivo desespero, o ato final do drama."[19]

Atrás da linha de frente, os nazistas entregaram-se a uma última orgia de matança: celas foram esvaziadas, e os ocupantes, fuzilados; quase todos os adversários do regime mantidos em campos de concentração foram executados, e vítimas menos importantes, massacradas com espantoso descuido. Em 31 de março, na estação de Kassel-Wilhelmshöhe, 78 operários italianos suspeitos de saque a um trem de suprimentos da Wehrmacht foram detidos e mortos por pelotões de fuzilamento. A oeste de Hanover, a Gestapo assassinou 82 operários escravizados e prisioneiros de guerra. Em 6 de abril, 154 prisioneiros soviéticos foram mortos numa prisão em Lahde, e outros duzentos, em Kiel. Em seus últimos dias de poder sobre a vida e a morte, as criaturas de Hitler, sabendo-se condenadas, buscaram certificar-se de que a alegria da libertação fosse negada a todas as pessoas ao seu alcance.

Centenas de milhares de prisioneiros foram conduzidos para o oeste, afastados dos russos, e muitos literalmente marcharam para a morte. O judeu Hugo Gryn descreveu sua experiência numa coluna de escravos famintos na estrada para Sachsenhausen: "Quando deixamos Lieberose, fomos levados até certo ponto, paramos, escutamos muitos tiros e, depois, [havia] fumaça. Eles mataram e queimaram todos que não puderam ser retirados. Essa marcha foi horrorosa. Neve, lama. E, quando escurecia, virar à esquerda ou à direita, andar até o campo mais próximo e deitar-se. Pela manhã, levantar-se, menos aqueles que não conseguiam, seguir em frente, esperar um pouco, ouvir os tiros e prosseguir."[20] Quase metade entre os 714.211 prisioneiros detidos pelo Reich nos campos de concentração em janeiro de 1945 estava morta em maio, além de muitos outros prisioneiros de guerra. Em 12 de abril, a Orquestra Filarmônica Alemã fez sua última apresentação, organizada por Albert Speer. O Concerto para Violino de Beethoven foi executado com a *Oitava Sinfonia* composta por Bruckner. Também foi executado o *finale* do *Götterdämmerung* de Wagner.

• • •

Restava uma última batalha apoteótica. Desde 1939, os refletores da atenção mundial haviam percorrido nomes de lugares grandes ou obscuros: Varsóvia, Dunquerque e Paris, Londres e Tobruk, Smolensk, Moscou e Stalingrado, El Alamein e Kursk; Salerno e Anzio, Normandia, Bastogne e Varsóvia novamente. Agora, a capital de Hitler era o foco não apenas de muitas esperanças e temores, mas de uma vasta concentração de poderio militar: as três frentes soviéticas que se acumularam diante de Berlim somavam 2,5 milhões de homens e 6.250 viaturas blindadas, apoiados por 7.500 aeronaves. Na escuridão das primeiras horas de 16 de abril, Zhukov lançou uma investida frontal contra as colinas de Seelow, a leste da cidade. A operação foi classificada entre as mais brutais e pouco criativas da guerra da Rússia. Seu comandante impressionou-se tanto ao ver seu bombardeio arrasar as defesas que após trinta minutos ordenou o ataque. Um engenheiro russo escreveu para casa naquela noite: "Toda a linha do horizonte brilhava como se fosse dia. No lado alemão, tudo estava coberto por fumaça e por densos jorros de pedaços de terra. Imensos bandos de aves apavoradas voavam de um lado para outro, e havia um fluxo contínuo de zumbidos, estrondos e explosões. Precisávamos tapar os ouvidos para que os tímpanos não se rompessem. Então os tanques começaram a roncar, e acenderam-se holofotes ao longo da linha de combate para ofuscar os alemães. Depois, as pessoas começaram a gritar por todos os lados: '*Na Berlin!*'"[21]

A infantaria russa invadiu os campos minados alemães enquanto os primeiros tanques chocalhavam rumo às colinas. Por um momento, pareceu que a artilharia silenciara as defesas. No entanto, os alemães abriram fogo: haviam recuado de suas posições avançadas para que os bombardeios de Zhukov caíssem em trincheiras vazias. Enquanto os tanques soviéticos tentavam avançar na lama profunda das encostas, os atacantes começaram a sofrer baixas terríveis. "Avançamos por terrenos esburacados pela artilharia",[22] escreveu o sapador soviético Pyotr Sebelev. "Por toda parte, havia canhões e veículos alemães despedaçados, junto com tanques em chamas e cadáveres (...) Muitos alemães se entregaram. Não queriam lutar e dar a vida por Hitler." Porém, muitos outros continuaram atirando. "Por que prolongar o sofrimento?",[23] perguntava-se um desesperado soldado da Wehrmacht, cuja mulher e os três filhos afogaram-se quando o navio de refugiados *Wilhelm Gustloff* foi torpedeado no Báltico em 15 de abril. "Mas ainda existem os outros sujeitos por aí. Conheço muitos há anos. Vou abandoná-los?"

Os defensores comandados pelo general Gotthard Heinrici infligiram três baixas russas para cada uma que sofreram. Não houve qualquer brilhante demonstração de liderança soviética: as hordas de Zhukov apenas precipitavam-se para a frente. Os alemães despejaram fogo sobre os atacantes, destruindo tanques às centenas e matando soldados aos milhares. Durante dois dias, seis exércitos soviéticos lutaram na linha de Seelow sem conseguir rompê-la. Konev, ao sul, recebeu ordens para empurrar dois exércitos de tanques para a frente enquanto Rokossovsky, ao norte, desviava forças para apoiar Zhukov. Em 18 de abril, Helmut Fromm, cabo da Wehrmacht, escreveu, no setor de Konev: "Agora, estamos diante de Forst. Os russos têm uma cabeça de ponte no outro lado do

Neisse e atacaram pela manhã, às 11 horas. Tivemos de recuar. Sobraram-me uma metralhadora e dois homens. Sou o único que sabe usar uma Faust — grande parte dos homens fez apenas trabalho burocrático. Depois, viajamos rapidamente em bicicletas pela autoestrada Breslau-Berlim (...) Os canhões dos Ivans estão disparando. Dez minutos atrás, Bohmner e Bucksbraun foram feridos — Bohmer, aliás, com gravidade. Nós o transportamos numa tábua enquanto gritava. Quem será o próximo? Tiros de canhão vindos da estrada. À nossa esquerda. um Flak 88 é atacado. Tento cavar tão profundamente quanto consigo. No céu circula um avião russo destruidor de tanques (...) Se sobreviver, agradecerei a Deus".[24]

Hitler recusou-se a mandar reforços para Heinrici, deixando para o IX Exército a tarefa de manter as posições no Oder como pudesse. Não foram as manobras e sim o efetivo numeroso que finalmente permitiu a Zhukov suplantar as defesas e prosseguir até alcançar a linha externa de Hitler em Berlim, em 21 de abril; a captura das colinas de Seelow custou aos russos trinta mil mortes e aos alemães, doze mil. Os atacantes precipitaram-se para a cidade pela principal via, Reichstrasse 1, enquanto fugitivos e desertores corriam e tropeçavam para manter-se à frente. "Todos eles parecem tão miseráveis, tão diferentes de verdadeiros homens",[25] escreveu uma berlinense que viu os soldados alemães passarem, com dificuldade, diante de seu prédio em 22 de abril. "A única coisa que inspiram é pena, não esperança ou expectativa. Já parecem derrotados, capturados. Passam por nós como se fossem cegos, apaticamente (...) É óbvio, não estão muito preocupados conosco, *Volk*, ou civis, ou berlinenses, ou o que formos. Agora nada mais somos do que um fardo. E não acho que se envergonhem minimamente de sua aparência suja e desgrenhada. Estão cansados demais para se importar, apáticos demais. Para eles, a luta acabou."

No dia 25, Zhukov e Konev haviam cercado a capital alemã — uma tentativa do XII Exército, de Wenck, para romper o anel e trazer socorro foi facilmente frustrada. Os russos iniciaram uma luta que duraria uma semana para abrir caminho pela cidade, rua por rua, quarteirão por quarteirão. As valas anticarros cavadas com tanto esforço por dezenas de milhares de berlinenses revelaram-se tão inúteis quanto todos os obstáculos, mas barricadas de entulho amontoadas em bondes e caminhões velhos foram mais eficazes. Soldados apoiados por velhos e por adolescentes da Juventude Hitlerista combateram os russos com armas leves, granadas e *panzerfausts*. Os meninos-soldados que morreram lutando por Berlim seriam vítimas particularmente trágicas se não houvesse tantas outras. Dorothea von Schwanenflügel descreveu um encontro com uma pequena figura infeliz, "um menino numa farda grande demais para ele, com uma granada anticarro ao lado. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, e, era óbvio que tinha muito medo de qualquer um. Perguntei-lhe, muito delicadamente, o que fazia ali. Ele perdeu a desconfiança e contou-me que recebera ordens para ficar ali deitado, à espera, e, quando um tanque soviético se aproximasse, ele deveria enfiar-se embaixo do veículo e explodir a granada. Perguntei como esse ataque funcionaria, mas ele não soube explicar. A rigor, aquele menino frágil sequer parecia capaz de carregar a tal granada".[26] Outra berlinense escreveu algo parecido:

> Veem-se meninos muito jovens, rostinhos infantis espiando sob enormes capacetes de aço. É assustador ouvir suas vozes agudas. Têm, no máximo, quinze anos, e parados em pé parecem tão magros e pequenos engolidos pelas túnicas dos uniformes. Por que nos assusta tanto a ideia de crianças assassinadas? Dentro de três ou quatro anos, as mesmas crianças nos parecem perfeitamente em condições para matar e aleijar (...) Até agora, ser soldado significava ser homem (...) Desperdiçar esses meninos antes que atinjam a maturidade obviamente contraria alguma lei fundamental da natureza, contra nossos instintos, contra qualquer impulso para preservar a espécie. Como certos peixes ou insetos que devoram os próprios rebentos. Pessoas não deveriam agir assim. O fato de ser exatamente o que fazemos é um claro sinal de loucura.[27]

Nenhum lado tinha margem de manobra para executar sutilezas táticas na batalha por Berlim; houve apenas mil confrontos selvagens em que os atacantes mediam seu avanço em metros. Vezes sem conta, os primeiros homens a avançar eram mortos e os primeiros tanques, destruídos; a artilharia e os bombardeiros soviéticos castigavam os defensores; ruas inteiras eram reduzidas a entulho. A artilharia de cerco, obuseiros de 203 milímetros, foi levada para a frente, a fim de destruir prédios cujos ocupantes revidavam os tiros à vista de todos enquanto poeira e fumaça obscureciam o ar. Stalin, de Moscou, incitava seus generais por telefone: dezenas de milhares de soldados pagaram com a própria vida enquanto Zhukov e Konev conduziam não uma investida coordenada, mas uma corrida para satisfazer ambições rivais.

"Berlim (...) mostrava um cenário terrível",[28] escreveu o representante sueco da Cruz Vermelha Sven Frykman, que inspecionava a cidade sitiada à noite. "Uma lua cheia brilhava num céu sem nuvens, permitindo ver a horrível extensão dos danos. Uma cidade-fantasma de habitantes das cavernas foi tudo o que restou desta metrópole mundial (...) O palácio imperial, todos os esplêndidos castelos, o palácio do príncipe, a Biblioteca Real, Tempelhof, os prédios ao longo da Unter den Linden — não sobrou praticamente nada. Por causa do luar, que atravessava todas as janelas e portas vazias, a cidade parecia ainda mais grotesca do que durante o dia. Aqui e ali, ainda ardia um incêndio surgido depois dos últimos bombardeios aéreos, e bombeiros trabalhavam para controlar o fogo. Canos arrebentados em algumas ruas faziam pensar em Veneza e em seus canais."

Helga Schneider escreveu: "Estamos vegetando numa cidade-fantasma, sem luz elétrica ou gás, sem água, em que somos obrigados a pensar em higiene pessoal como um luxo e em refeições quentes como um conceito abstrato. Vivemos como fantasmas num vasto campo de ruínas (...) uma cidade onde nada funciona além dos telefones que às vezes tocam, tetricamente e sem propósito, sob pilhas de escombros."[29] Nem todas as ligações eram fúteis: o estado-maior no *bunker* de Hitler fora reduzido a buscar informações ligando para números em áreas escolhidas a fim de descobrir aonde o inimigo chegara. Enquanto bairros após bairros eram tomados e vozes russas eram ouvidas, cidadãos aterrorizados em porões resmungavam uns para os outros: "*Der Iwan kommt!*"

Com tantos alemães fugindo ou entregando-se à primeira oportunidade, é extraordinário que a resistência tenha persistido por tanto tempo. Cerca de 45 mil soldados das SS e da Wehrmacht, além de quarenta mil homens da Volkssturm e apenas sessenta tanques, resistiram durante uma semana ao poder dos exércitos de Zhukov e de Konev. Combates de rua nunca são simples, porque é difícil controlar e manobrar pequenos grupos de homens que se atêm a precárias áreas de segurança entre edifícios, e a luta naquela última semana de abril demonstrou o poder do desespero. Na capital de Hitler, o Exército Vermelho pagou o preço pela política de desenfreada selvageria que adotava contra soldados e civis alemães: quaisquer que fossem os pontos de vista de Hitler e das SS, é difícil imaginar que os defensores de Berlim tivessem lutado com tamanha teimosia se alimentassem alguma esperança de misericórdia para si ou para a população. O que se viu é que todos os alemães estavam cientes do compromisso soviético de assassinar, estuprar e saquear. Grande parte dos defensores do perímetro não via nenhuma perspectiva que não a morte. Entre os mais desesperados estava uma unidade francesa da Divisão Charlemagne das Waffen SS. O comandante desses homens condenados, Henri Fenet, de 25 anos, havia recebido uma Cruz de Ferro numa cerimônia realizada à luz de velas num bonde destroçado. Fenet tinha outra medalha: a Croix de Guerre, que ganhou combatendo pela França em 1940.

Incrivelmente, soldados da Charlemagne e de outras unidades das Waffen SS reuniram suficiente determinação para montar contra-ataques locais, chegando a retomar a sede da Gestapo na Prinz Albrechtstrasse. Alguns homens e meninos que buscaram salvação na fuga foram sumariamente enforcados nas ruas pelos milicianos das SS que percorriam a cidade. Tanto russos quanto alemães ficaram consternados pelo contraste entre as montanhas de destroços e de entulhos, as pilhas de cadáveres que atulhavam a paisagem e os primeiros sinais da primavera. Quando a artilharia parava, ainda que brevemente, ouvia-se o canto dos pássaros; árvores floresciam até que explosões as reduzissem a esqueletos enegrecidos; em alguns lugares, floresceram tulipas, e, nos parques, havia um perfume avassalador de lilases. Mas, principalmente, havia cadáveres. Os líderes alemães mantinham um longo relacionamento com a morte: em abril de 1945, em Berlim, esse caso de amor chegou à consumação final.

Em 28 de abril, Benito Mussolini foi capturado e fuzilado por guerrilheiros enquanto tentava escapar do norte da Itália. Na tarde do dia 30, quando tropas russas invadiram o edifício do Reichstag a 360 metros do *bunker* de Hitler, o líder do Terceiro Reich cometeu suicídio junto com sua mulher. A banalidade do mal raramente foi demonstrada com mais vigor do que na conduta do casal em seus últimos dias. Eva Braun estava muito preocupada com suas joias — "meu relógio de diamantes infelizmente está no conserto" — e em esconder da posteridade seus gastos com roupas: "As contas de Heise não devem, em hipótese alguma, ser encontradas." Numa última carta à amiga Herta Ostermayr, ela escreveu: "O que devo lhe dizer? Não entendo por que tudo pode terminar assim, mas é impossível continuar acreditando em um Deus."

A maioria dos alemães recebeu a notícia da morte de Hitler com entorpecida indiferença. O soldado Gerd Schmuckle estava numa pousada superlotada longe de Berlim quando o rádio deu a notícia. "Se, em vez desse anúncio, o dono da pousada viesse até a porta e dissesse que um animal havia morrido no estábulo, o sentimento de luto não teria sido menor. Só um jovem soldado ergueu-se num pulo, estendeu o braço direito e gritou: 'Salve o Führer!' Todos os outros continuaram a tomar sua sopa como se nada

importante houvesse ocorrido."[30] Na capital, combates esporádicos persistiram por mais dois dias até que o comandante de Berlim, o tenente-general Karl Wiedling, rendeu-se, em 2 de maio.

Uma quietude terrível, a quietude dos mortos e dos condenados, caiu sobre a cidade. "Nenhum ruído de homem ou de animal, nenhum carro, rádio ou bonde (...)",[31] escreveu uma berlinense. "Nada além de um silêncio opressivo, quebrado apenas por nossos passos. Se alguém nos observa dentro dos edifícios, o faz em segredo." E acrescentou, uma semana depois: "Por toda parte, há sujeira, esterco de cavalo e crianças brincando — se é que se pode chamar assim. Elas andam à toa, olham-nos fixamente, sussurram entre si. As únicas vozes altas são russas (...) Suas canções ferem nossos ouvidos, rudes, desafiadoras."[32]

Em todos os lugares que controlavam, os soviéticos embarcaram numa orgia de comemorações, de estupros e de destruição numa escala que a Europa não via desde o século XVII. "O padeiro tropeça em minha direção pelo corredor",[33] escreveu uma mulher berlinense referindo-se a um vizinho, "branco como sua farinha, com as mãos estendidas: 'Eles estão com a minha mulher...' Sua voz falha. Por um segundo, sinto que estou atuando numa peça. Um padeiro de classe média não pode andar assim, não pode falar com tanta emoção, colocar tanto sentimento na voz, despir sua alma dessa maneira, com o coração tão ferido. Nunca vi alguém, senão grandes atores, agirem assim."

Um advogado alemão, que milagrosamente preservara a mulher judia durante todos os anos do nazismo, agora tentava protegê-la dos soldados russos. Um deles deu-lhe um tiro no quadril. Moribundo, viu três homens estuprarem-na enquanto ela gritava que era judia. A berlinense anônima que registrou o episódio em seu diário escreveu: "Ninguém poderia inventar uma história como essa: é a vida em sua mais cruel, louca e cega circunstância."[34] Um berlinense mais velho lamentou-se: "Se ao menos esse pobre bocado de vida terminasse." A autora do diário, estuprada várias vezes, escreveu sobre experimentar um sentimento de separação em relação ao seu ser físico, como "um meio de fuga — meu verdadeiro eu simplesmente deixando o corpo para trás, meu pobre, desonrado e abusado corpo. Desvencilhando-se e afastando-se, imaculado, rumo a um além branco. Não pode ser comigo que isso está acontecendo, por isso tiro tudo de mim".[35]

Um soldado soviético escreveu para um amigo sobre as mulheres alemãs: "Não falam uma palavra em russo, o que facilita. Não é preciso convencê-las. Basta apontar uma [pistola] Nagan e mandar que se deitem. Então você faz o que quer e vai embora."[36] Encontraram-se os corpos de um grupo de mulheres estupradas e mutiladas em determinado lugar, cada um com uma garrafa enfiada na vagina. Vasily Grossman horrorizou-se ao ver que os homens do Exército Vermelho não faziam distinção entre suas vítimas: "Coisas horríveis estão acontecendo com mulheres alemãs (...) Meninas soviéticas libertadas dos acampamentos estão sofrendo muito."[37] Alexander Solzhenitsyn, servindo com Rokossovsky como oficial de artilharia, escreveu um poema ironicamente tolerante sobre o que testemunhou enquanto seu povo selava a vitória:

Os conquistadores da Europa enxameiam,
russos trotando por toda parte.
Aspiradores de pó, vinho e velas,
saias e molduras de quadro e cachimbos
broches e medalhões, blusas, fivelas,
máquinas de escrever (não como as russas)
anéis de salsicha e queijos.
Um instante depois, o grito de uma menina,
em algum lugar atrás de uma parede:
"Não sou alemã. Não sou alemã.
Não! Sou... polonesa. Sou polonesa."
Agarrando o que está à mão, aqueles
rapazes que pensam do mesmo jeito entram e começam...
E, ai, que coração
poderia se opor?

Quando o antigo hospital judaico em Wedding foi tomado, em 24 de abril, soldados russos encontraram oitocentos judeus, a maioria em desesperadora condição física, que a máquina de matar nazista deixara passar, por milagre. Um incrédulo soldado soviético disse, em mau alemão: "*Nichts Juden. Juden kaput.*" De qualquer maneira, os russos estupraram as pacientes: "*Frau ist Frau.*" Outros 1.400 judeus de Berlim saíram de seus esconderijos depois da libertação, últimos sobreviventes de uma comunidade que, um dia, fora grande. Também havia judeus no Exército Vermelho. Uma família alemã aterrorizada viu-se diante de um comissário soviético que lhe disse: "Sou russo, comunista e judeu (...) Meu pai e minha mãe foram assassinados pelas SS porque eram judeus. Minha mulher e meus dois filhos estão desaparecidos. Minha casa está em ruínas. E o que aconteceu comigo também aconteceu com milhões na Rússia. A Alemanha assassinou, estuprou, saqueou e destruiu (...) O que acham que queremos fazer agora que derrotamos os exércitos alemães?"[38]

Virando-se para o filho mais velho, ordenou: "Levante-se. Quantos anos você tem?" O menino respondeu: "Doze." O russo disse: "Mais ou menos a idade que meu filho teria. Os criminosos das SS o tiraram de mim." Então, puxou a pistola e apontou para o menino, provocando um frenesi de consternação e apelos de misericórdia por parte dos pais. Enfim, o russo disse: "Não, não, não, senhoras e senhores. Não vou atirar, mas devem admitir que tenho razões suficientes. Há tanta coisa que clama por vingança." Esse encontro terminou sem derramamento de sangue porque o protagonista russo era inusitadamente esclarecido. Muitos outros episódios parecidos acabaram em gritos, horror, mulheres soluçando, casas destruídas, corpos mutilados.

Stalin não se perturbava com o comportamento de seus soldados em relação aos alemães — ou em relação aos escravos supostamente libertados. Os soviéticos não viam vergonha alguma, como veem as sociedades ocidentais, no conceito de vingança. A guerra fora travada precipuamente em solo russo. O povo russo aguentara sofrimentos incomparavelmente maiores do que os americanos e os britânicos. Como conquistadores, os alemães se comportaram como bárbaros, modo de agir tornado ainda mais vil porque falavam tanto em honra e professavam respeito a valores civilizados.

Agora, a União Soviética aplicava-lhes um castigo terrível. A nação alemã trouxera sofrimento ao mundo e, em 1945, pagaria a conta. O preço por iniciar e perder uma guerra contra uma tirania tão cruel quanto a de Stalin era uma vingança cobrada em termos quase tão intolerantes quanto aqueles que os seguidores de Hitler impuseram à Europa desde 1939.

Naqueles dias, houve dezenas de milhares de suicídios no leste da Alemanha. Liselotte Grunauer, de dezesseis anos, registrou em seu diário: "O pastor matou-se após atirar na mulher e na filha (...) A Sra. H. matou os dois filhos, cortou a garganta da filha e matou-se (...) Nossa professora, Srta. K., enforcou-se; era nazista. O líder local do partido, S., matou-se com um tiro, e a Sra. N. tomou veneno. É uma bênção não termos gás no momento, pois outros também tirariam a própria vida."[39] As depredações russas não se limitaram à Alemanha: os guerrilheiros de Tito horrorizaram-se com os excessos cometidos pelo Exército Vermelho na Iugoslávia, até contra pessoas que lutavam pela mesma causa. Estupros, saques e assassinatos foram cometidos com indiscriminada devassidão.

O oficial britânico da SOE, Basil Irwin, ficou perplexo ao testemunhar o desprezo que os soviéticos demonstravam por seus aliados: "Eles não nos tratavam com hostilidade ou suspeita, mas tratavam os guerrilheiros como lixo (...) Foi um grande choque [para eles], pois pensavam que dariam as boas-vindas aos seus irmãos eslavos e ao grande exército russo."[40] Quando o caso foi levado a Stalin, ele se limitou a dar de ombros. Milovan Djilas escreveu amargamente: "Ilusões sobre o Exército Vermelho, e consequentemente sobre os comunistas, foram destruídas."[41] Em Belgrado, Tito protestou em pessoa ao comandante soviético local, Korneyev, dizendo que seus seguidores estavam desanimados pelo contraste entre o comportamento correto dos soldados britânicos e a selvageria dos russos. Korneyev explodiu: "Protesto enfaticamente contra os insultos assacados contra o Exército Vermelho ao compará-lo aos exércitos dos países capitalistas!"

Na Iugoslávia, como em todos os lugares aonde os soldados soviéticos chegaram, a União Soviética se recusou — como a Rússia moderna ainda se recusa — a reconhecer os crimes cometidos pelos que usavam seu uniforme. O *Pravda* observou, com ironia, em 22 de abril de 1945: "A imprensa britânica manifesta justa indignação ao reportar as atrocidades cometidas por alemães no campo de concentração de Buchenwald (...) O povo soviético pode compreender melhor do que qualquer outro a raiva e a amargura, a dor e o ressentimento que tomaram conta da opinião pública britânica (...) Vimos quem era o inimigo há muito tempo. Nossos aliados não viram o que vimos. Agora, compreenderão melhor, entenderão mais prontamente nossas insistentes exigências pelo indiciamento dos açougueiros fascistas."

Depois da morte de Hitler, o almirante de esquadra Karl Dönitz assumiu o manto de Führer. Manteve-se nesse papel durante duas semanas, tentando ganhar tempo para que as forças alemãs escapassem dos russos em direção oeste, encenando capitulações parciais e procurando conferenciar com os americanos. Karl Wolff, general das SS, havia concluído uma negociação unilateral para a rendição de seu exército na Itália, firmada em Caserta em 29 de abril. Forças alemãs no noroeste da Alemanha, na Holanda e na Dinamarca renderam-se a Montgomery em Lüneburg Heath, em 4 de maio. A resistência nas linhas americanas terminou dois dias depois, enquanto o Exército Vermelho se aproximava do Elba. As mortes continuaram até o fim: o capitão Nikolai Belov, cujo diário descreve

vividamente suas experiências, fora ferido cinco vezes desde 1941. Em 5 de maio de 1945, foi morto em combate.

O exército de Patton chegou a Pilsen e poderia ter avançado para Praga, mas os russos insistiram em tomar a capital tcheca, o que conseguiram enfim em 11 de maio, após um espasmo final de carnificina provocado pelo desastroso levante de guerrilheiros locais contra os alemães. Ao mesmo tempo, uma delegação de Dönitz chegou ao quartel-general de Eisenhower, em Reims, em 5 de maio, buscando uma rendição exclusivamente aos americanos. O comandante supremo exigiu rendição simultânea e incondicional de todas as linhas de frente, que o general Alfred Jodl, mais alto assessor militar de Hitler, assinou em 7 de maio. O dia seguinte foi comemorado pelos Aliados como Dia da Vitória na Europa. Stalin, no entanto, insistiu em outra cerimônia em Berlim, em que os russos participaram plenamente. O fato ocorreu em 8 de maio, e o dia seguinte, portanto, tornou-se o dia da vitória para os russos: aqui, como em quase tudo, o país de Stalin quis marchar sozinho.

Tiroteios esporádicos persistiram no leste durante muitas semanas, com tropas do NKVD matando poloneses e ucranianos que se recusavam a aceitar a substituição da tirania nazista pela soviética. O tenente britânico David Fraser escreveu: "Ainda havia muita crueldade sórdida no mundo para que pudéssemos dizer com verdadeira satisfação: 'O bem é vitorioso.'"[42] O tenente americano Lyman Diercks escreveu quando estava em Unterach, perto de Salzburgo, na Áustria: "Nossa comemoração foi discreta. Um americano na cidade emprestou-nos uma bandeira que hasteamos num poste da praça. Os donos do hotel, um casal de velhos austríacos, prepararam-nos uma bela refeição. Ela chorava e dizia: 'Talvez agora meu filho possa voltar da Rússia, onde é um prisioneiro.' Mas ele jamais voltou."[43] Nas linhas britânicas, o cabo John Cropper descreveu uma sensação de "alívio imediato, nada de gritos ou correria. Apenas dar graças a Deus por tudo terminar e por estarmos finalmente a salvo.[44] Seja como for, não tínhamos com o que comemorar, só chá instantâneo e as rações normais. Era como se tivéssemos passado por um dia exaustivo e nos jogássemos numa poltrona".

Os exércitos americanos e britânicos na Alemanha saqueavam energicamente e estupravam ocasionalmente, mas poucos soldados procuraram uma vingança explícita. Os franceses, porém, viam muitas contas a acertar. O major Albrecht Hamlin, comandante de uma unidade americana de Assuntos Civis que administrava Merzig (com uma população de 12.500 habitantes), apresentou um relatório desesperador catalogando atos de pilhagem praticados após a chegada de uma unidade de cavalaria francesa: "Uma hora depois, a cidade estava mergulhada num estado de confusão. Os Chasseurs espalharam-se (...) tomando as casas que queriam, expulsando civis de suas moradias, coagindo-os, na rua, para realizar trabalhos forçados, confiscando bicicletas, automóveis, caminhões e saqueando casas e lojas (...) Os atos eram declaradamente cometidos como vingança contra os alemães. Quando repreendidos, esses oficiais repetiam a desculpa de que os alemães fizeram tais coisas à França, e, agora, era sua vez."[45]

Hamlin descreveu fuzilamentos indiscriminados, estupros praticados por soldados coloniais franceses e a morte de um sargento americano por uma patrulha francesa. "O hotel em Mettlach foi sistematicamente saqueado e o resultado era despachado em caminhões para a França (...) Em 5 de abril, Luitwin-on-Boch informou que soldados

franceses haviam descoberto os objetos de arte e as raridades guardados no subsolo do museu de cerâmica de Villeroy & Boch, que estavam destruindo.” Para agravar o caos, prisioneiros russos libertados comportavam-se com violência sem serem recriminados, e reportou-se que soldados americanos usavam granadas para matar peixes no riacho Hausbacher. Em contraste, os moradores locais eram totalmente submissos, de acordo com Hamlin. Embora cenas como essas se repetissem por toda a Alemanha, na zona ocupada pelos Aliados a ordem foi aos poucos restaurada nas semanas seguintes. Na zona russa, não. Saques, estupros e assassinatos institucionalizados persistiram por muito tempo após a derrota militar alemã ser reconhecida. Para os soldados dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, o fim da guerra no oeste assinalava uma libertação, mas os sofrimentos da Europa e de muitos milhões de europeus desaceleraram-se muito mais lentamente.

* A destruição de Dresden ocupa um lugar tão destacado no folclore da guerra que vale observar que a última pesquisa sugere que 25 mil pessoas morreram na cidade apenas em 13 e 14 de fevereiro, não as centenas de milhares que já se supôs. O fato não influencia a controvérsia sobre a necessidade do bombardeio, mas indica que provocou muito menos mortes do que o bombardeio de Hamburgo em 1943 ou a tempestade de fogo em Tóquio em 1945.

25
Japão prostrado

Na primavera de 1945, forças indianas e britânicas comandadas pelo general Bill Slim conduziram uma campanha brilhantemente bem-sucedida para recuperar a Birmânia. Foi irrelevante para o desfecho da guerra — como Slim e Churchill previram desde o início —, porque a marinha americana já havia estabelecido controle absoluto sobre o Japão no Pacífico. Mas de alguma forma contribuiu para restaurar a confiança esfrangalhada e o prestígio decaído do Império Britânico e expor a vulnerabilidade do Japão. Churchill esforçara-se para evitar um avanço de 1.600 quilômetros por um dos terrenos mais ingratos do mundo, dando preferência a um assalto anfíbio a Rangum pelo sul. Mas os americanos insistiam num ataque pelo norte da Birmânia para satisfazer o único objetivo estratégico que lhes importava na região: a reabertura da rota terrestre para a China.

O exército de Slim, dominado por tropas indianas e incluindo três divisões recrutadas nas colônias africanas da Grã-Bretanha, era muito mais forte que o japonês — 530 mil homens contra quatrocentos mil — e apoiado por poderosas forças blindadas e aéreas. Seu maior problema era suprir um avanço através de uma região montanhosa com densa cobertura vegetal e quase desprovida de estradas. Lançamentos aéreos, possíveis graças a um vasto emprego de aeronaves americanas, tornaram-se fator crucial na campanha. De início, Slim planejou travar uma batalha na planície de Shwebo, a oeste do Irrawaddy, onde seus tanques e caças-bombardeiros poderiam ser explorados com maior vantagem. Mas um novo comandante japonês, o tenente-general Hyotaro Kimura, decidiu não fazer ali um grande esforço de resistência, preferindo atacar os britânicos quando atravessassem o rio. Ao ser informado pelo sistema Ultra sobre as intenções de Kimura, Slim também mudou seu plano. Avançou algumas tropas para um ponto de travessia do Irrawaddy ao norte de Mandalay, onde os japoneses estavam esperando, mas concentrou seu principal esforço bem mais ao sul, a fim de interromper a retirada do inimigo investindo contra Meiktila na retaguarda. Enquanto isso, outro corpo de exército britânico ocupava as atenções dos japoneses na região costeira de Arakan.

O êxito dessas operações foi possível, em primeiro lugar devido ao efetivo dos Aliados, e, em segundo, por causa do absoluto domínio do espaço aéreo, que não dava aos japoneses oportunidades para realizar voos de reconhecimentos: do início ao fim da campanha, Kimura ficou confuso com os movimentos e as intenções dos britânicos. As forças de Slim, avançando a partir de Assam, dentro da Índia, começaram, em dezembro de 1944, a atravessar o rio Chindwin, onde tantos episódios trágicos tinham ocorrido durante a retirada da Birmânia em 1942. No norte, Stilwell comandou uma força de cinco divisões chinesas rumo ao crucial aeródromo de Myitkyina. Em 5 de março, nove mil soldados "Chindits" do major-general Orde Wingate começaram a aterrissar em zonas de selva atrás das linhas japonesas. Wingate morreu num desastre aéreo, mas, durante os meses que se seguiram, suas unidades travaram uma série de batalhas encarniçadas. Em 17 de maio, os Chindits e os chineses fizeram junção em Myitkyina, onde capturaram o aeródromo; os sofrimentos e as baixas entre os soldados de Wingate foram espantosos,

mas eles conseguiram desviar para longe da principal investida de Slim uma quantidade significativa de forças japonesas.

Depois, cerca de quarenta mil toneladas de provisões e de equipamento foram transportadas de avião para Myitkyina e dali embarcadas para a China. Essas remessas não puderam fazer muita coisa para remediar a enfermidade de que padecia o exército de Chiang Kai-shek, que ainda era incapaz de infligir muitos estragos aos japoneses, e serviram principalmente para enriquecer os chefes militares nacionais, que roubavam a maior parte do material bélico antes que chegasse às tropas. Embora os japoneses tenham pagado um alto preço por continuar sua ocupação do leste da China durante a guerra, empregando um milhão de soldados para controlar suas vastidões, tiveram pouca dificuldade para derrotar soldados nacionalistas descalços e quase mortos de fome. As forças comunistas de Mao Tsé-tung no norte conseguiram convencer os ocidentais de que enfrentavam os japoneses com mais eficácia, mas, na verdade, Mao preservava seus efetivos para a iminente luta interna pelo controle da China.

Uma formação indiana atravessou o Irrawaddy ao norte de Mandalay em meados de janeiro. Nos meses seguintes, três divisões realizaram a travessia principal a oeste de Sagaing, bem mais ao sul. O rio tinha um quilômetro e meio de largura, e os britânicos não dispunham nem de longe dos recursos anfíbios e de engenharia que os exércitos de Eisenhower usaram na Europa. Porém, com a maior parte das forças japonesas entretida mais ao norte, eles estabeleceram uma cabeça de ponte com persistente improvisação e algumas notáveis demonstrações de coragem. As ruínas de Mandalay caíram em poder dos britânicos em 20 de março. Foi uma importante vitória simbólica, mas Kimura já recuava para travar a decisiva batalha de Meiktila.

O Exército de Defesa da Birmânia, do líder nacionalista Aung San, patrocinado pelos japoneses, preparou-se para mudar de lado. Alguns oficiais britânicos resistiam à ideia de fornecer armas para os nove batalhões birmaneses, temendo que em pouco tempo fossem usadas contra eles próprios. Mas Mountbatten, comandante supremo dos Aliados, impôs sua vontade e ordenou que oficiais da SOE trabalhassem com o Exército de Defesa da Birmânia, dizendo: “Não vamos fazer nada além do que já foi feito na Itália, na Romênia, na Hungria e na Finlândia.”[1] Aung San encontrou-se com Slim, pedindo desculpas por não falar o inglês. O general respondeu, com característica cortesia, que o constrangimento era dele, por ser incapaz de falar birmanês. Concordaram em lutar juntos, e, em 27 de março, quando o exército de Slim estava a 160 quilômetros de Rangum, unidades do Exército de Defesa da Birmânia atacaram de repente posições japonesas. Muitos birmaneses ficaram satisfeitos com a oportunidade de se vingar de um povo que fora recebido como libertador em 1942, mas que, desde então, se tornara opressor. Um deles, Maung Maung, escreveu: “Guerrilheiros, jovens das aldeias, deixaram suas casas para marchar conosco. Comíamos a comida que os aldeões nos ofereciam, cortejávamos suas filhas, levávamos o perigo para suas portas e carregávamos seus filhos conosco.”[2] Era uma visão romantizada de uma tardia e cínica mudança de lealdade, comparável à conduta de muitos franceses no verão de 1944, mas ajudou a criar uma lenda que os nacionalistas birmaneses mais tarde considerariam útil.

Em 29 de abril, os britânicos estavam em Pegu, a oitenta quilômetros de Rangum, debaixo de chuva torrencial, prenúncio das monções. Na costa meridional, uma divisão indiana lançou o ataque anfíbio que Churchill sempre quis e avançou para a capital sem

encontrar muita resistência. O exército japonês foi destruído, perdendo quase todos os canhões e veículos. Ele manteve bolsões de resistência isolados até o fim da guerra, mas suas unidades destroçadas eram massacradas quando tentavam passar pelo exército de Slim, que foi finalmente posicionado ao longo do rio Sittang para impedir a fuga dos japoneses para o Sião. Nos últimos meses, os britânicos sofreram apenas algumas centenas de baixas, enquanto a campanha da Birmânia de 1945 custou aos inimigos oitenta mil mortos.

• • •

Mas a parte principal no fechamento do cerco ao Japão foi executada no Pacífico. Na manhã de 19 de fevereiro, três divisões de fuzileiros navais americanos começaram a desembarcar em Iwo Jima, uma pequena ilha localizada 4.800 quilômetros a oeste de Pearl Harbor e menos de 1.200 quilômetros ao sul do Japão. Um americano que assistiu ao bombardeamento anterior ao desembarque disse: "Achávamos que nada poderia sobreviver àquilo, e as aeronaves dos porta-aviões também estavam acabando com eles." Mas os defensores estavam bem preparados e muito entrincheirados. A carnificina foi severa — proporcionalmente mais grave do que a do Dia D: ao anoitecer, trinta mil fuzileiros navais estavam em terra firme, mas 566 estavam mortos ou quase. Os vivos avançaram com dificuldade, com cinzas vulcânicas até os joelhos, numa paisagem lunar que não oferecia proteção; uma tempestade piorou sua situação. O fuzileiro naval Joseph Raspilair escreveu: "Em toda a minha vida, acho que nunca sofri tanto quanto naquela noite. Tudo o que se podia fazer era deitar na água e esperar o amanhecer para sair do buraco."[3] Semanas de combates penosos seguiram-se. O cabo George Wayman, atirador de bazuca, sentiu tanta dor pelos ferimentos recebidos enquanto jazia por horas numa cratera que teve vontade de arrancar a baioneta e se matar; só foi evacuado depois de aguentar horas do fogo japonês que castigava o perímetro dos fuzileiros.

Os recompletamentos avançavam com dificuldade para reforçar unidades na linha de combate, onde muitos eram atingidos antes mesmo de descobrir como se chamavam seus companheiros. O tenente Patrick Caruso brincou com um desses substitutos dizendo que ele não tinha idade para estar ali;[4] logo em seguida, o rapaz foi morto, depois de apenas duas horas na ilha, sem sequer tirar o fuzil do ombro ou vislumbrar o inimigo. A criatividade dos defensores parecia ilimitada: um fuzileiro naval viu, com perplexidade, uma encosta de morro abrir-se de repente diante dele para revelar três japoneses empurrando uma peça de artilharia de campanha. O canhão disparou três tiros e foi arrastado de volta para dentro da cova. Mais tarde, morteiros o destruíram, mas uma centena de posições como essa teve de ser tomada antes que as defesas fossem vencidas. Oficiais aprenderam a desencorajar soldados em busca de suvenires, pois os japoneses preparavam armadilhas. "O melhor suvenir que cada um pode levar para casa é a si próprio", disse um lacônico comandante dos fuzileiros navais à sua companhia.

Até 27 de março, quando Iwo Jima foi finalmente tomada, os americanos sofreram 24 mil baixas, incluindo 7.184 mortos, para capturar uma ilha que correspondia a um terço da área de Manhattan. Seus campos de aviação provaram-se úteis para os B-29 que voltavam de suas missões avariados ou com pouco combustível, mas tiveram pouca

serventia para operações ofensivas. Geograficamente, Iwo Jima parecia um ponto de referência significativo na rota para o Japão; mas, do ponto de vista estratégico, como tantos objetivos conquistados com dificuldade em qualquer campanha, é difícil demonstrar que sua captura valeu a pena — as Marianas eram muito mais importantes. O quase absoluto domínio do mar pela marinha americana impossibilitava que os japoneses tirassem suas forças de Iwo Jima, ou de qualquer outra parte, para impedir operações inimigas. O Japão sangrava por mil feridas. A única dúvida era como convencer os governantes japoneses a reconhecer sua derrota, e na primavera de 1945 eles ainda pareciam longe de aceitar a realidade. Os generais japoneses acreditavam que a paz poderia ser negociada se impusessem aos americanos um alto preço em sangue para cada conquista obtida e principalmente se convencessem Washington de que o custo de invadir o Japão seria inaceitavelmente alto. Tentaram enfatizar essa mensagem acelerando o ritmo dos ataques camicases contra a marinha americana.

O comandante Stephen Juricka, oficial de navegação do porta-aviões *Franklin*, de 27 mil toneladas, foi uma das milhares de perplexas testemunhas da devastação provocada pelos bombardeiros suicidas. "Vi (...) contratorpedeiros serem atingidos, pegarem fogo, homens saltarem ao mar para fugir das chamas (...) Não demorou muito para que os tripulantes dos contratorpedeiros de escolta sentissem que estavam sendo usados como isca."[5] No começo da manhã de 19 de março de 1945, foi a vez de o *Franklin* se tornar vítima. Duas bombas japonesas atingiram o convés de pouso, provocando uma imensa explosão embaixo: "Os aviões logo atrás do elevador estavam em posição, prontos para decolar, motores ligados, totalmente carregados com [foguetes] Tiny Tim, bombas de 225 e 450 quilos. As chamas se ergueram e começamos de fato a pegar fogo (...) Homens pulavam do convés de pouso (...) Dois contratorpedeiros resgatavam homens no mar logo atrás de nós (...) muitos deles feridos, com queimaduras (...) Explodimos e ardemos até o meio da tarde seguinte." O padre O'Callaghan, capelão católico do navio, ministrava a extrema-unção a um moribundo quando um foguete Tiny Tim inflamou-se e passou por cima de sua cabeça. A maioria dos 4.800 tripulantes do *Franklin* foi evacuada nas primeiras horas depois do ataque, mas 772 permaneceram a bordo, travando uma luta épica para impedir que o navio afundasse. A marinha americana aprendera muito sobre controle de danos desde 1941, e todo esse conhecimento foi posto em uso para salvar o porta-aviões. Como sempre, alguns homens se comportaram maravilhosamente bem — outros, nem tanto.

Disse Stephen Juricka: "Fiquei espantado de ver alguns dos nossos maiores e mais vistosos oficiais, de quem se esperaria que fossem torres de força, revelarem-se pobres coitados que precisavam ser encorajados o tempo todo, e outros homenzinhos franzinos, que não chamavam a atenção, comportarem-se como verdadeiros tigres (...) Foram os pequenos que realmente se destacaram (...) Sete oficiais deixaram o *Franklin* pelo cabo de transferência [ligado, com seus salva-vidas, ao cruzador *Santa Fe*] apesar de ordens para voltar ao navio, e o comandante Gehres reportou cada um, recomendando-os à corte marcial."[6]

Já em 1939, o general Carl "Tooey" Spaatz, da USAAF, tinha aventado a possibilidade de usar as primeiras Superfortalezas Voadoras B-29 para atacar o Japão. Houve incursões aéreas ocasionais em 1944, algumas lançadas a partir da Índia, outras de campos de aviação construídos na China a custos imensos e em face de penosas dificuldades locais.

Problemas técnicos relacionados aos primeiros B-29 e a distância até o Japão, combinados a deficiências de liderança, navegação e pontaria das bombas, fizeram com que os esforços da USAAF tivessem pouco impacto. Somente em 1945 a ofensiva foi drasticamente transformada e intensificada, primeiro pelo estabelecimento de uma imensa rede de bases nas ilhas Marianas, depois por grandes remessas de aeronaves, e finalmente pela ascensão do major-general Curtis LeMay à chefia do 21º Comando de Bombardeiros.

LeMay arquitetou a primeira grande incursão a semear incêndios em Tóquio em 9 de março de 1945. Ele despachou 325 aeronaves para atacar à noite, voando baixo — entre seis mil e nove mil pés de altitude. Torrentes de bombas incendiárias caíram e explodiram com seu crepitar característico. Perderam-se apenas doze bombardeiros, a maioria destruída por correntes ascendentes emanadas pela cidade em chamas. Quarenta e dois sofreram danos de artilharia antiaérea, mas as defesas japonesas eram fracas. Um piloto escreveu laconicamente no dia seguinte: "Decolamos ontem à noite às 18h35, e, depois de uma viagem tediosa, alcançamos a costa do Japão às 2h10. Mesmo antes de sobrevoarmos terra dava para ver os incêndios em Tóquio. Estávamos a 7.800 pés, e havia fumaça se erguendo acima de nós. O funcionamento do radar era perfeito, e lançamos bombas num espaço visualmente aberto. A cidade era um 'inferno de Dante'. Um caça noturno tentou nos alcançar, mas nos voltamos contra ele e o perdemos."[7] E acrescentou, numa carta para casa: "Havia incêndios em toda parte, e a destruição provocada nesta noite não pode ter sido menos do que catastrófica." O aviador estava certo: cerca de cem mil pessoas foram mortas, e um milhão de japoneses perderam suas casas. Mais de quarenta quilômetros quadrados da cidade, um quarto de sua área, foram reduzidos a cinzas. Tóquio, na manhã de 10 de março, segundo o veterano filipino major Shoji Takahashi, parecia o "maior e mais arrasado campo de batalha que alguém poderia imaginar — Leyte em escala gigantesca". O major ficou estupefato e indignado quando, num dos muitos gestos de reconciliação do governo de Tóquio com os Estados Unidos depois da guerra, LeMay recebeu uma condecoração japonesa.

Chefes da USAAF demonstraram admiração pelo novo e enérgico comandante supremo do 21º Comando de Bombardeiros, que não se deixava tolher por escrúpulos morais. O general Lauris Norstad disse, em tom de desculpas, ao antecessor demitido de LeMay, o general Heywood Hansell: "LeMay é um operador, os demais são planejadores. Isso é tudo."[8] Nas noites que se seguiram, incursões incendiárias semelhantes foram lançadas contra Nagoya, Osaka, Kobe e outras cidades. Mesmo quando os bombardeiros começaram a atacar durante o dia, as perdas continuaram baixas, e cem novos B-29 chegavam por mês das fábricas americanas. Os aviadores cederam, com relutância, aos pedidos da marinha para que algum esforço fosse dedicado a operações de colocação de minas em alto-mar: a operação Starvation, que começou no fim de março, alcançou resultados dramáticos, pois os japoneses dispunham de tão poucos navios caça-minas quanto de tudo o mais. As primeiras novecentas minas a cair nos mares em volta do Japão impuseram novos e drásticos cortes em suas importações; quando navios mercantes receberam ordens para enfrentar a ameaça abaixo da superfície, houve uma sequência de afundamentos. Até o fim da guerra, os B-29 colocaram doze mil minas no mar, responsáveis por 63% de todas as perdas sofridas pelos transportes marítimos japoneses entre abril e agosto de 1945.

Mas o principal esforço das Superfortalezas Voadoras foi dirigido contra as cidades. Algumas incursões diurnas contra fábricas de aeronaves provocaram forte reação — uma formação foi perseguida por 233 caças. Mas o desempenho dos aviões e dos pilotos japoneses foi tão fraco que as perdas sofridas pelos bombardeiros nunca passaram de 1,6%, desprezíveis pelos padrões europeus. Depois de uma incursão, os japoneses afirmaram que 28 B-29 tinham sido destruídos, quando na verdade foram apenas cinco. Em seu desespero, os defensores também adotaram táticas camicases, abalroando bombardeiros americanos com seus caças. Nem sempre esse expediente funcionava contra as imensas e blindadas Superfortalezas Voadoras: ao ser atingida por um ataque-suicida, uma delas perdeu apenas um motor. Seu engenheiro de voo, o tenente Robert Watson, disse: "Houve um solavanco surpreendentemente leve quando o japa nos atingiu, e nosso navegador nem se deu conta de que tínhamos sido abalroados."[9] O clima e as condições atmosféricas perturbavam mais os tripulantes do que as defesas inimigas: correntes termais produziam efeitos estranhos — uma Superfortaleza aterrissou em Saipan, em julho, com um pedaço de teto de lata açoitando a borda dianteira de uma asa.

Muita atenção histórica tem-se concentrado na disposição dos pilotos japoneses a sacrificar a própria vida, mas, àquela altura da guerra, poucos pilotos de caças convencionais demonstravam apetite pela briga: aviadores americanos muitas vezes comentaram sobre sua falta de agressividade. Tóquio foi atacada repetidamente. Em 5 de junho, quando Kobe sofreu outro ataque, as aeronaves defensoras fizeram sua última aparição significativa; o inimigo decidira poupar aviões e tripulações para enfrentar uma invasão americana, quando ela viesse. Na noite do dia 15, uma incursão em Osaka destruiu trezentas mil casas e matou milhares de pessoas. A USAAF teve de se esforçar para identificar alvos importantes ainda intactos: refinarias de petróleo foram bombardeadas, embora isso tenha tido importância marginal, numa fase em que os japoneses dispunham de pouco petróleo para processar; as perdas de bombardeiros caíram para 0,3%.

Questões morais não perturbavam os tripulantes das Superfortalezas Voadoras mais do que aos seus comandantes: com característica impertinência juvenil, cada membro do 330º Grupo de Bombardeio recebeu um certificado declarando que, "por ter visitado o imperador japonês um total de (...) vezes para manifestar sua admiração com explosivos incendiários de alta potência e latas de ração C e por ter ajudado a desobstruir as favelas de Tóquio e a lavrar a terra na primavera, ele passa a pertencer à rude e real ordem dos DESTRUIDORES DE IMPÉRIO".[10] Nos quatorze meses da campanha de bombardeio da USAAF contra o Japão, 170 mil toneladas de bombas foram despejadas, a maior parte nos últimos seis meses; perderam-se 414 B-29, e 3.015 tripulantes morreram; a proporção de japoneses mortos para cada piloto americano foi de aproximadamente cem, e 65 cidades japonesas foram reduzidas a cinzas. A ofensiva aérea de 1944 e 1945 ocorreu, principalmente, porque o B-29, concebido nas circunstâncias muito diferentes de 1942, fora criado para executá-la — o programa das Superfortalezas Voadoras custou quatro bilhões de dólares, em comparação com os três bilhões empregados no Projeto Manhattan. Os aviadores americanos tinham resolvido mostrar que eram capazes de dar uma contribuição decisiva para a vitória. Os ataques incendiários tiveram na economia japonesa um impacto menor que o do bloqueio submarino, porque ocorreram quando a indústria já estava seriamente prejudicada pela falta de combustíveis e matérias-primas; mas convenceram todos, exceto os militaristas empedernidos da cúpula em Tóquio, de

que a guerra estava perdida. O papel de LeMay em punir o Japão por ter iniciado uma guerra de agressão foi mais significativo do que sua contribuição para obrigá-lo a se render.

• • •

O desembarque americano em Okinawa foi projetado para abrir caminho para o que ameaçava se tornar a batalha mais sangrenta da guerra asiática: a invasão ao Japão. A ilha, uma fatia de campos e montanhas com 96 quilômetros de comprimento, localiza-se a meio caminho entre Luzon e Kyushu. Okinawa era habitada por 150 mil pessoas de nacionalidade japonesa, embora culturalmente distintas. O assalto que começou em 1º de abril, domingo de Páscoa, após dias de intenso bombardeio, estava sob comando geral de Nimitz. Mais de 1.200 navios desembarcaram 170 mil soldados e fuzileiros navais do X Exército, enquanto uma vasta frota de cobertura formada por porta-aviões, encouraçados e navios menores navegava em alto-mar. Para a surpresa dos americanos, o assalto inicial não encontrou resistência. Os japoneses tinham aprendido as lições de batalhas anteriores nas ilhas, e recuaram para fora do alcance do bombardeio naval; só depois de uma semana de escaramuças no interior do país as tropas americanas depararam-se com intenso fogo de metralhadoras e de artilharia. O sul de Okinawa fora transformado numa fortaleza, com sucessivas linhas de posições profundamente entrincheiradas em terreno elevado. Nas 24 horas seguintes, o 24º Corpo de Exército dos Estados Unidos recebeu quatorze mil granadas.

No ponto de colisão entre os exércitos rivais, a ilha tinha apenas 4,5 quilômetros de largura. O general Mitsuru Ushijima havia concentrado seus 77 mil japoneses e 24 mil habitantes da ilha num lugar onde eram quase inexpugnáveis a ataques frontais, como os americanos descobriram nas semanas seguintes. Uma chuva forte e prolongada transformou o campo de batalha num mar de lama. Inúmeras vezes, soldados e fuzileiros navais americanos atacaram — e foram repelidos. Os generais exigiram que se esforçassem mais: em 6 de maio, um comandante de corpo de exército visitou um posto de comando divisionário e disse ter observado que suas unidades sofreram menos baixas do que qualquer outra formação. Isso foi interpretado pelos oficiais como um cumprimento, até que ele acrescentou: “Para mim, isso só pode significar uma coisa: os senhores não estão pressionando.”[11] Em seus primeiros 24 dias em Okinawa, a divisão avançara 22.860 metros e calculava ter matado quase cinco mil japoneses; nos dezesseis dias seguintes, ganhou apenas 2.290 metros.

Com a guerra na Europa chegando ao fim e o poderio dos Estados Unidos triunfando em toda parte, para o povo americano era intolerável que seus rapazes precisassem morrer aos milhares para tirar à força dos fanáticos um remoto e insignificante pedaço de terra: havia intensa irritação pública, que se voltava menos contra o inimigo do que contra os próprios comandantes americanos. Depois de maio de 1945, com Hitler vencido, os americanos não tinham mais qualquer dúvida sobre a iminente vitória no Pacífico e tornavam-se a cada dia mais descontentes com a guerra. Para alfinetar a ufania pública, a marinha americana recomendava que as pessoas tirassem férias para ir à costa oeste e visitar os estaleiros onde ficavam os navios de guerra avariados e queimados, vindos de Okinawa. Mas a Cruz Vermelha americana não conseguia voluntários para preparar

curativos cirúrgicos, e havia uma crônica escassez de mão de obra nas fábricas de material bélico. Cansaço de guerra era um eufemismo para descrever o estado de espírito do povo americano: talvez fosse mais apropriado classificá-lo de tédio, a doença das democracias, cuja paciência é sempre curta.

Os soldados que lutavam em Okinawa sentiam a mesma frustração do povo americano. Perguntavam-se: por que não realizar um assalto anfíbio para desbordar o flanco das defesas? Por que não usar gás venenoso? Por que travar esta guerra, na última fase antes da vitória inevitável, de um modo que convém aos maníacos suicidas japoneses? Nenhuma dessas perguntas foi respondida de maneira satisfatória. O comandante do X Exército era o pouco imaginativo general Simon Bolivar Buckner. Por mais de dois meses, ele conduziu uma campanha que parecia, aos que dela participaram, estreitamente aparentada com as da Primeira Guerra Mundial em Flandres. O general desferiu repetidos ataques frontais contra posições fixas, ganhando terreno devagar, mas sofrendo pesadas baixas. O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos não se saiu melhor em Okinawa do que as unidades do exército, a que costumava tratar com superioridade. Pelo menos dessa vez, MacArthur talvez tivesse razão ao afirmar que o melhor caminho seria bloquear a guarnição japonesa no sul da ilha, deixando-a apodrecer enquanto as forças americanas cuidavam do Japão propriamente.

Os japoneses não esperavam que sua resistência na ilha alcançasse resultados decisivos. Tinham mais fé num assalto aéreo de intensidade arrasadora contra a frota americana, em que o papel principal seria desempenhado pelos camicases. Aviões suicidas tinham sido usados com algum êxito nas Filipinas desde outubro de 1944. Embora os Aliados achassem esse método repugnante, do ponto de vista do inimigo era inteiramente racional. Um historiador japonês do pós-guerra comentou, com impaciência: "Há inúmeras críticas de japoneses aos ataques camicases. Mas a maioria parece vir de pessoas mal informadas, que se contentaram em ser meros espectadores da grande crise que seu país enfrentava."[12]

Contra o esmagador poderio aéreo americano, os pilotos japoneses mal treinados, que empregavam táticas convencionais, sofriam perdas severas. Tendo a morte como uma certeza e não mera probabilidade, o abastecimento de combustível podia ser reduzido à metade, e a precisão destruidora, muito aumentada. A campanha aérea resultante na costa de Okinawa infligiu perdas mais pesadas à marinha americana do que as impostas pelos principais navios da Frota Combinada em qualquer momento da guerra. Nos meses finais, os navios de Spruance foram obrigados a travar alguns dos mais duros e prolongados combates.

O capitão de fragata Fitzhugh Lee, oficial administrativo do *Essex*, contou como foi sua experiência de monitorar, no enorme Centro de Informações de Combate do porta-aviões, os ataques japoneses com bombas e torpedos.

> Lembro-me de passar muitas horas infelizes no CIC, observando esses pontos de luz vindo em nossa direção, sabendo o que estavam fazendo, e esperando que nossos canhões os derrubassem, vendo-os retornar na tela do radar, e sabendo, então, que os torpedos estavam na água, viajando em nossa direção. Aqueles minutos pareciam anos, quando estávamos sentados

> ali esperando para ver se seríamos atingidos. O CIC não era um lugar alegre. Era interessante do ponto de vista psicológico (...) minha primeira experiência de medo real — estar diante do que a gente acha que pode ser a morte a qualquer momento (...) Ali ficávamos sentados em volta das telas de radar vendo essas coisas acontecerem com jovens marinheiros de dezoito ou dezenove anos, recém-saídos da fazenda ou da sapataria (...) Suas reações eram, na maior parte, maravilhosas. Só de vez em quando aparecia um que não era capaz de aguentar (...) Descobri que era capaz de identificar quando alguém ia ficar um pouco histérico (...) Se ficasse muito emotivo, isso se espalharia logo, e era preciso pensar numa solução rápida — tirá-lo dali (...) Tivemos uns poucos que perderam o controle e começaram a chorar, gritar, rezar.[13]

A imagem de camicases japoneses decolando para enfrentar a morte com exuberante entusiasmo é em grande parte falaciosa. Entre as primeiras ondas de suicidas, no outono de 1944, muitos eram autênticos voluntários. Depois, no entanto, o suprimento de jovens fanáticos diminuiu: muitos recrutas foram, subsequentemente, levados a aceitar a função sob pressão moral e, às vezes, por alistamento obrigatório. O treinamento desses pilotos era tão duro quanto o recebido por todos os guerreiros japoneses e orientado pela mesma ênfase no castigo físico. Kasuga Takeo, praça de rancho que serviu em Tsuchitura, base camicase, deu testemunho da melancolia, por vezes da histeria, que tomava conta dos pilotos em suas horas finais.[14] Alguns quebravam móveis ou sentavam-se em muda contemplação, outros dançavam freneticamente. Takeo falou de um estado de espírito de "total desespero". A pressão do grupo, uma força social dominante no Japão desde épocas imemoriais, atingiu o apogeu durante o programa camicase.

Um historiador japonês escreveu, mais tarde, com lirismo incompreensível para a maioria dos ocidentais, sobre os pilotos condenados daquele período: "Muitos recém-chegados pareciam, de início, não só destituídos de entusiasmo, mas também perturbados com a difícil situação em que se encontravam. Para alguns, essa condição durava apenas algumas horas; para outros, vários dias. Era um período de melancolia, que passava com o tempo e depois dava lugar a um despertar espiritual. Então, como uma conquista de sabedoria, as preocupações desapareciam e a tranquilidade de espírito se impunha quando a vida começava a aceitar a morte, e a mortalidade, a aceitar a imortalidade."[15] Como exemplo, ele citou o tenente Kuno, que chegou infeliz ao aeródromo operacional, mas, antes de seu voo derradeiro, tornou-se completamente satisfeito, insistindo em retirar do avião todo equipamento que não fosse essencial. Porém, o escritor lamentou que "alguns desses pilotos, indevidamente influenciados por um público agradecido e idólatra, viam-se como deuses vivos, tornando-se insuportavelmente presunçosos".[16]

A maioria ficava apenas aflita. Um jovem instruendo refletiu, soturnamente, quando a difícil situação do país ficou óbvia: "Agora o ataque em larga escala, com a enorme superioridade material do inimigo, vai começar. O último estágio *katastrophische* descrito em *Nada de novo no front* não deve demorar."[17] O piloto de bombardeiro Norimitsu

Takushima, de vinte anos, escreveu no mesmo tom em seu diário: "Hoje o povo japonês não tem liberdade de expressão, e não podemos expressar nossas críticas em público (...) O povo japonês não tem sequer acesso a uma quantidade suficiente de informações para saber o que se passa (...) Esse é apenas um exemplo das fórmulas repetitivas e da demagogia que se tornaram a força motriz de nossa sociedade (...) Vamos ao encontro de nosso destino liderados pela fria vontade do governo. Não perderei minha paixão, nem minha esperança, até o fim (...) Existe um ideal — a liberdade."[18] Em 9 de abril de 1945, o avião de Takushima desapareceu durante uma operação.

Ainda assim, alguns desses jovens diziam agir por vontade própria: o tenente Kanno Naoishi, visto pelos colegas como um dos pilotos de caça mais pitorescos do Japão, tinha abalroado um B-24 e escapado com vida, mas não esperava sobreviver por muito tempo. Os tripulantes de aeronave viajavam entre um posto e outro levando uma pequena sacola contendo objetos pessoais, lapiseiras e roupas íntimas, com seus nomes gravados; a dele trazia, garbosamente, a inscrição "Objetos pessoais do falecido primeiro-tenente Kanno Naoishi", pois tinha como certas tanto a própria morte como a promoção póstuma concedida a todos os pilotos que tombavam. Em uma das inúmeras últimas cartas deixadas pelos camicases para suas famílias, Hayashi Ichizo escreveu, em abril de 1945: "Mãe, sou um homem. Todo homem nascido no Japão está destinado a morrer lutando pelo país. Você fez um esplêndido trabalho criando-me para ser um homem honrado. Farei um esplêndido trabalho afundando um porta-aviões inimigo. Gabe-se de mim."[19] Ichizo morreu em Okinawa, em 12 de abril de 1945, aos 23 anos. Nakao Takenonori escreveu algo parecido aos pais, em 28 de abril: "Outro dia, visitei o santuário de Kotohira e tirei uma foto. Pedi-lhes que mandassem para vocês a foto revelada. Por precaução, segue o recibo (...) Por favor, não desanimem, e lutem para derrotar os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Por favor, repitam isso para vovó. Deixarei meu diário. Apesar de não ter feito muita coisa na vida, estou contente por ter cumprido meu desejo de viver uma vida pura, sem deixar nada moralmente repugnante (...) Quero expressar meus agradecimentos ao meu tio e a muitas outras pessoas (...) Desejo-lhes tudo de bom no futuro."[20]

Para a marinha americana, combater os camicases foi uma experiência sangrenta e dolorosa. Aviadores japoneses executaram quase 1.700 sortidas para Okinawa entre 11 de março e o fim de junho de 1945. Dia após dia, tripulantes de navios guarneciam seus canhões para montar barragens contínuas contra atacantes que voavam em picada ou em rotação. A maioria dos pilotos morria sob o fogo americano, mas alguns sempre conseguiam passar para se imolar nos conveses de pouso e nas superestruturas dos navios de guerra, com efeitos devastadores conforme a gasolina queimava, a munição explodia e marinheiros protegidos apenas por capuzes e luvas antifagulha de repente se viam no meio de incêndios descontrolados. Em 12 de abril, quase todos os 185 atacantes foram destruídos — mas dois navios americanos afundaram e quatorze foram avariados, incluindo dois encouraçados. No dia 16, o porta-aviões *Intrepid* foi atingido. Em 4 de maio, cinco navios foram a pique e onze, avariados. Entre 11 e 14, três navios capitânias foram severamente avariados, incluindo os porta-aviões *Bunker Hill* e *Enterprise*. De 6 de abril a 22 de junho, em todo o teatro de operações houve dez grandes ataques-suicidas durante o dia e a noite, envolvendo 1.465 aeronaves, além de 4.800 incursões convencionais. Camicases afundaram 27 navios e danificaram 164, enquanto bombardeiros afundaram um e avariaram 63. Cerca de 20% dos assaltos camicases atingiam o alvo — dez

vezes o índice de acertos em ataques convencionais. Somente a superioridade esmagadora de seus efetivos permitiu que a marinha americana suportasse esse castigo.

Quando Okinawa foi declarada segura em 22 de junho, 82 dias depois do desembarque inicial de Buckner, as baixas do exército e dos fuzileiros navais totalizavam 7.503 mortos e 36.613 feridos, além de 36 mil sofridas fora de combate, na maioria casos de trauma de guerra. Adicionalmente, a marinha americana teve 4.907 mortos e mais de oito mil feridos. Quase toda a força defensora em terra firme pereceu, juntamente com milhares de nativos de Okinawa, dos quais alguns foram incentivados pelo exército a cometer suicídio. Os japoneses conseguiram, em grande parte, alcançar seus objetivos: as perdas dos Estados Unidos convenceram os líderes do país de que uma invasão ao Japão seria imensamente onerosa. As consequências, entretanto, foram bem diferentes das que Tóquio imaginara.

Operações terrestres menores prosseguiram nas semanas seguintes: forças australianas desembarcaram em Bornéu, por ordem de MacArthur, e travaram uma pequena e sangrenta campanha para tomar as regiões costeiras; nas Filipinas, tropas americanas reduziram o encolhido perímetro de Yamashita nas montanhas e conduziram uma série de desembarques anfíbios para libertar ilhas do vasto arquipélago. Tenazes esforços persistiram para convencer os retardatários japoneses a se renderem: um prisioneiro, o sargento Kiyoshi Ito, de 29 anos, vendedor de Nagoya na vida civil, foi convencido a assinar um folheto a ser distribuído pelas tropas americanas:

> Camaradas! Vocês, que valentemente decidiram resistir até o fim...
>
> POR FAVOR, ANTES DE MORRER, PAREM UM POUCO E PENSEM!
>
> OFICIAIS, SARGENTOS E SOLDADOS!
>
> ... Não preciso explicar-lhes a situação difícil em que nos encontramos, quando nossa pátria isolada luta contra o mundo inteiro. Não é apenas uma questão de tempo? Por favor, tentem ser razoáveis. Deixem que o Destino decida a guerra. Venha o que vier, o povo japonês, com sua gloriosa história de três mil anos, jamais será exterminado. Camaradas, por que não levar em conta o seu passado e viver de modo diferente e mais positivo para reconstruir o Japão? Joguem fora suas armas e saiam de suas posições. Tirem suas camisas e acenem com elas por cima da cabeça, aproximando-se das posições americanas à luz do dia pelas estradas principais. Com isso, suas preocupações vão acabar, e vocês receberão tratamento humano.
>
> ACREDITO, FIRMEMENTE, QUE ESSA É A ÚNICA SAÍDA E A MELHOR MANEIRA QUE AINDA RESTA DE SERVIR AO NOSSO PAÍS!
>
> Um sargento do exército japonês, agora prisioneiro de guerra.[21]

Esses apelos foram quase totalmente ignorados até agosto de 1945, e mesmo depois, como também na Birmânia, onde o XIV Exército, de Slim, ainda eliminava japoneses remanescentes e se preparava para a operação Zipper, a invasão da Malásia. Houve muitas piadas amargas quando os soldados que combatiam no leste ouviram a notícia sobre o Dia da Vitória na Europa. Um mensageiro de moto entregou a mensagem com a notícia para o mais alto oficial de estado-maior de uma divisão na Birmânia. O dignitário chamou

seu sargento e disse: “Recebi uma mensagem aqui: a guerra na Europa acabou.”[22] O sargento virou-se para seus homens e disse: “A guerra na Europa acabou. Cinco minutos de folga.” O major John Randle, que combatia na linha de frente da Birmânia desde abril de 1942, disse, a respeito do estado de espírito no verão de 1945: “Achávamos que continuaríamos por muito tempo. Já estávamos um pouco impacientes. Se meu comandante tivesse dito: ‘Vocês merecem um descanso’, mesmo antes de voltarmos [para a Birmânia] no começo de 1945, eu teria aceitado. Mas jamais pediria — não se podia levantar a mão e dizer: ‘Para mim, chega.’”[23]

Para o desânimo de muitos americanos mais antigos, MacArthur foi designado comandante supremo da operação Olympic, a invasão do Japão, que deveria começar em novembro com um desembarque em Kyushu. Enquanto isso, os bombardeiros de LeMay continuavam a incinerar as cidades do inimigo, e a produção industrial japonesa chegou à beira do colapso. Em 10 de julho de 1945, a 3ª Frota dos Estados Unidos, comandada por Halsey, aproximou-se do Japão e iniciou seu próprio programa de intensos ataques aéreos a partir de porta-aviões contra o interior do país, provocando carnificina e destruição em áreas que tinham escapado à atenção da 20ª Força Aérea. “Na vanguarda do invasor, sua grande força-tarefa de porta-aviões agia com fúria e violência (...) como um poderoso tufão”,[24] escreveu o oficial naval Yoshida Mitsuru em reverente frustração.

Stalin prometera participar da guerra no leste e lançar uma grande ofensiva manchu em agosto. Contra o Japão, assim como contra a Alemanha, parecia quase certo que vidas americanas poderiam ser salvas deixando-se para os russos a tarefa mais sangrenta de esmagar o inimigo. Foi uma extraordinária demonstração de ingenuidade por parte de Washington não reconhecer que Stalin queria combater os japoneses não para agradar aos Estados Unidos, mas porque estava determinado a assegurar suas próprias recompensas territoriais. Em vez de precisarem convencer Stalin a enviar soldados, a verdade é que os Aliados não teriam conseguido impedir que o chefe militar soviético o fizesse. De todos os beligerantes, Stalin era o que tinha a mais clara visão de seus objetivos. Durante junho e julho de 1945, milhares de trens soviéticos atravessaram a Ásia em direção leste, transportando os exércitos que haviam derrotado a Alemanha para completar a destruição do Japão.

Enquanto isso, em imensas e bem protegidas instalações espalhadas pelos Estados Unidos, 125 mil cientistas, engenheiros e funcionários de apoio trabalhavam para concretizar o Projeto Manhattan, a maior e mais terrível iniciativa científica da guerra. Laura Fermi, mulher de Enrico, um dos brilhantes responsáveis pelo centro de pesquisa de Los Alamos, escreveu posteriormente que sentia pena dos médicos do exército incumbidos do bem-estar dos cientistas: “Tinham sido preparados para enfrentar situações de emergência nos campos de batalha, mas em vez disso se viram diante de um bando de homens, mulheres e crianças tensos e irritáveis. Tensos e irritáveis porque a altitude nos afetava, porque nossos homens trabalhavam longas horas sob pressão implacável; tensos e irritáveis porque havia muitos de nós, próximos demais uns dos outros, era difícil evitar uns aos outros mesmo nas horas de relaxamento, e todos amalucados; tensos e irritáveis porque nos sentíamos impotentes sob circunstâncias estranhas.”[25]

Em 1942, os britânicos tinham alcançado significativo progresso na pesquisa da bomba atômica; seu conhecimento teórico, a rigor, era àquela altura maior do que o dos cientistas americanos. Mas, com a ilha sitiada, reconheciam que faltavam recursos para desenvolver rapidamente uma arma. Chegou-se, então, a um acordo para que cientistas britânicos e europeus cruzassem o Atlântico como imigrantes e fossem trabalhar com os americanos. A partir daí, a contribuição britânica foi esquecida depressa em Washington: os Estados Unidos tornaram-se brutalmente ciosos da condição de donos da Bomba.

O determinismo tecnológico é uma característica proeminente na guerra moderna, e isso nunca foi demonstrado de forma mais vívida do que na exploração da destruição atômica. Assim como era quase inevitável que, uma vez construída para atacar o Japão, uma frota de B-29 fosse empregada para esse fim, o investimento dos Estados Unidos no Projeto Manhattan precipitou o fim de Hiroshima e Nagasaki. A posteridade vê o uso da bomba atômica isoladamente; mas, na cabeça da maioria dos políticos e generais a par do segredo, essas primeiras armas nucleares ofereciam apenas um drástico aumento na eficiência dos ataques aéreos que as Superfortalezas Voadoras de LeMay já conduziam, e provocavam insignificantes demonstrações de escrúpulo moral entre os americanos.

Só um pequeno número de cientistas compreendeu plenamente o significado avassalador do poder atômico. O entendimento limitado de Churchill foi revelado em 1941, quando lhe pediram que aprovasse o compromisso da Grã-Bretanha em desenvolver uma arma nuclear. Ele respondeu que, pessoalmente, estava muito satisfeito com o poder de destruição dos explosivos existentes, embora não fizesse objeção ao desenvolvimento de uma nova tecnologia que prometesse mais. As discussões entre Truman — que se tornara presidente depois da morte de Roosevelt em 12 de abril de 1945 —, Stimson, Marshall e outros revelam uma compreensão de que a Bomba poderia ser uma arma de poder devastador, mas não sugerem de forma alguma que isso abriria uma nova era para a humanidade. Marshall, por exemplo, até agosto de 1945, ordenou que se continuasse a planejar a operação Olympic; ele não estava convencido de que as bombas atômicas poriam fim à guerra, ainda que fossem lançadas e funcionassem como previsto.

O major-general Leslie Groves, que dirigia o Projeto Manhattan, tinha intenção de usar as novas armas o mais breve possível. Não o perturbavam de forma alguma as aflições de cientistas como Edward Teller, que escreveu a um colega quase em tom de desespero: "Não tenho a menor esperança de limpar minha consciência. As coisas nas quais estamos trabalhando agora são tão terríveis que nenhuma quantidade de protestos ou de justificativas políticas salvará nossas almas."[26] A única questão discutida de maneira significativa foi se uma demonstração da Bomba, em vez de seu uso direto contra um alvo urbano, poderia alcançar o efeito desejado. Depois de intensos debates no fim de semana de 14 a 16 de julho, um grupo de cientistas encabeçados por Robert Oppenheimer informou: "Os que defendem uma demonstração puramente técnica gostariam de proibir o uso de armas atômicas e temem que, se lançarmos mãos dessas armas agora, nossa posição em futuras negociações ficará prejudicada. Outros enfatizam a oportunidade de poupar vidas americanas com seu uso militar imediato e acreditam que esse uso melhorará as perspectivas internacionais (...) Estamos mais próximos dessa última opinião; não podemos conceber qualquer demonstração técnica que seja capaz de pôr fim à guerra; não vemos alternativa alguma aceitável ao uso militar direto."[27]

Até mesmo Teller convenceu-se — de modo algum por inocência — de que a melhor esperança para o futuro da humanidade estava numa demonstração ao vivo que exibisse ao mundo os indizíveis horrores desencadeados pelo uso de tais armas. A iniciativa atômica ganhou um impulso próprio que só em duas hipóteses poderia ter sido controlado. Uma delas era Truman mostrar extraordinária intuição e decidir que a Bomba era terrível demais para ser empregada; a outra, mais plausível, era que os japoneses propusessem uma rendição incondicional. Contudo, pela metade do verão de 1945, tanto as mensagens secretas interceptadas quanto os pronunciamentos públicos de Tóquio mostraram obstinada rejeição japonesa a essa possibilidade.

Objetivamente, estava claro para os Aliados que a derrota do Japão era inevitável, por razões tanto militares quanto econômicas, e que, portanto, o uso de armas atômicas seria desnecessário. Mas a perspectiva de ser obrigado a manter a luta contra bolsões de resistência fanática em toda a Ásia durante meses, talvez anos, era assustadora. Em Tóquio, persistia a crença de que a defesa vigorosa das ilhas japonesas ainda poderia evitar que o Japão precisasse aceitar uma derrota absoluta. O general Yoshijiro Umezu, chefe do estado-maior japonês, fantasiou, em termos caracteristicamente pretensiosos, num artigo de jornal publicado em maio: "O caminho certo para a vitória numa batalha decisiva consiste em unir os recursos do império em apoio ao esforço de guerra e em mobilizar toda a força do país, tanto física quanto espiritual, para aniquilar os invasores americanos. O estabelecimento de um espírito metafísico é a primeira condição essencial para travar uma batalha decisiva. É preciso sempre enfatizar uma dedicação enérgica à ação agressiva".[28] O oficial de estado-maior major Yoshitaka Horie falou sobre questões da atualidade numa palestra para cadetes do exército, o que provocou uma reprimenda de um oficial do Departamento de Ensino do Exército, a qual dizia: "Suas palestras são tão deprimentes que os oficiais que assistem a elas vão acabar perdendo a vontade de lutar. O senhor precisa concluí-las com otimismo, assegurando-lhes que o exército imperial ainda está pronto para o combate."[29]

Alguns dos que hoje criticam com veemência o uso das bombas ignoram o fato de que cada dia de guerra a mais significava que prisioneiros e escravos do império japonês na Ásia continuariam a morrer aos milhares. Perversamente, os Aliados talvez tivessem confundido mais os militaristas japoneses com um anúncio de que *não* pretendiam invadir o Japão, preferindo continuar matando de fome e bombardeando o povo japonês até que ele se rendesse, do que se preparando para a operação Olympic. O maior erro de Truman, no que diz respeito a proteger sua própria reputação, foi não apresentar um ultimato explícito antes do ataque a Hiroshima e Nagasaki. A Declaração de Potsdam dos Aliados Ocidentais, divulgada em 26 de julho, ameaçava o Japão com "pronta e total destruição" se ele não se rendesse de imediato. Essa frase era prenhe de significado para os líderes dos Aliados, que sabiam que a primeira bomba atômica acabara de ser testada com êxito em Alamogordo. Mas para os japoneses apenas prenunciava mais do mesmo: ataques com bombas incendiárias e, cedo ou tarde, uma invasão.

Em meados do verão de 1945, os governantes do Japão desejavam acabar a guerra; mas seus generais, e alguns políticos, ainda estavam empenhados em obter termos "honrosos", que incluíam, por exemplo, a retenção de partes substanciais do império japonês na Manchúria, na Coreia e na China, além de um acordo dos Aliados para poupar o país de uma ocupação ou de julgamentos por crimes de guerra. "Ninguém no

Japão tinha autoridade remotamente comparável à de um presidente americano",[30] observa o professor Akira Namamura, da Universidade Dokkyo, historiador japonês moderno. "O imperador era obrigado a agir de acordo com a constituição japonesa, o que significava que ele era obrigado a levar em conta os desejos do exército, da marinha e dos políticos civis. Ele só podia decidir encerrar a guerra quando essas forças o convidassem a fazê-lo." Ainda que essa afirmação estivesse sujeita à mais ampla diversidade de interpretações, como até hoje está, era claro que Hirohito só poderia decidir-se pela rendição quando se formasse um acordo geral entre os líderes japoneses. Esse acordo foi obtido por estreita margem em meados de agosto de 1945, nem um dia antes.

O que muitos críticos modernos do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki cobram, na verdade, é que os Estados Unidos deviam ter aceitado uma responsabilidade moral de poupar o povo japonês das consequências da teimosia de seus próprios líderes. Nenhuma pessoa em sã consciência sugeriria que o uso das bombas atômicas representou um bem absoluto ou mesmo que foi um ato justo. Mas ao longo da guerra fora necessário cometer muitos atos terríveis em prol da vitória dos Aliados e presidir uma enorme carnificina. Em agosto de 1945, para os líderes dos Aliados, a vida de seu próprio povo tornara-se muito preciosa, e a dos inimigos, muito barata. Nessas circunstâncias, parece compreensível que o presidente Truman não tenha contido a força destruidora que transportou as bombas atômicas para Tinian e de lá para o Japão. Assim como Hitler foi o arquiteto da devastação da Alemanha, o regime de Tóquio teve imensa responsabilidade pelo que ocorreu em Hiroshima e Nagasaki. Tivessem os líderes do Japão dado ouvidos à lógica, pensado no bem-estar de seu próprio povo e abandonado a guerra, as bombas atômicas jamais teriam sido lançadas.

Quando o atirador de Superfortaleza Joseph Majeski, de dezenove anos, viu o B-29 *Enola Gay* chegar a Tinian, especialmente modificado para transportar apenas armamento de cauda e aparelhado com hélices de passo reversível e outros equipamentos especiais, aproximou-se e perguntou a um dos tripulantes o que eles faziam ali. O homem respondeu, com petulância: "Estamos aqui para ganhar a guerra", e, é claro, o jovem aviador não acreditou. Poucos dias depois, em 6 de agosto de 1945, o avião lançou a "Little Boy" sobre Hiroshima. A detonação gerou a energia de 12.500 toneladas de explosivos convencionais, provocou ferimentos de um tipo que a humanidade jamais sofrera e matou pelo menos setenta mil pessoas. No mundo inteiro, muita gente achou que a simples ideia do que havia acontecido ultrapassava os limites da imaginação. O primeiro-tenente Michael Blois-Brooke, do navio de assalto britânico *Sefton*, preparando-se para invadir a Malásia, disse: "Ouvimos falar de uma bomba extraordinária que teria sido lançada no Japão e que acabaria com a guerra. Na verdade, não demos importância à notícia, achando que uma bomba sozinha não alteraria o curso da história."[31]

Três dias depois, a "Fat Man" foi jogada em Nagasaki, alcançando potência explosiva equivalente à de 22 mil toneladas de TNT e matando pelo menos trinta mil pessoas. Na madrugada daquele dia, 1,5 milhão de soldados soviéticos começou a atravessar a fronteira da Manchúria, apoiados por 5.500 tanques e canhões autopropulsados. Os russos dominaram a região e sobrepujaram os japoneses, cujo poder de fogo era irremediavelmente inferior. Em alguns lugares, os defensores lutaram até o último homem, sustentando a resistência por dez dias depois do término oficial da guerra. Mas

em 20 de agosto os russos já haviam tomado a maior parte da Manchúria e do norte da Coreia. A breve campanha custou-lhes doze mil mortos, mais do que o exército britânico perdeu na França em 1940, enquanto aproximadamente oitenta mil soldados japoneses pereceram.

A maioria dos jovens que bombardeavam o Japão desenvolvera, havia muito, uma carapaça de insensibilidade em relação à sua atividade, igualada pela que blindava seus comandantes. O general "Hap" Arnold, comandante da USAAF, queria concluir a ofensiva de Superfortalezas Voadoras com um *grand finale* com mil aeronaves incendiárias; Spaatz, agora seu comandante-chefe no Pacífico, preferia a ideia de lançar uma terceira bomba atômica em Tóquio. Em 14 de agosto, oitocentos B-29 atacaram a área urbana de Isesaki com bombas incendiárias sem perder um só avião, criando uma última tempestade de devastação pós-Nagasaki. Um dos pilotos, o coronel Carl Storrie, disse na manhã seguinte a respeito do papel que desempenhou: "Bancamos o relógio despertador. Todas as outras aeronaves transportavam bombas incendiárias, mas tínhamos bombas de 1.800 quilos e fomos acordar a população de Kumugaya (...) Estávamos a dezesseis mil pés e dava para sentir a pancada. Foi uma brincadeira de mau gosto. Achávamos que os japas iam pensar que era outra bomba atômica."[32]

O imperador Hirohito convocou uma reunião com os líderes militares e políticos do país e os informou de sua determinação de terminar a guerra, declarada ao país numa transmissão radiofônica poucas horas depois. Ainda assim, nem todos os súditos aceitaram sua conclusão. O comandante Haryushi Iki, piloto de caça, disse: "Nunca me permiti pensar na possibilidade de perder a guerra. Quando os russos invadiram a Manchúria, fiquei terrivelmente deprimido — mas nem aí consegui aceitar que havíamos perdido." Algumas figuras importantes, incluindo o ministro da Guerra e um bom número de generais e almirantes, cometeram suicídio ritual, exemplo seguido por centenas de pessoas mais humildes. "Havia uma clara divisão de opiniões no exército sobre se deveríamos terminar a guerra", disse o oficial de inteligência do estado-maior major Shoji Takahashi. "Muitos homens nossos na China e no Sudeste Asiático eram a favor de continuarmos lutando. A maioria dos que estavam no Japão admitia que não podíamos prosseguir. Eu tive certeza de que, depois que o imperador falou, era preciso desistir."

Essa opinião prevaleceu. Às 19 horas de 14 de agosto, horário de Washington — já dia 15 no Japão —, Harry Truman leu o anúncio da rendição incondicional japonesa para uma multidão de políticos e jornalistas na Casa Branca. Em seguida, o presidente ordenou a interrupção de todas as operações ofensivas contra o inimigo. Na baía de Tóquio, em 1º de setembro, representantes do Japão e dos Aliados sob a chefia do general Douglas MacArthur assinaram o documento de rendição no convés do encouraçado *Missouri*. A Segunda Guerra Mundial estava oficialmente terminada.

26
Vencedores e vencidos

Goethe escreveu no começo do século XIX: “Nossas guerras modernas fazem muitas pessoas infelizes enquanto duram, e não deixam ninguém feliz quando acabam.” Foi quase o que aconteceu em 1945. A guerra terminou abruptamente na Europa: de modo relutante ou grato, milhões de soldados alemães se renderam, soltando suas armas antes de se juntarem a vastas colunas de prisioneiros que se arrastavam em direção a jaulas improvisadas enquanto um pequeno número, no leste, insistia em resistir aos russos. Os vencidos surgiam em lugares improváveis, das mais variadas formas: um U-boat com bandeira branca hasteada subiu pelo rio Piscataqua, em New Hampshire, onde a perplexa polícia estadual recebeu o comandante e seus tripulantes. O primeiro-ministro irlandês Éamon de Valera, ostentando até o fim seu desprezo pelos vizinhos britânicos, fez uma visita formal à embaixada alemã em Dublin para manifestar seu pesar pela morte do chefe de estado do Reich.

Muitos alemães julgavam-se tão vítimas de Hitler quanto os países que ele conquistara e escravizara. Em Hamburgo, a velha Mathilde Wolff-Monckeburg escreveu, com o coração partido, em 1º de maio: “Choramos profundamente o destino de nossa pobre Alemanha. É como se a bomba final houvesse atingido nossa alma, matando o último vestígio de alegria e de esperança. Nossa bela e orgulhosa Alemanha foi esfacelada, triturada e esmigalhada em ruínas enquanto milhões sacrificavam a vida, e todas as nossas lindas cidades e tesouros artísticos foram destruídos. E tudo por causa de um único homem com uma visão lunática, que acreditava ter sido ‘eleito por Deus’.”[1]

Entre os alemães, no verão de 1945 e depois, a autopiedade era um sentimento muito mais predominante do que a contrição: uma em cada três crianças do sexo masculino nascidas entre 1915 e 1924 estava morta, assim como dois em cada cinco meninos nascidos entre 1920 e 1925. Nas vastas migrações de refugiados antes e depois do Dia da Vitória na Europa, mais de quatorze milhões de pessoas de etnia alemã deixaram suas casas no leste ou foram expulsas. Ao menos quinhentos mil — as estimativas modernas variam amplamente — pereceram nas odisseias subsequentes; o problema histórico das minorias alemãs da Europa central foi resolvido da forma mais abrupta pela limpeza étnica. Ao mesmo tempo, milhões de pessoas escravizadas por Hitler, de uma dezena de nacionalidades, mergulhavam num novo túnel escuro de incertezas nos acampamentos para Deslocados de Guerra administrados pelos Aliados, onde alguns permaneceram por anos. Os menos afortunados foram sumariamente destinados à Rússia, sua terra natal, onde muitos acabaram classificados pelo NKVD como traidores, comprovados ou supostos, e mortos.

Nas cidades alemãs, metade das habitações havia sido destruída, inclusive 3,8 milhões dos dezenove milhões de apartamentos. Richard Johnston, do *New York Times*, escreveu sobre as ruínas de Nuremberg: “Como tímidas criaturas do subsolo, alguns alemães saíram de seus abrigos, cavernas e porões nessa manhã para piscarem à forte luz do sol e encarar, sem poder acreditar, a confusão terrível em que se transformara sua cidade (...)

Nuremberg é uma cidade dos mortos."[2] Berlim, Dresden e Hamburgo estavam em situação ainda pior. A Guerra dos Trinta Anos, três séculos antes, infligira perdas proporcionalmente maiores à população da Alemanha, mas a devastação física de 1945 não tinha paralelo na história: as grandes cidades da Europa foram poupadas pela Primeira Guerra Mundial e até mesmo pela turbulência de Napoleão.

Por dois anos depois do Dia da Vitória na Europa, o NKVD sustentou uma sangrenta campanha de contrainsurgência na Polônia e na Ucrânia para impor a vontade de Stalin sobre pessoas consumidas pela amargura de trocar a tirania nazista pela soviética. Exilados poloneses no Ocidente horrorizaram-se quando seu lugar no desfile da vitória em Londres foi negado porque o novo governo trabalhista britânico não queria ofender os russos. O general Władysław Anders escreveu: "Senti-me como se espiasse um salão de baile por trás de uma cortina, numa porta pela qual eu não poderia passar."[3] Pouco antes que o Partido Trabalhista assumisse o poder, em julho, Anders encontrou-se com o embaixador norte-americano e o secretário de Exterior britânico Anthony Eden num banquete: "Eles me cumprimentaram com educação, mas sem entusiasmo. Como nosso único crime é existir e, assim, causar constrangimentos à política aliada, não me considero obrigado a esconder-me ou envergonhar-me."[4]

Sua amargura era justificada: ele e quase 150 mil compatriotas lutaram galantemente ao lado das forças aliadas, sofrendo pesadas baixas na Itália e no noroeste da Europa. "Nós, poloneses em uniformes, integrados às forças armadas britânicas, tornamo-nos uma feia ferida na consciência inglesa",[5] escreveu o piloto B. Lvov. Em 1945, essas pessoas viram-se transformadas em párias pelo crime de rejeitar um regime-fantoche stalinista em seu próprio país. Os poloneses terminaram a guerra como começaram: sacrifícios humanos imolados às realidades do poder. Anders, Lvov e muitos outros camaradas preferiram o exílio no Ocidente a voltar à subjugação soviética e provável execução na Polônia. Os americanos e os britânicos haviam libertado metade da Europa de uma tirania totalitária, mas não tiveram a determinação política nem os recursos militares para impedir que noventa milhões de habitantes dos países do Leste Europeu se tornassem vítimas de uma nova escravidão soviética, que durou quase cinquenta anos. O preço de juntar-se a Stalin para destruir Hitler foi, de fato, muito alto.

Nos países vitoriosos, a gente comum saudou o desfecho da luta como um triunfo da virtude sobre o mal, alheia à forma como a libertação foi frustrada em muitas partes do mundo. No alto das paredes de várias casas contíguas na rua da dona de casa Edie Rutherford, em Sheffield, foram pintadas as palavras DEUS ABENÇOE NOSSOS RAPAZES POR ESSA VITÓRIA. Ela e seus amigos disseram sobre Churchill: "Todos concordaram que fomos abençoados em ter tal líder. Senti-me novamente muito grata por ter nascido britânica."[6]

Milhões de pessoas humildes não pensaram em questões globais, mas em razões pessoais e comoventes para sentir gratidão. Em 7 de setembro de 1941, o artilheiro Bob Grafton, de dezenove anos, morador da parte leste de Londres, escreveu o seguinte para sua adorada namorada Dot antes de embarcar para o Extremo Oriente: "Querida, *sei* que você vai me esperar. Querida, você sabe disso. Juro que, enquanto estivermos separados, jamais tocarei em outra mulher, física ou mentalmente. Falo muito sério, Dot (...) Seu, sempre, com Amor e Devoção tão profundos que os fogos ardem mesmo durante o

sono, Bob."[7] Antes da queda de Cingapura, Grafton fugiu para Sumatra e viveu na selva até ser capturado pelos japoneses em março de 1942. Depois de sobreviver a uma servidão que incluiu dois anos de trabalho na ferrovia da Birmânia, em setembro de 1945 ele escreveu para Dot, num navio-transporte para casa: "Isto eu sei: que foi você, entre nós dois, quem teve a tarefa mais difícil. Pois sou um homem (talvez prematuramente), e os homens devem lutar e as mulheres devem chorar. Então, minha cota não foi exceção, a sua, sim (...) Mesmo tendo perdido quatro anos, viveremos de tal forma que nunca nos arrependeremos." A história de Grafton teve um desfecho inusitadamente positivo: casou-se com sua Dot e viveram felizes para sempre.

O artilheiro David McCormick fora capturado no Norte da África em dezembro de 1941 e passou mais de três anos em campos de prisioneiros de guerra italianos e alemães. Pouco depois do Dia da Vitória na Europa, sua futura mulher encontrou-se com ele na estação de Salisbury.[8] "Ele estava muito magro, muito pálido e tinha um enorme galo na testa. Eu usava um vestido azul com bolinhas brancas e arcos, que me custou vários cupons de vestuário. Não lembro se nos beijamos. Acho que não, ao menos até um pouco mais tarde, quando paramos no caminho para Ditchampton. Estávamos muito nervosos. Ele pediu desculpas pelo galo, explicando que alguns belgas comemoraram a primeira noite de liberdade com um bando de prisioneiros, demonstrando entusiasmo excessivo, e que depois ele havia esbarrado numa armadilha anticarro. Ele falou muito (...) Estava desesperado para se livrar, o mais rapidamente possível, do peso que ele precisara aguentar durante aqueles quatro anos."

Muitos outros, porém, voltaram para casa para descobrir que velhos laços haviam sido rompidos e antigas paixões, extintas; esses eram obrigados a se contentar com a própria sobrevivência. Para outros milhões, simplesmente não houve volta: no outono anterior, Kay Kirby tornara-se uma suposta viúva aos 21 anos quando seu marido, um navegador do Comando de Bombardeiros, foi dado como desaparecido ao sobrevoar a Alemanha. Na ausência de um cadáver identificado, ela ainda se agarrava a uma esperança. "Durante anos, esperei George aparecer. Não pude aceitar o fato de que ele não voltaria (...) Antes de sua missão, quando retornava inesperadamente em licenças, George batia à minha janela com uma vara de madeira do varal. Depois que desapareceu, muitas vezes fui à porta porque achei que o ouvira bater à janela. É claro que não havia ninguém."[9]

Intelectuais refletiram sobre a vasta experiência que o mundo vivera. Arthur Schlesinger escreveu, com rancor: "Foi, suponho, uma Boa Guerra. Porém, como todas as guerras, a nossa foi acompanhada por atrocidade e sadismo, por estupidez e mentiras, por extravagância e covardia. A guerra continua sendo um inferno, mas poucas foram motivadas por objetivos decentes e produziram resultados benéficos."[10] Forrest Pogue, historiador como Schlesinger, que cruzara o noroeste da Europa com o exército americano, escreveu: "A guerra, ao mesmo tempo em que me deu a oportunidade de conhecer mais sobre o mundo e sobre todos os tipos de gente, confundiu-me (...) Vivi mais completamente a existência ordinária do que em qualquer outra época (...) Descobri o quanto o homem se encontra perto do animal (...) endureci-me e tornei-me mais tolerante e compreensivo em relação às fraquezas humanas (...) [mas também] confuso o suficiente para não sido capaz de encontrar qualquer resposta."[11]

Na Ásia, embora punhados de soldados japoneses tenham permanecido escondidos e até sustentado atividades guerrilheiras nas Filipinas e em remotas ilhas do Pacífico durante meses ou anos, MacArthur e seu exército de ocupação foram recebidos no Japão com obediência quase escrava. Muitos guerreiros de Hirohito que se declararam dispostos a morrer pelo imperador admitiram alívio quando o sacrifício não foi exigido. O capitão Yoshiro Minamoto e trinta tripulantes de uma unidade de um barco-suicida *kaiten* saíram de um esconderijo na ilha de Tokahishi, na costa de Okinawa, em 23 de agosto, em resposta a apelos americanos feitos por alto-falantes: "Eu queria que tudo fosse feito da maneira correta",[12] disse Minamoto, "por isso mandei que todos lavassem seus uniformes e limpassem suas armas. Desfilei com os soldados, curvamo-nos na direção de Tóquio e fizemos a saudação; depois, conduzi um grupo com uma bandeira branca até as linhas americanas. Trataram-nos muito bem. Fiquei feliz por ter sobrevivido."

Em 15 de agosto, todas as unidades na base da costa do Japão onde Toshiharu Konada comandava outro destacamento de barcos-suicidas foram instruídas a ouvir o rádio. O sinal era tão ruim, entretanto, que os soldados não conseguiram entender o anúncio de rendição feito por Hirohito e acharam que haviam perdido uma mera arenga patriótica. Konada somente soube da notícia quando foi, num carro, até o quartel-general nas montanhas da ilha. Seu comandante ordenou que todas as unidades permanecessem em alerta máximo. Ninguém poderia adivinhar o que aconteceria a seguir: parecia possível que a transmissão radiofônica fosse um embuste americano. Desnorteado e atônito, Konada preferiu voltar a pé pela estrada, da montanha até o mar, para organizar seus pensamentos, imaginando que ele e seus camaradas receberiam ordens para se matar. Se o país aceitara a derrota, nenhum outro gesto parecia plausível.

Os jovens que se apresentaram como voluntários para morrer permaneceram prontos para se lançar contra os americanos por mais um mês enquanto se acostumavam lentamente à ideia de que talvez sobrevivessem. Konada começou a dar aulas de ciências e de inglês para seus soldados, a fim de aliviar o tédio e de ensinar-lhes algo útil no futuro. Somente no fim de novembro de 1945 chegou à casa de seus pais no Japão continental. Seu pai, também oficial da marinha, retornara da guerra convencido de que o filho mais velho estava morto: numa confusão burocrática, Konada constava de uma lista oficial de pilotos *kaiten* perdidos nos ataques a navios americanos. "Naquele tempo, os pais japoneses não demonstravam emoções",[13] disse o suicida poupado. "Tudo o que ele disse foi 'Achávamos que nunca mais o veríamos', mas percebi que ele estava feliz," Outras famílias tiveram menos sorte: entre o vasto número de soldados japoneses que caíram nas mãos soviéticas depois da última e breve campanha na Manchúria, trezentos mil morreram em cativeiro.

Durante meses após o fim da guerra, soldados continuaram a morrer por equívoco ou por maldade. Em 29 de agosto, caças soviéticos derrubaram um B-29 da USAAF que lançava suprimentos para um acampamento de prisioneiros de guerra na Coreia, e vários encontros fatais como esse ocorreram no espaço aéreo alemão. O encerramento das batalhas campais em nada contribuiu para aliviar a inanição em muitos lugares: somente na União Soviética, cerca de um milhão de pessoas morreram entre 1945 e 1947. No mundo inteiro, houve acidentes envolvendo abusos temerários de veículos ou de armas,

provocados por jovens guerreiros que se libertavam dos grilhões da disciplina e se matavam, uma vez que o inimigo não o fizera.

Na maior parte dos casos, conquistadores e conquistados dividiram um alívio intenso pelo fim do mais sangrento conflito da história. A bordo do porta-aviões americano *Princeton*, no Pacífico, o capelão do navio, Cecil King, estava eufórico por "ver [a guerra] terminar desse jeito (...) exatamente como em Hollywood, quando os fuzileiros navais aparecem no horizonte no último rolo do filme".[14] O historiador de um grupo de bombardeio da USAAF em Saipan escreveu, vividamente, ainda que com erros gramaticais: "O fim da guerra foi o maior fator moral que recaiu sobre esse grupo desde sua ativação."[15] Porém, apesar das demonstrações de júbilo nas capitais aliadas e nas casas das famílias às quais foi prometido o retorno de entes queridos, muitos consideravam impossível livrar-se da melancolia produzida por anos de sofrimento, medo e privação. Depois da libertação de Bucareste, Mihail Sebastian escreveu: "Tenho vergonha de estar triste. Afinal, este ano devolveu minha liberdade."[16]

No entanto, o que era a "liberdade"? Um ano antes da rendição japonesa, o ministro australiano na China advertiu o Conselho Consultivo de Guerra em Camberra sobre a hostilidade generalizada em relação à restauração do domínio colonial branco na Ásia — "Seria um erro supor que seremos bem-vindos pelas populações nativas quando voltarmos"[17] — e ficou provado que tinha razão. O nacionalista malásio Mustapha Hussein disse: "Chorei quando soube que os japoneses se renderam (...) simplesmente porque havia apenas 48 horas separando-nos da declaração de independência da Malásia. Foi, sem dúvida, um caso de 'tão perto e tão longe'. Lamentei profundamente porque a Malásia seria mais uma vez colonizada e subjugada pelo Poder Ocidental. Nem lágrimas de sangue poderiam corrigir a situação."[18]

Sérios conflitos surgiram em diversos países, onde nacionalistas resistiram à restauração da hegemonia europeia, em especial a Indochina francesa e as Índias Orientais Holandesas. Lorde Louis Mountbatten, comandante supremo aliado no Sudeste Asiático, pediu às autoridades coloniais que retornavam a concessão de suficiente autonomia local para evitar conflitos. Contudo, tanto os franceses quanto os holandeses recusaram-se a fazer isso e, por sua vez, mergulharam em longas campanhas de contrainsurgência, fadadas ao fracasso. No campo de internamento Banya Bini 10, em Java, os japoneses não informaram aos emaciados e doentes prisioneiros holandeses sobre o fim da guerra até 24 de agosto. Quando eles se aventuraram a sair, viram-se ameaçados e, às vezes, alvejados por nacionalistas indonésios empenhados em resistir à restauração do governo colonial. Somente em setembro soldados gurcas chegaram — e mais dois meses se passaram antes que os holandeses pudessem deixar seu odiado lugar de confinamento e voltar para a Holanda. Mil soldados japoneses em Java desertaram para juntar-se a comunidades locais; depois, muitos ajudaram em guerrilhas. Na China, aeronaves americanas transportaram tropas nacionalistas e alguns fuzileiros navais para Pequim, Xangai e Nanquim, num esforço bem-sucedido para evitar uma tomada de poder pelos comunistas, mas a guerra civil em pouco tempo dominou o país, da qual Mao Tsé-tung, por fim, saiu vitorioso.

Funcionários britânicos que retornavam à Birmânia horrorizavam-se com a indigência que encontravam: os serviços e os transportes públicos haviam entrado em colapso, e muitas pessoas morriam de fome, traumatizadas por suas experiências. Em Rangum o

servidor público T. L. Hughes encontrou “velhos amigos tão mudados que eram irreconhecíveis; muitos estavam emaciados e encolhidos, muitos adquiriram cabelos brancos prematuramente e muitos continuavam olhando ansiosamente sobre os ombros, temendo a Gestapo japonesa”.[19] Espectadores britânicos do desfile de vitória na capital birmanesa observaram, com inquietação, tropas nacionalistas de Aung San marcharem a passos de ganso pela avenida central em uniformes de estilo japonês. Era óbvio para qualquer um, salvo para os imperialistas mais empedernidos, que seria impossível recuar o relógio para 1941 e que os britânicos precisariam ir embora para sempre, assim como teriam de fazer na Índia. Nas Filipinas, também, o radicalismo se estabelecera. Um membro da guerrilha comunista Huk disse sobre o período que se seguiu à rendição do Japão: “Eu sabia que precisávamos ter nossos grupos camponeses porque os proprietários de terras voltariam. A vida ainda era difícil e (...) houve tanta destruição, mas acho que o povo tinha esperança. Sei que eu tinha. E nós, o povinho, estávamos mais fortes, éramos mais organizados.”[20]

Cada um dos três principais países vitoriosos emergiu da Segunda Guerra Mundial confiante na crença de que seu papel fora decisivo para a vitória. Somente muitos anos depois apareceu uma perspectiva mais matizada, pelo menos nas sociedades ocidentais. Hitler estava certo em prever que a “coalizão antinatural” de seus inimigos desmoronaria e daria lugar a um antagonismo entre a União Soviética e o Ocidente, embora fosse tarde demais para salvar o Terceiro Reich. A Grande Aliança, expressão cunhada por Churchill para enobrecer as relações entre Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética durante a guerra, sempre foi um grande fingimento; foi uma ficção necessária para dar a impressão de que as três potências travaram a guerra numa iniciativa compartilhada e com propósitos comuns.

Alguns historiadores modernos buscaram argumentar que todo o conflito poderia ter sido evitado se, nos primeiros anos do nazismo, a Grã-Bretanha e a França forjassem uma frente unida com a Rússia, contra Hitler. Essa opinião parece insustentável e de um supremo cinismo: como as democracias ocidentais poderiam ter objetivos políticos comuns com um regime soviético tão brutal e imperialista quanto o nazista? O preço cobrado por Stalin por qualquer acordo com os franceses e os britânicos seria idêntico àquele que propôs em troca do Pacto Nazi-Soviético em 1939: carta branca para suas ambições expansionistas. A proposta era inaceitável para as democracias ocidentais até o tumulto da guerra impor obrigações e realidades imprevistas. Poderosos elementos da opinião conservadora britânica, francesa e americana rejeitavam o comunismo mais ainda do que o fascismo e teriam resistido ao apaziguamento com Stalin com mais vigor do que fizeram em relação a Hitler.

Entre os grandes países aliados, apenas a França, a Grã-Bretanha e seus domínios entraram na Segunda Guerra Mundial como um ato de princípio, não por buscarem ganhos territoriais ou terem sido vítimas de ataques. Suas alegações de superioridade moral foram prejudicadas, porém, quando declararam apoio à Polônia sitiada sem qualquer intenção de dar a essa promessa efeito militar significativo. Havia pouco apetite popular francês por enfrentar a Alemanha no campo de batalha em setembro de 1939, e menos ainda em junho de 1940, enquanto a Força Expedicionária Britânica poderia apenas desempenhar um papel marginal. Após a derrota da França, soldados e políticos britânicos e americanos bem informados afirmaram, corretamente, que muitos franceses

antipatizavam mais com o país de Churchill do que com a Alemanha. Mesmo considerando o papel significativo das tropas francesas nas campanhas finais no noroeste da Europa, o fato estatístico continua a ser que os exércitos de Vichy e as forças internas de segurança contribuíram em maior número aos interesses do Eixo do que os franceses que mais tarde se juntaram aos gaullistas, a outros grupos da Resistência ou aos exércitos de Eisenhower contribuíram para a causa aliada.

A maioria dos franceses convenceu-se, em 1940, de que o regime de Pétain era um governo legítimo, e, por maior que fosse o desconforto, aceitaram-no até a véspera da libertação. Uma vez que a derrota em 1940 negara aos franceses um papel heroico na luta contra o nazismo, muitos continuaram confusos até o fim da guerra sobre a menos ignóbil participação que seu país poderia oferecer. Depois da libertação em 1944, a França entregou-se a uma orgia de recriminações internas, refletindo rancores sobre a derrota de 1940, e a um acerto de contas nacional e local entre antigos colaboracionistas e oposicionistas que provocou milhares de mortes durante *l'épuration* — a purificação, como ficou ironicamente conhecido. Após uma visita a Paris, Forrest Pogue escreveu: "Logo descobri que a velha amargura contra judeus e operários persistia."[21] Facções comunistas emergiram da guerra fortalecidas na França, na Itália e na Grécia, e, durante alguns anos, temeu-se pela sobrevivência da democracia nos três países. O capitalismo burguês, por fim, prevaleceu, mas a estabilidade política mostrou-se uma conquista lenta. Até hoje, a França não produziu uma história oficial de sua experiência na guerra, e provavelmente jamais o fará, porque o apoio consensual a qualquer versão dos acontecimentos seria inalcançável. É notável que os estudos modernos mais convincentes sobre o tempo de guerra na França tenham sido escritos por americanos ou britânicos: relativamente poucos eruditos nativos desejam tratar do assunto.

É difícil imaginar que a Grã-Bretanha continuaria a desafiar Hitler depois de junho de 1940 sem a presença de Winston Churchill, que construiu uma narrativa brilhante e quase implausível para o povo britânico — primeiro, sobre o que poderia fazer e, depois, para persuadi-lo do que havia feito. Os líderes nazistas, criaturas de terra firme, não compreendiam inteiramente a dificuldade em alcançar uma hegemonia hemisférica contra uma formidável potência marítima quando careciam de uma marinha eficaz. Churchill devia muito a Hitler por uma série de erros. Primeiro, ao lançar a Luftwaffe contra o Comando de Caça da RAF, o líder da Alemanha ofereceu à Grã-Bretanha sua única oportunidade concebível para extrair uma vitória das cinzas da derrota estratégica no verão de 1940. Em seguida, não conseguiu chegar a acordos com Mussolini e com Franco, que lhe permitiriam expulsar as forças britânicas do Mediterrâneo e do Oriente Médio em 1941. Tendo conduzido mal o confronto com a Grã-Bretanha, a invasão de Hitler à Rússia transformou a luta e garantiu que o país de Stalin arcasse com o maior fardo no combate ao nazismo. Setenta e nove milhões de alemães desafiaram 193 milhões de cidadãos soviéticos a partir de uma base econômica muito mais fraca do que supunham os Aliados.

Churchill demonstrou a mais alta sabedoria ao abraçar a União Soviética como cobeligerante em 1941, mas tanto ele — brevemente — quanto mais tarde Roosevelt — persistentemente — foram tolos ao supor que uma verdadeira parceria seria possível. Stalin, com sua costumeira gélida clareza de visão, reconheceu que o compromisso comum da Grã-Bretanha, da Rússia e dos Estados Unidos para derrotar Hitler nada fazia

para superar a divisão cada vez maior entre seus respectivos objetivos nacionais. Ele pretendia manter uma tirania que negava qualquer vestígio de liberdade ao seu povo e assegurar ganhos territoriais para a União Soviética que os Aliados jamais aprovariam. O vasto sacrifício de sangue russo poupou a vida de centenas de milhares de soldados britânicos e americanos, mas, em consequência, o Exército Vermelho assegurou a posse física de um império no leste da Europa. Os americanos e britânicos não tiveram escolha senão aquiescer, uma vez que não dispunham de meios militares ou de apoio nacional para uma nova guerra de expulsão da União Soviética de suas conquistas. Os russos recolheram sua recompensa por travarem a maior parte da luta necessária para derrotar o nazismo. A ajuda material ocidental contribuiu relevantemente para o esforço de guerra soviético de 1943 a 1945, mas esse apoio parece uma ninharia se comparado à destruição e aos massacres que os soviéticos sofreram.

Stalin cometeu muitos erros crassos no ano após o início da operação Barbarossa, mas aprendeu depressa com eles, o que não aconteceu com Hitler. A União Soviética revelou uma capacidade industrial e militar que poderia ter destruído completamente a máquina de guerra de Hitler, mesmo que os Aliados Ocidentais não desembarcassem na Itália ou na França, embora essas intervenções tenham apressado o fim. Há um poderoso argumento de que somente um chefe militar tão destituído de escrúpulos ou de compaixão como Stalin, presidindo uma sociedade em que a brutalidade era ainda mais institucionalizada do que na Alemanha, poderia destruir o nazismo. Stalin mostrou-se um tirano de eficiência suprema, o que Hitler não foi. A maneira de guerrear dos Aliados Ocidentais, estorvada pela sensibilidade burguesa a baixas, foi um obstáculo crônico para que se superasse a Wehrmacht. Em 1944, quando se encontrou socialmente pela primeira vez com soldados britânicos, o oficial italiano Eugenio Corti apreciou sua companhia, mas observou, com certa perplexidade, que “são mais parecidos com civis do que com soldados, o que talvez explique a lentidão de seu avanço”.[22] E, de fato, explicava.

Pelo fato de os soldados alemães e japoneses demonstrarem muita coragem e habilidade tática, as principais potências do Eixo foram superestimadas pelos inimigos. De junho de 1940 em diante, Berlim e Tóquio conduziram suas estratégias com impressionante incompetência. As primeiras vitórias do Japão, em 1941 e 1942, refletiram fraquezas dos aliados locais, e não uma força real; é extraordinário que o governo de Hirohito tenha entrado na guerra sem tomar qualquer medida convincente para proteger suas rotas marítimas de transporte de bens essenciais contra uma ofensiva de submarinos americanos. Dentro de poucos meses, tornou-se evidente que a aposta do Japão havia fracassado, porque seu êxito dependia de uma vitória alemã na Europa, àquela altura já impossível.

Quando o esforço de guerra britânico e americano ganhou impulso, os Aliados Ocidentais conduziram seus assuntos muito melhor do que os alemães e os japoneses em todos os níveis, exceto no combate terrestre local. Se eram ou não homens estúpidos, o fato é que os líderes da Alemanha e do Japão fizeram muitas coisas estúpidas, geralmente porque seu entendimento sobre os adversários era bastante limitado. Muitos dentre os homens mais próximos de Hitler — especialmente Himmler e Göring — teriam parecido figuras ridículas aos olhos da posteridade se não tivessem licença para derramar tanto sangue. Enquanto a Rússia de Stalin era realmente um estado totalitário, um monólito, a

cúpula nazista era fraturada por ambições pessoais, e seu esforço de guerra foi enfraquecido pela competição entre feudos rivais e pelos persistentes erros de Hitler.

As democracias mobilizaram os melhores cérebros e deram poder a homens brilhantes para explorarem o gênio científico e a capacidade industrial de seus países. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha alcançaram seus objetivos estratégicos a um custo humano relativamente baixo, com a mobilização criativa de recursos para gerar potência de fogo e explorar tecnologias superiores, especialmente no mar e no ar. Por isso, seus governos, e principalmente Roosevelt e Churchill, mereceram em muito a gratidão que receberam de seus povos.

A resistência britânica em 1940 e 1941 foi essencial para impedir o triunfo nazista, mas, em seguida, o povo de Churchill deu uma contribuição apenas secundária para a vitória. Os britânicos pagaram um preço em sangue e em recursos que lhes pareceu bem alto, mas foi modesto em comparação aos horrores sofridos pelas nações do continente. Até os líderes do país demoraram a compreender que, mesmo que a guerra acelerasse a perda de poder global da Grã-Bretanha, esse processo era, de qualquer forma, inevitável. O povo britânico desenvolveu certa mágoa pelas privações exigidas durante o pós-guerra, que incluíram a manutenção do racionamento de alguns alimentos até 1952. Depois da exagerada sensação de força e de riqueza experimentada pela Grã-Bretanha em 1939, o declínio do país para uma posição de menor importância e de relativo empobrecimento tornou-se mais doloroso após conquistar um lugar entre os vitoriosos em 1945.

A guerra tornou-se uma orgulhosa lembrança nacional para a população, porque os britânicos passaram a enxergá-la como o último grito de sua grandeza, uma conquista histórica para se contrapor aos muitos fracassos e desapontamentos do pós-guerra. Sua resistência solitária ao nazismo em 1940 e 1941 foi, de fato, a hora mais bela, sustentada por Winston Churchill, a mais alta e influente personalidade das forças da luz. Durante a guerra, a Grã-Bretanha foi governada com impressionante eficiência; seus líderes souberam usar cérebros civis e gênios científicos para obter importantes resultados, simbolizados pela epopeia dos decifradores de códigos de Bletchley Park, a maior proeza do país durante a guerra. A Marinha Real e a RAF fizeram muitas coisas com bravura e competência, apesar do esforço constante para adequar as forças de que dispunham aos compromissos assumidos. O desempenho geral do exército britânico, porém, raramente foi mais do que satisfatório e, com frequência, nem isso. Como instituição, e como Alan Brooke reconheceu de imediato, era deficiente no que dizia respeito a comandantes competentes, imaginação, transportes, blindados apropriados, energia e habilidade profissional, tendo apenas a artilharia alcançado nível de excelência. Suas deficiências teriam sido ainda mais cruelmente expostas se fosse incumbido de uma parte maior no fardo do combate com a Wehrmacht.

O poderio industrial americano contribuiu mais para a vitória do que seus exércitos. Era óbvio para os administradores econômicos alemães, já em dezembro de 1941, que a vitória estava fora do alcance de Hitler, por causa dos eventos na Rússia e da adesão dos Estados Unidos à causa aliada, muito antes que as ofensivas aéreas estratégicas da RAF e da USAAF alcançassem a maturidade: o bombardeio aliado à Alemanha apressou o fim, mas não decidiu o resultado. De qualquer forma, é importante ressaltar a importância do apoio aéreo cerrado e do domínio absoluto dos céus para a guerra no Ocidente entre 1943 e 1945. Os Aliados Ocidentais criaram magníficas forças aéreas táticas e usaram-nas com toda a habilidade e estilo ausentes em suas operações terrestres. Qualquer homem que via

as fileiras dos exércitos — seus comboios atulhando as estradas da Itália e, depois, do noroeste da Europa —, um veículo colado no outro e sem intervenção da Luftwaffe — reconhecia a contribuição vital do poderio aéreo para garantir liberdade de movimento ao mesmo tempo em que negava o mesmo à Wehrmacht.

A marinha e os fuzileiros navais americanos foram os principais responsáveis pela derrota do Japão. Em busca desse objetivo, muitas batalhas foram travadas, notavelmente na Birmânia e nas Filipinas, que, a rigor eram redundantes, do ponto de vista estratégico. Porém, o ímpeto da guerra impunha imperativos próprios, e tais julgamentos são mais fáceis para os historiadores do que para os líderes nacionais contemporâneos — o que também pode ser dito sobre os argumentos contra o lançamento das bombas atômicas.

Os Estados Unidos foram o único país beligerante a emergir da guerra sem se sentir uma vítima. Grande parte da população orgulhava-se tanto de sua contribuição para a vitória aliada quanto de seu novo status como o país mais rico e poderoso do mundo. Era característico do romantismo americano que uma guerra em que os Estados Unidos só entraram porque foram atacados pelo Japão evoluísse, durante os 45 meses seguintes, para uma "cruzada pela liberdade". Graças a Pearl Harbor, menos americanos questionaram a justiça da causa do que em qualquer outra guerra que o país lutou. "Foi a última vez em que os americanos, na grande maioria, se julgaram inocentes e bons, sem restrições",[23] disse o soldado de primeira classe Robert Lekachman.

Os americanos mantiveram uma relação operacional altamente eficaz com os britânicos, uma façanha notável diante da dificuldade de sustentar alianças, das suspeitas recíprocas e das diferenças de perspectivas nacionais. A parceria funcionava melhor na base, onde militares britânicos e americanos colaboravam amistosamente, e piorava à medida que se aproximava dos altos escalões de comando. Os americanos alimentavam uma repugnância em relação ao imperialismo, intensificada quando o testemunharam em primeira mão no Egito, na Índia e no Sudeste Asiático. Eles acalentavam uma crença arrogante em sua virtude e uma consciência de sua prevalência. Em 1945, o encerramento brutalmente repentino do acordo de Lend-Lease pelo Congresso refletiu a ausência de sentimentalismo em relação ao país de Churchill; pesquisas de opinião mostraram que os americanos estavam mais dispostos a perdoar a dívida da Rússia do que a britânica. As relações entre os dois países poderiam ter-se deteriorado depois, se não fossem os novos imperativos criados pela reconhecida ameaça da União Soviética. O confronto que evoluía rapidamente entre leste e oeste levou os Estados Unidos a aceitarem a necessidade de preservar a aliança com a Grã-Bretanha e com outros países europeus, a subjugar, de certa forma, seus escrúpulos anti-imperialistas e a oferecer ao angustiado continente uma porção dos vastos lucros que obtiveram com a guerra para contribuir com a ressurreição econômica.

Quaisquer que fossem as limitações de Stalin como comandante militar e seu monstruoso histórico como tirano, ele presidiu a criação de uma extraordinária máquina militar e buscou seus objetivos até o triunfo. Em 1945, a União Soviética parecia o único país a ter atingido plenamente seus objetivos de guerra, criando um novo império no leste da Europa para proteger suas fronteiras com o Ocidente e assegurando importantes pontos de apoio na costa do Pacífico. O ex-subsecretário de Estado americano Sumner Welles reportou um suposto diálogo entre Stalin e Anthony Eden, secretário de Exterior da Grã-Bretanha, em 1943. O líder russo disse: "Hitler é um gênio, mas não sabe a hora de

parar."[24] Eden: "Alguém sabe a hora de parar?" Stalin: "Eu sei." Mesmo que a conversa seja apócrifa, as palavras refletem o fato de que Stalin avaliou com astúcia os limites de seus ultrajes à liberdade em 1944 e 1945 para evitar um rompimento direto com os Aliados Ocidentais, principalmente os Estados Unidos. Ele cumpria suas promessas a Roosevelt e a Churchill — por exemplo, permanecendo fora da Grécia e retirando-se da China — apenas o suficiente para assegurar suas conquistas no Leste Europeu sem precipitar um novo conflito. Contudo, a União Soviética deixou-se iludir por seus triunfos militares e diplomáticos, desenvolvendo uma falsa percepção de seu significado. Por mais de quarenta anos depois de 1945, manteve uma ameaça armada contra o Ocidente a um custo desastroso: a falência econômica, social e política do sistema que Stalin criara acabou sendo finalmente exposta.

Os russos terminaram a guerra conscientes de seu novo poder no mundo, mas também ressentidos pela destruição colossal e as mortes que haviam sofrido. Acreditavam, e nisso não se enganavam, que os Aliados compraram barato sua fatia da vitória, e essa perspectiva reforçava seu rancor visceral em relação à Europa e aos Estados Unidos. Esqueceram seu papel como aliados de Hitler entre 1939 e 1941. A Rússia moderna continua negando, de forma teimosa e desafiadora, a orgia de estupros, saques e assassinatos realizada pelo Exército Vermelho em 1944 e 1945: os russos consideram um insulto que estrangeiros insistam tanto no assunto, que compromete a condição de vítima afagada pelo país, assim como a glória de seu triunfo militar. Em 2011, muito depois de todos os Aliados Ocidentais se retirarem de quase todos os territórios ocupados após a vitória, a Rússia ainda se aferra insistentemente às fronteiras nacionais que afirma terem sido butim de guerra, que compreendem áreas orientais da Polônia e da Finlândia, partes da Prússia Oriental e da Romênia e as conquistas de Stalin na costa do Pacífico. Parece implausível que um país governado por Vladimir Putin a elas renuncie.

• • •

O curso militar da guerra foi mais fortemente influenciado pelo volume e pela comparativa eficácia institucional dos exércitos rivais do que pelo desempenho individual dos comandantes, por mais importante que tenha sido; qualquer lista de chamada de chefes militares deve, portanto, incluir os grandes administradores militares dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, Marshall e Brooke, embora nenhum dos dois tenha dirigido campanhas. Marshall mostrou grandeza como estadista e como chefe militar. Brooke lidou extraordinariamente bem com Churchill e contribuiu de forma notável para a estratégia aliada entre 1941 e 1943. Depois, porém, perdeu um pouco de sua estatura ao tratar os americanos com arrogância e por seu teimoso entusiasmo pelas operações no Mediterrâneo.

A liderança militar aliada raramente demonstrou brilho, embora o exército americano tenha produzido excepcionais comandantes de corpos e de divisões. Michel Howard escreveu:

> Há duas grandes dificuldades com as quais o soldado, o marinheiro e o aviador profissionais precisam lidar para se capacitar como comandantes. Primeiro, sua profissão tem uma característica singular, pois ele talvez precise exercê-la apenas uma vez na vida, se tanto. É como se um cirurgião praticasse em bonecos a vida inteira para realizar uma operação real ou um advogado que aparecesse apenas uma ou duas vezes num tribunal, no final da carreira, ou um nadador profissional que passasse a vida praticando em terra firme para um campeonato olímpico de que dependeria o destino de todo o seu país. Segundo, o problema complexo de administrar um exército tende a ocupar sua mente e suas habilidades de modo tão completo que é muito fácil esquecer para *que* esse exército é administrado. As dificuldades encontradas no gerenciamento, na disciplina, na manutenção e no suprimento de uma organização do tamanho de uma cidade de médio porte são suficientes para ocupar o oficial mais graduado a ponto de fazê-lo relegar a plano secundário seu verdadeiro negócio: conduzir a guerra.[25]

Os alemães e os russos foram mais bem-sucedidos do que os Aliados Ocidentais no preenchimento dos requisitos identificados por Howard: dar poder aos comandantes que lutavam mais do que àqueles que administravam. Para as tropas americanas, britânicas, canadenses, polonesas e francesas incumbidas da parte mais difícil do combate, a campanha de 1944 e 1945 no noroeste da Europa raramente foi menos do que horrível, mas os números de baixas nos dois lados, uma fração daquelas sofridas no leste, enfatizam sua relativa moderação depois que a luta na Normandia terminou. Com exceção de poucos entusiastas como Patton, os comandantes aliados compreenderam que as ordens eram para ganhar a guerra com o mínimo de perdas humanas e, portanto, que a cautela era uma virtude, mesmo na vitória. Ao adotarem essa política, cumpriram a vontade de suas sociedades e de seus soldados.

As reivindicações de grandeza feitas individualmente por comandantes rivais são imunes a uma classificação objetiva. As circunstâncias influenciaram os resultados de forma decisiva: nenhum general poderia atuar melhor do que permitisse a força ou a fraqueza institucional de suas forças. Assim, é possível que Patton, por exemplo, se mostrasse um grande general se comandasse forças com a capacidade da Wehrmacht ou com a tolerância a baixas do Exército Vermelho. Como se viu, especialmente em situações de perseguição, ele demonstrou inspiração e energia raras entre os generais aliados, mas, no combate acirrado, seu exército não teve desempenho melhor do que as forças de seus pares. Eisenhower jamais será aplaudido como estrategista ou tático, mas atingiu grandeza com sua administração diplomática da aliança anglo-americana em campo. Lucien Truscott, que terminou a guerra comandando o V Exército dos Estados Unidos na Itália, foi, provavelmente, o mais hábil oficial americano de sua patente, embora muito menos celebrado do que alguns de seus colegas. MacArthur distinguiu-se pelo esplendor de sua autoimagem como chefe militar, que convinha ao seu país mimar, mais do que por seus dons como comandante no campo de batalha. Embora tenha dirigido a fase de 1944 da campanha da Nova Guiné com certo estilo, atrapalhou-se nas Filipinas; recursos superiores, especialmente apoio aéreo, foram os fatores decisivos em suas vitórias.

MacArthur foi um luxo quase proibitivo, não um patrimônio, para os objetivos estratégicos de seu país. A excepcional personalidade da guerra contra o Japão foi Nimitz, que dirigiu a campanha da marinha americana no Pacífico com fria confiança e discernimento, frequentemente demonstrando brilhantismo, em particular na exploração das informações de inteligência. Spruance mostrou-se o mais apto comandante de frota no mar.

No lado britânico, Cunningham, Somerville e Horton foram notáveis oficiais de marinha, e Sir Arthur Tedder, o melhor aviador. Slim, que chefiou o XIV Exército na Birmânia, foi, provavelmente, o mais talentoso general britânico na guerra e, com certeza, a personalidade de comando mais atraente; sua travessia do Irrawaddy em 1945 e o ataque ao flanco japonês em Meiktila foram proezas notáveis. Contudo, Slim teria grandes dificuldades para arrancar do exército britânico desdobrado no deserto em 1941 e 1942 resultados melhores do que aqueles obtidos por Wavell ou por Auchinleck, dadas as deficiências coletivas da instituição. Montgomery era um profissional altamente competente — é improvável que qualquer outro comandante aliado superasse sua direção da campanha da Normandia em 1944, onde o desgaste era inevitável, mas ele prejudicou a própria reputação pela grosseria épica com que conduziu a vital relação com os americanos. "Monty" merece parte significativa do crédito pelo êxito da invasão à França, mas jamais executou um golpe de mestre capaz de colocá-lo entre os grandes capitães da história.

Os melhores generais da União Soviética demonstraram confiança no comando de vastas forças jamais igualada entre os Aliados. Na primeira metade da guerra, sofreram interferências de Stalin quase tão danosas para as perspectivas de sobrevivência da Rússia quanto foram as intromissões de Hitler para a causa alemã. Porém, a partir do final de 1942, Stalin tornou-se muito mais receptivo aos juízos de seus marechais, e o esforço de guerra soviético, igualmente mais bem-sucedido. Chuikov merece todo o crédito pela defesa de Stalingrado; Zhukov, Konev, Vasilevsky e Rokossovsky eram comandantes com as mais altas aptidões, mas suas realizações teriam sido impossíveis sem a tolerância de seu país ao sacrifício. As vitórias soviéticas foram alcançadas a um custo humano que nenhuma democracia aceitaria e que nenhum general ocidental poderia admitir. A crua agressividade dos comandantes soviéticos entre 1943 e 1945 contrasta com a cautela da maioria dos líderes americanos e britânicos, reflexo de suas respectivas sociedades. O Exército Vermelho nunca se mostrou superior, homem a homem, aos seus oponentes alemães: até o fim, a Wehrmacht infligiu perdas desproporcionais. Os comandantes russos apresentaram os melhores desempenhos na operação Bagration, no verão de 1944, quando 166 divisões atacaram um front de 990 quilômetros. A tomada de Berlim, ao contrário, foi conduzida com uma falta de jeito abrutalhada que diminuiu a reputação de Zhukov.

Entre os alemães, von Rundstedt exibiu o mais alto profissionalismo desde 1939 até o fim. No deserto, Rommel demonstrou talentos similares àqueles de Patton, mas, assim como o americano, ele prestava atenção insuficiente à influência decisiva da logística. Os Aliados tinham mais admiração por Rommel do que muitos oficiais alemães, em parte porque o amor-próprio dos britânicos e americanos era poupado quando se atribuíam os reveses sofridos ao suposto gênio do comandante. Manstein, profissional magnífico, foi o arquiteto de grandes vitórias na Rússia em 1941 e 1942, e provavelmente o melhor general alemão na guerra, mas o fracasso em Kursk ressaltou suas limitações: de forma

arrogante, ele aceitou a responsabilidade de lançar uma vasta ofensiva contra os russos que não poderia ser bem-sucedida diante de efetivos, dispositivos e comandos muitos superiores aos seus. A defesa da Itália por Kesselring entre 1943 e 1945 coloca-o na primeira fila dos comandantes. Guderian foi a personificação da capacidade da Wehrmacht em explorar os blindados. Diversos generais da Alemanha, inclusive Model, merecem mais admiração pela maneira como sustentaram campanhas defensivas nos anos de retirada, com forças inferiores e apoio aéreo desprezível, do que por vitórias no período em que a Wehrmacht era mais forte do que os inimigos. As intervenções estratégicas de Hitler impediram que qualquer general alemão reivindicasse crédito absoluto pelas vitórias ou aceitasse responsabilidade absoluta pelas derrotas. A conquista institucional do exército alemão e de seu estado-maior parece maior do que aquela de qualquer general. A realidade histórica preponderante é que eles perderam a guerra.

Yamashita, que dirigiu a captura da Malásia em 1942 e a defesa das Filipinas em 1944 e 1945, foi o mais apto comandante japonês de forças terrestres. Sob outros aspectos, a energia e a coragem dos soldados e oficiais subalternos japoneses impressionavam mais do que o alcance estratégico de seus líderes, prejudicados durante toda a guerra por imensas falhas de inteligência que transcenderam a mera inadequação técnica, refletindo uma incapacidade cultural mais profunda em considerar o que podia estar acontecendo do outro lado. A defesa de sucessivas ilhas do Pacífico refletiu a competência profissional de alguns comandantes de guarnição que não tinham escopo ou recursos para explorar talentos mais elevados. No mar, embora a sorte tenha desempenhado importante papel na Batalha do Mar de Coral e em Midway, os almirantes japoneses exibiram surpreendente timidez e foram repetidamente superados pelos oponentes americanos, que previam e combatiam melhor. Yamamoto merece algum respeito por sua direção das ofensivas iniciais do Japão em 1941 e 1942, mas deve arcar com pesada responsabilidade por muito do que deu errado em seguida. Somente sua morte, em abril de 1943, poupou-o de encabeçar a marcha nacional para o esquecimento que sempre considerou inevitável.

• • •

O impacto de um conflito não pode ser medido pela mera comparação das respectivas perdas humanas, mas esse número merece consideração para que se possa ter uma perspectiva global. Não há um consenso quanto ao total de mortes relacionadas à guerra no mundo inteiro, mas um mínimo de sessenta milhões é aceito, com, talvez, dez milhões a mais. As perdas japonesas foram estimadas em 2,69 milhões de mortos, entre os quais 1,74 milhão era de militares — sendo dois terços vítimas de inanição ou de doenças, não propriamente de ação inimiga. A Alemanha perdeu 6,9 milhões, dos quais 5,3 milhões eram militares.[26] Os russos mataram cerca de 4,7 milhões de combatentes alemães, incluindo os 474.967 mortos em cativeiro soviético, e um número substancial de civis, enquanto os Aliados foram responsáveis pela morte de cerca de quinhentos mil soldados alemães e de mais de duzentos mil civis, vítimas de ataques aéreos. A Rússia perdeu 27 milhões de pessoas; a China, pelo menos quinze milhões. Cerca de cinco milhões teriam morrido sob a ocupação japonesa no Sudeste Asiático, inclusive as Índias Orientais Holandesas — atual Indonésia. Um milhão de pessoas pereceram nas Filipinas, muitas durante a campanha de 1944 e 1945 pela libertação das ilhas.

A Itália perdeu mais de trezentos mil militares mortos e aproximadamente 250 mil civis. Mais de cinco milhões de poloneses morreram — 110 mil em combate e a maioria dos restantes em campos de concentração alemães, embora os russos também possam reivindicar um número substancial de vítimas polonesas. A França perdeu 567 mil pessoas, incluindo 267 mil civis. Trinta mil soldados britânicos pereceram no conflito com os japoneses, muitos como prisioneiros, num total de 382.700 mortos. O total de perdas da Grã-Bretanha na guerra, incluindo civis, foi de 449 mil. Forças indianas que combateram sob comando britânico sofreram 87 mil mortes. O total de perdas dos Estados Unidos foi de 418.500 — ligeiramente menor do que as baixas do Reino Unido —, entre as quais o exército perdeu 143 mil homens na Europa e no Mediterrâneo e 55.145 homens no Pacífico. A marinha americana perdeu mais 29.263 homens no leste; o Corpo de Fuzileiros Navais, 19.163. É incoerente computar os estimados vinte milhões de pessoas que morreram por inanição ou doenças sob ocupação do Eixo como vítimas da Alemanha e do Japão sem fazer o mesmo cômputo para o lado aliado: entre um e três milhões de indianos sob domínio britânico pereceram nas epidemias de fome durante a guerra.

Muitos outros países sofreram pesadas baixas, embora todas as estatísticas devam ser consideradas mais sugestivas do que exatas, porque continuam a ser contestadas: 769 mil romenos, muitos dos quais judeus; quatrocentos mil coreanos; 97 mil finlandeses, de uma população de menos de quatro milhões; 415 mil gregos, de uma população de sete milhões; pelo menos 1,2 milhão de iugoslavos, de uma população de 15,4 milhões; mais de 343 mil tchecos, dos quais 277 mil eram judeus; 45.300 canadenses; 41.200 australianos e 11.900 neozelandeses, de uma população de 1,6 milhão — o número mais alto, proporcionalmente, entre os Aliados Ocidentais. O aspecto mais notável dessas estatísticas é que o fardo mais pesado coube aos países que sofreram ocupação inimiga ou cujos territórios se tornaram campos de batalha. Um em quatro dos vinte milhões de militares mortos no mundo pereceram em cativeiro alemão ou japonês, a maioria deles russos ou poloneses.

Os combatentes saíram-se melhor do que os civis: cerca de três quartos de todos aqueles que perecerem eram vítimas desarmadas, e não participavam ativamente da luta. Os povos da Europa Ocidental escaparam com mais facilidade do que as populações do leste do continente. As pesquisas recentes mais confiáveis sugerem que 5,7 milhões de judeus de todas as nacionalidades — de uma população judaica de 7,3 milhões nas terras ocupadas por Hitler — foram mortos pelos nazistas em sua tentativa de alcançar uma “Solução Final”. Os agentes de Hitler mataram também, ou permitiram que morressem, cerca de três milhões de prisioneiros de guerra soviéticos, 1,8 milhão de poloneses não judeus, cinco milhões de cidadãos soviéticos não judeus, 150 mil pessoas com deficiência mental e dez mil homens homossexuais.

• • •

Grande parte dos alemães achou que suas cidades arrasadas, suas indústrias destroçadas e seus milhões de mortos pagavam pelos crimes do nazismo. Os jovens sentiram um misto de aturdimento e de revolta pelo fato de os mais velhos, em quem confiavam, os colocarem naquela situação. “Eu não sabia o que devia sentir”,[27] disse Helmut Lott, um

adolescente em 1945. “Determinado mundo — um mundo em que eu crescera e em que acreditava — foi destruído.” Muitos alemães entraram em conluio para que antigos nazistas se mesclassem, impunes, à sociedade do pós-guerra. “Hoje, ninguém acredita num alemão decente”,[28] disse com amargura Hildegard Trutz, mulher de um antigo oficial das SS, em 1947, “mas qualquer coisa que aqueles judeus imundos dizem se torna o evangelho.” A América do Sul tornou-se um destino popular para os intransigentes e para muitos dos mais odiosos criminosos de guerra. Alguns chegaram a receber a proteção da Igreja Católica durante a viagem pela Europa.

Apenas uma minúscula fração dos culpados por crimes de guerra foi processada, em parte porque os vitoriosos não tinham estômago para a escala de execuções, na casa das centenas de milhares, que seriam necessárias se fosse aplicada rigorosa justiça contra cada assassino do Eixo. Menos de mil execuções punitivas ocorreram nas zonas de ocupação ocidental. Cerca de 920 japoneses foram executados, mais de trezentos pelos holandeses, por crimes cometidos nas Índias Orientais. Os Aliados preferiram tratar a Áustria como vítima, e não como parceira na culpa alemã na guerra, por isso não houve ali nenhum processo sério de “desnazificação”. O antigo oficial da Wehrmacht Kurt Waldheim foi um dos muitos austríacos cúmplices de crimes de guerra — em seu caso, o assassinato de prisioneiros britânicos nos Bálcãs. Com pleno conhecimento desses fatos, seus compatriotas o elegeram chanceler.

Muitos alemães condenados por assassinatos em massa cumpriram penas de prisão por apenas alguns anos ou livraram-se pagando uma multa de cinquenta Reichmarks, valor insignificante. Os alemães e os japoneses não estavam totalmente errados ao considerar os julgamentos internacionais por crimes de guerra de 1945 e 1946 como “a justiça dos vitoriosos”. Alguns britânicos e americanos, e muitos russos, eram culpados de crimes contra a lei internacional, notavelmente a matança de prisioneiros, mas poucos enfrentaram sequer a corte marcial. Pertencer ao lado vitorioso era suficiente para garantir anistia; os crimes de guerra cometidos pelos Aliados raramente foram reconhecidos. O comandante britânico de submarino “Gamp” Miers, por exemplo, que em 1941 afligiu até mesmo seus próprios tripulantes ao insistir que os soldados alemães que tentavam sobreviver no Mediterrâneo depois do afundamento de seus caíques fossem metralhados, recebeu uma Victoria Cross e, mais tarde, foi promovido a almirante. Soldados americanos, canadenses e britânicos que de forma rotineira executavam atiradores de elite e prisioneiros das Waffen SS no campo de batalha, em suposta retaliação por atos similares, nunca foram formalmente acusados. Os julgamentos e as sentenças de Tóquio e de Nuremberg representaram não a injustiça, mas uma justiça parcial.

Tanto na Europa quanto na Ásia, a partir de 1945, o confronto com a União Soviética criou novos imperativos estratégicos, que exigiriam o alistamento de milhares de criminosos de guerra alemães e japoneses em organizações de inteligência e em estabelecimentos de pesquisa científica americanos, britânicos e russos. Com notável cinismo, os americanos anistiaram o comandante japonês da Unidade 731 de guerra biológica, tenente-general Shiro Ishii, em troca de seus segredos. Depois de uma investigação, cientistas americanos em Camp Detrick declararam que os dados fornecidos por Ishii eram inúteis. Porém, como resultado de uma decisão pessoal do comandante supremo general Douglas MacArthur, muitos dentre os vinte mil cientistas e físicos envolvidos no programa japonês de guerra biológica puderam retomar confortavelmente

carreiras na vida civil, apesar de responderem por horrendos assassinatos na China. O único castigo por suas atrocidades foi aplicado pelos russos, que condenaram doze dos principais membros da Unidade 731 num julgamento em Khabarovsk, em 1949. Os culpados receberam longas sentenças de prisão; o quartel-general de MacArthur em Tóquio denunciou como propaganda tanto os julgamentos quanto as fundamentadas alegações soviéticas de um acobertamento americano aos crimes de guerra biológica do Japão.

Quem seria responsabilizado pela catástrofe que desabou sobre o Japão? O suboficial de marinha Kisao Ebisawa não deu muita importância ao assunto: "Os chefes militares... As pessoas no comando."[29] Mas, então, acrescentou: "A rigor, porém, é preciso incluir o país inteiro, porque seu estado de espírito havia muito tempo nos arrastava para a guerra. Houve uma inevitabilidade horrível na maneira como mergulhamos cada vez mais fundo no atoleiro." Depois de 1945, o povo japonês rejeitou seus militaristas, e até mesmo os soldados que combateram na guerra, com um fervor que angustiou os veteranos do país, muitos dos quais nunca se arrependeram. O coronel Hattori Takushiro, ex-secretário militar do ministro da Guerra no Japão, escreveu, com orgulho, em 1956: "O exército japonês não teve rival em sua incrível capacidade de luta, o que é uma questão separada do fato de perder a guerra."[30] O povo japonês abraçou os Estados Unidos do pós-guerra com um entusiasmo que conquistou o coração de grande parte dos americanos que serviram no exército de ocupação. As campanhas de conquista japonesas, e o modo como tratavam os povos subjugados, especialmente os chineses, foram assuntos banidos do debate político ou social, e até dos currículos escolares. Hiroshima e Nagasaki dominaram a perspectiva japonesa depois da guerra; o imperador Hirohito manteve o trono, ainda que tenha conduzido o país à guerra, o que tornava menos plausível que seus súditos reconhecessem uma culpa coletiva.

O escritor japonês Kazutoshi Hando, sobrevivente dos incêndios em Tóquio, disse, em 2007: "Depois da guerra, atribuiu-se culpa exclusivamente ao exército e à marinha japoneses. Parecia justo, porque a população civil sempre fora enganada pelas forças armadas sobre o que era feito. O Japão civil não tinha um sentimento de culpa coletiva — e era isso que queriam os americanos, que ganharam a guerra e ocuparam o país. Da mesma forma, foram os americanos que insistiram para que a história moderna japonesa não fosse ensinada nas escolas. A consequência é que poucas pessoas com menos de cinquenta anos têm qualquer conhecimento sobre a invasão japonesa à China ou a colonização da Manchúria."[31] No começo do século XXI, Hando fez uma palestra numa faculdade para mulheres sobre a era Shōwa: "Pedi a cinquenta alunas que listassem os países que *não* haviam lutado contra o Japão nos tempos modernos: onze delas incluíram os Estados Unidos."

"É importante discutir francamente o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial", acrescentou Hando, "porque as relações atuais entre a China e o Japão são muito fracas. Porém, uma dificuldade para iniciar essa discussão é que pouquíssimos jovens japoneses conhecem os fatos. Muitas pessoas não apoiam nossos militantes nacionalistas, mas, ainda assim, sentem-se ofendidas com as infindáveis críticas vindas da China e da Coreia. Não gostam que esses países metam o nariz em assuntos que, para elas, dizem respeito ao povo japonês. Muitos acham que já nos desculpamos pela guerra: um ex-primeiro-ministro foi responsável pelo mais exagerado pedido de desculpas. Por mim, já pedimos

desculpas suficientes." O assunto ainda não é ponto pacífico, e alguns britânicos e americanos discordam veementemente de Hando. Em 2007, por exemplo, o chefe da força aérea japonesa foi obrigado a renunciar ao cargo depois de publicar um artigo em que ressaltava a natureza filantrópica das atividades japonesas na China entre 1937 e 1945.

A Palestina está entre as regiões mais conspicuamente influenciadas pelo resultado do conflito. Por mais de duas décadas de mandato britânico, seu futuro foi intensamente debatido. O capitão David Hopkinson estava entre as centenas de milhares de soldados britânicos que passaram pela "Terra Santa" durante a guerra, e meditou sobre seu legítimo destino. Hopkinson tinha um interesse especial pela questão, porque sua mulher era em parte judia. Em 1942, ele escreveu-lhe uma carta, em Haifa, manifestando hostilidade ao sionismo, com base em sua crença de que "os judeus têm enorme valor nos países onde se estabeleceram há muito tempo. Estou tão impressionado quanto qualquer um deve ficar com as realizações técnicas e culturais dos judeus na Palestina, mas que uma minoria intensamente nacionalista tente esculpir para si um estado independente em territórios que outros também reivindicam me parece incoerente com os elevados ideais de paz e de humanidade em que os europeus civilizados acreditam".[32]

Porém, em 1945, essas visões moderadas foram solapadas pelas horrendas revelações sobre o Holocausto. É importante enfatizar que, mesmo depois que os documentários com cenas dos campos libertados de Belsen e Buchenwald escandalizaram o mundo civilizado, a dimensão do genocídio dos judeus só foi apreendida lentamente, mesmo pelos governos ocidentais. Contudo, tornou-se evidente que os judeus da Europa haviam sido vítimas de um programa de assassinato em massa particularmente satânico, que deixou muitos sobreviventes sem teto e sem recursos. O comissário de Imigração dos Estados Unidos, Earl Harrison, visitou os acampamentos para Deslocados de Guerra na Europa e horrorizou-se com o que encontrou ali. Em agosto de 1945, ele informou ao presidente Truman: "Parece que estamos tratando os judeus como os nazistas fizeram, com a diferença de que não os exterminamos." Por uma enorme ironia da história, a perseguição de Hitler aos judeus transformou a sorte desse povo no mundo inteiro, dando ao sionismo um ímpeto que pareceu, a muitos ocidentais, moralmente irresistível. Nunca mais o antissemitismo seria socialmente aceito nas sociedades democráticas ocidentais; ao mesmo tempo, a matança de judeus europeus precipitou a criação do estado de Israel em 1948. Ainda assim, se o Holocausto produziu um impacto devastador e duradouro sobre a cultura ocidental, muitas outras sociedades ao redor do mundo jamais se identificaram com seu significado e, em alguns casos, até negam sua existência. Um ressentimento generalizado persiste por as potências ocidentais terem aliviado sua culpa quanto ao destino dos judeus na guerra fazendo um grande gesto histórico em terras identificadas pelos muçulmanos como legitimamente árabes.

Há uma questão mais ampla: alguns historiadores modernos, cidadãos de países que foram, um dia, possessões europeias, veem seus povos como vítimas de exploração durante a guerra e sugerem que a Grã-Bretanha, em especial, os envolveu numa luta em que não tinham qualquer interesse, por uma causa que, propriamente, não era deles. Tais argumentos representam pontos de vista, mais do que conclusões probatórias, mas parece importante que os ocidentais reconheçam esses sentimentos como contraponto à noção instintiva de que nossos avós combateram "a Boa Guerra".

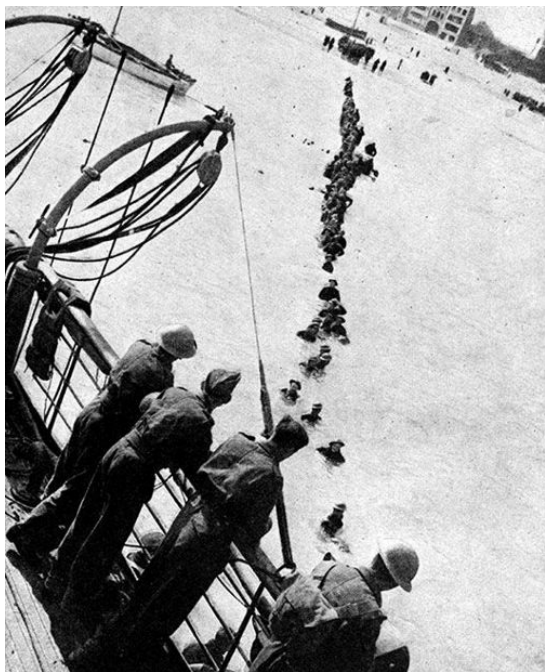
Na cultura ocidental, é claro, o conflito continua a exercer fascínio extraordinário para gerações que nem eram nascidas quando ele ocorreu. A explicação óbvia é ter sido o maior e mais terrível evento na história humana. No vasto escopo da luta, alguns indivíduos escalaram picos de coragem e de nobreza, enquanto outros rolaram para as profundezas do mal de um modo que impressiona a posteridade. Para cidadãos pertencentes às democracias modernas, que desconhecem grandes dificuldades e perigos coletivos, as atribulações que centenas de milhões suportaram entre 1939 e 1945 quase escapam à compreensão. Praticamente todos aqueles que participaram, países ou indivíduos, fizeram concessões morais. É impossível dignificar a luta como uma simples contenda entre o bem e o mal ou comemorar racionalmente uma experiência, e até um desfecho, que impôs tanto sofrimento a tantas pessoas. A vitória aliada não trouxe paz, prosperidade, justiça ou liberdade universais — trouxe apenas uma fração desses elementos a uma parcela daqueles que participaram do conflito. O que parece certo é que a vitória aliada salvou o mundo de um destino muito pior que se seguiria ao triunfo da Alemanha e do Japão. É com essa certeza que aqueles que buscam a virtude e a verdade devem se contentar.

Poloneses observam a Luftwaffe pela primeira vez

Polônia: os ocupantes confrontam os ocupados

Os soldados-fantasma finlandeses

O corpo congelado de um russo

Noruega invadida

Dunquerque evacuada

Parisienses assistem à chegada dos alemães

Conventry, novembro de 1940

Artilharia britânica no Norte da África

Um alemão entretém uma francesa, que descobria as vantagens do colaboracionismo.

Um alemão executa a Solução Final

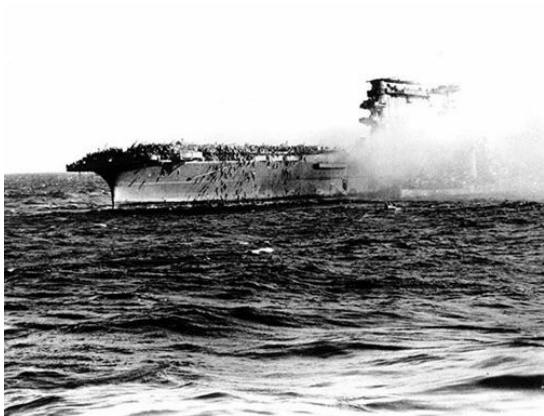
Comida em tempos de guerra tinha significados diferentes para povos diferentes. Nos Estados Unidos (acima), uma família comemora o Dia de Ação de Graças, em 1942, em uma nação beligerante que não conheceu a fome;

Um cidadão da sitiada Leningrado, com um pedaço de pão

Um alemão descobre o inverno russo

Celebração da vitória em Bataan

Refugiados indianos escapam da Birmânia, onde milhares de pessoas foram mortas

Prisioneiros americanos nas Filipinas

Guerra no Pacífico: tripulantes do Lexington
abandonam a embarcação durante a Batalha do Mar de Coral

Japoneses mortos em Guadalcanal

Australianos removem uma vítima durante um confronto na trilha Kokoda, na Papua-Nova Guiné

Quebrando o gelo em um comboio no Ártico

Sobreviventes de um U-boat posto a pique amontoados a bordo
de um navio de guerra americano durante a Batalha do Atlântico

Mulheres da marinha britânica preparam um torpedo de submarino para ser carregado. Os ingleses mobilizaram grande parte de sua população feminina para o esforço de guerra, mais do que qualquer outra nação, exceto a Rússia

Alguns dos infelizes soldados de Chiang Kai-shek, dos quais mais de um milhão morreu no conflito contra os japoneses entre 1937 e 1945

Um alemão em retirada na Frente Oriental

Dano colateral: Rússia em 1943

Mulheres rebitadeiras em um estaleiro americano

Um trabalhador russo de doze anos na fábrica de motores para aviões em Perm

O Exército Vermelho avança

Um dos esboços de Zainul Abedin sobre a vida — e a morte —
das vítimas da fome em Bengala, entre 1943 e 1944

Italianos com um de seus supostos libertadores

Tripulantes do porta-aviões americano *Intrepid* sepultando companheiros no mar

O piloto de um Hellcat escapa da cabine após problemas no convés de voo

Alívio temporário: tripulantes de um bombardeiro britânico retornam de um ataque à Alemanha durante a ofensiva aérea estratégica que matou mais da metade da tripulação de aviação da RAF envolvida

O preço do colaboracionismo: uma cena de rua na França libertada

Uma família japonesa em Saipan encontra um americano pela primeira vez

Um dos metralhadores Bren de Slim, na Birmânia

Resgate de feridos na França

Saltando em Arnhem

Uma criança holandesa durante o “inverno da fome”, em 1944

Os últimos recursos humanos de Hitler: soldados da Wehrmacht feitos prisioneiros no Reno, março de 1945

Canhões de assalto soviéticos reunidos para a Batalha de Berlim

Campo de concentração de Ohrdruf, abril de 1945

Fuzileiros navais em Iwo Jima

Hiroshima

Agradecimentos

Sinto-me muito afortunado pelo fato de contar com a assistência de um grupo de colegas e amigos que pouco muda a cada livro que escrevo. Na HarperCollins, em Londres, a contribuição de meus editores Arabella Pike e Robert Lacey, assim como a de Andrew Miller, na Knopf, em Nova York, enriqueceu muito o texto. Meus agentes Michael Sissons, em Londres, e Peter Matson, em Nova York, vêm guiando meu curso há mais tempo do que podemos lembrar. O professor Sir Michael Howard OM, CH, MC, Don Berry, o professor N.A.M. Rodger e o doutor Williamson Murray forneceram comentários de imenso valor em todo o manuscrito ou em trechos, e corrigiram meus erros mais clamorosos. A doutora Lyuba Vinogradova traduziu boa parte do material de origem russa, enquanto Serena Sissons fez a seleção das memórias, cartas e diários italianos. A doutora Tami Biddle, do US War Army College, é de uma generosidade ímpar ao transmitir para mim material que reúne para suas próprias pesquisas. Rod Suddaby é apenas o nome mais destacado da equipe do Imperial War Museum, cuja assistência contribui tanto para as obras de todos os historiadores das guerras modernas, enquanto a London Library e o National Archive fornecem ambientes maravilhosos e acolhedores para a pesquisa. Douglas Matthews, mais uma vez, demonstrou ser um mestre entre os indexadores, e sinto uma imensa gratidão por sua contribuição. Durante 25 anos, com apenas uma breve interrupção, Rachel Lawrence tem sofrido como minha assistente pessoal, demonstrando uma eficiência inigualável em provações como a organização de minhas notas e referências. Minha esposa Penny nunca é menos do que uma parceira perfeita, embora às vezes eu imagine que ela preferiria ter suportado a Segunda Guerra Mundial a ler mais algum livro sobre o assunto escrito por mim. Tenho uma dívida de profunda gratidão com todos, pois sei que meus esforços rapidamente afundariam na areia se eu não contasse com tanta boa vontade, orientação e apoio.

Lista de imagens

Poloneses observam a Luftwaffe pela primeira vez, setembro de 1939. (*Hulton Deutsch Collection/CORBIS*)
SS, policiais e ajudantes de origem alemã realizam uma busca em Bydgoszcz, na Polônia, setembro de 1939. (*Instytut Pamieci Narodowej/United States Holocaust Memorial Museum*)
Os "soldados-fantasma" finlandeses, dezembro de 1939. (*Keystone/Getty Images*)
Um soldado russo morto congelado. Finlândia, março de 1940. (*Keystone/Getty Images*)
Tropas alemãs em combate próximo a Haugsbygd, Noruega, abril de 1940. (*akg-images/Ullstein Bild*)
Dunquerque evacuada, maio-junho de 1940. (*IAM/akg-images*)
Tropas alemãs entram em Paris, 14 de junho de 1940. (*US National Archives & Records Administration: 208-PP-10A-3*)
Coventry após um ataque aéreo, novembro de 1940. (*Hulton Archive/Getty Images*)
Artilharia britânica em ação no deserto do Norte da África, janeiro de 1943. (*Mirrorpix*)
Uma francesa confraterniza com alemão durante a ocupação da França, c.1943. (*Paul Almasy/akg-images*)
Execução em massa de judeus russos pela SS Einsatzgruppen D, c.1942. (*Library of Congress, Washington D.C.*)
Uma família americana celebra o Dia de Ação de Graças, novembro de 1942. (*Bettmann/CORBIS*)
Um homem faminto com um pedaço de pão em Leningrado, 1941-1942. (*akg-images*)
Tropas alemãs numa linha de frente russa, inverno de 1941. (*AP Photo/Press Association*)
Tropas japonesas em Bataan, c.1942. (*US National Archives & Records Administration, Washington D.C.*)
Refugiados indianos fogem da Birmânia, janeiro de 1942. (*George Rodger/Time & Life Pictures/Getty Images*)
Prisioneiros americanos nas Filipinas, maio de 1942. (*US National Archives & Records Administration, Washington: 127-N-114541*)
Tripulantes abandonam o USS *Lexington*, Batalha do Mar de Coral, maio de 1942. (*AP Photo/Press Association*)
Soldados japoneses mortos em Guadalcanal, agosto de 1942. (*AP Photo/Press Association*)
Soldados australianos carregam um companheiro ferido até um posto de primeiros socorros na Papua-Nova Guiné, dezembro de 1943. (*AP Photo/Press Association*)
HMS *Vansittart* escolta comboio no Ártico, fevereiro de 1943. (*AP Photo/Press Association*)
Sobreviventes de um U-boat posto a pique no Atlântico Norte, abril de 1943. (*Foto por Jack January/USCG Historian's Office*)
Mulheres da marinha britânica deslocando um torpedo em um submarino em Portsmouth, setembro de 1943. (*Imperial War Museum A 19471*)
Soldados de infantaria chineses, agosto de 1945. (*Jack Wilkes/Time & Life Pictures/Getty Images*)
Um granadeiro alemão durante a retirada da Rússia, 1943-1944. (*Keystone/Getty Images*)

Rússia, 1943. (© *Arquivo Estatal de Documentos Audiovisuais em Krasnogorsk — RGAKFD/N. Asnina*)
Mulheres rebitadeiras em um estaleiro americano, 1942. (*CORBIS*)
Um trabalhador de doze anos em fábrica de motores de Perm, na Rússia, 1943. (*ITAR-TASS*)
O Exército Vermelho avança. (© *Arquivo Estatal de Documentos Audiovisuais em Krasnogorsk — RGAKFD/Coleção Minkevich*)
Desenho de Zainul Abedin da série *Fome bengali*, 1943. (*Cortesia de Mainul Abedin*)
Soldado americano alimenta um órfão na Itália, c.1944. (*US National Archives & Records Administration: 208-AA-240C-3*)
Funeral no mar para oficiais e tripulantes do USS *Intrepid*, golfo de Leyte, novembro de 1944. (*US National Archives & Records Administration: 80-G-468912*)
Piloto escapa da cabine de um Hellcat em chamas, setembro de 1944. (*AP Photo/US Navy/Press Association*)
Tripulantes de um bombardeiro britânico retornam de um ataque à Alemanha.
Uma colaboracionista tem a cabeça raspada em uma cidade próxima a Paris, c.1944. (*US National Archives & Records Administration: 111-SC-193318*)
Família japonesa escondida numa caverna em Saipan, junho de 1944. (*US Marine Corps/Time & Life Pictures/Getty Images*)
Soldado britânico na Birmânia, novembro de 1944. (*Imperial War Museum SE 564*)
Médicos removem um soldado americano ferido no campo de batalha próximo a Brest, Normandia, agosto de 1944. (*AP Photo/Press Association*)
Paraquedista se prepara para o assalto a Arnhem, setembro de 1944. (*Airborne Assault Museum*)
Criança holandesa durante o “inverno da fome” de 1944–1945. (© *Marius Meijboom/Nederlands Fotomuseum*)
Dois adolescentes da Werhmacht capturados no Reno, março de 1945. (*Mirrorpix*)
Artilharia russa na linha de frente de Order-Neisse, abril de 1945.
Tropas americanas no campo de concentração de Ohrdruf, abril de 1945. (*AP Photo/Byron H. Rollins/Press Association*)
Fuzileiros navais americanos em Iwo Jima, março de 1945. (*AP Photo/US Marine Corps/Press Association*)
Mãe e filho entre as ruínas de Hiroshima. (*Alfred Eisenstadt/Time & Life Pictures/Getty Images*)

Lista de mapas

A campanha polonesa
A campanha finlandesa
A invasão da Noruega
A última fase da campanha francesa de 1940
A invasão da Grécia
As ofensivas alemãs no inverno de 1941
A Batalha do Mar de Coral
A Batalha de Midway
Os russos cercam o VI Exército de Hitler
A notável vitória dos russos em Kursk
O avanço russo pela Ucrânia
Os desembarques na Itália em 1943
A investida de 1944 sobre a Polônia
O ataque-surpresa dos Aliados à Normandia
Os avanços dos Aliados sobre a Alemanha no outono de 1944
A campanha ocidental de 1945 sobre a Alemanha
A campanha russa no Oder
Os ataques finais dos russos

Notas e referências

As referências a seguir, do início do meu trabalho, encontram-se armazenadas no Liddell Hart Archive na King's College London, aqui abreviado como LHA. EA quer dizer Entrevista do Autor, significando uma testemunha ocular com quem conversei em algum momento nestes 35 anos. IWM se refere aos manuscritos nas coleções do Imperial War Museum; BNA, ao British National Archive; USNA, ao United States National Archive; USMHI, ao United States Military History Institute em Carlisle Barracks, Pensilvânia. Referências a Potsdam remetem à magnífica obra sobre história *Germany and the Second World War*, em vários volumes, publicada originalmente pelo Instituto de Pesquisa de História Militar em Potsdam e traduzida pela Oxford University Press. Para este trabalho, consultei uma narrativa manuscrita e alguns papéis do vice-marechal do ar Sir Ralph Cochrane guardados por seu filho, John. Não forneci referências para declarações de figuras ilustres que já estão há muito tempo em domínio público.

Introdução

1. Anônimo, *Uma mulher em Berlim: diário dos últimos dias da guerra*
2. Eric Diller, *Memoirs of a Combat Infantryman*, p. 77
3. Helmuth von Moltke, *Letters to Freya*, 24/01/1942, p. 204

Capítulo 1 – A Polônia traída

1. Rulka Langer, *The Mermaid and the Messerschmitt*, p. 20
2. Lynn Olson; Stanley Cloud, *For Your Freedom and Ours*, p. 46
3. Jan Karski, *Story of a Secret State*, p. 5
4. Walter Duranty, *Atlantic Monthly*, setembro de 1939, p. 393
5. Galeazzo Ciano, Diaries Milan 1946, vol. I, 15/05/1939
6. Norman Davies, *God's Playground*, p. 426
7. Edward Raczyński, *In Allied London*, p. 20
8. James Owen; Guy Walters, *The Voices of War*, p. 9
9. IWM, Kruczkiewicz *MS*, 08/132/1, p. 163
10. IWM, Ephrahim Bleichman MS, 02/23/1
11. IWM, P. Fleming MS, 86/17/1
12. Olson; Cloud, op. cit., p. 52
13. IWM, Kornicki MS, 01/1/1
14. IWM, Ralph Smorczewski MS, 03/41/1
15. Kruczkiewicz, op. cit., p. 166
16. IWM, Piloto B.J. Solak MS
17. IWM, P. Fleming *MS*, 86/15/1
18. Władysław Anders, *An Army in Exile*, p. 3
19. IWM, Piloto Franciszek Kornicki MS, 01/1/1
20. Adrian Carton de Wiart, *Happy Odyssey*, p. 156
21. Evelyn Waugh, *Oficiais e Gentlemen*

22. Moltke, op. cit., p. 33
23. William Shirer, *This is Berlin*, p. 75
24. Alexander Stahlberg, *Bounden Duty*, p. 116
25. Stefan Zweig, *The World of Yesterday*, p. 247
26. Louis Hagen, *Ein Volk ein Reich: Nine Lives Under the Reich*, pp. 32–3
27. Cuthbert Headlam, *Parliament and Politics in the Age of Churchill and Attlee*, p. 167
28. Sandra Koa Wing, *Our Longest Days*, p. 31
29. David Killingray, *Fighting for Britain*, p. 11
30. Max Hastings, *Overlord: D-Day and the Battle for Normandy*, correspondência
31. David Fraser, *Wars and Shadows*, p. 122
32. Max Hastings, arquivos *Bomber Command*
33. Raczyński, op. cit., p. 27
34. Mihail Sebastian, *Journal 1935–44*, p. 234
35. IWM, Bleichman MS, 02/23/1
36. Janusz Piekałkiewicz, *The Cavalry of World War II*, p. 9
37. Olson; Cloud, op. cit., p. 52
38. Piekalkiewitcz, op. cit., p. 12
39. IWM, Tenente Piotr Tarczyński MS
40. IWM, George Ślazak MS, 95/13/1
41. Heinz Knoke, *I Flew for the Führer*, p. 20
42. IWM, Stefan Kurylak MS, 78/52/1
43. Olson & Cloud, op. cit., p. 69
44. Anders, op. cit., p. 7
45. Raczyński, op. cit., p. 36
46. Adrian Ball, *The Last Days of the Old World*, pp. 27–8
47. Janet Flanner, *New Yorker*, 10/09/1939
48. Leo Amery, *My Political Life*, vol. III, p. 328
49. Simon Garfield, *We are at War*, p. 36
50. Davies, op. cit., p. 83
51. Owen; Walters, op. cit., p. 16
52. Mungo Melvin, *Manstein*, p. 122
53. Ibid., p. 125
54. General K.S. Rudnicki, *Last of the Old Warhorses*, p. 49
55. Ibid., p. 54
56. Ibid., p. 63
57. IWM, Feliks Lachman MS, 91/6/1
58. IWM, Adam Kruczkiewicz MS, 08/132/1, p. 168
59. Anders, op. cit., p. 13
60. IWM, Tadeusz Zukowski MS, 99/3/1
61. Karski, op. cit., p. 23
62. IWM, Lachman MS, 91/6/1
63. John Raleigh, *Behind the Nazi Front*, p. 320
64. Carton de Wiart, op. cit., p. 160
65. IWM, Szmulek Goldberg MS, 06/52/1
66. Simon Garfield, *Private Battles*, p. 48
67. Raczyński, op. cit., p. 34

Capítulo 2 – Nenhuma paz, pouca guerra

1. Arthur Bryant, *The Turn of the Tide*, p. 71
2. IWM, Kornicki MS, p. 89
3. Douglas Arthur, *Desert Watch Blaisdon*, p. 76
4. Norman Longmate, *The Home Front*, p. 17
5. Koa Wing, op. cit., p. 15
6. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 48
7. E.S. Turner, *The Phoney War*, p. 53
8. Narrativa de rua, cortesia de Miranda Corben
9. IWM, Elizabeth Belsey, correspondência 6/03/1941
10. Turner, op. cit., p. 169
11. Arthur Kellas, *Down to Earth*, p. 11
12. Arthur, op. cit., p. 28
13. Elliot Roosevelt, *The Roosevelt Letters*, vol. III, p. 286
14. Robert Edwards, *White Death*, p. 59
15. Ibid., p. 68
16. Ibid., p. 156
17. Ibid., p. 82
18. Chris Bellamy, *Absolute War*, p. 76
19. Carl Mydans, *More than Meets the Eye*, p. 119
20. Edwards, op. cit., p. 206
21. Harold Macmillan, 19/03/1940
22. Edwards, op. cit., p. 232
23. Ibid., p. 254
24. Ibid., p. 261
25. Mydans, op. cit., p. 129
26. François Kersaudy, *Norway 1940*, p. 31
27. Koa Wing, op. cit., p. 32
28. Ibid., p. 18
29. Julian Jackson, *The Fall of France*, p. 127

Capítulo 3 – Blitzkriegs no oeste

1 NORUEGA

1. Ruth Maier, *Ruth Maier's Diary*, p. 115
2. Ibid., p. 231
3. Kersaudy, op. cit., p. 103
4. Keith Jeffrey, *MI6: The History of the Secret Intelligence Service 1909–49*, p. 374
5. Robert Kershaw, *Never Surrender*, p. 37
6. Kersaudy, op. cit., p. 169
7. BNA FO371/24833
8. Diário de Street em posse de Miranda Corben, 27/04/1940
9. BNA W0106/1962
10. Adrian Gilbert, *Voices of the Foreign Legion*, p. 190
11. Koa Wing, op. cit., p. 35

2 A QUEDA DA FRANÇA

1. Jackson, op. cit., p. 11
2. Jackson, op. cit., p. 164
3. Ibid., p. 164
4. Ibid., p. 166
5. Ibid., p. 47
6. Ibid., p. 224
7. Kershaw, op. cit., p. 54
8. Ibid., p. 168
9. Ibid., p. 169
10. Jackson, op. cit., p. 170
11. Ibid., p. 172
12. Irène Némirovsky, *Suite française*, p. 3
13. Jackson, op. cit., p. 176
14. Némirovsky, op. cit., p. 41
15. John Horsfall, *Say Not the Struggle*, p. 157
16. Michael Howard, *Liberation or Catastrophe*, p. 9
17. Horsfall, op. cit., p. 54
18. Sir Edmund Ironside, *The Ironside Diaries*, p. 321
19. Horsfall, op. cit., p. 57
20. Kershaw, op. cit., p. 56
21. Owen & Walters, op. cit., p. 45
22. Peter Hart, *At the Sharp End*, p. 75
23. Horsfall, op. cit., p. 151
24. Carta de McCormick pertencente à Miranda Corben
25. Nella Last, *Nella Last's War*, p. 62
26. Jackson, op. cit., p. 178
27. Constantin Joffe, *We Were Free*, p. 47
28. Alastair Horne, *To Lose a Battle*, p. 489
29. Zweig, op. cit., p. 149
30. Némirovsky, op. cit., p. 42
31. Ibid., p. 53
32. Paul Richey, *Fighter Pilot*, pp. 69–70
33. Ibid., p. 90
34. Hart, op. cit., p. 47
35. Jackson, op. cit., p. 126
36. Ibid., p. 144
37. Franz Halder, *Command in Conflict: The Diaries and Notes of Colonel-General Franz Halder and Other Members of the German High Command*, p. 656
38. Roy Macnab, *For Honour Alone*, p. 59
39. Jackson, op. cit., p. 144
40. Max Hastings, *Finest Years*, p. 45
41. Jackson., op. cit., p. 182
42. Ibid., p. 233
43. Némirovsky, op. cit., p. 351
44. Sergei Khrushchev, *The Memoirs of Nikita Khrushchev*, vol. I, p. 256

45. Denis Mack Smith, *Mussolini*, p. 250
46. Halder, op. cit., p. 668
47. Rosemary Say; Noel Holland, *Rosie's War*, p. 86

Capítulo 4 – Grã-Bretanha sozinha

1. Richey, op. cit., p. 155
2. Ronald Blythe, *Private Words*, 19/07/1940, p. 98
3. Michael Burleigh, *Moral Combat*, p. 202
4. Geoffrey Wellum, *First Light*, p. 148
5. Stephen Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p. 118
6. Ibid., p. 116
7. Ibid., p. 119
8. James Holland, *Battle Over Britain*, p. 548
9. Bungay, op. cit., p. 179
10. Ibid., p. 124
11. Ibid., p. 165
12. Kershaw, op. cit., p. 163
13. Beatrice Bishop Berle; Travis Beal Jacobs, *Navigating the Rapids 1918–1971*, p. 150
14. Robert Kershaw, op. cit., p. 166
15. Holland, op. cit., p. 383
16. Ibid., op. cit., p. 387
17. IWM, *Denis Wissler*, 97/43/1, diário 16/06/1940
18. Holland, op. cit., p. 578
19. George Barclay, *Fighter Pilot*, p. 43
20. Ibid., p. 45
21. Sandy Johnstone, *Enemy in the Sky*, p. 118
22. Holland, op. cit., p. 543
23. Ibid., p. 537
24. Headlam, op. cit., p. 220
25. Charles Hudson, *Journal of Major-General Charles Hudson*, pp. 187–9
26. Sarah Baring, *The Road to Station X*, p. 20
27. A.G. Street, *From Dusk Till Dawn*, pp. 59–60
28. Barbara Nixon, *Raiders Overhead*, p. 129
29. Koa Wing, op. cit., 15/11/1940, p. 60
30. Nixon, op. cit., pp. 42–3
31. Longmate, op. cit., p. 66
32. Longmate, op. cit., pp. 79–80
33. Nixon, op. cit., p. 62
34. Owen; Walters, op. cit. p. 94
35. Koa Wing, op. cit., p. 52
36. Ibid., p. 53
37. James Owen, *Danger UXB*
38. Ibid., pp. 115–19
39. Howard Smith, *Último trem de Berlim*
40. Jeffrey, op. cit., p. 373

41. Ian Kershaw, *Dez decisões que mudaram o mundo (1941-1945)*
42. Knoke, op. cit., p. 32
43. Adam Tooze, *The Wages of Destruction*
44. Johnstone, op. cit., p. 161
45. Evelyn Waugh, *Rendição incondicional*
46. Koa Wing, op. cit., 4/06/1940, p. 37
47. Barclay, op. cit., p. 73

Capítulo 5 – O Mediterrâneo

1 APOSTAS DE MUSSOLINI

1. IWM, *Kruczkiewicz* MS, 08/132/1, p. 150
2. Hagen, op. cit., p. 34
3. Knox MacGregor, *Mussolini Unleashed*, p. 153
4. Ibid., p. 135
5. Colin Smith; John Bierman, *Alamein: War Without Hate*, p. 28
6. Arthur, op. cit., p. 191
7. Mark Johnston, *At the Front Line*, p. 14
8. Ibid., p. 15
9. Smith; Bierman, op. cit., p. 49
10. Killingray, op. cit., p. 169
11. Sebastian, op. cit., p. 320
12. Arthur, op. cit., p. 212
13. Stanley Payne, *Franco and Hitler*, p. 62
14. Ibid., p. 94
15. Smith; Bierman, op. cit., p. 149
16. Andrea Rebora, *Letters of Lt. Pietro Ostellino N. Africa Jan. 1941 to March 1943*, p. 51
17. Ibid., p. 52
18. Smith; Bierman, op. cit., p. 70
19. Rebora, op. cit., p. 73
20. Ibid., p. 79

2 UMA TRAGÉDIA GREGA

1. Mack Smith, op. cit., p. 357
2. C.N. Hadjipateras; M.S. Falfalios, *Greece 1940–41 Eyewitnessed*, p. 35
3. Ibid., p. 33
4. Ibid., p. 104
5. Ibid., p. 122
6. MacGregor, op. cit., p. 201
7. Tony Simpson, *Operation Mercury*, p. 92
8. Ibid., p. 101
9. Ibid., p. 107
10. Ibid., p. 97
11. Hadjipateras & Falfalios, op. cit., p. 124
12. Johnston, op. cit., p. 29

13. Hadjipateras & Falfalios, op. cit., p. 197
14. Ibid., p. 230
15. Ibid., p. 255
16. Koa Wing, op. cit., p. 92

3 TEMPESTADES DE AREIA

1. Colin Smith, *England's Last War with France: Fighting Vichy 1940–42*, pp. 96–8
2. Warren Tute, *The Reluctant Enemies*, p. 81
3. Némirovsky, op. cit., 21/06/1941, p. 347
4. Alan Moorehead, *African Trilogy*, p. 164
5. Roald Dahl, *Going Solo*, p. 196
6. Sebastian, op. cit., p. 358
7. Rebora, op. cit., p. 140
8. Johnston, op. cit., p. 28
9. Correspondência de Overlord
10. Johnston, op. cit., p. 43
11. Ibid., p. 44
12. Ibid., p. 46
13. Smith; Bierman, op. cit., p. 110
14. Johnston, op. cit., p. 56
15. John McManners, *Fusilier*, p. 67
16. Arthur, op. cit., p. 153
17. Smith; Bierman, op. cit., p. 32
18. Rebora, op. cit., 5/08/1941, p. 96
19. Smith; Bierman, op. cit., p. 134
20. Alastair Borthwick, *Battalion*, p. 39
21. McManners, op. cit., p. 46
22. Rebora, op. cit., 14/03/1941, p. 54
23. Artemis Cooper, *Cairo in the War*, p. 80
24. Ibid., p. 117
25. McManners, op. cit., p. 85
26. Vittorio Vallicella, *Diario di Guerra da El Alamein alla tragica ritirata 1942–1943*, p. 22
27. Ibid., p. 76
28. Ibid., p. 59
29. Ibid., p. 62
30. Ibid., p. 70
31. Ibid., p. 65
32. Ibid., p. 85
33. Rebora, op. cit., 11/12/1941, p. 143 11.12.41
34. J. Cloudsley-Thompson, não publicado MS
35. Vallicella, op. cit., p. 16
36. Ibid., p. 20
37. Ibid., p. 17
38. Ibid., p. 18

39. Ibid., p. 19
40. McManners, op. cit., pp. 101 e 108

Capítulo 6 – Barbarossa

1. Catherine Merridale, *Ivan's War*, Faber 2005 p. 77
2. Ibid., p. 75
3. Howard, *Liberation*, p. 9
4. Knoke, op. cit., p. 47
5. Henry Metelmann, *Through Hell for Hitler*, pp. 15 e 24
6. Potsdam, vol. IV, p. 341
7. Tooze, op. cit., p. 546
8. Michael Jones, *The Retreat: Hitler's First Defeat*, p. 23
9. Bellamy, op. cit., p. 147
10. Sebastian, op. cit., p. 368
11. Diários de Goebbels, 23/06/1941
12. Valentin Berezhkov, *Stranitsy diplomaticheskoy istorii*, pp. 69 e 212
13. Martin Poppel, *Heaven & Hell*, p. 11
14. Ibid., p. 70
15. Bellamy, op. cit., p. 197
16. IWM, *Kurylak* MS
17. Knoke, op. cit., p. 45
18. Jones, *Retreat*, p. 1
19. Ibid., p. 7
20. Merridale, op. cit., p. 69
21. Jones, *Retreat*, p. 6
22. Potsdam, vol. IX/I, p. 545
23. Ibid., p. 546
24. Jones, *Retreat*, p. 10
25. Ibid., p. 55
26. Clare Milburn, *Mrs Milburn's Diaries*, p. 101
27. Sebastian, op. cit., p. 374
28. Jones, *Retreat*, p. 18
29. Ibid., p. 14
30. Bellamy, op. cit., p. 189
31. Ibid., p. 232
32. Vasily Grossman, *Um escritor na guerra: Vasily Grossman com o Exército Vermelho (1941-1945)*
33. Roderic Braithwaite, *Moscow 1941*, p. 80
34. *Pis'ma s voiny Ioshkar-Ola*, p. 87
35. Gabriel Temkin, *My Just War*, p. 60
36. Grossman, op. cit., p. 19
37. Bellamy, op. cit., p. 63
38. Merridale, op. cit., p. 127
39. *Pis'ma s voiny*, p. 60
40. Merridale, op. cit., p. 127

41. Ibid., p. 220
42. Bellamy, op. cit., p. 187
43. Halder, op. cit., p. 167
44. Moltke, op. cit., 16/07/1941, p. 151
45. Ibid., p. 154
46. Grossman, op. cit., p. 17
47. Jones, *Retreat*, p. 27
48. Grossman, op. cit., p. 45
49. Ibid., p. 48
50. Ibid., p. 96
51. David Glanz, *Barbarossa*, p. 82
52. Moltke, op. cit., p. 168
53. Jones, *Retreat*, p. 52
54. Ibid., p. 56
55. Ibid., p. 59
56. *Pis'ma s voiny*, pp. 24–5
57. Owen, Walters, op. cit., p. 155
58. Jones, *Retreat*, p. 74
59. Zhukov para Konstantin Simonov, citado no *The Times*, 6/05/2010
60. Merridale, op. cit., p. 84
61. Ibid., p. 85
62. Jones, *Retreat*, p. 192
63. Moltke, op. cit., p. 187

Capítulo 7 – Moscou salva, Leningrado faminta

1. Konstantin Rokossovskii, *Soldatskii Dolg*, , p. 8
2. Bellamy, op. cit., p. 316
3. Jones, *Retreat*, p. 125
4. Ibid., p. 141
5. Ibid., p. 193
6. Ibid., p. 140
7. Michael Jones, *The Siege of Leningrad*, 2008 p. 74
8. Ibid., p. 78
9. Khrushchev, op. cit., p. 256
10. Jones, *Leningrad*, p. 117
11. Ibid., p. 40
12. Ibid., p. 45
13. Lazar' Brontman, *Voennyi dnevnik korrespondenta "Pravdy"*, 19/08/1942, pp. 55–6
14. *Pis'ma s voiny*, p. 31
15. Jones, *Leningrad*, p. 134
16. Ibid., p. 149
17. Ibid., p. 152
18. Ibid., p. 152
19. Ibid., p. 163
20. Nikolai Nikulin, *Vospominaniya o voine*

21. Jones, *Leningrad*, p. 193
22. Ibid., p. 206
23. Ibid., p. 215
24. Jones, *Retreat*, p. 201
25. Ibid., p. 203
26. Ibid., p. 203
27. Ibid., p. 235
28. Ibid., p. 261
29. Ibid., p. 97
30. Jones, *Leningrad* p. 279
31. Jones, *Retreat*, p. 196
32. Ibid., p. 61
33. Merridale, op. cit., p. 99
34. Zhadobin, *Ognennaya duga: Kurskaya bitva glazami Lubyanki*, p. 25
35. Jones, *Retreat*, p. 82
36. Merridale, op. cit., p. 251
37. Jones, *Retreat*, p. 107
38. Ibid., p. 98
39. Mathilde Wolff-Monckeburg, *On the Other Side*, p. 57
40. Grossman, op. cit., p. 53
41. Ibid., p. 54
42. Nixon, op. cit., p. 156
43. Wendell Willkie, *Um mundo só*
44. *Spectator*, op. cit., 19/06/1942
45. Koa Wing, op. cit., 23/02/1942, p. 122

Capítulo 8 – América preparada para o combate

1. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 19
2. Roosevelt, *Letters*, p. 286
3. Robert Sherwood, *The White House Papers of Harry L. Hopkins*, vol. I, p. 132
4. Elaine Steinbeck; Robert Wallsten, *John Steinbeck: A Life in Letters*, p. 201
5. Ibid., p. 206
6. Berle; Jacobs, op. cit., p. 314
7. Donald Nelson, *Arsenal of Democracy*, p. 85
8. Carson McCullers, *Reflexos num olho dourado*
9. Eric Sevareid, *Not so Wild a Dream*, p. 201
10. Martin Blumenson, *Parameters*, vol. XIX, nº. 4, dezembro de 1989
11. Carlo D'Este, *Eisenhower Holt*, p. 264
12. Sherwood, op. cit., p. 131
13. BNA PREM3/475/1
14. David Kennedy, *Freedom from Fear*, p. 232
15. Robert Dallek, *Lone Star Rising*, p. 197
16. IWM, MP Troy Papers, 95/25/1
17. Ibid.

18. Kennedy, op. cit., p. 525
19. Geoffrey Perrett, *Days of Sadness, Years of Triumph*, p. 79
20. Roosevelt, op. cit., p. 370
21. Meirion Harries; Susie Harries, *Soldiers of the Sun*, p. 222
22. John Colvin, *Nomonhan*.
23. Christopher Bayly; Tim Harper, *Forgotten Armies*, p. 71
24. Alvin Kiernan, *The Unknown Battle of Midway*, p. 2
25. Izumiya Tatsuro, *The Minami Organ*, p. 82
26. Mack Smith, op. cit., p. 273
27. Steinbeck, op. cit., 8/12/1941, p. 248
28. *Ladies' Home Journal*, *How America Lives*, 1941
29. Ibid., p. 20
30. Arthur Schlesinger, *A Life in the Twentieth Century*, p. 287
31. John Morton Blum, *V Was for Victory*, pp. 201 e 289
32. Schlesinger, op. cit., pp. 287–8
33. Perrett, op. cit., p. 199

Capítulo 9 – A temporada de triunfos do Japão

1 "ESPERO QUE COLOQUEM ESSES BAIXINHOS PARA CORRER"

1. John Dower, *War Without Mercy*, p. 242
2. Emiko Ohnuki-Tierney, *Kamikaze Diaries*, p. 62
3. Ibid., p. 79
4. Evelyn M.Monahan; Rosemary Neidel-Greenlee, *All This Hell*
5. Ibid., p. 8
6. Bayly & Harper, op. cit., p. 141
7. Ibid., p. 66
8. Ibid., p. 111
9. Colin Smith, *Singapore Burning*, p. 123
10. Ibid., p. 146
11. Ibid., p. 157
12. Col. Masanobu Tsuji, *Japan's Greatest Victory, Britain's Worst Defeat*, p. 91
13. Diana Cooper, *Trumpets from the Steep*, p. 127
14. Smith, op. cit., p. 220
15. Ibid., p. 238
16. Ibid., p. 245
17. Ibid., p. 286
18. Tsuji, op. cit., p. 102
19. Smith, op. cit., p. 416
20. Bayly; Harper, op. cit., p. 120
21. Ibid., p. 124
22. Smith, op. cit., p. 426
23. Bayly; Harper, op. cit., p. 130
24. Smith, op. cit., p. 438
25. Ibid., p. 496
26. Ibid., p. 473

27. Ibid., p. 480
28. Bayly; Harper, op. cit., p. 142
29. BNA WO106/2550B
30. Smith, op. cit., p. 497
31. Ibid., p. 533
32. Bayly; Harper, op. cit., p. 126
33. Ibid., p. 147
34. Stephen Abbott, *And All My War is Done*, p. 31
35. Bayly; Harper, op. cit., p. 117
36. Smith, op. cit., p. 550
37. Harries, op. cit., p. 264
38. John Kennedy, *The Business of War*, p. 198
39. Edward Dunlop, *The Diaries of 'Weary' Dunlop*, pp. 12–13

2 A "ROTA BRANCA" DA BIRMÂNIA

1. Yvonne Vaz Ezdani, *Songs of the Survivors*
2. Daw Sein, *Les Dix milles vies d'une femme birmane*, pp. 152–5
3. Edzani, op. cit., p. 87
4. Bayly; Harper, op. cit., p. 161
5. Julian Thompson, *Forgotten Voices of Burma*, p. 21
6. Ibid., p. 164
7. Ibid., p. 88
8. LHA, *Brooke-Popham Papers*, arquivo V, 7/18/2
9. John Smyth, *Before the Dawn*, pp. 139–40
10. Mi Mi Khaing, *A Burmese Family*, p. 130
11. Tatsuro, op. cit., p. 120
12. Ibid., p. 142
13. Bayly; Harper, op. cit., p. 175
14. Thompson, *Burma*, pp. 11–12
15. Ibid., p. 41
16. Bayly; Harper, op. cit., p. 160
17. Ibid., p. 163
18. Thompson, *Burma*, p. 34
19. Bayly; Harper, op. cit., p. 339
20. Ibid., p. 173
21. Geoffrey Tyson, *Forgotten Frontier*, p. 79
22. Ezdani, op. cit., p. 80
23. Bayly; Harper, op. cit., p. 189
24. Jawaharlal Nehru, *Selected Works of Nehru*, vol. XII, p. 269

Capítulo 10 – Mudanças na sorte

1 BATAAN

1. James Reston, *Prelude to Victory*, p.x
2. Slessor Papers File XIIc

3. USMHI Forrest Pogue, arquivos *The Supreme Command*
4. Christopher Thorne, *The Issue of War*, p. 25
5. Blum, op. cit., p. 97
6. Schlesinger, op. cit., pp. 283–4
7. Pogue, op. cit., p. 335
8. Perrett, op. cit., p. 213
9. Fred Mears, *Carrier Combat*, p. 3
10. Kiernan, op. cit., p. 3
11. Ernie Pyle, *Here is Your War*, p. 555
12. Mydans, op. cit., p. 147
13. Elizabeth Norman, *Band of Angels*, p. 66
14. William E. Dyess, *The Dyess Story*, p. 43
15. John Glusman, *Conduct Under Fire*, p. 136
16. Monahan; Neidel-Greenlee, p. 41
17. Ibid., p. 50
18. Alfred Weinstein, *Barbed Wire Surgeon*, p. 34
19. Donald Knox, *Death March*, p. 121
20. Ibid., p. 136
21. Glusman, op. cit., p. 197
22. Dwight Eisenhower, *The Eisenhower Diaries*, p. 54
23. Blum, op. cit., p. 54

2 O MAR DE CORAL E MIDWAY

1. Capitão Walter Karig; Comandante Eric Purdon, *Battle Report: Pacific War Middle Phase*, p. 19
2. E.T. Wooldridge, *Carrier Warfare in the Pacific*, p. 41
3. Ibid., p. 42
4. Ibid., p. 45
5. Kiernan, op. cit., p. 13
6. Wooldridge, op. cit., p. 281
7. Ibid., p. 285
8. Ibid., p. 68
9. Ibid., p. 168
10. Herman Melville, *Israel Potter*
11. Walter Lord, *Incredible Victory*, p. 87
12. John Costello, *The Pacific War*, p. 285
13. The Battle of Midway Round Table, http.//www.midway12.org
14. Relatório de Esders depois da batalha, US Naval Historical Center
15. Kiernan, op. cit., p. 45
16. Wooldridge, op. cit., pp. 56–7
17. Ibid., p. 58
18. Tom Cheek, *A Ring of Coral*
19. Mitsuo Fuchida; Masatake Okimuya, *Midway: A maior batalha aeronaval da 2ª Guerra Mundial*

3 GUADALCANAL E NOVA GUINÉ

1. Robert Leckie, *Helmet for my Pillow*, p. 57
2. Costello, op. cit., p. 177
3. Bruce Loxton; Chris Coulthard-Clark, *The Shame of Savo*, pp. 143–7
4. Ibid., p. 265
5. Donald Miller, *D-Days in the Pacific*, p. 68
6. Ibid., p. 72
7. Leckie, op. cit., p. 78
8. Miller, op. cit., pp. 67–8
9. James Jones, *The Thin Red Line*, p. 43
10. Ronald Spector, *Eagle Against the Sun*, pp. 205–6
11. George Johnston, *The Toughest Fighting in the World*, p. 5
12. Ibid., p. 8
13. Ibid., p. 40
14. Ibid., p. 198
15. Ibid., p. 45
16. Ibid., pp. 167–8
17. Robert Eichelberger, *Our Jungle Road to Tokyo*, pp. 21–3

Capítulo 11 – Os britânicos no mar

1 O ATLÂNTICO

1. Julian Thompson, *The War at Sea*, p. 113
2. Ibid., p. 149
3. J.B. Lamb, *The Corvette Navy: True Stories from Canada's Atlantic War*, p. 73
4. EA Harris, arquivos *Bomber Command*, 11/10/1976
5. Stephen Howarth; David Law, *The Battle of the Atlantic 1939–45*, p. 411
6. Ibid., p. 51
7. Richard Woodman, *The Real Cruel Sea*, p. 166
8. Howarth; Law, op. cit., p. 215
9. Potsdam, vol. IX/I, p. 612
10. Howarth; Law, op. cit., p. 217
11. Corelli Barnett, *Engage the Enemy More Closely*, p. 486
12. Howarth; Law, op. cit., p. 199
13. Ibid., p. 522

2 COMBOIOS ÁRTICOS

1. Thompson, *War at Sea*, p. 160
2. Richard Woodman, *Arctic Convoys*, p. 323
3. Ibid., p. 107
4. Ibid., p. 220
5. Ibid., p. 161
6. Thompson, *War at Sea*, p. 161
7. Woodman, *Arctic*, p. 445

3 A PROVAÇÃO DA PEDESTAL

8. Richard Woodman, *Malta*, p. 379
9. Thompson, *War at Sea*, p. 192
10. Ibid., p. 192
11. Ibid., p. 195
12. Woodman, *Malta*, p. 403

Capítulo 12 – A fornalha: a Rússia em 1942

1. Brontman, op. cit., p. 132
2. *Pis'ma s ognennogo rubezha 1941–1945*, 19/05/1942
3. Gunther Blumentritt, *The Fatal Decisions*, pp. 37–8
4. Potsdam, vol. VI, p. 938
5. Merridale, op. cit., p. 133
6. Brontman, op. cit., 18/06/1942, p. 22
7. Ibid., p. 31 4.4.42
8. N.F. Belov, Diário de N.F. Belov 1941–44, *Pis'ma s ognennogo rubezha 1941–1945*, 23/04/1942
9. BNA WO208/1777
10. Anders, op. cit., p. 124
11. Ibid., p114
12. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 23/10/1942, pp. 271–2
13. Grossman, op. cit., p. 127
14. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, p. 273
15. Belov, op. cit., 09/09/1942
16. Potsdam, vol. VI, p. 1097
17. Merridale, op. cit., p. 150
18. Vladimir Pershanin, *Shtrafniki, razvedchiki, pekhota*, p. 177
19. Ibid., p. 185
20. Grossman, op. cit., p. 151
21. Ibid., p. 183
22. Ibid., p. 152
23. Ibid., p. 170
24. Bellamy, op. cit., p. 520
25. Grossman, op. cit., p. 174
26. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, p. 273
27. Bellamy, op. cit., p. 380
28. Nikulin, memórias
29. Jones, *Seige*, p. 269
30. Ibid., p. 276
31. Ibid., p. 279
32. Merridale, op. cit., p. 165
33. Belov, op. cit., 8/10/1942
34. Metelmann, op. cit., p. 120
35. Knoke, op. cit., p. 80
36. Poppel, op. cit., p. 99

37. Potsdam, vol. XI/I, p. 583
38. Eugenio Corti, *Few Returned: 28 days on the Russian Front, Winter 1942–43*, p. 10
39. Ibid., p. 26
40. Ibid., pp. 30–1
41. Ibid., p. 61
42. Ibid., p. 65
43. Ibid., p. 194
44. Ibid., p. 76
45. Ibid., p. 78
46. Ibid., p. 78
47. Ibid., p. 138
48. Ibid., p. 218
49. Mack Smith, op. cit., p. 293
50. Merridale, op. cit., p. 162
51. Grossman, op. cit., p. 225
52. Koa Wing, op. cit., p. 152
53. Belov, op. cit., 13/02/1943
54. Halder, diários, p. 387
55. G.A. Kumanyov, *Ryadom so Stalinym*, p. 38

Capítulo 13 – Vivendo com a guerra
1 GUERREIROS
1. Antony Hichens, *Gunboat Command*, p. 96
2. USMHI Pogue, arquivos *The Supreme Command*, entrevista de Morgan
3. Max Hastings, arquivos *Armageddon*
4. Robert Kershaw, op. cit., p. 203
5. Thompson, *The War at Sea*, p. 111
6. Peter White, *With the Jocks*, p. 37
7. Koa Wing, op. cit., 5/04/1943, p. 173
8. Ibid., p. 60
9. Ibid., p. 71
10. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, p. 210
11. Blythe, *Private Words*, 28/07/1943
12. EA Thompson, arquivos *Armageddon*
13. EA Moody, arquivos *Armageddon*
14. Ron Davidson MS, arquivos *Armageddon*
15. Ronald Blythe, *Components of the Scene*, p. 85
16. USMHI Bruce Papers Box 6
17. Harold Fennema MS, arquivos *Armageddon*
18. Eugene Gagliardi MS, arquivos *Armageddon*
19. E.J. Kahn, *New Yorker*, 5/12/1942
20. Eugene Sledge, *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa*, p. 91
21. Farley Mowat, *And No Birds Sang*, p. 203
22. Sledge, op. cit., p. 72
23. Borthwick, op. cit., p. 61

24. White, op. cit., p. 155
25. IWM, C.R. Eke MS, *A Game of Soldiers*, 92/1/1
26. Mowat, op. cit., p. 107
27. James Jones; Art Weithas, *WW II: A Chronicle of Soldiering*
28. EA Mahlo, arquivos *Armageddon*
29. EA Moser, arquivos *Armageddon*
30. Roscoe Blunt, *Foot Soldier: A Combat Infantryman's War in Europe*, p. 86
31. Norman Craig, *The Broken Plume*, IWM 1982, p. 77
32. Moltke, op. cit., 26/01/1943, p. 275
33. Paul Fussell, *The Boys' Crusade*, p. 98
34. EA Günther, arquivos *Armageddon*
35. *Spectator*, op. cit., 16/07/1943
36. *Spectator*, op. cit., 18.12.42
37. Ronald Blythe, *Private Words*, 30/04/1943, p. 183
38. Michael Foot, *Bevan*, p. 388
39. Blum, op. cit., p. 66
40. Ibid., p. 64
41. EA Beavers, arquivos *Armageddon*
42. Schoo MS, arquivos *Armageddon*
43. Blum, op. cit., p. 65
44. Steinbeck, op. cit., p. 264
45. Blum, op. cit., p. 67
46. Iris Origo, *War in Val D'Orcia*, 15/08/1943, p. 58

2 LINHA DE FRENTE DOMÉSTICA

1. Belov, op. cit., 31/12/1942
2. Sebastian, op. cit., p. 585 2.12.43
3. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 11/09/1942, p. 273
4. Ibid., 1/10/1942, p. 273
5. Ibid., 20/10/42, p. 273
6. Braithwaite, op. cit., p. 131
7. Lizzie Collingham, *The Taste of War*, p. 78
8. Fraser, op. cit., p. 183
9. Carta de Street pertencente à senhora Miranda Corben
10. Obituário do *The Times*, 27/02/2010, por Colin Smith
11. Miriam Mafai, *Pane Nero: Donne e vita quotidiana nella seconda Guerra mondiale*, pp. 159–62
12. Ibid., p. 243
13. Say; Holland, op. cit., p. 297
14. IWM, Kurylak MS
15. IWM, Poznanski MS, 99/9/1
16. Anthony Powell, *A Writer's Notebook*, p. 94
17. Evelyn Waugh, *The Diaries of Evelyn Waugh*, 1/06/1944, p. 567
18. Last, op. cit., 11/10/1942, p. 221
19. Martin Crook, *Wartime Letters of a West Kent Man*

20. *Spectator*, op. cit., 14/12/1942
21. Ronald Blythe, *Private Words*, p. 43
22. Koa Wing. op. cit., 7/09/1943, p. 188
23. Studs Terkel, *The Good War*, p. 224
24. Koa Wing, op. cit., 16/06/1942, p. 135
25. Terkel, op. cit., p. 118
26. Janine Sinkoskey Brodine, *Missing Pieces*, p. 49
27. Koa Wing, op. cit., 9/10/1942, p. 144
28. Wolff-Monckeburg, op. cit., 12/01/1941, p. 35
29. Ibid., 25/06/1942, p. 60
30. Longmate, op. cit., p. 150
31. Ibid., p. 156
32. Tamsin Day-Lewis, *Last letters Home*
33. Blum, op. cit., p. 98
34. Collingham, op. cit., p. 112
35. Ibid., p. 217
36. Theodore White; Annalee Jacoby, *Thunder Out of China*, pp. 166–7
37. Collingham, op. cit., p. 116
38. Mafai, op. cit., p. 167
39. Alan Moorehead, *Eclipse*, p. 66
40. Norman Lewis, *Nápoles 1944 – Um inglês no labirinto*
41. BNA FO371 ZM257/18/22
42. David W. Ellwood, *Italy 1943–45*
43. Ibid., p. 152

3 O LUGAR DA MULHER

1. Koa Wing, op. cit., 15/03/1943 p. 172
2. Longmate, op. cit., p. 123
3. Baring, op. cit., p. 55
4. Koa Wing, op. cit., 15/04/1942, p. 129
5. Brontman, op. cit., 29/08/1942, p. 185
6. Nikolai Nikulin, internet MS
7. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 18/03/1943
8. Grossman, op. cit., p. 120
9. Grossman, op. cit., p. 119
10. *Pis'ma s voiny*, p. 83
11. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, cartas de Kalinichenko, 1/12/1942 e 1/02/1943
12. Ibid., 20/02/1944
13. EA Beavers, arquivos *Armageddon*
14. EA Harris, 14.10.76, arquivos *Bomber Command*
15. EA Addison, arquivos *Bomber Command*
16. EA Owen, arquivos *Bomber Command*
17. EA von Joest, arquivos *Armageddon*
18. Koa Wing, 17/06/1941, p. 94
19. Ibid., 7/10/1941, p. 104

20. Ibid., 31/12/1944, p. 248
21. Ibid., 31/03/1945, p. 257
22. Fennema MS, arquivos *Armageddon*
23. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 1/07/1943
24. Mafai, op. cit., p. 177

Capítulo 14 – Expulsos da África
1. Dugan MS, arquivos Overlord
2. Bob Raymond, *A Yank in Bomber Command*, p. 101
3. USNA, 25 March 1942: Survey of Intelligence Materials No. 16
4. BNA FO371/34116
5. Keith Douglas, *Alamein to Zem Zem*, p. 87
6. Harold Nicolson, *Diaries*, vol. II, 11/02/1942
7. Commons, op. cit., 22/04/1942
8. Rebora, op. cit., p. 216
9. Victor Klemperer, *I Shall Bear Witness*, vol. II, p. 117
10. Vallicella, op. cit., p. 39
11. Ibid., p. 46
12. Ibid., p. 55
13. Ibid., p. 58
14. Ibid., p. 105
15. Craig, op. cit., p. 75
16. Vallicella, op. cit., p. 95
17. F. Formica, *Account of the Battle of Deir El Murra Diary of Second Lieutenant Vincenzo Formica*
18. Ibid., 3/11/1942
19. Ibid., 3/11/1942
20. Ibid., 17/11/42
21. Vallicella, op. cit., p. 117
22. Ibid., p. 119
23. Hagen, op. cit., pp. 176–7
24. Alfred Perrott-White, *French Legionnaire*, p. 147
25. Koa Wing, op. cit., p. 148
26. Moltke, op. cit., p. 260
27. Belov, op. cit., 10/11/1942
28. Vallicella, op. cit., p. 125
29. Ibid., p. 154
30. Ibid., p. 155
31. Koa Wing, op. cit., 28/02/1943, p. 168
32. USMHI Pogue, *The Supreme Command*, arquivos de entrevistas
33. Formica, diário, 11/1943

Capítulo 15 – O urso se vira: a Rússia em 1943
1. Brontman, op. cit., 12/09/1942, p. 62

2. EA Godau, arquivos *Armageddon*
3. Pershanin, op. cit., p. 198
4. Belov, op. cit., 13/03/1943
5. Pershanin, op. cit., p. 41
6. *Pis'ma s voiny*, p. 199
7. Guy Sajer, *The Forgotten Soldier*, p. 171
8. Grossman, op. cit., p. 249
9. Merridale, op. cit., p. 261
10. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, pp. 199–202
11. Belov, op. cit., 13/01/1943
12. Ibid., 11/08/1943
13. Ibid., 2/06/1943
14. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 31.3.43
15. Belov, op. cit., 2/06/1943
16. Merridale, op. cit., p. 194
17. *Pis'ma s voiny*, p. 194
18. Robin Cross, *Citadel: A batalha de Kursk*
19. *Pis'ma s voiny*, pp. 132–3
20. *Ognennaya duga*, op. cit., p. 34
21. Cross, op. cit.
22. Ibid., p. 215
23. Ibid., p. 229
24. Brontman, op. cit., 26/07/1942, pp. 39–40
25. Merridale, op. cit., p. 183
26. Brontman, 28/07/1943, p. 162
27. Merridale, op. cit., p. 203
28. Brontman, op. cit., 14/07/1943, p. 153
29. *Ognennaya duga*, op. cit., p. 52
30. Ibid., pp. 79–80
31. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 9/10/1943
32. Pershanin, op. cit., p. 35
33. Ibid., p. 27
34. Ibid., 1/11/1943
35. Grossman, op. cit., p. 247
36. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, 20/09/1943
37. Belov, op. cit., 28/11/1943
38. *Ognennaya duga*, op. cit., pp. 89–90
39. Pershanin, op. cit., p. 78
40. Cross, op. cit.
41. Sajer, op. cit., p. 315
42. Hagen, op. cit., p. 181

Capítulo 16 – Impérios divididos
1 LIBERDADE DE QUEM?

1. Nicholas Monsarrat, *The Cruel Sea*, pp. 151–2

2. Tom Bower, *Nazi Gold*, p. 13
3. Ibid., p. 58
4. Ibid., p. 111
5. USNA State Department Opinion Surveys RG59 Box 11
6. Fyodor Mochulsky, *Gulag Boss*, p. 141
7. Blum, op. cit., p. 160
8. Capano MS, arquivos *Armageddon*
9. Blum, op. cit., p. 92
10. Ibid., p. 149
11. EA Carullo, arquivos *Armageddon*
12. EA Kissinger, arquivos *Armageddon*
13. Hagen, op. cit., p. 169
14. Tute, op. cit., p. 206
15. Mario Avagliano, *Generazione ribelle: Diari e lettere dal 1943 al 1945 a cura di Mario Avagliano*, p. 77
16. Anne-Marie Walters, *Moondrop to Gascony*, p. 233
17. Peter Kemp, *The Thorns of Memory*, p. 196
18. Ibid., p. 200
19. Killingray, op. cit., p. 61
20. Ibid., p. 59
21. Ibid., p. 50
22. Ibid., p. 160
23. Ibid., p. 54
24. Ibid., p. 86
25. Ibid., p. 122
26. Ibid., p. 109
27. Ibid., pp. 134–5
28. Ibid., p. 172
29. Christopher Somerville, *Our War*, p. 183
30. Ibid., p. 29
31. Richard Hough, *One Boy's War*, p. 17
32. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 86
33. Anwar Sadat, *In Search of Identity*, p. 26
34. Ibid., p. 25
35. Edgar Snow, *Journey to the Beginning*, p. 206
36. Nehru, *Works of Nehru*, vol. XII, 25/12/1942, p. 39
37. Smith, *Singapore Burning*, p. 57
38. Cooper, *Trumpets*, p. 131
39. Bayly; Harper, op. cit., p. 343

2 O RAJ: A HORA MENOS BELA

1. Amery, op. cit., p. 104
2. Jayakar, Papers 709 1940, National Archives of India
3. *Towards Freedom: Documents on the Movement for Independence in India 1940* pt.1 OUP 1978

4. Bayly; Harper, op. cit., p. 74
5. *Statesman*, op. cit., 10/06/1940
6. Nehru, *Works of Nehru*, vol. XIII, 13/02/1943, p. 59
7. Ibid., vol. XII, p. 2
8. Madhusree Mukerjee, *Churchill's Secret War*, p. 63
9. Bayly & Harper, op. cit., p. 248
10. Clive Branson, *British Soldier in India: The Letters of Clive Branson*, pp. 87 e 134
11. Bayly & Harper, op. cit., p. 303
12. Ibid., p. 448
13. Nehru, *Selected Works of Nehru*, vol. XIII, 3/10/1942, p. 19
14. Bayly & Harper, op. cit., p. 322
15. Thompson, *Burma*, p. 254
16. Ibid., p. 326
17. Ibid., p. 327
18. Mukerjee, op. cit., p. 282
19. Ibid., p. 282
20. Ibid., p. 286
21. Ibid., p. 103
22. Ibid., p. 117
23. Ibid., pp. 151, 157 e 167
24. Ibid., p. 287
25. Nehru, *Works of Nehru*, vol. XIII, p. 242
26. John Barnes; David Nicholson, *The Empire at Bay: The Leo Amery Diaries 1929–45*, p. 1026

Capítulo 17 – Frentes asiáticas

1 CHINA

1. Edgar Snow, *Saturday Evening Post*, junho de 1936
2. Jonathan Fenby, *Generalissimo*, p. 315
3. Jeffrey Lockwood, *Six-Legged Soldiers: Using Insects as Weapons of War*, p. 108
4. Daniel Barenblatt, *A Plague Upon Humanity*
5. EA Lin Yajin, arquivos *Nemesis*
6. EA Deng Yumin, arquivos *Nemesis*
7. EA Hando, arquivos *Nemesis*
8. Bayly & Harper, op. cit., p. 2

2 ATAQUES NA SELVA E PULOS DE ILHA EM ILHA

1. Bayly & Harper, op. cit., p. 274
2. Marshall Papers Box 64/27
3. Hugh Dalton, *Diaries*, 4/08/1944
4. Thompson, *Forgotten Voices of Burma*, p. 71
5. Ibid., p. 83
6. Ibid., p. 107
7. Karl Albrecht, *Tarawa Remembered in Follow Me*, novembro de 1993, p. 28

8. Miller, op. cit., p. 105
9. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 263

Capítulo 18 – Itália: grandes esperanças, frutos amargos

1 SICÍLIA

1. Evelyn Waugh, *Diaries*, p. 559
2. Marshall Papers Box 64/27
3. Origo, op. cit., p. 55
4. Carlo D'Este, *Bitter Victory*, p. 244
5. Poppel, op. cit., p. 123
6. Ibid., p. 130
7. Ibid., p. 133
8. Rick Atkinson, *The Day of Battle*, p. 115
9. Peter Schrijvers, *The Crash of Ruin*, p. 120
10. Atkinson, op. cit., p. 127
11. David Cole, *Rough Road to Rome*, pp. 443–4
12. D'Este, *Bitter Victory*, p. 439
13. Jack Belden, *Time*, 23/08/1943
14. Klemperer, op. cit., vol. II, p. 303
15. Ibid., p. 349
16. Hagen, op. cit., p. 74
17. Wolff-Monckeburg, op. cit., p. 73
18. Denis Forman, *To Reason Why*, pp. 197–204

2 A ESTRADA PARA ROMA

1. Lewis, op. cit.
2. Michael Howard, *Captain Professor*, p. 73
3. Peter Moore, *No Need to Worry*, p. 109
4. Hagen, op. cit., p. 75
5. Origo, op. cit., 20/10/1943, p. 101
6. Atkinson, op. cit., p. 251
7. John Guest, *Broken Images*, p. 199
8. Mowat, op. cit., p. 137
9. Atkinson, op. cit., p. 258
10. Richard Doherty, *A Noble Crusade*, p. 159
11. George Biddle, *Artist at War*, p. 177
12. D.C. Bloomfield-Smith, *Fourth Indian Reflections*, p. 59
13. Ibid., p. 56
14. Franco Busatti, *Dal Volturno a Cassino*, RSI website
15. Atkinson, op. cit., pp. 288–9
16. Ibid., p. 293
17. Origo, op. cit., 1/04/1943, p. 23
18. Ibid., p. 97

19. Mairio Avagliano, op. cit.,8/09/1943, p. 25
20. Eugenio Corti, *The Last Soldiers of the King*, p. 108
21. Mairio Avagliano, op. cit., p. 48
22. Mafai, op. cit., p. 211
23. Lewis, op. cit.
24. Bloomfield-Smith, op. cit., p. 50
25. Mowat, op. cit., p. 187
26. Alex Bowlby, *Recollections of Rifleman Bowlby*, p. 127
27. LHA, Penney Papers, 8/1933
28. Origo, 21/05/1944, p. 186
29. Ibid., p. 198
30. Ibid., 1/07/1944, p. 236

3 IUGOSLÁVIA

1. Milovan Djilas, *Wartime*, p. 309
2. Roderick Bailey, *Forgotten Voices of the Secret War*, p. 160
3. Dimitris Livanios, *The Macedonian Question*, p. 119
4. Bailey, op. cit., p. 169
5. Ibid., p. 171
6. Ibid., p. 167
7. Djilas, op. cit., p. 236
8. Ibid., p. 139
9. Ibid., pp. 155 e 160
10. Ibid., p. 170
11. Ibid., p. 180
12. Ibid., p. 197
13. Ibid., p. 304
14. Vittorio Vallicella, op. cit., p. 15
15. Djilas, op. cit., p. 330
16. Ibid., p. 285
17. Ibid., p. 283

Capítulo 19 – Guerra no céu

1 BOMBARDEIROS

1. E.P. Bone, não publicado MS, arquivos *Bomber Command*
2. Wellum, op. cit., p. 105
3. EA Dorfman, arquivos *Armageddon*
4. EA Wells, arquivos *Armageddon*
5. Day-Lewis, op. cit., p. 81
6. EA Owen, arquivos *Bomber Command*
7. EA Addison, arquivos *Bomber Command*
8. Alexander Seversky, *Victory Thru Air Power*, p. 73
9. Williamson Murray; Allan Millett, *Luftwaffe*
10. Wooldridge, op. cit., p. 196

11. Ernie Pyle, *V was for Victory*, p. 61
12. EA Bufton arquivos *Bomber Command*
13. Correspondência *Bomber Command*
14. EA Owen, arquivos *Bomber Command*
15. Hastings, *Bomber Command*, p. 104
16. EA Harris, arquivos *Bomber Command*
17. EA Brennan, arquivos *Armageddon*
18. EA Maze, arquivos *Bomber Command*
19. Bone MS
20. John Muirhead, *Those Who Fall*, p. 4
21. Cochrane MS, Cochrane papers
22. Crafter MS, arquivos *Bomber Command*
23. Cochrane MS
24. Raynes MS, arquivos *Bomber Command*
25. EA Owen
26. Harry H. Crosby, *A Wing and a Prayer*, p. 95

2 ALVOS

1. USMHI, Sir Frederick Morgan citado Pogue, arquivos *The Supreme Command*
2. John Sweetman, *The Dambusters Raid*
3. Wolff-Monckeburg, op. cit., p. 72
4. Tooze, op. cit., p. 556
5. Ibid., p. 603
6. Arquivos *Bomber Command*
7. Potsdam, vol. IX/I, p. 391
8. Ibid., p. 382
9. Ibid., p. 453
10. Tooze, op. cit., pp. 629–30
11. Potsdam, vol. IX/1, p. 390
12. Potsdam, vol. IX/I, p. 75
13. Ibid., p. 427
14. Ibid., pp. 404–5
15. Wolff-Monckeburg, 24/08/1943, p. 76
16. Roger Moorhouse, *Berlin at War*, p. 323
17. Klaus Schmidt, *Die Brandnacht*, p. 91
18. Ibid., p. 80
19. Ibid., p. 83
20. Ibid., p. 80
21. Metelmann, op. cit., p. 180
22. Rebora, op. cit., 9/12/1942, p. 268
23. Não publicado MS *Just a Gamble*, arquivos *Bomber Command*
24. Potsdam, vol. IX/I, p. 468
25. Ibid., p. 473
26. *Spectator*, op. cit., 25/02/1944
27. EA Harris, arquivos *Bomber Command*

28. Cochrane Papers Harris MS

Capítulo 20 – Vítimas

1 SENHORES E ESCRAVOS

1. Klemperer, op. cit., vol. II, p. 408
2. IWM, ZR Pomorski, 96/55/1
3. IWM, Feliks Lachman MS, 91/6/1
4. British Library India Office Records L/PJ/8/412/319. Para uma vívida ideia de toda a saga polonesa, veja Matthew Kelly, *Finding Poland*
5. IWM, Szmulek Goldberg MS, 06/52/1
6. Guest, op. cit., p. 202
7. Chin Kee, *On Malaya Upside Down*, p. 190
8. Memórias de Elizabeth van Kampen, www.dutch-east-indies.com
9. Moltke, op. cit., p. 244
10. IWM, Ślazak MS, 95/13/1
11. Bayly & Harper, op. cit., p. 223
12. Ibid., p. 179
13. Ibid., p. 234
14. Maier, op. cit., p. 328
15. EA Gabor, arquivos *Armageddon*
16. Moltke, op. cit., p. 175
17. Maier, op. cit., 29/10/1942
18. Mark Mazower, *Hitler's Empire*
19. Tooze, op. cit., p. 522
20. Potsdam, vol. IX/I, p. 262
21. Ibid., p. 267
22. Tooze, op. cit., p. 537

2 MATAR JUDEUS

1. Jones, *Retreat*, p. 23
2. Potsdam, vol. IX/I, pp. 349–51
3. Peter Longerich, *Holocaust*, p. 211
4. John Lukacs, *The Legacy of the Second World War*
5. Christopher Browning, *Ordinary Men*, pp. 19–21
6. Longerich, op. cit., p. 261
7. Ibid., p. 426
8. Ibid., p. 271
9. Moorhouse, op. cit., p. 178
10. Potsdam, vol. IX/I, p. 362
11. Sebastian, op. cit., 28/01/1940, p. 268
12. *Spectator*, op. cit., 11.12.42
13. Moltke, op. cit., p. 285
14. Brontman, op. cit., p. 132

15. Merridale, op. cit., p. 253
16. Ibid., p. 253
17. Anônimo, op. cit
18. Merridale, op. cit., p. 108
19. Koa Wing, op. cit., 26/03/1941
20. EA Mendelsohn, arquivos *Armageddon*
21. Stephen Ambrose, *Band of Brothers: Companhia de Heróis*
22. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 385
23. BNA FO 921/7
24. Karski, op. cit., p. 393
25. Schlesinger, op. cit., p. 307
26. Jeffrey, op. cit., p.xiii
27. George Orwell, *Tribune*, 31/03/1944
28. Pesquisa de Princeton, *Public Opinion 1935–1946*, p. 501
29. Potsdam, vol. IX/I, p. 342
30. Browning, op. cit., p. 2
31. Ibid., p. 128
32. Ibid., p. 83
33. IWM, Frank Bleichman, 02/23/1
34. Moorhouse, op. cit., pp. 195–6

Capítulo 21 – A Europa se torna um campo de batalha

1. EA Schröder, arquivos *Armageddon*
2. Belov, op. cit., 17/04/1943
3. Merridale, op. cit., p. 200
4. Brontman, op. cit., 9/11/1943, pp. 231–3 e 21/02/1944, p. 262
5. Ibid., 21/04/1944, p. 271
6. David Glanz, *Soviet Military Deception in the Second World War*
7. Anders, op. cit., 16/04/1944, p. 201
8. Raleigh Trevelyan, *Roma 44*
9. Atkinson, op. cit., p. 490
10. Ibid., p. 488
11. Ibid., p. 416
12. Ibid., p. 386
13. Ibid., p. 428
14. Ibid., p. 463
15. Ibid., p. 534
16. USMHI, Forrest Pogue, entrevista, arquivos *The Supreme Command*
17. EA Harris, arquivos *Bomber Command*
18. Horatius Murray, *A Very Fine Commander*, p. 164
19. Correspondência de Kershaw Overlord
20. Correspondência de McCallum Overlord
21. Lewis, op. cit.
22. Jon Lewis, *Eyewitness D-Day*, p. 101
23. Ibid., p. 102

24. Klemperer, op. cit., vol. II, p. 395

25. Arquivos Overlord

26 Poppel, op. cit., p. 179

27. von Schweppenburg em *Spectator*, 5/06/1964

28. Poppel, op. cit., p. 181

29. F.S.V. Donnison, *Civil Affairs and Military Government: North-West Europe 1944–46*, 12/06/1944, p. 74

30. IWM, Madame A. de Vigneral, 78/35/1

31. IWM, Coronel H.S. Gillies, carta de junho de 1944

32. Lewis., op. cit., p. 173

33. Correspondência de Richardson Overlord

34. Michael Reynolds, *Steel Inferno*, p. 75

35. Ibid., p. 81

36. Lewis, op. cit., p. 167

37. USMHI First US Army report of operations 20/10/1943–1/08/1944

38. Correspondência de Kershaw Overlord

39. J.L. Cloudsley-Thompson MS, arquivos Overlord

40. Charles Farrell, *Reflections*, p. 20

41. Cloudsley-Thompson MS

42. Patrick Hennessy, *Young Man in a Tank*, p. 79

43. Correspondência de Kerr Overlord

44. Reynolds, *Steel Inferno*, p. 36

45. Correspondência de Finucane Overlord

46. Ken Tout, *Tank! Forty Hours of Battle*, p. 39

47. Andy Cropper, *Dad's War*, p. 33

48. Lewis Keeble, *Worm's Eye View: The Recolections of Lewis Keeble* Appendix C to Battlefield Tour: 1/4 KOYLI in the NW Europe Campaign

49. Craig, op. cit., p. 176

50. Pogue, op. cit., 25/01/1945, p. 333

51. Craig, op. cit., p. 31

52. Robin Hastings, *An Undergraduate's War*, p. 104

53. Correspondência de Rathbone Overlord

54. Correspondência de Selerie Overlord

55. Lapp, arquivos *Armageddon*

56. Diercks, arquivos *Armageddon*

57. Barry Broadfoot, *Six War Years*, p. 97

58. Arquivos Overlord

59. EA Godau, arquivos *Armageddon*

60. Second Army intelligence report, arquivos *Armageddon*

61. Kurt Meyer, *Grenadiers*, p. 134

62. Zimmer Arquivos Overlord

63. Poppel, op. cit., p. 221

64. Arquivos *Overlord*

65. P.H. Vigor, *Soviet Blitzkrieg Theory*, p. 137

66. Merridale, op. cit., p. 167

67. Arquivos *Armageddon*

68. Merridale, op. cit., p. 242
69. Ibid., p. 259
70. *Pis'ma s voiny*, p. 188
71. Reynolds, *Steel Inferno*, p. 40
72. Moltke, op. cit., pp. 282–3
73. Wolff-Monckeburg, 25/06/1944, p. 104
74. Ibid., p. 107
75. EA Schröder, arquivos *Armageddon*
76. Cropper, op. cit., p. 38
77. Bellfield; Essame, *The Battle for Normandy*, p. 209
78. Lewis, op. cit., p. 271
79. Michael Reynolds, *Men of Steel*, pp. 32–3
80. *Spectator*, op. cit., 5.6.64

Capítulo 22 – Japão: Desafiando o destino

1. Australian Forces Weekly Intelligence Review No. 118 NZ External Affairs file 84/6/1 pt.1
2. LHA, Lethbridge papers, Lethbridge Report, p. 5
3. Christopher, *Thorne Allies of a Kind*, p. 555
4. Hart, op. cit., p. 162
5. Ibid., p. 158
6. Thompson, *Burma*, p. 219
7. Ibid., p. 215
8. Ibid., p. 220
9. Ibid., p. 190
10. Ibid., p. 193
11. Hart, op. cit., p. 187
12. Ibid., p. 173
13. Raymond Cooper, *B Company*, p. 137
14. Ibid., p. 389
15. Wooldridge, op. cit., p. 132
16. Harry Gailey, *Bougainville 1943–45: The Forgotten Campaign*, p. 155
17. Fussell, op. cit., p. 109
18. Gailey, op. cit., p. 124
19. John Monks, *A Ribbon and a Star*, p. 40
20. Wooldridge, op. cit., p. 163
21. Ibid., p. 177
22. Miller, op. cit., p. 147
23. Carl Hoffman, *Saipan: The Beginning of the End*, p. 223
24. Time, 3/07/1944
25. Norman Mailer, *The Naked and the Dead*, p. 249
26. Wooldridge, op. cit., p. 209

Capítulo 23 – Alemanha sitiada

1. Second Army intelligence report, arquivos *Armageddon*
2. Ibid.
3. Wolff-Monckeburg, op. cit., p. 86
4. EA Moser, arquivos *Armageddon*
5. Second Army Intelligence, arquivos *Armageddon*
6. Fussell, op. cit., p. 10
7. Harris to Portal 1.11.44, Cochrane Papers
8. Marshall Papers Box 67/13, 25/09/1944
9. Devers *Military Review*, vol. XXVII, nº 7, outubro de 1947, p. 6
10. Koa Wing, op. cit., 29/09/1944, p. 236
11. Day-Lewis, op. cit., p. 19
12. John Ellis, *The Sharp End*, p. 30
13. USMHI, Pogue, arquivos *The Supreme Command*
14. Dr John Petty, *British Army Review*, verão de 2010, p. 89
15. Arquivos *Armageddon*
16. Marshall Papers Box 67/15
17. Ellis, op. cit., p. 96
18. A.K. Altes; N.K.C.A In't Veld, *The Forgotten Battle: Overloon and the Maas Salient 1944–45*, p. 160
19. Broadfoot, op. cit., p. 231
20. Robert Kotlowitz, *Before Their Times*, p. 137
21. Correspondência Finucane Overlord
22. Ibid.
23. USMHI, *Sir Frederick Morgan* citado Pogue, arquivos *The Supreme Command*
24. George Neill, *Infantry Soldier: Holding the Line at the Battle of the Bulge Norman*, pp. 85, 91, 95–7
25. Metelmann, op. cit., p. 87
26. Schoo, arquivos *Armageddon*
27. Kotlowitz, op. cit., pp. 120–1
28. EA Beavers, arquivos *Armageddon*
29. Second Army Intelligence, arquivos *Armageddon*
30. EA Moody, arquivos *Armageddon*
31. Donald Burgett, *Seven Roads to Hell: A Screaming Eagle at Bastogne*, p. 1
32. Lindstrom MS, arquivos *Armageddon*
33. Reynolds, *Men of Steel*, p. 120
34. Fussell, op. cit., p. 131
35. William Hitchock, *Liberation: The Bitter Road to Freedom, Europe 1944–45*, pp. 87 e 89
36. George D. Graves, *Blood and Snow: The Ardennes*
37. Reynolds, *Men of Steel*, p. 113
38. EA Schröder, arquivos *Armageddon*
39. USMHI, Pogue, arquivos *The Supreme Command*
40. Blumenson, *Parameters*
41. Henry Hills, arquivos *Armageddon*, p. 257
42. Bowlby, op. cit., p. 109

43. Anders, op. cit., p. 251

Capítulo 24 – A queda do Terceiro Reich

1 BUDAPESTE: NO OLHO DO FURACÃO

1. Krisztian Ungvary, *Battle for Budapest*, p. 20
2. Ibid., p. 28
3. Ibid., p. 41
4. Ibid., p. 52
5. Ibid., p. 35
6. Ibid., p. 111
7. Ibid., p. 64
8. Ibid., p. 141
9. Ibid., p. 142
10. Ibid., p. 147
11. Ibid., p. 239
12. Ibid., p. 247
13. Ibid., p. 203
14. Ibid., p. 208
15. Ibid., p. 293

2 EISENHOWER AVANÇA PARA O ELBA

1. Donald T. Peak, *Fire Mission*, p. 148
2. Charles Felix, *Crossing the Sauer*, p. 153
3. MS *Aaron's War*, arquivos *Armageddon*
4. Lindstrom MS, arquivos *Armageddon*
5. History Branch Office of the JAG with the US Forces European Theatre, 18 de julho de 1942-1º de novembro de 1945, vol. I, pp. 242–9
6. White, op. cit., p. 102
7. Fussell, op. cit., p. 120
8. EA Pflug, arquivos *Armageddon*
9. Djilas, op. cit., p. 446
10. Poppel, op. cit., p. 133
11. Second Army Intelligence Report, arquivos *Armageddon*
12. EA Saurma, arquivos *Armageddon*
13. Michael Reynolds, *Men of Steel*, p. 231

3 BERLIM: A ÚLTIMA BATALHA

1. Grossman, op. cit., p. 330
2. *Pis'ma s ognennogo rubezha* 1941–1945, op. cit., p. 100
3. EA Kowitz, arquivos *Armageddon*
4. EA Pflug, arquivos *Armageddon*
5. IWM, Mrs. S.H. Stewart MS, 1/7/1994
6. Antony Beevor, *Berlim: 1945: a queda*, p. 33
7. Stanislav Gorsky, *Zapiski navodchika SU-76* [Memoirs of an SU-76 Gunlayer], p. 108

8. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, p. 186
9. Fromm, arquivos *Armageddon*
10. Sajer, op. cit., p. 382
11. Beevor, op. cit., p. 164
12. Anônimo, op. cit., p. 62
13. *Pis'ma s ognennogo rubezha*, p. 137
14. Beevor, op. cit., p. 189
15. Hagen, op. cit., p. 213
16. Moorhouse, op. cit., p. 360
17. Ibid., p. 351
18. Ruth Andreas-Friedrich, *Diário de Berlim ocupada*
19. Jacob Kronika, *Der Untergang Berlins*, p. 127
20. Hugo Gryn; Naomi Gryn, *Chasing Shadows*, pp. 238–9
21. Beevor, op. cit., p. 219
22. Ibid., p. 226
23. Potsdam, vol. IX/I, p. 59
24. Fromm, arquivos *Armageddon*
25. Anônimo, op. cit., p. 36
26. Dorothea von Schwanenflügel, *Laughter Wasn't Rationed*, p. 342
27. Anônimo, op. cit., pp. 40–1
28. Sune Persson, *Escape from the Third Reich*, pp. 113–14
29. Helga Schneider, *The Bonfire of Berlin*, p. 55
30. Bessel, *Alemanha, 1945: da guerra à paz*
31. Anônimo, op. cit., p. 189
32. Ibid., p. 185
33. Ibid., p. 71
34. Ibid., p. 230
35. Ibid., p. 81
36. Bessell, op. cit., p. 267
37. Grossman, op. cit., p. 327
38. Jacob Kronika, *Der Untergang Berlins*, p. 385
39. Moorhouse, op. cit., p. 372
40. Bailey, op. cit., p. 244
41. Djilas, op. cit., p. 420
42. Fraser, op. cit., p. 267
43. Diercks MS, arquivos *Armageddon*
44. Cropper, op. cit., p. 90
45. Detachment 14A2 BCA Regiment, arquivos *Armageddon*

Capítulo 25 – Japão prostrado

1. Bayly & Harper, op. cit., p. 431
2. Ibid., p. 434
3. US Marine Corps Historical Institute Quantico Joseph Raspilair Papers
4. Patrick Caruso, *Nightmare on Iwo*
5. Wooldridge, op. cit., p. 253

6. Ibid., p. 263
7. http://b-29.org/
8. Steve Birdsall, *Saga of the Superfortress*, p. 143
9. Ibid., p. 149
10. Ibid., p. 312
11. *The Hourglass*, op. cit., pp. 401–2
12. Rikihei Inoguchi; Tadashi Nakajima; Roger Pineau, *The Divine Wind*, p. 179
13. Wooldridge, op. cit., p. 110
14. Ohnuki-Tierney, op. cit., p. 9
15. Inoguchi; Nakajima, op. cit., p. 148
16. Ibid., p. 149
17. Ohnuki-Tierney, op. cit., p. 88
18. Ibid., p. 126
19. Ibid., p. 173
20. Ibid., p. 209
21. USMHI, Japanese PoW dox PW2050 24.6.45
22. Thompson, *Burma*, p. 352
23. Ibid., p. 356
24. Yoshida Mitsuru, *Requiem for Battleship Yamato*, p. 44
25. Laura Fermi, *Atoms in the Family*, p. 254
26. Richard Rhodes, *Ultimate Powers*, p. 641
27. Ibid., p. 641
28. Yoshijiro Umezu, *Facing the Decisive Battle*, *Kaikosha Kiji*, 17/05/1945
29. Arquivos *Nemesis*, p. 21
30. EA Nakamura, arquivos *Nemesis*
31. IWM, RNR, 95/5/1
32. Birdsall, op. cit., p. 309

Capítulo 26 – Vencedores e vencidos

1. Wolff-Monckeburg, op. cit., p. 130
2. *New York Times*, 22/04/1945
3. Anders, op. cit., p. 282
4. Ibid., p. 286
5. IWM, B. Lvov, 90/11/1
6. Koa Wing, op. cit., 11/05/1945, p. 268
7. Day-Lewis, op. cit., p. 174
8. Carta pertencente a Miranda Corben
9. Kevin Wilson, *Journey's End*, p. 392
10. Schlesinger, op. cit., p. 353
11. Pogue, *Pogue's War*, p. 379
12. EA Minamoto, arquivos *Nemesis*
13. EA Konada, arquivos *Nemesis*
14. Wooldridge, op. cit., p. 286
15. Birdsall, op. cit., p. 311
16. Sebastian, op. cit., 31/12/1944, p. 628

17. Christopher Thorne, *Allies of a Kind*, 5/04/1944, p. 401

18. Bayly & Harper, op. cit., p. 455

19. Ibid., p. 438

20. B.J. Kerkvliet, *The Huk Rebellion: A Study of Peasant Revolt in the Philippines*, p. 109

21. Pogue, op. cit., p. 202

22. Corti, *The Last Soldiers of the King*, p. 80

23. Terkel, op. cit., p. 67

24. Drew Pearson, *Diaries 1939–59*, p. 134

25. *RUSI Journal*, junho de 1979

26. Ver estudos estatísticos publicados em 2000 pelo Dr. Rudiger Overmans do German Armed Force Military History Research Office

27. EA Lott, arquivos *Armageddon*

28. Hagen, op. cit., p. 218

29. EA Ebisawa, arquivos *Nemesis*

30. Artigo publicado no *Bungei Shunju*, março de 1956

31. EA Hando, arquivos *Nemesis*

32. Blythe, *Private Words*, p. 33

Bibliografia

Uma bibliografia completa sobre a Segunda Guerra Mundial, ou mesmo contendo os livros de minha própria estante que tratem do assunto, é inviável dentro do âmbito destas páginas. Sendo assim, listei a seguir apenas os títulos que citei explicitamente no texto. A omissão de inúmeras obras de imenso valor, longe de sugerir falta de mérito e importância, representa a minha tentativa de reproduzir o mínimo possível, especialmente relatos pessoais, das histórias e memórias mais familiares aos que estudam esse período. Títulos dos quais obtive extensa inspiração para minha própria narrativa ou que me parecem especialmente relevantes para futuras leituras estão **destacados**. Preteri os muitos volumes das histórias oficiais americana e britânica, que são, claro, indispensáveis.

ABBOTT, Stephen. *And All My War is Done*. Raleigh: Pentland, 1991
ALTES, A.K; INT' VELD, N.K.C.A. *The Forgotten Battle: Overloon and the Maas Salient 1944–45*. Staplehurst: Spellmount, 1995
AMBROSE, Stephen. *Band of Brothers: Companhia de Heróis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
AMERY, Leo. *My Political Life, Vol. III*. Londres: Hutchinson, 1955
_______. *The Empire at Bay: The Leo Amery Diaries 1929–45*. Londres: Hutchinson, 1988
ANDERS, Władysław. *An Army in Exile*. Londres: Macmillan, 1949
ANDREAS-FRIEDRICH, Ruth. *Diário de Berlin Ocupada*. São Paulo: Globo Livros, 2012
ANÔNIMO. ***Uma mulher em Berlim: diário dos últimos dias da guerra***. Rio de Janeiro: Record, 2008
ARTHUR, Douglas. *Desert Watch*. Bedale: Blaisdon, 2000
ATKINSON, Rick. ***The Day of Battle***. Nova York: Henry Holt, 2007
AVAGLIANO, Mario. *Generazione ribelle: Diari e lettere dal 1943 al 1945 a cura di Mario Avagliano*. Torino: Einaudi Storia, 2006
BAILEY, Roderick. *Forgotten Voices of the Secret War*. Londres: Ebury, 2008
BALL, Adrian *The Last Days of the Old World*. Toronto: Doubleday, 1963
BARCLAY, George. *Fighter Pilot*. Londres: Kimber, 1976
BARENBLATT, Daniel. *A Plague Upon Humanity*. Londres: Souvenir Press, 2004
BARING, Sarah. *The Road to Station X*. Berkshire: Wilton 65, 2000
BARNETT, Correlli. ***Engage the Enemy More Closely***. Londres: Hodder & Stoughton, 1991
BAYLY, Christopher; HARPER, Tim. ***Forgotten Armies.*** Londres: Penguin, 2004
BEEVOR, Antony. ***Stalingrado: o cerco fatal***. Rio de Janeiro: Record, 2002
_______. ***Berlim 1945: a queda***. Rio de Janeiro: Record, 2004
BELFIELD, Eversley; ESSAME, H. *The Battle for Normandy*. Londres: Pan Books, 1975
BELLAMY, Chris. ***Absolute War***. Londres: Macmillan, 2007
BELOV, N.F. ***Front Diary of N.F. Belov 1941–44***. Moscou: Vologda, 1997
BEREZHKOV, Valentin. *Stranitsy diplomaticheskoy istorii*. Moscou: 1982

BERLE, Beatrice Bishop; JACOBS, Travis Beal. *Navigating the Rapids 1918–1971*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973
BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: Da Guerra à Paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
BIDDLE, George. *Artist at War*. Nova York: The Viking Press, 1944
BIRDSALL, Steve. *Saga of the Superfortress*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1981
BLAIR, Clay. ***Hitler's U-Boat Wars***. Nova York: Random House, 1996
BLOOMFIELD-SMITH, D.C. *Fourth Indian Reflections – Memoir of a Great Company*. Charllotesville: Reliance Publishing House, 2005
BLUM, John Morton. ***V was for Victory***. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976
BLUNT, Roscoe. *Foot Soldier: A Combat Infantryman's War in Europe*. Boston: Da Capo Press, 2002
BLYTHE, Ronald. *Private Words*. Nova York: The Press, 1991
______. *Components of the Scene*. Nova York: Penguin, 1966
BORTHWICK, Alastair. *Battalion*. Macclesfield: Baton Wicks, 1994
BOWER, Tom. *Nazi Gold*. Londres: HarperCollins, 1997
BOWLBY, Alex. *Recollections of Rifleman Bowlby*. Londres: Leo Cooper, 1969
BRAITHWAITE, Roderic. *Moscow 1941*. Londres: Profile Books, 2006
BRANSON, Clive. *British Soldier in India: The Letters of Clive Branson*. Londres: Communist Party London, 1944
BROADFOOT, Barry. *Six War Years 1939-1945: Memoirs of Canadians at home and abroad*. Toronto: Doubleday, 1974
BRONTMAN, Lazar'. *Voenni dnevnik korrespondenta 'Pravdy'*. Moscou: 2007
BROWNING, Christopher. ***Ordinary Men***. Nova York: Penguin, 1998
BRYANT, Arthur. *The Turn of the Tide*. Londres: Collins, 1957
BUNGAY, Stephen. *The Most Dangerous Enemy*. Londres: Aurum Press, 2010
BURGETT, Donald. *Seven Roads to Hell: A Screaming Eagle at Bastogne*. Nova York: Dell Publishing, 1999
BURLEIGH, Michael. *Moral Combat*. Londres: HarperCollins, 2010
BUSATTI, Franco. *Dal Volturno a Cassino*. RSI website < http://www.dalvolturnoacassino.it/>
CALVOCORESSI, Peter; WINT, Guy; PRITCHARD, John. ***Total War***. Nova York: The Viking Press, 1972
CARRTON DE WIART, Adrian. *Happy Odyssey*. Londres: Jonathan Cape, 1950
Caruso, Patrick. *Nightmare on Iwo*. Annapolis: Naval Institute Press, 2001
CHEEK, Tom. *A Ring of Coral*. Battle of Midway Roundtable <http//home.comcast.net/r2russ/midway. ringcoral.htm>
CHIN, Kee Onn. *On Malaya Upside Down*. Singapura: Impresso por Jitts, 1946
CIANO, Galleazo. *Diaries 1937–43*. Milão: Redonzo de Felice Milan 1980
COLE, David. *Rough Road to Rome*. Londres: Kimber, 1983
Collingham, Lizzie. *The Taste of War*. Londres: Allen Lane, 2011
COLVIN, John. *Nomonhan*. Londres: Quartet, 1999
COOPER, Artemis. *Cairo in the War*. Londres: Hamish Hamilton, 1989
COOPER, Diana. *Trumpets from the Steep*. Londres: Hart Davis, 1960
COOPER, Raymond. *B Company*. Durham: Dobson, 1978

CORTI, Eugenio. *Few Returned: 28 Days on the Russian Front, Winter 1942–43*. Missouri: University of Missouri Press, 1997
_______. *The Last Soldiers of the King*. Missouri: University of Missouri Press, 2003
COSTELLO, John, *The Pacific War*. Londres: Collins, 1981
CRAIG, Norman. *The Broken Plume*. Londres: IWM, 1982
CREMER, Peter. *U-333*. Londres: Grafton, 1986
CROOK, Martin; *Wartime Letters of a West Kent Man*. Kent: edição independente, 2007
CROPPER, Andy. *Dad's War*. Londres: Anmas Publications, 1994
Crosby, Harry H. *A Wing and a Prayer* Robson 1993
CROSS, Robin. *Citadel: A batalha de Kursk* . Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2008
DAHL, Roald. *Going Solo*. Londres: Penguin, 1988
DALLEK, Robert. *Lone Star Rising*. Oxford: Oxford University Press, 1991
DALTON, Hugh. *Diaries*. Londres: Ben Pimlott Jonathan Cape, 1986
DAVIES, Norman. *God's Playground*, *Vol. II*. Oxford: Oxford University Press, 1981
DAY-LEWIS, Tamsin. *Last Letters Home*. Londres: Macmillan, 1995
DEAR, I.C.B.; FOTT, M.R.D. ***The Oxford Companion to the Second World War***. Oxford: Oxford University Press, 1995
D'ESTE, Carlo. *Eisenhower*. Nova York: Henry Holt, 2002
_______. *Bitter Victory*. Londres: Collins, 1988
_______. ***Decision in Normandy***. Londres: Collins, 1983
DILLER, Eric. *Memoirs of a Combat Infantryman*. Edição independente, 2002
DJILAS, Milovan. ***Wartime***. Londres: Secker & Warburg, 1980
DOHERTY, Richard. *A Noble Crusade*. Staplehurst: Spellmount, 1999
DONNISON, F.S.V. *Civil Affairs and Military Government: North-West Europe 1944–46*. HMS0, 1961
DOUGLAS, Keith. *Alamein to Zem Zem*. Londres: Penguin, 1967
DOWER, John. *War Without Mercy*. Nova York: Pantheon, 1986
DUNLOP, Edward. *The Diaries of 'Weary' Dunlop*. . Nova York: The Viking Press 1986
DYESS, William E. *The Dyess Story*. Nova York: Putnam, 1944
ECHTERNKAMP, Jorg. ***Germany and the Second World War***. 9 vols. Oxford: Oxford University Press, 2008
Edwards, Robert. *White Death*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2007
EICHELBERGER, Robert. *Our Jungle Road to Tokyo*. Nashville: Nashville Battery Classics, 1989
EISENHOWER, Dwight. *The Eisenhower Diaries*. Nova York: Norton, 1981
ELLIS, John. *The Sharp End*. Pimlico: Pimlico Books, 1993
ELLWOOD, David W. *Italy 1943–45*. Leicester: Leicester University Press, 1985
FARRELL, Charles. *Reflections*. Raleigh: Pentland Press, 2000
FELIX, Charles. *Crossing the Sauer*. Nova York: Burford Books, 2002
FENBY, Jonathan. *Generalissimo*. Nova York: Free Press, 2003
FERMI, Laura. *Atoms in the Family*. Chicago: University of Chicago Press, 1954
FOOT, Michael. *Bevan*. Londres: McGibbon & Kee, 1965
FORMAN, Denis. *To Reason Why*. Londres: André Deutsch, 1991
FORMICA, F. *Account of the Battle of Deir El Murra Diary of Second Lieutenant Vincenzo Formica*. <www.fereamole.it>

FRANK, Richard B. ***Downfall***. Londres: Penguin, 1999
FRASER, David. *Wars and Shadows*. Londres: Penguin, 2002
FUCHIDA, Mitsuo; OKIMUYA, Masatake. *Midway: A maior batalha aeronaval da 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Flamboyant, 1967
FUSSELL, Paul. *The Boys' Crusade*. Londres: Weidenfeld & Nicolson,2004
GAILEY, Harry. *Bougainville 1943–45: The Forgotten Campaign*. Kentucky: University of Kentucky Press, 1991
GARFIELD, Simon. ***Private Battles***. Londres: Ebury, 2006
_______. *We are at War*. Londres: Ebury, 2009
GILBERT, Adrian. *Voices of the Foreign Legion*. Nova York: Skyhorse, 2010
GILBERT, Martin. *Auschwitz and the Allies*. Londres: Weidenfeld & Nicolson,1981
GLANZ, David. *Barbarossa*. Gloucestershire: Tempus, 2001
_______. *Soviet Military Deception in the Second World War*. Londres: Frank Cass, 1989
GLUSMAN, John. *Conduct Under Fire*. Nova York: The Viking Press, 2007
GORSKY, Stanislav. *Zapiski navodchika SU-76*. Moscou: 2010
GRAVES, George D. *Blood and Snow: The Ardennes*. Washington: Office of the Chief of Military History, 1965
GROSSMAN, Vasily. *Um escritor na guerra: Vasily Grossman com o Exército Vermelho (1941-945)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008
GRYN, Hugo; GRYN, Naomi. *Chasing Shadows*. Londres: Penguin, 2001
GUEST, John. *Broken Images*. Londres: Hart Davis, 1949
HADJIPATERAS, C.N.; FALFALIOS, M.S.. *Greece 1940–41 Eyewitnessed*. Atenas: Efstathiadis, 1995
HAGEN, Louis. *Ein Volk ein Reich: Nine Lives Under the Reich*. Staplehurst: Spellmount, 2011
HALDER, Franz. ***Command in Conflict: The Diaries and Notes of Colonel-General Franz Halder and Other Members of the German High Command***. Oxford: Barry Leach & Ian MacDonald,1985
HARRIES, Meirion & Susie *Soldiers of the Sun* . Portsmouth: Heinemann, 1991
HART, Peter. *At the Sharp End*. Londres: Leo Cooper, 1998
HASTINGS, Max. *Overlord: D-Day and the Battle for Normandy*. Londres: Michael Joseph, 1984
______. *Bomber Command*. Londres: Michael Joseph, 1979
_______. *Finest Years*. Londres: HarperCollins, 2009
_______. *Armageddon: The Battle for Germany 1944–45*. Londres: Macmillan, 2004
_______. *Nemesis: The Battle for Japan 1944–45*. Londres: HarperCollins, 2007
HASTINGS, Robin. *An Undergraduate's War*. Wisconson: Bell House, 1997
HAUPT, Werner. *Assault on Moscow 1941*. Pensilvânia: Schiffer, 1996
HEADLAM, Cuthbert. *Parliament and Politics in the Age of Churchill and Attlee*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999
HENNESSY, Patrick. *Young Man in a Tank*. Edição independente, 1997
HICHENS, Antony *Gunboat Command*. Yorshire: Pen & Sword, 2007
HITCHCOCK, William *Liberation: The Bitter Road to Freedom, Europe 1944–45*. Londres: Faber & Faber, 2008
HOFFMAN, Carl. *Saipan: The Beginning of the End*. Washington: US Marine Corps, 1950

HOLLAND, James. *Battle Over Britain*. Londres: HarperPress, 2010
HORNE, Alastair *To Lose a Battle* . Londres: Macmillan, 1969
HORSFALL, John. *Say Not the Struggle*s. Shropshire: Roundwood, 1977
HOUGH, Richard. *One Boy's War*. Portsmouth: Heinemann, 1975
HOWARD, Michael. *Liberation or Catastrophe*. Londres: Hambledon, 2008
_______. *Captain Professor*. Londres: Continuum, 2004
HOWARTH, Stephen; LAW, David. ***The Battle of the Atlantic 1939–45***. Yorkshire: Greenhill, 1994
HUDSON, Charles *Journal of Major-General Charles Hudson*. Berkshire: Wilton 65, 1992
INOGUCHI, Rikihei; NAKAJIMA, Tadashi; PINEAU, Roger. *The Divine Wind*. Londres: Hutchinson, 1959
IRONSIDE, Sir Edmund. *The Ironside Diaries.* Londres: Denis Macleod & Edmund Kelly, 1962
JACKSON, Julian. ***The Fall of France***. Oxford: Oxford University Press, 2003
JEFFREY, Keith. *MI6: The History of the Secret Intelligence Service 1909–49.* Londres: Bloomsbury, 2010
JOFFE, Constantin. *We were Free*. Nova York: Smith & Durrell, 1943
JOHNSTON, George. *The Toughest Fighting in the World*. Nova York: Duell, Sloan & Pearce, 1943
JOHNSTON, Mark. *At the Front Line: Experiences of Australian Soldiers in World War II*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996
Johnstone, Sandy *Enemy in the Sky* Kimber 1976
JONES, James. *The Thin Red Line*. Londres: Collins, 1963
_______; WEITHAS, Art. *WW II: A Chronicle of Soldiering*. Nova York: Grossett & Dunlap 1975
JONES, Michael. ***The Retreat: Hitler's First Defeat***. Londres: John Murray, 2009
_______. ***The Siege of Leningrad***. Londres: John Murray, 2008
KARIG, Walter; PURDON, Eric. *Battle Report: Pacific War Middle Phase*. Nova York: Rinehart 1946
KARSKI, Jan. *Story of a Secret State*. Londres: Penguin, 2011
Keeble, Lewis. *Worm's Eye View: The Recollections of Lewis Keeble* — Appendix C to Battlefield Tour: 1/4 KOYLI in the NW Europe Campaign
KELLAS, Arthur. *Down to Earth* . Raleigh: Pentland Press, 1989
KELLY, Matthew. *Finding Poland*. Londres: Jonathan Cape, 2010
KEMP, Peter. *The Thorns of Memory*. Londres: Sinclair-Stevenson, 1990
KENNEDY, David. *Freedom from Fear*. Oxford: Oxford University Press, 1999
KENNEDY, John. *The Business of War*. Londres: Hutchinson, 1957
KERKVLIET, B.J. *The Huk Rebellion: A Study of Peasant Revolt in the Philippines.* Berkeley: University of California Press, 1977
KERSAUDY, François. *Norway 1940.* Londres: Collins, 1990
KERSHAW, Ian. *Dez decisões que mudaram o mundo (1941-1945).* São Paulo: Companhia das Letras, 2008
KERSHAW, Robert. *Never Surrender*. Londres: Hodder & Stoughton, 2009
KHAING, Mi Mi *A Burmese Family*. Harlow: Longman, 1946
KRUSCHEV, Nikita. *O Testamento Final*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974
KIERNAN, Alvin. *The Unknown Battle of Midway.* New Haven: Yale University Press, 2005

KILLINGRAY, David. ***Fighting for Britain***. Oxford: James Currey, 2010
KLEMPERER, Victor. ***Os diários de Victor Klemperer***. São Paulo: Companhia das Letras**,** 1999.
KNOKE, Heinz. *I Flew for the Führer*. Londres: Evans, 1979
KNOX, Donald. *Death March*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich,1981
KOA WING, Sandra. ***Our Longest Days***. Londres: Profile Books, 2008
KOTLOWITZ, Robert. *Before their Times* Nova York: Anchor, 1998
KRONIKA, Jacob. *Der Untergang Berlins*. Hamburg: C. Wolff, 1946
KUMANYOV, G.A. *Ryadom so Stalinym*. Moscou: 1999
LADIE'S HOME JOURNAL. *How America Lives*. Nova York: Henry Holt, 1941
LAMB, J.B. *The Corvette Navy: True Stories from Canada's Atlantic War*. Toronto: Macmillan, 1979
LANGER, Rula. *The Mermaid and the Messerschmitt*. Nova York: Roy Slanovic, 1942
LAST, Nella. ***Nella Last's War***. Londres: Sphere, 1981
LECKIE, Robert. *Helmet for my Pillow*. Londres: Ebury, 2010
LEWIS, Jon. *Eyewitness D-Day*. Londres: Robinson, 1994
LEWIS, Norman. *Nápoles 1944 – Um inglês no labirinto italiano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003
LIVANIOS, Dimitris *The Macedonian Question* . Oxford: Oxford University Press, 2008
LOCKWOOD, Jeffrey. *Six-Legged Soldiers: Using Insects as Weapons of War*. Oxford: Oxford University Press, 2009
LONGERICH, Peter. ***Holocaust***. Oxford: Oxford University Press, 2010
LONGMATE, Norman. *The Home Front*. Londres: Chatto & Windus, 1981
LORD, Walter. *Incredible Victory*. New York: Harper and Row, 1967
LOXTON, Bruce; COULTHARD-CLARK, Chris. *The Shame of Savo*. Londres: Allen & Unwin, 1994
LUKACS, John. *The Legacy of the Second World War*. New Haven: Yale University Press, 2010
MCCULLERS, Carson. *Reflexos num olho dourado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010
MACGREGOR, Knox. ***Mussolini Unleashed, 1939–1941: Politics and Strategy in Fascist Italy's Last War***. Cambridge: Cambridge University Press, 1982
MCMANNERS, John. *Fusilier*. Norwich: Michael Russell, 2002
MACNAB, Roy. *For Honour Alone*. Londres: Hale, 1988
MAFAI, Miriam *Pane Nero: Donne e vita quotidiana nella seconda Guerra mondiale*. Ostiglia: Arnoldo Mondadori Editore, 1987
MAIER, Ruth; *Ruth Maier's Diary*. Londres: Harvill Secker, 2009
MAILER, Norman. Os nus e os mortos. Rio de Janeiro: Record, 1986
MANTIA, Vito. *Diario di Guerra: Con gli Alpini in Montenegro 1941–1943*. Mursia 2010
MAZOWER, Mark. ***Hitler's Empire***. Londres: Penguin, 2008
MEARS, Fred. *Carrier Combat*. Toronto: Doubleday, 1944
MELVILLE, Herman. *Israel Potter*. Nova York: Wiley and Putnam, 1854
MELVIN, Mungo. *Manstein*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2010
MERRIDALE, Catherine. ***Ivan's War***. Londres: Faber & Faber, 2005
METELMANN, Henry. *Through Hell for Hitler*. Staplehurst: Spellmount, 1990
MEYER, Kurt. *Grenadiers*. Manitoba: Fedorowicz Publishing, 1994
MILBURN, Clara. *Mrs Milburn's Diaries*. Londres: Harrap, 1979

MILLER, Donald. *D-Days in the Pacific*. Nova York: Simon & Schuster, 2005
MITSURU, Yoshida. *Requiem for Battleship Yamato*. Londres: Constable & Robinson 1999
MOCHULSKY, Fyodor. *Gulag Boss*. Oxford: Oxford University Press, 2010
MOLTKE, Helmuth von. ***Letters to Freya: 1939-1945***. Londres: Collins-Harvill, 1991
MONAHAN, Evelyn M.; NEIDEL-GREENLEEE, Rosemary. *All this Hell*. Kentucky: Kentucky University Press, 2000
MONKS, John. *A Ribbon and a Star*. Nova York: Henry Holt, 1945
MONSARRAT, Nicholas. *Mar cruel*. Rio de Janeiro: Mérito, 1952
MOORE, Peter. *No Need to Worry*. Berkshire: Wilton 65, 2002
MOOREHEAD, Alan *African Trilogy*. Londres: Hamish Hamilton, 1999
_______. *Eclipse*. Londres: Granta, 2000
MOORHOUSE, Roger. *Berlin at War*. Londres: Bodley Head, 2010
MOWAT, Farley. *And No Birds Sang*. Londres: Cassell, 1980
MUIRHEAD, John. *Those who Fall*. Nova York: Random House, 1986
MUKERJEE, Madhusree. *Churchill's Secret War*. Nova York: Basic, 2010
MURRAY, Horatius. *A Very Fine* Commander. Yorkshire: Pen & Sword, 2010
MURRAY, Williamson. ***Luftwaffe***. Londres: Allen & Unwin, 1985
MURRAY, Williamson; MILLETT, Allan. *A War to be Won*. Massachusetts: Belknap Press, 2000
MYDANS, Carl. *More than Meets the Eye*. Nova York: Harper, 1959
NEHRU, Jawaharlal. *Selected Works of Nehru, Vols. 12 e 13*. Hyderabad: Orient Longman, 1980
NEILL, George. *Infantry Soldier: Holding the Line at the Battle of the Bulge*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2000
NÉMIROVSKY, Irène. Suíte francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
NEWTON, Steven H. *Kursk: The German View*. Boston: Da Capo Press, 2002
NICOLSON, Harold. *Diaries Vol. II*. Londres: Collins, 1965
NIKULIN, Nikolai. *Vospominaniya o voine*. São Petersburgo, 2009 (publicado na internet)
NIXON, Barbara. *Raiders Overhead*. Londres: Scholar Press, 1980
NORMAN, Elizabeth. *Band of Angels*. Nova York: Random House, 1999
OHNUKI-TIERNEY, Emiko. *Kamikaze Diaries*. Chicago: University of Chicago Press, 2006
OLSON, Lynn; CLOUD, Stanley. *For Your Freedom and Ours*. Portsmouth: Heinemann, 2003
ORIGO, Iris. *War in the Val d'Orcia*. Londres: Jonathan Cape, 1947
OVERY, Richard. ***Why the Allies Won***. Londres: Allen Lane, 1995
_______. ***Russia's War***. Londres: Allen Lane, 1997
OWEN, James. *Danger UXB*. Londres: Little, Brown 2010
_______. ; WALTERS, Guy. *The Voices of War*. Londres: Penguin, 2004
PAYNE, Stanley. ***Franco and Hitler***. New Haven: Yale University Press, 2008
PEAK, Donald T. *Fire Mission*. Kansas: Sunflower University Press, 2001
PEARSON, Drew. *Diaries 1939–59*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1974
PERRETT, Geoffrey. ***Days of Sadness, Years of Triumph***. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1973
PERROTT-WHITE, Alfred. *French Legionnaire*. Londres: John Murray,1953
PERSHANIN, Vladimir. *Shtrafniki, razvedchiki, pekhota*. Moscou: Moskva: Eksmo: Iauza, 2010

PERSSON, Sune. *Escape from the Third Reich* Nova York: Skyhorse, 2010
PESQUISA DE PRINCETON. *Public Opinion 1935–1946* Nova Jérsei: Princeton University Press 1951
PIEKALKIWWICZ, Janusz. *The Cavalry of World War II*. Nova York: Orbis, 1979
Pis'ma s ognennogo rubezha 1941–1945 St Petersburg 1992
Pis'ma s viony Ioshkar-Ola 1995
POGUE, Forrest. *The Supreme Command*. Washington: Office of the Chief of Military History, 1954
______. *Pogue's War*. Kentucky: University of Kentucky Press, 2001
POPPEL, Martin. *Heaven and Hell*. Staplehurst: Spellmount, 1988
POWELL, Anthony. *A Writer's Notebook*. Portsmouth: Heinemann, 2001
PYLE, Ernie. *Here is Your War*. Nova York: Hippocrene Books, 1945
_______. *V was for Victory*. New York 1945
RACZYNSKI, Edward. *In Allied London*. Londres: Weidenfeld & Nicolson,1962
RALEIGH, John. *Behind the Nazi Front*. Nova York: Dodd Mead, 1940
RAYMOND, Bob. *A Yank in Bomber Command*. Nova York: Moynihan, 1977
REBORA, Andrea. *Letters of Lt. Pietro Ostellino: North Africa January 1941 to March 1943*. Roma: Prospettiva Editrice, 2000
RESTON, James. *Prelude to Victory*. Nova York: Alfred Knopf, 1942
REYNOLDS, Michael. *Steel Inferno*. Staplehurst: Spellmount, 1997
_______. *Men of Steel*. Staplehurst: Spellmount, 1999
RHODES, Richard. *Ultimate Powers*. Nova York: Simon & Schuster, 1986
RICHEY, Paul. *Fighter Pilot*. Londres: Cassell, 2001
ROBERTS, Andrew. *Tempestade da Guerra – Uma história da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2012
_______. *Masters and Commanders*. Londres: Allen Lane, 2008
ROKOSSOVSKII, Konstantin. *Soldatskii dolg*. Moscou: Olun Press, 2002
ROOSEVELT, Franklin. *The Roosevelt Letters, Vol. III*. Londres: Harrap, 1952
RUDNICKI, General K.S.. *Last of the Old Warhorses*. Manitoba: Bachman & Turner, 1974
SADAT, Anwar. *In Search of Identity*. Londres: Collins, 1978
SAJER, Guy. *The Forgotten Soldier*. Londres: Sphere, 1971
SAY, Rosemary; HOLLAND, Noel. *Rosie's War*. Londres: Michael Mara Books, 2011
SCHLESINGER, Arthur. *A Life in the Twentieth Century*. Nova York: Mariner Books, 2000
SCHMIDT, Klaus. *Die Brandnacht*. Darmstadt: Schlapp H.L., 1964
SCHNEIDER, Helga. *The Bonfire of Berlin: A lost childhood in wartime Germany*. Portsmouth: Heinemann, 2005
SHRIJVERS, Peter. *The Crash of Ruin*. Nova York: New York University Press, 1998
SCHWANENFLÜGEL, Dorothea von. *Laughter Wasn't Rationed*. Oregon: Tricor Press, 1999
SEBASTIAN, Mihail. *Journal 1935–44*. Portsmouth: Heinemann, 2001
SEIN, Daw. *Les Dix milles vies d'une femme birmane*. Paris: Claude Delachet Guillon, 1978
SELLO, Maria. *Ein Familien und Zeitdokument 1933–45*. Londres: The Weiner Library
SEVAREID, Eric. *Not so Wild a Dream*. Nova York: Alfred Knopf, 1969
SEVERSKY, Alexander. *Victory Thru Air Power*. New York: Alfred Knopf, 1942
SHERWOOD, Robert. *The White House Papers of Harry L. Hopkins, Vol. I*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1948

SHIRER, William. *This is Berlin*. Londres: Hutchinson, 1999
SIMPSON, Tony. *Operation Mercury*. Londres: Hodder & Stoughton,1981
SINKOSKEY BRODINE, Janine. *Missing Pieces*. Washington: Hara Publishing, 2000
SLEDGE, Eugene. *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa*. Londres: Ebury, 2010
SMITH, Colin. ***England's Last War with France: Fighting Vichy 1940–42***. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2009
_______. ***Singapore Burning***. Londres: Penguin, 2005
SMITH, Colin; BIERMAN, John. ***Alamein: War Without Hate***. Londres: Penguin, 2002
SMITH, Denis Mack. *Mussolini*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1981
SMITH, Howard. *Último trem de Berlim*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1942
SMYTH, John. *Before the Dawn*. Londres: Cassell, 1957
SNOW, Edgar *Journey to the Beginning*. Londres: Gollancz, 1959
SOMERVILLE, Christopher. *Our War*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1998
SPECTOR, Ronald. ***Eagle Against the Sun***. Nova York: The Viking Press 1985
STAHLBERG, Alexander. *Bounden Duty*. Dorset: Brassey, 1990
STEINBECK, Elaine; WALLSTEN, Robert. *John Steinbeck: A Life in Letter*. Portsmouth: Heinemann, 1975
STREET, A.G. *From Dusk Till Dawn*. Worcestershire: Blandford, 1945
SWEETMAN, John. ***The Dambusters Raid***. Minnesota: Arms & Armour, 1993
TATSURO, Izumiya. *The Minami Organ*. Tóquio: Rangoon, 1967
TEMKIN, Gabriel. *My Just War*. Nova York: Presidio Press, 1998
TERKEL, Studs. *The Good War*. Londres: Hamish Hamilton, 1984
THOMPSON, Julian. *Forgotten Voices of Burma*. Londres: Ebury, 2009
_______. *The War at Sea*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1996
THORNE, Christopher. ***The Issue of War***. Oxford: Oxford University Press, 1985
_______. ***Allies of a Kind***. Londres: Hamish Hamilton, 1978
TOOZE, Adam. ***The Wages of Destruction***. Londres: Penguin, 2007
TOUT, Ken. *Tank!: Forty Hours of Battle*. Londres: Robert Hale, 1985
Towards Freedom: Documents on the Movement for Independence in India 1940 pt. 1 OUP 1978
TREVELYAN, Raleigh. *Roma 44* . Rio de Janeiro: Rizz, 1983
TSUJI, Col. Masanobu. *Japan's Greatest Victory, Britain's Worst Defeat* . Staplehurst: Spellmount, 1997
TURNER, E.S.. *The Phoney War*. Londres: Michael Joseph, 1961
TUTE, Warren. *The Reluctant Enemies*. Londres: Collins, 1990
TYSON, Geoffrey. *Forgotten Frontier*. Calcutá: W H Targett & Co, 1945
UMEZU, Yoshijiro. *Facing the Decisive Battle*. Tóquio: Kaikosha Kiji, 1945
UNGVARY, Krisztian. *Battle for Budapest*. Londres: Tauris, 2003
VALLICELLA, Vittorio. ***Diario di Guerra da El Alamein alla tragica ritirata 1942–1943***. Varese: Edizioni Arterigere, 2009
VAZ EZDANI, Yvonne. *Songs of the Survivors*. Noronha Goa 2007
VIGOR, P.H.. *Soviet Blitzkrieg Theory*. Londres: Macmillan, 1984
WALTERS, Anne-Marie. *Moondrop to Gascony*. Londres: MPG Books, 2009
WAUGH, Evelyn. *Oficiais e gentlemen*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007
_______. *Rendição incondicional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

_______. *Diaries*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1976
WEINBERG, Gerhard. ***A World at Arms***. Cambridge: Cambridge University Press, 1994
WEINSTEIN, Alfred. *Barbed Wire Surgeon*. Londres: Macmillan, 1947
WELLUM, Geoffrey. *First Light*. Londres: Penguin, 2002
WESTPHAL, Siegfried. *The Fatal Decisions*. Londres: Michael Joseph, 1952
WHITE, Peter. *With the Jocks*. Stroud: Sutton, 2001
WHITE, Theodore; JACOBY, Annalee. *Thunder Out of China*. Londres: Gollancz, 1947
WILLKIE, Wendell. *Um mundo só*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1943
WILMOT, Chester. ***The Struggle for Europe***. Hertfordshire: Wordsworth, 1997
WILSON, Kevin. *Journey's End*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2010
WOLFF-MONCKEBURG, Mathilde. ***On the Other Side***. Londres: Pan Books, 1979
WOODMAN, Richard. ***The Real Cruel Sea***. Londres: John Murray,2004
_______. ***Arctic Convoys***. Londres: John Murray, 2001
_______. ***Malta Convoys***. Londres: John Murray, 2000
Wooldridge, E.T.. *Carrier Warfare in the Pacific*. Washington: Smithsonian, 1993
ZHADOBIN, A.T.. *Ognennaya duga: Kurskaya bitva glazami Lubyanki*. Moscou: Moskovskie Uchebniki, 2003
ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Record, 1999

Sobre o autor

MAX HASTINGS é um dos maiores historiadores militares do mundo, com mais de vinte livros publicados. Como jornalista, participou da cobertura de onze conflitos em lugares como o Vietnã e as ilhas Falklands e foi editor dos jornais Daily Telegraph e Evening Standard. Pelo conjunto de sua obra, ele foi agraciado em 2002 com o título de Cavaleiro da Ordem do Império Britânico. Atualmente, vive em West Berkshire, na Inglaterra, com sua mulher, Penny.